DICCIONARIO UNIVERSAL

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

DICCIONARIO UNIVERSAL DE EDUCAÇÃO E ENSINO

UTIL Á MOCIDADE DE AMBOS OS SEXOS, ÁS MÃES DE FAMILIA, AOS PROFESSORES, AOS DIRECTORES E DIRECTORAS DE COLLEGIOS, AOS ALUMNOS QUE SE PREPARAM PARA EXAMES,

CONTENDO O MAIS ESSENCIAL DA SABEDORIA HUMANA

E

TODA A SCIENCIA QUOTIDIANAMENTE APPLICAVEL EM ASSUMPTO

1.º — DE EDUCAÇÃO

Conhecimento e direcção dos caracteres, faculdades, defeitos, meritos e aptidões. — Religião, moral, philosophia. — Logica, rhetorica, poetica. — Litteratura, pedagogia, civilidade, escriptores antigos e modernos. — Agudezas, proverbios, maximas, epigrammas, etc.

2.º — DE INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Leitura, escripta, calculos, problemas, formulas, systema metrico, moral religiosa. — Lingua portugueza, orthographia usual e grammatical, redacção, estylo epistolar, homonymos, synonymos, raizes, etymologias. — Methodos, disciplina, meios praticos de execução. — Historia universal de cada seculo, varões insignes, descobrimentos e factos assignalaveis. — Geographia descriptiva, cidades principaes, indole e costumes e productos de todos os paizes, monumentos celebres, panoramas, curiosidades de toda a especie. — Noticia das sciencias usuaes, artes, mesteres e profissões, etc.

3.º — INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

Linguas: portugueza, franceza, latina, hespanhola e ingleza. — Geologia, mineralogia, botanica, zoologia. — Physica, chimica, astronomia, mechanica. — Arithmetica, algebra, geometria. — Industria, hygiene, desenho, agrimensura, commercio, agricultura, etc.

SEGUE

DICCIONARIO ETYMOLOGICO DE TODAS AS PALAVRAS TECHNICAS

PROVENIENTES DAS LINGUAS GREGA E LATINA

Tudo simplificado ao alcance dos alumnos e pessoas meramente desejosas de instrucção com elucidações tão proficuas aos mestres quanto proveitosas no trato das familias

REDIGIDO COM A COLLABORAÇÃO DE ESCRIPTORES PECULIARES

POR

E. M. CAMPAGNE

DIRECTOR DE COLLEGIO

TRASLADADO A PORTUGUEZ

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

E

AMPLIADO PELO TRADUCTOR NOS ARTIGOS DEFICIENTES EM ASSUMPTOS RELATIVOS A PORTUGAL

VOL. I

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4-A
BRAGA

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Rua da Cancella Velha, 62
—
1873

ADVERTENCIA DO TRADUCTOR

Sei compulsar quanto é ardua a empreza de trasladar a portuguez este Diccionario. Confesso que é lavor desigual á mediania dos meus recursos.

Traduzir artigos de variada sciencia, escriptos por differentes authores, diversos na elocução como o devem ser em diversas especialidades, é obra que eu não inculcarei como de grande valia, mas de fastidiosa difficuldade, sim. São poucas as cousas que sei dos estudos methodicos da minha mocidade; algumas estudei depois muito pela rama, outras, a meu pesar, confesso que as ignoro. As mathematicas nomeadamente.

N'este ramo abundam artigos no Diccionario. Seria justo o receio de que elles me sahissem desdourados da versão. Soccorri-me, pois, do meu esclarecido amigo o snr. Azevedo e Albuquerque, professor de mathematica no lyceu. S. exc.ª acceitou o encargo de os traduzir e acrescentar, quando assim conviesse á elucidação dos alumnos.

Pelo que respeita ás restantes sciencias, cá me irei remindo com as indagações proprias, receando ainda assim claudicar na nomenclatura respeitante a historia natural. Não me será menos arriscada a airosa sahida de assumptos commerciaes; espero, entretanto, soccorrer-me de livros portuguezes muito dignos de serem consultados e seguidos.

Quanto fôr de mim e da melhor vontade de inserir n'esta obra artigos que lhe não destoem, darei de lavra propria mais larga noticia, do que ahi vem, das cousas de Portugal. Na especialidade da historia litteraria e civil, talvez a menos folheada por muito sabida dos compendios elementares, serei o menos diffuso que ser possa, todavia conhecer-se-ha que a penna corre de vontade na materia, por me ser a menos desconhecida. Ao proposito de linguistica, acostar-me-hei a opiniões dos mestres com quem formei as minhas, e dos modernos philologos aceitarei o que tiver cunho de utilidade, e valer ao proveito de quem estuda, pospondo superfluidades e innovações nem serviçaes nem conducentes a bem discernir ou bem escrever.

N'este DICCIONARIO ha lanços que me pareceram impertinentes, por nimiamente amoldados a entendimentos muito pueris. Elidi-os, com a segurança de que nunca seriam consultados. Por exemplo: alphabetos de linguas e os sons das letras, dos diphthongos e das vozes. Presume-se que os ignorantes d'essas cousas, tão elementares do exordio do ensino, não folheam este DICCIONARIO; — estudam as suas grammaticas, onde mais pelo miudo se lhes deparam.

Em pedagogia, sciencia modernamente acurada e fonte copiosa das supervenientes, além do que é do DICCIONARIO, acrescerá o subsidio validissimo do snr. conselheiro Adriano d'Abreu Cardoso Machado, cuja competencia n'esta peculiar tarefa realça sem desaire das outras em que é proficientissimo. Com tão prestante coadjuvação, pesar seria grande para os entendidos se eu por minha parte me desobrigasse apoucadamente do encargo que me cabe.

A passo igual que vou carreando aprestos para estes alicerces, sobre os quaes a mocidade tem de edificar, tremo da austeridade da critica, e, comtudo, não ouso acarear-lhe indulgencias, antes lhe rogo com o maior encarecimento que me aponte os erros a fim de, mais tarde, se expurgarem, se não é vã e demasiado demarcada a confiança que me prefigura reimpresso tão util DICCIONARIO.

Camillo Castello Branco.

PREFACIO

A voga ou o descredito de certos livros são os symptomas moraes que denunciam, até certo ponto, os sentimentos e idéas do publico. Se, com legitimo orgulho, confessamos que nunca tantos livros se fizeram, destinados a derramar instrucção, nem tão prosperamente se aventaram meios de insinual-a nas multidões, cumpre tambem confessar que as insignes e boas obras vão rareando cada vez mais, como se o publico locupletado ganhasse fastio á leitura. A litteratura, propriamente dita, poemas e até romances já não enthusiasmam ninguem. Hoje em dia, o francez põe a mira no que é substancial e positivo; faz-se-lhe mister grangear de afogadilho conhecimentos de tudo; o tempo não lhe sobra para simultaneamente estudar especialidades e mourejar em negocios. Pelo que, os livros em voga são as Encyclopedias. No dilatadissimo estádio do saber humano, ha um aprender que aproveita ao commum das pessoas, e outro de que apenas utilisam pouquissimas. Todavia, isto de querer saber tudo, tanto monta como não ir ao amago de cousa nenhuma; e é certo que o estudar sciencias pela rama dispara em frivolidade e ligeirices. Por tanto, — posto o fito em satisfazer e pautar o vivo anceio de sciencia universal, em apressar o progredir no estudo, e economisar, tanto ao alumno como ao professor, o tempo valioso em averiguações tão improductivas

quanto fatigantes, — era mister uma Encyclopedia eclectica, não só recommendavel pela selecção dos assumptos, methodo de exposição, e judicioso desenvolvimento de cada artigo; senão que tambem estimavel pelo espirito pratico e dexteridade nas correlações, novidade de expedientes, e erudição circumscripta por discretas balisas. Tal é o lavor a que nos abalançamos.

Uma cousa é o methodo de construir sciencia, e outra cousa é o methodo de a expender. Se o professor não ensina firmado em principios fixos e estatuidos, se não visa o scópo em linha recta e segura, se não sabe aconchegar-se da percepção do alumno, debalde se dispende em aptidão e engenho, que a miudo lhe descambará o pé. É urgente que as suas prelecções tenham realces originaes; e nunca os ha de ter, embora lhe sobejem conhecimentos solidos, se estes forem exclusivos, e se a extensão do espirito não estiver em harmonia com a profundidade. A arte suprema é saber aformosentar as questões mais arduas, lustrando-as das côres mais adequadas, dando-lhes relêvos de utilidade consentaneos á honra, á gloria, riqueza, justiça, ordem moral e physica, sciencia, virtude, amor patrio e de familia, grandeza de animo, leis divinas e humanas, immortalidade, paz, etc. É sobremaneira dissaborida e triste a vida escolar, se o professor não sabe matizal-a com variados expedientes e applicações que enriqueçam a intelligencia de idéas novas, sem desvial-a do alvo apontado. Ora, o proposito do nosso DICCIONARIO é investigar aquelles expedientes, expôl-os, justifical-os, mostrar a sua efficacia, esclarecer tudo que é de valia na educação e professorado, subministrando aos mestres e ás mães inexhaurivel veio de recursos.

Já vem de longe o applicarem-se incansavelmente os engenhos abalisados no descobrir a melhor solução em problemas de ensinar. Quantas soluções cabem no espirito humano tem sido todas experimentadas por sua vez. D'onde resulta que, divergindo entre si as theorias, cada theorico opéra sem confiança e sem principios estabelecidos, muitas vezes ao envez dos sãos preceitos do bom discernimento, e sempre com desar da geração actual. Temos um só meio com que logremos attingir os verdadeiros principios e prefixar definitivamente o nosso itinerario: é conciliar todas as soluções, joeirando o que houver falso e imperfeito n'ellas, por maneira que de cada uma se aproveite o que mais verdadeiro e substancial houver. Faz-se, pois, indis-

pensavel, primeiro que tudo, recensear em cada author a porção de verdade que lhe toca, liar entre si os membros dispersos da verdade absoluta, e refundil-os em um systema regular e completo; a não ser assim, achar-nos-hemos a sós com a nossa propria experiencia, quando nos vai muito no aproveitar da experiencia dos eminentes engenhos que esclareceram o genero humano.

Esta doutrina eclectica habilitou-nos a expôr cada materia em si sob o mais exacto e substancioso aspecto. E d'est'arte, favorecidos pela severa escolha das particularidades, vingamos condensar em um só volume tudo que entende com educação e ensino, pratica e theoricamente considerados.

Pelo que toca á educação propriamente dita, a qual se disparte em tantos problemas quantos são variados os caracteres, defeitos, vicios, predicados, virtudes e aptidões, avaliamos não longe de perfeito o nosso systema, pois que ahi se offerece em nosso Diccionario tudo que é preciso para guiar o menino e o adulto mais conformemente á razão.

No que respeita ao ensino, forcejamos, como director, em satisfazer, quanto possivel, aquella mobilidade de gostos tão congenial do homem, qualquer que seja sua idade, — circumstancia tão pouco ponderada. Mostramos como é que póde apresentar-se de differentes modos uma mesma lição ou sciencia, attendendo aos annos, cultura e capacidade do alumno. Fechamos cada artigo com observações praticas que planeam o itinerario por onde o estudo nos advem fructeando attractivamente.

Esta obra, monumento singular em sua especialidade, prestadía como bibliotheca inteira, cujos artigos tem a variedade e agrado das publicações periodicas, resumindo com os pormenores essenciaes todas as curiosidades scientificas e litterarias, todos os pensamentos mais argutos e profundos dos espiritos insignes (com indicação de author e obra), tudo que friza á sciencia da instrucção primaria e secundaria — facultará aos educandos de ambos os sexos progredir pressurosamente em seus estudos classicos, e predisporem-se, *a sós,* e com bom exito, a qualquer exame, denotando em suas praticas um certo relêvo de novidade.

É para o *professor* um manual completo, um como armazem de idéas fecundas e praticas, mina inesgotavel de materiaes e exercicios convidativos.

Para a *mãi* de familias é verdadeiro thesouro, guia seguro

e lucidissimo, o maximo brinde que ella possa dar a seus filhos adolescentes.

Foi trabalho de grande fôlego inquadrar na mais conveniente moldura um diccionario, e conciliar a fórma alphabetica mais favoravel a quem o manuscia, com o merito do encadeamento e ordem methodica, indispensaveis ao bom resultado do ensino.

O professor encontra, como alliança de uns artigos com outros, as *chamadas* que reciprocamente os esclarecem; — harmonia e unidade que lhe deve ser mui prestante em suas indagações. Esta obra, porém, posto seja tarefa de dez annos laboriosos, e um auxiliador indispensavel da mãi e do professor, minguaria muito ao aproveitamento, se tão sómente fosse consultada por mera necessidade. Convém que, ao menos uma vez, seja lida alphabeticamente, para se formar idéa cabal dos conhecimentos geraes que a ninguem é airoso ignorar hoje em dia. É livro que merece ser lido nas aulas e em familia, nas horas vagas, e nas ferias de mais fadigosas lides.

Se os diccionarios dos snrs. Bouillet, Bellèze e Vapereau satisfizeram o anceio do publico e serviram de muito, fiamos que o nosso Diccionario venha utilmente completar a opulenta collecção de Encyclopedias classicas, dignissimas da nossa época. Oxalá que este recente cooperador preencha o sensivel vacuo, e aligeire a grave missão dos que devotaram sua vida á carreira tão nobre quanto espinhosa do ensino.

DICCIONARIO UNIVERSAL

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

ABEILARD. (Veja DECIMO-SEGUNDO SECULO).

ABESTRUZ. (Veja RIBEIRINHAS e SAHARA).

ABETARDA. (Veja RIBEIRINHAS).

ABIBE. (Veja RIBEIRINHAS).

ABISMO. 1. O Genesis (VII, 11) figura o *abismo* uma profunda voragem que, rasgada em todas as suas matrizes, derramou sobre a face da terra metade das aguas do diluvio, sendo a outra metade baixada das cataratas do céo, rasgadas ao mesmo tempo.

O Apocalipse (IX, 6, 10) representa o *abismo* uma caverna, cuja chave foi dada a uma estrella cahida do céo. Aberto o abismo, irrompeu uma fumarada como de fornalha, d'onde procederam uns como gafanhotos semelhantes a cavallos de guerra, com corôas de ouro, aspecto de homem, cabellos de mulher, couraças de ferro, e caudas de escorpiões. É por tanto certo que o abismo do principio da *Biblia*, onde se diz que as ondas purificantes da especie humana se retrahiram depois que os maus foram submergidos, subsistem no grande reservatorio, cuja existencia demonstram os poços artezianos; ao passo que o outro abismo, relatado no fim da mesma *Biblia*, sendo, ao envez do primeiro, um foco de brazido, deve de ser o respiraculo d'aquella região ignea, confessada por doutissimos geologos, que se engrossa cerca de vinte ou trinta leguas de espessura sob nossos pés, e cujas erupções vulcanicas lhe abonam evidentemente a existencia.

Quanto aos gafanhotos ejaculados na fumaça do abismo, graves doutores da Egreja, a quem devemos lucidos commentarios de livros, que se devem reverenciar, dado que mal se comprehendam, presumem que taes gafanhotos prefiguram os heresiarcas. A juizo d'elles, a estrella, que deu sahida a tão estranhas alimarias, era a figura sensivel de Luthero.

ABOBORA. (Veja CUCURBITACEAS).

ABRIL. O lavrador semeia trigo, milho, ervilha, feijão, batatas e topinambor [1]. Grada as aveias e os tri-

[1] É sementeira pouco frequente em Portugal, posto quo Chernoviz (*Diccionario de Medicina Popular*) diga que o *topinambor* é planta originaria do Brazil, cultivada em Portugal. As tubaras, que lhe formam a raiz, parte comestivel da planta, chamam-se *batata topinamba*.
N. do T.

gaes logo que elles abrem a segunda folha; esmonda as beterrabas, cenouras, e o linho; mergulha e rendra os vinhedos, calca as luras das toupeiras, e deixa espraiar as aguas. É tempo de plantar arvores sempre verdes, como pinheiro, larix, cedro, e teixo. Póde fazer sementeiras de acacias, enxertias e mergulhias de arbustos. O hortelão escarda o viveiro das couves semeadas em março, descobre as alcaxofras, planta espargos e morangaes; requenta as velhas camas e renova-as para o meloal; semeia couve, cardo, aipo, pepino, aboboras, rabão, alface, salsa e cerefolio. Altéa, hortelã, cidreira, alfazema e salva, devem ser reerguidas, desdobradas e transplantadas na primeira quinzena de abril. No jardim florecem primaveras, junquilhos, jacinthos, fritillarias e myosotis. Semeam-se chagas, campainhas, boas noites, e dhalias; transplantam-se ou semeiam-se goivos, margaritas, rosas, cravos da India, e os bulbos das tuberosas.

— Dicte-se esta lição, e mande-se investigar e explicar os nomes d'estas plantas.

ABSTRACÇÃO (do latim *trahere abs*, extrahir, separar). 1. Vi uma pradaria; depois imaginei verdura, sem mais me lembrar do prado, nem a côr pintada na minha phantasia se identificar nominalmente a outro qualquer objecto. Eis aqui uma idéa abstracta. Quando digo: verde, alvura, virtude, gozo, considero predicados distinctos das substancias em que residem; abstraio dos seres e de suas outras qualidades; e aquelles nomes, que exprimem modos de ser ou qualidades, são nomes abstractos. A abstracção, que é a attenção applicada a uma face dos objectos, encontra-se em os *nomes communs*, — o que nos conduz á analyse de duas cousas que muito importa distinguir: comprehensão e extensão de nomes. — A palavra *ser*, por exemplo, só designa pela simples idéa de existencia todas as substancias a que se applica. A palavra *animal* ajunta á idéa de existencia a de substancia organisada, dotada de sensibilidade e locomoção. A palavra *quadrupede* ajunta mais áquellas idéas a de um ser que se move mediante quatro pés. Finalmente, a palavra *cavallo* augmenta o conjuncto de todas aquellas idéas com todas as idéas especiaes das fórmas particulares que estremam o cavallo das outras especies de quadrupedes. Pelo que, a palavra *cavallo* abrange mais idéas que a palavra *quadrupede*; esta mais que *animal*, e a ultima avantaja-se á palavra *ser*. Todavia, n'outro ponto de vista, a palavra *cavallo* contém sómente os individuos da especie dos cavallos; em quanto a palavra *quadrupede* comprehende, além dos cavallos, multidão de outras especies, como cães, gatos, bois, leões. Tem por tanto extensão muito maior que a palavra cavallo. Da mesma sorte, a palavra *animal* comprehende muitos mais individuos que a palavra *quadrupede*, e a palavra *ser* muitos mais que a palavra animal. — O numero de idéas parciaes comprehendidas em um nome dá a comprehensão d'esse nome. O numero de individuos ou classes de seres comprehendidos na significação de um nome dá a extensão d'esse nome. Resulta naturalmente d'estas duas definições que tanto maior é a comprehensão de um nome, tanto menor é a sua extensão, e reciprocamente. (Veja NOME).

2. A pequena extensão de nosso espirito impede-lhe que possa perfeitamente comprehender as cousas tanto ou quanto compostas, senão considerando-as por partes. A isto se chama conhecer, abstrahindo. N'isto se fundamenta a arithmetica; e toda a sua arte está em contar por partes o que não poderia contar-se pelo todo, porque ao mais consummado sabio seria impossivel multiplicar dous numeros de oito ou nove cifras cada um, tomando-os inteiramente. O mesmo acontece com a geometria, pois que abstrahimos da substancia dos corpos para sómente lhes considerar as dimensões. Subir do simples ao composto, generalisar, é outro modo de abstrahir. Se me applico a considerar um triangulo equilateral, a minha

unica idéa é o triangulo; mas se, desviando a attenção, penso sómente em uma figura limitada por tres linhas iguaes, esta idéa me representará todos os triangulos equilateraes, sejam quaes forem suas dimensões. Se considero apenas que é uma figura limitada por tres linhas rectas, formarei idéa que póde representar-me todas as fórmas de triangulos. Se, em fim, abstrahindo do numero de linhas, considero sómente que é uma superficie plana, esta nova idéa póde apresentar-me todas as figuras rectilineas, e assim posso ascender gradualmente á mais completa extensão. É bem de vêr que, mediante estas fórmas de abstrahir, as idéas que eram singulares volvem-se communs, e estas ainda mais communs: o que nos leva a idéas geraes de genero, especie, classe, ordem e familia. — Consoantes os casos, ha um numero maior ou menor de caracteres communs condensados na idéa generica, bem como um maior ou menor numero de individuos. Ora, o numero variavel dos caracteres communs, reunidos para formarem genero ou especie, dão-lhe a medida de comprehensão, e o numero de individuos determinam-lhe a extensão. É evidente que a extensão nos generos e bem assim nos nomes está sempre na razão inversa da comprehensão. Dizem-se *generos* as idéas por tanta maneira communs que se dilatam a outras idéas que são por igual universaes: o quadrilatero é genero a respeito do quadrado e do trapezio; a substancia é genero a respeito do corpo, substancia extensiva, e do espirito substancia cogitante. E estas idéas communs, submettidas a uma ainda mais geral e commum, chamam-se *especies*, assim como o quadrado e o trapezio são especies do quadrilatero. A mesma idéa póde ser *genero*, comparada ás idéas a que se estende, e póde ser *especie*, comparada com outra, que é mais geral, como quadrilatero, que é genero, relativamente ao quadrado e trapezio, e é especie em relação á figura. — Este simples processo de generalisação abstractiva, que uma criança exercita sem o pensar, é de immenso alcance e incalculaveis resultados. As sciencias naturaes e mormente a botanica lhes darão bastos exemplos d'isso. E de mais: Deus que tudo creou com ordem, peso e medida, dispoz este mundo sob um traçado simples e regular, onde a unidade se allia á variedade para formar uma harmonia digna de sua sapiencia perfeitissima. Este plano do universo, qual Deus o concebeu e executou, esforça-se a generalisação por descortinar ao través da desordem apparente dos seres do universo. O espirito humano, não podendo sondar-lhe o admiravel complexo, reconstrue aqui e além fragmentos d'elle. Cuida elle que os generos subordinados entre si e as especies regularmente coordenadas, são fusis de uma immensa cadêa que se desenrola sem a minima interrupção desde a mais grosseira e imperfeita creatura até Deus. Tal é o senso e valor de nossas classificações. (Veja CLASSIFICAÇÃO).

Direcção. A primeira lição vem ao proposito da significação dos nomes, e a segunda da origem das sciencias. — Os alumnos devem conhecer a analyse grammatical e logica. — Lendo ou expondo a lição, o professor deve multiplicar os exemplos para fazer perceber as operações do nosso espirito e a importancia do assumpto.

Exercicios escriptos. 1. Definição das palavras: *abstracção, attenção, ser, animal, quadrupede, comprehensão, extensão, sensibilidade, locomobilidade, idéa, individuo, generalisação, genero, especie, quadrilatero, quadrado, triangulo.* 2. Indagar a extensão e comprehensão das palavras: *vegetal, arvore, erva, legume, alface, trevo, forragem, cereal, planta.* 3. Dizer que especies estão nos generos: *figura, polygono, quadrilatero, triangulo.*

ABUTRE. (Veja RAPINANTES).

ABYSSINIA. (Veja EGYPTO).

ACACIA. (Veja LEGUMINOSAS).

ACEPHALOS. (Veja MOLLUSCOS).

ACHAB. (Veja Nono seculo).

ACHILLES. (Veja Decimo-terceiro seculo, *antes de Christo*).

ACIDOS e ALCALIS. (Veja Oxydos).

ACONITO. (Veja Rainunculaceas).

AÇOR. (Veja Rapinantes).

ACOTYLEDONIAS. As plantas acotyledonias ou cryptogamas são as que não tem orgãos visiveis de fructificação, e por conseguinte nem sementes, nem embryões e cotylédones. Não obstante, encerram todas corpusculos reproductores da especie, os quaes se chamam *espórulos*. Estas plantas ostentam fórmas variadissimas, e conformação que, em diversas familias, ascende gradualmente da mais simples até á mais progressiva organisação. As mais importantes familias são as seguintes: Os *fetos*, plantas ordinariamente herbaceas, tornam-se por vezes arborescentes nas regiões tropicaes, e alteam-se como palmeiras. D'esta familia extrahe-se muita potassa por meio da incineração. As vergonteas novas e raizes servem de alimento aos animaes, sem exclusão do homem, em alguns paizes. Os fetos crescem espontaneamente nos bosques e sitios maninhos e são muito uteis na côrte dos gados. As folhas servem para enfardelamento, e das cinzas colhe-se vantagem no fabrico do vidro. O feto macho ou *polypodo*, cuja raiz lança multidão de fibras com que se apega ás paredes e arvores, tem grande virtude como vermifugo mormente contra a tenia, ou solitaria que póde medir 6 a 8 metros de comprimento, e vive ordinariamente no intestino delgado. Toma-se em jejum a raiz pulverisada. Os capillares, especies de pequeninos fetos de finissima folhagem, nascidos nas fisgas dos rochedos e muros de poços são muito usados em pharmacia. Tomados de infusão são proveitosos nos catarrhos pulmonares. Os *musgos* são plantasinhas annuaes ou vivazes que medram em sitios humidos e sombrios; reunem-se, pela maior parte, em montões mais ou menos volumosos, quer no chão ou nos rochedos, quer no tronco das arvores, das muralhas ou dos edificios velhos. Não são alimenticios, nem gozam propriedades medicinaes. Ainda assim tem grande serventia. Como crescem rapidos e invadem os logares estereis, vão preparando terra vegetativa: a turfa quasi que só d'elles se fórma. Defendem os troncos das arvores contra o rigor do frio, e fornecem aos passaros o material dos seus ninhos. As *algas* são plantas aquaticas singelamente organisadas, compostas de cellulas mais ou menos longas, as quaes, reunidas, formam filamentos finos como cabellos. Reproduzem-se por corpusculos encerrados no interior do tecido ou nos receptaculos exteriores em fórma tubercular. São de côr esverdeada ou vermelha estas plantas que tanto se dão na agua salgada como na dôce. As algas aproveitam-se para adubo das terras. Os aldeãos da beira-mar recolhem as que a onda revessa ás praias, e as seccam para lhes extrahir das cinzas soda e iode. Algumas são nutritivas como as ulvaceas e o varec comestivel em Escossia. Ha uma especie de andorinha, *hirundo esculenta*, que vive na China e nas ilhas do oceano indico, que fabrica o seu ninho com uma substancia gelatinosa extrahida de um musgo *alectoria luteola:* os chins apreciam muito como delicada iguaria este ninho. Ha musgos do tamanho de 100 metros, admiraveis pelas brilhantes côres de sua folhagem, e curioso feitio de seus fructos. O *musgo natante* transforma certas paragens do mar em vastos tapetes de verdura, os quaes muitas vezes illudiram Christovão Colombo. Os marinheiros comem esta planta, que elles chamam *uvas do mar* pela semelhança das suas vesiculas dispostas em cachos. Os *lichens* são plantas que vivem na tona das arvores, na terra humida, e nos rochedos mais escalvados. São singulares vegetaes que não tem raizes, nem has-

tes, nem folhas, nem flores, e se mostram muitas vezes como herpes (*leichên* em grego) á imitação de pelliculas. Acontece não serem senão uma poeira multicôr que se distende pela superficie de um monumento ou rochedo. A substancia dos lichens é ordinariamente secca e a modo de cornea, n'algumas especies reduz-se pela ebullição a uma gelatina que se usa como alimento. O musgo de Islandia, pulverisado e secco, dá uma farinha com que os habitantes d'aquelle paiz cosinham caldos muito nutrientes. Misturado com porção de farinha triga, produz pão que é bom alimento apesar de amargo. É empregado em medicina contra os catarrhos chronicos. O musgo das rennas é abundantissimo nos climas glaciaes do norte, onde as rennas quasi que se não sustentam d'outro alimento, e o desenterram de sob o gêlo. Os *cogumelos*, plantas parasitas, de consistencia gelatinosa, carnosa ou coriacea, sem rama ou folhagem, vegetam e fenecem entre oito e dez dias. Quasi todos os cogumelos contêm assucar e um acido particular. Grande numero d'elles é comestivel. O bom tem superficie secca, é pardo, rosado, ou d'um avermelhado de vinho; cercam-o insectos que lhe traçam raios irregulares sobre o chapéo, que se separa facilmente da pellicula que o cobre. O nocivo tem superficie escamosa, côr indefinida; uns são negros, outros amarellos, outros sanguineos, e raro os insectos lhe sulcam a superficie. Alguns cogumelos vivem parasitamente sobre as plantas, e as prejudicam muito como o que invade a gluma do trigo, a mangra que mancha as folhas e as tiges, e a caria que se fórma dentro do grão, o oidium que molesta as vinhas, e finalmente a ferrugem.

É quasi sempre mortal o envenenamento pelos cogumelos. Provocar o vomito com agua morna bebida a miudo, e por meio de titilações na garganta com a rama oleosa de uma penna, são as primeiras precauções. «*Tratamento do envenenamento produzido pelos cogumelos.* Administrem-se ao doente 10 centigrammas (2 grãos) de emetico dissolvido em uma chicara de agua fria, para provocar os vomitos. Depois, 60 grammas (2 onças) de sulfato de magnesia, dissolvido em duas chicaras de agua fria para obter evacuações alvinas. Evacuados os cogumelos, tome o doente alguma bebida acidulada, tal como agua com sumo de limão ou com vinagre, e uma colher, das de sôpa, de meia em meia hora da poção seguinte: Agua commum 120 grammas (4 onças) — Ether sulfurico 30 gottas—Assucar 15 grammas (4 oitavas). *Chernoviz.*»

Direcção. Antes de lêr ou expôr esta lição aos alumnos, convem explicar-lhes as palavras mais difficeis. Veja as palavras DICOTYLEDONIAS e MONOCOTYLEDONIAS, com as quaes lhes fará discriminar as tres principaes divisões do reino vegetal. Em quanto o professor lê ou explica, devem os alumnos fazer notas. — Dictar o exercicio escripto: Buscar a significação das palavras: ACOTYLEDONIAS, CRIPTOGAMAS, EMBRYÕES, COTYLEDONES, ARBORESCENTE, POTASSA, INCINERAÇÃO, VERMIFUGO, CATARRHO, TURFA, TUBERCULOS, SODA, IODE, CHRONICO, COMESTIVEL, PARASITA. Expôr por escripto o que ha mais sabido ácerca de fetos, musgos, algas, lichens e cogumelos.

AÇUCENA. (Veja LILIACEAS).

ACUSTICA (do grego *akouô*, eu escuto). Trata esta sciencia da producção e natureza dos sons, e dos instrumentos mediante que se produzem. Resulta o som do movimento rapidissimo de oscillação dos corpos; este movimento transmitte-se ás moleculas de ar circumpostas, e propaga-se radiando em todas as direcções com grande celeridade. O mais facil meio de produzir uma onda sonora é percutir rijamente uma laminasinha em uma das extremidades, e fazel-a vibrar pela outra. A lamina, á maneira de pendula, desviada da vertical, oscillará de ambos os lados, mas com mais rapidez. Quando a lamina vibra de um lado, impelle o ar diante de si e condensa-o, occasionando após si um certo vacuo que rarefaz o ar.

Quando torna em sentido inverso, rarefaz o ar que havia condensado, e condensa o ar que tinha rarefeito. Estas condensações e rarefações alternadas da camada de ar em contacto com a lamina ou qualquer outro corpo vibrante, constituem as ondas sonoras e produzem o som. Se depois de extrahirmos o ar de um globo de vidro, lá impendermos uma campainha, ainda que a vibremos não dará som audivel; e, logo que deixemos ingerir-se ar no globo gradualmente, o som produzido pela oscillação da campainha irá crescendo até se ouvir como de costume. D'onde se deprehende que o som é imperceptivel no vacuo, e se propaga no ar. Se mentalmente suppomos uma só vibração em um determinado ponto, a experiencia confirma o facto de que a ondulação sonora se propaga em um canal rectilineo, conservando sempre a fórma e intensidade primitivas em todas as direcções. E assim percorre 333 metros por segundo. Gradua-se esta celeridade do som no ar, observando o tempo que medeia entre o apparecimento do clarão de um tiro, disparado longe do ponto d'onde o observamos, e o percebimento da detonação. Como a rapidez da luz é incomparavelmente maior que a do som, demarcaremos assim o tempo que leva a ondulação sonora a transpôr o espaço estabelecido, e, dividindo esta distancia pelo numero de segundos empregados na transmissão, temos 333 metros ganhados em um minuto. Quanto á gravidade e agudeza dos sons isso depende da longitude das ondulações sonoras, ou, por outras palavras, do intervallo que as separa. Supponha-se, por exemplo, uma lamina que vibra no intervallo de um segundo, isto é, que demora um segundo em ir da direita para a esquerda e retroceder. Por cada oscillação d'estas, o começo da ondulação irá já distante 333 metros, quando o fim da ondulação volver á mesma lamina. Se a lamina faz duas vibrações por minuto, claro é que as longitudes das ondulações serão por metade, 166 metros; sendo tres as vibrações por segundo, 111 metros; sendo quatro 83, e assim successivamente, pois que a longitude das ondulações é o quociente de 333 metros pelo numero de vibrações executadas em um segundo. Posto isto, é grave o som quando as ondulações percorrem espaço grande e se succedem a longas intercadencias, é agudo quando é pequena a longitude das ondulações, e curto o intervallo d'ellas. Imaginemos uma corda distendida por um peso constante; se dobrarmos a extensão da corda o numero das vibrações será metade. E pois que o numero das vibrações está na razão inversa do comprimento de uma mesma corda, se encurtarmos a corda, retesada como em cavallete, poderemos formar sons diversos ou variar o tom da corda. Assim se formaram a escala e os intervallos musicaes. Pythagoras foi quem descobriu as correlações que existem entre as longitudes das cordas vibrantes, d'onde procede a diversidade dos tons.

Direcção. Esta lição é destinada a alumnos já instruidos. Antes de a expôr, deve o mestre relêl-a até que os discipulos percebam claramente o que seja producção e transmissão de som, bem como a proveniencia do grave e do agudo, e como d'esta arte se formou a gamma. (Veja MUSICA).

Exercicio escripto. Que significam as palavras *molecula*, *ondulação*, *vertical*, *condensar*, *rarefazer*, *vacuo*, *intensidade*, *cavallete*, *gamma?*—Problemas sobre a rapidez do som.—Perguntas oraes ácerca da producção e transmissão do som, etc.

ADÃO, ou TEMPOS PRIMORDIAES. 1. De envolta com as fabulas que obscurecem as historias das nações primitivas, transluzem-nos os factos remotissimos referidos por Moysés. A ordem dos seis dias da creação, é, a passo igual, attestada pelo historiador do povo de Deus, e pela ordem da semana — usança observada invariavelmente por todas as nações. Com pequena excepção, todas tiveram idéa da creação do mundo. Moysés, primeiro historiador, principia em Adão o tronco do genero hu-

mano. Origem, idades, gerações, tudo deriva de Babel, oito seculos antes da sua narrativa. Não o estorva explicar como foi que se navegaram os mares; e como são brancos uns homens, e são outros negros. Seja como fôr, a historia justifica-o. Torre de Babel, confusão e origem de linguas, dispersão de povos: tudo isto vem nas tradições anteriores á historia da Chaldêa. O ajuntamento do genero humano na planicie de Sanaar, entre os rios Tigre e Euphrates, antes da dispersão das colonias, é facto muito consentaneo á direcção que ellas seguiram. Tudo provém do oriente, homens e artes; tudo se encaminha lentamente para o occidente, meiodia e norte. Se as tribus chinezas e egyptanas se policiaram mais temporãs que as outras, foi porque estancearam, de primeiro, em paizes uberrimos, onde se exercitaram intellectualmente, usando a pratica das invenções primordiaes. A remota antiguidade d'estas colonias, e a sua semelhança tão sensivel com os habitantes da Chaldêa, attestam a communidade de origem. No emtanto, figuremo-nos familias errantes, que não conhecem caminhos nem paragem, e vão ao acaso estancear em paiz sáfaro onde tudo lhes escassêa: nem utensilios para exercitarem as artes que sabem, nem socego para aperfeiçoarem o que a presente necessidade lhes poderia suggerir. Apenas assentadas, outra tribu lhes disputava a terra. Vida assim vagabunda e incerta apagou-lhes toda a luz do engenho. Isto explica a selvatiqueza e ignorancia de certos povos. — Mudou de face o mundo, estabelecido o commercio com o oriente. Godos, e quantas nações demoravam ao norte, desbarbarisaram-se, passando á Gallia e Italia. Galezes e francos devem seu policiamento aos romanos que haviam extrahido de Athenas as leis e o saber. A Grecia manteve-se barbara até que chegou Cadmo, que lhe levou as doutrinas phenicias. Encantados com tamanho brinde, os gregos deram-se a cultivar a lingua, a poesia e os cantares. Descuraram a politica, a architectura, navegação, astronomia e pintura, até que percorreram Memphis, Tiro e Persia. Tudo aperfeiçoaram; mas não inventaram nada. Está, pois, tão assente na historia profana como nas relações da Escriptura Sagrada que o oriente é o berço do genero humano, e o manancial commum das nações e dos primores da sciencia. (Veja RAÇAS, para provar que Adão é o pai de todos os homens. — Veja tambem CREAÇÃO).

2. Á proporção que os homens se multiplicam, diz Bossuet, convisinha-se a povoação da terra; transpõem-se serranias, galgam-se precipicios, vadêam-se rios, cruzam-se mares, e fundam-se habitações novas. A terra, floresta immensa no seu começo, transfigura-se; ruem os bosques e aplanam-se as pradarias, os pastios, as cabanas, as aldeias, e por fim as cidades. Dão-se a subjugar uns animaes, a domesticar outros, e a servir-se de seu prestimo. Foi mister primeiro pelejarem com as feras. Os heroes primitivos, á feição de Nemrod, assignalaram-se n'essas pugnas que insufflaram o invento das armas. Plantas e fructos melhoraram de condição em favor do homem, que se valeu da força dos animaes. Nem os metaes resistiram á sua exploração. Pouco e pouco, submetteu-se ao homem a natureza inteira. — Os egypcios, prosperamente acclimados, aperfeiçoaram as primeiras artes e inventaram outras. Favoneados pela unidade do paiz e pureza do céo sem nuvens, observaram attentamente o curso dos astros, e regularam o anno. Semelhantes observações robusteceram-os na intelligencia da arithmetica. A fim de reconhecerem suas terras annualmente inundadas pelo Nilo, soccorreram-se da agrimensura, que para logo lhes transluziu a geometria. Os indios, cuja antiguidade se encarece, jaziam ainda em tenebrosa ignorancia e selvageria, já quando egypcios, phenicios e chaldeos se estremavam por sciencia e pendor ás artes. Parte do saber que os indios grangearam, dá visos de ter sido importada da Grecia, que, depois das con-

quistas de Alexandre, avassallou a Bactriana, e desde as margens do Indo dilatou seu dominio por toda a extensão da India, sem levantarem mão d'essas regiões pelo tempo fóra. — E outrosim, os chins que recuam a origem das sciencias e artes ao redor de 3:000 annos antes de Jesus Christo, travaram-se de relações com os povos antigos de quem auferiram a grande copia de conhecimentos que tanto lhes illustra a memoria. N'esses tempos em que se lhes attribue egregias leis e vasto imperio, todo o seu haver cifrava em diminutas provincias, rodeadas de barbaros que os premiam, de modo que, entre visinhos taes, forçoso é decidir que mui gratuitamente lhes concedem civilisação que não podiam ter. — Tudo, pois, nos guia naturalmente á relação de Moysés, na qual se declara que todos os povos, linguas, sciencias e artes, houveram origem nas campinas de Sanaar e arredores, d'onde o genero humano derivou a povoar a terra toda. (Veja MYTHOLOGIA).

Direcção. Estas duas lições, com as chamadas que as elucidam e completam, levam em mira dar ao alumno o affecto e sabor da Sagrada Escriptura. Para bem se assimilarem estas noções, bom é que os alumnos já saibam Historia Sagrada, e tenham luzes de Historia antiga. (Veja BIBLIA).

Exercicio. O desenvolvimento d'estas correlações: 1. Que provas adduz a ordem da semana. Berço do genero humano. Dispersão das colonias e seu itinerario. Causas da ignorancia e estado selvatico. Processo da civilisação nos povos primitivos. — 2. Como foi que a terra se povoou e cultivou a pouco e pouco. Sciencia dos egypcios. Que devemos pensar do saber dos indios e chins. Que conclusões se colhem.

ADDIÇÃO. As operações arithmeticas produzem nos numeros augmento ou diminuição. A operação, por meio da qual se augmenta um numero, a mais simples de todas é a addição. Todas as outras sahem d'ella por uma especialisação cada vez maior. (Veja OPERAÇÕES). A addição, na sua fórma mais simples, manifesta-se na aggregação de unidades, que é o modo primitivo pelo qual os numeros se revelam á nossa intelligencia. Na sua fórma complexa, opéra a reunião de dous ou mais numeros, já formados, sem passar pelos numeros intermedios. É um processo de simplificação do modo natural da formação dos numeros: percebe-se que, sem elle, a operação se tornaria impraticavel, por sua extensão, quando os numeros fossem grandes. Não se principie, por tanto, pela addição, pospondo a parte fundamental — a numeração oral e escripta (Veja NUMERAÇÃO); exercitem-se bem os meninos no mechanismo d'esta arte de formar e representar os numeros, e na addição mental de numeros pequenos.

Direcção e exercicios. Antes de usar d'esta taboada, necessaria ao decurião nas repetições, devem os meninos fazer, com grãos, exercicios variados em numeração (veja esta palavra) pelo menos até ao n.º 100. Sabem ajuntar 1 a um numero dado.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
9	10	11	12	13	14	15	16	17	18

Quer-se agora, com os grãos, dar-lhe a conhecer o emprego d'esta taboada de addição. N'esse intento, tome-se o algarismo 2, primeira columna vertical á esquerda, e ajunte-se aquelle numero a cada algarismo da primeira columna horisontal de cima, e ahi se proporcionam nove perguntas. Faça-

se identico exercicio com cada algarismo da primeira columna vertical, e ahi estão 81 perguntas, que vem a ser todos os casos que podem offerecer-se na addição dos nove primeiros numeros. Quanto á resposta a cada pergunta, encontra-se sempre no angulo formado pelos lados das duas columnas onde os dous algarismos foram tomados.

Percebida a taboada de addição, os alumnos devem aprendel-a de cór, com e sem os grãos, com e sem a taboada, quatro exercicios que lhes são aprasiveis pela variedade.

Esta segunda taboada, variando as perguntas, augmenta as difficuldades. Em vez de ajuntar 2, por exemplo, successivamente aos 9 primeiros numeros, seguindo a ordem natural, ajunta-se este numero 2 aos numeros pares, depois aos impares. Executa-se o mesmo exercicio em todos os algarismos da columna horisontal d'esta taboada.

Quanto são		
2 e 2	2 e 3	2
2 e 4	2 e 5	4
2 e 6	2 e 7	6
2 e 8	2 e 9	8
2 3 4 5 6 7 8 9		1
Quanto são		3
4+2	4+3	5
4+4	4+5	7
4+6	4+7	9
4+8	4+9	

— Outro genero de perguntas, que não exige taboada, é fazer contar de 2 em 2, de 3 em 3, de 4 em 4. Quantos fazem 2 e 2, e 2, e 2, etc. até 50 pelo menos. Iguaes perguntas com o 3, 4 e 5, etc. começando por numero par, umas vezes, e outras por numero impar. Mediante estes exercicios póde o mestre occupar utilissimamente grande numero de meninos, encarregando o monitor das repetições.

D'esta arte preparados para a primeira lição, os alumnos não serão estorvados na passagem para a addição escripta, com tanto que, a tempo, os hajam exercitado a escrever algarismos. — Principiar-se-ha por addições de uma só columna, como applicação das precedentes addições oraes. — Antes de passar ávante, cumprirá exercitar os alumnos a lêr e escrever todos os numeros de 3 algarismos em columnas de 10 numeros cada uma. Para isto, o professor escreve na pedra os numeros todos de 100 a 200, dispostos d'este modo,

100	110	120	130	140	150
101	111	121	131	141	151
102	112	122	132	142	152
103	113	123	133	143	153
104	114	124	134	144	154
105	115	125	135	145	155
106	116	126	136	146	156
107	117	127	137	147	157
108	118	128	138	148	158
109	119	129	139	149	159
					etc.

e lhes observa: 1.º que para lêr e escrever a columna das unidades e das centenas, não ha difficuldade nenhuma, pois que basta conhecer os 9 primeiros algarismos: pois que, se, em logar de 101, queremos escrever 401, logo que se trata de 4 centos, é claro que se deve pôr o 4 na casa das centenas, etc.; 2.º que a columna das dezenas só apresenta difficuldades que já se aprendeu a vencer na numeração oral e escripta. — Os alumnos poderão depois exercitar-se a sós comsigo dispondo em taboadas analogas os numeros 200 a 300, 300 a 400, etc., até 999, o que produzirá 9 taboadas, com as quaes os alumnos se hão de afazer a dispôr concertadamente os numeros em columnas verticaes, e a escrever com acerto os algarismos. — Agora nos propomos fazer perceber de fundamento o que seja addição, e por que devem juntar-se unidades a unidades, dezenas a dezenas, centenas a centenas, etc. Ponho de um lado 234 grãos, isto é, 2 pacotes de 100 grãos, 3 de 10, e 4 grãos; do outro lado ponho 345 preparados semelhantemente, e pergunto ao alumno quantos são ao todo. Para me responder, é obrigado a juntal-os, e naturalmente responde que ha 5 pacotes de centenas, 7 de dezenas e 9 grãos, ao todo 579 grãos. Se eu lhe der os dous numeros 557 e 778, o alumno achará 12 centenas, 12 dezenas, e 15 unidades; porém, ser-lhe-hia difficil lêr o numero total, e sobretudo escrevel-o consoante as regras ordinarias. Faz-se-lhe então notar que nas 15 unidades, ha uma dezena que se ajunta ás 12 dezenas, que

perfazem 13; e que, n'estas 13 dezenas, ha uma centena que se ajunta ás 12 centenas; e que nas 13 centenas, que d'ahi resultam, ha um milhar; e que, finalmente, segundo a regra da formação dos numeros, resulta de tudo o numero regular, 1335. Com o auxilio d'esta simples demonstração, comprehende o alumno: 1.º que se deve addicionar quando quer formar-se um todo; 2.º que, no exercicio d'esta operação, devem unir-se unidades a unidades, dezenas a dezenas, etc. — A fim de insinuar-lhe o proveito e uso d'esta operação, dão-se-lhe dous exemplos numericos de vendas e compras das seguintes materias: cereaes, vinho e licôres, pão, farinha, carne, lacticinios, ovos, legumes, fatos, utensilios variados, contas de carpinteiro, de alvenel, de estucador, etc.; despeza, receita d'um mez, d'um anno, etc. Estes artigos pódem servir de balisa para descobrir muitos problemas praticos que os alumnos devem esquadrinhar por si mesmos. — As addições n'este genero devem ser continuamente exercitadas, pois são as unicas que se offerecem na pratica. — Pelo que respeita á prova de addição, explica-se que este processo é simplesmente uma verificação, e que, em vez de addicionar de cima para baixo, addiciona-se de baixo para cima. E' fazendo continuadas operações que se logra ser habil calculista. «Usa e serás mestre»[1] (*fit faber fabricando*). Mediante os exercicios acima indicados (lição 1.ª e 2.ª) podem entreter-se utilissimamente os meninos por espaço de seis mezes ou mais, empenhando-os de contínuo por variadas applicações.

1:476800	reis
86425	
8635	
940	
14465	
54893	

3. Depois d'estes exercicios sobre a addição, vem os numeros decimaes que devem ser precedidos de algumas noções sobre as fracções. (Veja FRACÇÕES). Cumpre notar: Ajuntando á fracção 0m,50 um numero qualquer de zeros á sua direita ou supprimindo-lhe os que ella contem, a fracção não muda de valor; obteremos sempre 5 decimetros, visto que a ordem d'este algarismo relativamente á virgula não é alterada. Resulta d'aqui que uma fracção decimal não muda de valor quando se augmentam ou tiram zeros á sua direita. Este principio tem applicação ao caso da addição de numeros com desigual numero de algarismos decimaes: iguala-se o seu numero, ajuntando ou supprimindo zeros. Torna-se isto util para que os meninos não encontrem difficuldade em não estarem os logares figurados. De futuro, serão dispensados d'esta regra, habituando-os, como na addição dos numeros inteiros, a escrever em columnas verticaes os numeros compostos de desigual numero d'algarismos decimaes, exigindo-lhes a collocação de cada algarismo no logar que lhe convem. — Fazer formular problemas praticos extrahidos de um rol, facturas, receita e despeza d'um mez ou anno.

4. Antes de passar á addição das fracções ordinarias, os alumnos devem conhecer a divisão dos numeros inteiros e decimaes (Veja DIVISÃO), e saber reduzir duas ou mais fracções ao mesmo denominador (Veja FRACÇÃO). Como exercicios praticos de calculo e de variada applicação, far-se-ha a addição das fracções ordinarias pelos dous modos seguintes: 1.º reduzindo as fracções ao mesmo denominador, sommando os numeradores e dando ao resultado o denominador commum; 2.º reduzindo, pela divisão, todas as fracções ordinarias em dizima, e addicionando todos os quocientes que serão numeros decimaes. Estes dous processos, que podem servir mutuamente de prova, poderão empregar-se simultanea ou alternadamente. O ultimo tem a vantagem de exercitar os alumnos no calculo de divisões em que o dividendo é menor que o divisor, o que lhes offerece difficuldades na pratica, quando bem cedo não tenham sido exercitados.

5. A addição das quantidades algebricas effectua-se escrevendo essas quantidades umas adiante das outras com os seus respectivos signaes, e re-

[1] O proverbio francez diz: *C'est en forgeant qu'on devient forgeron.*

duzindo os termos semelhantes, se os houver. Por exemplo: a somma de $2a+b$ e $a-2b$ é $2a+b+a-2b$, ou, reduzindo, $3a-b$. Chamam-se *termos semelhantes* os que são compostos das mesmas letras affectadas respectivamente dos mesmos expoentes (Veja ALGEBRA, para a explicação da linguagem algebrica). Assim, $7\,ab$ e $3\,ab$ são termos semelhantes; $8\,a^2b$ e $7\,ab^2$ não o são, porque, posto que tenham as mesmas letras não estão affectadas dos mesmos expoentes. Muitas vezes um polynomio contém na sua expressão varios termos semelhantes; é então susceptivel de simplificação ou reducção. Por exemplo, no polynomio, $+2\,a^3bc^2-4\,a^3bc^2+6\,a^3bc^2-8\,a^3bc^2+11\,a^3bc^2$, a somma dos termos additivos, $+2\,a^3bc^2+6\,a^3bc^2+11\,a^3bc^2$ é igual a $+19\,a^3bc^2$, e a somma dos termos subtractivos $-4\,a^3bc^2-8\,a^3bc^2$ é igual a $-12\,a^3bc^2$; portanto o conjunto dos cinco termos propostos reduz-se a $+19\,a^3bc^2-12\,a^3bc^2$ e, reduzindo ainda a $+7\,a^3bc^2$. — Quando a somma dos termos subtractivos é maior que a dos additivos, affecta-se o resultado ou differença do signal —. Resulta d'aqui esta regra: para operar a reducção dos termos semelhantes, forma-se um só termo additivo de todos os termos semelhantes precedidos do signal +, o que se consegue ajuntando os coefficientes d'estes termos e dando á parte litteral commum esta somma por coefficiente; forma-se, do mesmo modo, um só termo subtractivo de todos os termos precedidos do signal —; subtrahe-se á maior somma a menor e dá-se ao resultado o signal da maior. — Para demonstrar a regra da addição de polynomios, observaremos que um polynomio é sempre reductivel á fórma de uma differença entre a somma dos termos additivos e a somma dos subtractivos.

Sejam, pois, $a-b$ e $c-d$: se adiante de $a-b$ escrevermos o termo c com o signal +, o que dá $a-b+c$, obteremos um resultado que excede o verdadeiro o valor d; portanto, para ter este, devemos escrever $a-b+c-d$. O que demonstra que, para addicionar dous polynomios, escreve-se o segundo adiante do primeiro, conservando a cada termo o seu respectivo signal, e assim por diante, havendo mais polynomios. Por exemplo, a somma dos polynomios seguintes:

$$\begin{array}{ll} & 5\,a^3b^2+2\,a^2b^3-11\,ab^4+10\,b^5 \\ \text{e} & 4\,a^3b^2-6\,a^2b^3+7\,ab^4-9\,b^5 \\ \hline \text{é:} & 9\,a^3b^2-4\,a^2b^3-4\,ab^4-b^5 \end{array}$$

Este exemplo mostra como se opéra na pratica, quando os polynomios têm termos semelhantes: dispõem-se uns por baixo dos outros de modo que os termos semelhantes fiquem n'uma mesma columna vertical, e depois reduzem-se a um só os termos de cada columna.

ADDISON. Escriptor celebrado, de Inglaterra. 1672-1719. Realçou-lhe o nome a elegancia e o primor do «gosto». (*O termo* «gosto» *no mesmo significado em que o tomam os francezes, já o vemos tão introduzido ha mais de trinta annos em Portugal, que se deve reputar proprio do idioma no sentido de* bom gosto: *de modo que quer se diga* gosto, *quer* bom gosto *em Artes, tudo é o mesmo, nem se duvída da identidade dos significados que n'este sentido não requerem modificação.* Dias Gomes, *Obr. Poet.* Not. 20 á Eleg.) Foi elle quem deu mais nomeada ao engenho de Milton (Veja MILTON), longo tempo obscuro para os inglezes. Escreveu a Relação de suas viagens em França e Italia, e Dialogos ácerca das medalhas, e um poema grandemente applaudido, a tragedia *Catão*, e uma não concluida defeza da religião christã. Por 1709 e annos seguintes, collaborou com Steele, tambem escriptor inglez, na redacção do *Spectador*, publicação muito original, em que a litteratura, a moral e a politica eram superiormente discutidas. «Addison carecia de aptidão para obras de grande tomo, e era apoucado em relevantes dotes litterarios; não obstante, promette perpetuar-se a correcção facil, tersa e grave de sua prosa. Bem que muito imitados, ainda são inexcedi-

dos os caracteres originaes, as pinturas de usos, e os fragmentos de critica que Addison publicou no *Spectador:* são obra-prima do estylo britannico. Imitaram-no Goldsmith em Irlanda, e Franklin na America. É certo que, depois de Addison, a critica litteraria disparou em mais requintadas e sapientes metaphysicas; porém, que fez ella de mais valia que os graciosos e brilhantes capitulos do *Spectador* ácerca da phantasia? Cedamos, pois, a Addison a gloria de haver sido moralista engenhoso, critico sensato e d'alto espirito; mas, mais que tudo, escriptor optimo. E muito é isso já para quem andou repartido entre politica e amenidades litterarias. » (Villemain, *Litteratura no seculo XVIII*).

Direcção. Preleccionar esta lição aos alumnos de inglez. Póde ser decorada, e prestar tres serviços: orthographia, recitação e lição de litteratura, até para os que não estudam o idioma inglez.

ADJECTIVO (formado de *ad*, junto, e *jacere*, collocar).

ADJECTIVOS DETERMINATIVOS

Portuguez	Francez	Hespanhol	Inglez	Latim
Absurdo,	absurde,	absurdo,	absurd,	absurdus.
Afreguezado,	achalandé,	acreditado,	accustomed,	celebris.
Activo,	actif,	activo,	active,	activus.
Admiravel,	admirable,	admirable,	admirable,	mirabilis.
Calmante,	adoucissant,	calmante,	demulant,	mitigatorius.
Debilitado,	affaibli,	debilitado,	weakened,	debilitatus.
Faminto,	affamé,	hambriento,	famishing,	esuriens.
Affirmativo,	affirmatif,	afirmativo,	affirmative,	affirmans.
Affligido,	affligé	afligido,	afflicted,	dolens.
Horrivel,	affreux,	horrible,	horrible,	horribilis.
Agitado,	agité,	agitado,	agitated,	agitatus.
Agradavel,	agréable,	agradable,	agreeable,	dulce.
Amargo,	amer,	amargo,	bitter,	amarus.
Approvado,	approuvé,	aprobado,	»	probatus.
Arido,	aride,	arido,	aride,	aridus.
Attento,	attentif,	atento,	attentive,	attentus.
Triste,	attristé,	triste,	»	mœrens.
Avaro,	avare,	avaro,	avaricious,	avarus.
Fallador,	babillard,	hablador,	babbling,	garrulus.
Humilde,	bas,	bajo,	low,	humilis.
Pulcro,	beau,	hermoso,	fine, fair,	pulcher.
Bizarro [1],	bizarre,	calavera,	strange,	morosus.
Vituperavel,	blâmable,	vituperable,	blamable,	vituperandus.
Branco,	blanc,	blanco,	white,	alvus.
Ferido,	blessé,	herido,	wounded,	vulneratus.
Azul,	bleu,	azul,	blue,	cœruleus.
Louro,	blond,	rubio,	fair,	flavus.
Bom,	bon,	bueno,	good,	bonus.
Zarolho,	borgne,	tuerto,	one-eyed,	unoculus.
Desconfiado,	boudeur,	mohino,	sulky,	morosus.
Moreno,	brun,	moreno,	brown,	subniger.

[1] O author, desculpavelmente, obrigou as outras linguas a francezarem o seu *bisarre*. Portuguezes e hespanhoes vertem o *bisarre* em *generoso, arrogante, liberal,* etc.; mas nunca no sentido de *extravagante* ou *extraordinario*. Em inglez não se verteria *strange;* talvez *handsome*. O *morosus* latino diz mal com o *bisarre* francez.

N. do T.

Portuguez	Francez	Hespanhol	Inglez	Latim
Brusco,	brusque,	brusco,	blunt,	asper.
Brutal,	brutal,	brutal,	brutal,	ferus.
Occulto,	caché,	oculto,	»	occultus.
Tranquillo,	calme,	tranquilo,	quiet,	tranquillus.
Carinhoso,	caressant,	cariñoso,	caressing,	blandiens.
Quadrado,	carré,	quadrado,	square,	quadratus.
Commodo,	commode,	comodo,	commodious,	commodus.
Communicativo,	communicatif,	comunicativo,	communicative,	facilis.
Condescendente,	complaisant,	condescendiente,	compliant,	officiosus.
Completo,	complet,	completo,	complete,	completus.
Contente,	content,	contiente,	satisfied,	contentus.
Breve,	court,	corto,	limited,	brevis.
Perigoso,	dangereux,	peligroso,	dangerous,	periculosus.
Lacerado,	déchiré,	desgarrado,	teared,	laceratus.
Desdenhoso,	dédaigneux,	desdeñoso,	disdainful,	fastidiosus.
Delicado,	délicat,	delicado,	delicate,	fragilis.
Deploravel,	déplorable,	deplorable,	deplorable,	deplorandus.
Dedicado,	dévoué,	dedicado,	devoted,	addictus.
Diligente,	diligent,	diligente,	diligent,	diligens.
Discreto,	discret,	discreto,	discreet,	circumspectus.
Divino,	divin,	divino,	divine,	divinus.
Docil,	docile,	docil,	docile,	docilis.
Duro,	dur,	duro,	hard,	durus.
Duravel,	durable,	durable,	durable,	durablis.
Economico,	econome,	arreglado,	economical,	parens.
Edificativo,	édifiant,	edificante,	edifying,	pius.
Impudente,	effronté,	desvergonzado,	impudent,	impudens.
Elegante,	élégant,	elegante,	elegant,	elegans.
Sublime,	élevé,	elevado,	elevated,	sublimis.
Eloquente,	éloquent,	elocuente,	eloquent,	eloquens.
Espesso,	epais,	espeso,	thick,	opaco.
Escarpado,	escarpé,	escarpado,	steep,	abruptus.
Apertado,	étroit,	estrecho,	narrow,	arctus.
Excessivo,	excessif,	excesivo,	excessible,	immoderatus.
Exorbitante,	exorbitant,	exorbitante,	exorbitant,	nimius.
Enfadonho,	fâcheux,	enfadoso,	grievous,	incommodus.
Facil,	facile,	facil,	facile,	facilis.
Debil,	faible,	flaco,	weak,	debilis.
Fatigado,	fatigué,	fatigado,	tired,	fatigatus.
Falso,	faux,	falso,	scythe,	falsus.
Favoravel,	favorable,	favorable,	favourable,	propicius.
Fertil,	fertile,	fertil,	fertile,	fertilis.
Fervente,	fervent,	ferviente,	fervent,	fervens.
Fiel,	fidèle,	fiel,	faithful,	fidelis.
Forte,	fort,	fuerte,	strong,	fortis.
Impetuoso,	fougueux,	impetuoso,	impetuous,	impetuosus.
Fraudulento,	fourbe,	trapacero,	false,	fraudulentus.
Funesto,	funeste,	funesto,	fatal,	funestus.
Futil,	futil,	futil,	futile,	futilis.
Alegre,	gai,	alegre,	merry,	hilaris.
Grande,	grand,	grande,	tall,	magnus.
Gordo,	gras,	graso,	greasy,	pinguis.
Grosso,	gros,	grueso,	big,	amplus.

Portuguez	Francez	Hespanhol	Inglez	Latim
Habil,	habile,	habil,	skilful,	aptus.
Alto,	haut,	alto,	high,	altus.
Heroico,	heroique,	heroico,	heroical,	herous.
Feliz,	heureux,	felis,	happy,	felix.
Honesto,	honnête,	honesto,	honest,	probus.
Vergonhoso,	honteux,	vergonzoso,	ashamed,	pudens.
Hospedeiro,	hospitalier,	hospitalario,	hospitable,	hospitalis.
Humano,	humain,	humano,	human,	humanus.
Humilde,	humble,	humilde,	humble,	humilis.
Humido,	humide,	humedo,	humid,	humidus.
Ignorante,	ignorant,	ignorante,	ignorant,	ignarus.
Illusorio,	illusoire,	illusorio,	illusiwe,	fallax.
Imaginario,	imaginaire,	imaginario,	imaginary,	imaginarius.
Importuno,	importun,	importuno,	importunate,	importunus.
Invejoso,	jaloux,	invidioso,	jealous,	invidus.
Amarello,	jaune,	amarillo,	yellouw,	flavus.
Bello,	joli,	bello,	genteel,.	bellus.
Froucho,	lâche,	flojo,	loosse,	laxus.
Largo,	large,	ancho,	wide,	latus.
Cansado,	las,	cansado,	tired,	lassus.
Ligeiro,	léger,	ligero,	light,	levis.
Livre,	libre,	livre,	free,	liber.
Liquido,	liquide,	liquido,	liquid,	liquidus.
Longo,	long,	largo,	wide,	longus.
Leal,	loyal,	leal,	honest,	probus.
Lucrativo,	lucratif,	lucrativo,	lucrative,	lucrosus.
Luzente,	luisant,	luciente,	shining,	lucens.
Magro,	maigre,	magro,	meagre,	macer.
Enfermo,	malade,	enfermo,	ill,	æger.
Malfazejo,	malfaisent,	nocivo,	malevolent,	nocens.
Matutino,	matinal,	matutino,	morning,	matutinus,
Maldizente,	medisant,	maldiciente,	slanderous,	maledicus.
Tenue,	mince,	delgado,	thin,	tenuis.
Brando,	mou,	blando,	soft,	mollis.
Maduro,	mûr,	maduro,	ripe,	maturus.
Necessario,	nécessaire,	necesario,	necessary,	necessarius.
Negligente,	négligent,	negligente,	negligent,	negligens.
Esquecidisso,	oublieux,	olvidadiso,	forgetful,	obliviosus.
Aberto,	ouvert,	abierto,	open,	apertus.
Oval,	ovale,	ovalo,	oval,	ovatus.
Pequeno,	petit,	pequeño,	short, small,	parvus.
Mordaz,	piquant,	mordaz,	prickly,	aculeatus.
Plano,	plat,	plano,	flat,	planus.
Pleno,	plein,	pleno,	full,	plenus.
Precioso,	précieux,	precioso,	precious,	pretiosus.
Previsto,	prévu,	prevido,	»	provisus.
Prudente,	prudent,	prudente,	prudent,	prudens.
Puro,	pur,	puro,	pure,	purus.
Refrigerante,	rafraîchissant,	refrigerante,	refreshing,	refrigerans.
Rapido,	rapide,	rapido,	rapid,	rapidus.
Reflectido,	réfléchi,	reflesionado,	refreshing,	cogitatus.
Rico,	riche,	rico,	rich,	dives.
Robusto,	robuste,	robusto,	robuste,	robustus.

Portuguez	Francez	Hespanhol	Inglez	Latim
Taciturno,	taciturne,	taciturno,	taciturn,	taciturnus.
Tardo,	tardif,	tardo,	tardy,	tardus.
Timido,	timide,	temido,	timid,	timidus.
Igual,	uni,	igual,	even,	æquus.
Vacuo,	vide,	vacio,	empty,	vacuus.
Vigoroso,	vigoureux,	vigoroso,	vigorous,	validus.
Zeloso,	zélé,	celoso,	zealous,	studiosus.

Direcção e obrigações. 1. É o adjectivo um modo de abreviar a expressão. Em vez de «homem que tem razão» — «rei que tem coragem», diz-se succintamente: homem *razoavel*, rei *corajoso*. Não é por tanto absolutamente necessario o adjectivo, e é por isso que certos idiomas os não tem correspondentes a outros. E assim é que os adjectivos latinos *aureus, argenteus, ferreus*, em francez é forçoso traduzil-os: *d'or, d'argent, de fer*.—Os adjectivos podem exercer no discurso duas funcções diversas: umas vezes, o adjectivo fórma só de per si o attributo de uma proposição: Nero foi *cruel*. Outras, entra quer no sujeito, quer no attributo, ou no complemento para determinar o nome a que se une: A innocencia é uma consolação *poderosa*, em apertos de adversidade a mais *acerba*. — Exercicios simultaneos sobre as cinco linguas: Que se busquem os significados de todos aquelles adjectivos, traduzindo-os já pela palavra correspondente, já pelo nome, sempre que possivel seja. — Dividir este exercicio em tantos themas quantos são os adjectivos que principiam: 1.º por A, 2.º por B, 3.º por C, etc. [1] Em seguida fazer decorar os adjectivos de cada thema. — Empregar nas cinco linguas cada adjectivo: 1.º como determinativo, phraseando ligeiramente para cada um. — Comparar com o latim as outras quatro linguas, notando-lhes as analogias e derivações. — Procurar os nomes, verbos e adverbios derivados de cada adjectivo, bem como o adjectivo que exprime sentido inverso. — Estes exercicios podem applicar-se a cada idioma de per si, consoante a precisão, idade, discernimento e penetração dos alumnos. Convém que o professor escreva na pedra os adjectivos dados para a lição d'esse dia. — O alumno deve prover-se do Diccionario da lingua que aprende. O estudo do nome (Veja Nome) deve anteceder aquelles exercicios. Pelo que respeita aos adjectivos determinativos, veja Artigo.

2. *Lingua franceza.* — Estremar e pôr em ordem os adjectivos que exprimem attributos: 1.º os bons, 2.º os maus, 3.º os materiaes, 4.º os espirituaes, 5.º os naturaes ou adquiridos. — Afóra a lista dos adjectivos referidos, o professor póde dar lições de leitura, ordenando que então se escolham os adjectivos sujeitos. — Faça tambem coordenar listas de adjectivos masculinos ou femininos, singulares ou pluraes, estatuindo as principaes regras da concordancia. Estes exercicios entendem com os principiantes.

3. *Lingua latina.* — Dividem-se os adjectivos latinos em duas classes. Na primeira, são de tres fórmas, uma para cada genero: *us* ou *er* para o masculino, *a* para o feminino, *um* para o neutro; masculino, *bonus, miser;* feminino, *bona, misera:* neutro, *bonum, miserum:* bom, miseravel. O masculino e neutro declinam-se por *hortus* e *verbum;* o feminino por *rosa*. — Na segunda classe de adjectivos entram os que tomam as terminações da terceira declinação. Exemplo: *vetus*, velho. Singular para os tres generos: Nominativo, vocativo *vetus;* genitivo *veteris;* dativo *veteri;* accusativo *veterem;* ablativo *vetere*. Plural: Nominativo, accusativo, vocativo *veteres;* genitivo *veterum;* dativo e ablativo *veteribus*. — Faça declinar cada adjectivo, assignalando a classe que lhe pertence. Feito isto, façam-se os exercicios apontados no n.º 1. (Veja Latim, so-

[1] Para este *Exercicio* cumpre seguir o alphabeto da columna de adjectivos francezes.

bre o methodo de o ensinar). O adjectivo latino toma o genero, numero e caso do nome que determina, e declina-se do mesmo theor.

4. *Lingua portugueza.* — «Os adjectivos portuguezes são ou de uma só terminação, ou de duas ou de tres.

«São de *uma só terminação:* 1.º Os acabados em *e* pequeno ou breve, como *breve*, *grave*, *prudente*, *triste*, que é a terminação mais abundante d'esta sorte de adjectivos na nossa lingua. 2.º Os acabados em *al*, *el*, *il*, como *celestial*, *amarel*, *facil*. 3.º Os acabados em *ar*, *az*, *iz*, *oz*, como *exemplar*, *capaz*, *feliz*, *veloz*. D'estes mesmos adjectivos, os que hoje acabam em *il*, sem ser agudo, e em *az*, *iz*, *oz*, acabavam antigamente como os primeiros em *e* pequeno, como: *esterile*, *facile*. *contumace*, *felice*, *atroce*, etc. Afóra estes são tambem de uma só terminação os quatro adjectivos *affim*, (affinis), *cortez*, *montez*, *rûi*. Tambem *grão*, abreviado de *grande*, serve como este para ambos os generos: o *grão prior*, a *grão mestra*.

«São de *duas terminações:* 1.º Os que acabam em *o*, mudando-o em *a* na feminina, como *justo*, *justa*, e se acabam em *ôzo*, com o penultimo *ô* fechado, mudando-o em aberto na feminina, como *virtuôso*, *virtuósa*. 2.º Os que na masculina acabam em *éz*, *ol*, *ôr*, *ú* e *um*, tambem tem a feminina em *a* que se lhes acrescenta, como: *portuguêz portuguêza*, *hespanhól hespanhóla*, *creadôr creadôra*, *crú crúa*, *um uma*, *commum commũa*. Comtudo bons authores portuguezes não dão terminação feminina nem a este ultimo, servindo-se da em *um* para um e outro genero, nem aos em *és*, *ól*, e *ôr*, que faziam de uma terminação só, commum a um e outro genero. Assim diziam elles: *vida commum*, *linguagem portuguêz*, *nação hespanhol*, *cidade competidor;* e João de Barros diz: «*Vara de disciplina* destruidor *dos males*, defensor da *pureza*.» 3.º Os que acabam em o diphthongo nasal *ão*, perdem o *o* na terminação feminina, ficando só com o *ã* nasal, como *christão*, *christã*.

«São irregulares *judêu*, *mêu*, *têu*, *sêu*, *bom*, *máo*, que fazem na feminina *judia*, *minha*, *tua*, *sua*, *bôa*, *má*.

«São de *tres terminações:* 1.º Os nossos quatro adjectivos demonstrativos, *este*, *esta*, *isto*, *esse*, *essa*. *isso*, *aquêlle*, *aquêlla*, *aquillo*, e *o qual*, *a qual*. *o que* ou *o qual*. 2.º Os quatro determinativos de quantidade, a saber: os dous universaes collectivos *todo toda*, *tudo*, e *nenhum nenhuma*, *nada*, e os dous partitivos *algum alguma*, *algo*, e *outro outra*, *al*.

«N'estes adjectivos de tres fórmas é certo que a primeira é para o genero masculino, e a segunda para o feminino. A terceira pois para que genero será? O author dos *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, part. I, cap. II, § III, diz que é uma fórma substantivada do genero masculino, por que os nossos substantivos não tem outro genero senão o masculino ou o feminino, neutro não ha. Comtudo o nosso João de Barros em sua *Grammatica da Lingua Portugueza*, pag. 92, ed. de 1785, a *Grammatica da Academia Real Hespanhola*. part. I, cap. III, art. IV, e o abbade de Condillac na sua *Grammatica*, part. II, cap. V, dizem que estas fórmas são do genero neutro.

«Com effeito nenhuma lingua dá terminações superfluas aos seus adjectivos: e se a nossa deu uma terceira a estes adjectivos como os gregos e latinos a davam aos mesmos e a muitos outros, é por que reconheciam que era necessaria, não só para concordar com os substantivos do genero neutro entre elles, mas tambem para modificar alguma cousa ou idéa, que não era nem do genero masculino nem do feminino, e por consequencia d'uma classe neutra. Toda a equivocação pois dos grammaticos foi assentarem que os adjectivos não foram feitos senão para concordarem com substantivos, e que não tendo estes na nossa lingua genero neutro, nenhum adjectivo tambem o devia ter. Porém os adjectivos podem concordar não só com os nomes mas tambem com as cousas, como são varias idéas, sentidos totaes e discursos inteiros, que não tendo por si, nem podendo ter genero algum, não podiam ser mais

bem determinados do que por uma fórma adjectiva que não fosse de genero algum, e que por consequencia fosse neutra.

«Taes são as terminações neutras dos oito adjectivos acima, e a primeira dos adjectivos de duas terminações, e ainda a unica dos adjectivos de uma só, quando se empregam no discurso ou substantivamente, ou para modificarem orações inteiras, como n'estas expressões: o *sublime*, o *bello de um pensamento. É igualmente* perigoso *crêr tudo, e não crêr nada.* Tudo *está perdido.* Nada *do que disseste é verdade. O* al *é martellar em ferro frio. Mais vale* algo *que* nada. Isto, *que eu disse*, isso, *que tu disseste*, aquillo, *que elle disse*, tudo *é verdade.*

«Deve-se pois estabelecer como regra geral, que todo o adjectivo que se refere mais a uma idéa ou sentido do que a um nome, não tem genero algum, e é por consequencia neutro. O genero ou classe assim dos nomes como das cousas, é que determina as fórmas adjectivas a tomarem tambem o genero ou classe que lhes convém, e não ás avessas. Entre os mesmos gregos e latinos, os tres generos dos nomes determinavam os adjectivos de uma só fórma a tomar o genero que lhes competia. Porque não poderão fazer o mesmo os pensamentos, quando precisam elles mesmos de ser modificados por um adjectivo?» (Soares Barbosa, *Gram. Philosophica*).

5. *Lingua hespanhola.* — O adjectivo hespanhol concorda em genero e numero com o nome ou pronome que qualifica. — *Bueno*, bom; *malo*, mau; *primero*, primeiro; *postrero*, ultimo; *tercero*, terceiro, perdem o *o* final, e *grande* perde a syllaba final *de* quando se une a um substantivo. — Os adjectivos terminados em *o* mudam, no feminino, o *o* em *a*, e são regulares no plural, quer dizer, terminam por *s* em ambos os generos. — Os terminados em *or* acabam em *a* no feminino, e no plural em *es* para o masculino, e *s* para o feminino. — Os adjectivos em *a*, *e* e *ente* são de ambos os generos, e ajuntam *s* no plural. — Os acabados por *z* tambem são de dous generos e mudam no plural *z* em *ces*. — Os terminados em *ete* ou *ote* seguem a regra dos adjectivos em *o*. — Aos adjectivos substantivados antepõe-se sempre o artigo *lo*: *prefiero lo útil á lo agradable.* (Veja os exercicios n.º 1).

6. *Lingua ingleza.* — É invariavel o adjectivo inglez. — Precede o nome, salvo quando o adjectivo tem o complemento em si. As seguintes terminações acrescentam aos adjectivos uma idéa particular: *Ly* indica semelhança; *friendly*, amigavel (como com amigo); *ish* designa diminuição: *bluish*, azulado. *Some* denota abundancia: *troublesome*, fadigoso; *tiresome*, enfadonho; *less* inculca ausencia: *lifeless*, sem vida; *childless*, sem filho. *Able* argue capacidade; *serviceable* (que póde servir). *En* annuncia a composição do objecto: *earthen*, de terra; *woollen*, de lã. (Veja os exercicios n.º 1).

ADULTO. 1. Diz o proverbio: em qualquer idade aprendemos e nos corrigimos. Se assim é, a educação póde actuar sobre os adultos. Todavia, o tempo endurece os habitos, e geralmente é necessario empregar maior e mais prolongada acção para educar um adulto. Consoante a *Educação positiva* de Raucourt, eis aqui algumas considerações que podem contribuir á educação do adulto. — O homem, considerado physiologicamente, e pelo que é no exercicio de suas variadas faculdades, manifesta-se por quatro maneiras: 1.ª o ente que vive mediante os orgãos da nutrição e se prende ás necessidades ou appetites materiaes; 2.ª o ente sensivel, por meio do apparelho nervoso e das sensações dos cinco sentidos; 3.ª o ente pensante, manifestado pelas funcções da intelligencia; 4.ª finalmente, o ente affectivo, d'onde depende a sensibilidade, amor, amizade e precisão de sociabilidade. — Estas quatro essencias são, até certo ponto, os quatro cavallos appostos ao carro da vida. Se puxam na mesma direcção, se vão de accordo em exercicio conveniente, a jornada vai ao termo sem cansaço nem desastre; porém, se a acção de

um ou de mais é desordenada, padecem os outros, a jornada é trabalhosa, e a felicidade destruida. É por tanto evidente que é mister harmonisarem-se aquelles quatro entes. D'esta concordancia resulta o homem bem ordenado. Cumpre que cada um se examine applicadamente, e cure de descobrir qual é o que motivou o desastre, se a harmonia foi perturbada. — Eu era alferes de cavallaria — dirá um militar — ia ser despachado tenente, quando vencido do desejo, que eu longo tempo vencera, de ir jantar com uns amigos, perturbei-me tanto com as bebidas, que resvalei do cavallo, e fiquei estirado na estrada, d'onde me levaram em braços, havendo já o meu cavallo chegado ao quartel sem cavalleiro. Eis-me aqui desprezivel! Perdi o fructo de quatro annos de serviço! Ah! meu ser vivente, que terrivel mal me fizeste! — Dirá de si para comsigo um homem dotado de superior engenho inventivo: Eu tinha descobrido certa machina muito util; meditara o tempo necessario para applical-a; mas, como me entregasse a outras invenções, aquella, que era a principal, foi antecipada por outro inventor, como outras vezes me tinha acontecido. Decididamente, eu sobejo-me de mais em pensar, e sou escasso na entidade affectiva. Serás tu, minha mãi, a victima d'esta desharmonia! — Um sujeito muito agradado de musica, dirá alguma vez: É noite. Passou a hora que eu tinha destinado a urgentissimos negocios. Ah! maldito piano! Quanto demasiado sou em concessões ao meu ser sensitivo! — E, outro exemplo, vejo um pai excellente em meio de seus filhos; lê *Robinson* ao mais novo; depois dá uma lição de grammatica á filha mais velha; depois vai com toda a sua familia a um passatempo... Eis que entra o seu socio, e acha desordenado tudo nos armazens e na escripturação... A casa commercial desmantela-se. Em resumo, o que ahi ha é um pai que dá tudo ao seu ente affectivo, e muito pouco ao seu ente cogitativo. — Esta especie de exame de consciencia não emendará sempre o adulto, mas ensinal-o-ha a conhecer-se, — primeiro passo dado na trilha da perfeição moral. No entanto, examinados os resultados mais ou menos nocivos do predominio de um ou mais d'esses quatro seres, dous a dous e tres a tres, veremos surdirem d'essas combinações todas as fórmas dos caracteres humanos. Não é para desprezar-se esta theoria arbitraria: quando mais não seja, aproveita como variedade no tão complexo estudo do espirito humano.

2. *Escólas de adultos.* Devem assentar nas necessidades geraes da localidade as lições dadas aos adultos nas noitadas do inverno. É preciso que o adulto conheça cabalmente o sentido e valor das palavras, porque a exactidão do seu raciocinio impende muito d'isso. Estes exercicios far-se-hão conformemente com as lições em que houver palavras technicas e menos communs. (Veja ABSTRACÇÃO, ACOTYLEDONES, etc.) Os adultos, segundo os cursos que frequentarem, devem tirar notas por meio da stenographia ou outras abreviaturas convencionaes a fim de que possam redigir per si mesmos a lição, presumindo que elles já passaram dos principios elementares. Mas, se os não passaram ainda, siga-se o methodo ordinario, variando quanto ser possa as applicações. (Veja ADDIÇÃO, ADJECTIVO, etc.) O director das escólas examine pessoalmente o adiantamento dos alumnos. Evite enleal-os em sciencia especulativa sem lhes apontar immediatamente a pratica. Seja-lhes aprazivel ensinando-os como quem conversa recreativamente, figurando palestras de homens doutos que tratam sciencias e melhoramentos. Mediante bons exemplos, lhes irá incutindo a precisão e o proveito de aprender, não se esquivando ao elogio que incita a emulação moderada. A pouco e pouco, os alumnos irão comprehendendo que o descuido das cousas elementares difficulta o conhecimento dos estudos posteriores; d'onde virá tornarem-se attentos para bem se assenhorearem da linguagem de cada sciencia. — Nas aldeias, desvele-se o

professor em leccionar agricultura. Os alumnos que lhe digam o producto das terras, as despezas de cada producto, o sustento do agricultor e o do gado, o salario do jornaleiro, etc. Estas praticas darão azo a discutirem-se abundantes problemas praticos. Finalmente, o professor os irá encaminhando por tal via á sciencia dos phenomenos geologicos, usos das plantas, cuidados que demanda o amanho dos variados terrenos, etc.

Exercicios escriptos. 1. Procurar a significação das palavras *proverbio, physiologia, harmonia, engenho, perfeição, predominio, combinação, caracter, theoria, arbitrario.*

2. Desenvolver este conjuncto em fórma epistolar n'este sentido: Todo tempo é tempo para cada um se emendar. Os quatro cavallos appostos ao carro da vida. Utilidade d'esta divisão para cada qual reconhecer seus desaires. Exemplo de cada um dos quatro casos. Meios de correcção. Felicidade que d'ahi lhe resulta, bem como á familia, e á sociedade.

ADVERBIO (*ad*, junto, e *verbum*, palavra).

Portuguez	Francez	Hespanhol	Inglez	Latim
Em outra parte,	ailleurs,	en otra parte,	elsewhere,	alibi.
Assim,	ainsi,	así,	thus,	sic, ita.
Em redor,	alentour,	al deredor,	about,	circum.
Então,	alors,	entonces,	then,	tunc.
Bastante,	assez,	bastante,	enough,	satis.
Hoje,	aujourd'hui,	hoy,	to-day,	hodie.
Antes,	auparavant,	antes,	before,	prius.
Tão,	aussi,	tan,	also,	tam.
Tanto,	autant,	tanto,	as much,	tantum.
Antigamente,	autrefois,	antiguamente,	formerly,	olim.
De outro modo,	autrement,	de otro modo,	otherwise,	aliter.
Muito,	beaucoup,	mucho,	much,	multum.
Bem,	bien,	bien,	well,	bene.
Aqui,	ci,	aqui,	this,	hic.
Quanto,	combien,	cuanto,	how much,	quantum.
Como,	comment,	como,	how,	quomodo.
Mais,	davantage,	mas,	more,	amplius.
Dentro,	dedans,	dentro,	within,	intra.
Fóra,	dehors,	fuera,	without,	foris.
Já,	déjà,	ya,	already,	jam.
Amanhã,	demain,	mañana,	to-morrow,	cras.
Detraz,	derrière,	detrás,	behind,	retrorsum.
De hora ávante,	desormais,	en adelante,	henceforth,	deinceps.
Debaixo,	dessous,	debajo,	under,	infra.
Diante,	devant,	delante,	before,	coram.
Tambem,	encore,	tambien,	yet,	etiam.
Finalmente,	enfin,	finalmente,	in fine,	tandem.
Juntamente,	ensemble,	juntamente,	together,	simul.
Depois,	ensuite,	despues,	then,	deinde.
Quasi,	environ,	casi,	about,	circa.
Gratuitamente,	gratis,	gratuitamente,	gratis,	gratis.
Pouco,	guère,	poco,	few,	parum.
Hontem,	hier,	ayer,	yesterday,	heri.
Aqui,	ici,	acá,	here,	hic.
Antigamente,	jadis,	antigamente,	of old,	olim.
Nunca,	jamais,	jamás,	never,	unquam.
Longe,	loin,	lejos,	far,	longè.

Portuguez	Francez	Hespanhol	Inglez	Latim
Diuturnamente,	longtemps,	por mucho tiempo,	long time,	diu.
Agora,	maintenant,	ahora,	now,	nunc.
Mesmamente,	même,	asimismo,	same,	etiam.
Melhor,	mieux,	mejor,	more,	melius.
Menos,	moins,	menos,	minus,	minus.
Pouco antes,	naguère,	poco antes,	lately,	nuper.
Nao,	ne,	no,	not,	non, haud.
Não obstante,	néanmoins,	no obstante,	nevertheless,	nihilominus.
De modo nenhum,	nullement,	nulamente,	in no wise,	nequaquam.
Especialmente,	notamment,	especialmente,	especially,	nominatim.
Onde,	où,	donde,	where,	ubi, ubinam.
Em toda parte,	partout,	en todo logar,	everywhere,	ubique.
Pouco,	peu,	poco,	litlle,	parum.
Mais,	plus,	mas,	more,	plus, amplius.
Antes,	plutôt,	antes,	rather,	potius.
Quasi,	presque,	casi,	almost,	prope, quasi.
Depois,	puis,	despues,	then,	dein, quid, inde?
Quando,	quand,	cuando,	when,	quando.
Scientemente,	sciemment,	con conocimiento,	knowingly,	scienter.
Repentinamente,	soudain,	de repiente,	of a sudden,	eodem momento.
Frequentemente,	souvent,	frecuentemente,	frequently,	sæpe.
Principalmente,	surtout,	sobre todo,	especially,	præsertim.
Tão, tanto,	tant,	tanto, tan,	so much,	tantum.
Logo,	tantôt,	luego,	soon,	brevi.
Tarde,	tard,	tarde,	late,	sero, tarde.
Promptamente,	tôt,	pronto,	soone,	celeriter.
Sempre,	toujours,	sienpre,	ever,	semper.
Todavia,	toutefois,	todavia,	»	verumtamen.
Muito,	trop,	demasiado,	too,	nimium.
Depressa,	vite,	aceleradamente,	fast,	celeriter.
Voluntariamente,	volontiers,	con gusto,	willingly,	libenter.

Direcção e exercicios. 1. O adverbio, assim como o adjectivo, não é, rigorosamente fallando, elemento essencial da linguagem : é palavra composta, fórma abreviada e mixta que equivale a uma preposição seguida do seu complemento : proceder *judiciosamente* é proceder *com juizo.* Não se deprehenda, comtudo, que qualquer preposição seguida do seu complemento possa, em todas as linguas, ser substituida por um adverbio, pois que tem cada lingua adverbios sem voz equivalente nas outras linguas. E assim é que os adverbios latinos *sursum, deorsum, dextrorsum, sinistrorsum,* não podem trasladar-se à francez senão por estas vozes: *en haut, en bas, à droite, à gauche.* — Exercicios simultaneos ou alternados das cinco linguas. — Procurar e escrever a significação de todos aquelles adverbios, vertendo-os com exemplos bastantes que denotem diversas applicações de cada um. — Repartir este exercicio em tantos quantos são os adverbios principiados por A, por B, por C, etc.; depois fazer decorar os adverbios de cada exercicio. — Escrever nas cinco linguas alguma phrase em que se empregue cada adverbio. — Distinguir entre as cinco linguas, e catalogar : 1.º os adverbios de logar, 2.º de tempo, 3.º de quantidade, 4.º de modo, 5.º de affirmação e negação, 6.º de interrogação e exclamação. — Estes exercicios, que devem ser adaptados ao entendimento mais infantil com o auxilio das explicações, podem ser feitos em particular para cada lingua.

2. *Lingua portugueza.*—«O adver-

bio é uma palavra só, e essa indeclinavel e destinada pelo uso para exprimir com mais brevidade uma preposição com seu complemento. D'estes adverbios uns se acham feitos, e taes quaes são os recebemos do uso, como são quasi todos os adverbios de *logar*, de *tempo*, e de *quantidade;* outros porém formam-se segundo as regras de analogia, e taes são quasi todos os de *modo* e *qualidade*. Em uns e outros, sempre se supprime a preposição, que nos primeiros é ordinariamente *em*, e nos segundos *com*, que por isso são mais faceis de supprir. Só o complemento é que é exprimido pelo adverbio, e nos de logar, tempo e quantidade, é composto de duas idéas, uma geral, expressiva do logar, tempo e quantidade, e outra individual, indicada por algum dos demonstrativos; mas ambas concentradas em um pequeno vocabulo. — *Expressões adverbiaes*. O terceiro modo de reducção das preposições com seus complementos se faz por meio das expressões adverbiaes. Chamam-se assim as fórmulas abreviadas das preposições com seus complementos, não pela concentração de uma cousa e outra em uma unica palavra, como succede ao adverbio; nem pela suppressão só da preposição, como acontece nos nomes adverbiados; mas sim pela suppressão e ellipse de uma parte do complemento total.

«Assim, esta locução, *com cegueira*, se reduz a menor expressão ou pelo adverbio *cegamente*, ou pela phrase adverbial *ás cegas;* que analysada, e supprido o substantivo occulto, quer dizer: *ás apalpadellas cegas*. Ora o complemento de uma phrase adverbial póde ser elliptico, ou por ser elle mesmo um adverbio, ou por ser um adjectivo com o seu substantivo occulto, ou pelo contrario o substantivo com o seu adjectivo subentendido.

«Do primeiro modo são *phrases adverbiaes* todos os adverbios de logar e de tempo, quando se lhes ajunta uma ou mais preposições para os determinar; ao que alguns grammaticos chamam *adverbios compostos* e *sobrecompostos*, como: *d'onde, por onde, aonde, para onde, d'aqui, desd'aqui, atéqui, d'alli, desd'alli, atélli, des hi, afóra, de fóra, emfóra, ácerca, d'antes, de traz, por de traz, de cima, em cima, por de cima, debaixo, abaixo, por baixo, antehontem, trasantehontem, adiante, para diante, em diante*, e assim outros muitos.

«Do segundo modo são phrases, ou fórmulas adverbiaes, as seguintes: *a fim, em fim, de sorte, porque, a torto e a direito, ás claras, ás escuras, de improviso, de mais a mais, em continente, em vão, debalde, por de mais, sobre maneira* ou *sobre modo*, e infinitas outras que o uso ensina.» (Soares Barbosa, *Gram. Philosophica*).

3. *Lingua hespanhola*. — Os adverbios terminados em *mente* formam-se dos adjectivos, ajuntando *mente* aos que só tem uma só terminação para os dous generos, como *facil, facilmente, dulce, dulcemente*, e, substituindo as terminações *o, a*, por *amente* respectivamente aos outros adjectivos, assim de *docto, doctamente*, de *diestra, diestramente* [1].

4. *Lingua ingleza*. — Podem formar-se adverbios da maior parte dos adjectivos inglezes, ajuntando-lhes *ly: honest*, honesto; *honestly*, honestamente; *virtuous*, virtuoso; *virtuously*, virtuosamente. — Aos adjectivos terminados por *ole*, ajunta-se-lhe sómente *y*, e elide-se o *e* final, porque, elidido o *e* mudo, a terminação começa logo por *l: irrevocable, irrevocably*. Se o adjectivo acaba por *y* precedido de consoante, o *y* muda-se em *i*, antes de ajuntar *ly: witty*, espiritual; *wittily*, espiritualmente. Quando occorre verbo auxiliar e infinito ou participio do preterito, o adverbio tem logar entre os dous; se, porém, o verbo simples é acompanhado de complemento, colloca-se o verbo depois do complemento, ou melhor ainda antes do verbo. Os adverbios se-

[1] Estas regras e outras adduzidas com referencia ao idioma hespanhol são tão communs da lingua portugueza que seria superfluo traduzil-as para uso de quem as já conhece ou da theoria grammatical ou da pratica. Para os primeiros seriam sobejas, e para os segundos, fóra de tempo

N. do T.

guintes antepõem-se sempre ao verbo, quer seja simples ou composto: *ever*, sempre; *even*, mesmo; *never*, nunca; *often*, frequentemente; *rather*, antes; *scarce*, apenas; *soon*, logo; *still*, ainda; *then*, então, etc.

ADVERSIDADE. «Para que toda a energia da alma se deslira, os rigores da adversidade são-lhe de proveito. (*Os Martyres*). Vem-nos de Deus a adversidade como degrau por onde nos eleva. (*Os Natchez*). Os homens vulgares cahem e não se erguem mais de sob o peso da desgraça; os homens distinctos, vergados pelo infortunio, seguem ávante, como soldados robustos que sentem leve a pesada armadura.» (*Mélanges littéraires*, de Chateaubriand). — «Na tempestade é que o piloto revela a sua aptidão... Em quanto o baixel mareia prosperamente, facil é supportar-lhe o balanço. A peito com a desgraça é que o verdadeiro valor resplende.» (S. Cypriano).—«É tão precisa a prudencia na prosperidade, como a virtude na conformidade com a desgraça. As longas prosperidades produzem communmmente dous maleficios: o costume de ser feliz embota o gosto de o ser, e aguça os espinhos da adversidade, porque é desconhecida quando sobrevem.» (Oxenstirn). — «A Providencia prova a força do homem com a desgraça, e ensina-o a conhecer-se; corta a prosperidade de uns para que ella os não deprave; permitte que outros sejam excruciados por enormes angustias, a fim de lhes exercitar a paciencia e o aperfeiçoamento da virtude. Uns adquiriram gloria immortal com morrerem gloriosamente; outros, em horridos supplicios, nos mostraram que a constancia sobrepõe a virtude victoriosa de todas as calamidades. Portanto, a sabedoria da Providencia tudo encaminha apropositadamente, e ajustado ao beneficio de todos, sem resalva até da alternativa de bens e males que se revezam nos perversos. Se os sossobram revezes, é isso convenientissimo; pois que, a juizo commum, merecem ser castigados; — castigo para elles salutar, pois que d'ahi lhes póde resultar emenda — e salutar para os outros, que amedrontados se desviam do cairel do abysmo. Se, ao envez, se gozam de algumas delicias, é ainda alta lição que incute nas pessoas honestas o baixissimo preço dos bens da fortuna, que tão indignamente se dobra aos caprichos da iniquidade.» (Boecio, *Consolação da philosophia*, Liv. 4).

Caligula offereceu a Demetrio, philosopho, duzentos sestercios. Maravilhado da inepcia do principe, que imaginára compral-o com tal quantia, disse: «Se elle queria experimentar-me, todo o seu imperio seria apoucado engôdo.» Em verdade, o mais desgraçado homem é aquelle que nunca experimentou revez: qualquer viração quebrará a haste d'essa fragil planta. Repulso de Roma e exilado em uma ilha, Demetrio expirou n'uma enxerga, temido dos maus, respeitado dos bons, e admirado de Seneca, que o elogiou assim: «Produzira-o a natureza para mostrar ao seu seculo que um elevado espirito póde resguardar-se da corrupção em meio das turbas.» (Veja a historia de Job na Biblia).

Exercicios. Redacção ou dissertação. Summario. Fortalece-se a alma com a adversidade. — Vem de Deus os infortunios, cujo fim é obrigar-nos á contemplação do que somos, e desapegar-nos da terra. — Causas da adversidade. — Nosso ruim proceder, e os particulares designios da Providencia. — Percalços da prosperidade. — Palavras de Chateaubriand, de S. Cypriano e de Oxenstirn, que devem decorar-se como remate do exercicio.

AEROLITHOS. (Veja PLANETAS).

AFFINIDADE. (Veja CHIMICA).

AFOLHAMENTO. (Veja ROTAÇÃO DE CULTURAS).

AFRICA. É Africa uma região immensa situada entre os tropicos na sua maior extensão. É cercada de mar, e prende ao continente da Asia,

mediante uma lingueta de terra de vinte leguas, chamada Isthmo de Suez. E' escassamente conhecido o interior do paiz, por causa dos estorvos que o tornam desconversavel. Areaes ardentes, estuosos desertos, povoações barbaras e desgasalhosas, cordilheiras de rochedos que rompem as torrentes fluviaes, volvendo inexequivel a navegação, afóra as influencias climatericas, tantos empêços reunidos, desalentaram longo tempo a curiosidade e propriamente a cubiça dos viajantes e dos mercadores. Todavia, no seculo passado, houve homens bastante afoutos que se enrostaram com todos os perigos, e, a custo de vida, lograram desvendar os mysterios e desertos africanos. Pelo que respeita á costa d'Africa, desde remotos tempos ahi aportaram viajantes, principalmente á oriental, que defronta com a India, e é convisinha do mar Vermelho — golfo que parece assignalado para aproximar a Asia da Africa, e foi sempre o confluente de grande commercio.—Quasi toda a Africa está na zona torrida; pelo que, tão abrazadora é ahi a calma, e a esterilidade a cada passo vos apparece, quasi ao pé de fertilidade prodigiosa. Grande parte do continente são esplainadas ardentes, movediças de areia fina, de longe a longe intercaladas de verdes oasis. As caravanas que desfilam n'esses desertos são, a revezes, subvertidas por montanhas de areia que o vento revolve como vagas do mar. —Abundam ahi feras, taes como leões, tigres, pantheras, rhinocerontes, vivendo promiscuamente com elephantes, girafas, gazellas, afóra crocodilos, serpentes, e insectos sem numero. Luxuriosa vegetação abrolha debaixo do sol tropical. Ahi se deparam copiosos vegetaes: o bambu, a palmeira, e o baobab cujo tronco mede 30 metros de circumferencia. (Veja Barbaria, Sahara, Senegambia, Guiné, Cafres, Madagascar, Egypto, etc.)

Exercicios. Dicte este bosquejo como exercicio de orthographia, e mande que o decorem como exercicio de recitação, e de estudos geographicos no Mappa).

AGATHA. (Veja Argilla).

AGEN. (Veja Guienna).

AGOSTO. (Trabalhos da lavoura). Geralmente, colhem-se as plantas textis e semeiam-se nabo, rezeda, trevo encarnado e couves. A seiva está suspensa nas arvores, e é então que se cortam os ramos destinados á enxertia de garfo ou de borbulha. É o tempo mais opportuno para transplantar arvores resinosas. Os fructos, muito afogados em folhagem, devem descobrir-se algum tanto, para que adquiram côr e sabôr. Póde-se fazer enxertia de *olho dormente*, conforme a seiva, de amendoeiras, damasqueiros e outras arvores.

Horticultura. Recolhem-se as sementes do cerefolio, da salsa, das alfaces, dos rabanos, cebolas, dos alhos, e das cenouras; plantam-se morangaes e semeiam-se saladas, cenouras de inverno, escorcioneiras, espinafres, rabãos, e couve flôr; apertam-se as chicoreas e cortam-se os crescentes das alcaxofras, cujas cabeças já foram colhidas, etc. [1]

AGRIÃO. (Veja Cruciferas).

AGRICULTURA. (Veja Lavrador).

AGRIMENSURA. A agrimensura é a arte de medir a superficie dos terrenos. Esta medição póde-se effectuar por dous methodos geraes: o methodo denominado por *desenrolvimento*, que consiste em seguir com a cadeia todos os accidentes da superficie do solo, avalia a superficie real do terreno; e o methodo por

[1] Abstemo-nos de verter para portuguez nomes de plantas conhecidas na agricultura prospera d'outros paizes, mas ainda desusadas na horticultura portugueza. Qualquer repertorio, onde se dão conselhos e preceitos ao lavrador em cada mez do anno, será mais util aos poucos lavradores que entendem de theorias, do que poderia ser-lhes um diccionario d'esta natureza.

N. do T.

levantamento, pelo qual se mede o solo horisontalmente, qualquer que seja a desigualdade da superficie, reduz esta á sua projecção horisontal, a que se dá o nome de *base productiva*. Este methodo funda-se no facto de os vegetaes crescerem verticalmente, não podendo, por isso, um terreno inclinado conter maior numero de plantas que a superficie do mesmo terreno reduzido ao horisonte. Qualquer que seja o methodo empregado, a agrimensura tem por bases: a linha recta e perpendicular, o seu traçado e medida sobre o papel, sobre o terreno. Depois vem a medida das figuras elementares: angulos, triangulos, quadrilateros, polygonos (veja estas palavras); conhecimento sufficiente, porque é sempre possivel decompôr um terreno, qualquer que seja a irregularidade de sua fórma, em triangulos, rectangulos ou trapezios, os quaes se medem separadamente e se addicionam os resultados. Acontece muitas vezes n'um terreno de fórma irregular ser inaccessivel ou offerecer obstaculos o seu interior: n'este caso, envolve-se a superficie n'um rectangulo, e, baixando perpendiculares dos vertices do polygono do terreno sobre os lados do rectangulo, divide-se a superficie comprehendida entre as duas figuras em rectangulos, triangulos e trapezios; calculam-se as áreas de todas estas partes excedentes, e a sua somma diminue-se á área do rectangulo auxiliar. É, em geral, util, para maior segurança na exactidão da medição, transportar ao papel a figura do terreno medido; mas é isto indispensavel quando o terreno tem uma fórma complicada em que os seus numerosos angulos exigem diversos calculos. É o que se chama levantar uma planta. (Veja LEVANTAMENTO DE PLANTAS). A planta representa a figura do terreno; mas para que represente tambem a grandeza, devem as medidas ser reduzidas n'uma certa proporção. É o que se chama construir a escala da planta. (Veja ESCALA). — Os calculos que exigem as diversas operações da agrimensura são dos mais simples. Basta apenas saber operar com a multiplicação de numeros inteiros e decimaes e dividir por dous. Mas é essencial saber dar aos resultados das operações a significação concreta. (Veja ARE). Por exemplo: $300^m \times 20^m = 6000$ metros quadrados, ou 6000 centiares, ou 60 ares, ou 60 centesimas do hectare. Outro exemplo: $300^m,70 \times 20^m,30 = 30070$ centimetros $\times$ 2030 centimetros $=$ 61042100 centimetros quadrados, ou ainda, supprimindo o zero nos dous factores: 3007 decimetros $\times$ 203 decimetros $=$ 610421 decimetros quadrados, que é equivalente a 6104 metros quadrados e 21 decimetros quadrados, ou 61 ares e 421 decimas millesimas do are. Em summa: estando os dous factores referidos ao metro como unidade, depois de se separarem no producto, para a direita, tantos decimaes quantas têm os dous factores, o metro quadrado ou centiare é a unidade concreta a que vem referido o producto; movendo pois a virgula duas casas para a esquerda, isto é, pondo-a na casa das centenas, teremos o producto referido a ares; movendo-a ainda duas casas, teremos a hectares. Quanto aos algarismos á direita da virgula, os dous primeiros exprimem decimetros quadrados, os dous seguintes centimetros quadrados, etc., e d'este modo o mesmo producto póde ser lido de varios modos.

AGUA. 1. Physicamente considerada, é liquida, transparente, incolor, inodora, insipida, ou com um sabôr indefinivel. Combina-se ao vinho e agua-ardente em todas as proporções; dissolve a maior parte dos saes ou substancias crystallisadas provenientes de materias vegetaes, e tão fortemente penetra na madeira que uma cunha de pau sêcco mettida na fenda aberta em um pedaço de rocha, se depois a humedecem faz abrir a pedra. — A' semelhança do ar, é a agua indispensavel á conservação da vida animal. Reduzida a vapor, condensa-se em nuvens, desfaz-se em chuva, e volve-se um dos principios mais fecundantes da vegetação. A agua corrente é o mais economico motor ao alcance do

homem; aquecida até certo grau, faz-se agente de força illimitada (machina a vapor); é, em summa, um magnifico adereço do universo. Os ribeiros, lagos e cataduрas aformoseiam a paisagem, e não ha ahi cousa mais magestosa que a torrente de um rio largo, e nada mais espectaculoso que o mar em tormenta. — A agua que envolve parte do globo (a agua maritima), ou que lhe deriva no interior ou á flôr da terra (agua dôce) contém materias estranhas, que se lhe depuram mediante a vaporisação ou a distillação. Quem quer saber a quantidade de materias sólidas, taes como sulfato de cal e carbonato de cal dissolvidos na agua de fonte ou de poço, faz evaporar o liquido em um vaso vidrado posto ao fogo. Avalia-se a pureza da agua consoante a qualidade e natureza do residuo. Devem considerar-se boas para beber as aguas correntes, limpidas, sem cheiro, nas quaes se cosem bem os legumes, e se dissolve o sabão sem produzir grumos, nem perder a limpidez, ainda que lhe dissolvamos nitrato de prata, e que evaporadas, até ao extremo, deixem pequeno ou nenhum deposito. A agua pura. a não ser sufficientemente arejada, não é boa. Aguas procedentes de chuva, neve ou gêlo devem ser filtradas ao través de pedra porosa ou camada de areia fina. Depois, é mister vascolejal-a em local bem arejado para que ella se torne excellente. — A agua passa do estado liquido ao solido pelo abaixamento de temperatura (quando gela). N'este caso, o seu volume progressivamente diminue até marcar cêrca de quatro graus centigrados de temperatura, pouco mais ou menos, acima de zero do thermometro. E' então que ella chega ao seu *maximum* de intensidade (o maior peso no mesmo volume). D'aqui em diante, o liquido dilata-se, e. se o vaso que o contém não é movido, a temperatura póde baixar até cinco graus, sem gelar; mas, logo que o vaso é agitado, apparece multidão de caramellos que se agrupam, formando massa de agua gelada, cujo volume é maior que o do liquido de que procede. Calcula-se que 14 litros de agua produzem 15 litros de gelo. Isto explica as rupturas longitudinaes das arvores nos invernos aturados. Tem-se visto a agua gelada, em um canudo de ferro da espessura de um dedo, abril-o por dous pontos. Tambem se calcula que a força empregada pelo gelo no rompimento de uma esphera de metal, equivale ao peso de 13,860 kilog. — O peso da agua serve de termo comparativo na apreciação da *densidade* dos corpos solidos e liquidos; o ar serve de unidade para os corpos gazosos. Ora, o peso da agua está para o peso do ar como 1 está para 0,0012802, ou — que é o mesmo — dado um volume igual, a agua pesa 781 vezes mais que o ar. A agua tambem se toma como typo de unidade de peso no systema metrico: a *gramma* equivale ao peso de um centimetro cubico de agua pura no seu *maximum* de densidade.—A agua tambem passa ao estado solido, combinando-se com saes e outras materias. Se, por exemplo, vertemos agua sobre gesso ou cal, o liquido se combinará tão intimamente com aquellas materias, que não poderemos distinguil-as pela vista nem pelo tacto. Por effeito do calorico, a agua, á imitação de todos os corpos, converte-se em fluido ou vapor. Se a temperatura é bastantemente alta, a agua chega a ser invisivel, e, evaporando-se, passa pelo estado de *ebullição*. (Veja VAPOR, DENSIDADE, GRAMMA, AR).

2. A agua para o chimico é *protoxydo de hydrogenio*. É sabido que o hydrogenio puro é gazoso, incolor, inodoro e insipido, com densidade muito menor á dos outros gazes, sendo sómente de 0,0688. Quando se lhe mergulha um corpo inflammado, ouve-se pequena detonação seguida de combustão por camadas, com uma chamma mortiça. Mas se se mistura oxygenio com hydrogenio, e lhe pegamos fogo, a detonação é violenta, porque a combustão se dá simultaneamente em todos os pontos. Se misturarmos um volume de oxygenio com dous de hydrogenio, a mistura desapparece logo pela detonação, res-

tando sómente algumas gottas d'agua. D'aqui se infere, como importantissima consequencia, que a agua é uma combinação de oxygenio com hydrogenio na relação de 1 para 2 de volume. Repete-se esta experiencia em um *eudiometro* (instrumento inventado por Volta, do qual nos servimos na analyse do gaz), em que se introduzem volumes determinados de oxygenio e hydrogenio. Se o volume do segundo gaz é o dobro do primeiro, esvae-se tudo, e forma-se agua. Se ha excesso de oxygenio ou hydrogenio, o excesso, depois da detonação, fica intacto. Logo, para *compôr* certa quantidade de agua, é preciso possuirmos certa quantidade d'aquelles dous gazes. Veremos no artigo Ar como se obtém o oxygenio. Obtem-se o hydrogenio mettendo zinco, acido sulphurico e agua, em um vaso cujo collo tem um tubo recurvo que mergulha em balão de vidro cheio de agua ou mercurio. O zinco apodera-se do oxygenio da agua, e, formado o oxydo de zinco, une-se ao acido sulphurico formando o sulfato de zinco; e então, o hydrogenio da agua decomposta, destaca-se em fórma de gaz. Em logar do zinco póde empregar-se o ferro. — Para decompôr ou analysar a agua, mette-se em um tubo de porcellana limalha de ferro. Aquece-se ao fogo e faz-se passar através do tubo um peso determinado d'agua em vapor: o ferro apodera-se da maior parte do oxygenio da agua, e a restante liquidifica-se em um alambique. O hydrogenio apparece em um grande frasco cheio d'agua. Antes da operação pesa-se a agua e o ferro; em seguida pesam-se todos os productos; e, mediante isto, obtem-se a certeza de que a agua se compõe de 100 partes de oxygenio sobre 12,5 de hydrogenio em peso, ou de um volume de oxygenio e dous de hydrogenio. A analyse da agua tambem póde fazer-se por meio da electricidade voltaica. (Veja Electricidade).

AGUA MARINHA. (Veja Pedras).

AGUAS MINERAES. 1. O achatamento da terra para os pólos, impende-nos a crêr que o globo terrestre foi originariamente fluido, por que, n'esta hypothese é essa exactamente a fórma que elle de per si devia tomar, em virtude do seu movimento de rotação, segundo está demonstrado pelos calculos dos geometras. Além d'isto, sendo reconhecida pelos astronomos a mesma figura em outros planetas rodando sobre si mesmos, e sendo sempre proporcionada a quantidade do achatamento á rapidez da rotação, deve crêr-se que o achatamento em todos os casos seja o effeito do movimento rotatorio, e que d'este modo a terra e os planetas hajam sido fluidos primitivamente.

Quanto á terra, este facto confirma-se com outro que nol-o explica: e vem a ser que o nosso globo tem, no seu interior, calor consideravel e independente do que recebe do sol, e que é um remanescente do seu calor original, do qual uma só parte se dissipou através da sua superficie. Mostra a observação que ao penetrarmos no interior da terra, achamos que a temperatura das camadas vai augmentando cêrca d'um grau centesimal por cada 25 ou 30 metros de profundeza. Tudo pois nos leva a crêr que a fluidez da terra antes de adquirir a fórma espheroide era devida ao calôr; e que primordialmente foi de todo em todo fluida; e, arrefecendo, de suas partes superficiaes se formou uma especie de crusta mineral, em quanto interiormente ficou possuindo temperatura capaz de derreter as differentes materias que conhecemos em estado solido. Chama-se *calor central* aquelle calor proprio do interior do globo.

2. Esta elevada temperatura actuando sobre as materias em fusão que formam o centro da terra, explica naturalmente a producção e accumulação, abaixo do seu involucro solido, das materias gazosas, cuja existencia se manifesta nas erupções vulcanicas. D'ella nos vem tambem a mais provavel explicação das fontes *quentes e mineraes* que se observam nos paizes

vulcanicos, e nas regiões montanhosas, raras vezes nas grandes esplainadas, mas ordinariamente onde houve em remotas eras deslocações numerosas e levantamentos de rochas maciças. Taes fontes procedem com certeza das emanações gazosas que sem seccar resfolgam d'esses focos vulcanicos, seu reservatorio commum, e jorram á superficie por meio de ductos que confinam com as crateras dos vulcões, e tambem por fendas lateraes que as repuxam algumas vezes a enormes distancias dos vulcões actuaes. Estes gazes, abundantes de vapores aquosos, atravessando longos canaes subterraneos, esfriam ao aproximarem-se da superficie da terra, e transformam-se em fontes liquidas condensando-se, e d'ahi resulta ser n'esta fórma que ordinariamente as vêmos. Existe por tanto intima connexão entre o phenomeno das fontes mineraes e o das emanações vulcanicas.

3. Outra classe de fontes provém das aguas que escorrem na superficie da terra e se infiltram no solo: são as fontes ordinarias. É sabido que diversas rochas movediças, as areias, por exemplo, se deixam atravessar da agua á maneira de crivos; e que outras são penetradas por ella em virtude da sua grande porosidade ou das numerosas fendas que as sulcam (a greda e muitos outros calcareos). Circula pois a agua no interior da terra, ou nos interstícios das rochas, quer seja pelas fendas naturaes que lhes separam as camadas, quer seja por canaes que ellas tem aberto, levando em dissolução as partes arenosas ou calcareas por onde romperam. Se as camadas permeaveis que lhes dão passagem são contidas entre camadas impermeaveis, taes como os depositos de argilla, estes estancando as aguas, formam levadas (*nappes*) mais ou menos extensas, que seguem todas as inflexões das camadas, umas formadas d'agua estagnada, outras d'agua corrente. E como é possivel encontrarem-se alternativas de camadas permeaveis e impermeaveis sobrepostas, póde acontecer que a differentes profundezas no mesmo logar se encontrem estanques d'agua, e percebe-se que estes sejam tantos quantas são as camadas porosas sobrepostas a camadas impermeaveis. É conhecido que as camadas raras vezes tem posição horisontal em toda a sua extensão; mas sim formam em geral bacias geologicas junto das quaes ellas sobresahem; e é por isso que as vêmos descarnadas na quebrada das montanhas ou em chãs mais elevadas que as outras, onde ellas se apresentam horisontalmente. As levadas da agua que as acompanham, e ás vezes medem vinte a trinta leguas de longitude, retrahem-se ao mesmo tempo que as camadas; e até nas partes mais elevadas, onde os dous terrenos, permeavel e impermeavel, rebentam á flôr da terra, é que ellas tem origem. N'esta linha interceptora entre as camadas e a superficie terrestre dá-se a absorpção d'agua que alimenta as levadas subterraneas, cujos reservatorios são frequentemente os lagos e os ribeiros. Logo que estas levadas, mais ou menos entranhadas na terra, se alteiam de novo no lado opposto ao seu ponto de partida, se ahi encontram nova sahida em o nivel menos elevado que o ponto d'onde partiram, dão nascimento a uma fonte natural. Nos pontos em que esses depositos se não erguem o bastante para chegar á superficie, póde fazer-se uma fonte *artesiana* ou artificial, estabelecendo mediante a sonda communicação entre a superficie do solo e o deposito da agua por um buraco cylindrico, guarnecido de longo tubo para que a agua possa subir sem perder-se no terreno circumposto. A agua move-se assim por uma especie de siphão invertido, cujo ramo longo está posto do lado do reservatorio que alimenta a levada, e cujo ramo curto é representado pelo tubo por onde ella sobe. Segundo esta disposição, vê-se que a agua deve repuxar do poço furado, se a altura d'onde ella parte excede bastantemente a do orificio por onde golfa. Tal é a origem das fontes artesianas, e de certas aguas que brotam naturalmente.

AGUDEZAS. 1. *Amigos.* Certo parasita detrahia a pessoa em casa de quem jantára. Dizia-lhe alguem então: — Ao menos faça primeiro a digestão. —Conheço um velhaco que se enriqueceu — diz M. de Claville. — Haverá quarenta annos que elle me pedia a honra de o proteger; dez annos depois, chamava-me seu amigo; hoje nem me comprimenta. — Por Satanaz! Fallas assim a teu senhor? — exclamava Henrique IV contra Villeroi, que se lhe atrevera em palavras menos respeitosas. Mas d'ahi a pouco, o rei foi para elle de bom rosto, e disse-lhe:—Snr. Villeroi, dous velhos amigos não se desavém por tão pouco. — Certa pessoa disse a um amigo que lhe recusára um favor injusto, que a sua amizade lhe não prestava para nada. — Nem a tua a mim — respondeu o outro — porque só se alimenta á custa de injustiças. — Outro induzia o seu amigo a servil-o com um juramento falso. — Imponho-me o dever de servir os meus amigos sem offender os deuses — disse o pagão. — É melhor descoser que rasgar — dizia Catão, o antigo, fallando da separação de dous amigos. — Avém-te com os grandes como com o fogo — dizia Diogenes — nem muito longe, nem muito perto d'elles.—Encarecia muito alguem a felicidade de Callisthenes por que se banqueteava á mesa de Alexandre. Ao qual respeito disse Diogenes: É n'isso que eu o reputo infeliz, pois que é obrigado a comer segundo a hora e a vontade alheia.

2. *Ariosto e Aristippo.* Ariosto sabia primorosamente o idioma latino, mas preferia escrever em italiano. Perguntou-lhe alguem a razão. E' que eu antes quero — disse elle — ser o primeiro escriptor italiano que o segundo entre os latinos. — Era modestissima a sua vivenda. — Como vives tão ao singelo, tu, que tens poetisado magnificos palacios? — perguntaram-lhe. — E' porque é mais facil architectar palavras que pedras — respondeu Ariosto. — Porque é que os philosophos cortejam tanto os grandes, e pouquissimo se frequentam uns aos outros? — perguntou Dyonisio, o Tyranno, a Aristippo. — É porque os medicos vão mais a casa dos enfermos. — Disse Diogenes: Se Aristippo se contentasse com legumes, não andaria ahi a cortejar principes abjectamente. — Aristippo replicou: Se esse que me condemna soubesse cortejar principes, não se contentaria com legumes. — Pediu 50 drachmas a um pai por lhe educar o filho.—50 drachmas! — exclamou o homem — Por menos d'essa quantia compro eu um escravo! — Pois bem — tornou Aristippo — compra-o, e terás dous.

3. *Conversação.* O orador Celius, homem excitavel e impetuoso, ceando com um sujeito de bom natural que tudo lhe approvava, não pôde em fim soffrer-lhe tão monotona condescendencia. — Ora vá — exclamou — contradiz-me seja o que fôr, para que eu possa convencer-me de que sômos dous. — Fallar sem pensar, é desfechar sem pontaria. — Pelo ordinario, quem sabe pouco falla muito, e quem sabe muito falla pouco. — Quem não sabe calar não sabe fallar.

4. *Despesa.* Viu Diogenes um prodigo que tinha para a cêa sómente azeitonas. — Se tivesses sempre assim almoçado, não terias cêa tão má — reflectiu-lhe o philosopho. — Dizia um filho ao pai que o visitava: — Que é que fez o pai para tanto se enriquecer? — Fiz pouco — disse o pai, apagando uma das duas luzes que os aluminava — contentava-me com o bastante, e accendia só uma vela, quando não eram precisas duas. — Socrates, recebendo um dia alguns amigos, foi arguido de pouco esmerado nos preparativos da recepção. — Se os meus amigos são bons, isto lhe basta; se o não são, é de mais isto — respondeu Socrates. — Um avaro, que deu um jantar muito sovina, dizia aos seus convivas: — Não heis de ter indigestão. — Estás enganado — replicou alguem — é difficil digerir um jantar d'esta casta. — Josephina, despeitada das pompas irrisorias de uma senhora nobilissima que lográra ser recebida na côrte consular, perguntava ao marido: — Que me dizes tu d'esta senhora X... que se estadeia

com dous *chasseurs* atraz da carruagem? — Não são *chasseurs* — replicou o primeiro consul — são *braconniers*[1].

5. *Desejos*. Alguem disse a Menedemo, philosopho grego: — É ventura grande ter cada um quanto quer ter. — Maior ventura é estar cada um contente com o que tem. — Pedes aos deuses o que te parece bom — dizia Diogenes — e os deuses te fariam a vontade, se não houvessem piedade da tua estulticia. — Archelão, rei macedonico, offereceu grandes cabedaes a Socrates para o attrahir á côrte. Socrates respondeu: — A maquia da farinha é muito barata em Athenas, e a agua é de graça. Quem tem o preciso não desatina á cata de riquezas. — Phocio, atheniense celebrado, refusou as dadivas de Antipater. Aconselhou-lhe o principe que as aceitasse para seus filhos. — Se meus filhos pensarem honradamente — respondeu Phocio — terão que farte no que me abasta a mim; se forem d'outra indole, não lhes faltarão riquezas.

6. *Dever*. Huet, um dos homens mais insignes do seculo passado, sendo eleito bispo de Avranches, continuava a estudar infatigavelmente. Muitas vezes o procurára um aldeão da sua diocese para lhe fallar. Diziam-lhe sempre que sua excellencia estava estudando e não recebia. — Mas porque não nos mandaram bispo que já tivesse estudado? — dizia o camponez. — Indo pedir justiça a Philippe, rei da Macedonia uma mulher, o principe deferiu o exame da petição para outro dia, dando como escusa ir divertir-se. — Então deixe de ser rei — disse a mulher com vehemencia. — Philippe, abalado por semelhante invectiva, concedeu-lhe o pedido. — As damas, que assoalhavam suas joias diante de Cornelia, filha de Scipião, pediram-lhe que mostrasse as suas. Cornelia chamou os filhos, que ella criára esmeradamente para gloria da patria, e mostrando-lh'os, disse: — Os meus enfeites e galas são isto.

7. *Aduladores*. Os senadores pediam a Tiberio que pozesse o seu nome ao mez de novembro em que nascera, e representavam-lhe que já dous mezes eram nomeados, um *julho*, de Julio Cesar, outro *agosto*, de Augusto. Tiberio respondeu-lhes com esta phrase tão espiritnosa quanto discreta: — Que haviam de fazer os senhores senadores, se tivessem treze cesares? — Dyonisio, o Tyranno, fazia versos; e, como n'este genero, mais que nos outros, cada poeta se embelleza na sua obra, dava-se por mais honrado dos poemas que fazia que das façanhas militares que praticára. Os poetas, que elle acareava á sua aula, encomiavam-lhe os versos. Todavia, Philoxeno, famigerado poeta dithyrambico, inimigo de lisonjarias, disse ousadamente a Dyonisio que as suas poesias não prestavam; e para logo o rei ordenou que o levassem ao carcere. Porém, como, ao outro dia, toda a côrte pedisse o perdão de Philoxeno, o rei admittiu-o novamente á sua mesa, onde, como costumava, trouxe á pratica os seus poemas, elogiando-os, e ao mesmo tempo sondando a critica de Philoxeno ácerca de alguns trechos muito de seu sabor; mas, o consultado, em vez de responder, chamou os guardas, e exclamou: — Levem-me outra vez ao carcere. — Menécrato, medico famoso, que curava epilepticos, era tão jactancioso de seu saber, que levou a soberba ao arrojo de chamar-se Jupiter. Escrevendo um dia a Philippe, disse: — Menécrato a Philippe, perfeita felicidade! — Philippe respondeu: — Philippe a Menécrato, saude e juizo!

8. *Fontenelle, Frederico* II. Os homens são parvos e maus — dizia Fontenelle — mas taes quaes são, tenho de viver com elles, e muito a tempo me convenci d'isso. — Frederico II, assistindo um dia a uma missa cantada, celebrada por um cardeal, disse: — Os calvinistas tratam Deus como um servo, os lutheranos como seu par, e os catholicos como Deus. —

[1] Intraduzivel. *Chasseurs* (caçadores) são lacaios de libré apparatosa. *Braconniers* são *caçadores* que caçam a furto nas tapadas. Não temos homonymia que nos dê o sentido equivoco e chistoso das duas expressões.

N. do T.

Observando, em uma parada, que um official tinha um gilvaz, perguntou-lhe: — Em que taverna apanhaste isso? — Em Kolin — respondeu o official — onde vossa magestade fez as despezas (o rei tinha perdido a batalha). — Perdera um bispo grande parte dos seus redditos, em resultado da desmembração da Polonia. — Se S. Pedro — lhe disse Frederico — me recusar entrada no paraiso, espero que lá me leveis debaixo de vosso manto sem que ninguem dê fé. — Seria difficultosa cousa — replicou o bispo — porque vossa magestade dilacerou-me tanto a capa, que eu não seria capaz de esconder contrabando com ella. — Um official, pensando que o rei andava longe, foi passear, disfarçado, nos jardins de *Sans-souci*. Na revolta de uma alêa deu de rosto com o rei que o reconheceu. — Quem és? — lhe disse Frederico — Senhor, sou um official que ando aqui a passear *incognito*. — O rei desatou a rir, e disse-lhe: — Acautela-te que não te conheça o rei. — Havia elle mandado cunhar moeda falsa que nenhum cofre real queria receber. Certo padeiro queria pagar com aquella moeda o valor do trigo a um lavrador que a rejeitava a grandes gritos. O rei ia passando incognitamente: — Porque não queres tu este dinheiro? — perguntou elle ao aldeão. — E tu queres este dinheiro? — perguntou o lavrador. — E Frederico foi seu caminho.

9. *Honra*. Darío, rei da Persia, enviára ricos presentes a Epaminondas. Este illustre varão respondeu aos portadores das dadivas: — Se Darío quer ser amigo dos thebanos, não tem precisão de comprar a minha amizade; e, se outros são seus sentimentos, carece de riqueza bastante a corromper-me. — Um cabo de guerra foi mandado entreprender uma proeza perigosissima. Aventaram-lhe pretextos que o dispensassem de executar as ordens. — A vida posso eu salvar, mas quem salvará a minha honra? — respondeu elle.

10. *Mau humor*. Uma senhora de porte, como não lograsse obter de M. de Harlay, presidente do parlamento, uma graça, ficou muito agastada. Não obstante, elle quiz acompanhal-a á porta; e, como a dama se oppozesse, fingiu ceder. Sahiu ella resmoneando epithetos desabridos contra o honesto magistrado, sem dar tento de que elle a ia acompanhando; mas como em fim o visse ao voltar o rosto, exclamou: — Ah! v. exc.ª estava aqui?! — Sim, minha senhora; v. exc.ª diz cousas tão bonitas que eu não pude deixar de a seguir. — D'Aubigné estava deitado a par com o leito de Henrique IV e julgava-o adormecido quando disse a la Force, outro aulico: — Nosso amo é o mais villão e ingrato sujeito d'este mundo! — O outro, estrouvinhado com somno, perguntou-lhe que dizia. O rei, que não dormia, exclamou: — La Force, não ouves o que diz d'Aubigné? Diz que eu sou o mais villão e ingrato sujeito d'este mundo. — E, depois, Henrique IV nunca mais fallou d'este caso a algum dos dous. — Um mau pagador pediu vinte escudos de emprestimo a S. Francisco de Salles: — Esperai — disse o santo — aqui tendes dez: dou-vol-os, não vol-os empresto, e ganhamos ambos.

11. *Menospreço, má cara*. Este homem tem um exterior desgraçadissimo — dizia um palaciano, indicando um embaixador mal entrajado e de feia presença. — Como assim? — lhe responderam — aquelle homem tem cento e vinte contos de renda. — Oh! então aquelle homem é excellente creatura? — E foi d'alli logo desentranhar-se em amabilidades com a pessoa. — Um homem de côrte desdenhava dos agricultores. Perguntou-lhe Luiz XII qual era a cousa mais necessaria. — E' o pão — respondeu o fidalgo. — Então porque tratas descaroadamente aquelles que te dão o pão? — Uma senhora levou Pélisson a casa de um pintor, e, deixando-lho, disse muito sacudida: — *Feição por feição*. — Pélisson, um dos mais gentis espiritos do seculo de Luiz XIV, tinha cara disforme. Deixou-se ficar grandemente enleado, até que o pintor lhe disse: — Fui encarregado por esta dama de lhe pintar o

quadro da tentação de Jesus Christo no deserto. Por espaço de uma hora, discutimos a cara que haviamos de imaginar no diabo, e ella por fim resolveu que o snr. Pélisson me fosse o modêlo. — Jaime I pediu a Bacon o seu conceito ácerca de certo embaixador mais para brilho que para sagacidade. — E' um homem grande e bem apessoado. — Mas a cabeça? — tornou o rei. — Senhor — redarguiu Bacon — as pessoas muito corpulentas parecem-se muitas vezes com as casarias de quatro ou cinco andares, onde ordinariamente o ultimo andar é o peormente mobilado. — O inglez, fóra da sua ilha, é pessoa estimabilissima — dizia um embaixador francez a um lord. — Tem sobre v. exc.ª uma vantagem — replicou o lord — que é ser estimavel em alguma parte. — Uma senhora, escutando um mancebo extravagante que invectivava contra todas as senhoras, disse ás pessoas circumstantes : — Este mancebo não terá mãi? — De que servem n'este mundo tantos padres, tantos frades e tantas freiras? — E o senhor, de que serve? — perguntou alguem ao interrogador. — Esses que o senhor considera inuteis fazem n'este mundo o que o senhor devêra fazer e não faz.

12. *Urbanidade.* Malherbe, poeta celebre, mordaz e caustico por genio, sendo convidado a jantar em casa de um bispo, pregou-se a dormir depois de jantar como costumava. O prelado, que devia prégar, perguntou-lhe se ia ao sermão. — Não, senhor, que eu durmo bem sem isso — respondeu o poeta desabridamente. — Perguntaram um dia a Fontenelle como adquirira tanto amigo e nem um só inimigo : — Com estes dous axiomas : *Tudo póde ser*, e *toda a gente tem razão.* — Um sabio conhece o ignorante, porque foi ignorante, mas o ignorante não póde conhecer o sabio, porque nunca o foi. — Pensai duas vezes antes de fallar uma, e fallareis duas vezes com mais acerto—dizia Plutarco. — Quem falla, semeia ; quem escuta, colhe. — Uns que querem ter sempre razão, são quasi sempre pessoas desarrazoadas.—Quem principia a fallar interrompendo quem lhe está fallando, dá o mais relevante testemunho de bestidade que póde dar.

13. *Probidade.* Um mau homem affirmava o que quer que fosse com juramento. — Não é a juramentos que se presta credito : é á probidade — alguem lhe observou. — Agesiláo, rei de Esparta, cedendo á impertinencia de um vassallo, prometteu-lhe cousa que, depois de reflectir, lhe pareceu injusta. Passado tempo, disse ao espartano que não podia concederlhe o pedido por ser injusto. — Mas os reis — respondeu aquelle — só devem prometter o que tencionam cumprir. — E os vassallos só devem pedir aos principes o que elles podem conceder. — Um dos criados da camara de Luiz XIV pediu a seu amo que recommendasse ao primeiro presidente uma demanda que elle trazia com seu sogro. — Senhor, basta que V. M. diga uma palavra. — E, se tu estivesses no logar de teu sogro, quererias que eu dissesse essa palavra?— Incitavam a Socrates a pedir reparação de ultraje que um homem brutal lhe fizera. — Como assim? — disse Socrates — se um cavallo ou um burro me escouceassem, quereriam os meus amigos que eu os chamasse ao tribunal? — Segredavam a Julio Cesar que se tramava contra elle.—Melhor é morrer de uma vez que estar sempre em desconfiança — respondeu Cesar.

14. *Zombaria.* O governador de uma cidade pequena de França, encarregado de fazer uma allocução a Henrique IV, principiou assim : — Senhor, o gosto que temos ao vêr V. M. é tamanho, que... nós... que nós... — E ficou engasgado. — Sim — lhe disse o principe com bondoso semblante — o gosto que tendes é tamanho que... nem o podeis exprimir. — Um parvo escarnecia as orelhas d'um homem douto que eram grandes : — É verdade—respondeu a pessoa chacoteada— eu tenho orelhas grandes de mais para homem ; mas vossê ha de convir que as tem pequenas de mais para burro. — Eu antes quero não ter ra-

zão que tel-a á feição da vossa—dizia Boileau a Racine a proposito de certa zombaria muito caustica.

15. *Sobriedade*. Um rei da Persia enviou ao califa Mustaphá um medico habilissimo. Este, logo que chegou, quiz saber como se vivia n'aquella côrte. Responderam-lhe: — Aqui, quando ha fome, come-se, mas não se farta a gente. — Vou-me embora — disse o medico — não tenho que fazer aqui. — Perguntando um medico ao padre Bourdalone que regimen de vida observava, respondeu-lhe o padre que comia uma vez por dia. — Não faça publico o seu segredo—disse o medico — senão tira-nos a clinica toda. — Timotheo, cidadão illustre de Athenas, jantando em casa de Platão um frugal repasto com muito prazer seu, encontrou no dia seguinte o illustre philosopho, e disse-lhe: — Gosto muito dos vossos jantares porque a gente se acha bem no dia seguinte. — Artaxerxes, rei da Persia, derrotado em uma batalha, quando fugia, foi obrigado a comer figos e pão de rala, comidas grosseiras que lhe pareceram saborosas. E então exclamou: — Ó meu Deus, de que prazeres eu me tinha privado por demasia de delicadeza!—Se queres cear deliciosamente—dizia um philosopho—come um parco jantar. — Quem gasta de ante-mão o seu rendimento não fará a colheita.

16. *Vaidade*. Disse La Bruyère: — Quem muito se enfatua está fortemente convicto de que tem muito espirito: isto de ordinario succede a quem tem pouco, ou nenhum. — Alguem disse, um dia, ao doutissimo Vossio, cuja vasta erudição reluz em tantas obras, que toda a gente suppunha que em letras e sciencias nada lhe fosse desconhecido. — Está muito enganado — respondeu elle — eu não sei a quarta parte das cousas que muita gente pensa que sabe. — Um patarata muito enfatuado de sua pessoa, apresentou a uma senhora da alta sociedade o marquez de Thierceville: — Elle não é tão tolo quanto parece — disse elle, depois dos comprimentos do estylo.—E o joven marquez acrescentou logo: — Minha senhora, é a unica differença que se dá entre mim e este senhor.—Dizia alguem ao poeta Theophilo:—É pena que o senhor não seja um sabio, tendo tanto espirito! — E Theophilo respondeu: — É pena que o senhor não tenha espirito, sendo tão sabio.

17. *Agudezas diversas*. Diogenes, vendo uma vez um homem desastrado, exercitando-se a atirar o dardo, foi pôr-se ao pé do alvo, e como lhe perguntassem a razão d'aquillo, respondeu: — É porque tenho medo que me acerte em mim. — Um mancebo, a quem attribuiam o crime de haver envenenado o pai com um pastel, tratava Cicero com petulante soberba, ameaçando-o de vulgarisar contra elle toda a casta de insulto. Dizia-lhe então Cicero: — Antes quero isso de ti que o teu pastel. — Dizia Fabia Dolobella que só tinha trinta annos: — É tão verdade o que ella diz — dizia Cicero — que ha mais de vinte que lh'o ouço dizer. —Philippe, rei da Macedonia, tendo de sentenciar entre dous scelerados, depois de lhes ouvir as razões, ordenou, que um sahisse da Macedonia, e que o outro fosse atraz d'elle. Com esta chistosa sentença desterrou-os ambos.

Direcção. Custa a crêr quanto estes relanços formam a indole com as sahidas felizes que subtilisam o animo, e entram ao coração, afazendo o moço a observar-se interiormente e a conhecer-se por si mesmo. — Notarei sómente que estas agudezas não devem ser profusamente referidas, a fim de que os alumnos se não acostumem a ser zombeteiros, semsabores, seccos, e impertinentes. — Convém que estes trechos derivem naturalmente, e como accidentaes na lição ou na conversação; o que não obsta que o professor predisponha a occasião opportuna: com tal designio é que eu os ordenei em ordem methodica para coadjuvar gratamente a memoria. — Finalmente, não devem dar-se mais de dous ou tres; e se a lição entende com crianças, é bom aproveitar o ensejo de lhes contar a historia do homem de que se trata. Quanto a elles, a *agudeza* continuará

a interessal os no que depois se disser, e o professor tel-os-ha attenciosos sempre. — Percorridos todos aquelles traços, é bom dictar ás temporadas o artigo, que se decore, e exigir dos alumnos a historia dos personagens nomeados, ou uma amplificação de cada traço. (Veja PROVERBIOS. EPIGRAMMAS, HORACIO, MOLIÈRE, BOILEAU, LA FONTAINE, LA BRUYÈRE, e os de mais authores latinos).

AGUIA. (Veja (RAPINANTES).

ALABASTRO. (Veja CALCAREOS).

ALAMO. (Veja ULMACEAS).

ALAVANCA, BALANÇA. 1. A alavanca é uma hastea de ferro, de pau, ou de qualquer outra materia solida e resistente, destinada a mover fardos. Em theoria, a alavanca reduz-se a uma linha recta ou curva, inflexivel, sem peso, e movel ao redor d'um ponto fixo, submettido á acção de duas forças.

Ha tres cousas a considerar n'uma alavanca: *o ponto d'apoio:* as duas forças, uma obrando como *potencia*, a outra como *resistencia;* e as distancias do ponto d'apoio ás direcções das forças, que se chamam *braços da alavanca.* Um dos principios do equilibrio da alavanca é que as duas forças estejam entre si na razão inversa dos braços. Este principio é uma das immortaes descobertas de Archimedes, o qual exprimia enthusiasticamente toda a sua importancia por estas palavras memoraveis: «Dai-me um ponto d'apoio no espaço e uma alavanca, e eu moverei o mundo.» — Sabe-se quanto é importante o emprego da alavanca para o transporte dos fardos, pedras, etc.; não ha operario que desconheça as suas admiraveis propriedades. — Distinguem-se tres especies d'alavancas. Na alavanca de primeira especie, chamada inter-fixa, o ponto d'apoio está situado entre a potencia e a resistencia. Por exemplo: a balança commum, as tenazes, tesouras, etc. Na alavanca de segunda especie, chamada inter-resistente, está a resistencia entre o ponto d'apoio e a potencia. Por exemplo: as barras de ferro de que usam os cavouqueiros, os remos d'um barco, o pedal do piano, etc. Na alavanca de terceira especie, chamada inter-potente, está a potencia entre o ponto d'apoio e a resistencia. Por exemplo: as pinças, o pedal do amolador, etc.

Para que a alavanca fique em equilibrio, é necessario que se verifiquem as condições seguintes: 1.ª que as duas forças existam no mesmo plano passante pelo ponto d'apoio; 2.ª que tendam a fazel-a girar em sentido contrario; 3.ª que estejam entre si na razão inversa dos braços da alavanca. Esta ultima condição póde enunciar-se como se segue: que os *momentos* das duas forças em relação ao ponto d'apoio, sejam iguaes; designando a palavra momento em mechanica um producto d'uma força por uma distancia. Demonstram-se experimentalmente estas leis do equilibrio da alavanca, por meio da *alavanca arithmetica*, instrumento imaginado por Domingos Cassini, e aperfeiçoado por Delaunay.

Quando a alavanca é recta e as forças que a solicitam são parallelas, as condições de equilibrio reduzem-se á ultima. N'este caso, as distancias do ponto d'apoio ás direcções das forças são proporcionaes ás distancias, contadas sobre a propria alavanca, dos pontos d'applicação das forças ao ponto d'apoio; as quaes, por consequencia, substituem aquellas: são os braços da alavanca propriamente ditos.

Se os braços são iguaes, as forças devem ser iguaes para que se dê o equilibrio. — São indispensaveis estas noções para comprehender o mechanismo das *balanças.*

2. A *balança commum* compõe-se essencialmente d'uma alavanca de primeira especie, chamada *travessão*, cujo ponto d'apoio está collocado ao meio. Os braços da alavanca são iguaes em peso e comprimento. Ás extremidades estão suspensos, por meio de cordas ou cadeias, duas bacias ou pratos, n'um dos quaes se colloca o corpo que se pretende pesar, e no outro

as unidades de peso necessarias para lhe fazer equilibrio. Para que uma balança seja exacta, é necessario que satisfaça as duas condições seguintes: 1.ª que as distancias do ponto d'apoio do travessão aos pontos de suspensão dos pratos sejam iguaes; 2.ª que, quando a balança se acha vasia, o travessão tenha a posição horisontal. Para apreciar com rigor esta horisontalidade, uma agulha, chamada *fiel da balança*, disposta perpendicularmente sobre o travessão, exactamente por cima do eixo, desce ao longo do pé do instrumento e a sua extremidade inferior percorre um pequeno arco circular dividido em partes iguaes, durante os movimentos d'oscillação do travessão. O zero d'esta divisão corresponde á posição vertical da agulha, e, por conseguinte, á horisontalidade do travessão. Depois de ter reconhecido que o travessão se sustenta bem horisontal quando a balança está vasia, para conhecer se a primeira condição se verifica, procede-se do modo seguinte: collocam-se pesos nos pratos escolhidos de maneira que o travessão fique horisontal; depois mudam-se estes pesos d'um prato para o outro, e, se o travessão não perder a sua horisontalidade, haverá a certeza que aquella condição se verifica; e a balança será exacta. Com effeito: se os braços da alavanca fossem desiguaes, os pesos collocados nos pratos, e que se achavam em equilibrio, obrando ás extremidades d'estes braços, deveriam ser tambem desiguaes, correspondendo ao maior peso o menor braço e ao menor peso o maior braço; trocando a collocação d'estes pesos, teriamos feito obrar sobre o maior braço o maior peso e o menor peso sobre o menor braço, o que tornava impossivel o equilibrio na nova posição dos pesos, e por consequencia o travessão não teria conservado a horisontalidade. Esta importante condição da igualdade dos braços da alavanca da balança é impossivel attingil-a na pratica com todo o rigor. Porém, quando a determinação do peso dos corpos seja exigida com muita exactidão, podemos tornal-a independente da igualdade dos braços da balança. Emprega-se para esse fim o methodo de *dupla pesagem* que póde ser praticado por dous processos differentes. O primeiro, devido a Borda, consiste em collocar o corpo que se pretende pesar n'um dos pratos da balança, equilibral-o perfeitamente com grãos de chumbo ou areia, collocada no outro prato, e substituir depois o corpo por pesos conhecidos que de novo estabeleçam o equilibrio; então estes pesos representam exactamente o peso do corpo, pois que obrando ambos nas mesmas circumstancias fazem equilibrio á mesma força: assim teremos obtido rigorosamente o peso do corpo, qualquer que seja a desigualdade dos braços da balança. O segundo processo, que não é mais longo, faz conhecer ao mesmo tempo a relação dos braços. Consiste em collocar o corpo que se pretende pesar n'um dos pratos da balança e equilibral-o com pesos conhecidos; recomeça-se a experiencia collocando o corpo no outro prato e equilibra-se tambem por meio de pesos: o peso exacto do corpo é a media proporcional entre os pesos determinados pelas duas experiencias. Quanto aos braços estão na mesma razão que as raizes quadradas dos pesos que, em cada experiencia, foram collocados no prato correspondente ao braço opposto. A balança commum é a unica que póde ser empregada para determinar com rigor o peso dos corpos. No commercio e na industria em que não ha mister de tanta exactidão, empregam-se outros systemas. Um dos mais simples é a *balança romana*, que consiste em uma alavanca recta de primeira especie de braços desiguaes, por meio da qual um peso unico, movel ao longo do braço maior, pesa os corpos, collocando-o a distancias convenientes do ponto de suspensão. — A *balança de Quintenz*, que toma o nome do seu inventor, é muito empregada no commercio e para pesar as bagagens nos caminhos de ferro. Em francez é muitas vezes chamada *bascule*.

ALBUMINA. (Veja Neutros).

ALBUQUERQUE (Affonso de), filho do grande Affonso de Albuquerque. Natural de Alhandra. 1500-1580. E' author dos *Commentarios de Afonso Dalboquerque, capitão geral & governador da India*, publicados em 1557 pela primeira vez. É considerado bom classico, e ainda melhor authoridade nas cousas historicas da India.

ALBY. (Veja Languedoc).

ALCALIS. (Veja Oxydos).

ALCAXOFRA. (Veja Cinareas).

ALCIBIADES. (Veja Quinto seculo).

ALCOOL. (Veja Fermentação).

ALECRIM. (Veja Alfazema).

ALEGRIA. 1. «A alegria é a mãi das graças... Mais ajustada á nossa fraqueza que o jubilo, a alegria faz-nos confiados e afoutos, dando relevo ás mais insignificantes cousas.» (Vauvenargues).—«O segredo da vida alegre e contente é estar em paz com Deus e com a natureza.» (Pascal). —«A alegria demanda uma especie de candura e boa fé, como tudo que é sublime.» (De Barante). — Não ha povo mais alegre no mundo que o francez. Na refrega das pelejas, e nas maiores fadigas, privações, padecimentos e completo desamparo, quem não viu a alegria franceza desferir-se radiosa, por agudezas electricas, nas fileiras dos nossos soldados bisonhos, voar de bocca em bocca e expandir-se em alegres cantilenas que illudem a dôr do momento? Se em alguma parte a alegria é pura, desinvejosa e sem nuvens, é na choça humilde, após o lavor dos campos; é no lar modesto onde se cosinham alimentos simples e restauradores; é nas festanças aldeãs, onde se mescla infancia e velhice, e onde por vezes os mais alegres são os mais pobres.

2. É sempre grande o prazer de mãi que vê seu filho. Que esse sentir feliz transluza sempre que se encontrem; que mil alegres sobresaltos, mil gracejos candidos, mil brinquedos bem concertados, acompanhem sempre os cuidados que a infancia pede: que haja um como continuado recreio entre mãi e filho; que em presença do pai, esse enlevo continue e redobre: sendo assim, a criança ha de sempre sorrir ao vêr seus paes, e a indole sahir-lhe-ha alegre e prazenteira. Que o menino presenceie a dôce harmonia da familia, entretida em actos agradaveis e não em cuidados penosos, como os que procedem da sordida cubiça do lucro, da sêde ardente de brilhar, da ambição irrequieta e tantas vezes mallograda: sendo assim, a *alegria* da criança irá progredindo. Não é sómente signal de felicidade a alegria: é tambem a conductora da satisfação alheia. Quem a tem vê tudo pela melhor face, é indulgente com a sociedade á qual se identifica pelo coração.

ALENÇON. (Veja Normandia).

ALEXANDRE. (Veja Quarto seculo).

ALEXANDRE SEVERO. (Veja Terceiro seculo).

ALEXANDRIA. (Veja Egypto).

ALFACE. (Veja Synanthereas).

ALFAZEMA. (Veja Labiadas).

ALGA. (Veja Acotyledonias).

ALGEBRA (do arabe *al-djaber*, sciencia das restituições). Os numeros, como os outros objectos dos conhecimentos humanos, podem ser considerados em particular e em geral; isto é, nos *factos*, como na arithmetica, e nas *leis*, como na algebra. A algebra, com effeito, tem por objecto tratar d'um modo geral as questões relativas aos numeros. Para este fim, representam-se por letras as quantidades conhecidas e as desco-

nhecidas, e por meio dos signaes $+ - : \times =$, já empregados em arithmetica, e d'alguns outros, escrevem-se d'um modo abreviado as relações entre os dados e as incognitas. Depois transformam-se estas relações em outras que dão a solução do problema. Estas ultimas são formulas geraes indicando os calculos que se hão de effectuar com os dados para obter os valores das incognitas. — Em vez de empregar o signal $\times$ para indicar multiplicação, escrevem-se, as mais das vezes, os factores adiante uns dos outros sem interposição de signal: $a \times b \times 3$, escreve-se $3ab$; $a+a+a+a+a$, que representa a addição de cinco numeros iguaes, isto é, o numero a repetido cinco vezes, escreve-se $5a$. Semelhantemente, $11a$ exprime a addição de onze vezes o numero a, ou $a \times 11$; $12ab$, a addição de doze numeros iguaes ao producto de a por b, ou $12 \times a \times b$. Percebe-se que este modo abreviado não convém quando os factores são numericos; porque, querendo representar o producto, por exemplo, de 5 por 6 se escrevessemos 56, confundir-se-hia com o numero cincoenta e seis. Nos exemplos citados: $3ab$, $5a$, $11a$, $12ab$, os numeros 3, 5, 11 e 12, que indicam quantas vezes se deve tomar a letra ou o producto litteral, tomam o nome de *coefficiente*. O parenthesis ( ) exprime o resultado das operações indicadas dentro d'elle; os signaes que affectam o parenthesis indicam as operações que com esse resultado se tem de effectuar. Por exemplo: $(a+b)(x-5)$ indica o producto da somma das quantidades a e b pela differença das quantidades x e 5. — Em vez de $a \times a \times a \times a \times a$ ou $a.\ a.\ a.\ a.\ a$, escreve-se simplesmente a^5, que se lê: a elevado á quinta *potencia*, a elevado a cinco, ou mais concisamente *a cinco*. O numero que exprime quantas vezes uma quantidade deve entrar como factor n'um producto, denomina-se *expoente*, que se não deve confundir com o coefficiente. Assim, $5a$ significa que se deve repartir a cinco vezes, em quanto que a^5 exprime que o numero a deve ser multiplicado, não por 5, mas por si mesmo cinco vezes, o que é mui differente. Para dar uma idéa da importancia do expoente e coefficiente em algebra, supponhamos que se quer exprimir um producto composto de quatro factores iguaes a a, de tres factores iguaes a b e de dous factores iguaes a c, escreveremos $a^4b^3c^2$, em vez de *aaaa bbb cc*. Supponhamos agora que se quer exprimir que este resultado deve ser repetido sete vezes ou multiplicado por 7, escreveremos $7\,a^4b^3c^2$. Isto dá uma idéa da concisão da linguagem algebrica. — Uma expressão algebrica é um conjuncto de letras ou letras e numeros ligados entre si por meio de signaes. A expressão é *racional*, quando não contém o signal de raiz tal como $\sqrt{\ }$, $\sqrt[3]{\ }$, etc., que indicam a extracção d'uma raiz quadrada, cubica, etc.; no caso contrario, é *irracional*. É *inteira*, quando além de racional não contém indicação de divisão; no caso contrario, é *fraccionaria*. N'uma expressão algebrica as differentes partes separadas pelos signaes $+$ ou $-$ denominam-se os *termos* da expressão. Por exemplo: a expressão $2a^2b - 3ab^2 + 5b^3$ tem tres termos. Uma expressão algebrica é *monomio* quando tem um só termo, *binomio* tendo dous, *trinomio* tendo tres, *polynomio* tendo um numero qualquer. Ha quatro elementos distinctos n'um monomio: 1.º O signal de que está affectado, o qual póde ser $+$ ou $-$. Quando o monomio não tem signal, subentende-se que é o signal $+$; os monomios affectados do signal $-$ são *negativos* por opposição aos primeiros chamados *positivos*. 2.º O coefficiente. Quando o monomio não tem coefficiente, subentende-se que é a unidade. 3.º As letras que representam os differentes factores. 4.º Os expoentes que affectam essas letras. Quando uma letra não tem expoente, subentende-se que é a unidade. Chama-se *grau* d'um monomio inteiro, á somma dos expoentes de todas as letras que contém. Por exemplo: $5\,a^3b^2x$ é um monomio do sexto grau, porque $3+2+1=6$. Grau d'um polynomio

é o grau mais elevado dos seus differentes termos. Um polynomio diz-se *homogeneo* quando todos os seus termos são do mesmo grau: este grau é o *grau de homogeneidade* do polynomio. *Ordenar um polynomio* em relação a uma letra é dispôr os seus termos de modo que os expoentes d'essa letra vão sempre augmentando, ou diminuindo. Esta disposição dá mais symetria aos calculos e facilita as verificações. A letra em relação á qual o polynomio está ordenado, chama-se *letra principal*. Por exemplo: o polynomio $3\,ab^3 - 5\,a^2b^2 + 4\,a^3b - 6\,a^4$ está ordenado em relação ás potencias crescentes da letra a, e em relação ás potencias decrescentes da letra b; e é um polynomio homogeneo do quarto grau. O *valor numerico* d'um polynomio é o numero que resulta quando se substituem as letras pelos numeros que ellas representam, e se effectuam as operações indicadas pelos signaes. O valor numerico d'um polynomio não muda qualquer que seja a ordem dos seus termos, comtanto que se lhes conservem os respectivos signaes. — Para apreciar as vantagens do emprego dos signaes na resolução dos problemas, como meio de abreviação, e das letras, como meio de generalisação, resolveremos o problema seguinte: *Determinar dous numeros, cuja somma seja 67, e a differença 19.* Seja x o numero menor; $x+19$ será o maior. Equação: $x+x+19$ ou $2\,x+19=67$, que se reduz a: $2\,x=67-19=48$; d'onde se tirará $x=\frac{48}{2}=24$, e, por consequencia, $x+19=24+19=43$. Verificação: $43+24=67$, $43-24=19$. Por outro modo. Seja x o numero maior; $x-19$ será o menor. Equação: $x+x-19$ ou $2x-19=67$, que se reduz a: $2x=67+19=86$; d'onde se tirará $x=\frac{86}{2}=43$, e, por consequencia, $x-19=43-19=24$.

Generalisação do problema: *Determinar dous numeros, cuja somma seja a, e a differença b.* Seja x o numero menor; $x+b$ será o maior. Equação: $2x+b=a$, que se reduz a $2x=a-b$; d'onde se tirará $x=\frac{a-b}{2}=\frac{a}{2}-\frac{b}{2}$, e, por consequencia,

$$x+b=\frac{a}{2}-\frac{b}{2}+b=\frac{a}{2}+\frac{b}{2}.$$

Resulta d'aqui: que dada a somma e a differença de dous numeros, obtem-se o numero maior, ajuntando á semi-somma a semi-differença, e o menor subtrahindo da semi-somma a semi-differença.

As expressões, $\frac{a}{2}+\frac{b}{2}$ e $\frac{a}{2}-\frac{b}{2}$, que obtivemos tratando o problema d'um modo geral, denominam-se, em algebra, *formulas*, porque contêm as soluções de todas as questões congeneres; isto é, de todas as questões cujos enunciados só differem pelos valores numericos dos dados. (Veja EQUAÇÃO).

Direcção. Questões e exercicios na pedra sobre o emprego dos signaes, coefficiente, expoente, monomios, polynomios; e solução de problemas analogos a este ultimo. — Os alumnos que tiverem sido bem cedo habituados a effectuar e a simplificar as formulas arithmeticas não experimentarão nenhuma difficuldade.

ALGODOEIRO. (Veja MALVACEAS).

ALLEMANHA. 1. «A Allemanha offerece ainda algumas feições de natureza agreste. Desde os Alpes até ao mar, entre o Rheno e o Danubio, vê-se um solo coberto de pinheiraes e carvalheiras, golpeado por torrentes de aprazivel belleza, e cavado de serranias de magestoso aspecto. No entanto, os vastos areaes e gándaras, as estradas quasi intransitaveis no geral, a severidade do clima, assombram-nos tristemente a alma; e, só depois de longo decurso no paiz, descobrimos attractivos que lá nos prendam. O sul da Allemanha é primorosamente agricultado; sem embargo, em meio das mais formosas

estancias do paiz, ha o que quer que seja pesado que induz mais ao trabalho que ao contentamento, e nos faz pensar mais nas virtudes dos habitantes que nos enlevos da natureza. As reliquias dos castellos que se divisam nos cabeços das serras, as casas construidas de barro, as janellas estreitas, as neves que durante o inverno acamam nas planicies sem horisonte, causam impressão penosa. Ha ali um silencio de natureza e de homens que confrange o coração. Parece que lá o tempo se move mais lento que nas outras partes; que a vegetação não se dá mais pressa no solo do que as idéas no cerebro dos homens, e que os sulcos pautados do lavrador são abertos sobre uma terra inerte. Não obstante, quem logrou vencer estas reflexões irreflectidas, vê depois que o paiz e os habitantes, bem observados, dão interessantes e praticos estudos. Como que sentimos estarem-se aquellas campinas aformosentando de almas e phantasias dulcissimas. As estradas reaes são marginadas de arvores fructiferas, com que os viandantes se refrigeram. As paisagens que orlam o Rheno são quasi sempre esplendidas: dir-se-hia que este rio é o genio tutelar da Allemanha. As regiões, que elle rega, verdejam a um tempo tão graves e variadas, tão ermas e ferteis, que no dá tentação de crêr que é elle mesmo quem as cultiva, e que os homens entram por cousa nenhuma n'aquelle espectaculo... As cidades, quasi todas, são bem construidas de casas que os seus proprietarios decoram com certo esmero em que reluz condição honesta. O exterior dos edificios é pintado varivegadamente, com figuras de santos, e variados ornatos, cujo gosto de certo é mediocremente fino, mas que alternam o aspecto das habitações, e parecem significar benevolo desejo de agradar aos de casa e aos forasteiros. O esplendor do palacio serve á vaidade de quem o possue; porém, a decoração esmerada, o alfaiamento e a grata contextura das casinhas aconchegadas, tem o que quer seja de hospitalidade.» (M.me de Staël).

2.º «Logo que observamos a classe immediata á intima — diz Madame de Stael—facilmente nos compenetram os do viver intimo e poesia de alma dos allemães. Succedeu-me entrar em pobres casas denegridas pela fumaça do tabaco, e ouvir não só a dona, mas tambem o dono da casinha improvisarem no piano, como os italianos improvisam poetando... Os estudantes divagam nas ruas, em dias feriados, cantando psalmos em côro. Estava eu em Cisenach, cidade pequena da Saxonia, em um dia frigidissimo de neve que cobria as ruas. Vi então um rancho de moços encapotados de preto que percorriam a cidade cantando louvores ao Senhor. Não havia na rua viva alma, exceptuados elles; porque o rigor dos chuveiros afugentava tudo; e aquelles cantares, harmoniosos como os do Meio-dia, escutados em face de natureza tão aspera, davam na alma rebates de ternura. Os moradores da terra, com tamanho frio, não ousavam abrir as gelosias; mas, ao través das vidraças, entreviam-se rostos severos ou melancolicos, viçosos ou encanecidos, que recebiam agradavelmente as consolações religiosas que sahiam de aquella suave melopeia.» — «Por via de regra, anda falsamente avaliado o caracter allemão. Julgam-no pesado, sempre reflexivo, e avesso ao prazer. Não é nada do que se pensa. Todas as classes gostam da alegria e não perdem lanço de a gozar. Em Vienna, Munich e Berlim, ha salões onde se reune a sociedade distincta; no campo, ha quintas, onde essa sociedade vai estivar na estação dos prazeres campesinos; não ha delicia a que se não dê nos turbilhões de suas festas. Olhem-me esses burguezes e artistas á volta de uma banca, abeberando em cerveja o pão e os rabanêtes, em quanto, ao compasso de uma orchestra estridente, as filhas, irmãs, e até as esposas, vão redopiando em sarabandas e galopadas. Não se passa de noite, nos arrabaldes de qualquer cidade, por entre casalejos, sem ouvir musica, accessorio forçado de todos os pontos de assembléa. O mesmo

acontece nas cidades e aldeias, nos palacios e nas choças. Em toda a parte se cuida em gozar, movimento em tudo, alegria em todos, ás avessas d'aquellas physionomias ordinariamente carrancudas, d'onde provém ao observador admirar-se quando encontra tanta vida em um povo que se lhe figurava, ao primeiro aspecto, apathico e aborrido.» (D'Haussez, *Alpes e Danubio*).

Direcção. Dictar as duas lições por quatro vezes, e fazer decorar o fragmento que serviu de exercicio orthographico. — Póde tambem lêr ou expôr as duas lições, fazendo depois que os alumnos desenvolvam este bosquejo: Aspecto da Allemanha. Primeiras impressões. Rheno. Aspecto das cidades.—Costumes dos allemães. Indole dos allemães.

ALMA e INSTINCTO. 1. A nossa alma tem uma só fórma simplissima e immutavel: é o pensamento. Não podemos comprehender a nossa alma senão pelo pensamento. Esta fórma não é divisivel, não tem extensão, nem impenetrabilidade, nem materia: logo a substancia d'esta fórma, a alma é indivisivel e immaterial. Pelo contrario, nosso corpo e todos os outros corpos tem muitas fórmas; e cada uma d'essas fórmas é composta, divisivel, variavel, destructivel. Dá-se a mesma differença em todas as faculdades da alma comparadas ás do corpo, e ás propriedades mais essenciaes da materia. (Buffon). Em resumo, o entendimento é a alma que percebe; a sensibilidade é a alma que sente; a memoria é a alma que se lembra; a imaginação é a alma que coloreia; o juizo é a alma que discerne com acerto; a vontade é ainda a alma que escolhe. (Dr. Descuret). O homem está todo completo em sua alma; para saber o que é e o que deve fazer, é mister que elle se veja em sua intelligencia, n'aquella parte da alma onde brilha um raio da sabedoria divina. (Platão). É universal o imperio da alma: do fundo das masmorras póde elevar-se até ao céo. (Napoleão I). A alma enferma é desgraçada como o corpo que adoece: as paixões são as doenças da alma; a razão é a saude d'ella... O escopo de toda a sabedoria é a felicidade da alma. Não poderá ahi leval-a quem a não manteve em estado de justiça, paz e socego, ao través das agitações do mundo, e tempestades da vida. (Conde de Ségur).—«Os deleites mentirosos e o estremecer voluptuoso, deixam na alma fermentos de amargura e um torpôr acerbo; o sentir nobre e virtuoso enche a alma de jubilos puros, e forças novas. O tedio e o desgosto são o agro quinhão da alma devotada aos prazeres sensuaes; uma candida alegria vem de par com os prazeres do espirito, que nunca o fatigam nem lhe dessedentam o puro desejo. Em fim, a alma do homem, ebria de prazeres, está como devorada de febres; passado o ardôr do accesso, descahe no mais profundo abatimento. A alma do sabio póde entregar-se sem resalva ás delicias da verdade e da virtude; vicissitudes amargas não as tem; força e tranquillidade são-lhe sempre iguaes. Tão contrarios effeitos arguem causas diversas: as sensações dependem das imperfeições da materia, que lhes influem na formação; os sentimentos, por que são perfeitos, inculcam que procedem sómente do espirito. São tão bastos e elevados os sentimentos do coração do homem, que só Deus póde abalisal-os. Que se dê a um só homem toda a sciencia que os outros homens tiveram; que a sociedade toda, abdicando de si mesma, se reporte a elle só; que a natureza se anime e esforce por enriquecel-o dos seus dons mais raros; que esse privilegiado mortal colha a flôr de todos os prazeres, e cinja a fronte com o diadema de toda a terra; que sei eu? que elle impere sobre milhares de mundos, não é bastante! Que milhares de mundos o adorem, estará cheio e contente o coração do homem? Não: ainda haverá n'essa alma um fermento de dessocego e tristeza, um vacuo infinito. Que lhe falta pois? Falta-lhe tudo, em quanto não tiver Deus.» (*A verdadeira philosophia*). Parecem-me de-

monstrados assim o destino, a grandeza, e a natureza de nossa alma. Figura-se-me — diz um author celebre — que a philosophia, querendo provar que a materia pensa, demonstrou que os philosophos não pensam nada.

2. «A propria natureza tacitamente nos attesta a nossa immortalidade; não sei d'onde isto vem, mas é certo que um presagio de vida futura está ligado á alma do homem. Consoante ao pensar de todas as nações, crêmos na immortalidade. Este presentir, esta idéa de immortalidade, existe e fulgura com maior esplendor nos mais insignes genios, e nas mais egregias almas.» (Cicero). — «Quando outra prova eu não tivesse da immortalidade da alma, senão o triumpho que alardeia o mau, e a oppressão que arrasta o justo n'este mundo, isto só me esquivaria de duvidas. Tão manifesta contradicção, e flagrante desaccôrdo na harmonia universal, me impulsaria a resolver o paradoxo. Eu diria: «É que farte provado que existe Deus; para a virtude desgraçada não póde acabar tudo na sepultura.» (J. J. Rousseau). O que é a morte do corpo? Uma dissolução dos orgãos cujos elementos, que a força vital continha aggregados, se dispartem, separam, e cahem sob as leis da natureza inanimada; ora, a minha alma, que não é composta de partes, não póde dissolver-se, e só um acto particular do poder divino poderia destruil-a assim como pôde creal-a, independente das leis da destruição. De mais d'isso, basta lêr o Evangelho para nos convencermos deliciosamente d'este dogma sublime da immortalidade.

3. Mas os animaes tem alma tambem? Se elles dão indicios de raciocinio, tem pelo conseguinte alma indestructivel: e esta alma que destino tem? Passará por alguma transmigração? Será aniquilada? A mais douta resposta que póde dar-se a isto é tambem a mais breve: não sei. Mas o que eu creio saber é que, ainda presuppondo no bruto um espirito, uma alma, sei que esta não está sujeita ás mesmas leis moraes da minha; sei que não faz idéa d'um legislador supremo; parece tão sómente formada para funcções machinaes; e por isso que não conhece o que é a virtude propriamente dita, tambem não é capaz de merito nem de recompensa: logo esta alma não está na mesma plana e no mesmo systema da minha. — «D'onde é que vem a uniformidade de todas as operações dos animaes? Por que é que a mesma especie faz sempre a mesma cousa e da mesma maneira? E por que é que cada individuo não a faz melhor nem peor que outro individuo? Querem mais convincente prova de que suas operações são apenas resultados mechanicos e puramente materiaes? Por quanto, se elles tivessem a minima faisca da luz que nos alumia, vêr-se-hia, pelo menos, variedade no trabalho de cada individuo da mesma especie; mas não — trabalham todos pelo mesmo molde; a pauta dos seus actos está marcada em toda a especie; não pertence ao individuo. E quem quizesse attribuir alma aos animaes, corria-lhe obrigação de fazer uma só para cada especie, da qual cada individuo participaria igualmente. Tal alma seria necessariamente divisivel, por consequencia material e differentissima da nossa.» (Buffon, *Historia natural*, Livro IV).

4. «Qual ente de sobre a terra, tirante o homem, sabe observar os astros, medir, calcular, prever-lhe todos os movimentos e resultas, e alliar, para assim dizer, o sentimento da existencia commum ao sentimento da sua existencia individual? Se eu sou o ente unico que sabe referir tudo ao homem, serei irrisorio se penso que tudo foi feito para mim? É indubitavel que o homem é o rei da terra que habita; porque não só subjuga os animaes e dispõe, com sua industria, dos elementos; senão que só elle sabe dispol-os na terra, e se apossa, mediante a contemplação, dos proprios astros que não póde avisinhar. Mostrem-me na terra outro animal que saiba usar do fogo, e admirar o sol. Pois que! se eu posso observar e conhecer os seres, e suas correlações; se posso perceber o que seja ordem,

belleza e virtude; se posso contemplar o universo, e exalçar-me até á mão que o rege; se posso amar o bem e pratical-o, hei de comparar-me ás bestas! Ó alma abjecta! debalde queres aviltar-te! contra os teus principios sabe a tua consciencia repugnando-os; o teu coração bemfazejo desmente essa doutrina, e o proprio abuso de tuas faculdades prova a excellencia d'ellas, apesar de ti mesmo.» (J. J. Rousseau). O instincto é congenial, anterior á educação, cego, uniforme, invariavel, e circumscripto a uma ordem especial de factos. Esta é a extrema que o separa dos actos filhos da intelligencia, que são fructos da pratica e reflexão, variantes com os individuos, applicaveis ás mais diversas circumstancias. Por instincto é que a abelha edifica os seus favos, que os castores rebocam os seus açudes, que a andorinha tece o seu ninho, e o rebusca passado um anno de ausencia; que a sarigueia defende os filhos do menor perigo no sacco ventral. Em fim, o instincto ou alma dos animaes é uma propensão interior que os impelle a executar certos actos sem intenção, e a empregar sempre os mesmos meios, sem nunca pensarem na invenção de outros, nem conhecerem a relação d'esses meios com o fim.

Direcção. Com quanto a infancia seja impropria a raciocinar, é todavia preciso, sem constrangel-a, dirigir-lhe suavemente o primeiro exercicio de sua razão ao conhecimento de Deus, e ao conhecimento do homem. Convém persuadir os meninos temporãmente das verdades christãs, sem lhes interpôr assumptos duvidosos. Mais ao diante se lhes darão as tres lições referidas, habituando-os a resolver as objecções graves que possam ser-lhes feitas na sociedade, e d'este modo devem consolidar-se-lhes as crenças. A primeira lição poderá ser dictada, e decorada em seguida. As outras devem ser lidas, e resumidas depois pelos alumnos.

ALMEIDA GARRETT (João Baptista, visconde de). Nasceu no Porto a 4 de fevereiro de 1799, e morreu em Lisboa a 10 de dezembro de 1854.

Pelas verdejantes collinas de Gaya lhe madrugaram as primeiras affeições da alma com que as musas, por mais lacrimosas que se queixem, brincam e sorriem. Por grades de mosteiros poetava o ardente academico aquelles amoraveis sonetos que elle, já no outono da vida, dava á estampa, Deus sabe com que saudades!

Por Coimbra, era o travesso Garrett o mais esperançoso d'essa pleiade de vates, abrazados em amor á liberdade, cantando-a sempre, agourando-a nos carmes, como o mantuano em Roma, a boa nova da regeneração humana.

O *Retrato de Venus* nasceu por esses tempos, já scintillante de originaes bellezas, já aproando para porto livre de pensamento e phrase, já minando os alicerces do velho edificio arcadico, que, mais tarde, devia esboroar-se sob os cimentos do *Camões*. Ahi nasceram tambem as primeiras tragedias, e d'essas vingou para a posteridade o typo da liberdade, o ardido *Catão*, que parece esculpido em bronze.

Exulando por estranhas terras, a lyra de Garrett retemperou-se na desgraça. A providencia dos grandes genios compensára-lhe em vigor de talento o que as saudades, a pobreza, e o desconforto lhe afrouxavam na alma. Na *Lyrica* de João Minimo, nas *Flores sem fructos*, em todo aquelle vergel de flôres peregrinas, abrindo-se em sorrisos de esperança, ou desbotando ao amarellecer da saudade, faz gosto e mágoa vêr a historia do coração humano tão lealmente contada áquelles que a entendem. Coração assim, como não amaria sempre? Cordas afinadas pela musica dos anjos, como as da lyra do grande cantor, destemperam já quando a mão da morte, primeiro que a do desengano, passou por ellas, tirando os ultimos sons como um dobre final.

Fôra sempre amor a vida de Garrett. Natercia vivia-lhe no coração, e Luiz de Camões nas dôres, nas penurias, e nas desesperanças. De estra-

nhas praias, circumvagava os olhos pelos horisontes do oceano, e o desterrado de Macau segredava-lhe o verbo pungente da saudade. O *Camões* é a intuição das penas acerbas que exulceraram a alma do maior portuguez do seculo XVI, já quando o desalento lhe não dava peito para o gemido. Se haverá um raio de luz eterna para essas duas almas, que tanta luz irradiaram na sua patria!...

O que era o drama em Portugal antes de Almeida Garrett?

Enxabido plagiato da musa hespanhola e italiana, desgraciosas versões do francez, cousa descaracterisada, desnaturalisada, sem que os malfadados arranjadores dramaticos podessem ater-se a um molde de cunho. Gil Vicente era apenas um marco na litteratura patria; d'esse ponto para os seus successores não havia transição logica nem natural.

Garrett creou a comedia, creou o drama, creou a tragedia, trajou-as de galas que pareciam novas pelo feitio, mas que estavam congenitas no genio da lingua e costumes nacionaes. Quanto mais longe da arte restringente e falsificadora do sentir ingenuo, mais perto da natureza e verdade florescia o engenho do author de *Gil Vicente* e *Alfageme*. Quando reinava o dispauterio absurdo da escóla romantica, e os dramaturgos de mais futuro em Portugal remedavam com desnatural esforço a innovação franceza, Almeida Garrett protestava em *Fr. Luiz de Sousa*, em *Philippa de Vilhena*, e *Sobrinha do Marquez* contra os talentos desgarrados da trilha por onde se havia de attingir a emancipação do nosso theatro. Não se mallogrou de todo o exemplo e a censura. Os discipulos de Garrett houveram pejo de servir á populaça as iguarias requentadas, delicias de paladares estragados. Invasou-se a lingua classica em modernos moldes. Não podia ser completa a restauração, nem seguido á risca o exemplo; todavia, raro dramaturgo de consciencia ha ahi que não invide todo o seu poder de espirito e coração por aproximar-se dos exemplares que o mestre herdou aos sacerdotes da scena.

Garrett dera-se pouco a dramatisar a vida contemporanea. Afiguravam-se-lhe por ventura mesquinhas e vulgares as paixões em que anda trabalhada e vascolejada esta sociedade, arremêdo de outra, que se não dá comnosco. Bem podera elle, com o vasto saber que tinha da alma humana, e experiencia da vida, dar-nos a pintura de tremendas angustias, e severas lições; não o fez, nem no drama nem no romance; é que, nas paixões, em que andamos travados, travam-se comnosco tantas ridicularias pomposas, tanta miseria magnifica, que por melhor pareceu ao preclaro engenho removêl-as da vista da compaixão, e do escarneo.

Quando a analyse e o contacto da vida actual lhe estimulava o talento indignado, Garrett obedecia ás sofreadas da ironia sarcastica, e, fiel ao seu systema, no romance de idéas antigas inquadrava allusões a pessoas e cousas do seu tempo. O *Arco de Sant'Anna* seria um romance incoherente se o não dominasse aquella idéa mixta.

Eram admiraveis os recursos do vocabulario de Garrett. Sabia dizer tudo em lingua purissima dos que melhor a escreveram n'esta terra. Se, porém, a idéa nova sincava na impropriedade do termo usual, o ousado escriptor enxertava a palavra estranha, e o mesmo era dar-lhe fôro de portugueza. Se n'estas liberdades se demasiava alguma vez, era preciso aceitar-lhe o capricho, porque não havia audacia que lhe pedisse contas, vista a immaculada dicção das suas obras mais reflectidas.

O visconde de Almeida Garrett, na sua provincia litteraria, não tinha emulo. Alexandre Herculano, o doutissimo historiador, tem uma soberania distincta. Distanciavam-se pelos genios, pelas indoles litterarias, e pela heterogenea influição dos habitos, aos quaes cada qual se submettera na carreira da vida. Se não existisse Castilho, o mais remontado poeta, o mais portuguez de todos, o mavioso Castilho, que enthesoura as joias de maximo quilate da nossa lingua, Garrett

seria o primeiro prosador. Herculano funde, por assim dizer, em fórma de severa correcção, o austero e rigoroso pensamento que forja e pule na incude da consciencia. A este não lhe abunda a inspiração, a effusão natural, a imbrincada espontaneidade que reluz nos outros. É um escriptor que se estuda nas horas de animo repousado. Os outros buscam-se para domar o pensamento inquieto e affeiçoal-o aos prazeres da intelligencia e do coração.

ALORNA (Marqueza de). Nasceu em 1750, e morreu em 1839 a snr.ª D. Leonor d'Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, condessa de Oeynhausen, 4.ª marqueza de Alorna, 7.ª condessa de Assumar, dama da ordem da Cruz-estrellada em Allemanha, dona de honor, e dama da real ordem de Santa Isabel em Portugal.

A quadra mais irrequieta em desavenças intestinas, na historia de Portugal, foi de certo a decorrida durante os oitenta e nove annos da varonil senhora. Omittir os factos da politica, mais ou menos travados em sua vida, seria damnificar as peripecias de maior vulto na biographia que vamos debuxar.

Contava apenas oito annos, quando foi reclusa no mosteiro de Chelas, como presa do estado, com sua mãi, e irmã. A mallograda tentativa de regicidio, na noite de 3 de setembro de 1758, tornára suspeito o marquez D. João de Almeida, que, em vesperas de sahir do reino como embaixador á côrte de Luiz XV, foi aferrolhado nos carceres da Junqueira; e sua familia, excepto o filho D. Pedro, que entrava no quarto anno de idade, entrou no convento sob vigilantissima espionagem.

A tenra Leonor, desajudada de mestres, estudou linguas, musica, poesia, e todos os dotes e prendas que mais aformoseiam a esmerada educação de uma senhora. De onze annos, era já ella a encarregada de responder ás cartas de seu pai, escriptas com o proprio sangue, nas masmorras da Junqueira. Quando tinha quinze annos, por motivos de pueril escrupulo, quiz professar; d'este proposito demoveu-a um illustrado confessor, a quem depois fez uma ode allusiva ao previsto conselho que lhe déra. Dos dezeseis aos dezoito annos, adquiriram renome as suas poesias, recitadas nos outeiros, quando os juizes eram Francisco Manoel do Nascimento e outros d'este tomo. Ahi lhe deram nome de *Alcippe*.

O arcebispo de Lacedemonia condemnou-a a dous annos de reclusão, cortar os cabellos, e trajar de côr honesta, porque ella tivera a audacia de conduzir seu irmão da portaria até ao leito de sua mãi, servindo-se do sabido expediente de dar ao intruso o encargo de um dos criados do mosteiro. Alcippe não obedeceu a todos os preceitos do arcebispo; e, ameaçando-a elle de accusal-a ao marquez de Pombal, Leonor respondeu com dous versos de Corneille:

Le cœur d'Eléonore est trop noble et trop franc,
Pour craindre ou respecter le bourreau de son [sang.

Fallecido D. José, e apagados na mão ferina de Pombal os raios com que, despota plebeu, fulminava os inimigos da sua insultadora soberba, o marquez de Alorna, que entrára moço e galhardo aos vinte e cinco annos no carcere, sahiu, aos quarenta e tres, velho, e alquebrado de terror, de penuria, e de afflicções. Foi buscar ao mosteiro sua familia, e retirou-se ao campo, d'onde voltou revigorisado para abrir em Lisboa os seus salões á sociedade mais distincta. Então luziram os extremados merecimentos de Alcippe, e numerosos pretendentes porfiaram esposal-a.

Entre estes estremava-se o conde d'Oeynhausen Gravemburg, que militava em Portugal com o conde reinante de Schaumburg-Lippe. D. Leonor preferiu-o. O conde abraçou a religião catholica, casou, e foi com sua mulher para o Porto commandar o 6.º regimento de infanteria. Aqui nasceu a primogenita d'este ditoso enlace, a 30 de novembro

de 1780, a snr.ª marqueza da Fronteira, mãi do actual marquez.

Nomeado ministro em Vienna de Austria, a instancias da solicita esposa, o conde de Oeynhausen deixou Portugal. No transito, que fizeram por terra, Alcippe foi brilhantemente acolhida por Carlos III, pela côrte de Luiz XVI, e travou intimas relações com Necker. Em Vienna tratou a imperatriz Maria Thereza, e recebeu de seu filho José II a insignia da ordem da Cruz-estrellada. Ahi aprendeu com Pedro Metastasio as harmonias dulcissimas da lingua italiana. N'essa época pintou a condessa alguns quadros de subido valor que se perderam, e escreveu alguns dos seus poemas, em que ainda se encontra o colorido da musa feliz.

Adoentada pelo clima, pediu licença para voltar a Lisboa. Na viagem, deteve-se em Avinhão, onde deu á luz D. Carlos, o seu primeiro filho varão; e em Marselha foi outra vez mãi de uma menina. Infira-se d'ahi quão vagarosa e desenfadada faziam a jornada os felizes consortes! Dous filhos em viagem, para quem vinha em demanda de ares patrios, não era pouco! O peor foi lutarem com os salteadores em Hespanha, e com as ondas do Ebro á entrada de Tortosa. D'estes grandes perigos a salvaram heroicas resoluções, as quaes não se relatam, porque o biographo mais prolixo nol-as não communicou na noticia que precede as obras de Alcippe.

Chegou a condessa sósinha a Lisboa, porque deixára o esposo em Marselha. Solicitou o adiantamento do conde, e obteve-o com prospero exito, fazendo que o nomeassem tenente general e inspector geral da infanteria. Nomeado em seguida governador do Algarve, o conde de Oeynhausen, aos 54 annos de idade, morreu, deixando uma viuva pobre, com seis filhos, e formosura ainda peregrina, que não é de certo a mal arremedada nos retratos conhecidos que desmentem a tradição.

A saudade e a melancolia espiritaram as mais maviosas poesias da consternada viuva, no decurso d'uma longa quadra de luto. Traduziu o livro primeiro do poema das *Estações* de Tompson, e o canto das solidões de Cronegh. Mais valiosos dons offerecia a excellente senhora, fundando com os seus parcos recursos uma escóla em Almeirim, onde as meninas pobres recebiam uma boa educação. Para lhes desenvolver o espirito, compunha-lhes trovas que ellas pagavam com melodiosos cantares, e coordenava em verso lições da historia de Portugal, trabalho que hoje se não conhece, e que devia ter bom cunho de originalidade, se não de deleite.

A excellente versão dos quatro primeiros cantos do *Oberon*, poema de Wiland, deve-se a uma aposta que a condessa fez com um tal Muller, compromettendo-se a traduzir para vernaculo, sem desluzir a energia e formosura do texto, qualquer poema allemão, provando assim a opulencia da lingua portugueza que o contendor desairava para realçar a d'elle.

A casa de Alcippe era o confluente dos litteratos estimaveis, dos fidalgos illustrados, dos emigrados distinctos, como M.me de Roquefeuille, e até de artistas benemeritos, como o pintor Foschini. Este pintor, sob a inspiração da imaginosa condessa, executou alguns desenhos allusivos á nossa historia.

Prevendo a invasão franceza, cujos principios a illustre poetisa rejeitava, pretextou a necessidade de curar dos interesses de seu filho na Allemanha, e para lá partiu. Chegada a Madrid, ahi soube que os francezes infestavam de novo a Allemanha, e foi á Corunha embarcar em uma nau ingleza, que a levou ás praias d'Inglaterra. Luiz XVIII, expatriado, ahi foi aportar tambem, e a condessa, condoída do desamparado monarcha, a quem a Inglaterra não offerecia guarida, offereceu-lhe sua casa. O rei de França ia aceitar o convite, quando um lord, ferido em seu orgulho pela liberalidade de uma estrangeira, o aposentou no palacio de Hartwel.

Alguns annos permaneceu Alcippe em Inglaterra. Graves desgostos lhe

amarguraram a vida, taes como a separação do filho, que mandou para o Rio de Janeiro, onde estava a côrte foragida, a morte de uma filha, e a deshonra que ennodoava a reputação de seu irmão o marquez de Alorna. Em recompensa, dera-lhe a Providencia dos infelizes o talento como um balsamo de celestial unção para as mágoas de mãi e irmã. Escreveu então as *Recreações botanicas*, e a versão da *Arte poetica* de Horacio, e o *Ensaio sobre a critica* de Pope.

Voltando a Portugal para resgatar o irmão detido em França, foi intimada da parte dos governadores do reino para logo sahir para Inglaterra. Instou debalde. Tornando para Londres, recebeu ahi a má nova de que o navio portador da sua bagagem fôra apresado por um corsario. «Deus o deu, Deus o tirou» foi a sua queixa, vertida da do santo arabe.

Foram intimas amigas a condessa de Oeynhausen e M.^me^ de Stael. «Eram na verdade interessantes (diz um biographo da primeira) as conversações d'estas illustres damas ácerca das discussões politicas do tempo, seguindo ellas opiniões diversas e principios inteiramente oppostos. M.^me^ de Stael, nascida na Suissa, era republicana como seu pai, e adversa á causa de Luiz XVIII, não obstante haver sido maltratada e desterrada por Bonaparte. A condessa era monarchica, sequaz da realeza, contraria a tudo quanto a podesse vulnerar; e Luiz XVIII era um rei legitimo: o que bastava para que a condessa sustentasse a sua causa. Achando-se ambas um dia em casa do duque de Palmella, que então era ministro de Portugal, onde tinham sido convidadas a jantar, começaram questionando sobre a difficuldade da restituição dos Bourbons á França. A condessa julgou-a muito exequivel; e M.^me^ de Stael, pelo contrario, decidiu-a impraticavel, por quanto Luiz XVIII (dizia ella) não tinha em seu favor mais que tres côxos, e quatro cegos que o seguiam, alludindo exageradamente ao principe de Talleyrand que era côxo de uma perna; e ao duque de Blacas, que padecia dos olhos e estava quasi cego. Não se turbou a condessa com esta decisão; mas voltando para o ministro d'Austria, convidou-o a fazer uma saude á proxima restituição de Luiz XVIII. Um anno depois, achava-se esta realisada; e, no dia seguinte á partida de Luiz XVIII para a França, foi M.^me^ de Stael a Hamersmith, morada da condessa, dar-lhe as desculpas de se haver enganado no seu juizo, aproveitando a occasião de lhe dizer cousas muito lisongeiras e agradaveis ácerca do mesmo objecto e do espirito da condessa [1]. »

Voltou a Portugal a condessa, já marqueza de Alorna, como herdeira do titulo e casa de seu fallecido irmão, em janeiro de 1813. Intimou-a a regencia a que aceitasse o mestre que ella lhe indigitava para educação de seus netos. O proposto era um desembargador boçal, que a illustrada marqueza rejeitou.

Recolhida a uma quasi solidão com suas filhas, depois de rehabilitar a memoria maculada de seu irmão, Alcippe traduziu o *Roubo de Proserpina*, poema de Claudiano, o *Ensaio sobre a indifferença em materias de religião* do celebrado la Menais, e a paraphrase completa dos psalmos, que raras vezes cede á do padre Caldas, em fidelidade, correcção e elegancia.

Ás lides litterarias roubava o tempo abençoado do bem-fazer. A vida corria-lhe já pacifica e consolada pelas alegrias do ermo e do estudo, e da religião, quando o maior golpe lhe separou dos braços seu filho João Ulrico, conde de Oeynhausen, e, aos 29 annos, coronel de cavallaria 4.

D'ahi em diante a sua vida foi um continuado recolhimento de muda tristeza, raras vezes interrompida por trabalhos litterarios que assás denotam a ausencia da vontade, da inspiração, e do vigor.

Desde 1833 que os alentos da octogenaria senhora depereciam sensivelmente. Ainda assistiu ás primeiras

[1] Noticia biographica que precede a ultim edição em seis volumes, das obras de Alcippe.

nupcias da senhora D. Maria II, mas já não pôde assistir ás segundas. Tão querida foi, porém, no paço, que mais de uma vez os serenissimos principes a visitaram no seu leito de enfermidade.

No dia 11 de outubro de 1839 expirou esta veneranda senhora, perpetuando a sua memoria entre dous padrões immorredouros: o de uma acrisolada virtude, e o do bem merecido renome nas letras patrias.

ALSACIA. 1. A Alsacia faz parte do reino da Austrasia e pertenceu aos reis de França até ao seculo X. Othão I, imperador da Allemanha, apoderou-se d'ella, e a casa d'Austria senhoreou-a depois. Tornou para França no reinado de Luiz XIV. O Rheno, um dos mais bellos rios da Europa, por um lado, e do outro a extensa cordilheira dos Vosges, hirta de pinheiros negros, formam as naturaes fronteiras d'esta rica provincia. De per meio distende-se uma vasta planicie de magica formosura, e rara fertilidade. Considerada como população e industria, e maravilhas naturaes ou artisticas, a baixa Alsacia goza a primazia sobre todas as provincias francezas. Ha differença entre o modo de vida dos habitantes da Alsacia: o baixo Rheno é sobre tudo agricola e militar; o alto Rheno é mais exclusivamente industrial, e por toda a parte levanta as colossaes chaminés das suas fabricas, que parecem proclamar a seu modo as victorias e os progressos da industria. [1]

2. Alto Rheno, capital Colmar. Por igual agricola e manufactôra, Colmar póde ser considerada uma das mais convidativas cidades da Alsacia. O solo produz lupulo e aquellas monstruosas couves que os seus mercados apresentam com orgulho. Numerosos ribeiros alimentam ahi a industria algodoeira: em fim é difficil encontrar região mais bella. — Mulhuse, sobre o canal do Rhône ao Rheno, dá uma perfeita idéa do que seja uma cidade manufactôra e industrial. Impressiona o aspecto geral d'uma cidade em que as elevadas chaminés das officinas dominam tudo, e em que da noite ao dia, operarios e operarias, semelhantes a um enxame de abelhas, ou vão para o trabalho ou voltam para casa. — Belfort, um dos baluartes da França em frente da Suissa, ostenta orgulhoso as suas tres portas: a de Strasburg, e a de Bâle, que dão entrada para a cidade antiga, e a porta Franceza, edificada no reinado de Luiz XIV, que dá passagem para a cidade moderna, construida de ruas largas e alinhadas. O conjuncto das fortalezas de Belfort eleva-a á categoria de praça d'armas de primeira classe.

3. Baixo Rheno, capital Strasburg. Não ha nada que se compare, quanto a magnificencia, ás margens do Rheno; e Strasburg, que é uma das primeiras fortalezas da Europa, goza todas aquellas encantadoras paisagens. De qualquer ponto que para alli vamos, a maravilha que logo nos captiva é a cathedral com as suas pompas opulentas, e a flecha de sua torre que se esconde nas nuvens. O magnifico vestibulo é encimado por seis columnas e muitas estatuas excellentes, elevadas sobre um triangulo, sobranceiro ao qual está o Padre Eterno representado em todo o seu esplendor. Ao sopé, estão a Virgem e seu Filho, e mais abaixo o rei Salomão, posto em seu throno com doze leões á volta. A frontaria é adornada com cinco fileiras de estatuas: a primeira contém dezoito grupos representando todos os assumptos do primeiro capitulo do Genesis; o segundo dezeseis passagens do velho testamento, faceis de interpretar; o terceiro, os doze apostolos e os dous levitas Estevão e Lourenço; seguem-se as estatuas dos quatro evangelistas, e principaes doutores da igreja; e finalmente os mais notaveis milagres de Jesus Christo. — A torre de Strasburg é o ponto culminante que sobrepuja todas as construcções humanas espalhadas no universo. O zimborio de S. Pedro de Roma é menor dous metros; a torre da cathe-

[1] Vê-se que este artigo foi escripto antes de 1871.

N. do T.

dral de Vienna tres, e a maior pyramide do Egypto tem de menos quatro metros ou mais. Encorporada com o edificio até á altura de sessenta e quatro metros, separa-se arrojadamente até ao primeiro terraço, e rompe depois pelo ar fóra absolutamente só e desamparada... Esta pyramide adelgaça-se progressivamente até converter-se em uma agulha tenue que depois de haver sido cruzada por uma linha transversal para formar o symbolo, termina em fim em globo de pedra na altura de 142 metros. — Se subimos a nave pela galeria esquerda, chegaremos á capella onde está o relogio, obra prima de mechanismo, o qual contém tres partes que correspondem a regular o tempo, o calendario, e os movimentos astronomicos. Foi preciso, primeiro que tudo, construir um motor central que imprimisse movimento n'este vasto mechanismo. O motor que só por si é o relogio completo, indica no mostrador externo as horas e as subdivisões, bem como os dias da semana; dá horas e quartos, e faz mover as diversas figuras allegoricas. Uma das mais notaveis é o genio, collocado na primeira balaustrada, e que, d'hora a hora, esvasia a ampulheta que tem nas mãos. O cantar do gallo, que desde 1789 se não tinha ouvido, reproduziu-se outra vez, e a procissão dos apostolos, que se faz sempre ao meio dia, foi acrescentada a este complexo de figuras deleitosas de vêr-se. As festas moveis que não são reguladas por alguma lei continua, obtem-se por um mechanismo muitissimo engenhoso. Á meia noite de 31 de dezembro, a paschoa e outras festas moveis surgem no calendario, e tomam o lugar que occupam todo o fim do anno.

ALTAR. Talvez nunca Deus exigisse altares, se os homens permanecessem puros. Céo e terra seriam o templo d'Aquelle que os creou; ser-lhe-hia unico altar o coração do homem; nossa candura e submissão seriam sempre a hostia immaculada offerecida ao Creador em perennal oblação, e nosso amor seria incenso sempre grato a Deus. Porém, como o peccado aniquilasse a harmonia, houve o homem mister chorar, orar, pedir perdão, offertar dons, e immolar victimas. Eis a origem dos altares.

Em principio, foi altar de relva sobre a qual Abel offereceu o seu sacrificio ao Senhor; em seguida, foi de granito, erguido pela mão agradecida de Noé; posteriormente é a pedra de Bethel que Jacob erige, ungindo-a com o oleo mysterioso; por derradeiro, é o tabernaculo, e o templo de Salomão que encerraram os altares, e é o proprio Deus que designa o modo como devem ser construidos. No templo judaico havia dous altares: um de cobre, consagrado aos holocaustos, outro de ouro, onde se queimavam os perfumes. Nos templos pagãos, o granito, o porfido, os metaes preciosos entravam na construcção das aras. Na região das Galias deparam-se-nos pedras quadradas, perfuradas por um orificio, as quaes, a juizo dos sabios, serviam de altares aos galezes para offerecerem seus sangrentos sacrificios.

Sob o imperio da nova lei, foi primeiro altar a propria mesa em que o divino Salvador instituiu, na vespera de sua morte, o adoravel sacramento da Eucharistia: e, em memoria d'esta instituição ineffavel do sacrificio christão, é que os altares são do feitio de mesa; pelo quê, os padres antigos os denominavam muito a miudo *mesa celestial*, *mesa formidavel*. Tambem de algum modo semelham a tumulos os altares, e então commemoram o santo Sepulchro, d'onde Jesus Christo sahiu glorioso e triumphante, ou representam as assembléas dos christãos primitivos reunidos nos tumulos dos martyres para celebrarem sobre as campas o augusto mysterio do sacrificio santo.

Os nossos altares, por tanta maneira santificados desde que em si tiveram o corpo de Jesus Christo, recebem, não obstante, anteriormente á celebração do tremendo sacrificio, uma consagração especial e solemne, cujas mysteriosas ceremonias enten-

dem com as attribuições do bispo: são as unções do santo chrisma, signal mysterioso da doçura, da graça que haurimos no sacrificio eucharistico.

Estes incensos symbolisam os aromas que Joseph de Arimathêa e as santas mulheres consagraram á sepultura do Salvador, e os perfumes com que Magdalena queria balsamificar a pedra do seu tumulo. Ah! que pedra aquella do altar! que limpida fonte deve derivar-se d'alli a depurar nossas almas! Que linimento para nos acalmar as dôres!

De mais, os altares contêm, se não o corpo inteiro d'um martyr, encerram ao menos os fragmentos de algum cadaver santificado. A Igreja terrestre quiz com este uso imitar o que S. João nos revela ter visto no céo:

«Eu vi sobre o altar do Cordeiro as almas dos que morreram confessando Jesus.» (Apocal., VI, 9).

Direcção. Póde leccionar-se este artigo a proposito de Jacob, Noé, etc.; e reciprocamente, ao respeito d'esta lição, póde referir-se a historia dos personagens ou dos acontecimentos apontados.

ALUMINA. (Veja METAES).

ALVARES do Oriente (Fernão). Nasceu em Gôa cerca de 1540. Da vida d'este poeta temos mui diminuta noticia. Publicou a *Lusitania transformada*, mescla de prosa e verso em que a elegancia corre parelhas com a pureza da linguagem. Sobra, como elogio de seus escriptos, haverem dito alguns criticos que a *Lusitania* não era de Fernão Alvares, mas de Luiz de Camões, que havia sido espoliado do seu manuscripto. É certo que Fernão Alvares sobreviveu a Camões, e o menciona com grande louvor a pag. 115 da edição de 1781.

ALYZIOS (ventos). (Veja AR).

AMALGAMA. (Veja METAES).

AMAZONAS. (Veja BRAZIL).

AMBIÇÃO. 1. Ha uma só ambição competente ao homem honesto: é praticar feitos dignos de serem escriptos, ou escrever feitos dignos de serem lidos. (Plinio, o Moço). A ambição é, entre todas as paixões humanas, a mais ferina em suas aspirações e mais desenfreada em suas cobiças, e todavia a mais astuta no intento e mais ardilosa nos planos. (Bossuet). Ambição e felicidade seguem estradas tão oppostas que nunca podem encontrar-se. (Sanial-Dubay). O ambicioso é um cego a caminhar em pernas de pau. (Madame Woillez). O escravo tem um só senhor; o ambicioso tem tantos quantas são as pessoas que podem afortunal-o. (La Bruyère). O coração generoso encontra sempre, e até na vida caseira, onde exercer legitima ambição. Onde quer que nos achemos, por muito ermos que vivamos, devemos sempre fomentar desejos de fructear no bem commum nosso espirito, talentos, e conselhos. Os serviços, que podemos prestar á sociedade, não se atém sómente a fornecer candidatos, a defender innocentes no fôro, a entender em deliberações de paz ou guerra. Educar a mocidade, filtrar ás almas sãos principios tão raros hoje em dia, reprimir ou sequer moderar o pendor vulgarissimo á fome das riquezas e sêde de delicias, é, na condição de um particular, servir o publico utilmente. (Seneca).

2. «Ninguem resistiu ao impeto dos conquistadores; mas tambem elles haviam principiado por não resistir á cobiça e á crueza. Quando se cuidava que arrastavam os outros, os arrastados eram elles. Vejam Cesar... Quem o despenhou, com a republica, ao abismo? O anceio de gloria, a ambição furiosa de deixar os outros muito aquém da sua balisa. Não lhe soffreu o animo ter sobranceiro um só homem, e todavia a republica supportava dous imperantes. E Mario, quando exercia o seu consulado unico (porque elle só uma vez o possuiu legalmente, e nas outras usurpou-o), e espostejava os cimbros e germanicos, e persegiu Jugurtha nos seus desertos, cuidam que era impulso es-

pontaneo de bravura que o arrostava com tamanhos perigos? Não. Mario commandava o exercito, e a ambição commandava Mario.» (Sen., *Cartas a Lucilio*). Como foi que Alexandre, o maximo conquistador, inquinou sua vida com vicios torpes e horrendas crueldades? Entende-se. Philippe, seu pai, grande rei e grande politico, ignorava que na mocidade é que a indole se amolda. Lysimacho havia instillado com lisonjas hartos vicios no educando, quando Aristoteles foi chamado. Instruir, favonear talentos, excitar brios, fôra facil empreza ao principe dos philosophos; mas corrigir vicios de principe em côrte como a de Philippe, sobrepujava talvez a força humana. Taes vicios appareceram cedo. De modo que Alexandre, sendo convidado a pleitear o premio da carreira, recusou-se, salvo se lhe dessem emulos reaes. Como não rebentaria de ambição e soberba aquelle a quem o pai dissera vendo Bucephalo sopesado: «Meu filho, vai demandar reino digno de ti; que a Macedonia não te basta!» E, quando vemos esse pai, ebrio em um banquete, crescer sobre o filho de espada arrancada, deveremos admirar que, mais ao diante, Alexandre saqueie e arraze Thebas, e corte a ferro os habitantes, e mande matar Parmenio, e assassine Clito, e morra em fim a morte de um glotão incontinente?

3. Evitem-se os estimulos de ambição que procedem de confrontar o alumno com os seus condiscipulos. Se elle é superior a outro em jogos ou certos estudos, faça-se-lhe sentir que lhe é inferior n'um ou n'outro exercicio. Convém que estas observações o persuadam, de que o dominio das faculdades humanas é tão grande que ninguem póde ser superior aos outros em tudo. Afazendo-o a não se comparar aos outros, mas a si proprio quanto aos seus progressos, o desejo de bem fazer crescerá em seu espirito, sem o estimulo da ambição. A historia dos ambiciosos (veja lição n.º 2) servirá de auxiliar. Diga-se aos alumnos que um homem, seja qual fôr hoje em dia o seu talento, pouco monta na sociedade, e que é imprudentissimo lanço exorbitar da sua esphera. É certo que a ambição incita ao trabalho, e leva a posições que incutem respeito. Não obstante será erro grande dar-lhe alentos. Cuide-se sómente em mover desejos de ser util, honesto, instruido, prestadio e laborioso: n'este arsenal de virtudes é que se acham meios de obter a felicidade, e nunca nos expedientes ambiciosos. (Veja EMULAÇÃO).

Direcção. Dictar e fazer aprender a primeira lição. — Dar alguns pormenores da vida de Cesar, de Scylla, e de Mario (Veja PRIMEIRO SECULO, *antes de Jesus Christo*), que os alumnos devem resumir, ajuizando ácerca d'esses homens observados como ambiciosos. — A terceira lição é exclusiva do professor.

AMEIXIEIRA. (Veja ROSACEAS).

AMERICA. Christovão Colombo fez conhecer á Europa a existencia do vasto continente americano. (Veja COLOMBO). Em 1492 aportou ás ilhas Lucayas, e em 1497 descobriu terra firme. Isso não obstante, a gloria de ligar e dar o seu nome á America, estava reservada para Americo Vespucio, cujo merito unicamente consiste em ter descoberto em 1499 a costa oriental da America do Sul, da qual viagem publicou um roteiro. É hoje sabido que os corsarios scandinavos já estanciaram na Groenlandia no seculo VI, e ahi deixaram colonias. No seculo X dous irlandezes aportaram na região chamada Nova-Escocia e Nova Inglaterra. Até se pretende que navios phenicios e carthaginezes, desgarrados por tempestades, abordaram, em tempos remotos, as costas do Mexico. Como quer que fosse, só no seculo XV foram realmente conhecidas na Europa essas vastas regiões. — A America, em virtude da sua extensão e posição, deve conter todos os climas das outras partes do mundo; mas no geral é mais fria. Esta differença de certo procede da pequena largura do continente e seu prolongamento para os polos, da al-

tura e direcção de suas serras, e da immensa quantidade d'agua que ellas vertem ao mar. D'ahi resulta que até debaixo do equador, a temperatura é pouco mais ou menos semelhante á das regiões temperadas do nosso continente. As regiões situadas entre os dous tropicos são sujeitas a terriveis borrascas e tremores de terra. O ar é doentio em algumas partes, e causa molestias epidemicas, todavia menos frequentes do que na Asia ou Africa. — O solo, pela maior parte fertil, e desabrochando sob a zona torrida a mais vigorosa e rica vegetação, é bem cultivado sómente no littoral. No interior ha extensas florestas e immensas planicies cobertas de enormes vegetaes hervaceos, as quaes se chamam *savanas*. Afóra as numerosas producções que lhe são proprias, a America importou e naturalisou quasi todas as plantas uteis do antigo mundo, e muitos animaes domesticos. A batata, o milho e o perú, são originarios da America; os indigenas dão ares de pertencerem todos á mesma raça; a maior parte d'elles tem a pelle cobreada, e quasi que não tem barba; andam dispartidos em populações numerosas, quasi todas independentes, e algumas temiveis, mórmente na America do Sul. A civilisação, em geral, está muito atrazada entre os americanos indigenas; não obstante, alguns tem fórmas de governo notaveis, exercitam algumas artes industriaes, e não tem a ferocidade das outras nações. Muitos povos, extinctos ou anteriores ao descobrimento da America, tiveram conhecimentos astronomicos, leis, tal qual escriptura, e architectura consideravel. Quanto aos povos de origem europeia, esses primitivamente obedeceram ás diversas metropoles de que haviam sido colonias; depois proclamaram a independencia, e formaram republicas federativas, tirante o Brazil e o Haiti.

Exercicios. Dizer por escripto a posição da Phenicia, de Carthago, de Scandinavia, da Groenlandia, da Nova-Escocia, do Mexico, do polo, do equador, dos dous tropicos, das zonas temperadas, das glaciaes, e da zona torrida. — Redigir depois da leitura: descobrimento da America, aspecto e clima, fertilidade do solo, costumes dos indigenas, povos europeus. — Estes dous exercicios devem seguir-se a prelecções oraes sobre o mappa.

AMETHYSTA. (Veja Argilla e Pedra).

AMICTO. (Veja Ornamentos).

AMIEIRO. (Veja Ulmaceas).

AMIENS. (Veja Picardia).

AMIZADE. 1. A vida humana seria solidão acerba se a amizade lhe não fosse companhia e esteio. Tão necessario soccorro ninguem o busque inconsideradamente; porém, feita uma vez a escolha com prudencia, é grande desar renuncial-a. (Valerio Maximo). Contemplemos nossos defeitos e vicios, e reconheceremos que o amigo que necessitamos não é aquelle que nos louva, mas sim o que nos falla com liberdade, e nos força ouvil-o aconselhando, ou reprehendendo. Ha ahi amigos que são como o dinheiro: antes de os pôrmos a uso, é mister examinal-os, e não guardar a hora da prova para quando carecermos d'elles. (Plutarco). A cada passo encontramos cãesinhos a brincar uns com os outros: parece que entre elles reina sincera amizade; mas se lhes atirardes o osso quando brincam, eil-os inimigos; pegam de rosnar, ameaçando, e d'ahi a pouco dilaceram-se. Tal é, frequentemente, a amizade dos irmãos, de pais e filhos. Se pegam a disputar por causa de dinheiro ou de terras, lá vão os sentimentos generosos, os nomes de pai, de irmão, e de filhos; o interesse tudo aniquilou. Queres saber se dous homens são amigos? Não perguntes se são irmãos, ou se foram creados juntos; informa-te se são virtuosos; porque a amizade só póde existir em corações onde se abriga o pudor, a fidelidade, e a concordia de

tudo que é bello e honrado. (Epicteto). Um amigo é a dualidade em uma só vida. De feito, quando estou com um amigo, não estou só, e todavia não somos dous. Elege para teu amigo o homem mais virtuoso que conheces. (Pithagoras). Os maus só tem cumplices; os libertinos tem socios de devassidão; o commum dos homens ociosos tem relações. Os homens virtuosos tem amigos. (Voltaire). Quando presto algum serviço a um amigo, ou lhe zelo os interesses, não ha motivo para que me louvem; pois creio que apenas pratiquei um acto indigno de censura. (Plauto). Não é na prosperidade que se distinguem os verdadeiros amigos; na desgraça o que se aprende é a conhecer os verdadeiros inimigos. Não deixeis um amigo velho, porque o recemvindo nunca o igualará. A amizade é balsamo que dulcifica as amarguras da vida, e conserva a pureza d'alma que prepara a eternidade. (Ecclesiastes). Desconfiai d'aquelle que detrahe no amigo ausente, e o não defende quando o deprimem. (Horacio). Nada mais fragil que as amizades humanas: leva muitos annos a formarem-se, e um momento só as desfaz. O amigo de todos não é amigo de ninguem. (Bourdaloue). A semelhança dos destinos, principalmente quando esses destinos são desditosos, é o vinculo que mais prende duas almas. (De Chateaubriand).

2. Sem a amizade, não ha encantos na vida. Isto é tão certo que se existe um homem de tão selvagem condição, que deteste a companhia de seus semelhantes, como Timão de Athenas, nem por isso tal homem se esquivará de conhecer outro em cujo seio possa verter o fel da sua misanthropia. Timão tinha um amigo intimo chamado Apemanto, ao qual se acamaradára por causa da semelhança de genio. Este, ceando uma noite em casa de Timão, exclamou :—Caro Timão, que cêa tão agradavel! — Sim — disse Timão — se tu ahi não estivesses. — Perguntou-lhe um dia o mesmo Apemanto por que amava elle Alcibiades, mancebo feroz e atrevido. O philosopho respondeu: — Por que prevejo que elle ha de ser o flagello dos athenienses. — Com grande espanto da multidão, appareceu elle um dia na assembléa publica e subiu á tribuna oratoria, bradando: — Athenienses, eu tenho uma horta onde nasceu uma figueira em que muita gente se tem enforcado. Tendo eu tenção de edificar n'esta horta, antes de cortar a arvore, faço-vos saber que se algum de vós tenciona enforcar-se n'ella, ande depressa. — Singular serviço! e singular amizade! — Um amigo deve amar o seu amigo tanto como a si proprio. Damão e Pythias, ambos discipulos de Pythagoras, tão fielmente se amavam, que competiam em morrer um pelo outro. Um d'elles condemnado á morte por Dyonisio, o Tyranno, obteve espera para ir ao gremio de sua familia regularisar os seus negocios, em quanto o outro sem hesitar se entregou ao tyranno como refens do seu amigo, sujeitando-se a morrer por elle, se não chegasse no prazo concedido. Os dous amigos, tendo mostrado grandeza d'alma igual no momento supremo da prova, inspiraram, com a fidelidade reciproca tal espanto ao tyranno, que Dyonisio lhes pediu que o admittissem, como terceiro, á sua amizade, perdoando ao que devia morrer. — O poeta Simonides, fiado na intima amizade que o ligava a Themistocles, pediu-lhe favor injusto. Themistocles recusou-lh'o, dizendo: — Querido Simonides, tu não serias bom poeta, se fizesses versos contra as regras da arte poetica; e eu não seria bom magistrado se, por te comprazer, procedesse contra as leis do paiz. — Rutilio recusou a um amigo um pedido injusto: — De que me serve a tua amizade — lhe diz o outro indignado — se me não fazes o que te peço? — E Rutilio replicou: — E que precisão tenho eu da tua, se me obrigas a fazer a teu favor o que a honra me reprova? — Mecenas era amigo intimo de Cesar Augusto; e o muito que podia com elle tudo aproveitava no bem de todos: tal era sua condição. Quando Augusto estava colerico, Mecenas

com maravilhosa habilidade e certo predominio, quebrantava-lhe a ira: um dia, Augusto sentenciava e parecia disposto a proferir muitas condemnações á morte. Mecenas estava presente; e, como visse que lhe era impossivel romper por entre a turba para chegar ao tribunal de seu amigo, escreveu estas palavras nas suas tabellas: «Ergue-te d'ahi, verdugo!» E atirou as tabellas a Augusto. O principe leu, e, erguendo-se de golpe, ninguem foi condemnado.

Direcção. A primeira lição será dictada por duas vezes, e decorada. As palavras de cada author podem servir ao assumpto da narrativa. A segunda lição será lida, commentada, e resumida pelos alumnos.

AMOR. 1. «Observei sempre que os mancebos corrompidos precocemente, e empégados na libertinagem, eram deshumanos e crueis, e que o fogo do temperamento os volvia impacientes, vingativos e colericos. A devassidão era o principal de suas phantasias; pai, mãi, todo mundo sacrificariam ao somenos dos seus prazeres. Pelo contrario, o mancebo educado em ditosa simplicidade, propende desde os primeiros impulsos da natureza para as paixões maviosas e benevolas; condoe-se das dôres alheias, e estremece de jubilo quando encontra o seu condiscipulo; ha n'elle o enthusiasmo que enternece os abraços e dulcifica as lagrimas; peja-se de ser molesto, e pesa-lhe ser offensivo; perdôa o mal que lhe fazem, tão depressa quanto repara o mal que fez; a adolescencia não lhe é a idade dos odios nem dos desforços; é antes a sazão da piedade, da clemencia e dos pensamentos generosos. Sustento, e não receio que a experiencia me desminta, que um menino de honesta origem e mantido na innocencia até aos vinte annos, chegando a esta idade, é amoravel, dedicado e amabilissimo. — Aproveite-se tudo que tenda a manter a pureza; a conservação das maximas virtudes pende das minimas cautelas. — A força de alma que gera as virtudes é consoante á pureza que as alimenta. — Guarde o proprio decoro quem quer ser honrado. Quem a si não se respeita, como exige que o respeitem? E quem denodadamente se remessou á entrada do vicio, onde terá paragem?» (J. J. Rousseau).

2. *Amor a Deus.* «Unicamente o amor rende a Deus o culto que lhe devemos. É lastimavel a desamparada alma que se não soccorre do Senhor amorosamente! Nunca a felicidade orvalhará a aridez d'essa alma!» (S. Agostinho). «Sem o amor a Deus, todas as virtudes são superficiaes, e nunca se radicam no coração.» (Fénélon). «Sublime cousa é amar Jesus: só este amor faz leves os grandes encargos, e supporta inquebrantavel as alternativas da vida; porque não sente o gravame do peso, e adoça todas as amarguras.» *Imitação*, III, 5. (Veja CARIDADE).

3. *Amor filial.* A natureza dá as primeiras e principaes lições da piedade filial; e, sem o ministerio da palavra nem das letras, filtra invisivelmente no coração dos filhos o amor a seus paes. Um mancebo seguíra longo tempo a escóla de Zeno. De volta para casa, perguntou-lhe o pai o que era a sabedoria. Respondeu que os effeitos lh'a revelariam. O pai, azedado com tal resposta, castigou-o; e elle, immovel, soffreu serenamente o castigo, e disse: — Aprendi a supportar sem azedume as iras de meu pai. — Agesilau ordenou a seu filho que julgasse iniquamente um pleito. — De meu pai — disse o filho — aprendi, desde menino, a obedecer á lei. Se hoje me recuso a transgredil-a, obedeço ainda a meu pai. — Os gregos, que tomaram Troia, lançaram bando que era permittido a cada morador levar comsigo o objecto que mais caro lhe fosse. Eneas, descurioso de tudo mais, lança mão dos deuses penates. Os gregos, commovidos d'esta piedade, permittiram-lhe que escolhesse outro objecto. E elle tomou sobre os hombros Anchises, seu pai, de provecta idade. Maravilhados de assombro, ordenaram que todos os bens lhe fossem restituidos, assignalando assim quanto é nobre honrar, acima de

tudo, os deuses e os paes. Por occasião da tomada de Sardes, pelos persas, um soldado que não conhecia Cresus, investiu com elle de espada apontada ao peito. Um filho, que o estremecia piedosamente, e nunca proferira palavra, a despeito da habilidade dos medicos, quando viu seu pai no cume do perigo, abriu a bocca, rompeu os liames que lhe entravavam a lingua, e exclamou com impeto: — Soldado, não mates Cresus! — E d'esta arte, em premio do seu amor filial, este mancebo obteve o dom da palavra, e até ao fim da vida fallou perfeitamente. — Foi tambem o amor filial que em tenros annos armou Scipião, o Africano, quando acudiu no campo da batalha a seu pai, o qual, sendo consul, pelejava contra Annibal, ás margens do Tesino, e cahira mal ferido no recontro. Nem verdura de annos, nem inexperiencia da milicia contiveram o moço que se não lograsse da gloria de arrancar á morte seu pai e general. — É conhecida a historia de Coriolano, que hostilisava a sua patria em desforço de injustiças. Ninguem vingára descel-o de sua ira; mas, rogado pela mãi, exclama: — Venceste, minha patria; que eu sou vencido das supplicas de minha mãi; a injuria, que me fizeste, por amor d'ella t'a perdôo.

Direcção. O professor deve applicar-se a estremar o que é amar a Deus e amar as creaturas, entre paixões ardentes e paixões legitimas, comparando o resultado d'ellas. — As passagens da terceira lição sejam lidas ou narradas, e os alumnos devem julgar, fallando ou escrevendo, o proceder de cada personagem.

AMOR PROPRIO. «O amor proprio é a primeira e mais congenita propensão de quantas a natureza dá: é o manancial das outras; é a vida calma de todo ser intelligente e sensivel. Segundo a direcção que se lhe dá, resultam vicios ou virtudes. Esclarecido ácerca de seus interesses verdadeiros, concilia a sua com a felicidade alheia, e só intenta dar-nos felicidade operando de modo que todos os mais nos aquinhoem d'ella. Logo, porém, que este amor se desmanda, deixa de ser amor bemfazejo, e equitativo de nós e do proximo, e volve-se amor proprio exclusivo e iniquo: é já vaidade, é orgulho, fonte de todos os males, e germen de todos os crimes.» (Gerard). Seria mister sopesar desde o começo o orgulho da prosapia, dos titulos, do fausto e das riquezas, para pôr freio ao amor proprio, ou abafal-o ao nascer; mas para evitar a vaidade que nos vem do saber, do talento ou da virtude, abstamo-nos de confrontos, e sejamos fieis á maxima do sabio: «Entra no conhecimento do que és.» As fabulas da *Rã* e do *Corvo* darão a perceber aos meninos que o amor proprio nos torna ludibrio de rivaes sem consciencia, porque nos falta discreto juizo. — «O amor proprio, avassalando os homens, estraga os fortes com o orgulho, e os fracos com a vaidade.» (De Ségur). «Quem só a si se ama de si mesmo se deve só temer. É o que a religião nos inculca quando nos recommenda que sejamos odiosos a nós mesmos: bem sabe ella que não aceitaremos o conselho litteralmente.» (De Bonald).

AMOREIRA. (Veja URTICACEAS).

AMSTERDAM. (Veja HOLLANDA).

ANALYSE. 1. A analyse nos é natural, digamol-o assim, porque nos auxilia desde que adquirimos os conhecimentos rudimentares. Não podemos formar exactissima idéa de um todo, sem o havermos estudado por partes separadamente. Dos nossos proprios sentidos recebemos as primeiras lições de analyse, actuando cada um de per si, e independente dos outros, sobre as diversas partes do mesmo objecto. É verdadeiramente util a analyse quando é completa e regular, isto é, quando observa todas as miudezas em sua ordem natural, e conclue recompondo o objecto por maneira que lhe torne a vida retalhada durante momentos. Então é que o inventario se ultimou, e o objecto se fez verda-

deiramente conhecido. A analyse, necessaria em tudo, exige processos particulares e recebe nomes diversos, conforme os objectos em que se emprega. Na analyse grammatical, decompõe-se uma phrase em palavras, consideradas sómente como parte do discurso, como nomes, adjectivos, verbos, etc. Na analyse logica, decompõe-se uma phrase em proposições principaes, completivas, explicativas, determinativas, e cada proposição em estas diversas partes, sujeito, verbo e attributo para mostrar a correlação de suas partes. Em a analyse das cousas ou vozes, examina-se cada parte em particular, comparando-as entre si. As analyses grammatical e logica tendem a fazer conhecer especialmente o mechanismo da lingua. É utilissimo que estas analyses sejam feitas oralmente, e não por escripta, como antigamente, que era tempo desbaratado. Os exercicios escriptos, que convém se façam para simultaneamente se aprender orthographia e analyse, são os seguintes: Fazer escrever verticalmente, extrahidos das lições lidas: 1.º os nomes das pessoas; 2.º os nomes de animaes; 3.º os nomes de cousas; 4.º os nomes masculinos; 5.º os nomes femininos, etc.—Quanto aos adjectivos: adjectivos expressivos de qualidades: 1.º physicas; 2.º espirituaes; 3.º naturaes, adquiridas; 4.º boas ou más, etc.—Quanto a verbos: 1.º verbos activos, verbos passivos; 2.º transitivos e intransitivos; verbos no singular, no plural, no presente, no preterito, no futuro, no indicativo, no condicional, no conjunctivo, etc. Para as palavras invariaveis: adverbios ou preposições de tempo, de logar, de modo; conjuncções de causa, de fim, de meio, etc. Pelo que respeita a analyse logica, fazer indicar já as proposições principaes na lição lida, já as subordinadas, etc., assim como os sujeitos, attributos e complementos, etc. Estes diversos exercicios que devem adaptar-se á idade do alumno, tornarão variadissima a lição de leitura, e irão desabrochando as faculdades, ao passo que obrigam o alumno a comparar, a notar a orthographia das palavras que traslada, a desvelar-se na escripta, e a estar occupado em quanto o professor se occupa em outro serviço.

2. É mais relevante o interesse na analyse das cousas. Póde considerar-se em relação aos objectos physicos. Historia natural, chimica, e industria abrem ao professor um manancial inexhaurivel de exemplos assim curiosos que uteis. Póde tambem ser empregada a fazer conhecer não só o valor grammatical das palavras, mas tambem o significado de cada uma. Póde em fim applicar-se a todo o pensamento expresso na escripta ou no discurso, e então é que se chama *analyse litteraria*. — Se o conhecimento e sentido verdadeiro de cada palavra é necessario para o recto exercicio do juizo, a analyse é a melhor maneira de obter aquelle conhecimento com a explicação do valor das raizes, dos derivativos e compostos das palavras. (Veja RAIZES). Por exemplo, *imprevisto*, significa o que não é previsto, uma cousa que se não espera. Mediante esta explicação, os meninos certo não adquiriram idéa bastante clara da palavra, ou pelo menos sufficiente. Mas chama-se-lhes a attenção para os tres elementos da palavra *in-pre-visto*. Pergunte-se-lhes o sentido da syllaba *in* por meio de exemplos analogos: incommodo, incivil, impaciente, illegivel, irreparavel, mostrando-lhes as modificações que esta particula póde soffrer sem variar de accepção. Explique-se-lhes depois o sentido da syllaba *pre*, mostrando a sua influencia sobre os compostos de que ella é parte: preferido, prematuro, predicção. Em fim, chegando á palavra *visto*, indique-se-lhes a variada significação dos diversos compostos da palavra *vêr*. Por meio de taes analyses que se devem fazer accidentalmente, o alumno virá com certeza a formar idéa completa da palavra assim analysada, e ao mesmo tempo de muitas palavras analogas. Pouco mais direi no que toca á analyse litteraria (Veja GOSTO), cujo objecto é discutir de viva voz ou por es-

cripto um pensamento em separado ou, melhor ainda, o lugar selecto de qualquer escriptor, para lhe fazer ahi notar as excellencias ou defeitos. Este exercicio, que é da alçada do ensino secundario, póde, não obstante, ser muito proveitoso na escóla primaria, mas sómente com referencia aos alumnos mais adiantados. Quanto aos outros meninos, logo desde os mais verdes annos, outro exercicio poderá usar-se com vantagem grande; e vem a ser: após a leitura d'uma historia, ou d'um trecho qualquer, em vez de se lhes dar relevo ás qualidades do trecho, indicar-lhes em breve analyse as partes mais relevantes, de modo que d'esta analyse se colha o exercicio da intelligencia, e se vá formando o homem de trato que se ha de exprimir clara e correctamente.

ANÃO. (Veja Raças).

ANDORINHA. (Veja Passaros).

ANDRADE CAMINHA (Pedro de). Nasceu na cidade do Porto, não se sabe em que anno, e morreu em Villa Viçosa por 1589. As suas poesias appareceram impressas pela primeira vez em 1791. E' escriptor muito correcto, e digno de hombrear com Antonio Ferreira, cujo discipulo foi; não obstante, as suas poesias, por muito monotonas, enfastiam; e, se não fôr o incentivo de estudar a lingua que recompense quem o lêr, Andrade Caminha não tem outro merito que o recommende. A critica judiciosa não lhe perdôa os epigrammas com que alguma vez tentou ferir Camões, seu contemporaneo.

ANÉMONA. (Veja Rainunculaceas).

ANGERS. (Veja Anjou).

ANGOULÊME. (Veja Saintonge).

ANGRA DO HEROISMO, cidade, capital da ilha Terceira, no archipelago dos Açores. Descoberta entre os annos de 1444 e 1450. Notabilissima na historia, pela contumaz e heroica resistencia que fez á armada castelhana do usurpador Philippe II. Foi elevada a categoria de cidade em 1533. É praça de guerra em que a arte se trava de mão com a natureza para lhe darem um aspecto de fortaleza inexpugnavel. O porto é amplo, de boa ancoragem, e abrigado de todos os ventos, tirante o de travessia. A cidade é bella, bem arruada, limpa, e rica de edificios primorosos e templos. A cathedral é coeva de D. Sebastião, que a fundou para collegio de jesuitas. É séde episcopal desde 1534, e tem tribunal da Relação. Angra foi capital de todas as ilhas açorianas; mas, depois da divisão administrativa do archipelago, é sómente capital de um dos dous districtos. Exporta cereaes, legumes e laranjas [1].

ANGULO. 1. *Definições.* Um angulo é o intervallo que deixam duas linhas quando se encontram em um ponto Este ponto denomina-se o *vertice* do angulo, e as duas linhas os *lados*. Um angulo é *rectilineo* quando é formado por duas rectas, *curvilineo* quando é formado por duas linhas curvas, e *mixtilineo* quando é formado por uma recta e uma curva. — A grandeza d'um angulo não depende do comprimento dos seus lados, que se devem sempre reputar indefinidos, senão do intervallo que ha entre elles. — A medida d'um angulo é o numero de graus e partes do grau do arco interceptado pelos seus lados, descripto do vertice, como centro, com qualquer raio. — O angulo é *recto*, se tem por medida 90 graus ou a quarta parte da circumferencia (*quadrante*); é *agudo*, se tem menos que 90 graus; é *obtuso*, se tem mais. — *Bissectriz* de um angulo é a recta que o divide em dous angulos iguaes.—*Angulos adjacentes* são dous angulos formados do mesmo lado d'uma recta que é cortada por outra. — Dous an-

[1] Os extractos concernentes a cidades principaes dos dominios portuguezes são feitos do curiosissimo livro do snr. I. de Vilhena Barbosa, intitulado: *As cidades e villas da monarchia portugueza, que tem brazão de armas.* Lisboa, 1860. 3.° tom.
N. do T.

gulos, cuja somma é igual a um angulo recto, são o *complemento* um do outro; são o *supplemento* um do outro, quando a sua somma é igual a dous angulos rectos. — *Angulos verticalmente oppostos* são os que teem por vertice commum o ponto d'intersecção de duas rectas e que estão situados dos dous lados de cada recta com as aberturas dirigidas em sentidos oppostos. — Duas parallelas, cortadas por uma recta, chamada *secante* ou *transversal*, formam oito angulos denominados assim: angulos *correspondentes*, *alternos-internos* e *alternos-externos*. Os correspondentes estão situados a um lado da secante, não adjacentes, um interno e o outro externo nas parallelas; os alternos-internos são os internos nas parallelas, cada um a seu lado da secante, não adjacentes; e os alternos-externos são os externos nas parallelas, cada um a seu lado da secante, não adjacentes. — Os angulos no circulo, segundo a posição do seu vertice e dos seus lados, denominam-se do modo seguinte: *angulos ao centro*, e *excentricos: inscriptos, circumscriptos, angulos do segmento*. Os primeiros são os que teem por vertice o centro do circulo; os segundos são os que não teem por vertice o centro do circulo: são inscriptos, se o vertice está na circumferencia e os lados são cordas do circulo; são circumscriptos, os que teem os lados tangentes ao circulo; e são angulos do segmento, os inscriptos cujos lados são um corda e o outro tangente.

2. *Proposições*. Em dous circulos iguaes, ou n'um mesmo circulo, angulos ao centro iguaes interceptam com os seus lados arcos iguaes.—Em dous circulos iguaes, ou n'um mesmo circulo, os angulos ao centro são proporcionaes aos arcos que interceptam com os seus lados. — A somma de dous angulos adjacentes é igual a dous angulos rectos. — A somma de todos os angulos, formados de um mesmo lado de uma recta e tendo para vertice commum um ponto d'ella, vale dous angulos rectos. — A somma de todos os angulos, formados ao redor de um ponto, por qualquer numero de rectas, vale quatro angulos rectos. — Os angulos verticalmente oppostos são iguaes entre si. — Nas parallelas: os angulos correspondentes, alternos-internos, alternos-externos, são iguaes entre si a dous e dous. — São iguaes, ou supplementares, dous angulos que teem os lados parallelos: são iguaes, quando os lados parallelos são descriptos a dous e dous no mesmo sentido, ou em sentido contrario; são supplementares, quando dous lados parallelos são descriptos no mesmo sentido e os outros dous em sentido contrario. — São iguaes, ou supplementares, dous angulos que teem os lados respectivamente perpendiculares: são iguaes, sendo da mesma especie; são supplementares, no caso contrario.—Um angulo inscripto tem por medida metade do arco interceptado pelos seus lados. — Um angulo do segmento tem por medida metade do arco que subtende a corda que fórma um dos lados.

Direcção. Dictar e fazer aprender de cór a primeira lição, depois de ter feito comprehender as definições sobre as figuras traçadas na pedra. Quanto á segunda lição, explica-se cada proposição, do modo mais simples possivel, por meio de uma *Geometria*, e manda-se redigir a lição. As materias do segundo paragrapho d'este artigo farão objecto de varias lições sobre as quaes haverá o cuidado de fazer repetições.

ANIL. (Veja LEGUMINOSAS).

ANIMAL (Reino). A natureza nada fez em vão. Os animaes, que ella destina a morrer de velhice, são poucos. De que serviriam, entre os irracionaes, os animaes caducos a favor da posteridade que nasce com toda a sua experiencia? Por outro lado, como achariam soccorros os paes decrepitos entre os filhos que os abandonam logo que sabem nadar, voar ou andar? A velhice seria para elles um encargo de que as feras os vão resgatando. A natureza, porém, votando-os á morte, tira-lhes a agonia que lhes po-

deria ser cruel nos derradeiros instantes. De ordinario é durante a noite que elles succumbem nas garras ou nos dentes de seus inimigos. Além de que, as especies de animaes cuja vida é pasto d'outros, como os insectos, não parecem dotadas de sensibilidade alguma. Se arrancamos a perna d'uma mosca, ella continúa a andar como se nada tivesse perdido. As crianças de má condição recreiam-se a cravar-lhes palhas no corpo; ellas vôam assim trespassadas, e movem-se de modo que não parecem sentir. — Ha animaes de presa. Dizem que são necessarios; porque sem elles a terra seria infeccionada de cadaveres. Cada anno, morre de morte natural, pelo menos a vigesima parte dos quadrupedes, e a decima das aves; e numero infinito de insectos ha ahi dos quaes a maxima parte das especies vive um anno só. Com as aguas pluviaes rolam todos esses despojos aos rios, e d'ahi aos mares. A natureza ajuntou nas margens os animaes que os consomem. A maior parte das bestas feras descem á noite, das serras, e ahi dirigem suas prêas: taes são os amphibios, os ursos brancos, as lontras e os crocodilos. Principalmente nos paizes quentes, onde os effeitos da corrupção são mais rapidos e perigosos, é que a natureza multiplicou os animaes carnivoros. As alcateias dos leões, tigres, leopardos, pantheras, gatos de algalia, hyenas, condores, etc. confluem ahi a mesclar-se aos lobos, ás raposas, ás marthas, ás lontras, aos abutres e corvos, etc. — Os animaes de presa não são temiveis ao homem, porque este tem armas que os vencem e uma industria superior a todos os seus ardis. Os animaes terriveis para o homem são mais de recear por sua pequenez que por sua grandeza: ainda assim não ha um só que elle não reverta em utilidade sua. Serpentes, escorpiões, sapos, só habitam lugares humidos e doentios, d'onde nos afastam não tanto por medo de sua peçonha, quanto por seus aspectos asquerosos. As serpentes verdadeiramente perigosas tem signaes que de longe as annunciam: taes são os ruidos da cobra de cascavel. Raro ha quem, tirante os imprudentes, morra ferido por ellas. — E' certo que abundam insectos nocivos que roem os fructos, os cereaes e até as pessoas. Porém, se as lagartas e os besouros, e os saltões nos devastam as campinas, é porque destruimos os passaros que os comem. O gorgulho e a traça lavram ás vezes grande estrago nas tulhas e nas cearas; mas temos a andorinha e a aranha que os devoram na sazão em que elles esvoaçam. De mais, em presença dos enormes armazens em que os açambarcadores accumulam o alimento e o vestir d'uma provincia inteira, não é para abençoar-se a mão creadora do insecto que os fórça a vendel-os? «Os insectos que atacam o corpo humano obrigam igualmente os ricos a empregar os pobres a cuidarem, como criados, na limpeza de suas casas.» (Bernardim de Saint-Pierre). (Veja CLASSIFICAÇÃO).

Exercicio escripto. Redacção. Animaes de presa; sua utilidade, seus costumes. Insectos nocivos; razão de sua existencia, e fim providencial. — Em quanto o mestre lêr esta lição, dando-lhe o necessario desenvolvimento, os alumnos podem tomar notas.

ANNELIDOS. (Veja ARTICULADOS).

ANNIBAL. (Veja TERCEIRO SECULO).

ANNO. (Veja CALENDARIO).

ANTHRACITE. (Veja CARVÃO e HUILHA).

ANTILHAS. 1. Quem se aproxima das Antilhas vê por todos os lados muitas ilhas, todas ridentes, umas mais do que as outras. «Ao avisinhar-me d'estas ilhas — diz Colombo no seu roteiro — sentiamos bafejar da terra o mais grato e suave perfume. Tudo alli verdeja; a herva no inverno é viçosa como em abril na Andaluzia; florestas maravilhosas bordam extensos lagos; o sol é empanado por

nuvens de passaros de infinita variedade, cujo cantar é tão dôce que a pezar se deixa aquella paragem; mil especies de arvores produzem particulares fructos e todos saborosissimos. Não sei onde irei d'aqui; que meus olhos não cançam de admirar tanta opulencia.» — Passados dias, Colombo descobriu Cuba, a maior das Antilhas, e ahi recomeça as suas descripções enthusiastas, todavia bem justificadas pelos espectaculos que a cada instante se lhe renovavam. É tanto o brilho, tão prodigiosa e luxuriante de variedade a vegetação d'aquelles climas ardentes; tão formosa a verdura das florestas, tão esplendido o matiz das flôres, tão puro o ar e tão azulado o céo! Os bosques são povoados d'aves de plumagem variegada, e cada planta está colmada de insectos que scintillam como pedras preciosas. A ilha de Cuba pertence á Hespanha, e bem assim Porto-Rico: é quanto resta áquella nação de suas vastas possessões na America. Está constituida em capitania geral, que se divide em tres provincias, das quaes a occidental tem por capital a Havana. — A ilha de Haiti, ao sudoeste de Cuba, é cortada de éste a oeste pelas montanhas de Cibau, ricas em minas de ouro; a sudoeste, ampliam-se vastas planicies onde pascem immensos rebanhos; numerosissimas ribeiras fertilisam a terra grandemente, mas o clima é humido e doentio. Esta ilha divide-se hoje em dous estados distinctos: o imperio de Haiti, e a Republica dominicana. A carnificina que os negros fizeram nos brancos em 1791, esbulhou a França da parte occidental da ilha que era sua. — A Jamaica, que juntamente a Cuba e Haiti fórma as grandes Antilhas, é possessão ingleza. É quente e mau o clima, e a terra, exposta a frequentes tremores de terra, produz extraordinariamente.

2. Em quasi todas as Antilhas, o observador tem que estudar duas classes assás extremas: brancos e negros. Deter-nos-hemos a contemplar o quadro traçado pelos viajantes a favor dos negros, cuja sorte tão viva compaixão excita geralmente. É inexcedivel a miserrima condição de aquelle povo, escoria da natureza, e opprobrio dos homens; envolvem-se em farrapos que nem os defendem do calor do dia, nem do grande frio das noites. Vivem em casas semelhantes a covis de ursos: dormem sobre vergas mais proprias a contundir o corpo que a descançal-o; todas as suas alfaias cifram em algumas cabaças e escudellas de pau e barro. Trabalham incessantemente, dormem pouquissimo, ninguem lhes paga, e á menor falta são azorragados. Tal é o estado funesto a que reduziram homens não destituidos de razão, e que se conhecem absolutamente necessarios áquelles que os flagellam. Apesar d'este immenso aviltamento, gozam perfeita saude, ao passo que os seus senhores a trasbordar de riqueza, com todas as commodidades, são victimas de infinitas molestias. — Os escravos negros respeitam muito os velhos. Nunca os chamam por seus nomes sem lhes ajuntar o de pai; consolam-os em todas as occasiões, e nunca deixam de lhes obedecer. São mui gratos aos beneficios, até ao extremo de sacrificarem a vida; mas querem ser obrigados com bons modos; e, se o favor que se lhes faz não é completo, mostram-se descontentes no semblante com que o recebem. São de seu natural eloquentes, e particularmente quando pedem alguma cousa. Sabem representar habilmente as suas boas qualidades, assiduidade no serviço, os trabalhos feitos, o numero de filhos, e a boa educação d'estes; depois allegam os beneficios recebidos, agradecem-os respeitosamente, e acabam por pedir o que querem. — Tanto na folga como no trabalho, o negro parece não attender ao ardôr do sol que os europeus não podem a seu salvo affrontar. Quando sestiam não procuram sombras; vão sentar-se onde os raios do sol ardente dardejem mais a prumo. Aquelle astro tão funesto aos europeus nos tropicos, é o amigo do negro: em vez do abatimento e prostração que

aniquila o europeu, o negro debaixo do sol, restaura forças, saude e contentamento.

Exercicios. Fazer aprender de cór a primeira lição, depois de a ter dictado e estudado no mappa. Póde occorrer de molde referir algumas feições da vida de Christovão Colombo. —A escravidão foi abolida ha poucos annos, e os negros são como nós chamados á civilisação.

ANTIMONIO. (Veja METAES).

ANZIKOS. (Veja GUINÉ).

AOD. (Veja DECIMO-QUINTO SECULO).

APHTAS. (Veja DOENÇAS).

APOLOGISTAS. (Religião). O immortal author do *Genio do christianismo*, dotado de luminosa phantasia e inesgotavel facundia, relembra, em magico estylo, os muitos beneficios da nossa religião á geração ingrata que a tinha abjurado. Diz elle: «É tempo de mostrar que o christianismo, longe de aguarentar a inspiração, presta-se maravilhosamente aos raptos da alma, e póde encantar o espirito em tão alto ponto como os deuses de Virgilio e de Homero. Afoutamente crêmos que este modo de vêr o christianismo descobre realces mal conhecidos: sublime pela antiguidade de suas memorias, que ascendem ao berço do mundo, ineffavel em seus mysterios, adoravel em seus sacramentos; interessante em sua historia, celestial nos preceitos, formosamente rico nas pompas, todos os quadros lhe vem de molde. Apraz-vos seguil-o na poesia: Tasso, Milton, Corneille, Racine, Voltaire, vos assignalam seus milagres. Nas letras amenas, na eloquencia, na historia, em philosophia, que inspirados não foram Bossuet, Fénélon, Massillon, Bourdaloue, Bacon, Pascal, Euler, Newton, Leibnitz! Nas artes, quantas obras primas! Se o examinaes quanto ao culto, que suavidades vos não contam as suas velhas igrejas gothicas, as suas poeticas deprecatorias, e faustuosas ceremonias! Entre o seu clero, vêdes todos os homens que vos transmittiram o idioma e as obras de Roma e Grecia, todos os eremitas da Thebaida, todos os refugios de infelizes, os missionarios da China, do Canadá, do Paraguay, não esquecendo as ordens militares d'onde procedeu a cavallaria! Costumes de avoengos nossos, descripções das remotas idades, poesias e até novellas, lanços secretos da vida, tudo convertemos em nosso proveito. Pedimos sorrisos ao berço, e prantos ao tumulo. Umas vezes com o monge maronita habitamos os pincaros do Carmelo e do Libano; outras vezes com a irmã da caridade, velamos na gravato do enfermo. Aqui, dous esposos americanos nos chamam ao recondito dos seus desertos; além, ouvimos gemer a virgem nas solidões do claustro. Homero se nos mostra ao lado de Milton, Virgilio a par de Tasso; as ruinas de Memphis e Athenas rivalisam com as ruinas dos moimentos christãos, os tumulos de Ossian com os nossos cemiterios campestres. Visitamos o cinerario dos reis em S. Diniz; mas, se o nosso assumpto nos leva a discutir o dogma da existencia de Deus, as provas tão sómente as pedimos ás maravilhas da natureza. Em fim, envidamos todo nosso vigor em abalar o coração do incredulo; mas não nos desvanece a crença de possuir aquella vara milagrosa da religião que faz golfar da rocha torrentes d'agua pura.» (Chateaubriand). (Veja PADRES DA IGREJA). — Desenvolva este fragmento, analysando e desenvolvendo cada idéa de per si.

APOLOGO. A fabula ou apologo é a narrativa d'uma acção allegorica, ordinariamente attribuida aos animaes. São duas as maneiras de fazer conhecer uma cousa: ou mostral-a qual é, e então formamos o espectaculo, ou dizer sómente o que ella é sem a mostrar, e é isto o que se chama narrativa, porque ahi se não vê o lobo que arrebata o cordeiro, mas sómente se diz que elle o ar-

rebatou. Ha tres especies de fabulas: as razoaveis, cujas personagens exercitam a sua razão, como *A velha e duas criadas*; as moraes, cujos dous personagens exercitam os costumes dos homens, sem ter d'elles a alma, que lhes é essencial: *O lobo e o cordeiro*; as mixtas, em que um personagem racional trata com um outro que o não é, como *O homem e a doninha*.

Por via de regra, os apologos em que não ha personagens humanos são mais agradaveis que os outros: este genero deve auferir dos animaes e não dos homens, as lições que elle quer que os homens aproveitem. — A narrativa tem tres qualidades essenciaes: deve ser curta, clara e verosimil. Será curta se a não principiamos de muito longe: «Vesti-me esta manhã; sahi de casa; fui procurar o meu amigo.» Era bastante dizer: «Fui a casa do meu amigo esta manhã.» Comtudo ha lanços em que as miudezas são agradaveis como n'esta passagem de Lafontaine:

Mettent le nez à l'air, montrent un peu la tête,
Puis rentrent dans leurs nids à rats;
Puis ressortant, font quatre pás;
Puis enfin se mettent en quète...

A brevidade da narrativa demanda que termine onde deve terminar, que lhe não acresça nada superfluo, que se lhe não enrede cousas alheias, que se subentenda o que podér ser percebido sem ser dito; em fim, que cada cousa seja dita uma só vez. — A narrativa será clara quando cada cousa estiver em seu lugar e tempo, e que os termos sejam proprios, ajustados, claros, inequivocos e sem desordem. Será verosimil quando tiver todas as feições que ordinariamente resaltam da verdade; quando o tempo, a occasião, a facilidade, o lugar, a disposição dos actores e caracteres, parecerem contribuir para o entrecho; quando fôr pintado conforme á natureza e segundo as idéas d'aquelle a quem se narra. — Estas tres qualidades são essenciaes a toda a narrativa seja de que genero fôr; quando porém levamos em vista agradar, convém ajuntar-lhe ainda outro predicado: e é que os ornatos lhe condigam. Estes ornamentos consistem, já nas imagens:

Un mort s'en allait tristement.
La dame au nez pointu;

já nas descripções:

Un vieux renard, mais des plus fins,
Grand croqueur de poulets, grand preneur de lapins;

já em pensamentos notaveis:

Il connait l'univers et ne se connait pas;

e nas expressões umas vezes audaciosas:

Ne coupez point ces arbres,
Ils iront assez tôt border le noir rivage;

outras vezes pomposas:

Le moindre vent qui, d'aventure.
Fait rider la face de l'eau;

ou ainda brilhantes: *L'écharpe d'Iris*, fallando do arco iris.

Taes são, pouco mais ou menos, as qualidades das narrativas especialmente feitas para agradar, entre as quaes estão todas as narrativas poeticas, e por consequencia as fabulas. —«O estylo das fabulas deve ser facil, familiar, risonho, gracioso, natural e sobretudo singelo. Consiste a simplicidade em dizer com pouco e em termos vulgares o que se quer... O familiar da fabula deve ser uma escolha do que ha mais selecto e delicado na linguagem da conversação... O risonho caracterisa-se em opposição á tristeza e á seriedade; e o gracioso em opposição ao desagradavel. O natural oppõe-se ao forçado; o singelo ao reflectido, e bom é que pertença mais ao sentimental.» (Balteux, *Principios de litteratura*).

Redacção, após a leitura, do se-

guinte bosquejo: Definição de apologos. — Diversas especies. — Qualidades essenciaes da narrativa. — Ornatos. — Qualidades do ornato em a narrativa. — Esta lição dar-se-ha a proposito de qualquer fabula.

APOPLEXIA. (Veja DOENÇAS).

APOSTOLOS. (Veja CHRISTIANISMO).

AR ou ATMOSPHERA. 1. O nosso globo é envolvido por uma camada de ar, cuja altura se calcula entre quinze a dezeseis leguas, e se chama *atmosphera*. Os movimentos extraordinarios que se produzem n'esta massa gazosa, e que denominamos ventos, são principalmente causados pelas variantes de densidade produzidas nos differentes pontos da atmosphera, pela acção do calor solar desigualmente repartido sobre a superficie do globo. Se abris uma janella d'um quarto aquecido por fogão, logo se estabelecerá n'esta janella dobrada corrente de ar; o que facilmente se prova por meio d'uma luz cuja flamma nos indica que uma das correntes, a de baixo, se precipita para dentro, e que a outra, a de cima, se dirige para fóra. Facilmente se comprehende que o ar frio de fóra, sendo mais denso e pesado que o do quarto, que se acha dilatado pelo calor, entra necessariamente por baixo, e impelle por cima o ar quente que é mais leve. A esta causa principal dos ventos deve ajuntar-se a pressão exercida pelas nuvens, o resolverem-se em chuva, as trovoadas, a inflammação dos meteóros, em fim, a attracção do sol e da lua, e a rotação da terra que principalmente actuam sobre os ventos regulares e periodicos. — Os ventos regulares constantes e periodicos são de tres especies: brizas, monção, e ventos alizios. As brizas sopram nas costas maritimas, durante o dia, do mar contra a terra, ás oito ou nove horas da manhã até ás quatro ou cinco da tarde; e reapparecem ao pôr do sol soprando da terra contra o mar. A briza da tarde é mais duradoura que a da manhã, mas menos forte. O nauta aproveita uma para se afastar das costas, e a outra para se avisinhar. — A monção sente-se a maior distancia das praias; são ventos que sopram seis mezes n'um sentido, e seis mezes n'um sentido opposto, mas sómente na zona torrida. Ao norte do equador, a monção da primavera começa em abril, e a monção do outono em outubro, pouco depois das épocas dos equinoxios, algumas vezes sem interrupção, outras depois de calmaria intermedia. Ordinariamente dirige-se do nordeste a sudoeste, e do noroeste a sueste. — Nos mares altos e ao largo das costas, ha em fim uns ventos que sopram perpetuamente, na mesma direcção, e se chamam ventos *alizios*. Estas correntes estendem-se dos dous lados do equador, cerca de 30 graus de latitude. Aqui a sua direcção quebra para o equador, como a das monções; mas á medida que se aproxima da linha equatorial, a sua direcção torna-se cada vez mais éste ou então oeste. Em geral, a sua direcção corre de éste a oeste, no mesmo sentido que o movimento diurno do sol. — Toda a gente sabe como foi que o homem logrou reduzir em proveito seu a força do vento, quer como propulsor da navegação á vela, quer como motor mechanico dos moinhos de vento. Mediante o anemometro, verificou-se que a rapidez do vento varía desde trinta metros por minuto, sendo o vento o mais debil, até dous mil e setecentos metros que attinge algumas vezes o furacão. Os antigos divinisaram os ventos. Eólo, rei d'elles, encadeava-os em cavernas nas ilhas Eolias. O norte chamava-se *Boreas* ou *Aquilão*; o éste *Euro*; o sul *Notus*, *Auster*, *Africus*; e oeste *Zephyro* e *Favonio*.

2. O ar é pesado e tende para o centro do globo como toda a especie de materia. O vento é o ar, que se desloca em virtude do seu peso, e é sensivel para nós que o ar, ainda socegado, resiste mais ou menos aos nossos movimentos. Demonstra-se o peso do ar, extrahindo d'um grande

globo de vidro todo o ar que elle contém, por meio da machina pneumatica formada de duas bombas aspirantes gemeas, cujo tubo de aspiração, em vez de ir aspirar a agua d'um reservatorio, vai tomar o ar no recipiente onde queremos fazer o vacuo. Esvasiado o globo e fechado o orificio por meio d'uma torneira, pendura-se em um dos braços da balança, que se equilibra contrapondo pesos no prato do outro braço. Feito isto, abre-se a torneira, o ar afflue do globo sibilando, e o peso d'aquelle globo augmenta apreciavelmente, porque descobrimos que um litro d'ar pesa uma gramma e um terço. Ora, pesando um litro d'agua um kilogramma ou mil grammas, pesa o ar 770 vezes menos que a agua no mesmo volume. (Veja DENSIDADE). Ainda temos outras provas do peso do ar pelo emprego do barometro, das bombas e do siphão. — O mais simples barometro faz-se tomando um tubo de vidro fechado por uma extremidade e aberto por outra, com 81 centimetros de comprimento pouco mais ou menos; enche-se de mercurio que se ferve para o purgar do ar e da humidade, e, ajustando o dedo sobre o orificio, para que não fique alguma bolha de ar no tubo, volta-se e mergulha-se verticalmente no mercurio d'uma bacia, retirando-se então sómente o dedo que tapava o orificio. O mercurio deixa a parte superior do tubo, de modo que fórma n'esse tubo uma columna vertical cêrca de 76 centimetros acima do nivel exterior do mercurio da bacia. Porque é que o mercurio se sustenta assim em uma altura de $0^m,76$? É porque a superficie do mercurio da bacia, premida pelo peso da columna d'ar que repousa em cima, precisa, para equilibrar-se, que todos os pontos d'aquella superficie de nivel sejam igualmente premidos por uma columna de mercurio que pese tanto como a do ar. Por consequencia, uma columna de $0^m,76$ de mercurio prime como uma columna de ar atmospherico, apoiadas ambas sobre a mesma base. A medida da altura barometrica tira-se por meio d'uma escala metrica, traçada na taboinha vertical que sustenta o tubo. Se o tempo é bom e secco, o barometro sobe, e póde chegar até o $0^m,79$; quando o tempo está chuvoso ou borrascoso, baixa o barometro. Inscrevem-se as palavras fixo, bom, variavel, chuva ou vento, tempestade, em frente dos pontos da escala que mais habitualmente correspondem áquelles diversos estados da atmosphera. Todavia, o bom ou mau tempo não dependem unicamente da maior ou menor densidade da atmosphera, e por isso não devemos sempre ter confiança absoluta nas indicações do barometro. Quando subimos ao topo d'uma serra, por isso que a columna de ar vai diminuindo ao passo que subimos, a columna do barometro desce rapidamente, segundo a experiencia feita por Pascal no *Puy-de-Dôme*. Tambem podemos medir a altura d'um monte ou d'um edificio pelo abaixamento da columna barometrica. — Sendo o mercurio 13 $^1/_2$ vezes mais pesado, ou mais denso que a agua, seria preciso uma columna d'agua outro tanto mais longa, isto é, de 10 metros pouco mais ou menos, para fazer equilibrio ao peso do ar atmospherico; é o que effectivamente succede, como pela primeira vez em Florença, no tempo de Pascal, observaram os filtradores, e a Pascal se deve o descobrimento do peso do ar; porque antes d'elle pensava-se que, tendo a natureza horror ao vacuo, a agua subia nos tubos da bomba com o fim de encher o vacuo resultante da ascensão do êmbolo (*piston*). Mas se a agua sobe por uma palha d'onde aspiramos o ar, ou por um corpo da bomba onde o êmbolo fez o vacuo, é porque o liquido, apertado de todos os lados no exterior d'estes tubos, deve forçadamente subir no interior, onde não encontra resistencia. Isto explica o jogo das bombas e do siphão.

3. Até aqui fallámos das propriedades physicas do ar; agora diremos dos seus caracteres chimicos. O ar atmospherico contém essencialmente oxygenio e azote; encontra-se-lhe

tambem pelo ordinario algum pouco vapor aquoso e gaz acido carbonico; e, accidentalmente, residuos de certas exhalações. Pódem separar-se aquellas substancias estranhas, e analysar o ar puro, exclusivamente composto de oxygenio e azote. Absorve-se o acido carbonico ao ar por meio da agua de cal, e depois o vapor aquoso com uma substancia avida de agua, como a potassa. Trata-se, em seguida, de separar o oxygenio do azote, e para isto nos aproveitamos da propriedade que o oxygenio tem de combinar-se com um grande numero de substancias bastante aquecidas. A vasilha de cobre, por exemplo, levada a alta temperatura, combina-se com todo o oxygenio do ar contido, e então o azote fica puro. Tambem se póde operar a absorpção do oxygenio mediante um pedaço de phosphoro; esta substancia combina-se por si mesma com o oxygenio, sem ser aquecida. Qualquer que seja o local da terra em que se analyse o ar, tanto nas mais elevadas serras como nos mais profundos valles, acham-se sempre sobre 1000 litros de ar, 208 litros de oxygenio, e 792 de azote, isto é, $^4/_5$ de azote e $^1/_5$ de oxygenio. — O oxygenio, mais pesado que o ar, encontra-se em quasi todas as materias vegetaes e animaes, e na maior parte dos mineraes. É o corpo mais importante da natureza, e indispensavel á vida organica. É a causa activa da combustão. Os corpos ardem porque os elementos se combinam de diversas maneiras com o oxygenio do ar. A propria respiração é uma combustão. (Veja SANGUE). A combustão dos corpos opera-se mais facilmente no oxygenio que no ar atmospherico. De sorte que, se mergulhamos no oxygenio uma vara de ferro, com um pedaço de isca inflammada na extremidade, arde vivissimamente, brilhando por tanta maneira que os olhos a custo lhe supportam o resplendor. Um passaro, introduzido em uma redoma cheia de oxygenio, morre d'ahi a pouco. Primeiro agita-se, depois escabuja, respira anciado, e expira: isto demonstra que o oxygenio para influir salutarmente na vida organica deve estar combinado com o azote. O oxygenio extrahe-se pelo commum do oxydo negro de manganez, aquecendo fortemente este pó mineral em uma retorta, e recolhendo o gaz que se escapa em uma redoma de vidro cheia de agua. (Veja OXYDOS). Distinguem o azote propriedades quasi todas negativas: não reage directamente sobre algum corpo. A presença d'elle em quasi todas as materias animaes, e sua ausencia na maior parte das materias vegetaes podem servir de caracterisar estas duas classes de materias organicas. Obtem-se puro absorvendo o oxygenio do ar pela combustão do phosphoro, e lavando o residuo gazoso com agua alcalina. O azote, separado assim do oxygenio, é improprio á respiração, e d'ahi lhe vem o nome grego *azotikos*, sem vida. É sabido que o acto da respiração vicia o ar, bem como a combustão destinada a aquecer e alumiar. É pois preciso conservar nas casas correntes de ar que levem as porções viciadas, e as substituam com ar novo trazido do exterior. O receio de frio invernal não deve ser causa a que as casas se não ventilem. Está reconhecido que o ar frio não é nocivo, salvo quando é demasiado; e que um ar aquecido, respirado longo tempo, é causa de muitas doenças. Acautelem-se, pois, dos excessivos resguardos contra o frio: é urgente que o ar se renove constantemente nas casas por meio de frestas praticadas em alto para que as correntes de ar não molestem as pessoas.

Direcção. Formulem-se quatro lições relativas aos quatro elementos da creação: ar, fogo, agua e terra. Os alumnos de dez annos podem cabalmente comprehender estas questões que lhes movem a curiosidade sempre que o professor as expõe com certo agrado, gosto e ensejo apropriado. Pergunte-se a significação das palavras difficeis.

Exercicios escriptos. Significação das palavras: 1.º *globo, gazoso, densidade, dilatado, meteóro, attracção, rotação, periodico, zona, equador, equinoxios, propulsor, anemómetro;* 2.º

centro, *balão*, *pneumatico*, *recipiente*, *vacuo*, *equilibrio*, *tubo*, *mercurio*, *nivel*, *liquido*; 3.º *propriedades*, *caracteres*, *oxygenio*, *azote*, *potassa*, *phosphoro*, *temperatura*, *absorpção*, *organico*, *combustão*, *manganez*.

Redacções. 1.º Extensão da atmosphera. Causas dos ventos. Ventos periodicos: brizas, monções, alizios. Força do vento applicada. Os ventos, segundo os antigos. 2.º Peso do ar. Demonstração. Descripção do uso do barometro. Dar a razão da subida da agua nas bombas e siphão. 3.º Composição e analyse da agua. Propriedades do oxygenio e azote. A ventilação das casas.

ARABIA. A Arabia tem pouquissimas montanhas, excepto ao nordeste, onde se erguem o monte Sinai e monte Horeb, e ao sudoeste, no Yemen, onde correm alguns rios de pouco vulto. O restante da Arabia são planicies immensas, arenosas e desertas, onde reina continuamente o sopro ardente do *simoun* ou vento do deserto. «Figure-se—diz Buffon—um paiz sem verdura nem agua, um sol abrazador, um céo sempre arido, esplainadas arenosas, montanhas asperrimas, sobre as quaes a vista erra e se perde sem poder parar em algum objecto vivo; uma terra morta, e, para assim dizer, desarraigada pelos furacões... um deserto inteiramente descoberto, onde o viajante não encontra sombra debaixo da qual respire, onde nada o segue, nem lhe recorda a natureza vivente: solidão absoluta mil vezes mais horrenda que a dos matagaes; porque as arvores são creaturas para o homem que se vê sósinho. O viandante, mais só, mais desamparado, mais perdido n'esses ermos vacuos e sem limites, em tudo se lhe figura vêr o tumulo. A luz diurna, mais triste do que as trevas da noite, renasce para lhe mostrar a sua mudez e fraqueza, e apresentar-lhe o horror da sua situação, recuando-lhe a seus olhos a fronteira da vida, e circumdando-o pelo abysmo da immensidade que o separa da terra habitada; immensidade que elle debalde tentaria percorrer; porque a fome, a sêde e o calor ardente confrangem-n'o n'esses instantes que lhe restam entre a desesperação e a morte.» — Nas paragens maritimas é grande a fertilidade; cultivam-se alli muitas plantas aromaticas e de especiaria, café moka, aloes, balsamo, algodão, e milho. Existe na Arabia a mais bella raça de cavallos que se conhecem, camelos, bufalos e carneiros de grande cauda.

2. O camelo principalmente é para os arabes uma dadiva celestial: o leite, a carne, o felpo, que se renova todos os annos, satisfazem suas primeiras necessidades. O arabe educa os seus camelos logo que nascem; dobra-lhes as pernas, e todos os dias lhes vai augmentando o peso da carga, e lhes regra o alimento, diminuindo pouco e pouco a ração. Logo que elles robustecem bastantemente, exercita-os na carreira com o exemplo dos cavallos. Um camelo assim adestrado póde andar duzentos kilometros por dia, ou mil e duzentos kilometros em oito dias, sem comer nem beber. Se, no deserto, encontra uma lagôa, presente-a de longe, aperta o passo, e bebe pelo tempo que não bebeu, e por outro tanto que ha de vir. Dizem que o cavallo teme o camelo e lhe não póde soffrer o cheiro. Segundo Herodoto, Cyro, receando a cavallaria dos Lydios, fez pôr na vanguarda do seu exercito todos os camelos que levavam vitualhas e bagagens, e d'est'arte afugentou os cavallos de Creso. — Os arabes, pequenos, magros, azeitonados são graves de caracter, atilados, frequentemente hospitaleiros, mas sempre propensos a roubar as caravanas. Quasi todos, e maiormente os beduinos, vivem vida errante, reunidos em tribus, obedecendo ao governo patriarchal de seus *cheiks* ou anciãos.

3. Meca, cidade principal da Arabia, está situada em um arido valle que corôa uma cordilheira de rochedos escarpados. Tem pouco que vêr de fóra; todavia é algum tanto mais agradavel no interior do que a maior parte das cidades do Oriente, tristissimas por causa de suas ruas immun-

das e ladeadas de altas paredes de argilla. As ruas de Meca são bastante espaçosas, e permittem ás procissões de estender suas longas alas; as casas tem grandes janellas decoradas com elegancia, attractiva dos peregrinos, visto que o aluguer das casas fórma a maior parte dos rendimentos dos proprietarios. — O mais notavel edificio de Meca é a grande mesquita, um dos mais vastos monumentos religiosos. Vivem os crentes persuadidos que mão invisivel amplía o recinto á medida que a multidão dos peregrinos alli conflue mais numerosa, e que por isso mesmo todos os musulmanos poderiam alli caber. Em verdade, o templo póde conter trinta e cinco mil pessoas. Em vez de edificio parece uma praça enorme, marginada de quatro filas de columnas, que perfazem para cima de quinhentas, umas de marmore, outras de granito, tiradas dos montes visinhos. Estas columnas são entre-ligadas com arcos que sustentam pequenos zimborios. Ao meio da mesquita está a *Kaaba* que, dizem os mahometanos, fôra construida no céo, dous mil annos antes da creação. Setenta mil anjos lhe formam sentinella, e tem de obrigação transportal-a ao céo, no dia do juizo final. — A bella sazão da mesquita é na época do *ramadhan*, ou quaresma dos musulmanos. É então que ella brilha extraordinariamente. A' hora da oração da noite, milhares de lampadas illuminam aquelles vastos columnelos, em meio dos quaes se desenha a negra *Kaaba* com a sua immensa tunica. É espectaculo verdadeiramente magestoso o d'aquella hora! Este quadro, não obstante, tem seus escuros... O cansaço da viagem, a insalubridade dos quarteis e do alimento occasionam quasi sempre entre os peregrinos terrivel mortandade, e nos ultimos dias enche-se a mesquita de doentes, que se fazem levar á volta da *Kaaba*, esperando que lhes dê saude o vêl-a, ou, sequer, morrerem nos braços do propheta.

4. A romaria a Medina é um acto de curiosidade, ou exaltação piedosa, mas não é obrigatoria para o crente como a peregrinação a Meca. E comtudo, em Medina é que está a sepultura do propheta, cercada de gradaria de ferro, primorosamente lavrada, com inscripções entrelaçadas de letras de bronze; mas os ornatos recruzam-se por tanta maneira que não deixam entrevêr nada do interior. O que se vê pelas janellas é immenso cortinado rojando de todos os lados, carregado de matizes e arabescos de ouro e prata, no qual se envolve o tumulo de Mahomet e dos seus dous immediatos successores. Dizem que o do propheta está revestido de prata. A fabula do sarcophago suspenso no ar é phantasia europeia, e os musulmanos não tem alguma idéa d'isso. Ardem toda a noite os lampadarios á volta d'este recinto, coberto por um formoso zimborio que sobreleva aos outros, e para onde os peregrinos dirigem suas orações desde que o avistam do caminho de Medina.

Direcção. As duas primeiras lições podem ser dictadas. Na primeira observe-se a vantagem que a imaginação de Buffon tirou do pensamento d'um deserto, e na segunda as qualidades e extraordinarias previdencias do dromedario. — Leiam-se as duas ultimas, e desenvolva-se o seguinte bosquejo: Descripção de Meca. — A grande mesquita e a *Kaaba*. — A oração da noite. — Peregrinos. — Medina e sepultura de Mahomet. (Veja SETIMO SECULO *depois de Jesus Christo*, pelo que respeita á historia de Mahomet).

ARACHNIDES. (Veja ARTICULADOS).

ARCHIMEDES. (Veja INVENÇÕES e TERCEIRO SECULO).

ARCHITECTURA. 1. A origem da architectura confunde-se na primitiva idade do mundo. Cada povo teve sua architectura que, até certo ponto, lhe exprime a civilisação. A posteridade de Abrahão, vivendo primeiro em familia, e depois escrava, não podia ter templo, expressão da vida social. Depois, vagando no de-

serto, teve um templo portatil: foi o tabernaculo que Moysés fez edificar por divino molde. Logo que chegou á terra promettida, teve templo consoante á sua importancia social. David carreou as achegas, e Salomão edificou no monte de Sião com prodigiosas despezas. Referem alguns escriptores, que esta edificação occupou cento e sessenta mil operarios por espaço de dous annos. Os judeus, posto que tivessem templo magnifico, não tiveram architectura.

Verdadeiramente os começos de toda a architectura são singelissimos; volvidos muitos annos, e muitos seculos de ensaios e construcções, alvoreja o talento, acode a inspiração, e surgem obras primas que assombram tanto pela perfeição da traça como pelo primor. Entre os judeus foi o templo construido segundo o plano dado por Deus. E d'ahi em diante, não houve mais exercitar-se o talento do artifice, pois lhe era defeso ter outros templos. — Nas religiões indiaticas, depara-se-nos pantheismo mais ou menos relevante. No pensar d'esses povos na infancia, está Deus em tudo, e cada particula do todo é uma fracção de Deus. D'ahi, aquellas idéas vagas e confusas que elles teem da divindade, e aquelle profundo sentimento das energias da natureza. E ahi vêdes determinado o caracter de sua architectura: templos ou pagodes esculpidos em rocha, e notabilissimos pela pompa das figuras humanas, e divindades allegoricas. — Domina no Egypto o pensamento da morte. Lá está o cunho lugubre d'ella gravado no templo egypcio, se não é antes um sepulchro o templo. Eil-o cavado na rocha como templo da India; tambem erecto sobre amplos alicerces, inabalaveis e de fortes proporções; mas lá vão ar fóra as suas abobadas; e n'aquelle altear das columnas ha um como aspirar a outra vida. Ahi não se entrevê aquella substancia vaga, indefinivel, a união de Deus com a creatura. Se ahi está representado o homem, é immovel, sem expressão, o homem do sepulchro. Avultam vestigios do seu pensar; mas pensamentos graves, enigmaticos, mysteriosos como a morte. — Bem diversas idéas preoccupam o grego descuidoso e leviano: pensa na vida presente. Tão rica lhe é a terra, e tão puro e bello o céo, que não se dá a canceira dos jubilos de outra vida. Em vez de transmontar a vista para além do horisonte, olha para si mesmo; em si procura o ideal, o modelo da belleza, por si tenta emmoldurar tudo quanto ha. Vêde-lhe o templo: as proporções em que está construido não vos figuram a do corpo humano? Que mimosa e admiravel symetria! que pureza, que suavissimas fórmas! Se a architectura fosse a imitação do corpo humano, a architectura dos gregos seria a mais perfeita. Mas a architectura é a reproducção d'este universo em que Deus se manifesta ao homem em fórma sensivel. Tudo ahi é grande e immenso conforme á divindade que o habita; tudo ahi está, sem duvida, discretamente pautado, mas não é essa regularidade a do corpo humano. — Os romanos pouco se deram á cultura das bellas artes; outros desvelos os distrahiam: era fundar a cidade eterna, e sobpôr a seu dominio todas as nações. Sem impedimento, após as victorias, vieram as columnas soberbas, os arcos triumphaes, os circos, os theatros, as basilicas ou tribunaes forenses. Porque não sabiam o que fosse verdade, facultaram a cada nação vencida, religião e templos. Tambem para si os construiram; mas como haviam adoptado as concepções religiosas e philosophicas dos gregos, por igual lhes adoptaram a architetura, cujas proporções augmentaram. Por certo era isso alterar a elegancia, a subtil delicadeza e harmonia do templo grego; mas tambem era dar-lhe aquella magestade e realce competentes ao seu destino. — Aquelles templos que os primitivos christãos acommodaram ás necessidades do seu culto, deram a planta dos primeiros templos erigidos pela fé. Nunca se obliteraram as linhas das eras primordiaes; mas do afastarem-se

d'ellas gradualmente, e das successivas mudanças nasceu a architectura romana, onde o cimbro romano se casa com a columna grega consideravelmente alterada em suas proporções. — As mudanças que fez na antiga architectura cada povo formaram o velho gothico, o qual, mesclado ás artes do Oriente, produziu o estylo bysantino, notavel pela maior elevação nos arcos, e pela substituição das abobadas aos tectos chatos. — A architectura sarracena ou gothica moderna formou se pela alliança do velho gothico e do estylo bysantino com a architectura arabe e mourisca; pouco e pouco sobreveio o dominio da ogiva, fórmas agudas e angulosas, e ornatos multiplicados sem numero. Finalmente, a Italia, no seculo XVI, creou uma feliz renascença, resuscitando as bellezas da architectura antiga. Hoje em dia reina um eclectismo esclarecido tanto na architectura como em tudo. (Veja ORDENS DE ARCHITECTURA).

Esta lição pertence unicamente aos alumnos de desenho. A historia da architectura póde produzir na imaginativa dos mais habeis util e fecunda impressão.

ARCO-IRIS. (Veja METEÓRO).

ARDIL. (Veja ESPERTEZA).

ARDOSIA. (Veja ESTRATIFICAÇÃO).

ARE. O are é a unidade principal das medidas agrarias do novo systema legal de medidas. É um decametro quadrado; isto é, um quadrado cujo lado tem 10 metros de comprimento, e, por consequencia, tem 100 metros quadrados de superficie. (Veja SYSTEMA METRICO).

Para dar aos alumnos uma idéa precisa das medidas de superficie, convém proceder gradualmente. N'este intento, o professor prepara dous quadrados de papel, um de um decimetro quadrado, o outro um quadrado cujo lado tenha, por exemplo, 3 decimetros. Faz primeiro notar a igualdade dos lados e dos angulos, duplicando a figura pela sua diagonal; depois, para medir sem quadrado, mostra a conveniencia que ha em tomar outro quadrado para unidade de medida, cujo lado é a unidade de comprimento: para o que sobrepõe o quadrado menor no maior, e mostra que é contido 9 vezes; demonstra, depois, que se obtém o mesmo resultado sem a applicação directa: medindo dous lados do quadrado com o lado do quadrado menor para unidade de medida e multiplicando os dous numeros obtidos. Observa que tomando o decimetro para unidade de medida de comprimento, o resultado vinha expresso em decimetros quadrados; tomando o metro, em metros quadrados, etc.

Por exemplo: querendo saber quantos tijolos de um decimetro quadrado são necessarios para ladrilhar um terrado quadrado, basta determinar o numero de decimetros que cada um dos dous lados adjacentes do terrado contém, e multiplicar esses dous numeros um pelo outro; o resultado será o numero de decimetros quadrados ou de tijolos que o terrado contém. A expressão da superficie seria em metros quadrados, se o comprimento dos lados tivesse sido expresso em metros; em centimetros quadrados, se os lados fossem expressos em centimetros; e assim por diante. Esta simples observação dá-nos o meio de fazer fixar, sem esforço, aos alumnos a relação dos multiplos e submultiplos do metro quadrado e do are. Tome-se, por exemplo, o hectometro quadrado, ou o hectare seu equivalente, e pergunte-se ao alumno: quantos decametros quadrados ha? quantos metros quadrados? quantos decimetros quadrados? etc. Pelo methodo precedente responderá immediatamente e sem esforço; além de que saberá interpretar o producto da multiplicação praticada, o que é de subida importancia. — Convém sobre o terreno fazer observar que decametro quadrado não significa dez metros quadrados, mas sim um quadrado com um decametro de lado; e assim a respeito das outras medidas agrarias; com-

prehender-se-ha perfeitamente isto, tendo o cuidado de mostrar a fórma e dimensão de todos os multiplos e submultiplos do are e metro quadrado, o que sobre o terreno permittirá comparal-os, e assim fixar melhor as relações.

Direcção e exercicios. Depois de ter estudado o quadrado como fica dito, passar-se-ha á definição e medida do rectangulo, do triangulo e d'um polygono qualquer, applicando este conhecimento á medida d'um campo, d'um jardim, etc. — Exercitar-se-hão os alumnos em avaliar a olho uma superficie, o que depois se verificará. Medem-se as superficies das mesas, muros, e o soalho da aula, e faz-se tomar nota do resultado. Sobre estes numeros o professor exercitará os alumnos na comparação das medidas entre si, e nos varios modos da representação numerica de uma mesma grandeza. Por exemplo: 432$^{m. q.}$,2746 póde escrever e lêr-se: 1.º 4$^{decam\ q.}$,322746 ou 4^{ares},322746, ou aproximadamente 4 ares e 32 centiares; 2.º 43227$^{decim.\ q.}$,46 ou 4322746 centim. q.; e, para comparar as medidas entre si, póde-se perguntar: n'esta quantidade, quantos decametros quadrados ha? quantos ares e fracção d'are? quantos centiares? quantos decimetros quadrados? etc. Estas questões, repetidas sobre differentes quantidades e para cada um dos multiplos e submultiplos, desenvolvem muito a intelligencia dos alumnos, e dão-lhes uma idéa perfeita tanto das medidas metricas como das suas relações. (Veja AGRIMENSURA).

ARGANT. (Veja LAMPADAS).

ARGEL. (Veja BARBARIA).

ARGILLA, SILICIA. 1. A argilla, terra pegajosa, molle e ductil, com a qual se faz vasilhas, tem a propriedade de formar, encorporada na agua, uma massa que endurece ao fogo. Este ultimo predicado torna as argillas preciosas para a confecção das olarias de toda a especie. (Veja OLARIAS). As argillas são misturas naturaes de alumina e silicia, com algumas substancias accidentaes como oxydo de ferro, e carbonato de cal, ou calcareo. Quando esta ultima substancia entra n'ella em quantidade notavel de 5 a 10 %, a argilla chama-se *marne*. A argilla plastica diluida na agua produz uma massa mais ou menos densa. A agua lhe adhere tão facilmente que ainda se encontra em parte da argilla que haja sido exposta a elevada temperatura. Para lh'a extrahir, é preciso têl-a ao fogo longo tempo: então a argilla adquire maior dureza que o silex. Por mais que então a pisem e moam, nunca mais recebe agua nem se converte em pasta. Depois de secca a olaria diminue entre 1 a 2 decimos de seu volume; e esta diminuição continua ainda depois da completa expulsão da agua. E' então necessario laborar a olaria de modo que o retrahimento seja uniforme em todo o sentido. Evitam-se as deformações desnodoando a massa, isto é, introduzindo-lhe areia ou tijolo pisado. Para evitar o quebradiço resultante da cosedura, mistura-se na massa oxydo de chumbo, materias vitrosas e palha miuda; esta ultima, ardendo, torna a massa porosa. A argilla em porcelana, o kaolim dos chins, contendo alumina 39, silicia 50, agua 9, acha-se frequentemente nos paizes montanhosos em granito. Em França encontram-se belissimos kaolins: em Cambo, junto de Bayonna; em Saint-Yrieix, ao pé de Limoges; e nos arrabaldes de Cherbourg e Alençon.

2. Fazendo aquecer areia ou pedras com potassa, obtem-se a silicia, substancia branca, solida, insoluvel na agua e acidos, infundivel ao fogo mais intenso da forja. Esta substancia está derramada extremamente na natureza, sobre tudo em combinação com a alumina, formando com ella a maior parte da terra dos campos, e grande numero de pedras. No estado de pureza maior ou menor, constitue a areia, os calhaos, a pederneira, e as differentes qualidades de quartzo ou de silex. O crystal de rocha é a silicia crystallisada e perfeitamente pura. A silicia é particularmente empregada na fabricação do vidro, dos almofari-

zes, das olarias, e pedras preciosas artificiaes. — O quartzo é o nome mineralogico que a silicia tem no estado crystallino. E'ordinariamente limpido (crystal de rocha); ás vezes colorido de violeta (amethysta), ou azul (saphira), ou amarello, ou rosado (topazio falso), em verde, alaranjado, ou rubro de oxydo de ferro (hematoide). Quando os crystaes de quartzo são pequenissimos e procedem da desaggregação de certas rochas como o granito, formam, por uma nova juncção, e com auxilio da silicia dissolvida em agua, os grés mais ou menos tenazes, diversamente coloridos e de granulações mais ou menos finas. A silicia dissolvida pela agua ou pelo fogo, e depois solidificada rapidamente para crystallisar de maneira regular, esfria em massas mais ou menos translucidas, e fórma todas as variedades de *agathas* coloridas de vermelho (cornalina), côr de laranja (sardonica), de verde (heliotropio), e esmeralda. O silex é o ultimo grau dos quartzos mais ou menos translucidos. Depois vem os jaspes, contendo cêrca de quarto de argilla, e alguns centesimos de ferro oxydado, os quaes são de todo opacos ou de variadissimas côres. O tripoli é tambem uma materia silicosa, colorida pelo ocre que se acha em Auvergne e em Bretanha, e que serve ao polimento dos metaes. (Veja VIDRO).

N'estas duas lições insistir-se-ha na definição das palavras technicas que lá se encontram, e consultar-se-ha, por causa da nomenclatura, o artigo CHIMICA.

ARGONAUTAS. (Veja DECIMO-QUARTO SECULO).

ARIOSTO. Foi celebrado poeta italiano do seculo XV, que ás vantagens pessoaes da elegancia unia um amavel espirito, com dôce e affectuoso caracter. Foi-lhe sempre adoravel o amor maternal. Como um dia cahisse nas mãos dos salteadores, estes quando lhe souberam o nome deixaram-no ir com muitas provas de consideração. A obra, que o immortalisou, é *Orlando furioso*, onde conta proezas de paladinos, misturando com inimitavel arte o serio ao jocoso, o gracioso com o terrivel, tecendo muitos entrechos diversos, mas todos interessantes. — O assumpto d'este poema é parte da luta entre christãos com mouros, quando a França foi ameaçada da invasão sarracena. Ariosto, á imitação dos trovadores da idade media, confundiu duas épocas: a de Carlos Magno, e a de Carlos Martel. A invasão mourisca, acaudilhada por Abderaman, foi repellida pelo heroico Cárlos Martel; mas, como o nome de Carlos Magno deslumbrasse todos os outros, os chronistas attribuiram ao grande imperador e a seu sobrinho Roldão morto em Roncevaux, e aos paladinos da sua côrte, as emprezas todas d'outra época degeneradas em tradições fabulosas. O merecimento de Ariosto prima na variedadé interessante e inexhaurivel já nas peripecias, já no estylo.

Ao particular intento d'esta lição litteraria, póde referir-se pelo alto a historia de Carlos Magno, e bem assim a historia dos Quatro filhos de Aymond, compendiando-se tudo.

ARISTOPHANES. Celebre poeta comico grego (quinto seculo antes de Jesus Christo), profligava sem reserva nas suas comedias, os philosophos, estadistas, poetas, o povo atheniense, e até os deuses. As allusões, as personalidades, e amphibologias difficultam a interpretação de suas satyras; além de que a rudeza dos gracejos e a extravagancia das idéas produzem certo desgosto; mas tanto sal, e causticidade não se encontra n'outro satyrico. Racine imitou nos *Demandistas* a comedia das *Vespas*. — « Aristophanes — diz Schlegel, illustre critico allemão — revela-se cidadão sempre abrazado em zelo; e assim delata sem treguas os seductores do povo, que Thucydides descreve como perigosissimos. Aconselha constantemente a paz quando mais accesa lavrava a guerra civil que motivou um irreparavel desastre á prosperidade da Grecia, e de continuo o ouvimos

recommendar a singeleza e severidade dos costumes antigos.» O mais honroso testemunho em favor de Aristophanes é o do sabio Platão, quando em um epigramma diz que as Graças tinham escolhido a alma de Aristophanes para lá habitarem. Lia Platão frequentemente as obras d'este poeta, e consta que elle enviára as *Nuvens* a Dyonisio, o Antigo, advertindo-o que alli poderia aprender a conhecer o governo de Athenas, posto que n'aquella peça, tanto os sophistas, como a philosophia e seu proprio mestre Socrates fossem verberados. Não é de crêr que elle quizesse affirmar com isto que tal peça fosse prova das demasias da liberdade democratica; mas reconhecia em seu author perspicacia rara e profunda intuição de todo o machinismo da constituição popular. A comedia antiga era um carnaval de toda a gente, em que se toleravam muitas facecias que a moderna decencia não permittiria; porém por ella se trazia a publico um dizer recreativo, argnto, e até instructivo, que nunca ousaria manifestar-se, sem a proscripção momentanea de todas as barreiras convencionaes. Como quer que fosse, por mais plebeias e destragadas que hajam sido as propensões de Aristophanes, por mais offensivas da delicadeza e dos bons costumes que hajam sido essas chacotas, o que não podemos é negar-lhe a invenção e execução das comedias, os louvores devidos ao artista habil, destro e primoroso na sua arte. Quanto a linguagem, é admiravel a prodigiosa flexibilidade com que responde a todos os tons, sem nunca descahir de rarissima elegancia e incomparavel atticismo.

ARISTOTELES. Nascido em Macedonia (seculo quarto antes de Jesus Christo), seguira a escóla de Platão no decurso de vinte annos. Em 343 foi chamado a educar Alexandre o Grande, que ao diante lhe favoreceu o amor ás sciencias, brindando-o com collecções de objectos de historia natural, e quantiosas dadivas para compra de livros. Fundou em 334 uma escóla que tirou, do lugar onde se abriu, o nome de *Lyceu* ou escóla peripatetica. Aristoteles é o maior espirito da antiguidade. Abrangeu toda a sabedoria conhecida em seu tempo, e creou algumas sciencias. D'ahi lhe veio o cognome de *Principe dos philosophos*. —«Commummente é costume defrontar Platão e Aristoteles, por haverem sido no geral desenvolvimento da escóla socratica, um o chefe do idealismo, outro da philosophia experimental. Não é de todo falsa esta opinião, mas o exageral-a prejudica-lhe a verosimilhança. Quem pensar que Platão teve em conta de nada a base da experiencia, ou que Aristoteles circumscreveu tudo á impressão dos sentidos, não comprehendeu nenhum d'elles. Ao envez, a gloria d'estes dous homens illustres, e uma das feições caracteristicas de seus engenhos, está em haverem aceitado todos os elementos constituintes da natureza humana, e de adoptarem com mais ou menos precisão, segundo suas predilecções e particulares tendencias, todas as condições do problema philosophico... Admittia Aristoteles a existencia da razão e suas leis, todavia manda a justiça confessar, que se preoccupava muito dos dados experimentaes, e que, se elle não é integralmente um philosopho sensualista, foi levado por indole e desejo de reagir contra a influencia de Platão, a estadiar sobejamente o imperio da experiencia. Um erro vulgar de Aristoteles está no emprego exclusivo do methodo de deduzir. É porém verdade que elle fez d'aquelle methodo uma tão perfeita analyse, que este ramo dos conhecimentos humanos nada augmentou depois d'elle. E nos livros onde expõe a natureza e regras do raciocinio deductivo, dá uma theoria de inducção; e com analyse firme e rigorosa dos elementos do pensamento e das especies fundamentaes do ser, revela que a observação psychologica lhe é familiar, e que, longe de recusar os dictames da razão, lhe aprofundou todos os distinctivos.» (Julio Simon). — «A experiencia sensivel dá o que está aqui, além, agora, de tal ou tal manei-

ra; mas é impossivel o que está em toda a parte e sempre... As verdades racionaes, bases do raciocinio, as verdades primitivas, os principios não se demonstram; arrebatam immediatamente o nosso sentimento e fé. Não é pois do nosso intento averiguar-lhes as bases; que ellas repousam sobre si mesmas. (Aristoteles, post. I, 31. Topic., I, 1). (Veja PLATÃO, SOCRATES, e SYLLOGISMO, e observe aos seus alumnos que os grandes raciocinadores não tem sempre razão, visto que ha cousas evidentes sem precedencia de raciocinio).

ARITHMETICA. «É muito importante que o professor que ensina arithmetica se habitue a observar o que se passa no espirito dos alumnos. Depois de lhes ter proposto uma questão, deve examinar se a comprehenderam bem; se a não tiverem comprehendido, deve descobrir o modo de a tornar mais intelligivel.» (Colburn). — «Mas o que se torna sobre tudo importante recommendar, é a pratica do calculo mental. Estes exercicios que, principiando por extrema simplicidade, podem ser levados mui longe e indefinidamente variados, attingem dous fins: são um meio excellente d'educação logica; e o melhor modo d'ensinar aos meninos o calculo usual, e a reconhecerem, com facilidade e sem auxilio da penna, os problemas que muito interessam um ensino arido em si e que suavisam o trabalho com o deleite.» (Willm.)—Se tivermos uma meiada enredada, mas de que conseguimos encontrar o fio e fazel-o passar por todas as voltas e nós, teremos em breve ennovelado a meiada. É exactamente por modo analogo que se deve exercitar o espirito dos meninos no descobrimento de conhecimentos abstractos. Para um espirito que não tenha sido exercitado, a mais simples questão é muitas vezes embaraçosa. Quantos meninos, ainda entre os melhores alumnos, não haverá que encontrem difficuldade em resolver este problema bem simples: Quanto são os dous terços dos tres quartos d'um numero?... E, comtudo, bastava-lhes o habito de decompôr questões d'este genero, guiados pelo principio: que se deve ir do conhecido ao desconhecido. Dão-vos um numero indeterminado: não percaes tempo em procurar os dous terços dos tres quartos que não conheceis ainda; procurai primeiro os tres quartos do numero que é conhecido, achados os quaes operai sobre esse numero agora conhecido, e obtereis facilmente os dous terços. Serve este exemplo para comprehender como a applicação da analyse póde dar, com mui poucos conhecimentos reaes, uma certa habilidade na arte de calcular. Comtudo, para que esta habilidade seja verdadeiramente util e usual, é necessario adquiril-a em exercicios judiciosos e variados.» (*Magasin d'éducation*, traduzido do inglez). — Começai por explicar o que se entende por numero, unidade, dezena, centena. Depois fazei comprehender o milhar, entrever o milhão e o billião; para o que dareis aos meninos pedrinhas, marcas do loto ou grãos preparados em pacotes de dez e de cem. Em fim, explicai o meio, terço, quarto, quinto, decimos, vigesimos, centesimos, millionesimos. Eis uma primeira serie d'exercicios para o calculo oral. Não conteis com progresso algum da parte dos alumnos, sem estas previas explicações; dadas com clareza, servirão de base tanto ao calculo superior como ás operações e ao systema decimal. (Veja SYSTEMA METRICO, NUMERAÇÃO, ADDIÇÃO, SUBTRACÇÃO, etc., onde se encontram a direcção necessaria e a ordem que se deve seguir nos exercicios praticos).

ARKWIGHT. (Veja INVENÇÕES).

ARMINHO. (Veja RUSSIA).

ARRAIS (D. Fr. Amador). Natural de Beja. Ignora-se o anno do seu nascimento. Morreu bispo de Portalegre, em 1600. Publicou um livro muito estimado, em 1589, intitulado: *Dialogos*, de que ha tres edições. É considerado entre os mais vernaculos es-

criptores; e com quanto o padre Antonio Pereira de Figueiredo, por inexplicavel indiscrição, o colloque no duodecimo lugar da serie dos nossos classicos de maior tomo, o insigne bibliophilo Innocencio Francisco da Silva, repara a flagrante injustiça com este aprimorado conceito do tão eminente escriptor: «Todos os criticos são concordes em reconhecer no bispo Arrais um dos mais perfeitos mestres da lingua portugueza, e o melhor exemplar do estylo medio, ou temperado. Os seus *Dialogos* gozaram sempre da maior estimação, por sua proveitosa doutrina; pela copiosa e escolhida erudição tanto sagrada como profana que n'elles se encerra; e finalmente pelo admiravel decoro e economia que o author soube guardar na sua composição; acommodando a cada um dos interlocutores discursos proprios e adequados com profusão de sentenças, que não desdizem da profissão e indole dos sujeitos... A phrase é sempre engraçada e formosa, correcta e purissima.» (*Dicc. bibliog.*, tom. I).

ARRAS. (Veja Artois).

ARREPENDIMENTO. 1. «O homem, que pratíca um crime, ao principio atordoa-se com o fructo da sua perversidade; mas, apagado o fogo da vingança, ou dissipado o ouro, principia elle a recordar-se da vida do homem que foi sua victima, e do motivo que o impulsou a manchar-se com o sangue d'um irmão. Acode-lhe então um pensamento doloroso em meio do silencioso recolhimento em que se abysmou. É pesar, em que não entra medo da justiça ultrajada ou receios de castigo: é o principio do remorso. Pouco a pouco a consciencia se lhe conturba; depois vem a sombra da victima advogar sua causa face a face do criminoso; por derradeiro, esvae-se a nuvem, desfaz-se a sombra, e apparece o remorso. N'este conflicto, se a alma do criminoso é fraca, aterra-se e treme. O crime perpetrado dera elle a vida por não o haver commettido. Horrorisado de si mesmo, abomina-se, e amaldiçôa o instante em que a paixão fatal o impelliu. Se tem força d'alma, reflexiona, e diz: pratiquei o mal; e esse tal quereria a todo o custo desapressar-se do peso do crime que o esmaga. O *arrependimento* apossou-se da alma de ambos. Se o mal é reparavel, o homem arrependido reparal-o-ha; se o não é, o homem que se arrepende está quasi absolto. O *arrependimento* é o pesar amargo e reflexivo da alma que fez o mal e deseja remedial-o. O *arrependimento* é o ultimo degrau; vem após a piedade e o medo, o pesar e o remorso. Cousa admiravel é que se haja feito do *arrependimento* um merito; e o christianismo que chamava para si os gentios e os peccadores, chamou tambem o *arrependimento* e o baptisou christão, respondendo n'isto a uma necessidade de nossa alma; porque se o *arrependimento* está ao pé da confissão, ha n'elle o receio do opprobrio. O homem arrependido quer uma alma que lhe confidenceie a sua, em communicações de vergonha e de pesar: podemos dizer n'este ponto com o philosopho de Genebra: «Vós que podestes perdoar meus desatinos, porque não perdoareis a vergonha produzida pelo arrependimento d'elles?» Por isso mesmo se vê quanto a religião catholica entendeu bem o coração humano, impondo-lhe o dever da confissão, e absolvendo-o quando o arrependimento leva o peccador a confessar a culpa.» (Theodore Le Maine).

2. «Pedi ao arrependimento a veste da candura: é elle quem a encontra e a restitue áquelles que a perderam. Quando a natureza e os homens são inexoraveis, é maviosissimo achar Deus prompto a perdoar: só a religião christã ideou fraternisar a innocencia com o arrependimento.» (De Chateaubriand). «O Senhor é Deus d'aquelles que se arrependem; e este Deus só veio á terra para aquelles que estavam enfermos.» (Santo Ephrem). «Esperamos para nos arrependermos que as nossas culpas nos hajam punido.» (Lugrée). «Ha tanta grandeza no arrependimento que poucas almas

lhe apreciam o valor.» (M.me Tarbé). «A dôr physica é o grito plangente dos orgãos enfermos, assim como o remorso é o grito accusador da consciencia ferida.» (Dr. Descuret). «Os remorsos supprem a justiça. O afazimento do vicio póde enfraquecer, mas nunca suffocar de todo o grito do remorso.» (Young). «O remorso é a unica dôr d'alma que o tempo e a reflexão não suavisam.» (M.me de Staël).

ARSENICO. (Veja Metalloides).

ARTES. (Veja Sciencias).

ARTICULADOS (Animaes). 1. A classe dos animaes articulados subdivide-se, segundo suas fórmas principaes, e a natureza da sua respiração e circulação, em muitas classes, de que são principaes: os insectos, os arachnides, os crustaceos, os annelidos. Esta ultima comprehende os vermes chamados de sangue vermelho, que tem o corpo alongado e dividido em numerosos anneis por vincos transversaes, e não passam por metamorphoses. Uns para se ajudarem em seus movimentos tem feixes de cerdas rijas e moveis: outros, que não tem algum appendice para o movimento, andam de rojo, rugando ou contrahindo diversas partes do corpo. Aos generos providos de cerdas pertencem: a arinicula dos pescadores, vulgar nas praias á beira-mar, onde se aproveitam d'ellas como engôdo para pesca, e as minhocas que vivem na terra humida dos jardins, onde se nutrem das materias organicas contidas na terra ou no estrume. Aos generos destituidos de cerdas pertencem as sanguesugas, que tem nas extremidades uns discos carnosos que lhes servem de sugadouros.

2. Os crustaceos são animaes providos de membros articulados, respirando por barbatanas, cobertos em geral d'uma crusta dura, que deixam e renovam em certas épocas. Tem sangue branco, coração muscular, e vasos circulatorios, muitos pares de maxillas transversaes, e antennas que ordinariamente são quatro. O seu corpo divide-se em cabeça, thoracete, e abdomen ou cauda; mas no mais das vezes a cabeça está soldada ao thorax. Os membros articulados nunca excedem a sete pares, nem são menos de cinco. Chamam-se *decápodos* os generos que tem cinco pares de pés, e *tetradecápodos* os que tem sete. Aos primeiros pertencem os caranguejos, lagostas e lagostins, e aos segundos pertencem os bichos de conta, que vivem nos lugares humidos das nossas habitações. (Veja Classificação).

3. Os arachnides não tem antennas nem guelras; tem a cabeça e o thoracete reunidos n'uma só peça de fórma redonda ou quadrada; tem oito patas, um abdomen distincto, sem appendices locomotores. Respiram por pulmões ou trachêas; tem respiração completa, com o coração simples que recebe o sangue que respirou nos pulmões para o reenviar á economia. Termina sempre o seu canal intestinal na parte superior da extremidade do corpo onde estão as fiadeiras ou instrumentos que servem para fiar as teias, quando possuem esta faculdade. Dividem-se em duas ordens; uma que tem pulmões, e outra que tem trachêas: á primeira pertencem as aranhas e os escorpiões que pela maior parte são venenosas, á segunda os aranhiços das paredes e uns bichinhos, especies microscopicas que vivem no queijo, e nos alimentos ou na pelle e carne dos animaes vivos.

4. O corpo do maior numero dos *insectos perfeitos* é composto de tres partes, separadas por constricções, a saber: a *cabeça*, a qual contém os olhos, as *antennas*, e a bocca: o *thoracete*, ou *cossolete*, ao qual se acham ligadas as pernas, e azas: e o *abdomen*, que pende posteriormente, e contém a maior parte das visceras. Comtudo cumpre notar-se, que nas aranhas, e alguns outros generos, a cabeça, e thoracete formam uma só peça; que os lagostins, em lugar de abdomen, tem uma cauda articulada e com pernas; e que nos *millépedes*, *bichos de conta*, etc., o corpo é composto de uma multidão de peças articuladas, as quaes se ligam todas com as pernas sem dis-

tincção de thoracete, abdomen, ou cauda.

As *larvas*, e *nymphas dos insectos de meia metamorphose* tem igualmente estas tres partes; e são munidas de pernas, antennas, e boccas semelhantes ás dos insectos perfeitos; porém nos insectos de *metamorphose completa* ha uma grande differença, e vem a ser, que a fórma do corpo de suas larvas não tem relação constante com a fórma, que hão de ter os insectos perfeitos: porque é de ordinario alongado e composto de um certo numero de anneis redondos, ou chatos: a cabeça é umas vezes escamosa, e munida de queixos; outras vezes molle, e de bocca em fórma de tromba, não tendo jámais olhos compostos, e observando-se-lhes sómente rudimentos de antennas, que muitas vezes tambem faltam; umas não tem pernas, outras tem muitas; mas sempre mais curtas, e com menos articulações, do que nos insectos perfeitos.

Os insectos vivem em todas as sortes de habitações, e por conseguinte tem todas as fórmas de orgãos de movimento. As *azas* são umas peças membranosas, seccas, elasticas, e ligadas aos lados do dorso, e do thoracete, achando-se entre as ligações d'estas, um tanto posteriormente, um tuberculo chamado *escudilho*. As abelhas, as vespas, e as libellinhas, etc. tem quatro azas, as quaes, ou permanecem estendidas, ou se dobram, ou se cruzam sobre o dorso, em quanto o insecto descança, segundo as diversas especies. As borboletas tem igualmente quatro azas cobertas de pequenas escamas, as quaes apresentam á vista a apparencia de poeira, que lhe dá todas as côres. Os insectos de duas azas tem por baixo dous pequenos pedunculos moviveis terminados em clava, que parece occuparem o lugar das azas, que lhes faltam, e se chamam *badalos* ou *contrapesos* (*halteres*).

Muitos insectos em lugar de azas anteriores tem especies de estojos mais ou menos duros chamados *elytros*, que se abrem, e fecham, e debaixo dos quaes se dobram as azas no estado de repouso: estes insectos chamam-se *coleópteros*, e faltam-lhes algumas vezes as azas; porém nunca os elytros.

Nenhum insecto alado tem mais, nem menos de seis pernas, ainda que um, ou outro dos seus pares se ache algumas vezes menos desenvolvido. Entre os insectos, que não tem azas alguns ha, com seis, oito, dez, doze, quatorze, e até muitos centos de pernas, achando-se sómente, duas, ou tres especies, e estas mui pequenas, nas quaes se julga não haver mais de quatro pernas.

Estes membros são compostos de côxa de perna, e de um dedo, dividido em muitas phalanges, ou articulações terminando, de ordinario, em um duplicado gancho: os insectos nadadores tem os dedos achatados á maneira de remos.

Os musculos dos insectos são mui fortes, muito irritaveis, e por extremo multiplicados, n'aquelles que tem o corpo composto de anneis molles, e flexiveis; porém apenas ha mais de dous nas articulações envolvidas em uma codea dura, como nas das pernas; por quanto, sendo estas ligadas em dous pontos, só podem mover-se em um plano.

Os insectos tem duas sortes de olhos, a saber: simplices, mui pequenos, e immoveis; e compostos, que parecem formados de uma multidão de olhos simplices, reunidos em montinhos, e de ordinario immoveis: os lagostins tem os olhos sobre tuberculos moviveis.

Como o corpo dos insectos perfeitos seja revestido de crustas duras, deve ser pouco sensivel, mas supprem esta falta, com as *antennas*, que são uns fios articulados, e moviveis em todas as direcções, de fórmas mui variadas, e situadas na parte anterior da cabeça, faltando em mui poucos insectos, como nas *aranhas*, *lacráos* e *limulos*. Alguns suppozeram, que as antennas serviam tambem para o olfato, cujo orgão é desconhecido nos insectos, posto que se conheça, que elles possuem esta sensação; porém é mais provavel, que esta se exercite

na entrada dos *estygmas*, que são umas aberturas pelas quaes entra o ar no corpo dos insectos. Os insectos tambem ouvem, mas ainda se não descobriu especie alguma, de ouvido, senão em os lagostins.

Todos os insectos conhecidos, e suas larvas tem pelo lado do ventre um duplicado cordão medullar, que vai de uma extremidade á outra, engrossado d'espaço, em espaço, por pequenos tuberculos, dos quaes o primeiro, que passa por ser o seu cerebro, é o unico situado do lado do dorso, acima do esophago, communicando-se aos outros por dous cordões, que abraçam este canal, como uma colleira. Os nervos sahem d'estes differentes tuberculos, para se distribuirem a todas as partes.

Os orgãos da mastigação, nos insectos, são muito mais variados, do que em nenhuma outra classe de animaes. Aquelles que se sustentam unicamente de liquidos não tem queixos; mas sómente uma tromba de *tubo duplicado enrolando-se em espiral* (linqua), ou *um tubo agudo curvando-se debaixo do corpo* (rostrum), ou *uma tromba carnosa de dous labios* (proboscis), etc.

Aquelles insectos, que tem queixos os abrem para os lados, e não de cima a baixo, como os outros animaes, e tem de ordinario dous pares, dos quaes o superior é mais forte e se chamam *mandibulas*, e o inferior conserva o nome de queixos. Algumas vezes falta um ou outro, ou tambem ha muitos pares: além d'isto tem dous beiços, um superior, outro inferior; e este ultimo varía muito na fórma, e connexão com os queixos, e modo, pelo qual sua extremidade, chamada *lingua* se alonga, ou encolhe.

Os *palpos*, ou *antennas menores* são uns pequenos filamentos ordinariamente articulados, que se ligam a diversas partes da *manducação*; porém o mais das vezes ao dorso dos queixos, e labio inferior, servindo para melhor darem a conhecer ao insecto as substancias, que elle come.

O canal alimentar varía em inflexões, e empolações, sendo de ordinario mais comprido, e de estomago menos robusto, nos que se nutrem de vegetaes. As especies mui vorazes, como a lagarta, tem comtudo os intestinos grossos, e curtos: outras, como os gafanhotos, tem muitos estomagos. O figado, e as outras glandulas são suppridas por longos vasos analogos sem duvida aos vasos proprios das glandulas dos outros animaes; porém são fluctuantes, e não formam, pelo seu ajuntamento, um corpo solido.

E' só nos lagostins, e generos proximos, que se acha um coração muscular; e não se conhece nos outros cousa, que se lhe assemelhe; porém acha-se ao longo do seu dorso um vaso repartido por muitas constricções, do qual as articulações se contrahem alternativamente; por maneira que o licôr, que este contém parece ir de uma extremidade á outra. Alguns authores lhe tem dado o nome de coração, posto que n'elle se não haja visto entrar, nem sahir ramo algum. Póde muito bem ser que estes animaes não tenham realmente systema vascular, e que as partes do seu corpo se nutram por embebição. Os lagostins são igualmente os unicos de guelras diversamente situadas, segundo as especies. Os outros insectos respiram sómente por *trachêas:* assim se chamam uns vasos de paredes elasticas, que se abrem exteriormente aos lados do corpo por buracos chamados *estygmas:* estas trachêas se ramificam infinitamente no interior. Os insectos consomem ar puro, e perecem no impuro, do mesmo modo que os outros animaes; e tambem morrem quando se lhes tapam os estygmas com substancias oleosas. (Cuvier).

ARTOIS. 1. O condado de Artois, depois de ter sido longo tempo possuido pelos condes de Flandres, foi reunido á corôa por Philippe Augusto em 1180, dado por S. Luiz a seu irmão Roberto, e passou á casa de Austria, pelo casamento de Maria de Borgonha com Maximiliano (1477); por fim as conquistas de Luiz XIV e o tratado de Nimègue restituiram-o á

França, ficando a pertencer o titulo de conde de Artois a muitos principes de sangue, entre outros ao terceiro irmão de Luiz XVI, depois rei com o nome de Carlos X. Artois constitue uma provincia, onde florece variada industria, commercio activo, e são notaveis as cidades historicas de Lans, de Azincourt, e Calais.

2. Pas de Calais, capital Arras. Não bastou a Luiz XI tomar Arras fiel aos duques de Borgonha: cobriu-a de ruinas e cadaveres. Henrique IV e Richelieu, Turenne e Condé fizeram-lhe soffrer todas as miserias dos assedios implacaveis. Após tantas destruições, Arras resurgiu com formosas praças, e notaveis edificios administrativos; Vauban finalmente ahi construiu para as suas estrategias uma forte cidadella. Bolonha está dividida pela natureza em cidade alta e baixa. Uma no alto e no declive do monte Lambert, mostra-vos a nova e esplendida igreja de Nossa Senhora, bem como um castello inteiramente insulado, d'onde podeis contemplar a magestade do mar, os navios em repouso nas angras, ou velejando na barra, a agitação perpetua dos homens, dos barcos e das vagas em frente das ribas immoveis da Grã-Bretanha.

A cidade baixa onde se falla inglez, maravilha o viandante, que nunca viu mar nem navios, nem ancoradouros, nem caes, nem marinheiros francezes, nem *touristes* inglezes. N'este porto de facilima abordagem, ha grande commercio de madeira, e linho do norte. O porto de Calais, é de somenos importancia, e tende a obstruir-se cedo ou tarde pela massa de areia e seixos que lhe accumula incessantemente o movimento do mar.

Pelo que respeita a Saint-Omer, ha poucas campinas tão singulares, e cidades tão fortes e ricas em monumentos com a mesma população. Os campos de Saint-Omer são em grande parte uma continuada lagôa, de todo intratavel, mas de incrivel uberdade. Um dos arrabaldes da cidade, chamado Hautpont, é o retrato fiel de Veneza; não ha estradas nem ruas possiveis sobre essa terra fluctuante; communicam-se as casas entre si por meio de botes.

Exercicios. Dicta-se de duas vezes esta lição, e mandam-se mostrar no mappa os lugares mencionados. Digam-se algumas palavras a respeito de cada rei nomeado, e peça-se um resumo escripto.

ASIA. Quasi todas as planicies da Asia são elevadas, e offerecem uma especie de terraços dispostos gradativamente, conduzindo ás terras baixas. Os mais elevados mostram umas vezes desertos arenosos, outras vastos espaços escalvados, chamados *steppes* e caracterisados por uma especie de terreno pardacento onde só vegetam hervas e sarçaes.

O clima da Asia, varía segundo as regiões. Ao norte, estão gelados os rios desde o principio de setembro até julho, e durante a curta duração do estio, a atmosphera está carregada de nebrina espessa e insalubre. No centro, as elevações estão expostas a rigoroso frio; ao passo que os plainos inferiores gozam temperatura elevada, inverno muito breve, e vegetação rica e magnifica. Ao sul só se conhecem duas estações. De abril a novembro chove constantemente em algumas partes, em quanto n'outras ha grande seccura; no restante do anno é sereno o céo. São admiraveis o vigor e opulencia com que a vegetação ahi desabrocha.

Foi a Asia berço da civilisação, e das crenças religiosas. Os habitantes das regiões meridionaes, são geralmente voluptuosos, effeminados, e inertes; mas vivos de espirito, penetrantes, e ardentes de imaginação; os do norte são toscos, e quasi selvagens.

Diz Volney: «Quando um europeu entra no Oriente, o que mais o impressiona do exterior dos habitantes é a quasi total opposição das suas maneiras com as nossas. Dir-se-hia que um premeditado designio se recreou a estatuir multidão de antagonismos, entre os homens da Asia e os da Europa.

Nós trajamos vestidos curtos e cingidos, elles usam-os amplos e roça-

gantes; nós deixamos crescer os cabellos e cortamos a barba, elles deixam crescer a barba, e rapam os cabellos. Entre nós descobrir a cabeça é signal de respeito; entre elles cabeça descoberta é signal de sandice; nós saudamos inclinados, elles saudam direitos; nós passamos a vida de pé, elles sentados; elles assentam-se e comem no chão; nós estamos de alto, sentados em nossas cadeiras. Finalmente até em cousas de linguagem: elles escrevem ás avessas do nosso uso, e a maior parte dos nomes masculinos são femininos lá!»

Direcção. A respeito dos *steppes*, póde discursar-se ácerca das savanas do Novo-Mundo. (Veja COLOMBIA). O berço da civilisação e do genero humano naturalmente nos conduz á historia das primeiras colonias. (Veja ADÃO).

ASPÉRULA. (Veja RUBIACEAS).

ASSOCIAÇÃO DE IDÉAS. «É facto assás averiguado que as nossas concepções tem a propriedade de se despertarem mutuamente. Tal pensamento, que me occupa, suscita outro, que suggere o terceiro, e assim infinitamente, por pouco que eu me preoccupe d'essa derivação. Por exemplo, em quanto escrevo estas linhas, penso em certo capitulo das obras de Reid, onde colhi as minhas idéas. Do livro, derivo para o author, e o figuro ensinando na sua escóla de Edimburg com a sua gravidade serena e costumada bondade. Edimburg e Escocia fazem-me pensar em Maria Stuart, recordando-me a sua desgraça, formosura, e alto espirito. A formosura é o assumpto d'um livro de Platão, e eis-me aqui meditando a natureza e origem d'ella. E como eu haja tambem lido sobre tal assumpto uma theoria de Kant, passo da Grecia para a Allemanha. Depois de alguma paragem n'este paiz, o meu pensamento embarca-se no Rheno e por ahi vai descendo até ao mar. Aqui, assisto idealmente ao espectaculo d'uma tempestade; e, quando estou imaginando o terror do quadro, occorre-me a lembrança de um painel que me representava scena semelhante. Ao proposito do quadro medito em pintura, e dominado da pintura derivo para a musica; porque a denominação d'arte, que lhes é commum, me levou d'uma a outra, e assim começo interiormente a trautear qualquer trecho de opera. Póde ser que então, entrando em mim mesmo, despertado pelo contraste da minha situação presente com aquella onde me transpõe as minhas recordações, eu me entregue de novo ao trabalho interrompido; mas, se estou de ferias, irei assim percorrendo, ao sabor de minhas concepções, os paizes todos da terra, as épocas todas da historia, e viajando em todo o sentido no dominio infinito do pensamento... Tal é, toscamente descripto, o phenomeno psychologico, chamado *associação de idéas.*» (Amédée Jacques).

2. «Embora observemos pouco attentos a maneira como uma idéa é manifestada por outra, é certo que este accordo não vem casual, mas pende de secretas allianças das nossas concepções. Estas palavras são numerosissimas: tempo, lugar, analogia, contraste, relações de causa e effeito, de principio e consequencia, de signal e cousa significada. Estas são as causas principaes das travações que se formam em nossas idéas, e nos occasionam todas as lembranças. Pelo que, o aspecto de lugares illustrados por grandes acções, recordam-nos successos ahi passados; o nome d'um personagem egregio faz pensar nos seus coevos: a obra recorda-nos o artifice; um retrato o original; uma idéa a palavra que a explica, etc. Estas ligações de pensamentos, note-se que não são sómente importantes para a memoria; todas as partes da nossa constituição estão debaixo de sua influencia. São ellas que nos prescrevem o gosto, os preconceitos, os erros, o geito de nosso espirito e nossa indole. O talento dos chistes, por exemplo, resabe principalmente do costume de coadunar as relações mais remotas das idéas; do mesmo passo que as liga-

ções naturaes e regulares formam a solidez do juizo, e a rectidão do proceder.» (Jourdain). Estas associações pódem ser voluntarias e artificiaes. Se queremos reter um facto que nos foge, prendemol-o fortemente a um objecto que nos é familiar. N'isto se fundamenta a theoria da memoria artificial, chamada *mnemonica*. (Veja MEMORIA).

3. O desenvolvimento das idéas está, em geral, em relação exacta com o modo como a natureza exterior fere os sentidos. Dous meninos da mesma idade, e de igual capacidade, adquirem conhecimentos em grau differente, se não estão em relação igual com as cousas que os rodeiam. Se um fôr circumscripto em recinto estreito, onde não veja as cousas pelo seu lado interessante, se outro póde vêr em maior numero os objectos que lhe são apresentados por todos os seus aspectos; este formará idéas justas e faculdades exercitadas para adquirir sem cessar novos conhecimentos; o primeiro só poderá descobrir as qualidades apparentes dos objectos, e de tão incompleta e mal dirigida observação hão de proceder idéas incorrectas e vagas; por maneira que em vez de conhecimentos positivos, terá idéas erradas e preoccupações. Corre por tanto obrigação no professor, de fazer observar aos meninos, desde a primeira educação, os objectos que os cercam, e acostumal-os a analysar cuidadosamente as impressões que recebem, e associar idéas confórme as regras da logica e do bom discernimento — Por exemplo, quando se trata de historia, parece natural fallar se de geographia, e *vice-versa;* a proposito d'um vidro, vem á conversação objectos transparentes e frageis; a proposito de calças, o alfaiate; do tecelão, o algodão; do linho, o agricultor; a proposito d'um pedaço de ferro, póde conversar de officinas, de minas, de metaes, e vastidão de profissões; finalmente. qualquer objecto que se nos depara á vista, póde abrir ensejo a explicações e descripções, que são tanto mais attendidas quanto parecem cahir acaso para recrear os espiritos que folgam sempre com o inesperado.

ASSUCAR. O assucar póde extrahir-se de differentes vegetaes: a cana, a beterraba, o milho, etc. N'uma época ainda não muito distanciada, todo o assucar que se consummia em França e póde-se dizer no mundo inteiro, era o que se extrahia da cana, e por consequencia era um producto estranho que era preciso ir buscar aos paizes favorecidos onde o clima quente permitte a cultura d'esta planta. Quando uma guerra maritima impedia as communicações, ficavamos privados d'este genero precioso, e o preço tornava-se então excessivo; de maneira que um objecto tão necessario aos nossos habitos, tinha assim ora um preço muito elevado, ora baixo, segundo as vicissitudes da paz ou da guerra. O genio do homem e o genio francez, diremos tambem, mudou esta situação, conseguindo extrahil-o de um vegetal que se dá perfeitamente no nosso solo, e no seio do nosso clima temperado, tal é a beterraba; da qual o uso estava restringido, até então, á alimentação dos animaes em alguns paizes, e hoje nos dá uma abundante colheita de assucar; de maneira que a tal respeito, a França rivalisou com as colonias, prescindindo agora d'ellas, e não receando já que as guerras maritimas e outros acontecimentos, que podiam impedir as communicações com os portos que até aqui nos forneciam o assucar, empeçam a producção e consummo de genero tão indispensavel.

Nem todas as especies de beterrabas servem para o assucar, e a experiencia faz conhecer as mais proprias. Debaixo d'este ponto de vista, devemos classifical-as pela ordem seguinte: a *beterraba branca*, a *amarella*, semente de Castelnaudary, a *vermelha*, da mesma semente, *amarella* e *vermelha commum:* e em fim a *beterraba rajada* ou *côr de rosa*. Reconheceu-se igualmente que as partes da beterraba que sahem da terra perdem pela acção do ar uma parte de assucar que contém, por isso deve cultivar-se a

beterraba branca que fica inteira debaixo da terra, e não mostra senão a folhagem; é pelo menos preciso escorar com cuidado e cobrir bem aquellas que tem parte da raiz fóra da terra.

A *beterraba branca*, chamada da Silesia, é a mais saccharina; a *beterraba vermelha* não é tão empregada por causa da côr; a *beterraba rajada* dá pouco assucar e é difficil de fabricar. Posto que contenha de 10 a 12 % de assucar crystallisavel, a beterraba branca não fornece senão 4 a 6 % pela manipulação em grande.

As beterrabas, lavadas, raspadas e espremidas, dão de 15 a 20 % de succo; depois procede-se á defecação que consiste em fazer ferver o succo ajuntando-lhe 50 grammas de cal por hectolitro até levantar espuma; depois deixa-se depositar o licôr, o qual se passa pelos *filtros Dumont* que são caixas de cobre, com dous fundos crivados entre os quaes se lança o negro dos ossos calcinados, apertando-o dentro de dous panos. A terceira operação consiste em evaporar o sumo ou a quente ou a frio, formando o vacuo abaixo do liquido; na quarta operação faz-se passar segunda vez o succo pelos filtros de carvão; na quinta evapora-se de novo ou pelo calor ou pelo vacuo; na sexta faz-se passar sobre os *filtros Taylor* formados de pannos de saccos dobrados; depois pela terceira vez pelos filtros Dumont.

Temos então chegado á *cosedura*, que se opera entre 112° e 115°; e quando o xarope marca 43° no areómetro de Baumé faz-se crystallisar pelo resfriamento, e então temos o assucar mascavado. (Veja FERMENTAÇÃO e NUTRIÇÃO).

2. Para extrahir o assucar de canas cortam-se estas, e pisam-se por meios mechanicos, para lhes extrahir o sumo, que contém o assucar formado, além da fecula verde e outras materias estranhas. Cose-se em caldeiras de cobre, com uma quantidade pequena de cal, que lhe extrahe a fecula em fórma de espuma. Logo que o licôr está algum tanto concentrado, côa-se, evapora-se nas caldeiras, e depois despeja-se nos tachos, onde se crystallisa. Trasfega-se o restante do liquido, e o assucar assim crystallisado e secco, chama-se assucar *mascavado*. O assucar que não crystallisou, chama-se *melaço*. O assucar, para ser refinado, é dissolvido em agua, ajunta-se-lhe depois pequena porção d'agua de cal, ossos carbonisados, e materias albuminosas, como sangue de boi. Esta albumina, coagulando-se pela cosedura, absorve todas as materias estranhas e fórma uma espuma que se tira repetidas vezes. Depois filtra-se, evapora-se, e vasa-se em cones postos do avesso. O esfriamento determina a crystallisação do assucar, e pela extrema aguda do cone, sahe o xarope que não crystallisou. Depois procede-se á *terragem*, que consiste em cobrir o assucar com uma camada de outro já refinado, e pulverisado, e por cima d'esta sobrepõe-se outra de argilla diluida em agua. Esta agua filtra através do assucar em pó, transforma-se em xarope, que leva comsigo, e do qual enche os intersticios de crystaes, levando tambem a materia incrystallisavel. Deve repetir-se tres vezes esta terragem, o que gasta trinta dias pelo menos. Tiram-se os pães das suas molduras, e seccam-se em estufa por espaço de um ou dous dias. N. Dubrunfaut chegou a retirar todo o assucar crystallisavel contido ainda nos melaços provenientes das refinarias. Para isto, combinou com o baryto e o assucarato de baryto quasi insoluvel, mesmo ao fogo, é lavado, e depois decomposto pelo acido sulfurico, ou carbonico; depois d'isto crystallisa o assucar em estado de perfeita pureza.

ASSYRIOS. (Veja IMPERIO E SEXTO SECULO).

ASTROLOGIA. Os movimentos dos astros produzem as noites, os dias, o inverno, a canicula e as estações: teem pois sobre os productos terrestres, e conseguintemente sobre o homem, uma acção que se manifesta a cada instante. Ora, como o homem tem o innato e insaciavel desejo de conhecer-se a si proprio e de antevêr o fu-

turo, o estudo do céo teve, por longo tempo, mais por fim prevêr os acontecimentos do que profundar as theorias. A vida inteira d'um homem deduzia-se do seu horóscopo, isto é, da posição do ponto da ecliptica que, ao tempo do seu nascimento, se levantára no horisonte; posição que se estudava em relação ás posições diversas de todos os astros. Assim a Luiz XIII chamou-se-lhe o *Justo*, porque o seu horóscopo estava situado no signo da Balança. Se tivesse nascido duas horas mais cedo ou mais tarde, no Escorpião ou na Virgem, não era o justo; como se as constellações, as suas posições, figuras e nomes, que são invenções devidas ao capricho do homem, podessem ter valores moraes proprios para revelar o futuro. — Os mais celebres astronomos desde Ptolomeu até Kepler, acreditaram na astrologia; e tambem reis, ministros e generaes celebres, taes como Alexandre, Crasso, Pompeu, Cesar, Richelieu, Masarin, Catharina de Médicis, Tiberio, Luiz XI, Carlos V. Os abusos a que em todos os tempos deram lugar as prophecias dos astrologos, muitas vezes levaram a proceder severamente contra elles, nomeadamente Augusto, Carlos Magno e Sixto V.

2. Astrologos celebres: Thrasyllo, Cardan, Regiomontano, J. Stoffler, Thomaz de Pisan, Cosme Ruggieri, Nostradamo. — Tiberio, descontente com Thrasyllo, perguntou-lhe se sabia o dia da sua propria morte; e o adevinho respondeu que precederia tres dias a do imperador, escapando com esta astuta resposta ao supplicio que o esperava.—Cardan (seculo XVI) professou as mathematicas, depois a medicina em Milão e Bolonha; viajou pela Escocia, Inglaterra e França, fazendo curas maravilhosas; e acabou os restos de seus dias em Roma, onde o Papa lhe estabeleceu uma pensão. Alliava profundos conhecimentos á mais desregrada imaginação: acreditava na astrologia; affirmava ter um demonio ou genio familiar; dizia que era dotado d'uma sagacidade sobrenatural, e taes extravagancias divulgava que o julgavam possuido d'accessos de loucura. Diz-se que tendo predito a hora da sua morte, se deixou morrer de fome para justificar a prophecia. — No numero das prophecias mallogradas, cita-se a do celebre professor allemão Stoffler. Tinha prognosticado que, em virtude d'uma conjuncção dos grandes planetas, haveria indubitavelmente, em fevereiro de 1524, uma inundação que transtornaria a superficie da terra. Foi geral o sobresalto. Debalde os governos procuravam desmentir a prophecia; todos tratavam de se pôr ao abrigo do flagello: uns refugiavam-se nas montanhas; outros tinham feito construir barcos; e a final o mez de fevereiro de 1524 foi um dos mais seccos que houve. Comtudo succedeu que Stoffler tendo predito que morreria d'uma queda, e não podendo, apesar de se metter em casa, evitar o ser esmagado por uma livraria, morreu convencido que era astrologo. — Thomaz de Pisan foi o conselheiro de Carlos V, e pai da celebre Christina de Pisan, authora de varias obras muito apreciadas no seu tempo. — Cosme Ruggieri veio a França no reinado de Catharina de Médicis, que o consultou muitas vezes e lhe deu uma abbadia. Publicou *Almanachs* que tiveram muita nomeada. — Nostradamo, que estudou a medicina em Montpellier, combateu com felicidade, por meio de remedios secretos, as epidemias que grassavam em Aix e Lyon; mas, por inveja de seus collegas, viu-se obrigado a afastar-se da sociedade. Publicou então uma collecção de prophecias que obtiveram o maior exito. Catharina de Médicis quiz vêl-o; mandou-lhe tirar o horóscopo de seus filhos, e prodigalisou-lhe presentes. Carlos IX nomeou-o seu medico ordinario. O duque de Saboia foi visital-o a Salon, aonde se retirára depois de doze annos de viagens. — «O celebre conde de Boulainvilliers e um tal Colonne, que tinham muita reputação em Paris, prophetisaram que eu morreria infallivelmente na idade de trinta e dous annos. Tive a malicia de enganal-os ha já perto de trinta annos, pelo que lhes peço humildemente per-

dão.» (Voltaire). — O conde de Boulainvilliers foi, em França, um dos ultimos adeptos da astrologia; comtudo, é ainda venerada no Oriente. Quem acreditaria, sem o testemunho da historia, que erros tão grosseiros podessem, por espaço de seculos, impôr-se aos povos, aos grandes, aos reis; e que «golpes d'estado», como o S. Bartholomeu, só fossem tentados depois de consulta dos astrologos! — Conclusão: Tudo quanto é falso ou duvidoso não entre nunca como verdadeiro no espirito dos alumnos. Depois de ter lido ou exposto estas duas lições, façam-se resumir por escripto.

ASTRONOMIA. 1. A vista do firmamento, uma ou outra vez, desperta a curiosidade das crianças, e é para ellas assumpto de mil perguntas. Principalmente, o que respeita á fórma da terra, muito as interessa. Querem saber se a terra termina n'algum lugar que se possa encontrar indo sempre em direitura. Se lhes disserdes que é uma bola, quererão saber em que assenta. É muito importante satisfazer-lhes com clareza a curiosidade. Depois de ter contado a historia d'alguns celebres navegantes que realisaram a viagem ao redor do mundo, responder-lhes-heis concisamente que, visto conhecerem-se todas as partes da terra e não se encontrar base em que ella assente, está de facto isolada no espaço, aproximadamente, como as bolas de sabão ou os balões. — Se succede passear de noite com uma criança, a conversação dirigir-se-ha para as estrellas. Far-lhe-heis notar a Ursa maior, a estrella polar, o Orion, e as diversas constellações mais conhecidas. As observações feitas sobre um globo celeste habilitarão a criança para conhecer as principaes constellações do firmamento, e achar no céo as estrellas indicadas no globo. Depois, já poderá comprehender que Venus, Jupiter, etc., são astros como a terra, tendo dias, noites, estações; que o sol é um astro á parte, com luz propria, e que as estrellas, n'este ponto, teem grande analogia com o sol.

2. O astronomo observa o movimento dos astros; mede as suas dimensões e distancias; segue-lhes o curso no espaço e no tempo; e as leis que descobre são todas fundadas no calculo e no mais rigoroso raciocinio. Os maravilhosos resultados que elle nos revela podem, pela sua grandeza, offuscar a nossa imaginação; porém, se algumas vezes nos repugna admittil-os, é porque, preoccupados com a nossa propria pequenez, esquecemos a infinita potencia do Creador. — Os chaldeos e egypcios observaram muito os astros; mas a historia authentica da astronomia só começa em Thales e Pythagoras. (Veja estas palavras). O primeiro (seculo VI antes J. C.) ensinou a esphericidade da terra, a obliquidade da ecliptica, e deu a verdadeira explicação dos eclipses. Pythagoras preveu o movimento diurno da terra sobre o seu eixo, e o seu movimento annual ao redor do sol; os cometas, como os planetas, foram por elle incluidos no sytema solar. Hipparco (160 annos antes J. C.) inventou o astrolabio, instrumento de que se servia para as observações astronomicas; determinou a duração do anno tropico, a das revoluções da lua relativamente ás estrellas, ao sol, a seus nódos e ao seu apogeu; descobriu a precessão dos equinoxios; e deu o methodo de fixar a posição dos lugares sobre a terra, por meio da latitude e longitude, sendo o primeiro que empregou para a determinação da longitude os eclipses da lua. Em fim, Ptolomeu coordenou e rectificou todos os trabalhos de seus antecessores, ajuntando novas observações e descobrimentos, com o que pretendeu fundar um systema completo, o qual foi universalmente seguido, e que expoz na sua grande obra intitulada *Almagesto*. Collocava a terra no centro do universo, e os astros movendo-se ao redor d'ella, em circulos excentricos. (140 annos depois de J. C.) Copernico, astronomo prussiano (seculo XVI), inaugurou a nova era da astronomia. Demonstrou os erros do systema de Ptolomeu, e adoptou o systema em

que todos os planetas giram ao redor do sol, d'occidente para oriente, e que dá á terra dous movimentos: um de rotação sobre si mesma, outro de revolução ao redor do sol. Estas idéas estavam em germen nos philosophos da antiguidade; mas cabe-lhe a gloria de as ter reduzido a um systema baseado em innumeraveis observações e calculos. Apesar de evidentes, as idéas de Copernico tiveram por muito tempo de lutar com os prejuizos da rotina. De Galileu, o mais celebre e zeloso defensor d'este systema, sabemos que foi condemnado pela Inquisição, em Roma, a qual declarou a doutrina contraria á sagrada Escriptura, obrigando o illustre ancião a assignar uma formula d'abjuração que elle leu de joelhos. Diz-se que depois de ter proferido a abjuração, exclamára a meia voz, e batendo com o pé no chão: *E pur si muove* (e comtudo ella move-se), referindo-se á terra. — Em fim, Newton, illustre sabio inglez, ampliando todos estes descobrimentos e submettendo-os a nova analyse mathematica, achou, na *attracção* e *gravitação universal*, o principio geral dos movimentos celestes. Em 1665, deixou Cambridge para escapar á peste que ahi grassava, e voltou para a sua pequena herdade de Woolstrop. Conta-se que, estando um dia assentado no seu jardim, a queda de um pomo despertou no seu espirito a idéa de investigar a causa da potencia mysteriosa que precipita todos os corpos para o centro da terra; e que este incidente tão vulgar o conduziu á idéa da gravitação universal e ao systema do mundo.

ATHALIA. (Veja Nono seculo).

ATHENAS. (Veja Grecia).

ATLAS. (Veja Primeiro seculo).

ATMOSPHERA. (Veja Ar).

ATTENÇÃO. Para que o espirito conheça não basta que veja, é preciso tambem que observe; e a observação do espirito, a reflexão da idéa no objecto que nos impressiona, chama-se attenção. São precisos apparelhos, desenhos, mappas, etc., para excitar a attenção dos meninos e dos adultos. (Veja Associação de idéas). A attenção não só é difficil de excitar, mas tambem é difficil de se sustentar muito tempo, principalmente nos meninos. É preciso variar-lhes os objectos de estudo para que se não fatiguem.

« Dividamos nossas horas em estudos variados; a variedade restaura as forças da alma; e não ha nada mais custoso do que applicarmo-nos longo tempo ao mesmo trabalho; a leitura dá-nos tregoas depois da escripta, e essa mesma se deve depôr quando nos cança. Por muitos que sejam os lavores a que nos entreguemos, o nosso espirito recobra-se, se o applicamos a trabalho novo. A intelligencia esmoreceria se a obrigassem a ouvir durante um dia inteiro a lição de um só mestre. Para que ella se renove, basta mudar-lhe o objecto, do mesmo modo que a variedade de iguarias desperta o appetite e desenfastia. (Quintiliano).

«Conhecemos um professor que explicava na sua escóla um ponto mui to difficil; em quanto elle se afadigava penosamente para o dar a perceber, um dos discipulos ensaiava a sua destreza em apanhar uma mosca, que tivera a imprudencia de pousar ao pé d'elle; outro enganchava um alfinete para prender as calças do visinho, como se tratasse de arpoar uma balêa; um terceiro tratava de sustentar o equilibrio d'um lapis na ponta de um dedo; um quarto desenhava figuras com gis nas costas do condiscipulo. Deve ser rarissima a habilidade do professor, que consiga instruir meninos em iguaes circumstancias.

«Por isso, ou se ensine a alumnos objectos de estudo, ou observancia de regras relativas ao porte e á disciplina, é indispensavel que o mestre exija que elles o observem com fixidez. É sabido ser falta de delicadeza não olhar para a pessoa que nos falla. Da mesma sorte, convém que aceitemos como falta de disciplina e respeito devido ao mestre, e violação dos direi-

tos escolares, a negligencia desattenciosa do alumno, quando o mestre explica, ou desattenção do mestre quando o discipulo está fallando. Que ambos observem esta recommendação, e as distracções ou recreios se não darão durante as lições.

«Nunca serão de mais as insistencias tendentes a conseguir que o espirito dos educandos, durante o trabalho e as lições, esteja attentamente applicado ao assumpto, em quanto se trata d'elle. Prohibir brinquedos e palestras não é bastante; o que importa é exigir cuidados, esforços, e séria applicação de espirito ao trabalho. Se isto se obtem por um certo tempo, é util deixar que o espirito folgue, consentindo alguma distracção, e até algum divertimento.

«É principalmente necessario acostumar os meninos a estarem attentos, em quanto elles tem aptidão para contrahir habitos; mas não se esqueça que a perseverança d'elles é breve; e por tanto não se lhes exija muito por longo espaço de tempo. Exercitem-se na proporção de suas forças; e então veremos como ellas crescem rapidamente.

«Ha muitos meios de obter que os alumnos olhem fixamente, ou por outras palavras, que elles prestem attenção completa e sem desvio á lição.

«Primeiramente, tenha cada alumno diariamente alguma cousa que fazer em cada hora, e a cumpra n'essa hora. Horas de estudo, devem ser horas de estudo. Se o professor é indifferente ao cumprimento de cada obrigação em seu tempo, os discipulos sel-o-hão tambem, e não ha porque os censuremos. (*Diario Americano*).

«Seja pois regra estabelecida na escóla, que o discipulo deve ao mestre a maxima attenção, bem como ás respostas dos seus condiscipulos.» (Veja Faculdades).

ATTRACÇÃO. (Veja Astronomia e Planetas).

ATTRIBUTOS DIVINOS. 1. O homem, cujo pensamento é imperfeito e limitado, não póde comprehender a infinita essencia de Deus. Só o infinito póde comprehender o infinito. Não obstante, aquella natureza ineffavel, não nos é totalmente occulta. Saber que existe Deus já é penetrar profundamente em sua natureza. O Deus a que nos conduz a razão, não é uma especie de incognita algebrica de natureza indeterminada para nós. Não é tambem o Deus abstracto d'uma cega logica: é o Deus da consciencia, a causa das causas, a razão universal, o Ente perfeitissimo; é, para tudo dizer, o Creador, e a Providencia do universo.

Os attributos divinos accessiveis ao pensar do homem, exprimem, uns, a sua maneira de ser; outros, o seu modo de acção e suas relações com o mundo. Denominam-se os primeiros *attributos metaphysicos*: os segundos *attributos intellectuaes* ou *moraes*.

Os principaes attributos metapyhsicos são: unidade, simplicidade, immutabilidade, eternidade e immensidade.

1.º Por unidade de Deus, entende-se geralmente que existe um só Deus. Este dogma deriva primeiramente da propria idéa do Ente infinito, pois que dous ou muitos entes infinitos, que mutuamente se limitassem, determinariam reciprocamente sua infinidade, o que implicaria contradicção. Resulta aquelle dogma, em segundo lugar, da constituição do universo, cujo plano uniforme e leis constantes se explicam perfeitamente se a causa primeira é unica, mas seriam difficeis de perceber em outra hypothese.

2.º A simplicidade divina consiste na ausencia de partes em Deus. Seu ser não é composto á maneira de corpo: é um, indivisivel. Uma parte é uma cousa finita. O finito junto ao finito não póde produzir o infinito: são termos oppostos entre os quaes não ha alliança possivel. Se a divindade contivesse partes, se não fosse simples, não seria infinita. Posso, com certeza, distinguir em Deus muitos attributos segundo o grau de essencia que elle transmittiu ás suas creaturas; mas todos estes attributos são um mesmo

ser, que é um, de suprema unidade.

3.º Deus é immutavel, não muda. A mudança é attributo das naturezas restrictas, que privadas da plenitude da existencia, estão sempre em risco de diversificarem do que eram; mas a mudança repugna á essencia infinita, que não poderia adquirir novos graus de sér, pois que os possue todos originariamente.

«A identidade da alma resplandece como reflexo da immutabilidade divina. Como a imagem de Deus, permanecemos sempre o que somos. O que eu hontem era, sinto que o sou agora. Mas no homem só a substancia do ser é identica; que as modificações, idéas, sentimentos e volições variam continuadamente. Deus, pelo contrario, possue immutabilidade absoluta; tudo n'elle permanece inalteravel: pensa, quer, e é constantemente a mesma essencia.

4.º «Deus é eterno: não teve principio nem terá fim. Se alguma cousa lhe existisse anteriormente, ou devesse acabar, qualquer cousa lhe estaria superior; e não seria por tanto elle a causa primeira e absoluta — o que é contradictorio.

«Deus, em fim, é immenso, isto é, está em toda a parte. A sua presença é certo não ser a presença local semelhante á das substancias corporeas; pois, como diz Fénélon, não tem superficie contigua á dos outros corpos; mas anima todas as partes do universo pela actividade de sua intelligencia; enche-as de seu ser, que, sendo infinito, não póde ser limitado por algum espaço.

«O mundo não possue nenhum dos attributos que ficam mencionados; não é uno, nem simples, nem eterno, nem immenso, nem sobre tudo immutavel; porque o seu viver é a mudança continua, e transformação perpetua. Logo, o mundo não é Deus; Deus é distincto do mundo. Assim se refuta o erro dos philosophos, taes como Bruno e Spinosa, que identificaram o mundo e seu Creador, e só quizeram vêr na creação o desenvolvimento necessario da substancia divina. Mas o absurdo do pantheismo mostra-se ainda a maior luz, se estudamos as perfeições moraes da divindade.» (Jourdain).

2. *Attributos moraes.* «Se contemplamos as obras de Deus, a obra admiravel que se ostenta no universo, os vestigios de magestade, bondade e sabedoria que em toda a parte se observam; se penetramos no amago da consciencia humana, n'este universo moral onde aprouve a Deus espelhar-se na mais completa e distincta maneira, então logramos perceber as feições especiaes, que para nós constituem a natureza divina. Um methodo a um tempo simplissimo e grandemente severo, nos guia n'esta sublime exploração. Logo que vingamos perceber entre as creaturas alguma propriedade, algum attributo assignalado com o sinete da perfeição, ou, tanto monta, capaz de infinito, de plenissima existencia, a Deus o transportamos, purificado de toda a mescla imperfeita, estreme de todo limite.

«D'esta arte chegamos a estabelecer em Deus a liberdade com o poder, a sabedoria com a intelligencia, a justiça com a bondade. Estes são os seus mais consideraveis attributos moraes. O mundo exterior e a consciencia não nos dão mais nada, mas dão-nos tudo aquillo. — A idéa do mundo exterior, exactamente analysada, reduz-se a dous objectos capitaes: forças e leis, — o restante são phenomenos e relações. Ora o conhecimento da força e o da lei, destacados de limites, elevam-nos á idéa do poder perfeitamente intelligente, capaz de derramar sem medida a ordem e a vida no universo. A exploração da natureza humana, e o proprio mundo considerado em suas relações com ella, opulentam ainda esta sublime idéa, ajuntando ao poder a liberdade, á intelligencia a sabedoria, e á justiça a bondade, fulgurando no seio da consciencia, Deus não é só creador omnipotente e ordenador supremo dos mundos, é o typo do bello, e do bem, o architecto do universo, o arbitro dos nossos destinos, o juiz

e pai dos homens.» (Emile Saisset).

«Deus possue a sciencia. Como ha de elle desconhecer-se? Como ha de desconhecer o mundo sahido de suas mãos, se nos deu intelligencia que se conhece, que conhece o mundo, e concebe as verdades eternas e necessarias?

«Deus possue o poder. Em virtude d'este poder, creou elle as cousas; animou a natureza inteira; é o principio da actividade fecunda que a todos nós pertence. É certo que a alma é uma força, mas força que vem do Ser infinito, o qual derramou assim o poder com a clausula de lhe possuir a plenitude.

«Deus é livre. Se o não fosse seria inferior á propria humanidade; porque mais vale ser senhor de si e de suas acções, como nós o somos, que sujeito ao jugo invencivel da necessidade.

«Deus é justo. N'elle está individualisada aquella lei absoluta que nos manda praticar o bem, e fugir o mal; lei que — cumprida ou violada — é para o homem causa de felicidade ou desgraça. Separada da justiça de Deus, a lei do dever seria apenas uma concepção abstracta e desauthorisada, sobre o livre arbitrio do homem.

«Deus é soberanamente bom. O bem n'este mundo está misturado com o mal; porém acima de todos os bens particulares, finitos e imperfeitos, a razão concebe o bem absoluto e extremo. Ora qual é esse bem supremo, senão Deus, que abriu para as suas creaturas intelligentes mananciaes tão copiosos de jubilos do espirito e do coração!» (Jourdain). — (Veja Providencia e Mal).

AUGUSTO. (Veja Primeiro seculo).

AURANCEACEAS. Esta familia comprehende a laranjeira (*Aurantium*, e d'ahi *Auranceaceas*) e o limoeiro. No seu paiz natal, na India, as laranjeiras são grandissimas arvores, e ha d'ellas, cujo tronco, medindo seis ou oito pés de circumferencia, se eleva a sessenta pés de altura; dão flôres e fructo simultaneamente; no mesmo pé se vê, a um tempo, gomos e flôres, fructos que nascem, e fructos amadurecidos. Nas ilhas de França os limoeiros espinhosos formam tapumes impenetraveis, e defendem os canaviaes de assucar dos animaes damninhos. Em França, apenas alguns districtos privilegiados da Provença e Corsega, possuem laranjeiras a descoberto, e n'outras partes, são defendidas do tempo com muito cuidado. A laranjeira é commum no Brazil, em Portugal, e cultiva-se em todas as regiões quentes do globo. O amarello da casca dá pela espressão muita quantidade de oleo volatil que se chama essencia de Portugal. Esta arvore multiplica-se pela semeadura, pelo enxerto de garfo, pela mergulhia e pelo alporque. Para semear, escolhem-se os mais bellos fructos; e como a polpa é destinada á perfeição da semente, deixa-se apodrecer, antes de lhe tirar as pevides. Os *garfos* fazem-se, procurando vergonteas novas, perfeitas e direitas, do tamanho d'um pé, as quaes se enterram na altura de tres ou quatro pollegadas, abrigam-se depois contra o ardor do sol até que o garfo tenha enraizado. Os *alporques* são menos vantajosos que os *garfos*, com tudo estão em uso. As mergulhias são mais seguras. Para mergulhar corta-se o tronco da arvore cinco ou seis pollegadas acima do enxerto, e deixam-se-lhe as novas vergonteas que elle lança. No segundo anno, tendo estas vergonteas adquirido alguma força, fórma-se-lhe ao redor um combro de terra cuja altura exceda cinco pollegadas a parte superior do tronco que se deixou; vai-se cumulando esta terra á medida que se cortam ramos, e mergulha-se o todo.

2. Todas as partes da laranjeira são uteis, tanto as flôres como os fructos. A colheita das flôres é um objecto consideravel; porque, distilladas, produzem a agua de flôr de laranjeira; tambem se faz dôce de laranjas pequenas, de modo que só se deixa amadurecer na arvore a quantidade de fructos proporcionada á sua força, e quantas menos se deixam, mais bellas são.

As melhores laranjas procedem de Malta, de Portugal, e das Indias. A laranja bical é procurada para aromatisar as carnes assadas que se comem quentes. As cidras fornecem com a sua casca fervida em agua-ardente um licôr agradavel. O limão, pela acidez da sua polpa, dá uma bebida refrigerante; é usado na cosinha, nas artes, e na tinturaria. A laranjeira contém muitas especies, e um consideravel numero de variedades. Ha laranjas da *China*, de *umbigo*; sem *caroço*; laranjas de *cravo*; laranjas *amargas*, etc.

AURILLAC. (Veja Auvergne).

AURORA BOREAL. (Veja Suecia).

AUSONIO. (Veja Simplicidade).

AUSTRIA. 1. O imperio de Austria, quasi todo espinhado de montanhas, possue grandes riquezas mineraes. As vias ferreas que de Vienna se dirigem ás capitaes da Lombardia, da Baviera, da Hungria, da Moravia e da Bohemia, ligando a Austria aos estados allemães do norte, tem poderosamente contribuido para o desenvolvimento das relações e prosperidade commercial, industrial e agricola do imperio. —Nas montanhas da Hungria ha minas de ouro, ferro, cobre, mercurio, marmores, porfido, sulfur e *sel gemme* (sal que se extrahe das minas); é terreno fertilissimo de toda a especie de cereaes, fructos, e vinhos estimadissimos, nomeadamente os de Tokay, Bude e Syrmia. Tem excellentes pastagens, que alimentam muitos cavallos e grandes rebanhos. A industria é pouco activa em Hungria, onde quasi todas as manufacturas são exercidas por operarios allemães. Ainda assim, ha entre os hungaros curtidores, pelliqueiros, e fabricantes de rendas. — São estimados os espelhos de Neuhauss, os crystaes da Bohemia, os violões de Crémona, pianos, relogios, e porcelanas de Vienna.

2. «Em recinto muito apertado por fortificações convertidas em passeios, conservando a primitiva fórma, cruzam-se ruas estreitas, admiravelmente ladrilhadas, escurecidas por casas de grande altura, e constantemente cobertas de elegantes carruagens, que circulam activamente. É a cidade de Vienna... — É necessario vêr esta cidade, para se fazer uma idéa de quanto é dissaborida a reunião desordenada de cousas bellissimas. A irregularidade das praças, salva-se com a multidão de monumentos que para alli atiraram. Só uma praça escapou a esse duplo mau gosto. Tres dos seus lados são formados por edificios dependentes do palacio imperial, e é aformoseada por uma bellisima estatua equestre do imperador José II. A mistura de tijolo e madeira empregada na construcção das casas, não contribue a dar alegria ao aspecto da cidade. Os edificios publicos quasi todos são de pedra cinzenta, ou ladrilhos... — Os arrabaldes de Vienna tem passeios agradaveis; mas um d'estes, o Leopoldstadt, contém o mais formoso passeio que póde vêr-se. O Prater, que assim se chama, occupa uma ilha do Danubio, com uma legua de comprimento sobre meia de largura. Ao través d'um bosque de arvores giganteas, correm avenidas marginadas de casaes e fabricas. O concurso da população que ahi vem procurar e trazer passatempos, as brilhantes e numerosas equipagens que ahi se cruzam, a reunião de costumes variados, tudo reunido produz um espectaculo unico no mundo.» (D'Haussez).

3. «Os pobres bohemios, quando viajam com suas mulheres e seus filhos levam ás costas uma pessima harpa, de madeira ordinaria, da qual tiram sons harmoniosos. Tocam quando se sentam á sombra d'uma arvore, nas estradas reaes, ou quando ao pé das estações, procuram enternecer os viajantes com o seu concerto ambulante de suas familias vagabundas.» — «O armentio na Austria, é pastoreado por pegureiros que tocam lindas modas em instrumentos simples e sonoros. Estas arias casam-se perfeitamente com a impressão dôce e pensativa que produz o campo.» (M.me de Staël.) — Os hungaros são mais propensos á

guerra que ás artes e ao negocio; fallam todas as linguas facilmente, e mais que todas a latina, que lhes é familiar.

Redacção. Aspecto, producções e industria da Austria. — Descripção de Vienna: casas, ruas, arrabaldes, praças. — Bohemios, pegureiros e hungaros.

AUTHORIDADE. 1. Sem recorrer ao testemunho da historia, podemos solidamente fundamentar as bases da authoridade, isto é, do direito de mandar, com estas palavras de Jesus: «Dai a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus... Todo o poder me foi dado no céo, e na terra. Ide, pois, e ensinai todos os povos, etc... Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, etc...» Eis aqui dous poderes claramente estatuidos. Cada poder tem seu fim particular a que visa. O poder secular tende á felicidade do homem no seculo presente; o poder ecclesiastico prepara-o para a vida futura — dous objectos preciosos para a humanidade... Deus não estabeleceu os dous poderes para que se contradissessem; porque é Deus de paz, e não de discordia: a sabedoria divina não podia contradizer-se. Ao inverso, quiz que estas duas authoridades podessem sustentar-se e auxiliar-se reciprocamente. A juncção d'estas duas forças é dom do céo que lhes dá nova pujança, e as põe ao alcance de preencher os designios de Deus sobre o genero humano. Se ellas estão harmonicas, é bem governado o mundo; se se desunem, as mais sabias instituições correm perigo de proxima ruina.» (Dom Jamin). «Todos os dias se pede fronteira que estreme os dous poderes: a natureza das cousas já ergueu essa barreira. Tudo o que respeita á vida futura, e o christão precisa, entende com a jurisdicção espiritual; tudo que é de vantagens humanas e temporaes e o cidadão carece, pertence exclusivamente á authoridade secular.» (Gaillard, *Historia de Francisco* I, tom. V.)

2. Se quizer ser forte, a authoridade deve ser justa; e aqui vem de molde comparar ao magistrado a mãi e o professor. Qualquer poder tem jus ao respeito e obediencia dos seus subordinados, como representante da lei, isto é, a propria justiça na ordem moral. Se o magistrado contrapõe a lei, claro é que perde o direito a ser obedecido, porque o fundamento da sua authoridade é a lei. Se não manda em nome d'ella, mas sim em nome de sua vontade particular ou capricho, perdeu a authoridade legitima. Para que pois seja legitima a nossa authoridade, mandemos discretamente em nome do dever, da moral e da religião. Os caracteres mais rebeldes acabam sempre por submetter-se á authoridade que vem de cima, e que, por necessaria consequencia, deve ser sempre imparcial, natural, sincera, serena, perseverante, e parcimoniosa de palavras. Tal authoridade regulará no espirito do nosso alumno a bem ordenada educação, e dará animo e confiança á mãi e ao professor.

AUVERGNE. Os *Arverni*, que deram seu nome a Auvergne, foram poderosos entre os povos da Gallia, e rivaes temiveis dos eduanos, antes da conquista romana. Da Arvernia sahiu Vercingetorix, o mais pertinaz adversario de Cesar, e cuja submissão arrastou a Gallia toda. Sob os reis da primeira raça, Auvergne instituiu-se condado dependente da Aquitania. Em 1524, a condessa Anna legou o condado de Auvergne a Catharina de Medicis, cuja filha o cedeu a Luiz XIII, ainda delphim, que o reuniu á corôa subindo ao throno. — O solo de Auvergne, coberto de numerosas serranias, mostra por toda a parte vestigios de vulcões extinctos e cujas erupções cessaram em época desconhecida. Os seus valles, outr'ora cobertos de ardentes lavas, são celebres por fertilidade; hoje em dia desabrolham luxuriantes almargiaes, que occultam, debaixo das boninas e hervagem dos prados, pedras preciosas, jorradas outr'ora por esses vulcões, cobertos de neve, por espaço de nove mezes. Limpidas aguas golfam d'aquellas montanhas, e se despenham em cascatas, ou se

ajuntam em ribeiras para darem mais força aos pastios. Auvergne fórma hoje dous departamentos, que mostram ao viajante curioso os sitios pittorescos da Suissa e do Tyrol, as crateras horriveis do Etna, e as pastagens normandas unidas á florescencia italiana.

AUXERRE. (Veja BORGONHA).

AVARENTO. 1. «O avarento não possue seus bens, é possuido d'elles.» (Bion). «Nunca é rico: estão sempre os desejos a empobrecel-o. Quem quizesse emendal-o, talvez o conseguisse mostrando-lhe o quadro das probabilidades da vida humana. Depois do egoismo, a avareza é, sem contradicta, a paixão onde entra mais individualismo.» (Alibert, *Physiologia das paixões*). «A avareza é odiosa, porque é indicio de espirito retrincado, mau coração, e condição egoista; pelo que, o avaro é tão desprezado dos ricos, como amaldiçoado das pobres.» (Gellert). «A pobreza carece de muitas cousas; e a avareza carece de tudo... Ha almas sordidas, aviltadas pela cubiça e pelo ouro, assim como ha almas gentis levantadas pela gloria e pela virtude. N'aquellas reina uma só vontade, que é adquirir ou não perder; pensam unicamente nos devedores, sempre inquietos com medo da baixa ou descredito da moeda, sempre abismados em contractos, em titulos e escripturas. Ahi não ha que procurar amigos, nem parentes, nem christãos, nem talvez homens. Dinheiro e mais nada... O que se prodigalisa, desfalca-se nos bens do herdeiro; o que se poupa sordidamente, é desfalque no proprio bem-estar. O justo meio consiste em justiça comnosco e com o proximo.» (La Bruyère).

2. «Injustos homens! Se a abundancia os cumulasse de tantos bens, em cada dia, quantas são as areias do mar, elles se queixariam ainda. Debalde Deus propicio lhes prodigalisa riquezas e honras; áquillo que tem não lhe dão valor. A avidez devora o que tem, e, faminta de desejos, absorve o que não póde encontrar. Que freio poderá reter em justos limites a insaciavel voracidade dos bens da terra, que a possessão augmenta, e que se julga sempre menos rica do que possue, que pobre do que não tem?» (Boecio, *Consolação da philosophia*). — «Adquirir ouro sacrificando homens, é perversidade; demandal-o através dos perigos do mar é loucura; havel-o por corrupção e vicios é infamia. Os unicos lucros justos e honrados são os que não damnificam ninguem, e não se possue sem remorso senão aquillo que não foi arrancado ou subtrahido da propriedade alheia.» (Cassiodoro, ministro de Theodorico, VI seculo de J. C.)

3. Sendo a avareza e a prodigalidade dous extremos, é no razoavel meio que está o bem. A fim de fazer entender ao discipulo qual este meio seja, é preciso inculcar-lhe a utilidade do trabalho, o valor do dinheiro, e que, já por si, já por conselhos de seus paes, vá formando idéas sãs da boa e discreta economia. (Veja ECONOMIA e TRABALHO). Pregue-se o exemplo, e aproveitem-se as occasiões na recommendação d'estas idéas. Conte-se-lhe que um pai de familias se embriaga na taberna, despendendo o dinheiro que reclama a miseria de seus filhos, e ámanhã, venha a ponto a historia d'um avaro que sustenta mal os seus cavallos, e gasta mais á conta da sua avareza. Em outro dia, diga-se de um homem intelligente e sizudo cujo trabalho fructeou em delicias da casa bem ordenada, onde se encontra tudo o que é util, e nada que seja superfluo. Que o menino veja e julgue, para que o ultimo lhe pareça estimavel; e, repulsando os outros, se refaça de bons propositos.

Direcção. La Bruyère, cuja vida póde ser referida (veja aquella palavra), faz lembrar o grande seculo de Luiz XIV, e o famoso *Avaro* de Molière, cujas scenas pódem ser bosquejadas. Com referencia a Boecio e Cassiodoro, póde-se historiar Theodorico. (Veja SEXTO SECULO).

AVEIA. (Veja GRAMINEAS).

AVEIRO. A cidade de Aveiro, as-

sentada em terreno de mediana elevação, espelha-se nas aguas d'uma vasta ria, formada pelo rio Vouga, cuja foz lhe fica visinha, e pelas ondas do oceano, que entrando por um esteiro em frente da cidade, lhe dão a vantagem de possuir um porto de mar, muito bom em outros tempos, e na actualidade bastantemente obstruido de areias. Está situada em distancia quasi igual dos rios Douro e Mondego, pois dista do primeiro dez leguas para o norte, e do segundo nove para o sul.

Abstrahindo das historias, meio incertas, meio fabulosas, com que os nossos geographos fallam dos primeiros povoadores d'esta terra, ha todo o fundamento para crêr que, durante a dominação dos romanos na Lusitania, havia alli uma cidade florescente com o nome de *Talabriga*.

Com as differentes invasões que se succederam, arruinou-se e despovoou-se completamente aquella cidade. Só no seculo XV é que foi novamente reedificada pelo infante D. Pedro, duque de Coimbra, e filho d'el-rei D. João I, sendo regente do reino na menoridade de seu sobrinho D. Affonso V. Por essa occasião, não passando d'uma simples villa, foi cingida de altos e fortes muros ameiados; porém a população, no seu crescente desenvolvimento, transpoz os limites, dilatando-se a norte e sul e formando novos arrabaldes, que não tardaram a constituirem-se em bairros.

Em 1515 deu-lhe foral el-rei D. Manoel, com muitos privilegios e isenções.

O tempestuoso inverno de 1575, obstruindo-lhe de areias o porto e a barra, deu principio á sua decadencia. Com o discurso do tempo aggravou-se de tal sorte este mal, que a barra, removida pelo movimento das areias quinze milhas para o sul, tornou-se difficil e perigosa.

No principio d'este seculo tratou o governo de prover de remedio a tão grande mal, encarregando dous engenheiros distinctos de confeccionarem um plano de obras. Encetaram-se os trabalhos em 1802 e concluiram-se em 1808, deixando construido um dique de mil duzentas e dez braças de comprimento, setenta e dous palmos de largura, e altura superior ás mais elevadas marés, em cuja obra se despendeu mais de cem contos de reis.

Com este dique melhorou o porto e a barra, e por conseguinte melhoraram tambem os campos e marinhas de sal. Animou-se o commercio e a navegação. Aveiro, então já elevada á categoria de cidade por el-rei D. José, readquiriu parte da sua passada prosperidade.

Divide-se a cidade de Aveiro em cinco bairros. O mais antigo ainda se vê cingido com os muros que lhe levantou o infante D. Pedro. Um esteiro ou braço de mar divide a cidade em duas partes, facilitando a communicação duas pontes de pedra.

Tem Aveiro casas de agradavel apparencia, bom caes de pedra, alfandega, e um passeio formosissimo, tanto pelas arvores giganteas que o adornam, como pelas vistas aprazíveis que d'elle se disfructa. É uma frondosa alameda, situada na parte alta da cidade, entre a porta de Vagos e o convento de Santo Antonio.

A cidade é abastecida d'agua por cinco fontes, das quaes a principal é a da Ribeira, que serve de ornamento a uma praça, junto do esteiro.

Os suburbios d'Aveiro são mui formosos pelas hortas, quintas, arvoredos, e fontes que n'elles ha. A ria, com as suas nove leguas de comprimento, desde Ovar até Mira, correndo parallela ao oceano, e apenas separada d'elle por uma larga restinga de areia, é continuadamente sulcada por infinita quantidade de barcos de diversos tamanhos e feitios.

O termo de Aveiro é fertilissimo. Tem boas pastagens onde se criam gados, e entre estes excellentes cavallos. Produz grande copia de cereaes, arroz, legumes, vinho e fructas. Porém o sal e as pescarias constituem as suas mais valiosas producções, e o ramo mais importante do seu commercio.

Fazem-se alli duas feiras annuaes muito concorridas e de bastante mo-

vimento commercial: uma a 25 de março, e a outra no 1.º de novembro.

Foi Aveiro patria de muitos varões, que se distinguiram por letras, virtudes e saber, por viagens e descobrimentos, e em fim por acções de coragem e valor. Iriamos longe se pretendessemos fazer o catalogo de seus nomes e obras. Diremos, porém, que aos filhos d'Aveiro se deve a descoberta na peninsula da costa septentrional da America, chamada *Terra Nova*.

Aquelle celebre navegante, João Affonso d'Aveiro, que tão importantes descobrimentos fez na costa de Africa, durante o reinado d'el-rei D. João II, era natural d'Aveiro. Foi este intrepido viajante quem, entranhando-se pelo sertão d'Africa e trazendo de lá a Portugal mui curiosas noticias, e amostras de varias producções do Oriente, e um embaixador do, pelo vulgo denominado, Preste João, fez nascer o primeiro pensamento do descobrimento da carreira da India, que o immortal Vasco da Gama teve a fortuna de realisar no seguinte reinado.

AVEIRO (Frei Pantaleão d'). Frade da ordem de S. Francisco. Sabe-se que nasceu em Aveiro, e peregrinou nos lugares santos em 1563, onde colheu elementos para o seu livro, intitulado *Itinerario da terra santa*, etc., que appareceu, pela primeira vez, em 1593, e do qual ha quatro edições. É obra recommendavel por pureza de linguagem e religiosidade de sentimentos. A superabundancia do ascetismo damnifica talvez a valia da obra como noticiosa; não obstante, é bem aproveitado o tempo gasto na leitura de paginas em que a singeleza se está insinuando no animo de quem se exercita nos bons exemplares do idioma patrio.

AVELEIRA. (Veja CUPULIFERAS).

AVINHÃO (Condado d'). O condado Venesino, que, com Avinhão, formou o departamento[1] de Vaucluse, foi residencia dos papas em 1309, sob Clemente V. Quando Gregorio XI transferiu em 1377 a séde pontifical para Roma, Avinhão ficou sendo administrada por um legado, e continuou sujeita á santa sé até ao anno de 1791 em que foi encorporada á França, bem como o condado Venesino. O decorrer dos annos, e os elementos não poderam ainda tirar, descaracterisar aquelle condado da sua physionomia meridional, tão expressiva do seu clima provençal, e da indole ardente do seu povo. São originaes no genero antigo os edificios d'Avinhão; os arcos de triumphos romanos fazem lembrar Tito, Adriano, e até o vencedor dos cimbros. A cathedral, o antigo palacio dos papas, o hospicio dos invalidos, o tribunal de Crillon, o tumulo de Laura, o theatro novo, e a longa ponte de madeira sobre o Rhône, distinguem-se entre os mais notaveis monumentos d'Avinhão. Ajuntem-se aos grandes monumentos os espectaculos naturaes da maxima belleza: a fonte da Sorgue, que toda a gente conhece pelo nome de Vaucluse, é só de si bastante para contentar o curioso mais exigente.

VAUCLUSE, capital Avinhão. A aldeia de Vaucluse, que dá o nome ao departamento, escondida n'um sitio encantador, deve a sua celebridade a Petrarcha e Laura. O conego-poeta e a formosa dama são conhecidos em toda a Europa. Laura era mulher legitima de Hugo de Sade, e, ao que parece, tinha tanto juizo como belleza. Mas notem o perigo dos poeticos per-

[1] Departamento: do francez *departement*. No principio da revolução franceza, deixada a antiga divisão por *provincias*, foi a França dividida em *departamentos*, que eram porções de territorio, a que se estendiam certas authoridades estabelecidas para governo da republica, e que nós poderiamos sem erro chamar *comarcas*, ou *districtos*. D'aqui ficamos adoptando este vocabulo, que sómente se deve empregar, quando se trata da referida divisão, ou partes d'ella. Mas tomando-se em geral por *repartição*, v. gr. *ministro do* departamento *da guerra — tem a seu cargo o* departamento *das munições*, etc., é gallicismo que se não soffre em bom portuguez. (D. Francisco de S. Luiz).

fumes: Petrarcha consagrou-lhe tão louvaminheiras estrophes, que a sua amiga na opinião publica não anda muito bem conceituada. Quer o povo até que o papa dispensasse no casamento d'elles: o que não é assim, como se póde provar visitando a sepultura de Laura, no mosteiro de franciscanas d'Avinhão. Seja como fôr, aquelles dous nomes estão vinculados á fonte de Vaucluse, cantada pelo poeta; e tanto basta para que em vez do escandalo sobreviva uma das mais bellas creações da natureza.

Dez leguas distante d'Avinhão, em meio d'um paiz montanhoso, sobe-se — diz M. Hugo — uma ladeira encantadora, tortuosa, orlada de rochas, onde a Sorgue, isto é, o corrego cuja maravilhosa fonte é Vaucluse, serpeia por entre as pradarias, fórma graciosas ilhotas, e alenta as fabricas. Ao sopé da aldeia, o valle curva-se em semi-circulo, transforma-se em horrivel despenhadeiro, e termina abruptamente em enorme penhasco avermelhado; ao fundo do desfiladeiro está uma voragem, vulcão aquatico cujas erupções são frequentes, cratera de profundeza incommensuravel e direcção desconhecida; é o primeiro um dos mananciaes da Sorgue. Se a chuva aturada, ou o degelo da neve nas serras visinhas, vertem torrentes novas n'aquelle immenso reservatorio, cujas fauces estão escancaradas, a agua revolve-se, levanta-se, espadana, galga á garganta do abismo, muge nas rochas que vomitou, fórma uma soberba cascata, e rola rugindo no leito da Sorgue.

No seu estado ordinario, a fonte de Vaucluse, corre por um grande numero de regatos por perto, e por longe da barra.

AXIOMA, proposição evidente por si mesma, que não precisa ser demonstrada. O theorema é a verdade, que se evidenceia, mediante o raciocinio chamado *demonstração*. O axioma é o ponto de partida de toda a demonstração. Nas sciencias que procedem syntheticamente, como em geometria, principia-se por assentar os axiomas com o fim de preparar a demonstração dos theoremas, ou a solução dos problemas: duas quantidades iguaes a uma terceira são iguaes entre si; o todo é maior que a parte; o todo é igual á somma das partes em que elle foi dividido; d'um ponto a outro só póde tirar-se uma linha recta; duas grandezas, linha, superficie ou solido, são iguaes logo que postos uma sobre a outra coincidem em toda a sua extensão: taes são os principaes axiomas de geometria. — Toda a gente concorda que ha proposições tão claras e evidentes por si mesmas que não precisam ser demonstradas; mas nem toda a gente comprehende em que consiste esta clareza e evidencia. Se um axioma é claro e certo porque ninguem o contradiz, se é duvidoso quando alguem o nega, nada haverá no mundo claro e certo, pois philosophos tem havido que professaram a duvida e negação de tudo. Não é, por tanto, segundo as controversias dos homens, que devemos aquilatar a certeza d'uma cousa, pois que nada ha tão a preceito demonstrado que não possa ser posto em duvida, pelo menos oralmente, embora a persuasão esteja no espirito de quem duvida; mas deve ter-se como averiguado e certo o que assim se figura a todos quantos consideram as cousas attentamente, e são sinceros em dizer o que pensam. «Não é á palavra exterior, é á palavra interior da alma que visa a demonstração, bem como o syllogismo. Contra a palavra exterior, facilmente se levantam objecções; mas não é facil creal-as contra a palavra do intimo.» (Aristoteles).

2. É importantissimo ter no espirito muitos axiomas e principios que, sendo claros e evidentes, nos possam dar bases para conhecer as mais occultas cousas. Eis aqui os axiomas mais uteis: 1. O nada não póde ser causa de cousa alguma. D'este axioma naturalmente se deduzem os quatro seguintes que lhe são corollarios. — 2. Nenhuma cousa, nem alguma perfeição d'ella actualmente existente, póde pertencer ao nada ou a cousa não existente, por isso que existe. — 3. Qualquer realidade ou perfeição

que está em uma cousa se acha formalmente na sua causa primaria e total. — 4. Nenhum corpo póde mover-se por si mesmo, isto é, dar-se a si o movimento, pois que o não tem em si. — 5. Nenhum corpo póde mover outro se elle mesmo não é movido, porque se um corpo estando immovel não póde dar-se a si o movimento, menos o póde dar a outro corpo. — 6. Não se deve negar o que é claro e evidente, porque se não póde entender o que é obscuro. — 7. É da natureza do espirito finito não poder comprehender o infinito. — 8. Os factos accessiveis ao juizo dos sentidos, pois que são confirmados por infinito numero de pessoas de diversos tempos, de diversas nações, diversos interesses, que fallam d'elles como se por si o soubessem, e são insuspeitas de conjurarem todas no applauso da mentira, devem passar por tão constantes e indubitaveis como se cada qual os visse com seus proprios olhos. Este ultimo axioma é o fundamento da maior parte de nossos conhecimentos, porque é infinitamente maior o numero das cousas que sabemos pela authoridade dos outros, do que as conhecidas por exame proprio.

3. O methodo das sciencias póde reduzir-se a oito principios ou regras principaes que é necessario ter muito presentes ao espirito. — *Definições*. 1. Não deixar alguma palavra obscura ou equivoca sem a definir. — 2. Não empregar nas definições senão termos perfeitamente conhecidos ou já explicados. — *Axiomas*. 3. Não arvorar em axioma senão o que é perfeitamente evidente. 4. Receber como evidente o que se reconhece verdadeiro com pouca attenção. — *Demonstrações*. 5. Provar todas as proposições algum tanto obscuras, empregando n'essa prova as definições que tiverem precedido, e os axiomas concedidos, ou proposições já demonstradas. — 6. Não abusar de termos equivocos, esquivando-se a substituir mentalmente as definições que os restringem e explicam. — *Methodo*. 7. Tratar as cousas quanto fôr possivel em sua ordem natural, principiando pelas mais geraes e simples, e explicando tudo o que pertence á natureza do genero, antes de passar ás especies particulares. 8. Dividir quanto ser possa, cada genero em suas especies, cada todo em suas partes, e cada difficuldade em todos os seus casos. Devem guiar-nos sempre estes oito principios, para construir ou adquirir a sciencia, isto é, os conhecimentos que se fundamentam na evidencia e na razão. A verdade vem entretanto em busca do nosso espirito por outra vereda. Acreditamos que uma cousa é verdadeira, fundados em authoridade de pessoas dignas de crença: o que se chama crença ou fé: *Quod scimus, debemos rationi; quod credimus, auctoritati*, dizia Santo Agostinho. O que sabemos, devemol-o á razão; o que crêmos, á authoridade. (Veja METHODO e TESTEMUNHO).

AZEDA. (Veja POLYGONACEAS).

AZEVEDO (Manoel Antonio Alvares de). Nasceu na cidade de S. Paulo, no imperio do Brazil, em 12 de setembro de 1831. Falleceu em 25 de abril de 1852. Um anno depois de sua morte, appareceu o primeiro tomo das *Obras* d'aquelle esperançoso talento, cortado aos 22 annos. Nos annos subsequentes, vieram a lume dous volumes de outras *Obras*, algumas das quaes denotam vontade de avolumar, todavia perdoavel, bem que menos conducentes á gloria do author. Alvares de Azevedo accusa leitura muito exclusiva dos poetas adestrados na escóla byroniana. O espirito proprio compraz-se de abafar a originalidade nas imitações do que mais arrojado e olympico sahiu do cerebro candente do author de Werner e Giaour. Os ardores de phantasia que lavram nas admiraveis paginas do 1.º e 2.º tomo das *Obras* de Alvares de Azevedo, parecem congeniaes do clima brazileiro, e representam a uberrima florescencia de um espirito que vai erguer balisa de renovação litteraria na patria de Gonzaga e Durão. Todavia, analysados compassadamente os escriptos de Alvares de

Azevedo, descobre-se ahi a escóla, e não a espontaneidade, sente-se a febre que tocou mais ou menos todos os talentos d'aquella pleiade de moços, que se fizeram litterariamente, entre Byron e Schiller, entre Edgard Quinet e Espronceda. Como quer que fosse, a lyra brazileira nunca desferiu mais audaciosas estrophes, nem a prosa tão pouco revelou maior possança da que nos assombra na *Taberna do Diabo*. É, mais que muito, admiravel a quasi correcção de linguagem em que o moço brazileiro logrou assentar o melhor da sua reputação que os seus conterraneos, com justo motivo, não deixarão esquecer.

AZEVICHE. (Veja CARBONE).

AZINCOURT. (Veja CARLOS).

AZOTATOS. (Veja SAES).

AZOTE. (Veja AR).

B

BACON (1560, 1626), filho de Nicolau Bacon, chanceller no reinado de Isabel, viajou desde tenros annos em França; voltando a Inglaterra, advogou, foi guarda sellos, chanceller depois, em seguida barão de Verulam, e a final visconde de Saint-Alban. Tinha elle exercido durante dous annos as funcções de chanceller-mór, quando foi accusado pelas communas de se ter deixado corromper, aceitando dinheiro a troco de empregos e privilegios; em virtude do que a camara dos pares condemnou-o a prisão na torre de Londres e ao pagamento da multa de quarenta mil libras; afóra a privação de todas as suas dignidades, e repulsão do funccionalismo publico. Pouco depois o rei lhe deu a liberdade, e o rehabilitou de todas as indignidades contra elle proferidas. Sem embargo, Bacon após a sua desgraça, afastou-se dos negocios e dedicou os derradeiros annos de sua vida a trabalhos philosophicos.

2. Bacon e Descartes são os fundadores da philosophia moderna; ambos declararam batalha á escolastica e á influencia de Aristoteles, demonstrando a necessidade de novos methodos, methodos de descobrimentos e não de simples demonstração, como os que então se usavam. A differença que os separa é que Bacon dá a preferencia aos methodos experimentaes e á observação dos phenomenos sensiveis, em quanto Descartes funda uma escóla racionalista. A controversia de Bacon deu o resultado capital de mostrar: 1.º que a philosophia não devia ser uma sciencia puramente especulativa, sem resultado, nem utilidade pratica; mas, segundo as expressões d'elle, sciencia activa, operante, que devia sahir do recinto das escólas, onde recreava os ocios de alguns espiritos subtis, e levar ao espirito humano, á sociedade das idéas novas, principios fecundos, capazes de melhorarem os costumes, de engrandecerem as letras, de crearem applicações novas da força e da industria; 2.º que a idade de ouro não tinha ainda passado, mas estava por vir — principio totalmente conteudo no espirito moderno; que o espirito humano é de natureza progressiva, moldado para os descobrimentos, renovações, engrandecimentos, e fecundação da sciencia e do mundo. Mostrado o programma, cumpria-lhe crear um methodo novo sobre os antigos methodos aniquilados. O methodo de Bacon está contido no *Novum Organum*. Não nos incumbe idear hypotheses ácerca da natureza e origem do mundo; o que mais nos importa é conhecer-lhe os phenomenos, estudar-lhe as leis, e aproveitar d'ahi. Por tanto, o primeiro passo da sciencia é conhecer factos. Conhecidos estes, urge descobrir-lhes as leis que lhes são causas, e, por intermedio das causas, senhorearmos as consequencias. Ora, o processo que nos conduz ás leis, partindo dos effeitos, é a inducção, cujas regras são expostas no *Organum* de Aristoteles. Bacon aprofundou-as com habilidade, e, o que mais é,

collocou a inducção na sua verdadeira categoria. Como reformador, Bacon influiu no seu seculo e nos vindouros perduravelmente. (Veja Descartes, Aristoteles, Platão, Socrates, etc.)

BACULO. (Veja Paramentos).

BAGNÈRES-DE-BIGORRE. (Veja Gasconha).

BALAAM. 1. (XV seculo antes de Jesus Christo). Falso propheta da Mesopotamia, foi mandado por Balac, rei dos moabitas, amaldiçoar os israelitas, que depois de quarenta annos de deserto, lhe invadiam os seus estados. Apesar da prohibição divina, Balaam prestou-se ao convite. Andado meio caminho, um anjo armado de espada nua sahiu á frente da jumenta que o levava; a qual, estacando repentinamente, bem que Balaam a castigasse, foi milagrosamente dotada com o dom da palavra, improperando-lhe a crueldade. O propheta, maravilhado, levantou os olhos ao céo, e viu o anjo, que o reprehendeu de sua desobediencia, permittindo-lhe comtudo de seguir seu caminho, mas annunciando-lhe que elle só poderia dizer o que lhe fosse inspirado. De feito, do alto da montanha de Phogor, onde Balac o havia levado para execrar os israelitas, Balaam descobriu os arraiaes de Israel, e bradou com divino transporte: «Como são bellas as tuas tendas, ó Jacob! que brilhantes são tuas vivendas, ó Israel!... Bemditos sejam os que te bemdizem, e maldito seja quem te maldisser!... Uma estrella sahirá de Jacob, um homem surgirá em Israel, o qual quebrantará os chefes de Moab, e esmagará os filhos de Jetri...» Balaam não podia amaldiçoar, mas deu a Balac perfido conselho que vingou. Os israelitas, momentaneamente infieis ao verdadeiro Deus, foram vencidos; mas depois, penitenciando-se, ficaram vencedores, e cortaram o inimigo com grande mortandade. Balaam morreu com os moabitas. (Veja Prophecias, Milagres, Evangelhos, etc.)

2. Os philosophantes chacoteiam insipidamente á conta do idioma da burra de Balaam, que não é todavia muito difficil de explicar. Aquelle que deu movimento á natureza inteira, imprimiu-o por momentos ao orgão d'aquelle animal, como poderia imprimil-o a qualquer ser inanimado. Não se vê a razão porque seja mais indigno de Deus fazer fallar um bruto, que fazer soar uma voz no ar, ou servir-se de qualquer signal como intermedio de suas vontades. — A historia d'este propheta deu azo a perguntar-se se Deus póde servir-se de personagens viciosos, infieis e idolatras, em predicções do futuro: attestam muitos exemplos que Deus fez com outros o que fez com Balaam. O propheta Micheas (cap. III) accusa alguns confrades seus de prophetisarem por dinheiro; e nem por isso diz que fossem falsos prophetas. No livro de Daniel (cap. II), vê-se que Deus mandou um sonho prophetico a Nabuchodonosor, principe idolatra. Jesus Christo (Math., VII) diz que no dia do juizo ha de haver homens que se jactem de ter prophetisado e feito milagres em seu nome. S. João (cap. II) ensina-nos que Caiphás, em foro de pontifice, prophetisou que Jesus Christo não só morria pela sua nação, mas para congregar os filhos de Deus — predicção que fez provavelmente sem querer e sem entender. (Veja Diluvio, Adão, Creação, etc.)

BALANÇO. (Veja, para bem comprehender o artigo, Escripturação mercantil, Diario, Razão). O balanço é uma operação pela qual o negociante conhece o seu activo e passivo. Distingue-se o balanço mensal, ou de conferencia, do balanço geral das contas. O balanço mensal tem por fim confrontar os assentos do livro de *Razão*, e certificar-se de que os transportes do *Diario* para o *Razão* foram exactos. Pois que cada verba tem no *Diario* seu devedor e credor, e se acha transferida ao *Razão* por conta do devedor e do credor, segue-se que qual-

quer somma lançada no *Diario* figura simultaneamente no *Deve* e *Ha de Haver* do *Razão;* e, necessaria consequencia, se se toma a totalidade das sommas assentadas nos debitos no *Diario,* e o das sommas inscriptas nos debitos, e a totalidade das sommas inscriptas nos creditos do *Razão*, ter-se-hão tres sommas iguaes. Se houver differença, é certo que ha erro em alguma parte. É facil attingir toda a importancia d'este balanço mensal; por elle se colhe a exactidão das contas do *Razão;* e, se ha erro, basta verificar a escripturação do mez; ao passo que, fazendo-se o balanço geral uma só vez por anno, se passa um só erro, é mister verificar as partidas de todo o anno. Dá-se n'isto ainda outra vantagem, que vem a ser dar constantemente ao negociante o esclarecimento de suas dividas activas e passivas, e guial-o no credito que lhe convém dar ás diversas pessoas.

2. O balanço geral das contas, que faz conhecer ao negociante rigorosamente o seu activo e passivo, é a base do inventario geral. Balançar ou saldar uma conta é reconhecer o que deve, ou o que lhe devem, e tornar por qualquer meio o debito igual ao credito. Ora, para balançar as contas pessoaes e algumas contas geraes, basta conhecer a differença que ha entre as sommas de debito e as do credito; mas para a conta de cofre, e *mercadorias*, e *effeitos para cobrança*, do *movel* e *immovel*, não succede o mesmo effectivamente: das sommas inscriptas no debito do cofre, parte foi paga a diversas pessoas, e está no credito; o restante deve estar em caixa.

Das mercadorias inscriptas no debito da conta de *mercadorias*, parte foi vendida e está no credito; o restante existe no armazem.

Das letras descriptas no debito de *effeitos para cobrança*, parte sahiu e está escripta no credito; o restante existe em carteira. Dos effeitos mobiliarios inscriptos no debito da conta d'aquelle nome, parte está usada ou quebrada; o restante existe ainda. Os immobiliarios, que o negociante possue, uns podem ter perdido seu valor, outros augmentado, e não apresentarem o mesmo valor dos outros que foram debitados. É pois necessario, primeiro que tudo, fazer inventario; este inventario deve abranger todos os objectos conteudos em sua propriedade, ou á sua disposição; ou se possuam em casa, ou fóra, quer absolutamente, quer em sociedade com terceiros. Os objectos cujo valor póde variar, como *mercadorias*, effeitos moveis e immoveis, devem ser avaliados segundo o preço que elles tiverem na época do inventario. — Organisado o inventario, addicionam-se todas as sommas do debito, e todas as do credito de cada uma das contas, e então se possuem os necessarios materiaes para fazer o balanço geral. Procede-se do seguinte modo: as contas são saldadas por meio da conta de *perdas* e *ganhos* do *capital*, e d'um individuo ficticio chamado *balanço de sahida*, que intervém para este fim, e não tem outro uso. Este supposto individuo presume-se receber tudo o que o negociante possue, e tomar a seu cargo as dividas. Certas contas por si mesmas se balançam, quer dizer, que as sommas do debito são ahi iguaes ás do credito. Quanto a estas, não ha operação alguma a fazer; não importam nada para o balanço das contas, nem para o inventario geral: são como se não existissem. Quanto ás outras, pratica-se pelo modo seguinte: tira-se o balanço de cada uma das contas que está em aberto, e separam-se a um lado os balanços que indicam debito, e ao outro os que indicam credito: sommam-se separadamente estas duas columnas do balanço; e, se as sommas d'ellas sahem iguaes, dizemos então que os livros estão balançados, e a este balanço chama-se balanço volante. Outras contas representantes de valores, de genero a dar ganho ou perda, estão n'outro caso, pois que ajuntando ás sommas de que ellas estão creditadas os valores que se tem em disponibilidade, não teremos ainda sommas que se balancem. A somma total do credito será maior se esses objectos derem lucro; e será me-

nor se derem perda. Para saldar estas contas ser-nos-ha preciso addicionar-lhes valor de duas naturezas. Balançal-os-hemos com o auxilio da conta do *balanço de sahida*, quanto a valores reaes, e com o auxilio da conta de perdas e ganhos, quanto ao beneficio ou perda que elles tiverem dado. Outras contas, sem apresentar algum valor em natura, offerecem ou perdas ou lucros. Estas balanceiam-se mediante a conta de *perdas e ganhos*. — Para proceder com a maior simplicidade, começa-se o balanço geral pela conta de *perdas e ganhos*. Começando assim, averigue quaes são as contas que podem dar perdas, ou beneficios: eu não vejo senão a conta de *mercadorias*, e suas subdivisões, a conta dos *immoveis*, e dos effeitos *immobiliarios*, e as subdivisões da conta de *perdas e ganhos*, como despezas geraes, etc. Calcúlo o beneficio que algumas offerecem, e credito na conta de perdas e lucros, debitando aquellas. Calcúlo depois a perda que quaesquer outras apresentam, e debito-lhes a conta de *perdas e ganhos*, creditando aquellas outras contas. Depois saldo a conta de *perdas e ganhos*, com *capital*. Em seguida, servindo-me da conta do *balanço de sahida*, saldo todas as contas, tirante o *capital*, transpondo ao debito do primeiro todas as sommas que as outras contas devem, e ao credito d'estas todas as contas que lhes são devidas. — Assim se acham resumidas todas as contas do livro de *Razão* n'aquella do *balanço de sahida*, que apresenta em seu debito o activo do negociante, e em seu credito o passivo. Se o negociante ganhou nas suas operações commerciaes, a conta do *balanço de sahida* terá em seu debito maiores sommas que em seu credito, e esta differença é justamente o capital do negociante; pelo que saldaremos esta conta com a do *capital*. — Em summa, tudo o que é beneficio ou perda, é saldado pela conta das perdas e ganhos; todas as outras contas, excepto a ultima e a do *capital*, são saldadas pelo *balanço de sahida*; este e *perdas e ganhos* são balançados pelo capital. Terminado assim o balanço, transportam-se para o livro de *Razão* os artigos que se escreveram no *Diario*, e todas as contas estão fechadas. Para continuar o negocio, é mister reabrir todas essas contas. Procede-se então do modo que vamos dizer:

BALANÇO ou INVENTARIO GERAL. 1. O balanço geral é a descripção geral do activo e passivo do negociante. A lei obriga o negociante a fazer este inventario cada anno, e a inscrevel-o em o livro particular, visto e rubricado. O intuito da lei, impondo-lhe esta condição, é de lhe fazer conhecer a exacta situação de seus negocios, e dar-lhe a medida das operações que póde emprehender. Divide-se o balanço geral em duas partes: uma, apresenta no activo todos os valores naturaes que o negociante possue: mercadorias, moveis, immoveis, effeitos de carteira, especies em caixa, e tudo que lhe devam diversos individuos; em outra parte, apresenta no passivo a narração circumstanciada de tudo o que deve, quer em letras, quer em contas. Deve fechar-se com um quadro resumido de todos os valores do activo e passivo, em que o capital balanceia todas aquellas sommas.

2. «Antes que se extráia o balanço definitivo do negocio, saldando-se todas as contas, teem de observar-se algumas disposições preparatorias tendentes a harmonisar o regulamento das contas correntes com os correspondentes, ou conferem-se quando estes nol-as remettem, para que seja de conformidade entre ambas as partes a situação que ellas indicam, e para lançarem-se os juros que geralmente estas contas produzem, dos quaes se tem a fazer no *Diario* um artigo relativo e d'alli transposto ás contas do *Razão*, para o seu ajuste terminante.

«As dividas duvidosas na sua cobrança passam a conta para este effeito — *contas a liquidar* ou *dividas duvidosas* — e as insoluveis a *ganhos e perdas*, para que estas dividas não figurem no inventario como importan-

cias activas realisaveis que iriam falsear o verdadeiro capital.

«O mesmo se deve entender com relação a alguma letra a receber não paga por fallencia do aceitante ou por qualquer outro motivo.

«Quando tenhamos despendido algumas quantias, cuja applicação em parte ou no todo pertença ao anno seguinte, como o aluguer pago adiantado por tempo excedente ao do inventario, ou outra qualquer transacção inacabavel, para que os valores do inventario sejam reaes, passa-se a debito de uma conta transitoria a somma que cabe ao anno posterior, a qual no balanço figura como valor activo, mas tem de reentrar na conta propria na época a que pertence depois do balanço extrahido.

«Logo que as contas se acham no seu estado definitivo, faz-se a extracção dos lucros e perdas nas contas subsidiarias da de *ganhos e perdas*, em *gastos geraes*, *commissões*, *alugueis*, etc., saldando-as pela conta de *ganhos e perdas;* e n'aquellas que pelo movimento de seus valores produziram lucro ou prejuizo, debitando-as ou creditando-as da quantia lucrativa ou prejudicial tambem pela conta de *ganhos e perdas*.

«Com estes artigos fica a conta de *ganhos e perdas* contendo em seu debito todas as perdas e no credito todos os lucros, de maneira que a sua differença entre umas e outros, ou o balanço d'esta conta, é o ganho ou o prejuizo liquido emergente das operações do anno. O saldo d'esta conta passa depois á conta de *capital* para augmentar ou diminuir a cifra do capital que figurava no começo do exercicio.

«Debitadas ou creditadas por *ganhos e perdas* as contas que continham ganho ou perda resultado do movimento de seus valores no decurso do anno, pelo balanço que estas contas apresentarem, o qual é o valor dos effeitos inventariados, hão de ser saldadas por uma conta de *balanço de sahida* ou d'*inventario;* — assim como são saldadas por esta mesma conta todas as outras (excepto a de *capital*), cujo balanço para o seu fecho é o representativo dos valores activos ou passivos.

«Esta conta de *balanço de sahida* ou d'*inventario* é uma conta d'ordem que unicamente serve para saldar as contas activas ou passivas no balanço de inventario, como se ellas effectivamente se regulassem, reunindo em seu debito os saldos das contas devedoras e no credito os saldos das contas credoras, e cuja somma de igualdade do debito para o credito é o capital liquidado. Esta conta termina pois a sua existencia pela conta de *capital*, do que se deduz que os valores activos são iguaes na sua importancia aos valores passivos mais o capital liquidado.

«Segue-se pois que as contas *subsidiarias* de *ganhos e perdas* são saldas por esta conta principal.

As contas *especiaes* de *mercadorias*, *caixa* e *letras a receber* são fechadas por debito ou credito de *ganhos e perdas* do lucro ou perda que conteem, e por debito de *balanço de sahida* dos valores inventariados; e as contas *particulares* dos *devedores* o são sómente por debito de *balanço de sahida* da somma que devem.

«E a conta *especial* de *letras a pagar*, e as contas *particulares* dos *credores* são fechadas ao contrario por credito de *balanço de sahida*, aquella das letras que restam pagar e que ainda andam em circulação, e esta do que se lhes deve por saldo.

«A conta *propria* de *ganhos e perdas*, que recebeu em si os saldos de todas as contas subsidiarias, e os lucros e perdas das contas especiaes, é saldada por debito ou credito, conforme o seu resultado indicar ganho ou perda, pela conta de *capital*.

«E a conta propria de *capital*, augmentada ou desfalcada, pelo saldo da de *ganhos e perdas*, e recebendo o saldo da de *balanço de sahida*, o qual deve ser igual ao d'esta conta, e por isso com elle se deve achar saldada.»[1]

[1] A concordancia entre os saldos das contas de *balanço de sahida* e a de *capital* serve de meio de verificação da feitoria do *balanço geral*, pois que estes dous saldos exprimem ambos a somma liquida do activo e passivo.

«D'este modo ficam fechadas as contas activas e passivas pela de *balanço de sahida*, que resume em si os resultados das contas balançadas; e abrem-se estas de novo, para a prosecução das operações commerciaes, em continuação das do anno findo, com os mesmos saldos que as fecharam, por contrapartida de outra conta de ordem de *balanço de entrada*, cujo objecto é sómente a reabertura das contas fechadas pela de *balanço de sahida*, e restituir ás novas contas os debitos e creditos com que forem fechadas.

«Resumindo: todas as contas que apresentam lucro ou perda são saldadas por *ganhos e perdas*, d'esse lucro ou perda; todas as contas que conteem valores em natureza o são por *balanço de sahida*; e as contas de *ganhos e perdas* e de *balanço de sahida* são-n'o pela de *capital* que por si se salda.

«Assim ficará concluida a factura do *balanço de sahida*, que resume os saldos das contas reguladas, as quaes se abrem de novo pela conta de *balanço de entrada* para continuação das operações commerciaes.» (Almeida Outeiro, *Estudos sobre escripturação mercantil*).

BALEIA. (Veja GROENLANDIA E CETACEOS).

BALZAC (De), natural de Angoulême, foi o primeiro prosador que, no começo do seculo XVIII, deu á lingua franceza correcção, nobreza e precisão. As suas obras principaes são o *Socrates christão*, o *Principe* e os *Colloquios*, onde realça elevada e sã moral. Alcançou a privança de Richelieu, que lhe estipulou uma pensão de duas mil libras, com o titulo de conselheiro de estado, e foi recebido na Academia franceza entre os primeiros.

Lograram grande voga e admiração, mais tarde desvanecida, as suas cartas, pelas quaes lhe davam o extravagante nome de *Grand epistolier*. Deve notar-se que n'aquelle tempo a lingua franceza e o gosto litterario não estavam ainda formados em França. Pascal não tinha ainda escripto. Póde avaliar-se o estylo d'este escriptor na seguinte passagem, extrahida do *Socrates christão*: — «O homem Deus que adoramos varreu de sobre a terra a multidão de monstros que os homens adoravam; mas ainda foi mais além. Não satisfeito com arruinar a idolatria, e impôr silencio aos demonios, confundiu a sabedoria humana, fez emmudecer a philosophia. A's seitas d'elles succedeu a sua igreja, e aos dogmas, os seus mandamentos. Razão e eloquencia de Athenas ambas lhe cederam. Foi elle quem abateu a soberba do Portico, quem desvirtuou o Lyceu e as outras escólas da Grecia. Fez vêr que a impostura reinava por toda a parte, que a philosophia era fabulosa, e que os philosophos, não sendo menos desatinados que os poetas, desatinavam mais grave e concertadamente. Fez confessar aos especulativos que sonhavam quando queriam meditar. Mostrou-lhes que entre cento e cincoenta e tantas opiniões que visavam ao escopo do supremo bem nenhuma tinha acertado no alvo. Estas opiniões podem contal-as e vêl-as na *Cidade de Deus* de Santo Agostinho. Jesus Christo tratou d'esta arte os sabios do mundo; e assim pacificou as guerras e contendas d'elles. Pôl-os em harmonia, refutando-os todos...» — Exponha-se e faça-se redigir esta lição.

BANHOS. A limpeza é a principal condição da saude. A pelle é a séde d'uma transpiração contínua que deposita no orificio de seus innumeros póros uma materia viscosa que se dissolve na agua. Quando aquella se evapora, o principio que contém em dissolução fica na superficie da pelle, onde fórma uma especie de verniz gommoso ao qual se prende o pó. D'ahi resulta uma especie de crusta que irrita a pelle, e produz borbulhas, etc.; além d'isso impede a transpiração, e por isso mesmo a operação que depura o corpo de principios nocivos. D'aqui, a utilidade e precisão da lavagem e banhos frequentes. — Os banhos geraes, quentes ou tepidos, afó-

ra a vantagem que tem de amaciar a pelle, desembaraçam-na completamente d'aquelle verniz que impede a transpiração, e chamam o sangue activando todas as funcções. Estes banhos são calmantes, e desfadigam melhor que os banhos frios; convém particularmente aos temperamentos seccos e irritaveis, aos velhos, e ás crianças. Se o banho se toma como remedio, cumpre ao medico indicar o grau de calôr conveniente; se é tomado como medida hygienica e de limpeza, deve ser aquecido de maneira que o corpo não experimente sensação de frio. — Os banhos do rio, na estação do estio, tem todas as vantagens dos banhos tepidos, e são mais fortificantes. Reanimam as forças dissipadas pelo calôr, e abrem o appetite; porém, a fim de que a sua influencia seja saudavel, não deve o corpo estar suado, nem a digestão incompleta; a agua deve ser limpida, o céo sereno, e a temperatura entre 20 e 25 graus; o banho deve durar quinze minutos em temperamentos debilitados ou nervosos, e quarenta nas compleições robustas. Ao sahir da agua, deve o banhista enxugar-se com forte fricção, vestir-se logo, e fazer um moderado exercicio para favorecer a reacção da vitalidade que se opera internamente. — Distinguem-se os banhos do mar por sua acção tonica e excitante, cuja energia procede dos principios salinos dissolvidos n'elle, no arejo resultante do movimento das vagas, e na maior densidade da agua. Quasi sempre estes banhos favorecem os temperamentos debeis, e as pessoas que padecem tremores nervosos; mas não convém a todos os doentes, e só devem ser tomados por conselho de medico. (Veja NATAÇÃO, VENTILAÇÃO, HABITAÇÃO, VESTIDOS, REGIMEN).

Direcção. Depois de se haver dictado ou exposto esta lição, virá a proposito referir o fim desastroso de tantos navegadores imprudentes que demasiadamente fiaram de suas forças e destreza.

BAOBAB. (Veja MALVACEAS E SENEGAMBIA).

BAPTISMO, e PIA D'AGUA BENTA. 1. No intuito de nos ensinar que é preciso sermos puros e castos (Senhor, vós me lavareis e tornareis mais branco que a neve, Ps. L), a igreja colloca á entrada dos templos uma pia de marmore, especie de piscina, cheia de agua que as bençãos mysteriosas apartaram do uso ordinario e profano. As antigas igrejas tinham junto do vestibulo exterior um adro ou recinto murado, onde frequentemente estava em frente da porta principal, uma fonte ou cisterna em que lavavam o rosto e as mãos os fieis ao entrarem no templo. Esta ceremonia era emblema da pureza d'alma com que devemos entrar na casa do Senhor. As nossas pias d'agua benta succederam áquellas fontes, em cuja bacia se liam estas palavras: «Lava tambem teus peccados, e não só teu rosto.» Cumpre-nos a nós usar com fé e respeito d'esta agua mysteriosa, de que mãos piedosas nos hão de aspergir o leito da morte, para nos lavar d'elle as manchas da vida.

2. Á entrada da igreja, á semelhança do baptismo, á entrada da vida, estão as fontes baptismaes, nome que recorda as aguas do Jordão, consagradas pelo baptismo de Nosso Senhor, e as fontes e ribeiros, unicos baptisterios usados nos tempos apostolicos, e seculos de perseguição.

D'estas fontes sagradas borbulharam as aguas que nos deram vida. Foi ahi que o nome d'um santo protector me foi dado. Lá, o signal da salvação, o augusto signal da cruz, assignalou meu rosto e peito. Um pouco de sal bento, symbolo de incorruptibilidade e sabedoria, foi posto em minha bocca, como penhor do pacto que alli se estipulou entre Deus e a creatura; o oleo, symbolo de força e suavidade, manou sobre meu peito e meus hombros.

A agua regeneradora foi vertida sobre minha cabeça em fórma de cruz, ao mesmo tempo que os labios do ministro proferiam as palavras sacramentaes. O santo chrisma veio então sagrar-me padre e rei: padre, porque pertencendo á raça eleita, me devo

devotar incessantemente a Deus como hostia viva; rei, como rei do mundo, rei de minhas paixões, filho do Rei dos reis, e herdeiro do reino celestial. Depois de me haver levado ao recinto da igreja, como o primeiro homem ao paraiso terrestre, o Senhor me disse: «Tudo é teu. A minha igreja, obra primorosa da minha força, da minha sabedoria e do meu amor, é tua; goza do esplendor d'estes mysterios, do seu sol de verdade, da fecundidade do seu evangelho, das vivas aguas dos seus sacramentos. É teu o celestial pão da minha palavra; é teu o augusto sacrificio; são tuas as orações e boas obras dos fieis; é teu o patrocinio dos santos. Estas riquezas todas te dou, todos estes thesouros te abro; mas ai de ti se abusares, porque muito será pedido a quem muito foi dado!» — O baptismo já foi praticado como symbolo de purificação por S. João que baptisou Jesus Christo; mas o Salvador deu a esta ceremonia o poder de delir os peccados, instituindo o verdadeiro baptismo christão com estas palavras ditas aos apostolos: «Ide e ensinai todas as nações, e baptisai-as em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo.» (S. Math., cap. XXVIII, v. 19). — Dicte-se ou exponha-se esta lição, e, segundo convier, faça-se aprender de cór e redigir.

BARBARIA. (Argel, Marrocos, Tripoli, e Tunis). 1. Este paiz abrange o que os antigos chamavam a Mauritania, Numidia, e os Estados carthaginezes. A cordilheira do Atlas divide a Barbaria em duas regiões: a do norte é fertil, tem bom clima, e produz copia de cereaes, e excellentes fructos; a do sul é toda planicies ardentes, impregnadas de sal, e frequentemente devastadas por gafanhotos. As montanhas e os desertos são habitados por animaes ferozes e perigosissimas serpentes. —Julio Gérard, dotado de invencivel intrepidez, e ao mesmo tempo pasmosa certeza de pontaria, saboreou o asperrimo prazer de se andar onze annos no encalço dos leões que entravam vorazmente pelas colonias argelinas de França. Os vinte e cinco leões que elle matou na Arabia, deram-lhe o nome do—*franco terrivel.* — Este famoso caçador revela-nos preciosas indicações dos habitos e costumes d'aquelle rei dos animaes. Se o não impelle violenta fome, ataca a prêa de sobresalto e nunca a peito descoberto. Ordinariamente, embosca-se nas margens dos rios onde os animaes vão beber, e espreitando o instante opportuno, rompe fulminante sobre a victima; póde abarcar d'um salto doze metros, e continuar por algum tempo em galões, por maneira que lhe não ganha a rapidez do melhor cavallo. O leão raras vezes ataca o homem, salvo quando é provocado ou lhe conhece terror; mas é perigosissimo, se tem fome ou já comeu carne humana. — Dorme o leão frequentemente de dia e sahe de noite á cata da presa; e é então que elle despede o formidavel rugido que apavora todos os animaes; e ruge, em geral, depois de haver comido, ou quando o tempo está borrascoso. E' prodigiosa a força do leão: arrasta facilmente por grandes distancias os maiores bois; e pessoas dignas de fé asseveram ter perseguido a cavallo, durante dez leguas, as pégadas d'um leão que arrebatára um novilho de dous annos. — Havia d'antes mais leões do que hoje: Cesar e Pompeu reuniram quinhentos no circo de Roma. Hoje quasi que existem sómente na Africa septentrional e central, nas serranias do Atlas, e do Sudan; alguns que se encontram na Arabia e na India, particularmente em Benguella, são muito menores que o leão da Barbaria.

2. Argel, cujo territorio é extremamente fertil, tem temperatura elevada, mas temperada pelas ventanias; o inverno é lá muito suave, e apenas se conhece pela abundancia das chuvas que duram até abril. — Argel está edificada em amphitheatro, na quebrada d'uma collina á beira-mar. Rodeia-se de largo fosso e muralha de trinta a quarenta pés de altura, e tres quartos de legua de circumferencia, com artilheria. Da parte de terra é defen-

dida pelo forte do Imperador que a domina; as fortalezas que protegem o porto são irregulares. — Quando se percorre um bairro d'aquella cidade ainda intacto do camartello francez, crê-se errar nos circulos intrincados do labyrintho; muito a custo cabem duas pessoas a par nas ruas, e em muitos sitios tocam-se os tectos oppostos, formando uma arcaria. A cidade porém melhorou e salubrisou-se muito depois que pertence aos francezes; tem hoje muitas ruas e vistosas praças, entre outras a rua de Babazoun, e a praça do Governo.

Esta praça, em dias de feira, offerece espectaculo verdadeiramente curioso pela diversidade de trajos e figuras. De envolta com os mouros de largos turbantes, e judeus de manhoso aspecto, e kabilas de ar feroz e agigantados, o europeu não quebra a harmonia do quadro.

— Marrocos, sobre uma formosa chã coberta de palmeiras, é formosissima de vêr-se ao longe, mas lá dentro as ruas são estreitas e esqualidas. São notaveis o palacio imperial e seus jardins, tres mesquitas, uma das quaes tem uma torre da maior belleza, e o Bel-Abbas, onde está o hospital para 1500 enfermos. Dão-lhe celebridade as suas fabricas de marroquins.—São pouco elevadas as serras do territorio de Tripoli, ha poucas correntes de agua, e muitas esplainadas safaras; ao passo que Tunis é extremamente feraz, produz todos os fructos da europa meridional, e alguns tambem das regiões do equinoxio. As tamaras de Tunis são as melhores de Africa. Tunis, muito visinha da Carthago antiga, é feia e doentia; em quanto que Tripoli é a melhor cidade de Syria, e está cercada de formosos arrabaldes, entestando com o mar.

3. Os argelinos parecem descender dos mouros da Andaluzia, aos quaes se misturaram os turcos que formaram a raça guerreira. Estão estas duas raças por tanta maneira confundidas hoje, que a observação do forasteiro difficilmente lhes discrimina differenças.

— Os mouros, emulos dos hollandezes no aceio, são no maior numero industriosos e muito sobrios: não comem a quarta parte do alimento d'um europeu. O almoço das pessoas ricas é café ou chá, com fructos e limonada. O repasto da noite é em todas as classes o mais importante. Só então se come carne. Ás senhoras mouriscas regalam-se de comer ás vezes carne de cãesinhos, porque dizem ellas que engordam com isso; ora é sabido que a nutrição é indispensavel á belleza das damas mouras. Dizem que pelo commum são medianamente bellas; mas aquillo de se dizer que os musulmanos pensam que as suas mulheres não tem alma, não é verdade.

— Ha muitas mesquitas em Argel. Todas tem á entrada uma fonte em que os crentes fazem seus lavatorios, antes de entrarem ao sacrario: tem por cima um zimborio e um terraço, especie de campanario terminado em crescente, sobre o qual o muezzin arvora uma bandeira quando lá sóbe a chamar os fieis á oração. O pavimento é ricamente entapetado. São numerosissimos os «cafés» onde se encontram mouros e arabes estirados em ottomanas, cachimbando, bebendo café sem assucar, e jogando uns jogos muito analogos ao xadrez e damas, tudo isto ao som de musica quasi intoleravel em ouvidos civilisados. — Os argelinos, que rapam a cabeça, tem barbeiros para a cabeça como nós os temos para a barba, e as lojas dos barbeiros, são em Argel, como em toda a parte, o confluente dos vadios, dos fabricantes de petas, e dos bandarristas.

Redacção. Aspecto da Barbaria, Julio Gérard e os costumes do leão. — Descripção de Argel, de Marrocos e seus arredores. Territorio de Tunis e de Tripoli. — Costumes dos mouros e argelinos. Mesquitas e «cafés» dos argelinos. — Póde dar-se desenvolvimento a este bosquejo em duas ou tres lições, conforme o tempo disponivel.

BARBAROS. (Veja Invasão).

BARCELLONA. (Veja Hespanha).

BARCELLOS (Conde de). Filho natural de el-rei D. Diniz. Morreu em 1354. Attribuem-lhe os bibliophilos a organisação de um livro de genealogias que em 1640 foi publicado em Roma, com o titulo de *Nobiliario do conde D. Pedro*, e do qual se fez outra edição menos estimada, em Madrid, em 1646. O snr. Alexandre Herculano desauthora razoavelmente o conde de Barcellos da exclusiva coordenação das linhagens, considerando-a «livro, não de um homem, mas sim de um povo e de uma época:... especie de registo aristocratico, cuja origem se vai perder nas trevas que cercam o berço da monarchia...» (*Memoria sobre a origem provavel dos livros de linhagens*). Tambem lhe foram attribuidas as poesias que lord Stuart publicou em 1823, em Paris, com a denominação que encontrou no codice *Cancioneiro do collegio dos nobres*, e o snr. Varnhagen reeditou em 1849. Não podem ser consideradas integralmente do bastardo de D. Diniz as poesias do *Cancioneiro*. Bem que todas sejam modeladas pelo tom provençal, falta-lhes a uniformidade do estylo, e em uma d'ellas apparece assignado *João Vaz*, poeta coevo de el-rei D. Diniz.

BARIUM. (Veja Metaes).

BAR-LE-DUC. (Veja Lorraine).

BAROMETRO. (Veja Ar).

BARON. (Veja Comedia).

BARROS (João de). Nasceu em Vizeu em 1496, e falleceu na villa de Pombal em 1570. Exerceu lugares honrosos e lucrativos, durante os tres reinados de D. Manoel, D. João III e D. Sebastião. É considerado historiador de primeira ordem e modêlo de linguagem. As *Decadas da Asia* são a obra que mais lhe perpetuou a gloria e a fama, e tambem a que mais proveitosamente nos póde entreter em leitura convidativa. Nenhum escriptor do seu seculo enriqueceu tanto a prosodia lusitana, honrando simultaneamente a patria com a noticia dos seus fastos sempre arrojados, bem que nem sempre heroicos, na India. Aos curiosos da antiga novella de cavallaria presta agradavel lição o *Clarimundo*, e não são de somenos interesse para os moralistas a *Ropica pneuma* (mercadoria espiritual) e o *Dialogo da viciosa vergonha*. Os philologos tambem são servidos com o variado engenho de tão eminente escriptor na *Grammatica da lingua portugueza* e *Cartinha para aprender a lêr*.

BASALTO. (Veja Primitivos).

BATATAS. (Veja Solaneas).

BATRACIOS. (Veja Reptis).

BAYARD. (Veja Decimo-sexto seculo).

BAYLE, celebre escriptor francez (seculo XVII), natural do condado de Foix, creado no protestantismo, que os jesuitas lhe fizeram abjurar na mocidade, mas a que voltou pouco depois. Em 1681, apparecendo um cometa, atacou a abusão popular que via no meteoro presagios aterradores. Quando o edito de Nantes foi revogado, combateu, escrevendo, a intolerancia de Luiz XIV, e excedeu-se tanto em ousadias de philosopho, que seus inimigos aproveitaram o azo de o despojarem da cadeira magistral que professava. Começou então a compôr a obra que mais celebridade lhe deu: o *Diccionario historico e critico*, onde elle se compraz exhumar as mais absurdas opiniões robustecidas com argumentos novos. Foi elle quem abriu a senda de Voltaire, profligando as demasias abusivas da religião. Aquelle diccionario falta unidade, systema, e imparcialidade. Bayle propende para o septicismo, se não era septico no amago, a despeito das suas circumlocuções. Observa-se, porém, n'este livro erudito, além de certo tino, a notavel arte de fazer attractivas as mais arduas questões — d'onde provém utilidade a quem o

lêr, mórmente se o leitor estiver obstinado em opiniões absolutas, e o seu espirito houver chegado á madureza, de modo que o espirito de negação e zombaria não logrem seduzil-o.

2. Um celebre orador, contemporaneo nosso, ajuizou assim de Bayle: «Houve um homem de tino superior e eminente a quem, entre todos os talentos que engrandecem os homens, só faltou o de não abusar d'esses dons: — espirito vasto e largo, que sabe tudo o que deve saber-se, que tudo quiz saber para pôr em duvida e incerteza tudo o que se sabe; espirito destro no converter verdades em problemas, no confundir a razão com raciocinios, no radiar luz e graça sobre assumptos escuros e abstractos, no envolver em trevas os mais puros e simples principios; espirito unicamente apontado a motejar o espirito humano; agora empenhando-se em escavar e remoçar os erros antigos, como quem força o mundo christão a retomar os delirios e superstições do mundo idolatra; logo, regosijando-se de aluir pelos alicerces os erros modernos, edificando e arrasando com igual facilidade: por maneira, que não tira a limpo verdade nenhuma, porque tudo lhe sahe das mãos com o mesmo colorido de verdade. Inimigo incessante da religião, já no ataque, já em apparente defesa, se desenvolve é para enredar, se refuta é para obscurecer, se exalta a fé leva em mira rebaixar a razão, se gaba a razão tem de proposito impugnar a fé. De theor que, por diversas veredas, leva-nos imperceptivelmente ao mesmo termo: — nada crêr, nada saber, desprezo da authoridade, menospreço da verdade, consultar a razão e não fazer d'ella cabedal.» — Este conceito quadra bem com muitos philosophos de hoje em dia, que tudo discutem, tudo provam, de tudo duvidam, excepto de suas pessoas.

BÉARN. 1. Esta região foi outr'ora habitação dos Bénéharni, e foi senhoreada successivamente dos romanos, godos, francos, vascões, ou gascões que todavia davam a supremacia aos reis merovingios. Por 819, Béarn foi viscondado hereditario, e passou da casa dos viscondes de Gabaret á de Moncade, depois á de Foix. Os viscondados de Béarn, e de Gabaret, seguindo o destino do condado de Foix, entraram na casa de Albret, de Borgonha depois, e foram aggregados á corôa de França por Henrique IV. N'um tracto de quinze leguas deparam-se-nos tres povos diversos: bascos, bearnezes e bigorrezes, cada um com seu typo profundamente caracterisado. O basco sobresahe por grande originalidade. Dizem que o seu dialecto é uma lingua-mãi, aparentada com as linguas asiaticas. Foram os bascos quem primeiramente se atreveu a arpoar a baleia no seio do oceano. Além de atrevidos nautas, são tambem pastores por gosto, e antepõem a tudo a ventura de errarem nas suas serranias. Andam armados de cajados á guisa dos bretões, e por jogarem a péla irão em cata d'isso por vinte leguas fóra. — O bearnez mais simples, policiado, esperto, e igualmente corajoso, fará longas caminhadas para vender qualquer cousa insignificante, e pleiteará com a teimosia de normando. Os viandantes não se queixam da falta de probidade e cortezia d'esse povo. O bigorrez mais serio e forte que o bearnez, dissimula com apparencias de boçal expedientes que, do primeiro lance d'olhos, se lhe não perscrutam. — O paiz do bom Henrique constitue hoje o departamento dos Baixos-Pyreneos, cujo solo, pouco fertil, produz ainda assim cereaes variados, vinhos de nomeada, madeiras para construcção e de mastreação.

2. Baixos-Pyreneos, capital Pau. Eis-aqui o *petit-Paris* da Navarra franceza. O Louvre e as Tuileries d'esta residencia antigamente real, encontram-se em seu velho castello no qual cada andar nos desperta a memoria de illustres façanhas. Uma bella escadaria de pedra adornada de florões esculpidos no gosto do seculo XV, conduz ao primeiro pavimento, onde entre outros muitos hospedes illustres se alojaram duas rainhas muito conhecidas: uma era Margarida de

Navarra, a mais celebre das rainhas *Margot;* a outra foi Joanna d'Albret, mãi de Henrique IV, a qual acaudilhava o protestantismo e o exercito. No segundo andar está Joanna ao pé da concha de tartaruga que ainda alli se vê, e que foi o berço de Henrique IV. Sahimos d'estes aposentos, vasios de tantas glorias, para o terraço á ourela do rio. A nossos pés estende-se uma vista magnifica: logo em baixo está o Gave e a praça do castello, toda arborisada e a cuja sombra se abrigam os estrangeiros que saboreiam o dôce clima de Pau; ao longe está um valle delicioso onde as collinas carregadas de vides produzem o perfumado vinho de Jurançon; em fim os Pyreneos surgem do seio do mar elevando-se pouco e pouco até formar ao longe uma muralha circular em volta do *Pic do Midi* do Béarn, que é a primeira curiosidade natural do paiz. Tal é a perspectiva que se goza do alto dos terraços d'esse historico castello, cercado dos mais bellos passeios que existem na Europa.—Bayonna, fortificada por Vauban, é conhecida dos marinheiros por seu porto mercantil e militar; dos soldados pelas baionetas inventadas debaixo de seus muros no anno 1640, e de todo o mundo por seus presuntos. No XIV seculo uma espantosa tempestade entulhou o porto formado pela ribeira de *l'Adour,* e este pequeno caudal levou a embocadura a tres leguas ao norte. Luiz de Foix, architecto do pharol de Cordouan, fez voltar a ribeira a seu antigo curso, e deu a Bayonna a sua bahia. As alêas maritimas são um passeio de fórma singular, se não unica na Europa. Distendem-se, ladeadas de arvoredo, em feitio de molhe. D'um lado enfileiram-se grandes edificios de commercio activo; do outro alteia-se um caes magestoso, onde se amarram navios de toda a parte. A oito kilometros de Bayonna, á beira-mar, as curiosidades de Biarritz são de outra natureza. Em parte alguma o golfo de Gasconha alcantila mais furiosos vagalhões. A propria maré se levanta ahi extraordinariamente, e quando ventos do norte ou oeste a embatem, quebra com espantoso estampido. A cada instante, nos imaginamos em campo de batalha entre os horrores da artilheria: tal é o estridor da vaga espumante, chofrando nos penhascos e rolando nas profundas cavernas, por onde vai reboando em continuadas explosões. A estrada de Pau a Laruns conduz ás aguas mineraes dos Baixos-Pyreneos. São admiraveis as montanhas, florestas e rios que se topam. Quem prolongar a jornada por algum dos dous vallesinhos lateraes que se abrem no valle de Laruns, ou vai dar ás *Eaux-bonnes* ou ás *Eaux-chaudes.* Ahi se encontram as pittorescas estancias de Baréges e Cauteretz, cujos despenhadeiros são horridamente profundos. — N'esta lição, que se mandará redigir, vem a pello contar pelo alto a historia de Henrique IV.

BEAUVAIS. (Veja Ilha de França).

BÉCHER. (Veja Chimico).

BEJA. A fundação d'esta cidade attribue-se aos celtas, os mais antigos povoadores das Hespanhas de que ha noticias. Dizem que os carthaginezes a occuparam; porém o que é fóra de toda a duvida é que, senhoreada pelos romanos, esteve muitos annos sob o seu dominio; e tanto floresceu n'essa época, que logrou a preeminencia de ser um dos tres conventos juridicos da Lusitania.

Destruido o imperio romano, esteve sujeita primeiramente aos suevos, e depois aos godos.

No começo do seculo VIII, correndo o anno de 715, seguiu a triste sorte das mais terras da peninsula, recebendo o jugo musulmano. Depois, n'esta luta gigantea, e sem treguas, que durante seculos fez de todo o solo das Hespanhas um vasto campo de batalha, correu fortuna varia a cidade de Beja, sendo agora christã para logo ser outra vez moura. O primeiro rei catholico que a disputou e ganhou aos arabes foi D. Affonso I, rei de Leão e das Asturias, no anno de 175. Retomada pelos sarracenos foi

novamente resgatada por D. Ordonho II em 914, que a perdeu pouco depois, tornando a ser recuperada em 1038 por el-rei D. Fernando Magno. Cahida de novo em poder dos arabes, conquistou-a primeira e segunda vez o nosso rei D. Affonso Henriques, em 1155, e em 1162. Desde esse tempo ficou para sempre christã.

Não se sabe o nome que teve anteriormente ao dominio dos romanos. Julio Cesar deu-lhe o nome de *Pax-Julia* em commemoração da paz que acabava de celebrar com os lusitanos.

O seu successor Octaviano Augusto quiz que se chamasse *Pax-Augusta*, porém o primeiro é que prevaleceu, e se conservou até á invasão dos mouros, que o foram corrompendo em *Paché*, depois *Baru*, e finalmente Beja.

Pelo effeito das guerras que padeceu foi-se despovoando e empobrecendo, de sorte que no tempo dos nossos primeiros reis estava reduzida ás condições de uma pequena villa.

El-rei D. Affonso III deu-lhe foral, e cercou-a de muros em 1253, e el-rei D. Diniz mandou-a povoar, e edificou-lhe o castello.

D. João II fêl-a cabeça de ducado em favor de seu primo D. Manoel; e este principe, tendo-lhe succedido no throno, elevou Beja á sua antiga categoria de cidade em 1512. O infante D. Luiz, segundo filho d'el-rei D. Manoel, foi creado por seu pai duque de Beja, e desde então ficou pertencendo este titulo aos filhos segundos dos nossos reis. Tendo determinado o immortal duque de Bragança, o snr. D. Pedro, quando foi regente na menoridade de sua augusta filha, que, em galardão á cidade do Porto, se intitulasse duque d'ella o filho segundo do monarcha portuguez, passou o ducado de Beja para o immediato.

Beja é séde episcopal, e capital de um districto administrativo na provincia do Alemtejo. Está situada em um terreno alto, que de muita distancia vai subindo gradual e quasi insensivelmente. Dista de Evora onze leguas para o sudoeste, e quatro de Serpa para o noroeste.

Divide-se a cidade em quatro parochias, todas anteriores ao seculo XIV. A mais antiga é a matriz, Santa Maria, chamada da Feira. É tradição que fôra mesquita dos mouros. Está no centro da cidade.

Parte das muralhas conservam-se ainda em bom estado. Em toda esta cêrca de muros abriam-se sete portas, de que existem cinco, chamadas: *de Evora*, *de Aviz*, *de Moura*, *de Mertola* e *de Aljustrel*, pelas quaes sahem as estradas que conduzem ás povoações que lhe dão o nome.

Beja tem muitas casas nobres, mas não possue fonte alguma. A agua de que se abastecem os seus moradores é tirada de poços; porém é de excellente qualidade.

Os arrabaldes não são formosos, porque consistem em dilatadissimas campinas, sem accidentes de terreno, e cuja principal cultura é trigo. Em compensação, a sua fertilidade é extraordinaria. Além de trigo e outros cereaes, abundam em azeite, algum vinho, e grandes montados onde se criam muitos rebanhos. Todos aquelles contornos são ricos de caça variada, e de mineraes.

A posição elevada da cidade, e de mui suave accesso, dá-lhe a vantagem de gozar de purissimos ares. A 10 de agosto faz-se na praça de Beja uma feira mui concorrida, e de grande commercio. A população eleva-se a cinco mil e trezentas almas.

BELFORT. (Veja ALSACIA).

BELGICA. A Belgica é paiz geralmente plano, tirante o Hainaut e a provincia de Namur, onde as Ardennas prolongam suas ramificações. Superabundam ahi os brejos, e as ribas maritimas descem do nivel do mar. O solo, delgadissimo nas provincias de Liége e Limbourg, é uberrimo em Flandres e Hainaut. Prosperam a agricultura e industria; mas a instrucção está em maior atrazo que na Hollanda. Os habitantes, posto que sejam numerosissimos, vivem abastadamente. — Os belgas são laboriosos, affabilissimos, francos, e muito affectos aos france-

zes, cuja lingua fallam, e com quem estiveram encorporados por espaço de quasi vinte annos.

2. «Bruxellas está edificada sobre terreno accidentado, d'onde lhe vem o escarpado de muitas de suas ruas. A cidade baixa, menos sadia e regular, encerra muitas casas de architectura gothica; mas o bairro, contiguo ao Parc, passeio esplendido ornado de estatuas de marmore, tem largas ruas, bem alinhadas, e casas muito elegantes... A mais bella das praças é a Real, cujo recinto quadrangular está entre a fachada da igreja de S. Jacques de Cademberg, muitos palacios magnificos, e quatro vestibulos. A «Grande-Place» tem diverso aspecto; rodeiam-na differentes estylos de architectura: hespanhol, flamengo e gothico. A principal é a casa da camara, flanqueada por cinco torres hexagonas, encimada de um campanario, coroado com a estatua de S. Miguel, de bronze dourado, de altura de dezesete pés, rodando sobre um gonzo á menor bafagem de ar. Regam a cidade numerosos chafarizes, todos aformosentados de esculpturas, e sustentados por uma mãi-d'agua, situada a um terço de legua das barreiras da cidade. Á orla do canal que prende o Rupel ao Escaut, está a «Allée-Verte» deleitoso passeio, com trinta avenidas que orçam por meia legua de comprimento, sendo a central destinada aos trens e cavalleiros. É frequentado diariamente; mas aos domingos imita o brilhante espectaculo de Longchamp em Paris. Prolongam-se-lhe as suas formosas alêas até Laecken, pouco áquem da cidade d'aquelle nome, onde os bruxellezes ricos teem quintas, e o rei possue um parque e magnifico palacio, onde reside no verão.» (Malte-Brun). — Dicte-se a segunda lição, e aprenda-se de cór, resumidamente.

BELISARIO. (Veja Sexto seculo).

BELLADONA. (Veja Solaneas).

BELLO (O). [1] O «bello» é o esplendor da verdade, segundo Platão; está na ordem e harmonia das partes, no dizer de Aristoteles, e na perfeição, conforme Leibnitz. O Diccionario da Academia define assim o termo: O «bello» é aquillo cujas proporções, fórmas e côres agradam á vista e causam admiração. O estudo do «bello» é já sciencia especial que recebeu nome de esthetica (do grego *aisthésis*, sentimento). — «Em obras de espirito, denomino «bello», não o que agrada ao primeiro lançar de olhos da imaginação em certas disposições particulares das faculdades da alma ou orgãos corporaes; mas sim o que tem direito de agradar á reflexão e razão por sua excellencia propria, lustre e harmonia, ou, por assim dizer, agrado intrinseco... Distingo tres especies de «bello»: o *essencial*, que apraz ao extreme espirito, sem dependencia de instituição alguma ainda divina; o *natural*, que apraz ao espirito, em união com o corpo, sem dependencia de nossas opiniões e gostos, mas com necessaria dependencia das leis do Creador que são a ordem da natureza; o *artificial*, que apraz ao espirito pela observancia de certas regras que os sabios estatuiram sobre bases racionaes e experimentaes como directoras em nossas composições. — Primeiramente, qual é o «bello» essencial, primitivo e original?... Um orador falla-nos de viva voz; um author falla-nos por escripto: o primeiro dirige-se ao publico, o segundo dirige-se não só ao publico, mas tambem á posteridade. Que lhes cumpre fazer para merecerem os suffragios de tão respeitavel auditorio? Que se requer d'elles desde a origem das letras até hoje? Que se lhes demanda em todos os paizes desde os confins do oriente, onde a eloquencia nasceu, até ao occidente, em que ella attingiu a perfeição? E, presentemente, que é o que lhes pede o brado unisono da razão?

[1] Não hesitei em aceitar da authoridade de Almeida Garrett a nacionalisação d'esta palavra, no sentido em que os francezes a empregam. Nas artes plasticas, na esthetica, é já tão corrente, que o substituir-lhe a idéa com outra ou outras expressões nos pareceu inutil purismo.

N. do T.

Verdade, ordem, honestidade e decencia. Eis o «bello» essencial que todos naturalmente procuramos nas obras de espirito...—Se todos os nossos ouvintes fossem puras intelligencias, ou, pelo menos, pessoas mais razoaveis que sensiveis, bastar-nos-hia expôr-lhes a verdade estreme para contental-as. A verdade só de per si, com seu brilho, e ordem de principios que a demonstram, e de consequencias que de si radiam como raios do sol, bastaria ao encanto dos ouvintes. Nas obras mathematicas não se requer outra belleza; mas, em a maior parte dos nossos discursos, temos que entender com homens muito mais sensiveis que razoaveis, que só querem entender o que podem imaginar, que pensam não perceber o que não possam sentir, que só se deixam persuadir por sentimentos que os transportem, em summa, a ouvintes que presto se enfadam de discurso que lhes não falle á phantasia ou ao coração... É pois necessario igualmente dizer verdade que contente o animo e entrajal-a de imagens que captem a imaginativa, de sentimentos que movam o coração, e animal-a de gesticulação conveniente a incutil-a mais poderosamente na alma. Por tanto, o «bello» natural, pois que se funda na propria constituição da nossa natureza, divide-se em tres especies: o «bello» nas imagens, nos sentimentos, e nos movimentos. O «bello» artificial ou arbitrario, assim dito por que até certo ponto impende das instituições humanas, das regras do discurso, do genio das linguas, gosto dos povos, e, mais ainda, do engenho particular dos authores, é propriamente a belleza que, em obras do espirito, resulta do agrado das expressões. Ora, eu distingo no corpo do discurso tres partes que lhe são elementos: a expressão, o boleio, e o estylo: a expressão que transmitte o pensamento, o boleio que lhe pule a fórma, e o estylo que a desenvolve ás diversas luzes adaptadas ao intuito do orador. Claro é, pois, que estes tres elementos do discurso devem ter belleza propria cada um de per si... Tal é, se me não engano, a idéa summaria do «bello» nas obras do espirito.»

BENEFICENCIA. A beneficencia é parte da justiça. Não ha virtude que melhor diga com a natureza humana. Os homens mais perfeitos são os que se consideram obrigados a soccorrer, defender, e salvar os outros. É, todavia, necessario haver cautela e juizo na escolha dos homens dignos de soccorro. Judiciosamente disse Ennio: «Um beneficio mal empregado, é, a meu vêr, uma acção má.» E Horacio: «Quero que o homem, verdadeiramente liberal, dê á sua patria, aos seus alliados e amigos, mas aos seus amigos pobres; que ha uns ricos que só presenteiam aquelles que podem dar. Isso não se chama dar; é antes com dadivas cavilosas, que escondem a isca e o anzol, usurpar os bens de outrem. A beneficencia é pressurosa: de prompto se faz o que se faz de boa vontade. Quem se demora em bem fazer vai n'isso apoucado de coração. Se vos antecipaes aos meus rogos, duplicaes a minha gratidão. Se me houvesses dado sem demora seis mil sestercios, Xanto, dizendo-me «aqui os tens», eu te ficaria na obrigação de duzentos mil; porém, como este serviço chegou depois de me fazeres esperar muito, queres que te eu diga a verdade inteira? Perdeste os seis mil sestercios. Dobra-se o beneficio quando se acode ao indigente immediamente.» — Ha muito quem favoreça quem lhe pede, sem discernimento nem medida, levado de sua phantasia, como de uma lufada de vento subita. Taes serviços não tem certamente o valor dos que se prestam com reflexão e escolha. Se um homem honrado é rico sem desfalcar ninguem, não deve aferrolhar seus haveres como avarento, nem esbanjal-os como prodigo. Dê aos infelizes honestos e aos que possa tornar bons. Soccorrerei uns que não devem estar em miseria — diz elle — não darei a outros, porque, ainda que eu os favoreça, pedirão sempre. Offerecerei a uns, e até forçarei outros a receberem. Quer seja francez, inglez,

ou italiano, que monta? onde quer que está um pobre, está o lugar da caridade. Darei ao pobre honesto, sem ambição de proveito, prazer ou gloria. Dando, cumpro um dever. — «Se eu fosse artista, pintaria a beneficencia velada como o Pudor, com um dedo posto nos labios como o Silencio, e a Gratidão com uma trombeta como a Fama.» (De Ségur).

2. Timão de Athenas, filho do celebre Miltiades, nobilitou-se rapidamente na plana dos magnates, honrado por sua sciencia de direito civil e da milicia. Quando sahia, levava dinheiro para soccorrer sem dilação os necessitados, entendendo que o adiar fosse recebido como recusa. Todos os pobres contavam com o prompto auxilio dos seus favores. Fez sepultar muitos pobres que não haviam deixado o estipendio da sepultura. Não admira, pois, que tal vida corresse abrigada de insidias, e os cidadãos lhe pranteassem a morte. — Pisistrato exercitou a maxima equidade em Athenas no uso da soberania que usurpára. Não houve melhor cidadão, se lhe perdoarem a paixão de governar. Quando encontrava vadios a passearem nas praças, chamava-os, e perguntava-lhes a razão da sua ociosidade. Se lhe diziam que careciam de pão e utensilios de trabalho, dava-lh'os, e despedia-os, mandando-os trabalhar. — Alexandre Severo assentava os soccorros que prestava; e, se sabia que alguns necessitados lhe pediam pouco, ou nada lhe haviam pedido, chamava-os, e dizia-lhes: «Por que não me pedes nada? Queres que eu seja teu devedor?» — Alexandre, o Maximo, offerecendo a alguem o presente de uma cidade, teve como resposta uma recusa, em razão — dizia o recusante — de não convir tal brinde á sua modesta posição.» — Não tenho nada com o que te convém possuir, mas com o que me convém dar-te — respondeu o rei. — «O philosopho Arcesiláo tinha um amigo enfermo que dissimulava sua penuria. Entendendo que devia soccorrel-o a occultas, introduziu-lhe sob o travesseiro um saquinho de dinheiro a fim de que o doente, tão mal servido de suas demasias de pejo, parecesse encontrar, e não receber, o de que tanto havia mister. Dando tino do dinheiro, exclamou o doente: «Cá está uma artimanha de Arcesiláo.» D'outra feita, o mesmo philosopho, querendo favorecer um homem de bem, indigente, emprestou-lhe muito de industria uma baixella de ouro para hospedar uns amigos; e, quando lh'a elle quiz restituir, não a recebeu. (Veja Esmola e Gratidão).

Depois de lidas ou expostas as duas lições, póde mandar-se resumil-as, tomando como thema as palavras de Horacio e os pontos essenciaes da segunda lição. Como lição de historia, dir-se-hão de passagem alguns traços dos personagens citados e da época em que viveram.

BENEVOLENCIA. 1. «A modesta e dôce benevolencia é não só virtude, sentimento, dever e prazer; mas tambem é muitas vezes um attributo que dá mais amigos que a riqueza, e mais credito que a força... É a mais amavel qualidade, sem a qual o merecimento inspira simplesmente um frio respeito, e o mais bello talento uma esteril admiração. Podemos ter quasi a certeza de que, onde ella brilha, a maior parte dos vicios é repulsa ou vencida.» (Conde de Ségur). — «É natural da alma grande amar aquelles mesmos que a offendem. Ama-os, se pensares que és seu parente, que por ignorancia e a pesar seu, procedem mal, que dentro em pouco sereis todos mortos, sobre tudo que nenhum mal te fizeram porque a tua alma não se desceu de seu valor. Quando alguem te molestar, medita logo na opinião que esse deve ter do que é bem e do que é mal, para bem ajuizares do grau da culpa. Reflectindo assim, sentir-te-has compadecido, em vez de irritado; por quanto, se tu és da opinião d'elle ácerca do bem e do mal, ou és d'outra que se assemelha á sua, deves perdoar-lhe; e no caso inverso, mais facilmente te será perdoar a um homem que apenas encarou mal as cousas. — O melhor modo de nos vin-

garmos dos inimigos é não nos parecermos com elles.» (Marco Aurelio).

2. A benevolencia é uma qualidade que toda a gente parece attribuir-se, e que todavia é rarissima. Os que a tem são amados, estimados, persuasivos, e com pouco esforço produzem grandes resultados. É muito rara esta excellente qualidade, porque envolve muitas virtudes. O homem benevolo mitiga as dôres alheias, e adivinha as precisões do proximo, denotando nos olhos e nos gestos que será feliz podendo favorecer seus irmãos. A benevolencia calculada não tem estes exteriores: é praticada como dever que não tem recompensa na ternura da alma. Distingamos pois em nossos filhos a benevolencia hypocrita da simples e franca, que se faz bem-crêr naturalmente, e a fim de lh'a inculcarmos recommendemos-lhes todas as virtudes. — Principiemos por dar ao nosso alumno exemplos da benevolencia, cultivando-lhe a disposição innata ao affecto e sympathia de tudo que o rodeia, tornando-lhe meigas e faceis todas as relações da vida. O nosso alumno irá ganhando maneiras affaveis; tudo o que o cerca será alumiado docemente pela serenidade de sua alma; se tem irmãos e irmãs, amal-as-ha, sem imaginar que seja possivel não as amar. Affectuoso e serviçal para os seus e para os de fóra, obedecerá á lei da caridade: «Ama o teu proximo como a ti mesmo; amai-vos uns aos outros como eu vos amei.»

BENS, BEM. Juridicamente chamam-se bens tudo o que o homem póde possuir, e o codigo civil os divide em moveis e immoveis. Moralmente chama-se *bem* tudo que póde o homem pretender, e aqui vem distinguir o *bem physico*, que póde ser util ou agradavel ao homem, e o *bem moral*, isto é, o bom, o honesto que comprehende tudo que o homem approva conformemente ao dever. Quanto ao soberano bem, sobre que tanto se ha disputado, não ha encontral-o fóra da harmonia da felicidade com a virtude. — Como a felicidade é a maior somma de bens a que podemos aspirar, escolher intelligentemente os bens que mais nos aproximem a felicidade, é onde bate o ponto. Ora, bem real não devemos julgar aquelle que nos deteriora, altera ou corrompe, pois tanto monta derruir os fundamentos da nossa felicidade. Sob este aspecto, gloria, honras e riquezas não passam de bens apparentes, pois que tantos sabios houve que na pobreza e obscuridade lograram a felicidade e paz, que não tinham achado na suprema escaleira da fortuna. Ha bens duradouros e bens transitorios. Ainda que possamos usar legitimamente os segundos, daremos aos outros a preferencia, porque, sendo continuados, nos podem grangear maior copia de gozos. Ha bens geraes e bens particulares. Consoante ás leis de ordem e razão que subordinam as partes ao todo, e conforme á preferencia que devemos aos bens mais excellentes que podemos alcançar, cumpre-nos preferir o bem commum ao particular. «Mostrem-me — diz Voltaire — um paiz, uma companhia de dez pessoas sobre a terra, onde aquillo que é util ao bem commum não se prefere, e então convirei que não ha regra natural.» (*Metaphysica*, cap. 5).

2. «O melhor meio de achar o bem é buscal-o sinceramente, e não se busca longo tempo sem subirmos ao author de todo o bem.» (J. J. Rousseau). — «O bem é facil de fazer; o que é difficil é querer firmar por momentos a vontade movel e fluctuante do homem para a congraçar com a eterna e immutavel vontade de Deus. Os homens não odeiam nem podem odiar o bem; mas tem-lhe medo.» (De Bonald). — «Os maus travam-se de mão para fazerem o mal; e porque é que os bons se não mancommunam para fazerem o bem?» (Silvio Pellico). — «O que d'esta vida levamos é a perfeição que demos á nossa alma; o que deixamos é o bem que fizemos aqui.» (Jouffroy). — «O homem de bem não é o insensivel estoico; a virtude não dá a impassibilidade; mas, se elle está enfermo, é menos de lastimar que o mau em doença; se está indigente é menos desgraçado que o mau na miseria; se está desgraçado não succumbe tanto

como o perverso no infortunio.» (Barão d'Holbach).—«Um homem de bem não acha util o que é deshonesto, e nunca lhe acontece pensar ou fazer cousa que não possa afoutamente mostrar a toda a gente.» (Cicero). — «Os verdadeiros bens não são riquezas, mas sim virtudes que a consciencia leva comsigo para com ellas formar o seu eterno thesouro.» (S. Bernardo). — «Os homens são apenas os mordomos de seus bens... Deus, soberano Senhor d'elles, confiou-os aos ricos para remedio dos pobres.» (S. Chrysostomo).

Dicte-se a primeira lição e amplifiquem-se em escripta os diversos pensamentos da segunda. Póde cada author dar um assumpto de dissertação; sendo preciso podem entrar dous em cada composição. (Veja MAL, ELOQUENCIA, RHETORICA, etc.)

BERLIN. (Veja PRUSSIA).

BERNARDES (Diogo). Natural de Ponte do Lima, ou da Ponte da Barca, nasceu entre 1530 e 1540. Acompanhou a Madrid um embaixador de D. Sebastião, rei de Portugal; seguiu o mesmo rei a Africa, onde ficou captivo. Resgatado e regressado á patria, aqui viveu alguns annos, e morreu em 1605 ou 1606, segundo as averiguações dos biographos mais zelosos d'este notavel poeta. São ainda lidas com merecida estima as composições metricas de Diogo Bernardes, que andam colleccionadas sob os titulos *O Lima*, e *Varias rimas*, quasi todas asceticas. Posto que alguns criticos depreciem o merecimento d'este poeta louvado de Antonio Ferreira e Sá de Miranda, o insigne avaliador Almeida Garrett conceitua-o com estas expressões: «Sobreviveu a todos estes (Caminha, Ferreira e Corte Real) e á patria, que não tardou a perecer, o suave cantor do Lima, que levado por D. Sebastião para testemunhar seus altos feitos, de que devia fazer um poema, perdeu-se com seu rei e jazeu captivo em Africa. Bernardes foi excellente poeta, e com quanto sua linguagem é pobre, e em geral pouco variadas suas composições; a suavidade de seu estylo, certa melancolia de expressão que lh'o requebra e embrandece, darão sempre a Bernardes um lugar muito distincto na litteratura portugueza.» (*Bosquejo da historia da poesia e litteratura portugueza*).

BERNARDES (Padre Manoel). Nasceu em Lisboa aos vinte de agosto de 1644. Graduou-se em philosophia na universidade de Coimbra, e tomou grau de bacharel em direito pontificio. Entrou depois no curso theologico; e, ordenado presbytero, recolheu-se á congregação do Oratorio, fundada n'este reino pelo padre Bartholomeu do Quental. Estudou e escreveu por espaço de trinta e quatro annos as variadas obras que andam hoje nas mãos de todos os estudiosos, particularmente d'aquelles que desejam conhecer o que mais rico póde saber-se da lingua portugueza. A *Nova floresta*, *Luz e calor*, *Ultimos fins do homem*, são cofres de selecta linguagem que sobreexcede os primores do padre Antonio Vieira, na pureza das vozes, no torneio da dicção, e na graça inexcedivel.

Ao cabo da vida, padre Manoel Bernardes, após a irradiação de tanta luz, perdeu a razão, apagou-se-lhe aquelle alto entendimento, fez-se á volta d'elle a treva da morte moral, como em recamara da sepultura. São inimitaveis as paginas em que o principe dos classicos e poetas modernos em Portugal, o snr. visconde de Castilho, descreve os dous annos de agonia do seu digno mestre: «...livros fechados e inuteis, manuscriptos incompletos ao pé do tinteiro secco e da penna mirrada, uma phrase eloquente por ventura deixada em embryão; diante de tudo isto e sem o comprehender, e por espaço de dous annos! oito estações! vinte e quatro mezes! perto de oitocentos dias e outras tantas noites! com o mesmo trajo! com o mesmo rosto! com ainda mais cãs... o homem a quem todos invejaram, de quem todos aprenderam, fechado sobre si como um livro de sete sellos, como um enigma, como um desengano, como uma arvore sec-

ca do raio, mas ainda em pé, como a frontaria inteira de um templo abrazado, como um retrato vivente de si mesmo, como um jazigo da alma com um nome refulgente, e em vez de um *aqui jaz*, um aqui está, aqui vive, e aqui padece.

«A ignorancia de si e do mundo é no menino uma cousa graciosa, no velho, uma cousa tremenda; no menino é a escuridão, em que se esconde o germen da alvorada, no velho é a primeira treva da noite, que de minuto para minuto se engrossa, se esfria, se povôa de medos e phantamas. Grande desengano para os vaidosos do seu entendimento! como se o entendimento fosse mais nosso ou mais privilegiado que a formosura, que a saude, que a força, que a riqueza, que a fama!

«A ultima obra pois do padre Manoel Bernardes, e não a menos instructiva, foi aquelle mudo sermão de dous annos contra as vanglorias terrestres, em que tão irrefutavelmente provou que o espirito podia tambem ser Job assim como o corpo, e de peor condição que Job, pois, do seu muladar, uma vez cahido n'elle, já nunca mais se alevantará.

«Por passos contados procedeu esta sua longuissima agonia. Foi a principio só entibiamento das faculdades intellectuaes, sobrevivendo-lhes o fervor das praticas religiosas, como se vê pelo mar liso resvalar uma galé, obedecendo ainda á impulsão dos remos, já largados do punho. Depois anoiteceu-se ainda mais o siso; foi-lhe prohibido pelos superiores o celebrar o incruento sacrificio. Chorou, implorou, amesquinhou-se, rendeu-se... e succumbiu. Degradado do exercicio das ordens!... prohibido de tocar nas armas o soldado velho, que tantos annos defendera invencivel o estandarte!... depois, assim como as idéas mais altas lhe tinham ido desapparecendo, se lhe foram apagando até as mais communs, até as das impressões immediatas, até as do instincto; via e ouvia, mas não entendia, nem conhecia; o mundo era para elle o que elle era para o mundo, um mysterio, uma canceira, talvez um enfado; depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar; que foi, como bem podemos presumir, voar do carcere, carregado com as palmas de confessor e martyr, para a patria onde os fructos se colhem do que na terra se cultivou.

«Foram sepultados os seus restos mortaes na antiga casa do Espirito-Santo, arrasada d'ahi a quarenta e cinco annos pelo grande terremoto, substituida no mesmo lugar com a elegantissima igreja, riscada por Ludovice, filho, substituida hoje, depois de outro terremoto grande, com as casas de prosaica frontaria do snr. barão de Barcellinhos.» (*Noticia da vida e obras do padre Manoel Bernardes*).

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE. Nasceu no Havre, aos 19 de janeiro de 1737. É um dos mais amaveis escriptores que honram a litteratura franceza. Madrugou-lhe decisiva a vocação. Tinha oito annos, quando cultivava por sua mão um jardimsinho, esmerava-o, contemplava-o amorosamente, e alguma flôr, que colhia, era para offerecer a sua mãi. Como visse um gato levado na corrente de um ribeiro, e atravessado por um espicho, apanhou-o, curou-o, e, restaurado pela humanidade da criança, deu-lhe liberdade. Aos nove annos, Bernardin a fugir do castigo, embrenhou-se n'um bosque para lá se dar á vida eremita, e foi preciso que uma boa creatura de mulher que o vira nascer, e acaso o encontrou, se despendesse em rogativas e reprehensões para o resolver a voltar a casa. Tendo estudado linguas antigas com um cura de Caen, relacionou-se com um bom e instruido capucho, d'onde lhe veio a idéa de se fazer tambem frade. A leitura de *Robinson* lhe causou depois verdadeiros enlevos, e já não houve dissuadil-o mais de fundar colonias. Na volta da Martinica, onde esteve com seu tio, foi mandado continuar seus estudos com os jesuitas de Caen, Ahi, entrou-se do anceio de ir ceifar em regiões longinquas a palma do martyrio. Mandado pelo pai a Rouen, fechou seus estudos com lu-

zimento, e exercitou algum tempo o officio de engenheiro de pontes e calçadas, funcções que lhe foram disputadas pelos ardis victoriosos da inveja. Viveu algum tempo em Paris, pobre e desprotegido do pai, que contrahira segundas nupcias. Anojado de Paris, sahiu para fundar uma republica no amago da Russia, e chegou a Moscow com uma face e orelha geladas, e tres francos no bolso. Ahi se lhe destingiram todas as suas chimeras. Nomeado alferes de engenharia, Bernardin desgostou-se da Russia, aproveitou o lanço da insurreição polaca e entregou-se esperançado a novas sensações. Da Polonia, onde lhe correu perigo a vida, passou a Vienna, depois a Dresde, e Berlin, e por fim a França.

Esta vida errante acabou pela viagem de Madagascar, onde elle esperava levar a civilisação. Illudido ainda d'esta vez nas suas esperanças, comprou cabana na Ilha de França, entregando-se com ardor ao estudo da historia natural, d'onde voltou a Paris em 1771. Dous annos depois publicou a *Viagem á Ilha de França*, que foi bem acolhida; os *Estudos da Natureza*, que appareceram no anno seguinte, lhe grangearam ser considerado entre os melhores escriptores francezes. Pouco depois firmou a sua reputação, publicando *Paulo e Virginia*, apesar do livro só mais tarde ser apreciado, e cahir no desagrado de Buffon e outros litteratos. Ainda publicou outras obras, sendo a mais notavel as *Harmonias da Natureza*. Luiz XVI nomeou-o intendente do Jardim das Plantas. Em 1705 entrou no Instituto, e foi generosamente recompensado durante o imperio.—É o escriptor que melhor descreve a natureza; mas é de lamentar que lhe faltassem conhecimentos positivos e muitas vezes nos apresente as suas chimeras como leis verdadeiras do universo.

2. «Considerei sempre os *Estudos da Natureza*, e as *Harmonias* que se lhes seguem, mais como obra poetica, ou tratado de gosto, que livro de sciencia e philosophia. O author avantaja-se a descrever os effeitos do quadro do mundo, quando porém quer guindar-se ás causas secretas d'esses effeitos exteriores, quanto mais se esmera no aprofundal-as, como que mais se desgarra do verdadeiro trilho. Tem sempre razão quando descreve, nunca porém quando raciocina. Nunca o enganam as suas sensações; é todavia muitas vezes insidiado por seus proprios devaneios. Estes servem-lhe comtudo de fio conductor para o guiar no dédalo encantador das brilhantes contemplações: ligase-lhes com afinco, e a abundancia das verdades de sentimento que se realçam n'esta vereda nos indemnisam das idéas falsas que fascinam. Tal é, a meu juizo, a impressão que geralmente os *Estudos da Natureza* produziram. *Paulo e Virginia*, e a *Choupana indiana*, onde M. de Saint-Pierre tão bellamente exprimiu os contrastes da natureza e da sociedade, da ternura e do pudor, da melancolia solitaria e meditativa com o tumulto ruidoso das cidades, são sem duvida producções amabilissimas; mas o que mais provam essas deliciosas obras não é que o author penetrasse o segredo da natureza; mas sim que adivinhou a maneira e as côres proprias para a pintar, exprimindo-lhes fielmente todos os encantos, graças, e bellezas.» (Dussault).

Direcção. Póde-se seguir sobre o mappa as viagens de Bernardin, mostrar as linhas principaes da navegação, fazer notar a differença dos climas em relação ao Equador. Esta historia dá occasião a fallar das illusões da mocidade, e vocação (veja esta palavra) de J. J. Rousseau, e de Fénélon, cujo estylo Bernardin imitou. A segunda lição será dictada e decorada. (Veja FÉNÉLON, e ROUSSEAU).

BERRY (O). 1. Em 1094 o conde Herpin vendeu Berry a Philippe I, rei de França, e abalou para a cruzada; e desde então, nunca mais se desannexou da corôa Berry, salvo quando foi dado em dotação aos principes ou princezas. É fertilissimo este paiz, onde pascem grandes rêzes e carneiros. Mas a sudoeste de Bourges, mais

de quatrocentas immensas lagôas occupam uma superficie de cerca de seis mil hectares. Berry divide-se em dous departamentos.

2. CHER, capital Bourges. Desde o seculo VI a XVI, ardeu Bourges treze vezes, perdendo o esplendor, industria e manufacturas. Os vinte e dous mil habitantes que lhe restam dispersaram as suas tristes vivendas ao longo de um territorio que poderia conter e nutrir triplicada povoação. Á semelhança da maior parte das igrejas da idade media, a cathedral de Bourges está edificada sobre a planura mais sobranceira da cidade. Do portico da igreja, se avistam as planicies de Berry, que abrangem dez leguas de tapete verde e florido. Bourges é rica de passeios. Afóra o jardim do arcebispo está cingida de terraplenos arborisados, e ainda fóra da cidade ha passeios frequentados, principalmente o Mail que é o confluente da melhor sociedade no verão. A praça Villa Nova, e a dos Massoniers são tambem ajardinadas e concorridas.

3. INDRE, capital Châteauroux. Antigamente Châteauroux foi mal edificada, mal alinhada, e sobre tudo pessimamente calçada; hoje porém, com largas e regulares ruas, com praças agradaveis e espaçosas, em fim com os soberbos passeios que a rodeiam e marginam, Indre, quasi que parece outra cidade. A casa da camara, situada em uma collina que entesta com Indre, e flanqueada de tres torres de notavel altura, offerece ao viandante pittoresco aspecto. Das janellas d'este edificio desfruta-se um delicioso panorama ao longo do rio, ricos e ferteis valles, e as soberbas florestas de Saint-Maur, e Châteauroux.

Historie-se a primeira cruzada, vindo ao proposito do conde que vendeu Berry a Philippe I, rei de França, e conte-se, com referencia á cidade de Bourges, a historia de Joanna d'Arc e Carlos VII, que se appellidou *rei de Bourges*. (Veja CRUZADAS, e JOANNA D'ARC).

BERTHOLLET. (Veja INVENÇÕES).

BESANÇON. (Veja FRANCHE-COMTÉ).

BETERRABA. (Veja ASSUCAR e SYNANTHEREAS).

BÉZIERS. (Veja LANGUEDOC).

BIBLIA. Livro que contém as Sagradas Escripturas, dividido em duas partes: Velho e Novo Testamento. A primeira parte encerra a historia do povo judaico, desde a creação do mundo até ao nascimento de Christo, e se compõe de escriptos historicos, prophecias, poemas, e obras de moral. O Novo Testamento, declarado canonico pelos concilios dos primeiros seculos da igreja, abrange os quatro evangelhos de S. Matheus, de S. Marcos, de S. Lucas, e de S. João; contém mais as Actas dos apostolos; as quatorze epistolas de S. Paulo, mais sete epistolas, e o Apocalypse. O Velho Testamento foi escripto em hebraico, e o Novo quasi todo em grego.

Os *Setenta* (traductores) traduziram para grego todo o Velho Testamento, reinando Ptolomeu Philadelpho; e S. Jeronymo, no seculo IV, trasladou a latim a Biblia toda: esta versão, chamada *Vulgata*, é a unica reconhecida pela igreja. — «Na Biblia se nos deparam todas as variantes de estylos, as quaes, formando um corpo unico de cem diversas peças, não tem ainda assim parentesco algum com a linguagem dos homens. Desde o principio até ao fim da Biblia tudo nos maravilha e assombra.» (Chateaubriand). Quanto mais meditamos este divino livro, maiores enlevos nos tomam; o animo de quem lê saboreia-se da singeleza do dizer, e a sublimidade do sentido eleva e ampara. (S. Gregorio, o Maximo). Com este livro se fecundam na mente as mais levantadas idéas, e como que temos entre mãos o encadeamento e fio de todas as cousas d'este mundo. (O abbade Cambacères). Não é livro feito para um ou outro povo: será um dia livro de todas as nações, pois que encerra a historia do homem escripta para todos, debaixo da inspiração do proprio

Deus. (Dr. Descuret, *Theoria do gosto*). Na linguagem da Escriptura se está transluzindo inspiração. Dos escriptores sagrados póde dizer-se o mesmo que diziam de Jesus os enviados dos phariseus: «Ainda homem algum fallou como este.» Ao lêl-os se conhece que o dedo divino lhes tocou nos labios. Que candura tão singela nas descripções! Que doçura e chaneza de verdade! Que ingenuidade tão graciosa! Reluz ahi pureza e innocencia primitiva. E depois a energia, profundidade, opulencia de imagens e vistas penetrativas ao amago da natureza humana, cujas miserias e magestade ninguem as conheceu tão de fundamento. O que ahi ha suave, terno, terrivel e sublime ninguem o procure fóra da Escriptura. (Lamennais, *Tratado ácerca da Indifferença*).

2. «Os livros que os egypcios e outros povos denominavam divinos, muito ha que se perderam, e nos deixaram nebulosa memoria nas historias antigas. Os livros sagrados dos romanos, em que Numa, author da religião d'elles, lhe escrevera os mysterios, acabaram ás mãos dos proprios romanos, por ordem do Senado que fez queimar taes obras como reversivas da religião. Os mesmos romanos, ao diante, deixaram aniquilar os livros sibyllinos, longo tempo acatados como propheticos, e depositarios dos destinos talhados pelos deuses immortaes sobre o imperio romano, sem que mostrassem alguma vez ao publico um só volume ou sequer uma prophecia. Só os judeus possuiram livros sagrados, tanto mais venerados quanto mais conhecidos. Foram elles que entre os antigos povos, unicamente guardaram os monumentos primordiaes de sua religião, com quanto os livros testificassem a infidelidade d'aquelle povo, e a de seus antepassados; hoje mesmo os israelitas dispersos pelo mundo transmittem a todas as nações os milagres e prophecias que volvem inconcussa a religião. — Deve notar-se a differença existente na ligação dos livros dos dous Testamentos, e é que os livros do povo antigo foram escriptos em diversas épocas. Deus, querendo convencer a incredulidade de um povo sensual, distribuiu milagres e prophetas através de seculos, a fim de renovar a miudo o testemunho sensivel com que justificava as santas verdades. Em o Novo Testamento seguiu outro rumo. Nada tem que revelar á sua igreja depois da vinda de Jesus-Christo, no qual está a plena perfeição. Todos os livros divinos escriptos depois da nova alliança datam do tempo dos apostolos; porém na differença observada entre os livros dos dous Testamentos, guardou sempre Deus a admiravel ordem de fazer escrever os factos no tempo em que aconteceram, ou d'elles havia recente memoria. Por onde, os que os sabiam os iam escrevendo, os ignorantes aprendiam-os dos livros recebidos, e uns e outros os legaram aos seus descendentes como preciosa herança que a posteridade guardou piedosamente. — Moysés foi sempre tido, já no oriente, já em todo o mundo, na conta de legislador dos judeus, e author dos livros que se lhe attribuem. Os samaritanos, que os houveram das dez tribus separadas, conservaram-os tão religiosamente como os judeus. — Tão oppostas nações não receberam uma da outra os divinos livros; pois ambas os receberam de commum origem, já do tempo de Salomão e David. Os antigos caracteres hebraicos, que os samaritanos ainda conservam, demonstram que aquelle povo não seguiu Esdras, que os alterou; pelo que o Pentateuco dos samaritanos e o dos judeus são dous originaes completos, com reciproca independencia. A perfeita conformidade que se nota na substancia dos textos justifica a sinceridade dos dous povos. São fieis testemunhas que se accordam, sem se haverem consultado, ou, mais pelo claro, que concordam apesar de inimigas, e vão alliadas em um mesmo pensar pela só e unica tradição immemorial d'um e outro povo. — Os authores que redigiram os quatro evangelhos recebem igual testemunho de confiança dos fieis, dos pagãos, e hereticos. Aquelle grande numero de po-

vos diversos que receberam e traduziram os livros divinos logo que appareceram, são todos conformes quanto á época e quanto aos authores. Tal tradição não a contradisseram os pagãos. Nem Celso que atacou os livros sagrados quasi á beira do berço do christianismo, nem Julião, o Apostata, que nada ignorou nem escondeu que podesse desacredital-os; nem algum outro pagão os acoimaram de suppositicios: ao envez, todos lhes attribuiram os authores que os christãos lhes assignam. As Actas dos apostolos continuam o Evangelho; das Epistolas o inferimos rigorosamente, mas para que tudo se ligue, Actas, Epistolas e Evangelhos, a cada passo ha referencias aos antigos livros judaicos. S. Paulo, e os demais apostolos não cessam de citar Moysés e os prophetas posteriores. Jesus-Christo invoca o testemunho da lei de Moysés, reporta-se aos prophetas e aos psalmos como testemunhas contestes da mesma verdade. Se quer explicar os seus mysterios, principia por Moysés e por os prophetas; e quando diz aos judeus que Moysés escrevera ácerca d'elle, assenta como base as cousas mais sabidas, e d'ahi as levanta até á fonte das suas tradições.» (Bossuet, *Historia universal*, 2.ª part., cap. 28 e 29). — Dicte-se e faça-se decorar a primeira lição. A segunda será lida ou discursada, de modo que os alumnos demonstrem a authenticidade dos livros sagrados. A ultima só deve entender-se com alumnos já instruidos, ao passo que a primeira está no caso de ser entendida por meninos de dez annos que já tenham estudado historia sagrada. (Veja Bossuet, Milagres, Evangelho, Prophecias, etc.)

BISMUTH. (Veja Metaes).

BLACK. (Veja Chimicos).

BLUGA. (Veja Borragineas).

BOCAGE (Manoel Maria de Barbosa du). Nasceu em Setubal em 15 de setembro de 1765. Assentou praça de cadete, em infanteria, por 1780 e sahiu para a India em 1786, despachado guarda-marinha. Em Gôa alcançou o posto de tenente de infanteria, com serviço em Damão, em 1789. Deteve-se dous dias em Damão, d'onde desertou para Macáo. D'aqui solicitou e obteve licença de voltar ao reino, onde já estava em agosto de 1790. Ganhou de sobresalto a admiração das turbas, assombradas da vehemencia e valentia dos seus improvisos. Ninguem o emulava na especialidade do soneto, poema que mais realce lhe deu ao nome, posto que devamos com boa critica dar-lhe a primazia do engenho em outras composições menos celebradas. Bocage florescera exuberantemente em dons de inspiração n'um periodo em que mais se descuravam os bons exemplares da lingua portugueza, bem que, áquelle tempo, o exilado Francisco Manoel do Nascimento propugnasse para ella com zelo tão honrado quanto ás vezes sobejo. Manoel Maria, acclamado das multidões, poeta dos botequins e das salas, opulento dos faceis applausos do povo enthusiasta e dos fidalgos que banqueteavam as musas nos seus festins para intervallar de sonetos as cortinas dos jantares, renunciou ás fadigas do estudo, incompativel com vida tão inquieta e namorada das blandicias da gloria, que até certo ponto o desvairaram. «O temperamento irritavel e ardentissimo de Bocage o levava naturalmente ás hyperboles e exagerações: essas eram as mais admiradas de seus ouvintes; requintou n'ellas, subiu a ponto que se perdeu pelos espaços imaginarios de sua creação phantastica, abandonou a natureza; e a suppoz acanhado elemento para o genio... A metrificação de Bocage julgam-na sua melhor qualidade; eu a peor; ao menos a que peores effeitos causou. Não fez elle um verso duro, mal soante, frouxo; porém não são esses os unicos defeitos dos versos. As varias idéas, as diversas paixões e affectos, as distinctas posições e circumstancias do assumpto, do objecto, de mil outras cousas, — variada medida exigem; como exige a musica varios tons e cadencias... Nos interval-

les lucidos que a Bocage deixava o fatal desejo de brilhar, n'alguns instantes que, despossesso do demonio das hyperboles e antitheses, ficava seu grande engenho a sós com a natureza, e em paz com a verdade, então se via a immensidade d'essa grande alma, a fina tempera d'esse raro engenho, que a aura popular estragou, perdeu o pouco estudo, os costumes desregrados — a miseria, a dependencia, a soltura, a fome. Muitas epistolas, varios idillios maritimos, algumas fabulas, epigrammas, as cantatas, não são mediocres titulos de gloria. Dos sonetos ha grande copia que não tem igual, nem em portuguez, nem em lingua nenhuma, d'uma força, d'uma valentia, d'uma perfeição admiravel. O resto é pequeno e pouco. A linguagem é pobre; ás vezes é facil, mas em geral escassa. Sabia pouco a lingua; á força de grande instincto lhe arredava os erros; mas as bellezas do idioma só as dá e ensina o estudo.» (Almeida Garrett, *Historia da lingua e da poesia portugueza*).

«Era um homem (Bocage) do povo, que alimentava no espirito todas as paixões violentas, e muitas vezes phreneticas e desregradas do vulgo; e como o vulgo, ajuntava a feios vicios nobres e generosas virtudes. Era o trovador, que improvisava os seus mais admiraveis versos no meio das multidões, á luz do sol ou dos astros da noite, nas orgias das cidades, nas festas campestres, em todos os lugares, a todas as horas. Depois de Camões, Bocage foi o nosso primeiro poeta popular: como Camões, foi pobre, foi criminoso, e foi malfadado; adormeceu, como elle, muitas vezes no balouçar das vagas do oceano, e como elle orvalhou de lagrimas o pão do desterro, e veio morrer na patria sobre a enxerga da miseria. Semelhante ao enfermo do Evangelho, passou pela terra, abandonado, pobre, nú; mas como os antigos romeiros trovadores, alegrou ou commoveu os animos das classes não privilegiadas, ás quaes tres seculos tinham feito esquecer que a poesia era tambem e principalmente para ellas.

«Bocage é o typo mais perfeito da sua escóla, e de feito devia sêl-o. Elle popularisou a arte, porque poetou principalmente para o povo, e embalou ao mesmo tempo com as melodias da linguagem, com o sonoro do metro, essas almas rudes, mais attentas á harmonia da fórma que ao poetico do pensamento.

«Feita assim a poesia plebeia, duas consequencias deviam seguir-se d'esse passo gigante: a liberdade litteraria e o apparecimento do theatro. A poesia popular rejeita, como o povo, quando começa a pensar e deixa de querer, todas as leis que se fundam em authoridade ou tradição e não em conveniencias; e o drama é a fórma mais completa da arte, quando esta se faz burgueza. Não aconteceu todavia assim: a razão d'isso é obvia.

«A revolução litteraria que a geração actual intentou e concluiu, não foi instincto; foi resultado de largas e profundas cogitações; veio com as revoluções sociaes, e explica-se pelo mesmo pensamento d'estas. Mas nem Bocage, nem os poetas que o imitavam ou seguiam suas doutrinas, se doutrinas havia n'essa escóla, curavam de averiguar theorias estheticas; porque os tempos da grave discussão ainda não eram vindos. Poetas inspirados deixavam-se ir ao som das suas inspirações, viviam n'uma especie de excitamento intellectual: o estro, em que tantas vezes fallam, era uma realidade, e o improviso a fórma commum em que davam vulto aos seus pensamentos e affectos. Esses engenhos ardentes respiravam n'uma atmosphera de enthusiasmo, de ebriedade poetica. Semelhantes á avesinha, que solta o seu gorgeio como aprendeu da natureza e do gorgeio paterno, elles, no seu poetar espontaneo, aceitavam sem exame as regras que lhe ensinára a Arcadia. E que podiam fazer os pobres poetas peões, senão curvar a cabeça ao voto dos mui eruditos e cortezãos pastores do monte Menalo?

«Por isso a escóla bocagiana preparou só metade da revolução artistica: trouxe a poesia dos corrilhos e

salões aristocraticos para a praça publica; mas não a fez nacional. Esta difficultosa empreza estava em grande parte guardada para um poeta tão romano em intenções e desejos, quanto portuguez na indole de seu engenho. Francisco Manoel foi quem acabou o que Bocage começára, completando pela nacionalidade o plebeismo da arte. Feito isto, seguia-se a revolução, e um poeta mancebo, desterrado como Francisco Manoel, rasgou a bandeira romana e hasteou a portugueza. *Dona Branca* e *Camões* foram o signal da revolta. As tradições da Arcadia estavam irremissivelmente condemnadas.» (Alexandre Herculano, *Elogio historico de Sebastião Xavier Botelho*).

«No tempo em que eu cursava meus estudos na universidade de Coimbra, florecia ellas com muitos e bons engenhos de mancebos dados ás bellas-letras. E porque então se não tinham accendido os desastradissimos odios das parcialidades politicas, a hobbesiana propensão de guerrear se exercia nas letras. Duas seitas de escrever se contavam, a cada uma das quaes não faltavam admiradores, apostolos e evangelistas, assim como por isso mesmo inimigos, escarnecedores e parodiadores. Os livros, em que uma juramentava os seus adeptos, eram Gessner e Bocage; Filinto era o alcorão da outra. Gessner, quanto ás cousas e affectos, e Bocage, quanto ao terso lustroso de estylo e metro, eram os idolos de uma; os da outra eram, quanto a cousas e affectos Filinto, quanto a estylo e metro Filinto, e Filinto quanto a tudo em que Filinto podesse bem ou mal ser imitado. Tinha cada uma d'ellas suas vantagens e seus descontos, como agora claramente diviso, quando as considero com animo livre e desassombrado de preoccupações. . . . .

«A ambos dotára a natureza de talentos, assás fortes para que podessem cunhar á sua feição a poesia de seus tempos. Elmano, que talvez em seu genero nos ficará sendo unico, de força devia deslumbrar e encantar pelo caudal inexhaurivel, brilhante e estrepitoso de sua veia, que eu appellidarei, e ria quem rir, um Niagara de talento: e assim como os que pasmam diante d'essa grande cataracta, de puro embebecidos em sua copia e magnificencia, não teem olhos para notar o esteril do seu curso, o assolador do seu impeto, e os penedos que roja, envoltos e disfarçados com suas aguas, assim os que presentes assistiram ao poetar de Bocage, ou da tradição o receberam, fascinados com os seus estrondos, espumas e iris, mal se podem lembrar de lhe desejar affecto, siso e exactidão, que muitas vezes lhe fallecem.» (Antonio Feliciano de Castilho, *Primavera*).

«Nascêra Manoel Maria de Barbosa du Bocage poeta. Prodiga a natureza, ao derramar em sua alma torrentes de estro, infundiu-lhe parte grande da sciencia, que só costuma ser dominio da arte. Vida aventurosa e estragada indole o impediram todavia de opulentar inimitavelmente as suas producções com aquelles toques magistraes que só segreda meditação, estudo, leitura e applicação. Victima de insanos applausos, e de má turba de admiradores, a elles deveu os peores dias da sua existencia de homem, os mais ruins impulsos, e os mais discordes sons da sua lyra de poeta. Caracter fogoso e indomito, paixões arrebatadas e omnipotentes, subjugaram uma alma, aliás melancolica, em que os mais dôces sentimentos vibravam escabrosos e acerbos. Ambicioso de todos os laureis poeticos, tentou, com desigual fortuna, os varios generos e estylos. Idolatra da harmonia metrica, desencantou segredos de inesgotavel melodia, e escravisou a locução, não para lhe dizer, mas para cantar-lhe os pensamentos. O idioma de Camões subiu em suas mãos a tal grandeza e magestade, que nunca houve segundo typo que se lhe equiparasse. Seu estremado gosto o fez ousar uma tentativa de reacção contra o cançado e trateado estylo bucolico. Conciso e claro, metaphorico mas natural, hyperbolico mas verdadeiro, as azas da sua imaginação levaram o seu ouvinte á esphera onde

reinava. Já, em tão verdes annos, sem par em diversos generos de poesia, todos os houvera illustrado, se a Parca não tivesse cortado tão brilhante e esperançoso fio. Chefe glorioso de uma escóla nacional, teve a dita de Molière: lançou a barra onde ninguem lh'a pôde ir buscar.

«Numerosas manchas, repetimol-o, deturpam este astro da nossa litteratura; não tão desculpaveis que se lhes applique o *non ego paucis:* por uma coincidencia memoravel, a mesma fonte d'onde manaram suas maiores bellezas, derramou a frouxo imperfeições. Nascem-lhe estas quasi sempre do excesso de qualidades excellentes e raras. O maravilhoso dom do improviso habituou-o ao desprezo da lima, do polimento, da perfeição. A faculdade imaginativa, mostrando-lhe o mesmo assumpto sob diversas faces, degenerou na antithese e no trocadilho. O culto da melodia exagerou-o ao ponto de privar-se de recursos que ministram as varias musicas aos varios objectos: nem sempre comprehendeu como Bellini, a consonancia entre a harmonia e o pensamento.

«Em quanto das paixões activo enxame
Ferve no coração, revolve o peito,
Perde o caracter, o equilibrio perde
A rectidão sisuda.

«Eis surge imparcial posteridade,
Na dextra subpesando ethereo facho!
Tu, candido, gentil desinteresse,
Tu lhe espertas a flamma.

«O criterio sagaz, á frente de ambos,
Apparencias descrê, razões combina,
Esmiunça, deslinda, observa, apura,
E depois sentenceia!

«Já sem nodoa a virtude então rutila;
Já sem mascara o vicio então negreja:
Desce ao tumulo a gloria: heroes arranca
Aos dominios da morte.

«Hoje pois, que, desassombrados do tyrannico e deslumbrador influxo de sua magica voz, e de suas arrebatadoras explosões, é já possivel avaliar-lhe o merito, proclamamos Bocage como poeta não totalmente perfeito, mas frequentemente admiravel modêlo.» (José Feliciano de Castilho, *Livraria classica*).

A famosa epistola de Bocage, intitulada *Pavorosa visão da eternidade*, deu azo a que o intendente geral da policia o fizesse recolher ao Limoeiro em 10 de agosto de 1797, como author de papeis impios, sediciosos e satyricos. Aos 7 de novembro foi transferido para os carceres da inquisição, d'onde sahiu pouco depois para o mosteiro de S. Bento, ainda debaixo de prisão, e d'ahi foi mudado para o hospicio das Necessidades e entregue aos padres do Oratorio, a fim de ser catequisado nos sãos principios da religião. «A correcção expiatoria que soffrera foi para elle proveitosa dando-lhe a conhecer a necessidade de pôr termo aos desregramentos d'uma imaginação extraviada, e de abraçar um theor de vida mais sisudo, tanto quanto o permittiam a sua indole naturalmente inquieta, e o seu caracter instavel e buliçoso. Entrando na idade da reflexão, muito havia que esperar de tão portentoso engenho, se a morte prematura o não levasse aos quarenta annos de idade, fallecendo em 21 de dezembro de 1805.» (I. F. da Silva, *Diccionario bibliographico*).

BOCCHORIS. (Veja Decimo seculo).

BOECIO. (Veja Sexto seculo).

BOERHAAVE. (Veja Chimicos).

BOI. (Veja Ruminantes).

BOILEAU. (1636-1711). A infancia de Boileau não foi feliz, por que ficou sem mãi tendo dous annos. Seu pai, excellente notario, desattendeu o espirito e vocação do filho. Sobrevieram-lhe na adolescencia enfermidades precoces. M. Sévin, regente do collegio de Beauvais, reconheceu e animou a vocação litteraria de Boileau; mas o moço, submisso á vontade da familia, deixou-se levar por differentes carreiras,

primeiro a da advocacia aos vinte e um annos, depois a theologia; alfim, aborrecido das subtilezas theologicas e das trapacices, deixou-se arrebatar da vocação poetica, e deliberou desopilar a bilis atirando-a aos poetastros. — A batalha que Boileau declarou aos consoanteiros do seu tempo, foi valente e prestadia empreza. Era preciso esmoutar os escalrachos da terra para franquear o passo aos engenhos illustres, aos verdadeiros espiritos do bello, e preparar o seculo para que Molière, Racine, Bossuet e os mais podessem ser saboreados. Esta foi a lograda missão de Boileau. Orçava pelos vinte e quatro annos quando compoz as duas primeiras satyras. Como herdasse então do pai modesto patrimonio, bastante á sua frugalidade, dedicou-se exclusivamente á poesia, paixão que se tinha manifestado no tedio que qualquer outro estudo lhe causava. Em seguida ás *Satyras*, frechadas contra os escrevinhadores irrisorios, compoz Boileau primorosas epistolas, em que poetisou diversos assumptos de moral com tanta nobreza como energia, por modo que grangeou logo renome de cultor de fino espirito, e propulsor da sã litteratura em França. Julgou-se então com direito a ensinar na sua *Arte poetica* preceitos que elle professava exemplificando-os. Um acaso sobre modo futil, certa pendencia travada n'um cabido de Paris, pela deslocação d'uma «estante do côro» fez nascer o poema d'aquelle nome, no qual Boileau ostentou invenção e variedade superiores ás que até então denotavam os seus poemas. Não obstante, claudicou na ode, e o mordaz Fontenelle não deixou de lhe desfechar um epigramma: «o pobresinho enganou-se» — unico remoque soffrido durante briga tão aturada contra tantissimos authores, a respeito dos quaes não se cohibia de chamar ao «gato gato, e a Rolet — velhaco.» — O severo Boileau, amigo de Molière, de La Fontaine e Racine, não foi pedante. Consoante o preceito horaciano, foliava quando se lhe asava o ensejo. Em alegres assembléas, onde remedava os outros habilmente, acrescia o contentamento dos seus amigos com a malicia e mordacidade do seu talento mimico, imitando o melhor possivel o tom declamatorio de Molière, e até o bailado de Januart. Entretanto a indole séria do seu genio temperava estas facecias, e as reprimia opportunamente. Luiz XIV adoptou-o como historiographo da côrte, e para logo Boileau se revestiu da compostura grave e propria d'aquella nova região. Comtudo, sempre que podia, evitava tal constrangimento, e refugiava-se alegremente na sua casinha de Auteuil, onde recordava os mais ditosos dias da sua infancia, e reunia a flôr dos fidalgos e escriptores noveis que almejavam a herança da grandiosa peosia. Boileau, ao anoitecer da vida, tornou-se tristonho, surdo e achacado das enfermidades companheiras da velhice. Homem superior por conjuncto e harmonia de faculdades medianas, leal amigo, caracter nobre e digno, poeta incomparavel no genero temperado, de uma só paixão se deixou vencer: raiva aos tolos, e admiração de bons escriptos. Foi igualmente distincto por predicados de coração e prendas do espirito. Douraram-lhe a vida generosos actos, pelo que dizia M.^me^ de Sévigné, que elle só versejando era mau. Legou aos pobres todos os seus bens. (Veja HORACIO, JUVENAL, PERCIO, EPIGRAMMAS).

BOMBA. 1. É um instrumento destinado a elevar a agua. Distinguem-se tres especies principaes, a saber: a *bomba aspirante*, a *bomba premente*, e a *bomba aspirante-premente*. A bomba aspirante compõe-se de quatro peças essenciaes: um cylindro ou *corpo de bomba*; um *tubo de aspiração*, que mergulha na agua; um *embolo*, que uma hastea faz levantar ou descer no interior do corpo de bomba. Duas valvulas, que se abrem ambas de baixo para cima, estão collocadas, uma no embolo e a outra na juncção do corpo de bomba com o tubo d'aspiração. O espaço, que sempre existe, entre a base do corpo de bomba e a face inferior do embolo quando este não póde

mais descer, chama-se *espaço nocivo.*

Supponhamos que o êmbolo se levanta partindo d'esta posição limite; o ar contido no espaço nocivo dilatar-se-ha e diminuirá de força elastica; a valvula inferior abrir-se-ha, em virtude do excesso de tensão do ar contido no tubo d'aspiração, e este ar penetrará no corpo de bomba onde se espalhará uniformemente. Ao mesmo tempo, a pressão atmospherica fará elevar a agua no tubo d'aspiração até que a elasticidade do ar interior, junta ao peso da columna d'agua introduzida, faça equilibrio á pressão atmospherica.

Quando se descer o êmbolo, a valvula inferior, que se fechou pelo seu proprio peso, interceptará a communicação entre o corpo de bomba e o tubo d'aspiração; o ar que está por baixo do êmbolo, sendo então comprimido, abrirá a valvula superior e se espalhará na atmosphera até que a força elastica do ar que fica no espaço nocivo iguale a pressão atmospherica. Um segundo movimento de vaivem do êmbolo origina a mesma serie de phenomenos; e a agua, que se tinha já elevado até uma certa altura no tubo d'aspiração, continuará ainda a elevar-se. Depois de um terceiro movimento de vaivem do êmbolo, a agua elevar-se-ha de novo, até que a final penetra no corpo de bomba e enche totalmente o espaço nocivo. A partir d'este momento vai passar-se outra ordem de phenomenos. Quando se descer o êmbolo, o ar que se acha por baixo d'elle será completamente expulso, e a agua passará para a parte superior do êmbolo. Quando depois se levanta o êmbolo, a agua elevar-se-ha com elle, impellida pela pressão do ar exterior; desde então o êmbolo mover-se-ha continuamente n'este liquido, elevando com elle, em cada ascenso, um volume d'agua igual ao espaço que percorre. Comtudo, para que assim succeda, é evidentemente necessario que a altura, contada do nivel da agua do reservatorio até ao limite superior de elevação do êmbolo, seja inferior a $10^{m},33$; porque é esta a maxima elevação que a agua póde attingir no vacuo, impellida pela pressão atmospherica.

A altura a que uma bomba premente póde elevar a agua é indefinida; isto é, só tem por limite a força motora de que dispomos para mover o êmbolo. —Na bomba aspirante-premente o êmbolo é destituido de valvula; é inteiramente solido. A parte inferior do corpo de bomba communica com um tubo lateral chamado *tubo d'ascenso.* Uma valvula que se abre de dentro para fóra estabelece ou intercepta a communicação entre o tubo d'ascenso e o corpo de bomba. O manejo e a theoria d'esta bomba são os mesmos que os da precedente, com a differença que, chegando a agua ao corpo de bomba acima da valvula do tubo d'aspiração, o êmbolo, em vez de a passar para a sua parte superior, fal-a refluir para o tubo d'ascenso. Emparelham-se de ordinario duas bombas semelhantes, de modo que o êmbolo suba n'uma em quanto que na outra desça. Estas duas bombas levam a agua ao mesmo tubo d'ascenso; e assim se evita a intermittencia no escoamento. A bomba premente não é mais do que a bomba aspirante-premente sem tubo de aspiração. A parte inferior do corpo de bomba mergulha directamente na agua do reservatorio: taes são as bombas de incendio.

2. Dá-se o nome de *siphão* a um tubo recurvado em dous ramos de desiguaes comprimentos, por meio do qual se póde fazer passar um liquido d'um vaso para outro situado em posição inferior ao primeiro, sem praticar orificio nas paredes d'este. Enche-se primeiro o tubo completamente do liquido, e depois mergulha-se o ramo menor no vaso que se pretende despejar. O liquido, debaixo da influencia da pressão atmospherica que se exerce na sua superficie, escoa-se pela extremidade inferior do siphão; e observa-se que o fluxo dura até que o nivel do liquido contido no vaso superior não seja sufficientemente elevado para se tornar sensivel a differença das pressões atmosphericas que se exercem sobre o li-

quido contido nos dous vasos. Emprega-se o siphão frequentemente no commercio. — Quando dous vasos communicam entre si, o liquido que se deita em um d'elles vai tomar o mesmo nivel no outro vaso. Por tanto, supprimindo um dos vasos e praticando no tubo de communicação um estreito orificio pelo qual a agua possa sahir verticalmente, o liquido elevar-se-ha no ar, em columna, a uma altura aproximadamente igual á do nivel que tem no vaso d'onde se escôa. Eis a explicação dos jactos de agua.

3. Basta ter visto funccionar uma bomba d'esgoto para se formar uma idéa mais ou menos exacta do modo de acção da *machina pneumatica*. A elevação do êmbolo no corpo de bomba deixa um vacuo após si, que determina a entrada da agua. Tal é, com pouca differença, o modo de acção da bomba pneumatica, por meio da qual se exhaure ou, mais rigorosamente, se rarefaz o ar d'um vaso hermeticamente fechado, exceptuando a abertura que estabelece communicação com o interior do corpo de bomba. A unica differença essencial a notar está na natureza da força que determina a introducção do ar no corpo de bomba: esta força é aqui a tendencia que tem o ar a occupar todo o espaço dado. Em experiencias de grande precisão, ou quando se quer operar sobre grandes vasos, emprega-se uma machina composta de dous cylindros verticaes com diametros iguaes e tendo cada um o seu êmbolo que obra por aspiração. A hastea de cada êmbolo é dentada; endenta n'um arco de circulo fixo á extremidade de uma alavanca, movida por uma manivella, tendo o seu ponto d'apoio no meio do intervallo dos dous cylindros. Do fundo de cada cylindro parte um canal que vem terminar no centro de um disco horisontal, chamado a *platina* da pneumatica. Sobre este disco pousa uma campana de vidro, que se chama *recipiente*, cujo bordo está untado a fim de interceptar completamente a passagem do ar exterior. Pondo em exercicio as bombas para aspirarem o ar que está contido no recipiente, diminue-se successivamente a massa aerea, rarefaz-se o ar. É isto o que se chama impropriamente fazer o vacuo, porque o vacuo rigoroso só se faz na parte superior do barometro; comtudo, a aproximação d'este estado, que sempre se póde obter, é tão grande que podemos, para nosso estudo, considerar os corpos collocados no recipiente como se estivessem no vacuo. Tal é a construcção d'esta preciosa machina que operou na sciencia uma revolução completa, fazendo mudar ou rectificar a maior parte das idéas relativas aos effeitos da pressão do ar, da respiração animal, da combustão dos corpos, e da evaporação dos liquidos. Foi ella que nos certificou que a presença do ar era indispensavel á vida, pois que os animaes desfallecem e morrem no ar mui rarefeito; que a combustão das materias, ainda as mais inflammaveis, não póde dar-se no vacuo, por mais forte que seja a intensidade do foco calorifico; e que os liquidos na temperatura ordinaria entram em ebullição e se evaporam no vacuo; pois que estes phenomenos observam-se sempre que se exhaure ou subtrahe o ar pela acção das bombas aspirantes da machina. (F. Passot).

BOMBAX. (Veja MALVACEAS).

BONDADE. 1. «É a bondade o mais nobre predicado da alma e a maxima virtude. Dá ao homem vislumbres de divino, porque é o principal attributo da divindade. Homem, que a não tiver, é miseravel, impermanente e funesto a si e aos outros. Manifesta-se a bondade por diversas especies de effeitos e indicios que lhe são proprios. Por exemplo, o homem cortez, generoso, e affectivo dos outros, revela com seu proceder que se julga cidadão de todo mundo. Se o commove a commiseração de alheias dôres, argue coração semelhante á arvore preciosa que dá balsamos aos que a ferem; se facilmente perdôa offensas, demonstra alma tão egregia e sobreposta a injurias que os dardos da malignidade não a alcançam. Se é

grato aos minimos serviços, com tal delicadeza prova que olha mais ás intenções do que ás algibeiras dos homens. Se, finalmente, se alça ao sublime grau da caridade de S. Paulo, este desejo heroico de devotar-se á salvação de seus irmãos inculca natureza divina e tal qual conformidade com Jesus Christo.» (Bacon). «Não é possivel beneficiar toda a gente; mas podemos mostrar bondade para todos.» (Rollin). «Somos bons; e, bem que nos abusem da bondade, não nos emendemos.» (Voltaire). «Toda a sciencia é damninha a quem não possuir a sciencia da bondade.» (Montaigne).

2. Luiz XII, subindo ao throno, disse estas memoraveis palavras, a respeito de um homem que o havia esbofeteado: «Não compete ao rei de França vingar as injurias feitas ao duque de Orléans.» Instavam-no a punir Trémouille; e elle respondeu: «Se Trémouille serviu lealmente seu amo contra mim, ha de a mim servir-me lealmente contra os que tentarem perturbar o estado.» — Henrique IV, dizia: «Se eu viver, não ha de haver camponio que, ao domingo, não coma a sua gallinha.» Vencedor em Ivry, exclamou: *Poupai o sangue francez.* Quando assediava Paris, consentiu que entrassem viveres. Brincava puerilmente com os filhos. Deleitava-se travêssamente em cançar o duque de Mayenne dando grandes passeios. — Estando Turenne, singelo de aspecto e de parecer vulgar, no theatro á frente de um camarote, entraram dous estroinas, e acaso baldearam á plateia as luvas e chapéo do general; e para logo lh'as levantaram com respeito e receio, procurando escapar-se de corridos que estavam. Turenne reteve-os docemente, dizendo: «Deixem-se estar, que talvez arranjemos lugar para todos, se nos ageitarmos.» — Os athenienses davam alforria ás bestas de carga que haviam carreado materias para a edificação dos seus templos.—Cimão, alimentava até morrerem e dava pomposa sepultura aos cavallos com que vencera nos jogos olympicos tres vezes. — Xantippo, pai de Pericles, fez enterrar solemnemente o cão que o seguira nadando até Salamina. — Alexandre vivia mano a mano com os seus amigos e com os doutos, visitando-os e soccorrendo-os nas enfermidades e privações. «Porque me não pedis alguma cousa? — dizia elle — antes quereis deplorar-vos secretamente que dever-me algum favor?»

3. «Não sou de parecer que se excite e apresse a sensibilidade das crianças; mas preservemol-as da dureza da ignorancia. Sei quanto nos cabe adquirir para sermos bons; sei quanto a verdadeira bondade impende da rectidão de juizo, da inteireza da alma, e do imperio da razão sobre as paixões. Póde ser que nas crianças não haja germen que tanto importe vigiar com solicita constancia. Fraco e dependente, o menino tem naturalmente poucos ensejos de servir os interesses e sentimentos de outrem; nem os entende, nem os medita, e de seu natural tende mais a cuidar de si, porque n'elle é tudo desejos inquietos e multiplicados. Faz-se mister espertar-lhe a sympathia, dizer-lhe que ha interesses mais preciosos que os seus proprios, e encarecer-lh'os, e lembrar-lh'os a miudo. D'este trabalho difficil e melindroso deve banir-se tudo que pareça lição; porque se prescreveis a bondade, antes de lhe ter incutido o sentimento d'ella, o menino a receberá como norma de vida; e, como elle estuda as lições a horas fixas, sem deleitar-se no estudo, cumpridos certos actos de bondade, cuidar-se-ha em saldo com esses deveres, e ignorará os outros.» (M.me Guizot, Cart. 23). — Predispõe-se o menino para ser bom, dando-lhe aia e professor que só lhe permittam trato com pessoas honestas, que entre si se prezem, e se hajam cortezmente por bem pagas de mutuos obsequios. Habitual-o-hão a pouco e pouco a prescindir do superfluo a favor dos necessitados, a defender os ausentes e fracos, a supportar os genios asperos, a beneficiar e não maltratar os animaes. Sobre tudo dê-se-lhe o exemplo, e não se castiguem

nem severa nem arbitrariamente.

Exercicios. Dictar e fazer aprender de cór a primeira lição. — Referir trechos da segunda com alguns desenvolvimentos historicos ácerca dos reis nomeados, e mande-se redigir, facultando aos alumnos augmental-a com alguns casos de bondade, que elles hajam presenciado.— Seguir a doutrina da terceira lição para dirigir as indoles.

BORDEAUX. (Veja GUIENNA).

BORGONHA. 1. A Borgonha deve seu nome aos burgundes ou burguignons, povo teutonico que invadiu a Gaula em 406, e ahi fundou, debaixo da direcção do Gondicario, um estado conhecido pelo nome de *Primeiro reino de Borgonha.* Os filhos de Clovis reuniram a Borgonha ao imperio dos francos, e Carlos Magno a erigiu em ducado. Philippe, o Ousado, quarto filho do rei João, começou a terceira casa dos duques de Borgonha, que foi de todas a mais brilhante; reunindo grande numero de privilegios, e tendo por muito tempo contrabalançado o poder dos reis de França. Carlos, o Temerario, deixou uma unica filha, Margarida, e esta, esposando Maximiliano d'Austria, levou-lhe em dote a Borgonha e todos os outros estados do seu paiz. Todas essas provincias formavam no tempo de Carlos V o circulo de Borgonha, que não foi reunida á corôa de França, senão pelos tratados de Campo-Formio e de Luneville (1801). A Borgonha, tão celebrada por seus vinhos, que é a principal riqueza do paiz, compõe-se de quatro departamentos.

2. CÔTE-D'OR, capital Dijon. N'esta cidade é tudo agradabilissimo á vista; construcções elegantes, zimborios dos edificios, as torres dos velhos palacios, situadas garridamente ao pé das montanhas da Borgonha, azuladas do seu azul (mineral) e verdejantes de vinhedos, ás margens de duas ribeiras penhascosas. Contemplai a *Côte-d'Or*, admiravelmente digna d'este nome. A *Côte-d'Or*, verdadeira mina do Perú sem que haja necessidade de se lhe revolver as entranhas, produz abundantemente os melhores vinhos de Borgonha; é uma cadeia de collinas voltando as costas á cidade de Dijon, correndo de norte a sul, e apresentando ao sol seus declives para sempre abençoados de Deus, e conhecidos dos homens. As construcções da cidade são d'uma belleza excepcional, e poucas cidades de França são mais felizmente adornadas de lindas habitações e soberbos monumentos religiosos. A cathedral, cuja torre campeia cem metros acima do pavimento, a igreja de Nossa Senhora com o seu antigo e magnifico relogio da idade media; a igreja de S. Miguel que ostenta a sua fachada de estylo «renascença» tão grandioso quanto singular; a torre do terraço que sobranceia a cidade toda; o senado, cuja sala principal tem 92 metros de comprimento; a cisterna de Moysés, que aformoseia uma das praças do antigo Dijon: as alamedas sombrias de castanheiros, e os caminhos abobadados de ramagens de tilias; finalmente, a *Côte d'Or*, que já mencionamos: taes são as curiosidades de Dijon. YONNE, capital *Auxerre*. SAÔNE-ET-LOIRE, capital *Mâcon*. AIN, capital *Bourg*.

BORIO. (Veja METALLOIDES).

BORNÉO. (Veja CÉLÈBES).

BORRAGINEAS. Esta familia de plantas abraça grande numero de generos (*borragem*, *heliotropio*, etc.), muitos dos quaes são emollientes, diureticos, e empregados na tinturaria.

A *borragem* é annual. Caule coberto de pellos, folhas grandes, ovaes e hirsutas; flôres azues, e algumas vezes vermelhas ou brancas. O chá de flôres ou folha de borragem é uma bebida agradavel. Medicamente são empregadas todas as partes da planta como refrigerantes, diureticas ou expectorantes. Semeia-se na primavera e no outono. Dá-se em toda a terra, mas prefere a humida e crassa, e lugares sombrios. Poderia aproveitar-se semeando-a em terras destinadas

a trigo, para depois quando estivesse em flôr ser enterrada como adubo.

O *heliotropio*, de florinhas esbranquiçadas, dispersas por sobre espigas, cresce naturalmente nos campos, e em tanta abundancia, que com ella se poderia engrossar as estrumeiras. O heliotropio do Perú, de florinhas côr de violeta, cultiva-se nos jardins em virtude da fragrancia que exhala, e abriga-se em estufas durante o frio invernal. Multiplicam-se as plantas semeando-o em terreno acamado; mas d'esta arte só florece ao terceiro ou quarto anno, e então é preferivel fazer enxertos na primavera que florecem logo no anno seguinte.

A *buglossa officinal* cresce em lugares aridos e pedragosos; dá flôres azues em fórma de espiga, são comestiveis as suas folhas, ou cosidas ou em salada como alface. Requer pouco cuidado o seu cultivo. A buglossa mais conhecida pelo nome de *arrebiques* é notavel pela sua raiz escarlate de que se extrahe o vermelhão com que se coloram os confeitos e licôres.

A *grande consolda* ou *consolda officinal* cresce nos bosques e prados humidos. É empregada a raiz contra as inflammações do peito, e expectorações sanguineas. Flagella os prados pela sua grande multiplicação. O bom agricultor deve desarraigal-a. Recentemente, tem-se tentado em grande a cultura da consolda de folha rude. Esta planta, crescendo muito nos mais ingratos terrenos, á beira dos fossos e entre ruinas, quando chega o abril tem cinco ou seis pés de altura. N'esta época dá grande colheita de folhas, que se renovam quatro ou cinco vezes cada anno, com as quaes se sustenta o gado, que muito gosta d'ellas. Durante vinte annos a planta produz incançavelmente, sem exigir outra cultura que não seja sulcar alguns regos entre as hastes.

A consolda officinal ou *maior* é frequente em Portugal nos sitios humidos d'entre Douro e Minho.

BOSSUET. (1627-1704). Estudou mui distinctamente humanidades no collegio jesuitico de Dijon, sua terra natal, e concluiu os estudos no collegio de Navarra, em Paris, onde o professor Cornet lhe presagiou o talento. Tomou ordens em 1652, depois de exames publicos, que lhe grangearam geral estima, e a consideração do grande Condé. Despachado conego para Metz, onde seu pai era conselheiro do parlamento, ahi se retirava em viver obscuro a fim de sobrepôr nova sciencia á muita que já havia adquirido. Todo o estudo lhe era grandemente agradavel; mas o mais predilecto foi as Escripturas sagradas. Quando era chamado a Paris para negocios da diocese, realçava a reputação com sermões improvisados e panegyricos. Prégou em presença da côrte um advento e uma quaresma, operando conversões de muitos protestantes (Turenne, Dangeau, etc.), para os quaes compôz o livro intitulado: *Exposição da doutrina christã.* Derramou-se progressivamente a illustre fama do sabio a quem já submettiam suas obras escriptores de grande tomo, taes como Port-Royal, Arnault e Nicole. No lapso de dez annos, a sua voz poderosa resoou em todos os templos da capital, attrahindo todos os espiritos imminentes de todas as classes. Eleito bispo de Condom (Gers) em 1659, descia do pulpito, deixando a Bourdaloue a perigosa honra de o substituir, quando a morte de Henriqueta de França, rainha de Inglaterra, reabriu á sua eloquencia carreira nova por onde tamanhos triumphos lhe advieram. Memoranda época foi essa, em que nação nenhuma viu, a um tempo, tantos varões illustres e tantas obras primorosas. Lafontaine publicou o primeiro livro das suas *Fabulas;* Boileau compunha a *Arte poetica* e a *Estante do côro;* Molière dava o *Misanthropo* e o *Avarento*, e Racine hombreava com Corneille. Em meio d'estas festas da intelligencia, e em presença dos esplendores da monarchia absoluta, a voz poderosa de Bossuet pregoava aos homens o nada das humanas grandezas, e sopesava de assombro o mais illustrado auditorio do universo. Remet-

tia com impetuoso arrojo, como elle disse de Condé; arcava rijamente com o auditorio, e cada sermão seu era um duello de morte esgrimido com os ouvintes, segundo o energico dizer de M.me de Sévigné. Algures, fallando da falsa honra que não é virtude, exclamava: «Não me contento com recusar-lhe incensos, quero dardejar contra tal idolo o raio da verdade evangelica; quero prostral-a inteiramente aos pés da verdade do meu salvador; quero esmagal-a e pulverisal-a. Vem cá, honra mundanal! vão phantasma de ambiciosos e chimera dos espiritos arrogantes; eu te cito, a este tribunal onde serás condemnada inevitavelmente.» — Em 1570 foi nomeado preceptor do delphim para quem, entre outras obras, compoz o *Discurso ácerca da historia universal*, que não teve modêlo antes, nem imitadores depois. «Este discurso está dividido em tres partes. Historiador rapido e lucido na primeira; theologo sublime na segunda; estremado politico na terceira, Bossuet desfia a immensa concatenação dos successos primordiaes do mundo até Carlos Magno, e os designios da Providencia no tocante á igreja, delineada em tempo dos judeus, aperfeiçoada pela lei nova a fim de se consummar plenamente na eternidade, e por ultimo a successão dos imperios que crescem, prosperam, e cahem tocados pela mão possante do Senhor do universo. Tudo isto é tratado com sciencia universal, com eloquencia arrebatadora, e lance de vista de soberano espirito que do alto céo contempla as agitações da terra.» (Frayssinous). — Volvidos dez annos, e concluida a educação do delphim, foi o illustre professor eleito bispo de Meaux. Dedicou-se Bossuet com extremoso zelo aos novos deveres. As *Meditações ácerca do Evangelho*, e *Elevações sobre os mysterios*, duas obras que sobrelevam ás outras, foram redigidas para as freiras de certo mosteiro; conjunctamente escreveu um cathecismo que elle, per si mesmo, ensinava ás crianças. Na assembléa clerical, feita em 1682, por occasião de desavenças entre o rei e o pontifice, revelou-se Bossuet estrenuo defensor das liberdades gallicanas, e redigiu este celebre artigo: «Que a igreja deve ser regida pelos canones; que S. Pedro e seus successores só receberam poder em cousas espirituaes; que as regras e constituições recebidas no reino devem ser mantidas, e os limites abalisados por nossos paes não devem ser transpostos; que os decretos e opiniões dos papas não são irreformaveis, etc.» Ficou-se chamando este articulado as *Quatro proposições*, que subsistiram como leis do estado, e constituem as liberdades gallicanas, propugnadas anteriormente por Hincmar, Gerson, e abbade Fleury; e posteriormente pelo cardeal La Luzerne, Frayssinous e M. Guillon. — Bossuet empregava igual ardor na conversão dos heterodoxos, e compunha a *Historia das variações das Igrejas protestantes*, no proposito de os illustrar. Annos depois, trabalhou na reunião das Igrejas catholica e lutherana, de harmonia com Leibnitz, um dos principaes philosophos allemães, e o maior sabio dos tempos modernos; mas não logrou o intento. Sobrevivem d'essa tentativa algumas cartas eloquentes dos dous polemistas. Nos derradeiros annos de vida, Bossuet impugnou o mysticismo de M.me Guyon, e n'esta controversia, onde se discutia o melhor modo de amar Deus, contendeu rijamente contra o insigne Fénelon, fazendo condemnar-lhe as *Maximas dos santos*, cujas doutrinas, alcunhadas de *quietismo*, eram expendidas em estylo sublime. Arguido Bossuet de se haver demasiado n'esta disputa, é memoravel a resposta que deu a Luiz XIV. Disse-lhe o rei: «Se eu tambem o contrariasse, que faria o bispo?» — Bradaria vinte vezes mais rijo — respondeu Bossuet. D'onde se colhe que é sempre o mesmo, o lutador intrepido, o gigante formidavel, que faz cahir o raio da verdade evangelica sobre todos os idolos. Bossuet, á conta de eminentissimo talento, obteve de La Bruyère e Voltaire dous cognomes esplendidos: um denominou-o *Padre da Igreja*, e outro *Aguia de Meaux*. — É incrivel

quanto Bossuet se applicava ao estudo. Dormido o primeiro somno, até de inverno se erguia, rezava, e trabalhava depois até cançar. Nunca alterou este theor de vida até idade provecta. D'est'arte vingou adquirir tamanho saber, que mal se entende como pôde lêr tudo que sabia, e redigir tudo que publicou. (Veja FÉNELON, e os outros citados no artigo).

Redacção. Mocidade de Bossuet. — *Orações funebres*, época memoravel. — *Historia universal.* — Liberdades da igreja gallicana. — Reunião das igrejas, e disputa ácerca de quietismo. — Costumes e cognomes.

BOTANICA (do grego *botané*, planta). O objecto d'esta sciencia é conhecimento, descripção e classificação dos vegetaes. O primeiro orgão que apparece nos vegetaes, e produz a germinação das sementes, é a raiz, parte inferior que se alonga descendo para mergulhar na terra, prendendo o vegetal, e extrahindo do solo parte do seu sustento. O caule é o segundo orgão que se desenvolve na planta; cresce em sentido inverso da raiz, procurando ar e luz; é o eixo da planta, e amparo de folhas, flôres e fructos. É linhosa ou herbacea. — O caule tem folhas que são laminas verdes destinadas a exercer na atmosphera funcções analogas ás que as raizes exercitam na terra. São, por algum modo, orgãos respiratorios do vegetal, que ellas por isso alimentam tambem. Chamam-se *folhas seminaes*, ou cotyledones as primeiras folhas da planta que já estavam formadas e visiveis na semente. Raiz, tronco e folhas, completamente consideradas, constituem os orgãos da vegetação ou nutrição. (Veja RAIZ, CAULE, FOLHAS, SEIVA, NUTRIÇÃO, FLÔRES, FRUCTOS, GERMINAÇÃO, etc.)

Afóra esta classe de orgãos ha outra composta de orgãos reproductores, comprehendendo tudo que diz respeito a flôres, fructos, e sementes. Flôres que passageiramente existem e só se mostram, as mais das vezes, depois do desenvolvimento das folhas, são partes complexas que contém os rendimentos das sementes em estado de embryões inertes, e os orgãos necessarios a fecundal-os. Depois da fecundação, murcham todas as partes da flôr, á excepção d'aquella que encerra as sementes, a qual, continuando a crescer, se denomina *fructo.* A semente é a parte do fructo que encerra debaixo de tegumentos o embryão ou rudimento da planta. Desenvolve-se o embryão d'uma radicula que dá origem á raiz, d'uma plumula que fórma a caule, e de cotyledones que abrem as primeiras folhas. (Veja ACOTYLEDONIAS, DICOTYLEDONIAS, MONOCOTYLEDONIAS). — O elemento primitivo, ponto de partida da organisação vegetal, é o orgãosinho simples, chamado ovario ou cellula. (Veja LENHO). Algumas vezes as cellulas são estreitissimas, mas moldurам-se em polyedros como se mutuamente se comprimissem; outras vezes distendem-se grupando-se em feixes, formando verdadeiras fibras que apparecem á feição de filetes opacos; outras vezes, finalmente, prolongam-se em extensos tubos ou prismas, os quaes se denominam vasos. As fibras, reunindo-se, formam o tecido fibroso que acompanha ordinariamente os vasos, e parece destinado a dar mais robustez aos orgãos da planta, que a necessitam, e contribue a dirigir a passagem da seiva de uma a outra extremidade da planta. (Veja CLASSIFICAÇÃO, SEIVA, e VEGETAES).

2. *Botanicos.* A botanica, á semelhança de todas as sciencias, foi primordialmente uma confusa mescla de imperfeitos conhecimentos. Theophrasto, discipulo e amigo de Aristoteles, deixou a *Historia das plantas* e o *Tratado das causas da vegetação.* Dioscorides, medico grego, coevo de Nero, compoz seis livros de *Materia medica*, os quaes são copioso manancial da sciencia botanica da antiguidade. Plinio, o Naturalista, que morreu, imperando Tito, quando examinava muito de perto a erupção do Vesuvio, escreveu uma *Historia natural* em 37 livros, compilação feita á pressa, em que as repetições são frequentes, mas

todavia contém preciosos factos, exclusivos de Plinio. — No fim do seculo XV, Bock ou Jeronymo Tragus, medico e ministro protestante, tentou uma classificação natural dos vegetaes, e investigou a nomenclatura moderna transferida da que os antigos deram ás plantas. No seculo XVI, Lecluse, doutor de Montpellier, percorreu a Europa toda á procura de plantas raras, e descreveu rigorosamente as que observou. No seculo seguinte, Malpighi, medico do papa Innocencio XII e Grew, douto medico inglez, tocaram quasi todas as questões da estructura dos vegetaes mediante o microscopio, que então se descobrira e aplanára campo a novas observações.—Tournefort, nascido na Provença em 1656, inventou o genero e creou um systema regular de classificação, tirado principalmente da flôr e do fructo. Divagou nas serranias do Dauphiné, de Savoie, do Roussillon, da Catalunha, herborisando sempre, enriqueceu o jardim do rei com as colheitas de Portugal, Andaluzia, Inglaterra, Candia, Constantinopla, Armenia, e de todo o oriente onde o mandou Luiz XIV. — Linneo, celebre botanico sueco, refundiu os generos e especies segundo os orgãos reproductores, creou nomenclatura simples, engenhosa, e admiravelmente rigorosa. Era elle aprendiz de sapateiro, quando um medico, reconhecendo-lhe as disposições, lhe deu recursos para estudar. Viajou por Laponia, e Hollanda; estudou medicina em Leyde, visitou Inglaterra e França, conheceu em Paris Bernard de Jussieu, do qual foi amigo intimo; foi nomeado medico do rei da Suecia, e depois professor de botanica em Upsal, onde trabalhou por espaço de 37 annos na sua classificação methodica. — Faltava ainda o derradeiro progresso. O methodo de Tournefort, e o systema de Linneo, bem que muito apreciaveis, eram methodos puro artificiaes. Á illustre familia dos Jussieu cabe a gloria de haver achado uma nova classificação em que os vegetaes são ordenados em familias naturaes, conforme as suas mais intimas relações. Antoine de Jussieu (1686-1758), impulsado desde a infancia por invencivel vocação a estudos botanicos, discorreu pela França meridional, Hespanha e Portugal, d'onde levou grandes riquezas vegetaes. Publicou o resultado de seus lavores nas *Memorias da Academia das Sciencias*, cujo membro era, e no seu *Discurso do progresso da botanica*. Bernard, irmão d'aquelle, publicou a edição augmentada da *Historia das plantas* de Tournefort, o mais douto e profundo naturalista do seu tempo. Este homem, que apenas publicára algumas memorias notaveis na *Collecção da Academia das Sciencias*, onde fôra recebido aos vinte e seis annos, meditava incessantemente nas leis que regem os seres organisados, e nas relações que entre si os ligam. Em 1758, como Luiz XV o encarregasse de planear a plantação do jardim botanico de Trianon, houve ensejo de publicar o resultado da sua vasta sciencia, distribuindo as plantas methodicamente, fundamentando o seu methodo natural no todo das relações. Joseph de Jussieu foi encarregado de acompanhar, como botanico, os astronomos da Academia das Sciencias que em 1735 foram medir no Perú um arco do Meridiano, e só trinta e seis annos depois voltou a França. Deve-se-lhe o descobrimento do heliotropio do Perú, que tanto abunda hoje nos nossos jardins. Laurent de Jussieu, o mais novo dos quatro irmãos, estampou em 1789 uma obra preparada com longo trabalho, o *Genera plantarum*, livro admiravel que, a juizo de Cuvier, abriu nas sciencias de observação uma época talvez tão importante como a chimica de Lavoisier nas sciencias experimentaes. N'esta obra applica a todo o reino vegetal aquelle methodo de classificação natural que tanto ha feito progredir a botanica.

Redacção. Orgãos da nutrição, orgãos de reproducção, organisação vegetal, botanicos celebres da antiguidade, da idade media, e tempos modernos. — Peçam-se oralmente e façam-se escrever todas as palavras te-

chimicas explicadas na primeira lição.

BOURBONNES. Esta provincia do centro da França, notavel sobre tudo por suas aguas mineraes, formava antigamente o dominio dos senhores de Bourbon, e fez parte do governo de Lyonnais, o que corresponde hoje ao departamento de l'Allier, cujo lugar principal é Moulins. — A cidade de Moulins annuncia-se primeiro por uma ponte magnifica sobre o torrencial Allier. Uma espessa e solida esquadria, deitada sobre as areias movediças sustenta essa ponte, que ostenta com orgulho seus treze arcos ovaes, de vinte metros de largura cada um. A torre do castello, antigo palacio dos Bourbons, domina esta cidade de tijolos cercada de collinas de aspecto risonho e pittoresco. D'esse castello gothico cercado por tres lados de fossos, flanqueado por vinte e quatro torres, nada mais resta que um acervo de ruinas. Mas as aguas mineraes que dão até 2700 metros cubicos d'agua em vinte e quatro horas, são bastante frequentadas. Perto de oitenta enfermos podem todos os dias tomar as aguas no hospital, e outros tantos no estabelecimento publico. Bourbon-l'Archambault offerece aos banhistas moradas espaçosas e bem collocadas, assim como clima temperado, depois de 15 de maio, até ao mez de outubro. Não muito longe d'alli, Vichy tambem offerece seus banhos e aguas salutares.

Dictar esta lição fazendo-a decorar, depois de ter feito enumerar l'Allier e as cidades que esta ribeira atravessa, desde seu curso até á embocadura.

BOURG. (Veja Borgonha).

BOURGES. (Veja Berry).

BRAGA. Capital da provincia do Minho, séde do arcebispo primaz das Hespanhas, côrte dos reis suevos, florescente municipio dos romanos, a cidade de Braga é uma das mais antigas e mais illustres povoações de Portugal, e de toda a peninsula hispanica.

Attribue-se a sua fundação aos gallo-celtas, duzentos e noventa e seis annos antes do nascimento de Christo. Estes primeiros povoadores vieram ao diante a denominarem-se *bracaros*, dizem que por causa d'uma especie de calças curtas de que usavam, chamadas *bracas*, e parece que d'aqui se derivou o nome de *Bracara* para a sua cidade, depois corrupto em Braga.

Não se passou muito tempo, que as legiões romanas avassallassem a peninsula, e por conseguinte a nascente povoação dos bracaros. Em breve medrou e cresceu a cidade pelo poderoso influxo d'essa civilisação, que partindo de Roma, estendeu os raios da sua brilhante luz até ás mais longinquas regiões do mundo conhecido. Em honra do imperador Augusto se lhe deu o nome de *Bracara Augusta*.

Varios restos de edificios, de que ao presente custa a descobrir os vestigios, cippos, e outros padrões, ainda hoje attestam a grandeza a que chegou durante os quinhentos annos, que durou esta dominação civilisadora.

Quando os povos do norte destruiram o imperio romano, e se apossaram das suas conquistas, vieram os suevos estabelecer-se n'esta parte da Lusitania, fazendo de Braga a sua capital. Passados mais de cento e setenta annos, foram os suevos vencidos e expulsos pelos godos, e estes o foram a seu turno pelos arabes no fim de um dominio de cento e vinte e sete annos.

Em todo este longo periodo couberam á cidade de Braga a honra e gloria de lhe ser prégada e ensinada a lei evangelica pelo apostolo Santiago, que lhe deixou por arcebispo a S. Pedro de Rates; de ser a primeira séde archiepiscopal das Hespanhas; de ter por prelados a muitos santos, e de se celebrarem no seu recinto varios concilios importantes.

Entrada definitivamente no dominio dos reis de Leão e Castella, foi cedida em dote por D. Affonso VI com

as mais terras que constituiam o condado de Portugal a sua filha D. Tareja, por occasião do seu casamento com o conde D. Henrique, filho do duque de Borgonha, e sobrinho de Henrique I, rei de França. Desde então tem pertencido a cidade de Braga á monarchia portugueza, fundada nos campos de Ourique por D. Affonso Henriques, o illustre filho do conde D. Henrique.

A situação de Braga é das mais aprazíveis e formosas, que se podem desejar para assento de uma povoação do interior. Edificada no coração da provincia do Minho, delicioso jardim de Portugal, em terreno um pouco elevado mas perfeitamente plano, cercada de fertilissimos campos, que o rio Deste banha e corta, e de frondosos arvoredos, que ao perto dividem e guarnecem prados sempre verdes, e ao longe vestem e assombreiam montes, que em amphitheatro se vão elevando, e fazendo graciosa molduragem aos prados, campos, e cidade; Braga desassombradamente goza para qualquer lado que olhe, lindas perspectivas; ao mesmo tempo que offerece, a quem a contempla das alturas visinhas, um quadro summamente encantador.

Não ha cidade alguma em Portugal, incluindo até Lisboa, que, na proporção de sua grandeza, tenha tantas e tão vastas praças como Braga. O campo de Sant'Anna, que é a maior, tem quasi o dobro do comprimento da praça de D. Pedro (em Lisboa). Apesar d'esta immensa extensão, é todo guarnecido de edificios, salvos os sitios onde se abrem as diversas ruas, que n'elle vem desembocar. Este campo foi, ha oito annos, ajardinado. Em uma das extremidades tem um bello chafariz, e na outra uma elegante columna corinthia com um globo, sustentando a cruz arcebispal.

O campo da Vinha; a praça Nova; a do paço do arcebispo; o campo das Hortas; o campo dos Touros; o campo dos Remedios; são boas praças orladas de grandes edificios, principalmente religiosos. Na primeira avulta o sumptuoso convento do Populo, que foi dos eremitas de Santo Agostinho, e hoje é quartel do regimento n.º 8. Fundou-o no anno de 1595 o arcebispo D. fr. Agostinho de Castro. Na capella-mór de sua vasta igreja estão em dous ricos tumulos o fundador, e D. fr. Aleixo de Menezes, arcebispo de Góa, e depois de Braga.

Afóra as praças, tem Braga alguns estabelecimentos e edificios dignos de notar-se. Os arrabaldes de Braga são celebres pela sua amenidade, cultura, e belleza. São povoados de mui bonitas quintas, e de campos sempre viçosos. As aguas de muitas fontes espalhadas por toda a parte, alguns ribeiros que correm junto á cidade, e o rio Cavado, que passa a pouca distancia, entreteem em todos aquelles arredores uma vegetação pomposissima, quer nos bosques, quer nos prados.

O *Bom Jesus do Monte*, a menos de meia legua da cidade, é um dos santuarios mais notaveis, mais ricos e populares de todo o reino, e um dos pontos mais formosos e aprazíveis dos suburbios de Braga.

BRAGAL. (Veja Roupa).

BRAGANÇA. Está assentada a cidade de Bragança em campo plano, quasi no extremo da provincia de Traz-os-Montes, de que é capital.

A sua origem é tão antiga, que alguns antiquarios a envolvem em fabulas, attribuindo-a a um supposto rei Brigo IV, que dizem a fundára em mil novecentos e seis annos antes do nascimento de Christo, e que do seu nome se chamára Brigantia, e depois Bragança.

O que parece mais averiguado é que já existia no tempo do dominio romano, e que o imperador Augusto Cesar lhe pôz o nome de *Juliobriga*, cidade de Julio, em memoria de Julio Cesar; pois é quasi fóra de duvida, que, na linguagem dos antigos lusitanos, *briga* significava cidade ou povoação.

Nas diversas invasões que soffreu o nosso paiz, correu Bragança a sorte das mais terras da Lusitania; ora des-

truida, ora reedificada, hoje senhoreada por uns, logo por outros.

Levantada das suas ruinas no reinado de D. Affonso Henriques, foi novamente povoada em 1187 por ordem de D. Sancho I, que lhe deu grandes fóros e privilegios.

O senhorio de Bragança, depois de ter pertencido a diversas pessoas, foi dado a titulo de ducado pelo infante D. Pedro, sendo regente, em nome de seu sobrinho, el-rei D. Affonso V, a D. Affonso, seu irmão natural, filho reconhecido de el-rei D. João I, que foi o primeiro duque de Bragança.

Esta cidade é séde de um bispo, e de um governador civil. Divide-se em duas partes, uma chamada a *villa*, e outra que se nomeia a *cidade*. A primeira é mais antiga e n'ella se acha o castello, monumento de muita antiguidade, bem conservado, e digno de vêr-se.

Os habitantes que andam por quatro mil, repartem-se por duas parochias, uma das quaes é cathedral. Ha na cidade tres praças e um grande terreiro. Uma das praças está dentro dos muros do castello, e n'ella se erguem a casa da camara e o pelourinho.

O pequeno rio Fervença banha os muros da cidade. Bragança foi celebrada outr'ora pelos magnificos velludos, damascos e outras fazendas de sêda que ahi se fabricavam. Esta industria, porém, decahiu. O termo produz muito milho e legumes, vinho verde, e cria-se n'elle algum gado.

BRANDÃO (Fr. Antonio). Nasceu em Alcobaça a 25 de abril de 1583, e morreu no mosteiro da mesma villa a 27 de novembro de 1637. Escreveu a terceira e quarta parte da *Monarchia lusitana*. É considerado como historiador de grande conta, bem que as suas opiniões em grande parte não resistam á critica severa; todavia é indisputavel o merecimento d'este notavel escriptor quanto a pureza e formosura de lingua, em que muito excedeu o seu antecessor fr. Bernardo de Brito. Foi chronista-mór do reino, e Geral da ordem Cisterciense.

BRANDÃO (Fr. Caetano). Nasceu na Terra da Feira a 11 de setembro de 1740, e morreu arcebispo de Braga, aos 15 de dezembro de 1805, tendo já sido bispo do Grão-Pará. Escreveu algumas pastoraes que foram publicadas em 1824. A fama das suas virtudes sobreleva muitissimo aos merecimentos dos seus escriptos. Devem lêr-se as *Memorias para a historia da vida do veneravel arcebispo D. fr. Caetano Brandão* para bem se aquilatarem os relevantes dotes d'este prelado insigne que tanto faz lembrar os bispos dos primitivos seculos christãos, e tanto se aproxima do seu antecessor D. fr. Bartholomeu dos Matyres.

No *Jornal de Coimbra* encontram os curiosos *algumas cartas*, e bem assim os *Diarios* das visitas que D. fr. Caetano fez á sua diocese do Pará.

BRAZIL. 1. Acham-se no exterior do Brazil muitas cordilheiras de montanhas que são ramificações dos Andes. Esta vasta região é regada por infinito numero de rios de variadas dimensões: o Amazonas e quasi todos os seus affluentes, os Tocantins, S. Francisco, o Paraná etc.

Varía o clima conforme as latitudes, alturas e visinhanças do oceano; nos descampados, calores ardentes e abundantes chuvas; no topo das serras, frio glacial e neves quasi continuas. É eminentemente fertil, e são immensas as riquezas mineraes do solo brazileiro, em diamantes, ouro e prata. É magnifica e original a vegetação; grande parte do paiz está ainda coberta de mattas virgens. — O rio Amazonas, que os brazileiros chamam *Maranhão*, é o maior rio do mundo; tem para mais de mil leguas de corrente, e mede cincoenta de largo na sua foz. A sua profundeza média é de 325 metros, e n'alguns pontos é insondavel. A maré sobe até 650 kilometros terra dentro. Ao desembocar no oceano, rompe as ondas levando a agua dôce a 135 kilometros mar dentro. — Se as margens do Ganges são cobertas d'areia dourada, as do Amazonas abundam em pó de ouro puro. Vão-se descobrindo minas de

ouro e prata, ao passo que as aguas do Amazonas, escavando as margens, descobrem os veios. Finalmente as regiões que este rio atravessa são um paraiso terreal; e, se os seus habitantes auxiliassem a natureza, a ourela d'aquelle grande rio seria jardim immenso cheio de flôres e fructos. O desbordamento do Amazonas fertilisa por mais d'um anno as terras que inunda a ponto de se dispensarem de outro adubo. Além d'isso, nas regiões visinhas abundam todas as riquezas da natureza: prodigiosa abundancia de peixe nos rios, milhares de animaes differentes nos montes, infinito numero de toda a especie de aves, arvores sempre carregadas de fructos, campos cobertos de searas, e as entranhas da terra a regorgitarem metaes preciosos.

2. A entrada da enseada do Rio de Janeiro, capital do Brazil, causa espanto uma immensa bacia coberta de navios de todas as nações, e sulcada por milhares de barcos. A' orla da enseada, ergue-se a formosa cidade do Rio serpeando ás abas de alterosas collinas, coroadas por grande numero de conventos e igrejas. — São geralmente estreitas as ruas do Rio, mas são bem ladrilhadas, orladas de passeios e muito aceiadas. O que ahi ha mais de notar é não se encontrarem mendigos, nem tabernas, nem bordeis, nem outras officinas de libertinagem. É gracioso o aspecto das casas, que todas rescendem agradavel limpeza.

3. Os brazileiros das classes elevadas são de agradavel trato, lhanos, joviaes, affectuosos, e muito dados; mas os merceeiros de baixa esphera são pouco affaveis, e faz-se mister grande cabedal de paciencia para mercadejar com elles. Todavia são muito honrados, e, pelo commum, muito caritativos. Os brazileiros em geral são pouco expansivos, e nada mexedicos. A' semelhança de todos os povos dos paizes calidos, são indolentes de mais para que o prazer os seduza; mas logo que se resolvem a sahir da sua indole e aproveitam os raros instantes destinados ao prazer, então é vêl-os atirar-se em corpo e alma á folia. Durante o carnaval é que se despertam os mais somnolentos; reina então tumultuoso prazer em todas as casas e ruas; as proprias moças brazileiras, de seu natural taciturnas e melancolicas, esquecem o retiro e a timidez ordinaria, e lá vão na torrente de alegria. Nas immensas florestas virgens que cobrem o interior do Brazil, vivem independentes muitas tribus selvagens. Os tupiniquins são corpulentos, infatigaveis no trabalho, e de agilidade maravilhosa. Vivem vagamundeando, e levam a destruição onde quer que chegam. Alimentam-se de raizes, fructos crús, ou carne humana que podem haver ás mãos. Usam arcos de força e grandeza extraordinarias, e clavas cravejadas de pedras com que esmagam as cabeças dos inimigos.

Todos os habitantes do Brazil, sem excepção dos portuguezes, lhes temem a crueldade. — Os taperivas, ao norte, são muito menos barbaros que os outros selvagens d'aquellas provincias: recebem cortezmente os estrangeiros, e são valentes na guerra. Quando meninos perfuram-lhes os beiços com uma ponta de veado; e logo que chegam a adultos, enfeitam os orificios dos beiços com pedrinhas verdes de que se pagam tanto, que desprezam todas as nações que não usam semelhantes adornos.

«A historia do Brazil data talvez de mais longe que o Perú e o Mexico. O descobrimento feito em 1815 no interior d'esse paiz, das ruinas d'uma grande cidade, com soberbos edificios, e inscripções de lingua desconhecida, parece confirmar esta opinião geralmente adoptada. Para os europeus a historia porém só começa no decimo sexto seculo. Foi unicamente o acaso que ahi conduziu em 1500 o navegador portuguez Pedro Alvares Cabral, mas ha todo o lugar de crêr que no anno antecedente o hespanhol Vicente Yanez Pinson tinha visitado os arredores do Amazonas ou pelo menos as costas da ilha Maranjo. Portugal limitou-se ao principio a enviar ao Brazil malfeitores, judeus,

mulheres de má reputação, e exportar de lá a madeira, tintas, e papagaios. Mais tarde para lá foram individuos deportados pela inquisição, e esses infelizes ahi cultivaram com grande aproveitamento a cana do assucar, transplantada da ilha da Madeira, tornando-se o producto d'esta cultura um objecto importante de exportação. Não foi senão em 1531 que, convencido em fim das vantagens d'esta conquista, Portugal para ahi despachou como governador Thomé de Sousa, o qual fundou, em 1549, a cidade da Bahia ou S. Salvador. Os jesuitas esforçaram-se em civilisar os naturaes, e o rei D. João III authorisou a nobreza do seu reino a fundar ahi senhorios, medida que apressou singularmente o arroteamento do paiz.

«No começo do seculo dezesete a prosperidade do paiz excita a cubiça da França, da Hespanha e da Hollanda. Esta ultima nação arrebatou uma grande parte da colonia aos portuguezes, apesar dos esforços de Albuquerque, e de outros chefes. Uma revolução tinha arrancado o throno a Philippe IV para n'elle installar a familia de Bragança: fez-se então um tratado pelo qual os hollandezes consentiram em ceder aos portuguezes as provincias do Brazil que ainda não estavam em seu poder. Entretanto o governo batavo tendo á força de oppressão levado ao extremo os colonos portuguezes, estes amotinaram-se e acabaram em 1654 de libertar a sua patria americana. A importancia do Brazil augmentava consideravelmente, quando em 1698 se descobriram as minas de ouro, e em 1730 as de diamantes, e desde esta época até 1810 a colonia não exportava para a metropole menos de 14,280 quintaes d'ouro, e cincoenta mil cruzados em diamantes.

«Até 1808 o Brazil tinha sido administrado como colonia portugueza. D. João VI, corrido pelos francezes de seus estados da Europa, tendo para alli mudado a sua residencia, por decreto de 16 de dezembro de 1815 elevou aquelle territorio á posição de reino alliado a Portugal. Mas este principe tinha praticado o erro de augmentar os impostos, de reclamar como direito natural a propriedade das minas de ouro e pedras preciosas descobertas algumas em terrenos particulares, e de se mostrar muito parcial com os portuguezes, seus compatriotas, na administração da justiça.

«As vantagens auferidas pela permanencia da côrte, taes como a reforma de numerosos abusos, o estabelecimento da liberdade do commercio, o progresso da colonisação não bastavam a contrabalançar o descontentamento que lavrava cada vez mais fundas raizes. O exemplo das colonias hespanholas não foi perdido, e as idéas de emancipação propalaram-se com a rapidez do raio. As tropas brazileiras acharam-se em contacto com os insurgentes de la Plata, quando D. João VI tomou posse de Montevideo. Um motim republicano que rebentou em Pernambuco, em abril de 1817, foi o preludio da revolução. As tropas rebelladas pediram que se applicasse ao Brazil a constituição proclamada em Lisboa, em agosto de 1820, e que o principe real D. Pedro, filho de D. João VI jurara em seu nome, e em nome de seu pai, a 26 de fevereiro de 1821.

«A penuria do thesouro forçou o rei a suspender o embarque para Lisboa que tinha ordenado. O sangue correu em muitos conflictos, e a 21 e 22 de abril D. João VI fez dispersar pelas tropas os eleitores que pediam a constituição hespanhola. Aborrecido d'um paiz de que nunca tinha gostado, o rei embarcou-se a 26 de abril para Portugal, declarando seu filho D. Pedro principe regente. Surdas a seus interesses, as côrtes portuguezas repelliram de seu seio os deputados do Brazil, e decidiram que esse paiz continuaria a ser administrado como colonia. D. Pedro que preferia o Brazil a Portugal e que tinha a firme vontade de preservar da anarchia a patria de sua escolha, recusou a 9 de janeiro de 1822 de voltar a Lisboa, forçando as tropas portuguezas a embarcar para o seu destino.

«No mez de junho convocou uma assembléa constituinte, e a 18 de de-

zembro tomou o titulo de imperador que lhe tinha sido decretado a 12 de outubro pela camara dos deputados. Desde o primeiro de agosto a independencia do Brazil fôra proclamada. Todavia as tendencias democratas propagavam-se influenciadas pelas lojas maçonicas. Os irmãos Andrade, ministros do imperador, ensaiaram firmar as bases d'um governo duravel, fundindo n'um só o partido republicano e portuguez. Mas esta tarefa era superior a suas forças, vendo-se o imperador obrigado a renunciar-lhes os serviços a 11 de julho de 1823. No entanto as tropas brazilienses occupavam Montevideo em dezembro de 1822, e a Bahia em julho de 1823. Em quanto D. Pedro trabalhava para fazer reconhecer o novo imperio pelas potencias estrangeiras, a restauração do poder absoluto em Portugal, pela revolução de maio de 1823, enchia os brazileiros de desconfiança dos portuguezes estabelecidos entre elles, e que occupavam empregos mais ou menos importantes na administração publica ou nas armas. D'aqui resultaram contendas violentas, primeiro entre os individuos, depois entre os partidos, e por ultimo disputas nos congressos.

«A 10 de novembro, graves motins rebentaram no Rio de Janeiro. Os novos ministros deram a demissão e o imperador cercou de tropas o palacio de S. Christovão, situado a pequena distancia da cidade. A 12 fez elle entrar as tropas na capital, cercou a assembléa legislativa, forçando os membros a obedecer ao decreto da dissolução que acabava de dar. No fim de quinze dias, convocou novo congresso, ao qual submetteu a 11 de dezembro um projecto de constituição muito democratica; e, sendo bem aceito, lhe prestou juramento a 9 de janeiro de 1824. Esta lei fundamental conferia um poder extraordinario aos deputados, levava ao imperador o *veto* absoluto, e abolia todos os privilegios. Apesar d'isto, o partido republicano levantou-se em Pernambuco, e não se rendeu senão depois d'um longo sitio, a 17 de dezembro de 1834, pela armada do general Lima, e a flotilha de lord Cochrane.

«Depois de longas conferencias começadas em Londres, continuadas em Lisboa, e depois no Rio de Janeiro, foi em fim concluido um tratado entre Portugal e o Brazil, no dia 15 de novembro de 1825. D. João VI reconheceu a independencia do novo imperio, e a soberania de D. Pedro.

«Uma unica questão ficára por resolver; era a da succEssão ao throno de Portugal; appareceu ella com a morte de D. João VI em 10 de março de 1826. A constituição não deixava o imperador sahir do Brazil sem a permissão do congresso. D. Pedro por acta de 2 de maio de 1826 abdicou a corôa de Portugal em favor de sua filha D. Maria da Gloria, depois de ter dado a este reino uma constituição liberal. No entanto a enthronisação da nova rainha soffria grandes obstaculos na Europa, em consequencia da usurpação de D. Miguel, e da declaração feita pelo imperador, de que, sendo necessario, sustentaria com as armas os direitos de sua filha. Descontentes os brazileiros, temendo que os recursos de seu paiz se desfalcassem n'uma questão dynastica, queixavam-se tambem do grande numero de officiaes estrangeiros. O Brazil acabava de sustentar dous annos a guerra com Buenos-Ayres; e o resultado da luta foi a independencia da Banda-Oriental. D. Pedro tinha esposado em primeiras nupcias a archiduqueza Leopoldina, cunhada de Napoleão; ficando viuvo pediu e obteve a mão da princeza Amelia de Lenchtenberg, filha do nobre principe Eugenio. A nova imperatriz desembarcou com seu irmão, no Rio de Janeiro, a 17 de outubro de 1829.

«Esta nova união parecia prometter a D. Pedro um longo e feliz reinado: não aconteceu assim.

«Já o congresso de 1829 tinha por diversas vezes manifestado tão viva opposição, que o imperador fôra forçado a dissolvel-o a 3 de setembro. No fim d'este anno fez concessões á opinião publica, compondo o ministerio quasi exclusivamente de brazi-

leiros; mas apesar d'isto não conseguiu reganhar a confiança do povo, e os ataques do jornalismo redobraram de virulencia até á abertura da sessão, no dia 3 de maio de 1830, onde elle já fatigado de tal guerra, apresentou uma lei restrictiva da liberdade da imprensa. Fez uma viagem a Minas, esperando reconquistar a opinião e affecto publico, e não o conseguindo entrou a 15 de março de 1831 no Rio de Janeiro, no meio da indifferença geral, o que profundamente lhe magoou o coração.

«A 6 de abril rebentou uma revolução, em seguida á qual este principe, tão benevolente e tão energico, abdicou a 7 em favor de seu filho; e a 13 embarcou para a Europa com a imperatriz, e o irmão d'esta princeza.» (Garay de Monglave).

«O Brazil que, durante treze annos, tivera em seu seio a côrte portugueza, entendia que já estava maduro para uma vida de independencia; e á alta intelligencia, inexcedivel dedicação e posição prestigiosa do snr. D. Pedro I, de accordo com a disposição dos animos, foi devida a obra da nossa elevação á categoria de nação independente e soberana.

«Haviam cahido em pedaços todas as possessões americanas da grande nação hespanhola; cada zona, cada palmo d'esse territorio se foi progressivamente destacando, como corpo moribundo, invadido pela gangrena, e que vai successivamente pagando o seu tributo á dissolução e á morte. Todos esses destroços da nobre Hespanha se foram attenuando e nullificando; a fórma republicana implantou n'elles o germen da anarchia, e a cau*d*ilhagem, e a desordem e o retrocesso campearam impunes nas plagas outr'ora regidas pelo leão da Iberia.

«Por um contraste esplendido, o Brazil estabelecendo um cordão sanitario, unico da America, contra as idéas e instituições demagogicas, lançou á terra, desde o dia da sua separação, a semente d'esta grandeza e prosperidade, que tornará nossos vindouros felizes e poderosos.

«Tal resultado se deveu a varias causas, entre as quaes dominavam: — a indole suave, amiga e monarchica dos nossos conterraneos — a antiga brandura de nossos habitos — o instincto civilisador do nosso povo — o termos sido capitaneados pelo snr. D. Pedro I, nos dias criticos — o ter-nos este liberalisado o pacto fundamental mais formoso, mais digno, mais sabio de quantos ha sobre a terra.

«Eis ahi porque se observa um phenomeno, para nós consolador: ambas as Americas se tem constantemente visto a braços com ambições infrenes, aspirações desorganisadoras, revoltas ensanguentadas; o Brazil, á sombra de sua constituição, vive, floresce e prospéra, e quasi não ha uma voz em todo o imperio que a não tome por arca santa, em que por tacito consenso ningem ousa pôr mão sacrilega. Mas, que dizemos! a America? Melhor diriamos, a redondeza. Não ha uma nação no orbe inteiro, cuja constituição vigente seja tão antiga como a que rege o Brazil. Houve hontem os Estados-Unidos, mas a sua constituição rasgou-a o rostro do *Merrimac.* Ha tambem, nas imaginações, um phantasma, denominado carta ingleza, que seria mais velho se não fosse phantasma, lenda, mytho. Constituição real e verdadeira, é do Brazil a mais antiga.

«D'essa constituição salvadora é o snr. D. Pedro II irmão gemeo. Ambos nasceram no mesmo anno, e os dous irmãos vivem um com o outro, um pelo outro, um para o outro. Tres annos apenas antes haviamos proclamado a nossa nacionalidade; de modo que bem póde dizer-se que no mesmo instante fulguraram os quatro grandes signos do zodiaco brazileiro: — D. PEDRO I — INDEPENDENCIA — CONSTITUIÇÃO — D. PEDRO II!!» (Joaquim Pinto de Campos, *D. Pedro* II).

«As instituições liberaes parece estarem agora definitivamente enraizadas no Brazil. Sua constituição é hoje uma das mais antigas entre as nações livres. As camaras trabalham com vontade em sustentar estes direitos, e seus esforços começam a obter os melhores resultados. N'este moderno

imperio citam-se já com orgulho homens de estado distinctos, e oradores da primeira ordem; taes como Carneiro Leão, Paulino, Olinda, Abrantes, Limpo d'Abreu, Eusebio de Queiroz, Rodrigues Torres, Paula Sousa, Alves Branco, Vasconcellos, Pereira da Silva, Ferraz, Pedro Chaves, Moura Magalhães, Maciel Monteiro, Ramiro, Victor d'Oliveira, Zacharias e Marinho; excellentes administradores, taes como Felizardo, Pedreira, Jeronymo Coelho, Tosta, Boa-Vista, Gonçalves Martins, Sousa Ramos, e Penna; em fim, notaveis escriptores politicos, como são: Josino, Aprigio, Firmino, Torres-Homem, e Rocha. Dous partidos politicos se digladiam: o partido conservador, e o partido liberal; ambos constitucionaes, á semelhança dos partidos inglezes *tory* e *whig*. Ainda ha outro, mas em pequena fracção: é o republicano, que em lugar de augmentar, todos os dias perde terreno, gastando-se a si proprio nas revoltas que provoca de tempos a tempos. Em summa, o Brazil tem immenso futuro, e por sua politica e posição exerce já grande influencia sobre os outros estados da America meridional.

«A litteratura d'este paiz póde não só orgulhar-se de seu passado glorioso, no qual brilham os nomes de Gonzaga, Caldas, Claudio, Durão, Basilio da Gama, Gusmão, Alvarenga, Francisco de Lemos, Sam Carlos, Gregorio de Mattos, mas ahi se publicam ainda obras litterarias e scientificas que provam que o gosto se vai aperfeiçoando; em poesia Gonçalves Dias, Magalhães, Teixeira Sousa, Norberto, Porto Alegre, Januario, Paranaguá, Pedra Branca, e José Bonifacio d'Andrade; romances populares de Macedo, as obras litterarias e historicas de Pereira da Silva, Sam Leopoldo, Acioli, Pizarro, Varnhagen, e muitos outros são a prova.

«Muito tempo a litteratura nacional, fatigada dos gregos e romanos, reproduzidos constantemente pelos portuguezes, foi procurar seus modêlos entre os francezes, inglezes, e até nos allemães. O pintor-poeta, Araujo Porto-Alegre, a está sustentando hoje com toda a independencia.

«As escólas superiores existem principalmente na capital, onde ha a universidade, escóla de medicina, escóla de engenharia, de artilheria, de commercio, um observatorio, etc., etc., partilhando com a Bahia a escóla de cirurgia, com S. Paulo a de direito, na Bahia a academia das bellas artes, com o Pará (Belem) os jardins botanicos. Afóra a bibliotheca imperial, vinda de Portugal, ha na capital mais duas: a dos Benedictinos, e a bibliotheca nacional, que conta já 62:000 volumes, não fallando em alguns preciosos manuscriptos. Ainda ha na capital o gremio de leitura braziliense com uma livraria de 12:000 volumes, e o gabinete de leitura portuguez com 18:000, mais um instituto inglez, e outro allemão. Não esqueçamos tambem o instituto historico e geographico do Brazil, fundado em 1839, o qual publica memorias, e uma interessante revista trimensal.

«Bahia, Pará, Porto-Alegre (no Rio Grande do Sul), Nossa Senhora da Victoria (no Espirito Santo), S. Paulo, Villa Real de Cuyaba, Villa de Rio Pardo (no Rio Grande), Cachoeira (na Bahia), Parahyba, etc., etc. Sobre tudo é nas sciencias naturaes que os brazileiros mostram mais applicação; o que se explica pelas magnificencias da natureza, de que elles com justa razão se nobilitam.

«A igreja catholica, que é a do estado, mas que não exclue nenhuma, pois deixa a todos o livre exercicio de seus cultos, occupa-se ha alguns annos, com um afan digno de elogio, da civilisação e moralisação do povo. Possue muitos templos dignos de admiração exterior e interiormente, e o serviço divino é celebrado com brilho e pompa como se não encontra em muitas das nossas cathedraes da Europa; comtudo o povo brazileiro, ao envez dos habitantes das republicas da America do Sul, não tende para a superstição, e menos para o fanatismo. Á frente dos negocios ecclesiasticos está o arcebispo da Bahia, a que estão subordinados oito bispos,

e mais um *in partibus*. Os protestantes allemães, inglezes e francezes, tem os seus templos, e cemiterios.

«A agricultura e o commercio não fizeram grandes progressos no Brazil senão depois de grandes mudanças politicas que attrahiram a attenção do governo para dous fecundos veios de riqueza nacional, tendentes á abolição completa de muitas leis oppressivas.

«Entretanto a immensa extensão do territorio do imperio, e relativamente a falta da população, o habito de trabalho dos escravos, a tendencia innata e tradicional da preguiça da maior parte dos brancos, são serios obstaculos á cultura do solo, e não é raro encontrar nos arrabaldes das grandes cidades, vastas extensões de terreno fertil desaproveitado.

«O commercio pelo contrario é muito consideravel, favorecido por muitos portos excellentes abrindo sobre a costa oriental, e em face do antigo continente. O commercio, em grande escala, está na maior parte em mãos de portuguezes, inglezes, francezes, americanos do norte, hollandezes e allemães; o de pequeno porte é dos francezes, portuguezes e brazileiros.» (Garay de Monglave).

BRÉGUET. (Veja Invenções).

BRIDAINE. Por meado do seculo XVIII repercutiu em toda a França o renome d'aquelle apostolo. Por espaço de quarenta annos a percorreu com o privilegio que Bento XIV lhe dera de evangelisar por todo o mundo. «Eis o mestre de todos nós! — exclamavam os oradores contemporaneos — se nós tocavamos o coração, elle o arrebata.» O proprio Massillon, quando pela primeira vez o ouviu, disse: «Quem dera que a sua voz podesse resoar na extremidade da terra.» Foi o padre Bridaine a Paris em 1774; e quem se dizia apenas chamado para prégar aos pobres, tirou da eloquencia de sua caridade palavras que estremeceram os ricos e poderosos d'aquella grande cidade. Quando clamava com troante voz: «O meu Deus vai julgar-vos», incutia terror em todo o auditorio. Em S. Sulpicio, n'aquelle famoso sermão *da eternidade*, proferiu estas memorandas palavras, que cincoenta annos depois apavoravam o cardeal Maury: «Ah! em que vos fundaes, irmãos meus, para julgardes tão longo o vosso dia derradeiro? É porque sois moços? Sim, respondeis, eu tenho apenas vinte annos, trinta annos... Ah! não sois vós que tendes vinte ou trinta annos; é a morte que vos leva vantagem de vinte annos ou trinta. Acautelai-vos que a eternidade chega. Sabeis o que é a eternidade? É um pendulo, cujo balanço está sempre dizendo: sempre! nunca! nunca! sempre! Durante estas revoluções, um reprobo exclama: Que horas são? E a mesma voz lhe responde: A eternidade!» Poucos oradores souberam como Bridaine a grande arte de subjugar as multidões. Havia n'elle a verdadeira eloquencia, que não faz cabedal de rhetoricas e regras d'arte. — Quando encetou carreira de missionario tinha só tres sermões, que já havia proferido quando foi prégar em 1725 a estação da quaresma na cidade de Aigues-Mortes. E partiu, conta Feller, com esta pobre provisão, confiando n'aquelle que disse: «Não vos dê cuidado o que haveis de dizer, porque chegada a hora, sabereis o que vos cumpre prégar.» Em quarta feira de cinza, dia do primeiro sermão, quando elle entrou á igreja, achou-a quasi vasia. Vendo que ninguem concorria, sahiu tangendo uma campainha; foram depós elle por curiosidade.

Subiu ao pulpito, e com voz forte, e sonora, entoou um cantico á morte. — Um cantico em vez d'um sermão! Novo motivo d'assombro! Depois entra a paraphrasear as terriveis palavras com tamanho impulso que quantos o ouviram ficaram estupefactos, e d'ahi ávante era immensa a multidão dos seus ouvintes. Tal foi a estreia do talento que ao depois cresceu tão celebre! Rogaram muitos bispos e padre Bridaine a missionar em suas dioceses. São espantosas as conversões que este vehemente missiona-

rio operou em toda a parte, variando destramente os meios oratorios que lhe sahiam sempre imprevistos e novos. Muitissima arte, mas arte mysteriosa, se alliava á sua natural eloquencia, procurando principalmente chegar ás almas através dos sentidos. Nada se lhe dava claudicar em materia de gosto e elegancia quando queria incutir profundas impressões. Bridaine improvisava quasi sempre. Diz-se que dez mil pessoas lhe podiam ouvir a voz penetrante. Á excepção dos Canticos espirituaes, quarenta e sete vezes imprimidos, não publicou mais nada. Bridaine, um tanto singular, e muitas vezes audacioso na escolha dos meios, foi desigual, mas tocou o sublime da eloquencia.

BRISA. (Veja Ar).

BROTERO (Felix de Avellar). Nasceu em Lisboa, em 1774, e morreu em 1828. Doutorou-se em medicina na universidade de Reims, e tomou capello na de Coimbra; foi lente de botanica e agricultura, professorado que exercitou com a maior distincção, adquirindo o nome de primeiro botanico em Portugal, e reputação europeia, que viajantes illustres, taes como Link e Hoffmansegg consignaram nos seus livros.

«Para escapar aos carceres da inquisição, teve a fortuna de evadir-se para França, em companhia do seu amigo Francisco Manoel do Nascimento, que immortalisou o nome poetico de *Filinto Elysio*. Esta feliz evasão, que arrancou dous grandes homens das garras do santo officio, effectuou-se no anno de 1778, embarcando elles na Trafaria para bordo de um navio que os conduziu ao Havre de Grâce: tudo devido ás beneficas e habeis diligencias de Thimotheo Lecussan Verdier.

«Fóra da patria se conservou por espaço de doze annos; regressando a ella em 1790, como já vimos, para vir enriquecel-a com os vastissimos conhecimentos adquiridos nas sciencias naturaes, e maiormente na botanica e na agricultura.

«Apontarei algumas particularidades curiosas.

«O verdadeiro nome de Brotero em Portugal era o de *Felix da Silva e Avellar;* mas, em chegando a Paris, adoptou o appellido de *Brotero*, palavra composta das duas gregas: *brothos* e *eros*, que tanto querem dizer como *amante dos mortaes*. Ficou chamando-se pois, *Felix d'Avellar Brotero:* nome illustre, que á força de estudos, de trabalho, e de bons serviços á instrucção publica de Portugal, póde tornar immortal.

«Afóra o seu amigo intimo Francisco Manoel do Nascimento, relacionou-se Brotero com D. Vicente de Sousa Coutinho, embaixador de Portugal em França; com D. Fernando de Lima, D. Francisco de Menezes, e com o respeitavel doutor Antonio Nunes Ribeiro Sanches. Todos estes foram seus muito effectivos protectores.

«Isto, no que toca a portuguezes. Dos estrangeiros, foram seus mestres, ou amigos e admiradores, Vic d'Azir, Jussieu, Valmont de Vomare, Buisson, Condorcet, Cuvier, Lamarck, etc.

«Depois de concluir os seus estudos de sciencias naturaes, foi doutorar-se em medicina na escóla de Reims.

«Imagine-se, em presença de tão variados estudos, o quanto não chegaria rico de conhecimentos a Portugal, passados doze annos de ausencia, tão diligente como sabiamente aproveitados!» (O snr. José Silvestre Ribeiro).

BRUXELLAS. (Veja Belgica).

BRUYÈRE (La) (1644-1696) é o mais eloquente e engenhoso dos moralistas francezes. Foi thesoureiro da França em Caen, ensinou historia ao duque de Borgonha sob a direcção de Bossuet, e passou o restante de sua vida ao lado d'aquelle principe a titulo de homem de letras pensionado com 1:000 escudos. Avulta-se-nos La Bruyère um homem modesto, affavel, desambicioso, affeiçoado á vida recolhida e aos bons livros. Foi verda-

deiro philosopho e sagacissimo observador. Levou-o a propensão a preferir entre as obras antigas os *Caracteres de Theophrasto*, escriptor grego (seculo IV, antes J. C.), e successor de Aristoteles no ensino da philosophia. Traduziu aquella obra com esmerado primor; mas, ao trasladal-a, suggeriu-se-lhe o desejo de produzir obra original de natureza analoga. Assim, compoz o seu livro ácerca dos *Caracteres e costumes d'este seculo*, que veio a lume em 1687, e para logo adquiriu reputação ainda hoje vigorosa. E' uma collecção de observações subtis, profundas, e sobre tudo exactas, onde graceja a malicia sem maldade, e resaltam novidades realçadas pelo rigor da verdade. Não ha leitura em que mais o animo se exercite, tanto por energia e perfeição de espirito, como variedade de retratos.

2. «La Bruyère não tem os transportes e rasgos sublimes de Bossuet, nem a copia, numero e harmonia de Fénélon, nem a graça brilhante e desenvolta de Voltaire, nem a profunda sensibilidade de Rousseau; nenhum d'estes porém me parece reunir no mesmo grau a variedade, perspicacia, e originalidade de fórmas e conceito de La Bruyère. Póde ser que se lhe não achem bellezas de estylo peculiares da lingua franceza. Faz elle uma observação ácerca do progresso que a arte de escrever fizera em França, e ahi poderemos adivinhar pouco mais ou menos seu segredo. — «Escreve-se regularmente ha vinte annos; somos escravos da construcção; enriquecemos a lingua de novas palavras, libertamol-a da canga do latinismo, e reduzimos o estylo á phrase puramente franceza; pozemos em fim quanta ordem e clareza eram possiveis no discurso: d'ahi a precisão de o colorirmos graciosamente.» — A monotonia é o escolho das obras de tal natureza. Mais que muito o conheceu La Bruyère, e de sobra o denuncía no muito que se esforça em o evitar, variando seguidamente retratos, observações de costumes, e maximas. Difficil seria definir com exacção a indole precisa de seu engenho: como que todas as variantes do espirito lhe são familiares. Alternativamente, sublime e chão, eloquente e faceto, subtil e profundo, acre e jovial, muda com extrema volubilidade de afinação, de personagem e até de sentimentos, sem descontinuar dos mesmos objectos. Ás vezes, de uma reflexão, simplesmente cordata, resurte imagem ou referencia remota que nos impressiona inopinadamente. — «Tirante o espirito bem atilado, o que mais raro é n'este mundo são os brilhantes e as perolas.» Se La Bruyère sómente dissesse que o espirito bem atilado é a mais rara cousa d'este mundo, ninguem daria a tal sentença honras de escriptura.» (Suard, *Miscellanea litteraria*.—Nascido em 1734, fallecido em 1817).

3. *Pensamentos selectos*. «Está dito tudo; e tarde vem o que se diz de novo, depois que são decorridos sete mil annos de gerações a pensarem. Pelo que é de costumes, o melhor e mais egregio é rapsodia: o que fazemos é andar ao respigo dos antigos e dos modernos mais bem dotados. — Tomemos a peito pensar e fallar com acerto, sem o desvanecimento de alliciar outrem com o nosso *modo de sentir* e dilecção e maneira de pensar; que vai n'isso empreza de costa acima. — Ao author urge-lhe receber com igual modestia gabos e deslouvores que se lhe dão ás obras. — A rectidão de animo que nos suggere obras válidas, tambem nos inculca as que não merecem lidas. — Espiritos mediocres cuidam que escrevem divinamente; espiritos distinctos persuadem-se apenas que escrevem razoavelmente. — Quando a leitura vos enleva, e inspira idéas nobres e altivas, não esquadrinheis outra regra para pautar a obra: é boa, e de mão magistral.» (*Das obras do espirito*). — «A modestia é para o espirito o que são os escuros para as figuras de um quadro: dão-lhe tom e relêvo. — Se as cousas raras nos abalam frequentemente, porque é que a virtude nos commove tão pouco? — Estás enganado, Philemon, se cuidas que te fazem mais querido essa brilhante equi-

pagem de lacaios, que te seguem, e de bestas que te levam. Tudo isso é removido a um lado, e ficas tu a sós comtigo e com a tua enorme fatuidade. — Evitarei apontadamente não offender alguem, se sou justo; mas, sobre tudo, resguardarei o homem de siso se tenho em alguma conta os meus interesses.» (*Do merito pessoal*). —«Se as mulheres fossem de seu natural o que por arte parecem, se tivessem o carão carminado como o pintam, inconsolaveis creaturas seriam! — Certas bellezas de alta perfeição e merecimento brilhante impõem-nos e captivam-nos até ao extremo de nos limitarmos a vêl-as e comprimental-as. — As mulheres são de extremos: ou são melhores ou peores que os homens. — O homem é mais fiel ao segredo alheio que ao seu. A mulher, pelo inverso, guarda melhor o seu segredo que o alheio. — A certo tempo, as donzellas opulentas devem decidir-se quanto a maridarem-se; que muitas vezes o arrependimento vem após os ensejos desprezados. — O que ahi não vai de senhoras, á cata de boas fortunas, fiadas na sua grande formosura!» (*Das mulheres*). — «Se queremos reger alguem com absoluto imperio e por muito tempo, façamos conhecer que nos póde fugir, se quizer. — O coração faz-nos mais conversaveis e de melhor convivencia que o espirito.» (*Do coração*). — «A parvoice é apanagio dos importunos. O homem astuto sabe quando apraz e quando enfastia; um instante antes de aborrecer, retira-se. — Ha ahi gente que falla momentos antes de pensar, ha outra que presta insulsa attenção ao que palavreia: são puristas. — O espirito do bem conservar, cifra mais no applaudir a graça alheia do que ostentar a propria. Afasta-se contente de vós plenamente quem se retira contente de conversar comvosco. — É miseria grande carecer de espirito para fallar de siso, e carecer de juizo para saber calar-se. — Com virtude, honestidade e bom porte, podemos, assim mesmo, ser intoleraveis. Os ademanes, que se descuram a titulo de pequenezas, são fartas vezes o por onde os outros vos aquilatam em bem ou em mal. — Da ignorancia escura surge o tom dogmatico. Quem nada sabe, cuida que ensina aos outros o que aprendeu recentemente. Quem muito sabe, escassamente presume que os outros ignorem o que elle sabe, e de tudo falla sem desvanecimento.» (*Da sociedade e da conversação*).

Dictem-se a primeira e segunda lição, e conte-se a historia do duque de Borgonha, educado por Fénélon. — Quanto á terceira lição, sigam-se as direcções dadas no artigo *Agudezas*.

BUCOLICAS. (Veja VIRGILIO). «A poesia campezina, ou segundo vulgarmente lhe dão nome, pastoril, com ser de todas a mais antiga, nunca em nenhuma parte se perdeu, dado em muitas decahisse não raro do seu credito e lustre; e segundo todas as mostras, deitará ainda até ao fim das idades litterarias. Sempre moça como a terra de sua mãi, mansa como os arroyos seus irmãos, formosa como as flôres que lhe guarnecem o chapéo de palha, livre e leve como os zephyros pela assomada dos montes, alegre, namorada e innocente como as aves na madrugada do anno, é de vêr qual se vai sósinha e vivissima por entre tantas cousas mais fortes que morrem; com o seu cajado de pastora, segura entre tantos inimigos; girando todo o orbe, e por todo elle bem vinda; vingando e vencendo todos os seculos; dando a alguns d'elles de mais amoravel indole a sua propria fórma; e relevando-lhe, ainda os mais ferozes e guerreiros, que lhes ella misture com a sua frauta do serão os hymnos da guerra, lhes entreteça maliciosa violetas com os louros, e os campos que elles a ferro e fogo devastaram os repovôe ella de imaginadas verdura, flôres e felicidade.

«Um curioso reparo poderão ter feito os que os fazem no lêr poetas, e é, que apenas haverá algum dos chamados epicos, para quem o campo e sua vivenda não fosse deleitoso

assumpto. Compraz-se Homero de travar com as façanhas dos heroes toques e pinturas do viver natural e primitivo; Virgilio, que já primeiro que se abalançasse ás armas e guerras tinha cantado os pastores, e doutrinado os lavradores, particularmente se recreia quando no meio das batalhas póde a uns e outros mandar algumas saudades; nos dous Orlandos e em todos os livros de cavallaria, vai igual mistura; o mesmo na Jerusalem, cujo author havia escripto o Amintas: e d'entre os nossos, para por todos citar um, mas um que por todos valha, Camões, não só afamou os portuguezes sujeitadores de elementos e homens, mas todo se deleita em conversar os pegureiros e campos da nossa graciosa Lusitania, terra cujos filhos, se me não engano, são por indole dotados d'estes dous extremos, de brandura e de valor, de amor ao obscuro rusticar e ao glorioso correr de aventuras e perigos: por onde entendo que para muito mais do que são os fizera Deus, assim como fizera para muito mais do que é o grandioso torrãosinho que habitam.

«Disse engenho subtil, e bons juizos o crêram, que o desejo, ancia e esperança de bem que todos temos innatamente, era claro argumento de uma vida futura, já que n'esta se nos não deparava contentamento: assim tambem dissera eu, que este natural e universal gosto á poesia amena é um indicio de que, se jámais o homem foi homem e ditoso, lá nos campos o foi; que as plantas d'onde nos brotam sustento e recreação, exhalam secretamente amor para os visinhos, e que pelos saudosos valles das idades patriarchaes, em quanto os bosques não cahiram para em sua vez se levantarem as muralhas, as bençãos do céo orvalhavam muito mais a miudo. Alguma cousa farão para aqui palavras do meu Florian, que porque d'elle são as verterei de muito boamente: — «Oh se nós podessemos lêr em seu original texto os bons authores d'essa Allemanha, enlevar-nos-hia a tanta singeleza, a tanta doçura por onde de todas as outras se estremam suas obras! Em conhecer a natureza, e especialmente a natureza campezina, levam-nos elles uma infinita vantagem: amam-na mais deveras, retratam-na com tintas mais fieis. Todos nossos poemas pastoris nada tem que vêr com as meras traducções de Gessner. Ninguem jámais fecha a Morte de Abel, os Idyllios ou Daphnis, sem já se sentir mais soffrido, mais terno, mais mavioso, e porque tudo diga, mais virtuoso que antes da lição. Não respira senão moral pura e facil, e virtude d'aquella que logo vem trazendo bemaventuraças. Fosse eu parocho de aldeia, que sempre á estação da missa havia de lêr e relêr Gessner aos meus freguezes: e por certissimo tenho que meus aldeões se fariam probos, todas minhas parochianas castas, e ninguem me havia de ao sermão adormecer.» (O snr. visconde de Castilho, *Primavera*).

BUENOS-AYRES. (Veja Plata).

BUFFON. 1. O conde de Buffon, nascido em Borgonha por 1707, naturalista celebre e escriptor insigne, recebeu esmerada educação, e viajou por França, Italia e Inglaterra. Dedicou-se, em seguida, a lavores de sciencia, sem ter de fito escopo algum apontado. Nomeado, porém, intendente dos jardins reaes alinhou a direcção de suas idéas, encetando a vereda que o guiou á immortalidade. — Até ao seu tempo, a historia natural era simples e extensa canceira de compiladores destalentosos; o restante de obras geraes era fastidiosa agglomeração de nomes. Havia muitas e excellentes observações; mas versando todas sobre particularidades. Emprehendeu Buffon a traça de associar ao vasto plano de Plinio e profundos intuitos de Aristoteles a exactidão e minudencia das observações modernas. Sentiu-se robusto de alentos proprios para abarcar a amplitude da sciencia complexa, e de imaginação bastante a coloril-a. Assim, pois, publicou entre 1749 e 1767 os primeiros quinze volumes de *Historia natural*. Os nove volumes seguintes, sahiram da estampa entre

1770 e 1783, contendo a historia dos passaros, da qual uma parte foi totalmente composta por dous amigos de Buffon, Gueneau de Montbéliard que em alguns lanços lhe imitou o estylo, posto que, a espaços, descaia na affectação, e o abbade Bexon, quando Guéneau, enfastiado de escrever das aves, variou para os insectos. O quinto volume, dos sete supplementares (o ultimo já appareceu posthumo) é obra distincta do todo, e a de maior nomeada. Contém as *Épocas da natureza*, onde mostra em linguagem altiloqua e com vigor de talento poderosissimo, a segunda redacção da sua theoria da terra. Este ingente trabalho em que Buffon laborou cincoenta annos sem ferias, é todavia simples parte do plano immenso que havia bosquejado. Podemos formar conceito do seu modo de compôr, no *Discurso ácerca do estylo*, pronunciado quando foi recebido na Academia franceza em 1753, discurso onde, a um tempo, dá o preceito e o exemplo, e é um dos melhores pedaços de prosa da lingua franceza. Faz-se mister discriminar em Buffon duas entidades: naturalista e escriptor. O naturalista prestou serviços valiosos á sua sciencia por amor á historia natural que lhe nasceu da sua obra; mas, em consequencia, a sciencia progrediu ultrapassando balisas que elle demarcára erradamente. Quanto a escriptor está e estará sempre na primeira plana, por virtude da magestade, vigor e consonancia do seu estylo. É gloria que nem propriamente os coevos lhe disputaram. De prompto o rodearam os emboras, não só de sabios e litteratos, senão que dos personagens mais soberbos da sua prosapia, e até de soberanos estrangeiros. Durante a vida, lhe erigiram uma estatua com esta inscripção latina: *Magestati naturæ par ingenium* (tão grande como a natureza). Voz nenhuma, afóra a de criticos anonymos, perturbou a harmonia dos louvores. Quanto a Buffon, as camadas de conchas, apparecidas na cumiada dos Alpes, provavam o diluvio; quanto a Voltaire, essas conchas tinham cahido do chapéo ou da esclavina dos romeiros que peregrinavam para Roma. D'ahi, alguns epigrammas do philosopho de Verney; mas, como este, apesar d'isso, admirava o adversario, sahiu logo declarando que não queria estar de más avenças com Buffon á conta de conchas. — Buffon, gentil de sua pessoa e corpulento, usava na vida particular como no estylo certa gravidade um tanto mesurada. Dizem que elle se vestia galhardamente para escrever. Na elocução descurava-se; mas tão pacientemente se dava á lima do estylo que copiou onze vezes, corrigindo sempre, as *Épocas da natureza*. Pelo que, dizia elle a miudo: «O genio é a paciencia.» Alheio das desordens que agitavam a França e a litteratura em seu tempo; silencioso sempre quando o criticavam; consolidando o seu repouso com respeitar o dos outros, viveu vida bonançosa e quasi inalterada. Achaques longos, causados pela cystite, lhe torvaram os ultimos annos, sem o empécerem de proseguir no seu vasto plano. Morreu em Paris, contando 81 annos.

2. «Formára-se o engenho de Buffon com aturados esforços. Só, á volta dos quarenta e tres annos, aspirou francamente ás glorias de escriptor. — Das suas obras correm extractos de descripções luminosas sempre admiraveis. E' damnifical-o desaggregar-lhe os fragmentos; que o merecimento da vida dos animaes está na connexão, no theor como a tradição, observação, discurso e critica se mesclam e concertam. Alliam-se a elegancia pomposa de alguns trechos com a precisão das particularidades e singela clareza do discurso, e n'isto é que muito sobreleva a excellencia de tal escriptor. A pintura verdadeira ou conjectural dos animaes, a descripção dos lugares que habitam, e a mixtão de natureza viva e natureza inanimada, resplendem vivos matizes. Alguma vez Plinio os descreveu por diversissimos que fossem. Quer descreva o leão, quer o rouxinol, é, quando convem, brilhante e vigoroso. Com igual lustre, Buffon é mais correcto e uniforme. Plinio era mais da escóla da

phantasia que do gosto que fez de Tacito pintor incomparavel, mas por tudo lhe boleou geitos de declamação e subtileza. Mais litterario que scientifico, Plinio veste as fabulas ou idéas erroneas de estylo amaneirado. Buffon, aluminado pela moderna sciencia, é severo e pautado no descrever ainda mais ornamentado. A linguagem é mais acurada que a de Rousseau, e dispensa-se das affectações que ás vezes mareiam aquelle tão francez estylo de Montesquieu. Privilegiado raramente, não se lhe nota frouxeza nem declinar de talento no volver de quarenta annos, a não ser o phrasear faustoso, o circumloquio vão: o demais é por igual juvenil e maduro, vigoroso e polido. Por vezes, com douta preoccupação, não menos expressiva que a candidez do fabulista, transfere á pintura natural dos animaes retoques havidos de emprestimo da nossa, e descreve as brenhas e desertos d'elles, á força de phantasia, como se os houvesse perlustrado. A despeito do que ha dito um grave escriptor não escasseia bondade de alma em seus escriptos. Se se lhe olvidou o cão do cego, e a imagem christã do infortunio e da caridade, não ha sentimento honesto que não respeite, encarecendo o amor á paz, ao trabalho, á virtude e gloria. Afortunado com o estudo, haveres e renome, conformou-se docilmente aos costumes da sua época, e desconheceu a mysanthropia e irritavel condição do vulgar dos philosophos; e, bem que não declame, isso não faz que seja menos amigo dos homens. Viveu senhorialmente em Montbar; todavia a cada passo se desentranha em phrases de bem-fazer ao pobre e de melhoria no infortunio do povo. Pelo que, Buffon, bem que não sahisse a campo, figura na missão philosophica do seculo XVIII, missão que se desmandou em zelo por indiscrição dos apostolos e falsos proselytos; mas que ainda assim foi grandiosa no intento e nos resultados, e cuja influencia transformou a sociedade franceza e se prolongou até aos governos absolutos que se queixam d'ella. Em meio do movimento intellectual do seu seculo, a possança de Buffon deu-lh'a a eloquencia; e tal eloquencia, estreme de paixões e contendas, foi-lhe grande parte na elevação dos estudos e socego de vida.» (Villemain).

BUSSOLA. (Veja MAGNETISMO).

BUTIO. (Veja RAPINANTES).

C

CABRAL (Gonçalo Velho). (Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

CABRAL (Pedro Alvares). (Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

CABRA. (Veja RUMINANTES).

CABRESTANTE. (Veja ROLDANA).

CACÁOSEIRO. (Veja MALVACEAS).

CADAMOSTO (Luiz). (Veja NAVEGADORES).

CADEIA METRICA. (Veja AGRIMENSURA).

CADIX. (Veja HESPANHA).

CADMIO. (Veja METAES).

CADMO. (Veja SEXTO SECULO).

CAEN. (Veja NORMANDIA).

CAFESEIRO. (Veja RUBIACEAS).

CAFRARIA e CABO. A Cafraria, cujo clima é ardente no littoral, terreno accidentado, e montanhoso no interior, contém vastos desertos de areia, onde ha grande mingua de agua. Abunda em minas de ouro, prata, ferro, cobre, e bestas-feras. São guerreiras, e pela maior parte nomadas, as tribus cafres. Pastoreiam grandes manadas de bois, pouco entendem de agricultura, e de indus-

tria menos. Quanto a religião, se alguma observam, é brutal. Debalde lá tem ido missionarios catequisal-os. O paiz dos hottentotes é cortado de éste a oeste pelo rio Orange. Pouco se sabe do interior d'essa região. A sul e norte é montanhoso; mas lá dentro correm immensas planicies arenosas e quasi improductivas. Formam os hottentotes tribus numerosissimas que podemos agrupar em duas familias: *Namacas* e *Koranas*. Estas possuem rezes e alguma industria. Já os missionarios lá conseguiram insinuar o christianismo. Acrescem os *Bosjemans*, o mais selvatico e bestial povo de toda Africa, que vivem ao modo mais miseravel, nutrindo-se de caça e raizes. Sempre a braços com as outras tribus, erram pelas serranias que demoram á ourela septemtrional da colonia do Cabo, e ahi se emboscam nas florestas. Tem agradavel clima a colonia do Cabo; porém, está exposta a inundações e extrema seccura. Nos arredores do celebrado Cabo da Boa-Esperança encontram os viajantes muitos rios, aguas mineraes, vegetação luxuriante, planicies agricultadas e desertos infindos, plantas da zona torrida e do sul da Europa. As uvas são deliciosas, limões e laranjas excellentes, figos saborosos, em fim, parece estarem lá acclimados todos os legumes europeus. Lá passaria todo o anno suavemente, se o vento de sudoeste, que reina durante tres mezes, não resequisse a terra, a ponto de lhe queimar toda a força productora.

2. Em tres classes podemos dividir os colonos do Cabo: os habitantes suburbanos do Cabo, os mais afastados para o interior das terras, e os que, ainda mais arredados, demoram nas raias da colonia, entre os hottentotes. Os primeiros, proprietarios de opulentas terras, e lindas casas campestres, divergem muito dos outros pelo aceio e luxo, sobre tudo por costumes altivos e desdenhosos. Todo seu mal lhes provém da riqueza. Os segundos são lhanos, hospitaleiros, bonissimos, e agricultores que vivem do seu lavor. N'estes, a boa sorte advem-lhes da mediania. Os ultimos, sobremodo miseraveis e preguiçosos no auferirem o alimento da terra, recorrem tão sómente ao producto das rezes mal apascentadas. Á imitação dos arabes beduinos, raro acontece pascerem os seus rebanhos. Com vida tão vagabunda não cuidam de edificar residencia. Se os rebanhos os forçam a parar por algum tempo, erguem á pressa uma choça rustica telhada de esteiras, á feição dos hottentotes, cujos estylos adoptaram, e dos quaes escassamente se differençam em traços physionomicos e côr.

3. Os hottentotes costumam esfregar o corpo com banha de carneiro misturada com fuligem; e repetem a unção tantas vezes quantas o sol lh'as secca. A utilidade que tiram d'esta operação é resistirem aos ardores solares. Semelhante immundicie sujeita-os a toda a casta de vermes, sobre tudo piolhos, que são lá descommunaes. Mas, se estes os comem, tambem são comidos pelas victimas; e quando se lhes pergunta como se arranjam com tão detestavel iguaria, allegam a lei de Talião, e pretendem que não é vergonhoso comer bichos que os comem a elles. O costume de immolar os filhos e os velhos, é tão usual entre os hottentotes, como em outras nações da Asia e Africa. Pelo que toca á primeira d'aquellas barbaridades, com que ainda se deshonram o Japão e a China, os hottentotes desculpam-se com a usança, mas, quanto aos velhos, querem que seja acto de caridade, e que em tal idade mais vale sahir das miserias da vida por mãos de seus amigos, que morrerem de fome na cubata, ou nas garras das bestas-feras. — Quanto ao mais, parecem exceder os vicios com as virtudes da amizade, benevolencia e hospitalidade. Se alguem lhes pede soccorro, acodem logo; a quem lhes pede conselho, dão-no sincero; e a quem está em penuria soccorrem logo, cotisando-se. O seu maior prazer é dar. Em fim, a bondade dos hottentotes, inteireza, amor á justiça e castidade, são virtudes que em tamanho grau raras nações possuem.

Redacção. Aspecto, clima, povos e

governo da Cafraria, e do Cabo. — Colonos ricos e pobres. — Costumes dos ultimos. — Usanças, habitos e costumes dos hottentotes. — Suas virtudes. (Veja os lugares no mappa).

CAHORS. (Veja Guienna).

CAILLÉ. (Veja Sahara).

CAIXA. (Livros auxiliares). Os livros auxiliares são:

«o *Copiador* de cartas, que é o registro das cartas que o negociante escreve;

o *Livro de Facturas*, que é o registro das facturas que o negociante expede;

o *Livro de Contas de venda*, que é o registro das contas que o negociante manda aos seus committentes, quando vende as fazendas que lhe consignaram;

o *Livro de Contas correntes*, que é o registro das contas que, com este titulo, o negociante dá aos seus correspondentes;

o *Livro d'Armazem*, que é o registro da entrada das fazendas no armazem do negociante, e da sahida das mesmas, ou ellas sejam de conta propria, ou de conta alheia;

etc. etc. O negociante usa, e deve usar d'estes livros, ainda que a escripturação do seu negocio seja tida nos tres livros principaes sómente; não é d'esses, porém, que vamos agora tratar, mas sim d'aquelles chamados *propriamente* auxiliares.

«Os livros auxiliares do Diario são secções do Memorial, contendo privativamente certas operações.

«O seu numero é arbitrario, mas os que se usam mais são, o *Diario de compras*, e o *Diario de vendas*. No caso de haver Diario de compras, deve lançar-se n'elle as compras que fizermos, dia por dia, em vez de as lançarmos no Memorial, e no fim do mez, ou de qualquer outro periodo, devem passar-se todas as compras feitas dentro do periodo para o Diario principal em uma só partida.

«Semelhantemente obraremos a respeito das vendas, no caso de haver o auxiliar Diario de vendas.

«Auxiliares do Razão são os livros correspondentes aos Titulos collectivos que abrimos no Razão. Taes são o livro *Caixa*, o livro intitulado *Fazendas Geraes*, *Fazendas de m/.*, *Fazendas de c/.*, *Fazendas d'importação*, *Fazendas d'exportação*, *Compradores de Fazendas*, *Vendedores de Fazendas*, etc. etc.

«Estes auxiliares devem ser arrumados por debito e credito; e quando usarmos d'algum d'elles, é n'elle que deveremos lançar as operações que levariamos aos Livros principaes, fazendo aquelles lançamentos nas datas em que effectuarmos as operações, mas no fim de cada semana, de cada mez, ou de qualquer outro periodo, passaremos para os Livros principaes, em uma só partida, todos os lançamentos feitos durante o periodo. D'esta arte o debito da Conta collectiva no Livro de Razão representará a somma dos debitos de todas as contas abertas no auxiliar respectivo; semelhantemente o credito da Conta collectiva no Livro de Razão representará a somma dos creditos de todas as contas abertas no auxiliar respectivo.

«Assim, creando nós o auxiliar *Caixa*, é n'elle que deveremos lançar todo o dinheiro que entrar, e todo o dinheiro que sahir, fazendo estes lançamentos nas datas em que occorrerem as operações d'embolso e desembolso. Creando o auxiliar *Fazendas Geraes*, é n'elle que devemos abrir conta a cada uma das fazendas em que negociamos, e debitar ou creditar cada conta pelas compras e desembolsos respectivos, ou pelas vendas, segundo a operação fór.

«Creando o auxiliar *Contas Correntes*, é n'elle que devemos abrir conta a cada um dos nossos correspondentes, e lançar no debito, ou no credito de cada conta o que houvermos de carregar, ou descarregar ao correspondente.

«Semelhantemente obraremos com outros auxiliares que por ventura creêmos, taes como *Compradores de*

Fazendas, Vendedores de Fazendas, Interessados em navios, etc., pois todas as vezes que no Livro de Razão abrirmos um titulo collectivo, deveremos crear o auxiliar correspondente para n'elle abrir cada uma das contas singulares, que o titulo comprehende.» (*Tratado de contabilidade civil*).

CAL. (Veja Calcareos).

CALCAREOS. 1. O calcareo dos geologos, ou carbonato de cal dos chimicos, é abundantissimo na natureza, formando só de per si ou misturado com outras substancias, cordilheiras de serras e terrenos de espessura e extensão consideraveis. O espatho calcareo é a cal carbonada em grossos crystaes, de que se contam por centenas as variadas fórmas. Em estado de pureza é transparente, tem refracção dupla, o que o torna continuamente empregado em optica. Agglomerado em pequenos crystaes como laminasinhas, constitue o calcareo lamellado. O marmore de Paros pertence a esta variedade. Se os crystaes são ainda menores, á feição do assucar, fórma o calcareo saccharoide: tal é o marmore de Carrara. O calcareo concrecionado fórma as stalactites e as stalagmites, por crystallisação mais ou menos apparente. — As outras variedades de calcareos, que não denotam vestigios de crystallisação, compõem os calcareos sedimentosos, isto é, depostos no seio das aguas por precipitação, ou transporte. Á frente dos calcareos sedimentosos devemos collocar os marmores compactos, que são mistura de calcareo ou residuos gelatinosos de animaes, ou estuques artificiaes, que são misturas de calcareo pulverulento, e colla de peixe. O calcareo compacto propriamente dito (o do Jura), e em particular a pedra lithographica, contém menos materias organicas que os marmores; mas em desconto acha-se intimamente ligado á argilla em maiores ou menores proporções: esta variedade de calcareo fornece a cal hydraulica. Depois temos o calcareo *cré*, formando depositos extensissimos, provenientes de residuos conchyliares microscopicos: taes depositos abrangem ás vezes espessura de centenares de metros. Sobre o *cré*, assentam os *calcareos grosseiros* em bancos maiores ou menores, variados quanto á textura. — Está sabido que o calcareo reduzido a pó e calcinado em um cadinho de platina, difficilmente perde o seu acido carbonico; emtanto que aquelle acido se destaca de prompto, se a pedra calcarea é aquecida com lenha verde bastante a fornecer vapor aquoso que favoreça a separação do acido carbonico.

A cal gorda, obtida por calcinação mediante lenha humida, é capaz de absorver muita agua depois que esfriou; mas para se tirar o maior resultado possivel é mister apagar a cal gradualmente, e não lançar-lhe d'um jacto grande quantidade d'agua; que, em tal caso, o calor seria absorvido pela grande massa liquida, e a cal ficaria, como lá dizem os praticos, *afogada*. A cal, que tem a propriedade de delir-se n'agua, de aquecer-se, fundir-se, e formar uma massa pegajosa, já não tem a mesma propriedade senão em menor grau, se procede d'um calcareo misturado com muita magnesia. Esta cal chama-se *magra* para a distinguir da cal *gorda*, proveniente de calcareos quasi puros, no emtanto ha misturas naturaes de calcareos e de argillas, que produzem cal de excellente qualidade, tal é a chamada cal hydraulica; esta tem a propriedade de endurecer nos lugares humidos, e mesmo debaixo d'agua, onde a cal *gorda* se diluiria, não servindo para cousa alguma. Estas misturas calcareas encontram-se nas camadas inferiores dos terrenos do Jura (veja Geologia), e fórmam as melhores pedras de edificar.

2. As pedras calcareas são o typo da materia propria para edificações, e a mais empregada geralmente. Encontram-se em carreiras ou bancos horisontaes onde cada banco superior se destaca perfeitamente do banco inferior, com o qual não tem nenhuma ligação. Conhecem-se muitas especies de pedras calcareas: a pedra de amo-

lar, a pedra de cantaria, a rocha, a pedreira franca, a pedra molle. — A pedra de amolar reune todas as qualidades das mais bellas pedras; é finissima, e de contextura uniforme; resiste a todas as intemperies das estações sendo tirada das pedreiras com tempo secco. A pedra de cantaria é uma pedra dura, menos fina que a de amolar, pouco empregada por causa do preço de mão de obra. A rocha é uma pedra dura e enconchada. Encontra-se em dous bancos sobrepostos, do qual um é mais abundante em conchas do que o outro. A pedreira franca é uma pedra tenra que não serve senão para construir. e está banida das pontes e encanamentos. A pedra molle é ainda menos solida que a pedreira; esta só se emprega nas construcções. O que é preciso procurar antes de tudo nas pedras calcareas, é que tenham a areia fina, e a textura uniforme e compacta. Para verificar se uma pedra é susceptivel de se dissolver pela acção do gelo, tira-se um pequeno cubo e mergulha-se n'uma dissolução de sulfato de soda a ferver. Tira-se para fóra, e deixa-se seccar; se ella a absorveu as arestas cahem em pó, e são seguidas d'uma porção maior ou menor do resto da massa, segundo a qualidade da pedra.

3. A pedra gypsosa ou sulfato de cal hydratado é uma materia mui tenra, susceptivel de dividir-se em laminas mui delgadas quando está crystallisada: sujeita á acção do fogo perde toda a sua agua de crystallisação, e se converte em gesso, substancia que que tem variadissimas applicações. O gesso natural contem 21 % d'agua; aquecido em 200 graus, perde esta agua de crystallisação, e torna-se frio e pulverulento. Assim confeccionado, o gesso absorve pouco a pouco o vapor atmospherico, expondo-se ao ar, mas se o caldeiam com um pouco mais do quinto do seu peso d'agua, absorve esta rapidamente, e faz-se em alguns minutos uma crystallisação confusa; resultando uma massa solida mas menos dura que o sulfato de cal antes da calcinação. Solidificado, o gesso augmenta um pouco o volume, o que o torna muito proprio á moldura, adaptando-se perfeitamente ao modêlo. Se ao caldear o gesso, em lugar d'agua pura se lhe lança a colla de gelatina ou de pedra hume dissolvida, obtem-se o estuque que imita o marmore, sobretudo misturando-lhe materias coloridas na massa ainda molle. O estuque resiste muito bem á agua que estraga o gesso ordinario. Os muros da igreja de S. Pedro, em Roma, são cobertos d'esta materia. — As aguas subterraneas que tem em dissolução muito fortes proporções de gesso, vem algumas vezes reçumar na abobada e nos intersticios das cavernas, onde ellas deixam ao evaporar-se um deposito apertado e crystallino de gesso. Debaixo d'esta fórma, o gesso chama-se alabastro gypsense, materia muito branca e fragil, e algumas vezes raiada de amarello. Na Toscana fazem chegar as aguas gypsenses aos moldes, onde o alabastro se depõe tomando a fórma que se lhe quer dar. O alabastro calcareo, que é infinitamente mais bello, e d'um preço mais elevado, fórma-se da mesma maneira pela infiltração, depois da evaporação das aguas carregadas de calcareo. Em certas cavernas o alabastro produz bellas varetas conicas pendidas da abobada, muito semelhantes ás agulhas de gelo que pendem dos bordos dos telhados durante o inverno: é ao que chamam *stalactites*. As gotas cahidas na terra formam tambem um deposito chamado *stalagmites*, e elevam-se algumas vezes de maneira que se encontra com a stalactite pendente, formando assim columnas naturaes, que em muitas grutas (Antiparos na Grecia, e Arcy em França) apresentam uma magnifica decoração interior, e de magico aspecto ao clarão das luzes.

Summario. — Calcareos crystallisados: espatho, marmore de Paros, e de Carrara, alabastro gypsense e alabastro calcareo, calcareos de sedimento, marmores compactos e estuques naturaes, pedra lithographica e cré. — Cal gorda, magra e cal hydraulica. — Pedras calcareas, verificação

de sua qualidade. — Gesso, estuque artificial e seu emprego.—Stalagmites e stalactites nas grutas. — Fazer redigir e resumir verbalmente.

CALCEDONIA. (Veja PEDRAS).

CALCIUM. (Veja METAES).

CALCULO. «O ensino da arithmetica, quando é bem dirigido, produz este espirito calculador que tantas vezes falta ao governo de casa, originando innumeros desacertos mui nocivos á economia domestica, e que teem por consequencias a perturbação das familias, a ruina do seu patrimonio, e todos os embaraços que d'ahi resultam... Este espirito calculador, estabelecendo a ordem na receita e despeza, facilita a observancia dos dous grandes preceitos da moral: a justiça e a bondade.

Em relação á justiça, o devedor vê o que deve fazer para satisfazer os seus compromissos. Em relação á bondade, mostra-lhe a economia que deve ter, não só para não ser pesado a outrem, mas tambem para soccorrer aquelles que carecem de auxilio.» (P. Girard.) — Eis o fim. Quanto aos meios, importa muito que o professor não se agaste das difficuldades que embaraçam os seus alumnos, que tenha em conta a differença entre a sua capacidade e a d'elles, e que progrida vagarosamente, para que todos o possam seguir. Além de que, deve preparar o terreno, esclarecer o caminho por meio de exercicios graduados de calculo oral, os quaes urge que comecem desde a mais tenra idade. (Veja NUMERAÇÃO, ADDIÇÃO, etc.) Estes exercicios devem recahir sempre sobre numeros concretos; applicados a questões de economia domestica, e a outras questões praticas.

A theoria e as demonstrações virão depois; ou se as antecipamos, será só para os alumnos que presumem muito de si, julgando tudo comprehender e saber. A estes perguntar-se-lhes-ha o *como* e o *porque* de cada operação, sem comtudo presentirem que queriamos embaraçal-os ou humilhal-os. Para a theoria, veja OPERAÇÕES. O calculo pratico deve produzir este resultado: prompta solução, intelligencia dos signaes e formulas, boa disposição e limpeza nas operações. Eis o quadro das questões mais usuaes, principalmente para o proprietario:

(Veja o quadro da pagina seguinte)

LIVRO D'ASSENTO (Exemplos d'escripturação por partidas singelas)

DATAS	OBJECTOS VENDIDOS OU COMPRADOS DESPEZAS, JUROS OU SALARIOS	RECEITA	DESPEZA	MEIOS DE SOLUÇÃO	FORMULAS PARA EFFECTUAR
Jan. 4	Vendido: 4 traves tendo cada uma 6m,50 de comprimento, 0m,36 de largura, 0m,30 de espessura, a 3$500 rs. o metro cubico................	92$280	»	1 metro cubico...3$500 rs. 6,50×0,30×0,30,×4m. c....x.	3$500 rs.×28m. c.,08=
6	Vendido: 1.º 45 hectolitros de trigo a 45$500 rs. cada 10 hectolitos......	204$750	»	10 hectol...45$500 rs. 45 hectol...$x$.	$\frac{45\$500 \text{ rs.} \times 45}{10}$
	2.º 4 vitellas a 20$500 rs. cada uma, compradas por 60$000 rs.........	22$280	»	1 vitella...20$500 rs. 4 vitellas...$x$.	20$500 rs.×4=60$000 rs.=
	3.º 14 bilhas de leite de 16 litros e meio cada uma, a 45 rs. o litro....	10$395	»	1 litro...45 rs. 14×16l,5...x.	45 rs.×231=
9	Recebido: juro de 250$000 rs. (2 an- [illegible]	[illegible]	[illegible]	100 rs... 1 anno... 5 rs. [illegible] 2 annos...x.	$\frac{5 \text{ rs.} \times 250\$000 \times 2}{100}$

	postos na obra, a 450 rs. o metro cubico........................	»	16$200	45×8 hectol. . . *x*.	10
13	Comprado: 2 hectolitros e meio de aveia para semeadura, a 1$500 rs. o hectolitro....................	»	3$750	1 hectol. . . 1$500 rs. 2 hectol., 5...*x*.	1$500 rs. ×2,25=
15	Pago: ao criado João, 8 mezes e meio de soldada na razão de 36$000 rs. por anno......................	»	25$150	365 dias... 36$000 rs. 255 dias... *x*.	36$000 rs. ×255= ――― 365
25	Comprado: 1.º 3 duzias de pratos de porcelana a 1$200 rs. cada duzia ..	»	3$600	1 duzia...1$200 rs. 3 duzias...*x*.	1$200 rs. ×3=
	2.º 9 hectolitros de sal a 280 rs. cada hectolitro......................	»	2$520	1 hectol. . . 280 rs. 9 hectol. . . *x*.	280 rs. ×9
Fev. 8	Vendido: 1.º 56 barrotes tendo cada um as dimensões, 4m,30, 0m,22 e 0m,15 a 2$250 o metro cubico	17$878	»	1m. c....2$250 rs. 4,30×0,22×0,15×56...*x*.	2$250 rs. ×7m. c.,946=
	2.º 35 carneiros a 1$850 rs. cada um, comprados a 1$050 rs. Ganho.....	28$000	»	1 carneiro...1$850 rs. 35 carneiros...*x*.	1$850 rs. ×35 1$050 rs. ×35 ――― Ganho 800 rs. ×35=28$000 rs.

2. Este quadro serve de exemplo para mostrar aos alumnos como se assentam as vendas e compras, como se faz a escripturação por partidas singelas, e como de prompto se póde averiguar o estado dos nossos negocios, fazendo em cada mez o balanço da receita e despeza. — Como exercicios, poderemos impôr aos alumnos que disponham pela mesma fórma as seguinte notas, e que façam o balanço em separado de cada mez.

Fevereiro. Vendido: 32 hectol. de trigo a 22$500 rs. cada 5 hectol.; — 136 ovos, a 140 rs. a duzia, e 34 litros de leite, a 45 rs. o litro. — Recebido: juro de 148$500 rs. (70 dias) a 5 %. — Pago: 15 hectol. de cal em pó, a 1$550 rs. a barrica de 3 hectol.; — 47 kilogram. de grãos de trevo limpo, a 140 rs. o kilogram. — 15 jornaes, a 310 rs.; — 4 kilogram. 1/2 de assucar a 140 rs. o arratel (459 grammas).

Março. Vendido: 1050 mólhos de vides, a 950 rs. o cento; — uma partida de 1660 lit. de vinho tinto, a 18$000 rs. a quartola de 228 lit.; — 6 cordeiros, a 850 rs.; frangos: 2 pares, a 280 rs., e 3, a 250 rs. — Recebido: juro de 80$850 rs. (7 mezes), a 5 %. — Pago: um muro de cerca tendo 1m,30 d'altura, 35m,40 de comprimento em dous lados, e 26m,80 nos outros dous, a 1$300 rs. o m. q.; — 25 kil. de luzerna para semeadura, a 120 rs.; — 28 dias de soldada ao criado Pedro, na razão de 48$000 rs. por anno; — prestação semestral de contribuição predial, calculada sobre o rendimento collectavel de 1:450$000 rs., com a percentagem de 12,612 e addicionaes de 40 % para viação e 2 % para falhas.

Abril. Vendido: 340 taboas de pinho, comprimento 2m,65, largura 0m,40 cada uma, a 210 rs. o metro quadrado; — 30 hectol. de vinho branco, a 240 rs. o litro; — 3 juntas de bois, pesando cada uma 460 kilogram., a 350 o kilogram.; — 9 gallinhas, a 850 rs. o par. — Recebido: juro de 50$500 rs. (4 annos e 5 mezes), a 5 %. — Pago: ladrilhado de um terrado quadrado de 7m,80 de lado, a 1$000 o metro quadrado; — 8kil.,500 de vacca, a 300 rs. e 6kil.,500 de vitella a 320 rs. o kil.; — 3m,60 de panno, a 1$650 rs. o metro. Ao ferreiro: 40 kilogram. de ferro a 90 rs. o kilogram. e 15 jornaes, a 320 rs.

Maio. Vendido: 65 carvalhos no pé, tendo de comprimento 7m,30, e 0m,85 de volta na circumferencia media, a 7$500 rs. o stere; — 25 saccos de cevada, pesando todos 1250 kil. a 2$550 rs. cada 100 kil.; — 10 patos, a 880 rs. o par. — Pago: ladrilhado de uma loja rectangular, de 6m,50 e 5m,40 de dimensões, com tijolos quadrados de 0m,16 de lado, a 4$500 rs. o cento; — 3 hectol. 1/2 de semente de linho, a 1$950 o hectol.; — 2 pares de sapatos, a 2$200 rs. o par. — A minha irmã: 180$000 rs. com o juro de seis mezes.

Junho. Vendido: uma pilha de achas tendo as dimensões, 4m,50, 1m,30 e 0m,70, a 1$150 rs. o stere; — 37 hectol. de milho, a 550 rs. cada 25 litros; — 5420 kilogram., a 130 rs. cada 50 kilogram. — Recebido: juro de 4 obrigações prediaes, de 6 %, valor nominal 90$000 rs. — Pago: papel pintado para forrar as quatro paredes d'um quarto que tem 18m,80 de perimetro e 4m,30 de altura a 360 rs. o metro quadrado; — 3 carneiros que morreram de epizootia, avaliados em 2$800 rs. cada um; uma teia de panno de linho de 26m,80, a 780 rs. cada 2m,40; — concertos em ferramentas de lavoura, 13$550 rs.

Julho. Vendido: 25 carros de matto, a 3$800 rs. cada carro; — 60 litros de vinho velho a 20$000 rs. o hectol.; — feno no campo 7h.a.,67, a 9$500 rs. cada 38 ares; — frangos, 3 pares, a 320 rs., e 5 pares, a 350 rs. cada par. — Recebido: juro de 967$500 rs. empregados em inscripções cotadas a 48 3/8, correspondente ao semestre. — Consummo no semestre: 180 mólhos de vides a 210 rs. cada 25, e 5 steres de lenha, a 750 rs. o stere; — 8hect.,50 de trigo, a 5$000 rs. o hectol., e 12 hectol. de milho a 3$500 rs. o hectol.; — 670 litros de vinho, a 150 rs. o litro; — 28 duzias de ovos, a 120 rs. a duzia; — 90 litros de leite, a 45 rs. o litro; — 8 kil. de queijo, a 500 rs. o kil.; 4 jantares em hospedaria, a 1$500 rs.

AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
Luzerna no campo	*Trigo*	*Rendas e juros*	*Aterros*	*Panno*
—	—	—	—	—
38 ares... 7$500 rs.	$10^{h.l.}$... 45$000 rs.	100 rs... 1 anno... 5 rs.	740 obr... 4 d... 860^{m}.	15 met... 30$000 rs.
$7^{h.a.}$, 65... x.	monte de $7^{m.c.}$, 820... x.	240$000 rs. . 3 annos... x.	60 obr... 20 dias... x.	60 metros... x.
	Peso			
1 are... 950 rs. $730^{m.q.}$... x.	1 hectolitro... $79^{k.gr.}$ 7 metros cubic... x.	100 rs... 1 anno... 5 rs. 250$000 rs... 8 mezes... x.	30 obr... 567^{m}... 18 d. 17 obr... 780^{m}... x.	60 met... 120$000 rs. 15 metros... x.
	Lenha			
$45^{m.q.}$... 530 rs. $13^{h.a.}$... x.	1 dec. st... 340 rs. 7 metros cubicos... x.	100 rs... 1 anno... 5 rs. 60$000 rs... 65 dias... x.	4 obr... 8 d. 12 h... 86^{m} 9 obr... 5 d. 10 h... x.	15 metr... 30$000 rs. x... 120$000 rs.
	Vinho			
$1^{h.a.}$... 60$000 rs. 15^{m}, 60×36^{m}... x.	912 litr... 40$000 rs. 3 hectolitros... x.	100 rs... 1 anno............ 5 rs. 80$000 rs... 3 an. 5 mez. 8 dias... x.	87 obreiros... 17 dias. 15 obreiros... x.	x... 30$000 rs. 60 met... 120$000 rs.
—	—	—	—	—
(Veja ARE).	(Veja LITRO e STERE).	(Veja JURO).	(Veja PROBLEMAS).	Para provas.

3. Este modo abreviado de formular as questões facilita aos alumnos a determinação das relações que ligam entre si as quantidades conhecidas e incognitas; isto é, mostra-lhes a estructura dos problemas ainda os mais complicados; ao professor, serve-lhe de methodo rapido e luminoso para a pratica do systema metrico decimal; e permitte-lhe variar indefinidamente as questões, quer mudando simplesmente os valores dos dados, quer supponido successivamente incognitas cada uma das tres quantidades dadas; o que serve, ao mesmo tempo, mutuamente de prova aos problemas. (Veja columna *dezembro*). Dispostos assim os problemas, determina-se facilmente a incognita pelo *methodo de reducção á unidade*. Observe-se que todas as questões relativas á proporcionalidade das grandezas se reduzem a determinar o valor da quantidade homogenea com a incognita, correspondente á unidade das outras quantidades. Tomemos para exemplo o primeiro problema da columna *dezembro;* discorreremos assim: Se 15 metros de panno custam 30$000 rs., *um* metro custará 15 vezes menos, ou $\frac{30\$000}{15}$; e se um metro tem este valor, 60 metros custarão 60 vezes mais, isto é, $60 \times \frac{30\$000}{15}$, ou, pela regra da multiplicação das fracções ordinarias, $\frac{60 \times 30\$000}{15} = 12\$000$ reis. — Uma cousa que embaraça frequentemente os alumnos é não estarem as quantidades homologas referidas á mesma unidade, como no exemplo (columna *setembro*): 10 hectolitros custam 45$000 rs.; qual é o custo de $7^{m.c.}$,820? Antes de discorrer como fica dito, devemos reduzir as duas quantidades homogeneas conhecidas á mesma unidade: ora $7^{m.c.}$,820 conteem 7820 decimetros cubicos ou litros, e portanto, reduzido a hectolitros, dá $78^{h.l.}$,20. Agora o problema reduz-se ao primeiro caso: 10 hectolitros custam 45$000 rs.; qual é o custo de $78^{h.l.}$,20? (Veja SYSTEMA METRICO e cada uma das unidades metricas).

Observe-se que o methodo de reducção á unidade resolve geralmente todas as questões, qualquer que seja o numero de grandezas de que dependam, comtanto que essas grandezas sejam ligadas entre si pela *lei de proporcionalidade*. (Veja regra de TRES e de PROPORÇÃO).

CALDERON DE LA BARCA (D. Pedro). Celebre poeta dramatico hespanhol (1600-1787). Compoz a sua primeira peça, na idade de 14 annos; e, assentando praça aos 25, cultivou a poesia sem implicancia da milicia. Philippe IV chamou-o á côrte, quando o talento lhe deu nome; favoreceu-o liberalmente, e facilitou-lhe a representação das suas comedias. Por 1652, tomou ordens, e foi nomeado conego no cabido de Toledo. Desde então renunciou ás glorias do theatro, ou compoz apenas dramas religiosos. Em todas as suas obras, que são muitissimas, reluz extraordinario engenho e fertil phantasia; mas abaste-nos o admiral-o como insigne poeta, e não o imitemos quanto a gosto, pois que elle ou ignorou ou desprezou as regras da arte.

2. «D. Pedro Calderon de la Barca foi espirito por tanta maneira fecundo, e escriptor tão operoso como Lope de Vega, e mais levantado poeta, se ainda houve quem tal nome merecesse. Renovam-se n'elle em escala mais subida o dom de accender enthusiasmo, o imperio sobre as plateias, e, para que em pouco o diga, um milagre da natureza. Os annos de Calderon marcham de par com os do seculo XVII. Orçava pelos 16, quando morreu Cervantes, e 35 ao fallecimento de Lope de Vega, a quem sobreviveu por espaço de 50 annos. Em quatro principaes classes se dividem as suas peças: as sacras, cujos assumptos são colhidos na Escriptura ou nas lendas; as historicas; as mythologicas, de assumpto fabuloso; e em fim os transumptos da moderna vida

social... Todavia, onde mais energicos realçam os sentimentos de Calderon é nas sacras. Os amores d'esta vida descreveu-os vagamente, fallando só a linguagem poetica da paixão. Amor verdadeiro e muito seu é a religião, que toda a alma lhe incendeia. Mediante esse sublimado affecto se nos insinua no coração, e como que dentro do seio lhe abrimos reservados arcanos de commovidos affectos. Este prosperado espirito, esquivando-se ao labyrintho das duvidas, acoutou-se no inviolavel refugio da fé. Do regaço da paz, contempla e pinta as borrascas da vida. Com o facho da religião penetrou todos os mysterios do destino humano, a dôr, tão enigmatica para outros, as lagrimas que elle compara ao rocio das flôres, onde se espelha o céo...» (Schlegel, *Curso de litteratura dramatica*, t. III). Veja SCHLEGEL. — Dicte-se a 2.ª lição.

CALENDARIO. 1. O calendario compõe-se da serie dos dias do anno tropico, distribuidos em estações, mezes e semanas. O anno tropico é o tempo que a terra emprega em percorrer a sua orbita ao redor do sol, ou, por outras palavras, o intervallo de tempo decorrido entre duas passagens successivas do sol pelo equinoxio da primavera. O anno sideral é o intervallo de tempo decorrido entre duas passagens successivas do sol pela mesma estrella. Para comprehender a differença que ha entre estas duas especies de annos, é preciso saber-se que o equinoxio não conserva a mesma posição entre as estrellas, mas que em cada anno se desloca em sentido contrario á ordem dos signos do zodiaco. Esta retrogradação ou precessão do equinoxio opera-se pois d'oriente para occidente; é mui lenta, apenas mede 50,2 segundos de grau por anno. Comtudo, já sobe a 30 graus, ou um signo do zodiaco, desde os antigos gregos (289 annos antes de Jesus Christo); de sorte que o equinoxio da primavera, que n'esta época se achava na origem da constellação do Aries, acha-se hoje na dos Peixes. Por este calculo, o equinoxio percorrerá todo o zodiaco n'um periodo de 26000 annos. O anno sideral excede pois o anno tropico o tempo que o sol gasta em percorrer o arco de retrogradação de 50,2 segundos; isto é, excede 20 minutos e 20 segundos de tempo. Com effeito, a duração exacta do anno sideral expressa em dias solares medios é de 365 dias, 6 horas, 9 minutos e 11,5 segundos; e a do anno tropico é de 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 51,6 segundos, ou 365 dias e 6 horas, com 11 segundos aproximadamente, por excesso. O anno civil formado de 365 dias é menor que os annos tropico e sideral um quarto de dia aproximadamente; d'onde resulta que, no fim de quatro annos, aquelle anno tem o avanço de um dia em relação ao tempo verdadeiro. Julio Cesar, reconhecendo este erro, mandou ajuntar, de quatro em quatro annos, um dia ao mez de fevereiro do quarto anno, intercalado entre o vigesimo quarto e vigesimo quinto d'este mez; o que originou os annos bissextos.

Todavia, esta intercalação dá ao anno civil, relativamente ao anno tropico, um augmento de 11 minutos e 8 segundos, ou 44 minutos e 34 segundos no periodo de quatro annos; de sorte que no fim de 400 annos haverá aproximadamente um excesso de 3 dias. Para obviar este inconveniente, Gregorio XIII, em 1582, determinou que em quatro annos seculares consecutivos, houvesse tres annos communs, ficando bissexto o anno, cujo numero de ordem tivesse as centenas exactamente divisiveis por quatro. Com esta modificação, o valor medio do anno civil ficou reduzido a 365 dias, 5 horas, 49 minutos e 12 segundos, que excede ainda o anno tropico apenas a quantidade 20,4 segundos; differença que só ao cabo de 4000 annos attinge um dia. É n'isto que consiste a reforma gregoriana. O calendario gregoriano foi adoptado por todas as nações christãs, excepto pelos gregos e russos que seguem ainda o calendario juliano; d'onde resulta que as datas d'estes

povos não concordam com as nossas.

Em 1582 a reforma gregoriana estabeleceu a differença de 10 dias entre as datas dos dous calendarios. O anno secular de 1600, que ficou bissexto no novo calendario, fez conservar esta differença até ao fim do seculo XVII; mas o anno secular de 1700, bissexto no calendario juliano, tornou-se commum no gregoriano, o que augmentou um dia á differença; finalmente, pela mesma razão, em 1800 augmentou ainda n'um dia, e é actualmente de 12 dias. Assim, por exemplo, o primeiro de setembro corresponde para nós a 13 do mesmo mez.

Quando se cita uma data juliana, para evitar ambiguidade, escrevem-se as duas datas; por exemplo: $\frac{1}{13}$ de setembro, $\frac{\text{26 de setembro}}{\text{8 de outubro}}$. Tambem se empregam, para o mesmo fim, as palavras: *estylo antigo*, escriptas entre parenthesis ao lado da data juliana.

As denominações actuaes dos mezes são as mesmas que as do anno dos romanos, instituido por Numa e reformado por Julio Cesar. Porém, a designação dos dias em cada mez, era differente. Em vez de numeros crescendo regularmente desde o principio até ao fim de cada mez, os mezes romanos estavam divididos em tres periodos desiguaes: *calendas*, *nonas* e *idos*. As calendas (origem da palavra calendario) representavam invariavelmente o primeiro dia de cada mez; as nonas, designavam o dia 7 dos mezes de março, maio, julho e outubro, e o dia 5 dos outros mezes; os idos, o dia 15 d'aquelles mezes, e 13 dos outros. Os outros dias designavam-se por numeros que indicavam a precedencia em relação ao mais proximo d'estes tres dias particulares. Por exemplo: *Quinto nonas*, cinco dias antes das nonas; *sexto idus*, seis dias antes dos idos; *decimo nono calendas februarias*, dezenove dias antes das calendas de fevereiro, isto é: 14 de janeiro. No mez de fevereiro de 29 dias, repetia-se o *sexto calendas martias*; isto é, o dia seguinte a este denominava-se *bissexto calendas martias*. É esta a origem da denominação de anno bissexto dado ao anno de 366 dias.

2. A lua serve no calendario para fixar a posição de certas solemnidades religiosas, chamadas *festas mudaveis*, porque teem lugar em épocas variaveis calculadas pela data do dia da Pascoa, que o concilio de Nicea (325) fixou no primeiro domingo da lua cheia depois de 20 de março. Taes são: a Septuagesima, 63 dias antes da Pascoa; a quarta feira de Cinza, 46 dias antes; a Ascensão, 40 dias depois; o Pentecostes, 50 dias depois; a Trindade, 57 dias depois; o Corpo de Deus, quinta feira depois da Trindade. As outras festas teem sempre as mesmas datas: a Epiphania, em 6 de janeiro; a Assumpção, em 15 de agosto; o dia de Todos os Santos, no 1.º de novembro; o Natal, em 25 de dezembro.

Meton, astronomo atheniense (seculo V antes de Jesus Christo), descobriu que 235 lunações perfazem 19 annos. Este periodo ou cyclo lunar foi gravado em letras de ouro nos muros do templo de Minerva; e d'aqui vem a denominação de *aureo numero* ao numero de ordem d'um qualquer anno no cyclo lunar. Para achar o aureo numero, observaremos que o cyclo lunar começou um anno antes da era vulgar; por consequencia, ajuntando uma unidade á era dada, e dividindo o resultado por 19, o resto obtido será esse numero. Por exemplo: para 1873, o aureo numero é 12. Quando o resto fôr zero, o aureo numero é 19. — Chama-se *epacta* o numero de dias que é necessario ajuntar ao anno lunar para completar o anno solar. Como o anno solar excede 11 dias o lunar, a epacta vai augmentando successivamente 11; porém, quando a somma excede 30, considera-se intercalado um mez lunar, e toma-se para epacta o excesso da somma sobre 30. A epacta de um dado anno póde ser mui simplesmen-

te determinada pelo aureo numero. Eis a regra: Subtrahe-se uma unidade ao aureo numero do anno proposto, multiplica-se esta differença por 11, e divide-se o resultado por 30; o resto é a epacta do anno. Esta regra contém erros, que, posto tenderem a compensar-se, não se annullam completamente: a differença dos erros monta a um dia, ao cabo de 222 annos aproximadamente. Para fazer desapparecer este erro, a igreja, desde a reforma gregoriana, estabeleceu duas especies de correcções: uma, chamada *metemptore* (recúo), consiste em diminuir n'uma unidade a epacta de cada anno secular não bissexto, isto é, 3 vezes em 400 annos; a outra, chamada *præmptore* (avanço), consiste pelo contrario em augmentar n'uma unidade a epacta do anno secular contado de tres em tres seculos (em 1500, 1800, 2100, etc.) Assim: em 1800, as duas correcções compensam-se, e por isso a regra dá sem modificação o valor das epactas desde esta era até 1900; em 1900, as epactas calculadas pela regra deverão ser diminuidas n'uma unidade, mas não terão outra modificação até 2200.

Por meio da epacta póde-se facilmente determinar o dia de Pascoa d'um dado anno. Eis uma regra: determine-se o dia (44 — epacta) de março, se a epacta é menor que 24, ou o dia (43 — epacta) d'abril, se é maior; obteremos a data da lua cheia ecclesiastica; o domingo seguinte será o dia de Pascoa. Quando a epacta fôr 24, toma-se 25; e se, ao aureo numero maior que 11, corresponder uma epacta igual a 25, deve tomar-se para epacta o valor 26. Subentende-se que quando a differença 44 — epacta exceder 31, diminue-se-lhe este numero, e toma-se em abril a data que o resto indicar. Appliquemos ao anno de 1873. O aureo numero é 12; a epacta é pois o resto de $\frac{(12-1)\times 11}{30}$ ou 1; a data da lua cheia ecclesiastica será em (44 — 1) de março, isto é, 12 d'abril: o primeiro domingo, 13 de abril, é a Pascoa.

A Pascoa tem por limites os dias 22 de março e 25 de abril: póde pois cahir em 35 dias differentes.

CALHANDRA. (Veja PASSAROS).

CALOR. Por fins do seculo passado, quando os sabios de França reformaram a nomenclatura chimica, houve idéa de ser a causa do calor um fluido particular combinado com os atomos da materia, fluido que se denominou *calorico*, reservando-se o antigo nome *calor* para designar a sensação que produz em nosso organismo aquelle fluido. Depois, porém, novas e mais rigorosas observações feitas nos phenomenos do calor, estabeleceram que as variações do calor não se devem á accumulação de um fluido nos corpos ou á sua perda, mas sim ás agitações vibratorias de um fluido analogo. — Um dos mais notaveis effeitos do fluido sobre todos os corpos, é a mudança de volume que produz n'elles. Em geral, um corpo aquecido, augmenta seu volume: — é o que se chama *dilatação*; um corpo, que esfria, diminue em volume: é o que se chama *contracção*. Um e outro se fazem conforme as tres dimensões dos corpos. Tomaram-se estes effeitos como medida do calor sensivel ou da temperatura dos corpos, e os instrumentos para esse fim imaginados chamam-se *thermometros*. (Veja esta palavra e TEMPERATURA) A fracção que exprime a dilatação de uma unidade de longitude por um grau de aquecimento chama-se *coefficiente de dilatação*. É preciso dobral-o para ter o coefficiente da dilatação em superficie, e triplical-o para haver o da dilatação em volume. A capacidade de um vaso dilata-se precisamente como aconteceria a um mesmo volume cheio da substancia do vaso. Pelo que a dilatação real do liquido contido em um vaso é igual á sua dilatação apparente, augmentada por toda a dilatação real do vaso. Os metaes, e geralmente os corpos solidos, dilatam-se menos que os liquidos, e muito menos que os gazosos. Assim, passando da temperatura da

fusão do gelo á da agua em ebullição, o ferro augmenta cerca de $^1/_{250}$ do seu volume primitivo, o mercurio $^1/_{55}$, e o ar 12. Se, respeito aos metaes, só se considera o acrescimo em comprimento, observa-se que aquecido até á temperatura da agua fervente, o ferro distende-se cerca de 0,^{m}0012 por metro, o cobre e latão 0,^{m}0018, o estanho 0,^{m}002, e o zinco, para mais de 0,^{m}003. — Aproveita-se esta desigualdade de dilatação dos metaes para fazer o que se chama *pendulas compensadoras.*

Uma pendula simples augmenta ou diminue de comprimento conforme a temperatura, e d'esta acção resulta andar o relogio mais rapido em tempo frio, e mais lento em tempo de calor. A pendula compensadora, formada de peças de variados metaes com dilatação diversa e dispostas de modo que se dilatem em sentidos oppostos, corrige aquelle defeito quasi inteiramente. D'ahi vem existirem pendulas em relogios que apenas variam alguns segundos por anno.

2. Por effeito da accumulação do calor nos corpos, os fazemos passar do estado solido ao liquido, e do liquido ao gazoso, e reciprocamente se fazem volver do estado gazoso ao solido. (Veja TRANSFORMAÇÃO DOS CORPOS). Quando os corpos passam de um estado a outro, absorvem ou soltam certa quantidade de calor sem que soffram na temperatura alguma variante apparente. Se misturamos 1 kil. de gelo a 0°, e um kil. de agua a 75°, obtemos, depois da completa fusão do gelo, 2 kil. de agua em temperatura de 0°; assim, pois, se fundiu o gelo, sem mudar de temperatura, e a agua quente perdeu 75° de calor, que foi absorvido pelo gelo; este calor absorvido e como disseminado na massa liquida resultante da fusão, chama-se *calor latente* (de *latere*, esconder) em opposição ao calor sensivel ou thermometrico que nos impressiona os orgãos. — No calculo das temperaturas de semelhantes misturas, deve considerar-se o gelo em zero como a agua liquido em 75 graus abaixo de zero. Produzem-se grandes frialdades pela mistura de dous corpos capazes de se liquidificarem mutuamente. De modo que do gelo em zero e do sal commum, reagindo-se reciprocos, e liquidificando-se, resulta frio de cerca 20 graus abaixo de zero: é o que se chama *mistura refrigerante.* São conhecidas em chimica estas misturas que produzem ainda mais intensos frios. Faz-se um frio maior dissolvendo em agua nitrato de ammoniaco; este frio é capaz de congelar a agua contida em um vaso posto em meio do refrigerante, e d'esta arte se fabríca o gelo no estio.

3. Todos os corpos expedem raios de calor que se propagam com extrema rapidez. A existencia d'estes raios prova-se, já directamente, recebendo a impressão subita de um foco de calor, já mediante espelhos concavos que concentram os raios em um ponto determinado, chamado *foco,* onde produzem tão intenso calor que é capaz de incendiar ou fundir certas substancias, o que ainda demonstra que os raios do calor são capazes de reflexão como a luz.

Este calor, chamado *radiante*, é em parte absorvido e parte reflectido. A força radiante ou emissiva existe indistinctamente em todos os corpos. Contrapõe-se-lhe a força absorvente que actua de continuo para restaurar as perdas da primeira. Além d'isto, os corpos tem em geral uma força reflexa, pela qual expedem, sem absorvel-a, porção maior ou menor do calor radiante que recebem das superficies circumpostas. As forças emissiva e absorvente são entre si iguaes, quer dizer que os raios tem igual facilidade em sahir dos corpos e penetral-os; pelo que, os metaes polidos são os que tem menos força emissiva e absorvente, pois tem muito maior força reflexiva : isto explica o motivo de se elles aquecerem e esfriarem mais morosamente que os outros corpos. Em um circuito de temperatura uniforme a radiação existe do mesmo modo, e todos os pontos recebem tantos raios quantos emittem. Se uns corpos tem diversa temperatura dos outros, os mais quentes radiam mais do que re-

cebem, e por conseguinte esfriam; ao envez, os corpos frios recebem mais do que radiam, e aquecem: esta permutação desigual subsiste em quanto o equilibrio se não restabelece. A formação do orvalho é um dos effeitos da radiação nocturna para os espaços celestes. Quando o céo está sereno, a superficie do sol radia para o espaço, que lhe envia menos calor. O orvalho é o vapor das camadas inferiores da atmosphera que se deposita durante a noite na superficie dos corpos, em consequencia do seu esfriamento. Não vem do alto, como se diz vulgarmente: vem do mais infimo da athmosphera. A presença das nuvens obsta á reproducção do orvalho, porque as nuvens empecem todo ou parte do calorico, que a terra emitte, e o revertem para o solo. (Veja METEOROS).

Redacção. Causas do calor.—Dilatação dos corpos.—Calor latente e misturas refrigerantes.—Calor radiante e formação do orvalho.

CALPURNIO. Nemesio e Calpurnio, coevos e amigos, viveram reinando Caro (seculo III depois de Jesus Christo). Aquelle principe, caroavel de poesia, pleiteou o premio a Nemesio, e foi vencido. O opprobrio da derrota não lhe impediu exalçar ás honras o seu feliz emulo, e Nemesio declinou aquella rara generosidade para o seu amigo Calpurnio, que vivia indigentissimo, bem que fosse poeta insigne. Então se viu um lance que nunca devia delir-se da memoria de homens doutos e virtuosos: um grande imperador locupletar de dadivas o poeta que mais lhe vulnerára o amor-proprio, e um author distincto apontar á mais brilhante côrte do universo aquelle que poderia supplantal-o. No entanto, Calpurnio, todo apontado á gratidão, não cessou de considerar Nemesio seu Mecenas, que, em recompensa, o considerava o seu Virgilio. D'est'arte, antigamente, os litteratos se mutuavam justiça, generosidade e reconhecimento. Temos sete eclogas de Calpurnio, nas quaes elle tentou prosperamente imitar Virgilio. Citaremos um fragmento da *Elegia na morte de Melibeo:*

2. «Se as almas bemaventuradas habitam os templos celestiaes (*templa cœlestia*), se se deliciam na contemplação do mundo (*mundoque fruuntur*), ó Melibeo, escuta as minhas vozes. Ai! ó Melibeo, ao alvejar das cans (*canente senectá*) eis-te gelado pelo frio da morte (*letali frigore segnis*), victima da lei commum. Teu coração desbordava de inteireza (*plenum tibi ponderis æqui pectus erat*); saboreavas-te em ser juiz das nossas contendas (*componere lites*) e conchavarnos. Tu prescrevias o respeito que á justiça se deve, e abalisavas as extremas dos nossos campos (*ambiguus signavit terminus agros*). Transluzia-se-te no semblante amavel magestade (*blanda tibi vultûs gravitas*) e certa altivez temperada por brandura (*et mite serenâ fronte supercilium*); mas ainda era mais affavel tua alma que o teu aspecto (*sed pectus mitius ore*). Tu foste quem, ensinando-nos a ligar canudos de cana com cêra, e a insufflar-lhes os sons, nos déste o remedio com que se illude a tristeza (*duras docuisti fallere curas*); tu apremiavas com dadivas os que se distinguiam nos cantares. Muitas vezes para nos alentares, apesar de provecto, fazias resoar na avena de Apollo alegres toadas. Ó ditoso Melibeo, adeus! (*felix ó Melibœe, vale!*) Apollo, que estanceia por nossas varzeas, colha o oloroso loureiro, e o deponha sobre tua campa; levem-te os faunos seus modestos dons em racimosos cachos (*de vite racemos*), dos caules das searas (*de campo calamos*), dos fructos de todas as arvores (*omnique ex arbore fructus*); levem-te mel as Nymphas (*mella ferunt Nimphæ*), e corôas variegadas Flora (*pictas dat Flora coronas*); em fim, como suprema honra concedida aos teus manes, dedicam-te seus versos os poetas (*dant carmina vates*) e nós, singelos pegureiros (*pastorum populus*), os sons de nossas flautas (*modulamur avenâ*). Vêr-se-hão as phocas pascer nas aridas charnecas, os teixos porejarem mel, e as estações inverterem-se, e o torvo inverno a

madurar searas, e o estio os olivedos, e o outono os jardins, e a primavera o nectar de Baccho, antes que a minha avena, ó Melibeo, cesse de celebrar teus louvores.»

CALUMNIA. A maledicencia publíca os vicios, a calumnia inventa-os; eis a differença. É ulcera incuravel porque a calumnia alastra-se como nodoa de azeite. A mancha resiste ao esforço que a quer delir. «Não conspurqueis a lingua com a calumnia, porque as palavras secretas virão um dia a lume, e a bocca que mentiu causará a morte da alma.» (*Sabedoria*, I, 11). «Não quereis que vos malsinem de inventor da calumnia; mas quantas vezes authorisaes os calumniadores, dando-lhes criminoso assentimento, provocando-os com applausos, e aceitando assim a cumplicidade e responsabilidade de todas as suas supposições!» (Bourdaloue, *Sermões*). «Quem se sustentar socegado na alma em borrasca de calumnia vai já longe na vereda da perfeição.» (*Espirito de S. Francisco de Salles*).

2. O menino, que descuriosamente observamos, e é rudemente punido, se de sobresalto o achamos culpado, e, cada vez mais vicioso, se volve a final mentiroso e ladrão, está a pique de ser calumniador. Supponhamos que pratíca um furto, e vê que um terceiro é suspeito de haver sido o ladrão: elle apoiará a suspeita; e, se vingou desviar o golpe que o ameaçava, muitas vezes recorrerá á delação e á calumnia. — Paes bons e bons mestres previnam estes defeitos, dando-lhe um viver suave e intimo por onde o menino nunca se verá em apertos de dissimular e mentir. Se estes cuidados fallecerem, a calumnia se irá corrigindo, ainda assim, com o conhecimento e amor da justiça.

CALVINO. (Veja DECIMO-SEXTO SECULO).

CAM (Diogo). (Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

CAMALEÃO. (Veja REPTIS).

CAMBRAI. (Veja FLANDRES).

CAMBYSES. (Veja SEXTO SECULO).

CAMÊLO. (Veja ARABIA e RUMINANTES).

CAMÕES (Luiz de). Celebre poeta portuguez (1524-1580) de geração fidalga, mas pobre, malquistado por intrigas de aulicos, e, por amor d'isso, desterrado, entrou na milicia por desgosto, e pelejou em Africa onde perdeu um olho n'um ataque a Ceuta. Em 1553 fez-se de vela para a India, e demorou algum tempo em Goa, d'onde foi exilado para Macáo por ter satyrisado em verso o viso-rei. N'este desterro compoz o poema que o immortalisou, os LUSIADAS, onde canta a gloria dos portuguezes (*lusitani*, em latim), e as excursões de Vasco da Gama, celebre navegante. (Veja NAVEGADORES). Chamado do seu exilio, após cinco annos, naufragou na costa da Cochinchina, e salvou-se a nado, levando na mão, que emergia do mar, o manuscripto do seu poema. Voltando a Goa, onde novas perseguições o assediaram, entrou em Lisboa em 1569, e publicou a sua epopéa. Nenhum favor, porém, lhe grangeou. Esmorecido pela indigencia, expirou á volta dos cincoenta e seis annos.

2. «O sentimento patriotico de Camões, que toda a sua vida consagrou a erigir um monumento ao seu paiz; e que, já exul, já em penuria, outro pensamento não teve senão a gloria da sua terra, e terra de ingratos, isto nos commove entranhadamente. De todo o coração nos alliamos áquelle generoso arrojo, e amamos Portugal porque de tão insigne varão foi amado. — Não ha negar que o assumpto escolhido por Camões é grandioso e genuinamente heroico. Em verdade, na epopéa portugueza, o heroe é um povo, e não um homem; mas, não só é esplendida a empreza, senão que os resultados são de tamanha valia que sobredouram toda a urdidura do poema, e lhe dão interesse e vida. É o descobrimento da passagem para as Indias, a communicação travada en-

tre os paizes da nova e velha civilisação, em fim, a amplitude sem balisas da possança europeia. Resalta ahi um contraste verdadeiramente epico entre os costumes orientaes e occidentaes; e se esse contraste não resurte sempre com altos relevos, brota bellezas que farte para justificarem o assombro. Nota-se singularmente em muitas composições poeticas, e mais ainda nos LUSIADAS, a mistura do maravilhoso christão com a mythologia pagã. Marte e Minerva representam seus papeis ao lado das potencias do Christianismo. É certo que as divindades pagãs são na traça do poema personificações allegoricas e não entes reaes. Vislumbra em tudo a fé christã... (De Sismondi, *Litteratura do meio dia da Europa*).

Os louvores ao prodigioso genio de Luiz de Camões são tantos, e tão amiudados no discurso de tres seculos que já hoje em dia o repetil-os, pelos mesmos conceitos e fórmas encomiasticas, nos parece banal encarecimento. Mais util e plausivel nos avulta o esforço de alguns biographos empenhados em esclarecer os lanços menos claros da biographia do poeta. N'esta ardua lide tem mostrado ardente zelo o snr. visconde de Juromenha, o mais particularisador noticiarista da vida de Luiz de Camões. Todavia, assentando boa parte de suas innovações em conjecturas, resulta que a louvavel vontade de esclarecer se demasie em hypotheses pouco menos de inverosimeis. Está em o numero d'estas a affirmativa de residir em Coimbra por 1556, o pai de Luiz de Camões, Simão Vaz. Este mesmo é na hypothese do biographo, um tal que o corregedor de Coimbra enviava preso a Lisboa, em 1583, por ter entrado em mosteiro de freiras, e vem a ser o mesmo que em 1576, juntamente com os seus criados espancava o almotacé de Coimbra. Bastaria a despintar da phantasia do snr. visconde de Juromenha semelhante conjectura, a pobreza do filho, que recebeu 2$400 reis para se alistar na armada, em lugar d'outro, em quanto seu pai, com mais de cincoenta de idade andava por Coimbra escalando conventos, e já com mais de setenta espancava as justiças, acaudilhando criados, circumstancia indicativa de vida abastada, e orgulho de fidalgo com as posses que dão azas ao orgulho.

De todo em todo aniquila a supposição de que o mexediço Simão Vaz de Camões haja sido pai do poeta, e marido da desvalida Anna de Macedo, uma nota do snr. doutor Ayres de Campos, sobposta ao traslado da Provisão passada em 16 de maio de 1576, a respeito das injurias e offensas praticadas por Simão Vaz de Camões no almotacé. Eis a nota: «E para tambem não ficarmos culpados em passar por alto alguns outros documentos que com estes tem estreitas relações, aqui os apontamos desde já em quanto as suas integras não forem publicadas no supplemento. Assim elles vão prestar auxilio valioso, e não grande embaraço a todos os criticos illustres que, talvez fascinados por meras semelhanças de nomes e appellidos, não teem hesitado em attribuir ao turbulento cidadão conimbricense Simão Vaz de Camões, muito vivo e são em 1576, a honrosa paternidade *legitima* do author dos *Lusiadas*.» Cita mais o insigne antiquario a Vereação da Camara de Coimbra de 31 de julho de 1563 da qual se deprehende que Simão Vaz havia casado em 1562, e casára novamente. Ora, quer o *novamente* signifique segundas nupcias, quer primeiras, como alguem aventa, sem dar a razão do alvitre, é certo que esse não podia ser o pai de Luiz de Camões, que falleceu antes de sua mãi. (Veja *Indices e Summarios dos Livros e Documentos mais antigos e importantes do Archivo da Camara Municipal de Coimbra*. Coimbra, 1867, pag. 7).

Temos presente a genealogia dos Camões, manuscripto de Jorge de Cabedo, fallecido em 1602 ou 1604, e pelo tanto contemporaneo de Luiz de Camões. (Veja *Diccion. bibliog.* de I. F. da Silva, tom. IV, pag. 161).

Cabedo falla do bisavô do poeta João Vaz de Camões, que foi correge-

dor em Coimbra, e jaz em Santa Cruz.

Segue Antão Vaz de Camões (filho d'aquelle e avô do poeta) que casou no Algarve com Guimar Vaz da Gama. Menciona Simão Vaz de Camões (filho de Antão Vaz e pai do poeta) *que foi por capitão d'uma não á India, e deu á costa á vista de Goa, salvou-se em uma taboa, e lá morreu, deixando viuva Anna de Macedo, dos Macedos de Santarem.*

Faz tambem menção de outro Simão Vaz de Camões, residente em Coimbra, parente proximo do poeta, dizendo ter sido aquelle casado com Francisca Rebello, filha de Alvaro Rebello Cardoso, a qual, enviuvando, casára com Domingos Roque Pereira[1].

Estas positivas, e, só por mero arbitrio, disputaveis affirmativas escriptas por um coetaneo do poeta, elucidam, a nosso vêr, a escuridade do destino de Simão Vaz, de quem o eminente biographo D. Francisco Alexandre Lobo havia escripto: «o que se refere de Simão Vaz de Camões, pai do poeta, é muito pouco, e esse pouco muito confuso.» (*Memoria historica e critica ácerca de Luiz de Camões.* OBRAS, tom. I, pag. 28).

A tradição de haver morrido Luiz de Camões no hospital foi judiciosamente impugnada por D. Francisco Alexandre Lobo no seguinte fragmento da sua *citada Memoria:*

«Tem dito alguns, que acabou seus dias em um pobre leito do hospital. Que acabou em pobre leito, bem se pudera inferir do que consta da sua pobreza, e não se póde pôr em duvida, porque elle mesmo o deixa entender em uma das suas Cartas. Pouco faz, depois d'isso, ao caso que o pobre leito fosse o do hospital, ou o ordinario grabato em que usava jazer o poeta. Como porém esta circumstancia parece acrescentar o conceito dos seus desamparos; quem os pretende de algum modo encarecer, não se determinou a deixal-a de parte; e até se tornou em proverbio pela notoria allusão de um dos engenhos, que mais nos honraram no seculo passado[1]. Eu não me proponho encarecimentos; proponho-me sómente contar o que tenho por verdade; e esta me obriga a dizer que o fallecimento do poeta no hospital publico de Lisboa, se não é de todo falso, é pelo menos muito duvidoso. O snr. morgado de Matheus dá noticia de uma advertencia manuscripta, que achou no exemplar dos *Lusiadas* pertencente a lord Holland, cujo author attesta de vista que Luiz de Camões morreu no hospital. Não apparece com effeito razão grave de suspeitar, que esta testemunha ou se enganasse, ou quizesse dar aos vindouros uma errada informação em materia semelhante; e fallando absolutamente, esta consideração deveria impedir a negativa de um critico arrazoado e cauteloso. ¿Mas como póde uma advertencia manuscripta e de pessoa pouco, ou nada, conhecida, fazer frente ao que inculca, não digo já o mandar-se pedir a mortalha á Casa de Vimioso, e ser Camões sepultado na igreja de Sant'Anna[2], porém o silencio de seu antigo e familiar amigo, Manoel Corrêa; ou para melhor dizer, a confissão que faz Manoel Corrêa de não morrer no hospital o nosso poeta? Manoel Corrêa commentando a estancia XXIII, do cant. X, em que allude Camões á pouca ventura do famoso Duarte Pacheco, diz

[1] Este Simão Vaz de Camões era filho de Duarte de Camões de Tavora, filho de outro Simão Vaz de Camões, senhor do morgado da Torre. Casou Duarte com D. Izabel Lobo, filha de Ayres Tavares e Souza, de quem houve, além de Simão Vaz de Camões, Luiz Gonçalves de Camões, e D. Maria da Camara, que casou com Francisco de Faria Severim. Quanto ao Simão que viveu em Coimbra, diz o linhagista que *se casára á sua vontade,* como quem desfaz na estirpe da esposa.

[1] Garção, que foi um dos poetas modernos que mais aproveitaram com a lição de Horacio, e melhor o seguiram no genero lyrico, diz na 1.ª Satyra:

> Não sabes que das Musas Portuguezas
> Foi sempre um hospital o Capitolio?

[2] Estas são as razões, com que Faria e Souza (segunda Vida, §. 37) se termina a recusar a noticia de Camões morrer no hospital, mas não me parecem decisivas, maiormente quando não sabemos bem, qual era naquelle tempo o uso e economiados hospitaes entre nós.

assim: «o qual dizem que veio a dar em tanta pobreza depois da sua prisão, que adoecendo, foi necessario leval-o ao hospital onde morreu miseravelmente, o que tem succedido a outros muitos excellentes varões de que os lidos na historia sabem.» ¿E seria possivel, poderemos perguntar ao lêr esta ponderação, que fallecendo no hospital Luiz de Camões, o ignorasse Manoel Corrêa, que vivera intimamente com elle na mesma cidade de Lisboa? ou que sabendo-o, o não comparasse com Duarte Pacheco n'esta circumstancia, principalmente dada uma occasião tão opportuna e quasi forçosa, e comparando com Pacheco outros varões excellentes apontados nas historias? Não me parece na verdade possivel; e não acho por tanto fóra de razão affirmar, que o silencio de Manoel Corrêa vale bem, n'este caso, uma expressa confissão em contrario.»

Novos biographos auxiliados por indicações escavadas em escriptores antigos vieram em nossos dias assentir na conjectura de ter fallecido Camões na calçada de Sant'Anna, na casa que faz a esquina do beco de S. Luiz. Quem mais insistiu com bom exito, nesta hypothese, já hoje convertida em notorio facto, foi o snr. visconde de Juromenha. A pag. 149 do 1.º tomo das *Obras* de Luiz de Camões, dizia o seu benemerito biographo:

«No tempo de Faria e Souza era a opinião mais seguida que fallecera (Luiz de Camões) em uma pobre casa na rua de Sant'Anna. «Alguns dizen que el Poeta murio en un hospital. Pero los mas dizen que el murio en una pobre casita en que vivia cerca del convento de Monjas Franciscanas y de la vocacion de Santa Anna.» O padre Francisco de Santo Agostinho de Macedo, em uma biographia manuscripta, affirma que morrera em uma *casa humilde* na dita rua junto ao arco de Santa Anna, e casa da Encarnação, pegada com a ermida do Senhor Jesus da Salvação e Paz. Acrescenta Faria e Souza, que esta casa de sua residencia nunca mais fôra habitada; é notavel que ainda hoje pesa o mesmo mau destino sobre esta habitação. Se alguma vez o leitor subir esta ingreme calçada, e fatigado parar no meio d'ella, observe á sua mão esquerda uma casa em ruinas sem habitador, que faz frente para a rua e para o beco de S. Luiz, e tem o numero de policia de 52 a 54, e saiba que debaixo d'aquelles telhados por ventura curtiu a mais cruel e acerba desventura o cantor immortal da gloria dos portuguezes.»

A pag. 510 insiste o snr. visconde:

«Por muito tempo se viu uma casa em ruinas junto á ermida do Senhor da Salvação e Paz, que está pegada á casa das Commendadeiras da Encarnação, que tinha o numero de policia de 52 a 54, e com uma das frentes para o beco de S. Luiz, cuja casa era foreira a D. Aleixo de Menezes, e foi ultimamente reedificada; este predio pela descripção da biographia do padre fr. Francisco de Santo Agostinho, parece ter sido a habitação do nosso poeta.»

Perguntava em 1863 o snr. visconde de Castilho: «Seria grande custo para a camara municipal de Lisboa mandar embutir em pedra ou bronze na frontaria do predio um resumo d'esta noticia? Ha omissões que se não perdoam nem se explicam; uma d'ellas, e a mais vergonhosa, é esta.» (Nota ao drama *Camões*, tom. III, pag. 195).

Foi attendida e respeitada a justa censura do grande poeta. A legendaria casa do beco de S. Luiz, lá tem uma inscripção. Para maior e glorioso desvanecimento dos dous Castilhos, indefesos honradores de talentos esvaídos em escura pobreza, Camões tem uma estatua em Lisboa, depois das supplicas reiteradas dos dous poetas. A elles devemos tambem o estimulo que erigiu a Bocage um monumento em Setubal, honras superfluas á immortalidade dos que passaram, mas honroso preito que a si mesmos se prestam os vivos.

CAMPAN (Val de). (Veja GASCONHA).

CAMPAN (M.^{me} de). Nasceu em Pa-

riz em 1752, foi educada esmeradamente, e, muito na flôr dos annos, maravilhou os mestres com a rapidez do seu adiantamento nas linguas ingleza e italiana, em musica e arte de recitar as leituras. Nomeada aos 15 annos leitora das filhas de Luiz XV, recolheu-se á côrte de Versailles, levando embryonarios talentos á mistura com muitas puerilidades. «Um dia — conta ella algures — entretinha-me eu a andar de redor, e agacheime de repente para vêr a minha saia de sêda côr de rosa enfunada pelo vento. Estava eu n'este grave exercicio, quando o rei entrou, seguido da princeza. Quiz eu erguer-me; mas os pés trocaram-se-me de modo que fiquei estatelada no chão com a saia entufada. — Minha filha — disse o rei em gargalhadas — dou-te de conselho que reenvies ao convento uma leitora que vai á vela.» Desposando-se com M. Campan, filho do secretario particular da rainha, recebeu de Luiz XV 5:000 libras (cerca de um conto de reis) de renda dotal, e a formosa e infeliz Maria Antoinette, pouco depois casada com o delfim Luiz XVI, nomeou-a sua camareira-mór confidenciando-se-lhe, durante vinte annos. Affim, as furias revolucionarias apartaram-as para sempre, posto que M.me Campan solicitasse instantemente ser encarcerada no «Temple» com a familia real. Traspassou-a de horror o supplicio de Maria Antoinette; e, se Robespierre não cahisse, ella seguiria até ao cadafalso a sua bemfeitora, como tantos desgraçados que haviam embarcado na fatal carroça. — A fim de empregar-se em algum mister rendoso, M.me Campan abriu collegio, com tal methodo e severidade de principios, que, ao cabo de um anno, contava cem discipulas, attrahidas pelo trato de fina elegancia e acrisolada polidez d'aquelle collegio. Volvidos dez annos, concedeu-lhe o imperador o encargo de dirigir o asylo de Ecouen, onde o Estado corria com a educação das irmãs, filhas e sobrinhas dos valentes. O exito foi brilhante, quanto era de esperar de sua destreza e zelo incançavel. Trezentas meninas foram educadas n'aquelle asylo. Decahido Napoleão, esta senhora foi malsinada calumniosamente de infidelidade á sua protectora; e, como a nova realeza a desdenhasse, acolheu-se a Mantes, onde escreveu as suas *Memorias*, pungente historia anecdotica do seu tempo. É tambem d'ella o *Theatrinho*, interessante pela attractiva singeleza das moralidades, e não são menos excellentes em doutrina as *Cartas*. Por fim, escreveu o livro da *Educação* que expõe, despretenciosa e lucidamente, intuitos praticos dignos de estudo. — M.me Campan sabia educar meninas, como quasi toda a gente deseja. Dava a um tempo instrucção, graças exteriores, gosto delicado, ardente desejo de captivar por qualidades ostensivamente seductoras. O certo é que a educação recebida em Ecouen, lustrava amavelmente as educandas, que, por influencia da mestra, se casavam, e o problema de ensino, tal qual communmente se deseja, estava assim resolvido. Porém, as meninas d'Ecouen, anhelantes de se estadearem nos bailes e espectaculos, careciam talvez da recta e inflexa razão que faz uma boa senhora de casa, e a defende de enlevos perturbadores, suggerindo-lhe bons alvitres para os maridos e judicioso affecto aos filhos. Os dictames de M.me Campan, quasi todos fundados no principio da authoridade, e menos sobre a razão e consciencia, como que tendiam tão sómente a formar exterioridades honestas com bastante espirito para não passarem despercebidas. Pelo que respeitava aos predicados do coração, era isso cousa de menos monta. Semelhante principio de authoridade já Fénelon o empregára; mas applicou-o apenas em artigos de fé religiosa, ao passo que M.me Campan o applicava a tudo, quadrasse ou não, quando mais de siso fôra facultar á razão ou consciencia o cuidado de bem discernir.

CAMPECHE. (Veja LEGUMINOSAS).

CAMPHOREIRA. (Veja LOUREIRO).

CANA DE ASSUCAR. (Veja ASSUCAR).

CANAFISTULA. (Veja LEGUMINOSAS).

CANARIAS. (Veja SAHARA).

CANARIO. (Veja PASSAROS).

CANELEIRO. (Veja LOUREIRO).

CANO (Sebastião del). (Veja NAVEGADORES).

CÃO. (Veja CARNIVOROS).

CAOUTCHUC. (Veja NUTRIÇÃO).

CAPRICHOS. 1. Paulo gosta de pasteis; mas, se lh'os dão, rejeita-os. Agora quer um tambor; mas, se lh'o dão, repelle-o. Quer sahir á rua; mas, se lhe propõem um agradavel passeio, diz que quer ficar em casa. Alegre e triste sem motivo, quer e não quer, affirma e nega, muda instantaneamente de semblante e de linguagem; agora é uma ventoinha bafejada a sabor do capricho, logo, fica para ahi soturno e carregado como um penedo, testudo e teimoso que chega a fazer lastima. Em menino, foi, como o vulgar das crianças, caprichoso de instincto, por volubilidade de idéas e raciocinio inexperiente. Das impressões e actos da infancia não podia elle então formar conceito algum. Chegado á adolescencia submetteu os caprichos á lei do calculo. Penetrado do terrivel egoismo que seva as suas delicias nos soffrimentos alheios, perturba o socego de sua familia pacifica e feliz, estomagando pai, mãi, criados, em cujos aspectos revê constrangimento e fastio. Supportaram-lhe longo tempo os caprichos, esperando que a emenda lhe viesse de si mesmo; hoje, porém, toda a familia se arreceia das scenas incommodas que sobrevem ao capricho contrariado ou não satisfeito. Cresceu a authoridade de Paulo na proporção da tibieza de seus paes condescendentes. As mais sisudas resoluções que se lhe suggerem cedem ao despotismo da mania, tão difficil de perder-se como certos habitos corporaes. Sem embargo, muitas vezes a mãi lhe tem dito que ninguem vive só para si; que as relações da vida, desde a infancia até á velhice, se compõem de mutuas concessões e serviços reciprocos. Baldado empenho! Paulo é sempre o mesmo. É o algoz de sua mãi, que tão extremosa e indulgente lhe ha sido.

2. Agora, outra historia. Apparece um tio que inspira áquella mãi consternada novos expedientes. Quando Paulo carece de recursos, faz-lhe sentir com pesar que os não merece; e, se os recursos pedidos são superfluidades, nega-lh'os justiceiramente. Os de fóra, os da sua roda, e até os criados já se julgam no direito da desforra: fazem-se tambem caprichosos. É justo que Paulo se sujeite aos caprichos alheios para que bem saiba que é preciso conceder aos outros o que quer para si. Paulo é caprichoso já por inveja, já por imitação, já por motivos que nem elle sabe. É atacar o principio d'onde lhe vem o capricho, a fim de o destruir... Se lhe infligem castigo, ou promettem galardão, Paulo atem-se a isso, pensa, e o juizo formado está a salvo de algum instantaneo reviramento; o castigo e premio não se lhe figuram cousas arbitrarias e caprichosas. Está a correcção radical em que a mãi lhe dê em si o exemplo de igualdade e atino de proceder: esta é a mais efficaz lição. Se ella observa que o capricho impende de outros defeitos, taes como a indocilidade e animo imperioso, é atacal-o na sua origem. Velleidades castigadas por seus resultados, leituras escolhidas prudentemente, conversações que suscitem de seu natural exemplos interessantes, tudo isto combinado levou o caprichoso Paulo á igualdade de genio, seguro symptoma de espirito justo e alma que a si se rege.

CARBONE. É nome que os chimicos modernos deram ao carvão puro, residuo ordinario da combustão das substancias animaes e vegetaes aquecidas ao abrigo do ar. Tem o carvão, assim obtido, preciosas pro-

priedades; é negro, muito poroso, capaz de absorver gazes condensando-os em seus poros, de purificar a agua corrupta, e clarificar os liquidos, tirando-lhes, tanto as côres, como as substancias pulverulentas suspensas n'elles. Acha-se o carvão nas camadas superficiaes do globo em estado de hulha (carvão de pedra), anthracites e lignites. A hulha, que os belgas conhecem desde o seculo XI, contém 75 a 90 °/₀ de carvão puro, misturado a materias betuminosas e alcatrão que se despegam aquecidas fortemente e produzem o *gaz de illuminação*. Fica um carvão rijissimo que se chama *coke*. Contém a hulha grande numero de fosseis vegetaes, enormes fetos, troncos e folhagem de palmeira. Certas minas offerecem o aspecto de florestas de vegetaes, uns em pé, outros prostrados. Segundo a posição da hulha na serie dos terrenos, a formação d'ella recúa a época geologica remotissima. Alguns depositos foram formados por grandes acervos de destroços vegetaes transportados pelas correntes, e amontoados nas fozes dos rios, onde lentamente se decompozeram, e os depositos de terra cobriram depois. Quanto, porém, ás hulheiras onde as arvores fosseis estão a prumo, não é admissivel a conjectura do transporte. Presume-se que estas florestas hajam sido subvertidas pelo mar, em consequencia de algum abaixamento da terra. A *anthracite* é mais antiga ainda que a hulha, com a qual se assemelha muito; mas é combustivel difficil de incendiar. As *lignites* são mais ou menos carbonisadas, e optimos combustiveis. O *azeviche* é uma *lignite* compacta. É muitissimo de notar que a mais dura substancia mineral, o diamante (veja PEDRAS PRECIOSAS), é o carbone puro crystallisado. Conseguiu-se já queimar esta pedra preciosa e obteve-se, como no carvão ordinario, acido carbonico, gaz formado de carbone e oxygenio.

2. O acido carbonico destaca-se naturalmente de alguns terrenos vulcanicos. Esta exhalação não é perigosa ao ar livre; porém, quando este gaz, que é asphyxiante, está cumulado em cavernas subterraneas ou poços de minas, faz-se precisa grande cautela no entrar lá dentro. Conhecemos que elle existe mediante uma vela accesa que se fixa na extremidade de uma vara. Se a luz amortece, e se apaga, é essencial, antes de descer, renovar o ar da mina, e derramar n'ella ammoniaco ou agua de cal, que absorvem o acido carbonico. Este gaz dissolve-se na agua, e fórma a agua gazosa artificial, a agua gazosa natural de Seltz e de Spa. É tambem este o gaz que se destaca dos vinhos espumantes como o Champagne, então produzido pela fermentação. Liquidifica-se com uma forte pressão e solidifica-se pelo frio, e n'este segundo caso é branco de neve. Misturado com o ether produz frio cerca de 100 graus abaixo de zero; posto em contacto com a cutis, produz o effeito desorganisador de uma queimadura. Demonstra-se que o ar respirado sahe com acido carbonico gazoso, proveniente da combustão de parte do carbone do sangue pelo oxygenio do ar, e descobriu-se que o carbone queimado no acto da respiração é a causa primaria do calor animal. (Veja SANGUE e RESPIRAÇÃO). As porções verdes das plantas, mórmente a folhagem, tem a propriedade de decompôr o acido carbonico do ar (veja AR) apoderando-se-lhe do carbone, e dando liberdade á maior parte do seu oxygenio. (Veja NUTRIÇÃO).

Redacção. 1. Carbone ou carvão puro: suas propriedades. Hulha: composição e formação. Anthracite, lignites, azeviche, diamante.—2. Acido carbonico: seus perigos. Agua gazosa. Propriedades d'este acido. O que elle representa na respiração dos animaes e nutrição das plantas.

CARCASSONA. (Veja LANGUEDOC).

CARCEL. (Veja LAMPADA).

CARDAN. (Veja ASTROLOGIA).

CARIDADE. «O christianismo, sempre de harmonia com os corações,

não ordena virtudes abstractas e solitarias, senão virtudes consentaneas ás nossas necessidades e uteis ao commum. A caridade collocou-a elle como poço de abundancia nos desertos da vida.» (Chateaubriand). «Todo o mysterio da religião christã está na caridade, na dedicação illimitada do Mestre: toda a moral evangelica está na caridade; toda a perfeição do christão cifra n'aquella virtude; que a fé e humildade, a renunciação e esperança tendem a chegar á caridade. E o alvo d'esta caridade fraternal entre os discipulos e a dedicação do Mestre é derruir as barreiras que separam de Deus o homem, e os homens entre si; é agrupal-os em a mesma fé, em a mesma esperança e mesma felicidade.» (Bautain). Póde definir-se a caridade: «um rapto de alma que nos leva ao gozo de Deus, de nós mesmos e do proximo por amor de Deus.» (S. Agostinho). «Virtude sem caridade não passa de nome.» (Newton). «Assim como a alma é a vida do corpo, assim a caridade é vida e perfeição da alma... A salvação entre-mostra-se á fé, preluz á esperança, mas só á caridade se dá.» (S. Francisco de Salles). «O fim da religião, a alma das virtudes, o compendio da fé, o resumo da lei é a caridade.» (Bossuet). (Veja o artigo LATIM).

1. Audistis quia dictum est: Diliges proximum tuum, et odio habebis inimicum tuum. Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros; benefacite his qui oderunt vos; benedicite maledicentibus vobis, et orate pro persequentibus et calumniantibus vos: ut sitis filii Patris vestri, qui solem suum oriri facit super justos et injustos. (MAT., c. V, v. 43, 44, 45).

1. Tendes ouvido que foi dito: Amarás ao teu proximo, e aborrecerás a teu inimigo. Mas eu vos digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos tem odio: e orai pelos que vos perseguem, e calumniam: Para serdes filhos de vosso Pai que está nos Céos: o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus: e vir chuva sobre justos e injustos.

2. Diligite inimicos vestros, benefacite et mutuum date, nihil inde sperantes: et erit merces vestra multa, et eritis filii Altissimi. (S. LUC., c. VI, v. 35).

2. Amai pois a vossos inimigos: fazei bem, e emprestai, sem d'ahi esperardes nada: e tereis muito avultada recompensa, e sereis filhos do Altissimo, que faz bem aos mesmos que lhe são ingratos e maus.

3. Attendite ne justitiam vestram faciatis, coram hominibus, ut videamini ab eis; alioquin mercedem non habebitis apud Patrem vestrum, qui in cœlis est. Si dimiseritis hominibus peccata eorum, dimittet et vobis Pater vester cœlestis delicta vestra. Si autem non dimiseritis hominibus, nec Pater vester dimittet vobis peccata vestra. (MAT., c. VI, v. 1, 14, 15).

3. Guardai-vos não façais as vossas boas obras diante dos homens, com o fim de serdes visto por elles: d'outra sorte não tereis a recompensa da mão de vosso Pai, que está nos Céos. Porque se vós perdoardes aos homens as offensas que tendes d'elles: tambem vosso Pai Celestial vos perdoará os vossos peccados. Mas se não perdoardes aos homens: tão pouco vosso Pai Celestial vos perdoará os vossos peccados.

4. Qui amat patrem aut matrem plùs quàm menon est me dignus; et qui amat filium aut filiam supér me, non est me dignus. (MAT., c. X, v. 37).

4. O que ama o pai, ou a mãi mais do que a mim: e o que ama o filho, ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim.

5. Audi, Israel: Dominus Deus tuus Deus unus est: et diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et ex totà animà tuà, et ex totà virtute tuà. Hoc est maximum et primum mandatum. (MAT., c. XXII, v. 38; MARC., c. XXII, v. 29, 30).

5. E Jesus lhe respondeu: Que de todos o primeiro Mandamento era este: Ouve, Israel, o Senhor teu Deos é só o que é Deus: E amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças. Este é o primeiro Mandamento.

6. Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem, sicut dilexi vos, ut et vos diligatis invicem. (JOAN., c. XIII, v. 34).

6. Eu dou-vos um novo Mandamento: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, para que vós tambem mutuamente vos ameis.

7. In hoc cognoscent omnes quia discipuli mei estis, si dilectionem habueritis ad invicem. (*Ibid.*, v. 35).

7. N'isto conhecerão todos que sois meus Discipulos, se vos amardes uns aos outros.

8. Qui habet mandata mea et servat ea, ille est qui diligit me: qui autem diligit me, diligetur a Patre meo, et ego diligam eum, et manifestabo ei me ipsum. (*Ibid.*, c. XIV, v. 21).

8. Aquelle, que tem os meus Mandamentos, e que os guarda: esse é o que me ama. E aquelle, que me ama, será amado de meu Pai: e eu o amarei tambem, e me manifestarei a elle.

9. Si quis diligit me, sermonem meum servabit, et Pater meus diliget eum, et ad eum veniemus, et mansionem apud eum faciemus. (*Ibid.*, v. 23).

9. Se algum me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e nós viremos a elle, e faremos n'elle morada.

10. Manete in me, et ego in vobis. Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos, nisi in me manseritis. Ego sum vitis, vos palmites; qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum; quia sinè me nihil potestis facere. (Joan., c. XV, v. 4, 5).

10. Permanecei em mim: e eu permanecerei em vós. Como a vara da videira não póde de si mesmo dar fructo, se não permanecer na videira: assim nem vós o podereis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós outros as varas: o que permanece em mim, e o em que eu permaneço, esse dá muito fructo: porque vós sem mim não podeis fazer nada.

11. Si manseritis in me, et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis, petetis, et fiet vobis. (V. 7).

11. Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós: pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-ha feito.

12. Si linguis hominum loquar et angelorum, caritatem autem non habeam, factus sum velut æs sonans, aut cymbalum tinniens. (S. Paul., *ad Corinth.*, c. XIII, v. 1).

12. Se eu fallar as linguas dos homens, e dos Anjos, e não tiver caridade, sou como o metal, que soa, ou como o sino, que tine.

13. Et si habuero prophetiam, et noverim mysteria omnia et omnem scientiam, et si habuero omnem fidem ita ut montes transferam, caritatem autem non habuero, nihil sum. (V. 2).

13. E, se eu tiver o dom de prophecia, e conhecer todos os mysterios, e quanto se póde saber: e se tiver toda a fé, até ao ponto de transportar montes, e não tiver caridade, não sou nada.

14. Et si distribuero in cibos pauperum omnes facultates meas, et si tradidero corpus meum ita ut ardeam, caritatem autem non habuero, nihil mihi prodest. (V. 3).

14. E, se eu distribuir todos os meus bens em o sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, nada d'isto me aproveita.

15. Caritas patiens est, benigna est: caritas non æmulatur, non agit perperam, non inflatur, non est ambitiosa, non quærit quæ sua sunt, non irritatur, non cogitat malum, non gaudet super iniquitate, congaudet autem veritati, omnia suffert, omnia credit, omnia sperat, omnia sustinet. (V. 4, 5, 6 et 7).

15. A caridade é paciente, e benigna. A caridade não é invejosa, não obra temeraria, nem precipitadamente, não se ensoberbece. Não é ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal. Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade: tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre.

16. Etsi præoccupatus fuerit homo in aliquo delicto, vos, qui spirituales estis, hujusmodi instruite in spiritu lenitatis, considerans te ipsum, ne tu tenteris. (*Ad Galatæos*, c. VI, v. 1).

16. Irmãos, se algum como homem fôr tomado de sobresalto, ainda em algum delicto, vós outros, que sois espirituaes, admoestai ao tal com espirito de mansidão: tu considera-te a ti mesmo, não sejas tambem tentado.

CARLOS MAGNO. O reinado d'este grande principe foi uma das épocas mais notaveis da historia de França, não só pelas heroicas acções d'este monarcha, mas tambem pelos progressos de todo o genero que se operaram n'aquella nação.

Não bastava a Carlos Magno ter estendido sua authoridade sobre toda a Gallia, e feito desapparecer pela sub-

missão da Aquitania uma causa permanente de perturbações e disturbios interiores, era-lhe preciso ainda pôr seu reino a coberto de invasões. Todas as suas fronteiras estavam ameaçadas: ao nordeste pelos saxonios; ao éste, pelos bavaros e os avaros; ao sudoeste pelos lombardos; e ao sul pelos sarracenos ou mahometanos, senhores de Hespanha. — Carlos Magno voltou-se primeiro contra os saxonios, fazendo-lhes uma guerra que durou trinta e tres annos. Vittikind, seu principal chefe, submetteu-se em fim depois de vigorosa resistencia abraçando o christianismo. Esta guerra foi sobre tudo guerra religiosa. Em vão Carlos Magno despedaçava a cada invasão os idolos d'esses povos; que elles vingavam-se destruindo as igrejas que se fundavam no seu paiz. Mas a religião foi mais poderosa que as armas, e a Saxonia foi subjugada logo que Vittikind recebeu o baptismo. — Em 714 Carlos Magno venceu Didier, rei dos lombardos, e apossou-se dos seus estados. D'ahi passou a Hespanha em 778, onde ganhou muitas batalhas aos sarracenos, porém na volta d'esta expedição a sua retaguarda foi batida em Roncevaux, nos Pyreneus, onde pereceu o famoso Roland seu sobrinho, depois de ter feito prodigios de valor. Proseguindo suas conquistas, submetteu os bavaros revoltados penetrando no paiz dos avaros, que tambem foram vencidos depois de tres batalhas successivas (776). Em seguimento a estas diversas guerras Carlos Magno, senhor d'esse grande imperio, foi a Roma, onde o papa Leão III o coroou imperador do Occidente pela acclamação de todo o povo (800).

2. Mediante estas guerras Carlos tinha posto a França, Italia, e a Allemanha ao abrigo das invasões; e com suas leis e regimen conseguiu dar a seu reino organisação regular. As leis dos francos eram ainda imperfeitas: os capitulares ou ordenanças do grande imperador regularam tudo o que dizia respeito á igreja, serviço militar, justiça e finanças. Para lhe consolidar a execução, os commissarios visitavam as provincias, recebiam as queixas dos vassallos e vigiavam a administração dos condes e duques. Estes, como no tempo dos reis Merovingios, tinham de officio levantar tropas, exercer justiça, e receber os impostos. A Carlos Magno cabe ainda a grande gloria de ter procurado afugentar do seu imperio a ignorancia, que os barbaros derramaram por toda a parte. Formou uma especie de pequena academia, chamada *Escóla do Palacio,* da qual elle fazia parte, assim como seus tres filhos, sua irmã, sua filha, e os principaes personagens da sua côrte. Esta escóla era dirigida por Alcuin, monge saxonio, e o homem mais sabio da época.

Para propagar a instrucção em todas as classes, o imperador fez abrir em todas as cidades, escólas ao lado das igrejas e elle proprio as vigiava. Um dia visitando uma d'essas escólas, diz o seu historiador, o terrivel imperador fez designar pelo mestre os melhores discipulos, e aquelles de quem menos se esperava. Achou-se que os que sabiam menos eram todos filhos dos grandes e dos ricos do imperio, em quanto os filhos dos pobres estavam todos no primeiro lugar. Fez elle então passar os filhos dos pobres para a sua mão direita, e prometteu-lhes riquezas e dignidades. «E vós, disse elle aos filhos dos ricos, passai á minha esquerda, e sabei que não tereis de mim, se não vos corrigirdes, nem abbadias, nem ricos dominios.» Os esforços de Carlos Magno não foram inuteis, e tanto nas escólas como nos mosteiros estudava-se com ardor, copiando-se os manuscriptos que se podiam desencaminhar ou desfazer. — A fama de Carlos Magno enchia o mundo. Seu historiador nol-o mostra em seu palacio de Aix-la-Chapelle, onde elle fixára residencia, cercado de reis e embaixadores vindos dos mais remotos paizes. Na primeira embaixada, o califa de Bagdad offereceu a Carlos Magno as chaves do Santo Sepulchro, e a soberania dos Lugares Santos; e este enviou-lhe logo candelabros de ouro, armações de sêda, um elephante, animal desconhecido então dos occidentaes, um leão,

macacos de Benguella, e o que sobre tudo excitou a admiração, um relogio de roldanas, o primeiro que appareceu em França.

Redacção. Carlos Magno; sua politica. — Guerra contra os saxonios; guerra em Italia, em Hespanha, e na Baviera. — Capitulares; universidade; escólas. — Gloria e fama de Carlos Magno.

CARLOS MARTEL. (Veja OITAVO SECULO).

CARLOS I. 1. A proposito d'este, diremos algumas palavras de todos os reis da França d'este nome, mui particularmente de Carlos V, Carlos VI e Carlos VII, que tomaram parte na grande época nacional da guerra dos cem annos. (Veja CEM ANNOS (guerra de). — Carlos I é Carlos Magno (*Carolus Magnus* ou Charles le Grand), do qual acabamos de fallar. — Carlos II, chamado o *Calvo* (823-877), viu seu reino devastado pelos normandos, aos quaes deu grandes sommas para os obrigar a retirar-se. — Carlos III, o *Simples*, não póde resistir a esses normandos, tendo de lhe abandonar a Neustria, que tomou desde então o nome de Normandia, e deu sua filha em casamento a Rollon, seu chefe (879-929). — Carlos IV, o *Bello*, morto em 1328, teve com o rei de Inglaterra sangrentas questões a respeito da homenagem que este principe lhe devia pela Normandia.

2. O reinado de Carlos V, filho de João, o *Bom* (veja esta palavra), foi um reinado de reparação e de convalescença para o reino da França, tão doente e despedaçado. Carlos V comprehendeu que ao valor inconsiderado da cavallaria franceza se deviam as desgraças de Crécy e de Poitiers; e resolveu desde então evitar as batalhas formaes. Deu ordem a suas tropas para fatigar o inimigo com continuadas escaramuças, e devastar o paiz na sua passagem para o empobrecer. Por este novo systema de guerra, o rei, sem sahir de seu palacio, chegou a reconquistar o que os seus predecessores tinham perdido no campo da batalha. Carlos V deveu grande parte d'estas victorias a Duguesclin, gentil-homem bretão, que tinha causado o desespero a sua familia, por sua fealdade, deformidade e seu mau caracter; batia nos proprios irmãos, nos camaradas e nos mestres, e andava sempre coberto de feridas e contusões. Depois de ter assignalado sua bravura nas guerras da Bretanha, passou ao serviço da França, celebrando a coroação do rei Carlos V (1364) batendo em Cocherel o rei de Navarra, Carlos, o *Mau*. Depois d'esta victoria, voou de novo á Bretanha; mas, apesar de todos os seus esforços, seu partido foi desfeito e elle mesmo ficou prisioneiro do bravo Chandos, chefe da armada ingleza. Tornado á liberdade, depois de ter pago o resgate de 100:000 libras, foi encarregado por Carlos V de livrar o reino das grandes Companhias, amontoado de soldados francezes, inglezes, e bretões indisciplinados, que devastavam as provincias. Duguesclin persuadiu-o a ir combater na Hespanha por Henrique de Transtamara, o qual disputava a Pedro, o *Cruel*, o throno de Castella. Ahi se cobriu de gloria em muitas batalhas, e tinha já aniquilado o partido de Pedro, o *Cruel*, quando aquelle chamou em seu auxilio os inglezes, commandados por dous valentes capitães, o principe Negro, e Chandos. Duguesclin foi vencido e prisioneiro depois de ter praticado prodigios de valor na batalha de Navarette, que se tinha dado contra sua opinião (1367). Outra vez livre retomou sua authoridade, firmando com novas victorias o throno de Henrique de Transtamara. — Depois de tantos triumphos foi nomeado condestavel da França por Carlos V, expulsando completamente da Normandia, da Guyenna, e do Poitou os inglezes. Pouco tempo depois, suspeito de traição, enviou logo ao rei sua espada de condestavel, e posto que este reconhecendo sua innocencia instasse para que a aceitasse, nunca o conseguiu. Os inglezes já não possuiam em França senão as praças maritimas de Calais, Brest, Bordeaux

e Bayonna, quando Duguesclin morreu sitiando Châteauneuf de Randon (Lozère), defendida pela guarnição affecta aos inglezes.—«Antes de morrer—dizia Duguesclin, cercado dos bravos guerreiros, entre os quaes tinha envelhecido nos combates—quero repetir-vos o que vos tenho dito mil vezes: lembrai-vos que por toda a parte onde fizerdes a guerra, os ecclesiasticos, o povo indigente, as mulheres e as crianças não são nossos inimigos; não tomeis as armas senão para os defender e proteger.» — Carlos V prestou a maior attenção a todas as reformas, e ramos do seu governo. Fixou a maioridade dos reis de França aos quatorze annos, supprimiu impostos vexatorios, fundou a Bibliotheca real e mandou construir a Bastilha.

3. Carlos VI, seu filho, succedeu-lhe na idade de doze annos; mas só tomou conta das redeas do governo aos vinte. A sua menoridade foi turbulenta com as dissidencias entre os duques de Anjou, de Borgonha, de Berry, e de Bourbon, seus tios, em consequencia de todos quatro se disputarem o poder. O duque de Anjou, que era o mais velho, começou por espoliar o thesouro que tinha juntado o defunto rei, despendendo-o nos preparativos de uma expedição contra o reino de Napoles. Depois estabeleceu em nome do rei novos impostos, o que deu lugar a desordens. Foi Paris que deu o signal. Os amotinados estenderam-se logo por todos os bairros, entraram no Hotel de Ville, apossando-se dos punhaes, espadas, etc. Assim armados commetteram todos os excessos, tornando-se durante alguns dias o terror da cidade. O rei castigou os rebeldes mandando lançar ao rio dentro de saccos de couro os chefes principaes, e retirando ás cidades alguns de seus privilegios. — Apoiado pelo condestavel Olivier de Clisson, que tinha substituido Duguesclin, Carlos VI ganhou a victoria de Roosbecke. Em 1392 marchou contra o duque de Bretanha, por este ter dado asylo a Pedro de Craon, accusado de ter attentado contra a vida do condestavel de Clisson. — Ao atravessar o bosque de Mans, debaixo d'um sol ardentissimo, viu um mendigo tomar a frente a seu cavallo, exclamando: «Volta, que és trahido!» Prendem este homem, afastam-no, e o exercito continúa sua marcha em silencio. Mas alguns instantes depois, tendo um pagem deixado cahir a espada, o estrondo do ferro fez pensar ao rei que o iam assassinar; voltou-se, e arrancando da espada, matou quatro homens do seu sequito. Enlouquecera. Durante a sua demencia, seus tios retomaram a regencia, e a guerra civil recomeçou. O duque de Orleans, irmão do rei, tinha sido assassinado por ordem do duque de Borgonha. Toda a França se dividiu em dous partidos: os armagnacs, partidarios do duque de Orleans, e os borguinhões, partidarios do duque de Borgonha. Logo depois o duque de Borgonha foi assassinado por represalias. —Henrique V, rei de Inglaterra, aproveitando-se d'estas desordens, invadiu a França á frente d'um poderoso exercito, avançando até á pequena villa de Azincourt. Alli se deu uma batalha tão funesta como o tinham sido a de Crécy e Poitiers; o exercito francez perdeu 10:000 gentis-homens, e 120 fidalgos; e os inglezes apoderaram-se da Normandia. Os borguinhões e armagnacs dominavam ora uns ora outros Pariz, rivalisando em ferocidade. A indigna Isabel de Baviera, mulher de Carlos VI, uniu-se aos borguinhões, e estes esganaram nas prisões o conde de Armagnac e todos os seus partidarios. Mas no anno seguinte, o novo conde de Borgonha, João *sans peur*, tendo aceitado uma entrevista na ponte de Montereau com o delphim Carlos, debaixo do pretexto d'uma reconciliação, ahi foi traiçoeiramente assassinado por Tanneguy-Duchâtel que negociava os interesses do delphim. — Este novo crime bandeou os borguinhões no partido dos inglezes. Philippe, o *Bom*, filho e successor de João *sans peur*, e a rainha Isabel fizeram assignar ao pobre idiota Carlos VI o vilipendioso tratado de Troyes, pelo qual desher-

dava seu proprio filho, e dava ao rei de Inglaterra, com a mão da filha, o titulo de regente do reino, e herdeiro da corôa. Desherdado por seu pai e por sua mãi, o delphim appellou para Deus e para a sua espada.

4. A morte quasi simultanea de Henrique V, rei de Inglaterra, e do mentecapto Carlos VI, rasgou subitamente novos destinos á França (1422). — Pelos termos do tratado de Troyes foi o filho de Henrique V acclamado rei de Inglaterra e França em Londres e Pariz, com o nome Henrique VI; porém o delphim foi coroado em Poitiers com o nome de Carlos VII. Por toda a parte venciam os inglezes, por tanta maneira que Carlos VII estava reduzido ao territorio de Bourges; pelo que derisoriamente o denominavam *rei de Bourges*. Carlos VII e a França tinham descido ao maximo aviltamento. Quatro escudos eram todos os haveres d'este pobre rei; comia miseravelmente; e uma vez que La Hire e Xaintrailles o visitaram teve só dous pombos e uma pá de carneiro que lhe offerecer. Orleans, unica praça que o defendia, estava cercada. Se esta praça succumbisse, perdida estava Bourges, e o rei de França não teria asylo em seu reino. Demais, Xaintrailles e La Hire estavam situados em Orleans; mas já os viveres lhe faltavam, e fallavam em render-se, quando uma rapariga de dezoito annos surgiu a salvar a França (1428). (Veja JOANNA D'ARC).

5. Carlos VIII, filho e successor de Luiz XI, enthusiasmado pela leitura dos romances cavalheirescos e expedições de Alexandre e Cesar, concebera um plano agigantado: quiz conquistar Napoles, dirigir-se depois á Grecia, tirar Constantinopla aos turcos, e restabelecer o imperio christão no Oriente. Os ultimos principes da casa de Anjou haviam legado seus direitos ao reino de Napoles, á familia de Carlos. Foi rapida espantosamente a conquista projectada, por modo que era senhor de Napoles, cinco mezes depois que abalára com o exercito; mas mais depressa do que os tinha conquistado, perdeu esses novos Estados. Colligaram-se contra elle muitos principes, que o forçaram a sahir de Italia no mesmo anno. Quando voltava foi atacado junto de Fornoue, por quarenta mil confederados, que elle derrotou com nove mil homens (1495), e vingou entrar nos seus dominios.

6. Carlos IX. (Veja SEXTO SECULO).

7. Carlos X (1757-1836), irmão de Luiz XVI, e de Luiz XVIII, foi chamado ao throno, por fallecimento do ultimo, em 1824. Cousas notaveis no seu reinado ha o voto de bilhão para indemnisar os emigrados; a expedição á Grecia, e a victoria de Navarino; a tomada de Argel (6 de julho de 1830); as ordenanças que dissolveram as camaras, e convocaram collegios eleitoraes mudando o systema da eleição, e suspendendo a liberdade da imprensa. Estas ordenanças inconstitucionaes excitaram movimento geral, pelo que em tres dias foi Carlos X desthronado (29 de julho de 1830).

CARNEIRA. (Veja COURO).

CARNEIRO. (Veja RUMINANTES).

CARNIVOROS. Esta ordem de mamiferos comprehende todos os animaes que tem os molares mais ou menos comprimidos, estomago simples e pequeno, intestino curto, e que se nutrem de carne, de insectos ou de quaesquer materias animaes. Os principaes são: o cão, o lobo, o chacal, o raposo, o *isatis*, que formam o genero *Canis;* o gato, o lobo cerval, o leão, o tigre, a panthera, o leopardo, a hyena, que são o genero *Felis* (gato); o urso, o texugo, a toupeira. (Quanto a leão e tigre, veja BARBARIA; INDIAS, e RUSSIA para outros pequenos carnivoros).

1. O espaço de que podemos dispôr não nos permitte alongarmo-nos sobre a historia dos costumes do cão, nem dar noticia das numerosas variedades d'esta especie que são designadas debaixo dos nomes de dogue, rafeiro, cão de lobo, galgo, perdigueiro, fraldeiro, mastim, goso, etc. Limi-

tar-nos-hemos a dizer que a maior parte dos naturalistas consideram todas estas variedades, determinadas pelas diversas condições em que a domesticidade poz esses animaes, descendendo todas d'um só tronco, que se suppõe não podia ir muito longe do cão de lobo; todavia, hoje o cão já se não encontra em parte alguma no seu estado primitivo, e os cães selvagens que se encontram em alguns paizes, são descendentes de cães domesticados, e fugitivos. Acrescentemos que a duração da vida d'estes animaes é de quinze a vinte annos; que nascem ás ninhadas de tres a seis, e que nos primeiros dias tem os olhos fechados; que crescem até aos dous annos; vivem em bandos, e habitam quasi todos os pontos do globo.

O *lobo commum* parece-se extremamente com o cão, mas differe pelos instinctos e outras particularidades da formatura. Existe em quasi todas as partes da Europa, ao norte da Asia e da America.

O *chacal*, muito commum na Algeria e na Asia, tambem tem com o cão um grande parentesco zoologico. Em fim encontram-se em outras regiões do globo animaes que se parecem com estas tres especies, mas são bastante differentes para se confundirem com nenhum d'elles: taes são o *lobo vermelho* do Mexico, e o *lobo dos prados* da America septentrional.

O *raposo* é um animal essencialmente nocturno; durante o dia dorme n'uma cova que cava na terra. Vive só, e nutre-se ordinariamente de prêas vivas; encontra-se em todas as partes da Europa e Asia.

O *isatis*, ou raposo azul, é mais pequeno que o raposo ordinario; vive na Siberia, e a pelle é muito estimada.

Ha ainda uma terceira especie, chamada *raposo prateado*, cuja pelle é ainda mais preciosa, e vive nos mesmos lugares; conhecem-se mais algumas raças, umas que são proprias da America, outras da Africa ou Asia.

2. O *gato commum* vive no estado selvagem em alguns bosques da Europa; é um terço maior que os gatos domesticos e não tem a variedade de côres que se nota n'estes; é de um pardo escuro ondeado ás listas mais escuras pelo lombo, e d'um pardo branco por baixo, com as patas aleonadas para dentro, e a cauda no começo annelada, e no fim denegrida. Os costumes d'este animal são geralmente muito conhecidos para tratarmos d'elles; diremos só que vive doze a quinze annos, que os filhos nascem em ranchos de cinco ou seis, com os olhos fechados, não os abrindo senão aos nove dias, e que só adquirem todo o desenvolvimento aos dezoito mezes. A domesticidade do gato é muito remota. Os gregos da antiguidade conheciam pouco estes animaes, mas já então eram communs entre os egypcios. Hoje estão vulgarisados na America e na India, tanto como na Africa e em todas as partes da Europa. Dá-se o nome de *lynce* ou *lobo cerbal* a uma outra especie de gato, notavel pelo tufo de pellos que lhe cobre as orelhas; o pello é ruivo com manchas ruivo-cinzentas; é indigena da Europa temperada, e no tempo dos romanos era muito commum em França; todavia tem desapparecido quasi inteiramente dos lugares habitados, e onde se encontra ainda é nos Pyreneus, nas montanhas de Napoles, e Africa. Trepa pelas arvores mais altas dos bosques, escondendo-se entre os ramos a espiar a preza. Faz consideraveis estragos nos rebanhos, destroe grande numero de lebres, veados e gamos, e possue uma vista tão perspicaz que os antigos attribuiram lhe a faculdade de vêr através das pedras dos muros; isto é evidentemente falso; o que parece é que distingue a muito maior distancia que a maior parte dos carnivoros.

A *panthera* é mais pequena que as especies precedentes, e mais vulgar. Está espalhada por toda a Africa e nas partes quentes da Asia, e no archipelago indiano. É notavel pela bella pellagem, arruivascada por cima, branca por baixo, e sobre os quadris tem cinco ou seis fileiras de manchas

negras em fórma de rosas; isto é, formadas do ajuntamento de cinco ou seis manchas simples. Os costumes da panthera parecem-se muito com os dos gatos; tambem ataca os pequenos quadrupedes, e sobe sobre as arvores para perseguir a presa, ou fugir ao perigo.

O *leopardo* parece-se muito á panthera, mas as manchas que o pello tem nos quadris são mais pequenas, e fazem dez listas em lugar de cinco ou seis. Vive na Africa e talvez na Asia. Até ha pouco tempo confundiam-no com a especie precedente.

Ainda ha uma outra raça igualmente notavel pelo tamanho, mas esta não ataca senão os pequenos animaes; é o *couguar*, chamado por alguns authores *leão da America*. Tem a pellagem d'um arruçado quasi uniforme.

Finalmente collocam no genero dos gatos, um animal que tem muita semelhança com os tigres e os leopardos, mas que é muito differente das outras especies do mesmo grupo, por ter as garras pouco retrateis: é o *guépard* ou tigre caçador das Indias que do tamanho do leopardo, um pouco mais alto das pernas, mais delgado, a cabeça mais redonda e pello ruço, tem pequenas manchas negras uniformes. Pilha-se facilmente, e deixa-se adestrar para a caça.

As hyenas são animaes nocturnos e habitam ordinariamente as cavernas, são d'uma voracidade extrema, não merecem porém a reputação de ferocidade que lhe fazem, por que não atacam senão raras vezes animaes vivos, e repastam-se nos cadaveres. Tem o pello aspero, pouco espesso, e sobre as costas uns pellos compridos formando uma especie de juba. A *hyena commum* acha-se em todas as partes da Asia e da America, e na Algeria, por exemplo.

3. Os *ursos* (*Ursus*) são todos animaes corpulentos, membrudos e cauda muito curta. Tem a andadura pesada; mas são muito intelligentes, e dotados d'uma força prodigiosa. Seu regimen varia com as circumstancias: accommodam-se tanto com os vegetaes, como com a carne dos animaes, porém na maior parte são frugivoros, procurando com preferencia os fructos, as raizes succolentas, e os rebentões das arvores; são apaixonadissimos de mel, e para o saborear expõem-se ás picaduras de todas as abelhas de um enxame. É só quando a fome os aperta, que atacam os animaes. A sua conformação pouco favoravel á corrida, permitte-lhes sustentar-se facilmente levantados sobre as patas inferiores, e trepar com facilidade ás arvores de que podem abraçar o tronco e os ramos. Alguns são bons nadadores, e devem em parte esta faculdade á quantidade de gordura de que de ordinario tem o corpo carregado. Tem finissimo olfato, e as ventas formadas de focinho muito mobil. Estes animaes gostam do retiro e da solidão; a maior parte d'elles vive nos bosques mais selvagens, estabelecendo seu domicilio entre os rochedos em alguma caserna, ou em antros que elles fossam com as unhas fortes e curvas. Alguns chegam a constituir com ramos e folhas, cabanas cuidadosamente revestidas de musgo; outros vivem sempre no meio do gelo dos mares polares. No inverno entorpecem profundamente, e quando o frio é mais intenso, cahem n'uma lethargia completa. Durante todo o tempo d'esse somno invernal, não tomam nutrição alguma, e parece que vivem a expensas da gordura de que tinham feito deposito no outono, de maneira que quando sahem de seu covil estão na magreza extrema. A pelle d'estes animaes é espessa, e compõe-se de pellos brilhantes e muito compridos. Por isso é muito procurada e um objecto importante de commercio. É no inverno e nos paizes mais frios que esta pelle é melhor e mais fornecida, e por consequencia é tambem no inverno, que se fazem mais caçadas de ursos. Encontram-se ursos em todas as partes do mundo, e debaixo de todas as latitudes, excepto na Africa e na Australia.

O *texugo da Europa*, que é do tamanho d'um cão mediocre, apresenta na pellagem particularidade notavel. Quasi sempre a face dorsal

do corpo dos mamiferos, é de uma côr mais carregada que a face ventral. O texugo, ao contrario, é cinzento por cima, e negro por baixo: é um animal solitario que passa a maior parte da vida n'uma cova obliqua, tortuosa e com uma só abertura, que elle cava facilmente com o auxilio das unhas muitos fortes e em que elle tem extremo cuidado para as trazer limpas. Habita nas partes temperadas da Europa e da Asia; tornou-se porém muito raro em França por causa da caça activa que lhe tem dado.

Para o caçar armam-lhe ciladas, ou o fazem perseguir por um cão rasteiro, que entra na lura, o encurrala segurando-o com as garras, até que abram a cova por cima. Para se defender o texugo deita-se de costas e serve-se com vantagem das unhas, tanto como dos dentes. A pelle do texugo é espessa, aspera e com pouco brilho. Os carreteiros servem-se d'ella para cobrir a colleira de seus cavallos e os pellos do pescoço d'este animal são empregados no fabrico dos pinceis e das escovas de barba.

A *toupeira vulgar* de nossos campos é ordinariamente d'um bello negro; e vive em todos os territorios ferteis da Europa. Geralmente perseguem-na como nociva á agricultura; as tocas formadas pelos desentulhos provenientes dos trabalhos subterraneos d'estes animaes são com effeito incommodativas nos prados onde a herva deve ser segada o mais rente possivel, e desguarnecem os jardins; no entanto devemos acreditar que as toupeiras são mais uteis que nocivas, porque destroem grande numero de larvas de insectos, e essas larvas fazem muitas vezes grandes estragos roendo as raizes das plantas.

É sobre tudo perseguindo as larvas dos insectos, de que estes animaes fazem sua nutrição, que elles esfossam novos subterraneos; e segundo a natureza e accidentado do terreno levam a presa a esconder-se profundamente no terreno, ou a aproximar-se da superficie; vendo-se construir caminhos nas differentes camadas. Sua morada nunca communica directamente com o ar exterior; e se sahem de suas galerias não é senão para escolher um ponto conveniente para recomeçar novos trabalhos. As patas trazeiras são pouquissimo flexiveis, e á superficie da terra movem-se com tanta difficuldade quanto facilmente se movem debaixo da terra. A rapidez com que esfossam é tamanha algumas vezes que mais parecem ir a nado. Estes animaes, como se vê, estão destinados a viver em profunda escuridade, e por isso mesmo tem os olhos pequenissimos e quasi parece não distinguirem entre luz e trevas.

CAROTTE. (Veja UMBELLIFERAS).

CARTAS. 1. Por *cartas* entendemos em geral a escripta em prosa que enviamos aos nossos conhecidos, quer respondendo ácerca de cousas que nos são perguntadas, quer noticiando novidades, ou ainda para entretenimento de relações. É, para assim dizer, um modo de *conversação* entre pessoas ausentes. Os predicados agradaveis de uma carta devem ser os mesmos que deleitam na conversação: o *natural*, que não exclue a reflexão e escolha de pensamentos entre os quaes se hão de preferir os mais modestos; *facilidade*, que consiste em certo ar de liberdade, sem acanhamento, nem tropêços, um tom jovial que vai colorindo gratamente as minimas frioleiras. Esta graciosidade resulta da destreza em apresentar os objectos pela sua face mais aprazivel, da delicadeza das idéas, da escolha, propriedade, e até, ás vezes, da singularidade das vozes, e certos geitos familiares e faceciosos. Com tal arte, logramos dar matizes á moralidade, dulcificar a censura, dar mais attractivos ao louvor, e desassombrar melancolias. Mediante leitura aturada e attenta de bons livros é que se adquire a *facilidade* ou correnteza de estylo, que nunca deve ultrapôr as fronteiras do acatamento e cortezia. (Veja EPISTOLARIO [genero]).

2. Tanto para escrever uma carta, como para travar uma conversação, é preciso haver idéas. Não tendo o me-

nino de 10 annos ainda bastantes idéas proprias, é-lhe grande embaraço corresponder-se com sua familia. Por isso convém que os meninos leiam e trasladem muitas cartas, antes de os obrigarmos a redigil-as. Chame-se-lhes primeiramente a attenção para as formulas cortezes que devem rematar as cartas, e depois, pouco e pouco, adestremol-os, com perguntas singelas, e explicações ao seu alcance, para responder oralmente ou de escripta a cada carta que houverem copiado. Para isto, dê o professor o esboço ou plano da resposta, indigitando o modo de desenvolver a idéa, com clausulas de tempo, logar, modo, fim, causa, virtude, moral, religião, etc. — Os exercicios ulteriores poderão ser graduados assim: Responder a uma designada carta sem auxilio do mestre. — Reproducção de uma carta que se leu, sem se dar o plano. — Redacção de uma carta, tendo-se-lhe dado simplesmente o assumpto. — Não passar de um a outro exercicio sem que o precedente haja sido bem applicado e comprehendido. — Os esboços sequentes, que abrangem casos geraes de correspondencia, darão ao professor meios de associarem idéas particulares que dependem das circumstancias, e delinearem assim aos alumnos grande variedade de assumptos e planos. Somos muitas vezes obrigados, nas relações de sociedade, a *consolar*, *pedir*, *reconciliar*, *felicitar*, *referir*, *agradecer*, etc., a pessoas afastadas. Curemos pois de prencher este encargo conveniente e honradamente.

3. *Consolação:* Ter parte sincera na dôr alheia. O que seja vida, morte, e ordem admiravel da Providencia. Eternidade. Amor divino e sacrificio do homem. Relembrar os proprios infortunios e dar sublimes realces á resignação. Sentimentos affectuosos. Em amizades entranhadas é licito tocar em pontos intimos. As *respostas* d'estas cartas devem ser breves, e expressivas de tristeza e gratidão. — *Petição:* Expôr a petição com modestia. Causas e motivos do pedido. Não pedir com altivez, nem solicitar com baixeza. Bondade de coração e gozo intimo que provém da boa acção. Valor do obsequio pedido. Sincero reconhecimento. Nas *respostas* afaga-se o amor proprio da pessoa a quem soccorremos, attenuando a valia do serviço que se lhe offerece. Exprimimos o prazer sentido na occasião que se nos faculta. Estipulam-se condições, se vem a proposito; e no caso de recusa, confessa-se o pesar da impossibilidade de servir, e promette-se satisfazer n'outra occasião, se acreditamos poder cumprir a promessa. — *Reconciliação:* Busquemos desculpar aquelle a quem se escreve sem todavia o arguirmos encarecidamente da offensa. Demonstre-se que a contenda não tem toda a importancia que se lhe dá. Relembrem-se os eternos principios de caridade e justiça, a nobreza do perdão, e a felicidade da paz. — *Felicitações:* Congratulemo-nos calorosa e sinceramente com as prosperidades do nosso amigo. Sejamos nobres, modestos, delicados, caridosos e concisos. Evitemos formulas frivolas e triviaes. Sejam modestas as *respostas* d'estas cartas, agradecendo, e fortalecendo o animo com attribuir a Deus a maior parte das prosperidades por que nos felicitam. — *Descripção:* Conte-se singelamente o facto em traços vivos e insinuantes. Indaguem-se causas, effeitos, vantagens e inconvenientes. Comparações. Como e porque. Incidentes particulares. Reflexões praticas. — *Agradecimento:* O serviço recebido, as circumstancias que o acompanharam, a generosidade de quem obriga, a sensibilidade e gratidão de quem recebe: taes são as principaes idéas d'esta especie de cartas. Dar relevo á grandeza do serviço e á bondade de quem o prestou. Palavras respeitosas sem objecção. — *Desculpas:* confessar francamente seus erros, desculpal-os sem querer ostentar absoluto direito, e mostrar desejo de os reparar. A delonga da justificação varía conforme a gravidade das faltas, e consoante as prevenções que presumimos n'aquelle perante quem nos justificamos. — *Recommendação:* Estas cartas devem

conter a exposição das boas qualidades da pessoa que se apresenta, a desculpa do incommodo que se dá, ou diligencias que pedimos, do que já de antemão nos damos por obrigados, pretextos de gratidão ao serviço que esperamos. — Pertence ao coração dictar as cartas *familiares*, de *amizade*, e de *cortezia*. — As cartas sobre negocios demandam claridade e precisão, exposição clara, e completa; estylo simples e rigoroso.

CARTAS GEOGRAPHICAS. 1. Póde-se representar sobre um globo a configuração dos continentes, ilhas e mares, e d'este modo obtem-se um desenho semelhante a original. Mas, para mais commodidade no transporte e no uso d'este desenho, faz-se habitualmente sobre cartas planas, para o que ha varios modos de traçar os meridianos e parallelos terrestres; isto é, de obter a *projecção* da esphera terrestre sobre um plano. — A projecção diz-se *orthographica*, quando é feita sobre um plano que passa pelo centro da esphera, e o olho, ou o ponto d'onde concorrem as rectas projectantes, se acha a uma distancia infinita sobre a recta passante pelo centro perpendicularmente ao plano; e *stereographica*, quando é feita sobre um plano de circulo maximo da esphera, e o olho se acha no polo do circulo. Emprega-se a primeira em astronomia; e a segunda serve para a construcção das cartas geographicas. — As cartas tomam denominações differentes, consoante a representação do globo é total ou parcial. No mappamundi, imagina-se o globo cortado em duas partes pelo plano do meridiano e suppõem-se os dous *hemispherios* collocados a par. Os planispherios representam a totalidade da superficie terrestre em projecção plana e reduzida. Uma carta chama-se *chorographica*, se representa por miudo uma provincia ou circumscripção; *topographica*, quando indica os accidentes do solo; *hydrographica* ou *maritima*, quando não representa senão o mar, ilhas e costas; *orographica*, quando se limita á indicação das montanhas.

2. O esboço das cartas geographicas é um exercicio indispensavel e attrahente, que profundamente grava na memoria dos alumnos a posição e contornos dos diversos paizes, bem como todos os outros accidentes geographicos. Todavia, para que se torne util, devem os alumnos estar preparados com estudo serio de geographia e das cartas. (Veja GEOGRAPHIA.) — Mostra-se-lhes que não ha nada mais facil do que copiar uma carta, principalmente conservando-lhe as mesmas dimensões. Traça-se primeiramente o quadro, depois os meridianos e parallelos, que podemos representar por meio de rectas; feito o que, só resta desenhar em cada um dos quadrados ou quadrilateros da quadricula formada por essas rectas, as figuras inscriptas no quadrilatero correspondente do modêlo. Querendo, para maior exactidão, representar os meridianos e parallelos por linhas curvas, determina-se a posição de tres pontos para cada um d'elles, e descreve-se a curva, quer á vista, quer por meio d'um junco flexivel ou vara de baleia, quer pelo compasso, depois de determinar o centro de cada curva. (Veja CIRCULO). Quando se pretende uma carta amplificada, duplicam-se, ou triplicam-se, etc., as dimensões do modêlo consoante o espaço de que podemos dispôr; querendo-a reduzida, reduziremos proporcionalmente todas as distancias. Observe-se que dobrando, triplicando, etc., as dimensões, torna-se maior a superficie da carta quatro vezes, nove vezes, etc.; e reduzindo-as á metade, ao terço, etc., torna-se menor essa superficie, quatro vezes, nove vezes, etc. Por exemplo: dobrando as dimensões d'uma carta que tem 2 metros de comprimento sobre um de largura, o que dá 2 metros quadrados, obtem-se uma carta que tem 4 metros sobre 2, cuja superficie é, pois, 8 metros quadrados, e por consequencia quatro vezes maior. — Seja proposto desenhar uma carta mural de Portugal ou da Europa, por

um modêlo que tenha as dimensões, $0^m,70$ e $0^m,40$. Quadruplico, por exemplo, estes numeros, obtenho $2^m,80$ e $1^m,60$. Traço o quadro por meio d'uma corda coberta com pó de côr ou de giz; indico sobre este quadro os pontos por onde devem passar os meridianos e os parallelos, quadruplicando as divisões correspondentes do modêlo; e traço estas linhas pela mesma fórma que as do quadro. Copio depois, de quadrado em quadrado, tudo que se acha no modêlo. — Para construir um mappamundi, traça-se sôbre o muro uma linha horisontal que se divide ao meio para obter o diametro de cada hemispherio; dividindo novamente cada diametro ao meio, obteremos o raio e o centro de cada hemispherio. Supponhamos que a linha traçada tenha 2 metros de comprimento: com uma corda de $0^m,50$, valor do raio, presa por uma das suas extremidades no centro, descrevem-se duas circumferencias tangentes, que representarão os dous hemispherios; e pelos centros dos quaes se levantará uma vertical, que determinará os polos. Os dous circulos ficam d'este modo divididos cada um em quatro partes iguaes formando cada uma um angulo recto ou de 90 graus. Divide-se, por tentativas, cada quadrante em nove partes iguaes, o que dá 36 partes em cada circumferencia; uma d'estas partes vale 10, pois que $36 \times 10 = 360$ graus. Trace-se agora os meridianos e os parallelos, fazendo-os passar pelos pontos de divisão. Como os meridianos passam todos pelos polos, basta determinar, sobre o diametro do equador, o terceiro ponto por onde cada um deve passar. Para isso, toma-se uma regoa sufficientemente comprida que se applica por uma das suas extremidades a um dos polos, e faz-se passar por todos os pontos de divisão da semi-circumferencia que não contém esse polo, marcando, em cada posição da regoa, o ponto de intersecção com o diametro: é este o terceiro ponto que determina cada um dos meridianos. Procede-se do mesmo modo para determinar na linha dos polos o terceiro ponto de cada parallelo: colloca-se uma das extremidades da regoa n'um dos termos do equador, dirige-se a regoa para cada um dos pontos de divisão da semi-circumferencia apposta, e marca-se em cada posição da regoa a intersecção com a linha dos polos; é este o ponto procurado. A linha dos polos, prolongada indefinidamente, é o lugar de todos os centros dos parallelos; a linha do equador, considerada indefinida, é o lugar dos centros dos meridianos. Completa-se o trabalho, desenhando a lapis ou a tinta de qualquer côr os contornos dos Estados limitrophes, as ilhas, os rios, as montanhas, etc.; e circumscrevendo a carta por uma tarja preta, sobre a qual se indíca, por meio de algarismos, os graus de longitude e latitude.

CARTHAGO. (Veja Nono seculo).

CARVALHO. (Veja Cupuliferas).

CARVÃO. (Veja Fosseis).

CASTANHEDA (Fernão Lopes de). Nasceu em Santarem. Foi para a India, d'onde voltou com os elementos da sua *Historia do descobrimento e conquista da India pelos portuguezes.* Após vinte annos de trabalho, obteve na patria o lugar de bedel do Collegio das artes de Coimbra, onde morreu em 1559. A collecção das suas *Historias*, impressas entre 1551 e 1561, são hoje extremamente raras; mas ha nova edição de 1833, em 7 tomos in-4.º «Os criticos, diz o snr. Innocencio Francisco da Silva, reconhecem na sua historia sinceridade e desejos de acertar, com boa averiguação dos factos, taes quaes se patentearam á sua diligencia: a linguagem tem todo o sabor proprio do seu seculo, é pura e correcta e não despida de elegancia; porém, diremos com o marquez de Alegrete: «Quem lê as *Decadas* de Barros e Couto não se satisfaz facilmente de outro historiador do mesmo assumpto.» (*Dicc. Bibl.*, tom. II, pag. 283).

CASTANHEIRO. (Veja CUPULIFERAS).

CASTELLO BRANCO. A doze leguas de distancia da cidade da Guarda, para o sul, e a quatorze da villa d'Abrantes para o sudoeste, está situada a cidade de Castello Branco em lugar elevado, na provincia da Beira-Baixa, de que é capital.

Não ha noticias certas sobre a época e authores da sua fundação. Sabe-se, porém, que é de origem antiquissima. Alguns cippos, e outras pedras com inscripções romanas, achadas dentro da cidade, e nos arredores por occasião de se abrir alicerces ou demolir muros, provam que alli existiu alguma povoação importante no tempo da dominação romana.

Um nosso distincto escriptor, que se deu muito ao estudo de antiguidades, chamado Gaspar Alvares de Louzada, encontrou fundamento n'aquellas pedras para se convencer e affirmar, que alli teve assento a cidade romana de *Castraleuca*, e que das suas ruinas sahiu Castello Branco.

As memorias mais certas d'esta terra datam do reinado de D. Sancho I que lhe deu foral. D. Sancho II, na doação que fez d'ella a D. Simão Mendes, mestre dos templarios, em 1220, menciona-a como povoação importante; e mais tarde D. João II deu-lhe o titulo de notavel.

El-rei D. José I elevou Castello Branco á categoria de cidade.

Edificada em uma encosta tem Castello Branco as suas ruas com grande declive, e sem construcções dignas de menção. Na parte mais alta está o velho castello, bastante arruinado, que foi fundado pelos templarios, e que pela extincção d'esta ordem passou para a de Christo. Dentro do castello, ainda se veem as casas em que residiam os commendadores. Os ultimos que alli viveram foram D. Fernando de Menezes, e D. Antonio de Menezes, que se retiraram para Lisboa logo depois da acclamação de D. João IV.

A antiga igreja matriz tambem ficava dentro da fortaleza, pelo que se denomina Santa Maria do Castello.

Tem esta cidade varias capellas, casa da misericordia, e dous hospitaes.

Os suburbios de Castello Branco abundam em cereaes, legumes e hortaliças.

Passam pelo termo d'esta cidade, em alguma distancia, os pequenos rios Ponsul, Ocresa, e Lisia. Se se der credito a uma tradição d'aquellas terras, a meia legua de Castello Branco, junto ao rio Ponsul, no sitio ao presente chamado — *o porto dos Belgayos*, existiu uma cidade em eras remotas, denominada *Belcagia*.

Conta Castello Branco uma população de seis mil e oitocentas almas, e é residencia d'um governador civil e d'um general, commandante da divisão militar.

CASTIGOS. 1. Ao passo que a civilisação fôr progredindo, as condemnações a pena ultima irão rareando, e as crianças serão menos vezes corporalmente punidas, porque as almas hão de ser então mais de paz e os bons exemplos mais amiudados. Quanto porém á época em que vivemos os castigos são por vezes necessarios, sobre tudo quando o menino se obstina na maldade, apesar dos meios suaves que se empregam na sua educação Uma criança voluntariosa quereria dominar-nos, se lhe não fizessemos sentir, quando convém, a sua necessaria dependencia. Mas observareis que, se castigaes vosso filho, deixaes até certo ponto de ser seu amigo e seu pai, e que elle se torna para vós como estranho, incommodativo e insupportavel. É forçoso então que elle seja defeituosissimo; e vosso filho terá os extremos defeitos, e virá occasião em que vos excite a colera, a impaciencia e o desespero. E, dado tal conflicto, ireis arrebatado contra elle (arrebatado no exterior; porque seria desgraça suprema que um pai remettesse, verdadeiramente irado, contra o filho) por maneira que o effeito moral produzido seja incomparavelmente mais forte que a dôr physica. — Observa-

reis outrosim que, no lance de castigar, vos deveis abster de raciocinios; a fim de que vosso filho, forçado a entender vossos motivos e a entrar em sua consciencia, vendo-vos tão longe dos vossos costumes, conheça inevitavelmente que deve proceder d'outra maneira. Ser-vos-ha desculpa a ternura, pois que as culpas do filho vos serão causa de penas que haveis de soffrer; e, se elle vos considera alguma hora impaciente e colerico, não poderá ao menos accusar-vos de accumular, sem horror, as duplas funcções de juiz e algoz. — É de saber que não deve aviltar-se o menino que se castiga. Que elle possa dizer sem pejo e nobremente: «Foi bem feito; mereci o castigo; agora estou emendado.» Não descureis n'estas cousas o siso das crianças; que elles são perspicassissimos no que lhes toca; e, se os castigam com justiça, não se queixam. Acontece até desprezarem quem é servil com elles, e se deixa aviltar; e presam os genios francos e leaes que se deixam conhecer ao primeiro aspecto.

2. Aos meios extraordinarios, que só em raros casos devem empregar-se, acrescentaremos os *meios preventivos*, do uso quotidiano, unicos que podem dar educação racional. Possua-se o mestre de sentimentos paternaes para com os discipulos; não seja grosseiro quando austero, nem pusillanime quando indulgente. Evite iras e transportes; mas não volva os olhos de culpas que não devam passar inattendidas. Seja simples no modo de ensinar, paciente, exacto, e faça maior cabedal na observancia da disciplina e assiduidade que da excessiva applicação dos alumnos. Quando seja obrigado a corrigil-os, fuja da offensa e da acrimonia; por quanto o que volve muitos aborridos do estudo é reprehenderem-nos certos mestres com má catadura, como se lhes tivessem raiva. Falle-lhes miudamente de virtude, e encareça-lh'a com os maiores louvores, mostrando-lh'a em idéas agradaveis, como bem que a todos sobrepuja, e o mais digno do homem de bem atilado, e o mais esperançoso em honras; pois d'elle deriva a geral estimação, e a vereda que conduz á verdadeira felicidade. Quanto mais lhes fôr advertindo deveres, menos occasiões terá de castigal-os... Dado que a leitura lhes faculte muitos exemplos, o que se diz de viva voz tem maior acção e engendra melhores effeitos, sobre tudo se lh'o diz mestre que os meninos respeitem e estimem; que é grande a propensão a imitar de vontade aquelles que nol-a captivam. Estes predicados, que Quintiliano recommenda a um professor de rhetorica, tocam por igual aos paes e aos mestres encarregados do ensino da mocidade. (Veja Regulamento, Punições, Recompensas).

CASTILHO (Antonio de), filho do celebre architecto João de Castilho. (Veja Esculptores e architectos portuguezes). Nasceu em Thomar, em anno que se ignora, e falleceu em data ainda não averiguada. Exerceu lugares de grande consideração, tanto na magistratura, como nas letras, no reinado de el-rei D. João III, cujo embaixador foi a Londres. Segundo se deprehende dos louvores dos seus contemporaneos mais queridos das musas, foi eminente poeta e prosador notavel quanto podemos inferir das poucas obras que ainda se consultam em authoridade de linguagem; taes são o *Commentario do cerco de Góa e Caul*, impresso em 1573, e 1736, e o *Elogio d'el-rei D. João de Portugal, terceiro do nome*, impresso em 1655 com as *Noticias de Portugal* por Manoel Severim de Faria, em 1740, e em 1791 com os *Panegyricos* de João de Barros. O grande poeta Antonio Ferreira tinha-o na alta conta de mestre:

> Castilho, de meus versos douta lima,
> Que cuidarei que fazes lá escondido,
> D'onde me não vem prosa, nem vem rima?

CASTILHO (Diogo de), irmão do antecedente. Foi monge de Cister. Escreveu o *Livro da origem dos Turcos he de seus Emperadores*, publicado em 1538. D'este appellido Castilho

menciona oito escriptores o snr. Innocencio Francisco da Silva. Dos mencionados ainda vivem dous, em opulencia de talento, honrando o morgadio que lhes vem derivando ha tres seculos sem desfalque, e já novas vergonteas nos asseguram a cadeia nunca interrompida de grandes poetas e prestantissimos cidadãos. A genealogia tão fidalga, quanto litteraria, d'esta familia, deve ser lida nas *Notas* do terceiro tomo do *Camões*, admiravel drama do snr. visconde de Castilho. Lá no meado do seculo XVI avulta-nos João de Castilho, o poeta que esculpia as suas estrophes no marmore; cá, volvidos trezentos annos, um dos seus descendentes, architecto do edificio do porvir, evangelisa a educação da mocidade, exorando a dupla alma da sciencia para os meninos, e remoça a cada primavera nova que lhe enflora as cans. O visconde de Castilho é o mais opulento classico lusitano, porque possue as riquezas de todos. Sejam lidos e relidos da mocidade os numerosos livros d'aquelle esplendor das letras patrias, que não ha melhor cordão sanitario contra a gafaria que nos querem cá implantar os Gongoras da idéa, que são mais damninhos que os da locução.

CASTRO (Gabriel Pereira de). (1571-1632). Nasceu em Braga e falleceu em Lisboa, onde exercia as uncções de chanceller-mór do reino. Escreveu largamente sobre jurisprudencia civil e canonica. N'esta especie, ha d'elle dous livros que ainda pagam a canceira de quem os lêr como estudos de historia patria: são os documentos portuguezes da obra intitulada *De manu regia*, etc., e a *Monomachia sobre as concordias que fizeram os Reis com os Prelados de Portugal*, etc. A celebridade, porém, do seu nome, prende com o poema intitulado *Ulyssea*, ou *Lisboa edificada* (1636), tão encomiasticamente admirado de uns criticos, e denegrido por outros. Tal houve que o antepoz aos Lusiadas! N'este desatino cahiram Ribeiro dos Santos, e José Agostinho de Macedo. O padre Francisco José Freire dá-lhe o lugar immediato ao principe dos poetas. Quem por demasia de desaffecto collocou Pereira de Castro muito desfavoravelmente foi Almeida Garrett. Dizendo dos degenerados portuguezes que escreviam em castelhano por aquelle tempo, distingue o auctor da *Ulyssea*: «D'esta commum baixeza se alevantou o honrado e douto magistrado Gabriel Pereira de Castro que depois de ter aberto na jurisprudencia um caminho novo e n'aquelle tempo tão difficil por grandes verdades então perigosas, tomou ousado a trombeta de Homero, e não se arrojou a menos que a competir ao mesmo tempo com a Illiada e Odyssea; que tanto abraça o assumpto do seu poema. Grande é a concepção, bem distribuidas as partes, regularissimo o todo, regular e bella a acção, bem entendidos os episodios; mas o estylo... o estylo é, prototypo da *Phenix renascida*, o requinte do gongorismo, cujo patriarcha foi entre nós, pervertendo-nos, á sombra de sua grande fama e brilhante engenho, todo o resto escasso que de gosto tinhamos ainda, intrincando a poesia (senão que tambem a prosa por mau exemplo) n'um dedalo inextricavel de conceitos, de argucias, de exagerações, de affectada sublimidade, falsa e vã grandeza; com que de todo veio a terra a poesia nacional, e acabou a grande escóla de Camões e Ferreira, que tantos e tamanhos alumnos havia produzido. E suppunha esse homem vaidoso (Gabriel Pereira de Castro) ter sobrepujado com as quixotadas da sua *Ulyssea* as naturaes bellezas dos divinos *Lusiadas!* (*Historia da lingua e da poesia portugueza*).

Sobejam n'este juizo censuras que deviam ser justificadas com as passagens arguidas. Houve grande excesso nos libellos dados contra os sectarios de Gongora, aliás poeta estimavel por meritos que os imitadores abastardaram. Não se lhes levou em conta aos seguidores do cordovez enthusiasta a novidade dos pensamentos, cuja desenvoltura não damnificava a graça e donaire que outros depois aproveitaram mais atiladamente, desafeian-

do-a das posturas e recamos da locução desnatural. Ao proposito de gongoristas são de elevada critica estas idéas de um douto professor contemporaneo, o bacharel Alvaro Rodrigues de Azevedo: «Os gongoristas, no delirio das suas hyperbolicas *nubelosidades*, tinham *independencia* e *novidade* de phrase, o que já não é pouco. Abri a tão decantada *Phenix renascida*, e lá mesmo achareis exemplos d'estes dotes Os seiscentistas, sob pesada atmosphera de duplice oppressão, balbuciaram o principio de liberdade litteraria. — Desvairaram? É o percalço de quasi todos os neophytos do novo culto; mas nem por isso os condemneis. É cousa da infancia o não saber e lonquejar. Abençoai-lhe os instinctos bons, e dai tempo ao tempo. O *gongorismo* ensaiava na *dicção*, porque o nosso occidente mais lhe não permittia, o que o seculo XVII preparou na *idéa*, e o XVIII realisou no *facto*. Olhai o *gongorismo* a esta luz, se quereis fazer-lhe justiça. Não ha seculo que não contribua com seu elo para a cadeia dos progressos humanos.» (*Esboço critico-litterario*. Funchal, 1866).

Voltando á *Ulyssea*, abramos acaso o poema, e motivemos o nosso reparo na desamoravel injustiça de Garret, trasladando dous fragmentos como amostra da linguagem e geito poetico de Gabriel Pereira de Castro:

Quanto convém que sejam preferidos
Para os cargos da guerra os esforçados,
Que ao valor os lugares são devidos
Para os que em obras querem ser honrados:
Os que vem do alto tronco, se esquecidos
Do herdado exemplo estão de seus passados,
Que a virtude abraçaram preeminente,
Roubam logar alheio injustamente.

Que montam os leões, as aguias puras,
Com que a soberba espera eternisar-se?
Que montam atrios, carros e pinturas,
Se quer a ignavia n'ellas gloriar-se?
Que as fumosas imagens, as figuras,
De que a vangloria sabe namorar-se,
Affrontam os que imbelles encostados
No tronco antigo estão de seus passados.

(Cant. VII, est. 72 e 73).

No episodio dos amores do pastor a Galathea (canto III) é onde resaltam mais os conceitos, antitheses e arabescos da escóla gongorica. Não obstante, peregrinas imagens nos estão ahi seduzindo a não aceitar como de todo *rinda a terra* a poesia nacional, no dizer absoluto de Garrett.

Galatea formosa, em cuja neve
Achou principio o fogo peregrino,
Que me soube abrazar, e a culpa teve
D'este meu amoroso desatino.
Se me queres matar, e a amor se deve
Matar-me, do teu ouro crespo, e fino
Hum laço me darás, bella homicida,
Onde suspendas co'a esperança a vida.

A ti no prado imita a pura rosa,
Quando quer exceder-se na belleza,
Por ti retrata, como mais formosa,
As que mais bellas faz a natureza:
Ouve esta triste voz, que he só ditosa
Quando tua graça canta, e gentileza,
Que por vangloria sua amor ordena,
Que teus louvores cante, e minha pena.

Esta ribeira com te vêr florece,
Aonde de Amalthea se derrama
A copia, que tua luz, quando apparece,
Anima as flôres, e este prado inflamma:
Nasce a flôr, abre a rosa, a planta cresce,
Só triste chora quem te busca, e ama,
Perde o sentido quem te vê presente,
E dás sentido a hum monte, que não sente.

Se abres os bellos olhos, n'um momento
O Céo se alegra, e doura, e te namora,
As pardas nuvens fogem, o bravo vento
Se recolhe nas grutas, onde mora:
Rouba o teu peregrino movimento
O officio, e o poder á branca Aurora
Flôres abrindo, as conchas d'este rio
Perolas geram, sem colher rocio.

Vivo, imiga, de vêr-te, e quando vejo
De teus olhos a pura claridade,
Não quero mais da sorte, nem desejo
Mór premio da perdida liberdade:
E amor (pois me não mata amor sobejo)
Quer sem te vêr matar-me de saudade,
Com nova tyrannia amor me trata,
Se me matar, sem vêr a quem me mata.

Se tantos males soffro, ó Galatea,
Tambem me soffre que t'os cante, e conte.
Cançada d'este rio a mansa veia,
Cançadas tenho as grutas d'este monte:
Ah quem, para que a pena se lhe creia,
Te mostrará no espelho d'esta fonte
O ardente coração, firme, e seguro
Mais que os rochedos, mais que as ondas puro.

Dizei com verdes folhas arvoredos
(Que são linguas do monte) o que me ouvistes,
De que fiei a fé de meus segredos,
E a cujos troncos dei lagrimas tristes:
Dizei-o vós, ó concavos penedos,
Quantas vezes as queixas repetistes
De minha imiga, e o echo, que me ouvia,
A ultima voz, imiga, repetia.

A neve é escura, ó Galatea formosa,
E sem côr o rubi mais abrazado,
A saphira sem luz, sem graça a rosa,
E o ouro a par de ti menos dourado:
Que em tua alvura, e bocca graciosa,
Olhos, e face, e n'esse longo ondado
Cabello guarda amor em mór thesouro
Neve, rubi, saphira, rosa, e ouro.

Quando por cima da divina prata,
Galatea, o cabello de ouro estendes,
N'um só fio, que o vento te desata,
Mil almas atas, mil vontades prendes:
A minha, que desprezas, como ingrata,
Em te amar só se vinga, e se te offendes,
A culpa de offender-te, e de enojar-te
Paga offendendo com de novo amar-te.

De teus raros extremos de belleza
Os mesmos elementos se namoram,
Perdem vendo-te os ventos a braveza,
Como deosa do mar todos te adoram:
Minha constancia, e tua gentileza
Dous prodigios iguaes, e raros foram,
Que ambos nos fez dous monstros a ventura,
A mim de amor, a ti de formosura.

Hum dia junto ao mar te estavas vendo
Nos crystaes da agua pura, e socegada,
Alli amor me fazia estar temendo,
Que ficasses de vêr-te namorada:
Mas ah Nympha, que digo, que te offendo,
Que não pódes em flôr vêr-te mudada,
Porque quando este caso te aconteça,
Não tem o prado flôr, que te mereça.

CASTRES. (Veja LANGUEDOC).

CASULA. (Veja ORNAMENTOS).

CATINAT. Nasceu em Paris. Foi advogado, em principio de vida; mas, como perdesse um pleito que reputava justo, deixou a banca, e alistou-se no exercito. Distinguiu-se no assedio de Lille em 1667, ganhando o posto de tenente; porém, com quanto se estremasse em todas as batalhas, só em 1689 sahiu general; e depois da victoria de Marselha, alcançou o bastão de marechal. De volta, conversou largamente com o rei que a final lhe disse: «Temos conversado bastante do que me interessa. Diga-me agora como vão os seus interesses? — Optimamente, senhor, mercês á liberalidade de vossa magestade. —Eis aqui —disse o rei aos circumstantes — o unico homem de meu reino, que me fallou d'este feitio!» Catinat, meditativo, sereno, e affeiçoado aos soldados, recebeu de um d'elles o cognome de *Padre Meditação.*—Mandára-o Louvois tributar o principado de Juliers e o paiz de Limbourg. Aquelle ministro, cuja indole revia no imperativo das ordens, disse-lhe: «Faça violentas execuções em Limbourg; terras onde lhe não queiram pagar, queime-as; o melhor modo de encurralar os habitantes de Limbourg e dos suburbios de Maestricht é enviar-lhes na retaguarda incendiarios ás suas aldeias.» — Catinat conciliou ao serviço do estado as leis sagradas da humanidade, executando das ordens apenas o imprescindivel para atemorisar aquelles povos. Ordenou á tropa que, se os habitantes pertinazmente resistissem, de modo que só podesse vencel-os o incendio, pozessem todo o cuidado em queimar uma só casa distante de cada aldeia, a fim de que o fogo não passasse ás povoações. Os aldeãos, vendo o exercito disciplinado, obedeceram logo, de modo que bastou avisinhar-se Catinat para que os tributos fossem pagos. O gazeteiro hollandez relatou-lhe o proceder por maneira tão louvavel para elle quanto acrimoniosa para os generaes, seus contemporaneos. Teve o principado de Juliers a boa sorte de ser Catinat o commandante da força armada: o paiz seria devastado se outro fosse o general.—O marechal de Catinat deplorava amargamente a rapidez com que um official era julgado á conta do seu primeiro erro; e dizia que ao general corria obrigação de lhe facilitar meios de restaurar-se. — O author da vida de Catinat censura acremente uns que nol-o malsinaram de incredulo, e aponta mesmamente algumas calumnias que lhe assacam. Revela-nos que Catinat quotidiana-

mente se deliciava na lição das sagradas Escripturas. — D'est'arte se exprime La Harpe no elogio que foi premiado na academia franceza: «Ao entardecer da vida, deixou de ir á côrte, limitando-se á convivencia de Saint-Gracien, alguns amigos e poucos livros. Como as forças se lhe esvaíssem, rogou ao famoso Helvecio que lhe dissesse aproximadamente que tempo ainda viveria. O medico aprazou tres mezes, ordenando-lhe algumas tizanas. — De que serve isto? — perguntou Catinat. — Para dulcificar os paroxismos — respondeu o medico. O marechal tomou as tizanas. Todavia, se alguma suavidade podia aligeirar-lhe a agonia era o recordar-se da vida que vivera. Tal homem, acoimado de impio, morreu balbuciando estas vozes: «Meu Deus, espero em vós!» Per si mesmo pediu os soccorros religiosos. Legados pios e caridosos á igreja e hospitaes constituem o principal do seu testamento. Nenhum criado se lhe olvidou. Catinat não augmentára nem desfalcára o seu patrimonio.

Redacção Catinat, sua indole.—Seu proceder no principado de Limbourg. — As suas idéas a respeito dos officiaes subalternos. — Religião e hora final de Catinat.

CAUTERETS. (Veja Gasconha).

CAVALLO. (Veja Pachidermes).

CAVENDISH. (Veja Chimico).

CAZOAR (ou Ema da Asia). (Veja Ribeirinhas).

CÉCROPS. (Veja Primeiros seculos).

CEDRO. (Veja Coniferas).

CEDROS. (Veja Turquia d'Asia).

CEGONHA. (Veja Ribeirinhas).

CÉLÈBES. (Veja Malesia).

CEM ANNOS (Guerra dos). O conflicto que se deu entre a França e a Inglaterra foi uma das guerras mais longas de que a historia faz menção. — Leonor de Aquitania, divorciada do rei de França Luiz VII, retomou seu dote dous mezes depois, levando essa rica herança á casa de Anjou, esposando Henrique Plantagenet, duque de Normandia, conde de Anjou, de Maine e Touraine, feito no anno seguinte rei de Inglaterra, com o nome de Henrique II, sendo este o ramo d'aquella temivel casa dos Plantagenets, inimiga encarniçada da casa de França. O rei de Inglaterra estava senhor, em 1160, de quarenta e sete departamentos dos actuaes da França, em quanto que o rei d'este reino possuia apenas vinte. — D'aqui a primeira origem das lutas frequentes entre os reis de França e Inglaterra, e a grande rivalidade entre as duas nações.

2. Philippe Augusto, no tempo da cruzada, expulsou o espirito aventuroso de Ricardo Coração de Leão para lhe tomar algumas das provincias que este possuia na França, e n'uma curta e feliz guerra, recobrou a Normandia, Anjou, Touraine, Maine e Poitou (1204).

3. S. Luiz, que não sentia a consciencia muito segura sobre as reuniões das privincias tomadas por Philippe Augusto, pensou primeiro em regular suas contas com a Inglaterra. Aproveitando-se da menoridade do rei para elevar seu poderio, os grandes do reino revoltaram-se e Henrique III foi propriamente em seu auxilio. S. Luiz marchou e venceu os estrangeiros em Taillebourg e Saintes. Em 1259 foi concluido um tratado regulando os direitos respectivos das duas potencias. Henrique III renunciou todas as pretenções á Normandia, Maine, Touraine e Poitou, prestando vassallagem ao rei de França como duque d'Aquitania. De seu lado, S. Luiz deu-lhe a Saintonge e Aunis, provincias conquistadas por seus predecessores.

4. No reinado de Philippe, *o Bello*, recomeçaram as hostilidades. Uma questão que houve em Bayonna entre um marinheiro francez, deu causa á

desalliança entre as duas nações. Philippe citou Eduardo I seu vassallo diante da camara dos pares. Dada a recusa de comparencia d'este, Philippe mandou confiscar a Guyenna, que cubiçava havia muito, invadindo-a militarmente. Outra força marchou contra Flandres, que se tinha alliado á Inglaterra. Depois de um revez, Philippe derrotou os flamengos na batalha de Mons en-Puelle (1304) e reuniu o condado de Flandres á corôa. No mesmo anno foi assignada a paz com a Inglatera, e Philippe restituiu a Guyenna a Eduardo I, seu rival.

5. Luiz X, Philippe, o *Longo*, e Carlos, o *Bello*, reinaram successivamente na França e Navarra, depois da morte de seu pai Philippe, o *Bello*. Algumas hostilidades contra os inglezes na Guyenna deram causa á conquista de Agenais, no tempo de Carlos, o *Bello*.

O rei de França encontrára util alliado em sua irmã Isabel, esposa de Eduardo II, rei de Inglaterra, que detestava seu marido. Eduardo consentiu em prestar o juramento de homenagem e fidelidade como vassallo da França. Os inglezes não lhe perdoaram esta fraqueza, e Isabel aproveitou-se do descontentamento geral para accender uma guerra civil, só terminada pela deposição e morte de Eduardo II, em 1327. Carlos, o *Bello*, assim como seus dous irmãos, morreu sem deixar herdeiro varão. Com elle se extinguiu o ramo directo dos Capetos, que tinha dado quatorze reis á França, depois de Hugo Capeto.

6. Pela morte de Carlos, o *Bello*, tres pretendentes reclamaram a corôa. Philippe, conde de Valois, sobrinho de Philippe, o *Bello*, por seu pai, Carlos de Valois; Eduardo III, rei de Inglaterra, neto de Philippe, o *Bello*, por sua mãi, Isabel de França; e em fim Philippe, conde de Evreux, esposo de Joanna, filha de Luiz X. A camara dos pares, e os grandes do reino decidiram que em virtude da lei salica, nem Isabel nem Joanna podiam transmittir o direito que não tinham. Philippe de Valois foi acclamado rei com o nome de Philippe VI. Eduardo III prestou homenagem ao rei de França do ducado da Aquitania; não tardou porém a renovar as pretenções que tinha á corôa. Estalou então entre a França e a Inglaterra uma guerra desapiedada que se chamou dos *Cem annos*, em consequencia da sua longa duração.

Começada em 1336 pela revolta de Flandres, só acabou em 1452 pela tomada de Bordeaux, e a expulsão dos inglezes do reino de França. (Veja para outras miudezas EDUARDO III. JOÃO, o *Bom*, CARLOS V. CARLOS VI, CARLOS VII, JOANNA D'ARC).

Redacção: Causa da guerra dos Cem annos. — Leonor d'Aquitania. — Philippe, o *Bello*, e seus filhos. — Pretendentes á corôa.

CENOURA. (Veja UMBELLIFERAS).

CEREAES. (Veja GRAMINEAS).

CEREBRO. É o cerebro a séde de nossas faculdades intellectuaes. Logo que elle é ferido, comprimido, ou mal conformado, o ente soffre morte, paralysia, idiotismo. ou qualquer outra affecção mental. Reconheceu a sciencia que o entendimento augmenta na proporção do volume do cerebro e seu perfeito desenvolvimento. São diversamente importantes as partes que o formam. Parece que a vida reside principalmente em uma porção muito compacta, situada no occiput no ponto da reunião do cerebello e medulla espinal; *nó vital* lhe chama M. Flourens. D'este orgão descem os nervos que se ramificam por toda a economia animal, como orgãos censorios. A criança exercita sua sensibilidade logo que nasce; entre os doze e quinze mezes, já comprehende a indole das pessoas que a rodeiam. Estuda e trabalha antes de entender a falla, e o estudo da palavra é n'ella tão rapido como a sensação da vista. do ouvir, e do tacto. Nos seus dous primeiros annos, despende mais intelligencia do que em outra qualquer época da vida. Pelo que, guardadas as proporções, o volume cerebral de

uma criança é maior que o do adulto, ou do velho; e isto prova ser o cerebro o orgão mais activo das crianças. Ora, tendo a natureza regulado com tanta ordem todas as cousas a fim de que as primeiras impressões nos sejam de largo proveito no futuro, deprehende-se que a educação domestica desde a primeira infancia, é extremamente valida. (Veja MÃI, GENIO, ADULTO, SYSTEMA NERVOSO).

2. «Vi, diz Santo Agostinho, uma criança ciumenta; não sabia ainda fallar, e já com rosto livido e olhos colericos encarava outra criança que se amamentava com ella. Podemos pois asseverar que as crianças tem mais conhecimento do que se lhes imagina: podeis por tanto inclinal-as, mediante expressões auxiliadas pelo gesto, a pessoas honestas e virtuosas, desviando-as d'outras, cuja frequencia é nociva... Eu não avulto estas cousas insignificantes; mas em fim disposições remotas são primordios que se não devem descurar, e este modo de precatar o menino dá resultados insensiveis que facilitam a educação... A substancia do cerebro da criança é molle, e por isso facilmente se lhe imprime tudo, mórmente se a novidade e o sobresalto a torna curiosa, e lhe dá facil e continuado movimento. D'isto procede a agitação dos meninos, que não podem prender o espirito a cousa alguma, nem permanecerem em algum lugar. Por outro lado, como as crianças não sabem pensar nem operar per si mesmas, observam tudo, fallam pouco, se as não acostumam a fallar muito, e não é mau que assim seja...» (Fénelon, *Educação das meninas*, cap. III).

CEREFOLIO. (Veja UMBELLIFERAS).

CERIUM. (Veja METAES).

CERTEZA. Quando a consciencia nos adverte que sentimos dôr ou prazer, quando a vista ou o tacto nos transmittem a noção de um objecto, quando a memoria nos desperta lembranças de um successo, não impugnamos a veracidade da consciencia, dos sentidos, e da memoria; mas, conforme o testemunho d'elles e d'ellas, que tal successo se deu, que tal objecto existe, que nossa alma está impressionada alegre ou molestamente. Este confiar do homem em suas faculdades — adhesão viva e profunda á verdade que lhe ellas revelam — chama-se *certeza*. O impulso determinativo da certeza é, em nossa intimidade, a operação das faculdades do entendimento, e, no exterior, é a evidencia ou poder que a verdade tem de tocar o espirito — especie de luz que nos penetra para nol-a fazer visivel. Logo que uma verdade nos parece evidente, certificamo-nos d'isso, ou, tanto monta, é verdade para nós. É pois a certeza um modo da alma correlativo a uma propriedade das cousas, que é a evidencia. Entre evidencia e certeza ha a relação do effeito e causa; esta implica a outra, e invariavelmente se travam. Pensaram alguns philosophos que a certeza podia equiparar-se á probabilidade, pois que ella era a probabilidade levada ao mais alto grau; todavia a analyse dos factos demonstra ser erronea tal opinião. O caracteristico da certeza é: 1.º suppôr a affirmação absoluta que uma cousa é ou não é; 2.º não admittir graus; 3.º ser invariavel e uniforme. Pelo que quando dizemos que dous e dous são quatro, não temos d'isso meia certeza primeiro, e depois certeza completa; estamos sempre no mesmo grau de inteira certeza. Ora, a probabilidade não é acompanhada de tão completa, uniforme e invariavel segurança. Acontecendo que os motivos pelos quaes esperamos que succeda um acontecimento que é provavel succeder, e dando-se em opposição outros motivos, é claro que o espirito não póde formar seguro juizo sobre tal sucessso. Embora o numero das supposições favoraveis seja infinito, basta um só revez contra mil probabilidades, para nos inquietar e embargar que digamos: tenho a certeza. Quando por exemplo uma urna contivesse mil favas brancas e uma só preta, a probabilidade de tirar uma fava branca não equiva-

leria á certeza em que estariamos se todas as favas fossem brancas. (Jourdain).

2. Cinco especies de certeza se distinguem conforme os objectos e modo da acção de nossas faculdades: 1.º a certeza sensivel, ou dos objectos conhecidos mediante os sentidos, como os corpos e suas propriedades; 2.º a certeza metaphysica que comprehende as verdades que a razão conhece, taes como os axiomas e theoremas mathematicos; 3 º a certeza moral, a dos factos da consciencia, das verdades moraes e acontecimentos que o testemunho certifica; 4.º a certeza immediata, á qual chegamos sem investigal-a, por acção instantanea da evidencia; por exemplo, a certeza de que não ha effeito sem causa, e dous e dous são quatro, etc.; 5.º a certeza mediata que resulta do raciocinio A certeza é, em todos os casos, igual a si mesma; porquanto, em todos é devida á operação do mesmo espirito, procede da mesma faculdade que a cognoscitiva applicada a diversos objectos collocados em diversas condições. Urge todavia observar dous pontos: 1.º que as verdades conhecidas pelo processo demonstrativo derivam das verdades primitivas, evidentes de si mesmas, pelo que a certeza mediata depende da certeza immediata e a presuppõe; 2.º que entre as verdades immediatamente conhecidas, a existencia pessoal, como bem ponderou Descartes, é a primeira que a consciencia nos revela, e antes de todas, nos impressiona; logo o conhecimento proprio, o sentimento intimo da personalidade, é principio e condição de toda a certeza. (Veja CONHECIMENTO e PHILOSOPHIA). Dictem-se as duas lições por duas vezes, e ampliem-se, fazendo procurar exemplos de certeza em cada caso.

CERVANTES (1547-1616), celebre escriptor hespanhol de familia nobre mas pobre, foi gloriosamente ferido na batalha de Lepanto, d'onde lhe ficou aleijão incuravel. Voltando á Hespanha, quatro annos depois, foi tomado pelos corsarios, e ficou seis annos escravo em Alger. Entrou na patria resgatado pelos PP. da Trindade, e ahi viveu miseravelmente, desconhecido de seus compatriotas, não tendo mais recursos que a sua penna. Cervantes é hoje conhecido em todo o mundo pelo seu romance *Don Quichotte de la Mancha*, onde elle satyrisa, da maneira mais picante, o gosto das aventuras cavalleirosas e romanescas que n'essa época dominava. Antes que o *Don Quichotte* lhe tivesse conquistado uma gloria immortal, tinha trabalhado com muito zelo para o theatro e vinte ou trinta peças suas foram muito applaudidas, embora o author as tivesse em pouquissima conta. Como o seu intento era tão sómente agradar na scena, logo que o conseguisse não pensava mais nas obras. A *Destruição de Numancia* attingiu a craveira do cothurno tragico, e deve ser contada entre os mais notaveis phenomenos da historia dramatica, sobre tudo, porque o author sem querer nem pensar n'isso se avisinhou da simplicidade antiga. Logo que appareceu Lope de Vega, Cervantes foi deslumbrado; e em desforra fez imprimir em 1615, pouco tempo antes de morrer, oito comedias, que não tinham podido lograr no palco o exito que elle desejava.

2. Immortalisou-se pelo *Don Quichotte*.—«Em nenhuma obra de lingua conhecida, diz judiciosamente o historiador das litteraturas do Meio dia, ainda a satyra foi mais fina, mais desenvolta ao mesmo tempo, nem phantasia mais feliz deu de si mais espirituosos gracejos... Conhecem todos aquelle fidalgo da Mancha, que treslendo á força de lêr livros de cavallaria, se imagina em tempo de paladinos e encantadores, e delibera imitar os Amadis e Orlandos cujas historias tanto o embelecaram; e por tanto cavalgando o magro e velho Rocinante, e armado ao antigo, perlustra selvas e planicies á cata de aventuras. Todos os objectos vulgares a poetica imaginação lhe transfigura; a cada passo lhe sahem gigantes, encantadores e paladinos; e bem que

taes encontros o deixem mal ferido, não ha quem o desilluda. Mas, Quichotte, e o leal Rocinante, e o socarrão Sancho-Pança vivem desde muito na minha imaginação e na de todos. Aquelle tão recreativo livro, urdido de aventuras tão chistosas e originaes, suggere-nos graves reflexões. Deve lêr-se o proprio *Don Quichotte*, se queremos vêr tudo que póde ahi haver irrisorio no heroismo do cavalleiro, no medo do escudeiro, quando elles escutam, no seio de cerrada noite, o compassado trapejar do moinho de vento. Não é com extractos que se póde dar muito pela rama o riso das aventuras na estalagem que D. Quichotte imaginava sempre castello encantado onde Sancho foi manteado: sómente na leitura seguida do livro podemos saborear a opposição tão galhofeira entre a grave e fidalga linguagem do cavalleiro e a ignorancia e rudeza de Sancho. Ninguem mais que Miguel Cervantes sustentou por igual o interesse e a zombaria, a facecia da imaginação e a do tecido das peripecias que se desenvolvem no desenho dos personagens. A invenção fundamental de D. Quichotte é o eterno antagonismo do espirito poetico com o espirito prosaico. Desfere-se o talento de Cervantes principalmente no comico, e tal que nunca offende costumes, leis e religião. O caracter de Sancho-Pança é admiravel contraposição do do amo. Em quanto um é todo poesia, o outro é todo prosa. Todas as qualidades do homem vulgar realçam em Sancho: sensualidade, glotoneria, preguiça, cobardia, bacharelice, egoismo, manha, lá se travam com certo grau á bondade, fidelidade, e até sensibilidade. Entendeu sisudamente Cervantes que não devia desenhar á primeira luz, sobre tudo em um romance comico, um caracter odioso: quiz que lhe estimassem Sancho e D. Quichotte, rindo de ambos, e por isso os contrapôz em tudo, não os aquinhoando em moralidade e vicio. Ao passo que D. Quichotte ensandece seguindo a philosophia da alma, nascida de sentimentos exaltados, Sancho não é menos sandeu, tomando como norma a philosophia pratica da utilidade calculada, cujos proverbios cita. Prosa e poesia são ambas postas a riso. Se o enthusiasmo é zombeteado em Quichotte, não o é menos o egoismo em Sancho-Pança.» (Sismondi, *Da Litteratura do Meio dia da Europa*).

Dicte-se e faça-se resumir oralmente a primeira lição. Exponha-se ou leia-se a segunda, e faça-se redigir.

CERVEJA. (Veja Fermentação).

CESAR, escriptor celebre, e grande guerreiro, sobrinho e partidario de Mario, apresenta-se sempre a nosso espirito como o primeiro heroe dos romanos. Um dia chorava lendo a vida de Alexandre; seus amigos perguntaram-lhe a causa das suas lagrimas: «Não é para mim justo motivo de dôr — respondeu — que Alexandre na idade em que estou tivesse já conquistado tantos reinos, em quanto eu ainda não pratiquei acção memoravel?» Na sua volta de Hespanha onde foi enviado como pretor, reconciliou Crassus e Pompeo, os dous homens mais poderosos da cidade, e por sua influencia nos comicios seguintes foi nomeado consul. Tinha apenas tomado posse d'este lugar quando publicou leis, não dignas de um consul, mas do tribuno mais audacioso. «Cuidado com esse elegante de toga fluctuante» dissera aos nobres o velho Sylla.

2. Cesar distinguira-se muito cedo por sua eloquencia e affabilidade; a polidez, o acolhimento gracioso que dava a todo o mundo mereceram-lhe a affeição popular devendo ao povo, e durante cinco annos, o commando nas Gallias. N'esta nova carreira Cesar se nos revela tão grande guerreiro, tão habil cabo que nenhum dos generaes admirados depois adquiriram maior gloria com suas proezas. Em menos de dez annos, que durou a guerra nas Gallias, levou de escalada mais de oitocentas cidades, submetteu trezentas nações differentes, combateu em muitas batalhas campaes contra tres milhões de inimigos, ficando sempre vencedor. Sabia inspirar aos

soldados affeição e ardor tão vivos, que aquelles que debaixo das ordens d'outros chefes, eram soldados vulgares, tornavam-se invenciveis debaixo do seu commando, e ninguem resistia á sua impetuosidade. Este ardor e emulação da gloria eram incutidos pelas recompensas e honras que Cesar lhes prodigalisava. Além de que Cesar se expunha voluntariamente a todos os perigos, não se esquivando a algum serviço da guerra. Todavia era delicado de corpo, sujeito a frequentes dôres de cabeça, e a ataques de epilepsia; mas longe de fazer da fraqueza de seu temperamento pretexto para viver na ociosidade, procurava no exercicio da guerra remedio para as doenças, combatendo-as com marchas forçadas, um regimen frugal, e habito de dormir ao ar livre, endurecendo assim seu corpo em toda a especie de fadigas.

3. Dizem que foi elle o primeiro que introduziu em Roma o uso da correspondencia por cartas, que elle dictava de cima do cavallo a muitos secretarios ao mesmo tempo. Á força de combates e victorias, avassallou a Gallia, prisionando Vercingetorix, o ultimo e mais formidavel adversario que elle combateu n'aquelle paiz.

4. Pompeo, cioso de seus triumphos, impugnou que elle fosse de novo eleito em seu commando, e fez decretar que se demittisse. Irritado com semelhante ordem que considerou injusta, Cesar transpoz os Alpes e o Rubicon, que delimitava o territorio do seu governo, marchou para Roma d'onde Pompeo fugiu com o senado, entrou na cidade sem estorvo e fez-se dictador. Chamou então os expatriados, restabeleceu em todos os seus direitos os filhos dos que Sylla havia proscripto, desonerou os devedores de parte dos juros de suas dividas, e partiu no encalço de Pompeo. Com tanta actividade o fez, que deixou depós si grande parte de seu exercito; e bem que só tivesse seiscentos cavallos e cinco legiões, embarcou, atravessou o mar Jonio, e apossou-se das cidades de Oricum e Apollonia. E como n'esta ultima cidade se visse com mui fraco exercito para manobrar contra Pompeo, e as tropas retardadas se demorassem, deliberou embarcar sósinho em um batel de doze remos, para accelerar a marcha.

5. Ao cahir da noite, disfarçou-se em escravo, embarcou no batel, e acantoou-se para alli entre os mais somenos passageiros, e nada disse. O barco descia na corrente do Anuis, que ia dar ao mar. A agua do rio, rechaçada violentamente pela maré e vento rijo, não deixava que o piloto governasse a barca e dominasse as vagas; pelo que ordenou o piloto á maruja que arripiasse a carreira. Cesar, ouvindo tal ordem, deu-se a conhecer, e apertando a mão do piloto, pasmado de o vêr alli, lhe disse: «Meu amigo, procede na tua rota com coragem, por que levas Cesar e sua fortuna.» Os nautas, affrontando a tempestade, forçam os remos, e envidam toda a força do seu pulso em sopesar a violencia das ondas; porém baldaram-se-lhes os esforços. Foi Cesar forçado a voltar ao seu arraial.

6. Entretanto, como o exercito de Brindes chegasse então, Cesar, com grande confiança offereceu batalha a Pompeo, que tirava abundantemente de terra e mar todas as suas vitualhas, ao passo que Cesar para logo se achou reduzido á indigencia das mais urgentes cousas. Os soldados alimentavam-se com raizes que adoçavam em leite; algumas vezes fabricaram pão com ellas, e acercando-se das avançadas do inimigo, atiravam-lhe aquelle pão ás fronteiras, dizendo-lhe, que em quanto a terra taes raizes désse não deixariam de cercar Pompeo. Não obstante, Cesar foi vencido no primeiro recontro, onde esteve a pique de morrer; e, recobrando-se, disse aos amigos: «A victoria seria hoje dos inimigos, se o seu chefe soubesse vencer.»

Abalando do arraial, apoderou-se de Gemphes na Thessalia e restabeleceu a abundancia do seu exercito. Deixou-se Pompeo determinar a perseguil-o mau grado seu; e travando peleja nos campos de Pharsalia, em

Macedonia, foi derrotado e forçado a fugir para o Egypto onde pereceu. Cesar chorou-lhe a morte, desenthronou o joven Ptolomeu, e sentou Cleopatra no throno do Egypto.

7. Volvendo a Roma, vencidos os demais inimigos, triumphou e fez-se decretar a dictadura perpetua (45). Senhor em fim do poder absoluto, Cesar converteu-o em beneficio dos seus maiores inimigos a quem perdoou. Reformou as leis, aformoseou Roma, fez adoptar um calendario novo, e creou muitos estabelecimentos uteis. Sem embargo, os republicanos, que o accusavam de querer fazer-se rei, conjuraram contra elle, dirigidos por Bruto e Cassio, e o mataram em pleno senado (44). — Cesar escreveu *Memorias* de suas batalhas que são notabilissimas.

Redacção: Estreia de Cesar. — Conquista da Gallia. — Seus trabalhos e indole. — Cesar transpõe o Rubicon. — Cesar e o barqueiro. — Sobriedade e coragem de seus soldados. — — Batalha de Pharsalia. — Cesar victorioso.

CEVADA. (Veja GRAMINEAS).

CHACAL. (Veja CARNIVOROS).

CHALONS. (Veja CHAMPAGNE).

CHAMPAGNE. Philipe, o *Bello*, aggregou esta provincia á França em 1284. Entre o Aube e Marne discorre a Champagne Pouilleuse (piolhosa), assim denominada pela esterilidade da terra e miseria de seus moradores. Tirante este tracto de terra onde é rara a verdura, e quasi tudo pinheiraes, o restante do paiz é uberrimo em pradarias e vinhedos que produzem os notaveis vinhos espumosos.

CHAPELARIA. (Veja TECIDOS).

CHAPTAL. (Veja INVENÇÕES).

CHARLATÃES. «É para lamentar que, não sómente o povo, mas até homens de alguma instrucção queiram sacrificar-se á ignorancia e cubiça de charlatães, consentindo que estes o tratem nas mais graves doenças!

«A palavra charlatão é imitada do vocabulo italiano *ciarlatano* derivado de *ciarlare*, fallar muito, ou palrar. Na lingua grega correspondia a palavra charlatão a *agyrtes*, assembléa, ajuntamento. Em latim a palavra *circulator* tinha identica etymologia, pois que de *circulus*, circulo, roda ou ajuntamento, se fizera este substantivo que designa o charlatão, isto é, o homem que fallava ás turbas reunidas em redor d'elle. Em allemão tambem a palavra *marktschreyes* tem uma significação quasi analoga: *markt*, praça publica; *schreyes*, pregoeiro, gritador, vozeiro. — N'estes differentes idiomas é a palavra por si só uma definição do objecto que representa. A alguem parecerão municiosas e talvez extemporaneas estas indagações philologicas; mas é tal a voga e importancia que os charlatães teem adquirido nos nossos dias, que julgariamos faltar ao nosso primeiro dever, se tratassemos de leve o assumpto. E por onde haviamos de começar melhor (até segundo as regras do charlatanismo litterário) senão pela etymologia, ensinando a origem da palavra charlatão, e as diversas maneiras com que assim os antigos como os modernos a exprimiam? Os charlatães, como mostra a etymologia que apresentamos, não passavam antigamente de homens, que andavam pelas praças publicas de varios paizes, congregando as turbas á roda de si, divertindo-as com enxurradas de palavras, e, em summa, procurando comer á custa dos credulos. De todos os meios proprios para captivar a attenção do vulgo, seduzir-lhe a imaginação, estimular-lhe a curiosidade, nenhum havia mais azado que o de explorar essa mina fecunda e inexhaurivel de males e de dôres que atormentam a raça humana. Calculou e calculou bem o charlatanismo que acharia pasto abundante no vasto campo d'enfermidades, que cercam o homem, e com mais ou menos brevidade o levam á sepultura; e eis-aqui o porque em todos os tempos, e

entre todos os povos tem apparecido homens a vender, com mais ou menos azafama, remedios de suppostas virtudes infalliveis, ao povo em torno d'elles apinhado, e que seduzido pelo engodo d'uma cura promettida, comprava se não a cura, pelo menos a esperança de a obter.

«Ha hoje tres classes mui distinctas de charlatães. A primeira é a dos charlatães vagabundos ou ambulantes, a mais miseravel de todas as tres, e que diminue de dia para dia. Na capital e cidades mais populosas já custa a encontrar alguns membros d'esta classe infima, que sómente ainda vão tirando fructo de seus embustes, lá por essas terras onde raro é o homem que sabe lêr. Alli, sim, póde o som da trombeta, e o brilho das maravilhas e ouropeis que enfeitam os vestidos do charlatão, alvoroçar o povo, e despertar-lhe a credulidade: porém nas cidades grandes onde o lêr os jornaes é uma precisão diaria, onde em cada esquina e a cada minuto apparecem cartazes de gordas letras, de variadas côres, o povo que lê, e presume saber discorrer sobre o que lê, já não presta fé á trombeta do charlatão errante, mas crê no jornal, crê no annuncio, crê no cartaz gigante, em fim ainda não escarmentado de engulir patranhas, crê piamente em todos os ardís dos charlatães da segunda classe, nos charlatães estabelecidos, graduados, que ás vezes habitam palacios ou pelo menos ricos aposentos, que chegam a alcançar condecorações, e que já não vão prégar nas praças publicas, e nas encruzilhadas, e semeiam com mão larga cartazes impressos em caracteres do comprimento d'um covado, que fazem com que os passantes parem boqui-abertos. Os jornaes, que n'isto levam ganho, incumbem-se, mediante uns tantos reis por linha, de lhes gabar as curas maravilhosas, a excellencia dos remedios, a superioridade dos methodos. Alguns d'estes manhosos especuladores dão conselhos de graça, porém levam muito caro pelos seus remedios *indispensaveis;* porque o que o povo paga mais contra sua vontade, não é o remedio que tem a seus olhos um valor intrinseco material, mas o parecer que julga que nada custa a dar.

«A esta classe de charlatães pertencem um grande numero de vendedores de remedios secretos, isto é, cujas formulas se não acham publicadas. A taes individuos alludia o nosso Nicolau Tolentino, quando disse n'uma das suas judiciosissimas e jocosissimas satyras:

> Chegou Monsieur de tal,
> Chimico em Paris formado;
> Traz segredo especial;
> Um elixir approvado,
> Um remedio universal:
> Não pretende ajuntar fundo
> C'os grandes segredos seus;
> E cheio de dó profundo,
> Tira pelo amor de Deus
> Os dentes a todo o mundo.

Analyses rigorosas feitas em varios tempos e lugares teem provado serem esses decantados remedios, uns um composto de cousas disparatadas, outros incertos e alguns finalmente perigosos. Quantos e quantos remedios, sem virtude alguma, se venderão por ahi, apadrinhados com um titulo retumbante!

«Pouco diremos ácerca da terceira classe de charlatães, ou dos charlatães scientificos. Esses não vendem remedios, nem põem seus nomes na quarta pagina de um jornal, isto é, entre os annuncios, porém mandam-no estampar no artigo — *noticias diversas.*— Perseguem as academias com as suas memorias, vangloriam-se em alto e bom som d'aquillo a que chamam as suas doutas pesquizas, e indicam exactamente a sua morada, nos annuncios de suas obras; se vão de jornada, logo a imprensa annuncia quando partem. Sempre teem um amigo officioso que se incumbe de annunciar ao mundo que o sabio, o illustre doutor fulão, é esperado com impaciencia na cidade de tal, e que ha de passar por estas e aquellas povoações. Os charlatães scientificos occupam no mundo uma posição mixta, que não é completamente brilhante,

nem inteiramente obscura. Em quanto vivos são muito fallados, depois de mortos não deixam rasto de si. Podem comparar-se com esses foguetes que amostrando-nos de relance um sulco luminoso deixam após breves instantes um pouco de fumo que a menor viração dissipa.

«Apparecem todavia de longe em longe alguns charlatães de boa fé, que pretendem achar na indole do homem, considerado em abstracto, a fonte propagadora do charlatanismo, e que, escudados com esta desculpa ou pretextos, pedem aos homens sensatos e illustrados lhes perdôem essas culpas, que elles suppõem filhas de uma especie de fado social.

«Vem aqui a pello uma anecdota muito sabida, que ha de explicar com mais clareza esta idéa. F... medico de consciencia e estudos, exasperava-se, e pasmava de vêr das janellas do seu solitario gabinete a immensa concorrencia de freguezes a pé, e dos de sege, que entulhavam as portas d'um famoso charlatão, o qual assistia defronte da sua casa, n'uma das ruas de maior passagem em Londres. Um dia que já não estava na sua mão dissimular o que sentia, animou-se a ir a casa do seu feliz visinho e a perguntar-lhe sem mais preambulos o segredo da sua fortuna. Ouviu o charlatão com muitissima serenidade de espirito a pergunta do homem benemerito, e levando-o para uma janella, perguntou-lhe: «Ora faça favor de me dizer que numero de pessoas lhe parece que passam pela nossa rua no espaço de uma ou duas horas? — Eu sei!—respondeu-lhe o sabio algum tanto admirado — talvez duzentas. — E n'esse numero — continuou o charlatão — quantas pessoas julga que haverá com juizo e olhos abertos? — Para lhe dizer a verdade, parece-me que não me poderá chamar mesquinho, se lhe eu disser que haverá uma ou duas pessoas quando muito? — Pois ahi tem o problema resolvido—proseguiu o sincero charlatão — esse homem de juizo irá procural-o, e o resto ha de vir ter commigo.

E para que vem aqui este artigo? — perguntará alguem.—Para, se é possivel, com o que fica dito, e o que se vai dizer, curar o povo d'uma mania, que a muita gente tem sido funesta.

Ha um raciocinio mui simples com que se póde convencer e desenganar o povo muito melhor, segundo nos parece, do que o poderiam fazer todas as diatribes impressas contra charlatães, mórmente quando essas diatribes são escriptas por medicos. Conviria dizer-lhe com brandura, que hoje remedio algum póde ser um *segredo*, porque a analyse chimica está tão aperfeiçoada que ensina a conhecer todas as drogas que entram em qualquer composição, de sorte que quando se provasse que um remedio mysterioso era um verdadeiro especifico, a sua composição, ao menos para os medicos, dentro de oito dias deixaria de ser segredo.

Conviria tambem dizer-lhe que o charlatão não tem nem póde ter conhecimento algum das molestias, e que ainda quando o seu remedio tivesse as virtudes que lhe attribue, não o podia saber applicar, etc., etc. Admira na verdade haver gente tão tresloucada que crê que uma velha ou um homem ignorante, que não teem a minima noção de uma sciencia em extremo difficultosa, pódem fazer milagres que não é dado fazer a homens que consagraram a maior parte da vida ao estudo da medicina, a homens que juntam á sua propria experiencia a experiencia de todos os medicos que o precederam ha perto de tres mil annos!» (*Panorama*).

CHARTREUSE. (CARTUXA). «Está o ermo da Cartuxa posto nas asperas montanhas da Saboya, a que os antigos chamaram Alpes, no meio de umas serras de grande altura, tão ingremes e de tanta penedia, que não achou até agora a industria humana modo nem lugar por onde a ellas se subir, porque todas ao redor são uma rocha talhada, que por muitas partes vai acabando em uns penhascos agudos, os quaes com sua natural aspereza não só mettem espanto a quem de baixo os está olhando, mas ainda

causa admiração vêr o artificio com que a natureza foi misturando o rochedo d'aquellas serras com a verdura do arvoredo que por muitas partes arrebenta. O sitio por dentro é mui capaz, porém mui aspero e intratavel, assim por estar a maior parte d'elle sempre coberto de neve, como pelos ventos que ordinariamente correm, tão frios e agudos que até os animaes bravos do monte os não podem supportar, pelo que em todas aquellas brenhas ha mui pouca caça, e ainda das aves não ha as menores, como rouxinoes, melros, nem outras que com sua melodia costumam alegrar e fazer doce a habitação do campo, senão algumas maiores de rapina, como aguias a que a natureza ensinou a buscar os cumes dos mais altos rochedos para n'elles fabricarem seus ninhos; e posto que em todas as cousas é este lugar por sua estranheza muito para vêr, todavia o mais admiravel de tudo é a serventia que Nosso Senhor ordenou que tivesse, porque não havendo nenhuma por estar todo em roda crespo de penedia, de fóra se levanta outro monte da mesma altura, que no cume se foi encostando ao da Cartuxa, de modo que deu lugar a se lançar de uma a outra parte uma ponte por industria humana, com a qual a entrada não só ficou accommodada para o serviço da Cartuxa, mas tambem facil para se defender a passagem a quem n'ella quizesse entrar. Fica por baixo da ponte um valle entre estas serras, que por ser profundissimo e não admittir os raios do sol se faz tão escuro, que mais causa horror que gosto aos que passam por cima, ao que ajuda muito o rouco som do rio Guyer, que pelo fundo vai passando, cujas ondas quebradas na penedia causam um rumor importuno e temeroso. Fica muito curto todo o encarecimento que d'este lugar escrevem os historiadores para se poder explicar o grande artificio com que a natureza o compoz, porque parece quiz Nosso Senhor formar n'elle um castello roqueiro, em que estes Santos se podessem defender dos inimigos d'alma com tanta facilidade, que não ficassem armas ao mundo, diabo e carne com que os inquietar.» (D. Basilio de Faria, *Vida do Patriarcha S. Bruno*).

CHATEAUBRIAND. (1768-1848). É incontestavelmente o maximo escriptor d'este seculo, o maximo pintor da natureza, esplendido no colorido e magestade das imagens, homem raro cujo genio não sómente conquistou a gloria, senão que influiu poderosamente e por largo tempo no seu seculo. Primeiramente, destinou-se á clarezia; mas, para logo, mudou de rumo, entrando nas fileiras como official. Introduzido á côrte de Luiz XVI por seu irmão, que esposára a neta do insigne Malesherbes, viu, enthusiasta, a aurora da Revolução franceza, e ao mesmo tempo a consagração da liberdade americana pelas victorias de Washington. A titulo de exploração geographica, obteve embaixada do governo para os Estados-Unidos, e foi recolher impressões novas e poeticas ás margens dos enormes rios do Novo Mundo, e no seio das florestas virgens da America do Norte. Sabendo que Luiz XVI havia sido preso, voltou á Europa; e a despeito da indole livre de suas convicções, entrou—forçado por sua posição social — na lista dos emigrados que pegaram em armas contra a França. Ferido no cerco de Thionville e levado moribundo a Jersey, demorou alguns annos em Londres, e, de pobre que estava, vivia dando lições de francez e de traduzir por conta de livreiros. Então publicou o *Ensaio ácerca das Revoluções*, livro composto sem methodo nem madureza, porém já notavel por energia de linguagem e gravidade de estudos. Duradoura e digna estima o ligou, de volta á patria, a M. de Fontanes, com quem redigiu o *Mercurio*, onde inseriu a deliciosa novella *Atala*, producção original que impressionou grandemente, e tambem *René*, que mysteriosa e sublimemente melancolico, reviveu a impressão que deixára *Atala*. Por 1802, ao manifestarem-se vislumbres de regeneração religiosa, a tempo que Napoleão, dado a recons-

truir tudo que désse caução de ordem, reerguia os altares, publicou Chateaubriand o seu Genio do Christianismo. Foi apparecimento estrondoso! Aquelle formoso livro, que namorava as intelligencias com scintillantes quadros, e os corações com profundos sentimentos, teve um exito immenso e universal. Propozera-se o author demonstrar n'esta obra que o christianismo, tão superior ao paganismo pela pureza de sua moral, não é menos favoravel á arte e á poesia do que as ficções antigas. — Em 1804 o encarregou o imperador de representar a França junto á republica de Valais, quando teve noticia da execução do duque de Enghien. Deu-se pressa em dimittir-se, e desde então mostrou-se adversario do imperio. Assim mesmo reconhecendo os grandes predicados do imperador, não recusou laureal-o com rapidos e magnificos elogios. Chateaubriand, sempre sensivel ás donosas saudades e poeticos enlêvos, emprendeu viagem á Terra Santa, perpassando na Grecia. Assim se arrobou nas tradições da dupla antiguidade sacra e profana, e ideou a traça de uma epopéa christã, onde seriam cotejados o paganismo moribundo e a religião no berço. Repatriado, retirou-se em modesto ermo, onde compoz os *Martyres*, especie de epopéa em prosa, que é, sem disputa, a sua obra prima, e offerece a mais feliz applicação das theorias do *Genio do Christianismo*. Na restauração dos Bourbons, entrou activamente nas discussões politicas. O livro que então publicou, denominado *Bonaparte e Bourbons*, teve grande voga, e deu a Luiz XVIII um exercito. N'este reinado, foi ministro de estado, par, membro do Instituto. Depois, descahindo da graça por haver censurado um acto do governo, fez-se chefe de opposição atiladá. A morte do duque de Berry convisinhou-o da côrte. Foi enviado embaixador a Londres em 1821, e de volta aceitou a pasta dos negocios estrangeiros. Nova desgraça o feriu em 1824, por onde veio a ser despedido brutalmente por M. de Villèle, então presidente do conselho, por motivos de desavenças. O nobre caracter de Chateaubriand sobranceou sempre os revezes da fortuna. Escrevendo no *Jornal dos Debates*, revelou zelo da liberdade da imprensa e independencia da Grecia, com grande applauso publico. Após a revolução de julho deu ares de retirar se da politica, e passou os derradeiros annos em desconversavel retiro, que só deixava quando visitava M.me Recamier, cujas salas eram parada das distincções litterarias. Entre os primores d'arte que lhe deram a gloria, publicou o romance poetico dos *Natchez*, epopéa admiravel, de que *Atala* e *René* são simples episodios; os *Estudos Historicos*, obra grave e de idéas transcendentes. Apertado pela necessidade de dinheiro, que o apoquentou toda a sua vida, viu-se obrigado em 1836 a alienar a propriedade das *Memorias de além da campa*, historia da sua vida, que não devia apparecer senão depois da sua morte; esta venda porporcionou-lhe um rendimento razoavel para o resto de seus dias. Á superioridade do espirito, Chateaubriand juntava os dotes pessoaes. Nos olhos fulgurava-lhe o genio, a graça no sorriso; a nobreza e firmeza da alma espargia-se-lhe em todas as feições. O que elle teve á semelhança de outros grandes homens, era uma vaidade mal dissimulada, o que mais uma vez nos mostra que não ha ninguem perfeito. «Eu sou—dizia elle—bourbonico por honra, monarchista pela razão, republicano por gosto e por caracter.» (Veja Apologistas, de Fontanes).

Summario: Genio, vocação e primeiras viagens de Chateaubriand. — Impressões causadas pelo *René*, *Atala* e *Genio do Christianismo*. — *Viagem á Terra Santa* e *Os Martyres*. — Seu papel na primeira Restauração. — Ultimas obras, e opiniões politicas.

CHATEAUROUX. (Veja Berry).

CHENIER. 1. André Chenier, nascido em 1763 em Constantinopla, onde seu pai era consul, sentiu muito cedo o gosto e a inspiração poetica; mas a sua modestia impediu-o de pu-

blicar os ensaios do seu talento. A Revolução excitou-lhe o enthusiasmo; porém desgostou-se logo com os excessos de que a viu manchar-se, ousando censural-os publicamente nas cartas que publicou no *Jornal de Pariz*. Dizem que foi elle quem redigiu a eloquente carta enviada por Luiz XVI á *Convenção*. O partido revolucionario viu em André Chenier um inimigo. Foi preso, arrastado á prisão, e condemnado á morte. Aos trinta e dous annos, pereceu sobre o cadafalso, juntamente com o seu amigo, o poeta Roucher. —Virtuoso mancebo— dizia-lhe este — conduzem-vos á morte, brilhante de genio e de esperança! — Nada fiz para a posteridade — respondeu Chenier—depois, batendo na fronte:—Ainda assim eu tinha aqui o quer que fosse!... — Estas tão maviosas palavras eram modestissimas, porque Chenier era já grande poeta, bem que experiencia lhe não houvesse sazonado o talento. Realçou mórmente na elegia, mas no idyllio, comquanto menos correcto, revela mais originalidade e um perfume antigo que nos encanta Nota-se em primeiro lugar a *Joven captiva*, e o *Doente*. Alguns dias antes da execução compoz sobre o seu fim prematuro versos muito commoventes. Os seus ultimos pensamentos, diz M. Villemain, foram todos poesia e enthusiasmo... A voz do poeta n'esta horrivel expectativa permaneceu firme e sonora:

Comme un dernier rayon, comme un dernier
Anime la fin d'un beau jour, [*zéphyre*
Au pied de l'échafaud j'essaye encore ma lyre...
Le messager de mort, noir recruteur des ombres,
Escorté d'infâmes soldats,
Remplira de mon nom ces longs corridors som-
[*bres.*

....

Ás oito horas da manhã foi chamado André Chenier quando o poema não estava concluido.

2. José Chenier, irmão do precedente, deu-se ás letras, tendo seguido durante dous annos a carreira militar. Cultivou muitos generos de litteratura, mas sobre tudo as suas obras theatraes tiveram exito prodigioso. Foi ás idéas democraticas de que era enthusiasta que deveu as mais das vezes a inspiração. Exprimia em todas as peças, n'um estylo puro, nobre e energico, o odio ao despotismo, e amor vivissimo á liberdade. Posto que ardente democrata esforçou-se todavia por obstar aos excessos revolucionarios.

As diversas poesias de José Chenier, tem um caracter satyrico. Basta lêr o vehemente discurso em verso sobre a *Calumnia* para conhecer que elle tratava o assumpto debaixo da inspiração. É n'este discurso que José Chenier repelle com eloquente indignação, a imputação horrivel de ter podido se quizesse salvar o irmão. Se teve a desgraça de se associar aos homens que faziam pesar o terror sobre a França, não ha motivo para lhe assacar tão culpavel fratricidio. Uma parte da sua gloria litteraria, funda em obras de critica, especialmente sobre a *Synopse da litteratura franceza, depois de 1789*. José Chenier morreu aos 46 annos, e foi substituido no Instituto, por M. de Chateaubriand, de quem elle teve a desgraça de desconhecer o genio. (Veja CHATEAUBRIAND). — Recite e faça redigir estas duas lições, juntando-lhe alguns promenores ácerca do *Terror*. (Veja CAMPAN e REVOLUÇÃO).

CHERBURG. (Veja NORMANDIA).

CHICORIA. (Veja SYNANTHEREAS).

CHILI e PATAGONIA. 1. Encontram-se muitas montanhas no Chili do lado da costa; o solo eleva-se gradualmente até aos Andes, que separam o Chili do interior da America meridional. Estas montanhas encerram grande numero de vulcões sempre em erupção. D'este modo a terra é frequentemente atormentada com terramotos. Varía o clima do Chili; o calor é extremo, mas temperado pelas brizas do mar, e por chuvas abundantes; a terra é extremamente fertil; immensos bosques de cedros vermelhos, de coqueiros e loureiros,

cobrem os flancos dos Andes; em fim todas as plantas tropicaes e as producções vegetaes da Europa alli se acclimatam e desenvolvem rapidamente. Os indigenas descendem de duas raças distinctas: a dos araucanos, o povo mais policiado da America; e a dos puelches, que vivem ordinariamente nas montanhas, distinguindo-se pela corpulencia de suas fórmas.

Estes dous povos encontram-se ao norte da Patagonia, paiz muito frio, montanhoso, coberto de matas ao norte, e em geral cortado por grandes correntes; ao sul vivem os patagonios, os quaes excedem em altura muitos centimetros aos europeus, chegando a ter mais de dous metros, e talvez tres. Este paiz foi descoberto em 1519 por Magalhães, para a Hespanha, que explorou o estreito que tem o seu nome e fez uma descripção pomposa dos paizes visinhos. Outros viajantes deram mais tarde informações mais exactas, das quaes resulta que este paiz é geralmente arido.

2. Difficilmente se encontra cidade mais limpa e regular que Santiago, capital do Chili. É dividida em praças que formam ruas cortando em linha recta. A fórma das casas é quadrangular, o tecto chato, e por cima da cornija tem uma elegante balaustrada; são d'um andar e caiadas de branco. Ao centro de cada morada, ha um espaço chamado *pateo* sobre o qual dão todos os quartos. A entrada da rua é um vasto portico, adornado com gosto. Na época dos grandes calores levantam um toldo sobre o pateo, o que dá muita frescura aos aposentos. Nas trazeiras cada casa tem o seu jardim regado por fontes encanadas. Os habitantes d'esta cidade trajam elegantemente, e são muito policiados com os estrangeiros.

3 Os antigos chilenos cultivavam milho e algumas plantas leguminosas: batata, pimento, morango, e outras plantas indigenas. Seus animaes domesticos eram camelo, coelho, porco, e gallinhas. Cultivavam a terra com instrumentos de pau, tinham grande conhecimento dos pastios, e das montanhas tiravam metaes que molduravam. Como ignoravam o uso do ferro, guarneciam as armas e ferramentas de pedras polidas, ou cobre amalgamado. O camelo puxava a charrua, e a lã d'este animal tingida de diversas côres, servia-lhe de vestuario. As casas construidas geralmente de pau, eram cobertas de caniçadas. Como os peruvianos, levantavam aqueductos e cruzavam canaes. Algumas d'estas obras perfeitamente conservadas, existem ainda; vê-se entre outras um canal perto de Santiago que tem muitas milhas de comprimento, e é notavel pela solidez. Os chilenos ignoravam a arte de escrever. As pinturas que usavam eram grosseiras e desproporcionadas, mas por outro lado podiam exprimir toda a especie de quantidade, e para povos separados da civilisação fizeram notaveis progressos na astronomia e cirurgia.—Entre os usos do paiz, nota-se a maneira pela qual caçam os animaes selvagens. Servem-se do laço: é uma corda de couro da grossura d'um dedo, e quinze a vinte metros de comprimento. N'uma das pontas tem um nó corredio e na outra um annel no qual passa uma grossa corrêa que vai prender á sella do cavallo em que montam. Difficilmente se imagina a destreza com que os homens do povo jogam o laço. É uma operação difficil quando se está parado; julgue-se da difficuldade quando a galope, e muitas vezes através d'um terreno desigual. Mas é tal a pericia, que elles podem apostar que apanham o animal pela parte do corpo que quizerem: pelas pontas, pescoço, ou uma das patas, e isto fazem-no com destreza e rapidez incriveis. Claro é que é preciso um grande exercicio e grande habilidade para adquirir tão maravilhosa dexteridade, por isso os mancebos se exercitam desde tenros annos, ensaiando-se na caça de gatos e cães.

Redacção: Clima e producções do Chili.—Os patagonios.—Descripção de Santiago e dos costumes de seus habitantes.—Os antigos chilenos.—A caça a *laço*.—Lêr ou expôr esta lição, e fazel-a resumir depois de mostrar por escripto, estas terras no mappa.

CHIMICA. Segundo a definição de mr. Thénard, a chimica é a sciencia que tem por objecto o conhecimento da acção molecular e reciproca de todos os corpos uns sobre outros. Toda a modificação, que sobrevem no estado d'um corpo e que lhe muda a natureza como a formação da ferrugem sobre o ferro, o verdete sobre o cobre, a combustão do pau ou da hulha nos focos, a putrefacção dos despojos animaes ou vegetaes, tudo isto são phenomenos chimicos. A materia póde ser solida, e n'este caso tem uma fórma determinada e variavel; ou liquida, e então as moleculas ficam livres para mover-se em todos os sentidos; e em fim gazosas, e n'este estado as moleculas afóra a mobilidade em todos os sentidos, tem mais a propriedade de se repellir e occupar um volume indefinitivamente grande. Chama-se *cohesão* a força que une as particulas materiaes em seu estado solido. Enfraquece-se geralmente pela accumulação do calor que parece então ser uma força opposta á cohesão. Quando por effeito do calor um corpo passou ao estado liquido, a cohesão está quasi destruida. E quando o liquido chega a uma certa temperatura, toda a massa passa ao estado gazoso, e não resta então mais que a acção do calor que vai apartando as particulas materiaes tornadas gazosas. A força da cohesão, que une os atomos dos corpos, não deve ser confundida com o peso universal. Usa-se na chimica a palavra cohesão, para designar a força que sustenta em contacto os atomos da mesma especie, quer simples, quer compostos; e chama-se *affinidade* a força que provoca e conserva a reunião ou combinação de atomos de diversas naturezas. Á cohesão se deve a crystallisação, que é tanto mais regular quanto os corpos passam mais lentamente do estado liquido ou gazoso, ao solido. Todavia á affinidade se devem todas as maravilhas da chimica e o estudo d'esta força incomprehensivel é no que mais se emprega o chimico. — Na theoria corpuscular, admitte-se que a materia se componha de atomos ou particulas. Estes atomos são de diversa natureza; isto é, tem differentes propriedades. Se atomos identicos entre si chegam a reunir-se, formarão um corpo simples; mas se muitas especies de atomos se combinam intimamente, resultará d'ahi o corpo composto. A chimica ensina a formar e a destruir estas combinações; faz conhecer as propriedades dos corpos, e em seguida as applicações de que se póde tirar proveito para as artes, a industria, e a medicina. É talvez esta sciencia a de maior utilidade pratica.

2. Pela synthese póde formar-se um composto, fazendo reagir duas ou mais materias simples. A affinidade que tem estas materias entre si, provocada ou não pela acção do fogo e dos dissolventes, opera a combinação d'ellas. A analyse ou operação contraria á synthese, consiste em isolar os elementos d'um composto para conhecer a natureza d'esses elementos e a proporção em que se acham ligados. — Para facilitar o estudo da chimica e distinguir entre si os compostos de differentes ordens, inventou-se uma nova nomenclatura que é importante conhecer. — Diz se *sulfureto de carbone* ou *carbureto de sulfur*, para indicar uma combinação de enxofre e de carbone, dando assim a terminação *ureto* á primeira palavra, se o composto é solido ou liquido; mas se o composto é gazoso, dá-se á segunda palavra a terminação *ado* como *hydrogenio carbonado*, *hydrogenio phosphorado*. Quando um radical como o ferro se combina com diversas proporções de enxofre, por exemplo, o composto em que entra menos enxofre chamar-se-ha *proto-sulfureto de ferro*; o segundo *bi-sulfureto de ferro*; o terceiro *tri-sulfureto de ferro* e assim successivamente, reservando a denominação de *persulfureto de ferro* para designar o composto em que entra a maior quantidade de enxofre possivel. Os compostos d'um corpo simples com o oxygenio tem os nomes genericos de oxydo ou acido, segundo as propriedades chimicas d'estes compostos. (Veja Oxydos).

Os diversos graus de oxydação in-

dicam-se da seguinte fórma: *protoxydo de ferro*, *bioxydo de ferro*, *trioxydo de ferro*, mas ha chimicos que os distinguem pelas côres: *oxydo branco de ferro*, *oxydo negro de ferro*, *oxydo vermelho de ferro*. O grau mais elevado de oxygenação tambem se chama *peroxydo*. Em geral ha dous graus de acidificação: o primeiro tem a terminação *oso*, o segundo a terminação de *ico*. D'este modo *acido sulfuroso* e *acido sulfurico*, o ultimo tem mais oxygenio que o primeiro. Um grau inferior de acido sulfuroso, dá o acido hyposulfuroso; um grau intermediario aos acidos sulfuroso e sulfurico dá o acido hyposulfurico. A combinação d'um oxydo com um acido produz um composto de segunda ordem, a que se dá o nome generico de sal. (Veja SAL). O acido em *oso* dá ao sal a terminação em *ite*, e o acido em *ico* dá ao sal a terminação *ato*. Assim *sulfito de potassa* designa um sal resultante da combinação do acido sulfuroso com a potassa; e *sulfato de potassa* um sal formado do acido sulfurico e potassa. Quando o sal contém um atomo de acido com um atomo de oxydo, sendo este ultimo a base do sal, diz-se que o sal é *neutro*, mas é um sal acido ou um *bi-sal*, quando dous atomos de acido estão reunidos a um só atomo de base, e é sal *basico* ou um *sub-sal*, logo que dous atomos de base estão juntos a um atomo de acido. (Veja METAES e METALLOIDES).

Summario: 1. Definições, phenomenos chimicos, moleculas. — Differença entre as *cohesões* e affinidades. — Corpos simples, corpos compostos.— 2. Synthese e analyse. — *Nomenclatura:* Emprego das terminações em *eto*, e *ado*; emprego das particulas *proto*, *bi*, *tri*, *per*.— Acidos em *oso* e em *ico*. — Emprego da particula hypo. — Saes em *ite* e em *ato*, e sua significação. — Sal acido, bi-sal, sal basico, sub-sal. — Perguntar cada ponto do summario, depois de lido ou exposto.

CHIMICOS. 1. «É profissão interessantissima a chimica para homens de alto espirito. Decompôr e compôr corpos, formar gazes, liquidos, solidos novos uteis ás artes, ás manufacturas, á saude e á guerra, operar prodigios que podem elucidar o philosopho e resolver questões reputadas insoluveis; crear artes uteis anteriormente incognitas; este é o fim da chimica. Nenhuma balisa lhe limita a ambição de sciencia; nenhum corpo é simples para elle. Nos fluidos imponderaveis vê sómente corpos indecompostos dos quaes elle poderá um dia mostrar os elementos; talvez que todos os crystaes e metaes venham a nascer no seu laboratorio. Não o desanimam os maus resultados de precedentes trabalhos; que o acaso e o talento podem remover muitos obstaculos. Se sabemos que o diamante é carbone, porque não faremos um dia do carbone diamante? — O chimico deve ser mathematico, physico, mineralogista, metallurgico; deve ter boa retentiva e grande vigor de deducção; alguma phantasia póde não lhe ser inutil, mas importa que ella o não domine. O alumno não póde esperar grande exito se no espaço de dous annos ao menos se não empregar como preparador no laboratorio de professor notavel, e bem assim se não fôr destro e laborioso, e não estudar as leis que presidem a todas as combinações, e a natureza dos compostos que forem submettidos a investigação e analyse. Urge-lhe desvelar-se em substituir processos simples e novos, fazer experiencias o mais economicamente que ser possa; habituar-se a redigir no mais claro e conciso estylo a exposição e theorias dos principaes factos da sciencia. Ao chimico versado não cançam meios de prosperar; póde collocar-se em uma pharmacia, em emprezas metallurgicas, e instrucção publica, producções chimicas, etc. Se fôr habil em sua carreira não tem que recear-se de emulos; porque o talento é raro, e só se distingue quem o tem.» (Giron de Buzareingues).

2. Chimicos celebres. Antigamente nada se sabia de chimica. Com o nome de *Arte Sagrada*, os chimicos possuiram a arte de fabricar o salitre, a porcelana, e a polvora; os gregos

adoptaram a existencia de quatro elementos: fogo, ar, agua, e terra; os arabes, ahi pelo seculo XI cultivaram-na com o nome de alchimia, levando principalmente em vista a transmutação dos metaes; finalmente as cruzadas divulgaram-na na Europa, e aquém do seculo XIV, floreceram homens de engenho que rasgaram horisontes aos incriveis progressos d'esta sciencia maravilhosa.—Paracelso (1493), medico e thaumaturgo, pretendeu ter achado o segredo de prolongar a vida, e fazer ouro. Acreditava na magia e astrologia, explicando as doenças pela influencia dos astros. Devemos-lhe o opio, o emprego do mercurio, e muitas preparações chimimas; porém a extravagancia do seu empyrismo deslnziu-lhe quasi de todo o merito.—Libavius, sabio allemão do seculo XVI, é o primeiro que fallou da transfusão do sangue, e combateu a doutrina de Paracelso. O licôr fumegante de Libavius é uma composição de muriato de estanho que se emprega como caustico.—Van Helmont, celebre empyrico, nascido em Bruxellas em 1577, quiz crear medicina nova fundada na chimica.—Becher, medico e chimico allemão (1628), foi quem primeiro pertendeu crear uma theoria chimica. Procurou um acido primitivo do qual todos os outros fossem meras modificações, deu-se muito á transformação dos metaes pelo calor, e preludiou d'esta arte a doutrina phlogistica de Stahl, medico allemão (1660), que, para explicar a combustão, imaginou o *phlogistico*, doutrina que dominou a sciencia por mais d'um seculo. Explicava elle todos os phenomonos da vida animal por um principio immaterial que reportava tudo a causas chimicas ou mechanicas. — Boerhaave (Hermann) (1668), celebre medico de Leyde que exerceu influencia no seu omnipotente seculo, estorvou o progresso da medicina apartando-se do methodo de Hippocrates, que primeiro tinha preconisado; no entanto fez muitas observações exactas, e conseguiu decompôr o sangue, o leite, e todos os fluidos animaes. Contribuiu tambem poderosamente nos progressos da botanica pela animação que deu ao celebre Linneu. — Palles (1677), capellão do principe de Halles que publicou a *Analyse do ar*, e a *Arte de tornar a agua do mar potavel*, fez muitas invenções uteis, entre outras a dos ventiladores, destinados a renovar o ar nos hospitaes, nas minas, e nos navios. — Black chimico escocez (1728) foi quem descobriu a existencia do acido carbonico chamado *ar fixo* e mostrou a sua presença nos alcalis, na cal, e na magnesia. Deve-se-lhe tambem o descobrimento do calor latente. (Veja CALOR). — Margraff, nascido em Berlin em 1789, associado á Academia das sciencias de Pariz, achou o meio de extrahir a potassa do tartaro e do sal de azedas, e de tirar assucar da beterraba.—Scheele, celebre chimico sueco, d'uma familia pobre, a muito custo conseguiu ser proprietario d'uma pharmacia. Figura elle entre os creadores da chimica organica, devendo-do-se-lhe o descobrimento de muitos principios chimicos: oxygenio, chloro, manganese e muitos acidos. Seu *Tratado do ar e do fogo* passa por uma obra prima.—Priestley (1733), chimico e theologo inglez, collocou-se por seus numerosos descobrimentos em chimica e physica, no numero dos primeiros sabios da Europa; porém attrahiu as perseguições do seu paiz pelo ardor com que defendia o unitarismo e os principios da revolução franceza. Foi o primeiro a descobrir e isolar o oxygenio, que elle chamou ar *dephlogistico*, abrindo o caminho a Lavoisier.—Cavendish, physico e chimico, nasceu em Nice, em 1731, entregou-se ao estudo das sciencias em lugar de procurar as honras a que seu nome tinha direito. A sua familia que era nobre desdenhou-lhe a sabedoria sem riqueza; chegou então um tio seu d'além mar, que lhe legou, morrendo, mais de 30:000 libras de renda, que elle consagrou ao progresso da sciencia e actos de beneficencia. Deve-se-lhe o descobrimento do gaz hydrogenio, que elle chamava *gaz inflammavel*, e o da composição da agua e do acido nitrico.—Lavoisier nasci-

do em Paris em 1743, mereceu, desde a idade de vinte e cinco annos, ser admittido á Academia das sciencias; demonstrou, em 1775, que a calcinação dos metaes e em geral a combustão dos corpos, é o producto do oxygenio com esses corpos, e operou por este descobrimento uma revolução completa na chimica. Juntamente com Guyton de Morveau, creou para a chimica uma nova nomenclatura que devia mudar a face da sciencia. O tribunal revolucionario fêl-o morrer no cadafalso. Debalde elle pediu a dilação de alguns dias para acabar experiencias uteis á humanidade. — A decomposição dos metaes alcalinos por meio da pilha, as numerosas pesquizas de todos os chimicos modernos, a theoria atomistica e a do isomorphismo, abriram á chimica uma nova época, estabelecendo-a sobre bases inalteraveis.

Summario: Fim do chimico.—Qualidades e deveres. — A chimica na antiguidade. — Paracelso, Libavius, Van Helmont, Bécher, Stahl. — Boerhaave, Halles, Black, Margraff. — Scheele, Priestley, Cavendish, Lavoisier. — Progresso da chimica. — Perguntas e resumo depois da leitura.

CHINA. 1. A parte occidental do imperio chinez é coberta de altas montanhas; e lá se encontra a plainura central e o deserto de Tobi, que os chinezes chamam *shamo*, ou mar de areia. O resto são ferteis planicies produzindo em abundancia todas as plantas tropicaes. O clima da China varía segundo as latitudes, mas geralmente é quente; os invernos são seccos, e os estios chuvosos. — Como os antigos romanos, o governo chinez presta toda a attenção ás estradas publicas. Emprega continuamente uma infinidade de homens a compol-as e enfeital-as, sobre tudo nas provincias meridionaes, onde não estão em uso nem carros, nem cavallos. Estas estradas são ordinariamente muito largas e bem ensaibradas; tanto que ficam enxutas logo que cessa a chuva. Os chinezes tem aberto caminhos no cume das mais altas montanhas, cortando rochedos e aterrando profundos valles. Em algumas provincias as estradas formam alêas marginadas de arvores muito altas, e em algumas partes com muros de dous a tres metros d'altura, para impedir os viajantes de passar a cavallo para as terras. Além das estradas, a China abunda em commodidades para os viajantes maritimos. Ao longo dos rios ha uma estrada commoda para os caminhantes, e os canaes são marginados com um caes de pedra. Nos cantões humidos e paludosos tem construido grandes calçadas para facilidade dos viajantes e dos barqueiros. De espaço a espaço, os grandes rios são cobertos de pontes, de tres, cinco, ou sete arcos, debaixo dos quaes podem passar os barcos sem abaixar os mastros. Estes rios desembocam dos dous lados em outros mais pequenos, que se dividem em quantidade de ribeiras communicando com a maior parte das cidades e villas. — O famoso canal real, cujo nome é tantas vezes mencionado nas descripções dos viajantes, atravessa todo o imperio de norte a sul. Começou a formar-se pela juncção de muitos córregos; e mesmo nos lugares onde elles faltam não deixa de correr, atravessando montanhas e rochedos, que não eram muito salientes para causar-lhe embaraço. Assim por meio dos rios e canaes póde-se viajar mui commodamente de Pekin até ás derradeiras extremidades do imperio; isto é, talvez o espaço de 600 leguas.

2. Pekin, capital de todo o imperio chinez, está situada n'um vasto plaino a 47 kilometros ao sul da grande Muralha. Uma avenida de 6 kilometros, calçada de grossas lageas de granito ahi conduz do lado do éste, e um soberbo arco de triumpho indica a chegada. Distingue-se d'alli duas partes distinctas: a cidade imperial, e a cidade velha, cercadas ambas d'uma alta muralha. As ruas da cidade imperial são largas, compridas, direitas e muito limpas; as principaes tem 40 metros de largo, e ha uma que tem sessenta! — A magnificencia dos chinezes brilha em suas obras publi-

cas, taes como as fortificações das cidades, dos fortes e dos castellos, as salas de seus antepassados, as torres, e os arcos de triumpho.— Contam-se talvez 3:000 braças no comprimento da Grande Muralha, o monumento mais curioso do imperio chinez. Tudo quanto a vista póde abranger d'esta muralha fortificada, e prolongada sobre a cadeia das montanhas e sobre os pontos mais elevados, desce nos mais profundos valles, fende as ribeiras pelos arcos que a sustenta. É duplicado, triplicado em muitos lugares o muro para tornar as passagens mais difficeis, e tendo torres ou fortes bastiões pouco mais ou menos de cem em cem passos, apresentando tudo isto ao espirito a idéa de empreza gigantea. Esta prodigiosa fortificação, dizem que tem perto de 800 leguas de comprimento, e foi construida com tanto cuidado e habilidade, que se conserva inteira e sem precisar de reparo ha dous mil annos, e parece tão pouco exposta a ruina, como a longa fileira de rochedos que a natureza creou entre a China e a Tartaria. Independente dos meios de defesa que a Grande Muralha fornecia em tempo de guerra, não era sem utilidade para afastar das provincias mais ferteis da China os animaes ferozes que infestam os desertos da Tartaria, assim como para fixar os limites dos dous paizes. Tornou-se menos importante depois que os dous paizes, que ella separa, estão submettidos ao mesmo imperador. Um viajante inglez conta, que esta muralha foi começada e acabada no espaço de cinco annos, e que os obreiros estavam tão juntos uns dos outros que podiam passar os materiaes de mão em mão. O imperador que emprehendeu este gigantesco trabalho, merece cem vezes mais elogios, que o rei que fez levantar as pyramides do Egypto, se é verdade que se deve preferir as emprezas uteis ás que não tem outro objecto senão satisfazer vaidades. — A torre de porcelana de Nankin, a obra mais solida e mais magnifica de todo o oriente, tem altura de 70 metros. Os nove andares são formados por espessas traves, que se cruzam para sustentar o tecto, onde se veem despojos todos enriquecidos por diversas pinturas. Os muros dos andares superiores tem infinidade de pequenos nichos que contém idolos em baixo-relevo. A cupula, que não é das menores bellezas d'esta torre, termina por uma grande esphera dourada. — A magnificencia das habitações consiste na solidez das traves e columnas sobre que assenta o tecto, e na escolha da madeira e esculptura das portas. Para a construcção das paredes, o povo emprega uma especie de tijolos que não são cosidos ao fogo, como os da fachada. Em algumas provincias são de argilla diluida e amarrada entre duas pranchas; n'outras são de caniçadas ou vimes enlaçados e cal; todavia em casas de pessoas de distincção as paredes são todas de adobes polidos e algumas vezes cinzelados com arte.

3. Os chinezes são geralmente de pequena estatura. Tem côr amarellada, a cabeça de fórma conica e o rosto triangular; são de seu natural dóces e pacificos, mas tambem são manhosos e desconfiados. Sua litteratura é rica e variada, sobre tudo em historia, romances, e peças de theatro; em nenhuma parte ha mais livros, nem se acham mais baratos. Os homens letrados que são talvez em numero de 500:000, formam, com os officiaes militares, a nobreza do estado. Não recebem este titulo de letrados senão depois d'um exame; e só elles tem o direito de pretender os empregos publicos e o titulo de mandarim. — O povo deve a sua subsistencia sómente ao trabalho assiduo; assim não se conhece nação mais sobria e laboriosa. Os chinezes habituam-se ás fadigas desde a infancia; depois de labutarem um dia inteiro com as pernas n'agua até ao joelho, dão-se á noite por muito felizes se tem para cear uma mão cheia de arroz cosido em agua, um caldo de legumes, e um pouco de chá. Não rejeitam nenhum meio de ganhar sua vida. Como é dificil em todo o imperio achar terreno sem estar cultivado, não

se encontra pessoa em qualquer idade, que não tenha facilidade em achar meios de viver. Servem-se na China dos moinhos a braço, para moer o grão; este trabalho que não exige senão um movimento muito simples, é a occupação de infinidade de pobres habitantes.

Não ha cousa em que os chinezes ponham mais escrupulo, que nas ceremonias e civilidades que usam: estão persuadidos que uma grande attenção a comprir todos os deveres da vida civil serve muito a corrigir a rudez natural, a adoçar os caracteres, a manter a paz, a ordem e a subordinação do estado. Entre os livros que contém as suas regras de polidez, distingue-se um que conta mais de tres mil preceitos diversos. — O methodo ordinario das saudações entre os homens consiste em ajuntar as mãos fechadas diante do peito, movel-as com certo geito affectuoso e abaixar algum tanto a cabeça pronunciando *tsin*, *tsin*, expressão de polidez, cujo sentido não é limitado.

Quando se encontra uma pessoa a quem se deve maior acatamento, juntam-se as mãos, levantam-se e abaixam-se até ao chão, inclinando profundamente o corpo. Se duas pessoas conhecidas se encontram após longa ausencia, ajoelham ambas baixando a cabeça até á terra; erguem-se depois e repetem duas ou tres vezes a mesma ceremonia. A palavra *fo*, que significa felicidade, repete-se frequentemente na urbanidade dos chins. As regras de cortezia são por igual observadas nas aldeias, e os termos empregados quer na conversação, quer nas saudações são sempre humildes e respeitosos. — Os chinezes letrados tem sido nobilitados com o fim de incitar a applicação ao estudo e affecto ás sciencias; na China são principalmente a historia, jurisprudencia e moral, por serem estas que mais influem na paz e ventura da sociedade. Por toda a parte do imperio estão derramadas escólas e collegios onde se recebem, como na Europa, graus de bacharel, de doutor, e mestre em artes. Alli toda a gente se dedica ao estudo, unico meio de alcançar dignidades. Não ha cidade, villa nem aldeia, sem mestre-escóla para a instrucção da mocidade.

Summario. 1. Producção da China. — Estradas e canaes. — Canal real. 2. Descripção de Pekin. — Descripção da Grande Muralha; fim d'esta construcção. — Torre de porcelana em Nankin. — Magnificencia nas casas. 3. Costumes dos chinezes, sobriedade, frugalidade, e cortezia. — Modo de saudar. — Instrucção e vocação dos chinezes. — Cada qual d'estas tres lições pó le servir de redacção. Apontados os lugares no mappa, leia-se ou exponha-se a lição, e dicte-se o summario que ha de ser desenvolvido pelo alumno.

CHLORATO. (Veja Potassa).

CHLORO. O chloro foi descoberto em 1774 por Scheele. Não se encontra na natureza senão em combinação com os metaes: o sal marinho ou vulgar, a prata, o mercurio, o cobre, etc. Os vulcões tambem exhalam vapores formados da combinação do chloro com o hydrogenio. O chloro é um gaz amarello esverdeado, que exerce acção muito violenta sobre a economia animal, excita a tosse causando uma especie de estrangulação. Póde combater-se-lhe o effeito com fumigações de gaz ammoniaco, ou engulindo um pouco de assucar diluido em espirito de vinho. — Para obter o chloro aquece-se ligeiramente uma mistura de oxydo negro de manganez e de acido muriatico chamado com mais propriedade acido hydrochlorico, por ser composto de chloro e hydrogenio. Este hydrogenio apodera-se do oxygenio para formar a agua, e o chloro combina-se com o manganez; mas se a porção do chloro é de mais para produzir o chlorureto de manganez, uma parte destaca-se em gaz. Este gaz póde ser envasilhado em garrafas seccas e bem arrolhadas; tambem se póde conduzir em tubos cheios d'agua, os quaes lhe dissolvem quantidade tanto maior quanto o gaz destacado exerce mais forte

pressão. Se em vez d'agua pura se emprega agua de cal, ahi se condensará grande quantidade de chloro, e obteremos o *chlorureto de cal* empregado no branqueamento dos algodões. Fazendo passar a corrente do chloro em uma dissolução extensa e fria de potassa, obter-se-ha um liquido chamado chlorureto de potassa, que se emprega tambem no branqueamento, debaixo do nome de *agua de javelle*, substituida hoje pelo *chlorureto de soda*, que se obtem da mesma maneira. — Aquecendo o chlorureto de cal com alcool, tem-se o chloroformio, empregado muitas vezes na medicina. Algumas gotas d'este preparado embebidas n'uma esponja, ou n'um lenço, causam o mais das vezes, depois de quinze a vinte aspirações, a perda completa da sensibilidade. O chloroformio substituiu vantajosamente o ether, que é mais desagradavel. — Os compostos de chloro com os diversos corpos simples, diversos do oxygenio, tem geralmente o nome de *chloruretos*. A affinidade do chloro com o hydrogenio é tal que se collocamos em lugar exposto aos raios do sol uma garrafa de vidro branco, contendo volumes iguaes d'estes dous gazes, elles combinam-se rapidamente, debaixo da influencia da luz solar, e uma violenta explosão partirá a garrafa. É esta propriedade que faz que o chloro destrua as materias colorantes vegetaes e animaes, assim como as materias odorantes, os germens putridos, os miasmas deleterios derramados na atmosphera. Mas como o chloro gazozo tem o inconveniente de irritar os orgãos, tem-no substituido com vantagem pelas aspersões de liquidos chamados vulgarmente *chloruretos*. Berthollet foi o primeiro a experimentar a acção do chloro sobre as materias colorantes, em 1783, e Fourcroy em 1791 o recommendou na desinfecção dos cemiterios, dos amphitheatros anatomicos, das estrebarias em crises epidemicas, etc. — Quanto ao acido chlorhydrico, que serve a preparal-o, obtem-se decompondo mediante o acido sulfurico, o sal marinho que contém soda e acido chlorhydrico. O acido sulfurico occupa o lugar do ultimo, que se destaca e fórma com a soda o *sal de soda* ou *sulfato de soda*. — O acido azotico, misturado com tres ou quatro vezes de seu peso de acido chlorohydrico, fórma a *agua real*, assim chamada porque póde dissolver o ouro, considerado rei dos metaes pelos antigos chimicos; dissolve tambem o paladio e a *platina*, que resistem á acção dos outros acidos: é empregado na tinturaria e nas manufacturas de porcelana. — O chlorato de potassa, que é o mais importante de todos os chloratos, apresenta-se em laminas ou palhetas incolôres. Obtem-se fazendo passar uma corrente de chloro em uma solução concentrada de potassa; e assim se produz chlorureto de potassium muito soluvel e chlorato de potassa menos soluvel que facilmente se separa pela crystallisação. Misturado com corpos combustiveis, como enxofre e phosphoro, fórma um pó que se abraza e detona com a maior facilidade, com o calor ou com a fricção. Emprega-se uma enorme quantidade na fabricação dos phosphoros.

Summario: Definição do chloro. — Maneira de o obter. — Chloroformio. — Propriedades do chloro. — Acido chlorhydrico e agua real. — Emprego do chlorato de potassa.

CHRISTÃOS. 1. «O christão vê em si o viajante que passa rapido sobre a terra e só encontra o repousar no tumulo. Não lhe é delicia o mundo, porque sabe que o homem vive *poucos dias*, e que a vida lhe é ephemera. É na morte que o christão triumpha, e a gloria lhe principia quando as outras acabam.» (Chateaubriand). — «A alma do verdadeiro christão está sempre alegre; dá-lhe maior gozo aquillo de que se abstem, do que ao incredulo os prazeres a que se dá.» (Lamennais). — «Todas as virtudes humanas existiram na antiguidade; mas as virtudes divinas são exclusivas dos christãos.» (Voltaire). — «Um bom christão antes quer ser bigorna que martello, antes roubado

que ladrão, antes assassinado que assassino, antes martyr que tyranno.» (S. Francisco de Salles).

2. *Primitivos christãos.* Por debaixo da Roma pagã havia uma Roma subterranea, habitada pelos primeiros christãos: é o que se chama *catacumbas*, as quaes fórmam uma cidade que mede muitas leguas, com grande numero de ruas, praças, encruzilhadas, e multidão de tumulos. Estas catacumbas serviram de asylo e sepultura dos primeiros christãos durante as perseguições. Ahi se occultavam orando e offerecendo os santos mysterios como preparatorios para o martyrio, ou como deprecativos para a salvação de seus perseguidores. Com o fim de se entre-animarem, haviam pintado os lanços principaes da Escriptura, analogos ao seu estado, taes como Daniel na cova dos leões, os tres meninos na fornalha, Nosso Senhor resuscitando Lazaro, finalmente servos, pombas, videiras, symbolos de esperança, de innocencia e de caridade. — A vida de nossos maiores quanto á fé era admiravel de santidade e innocencia: ao orgulho dos pagãos contrapunham a humildade, desprezando riquezas e melhoria de condição; ao luxo d'elles oppunham modesta simplicidade, notavel no trajo e no viver domestico; e ás devassidões pagãs correspondiam com a temperança, jejuns, e a maxima sobriedade. — Este virtuoso proceder não agradava aos pagãos pelo mesmo modo que o porte das pessoas honestas hoje em dia não agrada aos maus christãos. Os judeus e os idolatras assacaram muitos aleives contra a religião de nossos paes. Os apologistas refutaram-as eloquentemente, e a virtude dos christãos melhor ainda os refutou; não obstante os inimigos encrudeceram na perseguição, immolando milhões de victimas em odio do christianismo. (Veja MARTYRES).

Dicte-se e faça-se aprender de cór a primeira lição. Leia-se a segunda, e mande-se redigir com desenvolvimento d'algumas idéas da primeira.

CHRISTIANISMO. 1. «Sublime pela antiguidade de suas memorias, que sobem ao berço do mundo, ineffavel em seus mysterios, adoravel em seus sacramentos, interessante em sua historia, celeste em sua moral, rico e encantador nas suas pompas, o christianismo presta-se a toda a especie de quadro... mysterios da divindade, e mysterios do coração humano marcham de par. Desvendando o verdadeiro Deus, desvendam o verdadeiro homem.» (Chateaubriand). —«O christianismo é a mais profunda das philosophias.» (Bacon). —«O christianismo é a mais profunda, basta e sublime doutrina que appareceu na terra; nenhuma outra contém mais pura sabedoria, e mais alta e mais elevada e philosophica sciencia: pelo que se alguma palavra de verdade ha n'este mundo, lá devemos procural-a.» (Bautain). —«Opiniões inintelligiveis, filhas do absurdo, e mães da discordia, é quanto intentam substituir aos dogmas que o christianismo ensina.» (Voltaire). — «O christianismo tem de vêr esvahirem-se muitas doutrinas com pretenções a substituil-o.» (Jouffroy).

2. *Nascimento do christianismo.* S. Pedro. Após a prégação do evangelho na Judêa, dispersaram-se os apostolos para o levarem a toda a terra. S. Pedro foi á cidade de Joppe, onde Deus lhe fez saber que os gentios iam ser chamados ao evangelho, e que a elle incumbia abrir-lhes as portas como chefe da igreja.—O primeiro convertido foi Cornelio, official romano. Passou depois S. Pedro a Antiochia, capital da Syria, onde estabeleceu residencia. Percorreu grande parte da Asia, e foi a Roma combater Simão, o magico, e converteu grande numero de pessoas. Depois voltou para o Oriente. — Como curasse em nome de Jesus Christo um aleijado de nascença, converteu com este milagre cinco mil pessoas. Na cidade de Lidda, achou Pedro um paralytico chamado Eneas que se não levantava da cama havia oito annos. «Eneas, o Senhor Jesus Christo te cura.» Eneas ergueu-se logo, e a multidão que havia sido testemunha da enfermidade e da cu-

ra, e bem assim os moradores de Lidda e Sarona se converteram ao Senhor. Em Joppe, cidade visinha de Lidda, resuscitou Tabitha, viuva muito esmoler. — S. Pedro escreveu duas cartas cheias de ternura de pai e de chefe da igreja, enviando-as aos fieis espalhados por todo o imperio romano. Em conclusão, voltou a Roma onde o esperava a corôa do martyrio que S. Paulo devia aquinhoar com elle depois de haver participado dos seus combates.

3. S Paulo. Oriundo da Judêa, nasceu em Tarsa, cidade da Cilicia. Depois de ter perseguido os christãos tornou-se o mais ardente apostolo do evangelho, prégando primeiro em Damasco, e depois em Jerusalem, onde encontrou S. Pedro; depois em Antiochia, onde fez tantas conversões que os fieis ahi receberam o nome de christãos. Em seguida partiu para a ilha de Chypre onde converteu o governador Sergius Paulus. — Acompanhado de S. Barnabé, percorreu toda a Asia menor, voltando á cidade de Lystre onde curou um homem paralytico de nascença. Á vista d'este milagre os habitantes imaginaram que os apostolos eram deuses, e quizeram offerecer-lhes sacrificios. — S. Paulo tendo voltado a Philippes, na Macedonia, com um discipulo chamado Silas, livrou uma rapariga escrava que andava possessa do demonio. Os senhores d'esta escrava ficaram irritados, porque ella costumava predizer o futuro, é d'ahi lhe provinha muito dinheiro: por este motivo, prenderam Paulo e Silas a titulo de perturbadores do socego publico, fazendo-os açoutar. Porém, durante a noite os alicerces da prisão foram abalados, as portas abertas e as cadeias dos prisioneiros rompidas; o carcereiro fez-se baptisar e toda a sua familia, e na seguinte manhã soltaram Paulo e Silas. — De Philippes, Paulo passou a Thessalonica, onde fundou uma igreja de fervorosos christãos a quem elle mais tarde escreveu uma das suas cartas. Em seguida foi a Athenas, apresentou-se diante do Areopago, confundiu a philosophia e a idolatria, e partiu logo para Corintho, onde formou uma christandade, á qual dirigiu depois duas epistolas. Voltando a Jerusalem, passou por Troada, onde resuscitou um mancebo que cahira d'uma janella á rua; foi preso no templo pelos judeus, e entregue ao governador romano, que o enviou a Roma para ser julgado no tribunal de Nero. Passou S. Paulo dous annos na prisão, e obtendo em fim a liberdade, passou ao Oriente, entrando em Roma com S. Pedro. Elles encheram a cidade, e até o palacio de Nero de christãos; e por isso foram condemnados á morte a 29 de junho do anno 66.

4. *Os outros apostolos.* S. Thiago Maior prégou ás doze tribus de Israel, dispersas nos differentes pontos da terra, penetrando até á Hespanha. — Santo André, irmão de S. Pedro, levou o evangelho até á Asia menor e ao paiz dos Scythas. — S. João, o mais moço dos apostolos e o amigo particular de Nosso Senhor, prégou entre os Parthos, fixando residencia em Ephéso. Exilado na ilha de Pathmos por Domiciano, ahi escreveu o seu Apocalypse, isto é, a revelação das cousas que deviam succeder á igreja no decorrer dos seculos. Em seguida voltou a Epheso, onde escreveu o seu Evangelho. — S. Thiago Menor foi o primeiro bispo de Jerusalem, d'onde escreveu uma carta a todas as igrejas. — S. Philippe, um dos primeiros discipulos de Jesus, foi prégar na Phrygia. — S. Bartholomeu dirigiu-se para os lugares mais barbaros do Oriente, penetrando no interior até ás extremidades da India, e voltando pela Armenia onde foi martyrisado. — S. Matheus passou á Africa; S. Simão partiu para a Persia; S. Judas foi implantar a fé na Libya, e voltando a Jerusalem morreu na Armenia depois de ter escripto uma carta dirigida a todas as igrejas, premunindo-as contra as heresias nascentes — Foi d'este modo que os apostolos depois do Pentecostes se dispersaram por differentes paizes, a fim de levar por toda a parte a boa nova.—Dictar uma a uma estas quatro lições, fazendo-as

decorar. (Veja RELIGIÃO, APOLOGISTAS, PADRES, etc.)

Philosophia do Christianismo. «A existencia de uma doutrina moral contém necessariamente em si a existencia de muitos factos: as acções dos homens são as substituições das fórmulas, por assim dizer, algebricas, chamadas ou crenças religiosas ou theorias de officios e deveres. Toda a importancia de qualquer sciencia de applicação deriva-se não tanto d'ella como dos seus resultados praticos, e é por elles que devemos avalial-a. A sciencia dos actos humanos pertence a esta categoria.

«Quando a moral se firma nas revelações buscadas no céo, denomina-se religião: quando nas inspirações espontaneas da consciencia, denomina-se lei natural; quando no estudo das relações sociaes, e nas consequencias logicas do grande principio humano chamado sociabilidade, denomina-se philosophia. Estas tres especies de normas d'acções conduzem forçosamente a resultados differentes, porque as suas condições são diversas.

«Philosophia — consciencia — religião: tres fontes do bem obrar; de tudo quanto ha grande, bello, e generoso no desterro da vida. Qual d'ellas é mais pura e caudal?

«A religião: porque a religião não fluctua nos seus preceitos, aceita o homem como um typo de miseria e da grandeza, como corpo e como espirito, e exige de nós a moralidade em nome de uma causa final — a vida das recompensas.

«Ligados com especulações ontologicas, com doutrinas metaphysicas, vacillantes, contestaveis, e perpetuamente contestadas, os principios moraes das escólas philosophicas tem seguido de perto, arrastados por ellas, todos os desvarios d'essas doutrinas até o nosso tempo. ¿Quem nos diz que as de hoje não serão rejeitadas como erros, ou, mais rigorosamente, quem nos diz onde está a razão, e a verdade no meio do combate, que ainda dura entre as diversas parcialidades, n'esta provincia do mundo intellectual? Quem nos diz que a nossa sciencia não será materia de riso para a geração que hade succeder-nos?!

«A historia da philosophia é a historia de um edificio começado ha milhares d'annos, em que um seculo revolve os fundamentos que outro lançou, para lançar os seus, os quaes igualmente são revolvidos pelo seculo seguinte, cujos trabalhos condemnará o que vier após elle.

«Desde a moral de Platão deduzida do amor da formosura divina; desde a moral de Epicuro, moral negativa, que põe o profundo desprezo da humanidade como pedra angular do proceder humano: desde as escólas da Grecia até o materialismo grosseiro dos encyclopedistas, que maxima, que regra de acções deixou de ter altares, deixou de ser condemnada? Nenhuma.

«Constancia, perpetuidade, só a teem os preceitos immutaveis das crenças religiosas.

«Substitui, porém, o individuo á escóla: substitui a inspiração da consciencia aos raciocinios do entendimento, mais incompleto, mais vacillante e mais esteril será ainda o sentimento moral.

«De que dependem os affectos do coração? Da indole e engenho do homem, da sua educação, habitos, propensões, e até da sua physiologia. Mais: a doença ou a saude, a felicidade ou o infortunio, fazem variar o seu modo de sentir em relação aos seus semelhantes. Os instinctos da consciencia só pódem por isso produzir a anarchia moral, a contradicção dos actos humanos.

A virtude sem fé não tem verbo que a explique; é uma linguagem escripta com caracteres hieroglyphicos, que se veem sem se comprehenderem, em que os eruditos só encontram materia de discussão e de conjecturas.

«Estas considerações rapidas e abstractas tornam-se mais evidentes, applicando-as ás doutrinas especiaes, e a um aspecto unico d'estas. Deixemos de parte a fonte moral da consciencia, que ora derrama o mel, ora o absyntho; ora verte o balsamo das consolações, ora é arida como o rochedo

tostado de serrania núa e erma, e que será sempre na terra um acaso, ou um mysterio. Chamemos á prova a philosophia do nosso tempo e a religião do nosso paiz: estabeleçamos a comparação entre ellas no mais grave e importante dos seus resultados—a beneficencia.

«D'onde viemos nós os que ora vivemos?—qual é a nossa filiação intellectual e moral? A geração presente veio de uma geração argumentadora e incredula; a nossa época veio de uma época em que o orgulho dos homens chamou a crença divina de dezoito seculos ao tribunal humano de uma dialectica implacavel: nascemos no meio das blasphemias e alaridos dos inimigos do Evangelho: assistimos ainda aos ultimos dias do julgamento: ainda ouvimos condemnar a doutrina de Jesus porque era indigna da grandeza de Deus, e porque não era atheistica; porque era severa, e porque era indulgente; porque era copiada de crenças antigas, seguidas largos annos por milhares d'homens, e porque era impossivel seguil-a; porque era perturbadora dos estados, e porque era um elemento de servidão. Aferido pelas opiniões mais oppostas, e no fim rejeitado por contrario a todas ellas, vimos o christianismo expulso do templo da philosophia, e a cruz desterrada como um symbolo inutil. As escólas dos sophistas que não podiam convir entre si no minimo ponto de doutrina, concordaram todavia n'um resultado: foi este, que a religião, clara, definida, aceita pelas mais profundas e vastas intelligencias que o mundo produzira em perto de dous mil annos, origem de innumeraveis acções nobres, formosas e sublimes, causa principal e quasi unica de todo o progresso das sociedades modernas, era absurdo e mentira, era um mal intoleravel, e que no cahos monstruoso, cambiante, incerto das doutrinas contradictorias dos sophistas que nem um só bem haviam trazido á terra, nem enxugado uma lagrima, nem gerado uma consolação, nem inspirado um só feito generoso e forte, estava a verdade, a evidencia, a felicidade, e o fundamento seguro do crêr e do obrar humano.

«Era demasiado demente e ridicula esta pretenção dos sophistas, para que a época actual lhe não voltasse as costas com tedio e desprezo. Mas a cruz jazia por terra, coberta de lodo espadanado contra ella por insensatos: o seu antigo prestigio estava destruido, e os homens passaram muito tempo por ella, sem que houvesse uma intelligencia robusta que ousasse ajoelhar na encruzilhada, e abraçar-se com o symbolo da redempção. Os primeiros que o tentaram tinham por certo grande coração; porque o contrastar o escarneo das turbas é a mais subida prova de esforço. A energia d'estas almas teve a sua recompensa —a consciencia de haverem contribuido poderosamente para a restauração moral da sociedade—e se o christianismo não triumphou ainda completamente das preoccupações vergonhosas do seculo passado, não se carece de grande perspicácia para antever que não tarda o dia em que a Europa seja outra vez verdadeiramente christã.

«O espiritualismo é hoje sem contradicção o aspecto caracteristico da philosophia, como o da escóla, ou antes escólas dos encyclopedistas fôra o materialismo! Estes dous systemas, ambos elles orgulhosos por diverso modo, e por diverso modo incompletos, ahi estão frente a frente, ahi lutam desesperados, até que um seja esmagado pelo outro, sorte que, segundo parece, está reservada ao mais velho —o da pura animalidade dos encyclopedistas.

«Todos os homens, cujo espirito é mais ou menos cultivado, seguem ou por influencia da authoridade alheia, ou por meditação propria, uma d'essas doutrinas: ambas ellas actuam portanto no caracter moral das classes elevadas: quanto ás inferiores custa-nos a dizer que um sensualismo brutal predomina nos seus habitos e instinctos; que o materialismo, pouco a pouco expulso do meio d'aquelles, que primeiro recebem as inspirações de uma civilisação progressiva, vai

aninhar-se nas tabernas, nos prostibulos, e o que muito é de sentir nas choupanas colmadas. Em mais d'uma, quando a desventura se assenta ao pobre lar do camponez, este, que d'antes se abrigava na resignação, no orar, no derramar lagrimas aos pés da cruz, procura agora o esquecimento na embriaguez, o remedio da miseria no roubo, e até a salvação no suicidio. A incredulidade, ameaçada de desterro nas regiões onde por mais de cincoenta annos imperára como rainha, faz-se fabril e bucolica: senhoril e disputadora ainda ha pouco, torna-se rude, bestial, e grosseira. Quantas vezes temos ouvido sahir de humilde albergue os sons terriveis de profundo descrer!—quantas vezes temos respirado o bafo mortal da blasphemia sahido de habitações, onde a unica excepção ás extremas miserias da existencia fôra a esperança! A causa d'este afflictivo espectaculo buscai-a na historia dos desvarios dos ultimos oitenta annos: os homens que podiam remediar tanto mal; aquelles, que na significação mais extensa da palavra, presidem aos destinos populares, são filhos intellectuaes, são discipulos da Encyclopedia. Todos os meios mais santos, mais suaves, e productivos da felicidade publica—os religiosos, teem sido condemnados no espirito superficial d'esses homens como perigosos e inefficazes, e o christianismo, o grande civilisador dos tempos modernos—considerado como um instrumento quebrado e inutil. Assim o povo abandonado a si mesmo, quasi sem culto, e sem pastores, vai perdendo diariamente a sua riqueza moral, a herança de crença e doutrina que lhe haviam legado seus paes. A religião, cujo primeiro alvor começa de novo a despontar no oriente do nosso intimo viver, tão descórado e triste, apenas se entrevê no horisonte das alturas espiritualistas; são, porém, profundas as trevas nos valles e nas planicies rasteiras, onde pousam as nevoas mephyticas de um sensualismo hediondo.

«Tal é o estado moral da sociedade: duas philosophias contrarias, que pelejam mais um d'esses combates travados entre ellas diariamente desde milhares d'annos: as almas nobres lidando em silencio para despertarem do somno estupido do scepticismo; e o povo dançando tristemente feroz sobre as ruinas do altar e da cruz. Vejamos como esses tres elementos—as duas doutrinas rivaes, e a bruta indifferença da ignorancia se traduzem na vida: procuremos o seu valor na applicação—n'um facto—e comparemos este com o facto analogo como o produzia d'antes, como o produzira ainda hoje, se fosse dominadora entre os homens, a moral divina do Calvario. Acareemos o amor dos homens em Deus—a caridade—com o amor dos homens pelas doutrinas das escólas, não das que ensinam a dureza de coração e o egoismo, mas das mesmas que ensinam essa compaixão e humanidade, a que se chama philanthropia.

«Vêde aquelle edificio: as janellas estão abertas; os espelhos das paredes, os fechos dourados dos umbraes e portas, os adereços de pedras preciosas que adornam as mulheres, custosamente trajadas, refrangem multiplicados os raios de luz derramados dos lustres esplendentes: ouvem-se lá dentro as toadas harmoniosas dos instrumentos, e vozes humanas que modulam cantos voluptuarios: vê-se d'ahi a pouco o turbilhão das danças passar cercado de um ambiente de perfumes, que derramam as essencias e as flôres variegadas: os mais delicados manjares, as bebidas mais deliciosas giram no meio d'aquella turba que se agita como possuida de loucura febril: o deleite pinta-se em todos os rostos, porque a um tempo ahi o aspiram todos os sentidos;—aspira-o, até, a imaginação, porque muitas vezes lá desabrocha a primeira esperança da corrupção e do adulterio; lá, n'essa atmosphera impregnada de seducções, de sensualidades, de delirio, as paixões mais ignobeis referveni e trasbordam despeadas, porque a poesia de que ahi se reveste a vida material e externa faz esquecer ainda ás almas mais generosas e fortes os

contentamentos da vida intima; lá, em fim, a propria virtude troca seus brios em languidez, e deixa-se morrer, como o viajante que debaixo da sombra atraiçoada da mancenilha sente coar-lhe a morte nas veias, e mal cuida que esse adormecer suave que o consola seja um somno perpetuo.

«Esta sala esplendida é uma escóla de perdição, instituida por homens corruptos no meio da sociedade que tocou a meta da decadencia e do descaro? É Roma serva que se alevanta do seu pó e renova entre nós os serões vertiginosos de Trimalcião? Nada d'isso. Se quereis a explicação d'este espectaculo, o programma d'este ardente festim, entrai em est'outro edificio, onde a custo vêdes através dos baços vidros de breve janella frouxo luzir de lampada, semelhante a estrella longinqua, vista através de ar chuvoso por fenda rasgada em céo negro. É um conventinho onde ha annos calaram as orações monasticas. Entrai. O dormitorio está em silencio: a alampada, cujo bruxulear enxergastes de longe, pende do tecto no cruzar dos corredores: esses quartos ou cellas estão povoados de infelizes, que recuando ante o aspecto da fome vieram acolher-se á morada destinada para aquelle que não achou quinhão no banquete da vida. Este lugar melancolico e pobre é um asylo de mendicidade; aquell'outro, alegre e esplendido, uma sala de baile. A ebriedade do festim nocturno produzirá um bem; alimentará estes velhos e invalidos; foi essa a condição do deleite: as paixões — talvez os vicios —fazem-se humanas, e civilisam-se. É um progresso real; e este progresso—sejamos justos—deve-se á illustração e á philanthropia. Ellas teem sabido fazer que propensões e affectos culpados e menos nobres combatam contra outros ainda mais vergonhosos e destruidores; e d'esses combates tem sabido habilmente tirar vantagens para o bom e honesto. Assim na grande immoralidade das loterias existe pela cubiça uma contribuição espontanea para a infancia abandonada; assim a avareza mata, nas caixas economicas, o jogo, a embriaguez, a gula; assim a grande prostituição dos theatros chega a ser digna de perdão quando o preço d'indecencias vai fazer subsistir os institutos de educação infantil. Agradeçamos tudo isto á orgulhosa intelligencia humana: são estes os mais brilhantes resultados do seu progredir, e, sinceramente o dizemos, se mais não tem feito, é que nunca ella poderá ir mais longe do que a espalhar beneficios materiaes. D'ahi ávante só a religião acha senda para caminhar. A generalisação é o caracter das doutrinas da escóla. Estas quando ensinam o beneficio, attendem a uma abstracção — ao homem, não os individuos. O amor piedoso dos nossos semelhantes chama-se por isso philanthropia: o christianismo chamava-lhe caridade. A caridade vinha do coração; a philanthropia nasce do entendimento. Hoje os corações estão mortos porque a crença passou: vive a intelligencia porque a excita e cultiva uma civilisação vigorosa.

«O christianismo entendia de bem diverso modo o amor da humanidade, porque entre este amor e o genero humano estava a idéa de Deus. A caridade era affectuosa, modesta e espiritual, em quanto a philanthropia é dura, ostentosa e grosseira. Entre um e outro systema de bemfazer ha a distancia que vai da philosophia do céo á philosophia terrena. O christianismo sabia que no homem havia espirito e corpo. O christão sabia doer-se de um e d'outro: a sua caridade não era materialista.

«Que vale a vossa virtude, filha da civilisação, comparada á que se estribava na fé? Que lucrou o mundo em trocar a humildade sublime dos que buscavam por toda a parte amarguras da alma para consolar, dôres physicas para mitigar, pela soberba fastosa d'aquelles para quem é preciso velar a boa obra com a mascara attractiva das paixões ou do deleite? A vossa beneficencia esquece completamente a vida interior; e era a esta que a beneficencia religiosa dedicava os seus mais ricos thesouros, a sua mais affe-

ctuosa compaixão. Vós, que se vos dá das agonias do espirito?

«N'essa morada, triste, pobre, silenciosa, e esquecida, reverso negro do quadro brilhante de um baile; n'essa mesma habitação do mendigo, que é todavia uma das instituições mais formosas e puras dos nossos dias, iremos buscar um exemplo. Vereis que a philanthropia não suppre a caridade, ou para melhor dizer que a civilisação não suppre o christianismo.

«Sobre uma das duras enxergas, enfileiradas pelas paredes d'esses aposentos desadornados, dorme um velho cego, cujo rosto vos encobre a escassez da luz que alumia o dormitorio. Interrompem-lhe a espaços o respirar sereno esses gemidos, que ainda em sonhos a dôr moral sabe arrancar das profundezas do coração, sem que os labios se descerrem. Que importa isso á philanthropia? Ella deu-lhe pão e uma enxerga. Que importa as chagas envenenadas que lhe lavram lá dentro? — Deu-se-lhe um tecto que o resguarde das injurias do tempo. É o que basta: o cancro interior não se vê.

«E todavia se indagardes a historia do cego mendigo achareis que havia ahi alguma infelicidade mais profunda e tremenda, a que fôra necessario applicar, não os soccorros materiaes, mas o balsamo das consolações. Era um homem honesto, a quem a cegueira fez pobre. Duas filhas o alimentavam do producto do seu trabalho: faltou-lhes este um dia — uma semana — um mez —; e a miseria da familia desventurada chegou a extremidade horrivel. Então a devassidão veio em nome da fome bater á porta das que até aquelle momento haviam sido puras, e ellas a seguiram ao prostibulo. As duas arvores frondosas nascidas da raiz do cedro carcomido, e que lhe encobriam a decrepidez com a sua verdura, foram cerceadas, e o sol ardente acabou de mirrar o cedro moribundo. Aquella alma dera em terra nos transes de dilatado morrer. A philanthropia passou por lá — e encontrando-o no charco da rua, afastou-o com o pé para o receptaculo caiado d'este genero de miserias, e depois foi bailar nas suas salas douradas, para que o velho mendigo tivesse um bocado de pão negro para temperar com lagrimas, e um pedaço de saial grosseiro para se cobrir. Era só d'isto; — era principalmente d'isto que elle carecia?

«Não, mil vezes não! — Mas a civilisação fez o que pôde Seria loucura exigir impossiveis da philanthropia.

«O que, porém, fôra para ella impraticavel, fal-o-hia sem custo a caridade do christianismo.

«A beneficencia, inspirada pela religião, não tem essa triste faculdade de generalisar que para a beneficencia philantropica se converteu n'um principio. Os seus preceitos são universaes e rigorosos em si, mas na applicação tornam-se individuaes e variados. A caridade christã teria cruzado talvez o limiar d'aquella familia mesquinha, antes que a devassidão houvesse chegado lá, guiada pela mão da fome: teria sido para ella a providencia. Mas quando houvesse vindo tarde para impedir o mal, contentar-se-hia de atirar ao infeliz e abandonado cego um pedaço de pão negro? Oh por certo que não! Teria escutado os gemidos d'aquella alma attribulada: teria fallado ao desditoso de Deus e da esperança: teria chorado com elle. Faria mais: procuraria arrancar á devassidão as suas victimas: alcançal-o-hia talvez, e reconstruiria pelo arrependimento a felicidade de uma familia; porque só o mundo, que se crê mais perfeito que o céo, é inexoravel para com aquelle que uma vez errou; a fé, essa tem perdão e esquecimento para o que se converteu. Fôra tudo isto o que fizera a beneficencia christã, e não arrojára o coração despedaçado do velho para um theatro de miserias, onde muitas vezes se misturam com ellas a colera, os vicios e a desesperação.

«O defeito capital da beneficencia, que não se estriba no christianismo, é o esquecimento completo dos affectos humanos: é por isso que despedaça indifferente os santos affectos de familia, para disseminar os individuos na realidade da vida pelos re-

partimentos e casas dos quadros estatisticos da miseria publica. A paternidade, o amor filial e materno, as saudades do lar domestico, isso não comprehende ella: para tudo e para todos tem asylos e soccorros, menos para a mais importante entidade moral, para a sociedade que é origem de todas as outras, para a familia.

«A beneficencia d'hoje conhece apenas a sêde, a fome, a nudez: a nossa beneficencia é essencialmente completa, porque é materialista.

«Condemnamos nós a sua existencia? Sem duvida não! Abençoamos, ao contrario, os homens que supprem, como um pensamento mundano póde supprir, o sublime pensamento christão. Mas seja-nos licito deplorar que o orgulho da sabedoria terrena acreditasse que em si tinha recursos que tornassem inutil a eterna e insondavel sabedoria do evangelho: seja-nos licito saudar a aurora d'esse dia que já rompe no horisonte, em que a cruz triumphante se hasteará de novo sobre o mundo, para abrigar e consolar outra vez com a sua sombra divina todo o genero de desventuras.» (A. Herculano).

CHROMIO. (Veja Metaes).

CHUMBO. (Veja Metaes).

CHUVA. (Veja Méteoros).

CICERO, philosopho, moralista e o maior orador romano, nasceu em Arpinium, patria de Mario, 106 annos antes de Jesus-Christo. Cursou temporãmente os estudos em Roma. Aos 26 annos de idade, estreou-se no fôro, e sahiu a viajar por Asia e Grecia. Tendo trinta annos, foi enviado a Sicilia, como questor, e lá se houve tão honradamente n'este officio, que os sicilianos a elle recorreram depois para accusar Verres que os desbalisára com escandalosas concussões. Após este famoso processo, foi nomeado edil, e logo depois acclamado consul. Na correnteza de seu consulado, delatou a vasta conspiração forjada por Catilina, que lhe havia disputado o lugar. Pai da patria o acclamaram então galardoando-lhe assim a energia; mas, tambem, desde logo o perseguiram os antigos faccionarios de Catilina, por modo que foi desterrado em 695. Repatriado no seguinte anno, foi governar a Cilicia; e, na volta da sua provincia, accendeu-se a guerra entre Cesar e Pompeu. Cicero bandeou-se em Pompeu; mas, depois da batalha de Pharsalia, conchavou-se com Cesar; e, logo que este foi assassinado, declarou-se em pró de Octavio, sobrinho de Cesar, profligando com as suas *Philippicas* os projectos ambiciosos de Antonio. Porém, como quer que Octavio e Antonio formassem com Lepido o triumvirato, Cicero foi inscripto na lista da proscripção. Estava elle, ao tempo, na sua quinta de Tusculum. Primeiro tentou fugir; mas, como não podesse, entregou-se animosamente aos soldados encarregados de o matarem. O candilho da soldadesca degolou-o, e decepou-lhe as mãos, que juntamente com a cabeça estiveram expostas alguns dias no tribunal oratorio. Deixou Cicero oito tratados de rhetorica, cincoenta e seis orações, doze tratados philosophicos, quasi todos preciosos; dezeseis livros de epistolas ao seu amigo Attico, poemas bastantes, e até, se Plinio não mente, um tratado de historia natural.

2. *Cicero orador*. A poesia, diz M. de Clerc, era em Cicero mero desfastio; que o seu talento eminente e soberano predicado era a eloquencia. Foi-lhe Demosthenes modêlo, cujos vestigios trilhou com tão prosperada emulação que mereceu de S. Jeronymo este brilhante louvor: Demosthenes tirou-te a gloria de ser o primeiro orador; e tu a elle tiraste-lhe a gloria de ser o unico. «As excellencias d'estes dous oradores, em grande parte, correm parelhas: methodo, ordem, maneira de dividir, de preparar, provar, em fim, tudo que é da invenção. Respeito a elocução, diversificava tanto ou quanto. Demosthenes é mais apanhado, Cicero mais prolixo; o primeiro conclue com maior precisão, o segundo mais diffusamen-

te, o primeiro fere com a ponta do gladio, o segundo esmaga com o peso da armadura; não ha que tirar a um nem acrescentar a outro; em Cicero domina o trabalho, em Demosthenes a nativa espontaneidade. É incontestavel que Cicero avantaja-se a Demosthenes no uso já da satyra, já do pathetico. Todavia, como o outro floresceu primeiro, póde dizer-se que Cicero deveu grande parte do que foi a Demosthenes. Persuado-me eu que Cicero se deu todo a imitar os gregos, e assim logrou reproduzir a energia de Demosthenes, a copia de Platão, e as graças de Isocrates; e não só fez seu por meio do estudo o melhor de cada um d'aquelles escriptores, mas ainda grande parte, senão todos, dos seus predicados brotaram da feliz fecundidade de seu engenho immortal. Não é reservatorio que recebe as aguas pluviaes, como diz Pindaro, mas torrente que deriva inundando o leito. Dir-se-hia ser elle obra da Providencia que, ao envial-o a este mundo, quiz n'elle consubstanciar todas as virtudes da eloquencia.» (Quintiliano).

3. Pensamentos escolhidos de Cicero:

1. Interesse oportet, ut inter rectum et pravum, sic inter verum et falsum. *Acad.*, IV, 34.

1. Entre a verdade e a mentira é forçoso que haja a mesma differença que estrema o bem do mal.

2. Honestum in sapientibus est solis, neque a virtute divelli unquam potest. *Off.*, III, 13.

2. A virtude realça mais nos sabios, e não ha separal-a da inteireza de vida. (*)

3. Sapiens omnia humana tolerabilia ducit. *Tusc.*, V, 6.

3. O sabio julga todos os males da vida supportaveis.

4. Non utilitate omnia metienda sunt. *Leg.*, I, 42.

4. Não se meça tudo pelo interesse.

5. Magistratus lex est loquens, lex autem, mutus magistratus. *Leg.*, III, 1.

5. O magistrado é a lei que falla, e a lei é o magistrado silencioso.

6. Apex senectutis est auctoritas. *Sen.*, 60.

6. A authoridade é a corôa da velhice.

7. Consuetudo est altera natura. *Fin.*, V, 74.

7. O costume é segunda natureza.

8. Fortitudo virtus est propugnans pro æquitate. *Off.*, I, 62.

8. A coragem é a virtude propugnando pela justiça.

9. Bonum mentis est virtus. *Tusc.*, V, 67.

9. A virtude é um thesouro da alma.

10. Virtutum amicitia adjutrix data est, non vitiorum comes. *Fin.*, I, 72.

10. Foi-nos dada a amizade como auxiliar da virtudes, e não como sequaz dos vicios.

11. Nunquam proditori credendum est. *Verr.*, I, 15.

11. Ninguem se fie em traidores.

12. Occultæ inimicitiæ magis timendæ sunt quam apertæ. *Verr.*, V, 71.

12. As inimizades secretas são mais de temer que as declaradas.

13. Liber is est existimandus, qui nulli turpitudini servit. *Her.*, IV, 24.

13. Deve considerar-se livre quem não é escravo de paixões torpes.

14. Maximus in republicâ nodus est inopia rei, pecuniariæ. *Br.*, 18.

14. A maior difficuldade na republica é a falta de dinheiro.

15. Custos virtutum omnium verecundia est. *Part.*, 22.

15. O pudor é a sentinella de todas as virtudes.

(*) Não seguimos a versão á letra por nos parecer inaceitavel a sentença. Ha muita gente ignorante e honesta.

16. Firmamentum stabilitatis constantiæque in amicitiâ fides est. *Am.*, 18.

16. A confiança é a base da solidez e constancia da amizade.

17. Jucunda est memoria præteritorum malorum. *Fin.*, II, 105.

17. É agradavel recordar as dôres passadas.

18. Conscientia rectæ voluntatis maxima consolatio est rerum incommodarum. *Fam.*, VI, 4.

18. A consciencia d'uma vontade recta é maxima consolação da adversidade.

19. Multorum malorum in anâ virtute posita sanatio est. *Tusc.*, IV, 15.

19. A virtude só por si sana muitos males.

20. Vitanda est ingenii ostentationis suspicio. *de Or.*, II, 81.

20. Devemos evitar que nos suspeitem desvanecimento de engenho.

21. Ut quisque optime dicit, ita maxime dicendi difficultatem pertimescit. *de Or.*, I, 120.

21. Com quanto mais talento fallamos mais nos assalta o receio de não fallar bem.

22. Avari homines non solum libidine augendi cruciantur, sed etiam amittendi metu. *Parad.*, I, 2.

22. Os avaros são atormentados não só pelo desejo de augmentar, mas tambem pelo medo de perder.

23. Terra ad universi cœli complexum quasi puncti instar obtinet. *Tusc.*, I, 40.

23. A terra abrange um ponto relativamente á immensidade do céo.

24. Divitias sine divitum esse: tu vero virtutem præfer divitiis. *ad Her.*, IV, 20.

24. Deixai aos ricos as suas riquezas, e preferi para vós a virtude.

25. Cujusvis hominis est errare; nullius nisi insipientis in errore perseverare. *Phil.*, XII, 15.

25. É proprio do homem enganar-se; mas perseverar no engano é de louco.

26. Ut adversas res, sic secundas immoderate ferre levitatis est. *Off.*, I, 90.

26. É proprio de indole ligeira não supportar moderadamente a boa e má fortuna.

27. Fortis animi et constantis est non perturbari in rebus asperis. *Off.*, I, 80.

27. Está na alma forte e constante não perturbar-se nos incidentes funestos.

28. Principum munus est resistere et levitati multitudinis et perditorum temeritati. *Mil.*, 3.

28. Cumpre aos principes resistir á leviandade das multidões, e á temeridade dos homens perdidos.

29. Nihil omnium rerum melius quam omnis rerum mundus administratur. *Inv.*, I, 59.

29. Nenhuma das cousas que o mundo contém é melhormente administrada que o mundo todo em si.

30. Neque stultorum quisquam beatus, neque sapientum (quisquam) non beatus est. *Fin.*, I, 61.

30. Não ha parvo feliz, nem sabio desgraçado.

31. Animi virtutis ex ratione gignuntur, quâ nihil est in homine divinius. *Fin.*, V, 13.

31. As virtudes da alma nascem da razão, faculdade que mais divinisa o homem.

32. Omnibus in rebus necessitatis inventa antiquiora sunt, quam voluptatis. *Or.*, 185.

32. Em todas as cousas, os descobrimentos que a necessidade fez, são mais antigos que os do prazer.

33. Majus est certeque gratius prodesse omnibus, quam opes magnas habere. *N. Deor.*, II, 64.

33. É mais agradavel ser util a todos que possuir grandes riquezas.

34. Lacrymâ nil citius arescit. *Inv.*, I, 55.

34. Nada se enxuga mais depressa que uma lagrima.

35. Iis fidem habeamus qui plus intelligunt, quam nos. *Off.*, II, 9.

35. Confiemos nos que sabem mais do que nós.

36. Accipere, quam facere, præstat injuriam. *Tusc.*, V, 55.

36. É melhor ser injuriado que injuriar.

37. Voluptas, quum major est atque longior, omne animi lumen extinguit. *Sen.*, 12.

37. Quando a voluptuosidade é muito intensa e demorada, a luz da alma apaga-se.

38. Qui plura loquitur, is ineptus esse dicitur.

38. Homem que muito falla cobra fama de inepto.

39. Pertinet ad beate vivendum, ut cum viris bonis, jucundis, amantibus tui vivas. *Fam.*, IX, 24.

39. Quem quizer viver feliz trate com pessoas virtuosas, agradaveis e amigas.

40. Vir bonus et civilis officii non ignarus utilitati omnium plus quam suæ consulit. *Fin.*, III, 19.

40. O varão honesto, compenetrado de seus deveres civicos, attende mais ao interesse commum que ao proprio.

41. Non est illa fortitudo, quæ rationis est expers. *Tusc.*, IV, 15.

41. Coragem carecida de razão não é coragem.

42. Summa necessitudo honestatis est; huic proxima, incolumitatis; tertia et levissima, commoditatis. *Inv.*, II, 58.

42. O maximo interesse é a honra, depois está a conservação; por ultimo as commodidades, que são o menos.

43. Virtus est animi habitus naturæ modo atque rationi consentaneus. *Inv.*, II, 53.

43. A virtude é uma disposição do animo consentanea á natureza e á razão.

44. Turbidi animorum concitatique motus aversi a ratione sunt et inimicissimi mentis vitæque tranquillæ. *Tusc.*, IV, 15.

44. As paixões turbulentas são incompativeis com a razão, e inimicissimas do socego da alma e da vida.

45. Indignum est sapientis gravitate atque constantia, quod non satis explorate perceptum sit et cognitum, id sine ullâ dubitatione defendere. *N. Deor.*, I, 1.

45. É indigno da gravidade e constancia d'um sabio defender absolutamente que não ha nada certo.

46. Qui se ipse norit, aliquid sentiet se habere divinum, tantoque munere Dei semper dignum aliquid et faciet et sentiet. *Leg.*, I, 59.

46. O homem que se conhecer sentirá em si o que quer que seja divino, e já pensando, já operando será digno da dadiva de Deus.

47. Alienum est magno viro; quod alteri præceperit id ipsum facere non posse. *ad Br.*, 9.

47. Contradiz-se o homem que não faz o que recommenda aos outros.

48. Difficile dictu est, quantopere conciliet animos hominum comitas affabilitasque sermonis. *Off.*, II, 48.

48. Difficil é dizer quanto a cortezia da linguagem e o ar affavel prendem o animo dos homens.

49. Robustus animus et excelsus omni est liber curâ et angore. *Fin.*, I, 15.

49. O animo forte e altivo está a salvo de inquietações e angustias.

50. Nulla potest cuiquam male de republicâ merendi justa esse causa. *Arusp.*, 44.

50. Não ha motivo que legitime o mal que alguem faça ao seu paiz.

51. Jus civile est æquitas constituta iis, qui ejusdem sunt civitatis, ad res suas obtinendas. *Top.*, 9.

51. O direito civil é a igualdade constituida a bem de todos os cidadãos na posse de seus haveres.

52. Temeritas est florentis ætatis, prudentia senescentis. *Sen.*, 6.

52. A temeridade é propria da idade viçosa, a prudencia é dos velhos.

53. Is qui orationem bonorum imitatur, facta quoque imitari debet. *Quint.*, 16.

53. Quem imita o dizer das pessoas honestas deve tambem imitar-lhe as acções.

54. Taciturnitas imitatur confessionem. *Inv.*, II, 54.

54. O silencio dá visos de confissão.

55. Nos ad justitiam sumus nati, neque opinione, sed naturâ constitutum est jus. *Leg.*, I, 10.

55. Nascidos somos para a justiça, e o direito não foi constituido pela opinião, senão pela natureza.

56. Nunquam præstantibus viris laudata est in unâ sententiâ perpetua permansio. *Fam.*, I, 9.

57. Quod probat multitudo in genere dicendi, hoc idem doctis probandum est. *Brut.*, 189.

58. Leges omnium salutem singulorum saluti anteponunt. *Fin.*, III, 19.

59. Hoc doctoris intelligentis est, sic instituere adolescentes, ut alteri calcaria adhibeat, alteri frenos. *Brut.*, 204.

60. Nunquam temeritas cum sapientiâ commiscetur, nec ad consilium casus admittitur. *Marc.*, 2.

61. In omnium animis Dei notionem impressit ipsa natura. *N. Deor.*, I, 16.

62. Multæ nobis notitiæ rerum imprimuntur, sine quibus non intelligi quidquam potest. *Acad.*, II, 7.

63. Subjiciunt se homines imperio alterius et potestati pluribus de causis. *Off.*, II, 30.

64. Nemo unquam, sine magnâ spe immortalitis, se pro patriâ offeret ad mortem. *Tusc.*, I, 15.

65. Eloquentia efficit ut ea, quæ scimus, alios docere possimus. *N. Deor.*, II, 59.

66. Homines ab injuriâ natura, non pœna, arcere debet. *Leg.*, I, 14.

67. Magni est ingenii revocare mentem a sensibus et cogitationem a consuetudine abducere. *Tusc.*, I, 16.

68. Solem e mundo tollere videntur, qui amicitiam de vitâ tollunt. *Am.*, 13.

69. Varietas occurrit satietati. *Or.*, 52.

70. Nulla vitæ pars neque publicis, neque privatis, neque forensibus, neque domesticis in rebus, vacare officio potest. *Off.*, I, 2.

71. Ut magistratibus leges, ita populo præsunt magistratus. *Leg.*, III, 1.

72. Plerique infirmissimo tempore ætatis, aut obsecuti amico cuidam, aut una alicujus, quem primum audierunt, oratione capti, de rebus incognitis judicant, et ad quamcumque sunt disciplinam quasi tempestate delati, ad eam, tanquam ad saxum, adhærescunt. *Acad.*, IV, 3.

73. Prudentia constat ex sententiâ rerum bonarum et malarum, et rerum nec bonarum nec malarum. *N. Deor.*, I, 35.

74. Vitiositas est habitus animi, aut affectio in totâ vitâ inconstans et a se ipsâ dissentiens. *Tusc.*, IV, 13.

56. Presistir immovel no mesmo parecer nunca egregios varões encareceram.

57. O que as multidões julgam da eloquencia devem os sabios approval-o.

58. As leis antepõem a salvação commum á dos particulares.

59. É dever do mestre intelligente educar os meninos de modo que faça sentir a um a espora e a outro o freio.

60. A temeridade nunca se casa com a sabedoria, e o acaso não é admittido aos conselhos da prudencia.

61. A propria natureza gravou em todos os corações a idéa de Deus.

62. Temos congenitas certas idéas, sem as quaes nada lograriamos entender.

63. Submettem-se os homens ao imperio e poder d'outro por muitas razões.

64 Ninguem se exporia a morrer pela patria sem crêr vivamente na immortalidade.

65. A eloquencia permitte que possamos transmittir o que sabemos.

66. A consciencia e não o castigo deve desviar os homens da iniquidade.

67. É proprio do homem superior resgatar a alma dos sentidos, e trilhar veredas novas.

68. Tirar a amizade da vida, seria tirar o sol do mundo.

69. A variedade evita o fastio.

70. Toda a vida nos está empenhada em deveres, já nos negocios publicos, já nos privados, tanto nos forenses como nos domesticos.

71. Assim como os magistrados governam o povo, as leis governam os magistrados.

72. O maximo dos homens na idade mais fragil, cede á influencia d'um amigo, ou á seducção do primeiro mestre que escuta; julga as cousas sem as conhecer, e seja qual fôr a doutrina para onde a tempestade os impelle, afincam-se n'ella como naufrago em rochedo.

73. A prudencia versa no conhecer as cousas boas, as más, e as que não são más nem boas.

74. O vicio é um estado d'animo, ou enfermidade em vida sempre fluctuante e discorde de si mesma.

75. Copia modum egressa vitiosa est. *Quint.*, VIII, 6.

75. A abundancia em excesso é viciosa.

76. Bona existimatio divitiis præstat. *de Or.*, 2.

76 Bom renome sobrepuja riquezas.

77. Cujus aures ita clausæ sunt veritati, ut ab amico verum audire nequeat, hujus salus desperanda est. *Am.*, 92.

77. Não ha que esperar salvação em homem cujos ouvidos se fecham á verdade que lhe diz o amigo.

78. Delicto dolere, correctione gaudere oportet. *Am.*, 24.

78. Devem affligir-nos as culpas, e alegrar-nos as correcções.

79. Ex naturâ vivere summum bonum est, id est vitâ modicâ et aptâ virtute perfrui. *Leg.*, I, 21.

79. O supremo bem é viver ao natural, isto é, gozar existencia modesta e virtude commoda.

80. Officia meminisse debet is, in quem collata sunt; non commemorare, qui contulit. *Am.*, 20.

80. Quem recebe serviços deve recordar-se, e quem os presta não deve lembral-os.

81. Proprium est stultitiæ aliorum vitia cernere, oblivisci suorum. *Tusc.*, III, 73.

81. É natural dos tolos enxergar os vicios d'outrem, e não vêr os proprios.

82. Zenonis sententiæ sunt et præcepta ejusmodi: solos sapientes esse, si distortissimi sint, formosos; si mendicissimi, divites; si serviutem serviant, reges. *Mur.*, 29.

82. Estes são os preceitos e sentenças de Zenon: Os sabios são formosos, ainda que sejam feíssimos, ricos, embora pobres; reis, embora escravos.

83. Turpiter facere cum periculo fugiamus, quod fugeremus etiam cum salute. *Att.*, X, 8.

83. Fujamos de praticar com risco as torpezas de que deveremos fugir ainda que nos vá n'isso a existencia.

84. Mors, propter brevitatem vitæ, nunquam longe potest abesse. *Tusc.*, I, 38.

84. Pois que a vida é tão breve, nunca a morte póde estar longe.

85. Candida pax homines, trux decet ira feras. *Am.*, 3.

85. É dos homens a doce paz, e das bestas-feras a ferocidade.

86. Me nimis istorum philosophorum pudet, qui nullum vitium vitare, nisi judicio ipso notatum, putant. *Leg.*, I, 19.

86. Nauseiam-me uns taes philosophos que sómente se esquivam aos vicios que as leis castigam.

87. Eorum nos magis miseret, qui nostram misericordiam non requirunt, quam qui illam efflagitant. *Mil.*, 34.

87. Commiseram-nos mais os infelizes que não requerem nossa compaixão, que os outros que a solicitam.

88. Ea omnia quæ non nostrâ culpâ accidunt fortiter ferre debemus. *Fam.*, VIII, 10.

88. Supportemos com valor os trabalhos porvindos por nossa culpa.

89. Nihil interest ad beate vivendum, quali utamur victu. *Fin.*, II, 28.

89. Nada faz á felicidade da vida a qualidade dos nossos alimentos.

90. Illum lauda et imitare, quem non piget mori, quum juvat vivere. *Sen.*, 54.

90. Louva e imita o homem que morre sem pena quando a vida lhe corria suave.

91. Oportet privatis utilitatibus publicas, mortalibus æterna anteferre, multoque diligentius muneri suo consulere quam facultatibus. *Sen.*, 7.

91. Devemos preferir o eterno ao perecedouro, e curar mais gravemente dos deveres do que das posses.

92. Dicere bene nemo potest, nisi qui prudenter intelligit. *Brut.*, 6.

92. Ninguem póde bem fallar se não medita judiciosamente.

93. Equidem putabam virtutem hominibus, instituendo et persuadendo, non minis, et vi ac metu tradi. *de Or.*, I, 58.

93. Ameaças e pavores ensinam menos a virtude dos homens do que a persuasão, e o ensino.

94. Amplitudo animi maxime eminet contemnendis doloribus. *Tusc.*, II, 26.

94. Lustra grandemente a grandeza d'alma em subjugar as dôres.

95. Plerumque improborum facta primo suspicio insequitur; deinde sermo atque fama; tum accusator, tum judex. *Fin.*, I, 16.

95. As acções criminosas movem primeiro a suspeita, depois vem o rumor publico, e por fim o accusador e o juiz.

96. Improbo et stulto et inerti nemini bene esse potest. *Partil.*, 2.

96. O mau, o parvo, e o vadio, nunca são felizes.

97. Ne in festationibus suscipiamus nimias celeritates. *Off.*, I, 36.

97. Não sejamos precipitados em nossos zelos.

98. Ut innocens is dicitur, non qui leviter nocet, sed qui nihil nocet: sic sine metu is habendus est, non qui parum metuit, sed qui omnino metu vacat. *Tusc.*, V, 14.

98. Chama-se innocente, não o que delinque pouco, mas o que em nada delinquiu; e assim devemos considerar destemido, não o homem pouco medroso, mas o que nada teme.

99. Deforme est de se ipsum prædicare, falsa præsertim. *Off.*, I, 38.

99. É feia cousa louvar-se homem a si, mórmente se phantasia meritos.

100. Par est, primum ipsum esse virum bonum, tum alterum similem sui quærere. *Am.*, 22.

100. Comece o homem por ser honesto, e buscará amigos que se lhe pareçam.

101. Negligere quid de se quisque sentiat, non solum arrogantis est, sed etiam omnino dissoluti. *Off.*, I, 28.

101. Ter em nenhuma conta o que se diz de nós, é não só mostra de grande arrogancia, mas tambem de completa depravação.

102. Ut hirundines æstivo tempore præsto sunt, frigore pulsæ recedunt: ita falsi amici sereno vitæ tempore præsto sunt: simul atque hiemem fortunæ viderunt, devolant omnes. *ad Heren.*, IV, 61.

102. Apparecem-nos as andorinhas no estio, e fogem quando o frio as repulsa: taes são os falsos amigos: vida ditosa e serena chama-os, e apenas bafeja sôpro adverso, lá vão esvoaçando.

103. Nec ita claudenda est res familiaris, ut eam benignitas aperire non possit, nec ita reseranda, ut pateat omnibus. *Off.*, II, 15.

103. É preciso não fechar por tal modo a bolsa que o bemfazer a não abra, nem tel-a tão aberta que a toda a gente se preste.

104. Quam si ad se quisque rapiat, dissolvetur omnis humana consortio. *Off.*, III, 6.

104. Se cada qual cuidar só de si, a sociedade humana está dissolvida.

105. Optimi viri permulta ab eam unam causam faciunt, quia decet, quia rectum, quia honestum est; etsi nullum consecuturum emolumentum vident. *Fin.*, II, 14.

105. Praticam os homens virtuosos muitas acções só por que são bellas e justas, e porque é honroso pratical-as, embora d'ahi lhes não venha proveito algum.

106. In omnibus negotiis, priusquam aggrediare, adhibenda est præparatio diligens. *Off.*, I, 21.

106. Em todos os negocios convém prepararmo-nos com exame e meditação.

107. Ubi semel quis pejeraverit, ei credi postea, etiamsi per plures deos juret, non oportet. *Rab., Post.*, 13.

107. Do homem que uma vez perjurou não ha juramento aceitavel, embora elle jurasse pelos deuses.

108. Non æstimatione census, verum victu cultuque terminatur pecuniæ modus. *Parad.*, 6.

108. Calcula-se os haveres pelo modo de viver e despeza, e não pela somma do rendimento.

109. Constat ad salutem civium, civitatumque incolumitatem, vitamque hominum quietam et beatam inventas esse leges. *Leg.*, II, 3.

109. Foram inventadas as leis para salvação dos cidadãos, conservação das cidades, tranquillidade e felicidade geral.

110. Vere illud dicitur, perverse dicere homines, perverse dicendo, facillime consequi. *de Or.*, I, 33.

110. É certo o dictado que do dizer mal ao mal-dizer pouco dista.

111. Opera danda est, ut verbis utamur quam

111. Exercitemo-nos em empregar as expres-

usitatissimis et quam maxime aptis, id est rem declarantibus. *Fin.*, V, 20.

112. Fieri potest, ut recte quis sentiat, et id, quod sentit, polite eloqui non possit. *Tusc.*, I, 3.

113. Soli hoc contingit sapienti, ut nihil faciat invitus, nihil dolens, nihil coactus. *Parad.*, V, 11.

114. Abesse non potest, quin ejusdem hominis sit, qui improbos probet, probos improbare. *Or.*

sões mais usadas e justas, isto é, as que melhor exprimem.

112. Póde dar-se haver boas idéas, e faltar a elegancia no expressal-as.

113. É privilegio do sabio fazer tudo como lhe praz, suavemente, e de seu livre alvedrio.

114. Não póde acontecer, que o homem que approva os maus esteja bem disposto a elogiar os bons.

Exercicios e direcções. — A simples leitura d'estas maximas de Cicero, basta a convencer-nos da sua eminente propriedade de formar e desenvolver o coração da juventude. O professor póde desenvolver a substancia de duas ou tres d'essas maximas ou pensamentos, adaptando-a á intelligencia dos alumnos.

CICUTA. (Veja UMBELLIFERAS).

CIDRA. (Veja FERMENTAÇÃO).

CIDREIRA. (Veja LABIACEAS).

CIMBROS. (Veja SEGUNDO SECULO).

CIMON. (Veja QUINTO SECULO).

CINCINATO. (Veja QUINTO SECULO).

CINGULO. (Veja ORNAMENTOS).

CINTRA (Gonçalo de). (Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

CINTRA (Pedro de). (Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

CIRCULO e **CIRCUMFERENCIA**. 1. A circumferencia é uma linha plana, que tem todos os seus pontos igualmente distantes de um ponto interior, chamado *centro*. O circulo é a porção do plano limitado por uma circumferencia. — As circumferencias são *concentricas* quando teem o mesmo centro; *excentricas*, no caso contrario; *tangentes*, entre si, quando teem um só ponto commum, que se chama de *tangencia* ou de *contacto*. O *arco* é qualquer porção de uma circumferencia. — A circumferencia divide-se em 360 partes iguaes, chamadas *graus* (°); o grau em 60 *minutos* (′); e o minuto em 60 *segundos* (″). Esta divisão é a base do calculo geometrico; e é particularmente destinada a medir os angulos. — As rectas principaes consideradas no circulo são: o raio, recta tirada do centro para qualquer ponto da circumferencia; o diametro, recta que passa pelo centro e termina na circumferencia; a corda, recta tirada entre os dous termos do arco; flecha ou sagitta, recta tirada entre o meio do arco e o da corda respectiva; secante, recta que corta a circumferencia em dous pontos; tangente, recta que só tem um ponto commum com a circumferencia. — Consideram-se no circulo tres partes: o sector, porção do circulo comprehendido por dous raios e pelo arco interceptado; o segmento, porção do circulo limitado por um arco e pela respectiva corda; a corôa, porção do circulo limitada por duas circumferencias concentricas.

2. Obtem-se o comprimento d'uma circumferencia, cujo raio ou diametro é conhecido, multiplicando o diametro pelo numero 3,1416, que exprime a verdadeira razão da circumferencia ao diametro a menos de meia decima-millesima. — Determina-se o diametro d'um circulo, cuja circumferencia rectificada é conhecida, dividindo esta circumferencia pelo numero 3,1416.—Obtem-se o comprimento d'um arco, cuja graduação e raio se conhecem, multiplicando o comprimento da circumferencia, a que o arco pertence, pela razão entre o numero que representa a graduação do

arco e 360 graus. — Obtem-se a superficie d'um circulo, cujo raio é conhecido, multiplicando o quadrado do raio pelo numero 3,1416.—Obtem-se o raio d'um circulo, cuja superficie se conhece, dividindo a superficie do circulo pelo numero 3,1416 e extrahindo a raiz quadrada ao quociente. — Obtem-se a superficie d'uma corôa circular, cujos raios se conhecem, calculando a differença das superficies dos dous circulos que a limitam, isto é, multiplicando o numero 3,1416 pela differença dos quadrados dos dous raios. — Obtem-se a superficie d'um sector, cujo raio e graduação do arco respectivo se conhecem, multiplicando o comprimento do arco pela metade do raio; ou multiplicando a superficie do circulo respectivo pela razão do angulo do sector a 360 graus. — Obtem-se a superficie d'um segmento, cujo raio e graduação do arco se conhecem, calculando a differença das superficies do sector respectivo e do triangulo formado pelos dous raios e a corda do arco do segmento; ou multiplicando a metade do raio pela differença do comprimento do arco do segmento e a metade da corda que o arco duplo subtende.

3. *Proposições.* N'um mesmo circulo, ou em circulos iguaes, arcos iguaes teem cordas iguaes. — N'um mesmo circulo, ou em circulos iguaes, o maior arco subtende corda maior, sendo ambos em arcos menores que a semi-circumferencia; no caso contrario, a conclusão seria inversa. — A perpendicular á extremidade de um raio, é tangente á circumferencia n'esse mesmo ponto. — Duas cordas parallelas interceptam na circumferencia arcos iguaes. — Dividir uma circumferencia em um numero qualquer de partes iguaes, quer por tentativas, ou por methodos particulares, quer por meio do transferidor, ou taboa das cordas. — A tangente a uma circumferencia é perpendicular ao raio tirado para o ponto de contacto. — O ponto de contacto de duas circumferencias tangentes entre si está na direcção dos centros. — O centro d'um circulo está na perpendicular levantada do meio d'uma corda. — Se duas circumferencias se cortam, a distancia entre os seus centros é menor que a somma dos raios, e maior que a differença entre elles. — Se duas circumferencias são tangentes entre si, exteriormente, a distancia entre os seus centros é igual á somma dos raios; se são tangentes entre si, interiormente, a distancia entre os seus centros é igual á differença dos raios. — Se n'um circulo duas cordas se cortam, as partes interceptadas são inversamente proporcionaes; isto é, as duas partes d'uma das cordas são os extremos d'uma proporção na qual as duas partes da outra são os meios. — A perpendicular baixada d'um ponto da circumferencia sobre o diametro, é media proporcional entre os dous segmentos do diametro. — As circumferencias são proporcionaes aos seus raios e aos seus diametros. (Veja POLYGONOS e SEMELHANÇA). D'esta proposição resulta: que para traçar uma circumferencia, cujo comprimento seja duplo, triplo, etc., do de uma dada circumferencia, toma-se um raio duplo, triplo, etc. — A razão das circumferencias aos diametros respectivos, é quantidade constante; por outras palavras, o comprimento d'uma circumferencia dividido por o do seu diametro dá sempre o quociente 3,14159265..., ou aproximado a menos de meia decima-millesima, 31416, o qual se representa pela letra grega π, que se lê *pi*. Este numero entra como elemento essencial em todas as proposições que respeitam a medida da circumferencia e do circulo.

— Dictar e fazer decorar as duas primeiras lições, depois de ter mandado traçar e calcular na pedra as superficies ou linhas respectivas. — Explicar a terceira lição por meio de uma *Geometria*.

CIRCUMFERENCIA. (Veja CIRCULO).

CIUME. O ciume é o mais vil e o mais baixo de todos os sentimentos, porque procede d'um individualismo constantemente irritado. Não ha na-

da mais mudavel que o ciume quando pende da essencia do caracter: muda tão a miudo de objecto que não dá treguas nem repouso; parece que em si contém o seu proprio castigo.

Aferra-se e cinge-se a pequenas cousas; de sorte que o homem ciumento é sempre digno de lastima, embora lhe sobejem elementos de felicidade. — O ciume grosseiro é a desconfiança da pessoa que se ama; o ciume delicado é a desconfiança que tem cada qual de si.» (Chesterfield). — «A lingua do ciumento devasta tudo que toca.» (Massillon).—«Na casa paterna não ha meninas que não experimentem os seus primeiros sentimentos de ciume a que o seu sexo é tão atreito. Quando se lhes falla d'uma menina muito instruida e amavel, se este exemplar de perfeição dá auso a ser por alguma maneira criticado lançam logo mão d'elle, invertendo em funesta propensão de espirito um sentimento nobre e generoso.» (M.me Campan, *Educ.*, liv. v, cap. II). — «Em justiça, o ciume e em fim o que ha peor no amor proprio, procede unicamente da disposição que temos em olhar não já do que temos bom em nós, mas do que temos melhor que os outros.» (M.me Guisot, *Cartas sobre a educ.*, 19). — «A energia das faculdades é um dos mais seguros preservativos do ciume; e se os meninos tão facilmente se tornam ciumentos é por que ha muito pouco cuidado em ensinar-lhes o amor. E tambem se descura o unico principio de força que possa apartal-os da personalidade. Esta incapacidade de amar augmentará, e com ella a propensão ao ciume, se os acostumam a occupar-se de suas necessidades proprias em vez de lhes desviar a attenção de si mesmos, e dar-lhes a gozar o prazer de serem uteis ao proximo.» (*Ibid.*, carta 38). (Veja Egoismo, Caridade, Dedicação).

CLASSIFICAÇÃO. Chama-se classificação botanica á distribuição de todas as plantas conhecidas n'um certo numero de grupos ou collecções distinctos uns dos outros por caracteres e nomes particulares. Ha duas: o *systema* e o *methodo*. — No systema classificam-se as plantas como fez Linneu, attendendo simplesmente ás fórmas de um orgão, ou de um pequeno numero de orgãos. — No methodo agrupam-se as plantas pela somma de suas maiores analogias, tiradas de todos os orgãos. — Esta se chama tambem classificação *natural*, aquella *artificial*. Começa-se pela comparação dos individuos ajuntando os semelhantes em grupos que se chamam *especies*. Reunem-se depois as especies mais parecidas para formar os *generos*. Com os generos mais analogos formam-se as *familias*, e com estas as *ordens*. Com as ordens ou familias de maior affinidade compõe-se as *classes*. E com estas finalmente as *divisões*, ou *quadros* que são as collecções mais superiores. O nome botanico de qualquer planta devia ser formado de tal sorte que exprimisse os lugares da classificação em que a planta entra, a classe — a ordem — a familia — o genero e a especie. — Mas como assim ficavam os nomes muito extensos preferiram os botanicos formal-os unicamente com o nome do genero, e da especie, o primeiro como substantivo, o segundo como adjectivo. Assim o *lirio candido*, e o *lirio bulboso*, são duas especies do genero *lirio*. — A unica classificação artificial que a botanica tem para assim dizer perfilhado, e que apesar dos seus grandes defeitos, ainda hoje é utilisada pela facilidade com que ensina a conhecer os nomes das plantas é o *systema sexual de Linneu*, assim chamado, porque as bases d'esta classificação são tiradas de circumstancias relativas aos orgãos sexuaes das plantas. Linneu distribuiu todas as plantas em 24 classes. As 13 primeiras são distinctas pelo numero dos estames. As 14.ª e 15.ª pelas dimensões respectivas d'estes. As 16.ª, 17.ª e 18.ª pela soldadura dos estames pelos filetes. A 19.ª pela soldadura dos mesmos pelas antheras. A 20.ª pela soldadura dos estames com o pistillo. As 21.ª, 22.ª e 23.ª pela separação dos sexos. As 24.ª finalmente pela ausencia real ou presumida dos or-

gãos sexuaes. — A classificação das plantas pelas suas affinidades em familias naturaes primeiramente indicada por Bernardo de Jussieu, foi estabelecida por seu sobrinho A. Lourenço de Jussieu, depois desenvolvida e melhorada por outros respeitaveis botanicos como R. Brown, Decandolle, Lindley, Kunth, Adriano de Jussieu, etc. — Os quadros ou divisões geraes do methodo natural são tres, a saber: *Acotyledoneas*, — *Monocotyledoneas*, — *Dicotyledoneas*.

CLAUDIANO. (Quarto seculo depois de Jesus Christo). Poeta latino natural de Alexandria, foi amigo de Stilicon, primeiro ministro de Honorio, e acabou cahindo em desgraça com elle. Igualaram-no a Horacio e Virgilio os seus contemporaneos; mas o que d'elle possuimos não justifica tamanho elogio. Falta-lhe invenção e talento. O assumpto de suas poesias são os acontecimentos da época. (Veja QUARTO SECULO).

CLÉMATITE. (Veja RANUNCULACEAS).

CLERMONT. (Veja AUVERGNE).

CLOVIS. (Veja QUINTO SECULO).

CLUNY. (Veja BORGONHA).

COBALTO. (Veja METAES).

COBRE. (Veja METALLURGIA).

CODORNIZ. (Veja GALLINACEAS).

CODRUS. (Veja DECIMO-SEGUNDO SECULO).

COEFFICIENTE. (Veja ALGEBRA).

COELHO (Duarte). (Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

COELHO (Nicolau). (Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

COGUMELO. (Veja ACOTYLEDONES).

COHESÃO. (Veja CHIMICA).

COIMBRA. Da *Conimbriga* dos romanos restam poucos vestigios. Esta cidade tinha seu assento no lugar onde agora vêmos Condeixa a Velha, duas leguas distante da actual cidade de Coimbra, e ao lado da estrada que conduz a Lisboa. Na invasão dos povos do norte, no seculo V, foi completamente destruida; e querendo depois os vencedores reedifical-a, resolveram mudar-lhe o assento para junto do Mondego. Tal é a origem, ao que parece, da moderna Coimbra, a quem dão por fundador Ataces, rei dos alanos.

Pelo casamento de D. Tareja com o conde D. Henrique, entrou este principe na posse de Coimbra, e d'ella fez a sua côrte alternadamente com Braga e Guimarães.

Seu filho D. Affonso Henriques estabeleceu em Coimbra a sua residencia habitual; e assim ficou sendo esta cidade côrte unica de Portugal, durante os primeiros quatro reinados.

Foi a cidade de Coimbra theatro de importantes acontecimentos politicos, assim como tambem o foi de lamentaveis scenas tragicas. Duas mulheres, ambas formosas d'alma e do corpo, e para sua desgraça elevadas ambas por amor a uma alta posição, ahi padeceram morte violenta, e a todos os respeitos immerecida!

D. Ignez de Castro e D. Maria Telles são os nomes d'essas illustres e tristes victimas da politica e do ciume.

A primeira foi mandada assassinar por el-rei D. Affonso IV, a fim de não servir de estorvo a um projectado enlace do infante D. Pedro, seu filho e successor, com uma infanta de Castella. A segunda foi apunhalada por seu esposo, o infante D. João, filho de D. Pedro, e da desditosa D. Ignez de Castro, a quem a perfida rainha D. Leonor Telles, forjando embustes, armára o braço contra a sua propria irmã, para depois perseguir o assassino, e d'este modo desviar da successão do throno um principe, que as leis do reino antepunham a D. Bea-

triz, unica filha d'el-rei D. Fernando e da dita rainha D. Leonor Telles, a qual n'essa occasião já estava casada com D. João I, rei de Castella, e por esta circumstancia inhibida de succeder na corôa de D. Affonso Henriques.

Está Coimbra situada no coração do reino, na provincia da Beira, trinta e duas leguas distante de Lisboa para o norte, e dezoito do Porto para o sul.

Sentada á borda do Mondego, parte em terreno chão, parte subindo em amphitheatro pelo dorso d'um monte, ao qual fazem vistosa corôa alguns dos seus melhores edificios, e os arvoredos das margens do rio, dando belleza e realce a este quadro já de si tão formoso, esta cidade sobreleva a todas as suas irmãs pelas graças exteriores que ostenta.

Nenhuma outra apresenta como esta, a quem de fóra a contempla, mais nobre e risonho aspecto.

Vista por dentro, verdade é, varía muito o quadro. As alegrias exteriores quasi que se convertem em tristeza, porque a maior parte da cidade, principalmente a baixa, é cortada de ruas estreitas, tortuosas e immundas, e guarnecida de casas de apparencia desagradavel. Todavia o viajante fica bem pago d'este desgosto ao entrar em algumas ruas e praças, amplas e orladas de bons edificios, e ainda mais indemnisado se julgará, visitando tantos monumentos que ahi se erguem, ricos d'arte e de tradições historicas, e venerandos por sua antiguidade.

Os edificios da universidade estão collocados no ponto mais alto da cidade, servindo-lhe de magestosa corôa. Foi a universidade fundada em Lisboa por el-rei D. Diniz e pelo mesmo mandada para Coimbra, onde teve assento na rua da Sophia, nos paços reaes, que ahi havia, e que mais tarde se transformaram em palacio da inquisição. Depois de ter sido por vezes, e em differentes reinados, transferida para Lisboa, e novamente mudada para Coimbra, el-rei D. João III deu-lhe para séde os paços reaes do alto da cidade, e desde então n'elles tem permanecido.

Os arrabaldes de Coimbra são nomeados por sua muita formosura. Os viçosos campos, pomares, e bosques silvestres das margens do Mondego, os montes e valles por toda a parte verdejantes, e por todas as partes rebentando agua em fontes crystallinas, ou correndo em ribeiros, tudo isto são justos titulos para tão grande nomeada.

COLBERT, ministro de Luiz XIV. João Baptista Colbert, diz um contemporaneo, era de aspecto carrancudo. O cavado das orbitas e espessura das sobrancelhas afeiavam-lhe o semblante um tanto repellente; mas, passada a primeira impressão e tratado de perto, ganhava muito com seus modos affaveis, expeditos e inabalavel firmeza de caracter. Tinha elle de si para comsigo que a boa fé nos contractos é o solido fundamento d'elles. Incançavel applicação e insaciavel desejo de saber suppriam n'elle a imperfeição da sciencia. Restaurou as rendas do estado que estavam pessimamente geridas quando entrou no ministerio. Espirito solido, mas grave, propenso mais ao calculo, destrinçou todos os embaraços com que os thesoureiros haviam illaqueado os negocios para irem pescando nas aguas turvas. «Colbert restaurou as antigas manufacturas, introduzindo novas fabricas, nomeadamente as dos espelhos e tapeçarias. Fez concertar as estradas reaes, abriu muitas, e ligou os dous mares por meio do canal de Languedoc. Deu alento ás sciencias e artes. Fundou as academias de sciencias, de inscripções, de architectura. Creou o Observatorio. Aformosentou Pariz de caes, praças e portas triumphaes. São obras de sua iniciativa a columnata do Louvre e jardim das Tulherias. Deixou Colbert muitos filhos, que tambem foram estadistas, entre outros o marquez de Seignelay e um sobrinho, o marquez de Torcy que tambem foi ministro. (Veja LUIZ XIV, e os nomes dos mais notaveis homens d'este seculo). — A proposito d'este ministro, póde discorrer o professor ácerca de outros

igualmente celebres como Sully, Richelieu, Pombal, etc., e fazer redigir ou resumir oralmente.

COLIBRI (ou Pica-flôr). (Veja Passaros).

COLICA. (Veja Doenças).

COLLIN D'HARLEVILLE. Oitavo, entre os onze filhos de um advogado de Chartres. Passou a mocidade em suavidades campezinas e intimidade de familia, d'onde lhe ficaram sempre reminiscencias nos poemas. Em uma obscura hospedaria, onde morava com o seu amigo Andrieux, phantasiou Collin a sua primeira comedia: *O inconstante*, que foi glacialmente recebida. Desanimado e empenhadissimo, deu-se por largos annos á advocacia. Tornando-se a Pariz, poetou novamente, e ganhou com isso ter de traduzir para livreiros a razão de trezentos a quatrocentos reis por dia (30 a 40 soldos). O insigne actor Molé levou-lhe á scena *O inconstante*, e levantou-o com o primor da execução. Reanimado com este triumpho, deu no anno seguinte *O optimista*. Os *Castellos em Hespanha*, um anno depois, deram-lhe gloria e dinheiro. O *Velho celibatario*, sua melhor peça, foi composta durante a crise febril de uma doença, apesar dos amigos, do medico, e do enfermeiro. Recolheu-se a final á casa onde nascera; e, bem que apoucado em haveres, hospedava lautamente os amigos, e esmolava ainda aos infelizes. Era-lhe tão necessario ser poeta como ser caritativo. Acompanhando á estação da Diligencia um antigo amigo que se lhe carpira de pobreza, tirou dos hombros o sobretudo, e lançou-o nos do amigo, dizendo-lhe: «Olha que já te esquecias do teu casaco.» Collin morreu tysico aos 51 annos de idade, em 1806.

COLMAR. (Veja Alsacia).

COLOMBIA. 1. A Colombia, que já pertenceu á America hespanhola, está hoje dividida em tres republicas distinctas: Venezuela, Nova Granada e Equador. É paiz fertilissimo, onde se encontram especies variadissimas de madeiras. As serras, mais que as de todo o continente elevadas, contém minas de ouro, de prata, e pedras preciosas. — As montanhas de Quito, capital do Equador, abundam em quadrupedes e aves de belleza rara. Ha ahi pavões silvestres, faisãos, especies indigenas de gallinhas, isto em tanta copia, que, se não se embrenhassem no arvoredo, os viandantes munidos de espingarda não careceriam de outras e melhores viandas. Abundam por lá tambem cobras, e macacos que orçam por dous metros de altura, quando se põem a prumo. — Entre Caracas, capital de Venezuela, e Cumana, cidade forte e commercial d'esta republica, o viandante dá de rosto com as immensas savanas que se desenrolam á feição de alcatifa chã e liza, e tanto cançam a vista com a sua monotonia. Nada ha ahi tão magestoso, uniforme e melancolico! — Durante a sazão calorosa, a vegetação elanguesce; monticulos de cinzas indicam o lugar onde floriram plantas agora calcinadas. Não sopram ventos. Ligeiras brizas, a intervallos, bafejam a face da terra, e remoinhando a poeira vegetal, molestam o viajante. Contempla-se com tristes olhos esta esteril immensidade! Escassamente, uma ou duas palmeiras, aqui ou além erguidas, assignalam a bacia de uma fonte que seccou. É tudo terra escorchada. Arvores e fontes que de longe nos illudem como que nos vão sempre fugindo. Raios de sol que dardejam a pino, sem nuvem que lhes quebre o ardor, esbatem sempre uma superficie polida que os refrange e lhes redobra a intensidade. A desolação augmenta sempre, sem o minimo accidente. Como que vamos caminhando debaixo da abobada abrazada de um forno aquecido para supplicio. Ao convisinharmos das margens do Orenoco, vemos com prazer accidentar-se algum tanto a paisagem. Aqui e além já se despertam algumas casas, achegadas a regatos que serpeiam por entre matos e são embebidas pela areia. A final, já nos verde-

jam folhagens, collinas, o paraiso depois do inferno.

2. Santa-Fé de Bogota, capital da Nova-Granada, dá-nos uma dôce espectativa. As casas, todavia, são baixas, motivo dos frequentes terramotos. São formadas de adobes seccos ao sol, cobertas de telha, e caiadas por fóra. Dão-lhe desgracioso aspecto as pequeninas janellas, fechadas com grossas trancas. Pouco ha que os vidros começam a usar-se. Uma enfiada de quartos, abrindo para uma galeria, recebem só a luz que lhes entra pela porta. O pavimento e as paredes são tão mal feitos que nem as esteiras ou maus tapetes lhes encobrem os defeitos, nem bem dissimulam a sujidade dos insectos que por alli enxameiam. — Bogota, ainda assim, tem alguns monumentos bem architectados, nomeadamente a cathedral, cujo interior nobremente singelo contrasta com o luxo prodigioso das outras igrejas, que resplandecem de ouro. Não escasseiam todavia os thesouros da cathedral; sendo que uma só imagem da Virgem está adornada com 1358 diamantes, 1295 esmeraldas, 59 amethystas, 1 topasio, 1 hyacintho, 372 perolas, no pedestal 609 amethystas, e o trabalho foi pago com 4000 piastras.

3. No geral, o colombez tem pouca vivacidade physionomica, é triste, sem expressão, indolente e preguiçoso. O orgulho, essencial em sua indole, produz-lhe a antipathia que votam a todos os forasteiros. Carecem de conhecimentos e engenho, na maior parte. Cortezania e affabilidade isso é no que elles são apontados até ao excesso. Respeitam em extremo os paes, tratando-os por «meu senhor, e minha senhora.» Ingratos é que elles são com certeza. Apenas recebem um favor olvidam-no logo. Quando topam alguem pela primeira vez comprimentam-no; á segunda, apertam-lhe a mão; todavia, não é bom dar valor a taes exteriores.

Procure-se no mappa os lugares designados, e faça-se desenvolver o que vai resumido, de viva voz ou por escripta: — Producção de Colombia. — Descripção das savanas. — Santa-Fé de Bogota; casas e cathedral. — Caracteres e costumes dos colombezes.

COLOMBO (Christovão). 1. No começo do seculo XIV os genovezes e outros povos da beira mar começaram a fazer uso da bussola entranhando-se ao longo das costas atlanticas, guiados por esse pequeno instrumento que ia franquear aos europeus todos os caminhos do oceano. — O Oriente, a India sobre tudo era para a imaginação da meia idade o paiz das riquezas fabulosas. Alli os fructos exquisitos, as pedras preciosas, e o ouro, se encontravam em profusão. Para chegar a estes maravilhosos lugares não se conheciam outros caminhos senão os da Asia. A relação escripta pelo cavalheiro inglez João Mandeville que viajou no meado do seculo XIV é notavel principalmente por certas idéas cosmographicas, sobre a rotundidade da terra, a possibilidade de se viajar em roda, e a existencia dos antipodas, nova da mais alta importancia para o descobrimento d'um novo caminho para a India. — A vaga idéa de que devia existir outro continente, preoccupava entretanto os navegadores, e os mathematicos. Brunelleschi, celebre architecto florentino, tinha muitas vezes, diante de seu discipulo Toscanelli, desenvolvido a idéa de haver um outro hemispherio; Toscanelli pela sua parte tinha tambem confirmado esta idéa a um joven genovez, Christovão Colombo, que sonhava o descobrimento d'um novo caminho para as Indias. Em quanto os portuguezes procuravam uma passagem para as Indias pelo sul da Africa, Colombo scismava se não seria possivel descobrir caminho mais direito e menos longo. Por estudos bem dirigidos, já elle tinha conseguido colligir ácerca da verdadeira figura da terra, noções mais exactas que as da maior parte dos sabios do seu seculo. Considerando a extensão e massa enorme de terras que pesam sobre o nosso hemispherio, tinha imaginado que terras equi-

valentes deviam servir-lhe de contrapeso no hemispherio opposto. Em fim as descripções de Marco Polo segundo as quaes dous paizes que elle visitára, o norte da China e o Japão se estendiam mais a éste que nenhuma parte da Asia conhecida pelos antigos, não contribuiram pouco a confirmar Colombo na idéa de que era para o sudoeste que os navegadores deviam procurar essa passagem.—Cheio d'estas idéas, Colombo propoz ao senado do paiz ir, sob o pavilhão da republica, em demanda das novas regiões que elle devia descobrir. Os genovezes rejeitaram-lhe as propostas, apodando-o de visionario, e assim perderam o azo de repôr a sua republica no antigo esplendor.—Não desanimou Colombo. Recorreu a Portugal; mas nadá pôde obter. Acercou-se de Hespanha em 1484. N'este ensejo os os reis catholicos estavam grandemente empenhados na guerra contra os musulmanos que, após oito seculos de luta, ia terminar em fim com a queda de Granada. Depois de reiteradas solicitações, logrou Colombo fallar ao rei e á rainha. A commissão encarregada de examinar o projecto, sustentou que Colombo encontraria mar sem termo, ou então chegaria a uma altura em que a convexidade da terra lhe tornaria impossivel o retrocesso, e levado assim pelo descahir das ondas seria precipitado em insondaveis abysmos. Volvidos cinco annos de conferencias vans, foi rejeitado o plano.—Logo, porém, que Granada cahiu, os amigos de Colombo aproveitaram o lanço para redobrar de instancias a Isabel a Catholica. Ouviu-os a rainha benignamente, e para logo chamaram Colombo que já se afastava de Hespanha, resolvido a não tornar. A 17 de abril de 1492 foi assignado um tratado pelo qual Colombo foi elevado á dignidade de almirante, e nomeado vice-rei de todas as ilhas e continentes que descobrisse no discurso da sua expedição. Tres naus compunham a esquadra: a *Santa Maria*, que era capitaneada por Colombo; a *Pinta*, de que foi capitão Alonzo Pinzon, e a *Neiga*, capitaneada por Vicente Pinzon. A expedição levava provisões para doze mezes, e 90 homens sómente, aos quaes se ajuntaram uns vinte aventureiros e alguns fidalgos que Isabel encarregou de acompanharem Colombo.

2. Levantaram ancora aos 3 de agosto de 1492. Após um estirado mez de navegação, a frota continuava a vogar na mesma direcção, quando alguns passaros desconhecidos pousaram em o mastro de um dos navios. Observaram ao mesmo tempo que o mar se esverdeava, por causa de muita hervagem que boiava á tona de agua, mas deitando a sonda, não acharam fundo, d'onde inferiram que estava longe a terra. Desataram então a chorar alguns marujos, que muito custosamente Colombo vingou reanimar.—No 1.º de outubro levavam já andadas 770 leguas, bem que Colombo dissesse á tripulação que eram 500. Estava totalmente perdida para os nautas a esperança de acharem terra; sobreveio o terror de não poderem já retrogradar. Accordam-se todos em que é urgente forçar o insensato almirante a retroceder. Alguns mais enfurecidos votam por atiral-o ao mar. Salvou-se do cume do perigo Christovão Colombo com o denodo e sobranceria d'alma. Prometteu a uns gloria, a outros riqueza, e a todos recompensas e honras logo que entrassem na patria. Estas promessas eloquentes pacificaram a maruja e reaccenderam-lhe o brio. Proseguiram na rota, segundo o curso do sol.—D'ahi a pouco encruesceram os prantos e as ameaças nas tres naus ao mesmo tempo. Os proprios officiaes se deram de mãos com os tripulantes, exigindo com horriveis ameaças que a esquadra retrocedesse logo para Hespanha. Recorre de novo Colombo ao prestigio da sua eloquencia e vê-se forçado a condescender, não obstante. Estipulou, todavia, que lhe dessem mais tres dias, promettendo que se, n'este espaço, não descobrissem terra, se submetteria á vontade dos tripulantes.—Durante estes tres dias e tres noites não dormiu, attentando alternadamente nos astros e na bus-

sola, e dirigindo propriamente o leme da sua nau. — Ao segundo dia, descobriram uma cana cortada de fresco, um pedaço de pau trabalhado por mão de homem, e uma vergontea de arvore com um fructo. Ao pôr do sol, lançaram a sonda, que achou fundo. O almirante, persuadido de haver chegado ao termo da empreza, annuncia á equipagem que, ao romper a aurora do dia seguinte, veriam terra, e ordena aos pilotos que não vão por d'avante sem grande cautela e receio de se irem a pique nos rochedos de que podiam estar crespas aquellas desconhecidas costas. — Ao terceiro dia, viram distinctamente, duas leguas ao norte, terra coberta de ridente verdor, golpeada de numerosos regatos, e sobranceada ao longe por immenso bosque de arvores olorosas, cujos perfumes lhes vinham bafejando as auras matutinas. Irromperam brados de jubilo, transportes de phrenetica alegria! Abraçaram-se todos debulhados em lagrimas. Punham as mãos agradecendo ao céo tel-os guiado sãos e salvos através do oceano, ao termo de suas esperanças. Ao mesmo tempo lançavam-se em joelhos aos pés de Colombo, proclamando-lhe o genio, a gloria, a intrepidez, e implorando perdão que o prazer e o triumpho lhes concedia de boamente. — Eram 12 dias corridos de outubro de 1592: — estava descoberto um mundo novo! — Ordenou Colombo que proejassem áquellas ribas; e, entrajando-se bizarramente, com um estandarte em punho, onde estavam bordadas as cifras de Fernando e Isabel, saltou em terra com os mais grados da comitiva e apossou-se solemnemente do paiz para a corôa de Castella. Era a Ilha de S. Salvador, uma das Lucayas. Descobriu depois Cuba, e S. Domingos, e voltou á Hespanha em março de 1493, e então foi nomeado, após grandes festas triumphaes, vice-rei das terras que descobrira.—No mez de setembro seguinte, emprendeu nova viagem. Descobriu a maior parte das Antilhas, e formou as feitorias de S. Domingos. Em terceira viagem, executada em 1498, descobriu o continente, e percorreu toda a America meridional desde a foz de Orenoco até ao Caracas. Em quarta e derradeira viagem, chegou até ao golfo de Darien. Durante a terceira expedição, foi victimado á calumnia, desauthorado e substituido por Bobadilha, que o enviou a Hespanha carregado de ferros. Obteve facilmente a liberdade; mas não vingou illibar o credito, a termos de se vêr desprezado de Fernando depois da quarta viagem. Em 1506, morreu alanceado de dissabores e achaques. — «Estando el-rei (D. João II) o anno de 493 a seis de março em Val de Paraiso, junto do mosteiro de Nossa Senhora das Virtudes, termo de Santarem, pela razão da peste, foi-lhe dito que ao porto de Lisboa era chegado um Christovam Colom, o qual dizia que vinha da ilha Cypango, e trazia muito ouro e riquezas da terra. El-rei, porque conhecia este Colom, e sabia que por el-rei de Castella fôra enviado a este descobrimento, mandou-lhe rogar que quizesse vir a elle, para saber o que achára n'aquella viagem, o que elle fez de boa vontade, não tanto por aprazer a el-rei, quanto por o magoar com a sua vista. Por quanto primeiro que fosse a Castella, andou com elle mesmo rei D. João, que o armasse para este negocio, o que elle não quiz fazer, por as razões que abaixo diremos. Chegado Colom ante el-rei, que o recebeu com gasalhado, ficou mui triste quando viu a gente da terra que com elle vinha não ser negra, de cabello revolto, e do vulto como a de Guiné, mas conforme om aspecto, côr, e cabello como lhe diziam ser a da India, sobre que elle tanto trabalhava. E porque Colom fallava maiores grandezas e cousas da terra do que n'ella havia, e isto com uma soltura de palavras, accusando e reprehendendo el-rei em não aceitar sua offerta, indignou tanto esta maneira de fallar a alguns fidalgos, que ajuntando este aborrecimento de sua soltura com a magoa que viam ter a el-rei de perder aquella empreza, offereceram-se d'elles que o queriam matar, e com isto se evitaria ir este homem a Cas-

tella. Cá verdadeiramente lhe pareceu que a vinda d'elle havia prejudicar a este reino, e causar algum dessocego a Sua Alteza, pela razão da conquista que lhe era concedida pelos summos pontifices, da qual conquista parecia que este Colom trazia aquella gente. As quaes offertas el-rei não aceitou, antes as reprehendeu como principe catholico, posto que d'este feito de si mesmo tivesse escandalo; e em lugar d'isso fez mercê a Colom, e mandou dar de vestir de grã aos homens que trazia d'aquelle novo descobrimento, e com isto o expediu. E porque a vinda e descobrimento d'este Christovão Colom (como então alguns prognosticaram) causou logo entre estes dous reis, e depois a seus successores algumas paixões e contendas com que de um a outro reino houve embaixadas, assentos e pactos, tudo sobre o negocio da India, que é a materia d'esta nossa escriptura: não parecerá estranho n'ella tratar do principio d'este descobrimento, e do que d'elle ao diante succedeu. Segundo todos affirmam, Christovão Colom era genovez de nação, homem esperto, eloquente, e bom latino, e mui glorioso em seus negocios. E como n'aquelle tempo uma das potencias de Italia que mais navegava pela razão das suas mercadorias e commercio era a nação genovez, este, segundo o uso da sua patria, e mais sua propria inclinação, andou navegando por o mar do Levante tanto tempo até que veio a estas partes de Hespanha, e deu-se á navegação do mar oceanico, seguindo a ordem de vida que antes tinha. E vendo elle que el-rei D. João ordinariamente mandava descobrir a costa d'Africa, com intenção de por ella ir ter á India, como era homem latino, e curioso das cousas de geographia, e lia por Marco Paulo, que fallava moderadamente das cousas do Oriente, do reino Cathayo, e assim da grande ilha de Cypango, veio a phantasiar que por este mar oceano occidental se podia navegar tanto, que fossem dar n'esta ilha Cypango, e em outras terras incognitas. Porque como em o tempo do infante D. Henrique se descobriram as ilhas terceiras, e tanta parte da terra d'Africa nunca sabida nem cuidada dos hespanhoes, assim poderia mais ao poente haver outras ilhas e terras... Com as quaes imaginações que lhe deu a continuação de navegar, e pratica dos homens d'esta profissão que havia n'este reino, mui espertos com os descobrimentos passados, veio requerer a el-rei D. João que lhe désse alguns navios para ir descobrir a ilha do Cypango por este mar occidental, não confiando tanto com o que tinha sabido (ou por melhor dizer sonhado) d'algumas ilhas occidentaes como querem dizer alguns escriptores de Castella, quanto na experiencia que tinha em estes negocios serem mui acreditados os estrangeiros. Assim como Antonio de Nole seu natural que tinha descoberto a ilha de Sant-Iago, de que seus successores tinham parte da capitania; e um João Baptista, francez de nação, que tinha a ilha de Maio, e Jos d'Utra, flamengo, outra do Fayal... Esta é a mais certa causa da sua empreza que algumas ficções que (como dissemos) dizem escriptores de Castella, e assim Jeronymo Cardano, medico milanez, varão certo, douto, e ingenioso, mas em este negocio mal informado. Porque escreve em o livro que compôz da Sapiencia, que a causa de Colom tomar esta empreza foi d'aquelle dito d'Aristoteles, que no mar Oceano, além d'Africa, havia terra para a qual navegavam os carthaginezes; e por decreto publico foi defezo que ninguem navegasse para ella, porque com abastança e mollicias d'ella se não apartassem das cousas do exercicio da guerra. El-rei porque via ser este Christovão Colom homem fallador e glorioso em mostrar suas habilidades, e mais phantastico e de imaginações com a sua ilha Cypango, do que certo no que dizia, dava lhe pouco credito. Comtudo á força das suas importunações mandou que estivesse com D. Diogo Ortiz, bispo de Cepta, e com mestre Rodrigo, e mestre Josepe, a quem elle commettia estas cousas de geographia e seus descobrimentos, e todos houveram por

vaidade as palavras de Christovão Colom, por tudo ser fundado em imaginações e cousas da ilha Cypango de Marco Paulo, e não em o que Jeronymo Cardano diz, e com este desengano expedido elle d'el-rei se foi para Castella, aonde tambem andou ladrando este requerimento em a côrte d'el-rei D. Fernando sem ao querer ouvir, até que por meio do arcebispo de Toledo, D. Pero Gonçalves de Mendôça, o ouviu.» (*Asia* de João de Barros, Decada 1.ª, livro 3.º, cap. XI).

COLOQUINTIDA. (Veja CUCURBITACEAS).

COLSA. (Veja CRUCIFERAS).

COLUMELLA, o mais sabio agronomo da antiguidade (1.º seculo depois de Jesus-Christo), possuia terras consideraveis cujo valor elle mesmo acrescentou. Viajou por diversas regiões do imperio romano, a fim de aprender todo o concernente á economia rural. Depois ficou de assento em Roma onde escreveu o seu tratado *De re Rustica* em 12 livros, dos quaes o sexto é em verso.

Pensamentos selectos para dicção, recitação, composições, versões e themas:

1. Petita quum tellus hortorum semina poscit,
Pangite tum varios, terrestria sidera, flores,
Candida leucoia et flaventia lumina calthæ,
Narcissique comas et hiantis sæva leonis
Nec non vel niveos vel cæruleos hyacinthos.
(*De re Rustica, l.* 10).

1. Assim que a terra bem revolvida está de molde para receber as sementes destinadas á jardinagem, semeai as varias especies de flores, astros da terra: a modesta viola candida, o malmequer de flavo lustre, o narciso de afilada folha, e herva bezerra que semelha os colmilhos do leão sanhudo, o lirio de nevado e coruscante calice, ou jacinthos brancos e os azues.

2. Invigilate, viri! tacito nam tempora gressu
Diffugiunt sensimque celer convertitur annus.
(*L.* 10).

2. Desvelai-vos, homens, que o tempo vôa a passo surdo, e o anno completa a sua rapida revolução sem nos apercebermos.

3. Nunc ver purpureum, nunc est mollissimus [annus;
Nunc Phœbus tener, ac tenerâ decumbere in herbâ
Suadet; et arguto fugientes gramine fontes,
Nec rigidos potare juvat, nec sole tepentes.
Jamque Dionæis redimitur floribus hortus:
Jam rosa mitescit Serrano clarior ostro.
(*Liv.* 10. *A primavera e as flôres*).

3. Purpureja a primavera: é a mais linda estação do anno. Phebo, em todo o brilho juvenil, convida ao repouso na fofa relva. É dôce beber nas fontes que fogem murmurosas; nem já estão congeladas, nem o sol lhes tirou o frescor. Festoam-se os jardins das flôres caras a Venus: desabotoa a rosa mais resplendente que o escarlata da serra. (*)

4. Porcius Cato censebat in emendo agro præcipue duo esse consideranda, salubritatem cœli et ubertatem loci; post hæc, viviam et aquam, et vicinum. (*Liv.* 7. *Escolha de visinhos*).

4. Porcio Catão entendia que, em compra de terras, duas cousas são attendiveis: salubridade do clima e fertilidade do torrão; depois, caminhos, agua e visinhança.

5. Malo enim præteritorum quam præsentium meminisse, ne vicinum meum nominem, qui nec arborem prolixiorem stare nostræ regionis, nec inviolatum seminarium, nec pedamentum adnexum vineæ, nec pecudes etium negligentius pasci sinerat. (*Liv.* 7. *Escolha de visinhos*).

5. Mais quero exemplos preteritos que actuaes, para me não entremetter com o visinho que não soffre arvores que bracejem muito, nem alfobre, nem tanchões a ampararem vinhedos, nem rebanhos que pascem sem zagal.

6. Villicus non urbem, non ullas nundinas, nisi vendendæ aut emendæ rei necessaræ causâ, frequentaverit. (*Deveres do quinteiro*).

6. O quinteiro não ande por feiras nem cidades, salvo se tem que vender, ou comprar utensilios.

7. Pecuniam domini, neque in pecore, nec in aliis rebus promercalibus occupet: quod eum negotiatorem potius facit quam agricolam. (*Deveres do quinteiro*).

7. Não empregará o dinheiro do senhorio em compras de gado, ou d'outras mercancias: póde surdir-lhe d'isso dar em negociante com damno do agricultor.

(*) Peixe de que Plinio deu noticia.

8. Jam, illa quæ in majoribus etiam imperiis difficulter custodiuntur, considerare debebit, ne aut remissius agat cum subjectis, semperque foveat bonos et sedulos, parcat etiam minus probis, et ita temperet, ut magis ejus vereantur severitatem quam ut sævitiam detestentur. Poteritque id custodire, si maluerit cavere ne peccet operarius, quàm sero punire, quum peccaverit. Nulla est autem vel nequissimi hominis amplior custodia quàm quotidiana operis exactio; nam illud verum est Catonis oraculum: «Nihil agendo homines male agere discunt.» (*Deveres do quinteiro*).

8. Ha um lanço de execução difficilima, até nas mais importantes administrações, digno da attenção do quinteiro: é haver-se com os servos sem rigor nem nimia brandura; gabar os que se portam bem e cumprem seus deveres; ser indulgente com os de menos consciencia, e dirigil-os com mão tente, por feitio que lhe temam a severidade, em vez de lhe execrarem o rigor. O melhor meio de espiar o mais desastrado homem é dar-lhe tarefa diaria. É veracissimo este oraculo de Catão: Homens, que nada fazem, aprendem a fazer mal.

9. Villicus primus omnium evigilet, familiamque nimis ad opera cunctantem, pro temporibus anni, festinanter producat, et strenuè ipse præcedat. Plurimum enim refert colonos a primo mane opus aggredi, nec lentos ac velut otiosos agere: siquidem malim unius promptam industrium, quàm decem hominum tardam atque oscitantem negligentium. (*Actividade do quinteiro*).

9. O quinteiro deve avantajar-se no madrugar, e guiar presto á lavoura, na razão propria, os obreiros, de seu natural calaceiros. É util que os cultivadores comecem a safara ao romper d'alva, e se esquivem ás mollêzas da preguiça. Eu de mim antes quero o lavor de um só homem agil e afreimado que o de dez jornaleiros negligentes e ronceiros.

10. Hoc igitur custodire oportet villicum, ne statim a primà luce familia languidè incedat, sed velut in aliquod prælium cum vigore et alacritate animi præcedentem eum tanquam ducem sequatur. Ipse variis exhortationibus laborantes exhilaret, alterius quoque interdum fungatur officio, moneatque sic fieri debere, ut ab ipso fortiter sit effectum. (*Actividade do quinteiro*).

10. Corre ao quinteiro obrigação de vigiar que os servos, ao amanhecer, não vão languidamente para o trabalho: cada qual deve seguil-o com afan e zêlo como o soldado segue o cabo que o conduz á peleja. Cuide em alegrar os obreiros com varias exhortações. Ás vezes, faça o serviço de um, e, com seu exemplo, o incite a satisfazer seu cargo como elle mesmo o satisfaria.

COMEDIA. «É a comedia a imitação da vida, espelho dos costumes, imagem da verdade. Nunca em Athenas seriam applaudidas as infamias do theatro, se costumes publicos as não authorisassem. Os gregos das remotas eras como que alardeavam sua libertinagem, pois havia lei que licenciava a comedia illimitada, liberdade de tudo dizer sem reserva de nomes. Por tanto, nada respeitou, ninguem lhe sahiu incolume das garras. A lei das doze Taboas decretou, em Roma, pena de morte áquelle que recitasse em publico ou compozesse versos injuriosos á reputação de outrem. Bem entendida lei; que os nossos actos devem andar sob a inspecção dos tribunaes e exame legitimo dos magistrados, e não sujeitos á phantasia de poetas: é mister que possamos appellar do ultraje para os tribunaes.» (Cicero). — «As nossas comedias mais gabadas representam, pelo ordinario, tutores logrados pelos tutelados, paes pelos filhos, maridos pelas consortes, amos por criados... Diz-se ahi que a comedia emenda os maus costumes escarnecendo-os: *Castigat ridendo mores.* Este adagio é falso como outros muitos em que se funda uma certa moral. O que a comedia nos ensina é a rir dos outros: e mais nada. Não me consta que alguem diga: «O retrato d'este avaro parece-se commigo;» o que cada um vê no palco é o retrato do seu visinho. Muito ha que Horacio fez esta observação. Porém, quando mesmo alguem se revisse na sua copia, nem por isso dou que d'ahi se lhe seguisse a reforma. Acaso póde o medico curar o seu doente, apresentando-lhe um espelho, e rindo-se d'elle? Querendo justificar nosso gosto, abonamo-nos com o dos gregos; mas damos de barato que os nossos estolidos espectaculos chamem a attenção publica sobre frioleiras, e mettam á chufa a virtude de cidadãos illustres, e incitem contra elles invejas e odios que os aniquilaram. Não impugno o riso; e, á feição de Hobbes, certo não creio que o riso seja parte do orgulho. Riem as crianças, e verdadeiramente não riem por orgulhosas. Riem ao mero taspeco de uma

flôr e ao tilintar de um guiso. Ha o rir da alegria, do jubilo e do intimo repouso; porém a chacota é cousa muito outra do rir natural: um resulta da agradavel harmonia de nossas sensações e sentimentos: o outro é o entre-choque de dous objectos, um grande, outro pequeno. Assim que, um objecto frivolo e singelo póde produzir terror profundo, ao passo que, por excitar grande hilaridade, é mister jogar com idéas apparatosas.» (Bern. de Saint-Pierre, *Estudos*, liv. III).

2. A malicia, congenial dos homens, é o principio da comedia. Vemos os defeitos dos outros com aprazimento mesclado de menospreço. Fazem-nos sorrir as imagens se são pintadas com destreza; fazem-nos gargalhar, se a malignidade dos traços dispara em surprezas disparatadas. Eis o que dá a força e recursos á comedia. Urge, porém, que os desmanchos, que ella zombeteia, não sejam afflictivos que nos movam dó, nem odiosos que estimulem rancôr, nem nos atterrem com eminentes catastrophes. O vicio dos dominios da comedia é aquelle tão sómente que se presta á irrisão. — Se a comedia se apropria a irrisão dos vicios e desatinos dos personagens, chama-se *de caracter*; se a irrisão resulta dos successos que a comedia dispõe em ordem a ludibriar os personagens, chama-se *de situação*. Na comedia de caracter, o poeta, cura de escolher a acção propria a pôr em evidencia os desvarios que quer ridicularisar: todas as situações se atém a este fim. Pelo contrario, na comedia de *situação* ou *intriga*, o author no que mais se desvela é na fabula, collocando os seus personagens em situações extraordinarias e enredadas: n'este caso, o enredo é o principal. Tambem é de mencionar a comedia *de costumes*, que se propõe criticar os de certa classe de pessoas de determinada condição, e censurar as ridiculezas que as instituições, usanças e modas fazem e desfazem. — O *Misanthropo* é uma comedia de caracter; as *Sabichonas* é comedia de costumes; o *Estouvado* é comedia de intriga. Duvidar da utilidade da comedia moral e decente seria pretender que os homens sejam insensiveis ao despreso e á correcção dos vicios que os fazem corar.

3. *Comicos celebres.* Na Grecia o mister de comico não aviltava, ao passo que em Roma só os escravos podiam exercital-o. Romano que pizasse o tablado perdia os direitos civicos. Modernamente, sobre tudo em paizes catholicos, muito tempo ruins preconceitos perseguiram os actores: isso está desvanecido, e já hoje são estimados na proporção do seu proceder e merito artistico. Todavia, é verdade que são raros os que reunem as boas qualidades moraes que dignificam um homem. «A condição dos comicos era infame em Roma e honrosa em Grecia. Que é ella em França? Temol-os na conta em que os romanos os tinham, e vivemos com elles á imitação dos gregos.» (La Bruyère). «O talento do comico que é? Contrafazer-se, mudar de aspecto, parecer outro, apaixonar-se sem paixão, dizer o que não pensa, esquecer o que é á força de ser o que não é... Qual é a profissão do comico? Um officio em que se dá em espectaculo por dinheiro, submettendo-se ás ignominias e affrontas que se lhe fazem com um direito comprado. Que moral aufere o comico d'esse seu modo vivente? Um composto de baixeza, mentira, orgulho ridiculo e indigno aviltamento, predicados que habilitam para fazer toda a especie de personagens, menos o de homem que elle deixa de ser.» (J. J. Rousseau).

Roscius (1.º seculo, antes de J. Christo), o mais celebre dos actores romanos, aperfeiçoou a pantomima, e deu lições a Cicero, com quem porfiava a vêr qual dos dous lograria sahir melhor com a mesma idéa — se o primeiro com o gesto, se o segundo com a palavra. A França teve Molé, Prèville, Baron, M.elle Mars, etc. Quanto a actores que se distinguiram no drama tragico, veja TRAGEDIA. — Ácerca da comedia litterariamente considerada, ARISTOPHANES, PLAUTO, TERENCIO, MOLIÈRE, REGNARD, DESTOUCHES, COLLIN D'HARLEVILLE, e THEA-

TRO PORTUGUEZ. Leia-se e exponha-se esta lição, a titulo de recreio.

COMETAS. (Veja ESTRELLAS).

COMINES (Philippe de), estadista e historiador (1445-1509), serviu primeiro Carlos o Temerario, duque de Borgonha, e ligou-se depois a Luiz XI que o enriqueceu e honrou, fazendo-o seu confidente e ministro. Fallecido o rei, bandeou-se no partido do duque de Orleans contra o regente, cahiu em desgraça, e esteve algum tempo encarcerado em Loches em uma das gaiolas de ferro que Luiz XI inventára; mas restituido ao valimento de Carlos VIII, a quem seguiu á Italia, foi encarregado de variados negocios. Voltando á patria, empregou as horas vagas na redacção das suas *Memorias* (reinado de Luiz XI e Carlos XII) onde avalia os successos pelos resultados, sem ter palavra que impropere os mais iniquos feitos; não obstante, a obra tem innegavel merito, considerada historica e politicamente.

«Entre os historiadores modernos, diz M. de Barante, nenhum ha sido talvez tão estimado como Comines. Ás seducções da linguagem natural e flexuosa, onde realçam e lustram os variados relêvos do pensamento, ao interesse que nos prende á narrativa ingenua e energica de testemunha ocular, ajunta Comines profundo saber dos homens e dos negocios. Não julga como philosopho e moralista, nem tão pouco medita ácerca dos governos e revoluções como politico: o seu discorrer, na phrase de Montaigne, «representa, grave e authorisadamente, o homem de fina tempera educado na pratica das altas cousas.» Tudo n'elle vislumbra observação serena, e juizo são e recto. Creado no seio dos imperios tumultuosos, das intrigas da realeza, da corrupção das amásias reaes, n'aquelle tempo em que o enthusiasmo da cavallaria e da religião eram já fallidos, e o imperio do mundo ia pertencer aos mais habeis e prudentes, Comines afez-se a presar, de preferencia, a sabedoria do proceder e do caracter. Não se nos depara n'elle nobre e elevado amor á virtude e lealdade; mas, como a justiça, a boa fé, e o respeito á moral são o apoio da ordem duradoura, honrosamente o devemos acatar pela inteireza de juizo e honestidade de intuitos. Em nenhum escriptor aprendemos, como em Comines, o que eram n'aquelle tempo direito de reis e privilegios de povos. Tem elle pelos inglezes grande consideração, porque mantinham seus foros com vantagem ás outras nações; não considera menos o rei de França, que soube manter e exercer os seus direitos. A indole dos diversos povos europeus, de modo a descreve, que ainda hoje nos sabe exacta. Em conclusão, não sabemos de livro politico mais applicavel e pratico; abunda em sciencia positiva, fructo de experimentação, em que nada influem opiniões e systemas. «Principes e cortezãos topam aqui boas advertencias, a meu ver» — disse elle, e com elle o dizemos nós.»

Leia-se e faça-se redigir este artigo. Póde additar-se-lhe alguma passagem sobre Luiz XI e Carlos VII.

COMMERCIANTE. (Veja NEGOCIANTE).

COMMERCIO. (Veja PORTOS).

COMPANHIAS. «Uma das inclinações que mais convém excitar no animo da mocidade inexperta é a das boas companhias, que conviria fossem sempre compostas de pessoas superiores não só em graduação, como em talento e ascendencia, as unicas que, geralmente fallando, teem admissão na boa sociedade. Verdade é que se observa frequentemente que alguns individuos em quem se não dão taes qualificações são mui bem recebidos; mas cumpre notar que essa tolerancia nunca recahe em homens de rasteira condição, ou de caracter decididamente infame e vil.

«As maneiras polidas e a belleza de linguagem só se aprendem na companhia culta, que é aonde se reunem as pessoas instruidas, que por genio e timbre fazem particular estudo d'aquellas materias.

«Poder-nos-hão objectar que nem todos os individuos teem occasião de frequentar polidas sociedades. A isso responderemos que sempre as obterá com mais ou menos facilidade a pessoa que por suas circumstancias possa viver como cavalheiro; e uma vez alli admittida, a instrucção, boa educação e modestia lhe grangearão a estima dos individuos que a ella igualmente concorrerem, e cuja intimidade e relações lhe serão proveitosas. Tenha-se sempre presente que a polidez é a qualidade mais necessaria, e a em que mais podemos confiar: sem ella todas as outras habilitações, posto que apreciaveis, de pouco ou quasi nada servirão: sem ella o estudioso dado ás letras é sempre tido em conta de pedante; e sem ella, finalmente, o homem que mais merito possua será por todos olhado como um rustico.

«Não aconselharemos todavia os jovens a que se dediquem absolutamente ao trato dos homens de letras, com o qual, ainda que vantajoso seja ao progresso do espirito, se não aprendem certas maneiras que o mundo tanto aprecia, e de que não faz caso o litterato que viaja quasi sempre pelas regiões superiores. Isto não é reprovar as relações com uma classe tão respeitavel; bem pelo contrario as achamos de summa utilidade, não havendo demasiada frequencia.

«As companhias de que todos, e principalmente os mancebos bem educados, se devem desviar, são as das pessoas tão rasteiras de condição como de porte e maneiras. Semelhante gente, destituida de todo o merito e habilitação, procura sempre a companhia dos que lhe são superiores, e em quem, para captar sympathias, louvam com fingido enthusiasmo qualquer vicio, ou extravagante loucura.

«Muitos mancebos haverá adornados de prudencia e são juizo, a quem taes vilezas não fascinem; no entanto se se virem applaudidos e admirados como pessoa de grande capacidade; se a lisonja, embuçada no manto da hypocrisia, representar bem o seu papel, então a sua victima, cheia d'uma vaidade orgulhosa, cahe na rede que se lhe armou, começa a amar o que até alli aborreceu, e cria estreitas relações com individuos que veem por fim causar-lhe total ruina.

«A sociedade infima é quasi sempre viciosa, porque a ignorancia, que anda ordinariamente associada ao vicio, tem n'ella a sua séde. A boa companhia, porém, não participa tanto d'este mal; e se de algumas pessoas que as frequentam ouvimos contar cousas desagradaveis, podemos ficar certos que não são alli tão estimados ou respeitados como o seriam se taes defeitos não possuissem. O contrario d'isto acontece nas sociedades infimas, porque n'ellas se admiram e applaudem com frequencia vicios sobre os quaes toda a sociedade decente e grave lança um completo anathema.

«Recommendamos portanto aos mancebos incautos que fujam das companhias abjectas, porque o frequental-as é o primeiro passo para a depravação mental. Pedimos-lhes que procurem antes imitar as maneiras graves e sisudas das pessoas bem educadas, na certeza de que se alguns defeitos n'estas se notarem, serão sempre na razão de um para cem em relação aos que nas outras se encontram. Todavia declararemos que isto não se entende absolutamente de todas as classes rasteiras, mas sim das companhias abjectas por seus vicios e desordens.» (*Panórama*).

COMPIEGNE. (Veja Ilha-de-França).

COMPRIMENTOS. Ha muitas pessoas que querem achar nos livros os comprimentos já promptos e feitos: o methodo é commodo; mas tem inconvenientes. Supponhamos que Julio e Eugenio se escrevem reciprocamente no mesmo dia, e que ambos tiram, ao mesmo tempo, o mesmissimo comprimento no mesmo Manual epistolar. Pobres rapazes! com que affecto se não devem bem-querer os dous sujeitos por sentimentos reciprocos, que não derivam do coração, mas da mesma pagina de certo livro! «Os bens alheios não nos luzem» diz

o proverbio; do *espirito* póde dizer-se o mesmo. O que se pede emprestado vale o mesmo que o que tem cada qual de seu; e, em summa, quem o não tem saiba abster-se — melhor é isso que ser ridiculo. — Além de que, as pessoas não habituadas a redigir, logo á primeira linha se pegam, e não escrevem porque não sabem o que hão de escrever; mas vai n'isso mais amor proprio que impossibilidade. Querem dar-se ares de estylistas, em vez de exprimirem chãmente o que pensam e sentem, e, á força de quererem fazer cousa muito linda, não fazem nada. Isto entende com todas as cartas em geral, e com os comprimentos de anno novo ou de natalicios.

Primeiro que tudo, cumpre saber que o comprimento é um breve discurso que se dirige, ou de viva voz, ou por escripto a pessoa a quem se deve *reconhecimento* ou *veneração*, para lhe agradecer *bondades* que usou comnosco, e rogar-lhe que as *continue*, expressando-lhe os votos que formamos por suas prosperidades. O comprimento rejeita o que fôr alheio d'isto; a carta, pelo contrario, admitte que se tratem negocios, e os comprimentos podem entrar incidentalmente. Um e outro devem ser simples, claros, sem palavras superfluas nem phrases ambiciosas. Sabedores do tom que nos convém empregar, e idéas que importa expender, pensaremos nas particularidades que dizem respeito aos *progressos* feitos durante o anno, *exitos* obtidos e esperados, *culpas* castigadas ou perdoadas, *indelicadezas* ou faltas de attenção, esquecimento e perdão de *injurias*; *revezes* e accidentes, *promessas*, resoluções ou desejos, etc. — sentimentos que variam conforme a posição, idade, domilicio do menino ou do mancebo que escreve. — O interesse da carta ou comprimento impende todo de circumstancias particulares, factos individuaes, e ao mestre incumbe dirigir o alumno na indagação d'esses factos pessoaes, sempre gratos ás familias, e devem ser a substancia da carta ou comprimento. Esta redacção, quando o professor é zeloso, dá ensejo a grave ensinamento moral, que abre lanço de examinar o proceder durante o anno decorrido, e excita no animo do discipulo generosas resoluções. (Veja CARTAS, ESTYLO).

CONCILIOS. Concilio é uma assembléa de bispos reunidos para regularem os negocios ecclesiasticos, respectivos á fé, disciplina e usos. Chama-se *ecumenico*, se todos os bispos da christandade se reunem; *nacional*, se se reunem sómente os bispos d'uma nação; *provincial* ou *diocesano*, se é convocado por bispo metropolitano. Contam-se 18 concilios ecumenicos ou geraes: o de Jerusalem, no tempo dos apostolos (anno 50). — O de Nicea, em Bithynia (325), onde foi condemnado Macedonio, que negava a divindade do Espirito Santo. — O primeiro concilio de Epheso (439), onde foi condemnado Nestorio, que negou a união hypostatica do Verbo com a natureza humana, e ensinou que devia distinguir-se em Jesus Christo, a divina, pela qual a humana fôra absorvida como gotta de agua pelo mar. — O segundo e terceiro concilio de Constantinopla (553 e 681). No ultimo foram condemnados os monothelitas que pretendiam haver uma só vontade em Jesus Christo, bem que as naturezas fossem duas. — O segundo concilio de Nicea, onde foi condemnada a heresia dos *iconoclastas* ou destruidores de imagens. — O quarto concilio de Constantinopla, onde foi condemnado o scismatico Phocio, homem possante e orgulhoso que usurpou a sé patriarchal que santo Ignacio occupava. — Os quatro concilios de Latrão (1122, 1139, 1179, 1215). No primeiro foram condemnados os vandenses que professavam serem padres todos os christãos; e, nos outros, confirmou a igreja o beneficio prestado pelas ordens monasticas, e esforçou-se por reconduzir os gregos á unidade. — Os dous concilios de Lyão. — O de Vienna no Delphinado, em que a igreja se revelou solicita a bem da sociedade, reformando costumes e alentando a sciencia, e condemnando

os hereges que perturbavam os povos (134). — O concilio de Constança (1414) que poz termo ao grande scisma do occidente, e supprimiu, por sapientissimas razões, a communhão sob duas especies. — O concilio de Bale (1431). — O concilio de Trento, decimo-oitavo e ultimo que se reuniu (1545 a 1563) para condemnar heresias dos protestantes e reformar os costumes dos catholicos.

2. A igreja póde considerar-se sob dous aspectos: reunida em concilio, ou dispersa. Em qualquer d'estes dous estados, póde a igreja decidir nas disputas que se formam em seu gremio. São sempre iguaes em auctoridade os seus juizos, por que *as portas do inferno não prevalecerão jámais contra ella*... Cuidar que ella só goza privilegio de infallibilidade nos concilios geraes é restringir muito a promessa que se prolonga a todos os tempos, é erro na fé. Jesus Christo não disse aos apostolos: «Eu estou sómente comvosco quando estaes *reunidos*,» mas: «Eu estou *sempre* comvosco até á consummação dos seculos.» (*Pensamentos theologicos*, de Dom Jamin). — «A verdadeira regra da razão, diz Nicole, é estabelecer a crença sobre a maxima authoridade visivel. Esta regra é a unica bem proporcionada ao povo, e apta a unir os fieis em um corpo de sociedade razoavelmente.» — «A authoridade da igreja, residindo na pluralidade visivel do corpo dos pastores unidos aos seus chefes, une a maxima certeza da crença á maxima tranquillidade de um governo intelligente e duradouro.» (O abbade Terrasson). — Transpostas as barreiras, e descurada a authoridade, ninguem sabe onde parar. Os anglicanos, por opposição, engendraram os presbyterianos; estes, os independentes, etc. (Veja Hume, *Casa de Stuart*, tom. III, p. 204, etc.) «Quando Luthero me propõe substituir a consubstanciação á transsubstanciação, a que tribunal me envia? Ao da authoridade? Essa contraría-o. Ao da razão? Em que é que a minha razão entende melhor a consubstanciação? E quando outro argumentador me diz que Jesus Christo não está presente na Eucharistia senão *por fé*? Ou está ou não está presente; se não está, a minha fé não póde fazer que esteja, e mal avisado ando se creio que está. A minha fé nada tem com isso: e quer eu creia quer não, está presente. Que pretendem, pois? Se me não quebram peias á razão, se m'a deixam subjugada, antes quero o jugo sagrado que o profano. Mysterio por mysterio, só aceito o que me vem da authoridade legitima. Ou vos abalançais a muito ou a muito pouco. Ou não corteis nada, ou cortai tudo que a razão n'isso consente. Os incredulos arredam-se mais do que vós da via de salvação, mas estão mais a ponto de entraram n'ella, raciocinam melhor; e, logo que sintam precisão da authoridade, submetter-se-hão inteiramente, sem as vossas ridiculas resalvas. Eis-aqui o nosso modo de vêr as idéas vagas dos hereges, e as tão pouco philosophicas mudanças que aprouve a Luthero. Calvino e a seus sequazes trazer á doutrina da egreja.» (Gaillard, da Academia franceza, *Historia de Francisco* I, t. VI, liv. VII, c. 11). Dicte-se e faça-se recitar a primeira lição. Leia-se a segunda.

Se citamos estas vigorosas passagens, é para affirmar a fé já tão abalada, e não para tornar o moço dogmatico e intolerante. Pregoamos a caridade illustrada, e deixamos a cada qual a liberdade do pensamento, depois de nos desvelarmos em persuadil-o com o maior melindre.

CONDÉ. O grande Condé, nomeado general em chefe aos 22 annos, desbaratou inteiramente em Rocroy os hespanhoes, muito superiores em numero, e formidaveis por sua infanteria. «Na vespera de um grande dia, diz Bossuet, e desde a primeira batalha, Condé está tranquillo: tanta é sua presença de espirito! No dia seguinte, á hora aprasada, foi preciso espertar do dormir profundo este novo Alexandre.» — No anno seguinte bateu os allemães em Fribourg e ganhou em 1645 contra Mercy a batalha de Nordlingen. «Que objecto se

me avulta! — exclama Bossuet, mencionando aquella derradeira batalha — não ha ahi sómente homens que combater; ha serranias inaccessiveis; algares e despenhadeiros de um lado, do outro um matagal impenetravel, cujo chão é alagadiço; e á retaguarda, torrentes e trincheiras prodigiosas; por toda a parte fortalezas inexpugnaveis e bosques derribados que atravancam estradas intransitaveis; e no centro está Mercy com os seus valentes bavaros, Mercy que nunca fez pé atraz nos prelios, Mercy que o principe de Condé e o pervigil Turenne nunca tomaram de sobresalto em movimento irregular, e do qual disseram (grande louvor!) que nunca perdêra momento propicio, nem deixára de lhes prever os intuitos, como se fizesse parte dos seus conselhos! Por espaço de oito dias, em quatro batalhas, viu-se tudo que cabe emprender e tentar na guerra. As nossas tropas pareciam descorçoadas já pela resistencia dos inimigos, já pelas horriveis localidades, e como que o principe se viu por algum tempo em desamparo. Porém, qual outro Machabeu, não lhe afrouxou o braço; e, irritado pelos perigos, ganhou coragem.» — Condé foi menos feliz em Catalunha; mas, pouco depois, levou de vencida o archiduque Leopoldo, com a victoria de Lens, que abriu as pazes com Allemanha. — Durante as guerras da Fronde, Condé, que, ao principio, defendêra a côrte, hostilisou Masarin. Foi então preso por espaço de tres mezes. Restituido á liberdade, respirou na vingança. Levantou um exercito, marchou sobre Pariz, e desbaratou o marechal Hocquincourt; e em seguida foi batido por Turenne no arrabalde de Santo Antonio. Após este desastre, passou ás fileiras hespanholas, e felizmente para a França não foi com elle o genio da victoria. A paz dos Pyreneus restituiu este principe á patria. Apresentou-o Masarin ao rei que lhe disse estas palavras: «Meu primo, depois dos grandes serviços que prestou á minha corôa, esquece-se de um mal que foi igualmente funesto para nós ambos.» — Em 1668 o vencedor de Rocroy e de Fribourg, reappareceu á frente do exercito real, e a Franche-Conté, conquistada em tres semanas, nol-o mostra triumphante e reparando gloriosamente o que devia á França. Seis annos depois (1674) venceu os hespanhoes e austriacos em Sénef, ostentando aos cincoenta e tres annos a intrepidez dos dezoito. — Contava Boileau que Condé, estando a morrer, chamára seus familiares, e lhes dissera: «Muitas vezes me ouvistes proferir impiedades; mas, no meu intimo, eu queria tudo que exteriormente negava. Fingia-me libertino e atheu para parecer mais valente.» Que palavras! e que segredos se refolham no coração dos mais illustres varões!

Summario: Batalhas de Rocroy e de Fribourg. — Apreciação por Bossuet. — Missão de Condé na guerra da Fronde. — Batalha de Sénef. — Leia-se, e faça-se redigir com este esboço.

CONDILLAC. Teve ordens de clerigo; mas não se votou á vida ecclesiastica. Foi philosopho celebre, e chefe da escóla sensualista em França. Seguindo a carreira das letras, em annos florentes, ligou-se aos mais eminentes philosophos da época, nomeadamente Diderot, Duclos, e J. J. Rousseau. Ao principio, imitou Locke, philosopho inglez, e publicou em 1746 o seu *Ensaio ácerca da origem dos conhecimentos humanos*, notavel por novidade de idéas e clareza de estylo, onde revela grande destreza de estudos metaphysicos e recursos de linguagem. — Tres annos depois, no *Tratado dos systemas*, aquilatou as doutrinas dos mais illustres philosophos seus antecessores. — Em 1754 appareceu o *Tratado das sensações*, obra vigorosamente ideada, mas onde ha doutrinas paradoxaes d'esta natureza: Que todas as idéas procedem dos sentidos; que as faculdades da alma não são mais que *sensações transformadas;* que o unico methodo bom é a analyse; que as linguas são methodos analyticos; que o progresso

da intelligencia depende do aperfeiçoamento das linguas; que uma sciencia é uma lingua bem construida; que a arte de escrever se reduz a seguir a travação das idéas. — Os emulos aventaram que Condillac haurira o pensamento d'esta obra nos livros de Diderot e Buffon; elle, porém, refutou-os victoriosamente, compondo n'esse ensejo o *Tratado dos animaes*. Nomeado membro da Academia franceza, foi encarregado da educação do duque de Parma, neto de Luiz XV, para quem compoz um curso completo de estudos, que comprehende: *Arte de pensar*, *Arte de raciocinar*, *Arte de escrever*, *Grammatica*, *Historia universal*.

CONE. 1. Fazendo girar um triangulo rectangulo ao redor de um dos lados do angulo recto, gera-se o solido de revolução chamado *cone*. O lado fixo é o *eixo* ou a *altura* do cone; a hypothenusa, genitriz da superficie convexa do solido, é a *aresta*: e o circulo descripto pelo movimento do outro lado do angulo recto, é a *base* do cone. Como a superficie lateral d'este solido é gerada pelo movimento de uma recta que passa constantemente por um ponto fixo e pela circumferencia da base, generalisou-se esta concepção, substituindo a linha circular por uma curva qualquer, e denominaram-se *conicas* as superficies que admittem esta geração. O cone é *recto* quando o eixo é perpendicular ao plano da base; é *obliquo* quando está inclinado; mas n'este caso não se póde considerar produzido da revolução d'um triangulo rectangulo.—Todo o plano, conduzido pelo eixo do cone de revolução, dá uma secção que é um triangulo isosceles duplo do triangulo gerador; pelo contrario, todo o plano perpendicular ao eixo dá uma secção circular, que divide o cone em duas partes: a superior, um cone tambem, a inferior, um *tronco de cone* com as bases parallelas. — Considerando, como no cylindro (veja esta palavra), a circumferencia da base do cone constituida por uma infinidade de *elementos* rectilineos indivisiveis, a superficie convexa do cone deverá ser considerada como sendo formada por uma infinidade de elementos indivisiveis tambem, que serão triangulos isosceles iguaes, cuja altura commum confunde-se com a aresta do cone; o que reduzirá o solido a uma *pyramide regular d'uma infinidade de faces*. (Veja PYRAMIDE).

2. *Definições*. O cone recto é um solido produzido do giro inteiro de um triangulo rectangulo ao redor de um dos lados do angulo recto. — A base do cone é o circulo gerado pelo fluxo do outro lado do angulo recto.—O eixo do cone é a recta que une o vertice ao centro da base. — A genitriz, ou aresta do cone, é a hypothenusa do triangulo gerador, a qual, no seu movimento, descreve a superficie lateral do solido. — No cone recto, o eixo é perpendicular ao plano da base; no obliquo, o eixo é inclinado. — A altura do cone é a perpendicular baixada do vertice sobre o plano da base, que se prolonga sendo necessario. No cone recto, a altura coincide com o eixo. — Um cone troncado, ou tronco de cone, é o que fica d'um cone cortado por um plano, depois de separada a parte superior. O cone póde ser troncado por um plano parallelamente á base, ou obliquamente. — *Cones* de revolução *semelhantes* são os que teem eixos em proporção com os raios das suas bases.

3. *Proposições*. A superficie convexa do cone recto deve considerar-se constituida por uma infinidade de triangulos isosceles, cuja base é o elemento indivisivel da circumferencia da base do cone; e cuja altura coincide com a genitriz do solido: é pois evidente que *a superficie convexa do cone recto é expressa por metade da circumferencia da base multiplicada pela aresta*. A área total obtem-se ajuntando a esta expressão a área do circulo que serve de base ao cone, isto é: a área total de um cone recto é expressa por metade da circumferencia da base do cone, multiplicada pela somma da aresta com o raio da base. Observe-se que a superficie lateral d'um cone obliquo não póde ser obtida pelas proposições da geometria elementar.

— Obtem-se a superficie lateral d'um tronco de cone de revolução com as bases parallelas, multiplicando a genitriz do tronco pela semi-somma das circumferencias das duas bases. Para vêr a razão da regra, basta notar que o *desenvolvimento* d'esta superficie é um trapezio. — O volume de um cone recto ou obliquo é expresso por um terço da sua altura, multiplicado pela área da sua base. Deduz-se directamente esta regra, observando que o cone é uma pyramide d'uma infinidade de faces. (Veja PYRAMIDE). Eis a formula: volume $= \pi R^2 \times \frac{a}{3}$, isto é: 3,1416 multiplicado pelo quadrado do raio R da base e pelo terço da altura a. — Obtem-se a altura do cone correspondente ao tronco, com bases parallelas, multiplicando a altura do tronco pelo raio da maior base, e dividindo o producto pela differença dos raios das duas bases. — Para obter o volume d'um tronco de cone, cujas bases são parallelas, calcula-se o quadrado de cada um dos raios das bases, o producto d'estes dous raios, e ajuntam-se os resultados obtidos; multiplica-se esta somma pela altura do tronco e pela razão da circumferencia ao diametro; e divide-se o producto por tres. (Para a demonstração, veja LEGENDRE, SONNET, etc.) — Os volumes de dous cones semelhantes são proporcionaes aos cubos das suas alturas, ou aos cubos dos diametros das suas bases. (Veja SEMELHANÇA, SUPERFICIE, VOLUME).

Dictar e fazer decorar as lições 2 e 3, depois de ter explicado, com o auxilio da primeira lição, a parte que mais facilmente se póde comprehender.

CONFIANÇA. «Sem a confiança não podemos esperar educação bem dirigida.» (Fén., *Educação das meninas*, c. 5). Se o menino commetter uma falta, e se mostrar sinceramente arrependido, mostremos acredital-o. Diz Locke: «Se se der o caso de que as suas desculpas sejam de natureza tal que não accusem impostura, acceitai-as como verdadeiras, sem de nenhuma maneira vos mostrardes suspeitosos; porque é sobremodo importante que o menino mantenha a sua reputação comvosco no mais perfeito grau que ser possa, pois que se elle vem a perceber que o tendes em mau conceito, perdereis a melhor opportunidade de o dirigir a vosso talante.» (*Educação dos meninos*, t. II). — Não se captiva a confiança d'um menino, se o desamamos, e como a sua intelligencia comprehende bem o sentimento que lhe dedicamos, d'ahi resulta que só lhe ganhamos a confiança, tratando-o amoravelmente, sem fraqueza nem artificio.

2. A confiança dá mais actividade á intelligencia do menino, dilatando-lhe o espirito, e excitando-lhe as qualidades generosas que a desconfiança comprime. A confiança concilia a sympathia dos outros, e obtem dos corações tributo affectuoso; e porque é expansiva, tambem é o mais fecundo predicado, se a prudencia lhe abalisa justos limites. — «Presta confiança ás acções dos homens, mas não ao que elles dizem.» (Demophilo). «Quem perdeu a confiança não tem mais que perder.» (P. Cyrus). «Os que se confiam no Senhor serão como a montanha de Sião que nenhuma tempestade abala.» (*Ps.* CXXIV, 1). «Dorme-se em paz no seio de Deus, se nos entregamos á sua providencia, e ao brando sentimento da sua misericordia. Nada mais ha que procurar: n'elle descança inteiro o homem.» (Fénelon).

Dicte-se a segunda lição, e ampliem-se estas idéas em fórma epistolar a um inferior a quem aconselhamos.

CONFISSÃO. 1. A confissão foi instituida por Jesus Christo, que deu a seus discipulos podêr de perdoar peccados por estas palavras: «Serão perdoados os peccados d'aquelles a quem vós perdoardes, etc.» (João Ev., c. XX, verso 23). — «A confissão é remedio imprescindivel á pobre humanidade: bem demonstra ser instituição de Deus, reparador da alma. Pela confissão perseveramos no bem,

conhecemos o mal, fugimol-o, e nos unimos a Deus: isto é innegavel.» (Napoleão I). — «Sem a confissão, sem esta instituição salutar, o criminoso cahiria em desespero. Em que seio desabafaria elle as angustias da sua alma? No seio do amigo? Ah! que valem amizades d'homens? Iria confidenciar com os desertos? Os desertos repercutem sempre o clangor d'aquellas trompas que Nero, o matricida, pensava ouvir á volta do tumulo de sua mãi. Quando a natureza e os homens são inexhoraveis, é maviosissimo deparar-se-nos Deus prestes a perdoar. Formar da innocencia e da mágoa duas irmãs, só a religião christã o fez assim.» (Chateaubriand).

2. Em familia honesta, unida, intelligente, nada se esconde: conta-se tudo que se viu e fez, e a moralidade de cada um augmenta no proveito de todos. Se o pai, por exemplo, costuma ao jantar, ou durante o serão contar cousas da sua vida submettendo-as ás reflexões e observações de todos; se a mãi faz o mesmo, e os filhos imitam seus paes, resulta robustecer-se a união da familia e instruirem-se os filhos em infinitas cousas, e a proceder de modo que não tenham de esconder seus defeitos. Estas confissões de familia, tem um percalço perniciosissimo; e é que um menino não confessa as suas culpas sem divulgar as alheias. Devem pois vigiar-se estes inconvenientes; e logo que taes confissões forem mal dirigidas, convém ir-lhes á mão, regulal-as, e confiar com taes meios que a situação moral da familia se aperfeiçõe.

3. Versões, themas, recitação:

1. Si dixerimus quoniam peccatum non habemus, ipsi nos seducimus, et veritas in nobis non est. Si confiteamur peccata nostra, fidelis est et justus, ut remittat nobis peccata nostra, et emundet nos ab omni iniquitate. (Ep. I, c. 1, v. 8 e 9. *S. Joan.*).

1. Se dizemos que não temos peccados, a nós mesmos mentimos, e desgarramos da verdade. Se confessamos nossos peccados, o Senhor é fiel e justo: perdoar-nos-ha, purificando-nos de toda a iniquidade.

2. Confitemini alterutrum peccata vestra, et orate pro invicem, ut salvemini: multùm enim valet deprecatio justi assidua... Si quis ex vobis erraverit a veritate, et converterit quis eum; scire debet quoniam qui converti fecerit peccatorem ab errore viæ suæ, salvabit animam ejus a morte, et operiet multitudinem peccatorum. (*S. Jacques*, c. V, v. 16, 19 et 20).

2. Confessai vossos peccados uns aos outros e pedi reciprocamente a fim de que sejaes salvos; porque a supplica assidua e fervorosa do justo consegue muito... Se algum de vós se transvia da verdade e é reconduzido por outro, saiba que quem tira um peccador de sua perdição salva uma alma da morte, e cobre a multidão dos seus peccados.

CONHECIMENTOS HUMANOS. 1. «É illimitado o dominio dos conhecimentos humanos: compartem-no diversos espiritos, e o cultivam fructificando-o diversamente.» (Laya, academico). — «O orgulho ha de ser sempre a perdição das turbas; não ha convencêl-as de que ellas tudo ignoram quando se cuidam sabedoras de tudo. Só os homens superiores podem bem entender essa extrema do saber humano em que os thesouros hauridos do estudo parecem esvair-se, e o seu possuidor volver-se á original pobreza.» (Chateaubriand). — «As escólas superiores não aproveitam a todos, senão a poucos. Acervo de conhecimentos mal regulados é mais de perigo que a absoluta ignorancia.» (Platão). — «Uns longes de philosophia podem conduzir á negação da essencia divina; mas um saber mais solido guia o homem até Deus.» (Bacon). — «Geralmente, presam-se muito os mathematicos. Tem altissimas verdades a geometria, e objectos pouco elucidados, pontos de vista que são uns como esbatimentos de luz.» (P. Castel). — «Os espiritos geometricos são, pelo commum, desconcertados nas cousas chãs da vida: procede-lhes isso da sua extremada exacção... Querem topar em tudo verdades absolutas...; mas, em politica e moral, as verdades são relativas... Que as leis boas em Athenas sejam boas leis

em Pariz, não é tão verdade como 2 e 2 serem 4.» (Chateaubriand). — «Os primeiros elementos das sciencias não exercitam muito a logica talvez por que são sobejamente evidentes. Aprendemos a raciocinar bem, e a bem pensar e sentir — primeiro cuidado que aos paes e mestres incumbe — occupando nosso animo em materias delicadas em moral e gosto.» (Cuvier). — «É muito mais proficuo avaliar habilmente os homens e tratar com elles ajuizadamente que saber latim e grego, ou logica, physica, metaphysica, etc.» (Locke).

2. Qualquer que seja o estado a que se predisponha um menino, seja qual fôr a fortuna que haja de prosperal-o, ou a nação onde deva ir, o que mais lhe quadra é ter exacto conhecimento das cousas. Não se faz mister que seja grande sabio quem houver de o ensinar: basta-lhe ter espirito recto, por theor que o menino aprenda a observar com justeza, e a repetir a experiencia que o houver illudido nas suas observações. É ruim predicado não ser instruido; mas é mais ruim ainda não ter *juizo*. Pelo que diz respeito ao corpo, facil é ensinar um pequeno a exercer agilmente suas forças; e, pelo que é das artes, não é difficil familiarisal-o com certas profissões. Quanto ás noções recommendaveis, a instrucção primaria deve ser o fundamento de todo o edificio intellectual. (Veja' LEITURA, ESCRIPTA, CALCULO, ARITHMETICA, LINGUAS, RELIGIÃO, etc). — «Pouca gente, diz o conselheiro Rendu, considera o systema completo da instrucção primaria, como alicerce da instrucção superior, que ao diante, as mais gradas familias da jerarchia social devem receber. As mais proprias meditações, e numerosas experiencias feitas em muitos collegios, me convenceram que os estudos ulteriores, litterarios e scientificos, hão de custar aos professores e alumnos menores fadigas, e fructificarão mais copiosamente, se aos meninos abastados que encetam a instrucção secundaria se lhes exige que apresentem a mesma porção de conhecimentos em instrucção primaria, que se dão aos meninos pobres como patrimonio intellectual.» Dando ao ensino primario, como ultimamente se tem feito, caracter pratico, o menino entre dez ou doze annos falla e escreve com bastante correcção a sua lingua; saborear-se-ha em leituras serias e instructivas; saberá resolver com promptidão os calculos da contabilidade caseira; terá idéas sãs de moralidade e religião; conhecerá a vulto as operações industriaes que se empregam na obtenção das materias primas, e quererá saber como os mineraes se fundem em ferro, e se faz do ferro aço. Assim se irá preparando para os estudos *theoricos*. E, como, outro sim, terá conhecimentos bastantes da lingua materna, poderá por comparação e analogia aprender com gosto e fructo linguas estranhas, coordenando todas aquellas materias sobre base já solida. Além d'isso, deve ensinar-se-lhe de cada cousa o que é applicavel: pouco é, mas isso basta. Alumnos assim guiados, aos 12 annos, sentir-se-hão bastante desenvolvidos; e os que se destinam a seguir carreiras escolares não sentirão ao diante repugnarem-lhes as *theorias*, cuja utilidade não percebem, se não vão já preparados por estudos *praticos*.

Dicte-se a primeira lição, e tomem-se de cór os pensamentos mais profundos. Os alumnos já adiantados poderão, ao redigirem, ampliar e commentar as idéas que lhes parecerem mais praticas.

CONIFERAS. A familia das coniferas, uma das mais uteis do nosso hemispherio, compõe-se em grande parte de arvores verdes e resinosas, formando immensos bosques ao norte da Europa e da America. Taes são: o larix, pinheiro manso, e bravo, o cedro, cypreste, teixo, zimbro, e thuya.

1. O larix dá-se facilmente nos paizes temperados. Afóra a madeira, que é uma das mais incorruptiveis, conservando-se debaixo d'agua mais de mil annos, o larix produz: o *maná*, que transpira das vergonteas durante a noite e do qual se usa medicinalmente como purgativo; e a *gomma*

que se acha no centro do tronco partindo-se a arvore; e em fim a *resina* conhecida vulgarmente com o nome de *terebenthina de Veneza*.—Semeia-se o larix no outono ou na primavera, preferindo-se-lhe março ou abril. O larix produz em terrenos baixos, humidos e ferteis, mas não se dá em terrenos pantanosos, ou saibrentos.

2. O pinheiro manso com suas diversas variedades é uma das arvores cuja cultura póde ser das mais uteis. Dá ao homem a madeira, quer para os navios, quer para a carpinteria e marcenaria ou para queimar. O succo resinoso que d'elle se extrahe, dá a resina secca, e um oleo especial empregado na pintura. Nenhuma arvore chega a maior altura; póde chamar-se-lhe o *gigante do reino vegetal*. A esta distincção acresce a de se dar nos terrenos mais estereis, nas montanhas, e sobre collinas escabrosas que sem o pinheiro seriam inteiramente aridas. Finalmente sua cultura é das mais simples, e nos terrenos onde as hervas são pouco abundantes, basta apenas depois de cavar a terra semear para se formarem bosques que com o tempo se tornam densissimos.

PINHEIRO BRAVO. *Pinus maritima*, Linneo. Habita na Europa meridional; é quasi espontaneo em todo o reino de Portugal. Esta arvore fórma uma bella pyramide, cujos ramos são dispostos em verticillos regulares. Suas folhas são duas a duas, rijas, muito estreitas, do comprimento de 22 a 27 centimetros; as pinhas são arruivadas, luzentes, de fórma conica, do comprimento de 13 a 16 centimetros. E' este pinheiro que fornece a maior parte da terebenthina commum e das resinas empregadas em medicina e nas artes. Sua terebenthina é conhecida no commercio sob o nome de *terebenthina de Bordeos*.

PINHEIRO PRATEADO OU VERDADEIRO. *Pinus picea*, Linneo. Habita em todas as altas montanhas da Europa, e principalmente nos Alpes do Tyrol, nos Cevennes em França, na Suecia e Russia. Esta arvore, de fórma pyramidal, tem 30 a 40 metros de alto; seus ramos são dispostos por verticillos bastante regulares, e são dirigidos horisontalmente; suas folhas são espargidas sobre os novos ramos mas acham-se comprimidas e dirigidas em duas fileiras oppostas como os dentes de um pente. Estas folhas são lineares, chatas, coriaceas, obtusas ou chanfradas no topo; são luzentes e de um verde carregado na face superior, *esbranquiçadas* na inferior, salvo a linha mediana verde, o que fez com que se désse á arvore, vista de baixo, o nome de *pinheiro prateado*. Fornece á pharmacia a terebenthina fina, chamada *terebenthina de limão* ou de *Veneza* e os *renovos*. Chamam-se *renovos*, em botanica, pequenos corpos ovoides, conicos ou arredondados, que nascem sobre os ramos das arvores, na axilla das folhas ou na extremidade dos ramos: no seu centro existe um pequeno eixo esverdeado coberto de folhas rudimentares.

Os *renovos do pinheiro* são compostos de 5 ou 6 renovos conicos-arredondados, verticillados ao redor de um renovo terminal, mais grosso e do comprimento de 14 a 27 millimetros. São revestidos de escamas avermelhadas, pegajosas, e cheias de resina, da qual parte reçuma na sua superficie sob a fórma de lagrimas. Seu cheiro e sabor são resinosos, levemente aromaticos. Os melhores vem do norte da Europa, e principalmente da Russia.

CONJUGAÇÃO. 1. «*Conjugação* é o systema total das differentes terminações que a fórma primitiva de qualquer verbo toma para indicar os differentes modos de enunciar a coexistencia do attributo no sujeito; os differentes tempos d'esta coexistencia; e os differentes personagens que o sujeito do verbo faz no acto do discurso; e *conjugar* é recitar todas estas fórmas e variações, segundo a ordem dos *modos*, dos *tempos*, do *numero* e qualidade das *pessoas*.

«A conjugação é ou *simples*, ou *composta*, *regular*, ou *irregular*. A simples

consta em todas as suas fórmas de uma só palavra, como *sou*, *fui*, *serei;* a composta consta da combinação de duas até tres, como *hei de ser*, *estou sendo*, *tenho sido*. Alguns grammaticos tem por imperfeição nas linguas vulgares a necessidade de recorrerem aos verbos auxiliares para conjugarem todos os seus tempos. As linguas grega e latina tambem recorriam a elles; e este recurso tão longe está de prejudicar a perfeição de uma lingua, que antes dá mais doçura, variedade, e harmonia á expressão; e tem sobre isto a vantagem de lhe dar mais vivacidade, podendo ás vezes separar o auxiliar para encorporar de algum modo o adverbio com o verbo auxiliado cuja significação elle modifica.

«*Conjugação regular* é aquella que segue uma mesma regra na formação dos tempos derivados de seus primitivos, e nas terminações de uns e de outros; e *irregular* a que ou em tudo ou em parte se aparta d'esta regra. Os verbos *defectivos*, que carecem de certos tempos, ou de certas pessoas, que o uso não admitte, pertencem em certo modo á classe dos irregulares.

«O verbo substantivo *ser*, e os seus tres auxiliares *haver*, *estar* e *ter*, são todos irregulares. Mas toda a conjugação, ou regular, ou irregular, tem *modos*, *tempos*, *numeros* e *pessoas*. A conjugação simples concentra em uma mesma palavra todas as variações precisas para indicar seu attributo e significação principal com todas estas modificações; a composta porém faz separação. Tudo o que pertence ao modo de enunciar a coexistencia do attributo e sujeito, á designação dos tempos, e á distincção dos numeros a das pessoas, é da repartição do verbo auxiliar. O que pertence á significação de existencia, é privativo do verbo substantivo; e o que pertence ao modo e estado d'esta existencia, é effeito da combinação dos verbos auxiliares com as differentes fórmas infinitivas do verbo substantivo; de sorte que nas linguagens compostas se veem desenvolvidas e separadas as idéas, que nas simples se acham envolvidas e concentradas.

2. «*Dos tempos do verbo em geral. Tempo* é uma parte da duração ou existencia, quer continuada da mesma cousa, quer successiva de muitas que se seguem umas ás outras. Ora, onde ha successão continuada e não interrompida, não póde haver *tempos*, senão relativos a uma época arbitraria, que se fixa primeiro, para d'ella se proceder á comparação de um espaço anterior, e de outro posterior.

«Esta época, tratando-se de grammatica, isto é, da arte de fallar e escrever correctamente, foi muito natural o fixal-a no acto mesmo da palavra, isto é, no espaço e duração em que qualquer está fallando ou escrevendo. A esta época se deu o nome de *tempo presente*, e por ordem á mesma chamou-se *tempo preterito* ou *passado* toda a existencia ou começada e não acabada, ou acabada, dos seres que a precederam; e *tempo futuro* ou *vindouro*, toda a existencia quer começada, quer continuada, quer acabada, dos seres que se lhe hão de seguir; e bem assim, por ordem a todos os tempos, a existencia meramente possivel das cousas que nunca existiram nem hão de existir, mas que poderiam existir, dada certa hypothese.

«Não ha pois verdadeiramente senão *tres* durações ou *tempos:* a saber o *presente*, que é o em que se está fallando; o *preterito*, que é todo aquelle que precedeu ao presente; e o *futuro*, que é todo o que se lhe ha de seguir. Mas todas estas durações e tempos se podem considerar de dous modos: ou como continuados e não acabados, ou como não continuados e acabados. D'aqui a *subdivisão* dos mesmos tres tempos em *imperfeitos*, ou periodicos, e em *perfeitos* ou momentaneos.

«Os *tempos imperfeitos* exprimem durações não acabadas, e como estas são outras tantas continuações da existencia dentro dos espaços que correm ou até á época da palavra, ou no tempo d'esta, ou depois d'ella, formam ellas outros tantos periodos, os quaes confinam uns com os outros. O periodo anterior pega com o periodo actual, e este com o posterior;

de sorte que o fim do primeiro é o principio do segundo, e o fim do segundo é o principio do terceiro. D'aqui vem communicarem-se mutuamente entre as si linguagens dos tempos imperfeitos, a do preterito e a do futuro como do presente, como: *estava hontem*, *estava agora*, *estarei agora*, *estarei ámanhã comtigo*; e a do presente com ambos dous, e podermos assim dizer do preterito *ha muito tempo, que sou teu amigo*; e do futuro *ámanhã sou comtigo*, *ámanhã parto*.

«Não succede já o mesmo com os *tempos perfeitos* que exprimem uma existencia acabada. As linguagens d'estes não se communicam. Não posso dizer: *tinha sido*, *terei sido*, em lugar de *tenho sido*, e muito menos substituir esta linguagem ás duas antecedentes. A razão é porque os seus tempos são momentaneos. O que cessa de existir, cessa em um instante do periodo, ou actual, ou anterior, ou posterior; e estes instantes não se notam como os periodos, para se poderem trocar.

«Os tempos *imperfeitos* e *perfeitos* podem ser ou *absolutos* ou *relativos*. São *absolutos* quando notam só um tempo, ou presente, ou preterito, ou futuro sem relação a outro. *Sou*, *era*, *fui*, *serei*, são d'este genero. São *relativos*, quando além do tempo ou presente, ou preterito, ou futuro, que indicam, denotam tambem outro presente, outro preterito e outro futuro, a respeito dos quaes se dizem perfeitos ou acabados. Todas as linguagens compostas do auxiliar *ter*, e do participio perfeito do verbo substantivo *sido*, são d'este genero.

«Assim, *tenho sido* é um presente perfeito relativo, porque não só nota um presente acabado, do qual não resta nada, mas acabado tambem em respeito ao presente actual em que estou fallando. Do mesmo modo *tinha sido* não só é um preterito acabado, mas acabado a respeito de outro preterito, que suppõe depois de si, como: *hontem ao meio dia, quando chegou Antonio, tinha eu jantado.* O mesmo se deve dizer do futuro perfeito *terei sido*. O auxiliar *terei* nota um futuro, e o participio perfeito *sido* denota outro, a respeito do qual o primeiro é acabado, como: *ámanhã, quando tu chegares, terei feito o que me encommendas.*

«O que succede com os tempos *perfeitos*, acontece tambem com os *imperfeitos*. Elles são *relativos*, quando, além do tempo que significam, denotam outro, qual é ou o da execução da acção ou o de uma hypothese, da qual se faz depender a verdade da proposição affirmativa. Taes são o presente imperfeito *sé* tu, *séde* vós, e o preterito condicional imperfeito *eu seria*, ou perfeito *eu teria sido*, etc.

«O *imperfeito* é um *presente* quanto ao mandamento, mas denota um *futuro* quanto á execução do que se manda; e o preterito condicional quer imperfeito, quer perfeito, além d'este tempo diz sempre relação a outro preterito, que é o da hypothese ou condição, a qual, só posta e executada, é que se verificaria a verdade da proposição affirmativa.

«Mas como esta hypothese é meramente possivel, e o que é só possivel póde ter a sua existencia em todos os tempos, d'aqui vem a linguagem affirmativa condicional, cujos tempos andam sempre concordes com os da sua condição, tambem se póde empregar e applicar a todos os tempos, e dizermos: *eu partiria hontem, se tivesse em que; eu partiria já, se tivesse em que; eu partiria ámanhã, se tivesse em que.* Esta linguagem, *partiria*, é do tempo preterito imperfeito, porque a da sua condição, *se tivesse*, é do mesmo tempo. E bem assim podemos tambem dizer: *eu* teria partido *hontem*, *se* tivesse tido *em que: eu* teria pardo *a esta hora*, *se N* tivesse chegado; e *ámanhã a esta hora* teria eu partido, *se hoje me não* tivessem embaraçado. Esta linguagem, *teria partido*, é do tempo preterito perfeito, porque as das suas condições, *tivesse tido*, *tivesse chegado*, *tivessem embaraçado*, são do mesmo.

«Na linguagem condicional imperfeita, a execução da promessa seria simultanea com a execução da condição: na perfeita, a execução da

promessa seria posterior á da hypothese. Mas tanto a promessa como a condição ficam sempre na massa dos possiveis, que nunca existiram nem existirão; que por isso os antigos grammaticos chamavam *potencias* estas linguagens.

3. «*Dos numeros e pessoas do verbo.* O *verbo* não enuncia a existencia de qualquer attributo e qualidade, senão em uma cousa ou individuo em que exista como em seu sujeito. Este sujeito porém póde ser ou um só ou mais, e d'aqui a necessidade de haver nos tempos dos verbos, terminações que indicassem o numero d'estes sujeitos, que fazem o principal objecto da oração.

«Os *numeros* pois do verbo são dous, *singular* e *plural*. O singular indica que o sujeito da oração é um só, como: *eu* sou *amante*, *tu* estás *amando*, *elle* ha *de ser amante*. O plural indica que não é um só, mas muitos os que entram na oração, como: *nós* somos *amantes*, *vós* estaes *amando*, *elles* tem *amado*.

«As terminações temporaes, indicativas d'estes numeros, são pela maior parte as letras finaes, a saber: as vogaes para a primeira e terceira pessoa do singular: a consoante liquida *s* para a segunda do singular e primeira e segunda do plural: e os diphthongos nasaes para todas as terceiras pessoas do plural. Esta é a idéa mais geral que se póde dar d'estas terminações numeraes.

«O numero dos sujeitos da oração era necessario para a sua verdade; porém a distincção da qualidade dos mesmos por ordem ao papel e figura que fazem no discurso, não o era menos para a sua clareza e intelligencia. Cada numero pois tem tres fórmas differentes, segundo as tres figuras ou personagens que qualquer sujeito póde fazer no discurso; ou *primeira* quer do singular quer do plural, que é aquella que falla, como: *eu* sou *quem fallo;* ou *segunda*, que é aquella com quem se falla, como: *tu* és *com quem* estou *fallando;* ou *terceira*, que é aquella de quem se falla, como: *esse* é *de quem se falla;* e do mesmo modo no plural: *nós* somos, *vós* sois, *elles* são.

«As terminações adoptadas para designar estes differentes personagens que figuram no acto da palavra, são as mesmas que as dos numeros, porém com differentes elementos que compõem as syllabas finaes. Geralmente podemos dizer que as vogaes, *a*, *e*, *i*, *o*, são as finaes da primeira e terceira pessoa do singular de quasi todos os tempos; que a segunda do mesmo numero acaba sempre em *as* ou *aste*, em *es* ou *este;* que a primeira do plural acaba constantemente em *mos*, a segunda em *aes* ou *astes*, em *eis* ou *des*, em *is* ou *des;* e a terceira ou em *am* ou em *em*, segundo a terceira do singular tem *a* ou *e*. O que tudo melhor se verá nos paradigmas das conjugações regulares que poremos adiante, e ainda nos das conjugações irregulares do *verbo substantivo e seus auxiliares*, que passamos a representar.

Paradigmas da conjugação do verbo substantivo e seus auxiliares

MODO INFINITO

IMPESSOAL

Ser. Haver de ser. Estar sendo. Ter sido

PESSOAL

S.	1.ª Ser.	Haver	de Ser.	Estar	Sendo.	Ter	Sido
	2.ª Seres.	Haveres		Estares		Teres	
	3.ª Ser.	Haver		Estar		Ter	
P.	1.ª Sermos.	Havermos		Estarmos		Termos	
	2.ª Serdes.	Haverdes		Estardes		Terdes	
	3.ª Serem.	Haverem		Estarem		Terem	

PARTICIPIO IMPERFEITO

Sendo. Havendo de ser. Estando sendo [1]

PARTICIPIO PERFEITO

Tendo sido [2]

MODO INDICATIVO

PRESENTE IMPERFEITO ABSOLUTO

S.	1.ª Sou. [3]	Hei	de Ser.	Estou	Sendo
	2.ª És. [4]	Hás		Estás	
	3.ª É.	Há		Está	
P.	1.ª Somos.	Havemos		Estamos	
	2.ª Sôis.	Haveis [5]		Estaes	
	3.ª São.	Hão		Estão	

PRESENTE IMPERFEITO IMPERATIVO

S.	2.ª Sê *tu*.	Está *tu*	Sendo
P.	2.ª Sede *vós*.	Estai *vós*	

[1] Os participios imperfeitos dos verbos *estar, andar, ir* e *vir,* por isso mesmo que são auxiliares, costumam-se conjugar com os participios imperfeitos de outros verbos, como: *estando sendo convalescente,* ou *estando convalescendo, andando vendo, indo continuando seu caminho, vindo passeando.*

[2] Os quatro participios perfeitos *sido, havido, estado, tido,* nunca se empregam na oração, como os dos verbos adjectivos; mas sempre juntos com o auxiliar *ter*, como *tendo sido, tendo havido, tendo estado, tendo tido.* N'este uso só o primeiro é auxiliar: os outros *havido, estado, tido* ou *teúdo,* como se dizia antigamente, são adjectivos, e por isso auxiliados e não auxiliares.

[3] Na antiga linguagem, e ainda agora na rustica, se diz *som,* depois se disse *sam,* e na 3.ª do plural *som.*

[4] Antigamente *eres.* V. Bernard. Ribeir. *Menin.* II. 13; Moraes, *Palmeirim,* p. I, cap. 27.

[5] *Havemos, haveis,* contrahem-se muitas vezes em *hemos, heis.*

PRESENTE PERFEITO

S.	1.ª	Tenho	Sido
	2.ª	Tens	
	3.ª	Tem	
P.	1.ª	Temos	
	2.ª	Tendes	
	3.ª	Tem	

PRETERITO IMPERFEITO ABSOLUTO

S.	1.ª Era.	Havia	de Ser.	Estava	Sendo
	2.ª Eras.	Havias		Estavas	
	3.ª Era.	Havia		Estava	
P.	1.ª Eramos.	Haviamos		Estavamos	
	2.ª Ereis.	Havieis		Estaveis	
	3.ª Eram.	Haviam		Estavam	

PRETERITO IMPERFEITO CONDICIONAL

S.	1.ª Seria.	Haveria	de Ser.	Estaria	Sendo
	2.ª Serias	Haverias		Estarias	
	3.ª Seria.	Haveria		Estaria	
P.	1.ª Seriamos.	Haveriamos		Estariamos	
	2.ª Serieis.	Haverieis		Estarieis	
	3.ª Seriam.	Haveriam		Estariam	

PRETERITO PERFEITO ABSOLUTO

S.	1.ª Fui.	Houve	de Ser.	Estive	Sendo.	Tive [1]
	2.ª Fôste.	Houveste		Estiveste		Tiveste
	3.ª Foi.	Houve		Esteve		Teve
P.	1.ª Fômos	Houvemos		Estivemos		Tivemos
	2.ª Fôstes.	Houvestes		Estivemos		Tivestes
	3.ª Fôram.	Houveram		Estiveram		Tiveram

[1] Este tempo não é do verbo *ter* como auxiliar, mas como activo. Porque dizemos: *logo que tive a cousa feita*, e não *logo que tive feita a cousa*.

PRETERITO PERFEITO RELATIVO

S.	1.ª	Fôra; Tinha, *ou* Tivera	Sido
	2.ª	Fôras; Tinhas, *ou* Tiveras	
	3.ª	Fôra; Tinha, *ou* Tivera	
P.	1.ª	Fôramos; Tinhamos, *ou* Tiveramos	
	2.ª	Fôreis; Tinheis, *ou* Tivereis	
	3.ª	Fôram; Tinham, *ou* Tiveram	

PRETERITO PERFEITO CONDICIONAL

S.	1.ª	Teria, *ou* Tivera sido, *ou* Fôra
	2.ª	Terias, *ou* Tiveras sido, *ou* Fôras
	3.ª	Teria, *ou* Tivera sido, *ou* Fôra
P.	1.ª	Teriamos, *ou* Tiveramos sido, *ou* Fôramos
	2.ª	Terieis, *ou* Tivereis sido, *ou* Fôreis
	3.ª	Teriam, *ou* Tiveram sido, *ou* Fôram

FUTURO IMPERFEITO

S.	1.ª Serei.	Haverei	de Ser.	Estarei	Sendo
	2.ª Serás.	Haverás		Estarás	
	3.ª Será.	Haverá		Estará	
P.	1.ª Seremos.	Haveremos		Estaremos	
	2.ª Sereis.	Havereis		Estareis	
	3.ª Serão.	Haverão		Estarão	

FUTURO PERFEITO

S.	1.ª	Terei	Sido
	2.ª	Terás	
	3.ª	Terá	
P.	1.ª	Teremos	
	2.ª	Tereis	
	3.ª	Terão	

MODO SUBJUNCTIVO

PRESENTE IMPERFEITO

		de Ser		Sendo
S.	1.ª Seja.	Haja		Esteja[1]
	2.ª Sejas.	Hajas		Estejas
	3.ª Seja.	Haja		Esteja
P.	1.ª Sejamos.	Hajamos		Estejamos
	2.ª Sejaes.	Hajaes		Estejaes
	3.ª Sejam.	Hajam		Estejam

PRESENTE PERFEITO

		Sido
S.	1.ª	Tenha
	2.ª	Tenhas
	3.ª	Tenha
P.	1.ª	Tenhamos
	2.ª	Tenhaes
	3.ª	Tenham

PRETERITO IMPERFEITO

		de Ser		Sendo
S.	1.ª Fôsse.	Houvesse		Estivesse
	2.ª Fôsses.	Houvesses		Estivesses
	3.ª Fôsse.	Houvesse		Estivesse
P.	1.ª Fôssemos	Houvessemos		Estivessemos
	2.ª Fôsseis.	Houvesseis		Estivesseis
	3.ª Fôssem.	Houvessem		Estivessem

[1] Todos nossos escriptores antigos antes de Camões diziam constantemente *estê, estês, estê, estemos, esteis, estem*. Camões usa a cada passo da mesma fórma. Mas já disse pela primeira vez *esteja*. *estejaes*, por causa da rima. A fórma antiga ainda subsiste em alguns adagios, ex.: *Estê como está*.

PRETERITO PERFEITO

S.	1.ª	Tivesse	Sido
	2.ª	Tivesses	
	3.ª	Tivesse	
P.	1.ª	Tivessemos	
	2.ª	Tivesseis	
	3.ª	Tivessem	

FUTURO IMPERFEITO

S.	1.ª Fôr.	Houver	de Ser.	Estiver	Sendo
	2.ª Fôres.	Houveres		Estiveres	
	3.ª Fôr.	Houver		Estiver	
P.	1.ª Fôrmos.	Houvermos		Estivermos	
	2.ª Fôrdes.	Houverdes		Estiverdes	
	3.ª Fôrem.	Houverem		Estiverem	

FUTURO PERFEITO

S.	1.ª	Tiver	Sido
	2.ª	Tiveres	
	3.ª	Tiver	
P.	1.ª	Tivermos	
	2.ª	Tiverdes	
	3.ª	Tiverem	

(Soares Barbosa, *Grammatica philosophica*).

CONJUNCÇÃO. «*Conjuncção* é uma parte conjunctiva da oração, que exprime as relações de *nexo* e *ordem* que as proposições tem entre si para fazerem um sentido total. O verbo, pois, combina e ata os termos da proposição, que são o sujeito e o attributo; a preposição conjuncta os complementos com o sujeito e com o attributo; porém, a conjuncção não ata nem os termos da preposição, nem os seus complementos; mas as mesmas proposições entre si, em ordem a formarem um sentido total. Ella, pois, é verdadeiramente a *parte systematica* e *methodica* do discurso, destinada a ligar as proposições em membros, os membros em periodos, e os periodos em um discurso seguido e continuado.

«Como as relações de *nexo* e de *ordem*, que as proposições tem umas pa-

ra com outras, são umas vistas simplicissimas, e uns meros aspectos debaixo dos quaes nosso espirito as considera; as conjuncções, que as indicam, devem ser, bem como as preposições, umas palavras curtas e não polysyllabas, primitivas e não derivadas, simples e não compostas.

«Por esta razão merecem ser excluidas do numero das conjuncções:

«1.º Todas as expressões, que, ainda que tenham alguma cousa de conjunctivas, são com tudo compostas de outras partes da oração, a cujas classes pertencem, e não á das conjuncções, como são as que se compõem de uma preposição com seu complemento, v. gr. *por que, por quanto*, etc.

«2.º Todas as expressões e phrases compostas de algum nome, ou adverbio com o conjunctivo *que*, como: *ainda que, bem que, posto que, além de que*, etc. O que estas locuções tem unicamente de conjunctivas é o *que;* o qual, pelo que tem de relativo, pertence aos adjectivos demonstrativos; e só pelo que tem de conjunctivo para unir as proposições parciaes ás totaes, é que pertence tambem á classe das conjuncções.

«3.º Toda a palavra, ainda que simples, que serviu de nome ou de adverbio em outras expressões, como: *ora, logo, quer, assim*, e *tambem*. Porque o que uma vez foi nome ou adverbio, não póde mudar de especie, salvo se o uso lhe antiquou seu proprio destino para lhe dar outro novo. Mas persistindo ainda aquelle, dar-lhe outro de differente ordem e natureza é perturbar todas as idéas da etymologia, e confundir despoticamente as classes elementares das palavras, o que o uso não costuma fazer.

«Pelo que conjuncções propriamente ditas não ha na Lingua Portugueza senão *nove*, a saber: a antiquada *cá* em lugar de *que*, e as usadas *e, mas, nem, ou, pois, porém, que* e *se*. Todas as mais que nossos grammaticos ajuntam a estas não são conjuncções, mas sim ou palavras conjunctivas, ou phrases conjunctivas.

«Chamo *palavras conjunctivas* qualquer nome ou adverbio, que além da sua significação principal tem a accessoria de indicar de mais uma relação a outra idéa, ou antecedente ou seguinte, como são:

«1.º Os comparativos *tão, tanto, quão, quanto, tal, qual, mais, menos, maior, menor, melhor, peor;* dos quaes procede a virtude conjunctiva, que se observa nos adverbios *tambem, assim, talvez, de sorte, de modo*, isto é, *de tal sorte, de tal modo*, etc.

«2.º Os demonstrativos puros *este, esse, aquelle, o mesmo*, os quaes se subentendem nas expressões conjunctivas *ora, pois que, excepto que, posto que*, por isso costumam trazer comsigo o relativo conjunctivo *que*, para atar o que se segue com as phrases ellipticas que estas palavras contém.

«3.º Os demonstrativos conjunctivos, *o qual, quem, que, cujo*, os quaes suppõem antes de si outra preposição, que atam com aquella a que dão principio. D'elles vem a força conjunctiva do adverbio *como*, que quer dizer *de que modo, do qual modo*, e a do adverbio *donde* em lugar de *d'o que se segue*.

«Chamo *phrases* ou *fórmulas conjunctivas* todas aquellas que constam de mais de uma palavra, e que ordinariamente terminam pel'o *que*, como: *bem que, se bem que, tanto que, desde que, como quer que, a fim de que, porque, postoque, visto que, bem entendido que, tanto mais que, com tanto que, menos que, ainda que, de sorte que, assim que, logo que, pelo que*, e outras muitas, as quaes todas nada tem de conjunctivo senão o *que* preparado e conduzido pelos nomes e adverbios, que o precedem n'estas e semelhantes fórmulas. Do que tudo resulta que não ha conjuncções, que verdadeiramente mereçam este nome, senão as oito ou nove acima apontadas.

«Comtudo, como tão poucas conjuncções não são bastantes para indicar todas as relações que as proposições podem ter umas com outras, e as de ordem e subordinação principalmente, foi preciso supprir esta falta com phrases conjunctivas; que por isso teremos tambem conta com ellas na classificação que passamos a fazer das conjuncções.

«Estas ainda que pareçam ligar só as palavras, entre as quaes se acham, não ligam verdadeiramente senão as proposições, que sendo ou simples, ou compostas de outras proposições parciaes, quer incidentes, quer integrantes, quando as conjuncções estão entre varios nomes, ou adjectivos continuados debaixo do mesmo regime, são um signal de que tantas são as proposições que ellas ligam.

«Todas estas proposições, quer simples, quer compostas, quer incomplexas, quer complexas, uma vez que se combinem e ajuntem para fazerem todas um sentido total, tem necessariamente relações naturaes entre si, as quaes são marcadas pelas conjuncções. Ora estas relações, geralmente fallando, são de dous modos, ou de *nexo* sómente, ou de *nexo* e *ordem* ao mesmo tempo. As conjuncções, que exprimem as primeiras, chamo ou *homólogas*, ou *similares*, porque estão umas para as outras na mesma razão; e ás que exprimem as segundas, dou o nome de *anhomólogas*, ou *dissimilares;* porque estão umas para as outras em razão differente.» (Soares Barbosa, *Grammatica philosophica*).

CONSCIENCIA. «A consciencia, juiz interior do bem e do mal, é a *alma*, contente ou descontente de nossas acções. Se nos sacrificamos ao dever, a exultação da consciencia nos indemnisa; se o violamos, a consciencia triste nos faz de antemão pagar a transgressão... Ditoso o culpado que attende ao brado salutar de sua consciencia! O remorso póde repôl-o na felicidade, reconduzindo-o á virtude pelo arrependimento.» (Dr. Descuret). — «A consciencia é o melhor livro de moral que possuimos, e devemos consultar a miudo.» (Pascal). — «Ha um juiz mais severo e implacavel que as leis: é o testemunho da boa consciencia.» (Duclos). — «Os bens da boa consciencia reverdecem sempre; não os deseccam trabalhos, nem se perdem com o morrer: reflorecem durante a vida, consolam no trespasse, e subsistem eternamente.» (S. Bernardo). — «A consciencia avisa-nos como amigo, antes de nos julgar como juiz.» (Stanislas). — «Quanto mais vou mais me convenço de que não ha n'este mundo mais agradavel cousa que a paz da consciencia.» (Racine).

2. Assim como o ter ouvido para conhecer as dissonancias não inculca arte musical, assim o sentir remordimentos em seguida a grandes crimes não denota consciencia. Semelhante, até certo ponto, a todos os orgãos, o da consciencia póde chegar a grande afinação, e n'esse empenho devemos desvelar-nos. As boas letras dão-lhe delicadeza, sensibilidade e melindre; as sciencias exactas imprimem-lhe circumspecção, e reflexivas delongas. Á imitação dos demais orgãos, a consciencia gasta-se com excitações violentas; e do mesmo modo que os olhos longo tempo fitos no sol frouxamente se impressionam da luz diffusa, e o ouvido do artilheiro raro aprecia as harmonias de uma orchestra, assim a consciencia aguilhoada pelo assassinio ou crime d'este porte, com o rodar do tempo deixa de sentir remorsos de culpas menores. Tal qual o sentir do ouvido, a consciencia vem a falsear-se pelo conjuncto de habitos discordes. A falsa consciencia é accommodaticia com bem e mal: crê-se o usurario honrado, o avaro generoso, o maledicente caritativo. Tal militar tem ambições a honrado, depois de ter conspurcado o asylo da innocencia sob o tecto hospedeiro. — Se á razão compete esclarecer a consciencia, incumbe á imaginação espirital-a, afervoral-a. Na primavera da vida é tudo formoso: o coração arde, a consciencia teme, a imaginação referve. Não ha ainda a sciencia do fingir; ha pejo de simular virtude, sem havel-a; ha vontade de agradar, e altamente nos esforçamos por grangear a estima publica; creamos moldes perfeitos, realisamol-os e adoramol-os; queremos vivificar tudo que nos cerca; identificamo-nos aos infelizes; gozamos dos males que removemos e dos bens que dadivamos: consciencia então é para nós a doçura do prazer e o pungir do pesar. Oh! que bella não é aquella idade do sentir e do imagi-

nar! Quão deploravel é esse que nunca experimentou as delicias da acção boa, á qual immolou um gozo inapreciavel! A consciencia, mais convisinha do sentimento que da razão, tem com elle affinidades e connexões mais intimas. Desatada da imaginação, é calculada, egoista e sensual. Da educação é que mais impende a consciencia. A sagrada mensagem de crear o homem moral, de insinuar nas almas o affecto á equidade, de reformar propensões nativas quando viciosas, fortificar, em fim, a authoridade da razão não deve ser obra do acaso. Qualquer modificação da consciencia dispara em amor ou odio. Do amor brota o desejo, do odio o medo. Influidos pelo desejo, operamos, e fructificamos virtudes prestadias; se, pelo medo, abstemo-nos enervados. Crear, fecundar ou desenvolver disposições affectivas, volver amavel e familiar a virtude, propagar noções de bondade e justiça, deve ser a mira onde apontam os intuitos da boa educação; porque a benevolencia e equidade são o duplo fundamento d'aquella consciencia moral que toda a nação civilisada deve manter e introduzir em seus costumes.

A lição 1.ª deve dictar-se e recitar-se. — A 2.ª seja lida ou exposta, e resumida pelos alumnos de viva voz ou por escripta.

CONSELHOS. 1. «Os homens sensatos recebem conselhos de todos, e não se deixam governar por ninguem; os insensatos repellem conselhos, para que se não cuide que alguem os governa.» (De Bonald). — «Conselhos agradaveis raras vezes são uteis.» (Massillon). — «Julgam-se os homens bastante habeis para aconselhar, e sobejamente espertos para dispensarem conselhos.» (Dubay). — «Se consultaes um libertino ácerca de virtude, um mau ácerca de justiça, e uma mulher a respeito da sua rival, e um cobarde em cousas de guerra, e um negociante sobre operações mercantis, e um chatim sobre veniagas, e um ingrato sobre gratidão... não espereis de algum d'esses conselho que preste... Vivei de boas avenças com toda gente; mas, quanto a conselheiro, escolhei um em cada milhar.» (*Ecclesiastes*).

2. «A mais honesta casa é que lavra riquezas sem injustiça, e as retem de boa fé, e jámais se arrepende do que despendeu.» (Solon). — «Quem se bandeia com um mordaz faz-se inimigo da victima d'elle.» (Cleobulo). — «Tem mão, se pódes, d'aquelles que vão proceder mal.» (Periandro). — «Melhor é que prescindamos d'um amigo, por nossa sinceridade franca, do que envilecermo-nos, mentindo, para lhe agradar.» (Pythagoras). — «Louvar a mediocridade é prejudical-a.» (Democrito). — «Os deuses arvoraram o trabalho como sentinella da virtude.» (Hesiodo). — «Só as grandes almas sabem quanto é feliz o homem, se é bom.» (Sophocles). — «A preguiça é a sepultura dos vivos.» (Themistocles). — «Os meninos devem aprender o que lhes ha de ser util quando chegarem a homens.» (Aristippo). — Esquece o que dás; lembra-te do que recebes.» (Menandro). — «Colligi maximas breves e claras que sirvam de norma e esteio a espiritos fluctuantes, quando escasseia tempo para discutir lanços embaraçosos.» (Epicuro). — «Privar de honras a virtude é como privar a mocidade de honra.» (Catão). — «O homem honrado corre-se de que o avantagem no bem-fazer.» (Terencio). — «Um animo escorreito adapta-se a todos os genios.» (Ovidio).

Dictem-se as duas lições, e façam-se decorar. — Os alumnos mais desenvolvidos commentem e ampliem, de viva voz ou por escripta, cada um d'aquelles pensamentos.

CONSERVAS. (Veja NEUTROS).

CONSOLAÇÕES. 1. «Toda a consolação procedente de homens é vã e ephemera... Tanto mais o homem se chega a Deus quanto mais se afasta das consolações terrenas.» (*Imit.*, III, 16 e 42). Os recursos que a philosophia nos offerece, nos acontecimentos alheios da nossa vontade, tomamol-os

da necessidade, quasi nada consoladora, ou d'aquella stoica hombridade com que o sabio se escuda, julgando-se intangivel aos golpes da fortuna. Esta sobranceria de animo boa é, posto que nos não allivie, para irmos contemporisando com as dôres. Porém, a religião de Christo sómente falla ao coração, attrahindo-os ao desafogo da fé, e contrabalançando-lhe nos padecimentos de hoje a esperança da verdadeira felicidade. — Comparem-se nas duas lições seguintes as consolações *humanas* com as *divinas*.

2. «Succedem-vos casos tristes, terriveis, e custosos de tragar: supportai-os inalteravel, e ireis de par com Deus, ou mais ávante ainda. É Deus isento de males e da força que os supera; vós sois superiores aos males pela paciencia.» (Seneca). — «Assim como seria irrisorio admirar-se alguem de que uma figueira produzisse figos, não é menos para rir que estranhemos os productos d'este mundo. É como se um medico e um piloto estranhassem os accidentes da febre e dos ventos contrarios... É estulticia buscar no inverno figos em figueira, e o mesmo se dá com um que buscasse o filho querido, não tendo algum... Tudo que succede é tão vulgar e commum como as rosas o são na primavera e os fructos no outono. Taes são as doenças, a morte, e a calumnia: tal é, em resumo, tudo o que rejubila ou afflige os ineptos.» (Marco Aurelio). — «Homem destinado á fadiga, á pena e dôr, consola-te, porque has de morrer. Ergues-te de madrugada esporeado pela precisão; deitas-te á noite alquebrado pelo trabalho. Consola-te, porque has de morrer, e o morrer é descançar... Se Deus, que anima o mundo, exhala um sopro, dá a vida; e, logo que o retira, começa a morte... Não achas que o tempo vai como de rôjo? É que o tempo traz a morte, e a morte é o termo a que tende a natureza irrequieta e impaciente de vida. Quem é que não almeja o dia seguinte? É que hoje é a vida, e ámanhã é a morte. Um Deus tão inexoravel que quizesse desesperar o homem, condemnal-o-hia a não morrer jámais. Desgosto e amarguras conturbal-o-hiam, e a necessidade de viver, semelhante a penhasco hirto de puas, o dilaceraria constantemente. O signal de reconciliação entre o céo e o homem é a morte.» (Um philosopho contemporaneo).

3. Ó morte! és tu a nossa consoladora unica? Ditosos aquelles que do Evangelho haurem toda a sua philosophia! — «Felizes os que choram porque hão de ser consolados! Felizes os perseguidos por amor á justiça, porque é d'elles o reino do céo... Não vos temaes dos que só podem perder o corpo; mas temei os que podem a um tempo perder corpo e alma... Exultará o mundo, e vós chorareis; mas a vossa tristeza reverterá em jubilo... e este jubilo ninguem vol-o poderá tirar.» (Mat. v, 5, 10, 53.—João xvi, 20.) — «Não esmoreçamos. Em quanto o que nos é terrestre e exterior se aniquila, o homem interior remoça dia a dia, porque as nossas angustias transitorias, que tão ligeiras e momentaneas são, nos produzem galardão immenso e eterno da gloria. Olhai Jesus, author e consummador de nossa fé. Seja-vos exemplo quem tantas contradicções padeceu dos peccadores: não cahireis em abatimento. — Não vos cance o soffrer. Deus castiga os que ama. Trata-vos como a filhos... Castiga-nos, quanto é preciso para nos dar quinhão de sua santidade: ora, todo castigo nos contrista; mas, ao depois, dá-nos messe de fructos de justiça colhidos em paz.» (S. Paulo. 1, Cor. iv, 16, 12. — Heb. xii, 2, 3, 5, 6, 7, 10, 11). — Dicte-se e faça-se recitar.

CONSOLDA. (Veja Borragineas).

CONSTANCIA. «O homem inconstante tudo enceta e nada conclue. Após longos lavores, tudo produziu desordenado, e só deixou obras começadas que ninguem quer acabar, e assim ficam inuteis. Os seus projectos fazem rir. Ninguem o auxilia nem lhe obedece, porque é duvidoso se ámanhã quererá o que hoje quer.

O inconstante perturba a vida domestica, deixa em meio a educação dos filhos, e arruina-se em empreitadas interrompidas. Teria sido feliz, se os mestres o habituassem a reflectir antes de emprehender, e de concluir as cousas começadas. — Dê o professor exemplo de constancia para ir corrigindo a inconstancia do alumno. A criança, de seu natural, imita as pessoas que ama e estima: se observa que o mestre é invariavel e obstinado em suas emprezas, imital-o-ha.» (Giron de Buzareingues).

CONSTANTINOPLA. (Veja TURQUIA).

CONSTELLAÇÕES. (Veja ESTRELLAS).

CONTADOR DE ARGOTE (D. Jeronymo), (1676-1749). Clerigo regular theatino, e academico da Academia real de historia portugueza. Na *Collecção dos Documentos e Memorias da Academia* (tom. IV, V, VI e IX) ha escriptos de alguma valia sob o titulo de *Contas dos seus estudos* com que este notavel antiquario provou summa diligencia, se não estremada critica. Escreveu das antiguidades de Braga, em latim, e quatro tomos de *Memorias para a historia ecclesiastica de Braga*. O primeiro, que consta da geographia antiga e moderna d'aquelle arcebispado, não goza bons creditos quanto á interpretação das inscripções lapidares. Segundo se deprehende, da distancia a que D. Jeronymo vivia das localidades que se propoz descrever, fiou-se em informações de pessoas nada entendidas em archeologia. Sem embargo, não temos author que tanto nos esclareça quanto ao numero dos monumentos em que mais que todas se distingue a provincia do Minho.

CONTOS. «As crianças gostam de contos — diz Fénelon — aproveitai-lhe o gosto.» Sabe-se que os *contadores* professos são pelo ordinario pessoas estafadoras, as quaes, no dizer de la Bruyère, contam sempre signal de pequenez de espirito. Porém, os meninos são faceis de contentar. Tal sujeito, que se vos figura um pascacio, lá para elles, é um portento, logo que haja visto lobos, bruxas, cães mysteriosos e impossiveis, tudo que satisfaça a curiosidade do pequeno e lhe fascine a imaginação, e o assustem com cousas que não ha, e lhe substituam chimeras a realidades! Quem quizesse levar um menino até á parvoice não tinha mais que entretel-o sempre com semelhantes pantomimas. — Á vista dos pessimos contos que por ahi se escrevem para uso dos meninos, cuidar-se-ha que o melhor modo de os regalar é dar-lhes *absurdidades*. É certo que perigos, medos, crimes, assassinios e maravilhas excitam vivamente a imaginação; mas não é com o *mal* que devemos captivar-lh'a; mas sim com o *bem*. N'este sentido são boas as Fabulas de La Fontaine, de Florian, de Fénelon, as historias escolhidas da *Biblia*, da historia grega e romana, da mythologia, etc. — Quando contardes o que quer que seja a crianças muito impressionaveis, notai-lhes que devem aprender a ler depressa para poderem procurar nos livros todas essas curiosidades, e contal-as depois aos outros.

CONVERSAÇÃO. 1. «Ha pessoas que fallam um momento antes de ter pensado; ha outras que parece estarem-se escutando, e como que nos molestam com o gravame da sua ponderosa pratica: estes são uns chamados *puristas*, que não bocejam palavra menos limada, embora discreta e bem cabida; nada lhes sahe espontaneo nem feliz... Consiste o espirito da conversação menos em ostental-o que a deixal-o entrever aos outros. Quem se retira da nossa conversação satisfeito de si e de seu espirito, vai perfeitamente agradado de nós.... É grande lastima não ter um homem bastante espirito para bem fallar nem o preciso juizo para se calar... Dizer modestamente que uma cousa é boa ou má, allegando as razões d'isso, requer bom siso e boa phrase. Ha um chamado fallar bem, e fallar corren-

tiamente, e fallar a ponto, e fallar ao justo: vai de encontro ao derradeiro genero o divagar a frouxo ácerca de um lauto jantar, que se teve, na presença de pessoas pouco remediadas, dizer gabações de saude em presença de pessoas valetudinarias; estadear riquezas, rendas e louçanias diante de um tal que não tem nada de seu, em summa, pavonear prosperidades diante de infelizes. Tal conversação mortifica-os, e o confronto que elles fazem dispára em odio... Os provincianos e os sandeus estão sempre a pique de se estomagarem, cuidando que zombam d'elles com menospreço. Haja cautela em não gracejar, mas brandamente que seja, senão com pessoas cultas e espirituosas... O homem douto, ás vezes, foge da sociedade como do enojo.» (La Bruyère). — Todo homem tem lá uma certa especialidade que o occupa, e dá-se a miudo ser um homem ignorante perspicacissimo em certas cousas. Se o encaminhamos para a sua especialidade, lucramos bastantemente em ouvil-o. Porém, por que tudo vá de bom acerto n'isto de conversar, faz-se mister remover tudo que é garrulice, frioleira, egoismo e paixão. Além de que é preciso que haja modestia, affeição a conhecimentos universaes, e mutua tolerancia. Se este ultimo predicado fallece, ha desavença logo no introito, e aborrimento reciproco. — Aqui protestamos contra o costume, que reina em certas casas, de se fallar ás crianças em linguagem diversa da que hão de fallar quando houverem crescido. Com tal uso, criam-se duas linguagens differentes, faz-se-lhes inerte o entendimento, e retarda-se-lhes sem minimo lucro, o momento em que devem fallar no estylo commum. Diz Fénelon: «Podemos insinuar infinitas instrucções, mais uteis que as lições propriamente, nas conversações joviaes.» A conversação é, em verdade, excellente meio de bem dirigir os meninos, mas com as seguintes condições: Respeitar-se o professor; evitar maledicencias; afastar quanto ser possa idéas de grandes vicios e crimes; deplorar os maus em vez de os execrar desabridamente; em fim, encomiar com ardor o merito das acções honradas.

Dicte-se, e façam-se decorar e amplificar os pensamentos de la Bruyère. (Veja PORTE, POLIDEZ, VISITA, etc.)

COPENHAGUE. (Veja DINAMARCA).

COPERNICO. (Veja ASTRONOMIA e INVENSÕES). «Na variedade de opiniões contradictorias, que o profundo Copernico examinou para construir o systema planetario, que actualmente é recebido como a hypothese mais plausivel, estudou com mais reflexão duas: — 1.º o systema dos egypcios que suppunham que Mercurio e Venus giravam ao redor do sol, e que Marte, Jupiter, Saturno, e o sol faziam o movimento de circumvolução em torno da terra: — 2.º o systema de Apollonio Pergeu que tinha o sol por centro de todos os movimentos planetares, mas cria que o sol girava á roda da terra da mesma maneira que a lua. Estes systemas não lhe pareceram vôos desvairados da imaginação, porque se applicou a examinal-os experimentalmente por meio de repetidas observações astronomicas, estudo constante que muito o auxiliou em sua tentativa. Por outro lado viu que os pythagoricos removiam a terra do centro do universo e ahi collocavam o sol: julgou portanto que o systema d'Apollonio se tornaria mais simples e symetrico só com a modificação de estabelecer o sol como centro fixo e supponde que a terra girava á roda d'elle. Viu tambem que Nicetas, Heraclides e outros philosophos collocando a terra no centro do universo lhe conferiam um movimento rotatorio, necessario por causa dos phenomenos do nascimento e occaso dos astros e as alternativas do dia e da noite. Attendeu tambem áquella parte do systema de Philolau, que tirava a terra do ponto central, e não sómente suppunha que ella se revolvia sobre o seu eixo, mas tambem que tinha uma annual rotação á roda do sol. Assim adoptando as verdades

que colligiu de cada systema, e rejeitando tudo o que achou falso e complicado, compoz o admiravel systema, dito, copernicano, que permanece como a unica exposição verdadeira do movimento e disposição dos corpos planetares.

«Occupou Copernico toda a sua vida no calculo dos phenomenos particulares para d'ahi deduzir taboas dos movimentos das espheras celestes, e assim fornecer meios de os predizer com toda a simplicidade e certeza; e a este fim e para demonstrar a sua theoria não cessou de fazer observações e de combinal-as com as que lhe ministravam outros astronomos; e quando julgou ter accumulado bastantes observações e provas, applicou-se a expôr o complexo dos seus descobrimentos na obra, dividida em seis livros, que intitulou *De orbium cœlestium revolutionibus*, na qual reduz toda a astronomia ao dominio de um simples e unico principio. Parece que esta obra se completára pelos annos de 1530, tendo chegado o author á idade de 57 annos. Instavam com este para que a publicasse os mais celebres astronomos, por quanto muito se havia dilatado a fama de tão estupendos descobrimentos; mas elle hesitava, ou porque a pretendesse melhorar com o fructo de ulteriores estudos, ou porque, e seria o mais certo, tivesse receio de vulgarisar tão maravilhosa novidade, que derribava as opiniões até alli recebidas na materia: e infelizmente não se receava sem fundamento. — «Nada ha tão arrogante e intolerante como a ignorancia: (observa Mr. Biot, cuja excellente memoria sobre Copernico tomamos por principal authoridade) declarai a verdade aos homens; se o objecto os interessa pouco, talvez que vos perdoem o arrojo; mas se o vosso saber extirpa uma opinião apadrinhada de ha muito, ou os desabusa de qualquer prevenção, embora mesquinha e mal fundada, o mero facto de ter sido constantemente admittida a idéa ou cousa refutada é mais que sufficiente para lhes offender o orgulho, e muitas vezes para os levar a hostilidade aberta contra quem quer que pretenda mostrar-se mais cauto, ou mais sceptico do que elles.» — O exemplo no caso de Copernico é mui notavel: ao passo que os homens mais distinctos por saber e erudição, unicos juizes competentes em taes assumptos, reconheciam a verdade, belleza, e importancia d'aquelles descobrimentos, o vulgo desatinou com elles, e intentou declaral-os chimeras absurdas, chegando a ponto de ridicularisar o author n'uma comedia posta em scena em Elburg. Todavia o venerando caracter d'este homem illustre, e talvez ainda mais o silencio que soube manter sempre, o preservou de insultos.

«No entanto Copernico percebeu que demorando mais a publicação das suas investigações deixava campo mais livre á ignorancia, e que o desenvolvimento de tão evidentes verdades acompanhado de provas tão numerosas e tão palpaveis seria a maneira de refutar a incriminação de absurdo levantada contra a sua doutrina: por isso consentiu que o seu livro fosse por seus amigos dado á luz, e na dedicatoria ao papa Paulo III assigna como razão da publicação o desejo que tinha de evitar ser arguido de temor, ou repugnancia de arrostar a critica das pessoas intelligentes; e mais adiante diz que Sua Santidade approvando o livro póde resguardal-o das presas da calumnia. — A obra foi impressa em Nuremberg sob a direcção de seu amigo e discipulo, Rhetico, que lhe remetteu, concluida a impressão, o primeiro exemplar, o qual chegou ainda a tempo de o vêr o illustre author, porque d'ahi a poucas horas succumbiu á grave enfermidade que o atacára, fallecendo aos 24 de maio de 1543, com 70 annos de idade, mas não sem a satisfação de vêr estampada a sua obra.» (*Panorama*).

CORAÇÃO. É orgão muscular, principal agente da circulação do sangue. No ponto de analyse physiologica é estudo interessante. (Veja SANGUE). Moralmente considerado, o estudo do coração humano é um abysmo, e só

Deus o sonda... O coração altera a face do homem, e lhe imprime signaes de bondade ou maldade... A alegria do coração é a vida do homem, e lhe prolonga os dias. (*Ecclesiastes*). — O espirito é o lado parcial do homem: o coração é tudo. (Rivarol). — Deus só póde pôr fronteiras ás agitações e aos insanaveis desejos do coração humano. (Massillon). — Temos visto trabalhados por infortunio uns que não souberam espiar o que ia nos animos dos outros; mas, pelo que é d'uns que não estudaram o proprio coração, força é que sejam desgraçados. (Marco Aurelio). — O peor dos maus consorcios é o do coração. (Chamfort). — Não é a cabeça, é o coração que deve sobrelevar a tudo. (Chateaubriand). — Não ha merito nem talentos que dispensem o bom coração. (M.me de Genlis). — Coração só com o coração se entende. (P. André).

Quanto a educação moral e cultura do coração, veja Sensibilidade, Vontade. Expliquem-se, dictem-se e façam-se decorar estes pensamentos aos alumnos.

CORAGEM. 1. «A coragem verdadeira é o que sempre deve ser: nem soffreada nem excitada. O homem de porte exercita-a, nas batalhas contra o inimigo, na convivencia de amigos a favor da verdade e dos ausentes, no leito da enfermidade contra os ataques da dôr e aspecto da morte.» (J. J. Rousseau). — «Espera serenamente o perigo o homem corajoso, e só se expõe quando a honra lh'o prescreve; mas, no gume do perigo, não se lhe furta.» (Aristoteles). — «Está a verdadeira coragem em ir de rosto contra os perigos, e desprezal-os quando são necessarios.» (Fénelon). — «Nos grandes transes, a coragem heroica é inteiramente natural, e mais vulgar que a paciencia nas pequenas contrariedades da vida.» (Zimmermann). — «A coragem moral está no dominio do homem sobre suas paixões: é producto da educação intellectual que lhe moderou os desejos e harmonisou os deveres com as necessidades.» (Dr. Descuret). — «É mister tanta coragem no soffrer com animo igual as dôres da alma como em quedar-se o homem firme sobre o parapeito de um baluarte.» (Napoleão). — «Coragem sempre! Sem isto não ha virtude. Coragem com que sopeses teu egoismo, e te faças bemfazejo; coragem com que venças tua preguiça, e prosigas em teus estudos illustradamente; coragem com que defendas a patria, e protejas o teu proximo em todos os accidentes; coragem com que resistas aos maus exemplos e á irrisão injusta; coragem com que soffras os achaques, dôres e variadas angustias, sem lastimas pusillanimes; coragem com que anheles a perfeição, intangivel n'este mundo, mas a que deves aspirar, conforme a sublime phrase do Evangelho, se não queres descahir da nobreza da alma.» (Silvio Pellico).

2. Ha *coragem civil* e *coragem militar*, que entre si diversificam, e raro se combinam. Ensina a experiencia que a coragem militar é mais facil ao cidadão que a civil ao guerreiro. Custine, que nos combates arrostára numerosos perigos, descorou diante do patibulo. Na guerra tudo conspira a incutir arrojo; e, mais em defesa da vida que por desejo de matar, o guerreiro vai matando. Porém, firme caracter na adversidade é mais heroico. Seneca diz que está em nossa natureza admirarmos sobre tudo o homem que sabe ser desgraçado intrepidamente. Das revoluções politicas tem surtido grandes exemplos de coragem. Simoneau, *maire* d'Etampes, cercado na praça por furiosa gentalha, que rouba o pão e lhe impõe a barateza do genero que rouba, offerece a vida, e morre no cumprimento dos seus deveres. Louvet, accusando Robespierre, defendeu com immensa coragem civica o partido da Gironda. Lanjuinais, arrancado violentamente da tribuna por Legendre, exclamou, alludindo á antiga profissão do collega: «Decreta que eu seja boi, e terás direito a me agarrar!» Laya, fazendo representar em 2 de janeiro de 1793 o *Amigo das leis*, e Marie-Joseph Chenier, proclamando no mesmo theatro, sob a dictadura do

Terror, aquella maxima *Leis em lugar de sangue*, exerceram por certo em dias tão perigosos coragem civica digna de honrosa memoria.

3. Ha uma ousadia opposta ao medo. É bom excital-a prudentemente no menino que dá visos de cobardia. Deve-se afazel-o a tudo que possa atemorisal-o. Dê-se-lhe conhecimento de tudo que é verdadeiramente temivel, e robusteçam-no ensinando-lhe que o homem até dos mais ferozes animaes se póde defender. Ha tambem uma afouteza, opposta á timidez, que consiste em não estar acanhado na presença de pessoas estranhas. O menino educado por feitio que mais o preoccupam as *cousas* que as *pessoas*, vai bem disposto para afoutezas, pois que, nas pessoas que fôr encontrando, apenas vê factos que estudar.

«Havendo no mundo poucos homens a quem a coragem propria ou do amigo não tenha salvado d'algum perigo, nada nos parece tão coherente e natural como o ser esta excellente qualidade summamente estimada na sociedade, ao passo que a cobardia attrahe sobre si o desprezo de toda a gente. Dizemos que é *natural*, porque amar e apreciar tudo o que contribue para a felicidade e segurança propria é um affecto inherente ao ser de homem.

«A coragem de que geralmente se faz mais caso por ser a mais applaudida é a que deriva da constituição individual, na qual o homem influe tanto como poderia influir na fórma da sua estatura ou na côr dos seus olhos. — É qualidade que possuem quasi todos os entes do sexo masculino em quanto gozam perfeita saude, não havendo muitas vezes grande motivo para nos lisonjearmos de ter-nos cabido em dote a ferocidade do tigre, ou certa quantidade de ousadia e força physica. — Em geral, julga-se haver coragem physica no homem quando elle é avantajado de corpo, embora seja fraco d'espirito; e assim se toma por coragem o que ás vezes é apenas insensibilidade. Não nos cause admiração se os athletas e os antigos lutadores do pugilato foram homens de proverbial estupidez, nem tão pouco nos maravilhe o ser na classe mais ignorante da sociedade que existe maior somma de força physica.

«Não se julgue todavia que é nosso intento deprimir o valor da coragem physica: — longe de nós tal pensamento. Por muito felizes nos daremos sempre que em nós ou em nossos amigos acharmos um escudo que nos defenda dos males a que está exposto o fraco e o cobarde.

«Os antigos, posto que não rebaixassem o merito da coragem physica, formavam comtudo da *coragem moral* idéas mais subidas que os modernos. Um d'elles affirma mui positivamente que não ha espectaculo que mais agrade ao Ente Supremo do que a luta do homem virtuoso contra a adversidade. — É este o melhor elogio da coragem moral, e ao mesmo tempo uma censura amarga aos que reputam coragem o que apenas é mera força physica, na qual o homem é igualado, senão excedido, por animaes d'infima especie.

«Temos para nós que a qualidade denominada vulgarmente *coragem*, e que tão altos encomios recebe de muita gente, não é mais do que uma insensibilidade nervosa do homem, ou antes um arrojo nos maiores perigos, que equivale a não ter amor algum á existencia. — A verdadeira coragem, isto é: a união da coragem physica com a coragem moral, é cousa totalmente differente: — é, por assim dizer, a parte essencial do espirito, e uma qualidade inseparavel do homem culto e de virtude austera. Nem o estupido, nem o perverso possuem verdadeira coragem, porque olham com demasiada attenção para o perigo, e precatam-se quanto podem contra elle: — o perigo, por maior que seja, diminue muito quando a pessoa que o teme se previne a tempo. Ha outro motivo pelo qual a coragem moral deve ser mais respeitada do que geralmente é. — A coragem physica depende, como acima notamos, da constituição do corpo; porém a cora-

gem moral é propria e determinada creação do espirito. — Todo o homem intelligente e virtuoso possue coragem moral, reunida a certa quantidade de coragem physica. Se passarmos á materia de facto, talvez entremos em duvida se o homem verdadeiramente religioso póde deixar de ser na realidade valente. Examine-se o longo catalogo dos nossos martyres, e vêr-se-hão homens debilitados com o peso dos annos, lançados, além d'isso, em escuras masmorras, aonde pereciam pela fome e tratos, entoarem hymnos ao Creador até nos derradeiros paroxismos da vida! Esta coragem heroica, dá a piedade e resignação christã; e se vivemos em seculos em que não existem os perigos que punham termo á existencia dos martyres depois de angustias dolorosissimas, cúmpre-nos todavia imital-os na disciplina mental, até que possamos affrontar impavidos os perigos mais terriveis e medonhos.

«A coragem moral é outra prova do poder do habito. Se uma vez conseguirmos radical-a em nós, pouco receio devemos ter de a perder. No actual estado da sociedade poucas occasiões haverá, comparativamente a outros seculos, em que careçamos de medir ou ostentar coragem physica; mas quando assim aconteça, essa coragem deve ser poderosamente coadjuvada pela coragem moral.

«Por exemplo, o homem animoso, physicamente fallando, póde ao encontrar uma quadrilha de ladrões tremer de horror e medo; mas se elle reunir á coragem physica a prenda de manejar destramente as armas, esta circumstancia dando-lhe sobre os seus aggressores a superioridade da coragem moral, faz com que elle os despreze e os não tema. Ainda mais: — basta este augmento de força e resolução para que os aggressores sejam completamente aniquilados pelo aggredido, que conserva d'este modo a sua propriedade e existencia.» (*Panorama*).

CORINDON. (Veja PEDRAS).

CORIOLANO. (Veja QUINTO SECULO).

CORNARO. «Luiz Cornaro na sua mocidade havia arruinado a saude pelo uso excessivo da comida e de bebidas espirituosas, e sendo accommettido de gotta, colicas frequentes, e outros graves incommodos, os medicos o declararam em perigo de perder a vida, e decidiram que para a prolongar cumpria fazer o contrario do que até então havia feito, e resolve-se a viver com temperança, e sobriedade. —Seguiu Luiz Cornaro exactamente o tratamento e regime, que lhe prescreveram os medicos, e ao cabo d'um anno achou-se restabelecido. Fazendo então sérias reflexões, em vez de tornar aos antigos excessos, resolveu-se tomar os habitos de uma vida regular, temperada e sóbria; e esta prudente e louvavel resolução, que sustentou com admiravel perseverança até o fim da sua vida, o fez chegar com saude até a idade de noventa e oito annos; e a sua morte, que teve logar no anno de 1565, foi tão tranquilla como tinha sido a sua vida depois que tomou a deliberação ou determinação de viver com toda a moderação e sobriedade.

«Na idade de oitenta e seis annos era ainda vigoroso e agil; dava largos passeios a pé; subia a lugares altos; montava a cavallo sem auxilio de ninguem; estudava habitualmente; compôz uma engraçada comedia, e o seu interessante livro intitulado *Discorso sulla vita sobria—Discurso sobre a vida sobria*, onde conta o seu modo de viver, e a parcimonia do seu alimento, pois em pão, carne e caldo não empregava maior quantidade do que doze onças, em razão de sua idade provecta, reconhecendo todavia que um moço póde alargar-se mais na quantidade, comtanto que não se esqueça do proverbio — *fallar e comer pouco não faz mal a ninguem.* Na idade de noventa e cinco annos ainda escrevia pela sua mão o seguinte: *Sinto-me tão sadio, fresco e contente como nunca. Cómo com appetite, e durmo com socego. Não conheco differença na aptidão de nenhum*

dos meus sentidos. N'aquella mesma idade ainda era util á sua patria ensinando a formar diques para conter o mar, e a conquistar terrenos inundados para serem cultivados. Applaudia-se de haver ensinado á sua familia como ella podia enriquecer-se por meio de trabalhos ou obras agricolas; e bem assim de haver conservado a vida e a saude a muita gente pela sua constancia em prégar e persuadir a temperança e sobriedade com o seu exemplo e com a sua penna.

«Um dos amigos de Luiz Cornaro dava conta dos ultimos dias d'este sabio nos seguintes termos:

«Aquelle bom velho, sentindo-se aproximar ao termo da vida, fallava d'esse transito como se fosse mudar-se d'uma casa para a outra. Assentado na cama ao lado de sua mulher chamada Veronica, e quasi tão velha como elle, escrevia conselhos e consolações a um amigo, e fallava-lhe da morte, que considerava proxima, sem se assustar ou affligir. Cuidou então que teria ainda dous dias de vida, mas sentindo-se desfallecer pediu novamente os auxilios da religião, e fitando os olhos em um crucifixo, dizia: «*O' meu Deus, eu vou em paz e cheio de esperança apresentar-me á vossa infinita misericordia.*» Encostando se então como quem queria descançar, um leve suspiro annunciou aos seus amigos que elle os havia deixado para passar a melhor vida.»

«Para conservar a saude, e prolongar a vida, a temperança e a sobriedade do sabio Luiz Cornaro nos offerece um exemplo assaz digno de imitação; e para morrer em paz e tranquillidade de consciencia assim como elle morreu, o meio certo é viver desde os primeiros annos do modo que na ultima hora cada um quizera ter vivido sempre.» (A. e Castro).

CORNEILLE (Pedro), (1606-1684), filho de um advogado de Rouen, destinou-se primeiro á advocacia, em que foi mediocre. Dedicou-se ao theatro, aos vinte e tres annos de idade. Estreou-se por comedias já hoje olvidadas, bem que applaudidas então. As primeiras fulgurações do seu talento revelou-as a *Medea*. Foi então chamado a escrever sob a influencia de Richelieu. Pesou-lhe a dependencia, e retirou-se. Escreveu depois o *Cid*, os *Horacios*, *Cinna*, *Polyeucta*, *Pompeu* e *Rodoguna*. A critica abaixou bandeiras. Todos conhecem o nome do grande poeta francez; mas hoje em dia apenas algum raro amador do theatro classico se deleita na admiração dos versos magestosos e peripecias tragicas do emulo de Racine. Algumas tragedias de Corneille foram trasladadas para portuguez, e representadas nos theatros do Salitre e Rua dos Condes. As versões jazem no esquecimento dos dramas originaes.

Corneille grangeou boa parte da sua gloria a expensas do theatro hespanhol. O seu *Menteur* (Mentiroso), tão festejado como original, é quasi litteral traducção da *Verdad sospechosa* do poeta mexicano Juan Rodrigues de Alarcon. No conceito bastante injusto de Voltaire, Corneille imitára dos hespanhoes o *Heraclius*, os *Horacios*, *Cid*, quasi tudo. La Harpe é da mesma opinião, e o hespanhol Ochoa, modernamente, aceita as offensivas denuncias dos compatriotas do grande poeta. Philarete Chasles nos seus *Estudos de Hespanha* (1847) defende Corneille com mais engenho que razão, mas, em boa parte das tragedias malsinadas de plagiato, salva o author do *Cid*, a despeito do *Cid campeador* de Alarcon. Tambem Molière pagou tributo a Alarcon, dizendo que nunca teria escripto *l'Etourdi* (o Estouvado) se não houvesse conhecido *le Menteur*, copiado da *Verdad sospechosa* d'aquelle hespanhol quasi esquecido, e sacrificado á popularidade estrondosa de Calderon de la Barca e Lope de Vega. «O nosso theatro, diz Philarete Chasles, tem mais de duzentos dramas importados de Hespanha.» Até os inglezes lá foram forragear. Addison imitou do castelhano o seu *the Drummer*, e Destouches, cuidando que imitava de Addison o seu *Tambour nocturne*, ia buscal-o a Hespanha com escala por Inglaterra. Podemos afoutamente dizer

que os hespanhoes do seculo XVII abriram o manancial dramatico de todas as nações.

CORPOS. 1. Esta palavra abrange todos os seres animados, inanimados, organisados e inorganisados que sahiram das mãos do Creador e estão ao alcance dos nossos sentidos. Dividem os physicos os corpos em *solidos, liquidos* e *gasozos* (veja TRANSFORMAÇÃO); e tambem os dividem em *conductores* e *não conductores*. (Veja CALOR, OPTICA e ELECTRICIDADE). Os chimicos distribuem os corpos em *simples* e *compostos*, e os primeiros em *ponderaveis* e *imponderaveis*, ou ainda em *metallicos* e *não metallicos*. (Veja CHIMICA, METAES e METALLOIDES). Entre os corpos ponderaveis encontram-se 55 corpos simples, isto é, 55 substancias que até ao presente não foram decompostas: o *ferro* e o *enxofre*, por exemplo, tratados de todas as maneiras, dão sempre em resultado ferro e enxofre. — As propriedades dos corpos são *geraes* ou *particulares*. As geraes são as que pertencem a todos os corpos indistinctamente: taes são a *extensão*, a *impenetrabilidade*, a *porosidade*, a *divisibilidade*, *elasticidade*, *compressibilidade*, *mobilidade* e *inercia*. As propriedades particulares são as exclusivas de certos corpos, como *solidez*, *dureza*, *transparencia*, etc. (Veja PHYSICA).

2. Sob outro ponto de vista, o corpo é a parte material do ser animado, e principalmente do homem. Entra sempre em contraposição de espirito. «Toda a admiração vem estreita no que toca á disposição que a Providencia deu aos diversos orgãos componentes da machina animal — diz Mallebranche. — Que ordem, que combinação, que alliança!» — O homem é a um tempo ser visivel e ser invisivel. — Compõe-se de *corpo* que os sentidos alcançam (veja HOMEM), e *alma* que os sentidos não percebem. (Veja ALMA). A alma é que mais nos interessa, pois é de origem superior ao corpo: é emanação de Deus. Quando o corpo morre e se volve em terra d'onde sahiu, a alma torna-se a Deus que a fez á sua imagem, para associal-a á sua felicidade. Em conclusão, o corpo é mero instrumento da alma; deve servil-a nos trabalhos que ella cogita, nas virtudes que ella deve praticar, e transes que a devem provar. No interior do corpo, as mais importantes partes são *cerebro*, *coração* e *estomago*. Ao cerebro convergem todos os nervos e impressões exteriores e sensações. Por cinco differentes orgãos lá chegam as sensações: n'estes orgãos residem os chamados cinco sentidos: *vista*, *audição*, *cheiro*, *gosto* e *tacto*, meios porque a alma se relaciona com os objectos externos. Ao coração confluem todos os movimentos da circulação que continuadamente transporta e renova o sangue em todas as partes do corpo. Pelo que o coração é um dos mais delicados orgãos, e requer tantos cuidados como o cerebro. (Veja SANGUE). O estomago, centro commum em que se elaboram e d'onde radiam todas as forças geradas nos alimentos, é o verdadeiro relogio da saude e do vigor; é, por assim dizer, o cavallo que transporta o homem; — se o carregardes em demasia, deixar-vos-ha no caminho. — «O corpo, diz Mallebranche, tyrannisa a alma.»

CORRÊA (Antonio). (Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

CORRENTES. (Veja OCEANO).

CORSEGA, capital AJACIO. A ilha da Corsega é franceza ha menos d'um seculo. Foi em 1769 que verdadeiramente se annexou ao grande reino, e viu nascer o maior genio militar dos tempos modernos, Napoleão I, do qual a gloria foi um tanto maculada por Napoleão III seu sobrinho. A Corsega ainda não conseguiu despojar-se da physionomia especial que tantos seculos lhe deram; conserva-se italiana, e sobretudo corsa e original: ribanceiras quasi africanas; montanhas aridas como as dos Apeninos, producções de Italia, população indomavel e magnifica, linguagem italiana, amor á vingança, altivez nacional, taes são os traços principaes

d'estes grandes e curiosos caracteres.

Ajacio, cidade de origem grega, foi fundada por uma colonia de lesbienses, que lhe legou o nome de *Ajasso*, cidade da mãe patria. Fabrica de amphoras para conservar o vinho na época romana, chamavam-lhe, por este facto, *Urcinium*, cidade das garrafas. Forçada a afastar-se do mar por causa dos nevoeiros doentios, que d'elle se exhalavam, foi reedificada no pendor das collinas pelos genovezes, em 1495, e enriquecida d'alguns monumentos, dos quaes o mais bello é a cathedral, no estylo italiano com zimborio e campanario.

Vem agora a ponto dizer algumas palavras a respeito d'esse genio da Corsega tão cruelmente desfigurado pelos falsos humanitarios, e os pretendidos pintores de costumes que teem descripto este paiz no drama ou no romance. Quem deixou de estremecer só ao nome da *vendetta?* O pai, dizem, lega a seu filho o cuidado de o vingar, este póde ser que succumba; mas vencedor ou vencido, dirá morrendo o mesmo adeus sanguinolento, deixará o mesmo legado mortifero e de eterna vingança.

Estas narrações muitas vezes verdadeiras, tem comtudo o relevante cunho da mais ridicula exageração. Diante da religião catholica, esses odios muitas vezes foram esquecidos. Em nossos dias sobretudo, o inimigo já não calca o solo generoso da Corsega, a *vendetta* já não existe senão na imaginação dos *commis voyageurs* e nos livros dos romancistas.

«O heroismo corso e o despotismo genovez, diz M. Salvadori, cura de Poggio, ensinou-nos a ser manhosos por necessidade, desconfiados por calculo, e odientos por nossa legitima defesa. Comtudo não se deve acreditar que a vingança tenha aqui as honras de deusa, assim como o imaginaram os escriptores francezes prevenidos contra os corsos, e desconhecendo nosso caracter. Se o corso odeia fortemente, é por que ama deveras, e o seu idolo é a amizade. Isto nos faz hospitaleiros com os viajantes e estrangeiros, e muito affeiçoados ás pessoas que se nos mostam carinhosas....»

CÓRTE DE MADEIRAS. (Veja VERGEL).

CORTE-REAL (Gaspar). (Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

CORTE-REAL (João Vaz). Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

CORTE-REAL (Jeronimo). Nascido no meado do seculo XVI, em parte incerta, fallecido em 1593 na sua quinta e morgadio de Val da Palma, no Algarve. São dignos de estudo alguns dos seus livros, nomeadamente o *Cerco de Diu*, e o *Naufragio e lastimoso successo da perdição de Manoel de Sousa de Sepulveda*, publicados em 1574 e 1594. D'estes dous poemas, escreve Almeida Garrett: «O *Cerco de Diu*, que é notavel monumento litterario, e que de certo se teve algum exemplar foi a *Italia* de Trissino, é uma fria narração, em que ha bellas idéas áquem, além, muita riqueza de linguagem, pouca de poesia, e pelo geral maus versos. E, comtudo, é talvez Corte-Real o primeiro (em data) poeta descriptivo; e creou elle acaso esse genero de que tanto blasonam hoje inglezes, allemães, e até francezes, e que todavia nós tinhamos seculos antes d'elles. Já no *Cerco de Diu* ha muito boas descripções; mas no *Naufragio de Sepulveda* ha d'ellas sublimes. Entre muitos devaneios de imaginação e de mau gosto, entre aquelles insipidos requebros de Pan e de Protheu, apparece todavia a morte de Leonor que é um trecho da mais bella poesia, da mais fina sensibilidade que se tem composto.» (*Historia da lingua e da poesia portugueza*). O trecho encomiado por tão relevante apreciador é o seguinte:

Aos que nas procellosas, bravas ondas,
Com tempestuosos ventos já se viram,
Mil vezes submergidos, grande allivio,
E descanso lhes é porto seguro.
E aos que na temporal vida padecem
Trabalhos, afflições, males, e angustias,

A morte lhes é descanço, pois se acabam
Miserias, a que estão sempre sujeitos,
Fenecem com morrer grandes injurias
Do fugitivo tempo em tudo avaro,
Fenecem sem razões da incerta, e varia,
Inconstante, cruel, impia fortuna.
No canto atraz passado (se vos lembra)
Vistes o capitão ouvir mil gritos,
E o coração presago, a dura morte
Da sua Leonor, lhe descobria.
Com trabalho se apressa, por achar-se
Presente ao mal, que teme, e já vê certo!
E da penosa dôr afadigado,
Quasi arrastando vai os lassos membros.
Um difficil anhelito lhe secca
A bocca já mortal, e os tristes olhos,
Sumidos de fraqueza, em vivas fontes
De lagrimas piedosas se convertem.
Chega aonde Leonor ao passo forte,
E termo tão temido estava entregue.
Vê que a turvada vista rodeando,
A elle só demanda, a elle só busca;
E vendo que é chegado, esforça um pouco
O animo, e procura despedir-se.
Levanta com trabalho os mortaes olhos,
Quer-lhe fallar, a morte a lingua impede.
Firma-os cada vez mais no triste rosto
D'aquelle unico amigo, que já deixa,
Trabalha agasalhal-o, e não podendo
Com dôr mortal, na terra se reclina.
Calliope divina, agora é tempo,
Onde me é o teu favor mais necessario;
Torna-me ao coração aquella força,
Que em termo tão estreito tem perdida;
Concede-me vigor ao fraco espirito,
Que com a presente dôr já desfallece;
A mão, e a lingua guia, que refusam
Proseguir, e tratar passo tão forte.
Dentro no peito geme est'alma minha,
Lastimada, e doida do impio caso,
Do successo cruel, e fim tão triste,
Que aqui guardado estava a tal belleza.
Entregam-se a morrer aquelles olhos,
Que mil mortes já tinham dado a muitos:
Uma mortal angustia lhe rodeia
Aquelle alegre, e angelico semblante;
Já de todo lhe foge a côr de rosa
Do rosto tão formoso, já s'esfria,
Já fica a branca mão sem movimento,
O peito eburneo fica sem sentido.
. . . .
. . . . na deserta Praia fica o corpo.
Mais, que marmore, ou branca neve, branco.
De crespas febras d'ouro soccorrido,
Que com intento casto alli defendem.
Alça-se um alarido até ás estrellas
Das criadas, que em torno d'ella estavam:
Ferem com duros punhos rosto, e peitos,
Fazendo um triste som, que rompe as nuvens
Dos gritos, e lamento outra vez torna
O concavo rochedo uma voz escura,
E correndo por baixo do arvoredo,
Miseraveis accentos vai formando;
Quantas vezes o amado nome chamam,
Com palavras do choro interrompidas.
Tantas Echo chorosa lhe responde,
Com a mesma dôr, com o mesmo sentimento.
O varão infelice, traspassado
De uma terrivel dôr, já sem remedio
Tremendo as fracas pernas, não podendo
Soffrer a grave carga, e peso triste,
Junto do amado corpo se reclina.
Com semblante affligido, os tristes olhos
Com intrinseca pena os tinha postos
N'aquella já defunta formosura.
Cuida no duro termo, a que seus gostos,
E a que todos seus bens se reduziram.
Cuida em contentamentos já passados,
Que agora muito mais o entristeciam.
Alli (para mais dôr) se lhe apresenta
O vario proceder de seus amores:
O principio alterado, e o successo
Tão prospero, jucundo, e tão felice.
Cuida, como passou em sombra o tempo
Ligeiro, e tão amigo de mudanças
E quando imaginava estar mais alto,
Viu da mudavel roda a volta dura.
Depois que um grande espaço está pasmado,
Opprimido de dôr o peito enfermo,
Alevanta-se, e vai mudo, e choroso,
Onde a Praia se vê mais opportuna.
Apartando com as mãos a branca areia.
Abre n'ella uma estreita sepultura,
Torna-se atraz, alçando nos cançados
Braços aquelle corpo lasso, e frio.
Ajudam as criadas as funestas
Derradeiras exequias, com mil gritos.
Ai duro tempo! (dizem) como apartas
Para sempre de nós tal formosura!
Na perpetua morada tenebrosa
A deixam, levantando alto alarido,
Com salgado licôr banhando a terra,
Aquelle ultimo vale todas dizem.
Não fica só Leonor na casa infausta,
Que de um tenro filhinho se acompanha.
Que a luz vital gozou quatro perfeitos
Annos, ficando o quinto interrompido.
Alli co'a morta mãe o filho morto,
Ambos com morto amor em terra jazem.
Ella lhe nega o branco amado peito,
E elle o doce, materno, amado gosto.
Ambos na solitaria praia ficam.
Junto das grossas ondas sepultados,
Deixando ao mundo um triste raro exemplo
De perversa, cruel, impia fortuna.
O misero Sepulveda rodeia
Os olhos com effeito de saudade;
Em lagrimas desfaz o bulcão turvo,
De que assombrado tinha o triste sprito.
Com voz do triste choro embaraçada,
Palavras diz de lastima, e piedosas;
Nos braços toma um filho, que alli tinha
De tenra idade, e vista miseravel.
Por estreita vereda entra no mato.

De bravos leões, e tigres povoado :
A morte vai buscando ; elles doidos
De seu mal lh'a darão em breve espaço.

CORTE-REAL (Miguel). (Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

CORTUME. (Veja NEUTROS).

CORVO. (Veja PASSAROS).

COSTA (Claudio Manoel da). Nasceu na cidade de Marianna, na provincia de Minas Geraes, em 1629, e suicidou-se no carcere em 1789. A tão desastrado termo veio um dos maiores poetas que deu o Brazil, por se haver colligado com Gonzaga e Alvarenga na conjuração de Minas Geraes para a independencia do Brazil. Garrett o considera primeiro poeta do Brazil e um dos primeiros de Portugal, apesar da affectação seiscentista. Em excellente conta o menciona o snr. Innocencio Francisco da Silva, dando-o como feliz imitador de Petrarca, Guarini e Metastasio. O snr. Pereira da Silva notavel escriptor brazileiro considera-o mais completo na phrase e no sentimento que Bocage.

COSTUMES. Assim se nomeiam certos habitos inveterados na nação ou no individuo. Devem distinguir-se em *moraes, sociaes* e *politicos*. São ruins os costumes propriamente ditos moraes, quando a religião cessa de imperar forte e pura sobre a maioria dos espiritos, — quando uns a negam, e outros a consideram cousa de bagatella. Surdem então o scepticismo, fatalismo, e materialismo, doutrinas que tanto ferem de morte a moral como a religião. — São maus os costumes sociaes quando a civilisação de um paiz, em vez de manter a harmonia nos animos e consciencias, perturba as classes sociaes estimulando-lhes cobiça, ambição, e aspirações impraticaveis. — São maus os costumes politicos quando, nos pequenos, tumultua o espirito do descontentamento e, nos grandes, lavra a corrupção. — Os costumes não são absolutamente bons nem maus. Querer perfeitos costumes, é querer o bello ideal; prégal-os é evangelisar utopias, esperal-os é sonhar. Mas o que se deve sempre fomentar são costumes relativamente bons, os melhores, compativeis com a fragilidade humana. — «O que dá liberdade ao homem são os bons costumes.» (Stobée). «Entre leis e costumes corre esta differença : que as leis regulam os actos do cidadão, e os costumes regulam os actos dos homens.» (Montesquieu). «Façam-se as leis consoante aos costumes, porque os costumes não são feitos pelas leis.» (Toulongeon). «Perdidos os bons costumes, todos os defeitos de um governo se manifestam.» (De Rulhières). «Custa menos a manter os bons costumes que a pôr barreira aos maus.» (J. J. Rousseau.) — «Os homens fazem as leis, as mulheres fazem os costumes.» (De Ségur).

COTOVIA. (Veja PASSAROS).

COUSIN (Victor), membro da Academia franceza, antigo ministro da instrucção publica, reinando Luiz Philippe, nasceu em Pariz em 1792. Estudou no lyceu Carlos Magno, onde foi premiado. Em 1812 leccionava já litteratura grega; e em 1814 regia uma cadeira de philosophia, e pouco depois a da faculdade de letras. — Em ambas as cadeiras se insurgiu contra os systemas philosophicos que em França predominavam, havia um seculo ; e revelando-se brilhante e inspirado discipulo de Platão, auxiliou a victoria da reacção, começada por Chateaubriand, Bonald e outros. — Seus elevados intuitos, precisão energica e colorido de linguagem attrahiram-lhe ao curso a mocidade enthusiasta. Tamanha popularidade assustou o governo que logo suspendeu o curso. Como pensador de primeira plana e escriptor eloquente, dedicou os forçados ocios á publicação das obras de muitos philosophos, principiando por traduzir Platão com commentarios admiraveis de raciocinio e estylo. Em 1824 viajou por Allemanha, e esteve preso em Berlim, accu-

sado injustamente de tentativas sediciosas. Ao fim de seis mezes de rigoroso carcere, sahiu proclamado innocente. Recolhido á França, deu á estampa varias obras philosophicas. Em todas sobresahia a facundia da imaginação applicada aos arduos problemas do destino humano.—É mais facil historiar as doutrinas philosophicas desenvolvidas a revezes, por M. Cousin, e com bello estylo sempre, que designar as que são d'elle. Começou por aceitar o methodo psychologico, e tendeu a reduzir toda a philosophia á modesta sciencia do espirito humano. Levado assim na corrente da philosophia allemã, expoz as doutrinas pantheistas com enthusiasmo. Ultimamente, converteu toda a philosophia na moral, esteiada na religião. Todavia, fez menos conta da philosophia que da sua historia. O seguinte fragmento dá-nos a medida do merito de V. Cousin como escriptor e philosopho, e ao mesmo tempo, agradavel lição.

2. «O christianismo, derradeira religião que resplandeceu na terra, é de todas a mais perfeita. É complemento de todas as religiões anteriores, ultimo resultado e fim de todos os movimentos religiosos do mundo. O christianismo é o aperfeiçoamento da religião. Tão de leve estudado, e tão pela rama entendido, o christianismo é o compendio dos dous grandes systemas religiosos que reinaram alternadamente no Oriente e na Grecia. Está conglobado n'elle quanto havia verdadeiro, sabio e santo no theismo oriental, no heroismo e naturalismo mythologico da Grecia e Roma. A religião de Deus feito homem, levanta a alma ao céo, em busca do seu principio absoluto, n'outro mundo, e ao mesmo tempo lhe ensina que a sua acção e dever é n'este. A religião do *Homem-Deus* realça infinitamente o valor do genero humano. É pois o genero humano o que quer que seja grandiosissimo, pois que foi eleito para receptaculo e imagem de Deus. Pelo que, no christianismo, a dignidade do homem está identificada com a santidade da religião. Eil-a pois religião humanamente humana, eminentemente social. Quereis a prova? Que deu o christianismo, e a sociedade christã? A liberdade moderna, os governos representativos. Volvei olhos para além do christianismo. Que tem produzido ha vinte seculos as outras religiões? A religião brahmanica, a musulmana, e as outras que ainda hoje vigoram, que tem dado de si? Aqui profunda abjecção, além, illimada tyrannia. Ao inverso, a Europa christã é berço da liberdade; e, se aqui me viesse de molde, mostrar-vos-hia que só o christianismo, d'onde promanam os governos representativos, podia gerar este regimen que identifica ordem e liberdade. Ao christianismo devemos tambem sciencias, artes e letras, ás quaes deu valente impulso. O christianismo é a raiz da philosophia moderna.»

COUTINHO (Ruy). (Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

COUTO (Diogo de). «O grande historiador do imperio portuguez na India, nasceu em Lisboa no anno de 1542. De mui moço entrou no serviço do infante D. Luiz, de quem seu pai era antigo familiar. Foi mandado educar nas boas letras pelo infante, com cujo filho, o celebre D. Antonio, depois prior do Crato, estudou a philosophia no mosteiro de Bemfica, onde então a ensinava o veneravel Fr. Bartholomeu dos Martyres.

«A morte do infante D. Luiz cortou em flôr as esperanças de Couto; e a de seu pai, que brevemente succedeu depois da do infante, o fez deixar na idade de 14 annos os estudos, embarcando-se para a India onde militou oito annos. Passados estes voltou a Portugal, e de Lisboa tornou a partir para a Asia, despachado em recompensa dos seus serviços. Em Gôa, no repouso da vida domestica, Diogo de Couto novamente se entregou ao estudo; e a fama do seu saber, espalhando-se pela India, soou em Portugal. Tempos tinham decorrido; e a perda de D. Sebastião em Africa collocára no throno portuguez Philippe

II. Este principe nomeou Couto chronista-mór do Estado da India, para que continuasse o que até então se tinha publicado das *Decadas* de João de Barros, isto é, as tres primeiras. Começou Diogo de Couto por escrever a historia dos successos da India desde o principio do reinado de Philippe, que assim lh'o ordenára; mas foi justamente esta parte d'aquella historia que só no fim do seculo passado se imprimiu. Depois de escrever esta decada, que é a decima, Couto escreveu a quarta, quinta, sexta, e setima, que se publicaram em sua vida. A oitava, que é propriamente um só livro, appareceu em 1673, tendo-se estampado em Pariz no anno de 1645 metade da duodecima. Um fragmento da nona foi dado á luz com as já mencionadas em 1736. Na edição de Barros e Couto publicada em volumes de 8.º no fim do seculo passado, appareceu, como dissemos, a decima decada, e uma breve relação dos successos que se deviam conter na undecima, a qual inteiramente se perdeu.

«Nas decadas o estylo de Diogo de Couto é claro e corrente. Não tem, na verdade, aquelles arrojos de genio que se encontram nas decadas de Barros, mas é por ventura mais igual do que o d'elle. Quanto á disposição da historia, averiguação dos acontecimentos, descripção dos costumes e dos lugares, leva Couto conhecida vantagem a Barros, cujos erros ás vezes emendou. A época historiada por Couto abraça o longo periodo que começa com o governo de Lopo Vaz de Sampaio, e acaba com o vice-reinado de D. Francisco da Gama, isto é, o decurso de perto de oitenta annos, em que a nossa gloria na India subiu á sua maior altura, de que já nos ultimos dias de Diogo de Couto tinha decahido.

«Esta decadencia do Estado da India moveu Couto a escrever um tratado sobre o modo de reger e conservar aquelles dominios; o qual intitulou *Soldado pratico*, e onde apontou as causas da decadencia dos portuguezes na Asia. Este livro conservou-se manuscripto por dous seculos, e só foi tirado á luz em nossos dias pela Academia das Sciencias.

«As mais obras de Diogo de Couto, que possuimos impressas, são a *Vida de D. Paulo de Lima*, capitão-mór da India, a *Relação do naufragio da nau S. Thomé* (que se encontra no tomo II da *Historia Tragico-Maritima*), e uma *Oração* recitada em Gôa a André Furtado de Mendonça, a qual de certo não é um modêlo de eloquencia.

«Muitas outras obras manuscriptas dizem deixára este celebre historiador; mas ou o tempo as consumiu, ou estão sepultadas em parte onde a ninguem são uteis.

«Couto não voltou mais á Europa depois que se estabeleceu em Gôa, e alli morreu da idade de 74 annos, em 1616.» (A. H.)

COUVE. (Veja CRUCIFERAS).

COVILHAN (Pero da). (Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES.

CREAÇÃO. 1. É o acto pelo qual todas as cousas foram tiradas do nada. O maior numero dos antigos admittia a intervenção de potencias coordenadoras dos elementos e sêres, ou então a cega fatalidade presidindo ás formações espontaneas; todavia, suppunham que os materiaes preexistiam cahoticamente, ou em particulas atomicas e elementos dispersos e desordenados desde toda a eternidade. Quadrava-lhes melhor attribuir a esses materiaes, brutos e informes, instincto organisador — uma especie de alma idonea a constituir-se per si mesma ao sabor das circumstancias, como hervas e insectos que parecem nascer espontaneamente nos campos; — preferiam este absurdo a recorrer originalmente á suprema intelligencia, áquella ineffavel sabedoria que resplandece em todas as correlações da formação dos sêres, com incomprehensivel previdencia. — Quer o universo haja sahido do nada, ou a materia seja eterna e coexistente com o poder que a modificou; quer, conforme Spinosa e ou-

tros materialistas, só exista um poder, um *Deus-materia* constituindo o *pan*, o grande-todo; — que tão profundas e escuras hypotheses, abysmos de abstrusas metaphysicas, sejam admittidas ou rejeitadas — seja como fôr — a observação e estudo dos factos naturaes não tem nada que vêr com essas conjecturas. Se é natural do homem querer-se levantar até á origem do mundo que habita, examinar-lhe as partes componentes, estudar-lhe as leis reguladoras, taes pesquizas, bem que não sejam vans, pouco lhe prosperam. «Deus — diz o *Ecclesiastes* — deixou o mundo ás vossas disputas.» Trabalhe, pois, o homem não para estatuir systemas, nem crear-se, digamos assim, um *mundo a seu geito*, mas para entre-adivinhar o segredo do Creador; porque o mundo de construcção sua nunca será de tal excellencia que os que vierem depois se dispensem de crear outro a seu talante. Refere-nos Moysés a origem do mundo por maneira talvez pouco scientifica; mas sem offender as leis da natureza e os dados da experiencia. Um só principio, Deus, que a todo ser deu vida, e dispoz as partes todas de sua obra em ordem a um fim commum — eis aqui o systema de Moysés.

2. «Quando a sciencia humana decompõe a creação para lhe devassar o segredo, é certo que nol-a torna mais ao alcance da nossa pobre intelligencia; porém, n'esse quadro em que a obra de Deus é, digamol-o assim, recomposta á nossa imagem, a phantasia como que se refugia saudosa na extensão infinita, n'essa magestosa obscuridade da traça original.» (H. Patin). — «Os povos e philosophos, crentes de que a terra, misturada com agua e actuada pelo calor do sol, se tinha produzido por si mesma, com sua propria fecundidade, e plantas e animaes, illudiram-se rudemente. A Escriptura adverte-nos de que os elementos são estereis, se a palavra de Deus os não fecunda. Terra, ar e agua não teriam os animaes e plantas que tem, se Deus não houvesse para isso preparado a materia e a não formasse com a sua vontade omnipotente, dando a cada ser as sementes proprias á sua propagação pelos seculos fóra. Os que attribuem ao sol o nascer e crescer das plantas, podem dar ao sol o predicado de creador; mas a Escriptura mostra-nos a terra vestida de plantas antes que o sol fosse creado, para que bem nos compenetremos que de Deus sómente depende tudo. Em fim, a narrativa da creação, qual Moysés a deu, desvela-nos o grande mysterio da verdadeira philosophia: e é que só em Deus existe a fecundidade e o poder absoluto; e, se, segundo a ordem natural, uma cousa depende de outra, por exemplo, o nascer e crescer das plantas do calor solar, é porque o mesmo Senhor que formou as partes todas do universo, quiz ligal-as entre si, e ostentar sua omnipotencia n'essa maravilhosa concatenação. Tudo, porém, que a Sagrada Escriptura nos revela ácerca da creação do universo, pouco é em comparação do que ella nos diz da creação do homem.» (Bossuet). — «Podem os céos, diz o psalmista, proclamar altamente a gloria de Deus, o dia annuncial-o ao dia, os passaros louvarem-no em trinados; mas, na multidão de tantas creaturas, uma só é capaz de abençoar o seu Creador, uma só foi dotada com o dom de o amar.» Deus não põe o preceito: como que reflexiona em recolhimento: denuncia-se n'esta introversão o apparecimento da sua obra prima. «Façamos o homem á nossa imagem e semelhança.» E é verdade que sentimos em nós o que quer que seja divino: sentimos que vivemos, comprehendemos que pensamos, sentimos o sentir do amor: todos os attributos da divindade nos reverberam na alma. Pedimos d'isto explicação á philosophia. Só Moysés nos responde: «Nós somos imagem de Deus.» Porém, se soberbos com tal titulo, sentimos o impar da arrogancia, não esqueçamos que somos um pouco de lodo bafejado por divino halito. — Um só homem, origem de todos; uma só mulher, parte d'elle mesmo, para lhe aquinhoar dos trabalhos, divertir-lhe os tedios e cor-

responder-lhe em affecto — é theoria do berço da sociedade mais consoladora que outra que vai esquadrinhar no cabello e côr do negro motivos para desatar os laços da familia universal. (Veja ADÃO, RAÇAS, MYTHOLOGIA).

Leia-se, exponha-se ou faça-se redigir esta lição.

CRECHE. «É uma palavra franceza, que talvez pouco se accommoda á indole da nossa lingua, mas que é difficil substituir por outra, que exprima o que ella exprime depois que a caridade a adoptou para significar uma das suas mais bellas obras.

«Mr. Marbeau foi o fundador da creche em 1844. O seu fim principal, como elle mesmo disse, era procurar aos meninos um ar puro, alimento são, apropriado á sua idade, uma temperatura conveniente, a limpeza, os cuidados assiduos, dar ás mães a liberdade do seu tempo, dos seus braços, e fazer com que se podesse entregar ao trabalho sem estorvos e sem inquietação.

«O seu primeiro ensaio foi o de doze berços na rua de Chaillot em Pariz, a 14 de novembro do referido anno. Só dez d'estes berços estiveram occupados os primeiros seis mezes, e a despeza foi mui pequena, porque a alimentação das crianças é baratissima.

«Á semelhança d'aquella, outras creches se foram estabelecendo; e a de S. Philippe de Roule passou a ser considerada a creche modêlo. O seu pessoal administrativo era composto de um *comité* superior de homens, que se occupava dos interesses geraes, das receitas e das despezas; e de outro, composto de senhoras, as quaes de entre si elegiam uma presidente, uma vice-presidente, secretaria e thesoureira.

«Todos os dias havia na creche uma visita official de senhoras, e outra de medicos, que a este serviço gratuitamente se offereciam.

«As mulheres encarregadas do serviço interior ganhavam um franco e quatro centesimos por dia, e eram vestidas de uma maneira decente e uniforme, á custa da creche.

«Ellas abriam-na ao romper a manhã, fechavam-na á entrada da noite. Eram obrigadas a conserval-a sempre limpa, a lavar, a vestir as crianças, a preparar-lhes a comida, a ministrar-lhes os remedios, e até, quando era necessario, a lavar-lhes e a enxugar-lhes as roupas.

«A despeza ordinaria de uma creche, de vinte a quarenta meninos, não excedia a quarenta e cinco centesimos por dia, para cada menino. Para ella, concorria cada uma das mães com vinte centesimos diarios; o que diminuia consideravelmente a que necessitavam de fazer os bemfeitores.

«E aquella quantia chegava para o aluguer da casa, para o salario das empregadas, para a luz e fogo, lavagem de roupas, sustento dos meninos, medicamentos, e outros gastos miudos. Não se póde fazer o bem a menos custo.

«As mães eram sujeitas áquella retribuição por dous motivos: o de se não envergonharem algumas mães, recebendo como esmola o tratamento de seus filhos. Ellas, no intervallo de seus trabalhos, podiam ir vel-os, e até amamental-os quando estavam em idade d'isso.

«Á medida que a utilidade das creches se foi conhecendo, ellas se foram multiplicando pelas cidades e povoações principaes da França. Os dias, em que muitas d'ellas se abriam e se benziam, eram dias de festa para os concorrentes. As casas ornavam-se de uma immensa profusão de flôres. Appareciam excellentes pinturas analogas; e o espectaculo dos meninos, passando dos braços de suas mães naturaes para os braços da caridade, fazia verter muitas lagrimas de consolação e de ternura.

«Os salões da creche continham alguns outros objectos, mas principalmente berços: o que bem denotava a idade para a recepção das crianças, que deviam ser filhas de mulheres casadas e honestas, e não ter alguma molestia contagiosa. As que não eram vaccinadas, faziam-se vaccinar antes

de tudo, fóra ainda do estabelecimento.

«Ha factos notaveis relativamente ao objecto das creches, e eu apenas referirei o seguinte: As pobres mulheres de Montmartre pediram instantemente uma creche, onde depozessem seus filhos quando fossem para os seus trabalhos, e ninguem, dos que mais podiam valer-lhes, pareceu ouvil-as. Então as irmãs da caridade tomaram a resolução de abrir uma; porém, que meios tinham ellas para isso? Arranjaram alguns berços, retalharam os lençoes das suas camas, as suas coberturas, alguns dos seus vestidos, para guarnecerem aquelles berços, e encarregaram-se de todo o serviço. E tal foi o principio da creche n.º 25 do departamento do Sena.

«Em 1846 formou-se uma sociedade com o titulo de sociedade geral das creches, a qual procurou centralisar os esforços isolados, dar um mais vivo impulso, um maior desenvolvimento a tão util instituição; e ao caritativo author do livro—*Das creches*—adjudicou a academia franceza, pelos fundos de Montion, um premio de tres mil francos.

«Entretanto não se pense que o pensamento feliz de mr. Marbeau deixou de ter contradictores. Mr. de Cormenin foi talvez o maior que elle teve. Queria que se desse ás mães em suas casas o que se houvesse de gastar com as creches; como se o systema das creches fosse apenas um systema de sustentar a vida, de matar a fome das crianças, e não um recurso eminentemente hygienico e moralisador.

«Mr. Marbeau respondeu-lhe victoriosamente. Dar ás mães, lhe replicou elle, o que deve despender-se com seus filhinhos, importa o mesmo que dizer que, em lugar de se dar ás mães a liberdade do seu tempo e dos seus braços, se lhes dá a occasião de ficarem sem trabalhar. Eu prefiro o trabalho que moralisa á ociosidade mendiga que desmoralisa. Eu penso que a mãi que trabalha, e que desembolsa uma pequena retribuição pelo beneficio que seu filho recebe, se conduz melhor e mais o ama que aquella que se costuma a não fazer nada. O que distingue a caridade intelligente da esmola vulgar, é que uma com pouco faz muito bem, e que a outra com pouco não faz senão pouco bem, ou talvez mal: uma multiplica o pão, a outra o desperdiça, ou talvez o envenena.

«Ia quasi finalisando o anno de 1852 sem que no nosso Portugal houvesse uma só creche, quando á cidade do Porto chegou o snr. João Vicente Martins, na volta da sua viagem do Brazil á Europa. Elle sentiu não vêr em Portugal o que vinha consolado de vêr em outras terras que havia percorrido, e estabeleceu á sua custa, por um anno, uma creche de vinte berços no largo da Trindade.

«O dia da sua abertura foi de grande concorrencia n'aquelle sitio, e o acto da benção, pelo abbade respectivo, de grande edificação. Não havia ainda meninos; mas de tudo quanto podia concorrer para as suas commodidades não tinha esquecido nada áquelle caritativo fundador.

«Não faltou, porém, quem começasse logo a dizer que uma tal instituição se não chegaria a acclimar no Porto; que a improvisada creche ficaria deserta; que não haveria mães que lhe confiassem seus filhos; mas a experiencia não tardou a desmentir os detractores. Ahi estão os berços todos occupados, e mais o estariam, se mais elles fossem

«É de esperar que, passado algum tempo, uma segunda se abra. Já começam a haver donativos para ella, e já um jornal scientifico se está publicando com o destino de auxilial-a com o seu liquido producto. E porque se não abrirão em Lisboa, e em outras partes, tantas quantas forem necessarias?

«Não ha uma instituição nem mais util, nem mais barata. Para a estabelecer e a sustentar não é preciso nem que o pobre se torne mais pobre, nem que o rico empobreça. Pequenas esmolas, de que os pobres mesmo são capazes sem se incommodarem, dão pelo seu numero grandes

resultados, quando a verdadeira caridade as solicíta; mas os ricos que são elles senão depositarios das riquezas, e com que se desculparão quando se lhes pedirem contas do uso que d'ellas tiverem feito?

«Com o que se gasta n'um esplendido jantar, ou n'um baile magnifico, se poderia fundar e sustentar uma creche. E que differença? O que dá esse baile ou esse jantar expõe-se a trabalhos, a despezas, a censuras, a desgostos, talvez a remorsos; e o que applica o seu dinheiro para o objecto de que se trata, além da recompensa que o espera na eternidade, recebe já n'este mundo uma grande retribuição. Que satisfação não será a sua, ao entrar n'um salão cheio de meninos, uns dormindo o somno da innocencia, outros brincando, outros até rindo-se para elle, se elle então podér com verdade dizer: «Este espectaculo encantador é obra minha?» (J. J. Rodrigues de Bastos).

CRESCIMENTO. «Entende-se por esta palavra o augmento da altura e do volume do corpo. O crescimento é tanto mais rapido, quanto mais joven é o individuo. Na idade de 3 a 4 annos a criança tem chegado quasi á metade da altura que deve ter no fim do crescimento. A estatura humana offerece differenças conforme os climas: no Rio de Janeiro, a criança que nasce tem 18 pollegadas de comprimento, pouco mais ou menos; o homem chega a ter 5 pés e mais. O crescimento não segue sempre as regras constantemente progressivas; isto é, o corpo não augmenta n'uma proporção sempre constante para um espaço de tempo determinado; assim observa-se n'um grande numero de pessoas variações grandes, e quasi sempre inesperadas; tal criança, que cresceu com rapidez nos primeiros annos, vê depois esse progresso interrompido ou demorado, por mais ou menos tempo, proseguindo depois, com força e energia ou continuando sempre no mesmo estado de fraqueza, até á época em que cessa esta funcção. Aos 18 ou 20 annos, cessa o crescimento em altura; para alguns individuos termina mais cedo, raras vezes se prolonga mais tempo. O Dr. Hamberger publicou uma tabella em que estabelece a proporção do crescimento para os diversos periodos da mocidade, *de uma maneira geral*. Observou que, de dezoito mezes a quatro annos e meio, a criança cresce um pouco mais de quatro pollegadas por anno; que, de quatro annos e meio a treze annos, o crescimento é de vinte linhas, termo medio, n'um anno; que, de treze a dezoito annos, esta quantidade é só de oito linhas (dous terços de uma pollegada). Quando o crescimento é rapido, manifesta-se frequentemente nas crianças um estado passageiro de molestia, caracterisado por febre e dôres articulares: o repouso na cama é o unico meio que se deve empregar para combater este incommodo, que é melhor abandonar a si proprio, se não se complicar com symptomas mais graves. Muitas molestias da infancia attribuem-se ao crescimento, e logo que a criança tem febre, decidem muitas pessoas que é porque está crescendo: ha certamente exageração relativamente a este motivo em muitos casos, e sobretudo quando se attribuem ao crescimento as inchações das glandulas que se observam no pescoço, nas virilhas, sobacos, e que procedem da fraqueza da constituição, que se deve combater com banhos frios, exercicio, vinho e medicamentos tonicos. A rapidez do crescimento predispõe ás vezes ao desvio do espinhaço e á tysica: cumpre combater estas molestias logo que apparecem os seus primeiros symptomas; o tratamento consiste em gymnastica, passeios a cavallo, nadar e outros exercicios ao ar livre; regimen composto principalmente de carnes, vinho, preparações de ferro, infusão de lupulo.» (Chernoviz).

CRIADO. «Tende os vossos criados em conta de amigos desgraçados.» (Mably). — «É cruel o coração do homem que trata desabridamente quem se assoldadou a lhe fazer a von-

tade!» (Saint-Lambert). — «Sê digno e sereno nas reprehensões que deres a teus criados: póde mais com elles a serenidade que o arrebatamento.» (Lady Pennington). — «Quando entramos em palestras familiares com nossos criados sobre cousas alheias de suas obrigações, e lhes soffremos alvitres sobre os nossos negocios, damos azo a que nossos filhos os considerem oraculos de sabedoria. Occasionamos assim que os meninos lhes prestem attenção ao palavriado, e abrimos entrada a más consequencias. Convém saibam nossos filhos que temos os creados em conta de uteis auxiliares no serviço interno da familia, mas sem lhes darmos categoria de conselheiros ou camaradas.» (Hamilton, *Cartas ácerca da educação*, c. IV).

CRIANÇA. A criança, que principia a viver chorando, e fragil e timida prosegue o trilho da vida, carece, desde o nascimento, de consolação e soccorro; senão, a morte sobrevirá immediata. São-lhe precisos ternissimos cuidados para chegar a adulto: tão necessario lhe é o soccorro da religião como o da familia. Desde o berço, carece de repressão; e á mãi incumbe suavemente reduzir a criança já rebelde e tão fraquinha; corresponde-lhe o filho com o seu primeiro sorrir, expressivo de gratidão. A infancia, assim como é objecto de desvelos, devia-o ser tambem de estudo, porque no berço se está denunciando o mysterio do homem. Os povos antigos profanavam e sacrificavam a infancia; mas os costumes christãos purificaram-na, pois que o christianismo a vela desde o berço com beneficios e lições. — «Deixai que os meninos se acerquem de mim» — disse o Salvador. — É importantissima educação a dá criança. Já então entreluz a indole, e facil é então formar-lh'a. Não accelereis, porém, os primeiros esforços do menino em estudos, porque a precocidade, até ao talento, é funesta. Deixai-o o mais tempo que ser possa na sua ingenuidade e candura; mas cuidado que esta candura, por indiscreta educação, se não converta em *mimalhice*. Disponham-no com cedo á polidez, ás virtudes reaes, e mórmente á bondade, que é o melhor adresse da vida. A criança tem admiravel disposição a receber impressões benevolas; mas é mister inspirar-lh'as, senão o pendor da natureza para o mal poderia resvalal-o. (Veja BENEVOLENCIA). — O recem-nascido não tem vista, nem audição, nem idéa, nem palavra: é o instincto que o dirige. Entre dous e quatro dias depois do nascimento, abre os olhos, e a primeira impressão que recebe tem sido, ás vezes, causa bastante a desviar o eixo visual, por modo que o estrabismo se fórma e fica por toda a vida. Aos dous mezes esvoaçam-lhe nos labios alguns sorrisos de reconhecimento: é o alvorecer da intelligencia. Dos quatro aos sete mezes apparecem os primeiros dentes incisivos, especie de prognostico de que o leite maternal vai volvendo insufficiente a alimentação. Vem depois o tacto. Dos seis aos doze mezes, a criança passa as mãosinhas por sobre tudo, á imitação dos cegos: é indicio de curiosidade e preludio de discernimento; — memoria e curiosidade vem a um tempo. Depois que viu e apalpou as cousas, a criança esforça-se por lhes dar nome, e observal-as cada uma em separado. N'esta época em que o menino já imita, convém evitar exemplos de maus habitos. A imitação, desde a primeira infancia, influe grandemente nos actos da sequente vida: gestos, gatimenhos, caretas, a criança remeda tudo que vê; por isso Quintiliano punha todo esmero na escolha da ama e dos primeiros mocinhos que brincavam com a criança.

2. «Cuidemos em conhecer, primeiro que tudo, o ente sobre quem havemos de influir como mestres. Não nos mettamos a caminho com a idéa seductora, mas inexacta, de que o coração da criança é todo amor e candura, e que o menino, resguardado das ruins influições do mal, amará espontaneamente o bom e o

bello, e que a alma infantil é pagina candidissima em que escreveremos tudo que bem quizermos. Amarga e completa nos seria a logração se tanto confiassemos! Convençamo-nos de que o mal e o desatino está embryonario em todo coração humano, sem excepção das crianças. Presupposto isto, regulemos o plano e as esperanças.» (Horner, *Manual das escólas normaes*). — «Não tratemos de resto o poder do *costume*, que Aristoteles chama *segunda natureza*.»

CROCODILO. (Veja MADAGASCAR e REPTIS).

CRONSTADT. (Veja RUSSIA).

CRUCIFERAS. Muitas especies de couve são empregadas como alimento. As principaes são: COUVE DAS HORTAS REDONDA E FECHADA ou REPOLHO. *Brassica oleracea capitata*, Linneo. É a especie mais productiva, e mais frequentemente empregada. Cultiva-se nas hortas do Brazil e de Portugal. Este legume, bem cosido, é um alimento mui salubre, sobretudo quando só se empregam seus dous terços internos. O repolho crú é duro, de cheiro pouco agradavel, ás vezes almiscarado, cheiro que se manifesta apenas se começa a coser, e que infecciona a cosinha; mas que diminue com a fervura; e o repolho é então mui saboroso e nutriente, sobretudo quando é cosido com a carne. Cinco horas de fervura são apenas sufficientes para fazer do repolho um alimento são e substancial. E' aconselhado ás pessoas que padecem do peito. É com esta especie que na Allemanha e no norte da Europa se prepara o repolho salgado. *Repolho salgado* (*Choucroûte*, em francez). Esta comida prepara-se pondo alternadamente uma camada de repolho cortado em laminas pequenas, uma de sal, e um pouco de alcaravia ou de zimbro; produz-se uma especie de fermentação acida; uma agua fetida corre pela torneira do barril em que se fez essa mistura. É preciso limpar a parte superior do barril, e cada quinze dias deitar agua fria até que corra limpa. Conserva-se o repolho n'um barril bem fechado, e coberto de sal. Este repolho come-se cosido com carne de porco ou de vacca; é um alimento mui nutriente. N'esta especie encontra-se o *repolho roxo*, empregado em pharmacia para fazer um xarope que se chama de *repolho roxo*, e se administra na bronchite. — COUVE VERDE CRESPA ou COUVE DE MILÃO ou DE SABOIA. *Brassica oleracea bullata*. As folhas novas são cerradas na base, e abertas e crespas em cima. A couve de Bruxellas entra n'esta categoria. N'esta, desenvolvem-se ao longo do talo e dos ramos pequenas cabeças, cujas folhas chegadas umas ás outras, constituem uma comida muito delicada. — COUVE VERDE GALLEGA. Suas folhas são apartadas umas das outras e não reunidas em cabeça; são menos tenras do que as das outras variedades. Esta especie cultiva-se só para o sustento dos animaes. COUVE RÁBÃO. *Brassica oleracea caulo-rapa*. N'esta variedade, o talo incha e fórma uma especie de cabeça arredondada e carnosa; esta cabeça é a parte que serve de alimento ao homem, as folhas são proporcionalmente menos carnosas que nas outras variedades. Prepara-se este alimento como os nabos, a que se assemelha pelo gosto. A couve rábão é mais tenra nos climas frios do que nos quentes, onde tende a tornar-se lenhosa. — COUVE-NABO. *Brassica campestris napo-brassica*. N'esta variedade, a raiz torna-se inchada perto do collo, tuberosa, quasi redonda. Distingue-se do verdadeiro nabo, por ter a polpa mais firme, a pelle mais dura e mais espessa, e por ter o sabor da couve. — COUVE-FLOR. *Brassica oleracea botrytis*. Uma cabeça de couve-flôr compõe-se de pedunculos floraes, cujos botões se reunem e formam esta superficie branca e convexa que constitue a porção principal da cabeça. Deixando-se crescer, esta cabeça alonga-se, divide-se, ramifica-se, e produz flores e fructos como as outras couves. De to-

das as variedades da couve, esta é a mais facil de digerir.» (Chernoviz).

CRUZ. 1. É antiquissimo o supplicio da cruz. Usaram-o egypcios, carthaginezes e gregos. Attribue-se a Tarquinio Soberbo a introducção do supplicio da cruz em Roma, não porque haja sido elle quem primeiro decretou semelhante morte; mas porque ordenou que as sentenças de pena ultima fossem executadas d'aquelle modo. Era pena infamante, que em geral só aos escravos se applicava. Entretanto, eram tambem sacrificados alguns grandes criminosos, principalmente assassinos, salteadores, falsarios e conspiradores. Quando crucificavam christãos, não os condemnavam por opiniões religiosas, mas sim como sediciosos, e perturbadores violentos do culto publico. Depois que se reduziu á fé, Constantino defendeu, em respeito a Jesus Christo, que se infligisse aos criminosos o supplicio da cruz. — Em 642, o imperador Heraclius levou sobre seus hombros a cruz de Jesus Christo, ao ponto do Calvario d'onde fôra levada quatorze annos antes por Khosroès II, rei da Persia, quando tomou Jerusalem, sob o reinado do imperador Phocas. Tal é a origem da festa da *Exaltação da Santa Cruz*. — «Quando eu fôr exaltado, attrahirei tudo a mim... Quando exaltardes o filho do Homem, então sabereis quem sou.» (S. João, cap XII e VIII). — Santa Helena, mãi de Constantino, peregrinando a Jerusalem, descobriu, conforme alguns authores, a cruz de Jesus Christo, enterrada ao pé do Calvario. Diz Theodoreto que se encontraram trez cruzes, e para estremar a de Jesus se operára um milagre: collocou-se um cadaver sobre duas d'aquellas cruzes sem resultado algum; logo, porém, que passaram o morto para a terceira, resuscitou. Com tal signal reconheceram a de Jesus. Em commemoração d'este facto celébra a igreja a 3 de maio a *Invenção da Cruz*.

2. «A cruz é o lábaro do Homem-Deus. O christão, que a foge, é como o soldado que deserta de sua bandeira.» (Fénelon). — A cruz é a vontade de Deus Padre; com ella tudo se explica; sem ella é tudo escuridão. «Tudo que se passa n'este mundo tende a um fim: a exaltação do Altissimo pela cruz, a salvação do Homem pela cruz.» (S. João Chrysostomo). — «Arvorada foi a cruz para que á volta d'ella se agrupassem todas as enfermidades.» (A. Girand). — «Quem ha ahi que se peje de vestir andrajos de indigencia e miseria, quando um Deus se dignou immortalisar a cruz, e constituil-a sceptro do mundo?» (M.me Tarbé). — «Plantemos a cruz no alto das nossas montanhas, pois que é ella a suprema consolação da virtude, o freio do crime, e derradeira esperança da ordem publica expirante... A cruz é a luz, a força, a consolação do christão. Homens afflictos, convisinhai da cruz, estreitai-a ao peito, contemplai-a sequer; tomai-a como companheira de vossas angustias, hasteai-a no chão onde verteis lagrimas, aconchegai-a do corpo abatido, apertai-a ao coração dilacerado. Celestial orvalho vos coará refrigerio na alma, divina uncção vos reanimará, as dôres vos serão toleraveis, as desgraças dar-vos-hão doçura e delicias, porque vos sentireis mais perto, mais amigos de Deus, que quiz amargurar na cruz vossas enfermidades e quebrantos.» (De Quélen).

Exponha-se e tome-se resumida a primeira lição. — Dicte-se, e mande-se tomar de cór a segunda.

CRUZ (Fr. Bernardo da). Franciscano da Terceira ordem, capellão mór da armada d'el-rei D. Sebastião, a quem acompanhou na jornada d'Africa. Escreveu a chronica d'aquelle rei, que os snrs. Alexandre Herculano e Antonio da Costa Paiva (barão do Castello de Paiva) publicaram em 1837. O snr. Alexandre Herculano ajuiza assim do chronista cujo livre editou: — «Como historiador, fr. Bernardo da Cruz tem meritos e defeitos, quanto nos é licito julgar pelas copias que da sua obra nos restam. Em nosso entender o plano do livro foi bem tra-

çado. O reinado de D. Sebastião é notavel por um facto unico — a perda em Africa — á roda do qual só apparecem mesquinhos enredos de côrte, traições de conselheiros vendidos, e loucuras de mancebos. A duas nações pertence aquelle tremendo facto, que influiu, quasi exclusivamente, na futura sorte de Africa e Portugal. Era pois para o esclarecer, para o mostrar a todas as luzes possiveis, que se deviam reunir noticias, e o historiador o alcançou, fazendo caminhar os annaes de Berberia a par dos annaes portuguezes. Para aquelles precisava de consultar as historias berberescas, e d'aqui podemos inferir que era versado no arabe; mas d'essa leitura, que necessariamente teve, nasceu talvez o seu maior defeito — o luxo demasiado do estylo, e as repetições ociosas, em que quasi sempre abunda.»

CRUZ E SILVA (Antonio Diniz da). Nasceu em Lisboa a 4 de julho de 1731, e morreu no Rio de Janeiro em 1799 ou principio de 1800. Seguiu a carreira da magistratura até chanceller da Relação do Rio de Janeiro. Foi notabilissimo poeta, e discipulo dos melhores mestres da lingua portugueza. São hoje quasi esquecidos os seis tomos das suas poesias lyricas, e da mesma ingratidão soffrem as «Odes pyndaricas» escriptas com grande estro e no mais remontado tom de enthusiasmo nacional. Alli se nos deparam os nomes mais heroicos, por bravura e honra, dos fastos portuguezes. O livro que ainda se lê com prazer e admiração é o *Hyssope*, poema heroe-comico do qual escreve Almeida Garrett: «O mais perfeito poema de seu genero que ainda se compoz em lingua nenhuma.» O mais cabal juizo que ainda vimos escripto ácerca de Antonio Diniz da Cruz e Silva é o de Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, fallecido no desterro em 1826, o qual juizo foi trasladado pelo snr. Innocencio da Silva no seu *Diccionario bibliographico*, tom. I, pag. 125. E' o seguinte:

«E' este na verdade um dos nossos mais sublimes poetas lyricos, e do qual com justiça se tem erguido um grande brado, posto que não (segundo entendo) pelo motivo que geralmente se aponta, isto é, por ser elle o nosso Pindaro: ou, o que o mesmo vale, por ser elle um optimo imitador de Pindaro: cuido que bem pouco tem d'isso. Nas odes de Pindaro vemos constantemente alliada a poesia com a philosophia, e falta esta nas de Antonio Diniz: em Pindaro ha muita poesia descriptiva, em Diniz quasi nenhuma: Pindaro em quasi todas as suas odes tem grandes e mui variadas digressões; as que achamos em Antonio Diniz são todas historicas, e em historia foi elle na verdade um dos nossos poetas mais sabedores: em Pindaro ha muitas e excellentes comparações allegoricas, e prosopopéas, e muitas atrevidas e felicissimas metaphoras; e eis aqui no que elle é imitado por A. Diniz; advertindo porém que a pluralidade das metaphoras que tomou de emprestimo, foram tomadas não de Pindaro, mas sim de Chiabrera um dos melhores lyricos italianos: o que não obstante deve notar-se que de todos estes magnificos adornos da lyrica poesia, alguns ha a que Diniz póde chamar propriamente seus, já por serem de sua propria invenção, e já porque tão feliz e artificiosamente os revestiu e trajou, que ao todo parecem novos. O estylo é uma das, em Pindaro, mais avantajadas condições, nem de outro sabemos que mais o tenha sublime, e sustentado, nem de mais perfeita harmonia metrica; na primeira parte o imita Diniz, posto que com muitas e grandes desigualdades, e mal na segunda se lhe poderá comparar, por ser elle d'entre nossos bons modernos o mais frouxo e descuidado metrificador, e cheio de muitos e rigorosos prosaismos: dir-se-ha porém, e de justiça é que se diga, serem todos esses defeitos como pequenas manchas em mui soberbos quadros; pois quando a phantasia de Antonio Diniz é assaltada pela fogosa torrente de estro, que tantas vezes a inflammou, a sua expressão é não sómente pura, propria, e energica, senão que é ardente e impetuosa, e arrebata comsigo a alma de seus leitores: mas não era elle dota-

do de tão creadora imaginação como incendiada phantasia: sabia bem engrandecer os objectos que encarava, raro porém creava outros com que estes embellecesse; e eis aqui o porque as suas odes são, pela maior parte, batidas de baixo do mesmo cunho: verdade é que a uniformidade dos assumptos devia, na expressão de sua grandeza, produzir alguma monotonia, mas nem tanta que o artificio de todas as odes fosse, como é em Diniz, fundado na comparação e parallelo de cada um dos nossos heroes com algum outro da mais famosa antiguidade. Por certo que os nobres feitos dos portuguezes na India tiveram bem mais grandeza e variedade do que os solemnes jogos da Grecia, e sobre elles soube Pindaro diversificar as suas tão estimadas odes. Finalmente confrontem-se as odes de Diniz com as de Pindaro, e com as de Chiabrera, e aqui e alli semeadas se lhe acharão as imitações do primeiro, quando aliás o segundo se achará quasi a cada pagina imitado: e ainda isso, quanto a mim com esta differença: Chiabrera tem mais philosophia e mais variedade, porém não mais alteza nos pensamentos, mais arrojo nas figuras, nem mais riqueza e magestade na dicção: as suas odes heroicas são quasi todas vulcanicas, porém as suas explosões não são mais violentas, e os vôos de Diniz são quasi sempre mais sustentados! Talvez poderia dizer-se que as odes de Chiabrera são ardentes e brilhantissimos phosphoros, e as de Antonio Diniz fulgorosos e bem caudatos cometas: mas Pindaro é um astro de luz propria; e será Diniz um seu grande imitador? Não, nem ainda o nosso Pindaro, porque temos outro maior do que elle, que é Francisco Manoel: este sim, que é harmonioso, energico, sublime, rapido, arrojado, impetuoso, e mil vezes original; nenhum tem elle que lhe seja superior. Que importa o não fazer, como Diniz, a divisão (para nós chimerica) de suas odes por strophes, antistrophes, e epodos? Além de que, por essa lhe faltar egualmente, negar-se-ha por ventura que tenha Horacio algumas odes tão sublimes como as de Pindaro? pois ainda mais tem Francisco Manoel. — E como appellidaremos então Diniz? Como um grande poeta, que entre nós abriu em lyrica uma nova e magnifica estrada, pela qual se teem perdido quasi todos os seus seguidores. Mas nem só foi elle excellente nas suas odes pindaricas, e alta prova é de seu muito engenho que d'aquellas odes sublimes em que anda quasi sempre topetando com os astros, descesse ás composições eroticas, e por tal arte soubesse amoldar o estylo, e apropriar a expressão, que pela maior parte sejam as suas *Odes anacreonticas* umas das melhores cousas que n'esse genero possuimos. Porém a natureza que em nenhum sentido deixa illimitado o humano poder, não deu a Antonio Diniz tão amplas as faculdades do estro, que fosse capaz de escrever ao modo de Horacio: e proviria isto sómente de seu engenho? não, eu cuido que tambem da sua lição foi procedido. Diniz era muito erudito legista, historiador e philologo, mas não philosopho, e isto lhe faltou para compôr boas odes horacianas. Inda bem, visto serem tão ruins, que poucas foram as que n'esse genero nos deixou, já que é fado dos authores celebres que nas posthumas edições de suas obras se estampem quantas frioleiras em má hora compozeram. Pouco valem as suas outras composições, á excepção de alguns poucos *Sonetos*, alguns *Idyllios* e quasi todos os *Dithyrambos*: e se estes são bons, é optimo o seu *Hyssope*, sendo esse não sómente o nosso melhor poema heroe-comico, porém de tantas bellezas enriquecido, que bem póde competir com os melhores das outras nações. Quanto ás suas *Metamorphoses*, para tudo lhes faltar até lhes falta o metro, parecendo pela maior parte, que antes são escriptas em prosa arrevezada, que em versos endecasyllabos.»

Ao proposito do *Hyssope* conta o finado escriptor Luiz Augusto Rebello da Silva, no *Panorama* de 1855, com inexcedivel graça e talento um conflicto que ao mesmo tempo revela o caracter do marquez de Pombal, o do

bispo de Elvas e o do poeta, então juiz de fóra do Castello de Vide:

«O deão da igreja de Elvas, José Carlos Lara, depois de ter vindo offerecer o bento hyssope ao bispo D. Lourenço de Lencastre, á porta da casa do cabido, arrependeu-se, e esbulhou o prelado d'este feudo reverente, esfriando a amizade que os ligava.

«D. Lourenço não supportou de bom grado a suspensão da honraria canonical, e tomando-a por affronta, machinou com alguns parciaes obrigar o Lara a continuar-lhe o obsequio, reputado já por elle como de posse episcopal.

«Fulminou-se entre todos um accordão, e sob pena de pesada multa foi o deão compellido a obedecer ao orgulho do seu pastor; e debalde appellou da injusta decisão, porque não foi provido, e só nos dias de seu successor e sobrinho Ignacio Joaquim Alberto de Mattos é que o abuso teve termo.

«Elpino aproveitou-se habilmente da teia, que se lhe offerecia; e o seu pincel, correndo por ella solto, deu a immortalidade do ridiculo, não só aos dous contendores, mas a diversas figuras secundarias, que de boa mente a dispensariam.

«É de suppôr que o poeta recatasse a obra, e a escondesse dos olhos das victimas, que, assim retratadas do natural, não deviam perdoar a injuria; mas tambem não póde negar-se, que os versos foram lidos a alguns intimos, que as copias se divulgaram, e que o vaidoso prelado, e os zurzidos accessores penaram algumas horas pessimas, lendo ou ouvindo lêr, os cantos d'aquelle fatal libello, ao qual o chiste, a invenção, e a belleza asseguravam longo e perpetuo applauso.

«Imagine-se o effeito d'esta revelação com o caracter do bispo, vasio de idéas, abafado em gordura, e empavonado em fidalguias e vaidades pueris!

«Algum bom anjo o salvou da apoplexia fulminante!

«Irado e convulso jurou alli mesmo renovar contra o Diniz a perseguição, com que humilhára o Lara; mas d'esta vez a tarefa tornava-se mais ardua, porque os accordãos do cabido cahiriam aos pés do malicioso auditor, imbelles, quaes raios frios.

«Para a vingança corresponder ao ultrage, o meio unico era accusar o magistrado perante a côrte, e punil-o com uma demissão repentina, que lhe cortasse a carreira por uma vez.

«Não ha almas tão ferinas como as almas dos devotos, Boileau o disse, e a experiencia o confirma! Impando de odio, sua exc.ª ordenou que as anafadas mulas episcopaes fossem jungidas á carruagem de brazão, e com o maior segredo ácerca do objecto da jornada poz-se a caminho para Lisboa.

«Teve o Diniz algum rebate da cilada, ou descuidado viu accumular a tormenta sem a perceber? Ignora-se.

«O que é certo é que o bispo apenas chegou á capital, e beijou a mão a el-rei, procurou immediatamente o marquez de Pombal, e em uma audiencia secreta, que lhe requereu, expoz as razões da sua queixa, exagerando a offensa, e regalando o delinquente com os epithetos de plebeu atrevido, de impio desaforado, e outros mil, que o odio e a sua curta capacidade lhe inspiravam.

«Sebastião José de Carvalho, que vemos de longe através dos patibulos da praça de Belem, e dos rigores de um ministro inexoravel, na sua vida particular era homem de humano e aprazivel trato, amigo de se divertir sem desdouro do seu cargo, e pouco affecto a hypocritas e a fidalgos idiotas.

«A presença baixa e redonda do bispo, as suas vozes atassalhadas pela obesidade e pela preguiça, e mais que tudo a qualidade do delicto, preveniram-o a favor do inculpado auditor.

«A pintura tosca do poema, feita pelo prelado, e as notas, em que elle maldizia do sal picante do seu Aristarcho, fizeram desejar ao ministro a leitura da satyra; e acostumado a não se constranger, nem com os illustres e poderosos, traçou logo na idéa uma scena, digna pela irrisão de em-

parelhar com o assumpto do *Hyssope*. «Póde v. exc.ª retirar-se tranquillo, disse elle ao gordo bispo, ainda assanhado nas côres da ira, e deitando-lhe a historica luneta. Sua magestade examinará o caso, e dará as providencias. Demore-se alguns dias na côrte, e assistirá ao desaggravo.»

«Pronunciadas estas palavras, com toda a solemnidade, e despedido o bispo com summa cortezia, tratou Sebastião José de Carvalho de lhe proporcionar a reparação, ou antes a promettida lição.

«Um aviso da secretaria de estado, com a clausula de urgentissimo, foi expedido a Antonio Diniz, mandando-o comparecer na côrte dentro de poucos dias, e prescrevendo-lhe que se acompanhasse de todas as suas obras metricas.

«Só então suspeitou o poeta a causa da jornada do bispo, e principiou a recear, que o seu valimento com o marquez não fosse sufficiente para o eximir das consequencias desagradaveis de uma satyra cruel, indiscretamente propalada.

«Entretanto, estava feito o mal; e não havia remedio senão obedecer.

«Sahiu de Elvas, e sem demora apresentou-se em Lisboa, aonde pouco depois recebeu ordem para em certo dia, de manhã, estar em casa do ministro, não se esquecendo de levar comsigo o poema, verdadeiro corpo de delicto da offensa.

«Assim que entrou na sala o Diniz sobresaltou-se. Diante d'elle, respirando rancor e ufania, achava-se a roliça pessoa de sua exc.ª, sentado ao lado do marquez! Sebastião José de Carvalho carregou o semblante, e meneou a luneta. O seu aspecto, composto para a ceremonia, parecia annunciar ao author do *Hyssope* uma d'aquellas correcções despoticas, tão usuaes no seu governo.

«Queira tomar uma cadeira, e ouvir, com o respeito devido, o que sua exc.ª tem a dizer!» observou o ministro, depois de curta pausa.

«Voltando-se depois para o prelado, acrescentou: «Queira v. exc.ª fallar!»

«Quem não cabia em si de jubilo era o bispo Tomando a mão, castigou com os olhos, com as palavras, e com o gesto a ousadia do seu detractor, e só deu por findo o arrazoado inepto, quando a respiração se lhe cortou, e as bochechas abrazadas pareciam estalar. «Muito bem! acudiu o marquez. Agora, que já ouvi a v. exc.ª, pede a justiça, que passemos ao corpo de delicto; são as ordens de el-rei, meu amo e meu senhor. Aonde está o seu poema?

«Senhor!...» murmurou o poeta encolhendo-se. «Tenha a bondade de lêr!» continuou o ministro. «Diante de sua exc.ª!...» balbuciou o Diniz cada vez mais assombrado.

«Leia!» repetiu Sebastião José de Carvalho com ar severo; sua exc.ª é um ministro de Deus, e deseja ter motivos para mostrar a sua caridade. Ouçamos esses atrevimentos, com que vm.ce, pelo que me consta, e o snr. bispo affirma, não receou offender a Deus...»

«O Diniz era poeta, e era malicioso; via-se em arriscado lance, e conheceu que não podia salvar-se senão fazendo rir o marquez.

«Demais, os seus olhos, passando da physionomia colerica do bispo para a physionomia do ministro, tinham colhido alguma esperança. Portanto, resignou-se, tirou do bolso o caderno dos versos, saudou os dous illustres ouvintes, e em voz firme, carregando e alliviando as inflexões, segundo o sentido requeria, começou a leitura.

«Sebastião José de Carvalho achava-se collocado de modo, que tinha o desgraçado bispo debaixo do fogo mortifero da sua luneta; era impossivel escapar-lhe a menor visagem, a mais leve mudança de côr nas apimentadas e nedias faces de sua exc.ª

«Houve alguns instantes de calmaria. O poeta recitava a invocação; e o prelado, atado ao poste de martyrio, colligia as suas forças para figurar heroicamente, comprazendo-se no seu interior com o benigno pensamento, de que o castigo de tão des-

grenhada satyra seria pelo menos um degredo para as Pedras Negras.

«O marquez escutava, medindo ás vezes o perseguidor com a luneta em riste, e espreitando sempre a victima com disfarce por baixo das palpebras.

«Mas o canto II ia acabando, e o III principiava.

«Todas as furias do orgulho, da vaidade, e da desesperação, se desencadearam no peito de sua exc.ª Parecia estar assentado sobre brazas, tantos eram os pulos, com que ia acompanhando cada verso, cada escarneo, cada ultrage.

«O suor escorria-lhe em bagas da testa e das roscas das tres barbas; as mãos, á falta de emprego, convulsas arranhavam as roupas talares, ou arremettiam contra o solideo, innocente n'aquelle desacato metrico...

«De espaço a espaço, quando a imagem era mais felina, ou a allusão mais cortante, uma especie de bramido rouco e surdo arquejava-lhe no peito, e vinha expirar nas dobras oleosas da bocca, ao passo, que levantando meio corpo, dava a entender, que a indignação o arrebatava, e que a deshonestidade d'aquellas mofas eram superiores á sua forçada longanimidade! «Veja v. exc.ª! Veja!» exclama com a voz estrangulada de raiva, e uma face livida, e a outra a arder, em quanto os olhos, como dous punhaes, queriam varar o coração do poeta.

«Quando o accesso chegava a este auge, o ministro, frio e sereno sempre, acenava-lhe com a mão que se tranquillisasse, assestava-lhe a luneta mais de alto, e franzindo os labios nos cantos, reprimia a todo o custo o riso solapado, prestes a estalar.

«Durou esta incrivel comedia até ao VI canto. Ahi a paciencia do bispo, e a seriedade do marquez naufragaram ao mesmo tempo. Foi uma explosão!

«A descripção dos agouros da sua sesta, e a pintura da insolente citação do bom Gonçalves, afeiadas pelo ridiculo de que as ungíra o poeta, acabaram de transtornar a cabeça ao bispo, que se poz em pé repentinamente, como se occulta mola o fizesse saltar, estendendo o braço ameaçador, e rangendo os dentes.

«O ministro abysmou a gravidade n'uma gargalhada immensa, capaz de enlouquecer a victima, se ella tivesse ainda siso que perder.

«O poeta, que sem atinar porque, se levantára tambem, lia no meio das contorsões, e dos arrancos da ira episcopal estes versos maliciosos, que redobravam a hilaridade do marquez:

> Finalmente, ao montar á carruagem,
> Batendo um grão bisouro as negras azas
> Com horrendo stridor lhe açouta as ventas;
> E um pardal lhe estercou no tejadilho.

«Não podia ir mais por diante a scena sem degenerar de todo em farça!

«Sebastião José de Carvalho viu que era tempo de lhe pôr termo. Recobrando-se do accesso jovial, e firmando a luneta, voltou-se para o bispo, e com toda a solemnidade da sua magestosa presença, disse-lhe: «Tenho formado o meu conceito. Não tomarei mais tempo precioso a v. exc.ª... Este poema... esta satyra... é na realidade notavel, e posso assegurar-lhe, que o seu author não torna a Elvas, nem ha de ficar no reino.»

«O Diniz escutou a sentença sem temor, porque a ironia era transparente.

«O prelado multiplicou as cortezias e as baixezas, porque imaginou que tinha comprado a ruina do seu detractor a preço de duas horas de supplicio.

«Depois de o vêr sahir, o marquez de Pombal, levantando a viseira de subito, e com ar de riso virou-se para o auditor, que aguardava silencioso, e acrescentou: «Então que é isto, snr. Diniz? Tomou odio á cidade de Elvas?... Pois bem, veremos se lhe acho algum lugar mais alto para o mudar de ares... Não quero que s. exc.ª diga, que el-rei, meu senhor, desattende as mitras... Vá para sua casa, e espere, que lá receberá as ordens de sua magestade.»

«O Diniz foi. Passados dias entre-

garam-lhe em mão propria o despacho de desembargador para a relação do Rio de Janeiro!»

CRUZADAS. 1. PRIMEIRA EXPEDIÇÃO. — *Causas, perigos, desastres, cerco de Jerusalem.* — 1. No mundo da meia-idade, dous eram os mundos inteiramente distinctos: o do Evangelho e o do Alcorão. Os mahometanos reinavam desde os Pyreneos até á foz do Ganges; os christãos governavam a Europa, exceptuada Hespanha. Simples guerras de fronteira aproximavam aquelles dous mundos pelas extremas sómente. Era chegado o momento em que as batalhas iam mistural-os. — Desde a morte de Jesus Christo que numerosos peregrinos se iam de romagem ao Santo Sepulchro, em Jerusalem.

Quando os infieis se apossaram da Palestina, furiosamente sacrilegos, não respeitaram os lugares sagrados. Souberam os christãos que o tumulo do Salvador era sem cessar profanado. Ao escutarem as novas de tamanha profanação, arderam os corações dos fieis na ancia de castigar os inimigos da fé.

2. O eremita Pedro, que visitára a Terra Santa, excitou universal enthusiasmo com singela e energica eloquencia.

O patriarcha de Jerusalem, a quem elle se dirigiu, aconselhou-o que fosse ao Oriente e implorasse auxilio dos cavalleiros christãos; e, ao mesmo tempo, lhe deu carta para o papa.

Embarcou Pedro para Italia, e buscou Urbano XI que occupava então o throno pontifical. Recebeu-o Urbano como enviado do Altissimo, e lhe ordenou que arrolasse defensores da cidade do Homem-Deus. Transpoz Pedro os Alpes, e percorreu a França inteira, communicando a todos os animos a vehemencia da sua alma. Caminhava descalço, descoberto, cingida com uma corda a grosseira tunica, ora a pé, ora cavalgando uma mula. Na mão levava um crucifixo ao qual pedia perdão das iniquidades que conspurcavam Jerusalem e a igreja do Santo Sepulchro.

O papa foi pessoalmente prégar a cruzada no concilio de Clermont em Auvergne (1095). Duzentos bispos, quatro mil clerigos, e trinta mil leigos se congregaram n'aquelle concilio. Esta enorme multidão se commoveu, ouvindo a exposição dos padecimentos que soffriam os christãos do Oriente; e, penetrada de zelo santo pela defesa dos lugares onde se haviam cumprido os mysterios da redempção, abalou d'alli, exclamando: *Deus o quer!* Cada guerreiro recebeu uma cruz de panno escarlate, e jurou partir. D'ahi o nome de *cruzados* e *cruzadas*.

Distingue a historia entre os guerreiros que receberam a cruz, Godofredo de Bouillon, duque da Basse-Lorraine, que desejou expiar n'esta viagem a Jerusalem as suas desavenças armadas com os papas e a morte de Rodolpho de Rhimfield, duque de Souabe, a quem Gregorio VII enviára a corôa imperial, e Godofredo matára em batalha. Tambem foram Roberto Courte-Heuse, duque de Normandia, filho primogenito de Guilherme, o Conquistador; Roberto de Trison, duque de Flandre, cuja intrepidez lhe deu o cognome da *Lança christã.* — Etienne, conde de Blois, o homem mais opulento d'aquella época, e Raymundo de S. Gilles, conde de Tolosa, guerreiro antigo que já pelejára com sarracenos ao lado de Cid, e a quem Affonso o Magno, dera em casamento sua filha Elvira.

3. Aprazára-se a partida para 15 de agosto do anno seguinte (1096); porém, o povo e os pobres não esperaram. Não era bem um exercito: era uma multidão de mulherio, rapazio, velhos e frades, uns a cavallo, outros em carroças, e o mais d'elles a pé.

Metteram-se ao caminho acaudilhados pelo eremita Pedro e um tal Gauthier Sans-Avoir que ia á cata de bens á Terra Santa. Desprevenidas de alguma sciencia geographica, aquellas hordas indisciplinadas, assim que avistavam qualquer cidade, perguntavam se era Jerusalem. Como lhes faltassem provisões, iam devastando

o que topavam, d'onde lhes resultou serem perseguidos, principalmente em Hungria. Por fim, Pedro Eremita, perdida já grande parte do exercito, chegou a Constantinopla com vinte mil soldados sómente. Ajuntaram-se-lhe ahi muitos bandos de cruzados, com os quaes prefez uns cem mil homens.

O imperador Alexis, exasperado com o saque de taes cruzados, arranjou navios que os transportassem ao Bosphoro. Em breve, teve o pago aquella multidão indocil e licenciosa. O sultão de Nicea emboscou parte do seu exercito em uma floresta, e esperou com os restantes soldados em uma chã, ás abras da serra, os cruzados. Defenderam-se estes valorosamente, mas soffreram completa derrota. As planicies de Nicea, juncadas de ossadas, deviam mostrar aos outros guerreiros a estrada da Terra Santa, e corrigil-os das indiscrições de seus antecessores.

4. A cruzada dos barões, mais cautelosa e experta, partiu depois, melhormente organisada e mais ao estylo militar que a primeira. Reuniram-se quatro grandes exercitos, em que entrava gente de dezenove nações. Seiscentos mil homens seriam.

Ao avistarem Constantinopla, pasmaram da magnificencia das casas e opulencia do imperador, e para logo lhes entrou no animo começarem a cruzada pelo saque da esplendorosa capital; Alexis, porém, deu-se pressa em os transferir á Asia Menor.

Quando atravessavam as planicies da Bithynia, viram muitos companheiros de Pedro Eremita, que os vinham buscando, depois de viverem alapados nas serras, para onde os repulsára o ferro sarraceno. Estes desgraçados narravam a chorar os desastres do primeiro exercito christão, e estimulavam a bravura dos soldados, mostrando-lhes lugares avermelhados do sangue de seus irmãos, e as ossadas que alvejavam por aquellas gandaras.

Os cruzados, sedentos de vingança, avançaram sobre Nicea, cidade pugnacissima, e celebrada nos fastos da religião catholica.

5. Nada ha ahi tanto para vêr-se como o aspecto d'aquelle arraial onde se mesclavam tantos idiomas, alaridos, instrumentos bellicosos, obedecendo tudo a um só intuito.

A origem das armaduras deve contar-se d'aquella época. Sendo o exercito formado de multidão de principes independentes, era preciso adoptar signaes distinctivos que podessem servir de signaculo para as reuniões, e evitar a desordem em tão marulhada turba de capitães e soldados. Usavam por tanto, os principes escudos e balções pintados com leões, leopardos, touros, cruzes, aves, etc., signaes que as gerações transmittiram, e se volveram prorogativos da fidalguia latina.

Cobriam-se os cavalleiros de cota de malha de ferro tecida, e defendiam a cabeça com capacetes. Os cavalleiros usavam escudo redondo ou quadrado, e os peões escudo oval. As armas offensivas eram lança, espada, punhal, massa, funda, arco e bésta.

Quanto a imperfeita arte da guerra podia inventar, tudo empregaram os soldados da cruz. Para se acercarem a salvo das praças sitiadas, abrigavam-se em machinas de madeira, abobadadas de duplo taboado e caniçadas. Torres, levadas por muitas rodas, e cheias de armas e soldadesca, com muitos andares, avançavam ao nivel dos muros que escalavravam com arietes e catapultas, arrojando para dentro das praças materias inflammaveis, traves, e pedras enormes com as balistas e trabucos.

Após accesos combates, Nicea ia render-se, quando os perfidos gregos que estavam entre os cruzados, persuadiram aos habitantes que arvorassem a bandeira de Alexis. Indignados por tal traição, os cruzados levantaram o cerco, e entranharam-se na Asia Menor.

6. Ao percorrer a estuosa Phrygia, o exercito christão soffreu as angustias da sede. Grande numero de cães havia seguido seus donos para Jerusalem. Um dia, viram chegar ao campo muitos d'aquelles cães com o pello humido: seguiram-os, e acha-

ram um rio. A sede era tamanha que se atiraram á agua, e muitos d'isso morreram. Todavia, sem embargo das adversidades, avançavam sempre. Baudouin logrou entrar em Edessa, á margem do Eufrates, e acclamou-se principe. Esta posição avançada protegia os cruzados, relacionando-os com os christãos da Armenia.

A fim de pisarem o territorio da Antiochia, transpozeram os cruzados o monte Taurus. Caminhavam por veredas á aresta de despenhadeiros, e tão apertados que os cavallos resvalavam com as bagagens ás voragens de horrenda profundeza. Não obstante, em 1097, avistaram a cidade das 450 torres.

7. Principiou o inverno, quando os cruzados acampavam diante de Antiochia, e logo sentiram escassez de viveres. A chuva alagava os campos, e causava molestias contagiosas que matavam homens e cavallos. Valeu-lhes Bohemond abrindo Antiochia, por meio de negociações praticadas na cidade com o armenio Phirous. Os cruzados porém soffreram dentro da cidade as calamidades que tinham soffrido fóra, porque foram cercados por duzentos mil turcos. Estavam já desesperados, quando um padre marselhez veio declarar aos capitães do exercito que a lança com que o lado de Christo fôra ferido estava debaixo do altar-mór da igreja, e que os christãos venceriam com ella. Cavaram no ponto indicado, acharam a lança, e foi tal o enthusiasmo dos cruzados que, atacando o inimigo, o destroçaram inteiramente.

8. Em vez de irem direitos a Jerusalem, perderam seis mezes em Antiochia, onde muitos morreram de peste. Quando partiram a final eram só cincoenta mil de seiscentos mil que tinham sido. Crescia o enthusiasmo á medida que se aproximavam da cidade santa, e passavam por lugares consagrados nas memorias do Evangelho. Por derradeiro, ao transporem a ultima collina, avistaram Jerusalem. — «Ó doce Jesus! — exclama um monge que ia no exercito — quando os christãos viram a tua santa cidade, como as lagrimas lhe saltavam dos olhos!» — «Jerusalem! Jerusalem! Deus o quer! Deus o quer.» — Assim bradavam, ajoelhando e beijando a terra.

Aquella cidade, almejada por tantos votos, era defendida por soldados do califa do Egypto, que recentemente a tinha tomado aos turcos. As campinas circumvisinhas tinham sido assoladas, as cisternas empedradas ou envenenadas, por maneira que aos christãos urgia combater contra a guarnição, contra a fome, e contra a sede.

Sem impedimento de tão minazes perigos atacaram a praça, fiados na protecção divina que os tinha conduzido ás portas de Jerusalem onde iam cumprir seus votos, e adorar o Santo Sepulchro.

9. O monje Roberto relata d'este modo o notavel cerco:

«Aos 13 de junho de 1099 atacaram os francezes Jerusalem, mas não a poderam tomar n'este dia... A inutilidade do primeiro esforço occasionou trabalhos grandes e muitas angustias ao nosso exercito, que não teve pão por espaço de dez dias, até que os nossos navios aportaram a Jaffa. Além d'isso soffreram grande sede; que a fonte de Siloé, situada ao sopé do monte de Sião, dava apenas agua aos homens, e era preciso conduzir os cavallos e os outros animaes a beber a distancia de seis milhas do campo, com uma escolta numerosa.

«No entanto, como a esquadra chegasse a Jaffa, houve que comer; mas a sede não diminuiu; e tão grande foi que os soldados cavavam na terra e punham os beiços nos torrões humidos, e bebiam agua fetida estancada nas pelles frescas dos bufalos e outros animaes, ao passo que outros se abstinham de comer cuidando que disfarçavam a sede com a fome.

«Durante este tempo, os capitães faziam conduzir de longe grossas madeiras para fabrico de machinas e castellos. Quando estes foram concluidos, Godofredo collocou os seus ao oriente da cidade, e o conde de S.

Gilles ao meio dia. Dispostas assim as cousas, em uma quinta feira os cruzados jejuaram e distribuiram esmolas pelos pobres. Ao sexto dia, doze de julho, raiou brilhante a aurora, e logo os principaes guerreiros subiram ás torres e trataram de escalar os muros de Jerusalem. Os filhos illegitimos da terra santa rugiram espantados ao verem-se envolvidos por multidão tamanha; porém como por todos os lados os ameaçava a hora derradeira, e a morte era certa, venderam caramente a vida.

«No entanto Godofredo do alto da sua torre surgia desfrechando flexas que atravessavam de parte a parte o peito do inimigo. Ao lado d'este guerreiro, estavam Baudouin e Eustache como dous leões ao pé d'outro leão, recebendo terriveis golpes de dardos e pedras que recambiavam ao inimigo com usuraria vingança.

«Em quanto assim se combatia debaixo dos muros da cidade, girava uma procissão á volta dos muros com a cruz, reliquias e andores. Durante parte do dia esteve indecisa a vantagem; mas á hora em que o Salvador do mundo rendeu o espirito, um guerreiro chamado Letelde que combatia na torre de Godofredo, saltou nos baluartes da cidade, após elle foi Guicher que já havia morto um leão; Godofredo foi o terceiro, e depós elle todos os demais. Abandonaram arcos e flexas, e arrancaram da espada. — A' vista d'isto, os inimigos fogem dos muros e entranham-se na cidade; mas os soldados do Christo vão sobre elles a grandes brados.

«O conde de Tolosa que se esforçava por acercar as suas machinas da cidade, ouvindo aquelles clamores, disse aos soldados: «Que fazemos aqui? Os companheiros de Godofredo são senhores de Jerusalem.» Dito isto, avançou contra a porta que está ao pé do castello de David, e bradou aos defensores que se rendessem. O emir, reconhecendo o conde Raymundo, abriu-lhe a porta, e confiou-se na honra d'aquelle veneravel guerreiro.

«Godofredo porém tratava de vingar o sangue christão derramado no cerco de Jerusalem, e de punir os infieis pelos escarneos e ultrajes que os peregrinos tinham soffrido. Nunca tão formidavel parecera, nem ainda no combate da ponte de Antiochia. Guicher e milhares de guerreiros escolhidos fendiam os sarracenos da cabeça até á cintura, ou os partiam em dous. Ninguem resistia; tudo queria fugir mas era impossivel a fuga, impedindo-se uns aos outros. Os poucos que poderam fugir, fecharam-se no templo de Salomão, e lá se defenderam por longo tempo. Ao cahir da noite, os soldados arremetteram ao templo, e acutilaram todos os que lá estavam. A carnificina foi tamanha que a torrente do sangue arrastava os cadaveres, mãos e braços cortados fluctuavam no sangue, encostando-se aos corpos a que não tinham pertencido.»

10. Deram tregoas á mortandade para, desarmados e descalços, irem ajoelhar ao Santo Sepulchro; mas o morticinio recomeçou depois e durou tres semanas.

Trataram os cruzados de organisar a sua conquista. Godofredo foi acclamado rei de Jerusalem; mas sómente aceitou o titulo de defensor e *barão do Santo Sepulchro*, recusando cingir a corôa de ouro alli onde o rei dos reis, Jesus Christo, o Filho de Deus, trouxera corôa de espinhos no dia da sua paixão.

A victoria de Ascalon, que elle ganhou pouco tempo depois, sobre o exercito egypciaco, que viera a retomar Jerusalem, consolidou a conquista dos cruzados. Já porém os christãos estavam cançados de lutas; quasi todos os senhores anciavam voltar aos lares; e ao pé de Godofredo e Tancredo havia apenas trezentos cavalleiros. Os que ficavam diziam áquelles que partiam: «Não vos esqueçam os irmãos que deixaes desterrados; inspirai aos christãos da Europa desejo de visitar os Lugares Santos que nós livramos. Exhortai os guerreiros a virem combater as nações infieis.»

Entregue a si mesmo, organisou-se com a defesa. Aquelle pequeno reino

irregularmente se constituiu consoante os principios do feudalismo. Os dous primeiros successores de Godofredo continuaram a conquista; mas, passados aquelles dous reinados, começou a decadencia com as discordias, e logo o sultão da Syria tomou Edessa, e matou os habitantes. Este sanguinoso desastre decidiu a Europa a renovar a cruzada.

II. SEGUNDA EXPEDIÇÃO.—*S. Bernardo* e *Luiz* VII, *rei de França.*—1. A primeira expedição derivára da França. D'alli partiu tambem o alvitre da segunda.

Havia então na Europa um homem mais poderoso que os reis: era S. Bernardo, a quem o papa Eugenio III encarregou de prégar a cruzada. Foi S. Bernardo um dos homens mais eloquentes do seu seculo, orador enthusiasta e caloroso, que revolvia os povos a seu talante. Com quanto pertencesse a familia illustre, não o seduziu a gloria das armas; antes levado para a vida religiosa e solitaria, por sentimentos imperiosos que absorvem exclusivamente a alma, retirou-se ao mosteiro de Citeaux, onde se fez modêlo da communidade. Fundando a *Abbadia* de Clairvaux e muitos outros mosteiros, S. Bernardo distinguiu-se por outros trabalhos apostolicos e zelo com que perseguiu os hereticos, nomeadamente Abeilard, cujo nome é inseparavel de Heloisa, e cujas lições attrahiam milhares de ouvintes á Santa Genoveva de Paris.

2. Luiz VII, que a historia denomina o moço, reinava então em França. Era principe energico, ardente e bravo. Irritado contra o seu vassallo Thibaut, conde de Champagne, que por intrigas o havia indisposto com a Santa Sé, entrou nos éstados do rebelde, e cego de vingança levou tudo a ferro e fogo. Apresentou-se em Vitry, cercou-a, e ordenou que fossem passados a fio de espada todos os habitantes que se encontrassem.

Não contente ainda com tal vingança, pegou fogo ás igrejas onde se tinham refugiado os fugitivos e fez morrer queimadas mil e trezentas pessoas.

S. Bernardo escreveu ao rei incriminando-lhe tal proceder que enchera a França de consternação. Humilhou-se Luiz, como outr'ora Theodosio diante de Santo Ambrosio, e penitenciou-se para alcançar perdão; mas os grandes crimes, na opinião d'aquelle tempo, só podiam remir-se com peregrinações a Jerusalem.

Anavalhado de remorsos, entendeu Luiz que expiava a mortandade indo á Terra Santa emprender segunda cruzada, alliando-se ao imperador da Allemanha Conrad III; não foi porém feliz, que os cruzados, trahidos pelos gregos de Constantinopla, perseguidos por musulmanos, e atormentados pela fome na Asia Menor, debalde atacaram Damasco. A expedição cifrou-se em irem até ao sepulchro de Jesus Christo, e, volvidos dous annos de revezes, voltarem á Europa os dous principes sem gloria nem exercito (1149).

III. TERCEIRA EXPEDIÇÃO.—*Philippe Augusto, rei de França*, e *Ricardo Coração de Leão, rei de Inglaterra.* — 1. Volvido meio seculo abalou nova expedição para a Terra Santa. Saladino, sultão do Egypto, tinha conquistado o reino de Jerusalem, prisionando o ultimo rei, Guy de Lusignan na batalha de Tiberiades onde morreram vinte mil christãos. A propria Jerusalem foi presa dos infieis.

Guilherme, arcebispo de Tyro, author da historia do reino de Jerusalem, foi mandado á Europa a despertar as populações entorpercidas. Reuniu muitos concilios que decretaram uma contribuição universal para as despezas da guerra contra o sultão Saladino, e por isso foi chamada o *dizimo Saladino.*

2. Os tres maiores principes da christandade, o rei de França Philippe Augusto, o imperador da Allemanha Frederico Barba Roxa, e Ricardo Coração de Leão prometteram hastear a cruz.

O rei de Portugal D. Sancho I, á imitação de seu avô o conde D. Henrique que tambem estivera no Oriente entre 1103 e 1105, esteve tambem resolvido a acompanhar aquelles so-

beranos em 1189. Por esse tempo aportou a Portugal uma esquadra que transportava dez ou doze mil frizões e dinamarquezes acaudilhados por um sobrinho do rei da Dinamarca.

E como Sancho I soubesse que estes alliados serviam a causa christã contra a mourisma contentando-se com os despojos, e prescindindo de territorio, pediu-lhes auxilio contra os mouros do Algarve. A esquadra dos cruzados alliada á portugueza devastou terras e castellos e retirou rica do saque. Pouco depois nova esquadra de trinta e sete navios com tres mil e quinhentos homens de peleja, allemães e flamengos, abicou á foz do Tejo. Resolveu então Sancho I a conquista de Silves.

«Os assaltos repetiram-se com varia fortuna; a constancia dos mouros, que de certo periodo em diante principiaram a soffrer os horrores da sede e que ainda assim não pensavam em se render, a noticia que se espalhou de que iam ser soccorridos, mais d'uma vez inspiraram a Sancho I a idéa de levantar o cerco; mas nos cruzados o fervor religioso que os inflammava, e o desejo de colherem os despojos, nos portuguezes a emulação e o odio inveterado contra os seus antigos dominadores, e a ancia d'arrancarem ao diadema do emir aquella opulenta perola — venceram as hesitações do rei. Silves capitulou, e a generosidade de Sancho I concederia aos moradores o sahirem com os seus bens, se a cubiça que ardia no animo dos cruzados o não obrigasse a desistir d'esse pensamento, não podendo permittir aos infelizes sitiados senão que sahissem livremente, abandonando tudo quanto possuiam. Quizera o generoso filho d'Affonso Henriques resgatar os haveres dos habitantes com os seus proprios dinheiros, mas os cruzados preferiram obstinadamente o saque. É natural que o animo do Povoador vertesse sangue, ao pensar que ia receber uma cidade deserta e devastada das mãos dos seus avidos alliados; mas as condições eram expressas, a paga eralhes devida, e D. Sancho resignou-se.

«Mas a irritação fervia-lhe lá dentro; não consentiu que os cruzados praticassem violencias, e empregou a força para os conter; a final, vendo que esses bandidos do Norte não se contentavam em saquear a cidade, e até lhe desbaratavam as provisões, expulsou-os de Silves á testa das forças nacionaes. Os cruzados partiram praguejando contra o que elles chamavam a avareza d'um alliado.

«A queda de Silves fez cahir nas mãos dos portuguezes uma grande porção do Algarve. Mas quem tomou posse d'essa conquista subsidiaria foi o governador que D. Sancho deixou na cidade conquistada; o monarcha retrocedeu para o Alemtejo tomando algumas das praças musulmanas que n'essa provincia ainda campeiavam, e recolhendo-se depois a Coimbra.

«A perda de Silves não podia deixar de ferir no coração o emir almuhade. Effectivamente assim que o soube passou o estreito e marchou com forças numerosas sobre Portugal. Felizmente fervia então o movimento da cruzada; Ricardo Coração de Leão marchava para a Palestina, e a cada instante navios inglezes arribavam aos nossos portos. Iacub sitiou primeiro que tudo Silves, mas a cidade novamente conquistada defendeu-se heroicamente, ajudada pela tripulação d'uma nau ingleza. Sem se obstinar diante das muralhas de Silves, o que daria a Sancho I tempo de se precaver contra a invasão, o emir internou-se no coração do velho Portugal, pondo tudo pelo caminho a ferro e a fogo. Leiria foi de novo destruida, e Coimbra viu com terror, depois de tantos annos de socego, apparecer a devastar-lhe os arrabaldes um destacamento sarraceno; Thomar, onde os templarios, cujo mestre era o celebre Gualdim Paes, tinham um castello, defendeu-se com energia, mas a situação não deixava por isso de ser critica, porque D. Sancho surprehendido abrigára-se com poucas tropas dentro dos muros de Santarem, e estava cortado do norte de Portugal pelo exercito musulmano disseminado audaciosamente na an-

tiga provincia de Belatha. Por felicidade estava fundeada em Lisboa uma esquadra ingleza, e quinhentos homens partiram pelo Tejo acima em soccorro do rei de Portugal. O reforço veio a tempo, as febres principiavam a dizimar o inimigo, e a attitude de Gualdim Paes em Thomar, de D. Sancho em Santarem mostrava aos inimigos que os successos, devidos á primeira surpreza, não proseguiriam. Convencidos d'isso mesmo os musulmanos retiraram na direcção de Sevilha.

«A presença dos cruzados nem sempre era tão abençoada, e já vimos pelo que se passára em Silves, que estes auxiliares, verdadeiros bandidos, faziam pagar caro a sua alliança, e que os portuguezes não se mostravam muito dispostos a supportarem-lhes as insolencias. Nunca tinham chegado comtudo as cousas ao ponto a que chegaram pouco depois da retirada do emir Iacub. Uma nova esquadra ingleza de sessenta e tantos navios entrára no Tejo, em quanto D. Sancho estava ainda em Santarem. Não achando inimigos para combaterem, os inglezes trataram Lisboa como terra conquistada, roubaram e mataram judeus, mouros e christãos, devastaram campos, até que D. Sancho avisado tornou a Lisboa, e, começando pela brandura, obteve dos chefes, Roberto de Sabloil e Ricardo de Camwil, a promessa de que reprimiriam os seus soldados. Ou violaram a promessa ou não tiveram força para a cumprir: o que é certo é que d'ahi a pouco recomeçava o saque; mas os burguezes de Lisboa resistiram e o sangue correu nas ruas; d'esta vez Sancho entendeu dever fazer justiça pelas suas mãos; mandou fechar as portas e prendeu quantos inglezes apanhou, não os largando em quanto elles não restituiram todos os roubos. Era a segunda lição que D. Sancho dava a esses tumultuosos romeiros do norte, que a cubiça mais do que o ardor religioso arrancava da sua patria e arrojava para o Oriente.

«Estendemo-nos mais largamente n'este episodio; porque é a primeira vez que os nossos fieis alliados praticam as gentilezas que depois repetiram sempre que vieram como amigos a esta pobre terra, começando nos homens d'armas do duque de Cambridge e acabando nos soldados de lord Wellington.» (Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*).

Barba Roxa foi quem primeiro partiu, seguindo por Hungria e Constantinopla, como os precedentes cruzados. Ao atravessar as serranias da Cilicia com a calma de junho, quiz o imperador, por se refrescar e abreviar a jornada, atravessar a nado o rio de Celef, cujas aguas frigidissimas lhe causaram a morte. O seu exercito desanimado com este revez, ou morreu ou se dispersou, de sorte que sendo cem mil os allemães expedicionarios, cinco mil apenas chegaram á Terra Santa.

E ao mesmo tempo Philippe e Ricardo iam melhor encaminhados pelo mar. Um embarcára em Genova, outro em Marselha, e hybernaram na Cicilia. N'esta ilha se desavieram. Philippe fez-se de vela para S. João d'Acre, cidade da Syria a que poz cerco, em quanto que Ricardo foi submetter a ilha de Chypre. Terminada esta conquista, o rei de Inglaterra ajuntou-se a Philippe no cerco de S. João d'Acre, que tomaram com o ultimo assalto.

Philippe Augusto voltou aos seus estados, e aproveitou a ausencia do rei de Inglaterra para se apossar de algumas provincias que aquelle possuia em França, e foi feliz.

Ricardo estanciou na Palestina ganhando algumas batalhas, sem com isso progredir. Muitos chefes de cruzados o abandonaram, offendidos da sua arrogancia. Voltando a Inglaterra naufragou nas costas da Dalmacia, onde foi preso e entregue ao imperador da Allemanha, que o encarcerou, e só lhe deu liberdade depois que foi resgatado por grande quantia.

IV. QUARTA EXPEDIÇÃO. *Innocencio* III, *Foulques de Neuilly*, *Baudouin* IX, *conde de Flandres*. — 1. Era cada vez mais precaria a situação do reino de Jerusalem. Innocencio III, que de

pouco subira á cadeira de S. Pedro, era novo ainda, e ardia em desejos de immortalisar o seu pontificado com a tomada de Jerusalem. Escreveu a todos os bispos que prégassem a cruzada, e induziu todos os christãos a contribuirem com suas pessoas ou com dinheiro para o resgate dos Lugares Santos, exhortou o clero a contribuir com suas riquezas para tão santa empreza, dando elle o exemplo com fazer fundir a sua baixela de ouro e prata para as despezas da guerra, e servindo-se de louça da terra, e escudelas de pau.

2. N'este tempo o estado da Europa não permittia muitos guerreiros á santa conquista. A Allemanha estava dividida entre dous principes que disputavam o imperio. Philippe Augusto fôra excommungado por haver repudiado Ingelburge, filha do rei de Dinamarca. Restava Inglaterra. Ricardo convocou os varões e cavalleiros mas, bem que a sua intenção não fosse sahir de Inglaterra, pouco tempo depois morreu.

3. Parecia duvidoso o exito da cruzada, quando surgiu o homem que tinha o dom de tocar os corações e persuadir as turbas, como outr'ora o eremita Pedro e S. Bernardo. Este homem, chamado Foulques, era cura de Neuilly-sur-Seine. Como soubesse que havia torneio em Champagne, foi ao castello de Ecry-sur-Aisne, onde estava a maior parte dos cavalleiros, e fallou eloquentemente em meio d'esses varões que almejavam combates. Logrou o melhor resultado. Quantos o ouviram receberam a cruz; e logo o santo orador se congratulou por ter aproveitado na causa de Jesus Christo uma d'essas festas mundanaes que a igreja proscrevia severamente.

4. Baudoin IX, conde de Flandres, e Bonifacio II, marquez de Mont Ferrat, acaudilharam esta expedição. Trataram com os venezianos o transporte do exercito á Palestina, com a condição de os auxiliarem na tomada de Zara em Dalmacia, de que o rei de Hungria os esbulhára. Terminada a expedição de Zara, a cruzada deteve-se ainda por solicitações de um principe grego que a levou a Constantinopla. Foi tomada esta cidade. Os vencedores saquearam-na, e repartiram os despojos, como já tinham feito os primeiros cruzados em Jerusalem. (1204). Ao imperio grego foi substituido um imperio latino de que Baudoin foi chefe; Bonifacio fez-se rei da Thessalia, outros senhores se fizeram principes de Achaia, duques de Athenas, etc. O novo imperio durou até 1261.

Deram-se os cruzados ao idioma grego para se entenderem com os vencidos.

V. QUINTA EXPEDIÇÃO. *Flagellos e desastres, Jean de Brienne.* Jerusalem estava ainda captiva, e os varões da Terra Santa pediam em vão soccorro á christandade.

O anno de 1200 foi notavel por grandes flagellos no Egypto e na Syria. Como não houvesse inundações do Nilo, a terra privada do seu limo fertil ficou esteril e improductiva. A esta escassez de colheita seguiu-se logo uma fome espantosa, vendo-se o povo obrigado a sustentar-se com a herva dos campos. Os homens devoravam-se uns aos outros como animaes ferozes, e a falta de viveres era tão completa que tanto morriam de fome os ricos, como os pobres.

Um outro flagello ainda mais terrivel que a fome acabou de despovoar as aldeias e as cidades. No Cairo, morreram no espaço d'alguns mezes mais de cento e onze mil pessoas. A horrivel peste exerceu estes estragos desde as costas do mar Vermelho até ás praias do Oriente e do Euphrates, e tanto pesou o flagello sobre as cidades christãs da Palestina como sobre aquellas que obedeciam aos musulmanos. Um violento tremor de terra acaba de aterrar as populações, e de fazer sentir o braço de Deus sobre aquelles que desconheciam seu poder. As cidades e os burgos cahiam em ruinas, e o mar embravecido atirava os navios sobre as praias. Damasco e Tyro perderam os seus magnificos palacios; Ptolemaida e Tripoli viram suas muralhas arrazadas. Só a cidade de Jerusalem foi poupada, e

esta circumstancia augmentou a veneração dos christãos e dos musulmanos pela cidade santa.

2. Se a armada christã que se apoderou de Constantinopla se tivesse dirigido sobre a Palestina, teria succumbido sem poder disputar a victoria aos infieis. Privados do soccorro que esperavam, os christãos da Syria pensaram em reparar seus males logo que estivessem livres do flagello que tão cruelmente os tinha atormentado. Reedificaram as muralhas de Ptolemaida e de Tripoli, e como lhes faltassem obreiros empregaram os musulmanos que a sorte das armas fizera cahir em suas mãos.

Mas pouco tempo depois, Amaury, rei de Jerusalem, morreu, e uma joven princeza, filha de Isabel e de G. Conrad de Tyro, era a unica herdeira do reino; procuraram-lhe marido que podesse governar dignamente, resolvendo buscal-o na patria do grande Godofredo.

3. Aimar, senhor de Cesarea, e o bispo de Ptolemaida, atravessaram o mar e foram pedir a Philippe Augusto que escolhesse entre os fidalgos da sua côrte o mais digno de esposar a herdeira do rei de Jerusalem. Escolheu Philippe Jean de Brienne. Bem que o reino offerecido carecesse de ser conquistado, Brienne aceitou-o e prometteu aos delegados, que brevemente estaria na Pelestina á frente de um exercito. De volta á Terra Santa, os commissarios publicaram o feliz exito da negociação roborando assim o desfallecido alento dos christãos. Todavia, Jean de Brienne não pôde levantar o exercito, e appareceu na Terra Santa com trezentos cavalleiros apenas. O novo rei deu espanto com as suas proezas; mas tinha pouquissima gente para livrar a Palestína. Enviou embaixadores ao papa pedindo soccorro. Mas já os tempos eram avêssos a expedições longiquas. A França estava empenhada na guerra dos albigenses, a Hespanha andava a braços com a moirisma, e a Allemanha era devastada pela luta de Othon de Brunswick com Philippe de Souabia.

4. André II, rei da Hungria, tomou então o commando da cruzada; mas nada aproveitou. Ainda assim, Jean de Brienne cobrou d'ahi animo para conquistar o Egypto. Já Damietta se tinha rendido, e o sultão do Cairo propunha pazes aos principes cruzados, offerecendo-lhes a entrega de Jerusalem, bem como outras cidades da Judêa Porém, o legado Pelage rejeitou taes propostas, apesar dos esforços do rei de Jerusalem e outros cabos para que as aceitasse como de vantagem. A noticia da recusa excitou a raiva dos islamitas, revestindo-os de animo para resistirem á intrepida e façanhosa bravura dos francezes.

A inundação do Nilo foi o primeiro desastre, por onde os christãos duvidaram da constancia de sua fortuna. Abriram-se as represas, desbordaram os canaes. Facil foi á frota musulmana atacar a christã. Em um só recontro todos os navios do rei de Jerusalem foram abrazados. Perdida a esquadra, sobreveio a fome. Os christãos abandonaram Damietta (1221). Com esta expedição lucraram os portuguezes valioso auxilio na conquista de Alcacer, assim relatada pelo historiador já citado:

«Foram mais uma vez os cruzados que auxiliaram os portuguezes n'esta conquista. Á voz d'Honorio III, que succedera a Innocencio no throno pontificial, uma nova cruzada, a do rei da Hungria, se arrojára ainda para o Oriente. Da foz do Rheno partira tambem uma expedição commandada por Guilherme conde d'Hollanda e pelo conde de Withe, que viera segundo o costume arribar a Lisboa. Era bispo d'esta cidade o celebre Sueiro, habil negociador, e ao mesmo tempo da raça d'aquelles prelados militantes que vestiam com mais gosto a couraça do que a estola. Resolveu elle os cruzados a demorarem-se em Portugal para começarem já na Europa a cumprir o seu voto de guerra aos infieis. Nem todos os cruzados accederam comtudo, muitos teimaram em continuar a viagem, mas os que ficaram, capitaneados pelos dous

chefes principaes, foram julgados sufficientes para o fim proposto. Estava então em Lisboa o bispo d'Evora, este e o bispo Sueiro começaram logo a prégar a guerra santa, os cavalleiros das ordens militares vieram, obedientes ao chamado, agrupar-se em torno dos balsões sagrados, fidalgos, e peonagem reuniram em massa compacta a sua cavallaria coberta de ferro, e a sua infanteria já experimentada pela heroica lide de Navas de Tolosa. O exercito portuguez, pouquissimo numeroso, é verdade, reuniu-se em breve tempo, e a expedição contra Alcacer partiu por mar e por terra, achando-se reunidos estrangeiros e portuguezes no dia 3 d'agosto de 1217 diante dos muros da cidade arabe.

«Governava-a um dos mais celebres chefes musulmanos, Abu-Abdallah, o mesmo que em 1189 tão heroicamente defendera Silves, o mesmo que em 1191 a retomára, e que adquirira sempre gloria, ou nas victorias, ou nas derrotas. Apesar do revez que o esperára, não tinha de marcar, mas sim de illustrar ainda mais, a sua antiga reputação.»

VI. Sexta expedição. — *Frederico, imperador da Allemanha.* — Todas as esperanças se atinham ao imperador da Allemanha Frederico, que fizera voto de ir á Palestina, mas não se dava grande canceira em o cumprir. A fim de o instigarem a passar á Terra Santa, accordaram que elle esposasse a filha de Jean de Brienne, e se chamasse rei de Jerusalem, depois da morte do sogro. Este consorcio foi celebrado pomposamente em Roma.

Em todos os paizes da Europa foi prégada a cruzada, e ainda que n'esta região lavrasse a guerra, formou-se um consideravel exercito. Brindes era o ponto de reunião dos novos cruzados. Navios de transporte os esperavam lá, sendo o encarregado de lhes fornecer as provisões o imperador da Allemanha. Quando a cruzada ia partir, morreu o papa Honorio.

2. Gregorio IX, successor d'aquelle, activou a partida, e graças ás suas reiteradas exhortações o imperador embarcou em Brindes; mas tendo apenas navegado tres dias, adoeceu, e deu ordem á esquadra que retrocedesse e aportasse a Otranto. O papa assim que soube o retrocesso de Frederico, excommungou-o como transgressor do seu juramento. Frederico, em vingança declarou guerra ao papa, e talou o territorio de S. Pedro.

3. D'ahi a pouco correu a noticia de que Jean de Brienne estava a ponto de embarcar para se ir á conquista do seu reino de Jerusalem. Com tal nova deliberou Frederico partir logo, e, contra a vontade do papa, que não queria a expedição santa commandada por principe adversario da igreja, embarcou levando comsigo vinte galeras e seiscentos cavalleiros.

Os christãos de Ptolemaida receberam-no como enviado celeste. Sahiram-lhe ao encontro em procissão a cleresia e ordens militares, com grandes vozes e acclamação de jubilo; porém logo se fez completo reviramento nos animos, porque souberam que Frederico estava excommungado. Considerado heretico, grangeou odios e repugnancia; sendo, de mais a mais, o seu proceder improprio a dissipar taes impressões, pois que, em vez de pelejar, andou continuamente em negociações com o sultão do Cairo.

Taes negociações, após grandes delongas, surtiram tregoas de dez annos entre os dous principes, e as cidades de Jerusalem, Nazareth, Bethlem e Sidon ficaram pertencendo a Frederico. Pelo mesmo tratado, convieram que os mahometanos conservariam em Jerusalem a mesquita de Omar, com livre exercicio de seu culto. Estas disposições irritaram por igual as duas religiões rivaes. Tanto o sultão do Cairo como o imperador da Allemanha foram acoimados de impios e sacrilegos, cada qual no seu campo.

4. Estava tudo como perdido, e Jerusalem deserta, quando Frederico lá entrou. Á frente dos barões, dirigiu-se á igreja do Santo Sepulchro: achou-a armada de negro em signal de luto, e nem um só padre n'ella. Frederico, que alli fôra para se coroar, pegou da corôa e pôl-a propriamente na cabeça.

Triste coroação, não santificada por preces e ceremonias religiosas (1229).

VII. Setima expedição. — *Voto de S. Luiz. Naufragio. Discurso do rei. S. Luiz em ferros.* — 1. O espirito de cruzada já andava longe do animo dos christãos europeus: havia apenas um rei que o abrigasse no coração piedoso.

Corria o anno de 1244, quando a França consternada ajoelhava ante os altares rogando a Deus a cura do seu rei Luiz IX, cujas virtudes lhe deram o titulo de santo. Devorava uma febre ardente o monarcha bemquisto do povo. Como cahisse em profunda lethargia, depois de sacramentado, o povo chorava á roda d'elle, quando o viu erguer-se e pronunciar occultamente estas palavras: «A luz do oriente desceu do alto céo sobre mim, pela graça do Senhor que me evocou d'entre os mortos.» E pedindo logo a cruz fez voto de ir soccorrer a Terra Santa.

2. Apenas restabelecido, partiu S. Luiz, apesar das supplicas dos circumstantes, e deixou a regencia á mãi. Pertencia então a Palestina ao sultão do Egypto que de novo se apoderava da Terra Santa. Entendeu S. Luiz que o mais seguro expediente de resgatar os lugares santos, era atacar os infieis onde elles mais força tinham. N'este presupposto, foi para o Egypto. Embarcou em uma sexta feira proxima do pentecostes. Era numerosa a esquadra porque tinha mais de cento e vinte navios de alto porte e mil e quinhentos menores. Navegavam a todo o panno, quando a subitas saltou o vento, escureceu-se o ar, alcantilou-se o mar, e d'ahi a pouco era tão furiosa a tormenta que todos os navios se dispersaram. Cada qual foi levado ao sabor da onda. Uns, impellidos pelo vento, abordaram nas ribas de Ptolemaida, outros foram mais longe [pojar em estrangeiras praias. Acalmada a tempestade, o piedoso monarcha passou revista ao seu exercito, e achou sómente 700 cavalleiros de 2800 que com elle tinham embarcado.

Porém como então chegasse o duque de Borgonha e Guilherme, renasceu nos soldados a esperança que o naufragio quebrantára.

Voltaram ao mar; e, depois de alguns dias de prospera navegação, avistaram Damietta, a mais formosa e rica cidade e fortaleza do Egypto. Levantava-se a meia legua do mar entre dous braços do Nilo, um dos quaes formava uma bahia capaz de recolher os maiores navios.

3. Logo que avistaram o inimigo toda a esquadra se acercou do rei. Os principaes caudilhos subiram á tolda, e o proprio rei assomou ao convez com semblante de inspirar valor aos mais timidos, dizendo: «Meus amigos, a vontade de Deus nos poz em frente do inimigo. O que devemos vêr aqui é a sua omnipotencia, e não aquella multidão de barbaros que defendem o reino que vamos combater. Avancemos, pois com firmeza, n'este lance em que todo incidente nos ha de favorecer. Se vencermos, ganharemos gloria immortal; se sucumbirmos, ganharemos a côroa de martyres.»

É inexprimivel o ardor que este discurso inspirou. Sentiram-no logo os sarracenos. As forças do sultão estavam postadas na praia. Travada viva peleja, os cruzados venceram, e entraram em Damietta já devorada pelas chammas.

4. Urgia aproveitar esta victoria, e perseguir sem delongas os musulmanos espavoridos; mas a demora perdeu tudo. Em quanto o exercito era assaltado pela peste, os inimigos recobraram-se do assombro, vendo o rei empécido pelo Nilo. Em Mansourah deram-lhe batalha, mataram-lhe Roberto d'Artoy, seu irmão, e prisionaram-o.

Luiz mostrou-se tão heroico entre ferros como na ponte de Taillebourg onde desbaratára os inglezes. Recitava o seu breviario com tanto socego como se estivesse no oratorio do seu palacio. Os infieis admiravam-lhe a sublime impassibilidade. Nada o quebrantou, nem a doença que o tolhia de andar, nem a indigencia das cousas mais preciosas. Resgatou em fim sua liberdade Luiz restituindo Damietta, e a dos seus mais grados cavalleiros com grandes quantias.

VIII. Oitava expedição. — *Cruzada de Tunis. S. Luiz ferido da peste. Resultado das cruzadas.* 1. S. Luiz, depois de resgatado, foi á Terra Santa, onde se deteve quatro mezes, reparando as velhas fortalezas, edificando novas, e resgatando do jugo dos infieis mais de 10:000 captivos christãos. Como então lhe morresse a mãi, voltou á França.

Outra e derradeira cruzada o tirou de novo á França, e então foi para sempre. Corriam pessimamente os negocios dos christãos, que na Syria possuiam apenas Acre. A noticia de ter sido tomada pelos sarracenos Antiochia resolveu S. Luiz a partir outra vez.

2. Embarcou em Aigues-Mortes em 1270. Carlos d'Anjou, seu irmão, que reinava nas duas Sicilias, decidiu-o a ir por Africa, lisonjeando-lhe a aspiração de reduzir á fé o rei de Tunis. Nova calamidade. Mal embarcou, accendeu-se a peste a bordo. O rei foi dos feridos mortalmente. Ao sentir avisinhar-se a morte, deitou-se em um leito coberto de cinza, e, cruzando os braços sobre o peito, postos os olhos no céo, expirou aos 25 de agosto de 1270, proferindo as palavras do psalmista: «Entrarei, Senhor, em vossa casa: adorar-vos-hei em vosso templo, e glorificarei vosso nome.»

3. A cruzada de Tunis foi a ultima d'essas expedições longinquas, primeiro suggeridas pela piedade ardente, e depois por estimulos de vangloria e sede de riquezas. Todavia, não foi esteril em consequencia do grande movimento dos povos occidentaes para a Asia. Os cruzados opulentaram a geographia de preciosos descobrimentos, desenvolveram a marinha e o commercio, e revelaram á industria processos novos. Os moinhos de vento, a roupa de linho, muitos legumes e plantas uteis foram importados para o occidente. As letras e artes propriamente ganharam com o contacto das magnificencias orientaes.

Quando, á voz de Pedro Eremita e de Bernardo, os cavalleiros e barões, levados de enthusiasmo, tomavam a cruz, não havia dinheiro para as despezas de tão longa viagem. Excellente occasião de se desopprimirem as communas. Compraram então a liberdade, e desde esse tempo se multiplicaram as alforrias dos servos. Sem as cruzadas, longo tempo as communas seriam servas, e talvez, sem longa luta civil, não obteriam a redempção que obtiveram com o dinheiro. (Veja Feudalismo).

Ainda em 1453 o papa Calisto III convidou os christãos á cruzada. D. Affonso foi dos principes europeus quem mais piedosamente ouviu aquelle brado um tanto anachronico. Vejamos como o snr. Pinheiro Chagas nos descreve esta derradeira manifestação das crenças cavalleirosas da edade media:

«No anno de 1453 cahiu a cidade de Constantinopla nas mãos de Mahomet II, sultão dos Turcos. Havia longos seculos que o imperio do Oriente não apresentava senão o espectaculo d'uma decadencia vergonhosa. Vergontea sahida da arvore romana, quando corrupção profunda já lhe carcomira o tronco, o imperio do Oriente logo ao nascer tinha em si os germens da dissolução. O servilismo mais repugnante, a fraqueza mais completa, a frivolidade mais absoluta, a immoralidade imperando nos costumes, enervando as almas, acanhando os espiritos, tudo isto fez com que ligassemos ao nome de Baixo-Imperio a idéa de todos os vicios que podem formar o cortejo d'uma decadencia completa.

«Tal decadencia ainda se tornou mais sensivel, quando essa reliquia decrepita do mundo antigo se achou em presença das rudes e vigorosas nações da moderna Europa, que um dos grandes refluxos da historia arrojava para a Asia d'onde tinham sahido os seus barbaros antepassados. A corôa dos cesares gregos cahiu aos pés dos cruzados, e Balduino, conde de Flandres, foi proclamado imperador de Constantinopla. Esbulharam-nos do diadema usurpado os Paleologos, mas para rojarem esse diade-

ma na lama aos pés d'uma nova raça nomada, a ultima das raças invasoras da Europa, os turcos, que, passando por cima das ruinas do imperio dos califas, vieram percorrer com as suas hostes devastadoras os jardins do imperio grego.

«Não contaremos a longa serie de humilhações e de revezes, que tiveram de soffrer os imperadores de Byzancio, calcados aos pés pelos turcos insolentes. Diremos apenas que em 1453 Mahomet II, appellidado pelos seus soldados El-Fathy, o conquistador, estava ás portas de Constantinopla, cidade em que se resumia o imperio do Oriente, cujo ultimo chefe, chamado Constantino, do mesmo modo que o seu fundador, se preparava para cahir com gloria, dando assim um remate honroso a essa deploravel tragedia do desmoronamento do Baixo-Imperio.

«Combateu como heroe, mas a cidade succumbiu. A Europa, que resistira com indifferença á vagarosa ruina d'essa reliquia da antiga Roma, soltou um grito de terror quando viu baquear o ultimo baluarte que a defendia contra as hordas asiaticas. Era provavel que os estados europeus expiassem amargamente o seu descuido, porque Mohomet II, homem d'incançavel actividade, já se preparava para a conquista da Italia, se dous heroes não surgissem a suster a torrente invasora, oppondo-lhe como dique as suas espadas robustas. Esses dous heroes foram na Hungria um dos celebres Hunyadas e na Albania o denodado Scanderbeg (Iskader-bey).

O papa Calisto III soltou o grito d'alarma, convidando os principes christãos para a cruzada. Tinham passado porém as épocas do fervor religioso, e os monarchas catholicos estavam mais dispostos a terminarem as suas contendas particulares do que a unirem-se contra o inimigo da fé. D. Affonso V de Portugal é que respondeu enthusiasticamente ao brado que o pontifice erguera, e se mostrou prompto a tomar a cruz. Prometteu servir por um anno com doze mil homens, á sua custa, e logo começou a fazer os preparativos necessarios. Comtudo o povo mostrava-se descontente, porque as despezas eram enormes. Os outros principes christãos respondiam com bastante frieza ao convite do papa e de D. Affonso. Por outro lado, correrias dos piratas francezes sobre navios nossos tornavam urgente o emprego d'algumas forças maritimas contra elles, e além d'isso o rei de Fez, constando-lhe que Affonso V, se ia apartar do reino para uma empreza longinqua, lisonjeava-se com a esperança de recuperar Ceuta.

«Ao mesmo tempo outros objectos chamaram a attenção de D. Affonso V, e lh'a desviaram da projectada cruzada.»

CUBAÇÃO. *Cubar* um corpo é avaliar em metros cubicos, stères ou decisteres o seu volume. (Veja VOLUME). Se o corpo tem fórma geometrica, tal como um prisma, cylindro, pyramide, cone, esphera (veja estas palavras), é facil avaliar-se o seu volume pelas regras peculiares da geometria. Mas se o solido tem fórma irregular, o que é o caso mais geral, é muitas vezes impossivel obter a sua cubação rigorosa pelo calculo. Comtudo, se o corpo é de mui pequenas dimensões e não se dissolve na agua, póde-se empregar o seguinte processo: toma-se uma vasilha de volume conhecido e enche-se d'agua; mergulha-se o solido dentro d'ella; e avalia-se o volume da agua expulsa pela immersão; este volume d'agua deslocada pelo corpo representará evidentemente o volume d'elle. A avaliação do volume da agua expulsa, é facil de obter, pois que cada litro equivale em volume a um decimetro cubico. Mas como seria difficil recolher exactamente a agua expulsa, dispõe-se ordinariamente ao longo da altura da vasilha uma escala graduada cujas divisões indicam o volume contado do fundo a cada uma d'ellas. Assim, depois de ter tirado o corpo mergulhado, pelas divisões da escala determina-se immediatamente o volume da agua que

sahiu da vasilha. — Se a densidade do corpo (veja Densidade) é conhecida, a sua cubação deduz-se facilmente do seu peso. Com effeito, o peso d'uma barra de cobre obtem-se multiplicando o seu volume, 56 decimetros cubicos por exemplo, pela densidade do cobre que é 8,9 : o producto exprime em kilogrammas o peso da barra; porque, se o volume fosse de agua pura no maximo de densidade, pesaria tantos kilogrammas quantos decimetros cubicos esse volume contém; mas como o cobre, em volume igual ao da agua, pesa 8,9 vezes mais, o seu peso é $56 \times 8{,}9 = 498{,}^{k}4$. Assim, conhecendo o peso d'um corpo irregular cuja densidade é dada, obtem-se facilmente o seu volume, pois que é conhecido o producto, $498^{k}{,}4$, e um dos dous factores, a densidade, 8,9, e portanto o outro factor, o volume do solido, tem por valor $\frac{498^{k}{,}9}{8{,}9} = 56$ decimetros cubicos, ou $= 0^{m.c.}{,}056$, quociente da divisão do peso pela densidade do corpo. — Finalmente, se a cubação do corpo não póde ser feita por nenhum dos processos indicados, imagina-se o corpo decomposto em partes de fórma geometrica, para as quaes a cubação se conhece. — A cubação das madeiras varía consoante os modos como se apresentam no commercio, que são: com casca, descascadas, ou esquadradas.

Nos dous primeiros casos, isto é, nas madeiras não esquadradas, a sua fórma é a de um tronco de cone, e a cubação obtem-se pela formula do volume d'este solido geometrico. (Veja Cone). Porém, como as bases são, em geral, mui pouco differentes, podemos, sem inconveniente na pratica, considerar o tronco de cone como um cylindro de altura igual ao comprimento do pau e de base igual á secção media entre as duas secções extremas: então a cubação obtem-se pela formula do volume do cylindro expressa no comprimento da circumferencia da base. (Veja Cylindro).

Esquadra-se um tronco descascado, inscrevendo no topo um quadrado, e marcando as arestas da esquadria ao longo do tronco, bem destorcidas com o eixo. Os segmentos conicos, que a serração separa, são as *costaneiras* do pau. Obtem-se o lado da esquadria pela regra seguinte: mede-se a circumferencia ao meio do tronco limpo de casca, diminue-se-lhe a decima parte, e toma-se a quarta parte do resto obtido; o resultado exprime o lado da esquadria, a menos de 0,0002 da circumferencia media, aproximação sufficiente na pratica. Obtida a esquadria, e tiradas as costaneiras, a peça considera-se como um parallelipipedo rectangulo, cuja base é a secção media, e cuja altura é o comprimento da peça: então a cubação obtem-se multiplicando a área da base pela altura. Por exemplo: um tronco d'arvore tem 10 metros de comprimento, e $2^{m}{,}50$ de volta na parte media. O calculo é este:

$$\frac{2^{m}{,}50 - 0^{m}{,}25}{4} = 0^{m}{,}56,$$ é a largura media das faces; $0{,}56^{2} = 0^{m.q.}{,}3136$ é a área da secção media; e

$$0^{m.q.}{,}3136 \times 10^{m} = 3^{m.c.}{,}136$$

é a cubação.

O faceamento dos troncos em casca, calcula-se de varios modos, conforme as localidades e as especies de arvores. Póde fazer-se o calculo ao $^{1}/_{4}$ da circumferencia media; ou ao $^{1}/_{4}$ com $^{1}/_{6}$ reduzido; ou ao $^{1}/_{4}$ com $^{1}/_{5}$ reduzido. Por exemplo: uma arvore de 2 metros de volta ao meio, fazendo o calculo ao $^{1}/_{4}$ com $^{1}/_{5}$ reduzido. A circumferencia media é 2 metros; reduzindo o $^{1}/_{5}$, que é $0^{m}{,}40$, resta $1^{m}{,}60$; tomando o $^{1}/_{4}$, obtem-se $0^{m}{,}40$ para lado da esquadria; assim esta arvore póde dar um apparelho de 40 centimetros de lado. Agora, póde-se facilmente determinar o numero de taboas que a serração do pau, a todo o comprimento, poderá fornecer, conhecendo-se a espessura das taboas, $0^{m}{,}05$, por exemplo. A espessura do *fio* da serra varía entre 5 e 8 millimetros; portanto, se este fio é de $0^{m}{,}006$ dividindo a espessura do pau,

$0^m,40$, pela espessura das taboas augmentada em $0^m,006$, ou $0^m,056$, obtem-se o numero de taboas: será 7.

A medição dos volumes das vasilhas de arco destinadas aos liquidos, denomina se *arqueação*. Os toneis, as pipas, e as outras vasilhas da mesma fórma, podem considerar-se decompostos em dous troncos de cone por uma secção vertical que passe pelo batoque; e assim a sua arqueação faz-se empregando a formula peculiar da geometria.

Mas esta supposição não é exacta, porque, como as aduelas são curvas, que muito se aproximam da ellipse ou da parabola, despreza o volume gerado pela rotação do segmento formado pela curva da aduela e a corda tirada do batoque ao ponto de união da curva com o tampo.

O snr. Couceiro propõe substituir a consideração dos dous troncos de cone por a de um cylindro, cujo raio da base é o raio do tampo do tonel augmentado no producto da differença do raio do bojo e este raio multiplicado pelo *coefficiente* constante 0,60, e cuja altura é o comprimento interior do tonel.

A differença dos raios do bojo e do tampo, avalia-se facilmente por meio de um esquadro, feito de duas ripas, que se ajusta ao tonel, ficando um dos lados certos com o arco do tampo, e o outro bem destorcido e tangente ao bojo. Appliquemos a um exemplo.

Diametro do tampo $= 1^m,325$; differença entre o raio do bojo e o do tampo $= 0^m,219$; comprimento interior $1^m,602$.

Typo do calculo

Differença	0,219
Coefficiente de curvatura	0,60
	0,1314
Raio do tampo............	0,6625
Raio medio definitivo....	0,7939

Área da base........ $= \pi \times 0,7939^2 =$
$= 3,14 \times 0,6303$
$= 1^{m.q.},9791$

Comprimento interior.	1,602
	39582
	118746
	19791
Capacidade........	$3^{m.c.},170.5182 =$
	$= 3170^{lit.},52$

A cubação é assumpto para variados problemas tão uteis na pratica quanto importantes no ensino, pois que a sua solução é uma constante applicação das formulas das áreas e volumes das figuras geometricas. Eis alguns problemas que servirão de norma para exercicios d'este genero:

1.º Calcular o volume de uma viga faceada, das mesmas dimensões em toda a sua extensão.

Dimensões: $12^m,30$, $0^m,25$, $0^m,18$

Volume $= 12^m,30 \times 0^m,25 \times 0^m,18$

2.º Avaliar o volume de uma pilha rectangular de lenha, de $2^m,2$ de altura, $8^m,5$ de comprimento, e cujas achas teem $1^m,6$ de comprido.

$$\text{Volume} = 8^m,5 \times 2^m,2 \times 1^m,6$$

3.º Calcular a capacidade de uma dorna, cujo diametro interior da bocca é $1^m,120$, e o do fundo $0^m,834$.

Capacidade $=$

$$3,14 \times (\overline{0^m,560}^2 + \overline{0^m,417}^2 + 0^m,560 \times 0^m,417) : 3$$

4.º Calcular o volume da viga bem faceado, que se tira de um tronco em casca, de 15 metros de comprimento, e $2^m,45$ de circumferencia media; fazendo o calculo ao $^1/_4$ com $^1/_5$ reduzido.

Typo do calculo

	2,45
Reducção de um $^1/_5$	0,49
Resto..................	1,96
	$^1/_4$=0,49

Volume $= \overline{0^m,49}^2 \times 15^m$.

CUCURBITACEAS. Esta familia comprehende plantas herbaceas, em geral annuaes, cujos fructos, variados na fórma, e de consideravel grossura, contem polpa mais ou menos carnosa e succulenta. Taes são: os *melões*, as *aboboras*, os *pepinos* e as *melancias*.

«As aboboras querem terra humida, bem estercada e cavada, e que se reguem; fazem-se melhores em terra que tenha sol. Diz Columella que se semêem no fim de março, em abril, ou em maio, em minguante de lua, e depois de nascidas se lhes cobrirão os pés com montão de terra; e semêem-se fundas.

«Crescentino diz que estando muito crescidas, as desponteis, e darão para pannos; e se a abobora fôr branca lhe ponham paus ou ramos para subir a tal planta.

«Para semente se guarde das primeiras mais crescidas; de conserva são excellentes e muito frescas, boas para sãos e doentes.

«Guisam-se com especies e vêrsas calidas por serem muito humidas, e se lhes diminue a nativa frialdade: em verdes são nocivas a pessoas fleugmaticas e melancolicas, por serem frias e humidas: atadas em um panno e postas de molho matará a sua agua os persevejos.

«Semeiam-se por março, abril ou maio, e querem a mesma terra que as aboboras, e a mesma cultura; o regal-os seja da sorte que só na raiz toque a agua; a semente antes de a semearem se lance de molho em leite de cabras ou agua-mel, e semeando-lhe a ponta da pevide para baixo, darão mais fructo.

«Estando grandes se despontarão alguns olhos para que vinguem bem o fructo: estando crescida a rama os tornarão a soterrar, e repartirão para cada parte seu ramo e deitarão montão de terra no meio. Se depois de darem fructo lhes cobrirem as raizes de muita terra, no anno seguinte rebentarão cedo pepinos.

«Os mais verdes e mais pequenos são os melhores: mettidos em salmoura, diz um author, se conservarão verdes todo o anno. As folhas dos pepinos pizadas e postas em cima da picadura da centopêa ou cão damnado, é proveitosa, misturada primeiro com vinho.

«Os melões querem ares mais quentes que frios e que tenham muito sol, terra grossa, nova e de substancia, que esteja folgada, e que seja fóra de arvoredos, plana, bem cavada e desfeita.

«Semêem-se de semente bem grada, que será a que deitada na agua não fôr ao fundo, e que seja nova, deitando as pevides primeiro de molho em agua com assucar, que os fará serem muito doces: se cobrirem com terra as raizes quando os colherem, rebentarão no anno seguinte ao semear as de pevide, e darão fructo cedo. Semêem-se em março ou abril, em minguante de lua, e das pevides do meio do melão.

«O colher os melcões, faça-se de manhã antes de lhes dar o sol, e antes de estarem de todo maduros, que ao depois se farão maduros de todo, e seja quando se lhes seccar o pé; suas pevides fazem ourinar; e por frios em amendoadas para os enfermos de febres são boas; do melão se coma pouco por ser de dura digestão.

«As melancias querem terra arenosa e grossa; causam cruezas; rebentarão no anno seguinte ao semear as de pevide, e darão fructo cedo. Semêem-se em março ou abril, em minguante de lua, e das pevides do meio da melancia; são indigestas, supposto refrescam muito.»

CUNHA (José Anastacio da). «José Anastacio da Cunha nasceu em Lis-

boa no anno de 1744, sendo seus paes Lourenço da Cunha, pintor de profissão, e Jacinta Ignez, educada desde a infancia em casa de Manoel de Saude e Vasconcellos, thesoureiro-mór do reino. — Rompendo a guerra entre Portugal, Hespanha e França em 1762, José Anastacio, que desde a infancia mostrára facilidade de comprehensão junta a talentos não vulgares, assentou praça no regimento de artilheria do Porto, subindo em breve tempo aos postos de 2.º e 1.º tenente de bombeiros como recompensa dos rapidos progressos que fizera nos estudos de mathematica, artilheria e fortificação.

«Um acontecimento summamente honroso para o nosso compatriota lhe originou desgostos e trabalhos que bastante o incommodaram. Conhecendo elle a falsidade de algumas doutrinas de Belidor e Dulac, authores que o conde de Lippe, então marechal general do exercito portuguez, dera no seu plano de 1763 como guia aos officiaes de artilheria do mesmo exercito, apresentou-lhe uma memoria sobre a balistica, em que combatia com razões indestructiveis varias d'aquellas doutrinas. O marechal reputando esta discordancia de principios uma quebra da disciplina militar, tratou José Anastacio com severidade mandando-o prender por alguns dias. Pouco tempo durou, porém, esta injustiça, pois não só o marechal lhe restituiu a liberdade, como o apontou ao brigadeiro Ferrier, commandante do regimento em que elle servia, como digno de ser promovido na primeira occasião.

«O conde de Oeiras, depois marquez de Pombal, tendo noticia dos abalisados conhecimentos de José Anastacio, o nomeou lente da faculdade de mathematica na universidade de Coimbra, que então reformára: — cadeira que poucos annos regeu, porquanto sendo accusado ao santo-officio, no principio do reinado da Senhora D. Maria I, de haver expendido idéas menos orthodoxas, foi preso, e, depois de penitenciado por aquelle tribunal, recluso na casa de Nossa Senhora das Necessidades da congregação do oratorio, d'onde no fim de algum tempo sahiu, sem que todavia o restituissem ao seu antigo lugar da universidade.

«No entanto o celebre intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique, fazendo inteira justiça ao merito de José Anastacio, e conhecendo quão util elle seria no magisterio o nomeou professor de mathematica e director do collegio denominado de S. Lucas, estabelecido na casa pia do castello de S. Jorge e destinado á educação d'orphãos e meninos desvalidos. — Para instrucção dos seus discipulos escreveu José Anastacio um compendio de mathematicas puras que se estampou no anno de 1790: — obra em que João Manuel d'Abreu, socio da academia real das sciencias, achou tal merecimento, que para a vulgarisar mais na Europa a traduziu e fez imprimir em francez, defendendo-a tambem das leves censuras da *Edimburg Review*.

«Este livro (diz um distincto mathe-«matico portuguez ha poucos annos «fallecido) em que brilha a mais admi-«ravel concisão, e aonde ha, sem du-«vida, uma disposição inteiramente «nova na distribuição da doutrina e «sua deducção, notando-se mesmo «algumas idéas originaes, tem por «isso sido o objecto da admiração «e louvor exagerado de uns, e da «censura acerba e desapprovação de «outros.»

«José Anastacio não chegou a vêr impresso o seu compendio em 1790, pois a morte o roubou ás sciencias, á patria e aos seus amigos quasi no momento em que devia sahir do prelo aquella obra.

«Viu mais a luz publica, por diligencias do então conde do Funchal, ministro de Portugal em Londres, varão respeitado pelas suas qualidades e litteratura, o *Ensaio sobre os principios de mecanica*, composto por José Anastacio, como primeiras linhas de obra mais completa, que teria publicado se a morte lh'o não vedasse.

«Os manuscriptos que José Anastacio deixou, e de que João Manuel de

Abreu nos dá conta no prologo da sua traducção franceza do *Compendio de mathematicas*, são os seguintes: — 1.º Discurso preliminar sobre os primeiros elementos de geometria: 2.º sobre as potencias e logarithmos: 3.º sobre as raizes: 4.º sobre o infinito mathematico: 5.º contra o methodo das primeiras e ultimas razões das quantidades nascentes e desvanecentes de Newton; e 6.º theoria das fluxões.» (M. T.)

CUNHA (D. Rodrigo da). (1577-1643). Foi bispo de Portalegre, do Porto, arcebispo de Braga, e de Lisboa. Teve grande parte na independencia do reino, restaurada em 1640. Foi conselheiro de estado, havendo já sido governador do reino. Escreveu livros de historia concernente aos bispos do Porto e aos arcebispos de Braga e de Lisboa. A linguagem é mais perfeita que a sua critica dos documentos, segundo a authoridade eminente de João Pedro Ribeiro. Como prosador, hombreia com os mais distinctos; como historiador, não foi mais avisado que a maioria dos seus contemporaneos. É muito considerado pelos antiquarios como verdadeiro e prudente nas suas investigações.

CUNHA (Tristão da). (Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

CUPULIFERAS. Esta familia comprehende arvores e arbustos communs em nossos arvoredos: o carvalho, o castanheiro, a faia, os carpinos, avelleira, sobreiro, azinheira, etc.

CURIOSIDADE. «A curiosidade, attenta ás cousas, denota elevação de espirito; a que entende só com as pessoas argue mesquinharia de alma.» (De Levis). «É a curiosidade defeito das crianças, que tudo ignoram, e dos tolos que se entretem com as parvoices alheias.» (M.me de Puissieux). — «Á curiosidade deve o homem tudo que sabe. É tal o seu desejo de saber, desde o principio, que já os livros sagrados o indicam tão orgulhoso quanto curioso. Desejar saber para utilmente empregar a sciencia é dar á curiosidade um intuito dignissimo do homem, unico ser capaz de aperfeiçoar-se. Estudemos o fim da nossa curiosidade para lhe aquilatarmos a natureza. Dividil-a-hemos em util, superflua e nociva. A primeira resguarda-nos das outras. Pessoas empenhadas em descobrimentos de valia não se importam de cousas alheias de suas lides: os curiosos de cousas grandes desdenham de bagatellas. Curiosidade sem intuito é predicado dos espiritos vãos. A esposa de Loth quiz *vêr*, e pereceu; Dina quiz *vêr*, e deshonestou-se; David é levado pela curiosidade; satisfêl-a, e tornou-se adultero e homicida. Pandora deseja saber o que encerra a caixa que os deuses lhe deram: abre-a, satisfaz a curiosidade, e cobre a terra de flagellos. Nasce tambem da consciencia inquieta a curiosidade. Os avaros, os intriguistas, os impertinentes, as namoradiças, andam sempre á escuta do que dizem d'elles e d'ellas. Curiosidade sem o proposito da instrucção em sciencias, letras ou artes, faz os homens importunos e desconsiderados, quando não perigosos pela imprudencia que anda a par com a curiosidade.

2. «Sendo a curiosidade dos meninos um pendor natural que antecede a instrucção, é bom aproveital-a.» (Fén., *Educação das meninas*, cap. III). — «Não apagueis em vós o sentimento da curiosidade: regrai-o, sim, com boa direcção. A curiosidade é conhecimento já começado que vos fará ir longe e depressa no caminho da verdade.» (M.me de Lambert). — Eis o modo de excitar e ter sempre bem a ponto a curiosidade dos meninos: «Quaesquer que sejam as perguntas de uma criança, não se lhe desprezem nem escarneçam; pelo contrario, devemos sem nos zangarmos com a inepcia das perguntas, responder a tudo, explicar-lhe tudo que é bom que saiba, singelando-lhe as palavras á medida do seu entendimento. O melhor, em taes casos, é empregar comparações, em termos já conhecidos

dos meninos. As crianças folgam de exprimir-se por comparações. Falle-se-lhes sempre a linguagem d'ellas; que a mais forte causa de se esquivarem ao estudo é a escureza das explicações que se lhes dá, e o menospreço que mostramos quando ellas nos interrogam a seu modo. Haja grande cautela em não responder ás crianças com patranhas e maravilhas. As crianças são como viajantes recentemente chegados a paiz estranho que de todo ignoram: hajamos, pois, em consciencia não as enganar. Se as suas perguntas são frioleiras, sejamos serios nas respostas.» (Locke, *Educação dos meninos*).

CURVILINEOS. (Veja ELLIPSE).

CUVIER (1769-1832), naturalista celebre, cognominado o *Aristoteles* do seculo XIX, revelou desde annos muito em flôr perfeita aptidão para trabalhos mentaes, vigorosa memoria, e extremado zelo do estudo. Sabia lêr e escrever perfeitamente aos quatro annos; aos doze copiava os passaros de Buffon, lendo-lhes o texto avidamente; aos quatorze completou todos os estudos classicos, com suprema distincção. Estudou em Stuttgard a lingua e litteratura allemãs. Foi exercer o professorado particular em Normandia, onde se deu ao estudo da historia natural. Chamado a Pariz em 1795, grangeou notavel fama, já nas prelecções, já pelos escriptos, tornando-se «igual aos mestres, e mestre dos seus iguaes.» Afóra os numerosos empregos que exerceu como professor de historia natural e membro do Instituto, aproveitou a sua authoridade para tudo melhorar. Cuvier entrou na carreira politica, onde se assignalou por altos merecimentos; accusam-no, porém, de haver sido impopular na tribuna propondo leis avêssas ao povo. Como naturalista deu grande impulso á anatomia comparada, e á geologia bases novas, determinando a idade das camadas terrestres pela natureza dos detritos contidos n'ellas. — O maximo descobrimento de Cuvier é a *lei da correlação das fórmas*. Auxiliado por profundos estudos e attentas observações nas *ossadas fosseis*, encontradas em estado de petrificação, ousou reconstruir o esqueleto de mais de 160 animaes, cuja raça parece estar extincta. Respondendo á objecção posta de que taes animaes poderiam existir ainda em alguma região conhecida do globo, fez visitar as regiões inexploradas por modernos naturalistas, cujos relatorios confirmaram o systema de Cuvier.

Se Cuvier julgou das necessidades e instinctos dos animaes, segundo os instrumentos destinados a satisfazel-os, suas conjecturas sahiram tão judiciosas, que por ellas foi guiado a ulteriores descobrimentos. — No ponto de vista geologico, respeitando sempre as crenças biblicas, Cuvier tudo explica pela irrupção, permanencia, e retracção das aguas; —e d'esta arte elucida a addição gradativa dos terrenos novos e progressiva successão de entes vivos cada vez mais complexos. «Cuido, diz elle, que se alguma cousa está provado em geologia, é que a superficie do nosso globo soffreu grande e subita revolução, cuja época não póde ir muito além de cinco a seis mil annos; que esta revolução subverteu paizes habitados de homens e especies de animaes hoje muito conhecidos; que deseccou o fundo do mar e ahi formou regiões hoje povoadas; e que, depois d'esta ultima transformação é que pequeno numero de individuos, que ficaram incolumes, se derramaram por sobre terrenos novamente enxugados; e conseguintemente, depois d'essa época, é que as nossas sociedades retomaram um caminhar progressivo, formaram estabelecimentos, elevaram monumentos, recolheram factos naturaes e combinaram systemas scientificos. Porém, estes paizes hoje povoados já o haviam sido antes da revolução que os enxugou, *senão por homens*, por animaes terrestres; por tanto, já uma revolução precedente os havia sobposto ás aguas; e, a julgarmos dos differentes animaes, cujas reliquias

topamos, já haviam soffrido duas ou tres irrupções de mar.»

CYLINDRO. 1. O cylindro é o solido de revolução, que se póde considerar produzido do giro inteiro de um rectangulo ao redor de um dos seus lados. Este lado é o *eixo* do cylindro; o lado opposto descreve a superficie *lateral* ou convexa, a qual é distincta das outras duas superficies circulares, que limitam o solido no sentido do eixo, descriptos pelos dous lados contiguos a esta recta, e que são as *bases* do cylindro. Como a superficie lateral d'este solido é gerada pelo movimento d'uma recta que guarda o parallelismo comsigo mesmo, e passa constantemente por uma das circumferencias das bases, generalisou-se esta concepção, substituindo a linha circular por uma curva qualquer, e denominaram-se *cylindricas*, as superficies que admittem esta geração. Um cylindro póde ter, portanto, base circular, elliptica, ou outra qualquer fórma; e póde ser *recto* ou *obliquo*, conforme a direcção da genitriz é ou não perpendicular ao plano da base: em ambos os casos, a *altura* do cylindro é a distancia das bases entre si. Um cylindro recto ou obliquo póde ser considerado como um prisma cuja bases são polygonos de uma infinidade de lados. D'estas considerações resultam as definições e proposições seguintes:

2. O cylindro recto é o solido produzido da revolução d'um rectangulo ao redor de um dos seus lados. — As bases do cylindro são os circulos iguaes descriptos pelas bases do rectangulo gerador. — O eixo do cylindro é a recta que une os centros das duas bases, ou, n'outros termos, é o lado ao redor do qual gira o rectangulo gerador. — A genitriz ou aresta do cylindro, é o lado movel do rectangulo, parallelo ao eixo, que descreve a superficie convexa do solido. — O cylindro é recto quando tem o eixo perpendicular ás bases; é obliquo, no caso contrario. N'este ultimo caso, não póde ser produzido da revolução de um rectangulo. — A altura d'um cylindro é a distancia das bases entre si, isto é, é a perpendicular baixada d'um ponto de uma das bases sobre o plano da outra base; no cylindro recto a altura coincide com o eixo.

3. A superficie lateral de um cylindro recto obtem-se multiplicando a sua altura pela circumferencia de uma das suas bases; pois que esta superficie deve considerar-se constituida por uma infinidade de rectangulos, cujas bases são os elementos indivisiveis das circumferencias das bases do cylindro, e cuja altura é a genitriz ou o eixo; o que reduz o solido a um *prisma regular d'uma infinidade de faces.* (Veja PRISMA). A superficie total obtem-se ajuntando á expressão da superficie lateral a área das duas bases; isto é: a superficie total de um cylindro recto é expressa pela circumferencia da sua base, multiplicada pela somma do raio da mesma base com a altura do cylindro. — Observe-se que a superficie lateral d'um cylindro obliquo não póde ser obtida pelas proposições da geometria elementar. — O volume de um cylindro recto ou obliquo é expresso pela sua altura multiplicada pela superficie da sua base. Deduz-se directamente esta regra, observando que o cylindro é um prisma d'uma infinidade de faces. (Veja PRISMA). Obtem-se o volume de um involucro cylindrico, multiplicando a superficie da corôa circular que lhe serve de base pela altura. Dous cylindros são proporcionaes aos productos das suas bases pelas suas alturas. — N'um cylindro qualquer, toda a secção parallela á base, é circulo. Toda a secção parallela ao eixo, é parallelogrammo. N'um cylindro recto, toda a secção inclinada ao eixo, é ellipse. — Designando a a altura e R o raio da base de um cylindro, teremos as formulas:
Superficie de um cylindro recto

$$= 2\pi R \times a$$

Volume de um cylindro recto ou obliquo $= \pi R^2 \times a$. A formula do volume póde exprimir-se no comprimento C da circumferencia da base, notando que $R = \frac{C}{2\pi}$; assim teremos ainda:

$$\text{Volume} = \frac{a \times C^2}{4\pi}.$$

Esta transformação é util e mesmo necessaria, quando a medida directa do raio do cylindro offerece difficuldade ou é impossivel, como acontece muitas vezes na pratica; na cubação d'um tronco de arvore, por exemplo.

Applicações numericas das duas formulas: 1.ª calcular a quantidade de folha de ferro necessaria para construir um tubo cylindrico de 8^m de altura e $0^m,6$ de diametro. A formula da superficie dá

$$2 \times 3,1416 \times 0^m,3 \times 8^m = 15,^{m.q.}08.$$

2.ª calcular a quantidade de vapor contido no cylindro de uma machina, cujo diametro é $0^m,5$ e a altura $0^m,8$. A formula do volume dá

$$3,1416 \times \overset{m}{0,25} \times \overset{m}{0,25} \times \overset{m}{0,8} = \overset{m.c.}{1,570796}.$$

Eis ainda uma applicação util d'esta formula.

Os vasos destinados á medida dos liquidos, no systema legal de medidas, teem a fórma de cylindros rectos cuja altura é dupla do diametro da sua base: posto isto, calcular as dimensões do litro.

A formula dá, notando que o raio do cylindro é $\frac{a}{4}$ sendo a a altura, a relação

$$\pi\left(\frac{a}{4}\right)^2 \times a = 1 \text{ ou } \frac{\pi a^3}{16} = 1;$$

d'onde se deduz

$$a = \sqrt[3]{\frac{16}{\pi}} = \sqrt[3]{\frac{16}{3,1416}} = 1^{dm.},720$$

O litro é pois um cylindro cuja altura é de 172 millimetros, e cujo raio é de $\frac{172}{4} = 43$ millimetros.

CYRO. (Veja SEXTO SECULO).

CYSNE. (Veja PALMIPEDES).

D

DAHLIA. (Veja SYNANTHEREAS).

DALMATICA. (Veja PARAMENTOS).

DAMASQUEIRO. (Veja ROSACEAS).

DAMON. (Veja AMIZADE).

DANIEL. (Veja SEXTO SECULO E PROPHETAS).

DANÇA. 1. Entre os povos conhecidos, ainda os mais selvagens, a arte da dança foi a que primeiro se manifestou. O homem não tem senão dous meios para exprimir as suas sensações: a palavra e o gesto. Do mesmo modo que ha na voz humana inflexões de dôr e alegria, tambem estes se demonstram no homem pelos movimentos que agitam o rosto e os musculos. Ora d'estes diversos accordes nasceu a musica, assim como a dança nasceu dos meneios. Portanto estas duas artes procederam naturalmente uma da outra, e devendo ser o primeiro sentimento da creatura a expressão do reconhecimento ao Creador, a primeira musica assim como a primeira dança devia ser sagrada. De feito, entre os hebreus, a dança foi introduzida em suas festas. Moysés e Maria, sua irmã, depois da passagem do mar Vermelho e o desastre da armada egypciana, dançaram acompanhando córos de musica, dos quaes o *Exodo* nos transmittiu as palavras. As filhas de Silo dançavam durante as festas dos tabernaculos, quando foram roubadas pelos mancebos da tribu de Benjamin. Os hebreus, infieis a Deus, dançavam em redor do bezerro d'ouro. David dançou diante da arca santa, quando os levitas a conduziram da casa de Obededon de Bethelem, e em muitos de seus psalmos convida o povo a formar choréa de dança em honra ao Senhor. Foi provavelmen-

te esta a origem d'essas danças piedosas entre conegos e meninos do côro tão usadas no seculo decimo primeiro, e supprimidas no decimo segundo seculo por Odon, arcebispo de Pariz. O restante d'estes antigos costumes conservou-se nas festas de S. João. — Em Roma, no seculo de Augusto, Pylades e Bathyllo levaram esta arte a uma perfeição que nos parece hoje maravilhosa.

Parece comtudo, que os gaulezes não conheceram, como a maior parte dos povos da antiguidade, as danças religiosas. Velados pelas sombras da noite e dos bosques, os mysterios do culto dodonico não eram de natureza a admittir o poetico concurso da dança.

Invadindo as Gallias por sua vez, os francos e os godos ahi introduziram suas danças nacionaes, as quaes tinham muita analogia com as danças gregas. Pouco a pouco banida das cidades por seus excessos, a dança refugiou-se nas aldeias tornando-se o divertimento do povo. Foi então que tiveram começo esses pittorescos bailes dos paisanos que até a côrte veio mais tarde a adoptar — como se viu no casamento de Carlos VI, onde seis bearnezes executaram as danças de suas montanhas.

2. Considerada como um divertimento honesto, a dança é um excellente exercicio gymnastico, e Locke recommenda com razão que se ensinasse ás crianças. Fazei-lhe primeiro dar algumas voltas, e depois entrar nas contradanças: a criança aprenderá a ter a cabeça direita, e a collocar bem os pés e as mãos; regulará os movimentos aprendendo a definil-os, comprehenderá que as figuras d'uma contradança são combinadas com ordem; adquirirá o sentimento da compostura, e o gosto da musica; receberá lições de polidez, graça, e boas maneiras que nunca são inuteis; será em fim mais sociavel, e apta a gozar os prazeres innocentes da sociedade, sem se vêr em embaraços. Cuidado porém com os excessos. Se as crianças devem ser habituadas muito cedo ás boas maneiras, não se deve nunca esquecer que os *divertimentos* que não são regrados são necessariamente perigosos, por tanto ás mães de familia incumbe prevenir consequencias e o abuso de qualquer brinquedo. — Quanto a bailes de crianças, imitação dos *grandes bailes*, M.me Campan julga-os d'este modo:

«Não é necessario apressarmo-nos em cousas que dizem respeito á educação ainda nas mais essenciaes. É então preciso apressarmo-nos em inspirar o desejo de agradar pelo rosto, dança, e vestuario? As crianças tem tão pouca necessidade de brilho para se divertirem! Deve-se acaso introduzil-as antes do tempo em brilhantes reuniões onde podem fazer-se viciosas? É preciso fazer d'um simples divertimento objecto de grande esmero para o vestuario d'uma menina?

«As suas mães se enganam nos cuidados que ellas tomaram a este respeito, tomando vaidade pela ternura maternal. Além d'isso, quem sabe se algum joven dancista não dirigirá a seu par algumas d'essas palavras lisonjeiras que a menina deve ignorar até que possa apreciar-lhe o valor?» — A proposito da primeira lição póde-se insistir particularmente sobre todos os factos historicos mencionados, passando assim por meio de perguntas muitas épocas importantes. — É por meio d'estas lições indirectas trazidas naturalmente, que se dá aos discipulos o gosto dos estudos serios.

DANTE. Famigerado poeta italiano, que devera ser o cantor do catholicismo, e bastante é nomeal-o para resurgir um seculo inteiro á evocação de genio tão poderosamente creador. Nasceu, em Florença, por 1265. Era de illustrissima geração. Estudou em Florença, Bolonha e Padua. Não circumscreveu a sua applicação a estudos amenos. Cursou as philosophias de Platão e Aristoteles, historia, escolastica, santos padres, theologia, sciencias physicas. Sabia insignemente latim, provençal, e tanto ou quanto a lingua grega. Não foi

hospede em pintura e musica. Esmerou-se em calligraphia, predicado notavel em homem de tal espirito, e que não dá razão a uns litteratos que capricham em esgaravunhar letra illegivel. Casou em 1291 com Gemma Donati, de quem houve seis filhos; porém, como o casamento lhe não sahisse prospero, voltou-se para a politica. As tão famosas facções de guelfos e gibelinos assolavam por aquelle tempo a Italia. Tomou Dante a peito desterrar os caudilhos dos dous bandos. D'isto se lhe geraram calamidades. Os negros ou guelfos, quando invadiram Florença, fizeram grande mortandade nos contrarios, e condemnaram Dante a ser queimado vivo, se apparecesse em territorio republicano. Mallogrou-se ao poeta, em 1304, a tentativa de retomar Florença. Fugiu para Verona, e desde ahi enviou ao povo a celebrada epistola: *Populi mi, quid feci tibi?* Depois, deu-se a vagamundear, destino congenere de quasi todos os antigos epicos. A *Divina Comedia*, poesia de theologo, de philosopho e politico, foi-lhe dôce companhia na vida errante. Presume-se que Dante fiava do seu renome poetico o repatriar-se; mas a implacavel vingança do seu poema, em que vivos e mortos eram atassalhados, certo lhe deu mais inimigos. Não duvidou o poeta chamar contra Florença Henrique de Luxembourg, nomeado imperador; depois, descido de tamanho rancor, esquivou-se a presenciar o assedio da patria. A forçada retirada de Henrique, fallecido logo depois, deu como irremediavel o exilio de Dante.— Afóra a *Divina Comedia*, que lhe deu a immortalidade, compoz o poeta outras obras que revelam a vasta sciencia não rara nos altos engenhos de Italia. Em Ravenna se finou aquelle eminente poeta, á volta dos 56 annos.

2. «A extincta sociedade latina havia legado uma formosa lingua, mas de amortecida belleza, lingua inutil ao commum, porque não exprimia caracter, idéas, costumes e necessidades da vida nova. A necessidade de se mutuarem as relações, creára um idioma vulgar empregado nos dous lados dos Alpes do Meio-dia e nas duas vertentes dos Pyreneus orientaes. Adoptou Dante a lingua abastardada de Roma, rejeitada pelos sabios e poderosos. Encontrou-a vagabunda nas ruas de Roma, e nutrida ao acaso pelo povo republicano, plebeia e democraticamente; communicou-lhe á sua dilecta santas tristezas e sublimidades, independencia e virilidade. Do cahos tirou Dante a palavra do seu espirito; deu vida ao verbo do seu genio, fabricou a lyra de que havia de expedir tão donosas harmonias. A lingua italica e a *Divina Comedia* alvorejaram-lhe simultaneamente do cerebro. A um tempo, o illustre desterrado deu ao genero humano um idioma admiravel e um poema immortal.» (Chateaubriand).

3. «É difficil dar o delineamento da *Divina Comedia*. O entender-lhe cabalmente as particularidades tem empêços que surdem principalmente das frequentes allegorias e relanços da historia coeva. Dante, testemunha da maior parte dos successos e victima de muitos, não previu que a importancia d'elles se havia de perder. Amontoou-os para alli, não em desordem, senão antes com admiravel pauta em um plano que sobrepuja as mais amplas proporções. O *Inferno*, *Purgatorio*, e *Paraiso*, idéas que ponderavam em todos os espiritos, aclaram-se-lhe ao refulgir do genio, e lhe revelam—um, supplicios sem termo nem esperança; outro, penas expiatorias; e o ultimo bemaventurança eterna. Ahi é o poeta quem distribue a gloria ou a dôr aos amigos e aos inimigos da sua patria. A magestosa architectura d'esta triplice machina, a communicação estranha das tres partes entre si, as subdivisões imaginadas, a prodigiosa variedade das scenas, e o colorido e inimitavel energia de umas, e graças de outras, em fim, a simplicidade e original graça de tudo, de par com a creação de um idioma — são predicados que afiançam á obra de Dante a

perpetuidade que os defeitos, e as variações do gosto e caprichos da moda já não poderão aguarentar-lhe.» (Ginguené).

DARIO. (Veja QUINTO SECULO).

DAVID. (Veja ONZE (seculo).

DAWI. (Veja INVENÇÕES).

DÉBORA. (Veja QUATORZE (seculo).

DECORO. «É com as boas maneiras, com pequenas attenções, e pelo fino tacto de fallar ou calar-se a proposito adivinhando as conveniencias de toda a especie, que se ganha a amizade d'aquelles com quem se deve viver.» (S. Lambert). — «O merito das conveniencias está no que se diz, e no que se cala.» (M.me Nicker). — «O defeito da educação e da sensibilidade reconhece-se pelo esquecimento do decoro.» (J. L. Mabire). —O homem *bem nascido* e *bem educado* supporta com paciencia os defeitos, os ridiculos, o mau humor d'aquelles com quem tem relações; não os contradiz senão quando deve, previne-os logo que póde, procura agradar-lhes mas sem baixeza nem interesse: dá-lhes conselhos que elle proprio seria contente de receber, mostra-se sempre benevolo, mas sem lisonja. — Quem não é discreto em perguntas, nem reservado em palavras, evita-se como incommodo e fatigante. O homem indiscreto arranca muitas vezes segredos que não queriam confiar-lhe, pelo embaraço e confusão que causam seus interrogatorios. Nunca se é demasiado attento ás palavras; é preciso considerar diante de que pessoas se falla, porque nem diante de crianças, meninas ou padres se podem abrir e sustentar conversações que se tem com mancebos. É indiscrição mostrar-se sabedor em presença de sabios, velhos instruidos, ou homens especialmente versados nas questões de que se trata; em fim o menino bem educado deve abster-se de tomar mão na conversação, salvo se é responder quando o interrogam, logo que se encontra em sociedade com homens de mais idade. — A intolerancia nas opiniões, é prova de ignorancia e teimosia; quanto mais se é instruido mais se comprehende que a tolerancia é um dever. Os homens não podem concordar em todas as cousas, e sobre todas as idéas, quer porque se combinam raras vezes, quer por que a sua educação foi differente, ou porque não tem os mesmos interesses, os mesmos prejuizos, os mesmos conhecimentos, os mesmos habitos, as mesmas faculdades. Não devem por isso admirar-se da discordancia de suas idéas. Cada um póde sustentar a sua opinião quando nenhum decoro se oppõe a isso: ou pelo menos é livre de presistir n'ella.—Dictar esta lição e fazer perguntas oraes sobre a conveniencia dos gestos, das palavras nas relações ordinarias da vida.

DEFEITOS. 1. «Não ha ninguem sem defeitos: o melhor é o que tem menos.» (Horacio).—«O sabio tem vergonha de seus defeitos, mas não se envergonha de os corrigir.» (Confucio). — «Os defeitos que nos outros nos molestam, não nos incommodam, se são nossos: ha sujeitos que pintam os outros horrendamente, e estão fazendo o proprio retrato.» (La Bruyère). — «A caridade não nos aconselha que fechemos os olhos para não vêr os defeitos de outrem; observa-nos que os não encaremos com inutil attenção, e que sejamos tão cegos no exame do mal como usamos sel-o no exame do bem.» (Fénelon).—«É melhor saber cada um os defeitos que tem que andar em pesquizas de segredos do estado, e destrinçar enigmas da natureza.» (Bossuet). — «Mais de prompto nos conhecemos viciosos que defeituosos; mais de prompto nos corrigimos de defeitos que de vicios... São perdoaveis nossos defeitos, se os não conhecemos.» (Trublet).

2. Os *defeitos* oppostos ás *demasias* denotam o que quer que seja deficiente em nossa natureza moral e

physica. Os defeitos corporaes podem influir no caracter moral: os gibosos, os coxos, os zarolhos e os gagos, etc., tem quasi sempre o espirito desabrido, maledico, invejoso, ou por que os zombetearam na infancia, ou por que buscam a compensação do defeito no espirito maldoso. É, pois, prudente não lhes espinhar o amor proprio.— As pessoas favorecidas da belleza corporea, idolatradas desde a puericia, são vaidosas, caprichosas, e estonteiam com os incensos da lisonja.— A agra escóla da desgraça ensina e corrige; porém, fartas vezes, sob a rôta libré do infortunio, ha muita abjecção, servilismo, preguiça e libertinagem. Multiplicam-se mais espontaneos os defeitos nas infimas classes, porque surdem da fraqueza, da ignorancia, da ausencia de meios e educação.— Pelo contrario, as naturezas robustas, as almas activas usam ter mais vicios que defeitos. (Veja INDOLE).

DEFINIÇÃO. 1. É uma operação do entendimento, pela qual se decompõe a *comprehensão* de uma idéa. (Veja ABSTRACÇÃO). *Definir* quer dizer limitar, circumscrever: ora, para demarcar os limites de uma cousa, é mister conhecer-lhe toda a extensão, havel-a exactamente medido. É, porém, raro haver desde logo tão claro conhecimento do objecto. Ha sciencias avançadissimas que ainda não lograram definir precisamente os seus principaes elementos. A jurisprudencia ainda anda á cata da definição de *direito*, a moral do *bom*, e as artes do *bello*. —Pelo ordinario, definimos pelo *genero proximo* e pela *differença proxima*. O triangulo é uma *superficie* terminada por *tres linhas rectas*. Poder-se-hia dizer: o triangulo é uma *extensão* (genero); mas é mais precisa a palavra *superficie* (genero proximo) que é a extensão, abstrahindo de profundidade. A superficie só por si tanto conviria ao circulo como ao quadrado, etc.; o triangulo não é toda a superficie, é tão sómente o que é determinado por tres linhas (*differença*), e, que mais importa, por tres linhas rectas (differença proxima).

2. «Tres cousas são necessarias a uma boa definição: que seja *universal*, *propria* e *clara*. Universal, que comprehenda todo o definido; propria, por convir sómente ao definido; clara, que nos dê a mais luminosa e distincta idéa da cousa definida.» (*Logica* de P. R.) Quanto á definição das palavras, como os grammaticos a entendem, é isso da maior importancia na discussão e exposição de uma doutrina. Com exactas definições se dá clareza ao discurso, e se evitam os equivocos em que póde claudicar quem emprega palavras em sentido diverso de que ellas são tomadas por quem o ouve.

DELATORES. Chamavam-se em Roma *delatores*, em opposição aos *accusadores* propriamente ditos, uns homens que denunciavam delictos, sem que lucrassem com a repressão dos delinquentes. Tacito, em sublimes paginas, expoz á execração da posteridade aquelles homens abjectos e sanguinarios, escolta immerita da tyrannia, de que os principes se rodeavam para se defenderem do odio geral. Prohibiu Constantino que se escutassem os delatores, condemnando-os á morte. A delação, em todas as épocas, foi detestada.—«Os principes, dizia Diogenes, tem nos seus paços duas especies de alimarias: as feras aulicas, os *lisonjeiros*, e as bestas feras, os delatores.» — «Quem tivesse vicios e arrojo, vilissima alma e cobiça farejava um criminoso cuja condemnação podesse agradar ao principe: era o caminho das honras e riqueza. Entre nós já não ha isto.» (Montesquieu).

2. O menino *accusador*, quer em familia, quer em collegio, póde gostar de vêr que a culpa que elle accusa produz certa repulsão; mas, de ordinario, com tal costume, obtem vantagens despreziveis, e preferencias que não obteria com outro titulo. O menino, a quem na cosinha perguntam o que se diz na sala, e na sala o que se diz na cosinha, e é recompensado pela exactidão das suas informações, está d'ahi a pouco bastante estragado e perto de *delator*. Queres preservar teu filho de

tal vicio? Nunca lhe perguntes cousa, cuja resposta possa damnificar teu proprio inimigo. Se elle te conta novas que possam ser nocivas a terceiro, nunca lhe applaudas o entremetter-se. Não lhe perguntes o que viu ou que devia vêr; mas acautela-te de que os de fóra lhe aviltem o caracter insinuando-lhe o sestro de accusar.

DELAVIGNE (Casimir). Nasceu em 1794. Notavel poeta dramatico, author das formosas elegias, intituladas *Messeniennes*, que espertaram grande patriotismo em França. Morreu em 1843. Tem uma estatua no Havre, erigida em 1852. Do mavioso poetar de Delavigne nos deu o snr. Alexandre Herculano um admiravel traslado na poesia intitulada o *Cão do Louvre*:

Tu que passas, descobre-te! Alli dorme
O forte que morreu.
Dá ao martyr do Louvre algumas flores;
Dá pão ao seu lebreu.
Da batalha era o dia. O canhão troa:
E o livre corre á morte, e junto d'elle
O seu cão vai:
A mesma bala ambos feriu: o martyr
Não deploreis: o amigo seu que vive
Só pranteai!
Tristonho, sobre o forte elle se inclina,
Affagando-o e gemendo; e a vêr se acorda
Põe-se a latir;
E do seu companheiro no combate
Sobre o cadaver sanguinoso o pranto
Deixa cahir.
Essa gleba guardando onde repousam
As cinzas dos heroes, nada o consola
No seu gemer;
E ao que o ameiga triste repellindo,
«Oh, que não és meu dono!» — o cão parece
Tentar dizer.
Quando sobre as grinaldas de perpetuas
O matutino alvor da aurora o orvalho
Faz scintillar,
Os olhos abre vividos, e pula
Para affagar seu dono, que elle pensa
Ha-de voltar!
Quando da noite a viração as c'rôas
Fez ranger sobre a cruz do monumento,
Desanimou:
Elle quizera que seu dono o ouvisse;
E ladra e uiva; mas o adeus de á noite
Lá lhe faltou!
O inverno chega, e a neve, com violencia,
Cahe, e branqueia, e esconde esse gelado
Leito de morte:
Eil-o que solta um lugubre gemido,
E busca, alli deitando-se, amparal-o
Do frio norte.
Antes que os membros lhe entorpeça o somno,
Mil tentativas para erguer a campa
Inuteis faz:
Depois comsigo diz, como hontem disse,
«Quando acordar, por certo, ha de chamar-me.»
E dorme em paz.
Mas, na alta noite, em sonhos vê trincheiras,
E seu dono entre as balas encontradas
Cahir ferido:
E ouve-o que o chama com sibillo usado;
E ergue-se e corre após uma van sombra,
Dando um bramido.
É alli que elle espera horas e horas,
E saudoso murmura: alli pranteia,
E morrerá.
O seu nome qual é? Todos o ignoram.
O que o sabia, o dono seu querido,
Nunca o dirá!...
Tu que passas, descobre-te! Além dorme
O forte que morreu.
Dá ao martyr do Louvre algumas flores,
E esmola ao seu lebreu.

DELPHINADO. A *Grande-Cartuxa*, situada n'este departamento, é um dos mais celebres mosteiros do mundo. S. Bruno, nascido em Cologne (1084), depois de haver exercido em Reims os mais elevados empregos, dissaboreou-se do mundo, e retirou-se a um asperrimo ermo. Seguiram-o tres amigos, e logo numerosos aspirantes a tão rude viver. Ao principio, abrigaram-se em choupanas, que as ventanias sacudiam, e o peso das neves abatia; depois, cultivaram uma granja, e depois uma vasta casaria. Hoje em dia, consiste o mosteiro em um vasto pateo, cercado de casinhas separadas, cada uma com seu monge, que ahi vive trabalhando e orando sósinho, toda a noite e grande parte do dia. Cada monge tem tres cubiculos, o da cama, o da oração e o da officina; e cada casinha tem seu quintal. — Os viajantes são bem hospedados no mosteiro. Tem como alimento ovos, peixe e fructas, etc. É costume dar, quando se deixa o mosteiro, a esmola de quatro francos por cada dia que lá se passa. — Outr'ora as florestas exploradas e alguns bens distantes abastavam ás precisões dos cartuxos; porém como a revolução lhes tirasse os haveres todos, tiveram de

crear uma industria innocente, a distillação de plantas aromaticas, que misturam na aguardente, licôr que se vende em todo o mundo com o nome de *Grande-Chartreuse*.

Tambem houve em Portugal um convento, nos arrabaldes de Lisboa, denominado *Cartuxa* de Laveiras. Lord Beckford, que existiu alguns annos em Portugal, em uma de suas cartas, escriptas em 1787, dá curiosissima noticia a respeito da Cartuxa portugueza. Diz assim o intelligente millionario:

«Em meia hora quasi estavamos sentados á vista da igreja, que faz frente para os jardins e quinta real de Caxias; fômos introduzidos n'um vasto e silencioso quadrangulo; alguns espectros d'aquella ordem monachal se escôam pelos claustros, que se ramificam d'este pateo. No meio ha uma fonte de marmore, sombreada por pyramides de buxo tosqueado, e em redor sete ou oito pequenas capellas, uma das quaes contém a imagem encarnada do Salvador na mais tremenda agonia de sua paixão, a qual se figura coberta de contusões e sangue coalhado.

«Quando nos occupavamos a examinar esta imagem tão propria, alguns monges por ordem do seu superior se juntaram ao pé de nós; um d'elles, interessante e bem apessoado, attrahiu a minha attenção pela profunda melancolia retratada nas suas feições. Tendo-me informado, soube que apenas contava vinte e dous annos de idade, que era de illustre ascendencia, e dotado de viveza e talento; mas a causa immediata de ter procurado esta morada de quietação e de austeridades repugnava ao grão-prior o communical-a.

«Não pude deixar de observar, tendo diante de mim a victima novel, e contemplando a luz vespertina que coava pelas arcadas do quadrangulo, quantos occasos do sol verosimilmente elle teria de vêr desperdiçar seus luzeiros sobre estas paredes, e quão enfadosa serie de annos essa a que se sacrificou, consumida com toda a probabilidade dentro d'este recinto. Os olhos do bondoso prior humedeceram-se de lagrimas. Verdeil estremeceu de horror, e o abbade, olvidando o supersticioso papel que geralmente representa nos lugares santificados, prorompeu em vehementes exclamações contra a tolerancia de sacrificios humanos, e de permittir que renunciem o mundo mancebos ainda incapazes de fazerem devida apreciação de suas mágoas ou vantagens. Quanto a D. Pedro... a sua compleição melancolica recebeu um supplemento de tristeza á vista dos objectos que o rodeavam. O vento frio que soprava de uma casa de abobada, onde os padres se enterram, e cujo pavimento dá um som cavo quando se anda, lhe incutiu terror. Era a primeira vez que entrava n'um convento cartuxo, e, com admiração minha, mostrava ignorar as austeridades da ordem.»

DEMOSTHENES, o eloquente orador atheniense, foi filho d'um cidadão abastado, que vivia do rendimento de muitas ferrarias; por isso os seus adversarios, presumindo injurial-o, lhe chamavam o filho do ferreiro, como se a ascendencia plebeia influisse no engenho, ou diminuisse os quilates do merecimento. Os maiores inimigos de Demosthenes foram os obstaculos que a sua organisação physica punha ao exercicio da profissão que abraçára; mas a perseverança, e inauditos esforços venceram os defeitos naturaes: respiração curta, pronunciação difficil, gestos ridiculos, timidez infantil embaraçavam os vôos do illustre orador da Grecia, que, mal acolhido do publico no seu primeiro ensaio, esteve a pontos de abandonar desconsolado a nobre carreira, que encetára com ardor, se não foram os conselhos d'um ancião venerando, a cuja perspicacia não escapou o talento de Demosthenes. Parecem incriveis as diligencias que este homem celebre pôz em pratica para corrigir os seus defeitos physicos, e attenuar o mau effeito que produziam no animo de ouvintes de tão delicado gosto e polidas maneiras, como era n'aquelle tempo o povo athe-

niense: subia a correr lugares escarpados recitando extensos periodos para exercitar a respiração, revolvia de continuo na bocca miudos seixos para desembaraçar a lingua, declamava as suas orações á beira-mar em occasiões de tempestade para se acostumar ao borborinho popular, em fim, para perder o habito de erguer um hombro sempre que concluia um periodo, as recitava tambem em casa n'uma especie de pulpito estreito, por cima do qual mandára pendurar uma vara armada com um aguilhão, em postura e altura exactamente correspondente ao hombro, que costumava levantar, o aço entrando-lhe na carne o advertia para largar aquelle gesto ridiculo. Tanto era preciso para agradar a um povo conhecedor, mas frivolo, e disposto sempre a zombar das minimas singularidades de qualquer, ainda nos mais serios actos.

«A vida de Demosthenes foi inquieta não só por causa das rivalidades, como pelo estado da sua patria abalada por discordias intestinas e guerras externas. Na tenra idade teve má fortuna porque ficando orphão apenas com sete annos, cahiu em mãos de tutores que lhe defraudaram o patrimonio. A opposição decidida que sempre fez á politica ambiciosa de Philippe, rei de Macedonia e pai de Alexandre Magno, suscitou-lhe incommodos e desgostos; mas a essa opposição deve a posteridade as mais vehementes orações de Demosthenes, chamadas Philippicas, do nome da pessoa contra quem foram proferidas. Nas embaixadas, nos conselhos, no fôro, o illustre orador foi sempre zeloso defensor da independencia, prerogativas e interesses da sua patria, não obstante ter contra si inimigos poderosos e astutos, e as discordias, frivolidade e corrompida moral de seus concidadãos. Foi um homem d'estado, que desempenhou ponderosos cargos na republica em crises melindrosas, proseguiu com vigor o plano de combater em beneficio do seu paiz os projectos usurpadores dos macedonios, com perigos pessoaes por insidias d'estranhos e outras vezes por inveja e ingratidão dos compatricios.

«Quando Antipatro desbaratou os gregos confederados, e marchou sobre Athenas, Demosthenes, que fôra o principal motor da conspiração, achou que era prudente retirar-se para uma ilhota fronteira a Trezene, onde se refugiou n'um templo. Debalde os mensageiros macedonios o quizeram resolver a apresentar-se a Antipatro; recolheu-se ao interior do templo, sob pretexto de escrever uma carta, e dizem que tomára veneno e morrera antes de poder sahir fóra. Plutarcho, que assim o refere, tambem nos dá outra causa mais provavel da morte d'este homem insigne; isto é, que o atacára uma apoplexia formal promovida pelas inquietações e pesares dos ultimos dias da sua vida.

«Muitas das orações de Demosthenes chegaram aos nossos tempos, e tem tido numerosas reimpressões: o texto mais correcto é o da edição de Bekker. Casarotti as verteu em italiano, e enriqueceu com eruditas notas; e Auger as deu em francez conjunctamente com as d'Eschines, distincto rival de Demosthenes. Outras traducções ha de mais ou menos preço; porque para exprimir a simplicidade, perspicuidade, e vehemencia do original era preciso que o traductor possuisse o mesmo grau de energia, os mesmos profundos sentimentos que impelliam o orador. Quem procura n'estes discursos a linguagem de um homem arrastado pela torrente dos affectos com desar do juizo, engana-se muito. Diz-se que Demosthenes não fôra orador d'improviso, elaborava muito as suas composições. Em todas as suas orações se notam esforços mais para convencer o entendimento do que para mover as paixões dos ouvintes. Os homens podem ser persuadidos por imagens esplendidas, palavras selectas e movimentos oratorios; mas convencer por meio d'um discurso placido e claro, sem recorrer a meios insidiosos, a estratagemas rhetoricos, é o que Cicero chama oratoria de Demosthenes, o modêlo ideal da verdadeira eloquen-

cia. Apesar da linguagem fluente, o trabalho e correcção do orador descobrem-se em todos aquelles discursos, principalmente no talento admiravel com que conseguiu que cada periodo fizesse o principal effeito, e na judiciosa antithese, que dá tal força e exactidão ao seu modo d'exprimir que parece que outras nenhumas palavras, outra nenhuma ordem de palavras seriam tão proprias como as que empregou. Observa-se isto nas orações sobre assumptos politicos, bem differentes das que versam sobre materias civis, em que ha tanta facilidade, e ás vezes negligencia, que até se encontram incorrecções grammaticaes: mas assim mesmo, além do seu merecimento intrinseco, são escriptos mui preciosos para quem estudar o estado social de Athenas n'aquella época.» (*Panorama*).

DENSIDADE. 1. Diz-se que um corpo é mais *denso* do que outro, quando tem maior peso debaixo do mesmo volume. É ordinariamente a agua o termo de comparação; e então a *densidade* d'um corpo, supposto homogeneo, define-se pela relação do peso d'esse corpo ao peso de igual volume de agua. Por exemplo: dizer que a densidade do chumbo é 11, do ouro 19, do ferro 7, exprime que um fragmento de chumbo pesa 11 vezes mais, de ouro 19 vezes, de ferro 7 vezes mais que o peso de igual volume de agua. — Determina-se a densidade dos corpos solidos por meio do principio d'Archimedes: *Um corpo mergulhado n'um liquido, perde uma parte do seu peso igual ao do liquido que desloca.* Eis a demonstração d'este principio. Supponhamos uma massa liquida em equilibrio, e isolemos, pelo pensamento, no seu interior uma porção de liquido, cuja fórma e volume sejam exactamente os mesmos que os do corpo dado.

Como esta porção de liquido está immovel, é evidente que o liquido que a envolve exerce pressões sobre ella que lhe annullam a acção effectiva da gravidade; e a resultante d'essas pressões será pois igual ao peso do corpo liquido que ideamos. Concebamos agora aniquilado este corpo, e occupado o seu lugar pelo corpo solido considerado, sem que o equilibrio do liquido seja perturbado: é evidente que as pressões exercidas pelo liquido, sobre toda a superficie d'este corpo, serão as mesmas que as que obravam precedentemente sobre o corpo liquido. D'onde se conclue que um liquido exerce pressões sobre o corpo, n'elle mergulhado, cuja resultante obra verticalmente em sentido contrario á gravidade, com intensidade igual ao peso do liquido deslocado; o que diminue ao peso do corpo esta quantidade.

Um corpo mergulhado n'um liquido fica pois submettido á acção simultanea de duas forças: o peso do corpo que tende a fazel-o descer; o *impulso* do liquido que tende a elevaI-o. Portanto se o corpo é mais pesado que o liquido deslocado, cahirá no fundo do vaso; se ha igualdade entre estes dous pesos, ficará em equilibrio, suspenso no seio da massa liquida; em fim, se pesa menos que o liquido deslocado, ascenderá no liquido, até que fique sómente mergulhada uma parte tal, que o volume por ella deslocado, tenha um peso igual ao peso total do corpo. N'estas circumstancias, o corpo será *fluctuante.* Eis a razão porque a cortiça, a cera, que debaixo do mesmo volume, são mais leves do que a agua, fluctuam n'este liquido; porque o ferro fluctua no mercurio, e mesmo na agua, como acontece nos navios construidos d'este metal, se a sua fórma lhes permitte deslocar um volume d'agua conveniente.

Para demonstrar experimentalmente o principio d'Archimedes, suspende-se um corpo por meio de um fio á parte inferior de um dos pratos de uma balança, e põem-se no outro os pesos necessarios para fazerem equilibrio ao corpo. Feito isto, colloca-se um vaso completamente cheio de agua, e faz-se mergulhar totalmente o corpo. Vemos então romper-se o equilibrio desde que o corpo começou a immerger; e para o restabelecer, é necessario tirar do segundo prato pesos

equivalentes ao peso do liquido expulso do vaso pela immersão do corpo.

A balança ordinaria que se emprega para a verificação do principio de Archimedes, tem uma disposição particular, que permitte elevar ou abaixar á vontade o travessão e os pratos; é então denominada *balança hydrostatica*. Este instrumento dá um methodo simples para determinar a densidade dos corpos. Sejam 12 grammas o peso d'um corpo no ar, e 7 grammas o seu peso na agua: a agua deslocada, do mesmo volume que o corpo, pesará pois 12 — 7, ou 5 grammas. Comparando agora o peso do corpo, que é 12 grammas, com o peso 5 grammas de igual volume de agua, o quociente de 12 por 5, ou 2,4, exprimirá, qualquer que seja o volume, o numero de vezes que o corpo pesa mais que um igual volume de agua; isto é a densidade.

Como um centimetro cubico d'agua distillada pesa um gramma, os 5 grammas representam um volume de 5 centimetros cubicos, que será o volume do corpo proposto. Por tanto, o quociente de 12 por 5 exprime tambem a relação do peso do corpo ao seu volume: $d = \frac{p}{v}$, onde d, p e v designam respectivamente a densidade, o peso e volume de um corpo. — Nas applicações d'esta formula da densidade, cumpre observar que p e v devem ser sempre expressos em unidades correspondentes; isto é: se p exprime grammas, v deve ser referido a centimetros cubicos; se p está expresso em kilogrammas, v deverá ser expresso em decimetros cubicos; etc. — Quando o corpo, cuja densidade se quer determinar, é liquido, suspender-se-ha ao prato da balança um corpo impermeavel ao liquido, por exemplo uma esphera de vidro lastrada com mercurio, e pesar-se-ha esta esphera immergida no liquido e depois na agua; os dous pesos obtidos representam evidentemente pesos de volumes iguaes de liquido e de agua, cujo quociente exprimirá por consequencia a densidade do liquido. Mas póde-se obter a densidade pelo processo do vaso de volume constante, o qual dispensa o emprego da balança hydrostatica.

Para determinar a densidade de um liquido por este methodo, pesa-se successivamente um frasco vasio, cheio de agua e do liquido: diminuindo a cada um d'estes dous ultimos pesos achados o primeiro peso, obteremos pesos de volumes iguaes de agua e do liquido; o quociente do peso do liquido pelo peso da agua exprimirá a densidade do liquido. — A densidade de um gaz determina-se pesando um balão de vidro a que se tirou o ar contido no seu interior, depois pesando-o cheio de ar secco, e de gaz: diminuindo a cada um d'estes dous ultimos pesos obtidos o primeiro peso, obteremos pesos de volumes iguaes de ar e de gaz; o quociente do peso do gaz pelo peso do ar exprimirá a relação do peso do gaz ao peso de um igual volume de ar, isto é, a *densidade do gaz*, pois que para os gazes o termo de comparação é o ar.

DENSIDADES DE ALGUNS CORPOS

Corpos solidos

Corpo	Densidade
Platina	21,70
Ouro	19,30
Chumbo	11,35
Prata	10,47
Cobre	8,90
Ferro	7,70
Estanho	7,30
Zinco	6,86
Antimonio	6,70
Ebano	1,33
Carvalho	1,15
Buxo	0,90
Ulmo	0,80
Laranjeira	0,70
Tilia	0,60
Alamo	0,38
Cortiça	0,24
Bronze	8,70
Latão	8,30
Diamante	3,50

Corpos solidos

Ardósia	2,80
Marmore	2,70
Enxofre	2,03

Corpos liquidos

Mercurio.	13,60
Leite	1,03
Agua do mar	1,26
Vinho	0,99
Azeite	0,915

Esta taboa de densidades servirá ao professor para formular varios problemas que terão attractivo. Da fórmula $d = \frac{p}{v}$, deduz-se evidentemente: $p = d \times v$, e $v = \frac{p}{d}$. Assim: podemos achar o peso d'um corpo sem empregar a balança, e determinar o seu volume sem o *medir*. Os dados dos problemas deverão pois ser o peso e o volume, quando se peça a densidade; o volume e a densidade, quando se peça o peso; finalmente o peso e a densidade, quando se peça o volume. (Veja CUBAÇÃO).

DESCARTES. O genio mais vigoroso e original que a França produziu, o creador da philosophia e das sciencias modernas, o legislador do pensamento, nasceu em 1596 em Haye, na Touraine, de familia nobre oriunda da Bretanha. Seu pai, que lhe chamava *pequeno philosopho*, mandou-o na idade de oito annos ao collegio de La Flèche, concedido então aos jesuitas por Henrique IV. «Estava eu em uma das mais celebres escólas da Europa, diz elle mesmo, onde pensava que deviam estar homens sabios, se os havia em alguma parte do mundo. Alli tinha aprendido tudo o que os outros aprenderam, e não me satisfazendo as sciencias que nos ensinavam, folheára todos os livros que me vinham á mão, tratando das mais curiosas e apreciadas pela raridade. Todavia o meu espirito não estava satisfeito. Por este motivo, logo que a idade me permittiu sahir da sujeição de meus preceptores, deixei inteiramente o estudo das letras; e deliberado a não procurar outra sciencia senão a que podia achar em mim proprio, ou no grande livro do mundo, empreguei o restante da mocidade a viajar, vendo academias e exercitos, frequentando pessoas de differentes genios e condições, juntando diversas experiencias, e experimentando-me a mim mesmo nas contrariedades que a sorte me tecia, e reflexionando sobre as cousas que se apresentavam e de que podia tirar proveito.»—Descartes serviu algum tempo como voluntario no cerco da Rochella, e em Hollanda, debaixo do commando do principe Mauricio. Depois deixou as armas para se entregar exclusivamente á sua paixão pela philosophia. Obrigado a deixar Pariz, onde não achava liberdade bastante para philosophar, foi para perto de Egmont na Hollanda, e ahi ficou vinte e cinco annos. A universidade de Utrecht, que a influencia de Régis, um dos discipulos de Descartes tinha tornado cartesianna desde a sua fundação, hostilisou-o, por causa do reitor Noel, que o accusou de atheismo, tornando-lhe a sua vida em Hollanda arriscada e odiada. De volta a Pariz, achou apenas um simulacro de liberdade, e protecção equivoca, por onde se decidiu a ceder aos pedidos da rainha Christina que o chamava á Suecia. Comtudo os homens que ahi encontrou, os respeitos de que foi cercado, não poderam preservar-lhe a saude da influencia do clima: morreu em 1650, aos 56 annos. — Foi durante a sua permanencia na Hollanda que Descartes publicou o *Discurso do methodo*, acompanhado de tres outros tratados: a *Dioptrica* (optica), os *Meteóros* e a *Geometria*. Descartes revela-se inteiramente n'esta primeira publicação. Até hoje nada sobrelevou em philosophia o *Discurso do methodo:* a elle se devem as mathematicas modernas; e dos seus os outros tra-

tados transpareciam as suas audacias em physica. — «A maior distincção entre Descartes e Bacon, é que o primeiro afóra o seu papel de reformador, fundou uma escóla poderosa racionalista. Bacon assás havia mostrado que a philosophia é a primeira das sciencias, pela grandeza de vulto, e o alcance de applicações; Descartes mostrou que ella era o ponto de partida necessario para toda a sciencia. Bacon provára que o conhecimento dos factos deve preceder qualquer tentativa de explicação e systema; Descartes não se limitou a esta verdade d'uma applicação tão geral. Estabeleceu quaes eram precisamente os factos que deviam ser contestados e estudados primeiro. O methodo que em Bacon abrange todas as sciencias tornou-se em Descartes methodo philosophico propriamente dito; e ao mesmo passo que lucra em clareza e precisão, esclarece os phenomenos do mundo espiritual, que Bacon havia confundido, e assignala a legitima plana verdadeira de todos os elementos componentes da sciencia humana.» (Jules Simon).

2. «Descartes, diz Varignon, ensinou-nos a desacatar as opiniões dos antigos philosophos. Levou-nos tambem a desvenerar as d'elle, ensinando-nos, que, em sciencia, só a verdade é digna de respeito; e, d'este modo, aquelle insigne talento forçou a seguirem lhe os principios alguns que o teriam abandonado, voltando-se para opiniões mais racionaes.» — «A missão de Descartes, diz M. Bordas-Demoulin, fulge em todo seu esplendor, quando o contemplamos na vanguarda das mais distinctas intelligencias do seu seculo em demanda da verdade. Que maravilhosa e universal influencia!»

DESCOBRIMENTOS. (Veja Invenções).

DESCONFIANÇA. 1. A continuada desconfiança faz pagar caro a vantagem de não ser enganado... a nossa pouca lisura leva-nos quasi sempre á desconfiança. (Massillon). — A desconfiança moderada póde ser proveitosa, mas a desconfiança excessiva não o póde ser nunca. (Silvio Pellico). A natureza imprimiu no semblante a imagem do intimo. O homem conhece-se logo a vulto; o homem de juizo revela-se logo: no trajar, no rir, no andar se denuncía o homem. (Bossuet). Um homem de espirito e animo singelo e recto póde cahir em logros porque não cuida que ninguem lhe faça cambapé: tal confiança desprecata-o e por esse lado cahe nas esparrellas dos velhacos. (La Bruyère). A desconfiança põe-nos de sobre-aviso contra toda a gente. (Theophrasto).

2. É a desconfiança uma quebra de caracter digna de pena, porque o desconfiado nem de si confia. O seu grande contra é esterilisar o manancial mais fecundo da felicidade, em que todos são quinhoeiros, porque abafa a expansão tão precisa nas amarguras. Quando todos os homens nos são suspeitos, a quem pediremos consolação? Raros são os meninos desconfiados, bem que, nos justos limites, é bom que esse sentimento os precate; mas, no decurso da vida o contacto com os homens, os desenganos, as contrariedades, é irremediavel que a pouco e pouco se nos vão incutindo suspeitas, por onde a desconfiança nos domina: cumpre então regulal-a, pois que o esquivarmo-nos é impossivel. Corre notavel differença entre *suspeita* e *desconfiança*: a primeira duvida, a segunda condemna. A primeira *duvidará* do bem e do mal que a respeito de outrem lhe dizem, a segunda *desconfiará* sem exame. (Veja Confiança).

DESCONTO. (Veja Interesse).

DESEJO. «Se queres que os desejos se te não baldem, acinge-te a desejar sómente o que estiver á mão de teu esforço proprio.» (Epicteto). «A satisfação de nossos desejos mais ardentes redunda ás vezes em grandes calamidades.» (Seneca). «Se bem soubessemos o que desejamos, raras cousas desejariamos.» (La Rochefoucauld). «Desejos moderados, homem

rico. Em grande declive, a força é necessaria sómente para nos quedarmos.» (De Bonald). — «O desejar do homem é eterno, porque aspira insensivelmente a bem illimitado e desmesurado, ou a Deus, que é o bem infinito.» (De Lamennais).

2. Chamamos *desejo* aquelle espontaneo movimento d'alma que aspira á posse do que lhe praz. *Desejar* é como *querer*. Desejo e vontade differençam-se, todavia. O primeiro é instinctivo, espontaneo, independente de nós e de nossa liberdade, força que actua sem se conhecer. A *vontade* é movimento de alma, que a consciencia conhece e a razão approva ou fortifica: em summa, é movimento *reflectido*. Pelo que é do homem, a natureza *deseja*, e a reflexão *quer*. Pelo que, muitas vezes lhe succede querer o contrario do que deseja; porque o conhecimento que o homem adquire de sua actividade, permitte-lhe senhoreal-a, e dirigil-a em sentido inverso do que a natureza lhe impulsa. O irracional não tem vontades, tem desejos; porque, n'elle, só actua a natureza, não se conhece, não reflexiona sobre seu poder de maneira a lhe dar livremente direcção. — O desejo estrema-se da *propensão*, e da *paixão*. Propensão é disposição innata da alma a aspirar a um e não a outro bem. O desejo é o facto pelo qual a propensão se manifesta. Póde ter a propensão para certa cousa e não a desejar, se a occasião não é de molde a espertar o desejo. A propensão é força que só entra em acção em circumstancias necessarias ao seu desenvolvimento. O desejo é o phenomeno: a propensão é a força, o principio. A *paixão*, tanto como o desejo, é a aspiração da alma ao que é ou julga ser sua felicidade.

3. *Desejo da felicidade.* — «Dous sentimentos alvoroçam o homem, apparentemente inexplicaveis e oppostos, e, todavia, intimos, conciliados, e comprehensiveis pela immortalidade: são o desejo da felicidade, e a impossibilidade conhecida de alcançal-a.

«Na verdade, o homem, em todas as épocas e situações, ha sentido um só impulso, um só desejo, uma só esperança: a felicidade. Varía a fórma, demudam-se os meios; a idéa, porém, sobre-está inalteravel. Sem treguas a busca, está sempre almejando-a, arde vivamente no aspiral-a. Desprende-se de tudo, tirante este sentir. Alquebrado de penas, affligido de enfermidades, aferrolhado em masmorras, á beira da eternidade, ainda deseja e espera. A troco de felicidade remota e incerta, sacrifica o repouso e tranquillidade presente. D'esta necessidade imperiosa não póde desatar-se: é caracteristico essencial seu que não ha ahi destruil-o; é instincto profundo e constitutivo do natural d'elle.

«No seu agitado correr ao encontro da felicidade, o homem nunca se afadiga nem pára. Persegue-a de contínuo sem alcançal-a, e de contínuo recomeça a perseguição. Não ha balizas para suas exigencias illimitadas, como seus pensamentos, infinitas como seus desejos; deixa-se vencer d'ellas, algumas vezes, e não ha razão que as torça e dome.

«Abundancia ou penuria, prosperidade ou desgraça nem lhe quebram as aspirações, nem lhe afrouxam a confiança. Não crê nas miserias contingentes d'este mundo. Cuida que os revezes são erros ou desatinos. Trata de se habilitar melhor, e não admitte que a desillusão seja a ultima palavra da vida. E depois, se, por eventualidade fortuita, realisou a maxima felicidade que lhe dourava os sonhos, o seu repousar-se é instantaneo; entra logo a desaprecial-o; quer ainda mais.

«As paixões, que lhe offerecem, como a miragem, a taça da ventura, dão-lhe sedes insaciaveis. O avaro quer enthesourar sempre; o ambicioso elevar-se sempre; o voluptuoso augmentar sempre os seus deleites. Ao passo que o homem se adianta, afasta-se diante d'elle o horisonte; quanto mais se alteia, mais a perspectiva se desdobra, e os desejos ampliam-se com ella. Se, como Alexandre, conquistou o mundo, chorará por não ter mais conquistas que abranger.

«Seja como fôr, quer ser feliz: ar-

rasta-o iman irresistivel; impelle-o inevitavel amor. Sente que nasceu para a felicidade: quer achal-a onde ella estiver.

«E, n'este mundo, não ha sorte que o satisfaça. Deseja prazeres, e os prazeres fatigam-o. Quer pompas, e as pompas lhe pesam. Quer riquezas, e no seio d'ellas se enoja. Tal ha que, tido em conta do mais ditoso, é, por vezes, o primeiro entre os miseraveis. No apogeu de seus desejos, tudo lhe falta. Aspira ao que não ha; quer abarcar o impossivel. Confessa-se enganado em suas esperanças, e fraudado em todos os seus appetites. Dai-lhe a escolha d'um prazer entre todas as delicias, e vêl-o-heis amaldiçoar a sua escolha Que as cumule todas, e a saciedade e tedio virão sem detença. Ao envez de todos os demais entes da creação, não tem desejo que satisfaça, nem necessidade que sacie. Cança-se e importuna os outros com suas reclamações e queixas sem fim. A terra inteira não lhe abasta ao coração; os bens d'este mundo parece que lhe augmentam o vacuo. Quem mais de afogadilho anceia um prazer, esse será o mais depressa enfastiado. Sciencia, haveres, honras, voluptuosidade, tudo o homem devora rapidamente, sem tomar pé em nenhum d'esses bens. O contentamento de hoje é estimulo a esquadrinhar os contentamentos de ámanhã. Quem póde ahi já dizer: «Estou hoje contente, e estarei sempre?» Ha um excesso de felicidade que amedronta; logo se lhe antevê o fim; de mais alto mais dolorosa nos é a quéda. Quando, louco de orgulho e delicias, Cesar, o domador do mundo, se deíficava, a morte estava com elle.

«Esta ancia de felicidade, tão imperiosa e tão no minimo satisfeita, não é mais que o desejo do desconhecido, que, n'este mundo, não tem objecto. Quando nossos insaciaveis instinctos requerem da natureza mortal mais do que ella póde dar, para logo se convencem de sua esterilidade e fraqueza.

«As sociedades, em igualdade com os individuos, não sabem o que é repouso e felicidade. Collectivo ou individual, particular ou publico, o homem está sempre descontente do que é: não o descercam a inquietação e o mal-estar. Não ha organisação social, nem fórma governativa que lhe dê paz, serenidade, e a perfeição a que pende. Mudar, reformar o que ha, é a mira a que aponta sempre. E n'isto se embrenha com um phrenesi que as decepções, e desgraças, e os crimes das revoluções não vingam arrefecer. E, enganado sempre, lá volta á peleja com baldado afan.

«Sob qualquer ponto de vista, a felicidade n'este mundo é mera apparencia, vã sombra, phantasma que já vai longe, quando se nos figura têl-o ás mãos. A idéa da felicidade têmol-a; mas o seu objecto vãmente o buscamos: nem no intimo de nós, nem fóra de nós, lhe acharemos a realidade. Miseria, inanidade, decepção, isto encontramos nos bens da terra, e em nosso coração tambem. É o homem sobremaneira violentado a reconhecer a vaidade do que é, vaidade de tudo que quer, que ama e possue.

«Se a felicidade fosse exequivel, cessaria em presença da morte, — a morte, flecha occulta sob as caricias da fortuna, peçonha filtrada a todas as taças das delicias, ameaça fatal sem cessar pendente sobre cada fronte. A prosperidade augmenta-lhe o pavôr. Quanto mais possuimos, mais dolorosa é a perda. Quanto mais amado é um pai de seus filhos, e mais os ama, mais afflictivo lhe é o adeus da sepultura. O marido separa-se com maior tribulação da esposa querida; e o rico dos seus thesouros. Póde a triste imagem repellir-se n'um momento distractivo; mas a reflexão a reconduz mais atterradora.

«Então é o prostrar-se em desconsolação profunda o homem desenganado. Entedia-se na soledade; aborrece-se em toda a parte; importuna-se a si, e mortifica os estranhos; e «este inexoravel enôjo é o essencial da vida humana» — diz Bossuet. — Vai n'elle incuravel doença. É-lhe dom funesto a vida, entre as saudades do passado, os cuidados do presente, e

os desenganos do porvir. De desmentido em desmentido, de tristeza em tristeza, assim vai indo, sem se conformar á desgraça, mais digno de lastima por isso!

«A desesperação, com que, ás vezes, o homem affronta as consolações, prova sua debilidade; conformidade, não. «Assim leva de rojo á sepultura a longa corrente de suas esperanças mentidas.» E ao descarregar-lhe a morte o golpe derradeiro, a felicidade não lh'a derruba; desejos e inquietações é que a morte aniquila.

«Entretanto, que conclusão se tira do antagonismo entre os instinctos do homem e o seu estado real? entre as invocações do amago de seu ser, e o premio que elle ganha de seus esforços? Deveremos attribuir-lhe uma faculdade poderosa sem termo nem objecto, sentimentos contradictorios, necessidades nunca preenchidas? Ou será mais racional que o homem, nascido para a felicidade, e privado de encontral-a na terra, ha de conseguil-a n'outro mundo? Se Deus assignalou um fim ás nossas aspirações, deve alguma hora mostrar-nol-o. Se nos veda o gozarmo-nos em repouso os bens d'este mundo, outros nos reserva. Não, estas profundas esperanças não se baldam. A tristissima chimera d'esta vida, a anciada felicidade, existe em outra parte. A morte não é a suprema palavra da vida, nem a terra a ultima paragem do homem.

«Assim se justificam e conciliam as nossas dobles impressões. Queremos felicidade: têl-a-hemos; procuramol-a: achal-a-hemos.

«Não nos enganamos em quanto ao principio de nossas aspirações; o erro está no modo e local das nossas delicias.

«A razão ensina ao coração que elle póde nutrir grandes desejos; mas deve esperar que se lhe satisfaçam. Ensina-o a não desanimar-se com as sequidões da viagem, porque Deus collocou o premio no fim da carreira. Pondera que nos não contentemos com vantagens ephemeras, e pautemos nossas esperanças pela medida infinita de nossos desejos; e que, em fim, a bondade que nos induz a aguardar todos os bens, nol-os reserva, e assegura a fruição d'elles.

«Não, Deus, author de nossa natureza, creador de nossas inclinações, não fez uma obra vã. Quem nos deu o sentir da felicidade e amor, antepoz-nos aqui o ideal e o apparente. Elle restabelecerá a concordancia entre nossas aptidões e desejos, harmonisando a aspiração com a realidade. Então, recompensados, possuiremos o bem soberano e perfeito, cujo pensamento nos transporta.» (De Puchesse).

DESENHO. 1. No rigor da palavra é o meio pelo qual se representa com traços a fórma de todos os objectos visiveis. (Veja Esculptura, Pintura, Ordens). Tudo, em a natureza, se compõe de linhas: logo, só por meio de linhas podemos exprimir o que é da natureza. Os seres de diversas especies estão na superficie da terra como sobre immenso quadro, e como que a natureza nos deu os primeiros modêlos de desenho na sombra que o sol projecta, na imagem que nos offerece a onda limpida e serena do lago, cuja orla é guarnecida de arvores e penhascos. — A *côr* é menos essencial que o *desenho*, porque este é quem dá graça á figura, e expressão a uma physionomia. A belleza da côr, no painel, póde, ao primeiro aspecto, seduzir a vista; mas termina por descahir de impressão ao passo que os defeitos do desenho sobresahem. Observe-se outrosim que o tempo e varias contingencias podem alterar a belleza do colorido, ao passo que o desenho nunca se esvaece. O desenho, accessorio importante na maior parte das artes, é elemento indispensavel de todas cujo fim seja imitar fórmas, ou disposição e ornato de edificios, etc. Tambem a esculptura, pintura e architectura são graduadas sob a denominação geral de *artes de desenho*. O desenho dá a lume o pensamento do compositor, que o desenvolve, ordena e ratifica. Simples ou composto, medido a compasso ou traçado pelo genio, são tantos os seus generos quantas as exi-

gencias da civilisação, e o gosto das variedades ou caprichos. — Considerado no circulo estreito em que se restringem os estudos do artista, o desenho, posto que dê menos a glorias nacionaes, tem parte importante no bem geral e até na ordem publica, porque não se entende com a elegancia e belleza das obras, senão com a utilidade e duração d'ellas. Se as medidas forem exactamente tomadas e as linhas rigorosamente traçadas, as semblagens e encarnas serão solidas, e o movel e o vaso terão o prumo. O *desenho linear*, primeira cultura do gosto, alinha as ruas collocando em parallelas as edificações que nossos maiores parecia atirarem para ahi ao acaso; por elle se nivelam os andares, espacejam as janellas, aformoseia-se a obra, sem descurar a solidez. Diverge do desenho artistico, porque só tem de seu cargo executar no papel a construcção de figuras que possam ser geometricamente definidas. É o desenho linear constantemente applicado nas plantas, perfis e relevos de architectura, onde ás vezes se ajunta ao *desenho* de *ornatos*. Este, cuja serventia pelo nome está indicada, participa do desenho linear, por certa precisão que deve guardar, e do artistico pela elegancia e graça. Diz-se *desenho industrial*, quer o linear quer o de ornatos, quando são applicados á industria (traçados de machinas, impressão de tecidos, bordaduras, tapeçarias, etc).

2. O desenho linear, hoje, que é obrigatorio em todas as escólas, leva em vista formar, não pintores ou architectos, mas artistas habeis;—exercitar o alumno na justa apreciação das distancias, dimensões e fórmas dos objectos, adestrar-lhe a mão no habito de reproduzir esses objectos com exactidão perfeita, mediante o lapis;—auxilial-o a formar cabal idéa de tudo que vê, notando-lhe as dimensões, as differenças e analogias;—exercital-o depois a reproduzir essas mesmas fórmas, principiando pelas mais faceis, e passando gradualmente ás mais complicadas.—Fazei depois traçar toda a sorte de *linhas*, *triangulos*, *quadrilateros*, *polygonos*, figuras geometricas, cubos, prismas, cones, etc. (veja estas palavras), coordenando-os symetricamente, por maneira agradavel de vêr-se. Depois, fazei desenhar brinquedos pueris, instrumentos de jardinagem, utensilios, flôres, folhas, uma rocha, um lanço de parede, em fim, todos os objectos do agrado do menino, guiando-o assim á acquisição de conhecimentos novos. — Para reproduzir exactamente no papel uma folha verde, esfregareis uma folha de papel com a cinza de outra folha queimada, ou com o craião preto, por maneira que se forme uma camada escura. Depois, pega-se da folha verde, junta-se ao papel denegrido, que se dobra, e carrega-se-lhe com o dedo comprimindo a folha. Esta folha, que embebeu o craião, mette-se entre duas paginas de um album, que se apertam, e logo vos sahe a reproducção natural da folha colhida sobre as duas do album. É um agradavel recreio, que póde espertar o desejo de estudar historia natural, e com certeza será isso agradavel aos paes que julgam sempre os alumnos pelos resultados. (Veja PINTORES, DESENHADORES, MINIADORES, BORDADORES PORTUGUEZES).

DESOBEDIENCIA. O caracter de dever quem o dará á obediencia? Será o tagante sempre apontado ás costas do escravo, e que verga a vontade sob a mão do terror? Será o costume de obedecer, por tal modo inherente á vida que entre mandar, e obedecer nenhum outro pensamento intervenha que não seja a acção prescripta? Mas não ha tão prompta acção, e decisão tão rapida, que não presupponha ao menos uma escolha feita, uma deliberação tomada; e a resolução de obedecer sem discutir os motivos não se improvisa no animo infantil, a quem o exame não se permitte. A criança sente mesmo em si os limites da obediencia. Ai d'aquelle que, por ordem de seu pai, denunciasse um condiscipulo ou insultasse as devoções de sua irmã! Logo que um menino tira de sua propria razão motivos para des-

obedecer, tambem os tem para obedecer da mesma procedencia : pelo que, nas ordens que recebe já entra o juizo do seu entendimento. Muitas vezes a sua razão se reporta á nossa; mas é isso um acto de confiança, effeito do adquirido convencimento da nossa superioridade.—«Chamo Sophia: demora-se; ralho; e ella esforça-se em me explicar a razão da demora. Pensa ella, pois, que alguma razão lhe assiste para me desobedecer; porém logo que se submette as razões allegadas, reconhece a minha superioridade; eis a base da obediencia. Tambem reconhece que eu sou justa, porque chama a minha attenção para o que entende ser sua legitima defesa; e d'esta equidade, que ella me presuppõe, resultará obedecer-me sem exame.» (M.me Guisot, *Cartas ácerca da educação*).—«Se bem se computasse o penoso trabalho que dá impedir que os meninos quebrantem as ordens recebidas, convir-se-hia que custa muito menos dispôr de modo as cousas que a desobediencia se não dê. Em vez de prohibirdes vosso filho que não bula na jarra de porcelana, que póde quebrar-se, o mais avisado é desviar-lh'a do alcance da mão. Em vez de lhe prohibirdes que converse com os criados, o mais acertado é prohibir os criados de conversarem com elle. Não se nos olvide que o educando deve estar persuadido de que as prohibições impostas tem por fim a felicidade d'elle. Basta dar-se um caso em que a obediencia lhe seja proveitosa, para com isso lucrarmos infinitamente mais do que dispendendo-nos em prelecções. A confiança nasce do bom resultado. Os meninos, convencidos dos bons resultados que tiraram de obedecerem aos paes, ficam acostumados a consultarem-os em todas as occasiões momentosas.» (Miss Edgeworth, *Educação pratica*, c. VII). —«Na educação, é menos o bem que se faz que o estimulo que se incute de o querer e pratical-o. N'isto de mandar sempre, attende-se sómente ao presente. É certo que a mãi tem direito de mandar, e a obediencia dos filhos deve ser exercitada; mas isto não basta : é necessario antolhar-se o tempo em que o menino ha de estar separado dos paes, independente e talvez superior em conhecimentos. De que lhe serviram crenças e maximas ás quaes se não identificou, e cuja verdade lhe foi garantida por pessoas que respeita, mas domina intellectualmente? Tanto em sua segurança como dignidade, importa, pois, que, desde a infancia se lhe vão inspirando os deveres, em vez de lh'os formularem em maximas. É tão certo isto que a mais imperiosa mãi, a mais implicita nas suas ordens, raciocina com sua filha, tendo como impraticavel uma educação toda authoritaria.» (M.me Remusat, *Ensaio ácerca da educação das meninas*, cap. XIII).—«Justificai sempre os preceitos impostos ás meninas; mas não cesseis de lh'os impôr. A ociosidade são os seus mais perigosos defeitos, e quando mais inveterados menos curaveis. As educandas devem ser laboriosas, activas, e constrangidas temporãmente. Reprimil-as, desluzir-lhes as chimeras, dá em resultado a submissão no correr da vida, a obediencia á vontade de outrem.» (J. J. Rousseau).

DESTINO. «Deus, suprema razão, soberana sabedoria, tudo fez intencionalmente na ordem universal. Cada cousa tem seu destino, cada ser tem seu fim, no mundo regido pela Providencia. Mineraes, vegetaes, animaes tem seu destino evidente na jerarchia da natureza, e para ahi propendem consoante o fim que lhes é visivelmente designado. Não póde o homem isentar-se d'esta lei geral. O homem intelligente e livre, dotado de consciencia e discernimento em seus actos, não póde ser o unico destituido da razão de seu ser, sem motivo nem designio na vida. Tem, pois, o homem um fim : Deus não o creou para nada. Tão admiravel em suas obras, Deus foi previdente e sabio creando o homem, a quem permittiu admiral-o.

«Porém, se, como é certo, nos intentos divinos, o nosso fim é o desenvolvimento, a perfeição, e extrema

realidade de nossa essencia, attingimol-a, acaso, n'esta vida, onde, longe de crescer, a nossa personalidade diminue e logo desapparece?

«Não, não fômos creados para a terra, onde não ha nada fixo nem determinado; onde tudo é transitorio e fugitivo; onde todas as esperanças se frustram, e os desejos mentem; onde nada ha que satisfaça a melhor porção de nosso ser; onde o tempo nos constrange e a necessidade nos tyrannisa; onde em vãos esforços nos debatemos; onde, finalmente, ha um acabar que não póde ser nosso destino.

«Não, não fômos creados para a vida terrestre; e, se tal vida com as suas actuaes condições nos fosse offerecida e infinitamente prolongada, nenhum homem de juizo a aceitaria. Vêr sumir-se tudo ao redor de nós, sobrevivermos a nossos sentimentos e affectos, mudal-os segundo as variantes das cousas e dos tempos, isto seria um cumulo de amargura, de soledade, supplicio horrendo, inventado para aquelle representante symbolico da humanidade que transpõe gerações e seculos sem achar fim e descanço em parte nenhuma!

«Tudo nos indica um destino, que não é a vida material. Se o nosso fim semelha o dos irracionaes, porque não fômos creados de todo o ponto iguaes a elles? Porque temos aspirações que a materia não tem? Porque sentimos necessidades d'alma? Porque se não reduzem ao circulo dos gozos e interesses materiaes a nossa actividade e desejos? Porque temos sobre os outros seres a superioridade do pensamento, da palavra, de nobilissimos sentimentos, de purissimas affeições, beneficencia, amizade, precisão de irradiar nossa existencia por nossos irmãos, sentimentos embryonarios ás vezes, mas que todavia se expandem até ao supremo heroismo? Porque avultamos mais sublimes aos olhos alheios, e propriamente aos nossos, á proporção que mais crescemos em vida de intelligencia e coração?

«D'est'arte, o homem, obra primorosa da creação, capaz de abranger o plano do universo, e associado aos pensamentos divinos, intelligencia feita á imagem de Deus, e, como diz Leibnitz, de raça divina, por força devia receber um destino sublimado como seus desejos, nobre como seus enlevos.

«Evidentemente fômos creados para Deus, que nos dotou com aquelles sentimentos, e de sua mão nos tem, e nos protege, e nos influenceia, com sua providencia, o pensar e o praticar.

«Santo Agostinho, ponderando o plano divino, a miudo exclamava: «Para vós nos fizestes, meu Deus!» A intenção divina para comnosco não podia ser senão a mais alta e nobre, e digna d'elle. Razão e religião, a um tempo, nos dizem que foi feito o homem para conhecer, glorificar, e amar seu creador.

«O verdadeiro destino do homem é este. Será preenchido na terra tal destino? Póde o homem cumpril-o, segundo as condições em que o vemos aqui? Alcança elle, por ventura, a perfeição de seu fim?

«Quando o homem entende em conhecer Deus, de quem promanam vida, ser, e verdade, sente que este é o seu principal dever, bem como a mais imperiosa necessidade. Algumas vezes, levanta o espirito a seu creador, mas jámais póde alcançal-o; e, n'estes indecisos esforços, muitas vezes a decepção o contrista, e poucas vezes a consolação o delicía.

«De feito, o quadro do mundo que é? Erro e verdade, luz e trevas, realidade e chimeras. Cruzam-se as opiniões e crenças de todo genero. Cada qual pensa possuir a verdade em campos differentes, e ás vezes oppostos. Qualquer doutrina tem adeptos, qualquer affirmativa testemunhas, qualquer altar sacerdotes, e discipulos qualquer mestre. Deus, por certo, não permittiu que a verdade ficasse sem culto e sem adoradores. Mas quantos homens vivem arredados dos raios divinos? Quantos obcecados por distancia, educação, barbaria e preconceitos? Quantos que não podem ou não querem conhecer a verdade? Co-

mo hão de elles conhecer o seu caminho? Quem os obrigará a seguil-o? Quem os conduzirá ao termo? Será bastante a vida actual? Acaso é luz e claridade isto que vêmos? Conhece aqui alguem bastante o que é Deus, e suas obras e leis?

«Deve o homem glorificar Deus. Este segundo dever lhe incute, novamente, a idéa de não ter sido creado para fim material. Quem glorifica Deus, é o corpo ou a intelligencia? Toda a creação glorifica seu author; mas não o faz por si mesma; é pelo espectaculo da sabedoria e poder de Deus! Tão sómente o homem glorifica Deus do intimo de sua alma: é elle, ao mesmo tempo, expressão de sua propria intelligencia, e orgão da creatura destituida de razão.

«Porém, presta o homem, sobre a terra, sufficiente gloria a seu creador? Bastará a Deus esta homenagem? As incertezas, fraquezas, e paixões do homem conspiram a proclamar quanto, n'este culto, é remisso e imperfeito o homem; e quando, com supremo esforço de suas faculdades, elle vence offertar a Deus honras menos indignas, é crivel que Deus consinta que germinem e se desenvolvam estes nobres sentimentos, para depois tolher o exercicio d'elles?

«É, finalmente, o homem destinado a amar Deus: magnifica obrigação, dulcissimo preceito, o mais donoso dos deveres! É o amor o avoejar d'alma a Deus, o unir-se com elle no olvido e desapêgo de todos os prazeres materiaes; é a reversão da divina bondade, que nos proveniu e nos edulcora o nosso reconhecimento. Ora, é possivel que Deus, depois de havernos insufflado o seu amor, o não satisfaça? que se não mostre, depois de se deixar entrevêr? que fuja, depois que se deixou amar? que assim engane os nossos mais vivos e santos affectos? Uniu-se a alma a Deus, e viveu d'elle: romperia Deus esta alliança de vida? aniquilaria as creações do seu amor? Que a creatura desintelligente se decomponha, e a pedra se pulverise, e o vegetal se desfibre, e o ainda irracional se desfaça, comprehendemol-o, que o destino d'elles é a existencia material. Mas á creatura intelligente que o escolheu, e adora, e ama, que lhe immolou talvez seus gozos, e ainda o seu viver d'aqui, não lhe premiará o amor? abandonal-a-ha? deixal-a-ha n'esta morte, que ella soffreu, porque o amava muito? Isto é insustentavel: o mesmo seria defender que a alma em purificação, e propensa a Deus, e desprendida da terra, iria assim empégar-se no nada!

«Se assim fosse, seria illusão, absurdo e insania toda e qualquer aspiração superior aos sentidos, qualquer generoso sentir, tudo que engrandece, nobilita, e santifica o homem na terra, que, assim, seria a sua verdadeira patria. Devêra, sendo assim, recolher-se a razão ao egoismo, e o entendimento á materia; devêra apagar-se o coração, e apenas equilibrar-se com a frialdade da sepultura que o espera.

Sem a immortalidade, o homem é igual ao insecto que elle esmaga, e á herva que piza. São mero instincto suas faculdades; a vida é-lhe carreira veloz da não-existencia ao nada, enigma entre berço e tumulo, luta formidavel contra a morte sem minima esperança de triumpho. A sorte do homem sobre a terra é um azar de loteria, com todas as probabilidades adversarias; as revoluções d'este mundo são eventualidades, a terra um arraial de pelejas, onde cantam victoria os velhacos, os fortes, e os felizes.

«Sem a immortalidade, o que ahi ha são sensações e paixões; e o monstro, que vive, vale mais que o grande homem morto. Sobre nossas frontes, a noite; aos nossos pés o abysmo: força nos é optar entre a estupidez alvar e a desesperação.

«Sem a immortalidade, o céo é pavilhão impenetravel que não diz ao homem sua origem nem fim; a creação espectaculo inutil; Deus um nome esteril, despojado da bondade, amor, e sabedoria que lhe attribuimos. Como *bondade*, se elle assim desprotegia até ao desamparo a sua creatura! *Sabedoria*, porquê? Se destruia a crea-

tura que o adora, considerando-se creada para sua gloria? *Amor!* e deixaria morrer quem ama, quem lhe retorna o seu amor, quem n'elle espera, e se lhe une, e vive em aspirações de repousar-se n'elle! Embora digam que nós estamos creando illusões, encarecemos o nosso incognito destino; que, átomo perdido no seio das magnificencias divinas, não valemos, nem merecemos cuidados e attenções particulares e perseverantes de Deus, e que o nada, d'onde começamos, bem póde ser tambem o nosso fim.

«Certamente, não podemos nem merecemos a existencia; mas tambem é certo que nos foi dada por designio da admiravel Providencia. Quem nos aqui pôz em meio de tantos milhões de mundos, e tamanha multidão de seres, aqui nos deu vida, e nos conserva, e sustenta as leis que nos regem. Esse foi quem tudo fez, e pautou, e dispoz com força igual á sabedoria. Se nos desentranhou dos abysmos do nada, irá tambem procurar-nos aos abysmos da morte. Tirar-nos-ha d'entre a immensidade das espheras, e em meio da innumeravel multidão de suas creaturas, nos indicará nosso lugar. A grandeza de Deus, longe de nos atemorisar, deve pacificar-nos. Poderia elle errar em suas obras? A vida, que implantou n'ellas, perdêl-a-ha? Deixaria de seguir o plano que delineou? Perante elle nada ahi é supremo nem infimo. Os astros enormes, que no espaço occupam largo ambito, e o homem, que se resume no espaço a um ponto, são iguaes na intenção divina. Com igual imperio governa Deus a immensidade dos orbes, que rolam sobre nossas cabeças, e as myriades de seres que se escondem sob nossos pés.

«É nossa alma, só de si, avulta mais que a reunião de todas as creaturas. O preço de uma alma, creada por Deus, alma cogitante a quem Deus, como a imagem sua, transmitte preceitos, e chama á concorrencia de seus actos, á cooperação com a Providencia sobre a terra, é incommensuravel. Vale mais que o universo material. É digna de alcançar tudo que lhe foi promettido.

«Não assignou Deus ao homem tão elevado destino para tão cedo lh'o cortar. Não lhe mostrou a final paragem para lhe tolher o accesso. Não o fez tão grande para abatel-o ao nivel dos elementos materiaes. Não lhe deu unicamente a elle o conhecimento proprio, e consciencia de suas faculdades, para lhe abrogar o exercicio d'estas eminentes prerogativas. Não o cumulou de beneficios para lhe delir até a memoria d'elles. Em summa, não lhe deu vida igual á sua para o resvalar ao nada.

«Não morrerá a alma do homem, porque, em virtude de sua mesma instituição, recebeu o dom irrevogavel da immortalidade. Não morrerá, porque deve, creação divina, participar de seus mais nobres privilegios. Não morrerá, porque, entre os seres d'este mundo, é ella quem unicamente propende a um destino superior, principiado na terra; é ella quem, chamada a conhecer Deus, e a glorifical-o e amal-o, não acha n'este mundo a palavra do seu pensamento, e o foco de seu amor.

«Por derradeira palavra, a immortalidade é a consequencia da creação, o complemento da obra de Deus, a completa realisação do intento divino.» (De Puchesse).

DEUCALIÃO. (Veja Primeiros seculos).

DEUS. 1. «Deus se definiu com a maxima precisão e singelissima sublimidade: *Ego sum qui sum: Sou quem sou.* É quem é. Tudo é substancia n'elle, tudo por elle é vida, n'elle e por elle tudo é ser. É quem é; por que é o poder, a fecundidade, a actividade. É quem é; por que todas as realidades lhe promanam do pensamento; porque todas as realidades lhe derivam da palavra, porque de seu querer resulta o movimento das realidades...»

«Já d'aquelle supremo inaccessivel ser, que deu ser a todas as cousas, aqui a ignorancia não só é forçosa,

senão honesta: aqui, se quizer especular muito um Santo Agostinho, um anjo o admoestará, dizendo que pretende recolher o mar em uma concha: aqui os Seraphins, se não vendarem os olhos, cegarão com a muita claridade. De Deus Nosso Senhor como disse S. Dionysio, não ha especie, nem conceito, nem phantasia, nem opinião, nem sciencia, nem eloquencia E assim para os theologos, e padres fallarem sobre o seguro, mais dizem o que Deus não é, do que o que Deus é. Deus é Pai, é Filho, é Espirito Santo: Deus é Justo, Sabio, Poderoso, etc. Assim é verdade. Porém tão differentemente é Deus Pai, Filho, e Espirito Santo do conceito que nós temos da razão de pai, filho, e espirito; tão differentemente é Deus Justo, Sabio, Poderoso, etc. do conceito que nós temos d'estas perfeições, como é differente a luz das trevas, e a verdade do sonhado. Porque todas as fórmas, ou especies intelligiveis, por onde nos queremos levantar ao conhecimento de Deus, obstam ao mesmo conhecimento, como as nuvens ao sol. E assim quanto mais queremos entender, mais espessas fazemos estas nuvens, mais escondido este sol. Venham cá todos os doutos do mundo: concordem-me em Deus a unidade com a trindade; a justiça com a misericordia, a liberdade com a necessidade, e o decreto da predestinação dos Santos com o seu livre alvedrio. Sim dizem, sim ensinam, e na verdade com grande utilidade da igreja de Deus: mas em fim hão de confessar, que assim como no mundo material ha umas regiões mais cultivadas, e conhecidas, e outras que ainda se não descobriram, nem cultivaram: assim no mundo intelligivel, em qualquer sciencia, e muito mais na theologia sagrada, ha pontos já facilitados, e domados da industria do engenho humano: e ha pontos tão arduos, e fragosos, que ainda os não póde conquistar. E finalmente hão de render-se á verdade desenganada de Salomão, dizendo com elle, que todas as cousas são difficultosas de entender, e que não as póde o homem declarar.

«Mas que fructo tirará a alma devota de todo este discurso? Póde entre outros affectos exercitar tres mais especialmente. Primeiro de humildade: segundo de agradecimento: terceiro de gozo espiritual. Primeiramente humilhe-se o homem, vendo quão pouco sabe, e quanto presume saber: desenganem-se os que tem reputação de sabios, que na verdade a sua sciencia é limitadissima, e pela maior parte consiste em ter decorados os termos, por onde uns entendem aos outros, e a vantagem d'estes consiste no defeito dos outros. Um menino de doutrina entre infieis é um theologo: e um theologo entre bemaventurados é um menino de doutrina. Somos como o caracol, a quem a natureza, porque lhe negou olhos, concedeu duas pontasinhas, com que vai apalpando o caminho, e levando juntamente a sua casa ás costas. Assim a nossa alma levando a casa portatil do seu corpo, vai caminhando por este mundo, e se sabe alguma cousa, não é porque veja claramente a verdadeira luz, senão porque apalpa com as duas pontas, uma do discurso, outra da experiencia.

«Vós tendes o ser de vós mesmo; não que de vós procedaes como de principio: senão que de ninguem procedeis, nem tendes principio; nem que uma cousa sejaes vós, e outra o ser que tendes, como se vos viesse: senão que vós mesmo sois o mesmo ser essencial, e eternamente.

«Sois a essencia, que se transmonta sobre toda a contemplação: intelligivel, que não admitte os vôos de alguma intelligencia: formosura, que não consiste em proporção, e numero, e luz, e ordem; porque nenhuma proporção vos conforma, nenhum numero vos mede, nenhuma luz vos descobre, nenhuma ordem vos distribue.

«Vossa duração não é por seculos, ou qualquer successão de tempos, ainda infinitos. Vossa vida indivisivel, e junta, e interminavel, colhe dentro em sua eminencia todas as differenças de tempos antes de serem, e depois de já ter sido.

«Sois um só, não por abstracção, ou universalidade; pois sois singularissimo, e existis realmente; nem no numero como unidade, que é principio de qualquer numero; pois é impossivel haver muitos deuses: nem por composição; pois sois simplicissimo: senão por vossa mesma simplicidade indivisa, vivificadora de todas as unidades. Porque sendo um só, sois fonte de todos os numeros; não porque as creaturas sejam, ou possam ser, parte de vosso ser Divino: senão porque o ser d'ellas está em vós idealmente, e com eminencia, como todos os sons estão na corda, e na mão todos os toques.

«Com serdes um necessariamente sois Trino: porque o mesmo Senhor, que é Pai, necessariamente é Filho, e Espirito Santo; pois necessariamente se conhece, e ama. Porém o Pai não é Filho, nem o Filho Espirito Santo, nem o Espirito Santo Pai, ou Filho; porque as propriedades são distinctas, ainda que uma a essencia, da qual ellas se não distinguem. Graças á vossa dignação, e bondade, que revelou estes Sacramentos aos humildes, e pequeninos.

«Todas as cousas fizestes por amor de vós mesmo: não que a gloria que das creaturas vos resulta, podesse mover vossa vontade; pois essa gloria tambem é creatura limitada, extrinseca, e accidental; e a vossa vontade é infinita, e o vosso mesmo ser: senão, que sendo a vossa natureza a bondade, a qual pede summamente o communicar-se; communicar-vos ás creaturas, foi deferir ao que pedia a vossa natureza: e assim o motivo de vossa vontade Divina, foi o peso de vossa infinita bondade.

«Sendo tantas, e tão feias as desordens que ha nas creaturas, que se regem por seu arbitrio, todas reduzis sem custo, e sem violencia a summa ordem, e formosura; de sorte que nem uma unica acção, ou omissão fica fóra da traça, e circulos de vossa Providencia, Justiça, e Misericordia. Porque do maior mal podeis tirar o maior bem, e até da vossa mesma offensa grande gloria, e dos que vos aborrecem servir-vos para o que é vosso beneplacito. Permittis que o inferno turbe a terra, e que tantos milhões de gigantes furiosos, e robustissimos discorram pelo mundo fazendo ás almas o mal que podem: porque as rodas da imperial, e invisivel carroça de vossa Providencia, pisam por cima dos cumes dos montes, e dos abysmos das aguas muitas, onde não deixam signal de seus caminhos: e em um dia julgareis todos os seculos, assignando a cada creatura livre, a eternidade de vida, ou morte, que lhe compete.

«Conheceis o numero preciso, e certo de todas as areias do mar, atomos do ar, folhas das plantas, gotas das chuvas, e orvalho, e de quantos individuos encerra a natureza. Penetraes, e contaes os pensamentos de todos os homens, e Anjos, e a intenção, e duração de cada um, e a ordem, semelhança, differença, e contrariedade que tem entre si comparados uns com outros: silva, e labyrintho infinito, onde só o entendimento infinito se não perde.

«Vivificaes os mortos em um momento, tornando a fazer presentes todas as materias de seus corpos, dispersas em remotissimos lugares, e transmutadas em differentes fórmas.

«Tudo de vós depende, vós de nada: tudo vedes, e de ninguem sois visto: tudo moveis persistindo sempre immovel, e estando na Pessoa do Verbo, unido ao Corpo, e Alma de Christo: o Corpo ficou na cruz, e depois no sepulchro, e a alma desceu ao Limbo, e o Verbo não se moveu d'onde ab eterno estava.

«Aborreceis a deformidade do peccado com infinito odio: porque é infinita vossa pureza, e vossa santidade é subsistente em si mesma, essencial, e incircumscripta. Tudo o que vos toca, ou cousa vossa, ainda de mui longe, é santo. Por isso é santa a vossa Lei, santa a vossa Igreja, santos os Sacramentos, os Sacerdotes, os Templos, os Altares, as Escripturas, santo o vosso Evangelho, santa a Cruz que tocastes com vossos membros, e santa a terra que vossos pés pisaram.

«Toda a universidade das creaturas é desenho de vossa idéa, parto de vossa fecundidade, e criança dos vossos peitos: para todas, e infinitas mais que fossem, ha, e sobeja leite copioso; leite que as conserva, e nutre, consola, e augmenta. Estaes sobre todas regendo-as, debaixo de todas sustentando-as, ao redor de todas defendendo-as, e dentro de todas animando-as.» (P.e Manoel Bernardes).

DEVER. 1. Esta palavra, tomada em absoluto, significa sómente a *obrigação* que ao homem incumbe de praticar o *bem*. (Veja BEM). É pois o dever o jugo da razão a pesar sempre sobre a vontade humana; é o visivel dedo da Divindade que aponta imperiosamente ao homem a trilha de seus passos. Póde o homem resistir ás ordens divinas; mas o *dedo* lá está sempre fixo, dominando todos os homens, todos os tempos, em todos os paizes, inflexo e implacavel como a necessidade.—«O primeiro dever imposto ao homem, como clausula da sua creação, é conhecer seu Creador, e honral-o, elevar-se até elle, consagrar-se-lhe.» (S. Eucher). — «Todos os deveres humanos cifram-se n'estes dous pontos: conformidade á vontade de Deus, e caridade com o proximo.» (Pope).

2. Loke e J. J. Rosseau não querem que se proponham actos ás crianças a titulo de *dever*. — «Hajam-se de modo, diz o primeiro, que tudo que ensinarem aos meninos lhes não seja oneroso nem imposto como tarefa de rigoroso aviamento. Tudo que assim levar visos de obrigação dispára logo em tedio... Pois com os adultos não corre o mesmo? O que elles fazem a belprazer não se lhes torna encargo molesto logo que lh'o prescrevem como obrigatorio?» — Por certo que é excellente alvitre fazer aprasiveis as obrigações moraes dos meninos; porém, que fazer quando a criança tiver de cumprir um dever que lhe é desagradavel? — A sciencia dos *deveres* é consequente ao exercicio do raciocinio; adquire-se de espaço; é, todavia, util que o menino vá logo percebendo que toda a creatura tem que cumprir deveres n'este mundo. O sentimento da obrigação moral, que a educação suggere, mas não dá, em breve lhe irá esclarecendo o que é o dever. A vida humana, para assim dizer, é uma missão. Chama-se o espirito dos meninos para esta idéa, pela qual nos associamos aos nossos semelhantes e a outra existencia.

3. *Deveres paternaes.* — «Que ha no mundo muito maus paes, é ponto que infelizmente não admitte replica; sendo uns por extravagancia, outros por desmazêlo, alguns por loucura, e não poucos por má indole, os amigos mais perniciosos de seus filhos. Todos os dias, e em todos os circulos das nossas relações recolhemos factos que comprovam esta triste verdade.

«No entanto, justo é dizel-o para honra da especie humana, é muito menor o numero dos maus paes, do que o dos filhos ingratos e desobedientes. Não faltará (d'isso estamos certos) quem acoime de paradoxo o acharmos aquella circumstancia honrosa á especie humana; mas os que assim pensam são pessoas que se não cançam em examinar systematica e regularmente as suas opiniões e as alheias.

«Essas pessoas teem para si, e com muita razão, que entre paes e filhos ha deveres reciprocos; que se áquelles cumpre dar a estes o sustento, protecção, e uma apurada e virtuosa educação, os filhos, pela sua parte, teem o estricto dever de honrar, obedecer, e amar a seus paes. Estamos d'accordo n'estes salutares principios; mas, perguntamos nós, porque elles são certos e de eterna verdade e justiça, deixa acaso de tambem ser certo que ha grande differença no crime de desprezar uns ou outros deveres? O pai quando calca aos pés os seus deveres, obra deliberadamente; e o filho pratica quasi sempre o mal por mera leviandade, resultado da má educação que recebeu. Um peccou com a cabeça e coração; no erro do outro só a cabeça teve parte.

No momento em que o homem recebe a qualidade de pai, contrahe a obrigação de abandonar o egoismo, qualquer que seja o modo por que o occulte. Desde esse instante cessou de ter os direitos de que até alli gozava, visto ser obrigado a repartir com seus filhos todas as commodidades que obtiver; cumprindo-lhe igualmente modificar o seu mau genio, bem como outros sentimentos que possam áquelles ser damnosos. Os paes que assim não praticam, faltam de acinte aos seus deveres: e querendo gozar de todas as vantagens que o estado social offerece, não hesitam em privar os filhos da parte d'essas vantagens a que elles teem indubitavel jus pelas leis communs.

«O homem que procede d'este modo, se não obra mui pensadamente, é então um louco rematado. Ninguem, embora seja o homem mais leigo, póde ignorar que existem taes deveres; e que o desprezal-os é declarar-se réo d'uma tyrannica e cruel injustiça. Porém, e quanto aos mancebos, já a questão muda de figura. O seu crime é indesculpavel, injurioso á sociedade, e offensivo das leis divinas e humanas; é finalmente um crime de que recebe quasi sempre castigo a pessoa que o commette, porque os maus filhos nunca vem a ser paes felizes e estimados. É pois mui grande e imperdoavel o crime do filho desobediente; no entanto cumpre diminuir na sua enormidade a circumstancia de ser elle commettido no fogo da mocidade, tempo em que a reflexão desampara muitas vezes os jovens bem educados, quanto mais aquelles que nunca foram instruidos pelas lições dos mestres, e da experiencia.

«Não pretendemos de fórma alguma minorar o horror que deve necessariamente causar o peccado da desobediencia filial: nunca foi nem será nosso intento desculpar crimes que tanto damnam a sociedade, como o individuo que os pratica. Só quizemos mostrar com estas observações, que é no desleixo, e, ás vezes, na indifferença dos paes que semelhantes males tem a sua origem; pois estamos certos que as calamidades por que deve passar o mau filho, bem como os remorsos e inquietações que o hão de sempre atormentar, lhes farão pagar caro as suas irregularidades e desconcertos.

«Por maiores que sejam as afflicções de um pai á vista dos desvarios e pouco amor de seus filhos, nunca poderão comparar-se ás agonias que a estes tarde ou cedo causarão os remorsos da consciencia. Meditem os paes e os filhos no que acima expomos; e procurem, uns com o exemplo e carinho, e os outros com o respeito e amor, cumprir com os deveres mutuos que lhes impoz o Creador, para ventura commum, e repouso da sociedade.» (X. d'A.)

DEZ (Seculo), antes de Jesus Christo. — *Jereboam*, author do scisma das dez tribus, estabeleceu em Sichem a séde do seu imperio, e fabricou em Bethel e Dan dous bezerros de ouro que foram adorados por ordem sua (962). *Amri*, rei de Israel, edificou Samaria (914). *Josaphat*, rei de Judá, deu realces á piedade, á justiça, á navegação e arte militar. — N'este tempo floreceu Homero (907), o mais antigo e celebre poeta grego. Com seu nome correm dous poemas epicos: a *Illiada*, onde canta os effeitos da cólera de Achilles, as desventuras dos gregos no cerco de Troya durante a ausencia do heroe, e a terrivel vingança que elle tirou da morte de Patroclo, seu amigo. O outro poema é a *Odyssea*, onde narra as viagens de Ulysses, de terra em terra, depois da queda de Troya, e da volta d'aquelle principe ao seu reino de Itaca. (Veja HOMERO). — Segundo assevera Herodoto, Hesiodo, famoso poeta didactico da Grecia, foi coevo de Homero. Subsistem apenas tres poemas dos muitos que compoz, notaveis por elegancia e simplicidade: os *Trabalhos e dias*, germen das *Georgicas* de Virgilio; a *Theogonia*, fonte preciosa da sciencia mythologica (veja MYTHOLOGIA); e o *Escudo de Hercules*, imi-

tado por Virgilio na descripção do escudo de Eneas. — Bocchoris, rei do Egypto, legislador do seu paiz, favoneou o commercio; mas o povo supersticioso accusou-o de haver insultado o boi sagrado. Sabacon, rei ethyope, chamado a vingar tal impiedade, prisionou Bocchoris, e mandou-o queimar. Confundem este rei com o Pharaó que permittiu aos israelitas deixar o Egypto, capitaneados por Moysés.

DEZ (Seculo), depois de Jesus Christo. — Rollon, á frente dos seus normandos (homens do norte) devasta o littoral de França, toma Rouen, e aceita, em 912, de Carlos o Simples, a paz, com a mão de sua filha Giselle, e a porção de Neustrie, chamada depois *Normandia*, sob condição de prestar homenagem a Carlos, e receber o baptismo. Governou pacifica e ligeiramente. — Othon, chamado o Grande, imperador da Allemanha, guerreia os hunos e hungaros, faz tributaria a Bohemia, hostilisa o rei de França, Luiz d'Outremer, que disputava a Lorraine ao imperio, torna á França em 946, e como alliado de Luiz contra Hugo, o Grande, submette toda a Lombardia, faz eleger novo papa Leão VIII, em lugar de João XII, e reune o reino de Italia ao imperio de Allemanha.— Hugo Capeto, chefe da 3.ª dynastia dos reis de França, proclama-se rei em 987, com aggravo de Carlos de Lorraine, tio de Luiz V. Elege Pariz para residir, é liberalissimo com o clero para o captivar, e lega, morrendo, a corôa a seu filho Roberto. — Gerbert, papa que se chamou Silvestre II, introduziu na Europa os algarismos arabes e os relogios de pendula. (Veja FEUDALISMO).—No seculo decimo a Lusitania era parte do reino de Leão, cujas evoluções envolvem a vida politica d'aquella provincia. Principia então a dominar-se *Portugalense* o districto ao norte e sul do Douro, até ao Vouga. A parte occidental denominava-se *Galliza*. — «A Hespanha... não offerece outro espectaculo (escreve Coelho da Rocha) senão o theatro contínuo de uma guerra barbara e devastadora entre os habitantes do paiz e os mouros; de uma luta fanatica e sanguinaria entre os christãos e infieis; mas sem resultado decisivo porque as forças se equilibravam. Os condes e os magnates, com quem os reis repartiam as conquistas, segundo o systema feudal, ciosos uns dos outros, e ás vezes do monarcha, regulavam os seus serviços mais pelo proprio interesse do que pelo commum: e os reis a cada passo eram forçados a empregar, para os submetter, as armas que deviam mandar contra os infieis. Outro tanto acontecia entre os mouros os quaes haviam adoptado o mesmo systema de governo. N'esta alternativa continuaram até que D. Affonso VI, rei de Leão, pela tomada de Toledo, no anno de 1085, a qual era o centro do poder dos infieis, adquiriu sobre estes uma superioridade decisiva que lhes preparou a sua inteira ruina.» (*Ensaio sobre a historia do governo e da legislação em Portugal*, pag. 30 e 31).

No primeiro quartel d'este seculo, Affonso III, o *Magno*, fortificou as principaes praças da Lusitania, nomeadamente Braga, Chaves e Vizeu, chegando com as suas victoriosas excursões até Coimbra. Como os filhos, Garcia e Ordonho, se rebellassem contra elle, Affonso repartiu os seus estados pelos filhos, pertencendo a Galliza e Lusitania a Ordonho. N'este reinado, ampliaram-se os limites da Lusitania, graças á espada vencedora do seu principe. Ao meado d'este seculo anda ligada a tradição mais ou menos lendaria de D. Ramiro, que repudiára a mulher por amor de Zara, filha de Alboazar, senhor de Gaya. O pai da Zara raptada, vingára-se raptando Urraca, a esposa repudiada. Veio Ramiro á margem do Douro, e vingou matar o mouro, não obstante a consorte o haver posto nas mãos de Alboazar. Depois fazendo-se á vela com Urraca, lá no mar alto, como a visse lastimar-se de saudades do mouro, atirou-a ás ondas com uma pedra ao pescoço. Os poe-

tas deram celebridade ao successo; mas os historiadores mais escorreitos não se demoram em averiguações por onde possamos rastrear vestigios historicos de tal tradição.

DEZESEIS (Seculo), antes de Jesus Christo. — *Josué, Sesostris* e *Cadmo*. 1. Josué succedeu a Moysés no governo, e apossou os israelitas da terra da Promissão, repartindo-a pelas doze tribus. Vadeou o Jordão a pé enxuto, apoderou-se de Jerichó derruindo-lhe os muros, ao clangor da trombeta, e venceu os cinco reis alliados. Durante o combate, parou o sol para que o dia fosse maior e a victoria chegasse ao termo.

2. Sesostris, o mais celebre rei do Egypto, conquistou a Ethiopia, Assyria, Asia Menor e outros paizes. Voltando ao Egypto, passados nove annos de ausencia, dotou o seu reino de instituições uteis, e cumulou-o de glorias. No mesmo tempo, Danaus, forçado a fugir do Egypto, refugiou-se na Grecia, e usurpou o throno de Gelanor rei de Argos. Cadmo, phenicio, fundou Thébas na Beocia e introduziu na Grecia a arte de escrever oriunda da Phenicia.

DEZESEIS (Seculo), depois de Jesus Christo.—A indole da maior parte das revoluções, que agitaram este seculo, resente-se das tentativas de Luthero e Calvino, e propaganda de suas doutrinas. Em quasi todos os thronos se assentaram soberanos famigerados por virtudes, talentos, ou paixões energicas. Ambos os hemispherios foram tingidos do sangue que derramou a ambição, a cupidez e o afógo do proselytismo. Em meio de tantas borrascas e catastrophes, as artes, sciencias e litteratura resplanderam na Europa, e mais particularmente na Italia. Tres periodos cumpre distinguir: 1.º até á sujeição da Italia á Austria, 1530; 2.º até ao encerramento do Concilio de Trento, 1563; 3.º até ao fim do seculo.

1. 1500-1530. — Luiz XII abre este seculo entre Alexandre Borgia e Fernando o Catholico, entre Henrique VII Tudor e Maximiliano d'Austria. A guerra que elle travou com a Italia para conquistar Milão e Napoles, ou debilitar os venezianos, redundou em proveito da Hespanha e da Santa Sé. Houve-se em seu governo com mais franqueza que solercia. O valor da cavallaria franceza, ao principio feliz contra os venezianos, não susteve o impeto da coallisão geral formada pela côrte romana. Julio II, emprehendedor intrepido, derrotou Cesar Borgia. Os dominios que sujeitou á igreja, deram-lhe forças contra Veneza, com elles repulsou os francezes, e repoz os Medicis em Florença. Vencedor da França, não vingou ainda assim dominar o parlamento de Pariz. Não houve rei mais chorado que Luiz XII, o *pai do povo*, apesar dos seus desastres. A realeza, temperada em França pelos parlamentos, é absolutissima em Inglaterra; que o parlamento, desde a restauração dos Tudors, cahe em extrema abjecção. A alliança das côrtes hespanhola e austriaca, as perfidias victoriosas de Fernando, o Catholico, servido de cabos de guerra da laia do famoso capitão Gonçalo de Cordova, prepararam a grandeza de Carlos V, neto de Maximiliano, por seu pai Philippe, o Bello, e neto de Isabel e Fernando, o Catholico, por sua mãi Joanna, a Douda. Reune aos dominios da casa de Austria os reinos de Castella, Aragão e Navarra. O genio superior de Carlos V ostenta-se na astucia com que renovou allianças contra Francisco I que perdeu o Milanés. Entretanto, o esplendor e solidez das emprezas do imperador não o avantajaram á gloria do seu rival, e á de Leão X. Este pontifice, que reinou apenas oito annos, legou seu nome ao seculo. Em grande parte deve esta honra aos homens de letras e artistas que protegeu. Além de que, nunca tão habil governo dirigira Roma. Leão X, obrigado pelas despezas enormes da igreja de S. Pedro, que então edificava, recorreu ao commercio das indulgencias. Luthero, frade allemão, ergueu-se contra este negocio. Foi o preludio de vasta revolução na christandade. Se a tempo se fizessem

reformas, evitar-se-hiam heresias e scismas, d'onde procedeu quebra no poder pontificio e nos dogmas, em parte da Europa.

Allemanha, Italia e Inglaterra, na correnteza das rivalidades de Francisco I e Carlos V, davam espectaculo de fogosas pugnas religiosas e politicas. Carlos V, o mais solido baluarte do catholicismo, depois da batalha de Pavia que lhe submetteu o rei de França, declarou guerra ao chefe da Igreja. Clemente VII armou a Italia na causa da independencia; mas, ao tempo, é Roma infestada por um exercito allemão, parte lutherano, que vai incitado pela morte do seu caudilho, o condestavel de Bourbon, transfuga da França. O papa, prisioneiro no forte de S. Angelo, sahiu para entregar aos imperiaes grande parte de suas terras. Unge por sua propria mão o dominador da Italia. Carlos V, o destruidor das liberdades italicas, julga-se bastante poderoso para repellir a confissão de Augsbourg dos protestos lutheranos. No Danubio é que a prosperidade lhe não sopra. Solimão II, menos cruel que seu pai, Selim, tendo subjugado a Armenia e e os persas, e assolado o imperio dos sultões no Egypto e o poder dos mamelucos, avança sobre Rhodes, cujos heroicos defensores vão, transferidos por Carlos V ao rochedo sáfaro de Malta, sentinella do mediterraneo. Senhor da bacia oriental d'aquelle mar, Solimão quiz dominar o valle do Danubio. Venceu os hungaros, e penetrou até Vienna, onde a Allemanha o retem. O irmão de Carlos V, Fernando herdou de Luiz II, rei de Hungria, o reino que lhe incumbia conquistar.

Em Inglaterra a paixão de Henrique VIII por Anna de Boleyn decide-o a divorciar-se de Catharina de Aragão, sopesando os obstaculos que Roma lhe antepõe. Aproxima-se estrondoso rompimento.

Litteratura e artes fructificam amadurecidas pelo calor da segunda metade do seculo XV. Miguel Angelo, principiador da igreja de S. Pedro, glorificou as artes do desenho. Fulgem então as obras primas de Raphael, Corregio e Julio Romano. Em poesia, lustra, na Italia, Ariosto. A prosa e historia devem a Machiavel observações profundas, senão a sciencia moral que é a corôa legitima da politica. Em França, Clement Marot dis-fere o percuciente epigramma e a facecia elegante; Pedro Gringoire celebriza-se com as farças que representa nas ruas de Pariz. Predomina ainda o latim nas polemicas, e até nas satyras, como se deprehende dos escriptos do hollandez Erasmo, de Budé e Luthero.

Factos mais notaveis de Portugal desde 1500 a 1530.—Pedro Alvares Cabral descobriu o Brazil em 1500, onde foi arrojado por uma tempestade. Gaspar Côrte Real, n'este mesmo anno, visitou a Terra Nova, e costeou aquella parte da America chamada *Terra do Lavrador*. Em 1501 João de Novas descobriu a Ilha da Conceição, e na volta da India descobre a Ilha de St.ª Helena (1502). Desde 1500 a 1503 Americo Vespucio, ao serviço de Portugal, fez duas viagens ao Brazil. Vasco da Gama sahiu em 1502 com uma segunda armada para a India. Em 1503 até 1522 descobriram os portuguezes a ilha Zanzibar, a de Socotorá, a de S. Lourenço, Ceylão e Sumatra, as Molucas, e archipelago de Lieukien, o estreito de Magalhães, a ilha de Bandá. Pertencem a este periodo D. Pedro de Almeida, primeiro viso-rei da India, Affonso de Albuquerque, que recebeu as embaixadas de todos os principes da Asia, Diogo Lopes de Sequeira, Pacheco Pereira, Lopo Soares de Albergaria. Em 1521 morreu el-rei D. Manoel, o principe mais feliz do seu tempo. Foi o primeiro rei que se denominou *senhor da conquista, navegação, e commercio de Ethiopia, Arabia, Persia e India*.

Não faltaram a este reinado as brilhantes auroras das letras portuguezas. É d'esta época D. Francisco de Mello, grande cosmographo: as sciencias exactas, balbuciadas em tempo do infante de Sagres, filho de D. João I, chegavam n'este tempo á sua virilidade relativa. A litteratura ame-

na alvoreja com Bernardim Ribeiro, o poeta da *Menina e Moça*, que tanto cooperou na formação do gosto de Luiz de Camões. É o primeiro modêlo do genero pastoril em Portugal, algumas vezes bem imitado por Christoval Falcão. Gil Vicente, o fundador do theatro regular em Portugal, presa-se de prevalecer em merito dramatico aos authores italianos, e até aos inglezes, que apenas tinham ensaios desordenados, como póde vêr quem confrontar Gil Vicente com David Landsay e lord Berner. No reinado seguinte, a expensas de D. João III, sahiram muitos portuguezes a estudar em universidades estrangeiras. De lá vieram Teive, os Gouvêas e Buchanan, que ensinaram em Coimbra, tendo já os Gouvêas exercido o prefessorado em Pariz e Italia. André de Resende mestre dos filhos de el-rei D. Manoel floreceu n'estes dias, precursores de outros mais gloriosos, e gloriosissimos talvez se o vulto da Inquisição, creada em 1530, se não levantasse projectando sombras onde deviam cahir a prumo os raios do astro civilisador que então irradiava na face da Europa.

2. 1530. — O duplo estimuio que deram ás letras e sciencias a luta religiosa e a restauração dos antigos estudos augmenta a gloria das nações assoladas pela guerra civil ou aviltadas pela sujeição.

Sôam então as principaes obras theologicas de Calvino e Mélanchton. Este dá mais valia que Luthero á reforma porque tem por si as graças do estylo, a brandura do genio, e copia de saber. Calvino que nega a presença real, e faculta a todo o christão o direito de interpretar os livros sagrados, manda, em Genebra, queimar Miguel Servet por que interpretou a seu talante.

A astronomia entra com Copernico na vereda da verdade. A anatomia dá mais ampla base á medicina. Distingue-se nas bellas letras o poeta Vida. Em historia e critica elevam-se Bembo, Paulo Jovio e Julio Cesar Scaligero. Honra-se menos a Italia com o seu Aretino; mas em compensação, a prosa historica de Guichardini nobilita a Italia, onde pullulam as Academias. A rainha de Navarra, Margarida de Valois, irmã de Francisco I protege e cultiva distinctamente as letras. Rabelais, o immortal prosador, que não imitou ninguem nem póde ser imitado, é o mais gracioso escriptor no mais tragico seculo da historia. A influencia da «renascença» italiana é menos sensivel nas letras que nas artes. Os architectos e esculptores que erigem e exornam os paços de Francisco I e Henrique II inspiram-se dos primores de Florença, Veneza e Roma.

Recrudesce a luta religiosa e dispara em perseguições crueis e guerras intestinas na maioria das nações européas Dinamarca, Suecia e a peninsula hispanica são quasi as unicas preservadas da tempestade que se desata em mudança de religião. A revolução, que abate os dogmas catholicos, não procede do povo nem da cleresia reformista; senão de um monarcha bellicoso e da fidalguia omnipotente. Gustavo Vaza não topa grandes obstaculos a remover ou palliar. Os fidalgos dinamarquezes, que acclamam rei Frederico de Holstein, em vez do crudelissimo Christiano II, ajudam-o a estabelecer o lutheranismo. A doutrina nova enraiza-se profundamente nas duas nações.

Na Inglaterra, o espirito servil volve a nação, mau grado seu, cumplice de Henrique VIII, que antes quer apartar-se da igreja romana que renunciar á sua paixão por Anna de Boleyn.

Apenas o scisma se propagou, morre a mulher, causa de tamanhos escandalos, por ordem do rei, no patibulo. Aquelle faccinoroso marido, que no praso de dez annos ha de ainda casar quatro vezes, persegue com igual barbaridade os sectarios do papa e os de Luthero. Expiam com a vida innumeraveis victimas as suas opiniões religiosas, sob o cutello de um rei scismatico e excommungado, que aceita innovações tão sómente para se apropriar os bens dos mosteiros e o poderio clerical.

A nobreza e povo da Allemanha

comprazem-se nas applicações politicas das doutrinas lutheranas. A secularisação dos bens ecclesiasticos em proveito d'elles é a derradeira palavra da reforma para os gentis-homens. Prégadores transviados ou criminosos promettem ás massas populares liberdade e riqueza. A seita dos anabaptistas, cujos principios transluzem d'entre atrocissimos feitos, provoca as iras dos lutheranos e catholicos.

A doble peste da heresia e do zelo vingativo entra na França, que os habitos pouco severos de Francisco I e a leviandade propriamente da sua côrte deviam preservar. Politica e religião tem partes iguaes nos actos rigorosos ordenados pelo rei. Esfria o ardor da guerra entre Carlos V e Francisco I.

Em seguida a 1545, a carnificina dos vaudezes instigada por Francisco I, a abertura do ultimo concilio geral, em Trento, em que o mais acrisolado discipulo do hespanhol Ignacio de Loyola representa a nova sociedade dos jesuitas, tão zelosa do dogma e dos interesses pontificaes; o *interim*, especie de transacção imposta por Carlos V, vencedor dos protestantes, e mal recebido em ambos os partidos, em conclusão o estabelecimento do lutheranismo em Inglaterra sob Eduardo VI — todos estes successos rasgam novos horisontes, e abrem o theatro da guerra civil e da discussão violenta. O poder sempre crescente de Carlos V attrahe á liça o filho de Francisco I, Henrique II, alliado por igual com os protestantes allemães, de novo em guerra com o imperador, e do papa Paulo IV que queria expulsar os austriacos de Italia.

Os generaes de Philippe II vencem o exercito de Henrique II em S. Quintino. Divide-se então a Europa em dous partidos prestes a degladiarem-se: o protestantismo domina na Escocia onde se gerou o presbyterianismo em meio das scenas violentissimas que já ameaçam aluir o throno dos Stuarts; na Inglaterra, onde Isabel legisla o dogma e o culto; nos paizes batavos onde grassa o calvinismo, na Allemanha onde se hostilisam os calvinistas e lutheranos. A Santa Sé, tão habil quanto energicamente, faz aceitar aos principes catholicos os ultimos decretos do concilio tridentino, que condemnam sem resalva as doutrinas de Luthero, de Calvino e de Zwinglo, e ao mesmo tempo preparam para a Egreja solidas e salutares reformações.

Philippe II, chefe do partido catholico, entra na luta com recursos novos auferidos do Novo-Mundo. O Mexico, tomado de assalto por Fernando Cortez, o Peru por Pizarro, trazem á Europa enormes cabedaes. Pelo que respeita aos portuguezes, eram nação pequena para poder explorar com vantagem e sustentar longo tempo as suas colonias nas Indias Orientaes. As conquistas do grande Affonso de Albuquerque proseguiram mas raro houve quem o imitasse na excellente e liberal administração. Nas duas Indias, a cubiça e zelo religioso perseguem os desgraçados indigenas idolatras. Bartholomeu de las Cazas ousou delatar a Carlos V essas malfeitorias, a accusar a sua nação diante da posteridade. Quando, inspirado de humanissimo sentimento, propoz associar os negros de Africa aos trabalhos dos indios, abriu á Europa novo processo de iniquidades. A viagem de Magalhães á volta do mundo mostrou que infindos mares cumpria ainda navegar e dominar, com o andar dos descobrimentos portuguezes e hespanhoes.

N'este curso de trinta e tres annos são notaveis os triumphos de Nuno da Cunha na India. Em 1540 aceitou D. João III a Companhia de Jesus com o proposito de enviar apostolos ás Indias Orientaes. Apparecem e lustram os grandes nomes de D. João de Castro e D. João de Mascarenhas. O *Conselho geral do santo officio* começa a funccionar em 1547. Em 1556, Mem de Sá derrotou o exercito francez que invadira o Rio de Janeiro. No anno seguinte morreu D. João III, principe nimiamente ignorante, prenuncio da decadencia de

Portugal, espirito sem alcance, victima de fanaticos que tudo poderam sobre a sua ignorancia. São coevos d'este monarcha os derradeiros esplendores das letras em Portugal: Luiz de Camões, Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, Caminha, Castilho, Fernão Alvares do Oriente, e outros menos conhecidos d'esta illustre pleiade. Estremaram-se em poesia latina Thomaz de Faria, Paiva de Andrade e Caiado. Em historiadores avulta mais a riqueza de Portugal, com citar-lhes á frente de todos João de Barros. São dignos, porém, de lhe compartirem a immortalidade Diogo de Couto, Affonso de Albuquerque, Damião de Goes, Fernão Lopes de Castanheda e André de Rezende, o mais antigo d'estes artistas desvelados da lingua portugueza, e não tanto da boa critica historica. Heitor Pinto e Amador Arraes, excellentes moralistas, pertencem a este cyclo. Francisco de Moraes, auctor, senão traductor do *Palmeirim de Inglaterra* tem a sua apotheose no respeito de Miguel Cervantes.

Taes foram os progressos do seculo XVI em Portugal, até 1579.

3. 1563-1600. —Enfraqueceram a olhos vistos os dous imperios de Allemanha e Constantinopla, depois de Carlos V e Solimão: um, porque não havia conciliar orthodoxos e hereticos; outro, á conta da corrupção do governo perfido e sanguinolento do harem e sedições dos janisaros e guerra implacavel aos persas scismaticos. A tão gloriosa como esteril batalha de Lepanto pertence a Veneza, a Roma, á Hespanha, e não ao imperio.

A não se darem as contendas religiosas que conflagravam os povos, é de presumir que os immensos estados de Philippe II, em ambos os hemispherios, e o poderio de Inglaterra sob Isabel, e o da Polonia e Suecia, motivassem grandes alterações no systema europeu. Philippe II, apontado ao completo triumpho do concilio tridentino e da inquisição, incita com as suas demasias as provincias belgas, onde predominava o catholicismo a reagir contra as prescripções e os supplicios. Formidavelmente se insurgiram os batavos, nação maritima e mercantil, propensa a desligar-se da Igreja e de Hespanha, contra a qual obtiveram auxilio dos inglezes e allemães. Antes que o principe de Nassau, Guilherme de Orange, fosse mortalmente victima de um fanatico, fundaram a republica das Sete Provincias Unidas, que as provincias belgas não imitaram na resistencia. No entanto, Philippe II ajuntou aos seus grandes dominios Portugal e suas colonias, e concebeu esperanças de se apropriar tambem a Inglaterra. Esforçou-se em restaurar o partido catholico n'este paiz, e impedir que os protestantes prevalecessem em França, em quanto Isabel manutenia os protestantes em França, Escocia e Paizes-Baixos. Já as culpas de Maria Stuart haviam sido cruelmente expiadas em longo captiveiro. A anarchia de França favorecia os designios de Philippe II. A guerra religiosa era alli apenas interrompida por treguas ephemeras. A indole tolerante e liberal do chanceller do Hospital não logrou conciliar as ambições e consciencias: primeiro os aristocratas, depois as cidades, á feição da Allemanha, Paizes-Baixos e Escocia, presentiram quanto podia lucrar da insurreição, em nome da fé, contra a realeza. Os magnates do catholicismo visavam ao mesmo escôpo, abroquelando-se com o nome do rei, mórmente depois da cruenta e esteril carnagem de S. Bartholomeu. A Liga, cujos membros aporfiavam a proceder contra a heresia por armas e justiça, obedece menos a Henrique III, chefe nominal, que ao poderoso duque de Guise, que apenas via entre si e o throno um empêço, quando morreu o duque de Anjou, irmão herdeiro do rei.

A Hespanha, que perdera os paizes batavos, pensa em adquirir a França. Henrique de Navarra, excommungado por Sixto V, tem contra si, a um tempo, Henrique III, os colligados (*ligueurs*) e Philippe II. A morte de Maria Stuart, ordenada por Isabel,

preoccupa de propositos vingadores o rei de Hespanha; mas o furor dos elementos, mais poderosos que a habilidade da esquadra ingleza subverte a frota dos hespanhoes, desvanecida de invencivel Em França, a guerra dos tres Henriques — o 3.º, o de Navarra, e o de Guise, *le Balafré*, termina pelo assassinio do duque de Guise que o rei mandou matar. Morre Henrique III ás mãos de um fanatico; pelo mesmo theor que elle, por politica, assassinára o de Guise. A França luta em agonias de quatro annos, que a tiveram a pique de se perder.

O espectaculo da liberdade hollandeza, a prosperidade de Inglaterra, a remoçada fortuna da França atormentam os derradeiros dias de Philippe II. Fechára elle aos hollandezes os portos de Portugal, onde iam em demanda dos productos das Indias orientaes. Os hollandezes, á custa dos portuguezes, visitam e colonisam as ilhas do oceano indico, desde o Cabo da Boa Esperança até á China. Cornelio Houtman, celeberrimo navegador, funda a primeira companhia das Indias para convergir forças e dirigir as explorações dos particulares. Principiam os inglezes a dominar os mares americanos. Drake emprende a circumnavegação do globo, e de passagem vai apresando as feitorias hespanholas.

Multiplicam-se as seitas. Afóra lutheranos, zwinglios, calvinistas, socinistas, que rejeitam quasi totalmente os mysterios, avultam treze especies de anabaptistas, vinte e quatro de confissionistas, nove de sacramentarios, etç. Cada seita tem seus apologistas e detractores. Entre os theologos catholicos, realçam Baronio, que escreve um immenso tratado de *Annaes ecclesiasticos;* o cardeal Belarmino, jesuita, que refuta os hereticos todos, e mantem as pretenções de Roma. Mais dous jesuitas hespanhoes, Sanches e Molina, escrevem, um ácerca do matrimonio, outro da graça e livre arbitrio, de modo diverso de S. Agostinho e S. Thomaz. A sciencia do Direito deveu muito a tres francezes: Cujacio (*Cujas*), que esclareceu a jurisprudencia com a litteratura e historia, Francisco Houtman e Pedro Pithou, ambos protestantes. Os melhores medicos são os de Italia. As sciencias propriamente ditas illustram Tycho-Brahé, oppugnador do systema de Copernico. Ramus, uma das victimas do «S. Bartholomeu» ampliou a philosophia e contradictou Aristoteles. Teve a Italia o seu grande poeta Tasso, e Portugal o insigne Camões, que deu com os *Lusiadas* nova gloria litteraria á sua ingrata patria. Skaspeare dá os preludios de theatro sublime, bem que informe, em Inglaterra. Florecem Ronsard, Aggrippa d'Aubigné, Pasquier, de Thou, Montaigne.

Entre 1563 e 1600 avultam em Portugal os seguintes successos. Em 1562 havia a rainha D. Catharina, regente do reino, deposto as redeas do governo em mãos do cardeal Henrique: tramas da companhia de Jesus porque a rainha impugnára que seu neto fosse educado pelo jesuita Luiz Gonçalves da Camara. Em 1574 fez D. Sebastião a primeira expedição á Africa, d'onde voltou sem honra nem proveito. Dous annos depois, obteve de Philippe II a promessa de 4000 homens para a segunda expedição de Africa, promessa que a onça do Escurial, chegada a hora do cumprimento, reduziu a metade. Aos 4 d'agosto de 1578, morreu D. Sebastião na batalha de Alcacerkibir. D. Henrique, influenciado pelos amigos de Castella, nomeadamente a companhia de Jesus, legou o throno a Philippe II. N'este comenos, quando a servidão de Portugal ia saldar as contas do odio abertas em Aljubarrota e Atoleiros, morreu Luiz de Camões (1580), o principe dos poetas da sua idade, o creador da primeira epopéa, depois da *Eneida*. Após aturada guerra de successão entre D. Antonio, filho natural de D. Luiz, irmão do cardeal Henrique, Portugal deixou-se agrilhoar. O ultimo lampejo dos antigos brios lusitanos fulgura na espada de André Furtado de Mendonça que em 1600 repelle os hollandezes e inglezes das Molucas.

Resistem ainda as boas letras á decadencia do espirito nacional. João de Lucena, Francisco Rodrigues Lobo, Vasco Mousinho de Quevedo e Jeronymo Corte-Real parecem reflectir o luzimento dos formosos dias de Portugal, na pureza da locução e autonomia da indole litteraria.

DEZESETE (Seculo). O seculo XVII, tão fecundo em successos memorandos na politica, religião, em letras e sciencias, divide-se naturalmente em dous periodos. O momento em que Luiz XIV começa a governar, avocando a si immensa gloria, mas responsabilisando tambem seu nome por todos os desastres d'essa grande época, é a linha divisoria entre os dous periodos.

I. 1600-1661. —Tanto ao abrir como ao cerrar d'este seculo, dous estados da Europa occidental foram governados por grandes monarchas. Orgulha-se a Inglaterra da sua Isabel Tudor, rainha despota que pouco sobreviveu ao supplicio do seu leviano e culpado valido, o conde d'Essex; e tambem se jacta de Guilherme d'Orange, rei constitucional que, depois de 1700, apenas terá azo de fomentar nova guerra européa contra Luiz XIV. Mais ditosa havia sido Isabel, que vira descer ao sepulchro o seu inimigo Philippe II, que levou comsigo a gloria e importancia de Hespanha. Byron, conspirando com Hespanha e Saboya, é punido como o conde de Essex. Tanto as exigencias da fidalguia como os odios da facção protestante podiam assoprar de novo a guerra civil e estrangeira. Henrique IV, —mediador entre o papa e a republica de Veneza, que repulsa os jesuitas, repostos em França após breve exilio, e tambem mediador entre Hespanha e as Provincias-Unidas, por que as treguas de doze annos são um como reconhecimento implicito de sua dependencia, — aspira a maior influencia na Europa: quer estabelecer paz perpetua abatendo a casa d'Austria. A punhalada que lhe deu Ravaillac foi a vingança dos colligados. Recahe a França, nas mesmas condições em que ficou depois da morte de Henrique II, sob o dominio de uma rainha dos Medicis e de um rei infantil.

Em Hespanha, Philippe III chama-se rei; mas quem reina é o duque de Lerme. Ao fausto da côrte contrapõem-se a miseria do povo e despovoação das provincias, sobretudo depois que os mouros foram totalmente expulsos. O ramo germanico da Austria está em apuros de se dividir em dous por ambições de Mathias que se irrita com o longo reinado de seu irmão, Rodolpho II. As revoluções da Hungria e Transylvania abrem as portas dos estados hereditarios á invasão othomana. A protestante Suecia expulsa o rei legitimo que permanecia catholico, e que, por amor d'isso, havia sido acclamado rei da Polonia. A Dinamarca, governada por Christiano IV, é mais discreta e feliz. Bafeja-lhe a prosperidade dos seus estabelecimentos litterarios e tentativas colonisadoras nas Indias orientaes. Polacos, suecos e dinamarquezes desolam as provincias russas que, desde 1598, aceitam qualquer embusteiro que se apresenta a herdar o throno. Começa então Miguel Romanow uma dynastia nacional que ainda hoje reina.

O imperio othomano, que lucrára com a fraqueza militar e com as facções intestinas da Austria, tem contra si Abbas, o Grande, schah dos persas, que esmagára os mongols.

Depois da morte de Isabel e Henrique IV, a attenção universal desvia-se da França e Inglaterra, convergindo toda sobre a Allemanha. Jayme I Stuart, anglicano devoto, bem que filho de Maria Stuart, expõe a perigo a paz religiosa em Escocia e Inglaterra, levado do seu gosto controversista. Conjuram raivosos os catholicos e puritanos contra um principe que se praz formular o direito divino dos reis, e deixa ao mesmo tempo atacar a prerogativa real que havia sido sagrada sob os Tudors. Os damnos da nação são legitimados pelos desatinos do valido Buckinghan, que dá causa ao rompimento com Hespanha. A defesa do partido protestante no con-

tinente, uma das glorias de Isabel, é menospresado pelo seu successor.

Desvia-se a França da linha pautada por Henrique IV. No remoinhar das novas borrascas civis agitadas pela abominavel administração do florentino Concini, pede o rei uma infante de Hespanha. Os parlamentos de 1614, ultimos de 1789, discutem as questões pertinentes ao poder real, ás pretenções de Roma quanto ás corôas, aos privilegios e interesses da igreja gallicana, ás necessidades do povo. De Luynes, o privado de Luiz XIII, vale tanto como o valido de Maria de Medicis, que desaba do poder para não mais o rehaver conspirando. O novo ministro não póde cevar as cubiças feudaes. A sua espada de condestavel, desembainhada em prol da realeza catholica, lampejára ingloriosa contra os hugnotes. Passado um como interregno, cahe o governo da França em mãos do bispo de Luçon, que pouco depois é ingrato a Maria de Medicis. Desde 1624 o senhor do rei e do reino é Richelieu. Entra novo ministro no poder em Hespanha. Olivares é coevo de Richelieu. Mal se dá tento de morrer o indolente Philippe III para largar o posto ao filho. Philippe IV tem o tal qual merito de haver escolhido Olivares.

Já não é o ramo hespanhol da casa de Habsbourg, senão o ramo austriaco que vai defender o principio catholico contra os protestantes. A guerra dos trinta annos não será exclusivamente luta religiosa. O desejo de independencia politica arma os bohemios contra os hungaros, sobre os quaes querem reinar o eleitor palatino e o principe da Transylvania; e, já não para abater a religião catholica, mas para humildar uma casa rival de França, o cardeal Richelieu faz guerra aos austriacos no imperio, na Italia, e Alsacia; aos hespanhoes nos Paizes-Baixos, no Roussillon e por mar. Frederico V, conde palatino, Christiano de Dinamarca, Gustavo Adolpho de Suecia, a França com Richelieu e Mazarino, são alternadamente os personagens do drama grandioso, formado de quatro dramas distinctos. São quatro guerras separadas que terminam com a paz de Westphalia, a qual regulou os direitos das potencias européas, e afiançou liberdade de culto aos protestantes allemães, calvinistas e lutheranos. Apesar dos legitimos protestos de Innocencio X, que vira os opulentos dominios episcopaes da Allemanha entregues a principes inimigos, aquelle tratado de 1648 tornou-se uma das bases do direito publico da Europa. Começa por este tempo a sciencia da diplomacia.

O tratado de Westphalia reconheceu a existencia independente da confederação helvetica, e a das Provincias-Unidas. Os hollandezes com as suas frotas espoliaram nas Indias orientaes, no Brazil e costas africanas, os portuguezes ainda sujeitos a Castella.

A revolução de 1640 elevou ao throno portuguez D. João de Bragança, que o conde-duque de Olivares combateu debalde, apesar do concurso das armas espirituaes de Roma. Por espaço de vinte e cinco annos propugnaram heroicamente os portuguezes em defesa da sua independencia nas fronteiras, e contra as insidias de Castella á volta do soberano. Varias conspirações estiveram a ponto de mallograr o feito prodigioso dos quarenta conjurados, apoiados pelo patriotismo do povo. Miguel de Vasconcellos, o portuguez traidor e punido, não era o unico exemplo de mau caracter em meio de tantos esforçados e nobilissimos restauradores de uma nacionalidade rica de tradições brilhantes. Menos perdoaveis que o ministro de Philippe IV em Lisboa, foram o duque de Caminha, o marquez de Villa Real, o conde de Armamar, Agostinho Manoel de Vasconcellos e D. Sebastião de Mattos, arcebispo de Braga, e D. Francisco de Castro, inquisidor geral — traidores, que expiaram no patibulo, tirante os dous ultimos, o primeiro que morreu no carcere e o outro que alcançou perdão. Novas tentativas contra a vida do rei foram descobertas e punidas. Alguns innocentes, como Francisco de Lu-

cena, mancharam com seu sangue o reinado de D. João IV. As hostilidades romperam-se em 1643 e terminaram em 1665. O general Mathias de Albuquerque desbaratou o barão de Molingen, general da Extremadura hespanhola; porém as batalhas que firmaram a independencia de Portugal pertencem já ao reinado do desditoso Affonso VI. O conde de Cantanhede, em 1659, venceu a grande batalha das linhas d'Elvas. D. Sancho Manoel, conde de Villa-Flôr, em 1663, desbaratou no Ameixial o celebre D. João d'Austria. Em Castello Rodrigo triumphou Pedro Jacques de Magalhães, em 1664. E, no anno seguinte, esmoreceu de todo a ira castelhana na batalha de Montes-Claros, onde seis mil hespanhoes ficaram prisioneiros do marquez de Marialva e do conde de Schomberg.

Voltando aos annos seguintes a 1640, Richelieu, favoravel aos portuguezes e aos catalães sublevados, induziu Luiz XIII á conquista do Roussillon. A decadencia do poder castelhano manifesta-se nas conspirações de Palermo, na sedição de Mazaniello em Napoles, na tentativa do duque de Guise, oriundo dos principes de Anjou. Olivares, em circumstancias penosas, delega o seu poder em D. Luiz de Haro.

Conjuraram os grandes contra Richelieu. O ministro fez abolir as dignidades de condestavel e grande almirante, como desproveitosas á nação. Com elle aprendeu o marquez de Pombal a supplantar os fidalgos portuguezes, ao passo que não escrupulisava em se enroupar nas vestes dos patricios. Tambem a França viu aterrada os supplicios de Marillac e Montmorency. Luiz XIII não pôde resguardar da desgraça sua propria mãi, e sua esposa. Os fidalgos, que se aventuraram á guerra civil, acaudilhados pelo cobarde Gaston d'Orléans, deixaram morrer Cinq-Mars, o valido de Luiz XIII, que ia vender a França a Castella. Richelieu avergou a seus pés os parlamentos, encarregando commissões extraordinarias de exercitar as suas vinganças politicas. A França respirou quando a morte a desopprimiu de Richelieu.

O italiano Mazarino, ministro da rainha mãi Anna d'Austria, em quanto Luiz XIV é criança, não opprime com violencia. Logo que a Fronde o hostilisa, volta para governar tranquillamente, abstendo-se da vingança, e procedendo como convinha em uma nação degenerada.

O parlamento em Inglaterra não era ridiculo como em França. O partido livre, formado na camara dos communs no fim do reinado de Jayme I, resistiu a Carlos I, aspirando a dominal-o. O rei affronta os parlamentos, e transige depois. A camara dos communs arranca-lhe a condemnação de Strafford, servidor leal que elle nunca devêra sacrificar-lhe. Rebenta a guerra civil, e Carlos foge de Londres. Á frente dos independentes está Cromwel, que proclama hypocritamente a democracia. Esses democratas são os que depois offerecem ou deixam empolgar a dictadura a Cromwel. Os escocezes entregam Carlos I aos inimigos. O rei é condemnado e morto. Os principes palatinos Roberto e Mauricio, sobrinhos de Carlos I, refugiaram-se em Portugal. Foi honrosissimo o proceder de alguns conselheiros de D. João IV. A esquadra dos parlamentarios exigia a entrega dos principes. Rebatidos pelas razões mais humanas, que politicas, segundo a época e os interesses de Portugal, os sobrinhos de Carlos I poderam sahir de Portugal incolumes.

Restabeleceu-se a realeza em Inglaterra, com a morte de Cromwel, e a derrota do general Monik. Os juizes de Carlos I foram condemnados á morte, reinando já Carlos II.

Como que por todo o mundo se restabelece a paz. É já doutrina corrente no maximo das nações européas o direito divino e o poder absoluto dos reis. Surge então Luiz XIV que ha de cingir o despotismo, que ninguem lhe discute, de uma gloriosa aureola, tão resplendorosa por armas como por letras. O grande seculo, a que elle deu nome, havia já produzido uteis e brilhantes lavores em todo o genero

de estudos cooperativos para a prosperidade e civilisação, antes que aquelle monarcha influisse nas opiniões dos seus contemporaneos. Shakspeare e Bacon, em tempo de Jayme I, produziram as suas obras immortaes, sem que o rei lhes inspirasse ou favorecesse o talento. O escocez Neper inventou os logarithmos, cujo primeiro ensaio publicou em 1614. O descobrimento da circulação do sangue deve-se ao inglez Guilherme Harvey. A poesia em França, bem que menos rica do que em Inglaterra, lustra em Malherbe. Hespanha e Italia actuavam poderosamente sobre a litteratura franceza. Du Perron, Sully, d'Ossat escrevem memorias historicas; e o veridico e judicioso de Thou conclue a redacção latina dos seus *Annaes* que abrangem de 1543 a 1607. A Hollanda produz o grande publicista Grotius. Kepler abre novo periodo á historia. da astronomia, e morre miseravelmente em Ratisbonna. Na Hespanha apparece o historiador Marianna, e o *Don Quixote* de Miguel Cervantes, que a todos se avantaja. A fecundidade dramatica de Lope de Vega é emulada por Calderon de la Barca. Em Portugal estrema-se entre os historiadores o mais respeitavel de quantos escreveram das antiguidades portuguezas, fr. Antonio Brandão; florecem Diogo de Couto continuador de João de Barros, fr. Luiz de Sousa, o primoroso chronista de S. Domingos e biographo do preclaro arcebispo D. frei Bartholomeu dos Martyres, Manoel Severim de Faria, Jacintho Freire de Andrade, o elegante author da *Vida de D. João de Castro*, Jeronymo Côrte Real, Gabriel Pereira de Castro, e outros, que, no sensato parecer de Coelho da Rocha, *são fructos mais serodios do seculo anterior*. — «No seculo XVII (diz o citado escriptor) é que a *Inquisição* fez o mais terrivel uso do seu poder. Desde o seu estabelecimento, e durante o governo dos Philippes, tinha ella obtido o mais amplo favor das leis, e augmento de jurisdicção; consignaram-se-lhe differentes bens e dotações, e mandaram-se respeitar e dar á execução com todo o cuidado as penas por ella impostas: e porque D. João IV, se lembrou de a reformar e privar da pena de confisco, o seu cadaver teve de passar por uma absolvição solemne para obter sepultura ecclesiastica. Os autos de fé eram frequentes. Até ao anno de 1732 appareceram nos cadafalsos em habito de infamia, penitenciados por este tribunal, 23:068 réos, e foram condemnados ao fogo 1:454.

«Os *christãos novos* eram o objecto principal das pesquizas, e as victimas mais ordinarias do Santo Officio. Com o pretexto de zelo da religião justificavam os moralistas os meios perfidos, que o governo mesmo muitas vezes empregava para os opprimir. Em 1601 concedeu-lhes D. Philippe II, a liberdade de sahirem para fóra do reino, em attenção ao serviço de um milhão e duzentos mil cruzados, que elles lhe offereceram; mas esta licença foi d'ahi a pouco suspendida. Ao mesmo tempo era-lhes vedada a entrada nos empregos, beneficios, e cargos publicos. E para lhes fechar inteiramente o accesso, tiveram todos aquelles, que aspiravam ás ordens ecclesiasticas, e aos empregos, de passar por uma rigorosa *inquirição de genere*, por onde fizessem constar não serem de raça de judeus, mouros, hereges ou gentios.»

Sobresahe na eloquencia do pulpito o jesuita Antonio Vieira, mais apreciavel pela pureza de suas *Cartas* em que não ha sabor de culteranismo. Dous notaveis polygraphos, honraram este seculo: D. Francisco Manoel de Mello, e Antonio de Sousa de Macedo tão affecto a Carlos II, de Inglaterra, e ministro de Affonso VI; e fr. Francisco de S. Agostinho de Macedo que sustentou, por oito dias, em Veneza, conclusões. São dignos de memoria Duarte Ribeiro de Macedo, o diplomata, e erudito escriptor; e merece estimação fr. Antonio das Chagas, author ascetico, notavel por piedade de costumes e pureza de linguagem. Floreceram em Italia o poeta Guarini e o prosador Davila, historiador parcial das guerras civis de França. Fra Paolo Sarpi escreveu a historia do

concilio de Trento. Galileu, que nasceu antes de Kepler, ousa desenvolver e confirmar com experiencias novas a doutrina de Copernico, que se afigurou heretica aos inquisidores de Roma. Outros descobrimentos se lhe devem, taes como as observações ácerca do peso do ar, e da queda dos corpos. Quasi que procede de Galileu a physica moderna. Torricelli, seu discipulo, e tambem toscano, inventou o barometro. Inaugurou Descartes a nova era da philosophia. A erudição opulentou-se em todos os paizes. Surgem os brilhantes nomes de Petau, Meursius, Vossius, Duchaine e Saumaise, Voiture, Balzac, Vaugelas, Corneille, Bossuet, Bourdaloue, Pascal.

2. 1661-1700. — Governa Luiz XIV. Na correnteza de 54 annos a Europa soffrêra a influencia de suas vontades, ambições e culpas, que terriveis revezes hão de punir. A monarchia de Luiz XIV póde definir-se uma realeza absoluta e dispendiosa, para o povo severa, para os estrangeiros hostil, esteiada no exercito, na policia e na gloria do rei. Quando Mazarino morreu, em 1661, ninguem conhecia Luiz XIV, bem que elle já contasse 23 annos. «Ha n'este rei — dissera Mazarino — fazenda para quatro reis. Ha de começar tarde; mas ganhará a dianteira a todos.» Perguntaram-lhe os ministros, depois que o cardeal morreu, a quem deviam dirigir-se. — «A mim» — respondeu elle.

Auxiliado por Colbert, restabeleceu o commercio, diminuiu os impostos, deu impulso ás artes e promulgou leis prudentes. Por fallecimento de Philippe V (1665) pediu Luiz XIV a Flandres e o Franche-Comté como dote da mulher, que nunca lhe fôra dado. Como lhe recusassem a cessão, apossou-se do territorio pedido á mão armada. Porém, como a Hollanda se movesse em auxilio da Hespanha, Luiz aceitou a paz de Aix-la-Chapelle, cedendo parte das suas exigencias (1668). Não perdoou Luiz XV á Hollanda aquella intervenção. Declarou-lhe guerra em 1672, á frente de cem mil homens. Ligaram-se contra elle a Hespanha, o imperador, e o eleitor de Brandebourg. Retomou Luiz XIV Franche-Comté; Turenne entrou no Palatinado, Schomberg derrotou os hespanhoes no Roussillon, Condé desbaratou o principe de Orange em Senef, Duquesne ganhou duas batalhas navaes contra Ruyter. A paz de Nimegue pôz termo á guerra geral (1678).

Colligou-se de novo a Europa contra elle, na chamada Liga de Augsbourg. Portugal, influenciado pela rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, servira com a sua neutralidade até 1683, os interesses da França.

A morte de Carlos II, que deixára a corôa de Hespanha ao duque de Anjou Philippe, accendeu de novo a guerra. O duque foi acclamado rei com o nome de Philippe V em 1700. Portugal o reconheceu; mas, logo depois, alliou-se á Inglaterra, Allemanha, Hollanda e Saboya contra a França, e a favor do archiduque Carlos.

DEZOITO (Seculo). O seculo XVIII, cuja influencia resalta ainda em tudo que hoje existe e nos rodeia, é idade interposta ao poder absoluto do reinado de Luiz XIV e á nova era das liberdades civis e politicas que a revolução franceza inaugurou na Europa. As conquistas pacificas das idéas que desthronaram os preconceitos, filhos da ignorancia, mantidos pelo despotismo, preparam muito de antemão a ruina dos abusos, com a regeneração ou baque dos velhos governos. As reformas, suggeridas por philosophos e publicistas, conquistaram para logo o animo dos ministros e principes. Eil-os aporfiados em conceder certa melhoria aos povos, já devotando-se ao commercio, á industria, á agricultura, já cultivando artes, e facultando regalias compadeciveis com a manutenção do governo absoluto. Na segunda metade do seculo, principiam os abusos a ser desarreigados em todos os estados, e até na França antes de 1789. A iniciação do progredir, menos fomentada nos gabinetes dos ministros que no recesso dos escriptores, avulta aos corypheos da philosophia mais bri-

lhante gloria que aos soberanos, amigos ou protectores d'elles. Pedro, o Grande, Frederico II, José II, e José I de Portugal, perante a posteridade estão abaixo do nivel de Voltaire.

Já não temos, como no meado do seculo XVII, um nome pomposo de rei a dominar quasi exclusivamente a politica; porém, á mingua de um nome, factos caracteristicos da ordem politica, intellectual e moral assignam linha divisoria entre as duas metades do seculo XVIII, que fecharemos em 1789.

Ao passo que a installação de Philippe V, neto de Luiz XIV, no throno de Hespanha, irrita e amedronta as grandes potencias, e altera no occidente o equilibrio europeu, novo throno se levanta entre o imperio germanico, Suecia e Russia. Frederico, duque da Prussia, eleitor de Brandebourg, coróa-se a si mesmo em Kœnisberg. Este principe, com quanto ignorante, respeitou Leibnitz e fundou a academia de Berlim. O joven rei da Suecia, Carlos XII, ameaçado pela ambição de seus visinhos, encetou heroicamente a sua carreira, batendo o rei de Dinamarca, o da Polonia Augusto de Saxe, e dá a corôa de Varsovia ao polaco Estanislau Leckzincki. A batalha de Narva não desanimou o reformador da Russia. O czar acampou á ourela do Baltico nas lagoas do Neva; e, domando a natureza com os grilhões do seu genio, faz sahir d'aquelle territorio paludoso e pestilencial, ameaçado de continuas inundações, S. Petersbourg.

Por morte de Guilherme de Orange era de esperar que o abalo causado pela ascensão de um Bourbon ao throno de Madrid fosse profundo. A liga contra Luiz XIV nada perdeu de suas forças e pretenções. A Guilherme I, rei de Inglaterra, succedeu Anna, filha de Jayme II que fallecera, casada com um principe dinamarquez. Ligada pelo pacto constitucional, aquella rainha continuou a politica ingleza no mar e no continente. A definitiva união da Escocia á Inglaterra, pela fusão dos parlamentos, é a realisação do pensamento nacional dos Stuarts.

Luiz XIV, nos ultimos annos do seu reinado, soffre acerbamente; pois que a um tempo lhe fallecem a sabedoria nos conselhos, a habilidade na administração, e o genio na milicia: os validos governam mal e perdem as batalhas; o rei commette alternadamente a indiscrição de não confiar ou confiar demasiadamente nos principes da sua parentella. A Hespanha, alliada então da França, perde Gibraltar, em que os inglezes pozeram o pé para sempre. Portugal, em odio ao monarcha francez dos hespanhoes, liga-se á Inglaterra, cuja influencia será mais duradoura e perniciosa a Lisboa que a de França a Madrid porque a phrase pomposa de Luiz XV: «já não ha Pyreneus» será aniquilada pelo pundonor nacional do povo hespanhol. É famoso o anno de 1709 pelo desastre de Malplaquet, por um rigoroso inverno, e fome, triplicado infortunio que reduz Luiz XIV ao derradeiro apuro; e pelo accesso do padre Letellier ás funcções de confessor do monarcha septuagenario.

Na outra extremidade da Europa, Carlos XII, o heroico aventureiro, succumbe em Pultava. Refugiando-se entre os turcos concebe a esperança de trazer contra os russos vencedores os exercitos da Porta; mas o czar Pedro evita o perigo com o tratado de Pruth, feito atrevido de sua mulher Catharina. A morte do imperador José I, cujo successor o archiduque Carlos, dez annos pretendente á corôa de Hespanha, e agora poderosissimo aos olhos da Europa; a desgraça de Marlborough; as disposições equitativas de Anna Stuart; a brilhante victoria alcançada em Denaim por Villars, concedem á França a paz de Utrecht. O agente Tarcy, ultimo ministro dos negocios estrangeiros sob Luiz XIV, póde enfileirar-se ao lado de Colbert e outros iniciadores do grande reinado. O tratado de Utrecht reconheceu rei de Hespanha Philippe V; mas os Paizes-Baixos e a Italia passam para a Austria, e a Sicilia vai formar um reino para a casa ducal de Saboya. Esta nova realeza fechára as avenidas dos Alpes e as passagens do Mediterraneo á am-

bição dos Bourbons de França e de Hespanha. N'este tempo perdeu a Prussia o seu primeiro rei que havia sido um dos inimigos de Luiz XIV. O segundo expõe-se a sustentar a guerra e a emprehender conquistas.

As hostilidades tinham cessado no occidente, quando a bulla *Unigenitus* reanimou por espaço de meio seculo a luta religiosa. Jansenistas e molinistas, bispos, parlamentos, universidades e congregações ecclesiasticas se travam em declarada guerra prejudicando a fé com tamanhos escandalos. Estas miseraveis contendas, a enorme divida publica, a administração entregue a validos, a quebra da moral, tantos são os infortunios da França, quando a morte de Luiz XIV faz rei um menino de cinco annos seu bisneto, unico sobrevivente a tamanha e tão brilhante progenie real. A rainha de Inglaterra tinha morrido um anno antes. O eleitor de Hanover, principe protestante, principia nova dynastia, que ha de subjugar a politica britannica aos seus interesses no continente.

Com os desatinos de Carlos XII, no oriente, lucram todos os inimigos da Suecia.

O tratado de Utrecht é apenas uma tregoa para os Bourbons de Hespanha que não renunciam a reinar na Italia como outr'ora os descendentes de Carlos V: é aspiração que os dominará durante trinta e cinco annos.

Diversas causas podem ainda atear a guerra na Europa. A annullação do testamento de Luiz XIV deu a regencia a Philippe, duque de Orleans. Philippe V de Hespanha, dominado por sua orgulhosa mulher Isabel de Parma e pelas intrigas do cardeal Alberoni seu ministro, aspira ao titulo de regente ou rei de França. O duque de Maine, primogenito de M.^me de Montespan, principe legitimado, coadjuva a conspiração hespanhola. Não tem melhor resultado as pretenções da familia Stuart ao throno inglez, nem a secreta alliança de Alberoni com Carlos XII para aniquilar a casa de Hanover. Jorge I fortifica-se em Inglaterra pela suspensão do *habeas corpus*, e pelo predominio que exerce sobre o parlamento declarado septennal.

A morte de Carlos XII, socegando a Europa dos sustos de nova guerra, salvou a Suecia d'um rei que a descera ao ultimo grau de pobreza e sujeição. Os suecos concedem a corôa á irmã de Carlos XII transferindo todavia para o senado todos os poderes.

A França e Inglaterra conjuram com Hollanda e Austria contra a Hespanha. Philippe V, expulsando Alberoni, desarma as potencias alliadas.

A regencia do duque de Orleans famigerou-se pela vergonhosa libertinagem da côrte, e impudencia de Dubois, o mais perverso dos ministros, e o mais escandaloso dos prelados, pela prostituição geral dos costumes, subversão das riquezas, e pelos furores da agiotagem, consequencia da confiança posta no systema de Law; mas tambem se fez notavel pelo progresso da sciencia, commercio e industria. A emancipação de Luiz XV, a morte de Dubois e do duque de Orleans, o governo do duque de Bourbon e da marqueza de Prie sua amante, o casamento do joven rei com a filha d'um rei desthronado, Estanislau Leckzinski, enchem o intervallo que vai da regencia ao ministerio do cardeal Fleury. Nos estados em que a realeza é absoluta, logo que os ministros são reis, é porque os povos envelhecem e se annullam: a época triumphante de Richelieu foi uma excepção feliz. Então morreu Pedro o Grande, que tanto forcejára por transportar á sua patria inculta a industria e as luzes do occidente; porem, o viajar na Europa não lhe amaciou as tendencias despoticas; que é mais facil modificar as leis que os costumes. O reformador escravisou a igreja e foi carrasco de seu proprio filho. Catharina I, sua digna mulher e successora, reinou só dous annos.

Dous longos ministerios principiam quasi simultaneos. Na Inglaterra, paiz constitucional, Walpole cimenta a politica interior em alicerces de corrupção; não obstante a guerra prospera

no Novo-Mundo, e o progredir da marinha illustram o reinado de Jorge II. Em França, Fleury, primeiro ministro aos 73 annos, irá seguindo no trajecto de dezesete annos, até que morra, as suas inalteraveis costumeiras, opprimindo com moderação, e perseguindo com cortezia os inimigos da bulla *Unigenitus*.

Os esforços envidados em dar a corôa da Polonia ao sogro de Luiz XV erguem a França em guerra com o imperio. Os Bourbons da Hespanha são os unicos que aproveitam d'esta nova luta. O reino das Duas Sicilias coube ao infante D. Carlos; a casa de Saboya ampliou-se com o Milanez. O imperador Carlos VI morre em paz com os turcos cedendo-lhes Valachia, Servia, e Belgrado.

O grande nome da época sôa do oriente: Thama Kouli-khan terror da Asia durante vinte e nove annos, depois de ter disposto do throno da Persia, investe-se da suprema dignidade com o titulo de Madir-shah. Vencedor dos tartaros, dos turcos e do Grão-Mogol, saqueia os thesouros de Delhi, desmembra o Indostão, aterra com o seu despotismo os proprios vassallos e os parentes que por fim o matam.

No occidente, apparece Frederico II, que ha de ser o mais celebre monarcha do seculo XVIII, por armas e politica, que aspira ao duplo renome de conquistador e philosopho, e que, apesar de sinceramente affeiçoado ás letras, praticará maximas de despota aceitando as doutrinas de Machiavel que havia refutado. O espirito amavel e brandos costumes, compativeis com austeras virtudes, darão a Benedicto XIV o preito da Prussia, da Russia e Inglaterra. A morte do imperador Carlos VI é signal de guerra de successão para Maria Thereza sua filha, e para os eleitores de Saxe e Baviera, guerra de ambição para o rei da Prussia, cubiçoso da Silesia, e para os reis de Hespanha e Sardenha que almejam substituir os austriacos na Italia.

A queda de Walpole e a morte de Fleury nada influem na politica européa; porém a França já tem saudades do velho cardeal, logo que começa o reinado das concubinas reaes. O predominio da marqueza de Pompadour começa em 1746.

O longo reinado de Philippe V de Hespanha, que principiára com o seculo, terminou: Fernando IV, seu filho, confia-se a ministros habeis. A maxima parte dos governos encarreiram nas reformas ardentemente provocadas pelos espiritos especulativos.

Por meio do seculo XVIII a França está em crise. Luiz XV avilta a dignidade regia. A realeza do espirito está em Montesquieu que publica o *Espirito das leis*, em Buffon, que sahe com os primeiros livros de *Historia natural*, em Rousseau, que investiga a origem da desigualdade humana, e em Voltaire, o dominador do seu seculo, que merecera a protecção da Pompadour, da duqueza de Maine, do duque Lorraine, do rei da Prussia, etc.

No entanto a França, que illustrava o mundo, nem tem governo, nem politica habil: é seduzida pela alliança da Austria, que rivalisa com a Prussia no predominio do continente. Perde a sua marinha na guerra dos sete annos; deixa-se espoliar dos inglezes que fundam o duradouro imperio do Indostão.

As nações que mais tempo e mais resignadas haviam soffrido o despotismo da aristocracia e do clero, sacudiram violentamente o jugo. O rancor ás ordens monasticas é fatal aos jesuitas em Portugal, Hespanha, França, Parma, etc.

As côrtes de Madrid e Lisboa confiam o poder nas mãos de ministros reformadores. A protecção real estende-se á instrucção, industria e agricultura. As theorias philantropicas abundam na propria côrte do rei de França que se escravisa depois da morte de Pompadour, a uma desbragada cortezã; e até na côrte de Catharina II, Messalina do norte, que não recuára diante do assassinio do seu marido.

A Inglaterra, unico paiz da Europa que teve tribuna politica então, nobilitada por grandes oradores, soffreu

os resultados de sua ambição e seu grandissimo poder. Os colonos americanos, que não tinham representantes no parlamento britannico, onde se lançavam os impostos, insurgem-se contra a dependencia de Inglaterra. Publicam em 1776 a sua acta de independencia. Torna-se quasi européa a questão americana.

A morte do rei de Portugal, José I resoou na Europa, porque precipitou o ministro Pombal, cuja excessiva severidade o tinha feito odioso d'aquelles mesmos que lucravam com as suas reformas: quem todavia regenerou a administração em Portugal foi elle. A guerra da America estendeu-se a todos os mares, quando a Hespanha e a Hollanda se uniu á França contra os inglezes. A morte de Maria Thereza não alterou a politica européa; mas seu filho o imperador José II aspirou á mesma gloria e despotismo do ministro de Portugal, adquirindo como elle analogos odios.

Os cinco annos que precederam 1789 são notaveis por dissensões entre os Paizes-Baixos e os hollandezes, entre José II e o rei da Prussia, entre a nova guerra da Porta Othomana com a Russia, e em fim pela imminente revolta da Hungria contra o governo despotico de José II.

Brilha o grande nome de Washington, heroe da guerra da independencia, primeiro presidente eleito pelos Estados-Unidos em 1789.

N'este seculo, avultam em Portugal os seguintes successos politicos: Carlos III, que assim se chamára o archiduque, pretendente á corôa de Hespanha, sahiu de Lisboa em 1705 e tomou Barcelona. O marquez das Minas, um dos mais distinctos cabos de guerra no seculo XVIII, entrou em Madrid, em julho de 1706, fazendo acclamar Carlos III. A posição do exercito alliado era insustentavel na capital da Hespanha. O rei Philippe, e o marechal Berwick, que commandava o exercito franco-hespano forçaram o marquez das Minas a retirar sobre Valencia. N'este mesmo anno falleceu D. Pedro II. Succedeu-lhe D. João V, que permaneceu fiel á infausta alliança de seu pai com os inglezes. Em 1707 as tropas portuguezas soffreram grande desastre na Castella Nova. Novos triumphos, porém, repozeram momentaneamente Carlos III no throno.

Depois que o conde de Staremberg foi vencido em Villa Viçosa pelo duque de Vendôma, o principe alliado de Portugal viu fugir-lhe a esperança de reinar em Castella. As nações, com o exemplo de Inglaterra, abandonaram-o á sua sorte.

Por effeito do congresso de Utrecht Philippe ficou reconhecido rei de Hespanha. Portugal foi grandemente prejudicado com o infeliz exito d'este tratado.

D. João V consumiu o restante de sua vida edificando conventos e grangeando com actos pios a esperança de contrapesar na balança da justiça divina os delictos da sua mocidade.

No reinado de seu filho, D. José I correram importantes successos, e aventaram-se reformas, cuja solidez foi desmentida pela brevidade com que vieram a terra os edificios erguidos pelo marquez de Pombal. Faltava-lhes a sancção da liberdade, o concurso de todas as vontades, impellidas pelo commum sentimento de civilisação. Era obra de despotismo illustrado o que sahiu da poderosa cabeça do valido de D. José; mas é tão falso o brilho dos feitos malsinados de tyrannia, que um leve contratempo o embacia. Ainda o marquez reformador vivia, e já os alicerces das suas reformas estavam abalados, bem que os jesuitas não fossem readmittidos, nem a fidalguia rehouvesse as suas antigas prerogativas. Os successos mais proeminentes d'este reinado, que terminou em 1750, foram o terramoto de Lisboa, em 1755, onde morreram quinze mil pessoas, e se perderam valores calculados em cem milhões de cruzados; a conspiração do duque de Aveiro e seus cumplices, em que se acharam alguns que D. Maria I reconheceu terem sido justiçados innocentemente (1759); a expulsão dos jesuitas, sendo parte d'elles morta nos carceres, e um, o mais innocente de todos, Malagrida, garrotado

e queimado, e finalmente realçaram as reformas do marquez de Pombal.

A reforma da universidade de Coimbra é a mais importante. Vieram professores de fóra ensinar as faculdades de mathematica e physica. É de 1751 o estabelecimento do deposito publico; de 1755 a reforma da junta do commercio; de 1756 a instituição da companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro; a creação do erario regio é de 1761, e a abolição da escravatura em Portugal de 1773. Estas reformas não podem attribuir-se a um homem: são o resultado da conspiração de muitos elementos, que derivam da mudança das idéas, e do exemplo estranho.

A paz, tratada em 1713, foi interrompida em 1762. Portugal conservára-se neutral entre as desavenças de Hespanha e Inglaterra. Os hespanhoes entraram o territorio portuguez, tomando algumas praças de Traz-os-Montes. Em 1763 estava a paz restabelecida.

Por morte de D. José I, em 1777, o marquez de Pombal foi desterrado para o seu condado, onde morreu depois de expiar dolorosamente em afrontosas mortificações os crimes da sanguinaria condição que revelou sempre. A critica está, todavia, indecisa se era elle mero instrumento do animo cruel do rei.

O seculo XVIII trouxe a Portugal a restauração das letras. A prosa não renasceu de certo com os atavios e graças do seculo dezeseis; mas a poesia, com certeza, teve cultores que a entrajaram com os donaires antigos, e ao mesmo tempo a aformosearam de novos encantos. Ninguem dirá que Francisco José Freire, Monteiro da Rocha, Antonio Pereira de Figueiredo, Antonio Ribeiro dos Santos, Cenaculo e outros muitos dos selectos reformadores possam emparelhar com os Ceitas, e Arraes, Paiva de Andrade, etc.; mas, pelo que é da poesia, os que então primorosamente a exercitaram não tem que invejar aos seiscentistas. Almeida Garrett aquilatou assim os principaes do meio do seculo XVIII até ao fim:

«A civilisação e as luzes que a geram, tinham-se estendido do sul para o norte. A corrupção que após ellas vem em seu marcado periodo, as fôra apagando, ou ennevoando ao menos, na mesma direcção. De sorte que pelos fins do XVII seculo o Meio-dia, que havia sido berço da illustração da Europa, quasi se ennoitava das trevas da ignorancia, as quaes pareciam voltar como em *reacção* para o ponto d'onde partíra a primeira *acção* da luz que as dissipára.

«O norte, que mais tarde se havia alumiado, progredia no entanto: as boas letras, as artes, as sciencias floreciam na Inglaterra e por quasi toda a Allemanha. Milton, Descartes, Newton e Linneu brilharam ao septentrião da Europa; e nós meridionaes estudavamos as *categorias* e as *summas*, aguçavamos distincções, alambicavamos conceitos, retorciamos a phrase no discurso, torciamos a razão no pensamento.

«Porém a face do mundo estava começada a mudar: as antigas barreiras que a politica e os preconceitos erguiam entre povo e povo quasi desappareciam; as mutuas necessidades, e até o mesmo luxo, faziam quasi indispensavel precisão as permutações do commercio; e o commercio fraternisou as nações.

«Reciprocamente se estudaram as linguas, generalisou-se esse estudo: então é que exactamente os sabios começaram a ser de todos os paizes: os bons livros pertenceram a todas as linguas; e verdadeiramente se formou dentro de todos os estados um estado que (sem os inconvenientes do *status in statu* dos ultramontanos) com justiça e exacção obteve e mereceu o nome de republica das letras, a qual é uma, universal, e sem perigo de schisma.

«Os effeitos d'esta alteração no modo de existir do universo foram sensiveis: as luzes não só reverteram (sem retrogradar) do norte para o sul, mas se diffundiram geraes. A França viu então o seculo de Luiz XV; Italia deixou S. Thomaz e os *comcetti* por melhor philosophia e melhor gos-

to; Hespanha teve o seu Carlos III; e Portugal no reinado d'el-rei D. José subiu á altura dos outros povos, senão é que em muitas cousas acima.

«E ainda na reforma da universidade não tinham apparecido Monteiros-da-Rocha e os outros portuguezes que d'alli expulsaram a barbaridade entrincheirada em Coimbra como em sua ultima cidadella da Europa, e já a razão e o gosto recobravam seu imperio na litteratura; já as odes do Garção, as obras do padre Freire e de outros illustres philologos haviam afugentado as *silvas*, os *acrosticos*, e os campanudos periodos do conde da Ericeira, regenerado a poesia e restituido a lingua.

«Outra vez ainda o limitado d'este bosquejo me impede de mencionar outros engenhos que tanto mereceram da patria e da litteratura e remoçaram a perdida lingua de Camões. Exige o meu assumpto e o meu espaço que me estreite no circulo poetico.

«Garção foi o poeta de mais gosto e (por aventurar uma expressão que não é legitima, mas póde ser legitimada portugueza) de mais *fino tacto* que entre nós appareceu até agora. Haverá n'outros mais fogo, outros ferverão em mais enthusiasmo, crearão acaso mais; porém a delicadeza de Garção só tem rival na antiguidade. A musa pura, casta, ingenua, nunca lhe desvairou: em suas composições ha d'ellas onde a mais aguçada critica não esmiunçará um defeito. Tal é a cantata de Dido, uma das mais sublimes concepções do engenho humano, uma das mais perfeitas obras executadas da mão do homem. Todo se deu ao genero lyrico, especialmente ao horaciano; e n'esse ninguem o excedeu, antes ninguem o igualou. A ode á virtude, a que se intitula o *Suicidio*, outras muitas que longo fôra enumerar, são de uma belleza, d'uma correcção, d'um *acabado* (como dizem os pintores) que difficilmente se imitará, tarde se chegará a igualar.

«Não da mesma sorte Antonio Diniz, que mais arrojado, mais pomposo, menos correcto e elegante, assim correu mais caudalosa, porém menos pura torrente. Em quanto lyrico, tem rasgos pindaricos verdadeiramente sublimes; mas o todo de suas odes é em demasia ornamentado; e ellas entre si peccam a miudo de monotonias e repetições. Talvez o jugo dos consoantes, que tão desnecessariamente se impoz, o acanhou a isso. Mas nas anacreonticas é elle sem disputa o primeiro poeta portuguez, e digno rival do ancião de Teios. No genero bucolico tambem nos deixou mui bonitas cousas, nenhuma perfeita. Porém a verdadeira corôa poetica do Diniz Thalia lh'a teceu, que não outra musa. O *Hyssope* é o mais perfeito poema heroe-comico de seu genero que ainda se compoz em lingua nenhuma: se no castigado da dicção o excede o Lutrin; no desenho da obra, na regularidade do edificio, na imaginação, foi o discipulo de Boileau muito além de seu grande mestre: e com mais exacção se diria de um e outro o que de Camões e Tasso presumpçosamente disse Voltaire: que se a imitação d'aquelle fizera este, a sua melhor obra é essa. O palacio do genio das Bagatellas, a conversa do deão na cerca dos capuchos, a resurreição e vaticinio *do gallo assado*, a caverna d'Abracadabro serão, em quanto houver gosto, estudados como exemplar pelos litteratos, lidos e relidos sempre com prazer por todos os amigos das artes.

«Após estes vem o virtuoso e honrado Quita, a quem pagou a patria com miseria e fome as immensas riquezas que para a lingua e litteratura de seus versos herdou. Um pobre cabelleireiro, a quem as musas que serviu, os grandes que com ellas honrou nunca tiraram do triste officio, pôde de sua baixa condição social alevantar-se do primeiro grau litterario, que acaso lhe disputam ignorantes ou presumpçosos, nenhum homem de gosto deixará de lh'o dar.

«Este é em meu humilde conceito o nosso melhor bucolico: tomo a liberdade de contrastar a opinião commum, porque o meu dever de critico

me obriga a enunciar lealmente o meu pensamento. Tenho para mim (e fico que acharei quem me siga se de boa fé quizerem entrar no exame) que a immensa copia de composições pastorís, as quaes não são riqueza, mas desperdicio de nossas musas, ou peccam por empoladas, por inverosimeis, por baixas, por demasiado naturaes, por sobejo elevadas. Um meio termo difficilimo de tocar, de n'elle permanecer, um estylo singelo como o campo, mas não rustico como as brenhas, são dos mais difficeis requisitos que d'um poeta se podem exigir. Se tem engenho, custa-lhe a moldar-se e a retel-o que não suba mais alto que a difficil medida, e raro deixa de a exceder, de perder-se do bosque e acabar em jardins cidadãos e conversas de damas e cavalheiros o que começára no monte ou na varzea entre pastores e serranas.

«Nem Virgilio d'ahi escapou, nem Sannazaro, nem Camões; Gessner sim, e depois de Gessner, o nosso Quita. Não digo que não tenha defeitos, ainda em seu genero pastoril; mas a boa e honrada critica falla em geral, louva o bom, nota o mau, porém não faz timbre em achar defeitos e erros na menor falta para se regosijar da censura. Grandes homens, grandes erros: a natureza da mediocridade é cingir-se a tristes preceitos para esconder sua mesquinhez: porém de taes nunca fallou a posteridade. Horacio e Boileau foram atrevidos quando lhes cumpriu, e desprezaram regras e arte quando os chamou a natureza, e lhes mostrou o sublime. Filinto, que os sabia de cór, tambem se levantou acima das regras, e nunca foi tamanho. E todavia foi elle o maior poeta de seu seculo: mas os grandes engenhos não contraveem a lei, são superiores a ella, e são elles viva lei.

«Mui distincto lugar obteve entre os poetas portuguezes d'esta época Claudio Manoel da Costa: o Brazil o deve contar seu primeiro poeta [1], e Portugal entre um dos melhores.

«Deixou-nos alguns sonetos excellentes, e rivalisou no genero de Metastasio, com as melhores cançonetas do delicado poeta italiano. A que dirige á lyra com sua palidonia imitando a tão conhecida do mesmo Metastasio a Nice, *Grazie all' ingani tuoi*, póde-se apontar como excellente modêlo. Nota-se em muitas partes dos outros versos d'elle varios resaibos de *gongorismo* e affectação *seiscentista*.

«E agora começa a litteratura portugueza a avultar e enriquecer-se com as producções dos engenhos brazileiros. Certo é que as magestosas e novas scenas da natureza n'aquella vasta região deviam ter dado a seus poetas mais originalidade, mais differentes imagens, expressões e estylo, do que n'elles apparece: a educação européa apagou-lhes o espirito nacional: parece que receiam de se mostrar americanos; e d'ahi lhes vem uma affectação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades.

«Muito havia que a tuba epica estava entre nós silenciosa, quando fr. José Durão a embocou para cantar as romanescas aventuras de Caramurú. O assumpto não era verdadeiramente heroico, mas abundava em riquissimos e variados quadros, era vastissimo campo sobre tudo para a poesia descriptiva. O author atinou com muitos dos tons que deviam naturalmente combinar-se para formar a harmonia de seu canto; mas de leve o fez: só se estendeu em os menos poeticos objectos; e d'ahi esfriou muito do grande interesse que a novidade do assumpto e a variedade das scenas promettia. Notarei por exemplo o episodio de Moêma, que é um dos mais gabados, para demonstração do que assevero. Que bellissimas cousas da situação da amante brazileira, da do heroe, do lugar, do tempo não podéra tirar o author, se tão de leve não houvera desenhado este, assim como outros paineis?

«O estylo é ainda por vezes affectado: lá surdem aqui, alli seus *gongorismos*; mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples

[1] Em antiguidade.

expressão da verdade, ha oitavas bellissimas, ainda sublimes.

«Depois de Diniz o lugar immediato nos anacreonticos pertence a outro brazileiro.

«Gonzaga mais conhecido pelo nome pastoril de Dirceu, e pela sua Marilia, cuja belleza e amores tão celebres fez n'aquellas nomeadas lyras. Tenho para mim que ha d'essas lyras algumas de perfeita e incomparavel belleza: em geral a Marilia de Dirceu é um dos livros a quem o publico fez immediata e boa justiça. Se houvesse por minha parte de lhe fazer alguma censura, só me queixaria, não do que fez, mas do que deixou de fazer. Explico-me: quizera eu que em vez de nos debuxar no Brazil scenas da arcadia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus paineis com as côres do paiz onde os situou. Oh! e quanto não perdeu a poesia n'esse fatal erro! se essa amavel, se essa ingenua Marilia fosse, como a Virginia de Saint-Pierre, sentar-se á sombra das palmeiras, e em quanto lhe revoavam em torno o cardeal soberbo com a purpura dos reis, o sabiá terno e melodioso, — que saltasse pelos montes espessos a cotia fugaz como a lebre da Europa, ou grave passeasse pela orla da ribeira o tatu escamoso, — ella se entretivesse em tecer para o seu amigo e seu cantor uma grinalda não de rosas, não de jasmins, porém dos rôxos martyrios, das alvas flôres dos vermelhos bagos do lustroso cafezeiro; que pintura, se a desenhára com a sua natural graça o ingenuo pincel de Gonzaga!

«Justo elogio merece o sensivel cantor da infeliz Lindoya que mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brazileiros. O *Uraguay* de José Bazilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os brazileiros principalmente lhe devem a melhor corôa de sua poesia, que n'elle é verdadeiramente nacional, e legitima americana. Magoa é que tão distincto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não désse mais amplidão, e quadro tão magnifico o acanhasse tanto. Se houvera tomado esse trabalho, desappareciam algumas incorrecções de estylo, algumas repetições, e um certo desalinho geral, que muitas vezes é belleza, mas continuado e constante em um poema longo, é defeito.

«Muito ha que os nossos authores desampararam o theatro: eis ahi o faceto Antonio José, a quem muitos quizeram appellidar Plauto portuguez e que sem duvida alguns serviços tem a esse titulo, porém não tantos como apaixonadamente lhe decretaram. Em seus informes dramas algumas scenas ha verdadeiramente comicas, alguns ditos de summa graça; porém essa degenera a miudo em baixa e vulgar. Talvez que o *Alecrim e Mangerona* seja a melhor de todas; e de certo o assumpto é eminentemente comico e portuguez: hoje teria todo o merito de uma comedia historica: e se fôra tratada no genero de Beaumarchais, produziria uma excellente peça.»

DIA (de anno bom). «Ah! isto sim, que é dia! dia grande, dia eterno que espalha sobre o anno inteiro o reflexo da luz que o doura, e perpetua, até ao S. Silvestre, os elementos, que nas suas vinte e quatro horas o acompanharam!

«Abençoados romanos, que no primeiro de janeiro não faziam senão dar dinheiro uns aos outros, para o anno lhes correr direito! Não eram homens para descerem a inventar as brôas, dadiva enjoativa cuja vantagem unica é ser de um custo que faz bom paladar! Tinham de seu, e eram dotados de propensão para dar cabo da bolsa! Fossem para lá com o *centro commercial*, chamariz dos janotas pobres, que compram presentes a dez reis! O dinheiro era a alma d'elles! Se os do nosso tempo não tivessem outra, o maior numero ficava todo materia! Eu creio que n'aquelles tempos, toda a gente era rica! desde que

a terra se povoou de pobretões intelligentes e de meninas que querem casar sem dote, é que principiou esta riqueza convencional do talento e das virtudes! É riqueza que d'antes não existia!

«Diz a isto alguma gente fina, que não vai o tempo para uma pessoa tornar a usos de caturrice, e que seria mau tom voltar á moda dos romanos, que no primeiro de janeiro davam indistinctamente dinheiro uns aos outros, o que nos iria collocar na contingencia de cada um, n'este dia, ter que aceitar dinheiro do seu proprio inferior! Historias da vida! Eu sou exactamente como Philippe, pai de Alexandre o grande, que no meio dos seus triumphos pedia aos deuses algumas humilhações! Tomára sempre que o destino me humilhasse dandome dinheiro!

«Nossos paes, assim mesmo, guardavam estas festas em maior veneração. Pois, os frades! Isso, do natal aos reis era a qual d'elles, á mesa, havia de fazer ao outro mais largo presente... de saudes!

«Grande gente, para avaliar o lombo de porco, e conhecer a natureza do Carcavellos!

«Hoje, deu-se n'esta moda de comer tanto nos dias simples, como nos de festa, e é raro quando uma honrosa indigestão vem coroar o jantar de um bello dia!

«Em Allemanha, assim que chega o S. Silvestre, quebram-se nas casas todas as panellas, os tachos, os boiões; basculham-se os sotãos, desenrolam-se as esteiras, e despejam-se as arcas, sacodem-se as gavetas, varre-se tudo, para que o demo não fique escondido, e põe-se a casa limpa e aceada para receber festivamente o anno bom!

«Oh! este é o meu dia predilecto! Elle está entalado na mais generosa quadra do anno, do natal aos reis! A época das consoadas, a época do pão por Deus!

«Os romanos, n'este dia, tinham por uso fazerem a *bocca dôce* uns aos outros, e enviarem-se como dadiva um barrilinho de mel branco! O presente, aqui para nós, era pouco artistico; e os francezes, tanto o conheceram, que mudaram para a moda das cartonagens, dos livros, dos *bonbons!*

«Ah! os *bonbons!* Saint-Léon, o talento por excellencia da choreographia, se é que não era o talento de todas as cousas d'este mundo, tão boa musica compunha, com tão bom gosto tocava, com tanta graça escrevia! Saint-Léon, uma vez que estavamos a conversar do dia d'anno bom em Pariz, dizia-me todo acceso em enthusiasmo: Oh! se vossê se achasse de repente em Pariz n'um dia de anno bom, era capaz de endoudecer! Parece que a humanidade se dá *rendezvous* n'aquellas ruas! Não se ouve fallar senão em *bonbons!* Não se houve gritar senão: *bonbons!* É a quem ha de comprar, a quem ha de dar, a quem ha de comer mais *bonbons!*

«Entre nós, é a brôa classica o que faz as vezes d'esses bolinhos elegantes. Mas na boa sociedade não se permitte semelhante engodo aos beiços, e usa-se apenas dar um presentinho elegante, ou algum livro de luxo, *Les Fleurs*, *Les Fées*, etc. dadiva de melhor gosto que engoda antes o espirito, e o coração... ás vezes! O livro de missa, tambem se usa muito para este dia, mas é offerta mais favorita da burguezia. As cousas servem, conforme a quem se destinam: escusam livro, as que não vão á missa!

«Houve tempo em que a igreja condemnou os presentes por os considerar muito pagãos. Mas, felizmente, levantou-se o *veto*, felizmente, porque se acaso tem fundamento esta preoccupação, que já vem de longe, de que o que se faz no dia d'anno bom, se ha de repetir em todos os dias do anno, deve ser cousa agradavel aos que no primeiro de janeiro teem quem se lembre d'elles, ficarem a receber mimos até ao pôr do sol do ultimo de dezembro, se é que em dezembro ha sol!

«Certo é que esta preoccupação levava os antigos a trabalharem n'este dia, prognostico de que haviam de trabalhar todo o anno! Nós cá tambem não nos perdemos: temos as visitas ao paço, por ser dia de cortejo! É bem boa estreia, para todo o grave *meda-*

lhão, que saiba presar estes ensejos de sacar da caixa o chapéo armado, e enthronisar-se na farda com o espadim!

«Ás dadivas d'este estimado dia, chamam os francezes *les étrennes*, o que significa *as estreias*. Chama-se estreia ao primeiro uso que se faz de uma cousa; todos nós temos ouvido a nossa criada dizer: *Deus permitta que não chova quando eu estrear o meu capote*, e qualquer homem de venda, attribuir a *querer-se estrear*, o preço diminuto por que nos entrega a fazenda, quando fazemos negocio logo de manhã!

«Na collecção prodigiosa d'anecdotas, de memorias, e correspondencias authenticas que dizem respeito á grande tragica Rachel, e que por occasião de sua morte se publicou em Pariz, refere-se o singular presente de dia d'anno bom, que a grande Athalia, a grande Lydia, a grande Andromacha da scena franceza, fez a um author dramatico, enviando-lhe uma porção de mata-borrão, acompanhado d'estes dous versos:

Et si je ne suis pas la,
Mon buvard au moins y será!

«Em igual época, a immortal Camilla, a immortal lady Tartuffe, escrevia a um amigo, a quem de ordinario pedia conselho para a escolha do que comprava:

«*N.* manda-me, como dadiva d'estreia d'anno, *bilha de leite por bilha d'azeite* (un œuf pour avoir un bœuf). Veja vossê se passa pela loja Jérome e se me compra seja o que fôr de cem francos, nem mais um maravedi; se fôr cousa que finja custar duzentos, melhor é a festa! Estive por um triz a impingir-lhe um china que possuo, que tem um pé quebrado, por signal! Mas Rebecca disse-me que é bonito de mais para aquelle figurão. Estou hoje de um estylo exotico: chove tanto! — A sua especulada amiga — *Rachel.*

«Para quem julga da indole dos grandes genios, através do prisma que o prestigio da gloria dá, é talvez um desencantamento avistal-os ao perto, umas vezes rudes, aváros outras vezes, e ponderar sobre tudo o que ha de simpleza, o que ha de vulgaridade mesmo n'estes caracteres que só em distancia brilham e que perdem quando se confrontam á luz prestigiosa, á luz tentadora da sua aureola!

«As dadivas, que o uso prescreve se offereçam n'este dia, variam conforme as terras e os costumes. Entre nós, é, como o leitor sabe por seu mal, a cartonagem, e as *brôas*, para iguaes ou superiores: para os criados, dinheiro. No Minho, manda-se uma fritura chamada *orelhas de abbade*. É uma especie de *charlotte*, para nos servirmos do nome com que a conservaria distingue este prato, visto que o sexo amavel empresta os nomes proprios a estes acepipes que só se parecem com elle na doçura. Tentemos explicar mais conscienciosamente esta guloseima, sem que o leitor cuide por isto que lhe vou ensinar a fazer orelhas d'abbade. É uma massa que toma com o calor do lume no acto de se frigir certas protuberancias d'um lado, e certas depressões do outro que lhe affectam a fórma de uma orelha, mas de uma orelha gorda como cumpre serem as dos melhores abbades!

«Uma grande costumeira d'este dia, nas provincias, e n'alguns arrabaldes de Lisboa mesmo, é o cantar as janeiras. Junta-se a gente ordinaria da terra, e mal chega o dia d'anno bom rompem as vozes:

As janeiras não se cantam
Nem aos reis, nem aos fidalgos!

«Este sentimento democratico da cantiga, não os impede, ainda assim, de ser justamente á porta dos fidalgos da terra, que elles vão cantar isto, para se lhe dar dinheiro para vinho!

«Em Elvas, a usança é atar uma pelle de carneiro ao gargallo de uma bilha, que se fica chamando *ronca*, e batendo na pelle com um pau, alcançar sons que fazem o dito verdadeiro!

«Havia de certo mais a referir d'este grande dia, mas tenho, confesso na minha humildade, um grande receio

de que o leitor se enfade, visto que o lêr-me a nota com agrado, me servirá... de pão por Deus!» (Julio Cesar Machado).

DIAGAS. (Veja GUINÉ).

DIAMANTES. «Substancia mineral, celebre por sua dureza, pelo seu brilho, e por ser inalteravel. Segundo a analyse chimica, o diamante não é outra cousa senão carvão ou carbone crystallisado. É o mais duro dos corpos conhecidos; risca todos sem ser riscado por nenhum d'elles. Este caracter, junto á sua transparencia, ao seu brilho e á sua densidade, que é de 3,5, basta para distinguil-o de todas as outras pedras preciosas. Não ha liquido que o dissolva; não é volatil, nem fusivel. É ordinariamente sem côr, mas é ás vezes um tanto corado de amarello, verde ou cinzento; quando estas colorações não são mui fortes desapparecem pela lapidação, sobretudo nos diamantes de pequena dimensão. A côr azul é mui rara. Conhece-se um diamante azul de 4 $^1/_2$ quilates (955 milligrammas), que pertence ao snr Hope, banqueiro hollandez; é avaliado em mais de 600,000 francos. Em fim, ha diamantes pretos, que parecem ser mais duros do que os outros; são formados de pequenos crystaes, grupados de uma maneira irregular; são mui difficeis de lapidar.

«O diamante acha-se em grãos irregularmente arredondados, ou em crystaes tendo a fórma do cubo, do octaedro regular ou dodecaedro rhomboidal, nos terrenos de alluvião, ou nas areias. Os primeiros foram achados nas Indias orientaes nos reinos de Visapor e de Golconda; mas actualmente vem quasi exclusivamente do Brazil, que fornece annualmente ao commercio 5 a 6 kilogrammas, peso que a lapidação reduz a 160 ou 180 grammas. No anno de 1850, achou-se diamante na Siberia, nas areias do rio Oural, que apresentam grande analogia com as que se exploram nas Indias e no Brazil. No meio de uma massa de cascalhos rolados, o diamante conserva, por causa de sua dureza, a fórma quasi crystallina; sómente os angulos são um tanto arredondados. Para extrahir o diamante d'estas areias, lavam-se em agua; as particulas mais tenues são arrastadas, e fica só um cascalho diamantino, d'onde se escolhem os diamantes com a mão. — Os diamantes brutos, assim obtidos, são entregues ao commercio para serem submettidos á lapidação, operação que se faz por meio do pó de diamante applicado na superficie de uma lamina de aço; gasta-se d'esta maneira pouco a pouco o diamante, e fazem-se-lhe na superficie as facetas destinadas a produzir um brilho extraordinario.

«Pela lapidação o diamante perde geralmente a metade do seu peso, mas seu valor augmenta muito. Este valor não está em proporção com o peso; porém augmenta consideravelmente nos diamantes de grande volume, por serem estes mui raros. Os diamantes brutos de peso abaixo de 1 quilate (205 milligrammas ou 4 grãos) valem em Pariz, em lotes, 80 a 100 francos o quilate; lapidados valem de 200 a 250 francos.

«Mas logo que attingem 1 quilate, os diamantes lapidados augmentam muito de valor.

«Um diamante lapidado de 1 quilate vale de 350 a 450 francos; de 2 quilates 1,500 a 1,800 francos; de 3 quilates 3,000 a 3,500 francos; de 8 quilates 15,000 a 20,000 francos.

«Acima d'este peso, os diamantes tornam-se raros, e só se conhecem os diamantes de alguns principes, que passam de 100 quilates.

«De quinze annos a esta parte os preços dos diamantes tem augmentado consideravelmente.

«Lavra-se hoje o diamante de duas maneiras: em *rosa*, que não se applica senão aos diamantes pouco espessos, e em *brilhante*, que é a fórma mais estimada. Na fórma de *rosa*, a parte apparente da pedra, é uma pyramide com facetas triangulares, em quanto que o outro lado é perfeitamente chato e escondido pelo engaste. A lapidação em *brilhante* augmenta o poder refractivo do diamante. O lado

superior da pedra apresenta uma face que se chama *mesa* ou *tabla*, que se cerca de facetas triangulares e em losanja. A outra parte offerece a fórma de uma pyramide guarnecida igualmente de facetas, e troncada por outra pequena mesa. O diamante em brilhante engasta-se de modo que appareça quasi inteiro. O preço do diamante varía tambem conforme o genero da lapidação.

«Os principaes diamantes são:

«O diamante do Raja de Matau, na ilha de Borneo, que pesa mais de 300 quilates (61 ½ grammas), e que, segundo o que dizem, é mui bello.

«O *nizam*, que possue o rei de Golconda; é bruto e pesa 340 quilates. É avaliado em 5 milhões de francos.

«O diamante que pertencia ao imperador do Mogol, ou o *Grão-Mogol;* pesa 279 quilates, ou 57 grammas e 195 milligrammas (quasi 2 onças); tem o tamanho de um ovo de gallinha cortado pelo meio. Hoje pertence ao soberano da Russia.

«O *Orlow*, diamante do imperador da Russia. Pesa 193 quilates, ou 39 grammas e 565 milligrammas (mais de 11 oitavas); tem o tamanho de um meio ovo de pomba, está lapidado de facetas, e serve de ornamento ao sceptro. Este diamante, que formava o olho de um idolo no templo de Bramah, foi tomado por um soldado francez em guarnição nas possessões francezas da India, que o vendeu por 50,000 francos. De mão em mão, chegou á imperatriz Catharina II, que o comprou por 2,250,000 francos e uma pensão vitalicia de 100,000 francos.

«O *grão duque de Toscana* que orna a corôa da Austria; pesa 139 quilates e meio, ou 28 grammas e 597 milligrammas (quasi 1 onça). É amarello e de bella fórma. O ultimo duque de Borgonha, a quem pertencia, perdeu-o na batalha de Morat, onde tambem o mesmo duque perdeu a vida.

«O *Regente*, diamante dos soberanos de França. Foi achado a 45 leguas ao sul de Golconda. Quando bruto, pesava 410 quilates, mas a lapidação, que exigiu dous annos de trabalho, o reduziu a 136 quilates, ou 27 grammas e 880 milligrammas (perto de 1 onça). É lavrado em brilhante, e muito puro. Foi comprado em bruto por 312,500 francos. Despendeu-se 125,000 francos para a sua lapidação. Em 1717, o duque de Orleans, então regente durante a minoridade de Luiz XV, comprou-o por 3,375,000 francos. Hoje avalia-se em 8 milhões de francos. Todos os visitantes de Pariz poderam admiral-o na exposição universal de 1855.

«A *Estrella do Sul*, diamante achado no Brazil, na provincia de Minas Geraes, em 1853; pesava bruto 254 quilates, ou 52 grammas e 70 milligrammas, mas a lapidação o reduziu a cerca de 125 quilates, ou 25 grammas e 625 milligrammas (mais de 7 oitavas); entretanto por seu peso, sua bella fórma e sua perfeita transparencia, esta pedra acha-se no numero dos quatro ou cinco diamantes mais preciosos. Pertence hoje a um principe indiano, Raja de Baroda, que o comprou por 2,850,000 francos. Esteve na exposição universal de Pariz em 1855. Esta pedra muda de côr, de rosea á branca, confórme a sua exposição á luz, o que a torna notavel entre os diamantes.

«O *Koh-i-noor* ou o *monte de luz*, que pertence á rainha de Inglaterra, e que figurou em 1851, na exposição de Londres, pesava 186 quilates; mas estava então mal lapidado e apresentava, com excepção de algumas facetas, pouco brilho; e por isso julgou-se necessario tornar a lapidal-o; seu peso diminuiu então consideravelmente, e hoje é só de 123 quilates, ou 25 grammas e 215 milligrammas (um pouco mais de 7 oitavas).

«S. M. o rei de Portugal possue, dizem, um diamante bruto de grande valor, que foi achado no Brazil.

«A S. M. o imperador do Brazil pertencem os bellos diamantes que ornam a corôa e a espada imperial, e que são notaveis pelo seu brilho.

«O diamante não sómente é uma das joias mais preciosas, mas serve tambem, em razão de sua dureza, para fazer quicios para as peças de-

licadas de relojoaria, para polir as pedras finas e para cortar vidro.

«O diamante é frequentemente substituido por imitações mais ou menos perfeitas, que podem enganar os olhos até certo ponto. Mas a densidade, isto é, o peso do diamante, é um caracter que não se póde reproduzir, pois que os diamantes imitados pesam mui pouco. A imitação a mais perfeita é produzida por uma sorte de crystal, chamado *strass:* é um vidro que contem oxydo de chumbo e em cuja composição entram substancias de uma pureza chimica absoluta; o *strass* preparado com cuidado, e convenientemente talhado, produz pela acção da luz um brilho que se aproxima do do diamante.

«Quando se compram diamantes, devem escolher-se os que são mais transparentes, sem nenhuma côr, sem nodoa nem risco.

«*Modo de limpar os diamantes e outras pedras preciosas.* Lavem-se com agua e sabão, e passe-se por cima um panno de linho fino; façam-se seccar dentro da serradura de madeira; e enxuguem-se com uma pellica macia. Podem tambem limpar-se com uma escova muito macia e branco de Hespanha (giz).» (Chernoviz).

DIAS (criticos nas doenças). «A famosa doutrina das crises teve a sua origem e o seu desenvolvimento na Grecia; teve depois o seu esplendor e predominio em Roma. Foi Hippocrates o primeiro que tratou das crises e dos dias criticos; foi Galeno quem primeiro reuniu n'um corpo de doutrinas as idéas até alli dispersas nos livros do celebre ancião de Cós. Por muitos seculos depois viu-se a attenção dos medicos dirigir-se para esses phenomenos, que ora lhes fugiam a uma rigorosa apreciação, ora pareciam obter novos fundamentos na observação dos factos. Por centenares d'annos ainda foram assim levantadas discussões sobre discussões, duvidas após duvidas, em que cada preceito ia encontrar outro mais decretorio e positivo na experiencia e nos conhecimentos physiologicos.

«Que influencia taes doutrinas, falladas e discutidas amplamente no decurso de muitos seculos, deveriam ter sobre o espirito tanto dos homens illustrados, como do vulgo, não é difficil de conhecer. Poetas e letrados, seriam por ventura os que mais sentissem esse influxo, e os que de idéas então geralmente recebidas, deixassem mais vestigios em seus escriptos. É realmente o que parece acontecer.

«Vejamos porém o que eram as crises, as maneiras diversas por que ellas foram definidas, o que são, ou o que podem significar para a medicina actual. Posto o primeiro e essencial fundamento para a admissão dos dias criticos, mais facil será depois avaliarmos o que a este respeito póde haver de philosophico, de racional e de verdadeiro.

«O termo *crise*, que uns suppõem ter sido tomado da tribuna, e outros da arte militar, significa *juizo* de (κρίνω). Hippocrates designava por elle toda a alteração, transporte ou excreção de materia morbifica, sobrevinda durante a marcha de uma doença, qualquer que fosse o seu resultado final. Á sua doutrina da *crueza*, da *cocção*, e da *digestão* da materia morbifica ligava elle a interpretação d'aquell'outros phenomenos criticos; porque estes não eram, as mais das vezes, senão os actos pelos quaes se transformava, mudava de situação ou era evacuada essa materia que suppunham junta á massa do sangue.

«Galeno que colligiu e ampliou estas idéas, definiu mais brevemente a crise, dizendo que ella consistia em toda a alteração subita na doença, quer em mal, quer em bem. D'ahi a classificação das crises: da *lysis* ou *solução*, que era a crise *insensivel* em que a materia morbifica desapparecia a pouco e pouco, sem se dar a conhecer a maneira por que esse processo era effectuado; da crise *salutar* por onde vinha o restabelecimento da saude; da crise *má*, ou aquella em que a doença se aggravava, ou subsistia no mesmo grau; da crise *mortal*, em que a morte succedia immediatamente; da crise *regular*, e *irregular;*

da crise *perfeita* e *imperfeita*; da crise *segura* e *perigosa*, e d'outras denominações não menos especiosas.

«Depois de Galeno foi a crise definida uma especie de combate entre a natureza, ou as forças medicatrizes, e a doença ou as causas morbificas. Então os medicos começaram a ter como mais positivamente perigosa qualquer intervenção da medicina activa n'estas lutas, em que elles suppunham a natureza do melhor lado. Os humoristas foram os que mais se occuparam d'estas doutrinas; e estabelecendo a necessidade da elaboração, eliminação ou assimilação do *crudum quid*, por vezes exemplificaram as idéas de Hippocrates pela maneira mais extravagante; por exemplo, pelas operações que se passam na preparação culinaria dos alimentos, comprehendendo todos os tempos a que Galeno havia já chamado *pepasmos*.

«Com todo o grande desenvolvimento de que eram susceptiveis, ora auxiliadas do resultado da observação, ora muitas vezes envolvidas com as mais cerebrinas e singulares concepções, foram estas as doutrinas que não só estiveram por muitos seculos admittidas nas escólas, e eram publicamente ensinadas com tanta fé, como aconteceu com os principios de Aristoteles; mas deram mesmo origem a muitas obras, certamente de grande merito e engenho. São bem conhecidos, entre centenares d'outros, Duret, Baillou e Prosper Alpino, e authores ainda mais modernos, taes como, Fernel, Sydenham, Stahl, Baglivio, Van-Swieten e Stoll, que todos se occuparam das doutrinas das crises, e até alguns commentaram largamente tudo que a esse respeito havia accumulado o medico romano continuador das doutrinas de Hippocrates.

«Ao celebre Reil, todavia, pertence a gloria de haver discutido e apreciado com rara sagacidade toda a doutrina das crises. O *crudum quid* foi reconhecido como uma supposição erronea, tanto em razão de facto, n'um grande numero de casos, como no sentido d'apreciação das causas finaes. As febres nascidas das commoções de animo, d'uma ferida, d'uma simples variação atmospherica, podiam sem duvida dizer com acerto que provinham da admissão d'um principio *acre*, d'uma materia *peccante*, d'um *crudum quid*. Por outra parte, ficava demonstrado como nas pessoas fortes e anteriormente sãs eram os pretendidos esforços de eliminação, a crise, violenta e incoercivel, ao passo que nas pessoas fracas, nos escorbuticos e nos escrofulosos, n'aquelles que tinham os humores mais alterados, o movimento critico se mostrava menos energico; a natureza falhava nos seus fins, e era contradictoria na medida dos seus esforços!

«Póde-se dizer que foi desde então, e não obstando todos os abalos por ella já recebidos nas apreciações anteriores, que a doutrina das crises veio occupar na medicina o lugar que justamente lhe compete. Reil não negou a existencia das forças medicatrizes, ou esta tendencia que as molestias agudas apresentam para terminarem pelo estado de saude. Mas sem ir além da rigorosa significação dos factos, viu n'ellas as forças proprias da vida, pôz de parte as hypotheses, por vezes ridiculas, e nada justificadas.

«Assim a interpretação já antes feita por Troxler, pôde por fim vingar. A crise começou a ser tida como uma demarcação que algumas vezes se póde assignalar na marcha das doenças, quer para o seu crescimento, quer, e mais vezes, para a sua desapparição. A crise considerada racionalmente, sem addicionar cousa alguma ao que os factos depõem, ficou sendo um phenomeno positivo para muitos casos, mas sem fixação de séde, sem presupposição de materia eliminavel, e não importando senão um conjuncto de circumstancias, aliás de grande variedade, e geralmente favoraveis, para a terminação da doença. Estão n'este caso, por exemplo, as excreções pelos diversos emunctorios, as quaes muitas vezes precedem a terminação das doenças agudas.

«A medicina que logrou emancipar-se de hypotheses não raro prejudiciaes, porque atavam os braços dos medicos, e muitas vezes os reduziam á posição de meros espectadores da marcha da doença, confiados na crise que se devia annunciar, a medicina entrou n'um caminho mais util, porque foi assim levada a actuar quando a sua intervenção se mostrasse necessaria. É n'este sentido que se explica plausivelmente o dito de Rouelle apresentando seu irmão: *O snr. Bordeu matou meu irmão que aqui vêdes.* Bordeu, o celebre medico, que tinha um respeito supersticioso pela authoridade de Hippocrates, havia ficado espectador inactivo em presença de uma pneumonia das mais violentas, e em resultado da qual o irmão de Rouelle esteve a ponto de succumbir.

«Com este breve conhecimento do que seja a crise, e prescindindo das muitas questões que prendem com este phenomeno, e com a maneira de se haver o medico em presença d'elle, faz-se agora mais facil avaliar a parte da doutrina que diz respeito aos dias criticos.

«Quando se observa a marcha das doenças vê-se que em muitos casos caminham ellas com certa regularidade, tendo por via de regra uma duração mais ou menos susceptivel de ser limitada. Em outras circumstancias, menos frequentes, a doença marcha desordenadamente, apresentando para o fim, d'ordinario, paroxismos de varia gravidade, e por differente modo manifestados, a que se segue algumas vezes a terminação feliz, ou a morte immediata do doente.

«Esta noção simples de pathologia geral, que já havia motivado a fundação da doutrina das crises, e que em grande parte é ainda hoje admissivel, deu tambem origem á apreciação e ao estabelecimento de dias criticos. Os medicos suppozeram que estas crises se observavam mais em certos dias do que em outros, e tendo como perigosa a intervenção medica, onde a crise se não havia manifestado ainda, procuraram estudar miudamente quaes eram esses dias.

«Assim, admittiram primeiro que as doenças agudas terminavam ao 7.º, ao 14.º, ao 20.º ou ao 40.º dia, e chamaram a estes dias *radicaes* ou *principaes*. Depois estabeleceram que entre estes dias outros havia tambem criticos, mas não por excellencia, como os primeiros; sendo d'aquelle modo assignalados o 9.º, o 11.º e o 17.º; depois o 3.º, o 4.º e o 5.º; depois o 6.º, em summa, que era o menos favoravel de todos, o mais raramente critico, recebendo por isso de Galeno o nome de tyranno. O 8.º e o 10.º vinham na ordem dos dias pouco vantajosos para as crises; depois o 12.º, o 16.º e o 18.º, em que as crises raras vezes se manifestavam. O 7.º que era para Galeno o dia das crises salutares, deixava de o ser igualmente para outros, assentando Archigene a sua preferencia pelo 20.º ou 21.º, o que significa a maior dissidencia de opinião que em materias de facto, se tal nome merecem, se poderia encontrar.

«Mas estas supposições eram perfeitamente gratuitas, provindo da computação de casos clinicos que não se mostravam jámais completamente identicos, a razão dava lugar a admittir, como hoje é de rigor, que todos os dias da doença são sujeitos a crises, e que não ha nenhum em que a mais salutar, como a mais fatal, não possa acontecer.

«D'esta contradicção procuraram salvar-se os defensores da exacção das doutrinas das crises, classificando os dias em *indicadores*, *contemplativos* ou *decretorios*, *intercalarios* ou *provocadores*, e *varios*. Os indicadores annunciavam que a crise completa ia dar-se. Era o 4.º, que annunciava a crise do 7.º, o 11.º que fazia o mesmo em relação ao 14.º, e o 17.º a respeito do 20.º Os dias intercalarios eram o 3.º, o 5.º, o 9.º, o 13.º e o 19.º, sendo que toda a crise acontecida n'estes dias, e principalmente no 5.º e no 9.º, dava aso a temer uma recahida. Os dias varios, quasi sempre sem significação, eram o 6.º, o 8.º, o 10.º, o 12.º, o 16.º, e o 18.º se as doenças se prolongavam. Depois

vinham os dias *quartenarios* ou *semiseptenarios*, a contar do 21.º, que constituiam então os dias criticos; isto é, o 27.º, o 34.º e 40.º Com o nome collectivo de dias *medicos* eram classificados todos os que decorriam na doença, exceptuando o 7.º, o 14.º, o 16.º e o 20 º; porque no intervallo d'estes estava a occasião mais favoravel para a applicação dos remedios. Por fim os dias da doença eram tambem divididos em dias *pares* e *impares*, sendo estes os mais proprios para as crises das molestias biliosas, e os primeiros para as das doenças sanguineas.

«N'este labyrintho de classificações e de calculos para que cada medico, segundo sua observação, suppunha possuir uma melhor base, não havia nenhum comtudo, por mais enthusiasta que fosse, que se não resignasse com a fallibilidade. Concebe-se como uma doutrina assim baseada deveria excitar o exame e as opposições dos homens de genio; e na verdade não faltou quem a exemplo de Asclepiades, desde logo se afastasse da maneira de pensar de Hippocrates, e d'aquelles que, mais que o proprio pai da medicina, tinham exagerado a significação dos dias criticos. Entretanto a época mais fatal para a doutrina dos dias criticos foi a da renascença das letras e sciencias.

«A primeira difficuldade com que sempre lutára a computação dos dias criticos, e que o fôra ainda quando elles realmente existissem, era a de saber como se devia entender um dia em medicina. Parecia que todas as discussões n'este ponto só tinham por fim embaraçar mais a questão; e supposto a maioria entendesse por dia medico o espaço de vinte e quatro horas, como o dia natural, nunca os observadores chegaram a poder fixar o momento em que o dia medico começava.

«Esta questão estava porém presa a outra igualmente irresoluvel; porque para marcar precisamente o principio do dia medico fôra necessario conhecer com exacção o ponto de partida da doença. Nas molestias que começavam por um calefrio, nas que se annunciavam subitamente por phenomenos sensiveis, a computação parecia facil, ainda que rigorosamente o não fosse. Mas se a doença, como mais vezes acontece, não tinha o seu principio bem claro; se, como hoje dizemos, não era possivel marcar limites entre o estado de saude e o de imminencia morbida, entre este ultimo e a doença propriamente dita, a doutrina dos dias criticos não podia calcular o primeiro dia, nem mais nem melhor os outros que se lhe succediam. As discussões sem numero, as extensas dissertações que por seculos entretiveram os medicos mais favoraveis a taes doutrinas, não poderam, nem poderiam de certo adiantar uma questão d'esta natureza, e foi por conseguinte outra parte da doutrina que passou desacreditada no conceito de muitos.

«Tudo isto era porém pouco em comparação com outras difficuldades que achava o calculo dos dias criticos. N'uma crise que durava uns poucos de dias, qual d'elles devia ser considerado o critico? N'uma doença aguda que, para assim dizer, se encravava n'outra doença, como determinar o dia em que uma certa crise se tinha dado? De que maneira distinguir os phenomenos que tanto se poderiam ter na razão de criticos, como de symptomas proprios das doenças? Quaes d'esses phenomenos eram causas, quaes d'elles effeitos? As hemorrhagias nasaes, os vomitos, todas as evacuações chamadas criticas, são, em geral, symptomas de doenças, e caracterisam mais a existencia e a natureza d'ellas, do que as crises, ou os dias criticos.

«N'estas, como em outras numerosas questões, os grandes volumes, e os mais aturados esforços não podiam supprir a falta de base de que se resentia a fixação dos dias criticos e os caracteres da crise, a ponto de que o proprio Bordeu, um dos mais fortes sustentaculos da doutrina das crises, chegou a consideral-a como obscura, vaga e susceptivel de grandes erros.

«Idéas scientificas d'esta ordem eram

pois insustentaveis, ou inuteis e perigosas ainda quando mais plausiveis. A sciencia dos numeros applicada á medicina só a podia fazer assim mais incerta. Embora os propugnadores de taes doutrinas reconhecessem as excepções numerosas com que os contrarios lhes argumentavam; por isso mesmo talvez, mais era para temer a inactividade do medico na presença das mais instantes eventualidades da molestia.

«A verdade é que quanto mais profundamos o conhecimento da doutrina das crises, em relação aos dias criticos, tanto mais ficamos convencidos do abuso de palavras e dos erros que os medicos accumularam para sujeitar a marcha e o prognostico das doenças a leis impossiveis, ou interpretar, segundo idéas subitamente systematicas, os phenomenos morbidos. D'aqui a inutilidade de avaliar todas as diversas questões que teem na crença dos dias criticos o seu ponto de partida. Assim o teem comprehendido os medicos d'este seculo, para os quaes todo o grande edificio levantado pelos antigos só tem o interesse archeologico.

«Em resumo, podemos dizer que sujeitos como estão todos os actos da vida a uma marcha mais ou menos regular, e a uma periodicidade que se manifesta em muitas das mais importantes funcções da economia animal, as doenças, como actos vitaes, não podem constituir excepção á grande lei que abrange e dirige taes condições. Mas d'aqui a estabelecer as regras d'essa marcha e d'esses periodos, por pouco que sejam variaveis entre si, sempre diversos, ás vezes por circumstancias que escapam aos nossos meios d'analyse, vai uma distancia infinita. As folhas d'uma arvore, que são sempre folhas sujeitas a certas condições de fórma e de grandeza, conservam comtudo entre si differenças taes que nunca duas d'ellas serão perfeita e inteiramente identicas. Outro tanto se póde dizer das doenças, ainda no genero de mais regular manifestação, onde dous casos identicos se não encontram jámais. Póde o medico avaliar com mais ou menos aproximação, em virtude d'essa lei de regularidade e de periodicidade, a duração e a terminação da doença, como tambem a sua gravidade, ou a das suas complicações pela natureza dos orgãos e das sympathias organicas; mas não póde sujeital-as ao rigor numerico sem emprehender a mesma obra dos Titães. Taes foram com effeito os trabalhos de dous mil annos, e taes foram tambem os seus resultados.

«Esta maneira de considerar a fixação dos dias criticos, não contende com o que em respeito ás crises em si mesmas ha de verdadeiro, qualquer que seja a explicação que as differentes escólas possam dar ao facto. No tocante, por exemplo, á deslocação das doenças, influindo para bem ou para mal, segundo a maior ou menor importancia do orgão, ou orgãos sobre que os phenomenos deslocados se transportarem, está uma demonstração do que seja a crise; sendo por tanto na natureza que a propria therapeutica tem achado a razão de mais d'um dos seus poderosos recursos, promovendo uma como crise artificial; é assim na medicina revulsiva ou no methodo derivativo, apesar de todas as oppostas reflexões que foram ouvidas não ha muito na academia de medicina de Pariz.

«N'este sentido, ainda muito do que os trabalhos dos medicos da antiguidade tinham estabelecido, é extremamente aproveitavel, e as bases apresentadas por um medico do seculo passado, Londré-Beauvais, são em grande parte verdadeiras. O seu conhecimento é todos os dias necessario á cabeceira do doente; mas a applicação é que demanda a maior perspicacia e o mais fino tacto, para que se não contrarie um esforço salutar da natureza, ou se não tome como tal o que é phenomeno proprio da doença, da continuação do qual póde estar dependente a vida do enfermo.

«Estes são os principios que a medicina aceita sem repugnancia nem contradicção, porque são verdadeiros. A doutrina das crises, como a

estabeleceram os antigos, cedeu á attenção que absorvia em proveito de novos caminhos para verdades mais uteis, e os progressos das sciencias medicas, na metade volvida do nosso seculo, podem de certo assegurar, que com muita vantagem trocamos.» (Dr. José Antonio Marques).

DICOTYLEDONEAS. «Este quadro comprehende vegetaes de caule herbaceo, ou lenhoso, com casca e lenho bem distinctos. Folhas com nervuras ramificadas. — Periantho ordinariamente dobrado (calice e corolla) dividido em 5 ou n'um multiplo de 5 divisões. Divide-se este quadro em 3 grandes grupos: *apetalas*, as que não tem corolla; *monopetalas* e *polypetalas*.

«As apetalas subdividem-se em 2 classes: *diclineas* e *monoclineas*. As primeiras são *unisexuaes* (monoicas ou dioicas); as segundas são *hermaphroditas*. A tabella seguinte mostra as familias de umas e d'outras.

APETALAS

1.ª classe.—Apetalas diclineas

Cycadeas	Cupuliferas	Monomiaceas
Coniferas	Juglandeas	Myristaceas
Myriceas	Ulmaceas	Euphorbiaceas
Plataneas	Urticaceas	Balanophoreas
Betulineas	Piperaceas	Rafflesiaceas
Salicineas	Podostemaceas	

2.ª classe.—Apetalas monoclineas

Aristolochias	Proteaceas	Phytolacceas
Santalaceas	Laurineas	Atripliceas
Samydeas	Thymeleas	Amaranthaceas
Aquilarineas	Eleagnaceas	Nictagineas
Pœoniaceas	Polygoneas	

«As polypetalas subdividem-se em 2 classes. Na primeira os estames inserem-se por baixo do ovario (hypogineas); na segunda inserem-se á roda do ovario (perigineas). Uma e outra classe contem as seguintes familias:

POLYPETALAS

3.ª classe.—Polypetala hypoginea

Ranunculaceas	Marggraviaceas	Cabombeas
Dilleniaceas	Clusiaceas	Nympheaceas
Magnoliaceas	Hypericineas	Cruciferas
Anonaceas	Auranciaceas	Caparideas
Berberidéas	Ampelideas	Resedaceas
Monospermeas	Hyppocratiaceas	Droseraceas
Ochnaceas	Acerineas	Cistineas
Rutaceas	Malpighiaceas	Violaceas
Pittosporeas	Meliaceas	Bixaceas
Geraniaceas	Sapindaceas	Coriarias
Malvaceas	Polygaleas	Frankeniaceas
Tiliaceas	Fumariaceas	Caryophylladas
Théaceas	Papaveraceas	

4.ª classe.—Polypetala periginea

Paronicheas	Homalineas	Lythrariadas
Portulaceas	Hamamelideas	Tamariscinias
Mesembryanthemeas	Bruniaceas	Myrtaceas
Cacteas	Umbelliferas	Rosaceas
Crassulaceas	Araliaceas	Mimoseas
Saxifrageas	Rizophoreas	Papilionaceas
Ribesias	Onagrarias	Terebinthaceas
Cucurbitaceas	Combretaceas	Rhamneas
Begoniaceas	Halorageas	Celastrineas
Loaseas	Melastomaceas	Ilicinias
Passifloreas		

«Como as polypetalas, se dividem tambem em as classes hypoginea e periginea, comprehendendo as seguintes familias:

MONOPETALAS

5.ª classe.—Monopetala hypoginea

Ericineas	Globularias	Labiadas
Styracineas	Utricularias	Borragineas
Ebenaceas	Gesneriaceas	Convolvulaceas
Jasmineas	Orobancheas	Palemoneaceas
Sapotaceas	Scrofularineas	Gencianeas
Myrsineas	Bignoniaceas	Solaneas
Primulaceas	Acanthaceas	Loganiaceas
Plumbagineas	Myoporineas	Apocineas
Plantagineas	Verbenaceas	

6.ª classe.—Monopetala periginea

Campanulaceas	Caprifoliaceas	Dipsaceas
Lobeliaceas	Rubiaceas	Calicereas
Loranthaceas	Valerianeas	Compostas

«As familias mais interessantes da primeira classe para os climas da Europa são:

«1.º *Coniferas*, onde entram as arvores resinosas, sempre verdes, de folhas geralmente estreitas, em fórma de agulha; flôres masculinas dispostas em *amento;* as femininas e o fructo em *cone;* arvores de importante utilidade pelas madeiras, resinas e outros productos que fornecem á industria; taes são: os pinheiros, os larices, os abêtos, araucarias, etc.

«2.º *Plataneas*, onde existem os platanos.

«3.º *Betulineas*, onde entram o vidoeiro, e os amieiros.

«4.º *Salicineas*, onde entram os salgueiros, choupos, etc.

«5.º *Cupuliferas*, que comprehendem os carpinos, aveleira, carvalho, sobreiro, azinheira, faia, castanheiro, etc.

«6.º *Juglandeas*, que tem a nogueira.

«7.º *Ulmaceas*, onde entra o olmeiro.

«Estas 6 ultimas familias formavam antigamente uma só, dita *amentaceas*, por terem as flôres masculinas dispostas em amento. Constam de arvores importantes, umas pelos seus fructos alimentares, outras pela casca, utilisada para cortumes, e quasi todas por bellas madeiras de construcção e marceneria.

«8.º *Urticaceas*, familia que tem por typo a ortiga, mas onde se encontram arvores e arbustos de folhas alternas, ou oppostas, com flôres diclineas ou polygamas, fructo indehiscente, secco ou carnudo; taes são na tribu das *moreas*, as amoreiras; na tribu das *artocarpeas*, a figueira, a arvore-pão, e a da borracha; na das *cannabineas* o canhamo e o lupulo; na das *urticaceas* a ortiga e a alfavaca.

«9.º *Euphorbiaceas*, que tem por typo a catapucia (euphorbia), são notaveis pelo seu succo leitoso e acre. Umas dão productos alimentares, como a farinha de pau e a tapioca; outras, productos oleosos, como a purgueira e carrapateiro; algumas, como o buxo, prestam pela madeira; e a maior parte fornecem medicamentos e venenos tão activos, que uma especie, a mancenilheira, arvore das Antilhas, diz-se que chega a empestar o ar que a rodeia.

«As familias mais interessantes da segunda classe, tirando a familia das *polygoneas*, onde entram o fagopyro ou trigo sarraceno que se cultiva como pasto e messe, a centinodia, as azedas e labaças; a familia das *atripliaceas* ou *chenopodeas* de que são exemplos a salicornia e os chenopodios que fornecem a soda do commercio, as acelgas, espinafres e beterrabas que se cultivam para alimento do homem e dos gados; e a das *laurineas* onde entra o loureiro; todas as demais familias, comprehendendo plantas de jardins ou medicinaes, são de pouco valor agricola.

«Caracteres principaes das familias mais importantes da terceira classe:

«1.º *Cruciferas*, plantas herbaceas, de folhas alternas, estipuladas, corolla cruciforme, estames tetradynamos e o fructo em selicua, ou selicula. Comprehende a couve, nabo, colza, camelina, mostarda, pastel, goivo, etc., plantas todas de summa importancia agricola, como alimentos, pastos, productos oleosos, medicinaes, e tintoriaes.

«2.º *Papaveraceas*, tem por typo a papoula. São plantas com o calice composto de duas sepalas, corolla com 4 ou 6 petalas, fructo capsular, ovoide e coroado pelo estigma. Entram aqui a celidonia, as papoulas dos campos, e a papoula da India de que se extrahe o opio e um abundante oleo das sementes.

«3.º *Malvaceas*, cujo typo é a malva (mas onde se incluem as maiores arvores do mundo, como os *boababs* d'Africa); são caracterisadas pelo calice monosepalo e espesso, corolla de 5 petalas, estames ordinariamente monodelphos, fructo carpellar. São importantes como medicinaes a malva e a althêa; o cacaoeiro e o algodoeiro pelos productos industriaes (cacáo e algodão); finalmente o abutilhão, o malvaisco, etc., como plantas de recreio.

«4.º *Geraniaceas*. Comprehende esta familia 5 tribus: *oxalideas; tropoleas* (onde entram as chagas); *balsamineas* (balsamineas); *lineas* (linho); e *geraneas* (geraneos, melindres, etc.) Constam a maior parte de flôres de recreio. O linho é a especie mais importante d'esta familia pelo oleo das suas sementes e pela filaça de seus caules.

«5.ª *Ampelideas*. Arvores e arbustos sarmentosos, com gavinhas, folhas palmadas ou digitadas, flôres em panicula ou em cacho, corolla de 5 petalas, fructo em baga. A vinha é a especie mais importante e de grande cultura no nosso paiz.

«6.ª *Auranciaceas*. São typos d'esta familia a laranjeira e o limoeiro. Consta de arvores e arbustos glabros ou espinhosos, de flôres muito aromaticas, com o fructo em hesperidio.

«Finalmente as *ranunculaceas* (onde entram os ranunculos, anemonas, esporas, etc.); as *magnoliaceas* (onde entram as magnolias, tulipeiras, etc.); as *theaceas* (o chá e as camelias, etc.); as *malpighiaceas* (o castanheiro da India, etc.); as *nympheas* (o golphão e rainha-victoria, etc.); as *caryophylladas* (os cravos, espargula, saponarea, etc.); as *violaceas* (as violas e amores perfeitos, etc.); e outras mais familias d'esta classe constam de plantas, antes para embellezar jardins do que importantes para a agricultura.

«Familias interessantes da quarta classe e seus principaes caracteres:

«1.º *Papilionaceas*, ou *leguminosas*. São bem conhecidas pela flôr papilionacea, pelo geral decandria e diadelpha; fructo em baje ou legume. Tão util como a das gramineas, entram n'esta familia os feijões, ervilhas, favas, grãos, ervilhaças, sanfeno, serradella, luzerna, anapha, o mendoby, anileiro, alfarrobeira, etc.

«2.º *Cucurbitaceas*. São plantas herbaceas, rastejantes ou trepadeiras, cheias de pello, com folhas espessas e lobadas; flôres de 5 petalas soldadas pelo calice monosepalo; 5 estames monodelphos, ou triadelphos; fructo em peponide. São exemplos d'esta familia as aboboras, melancias, pepinos, melões, etc.

«3.º *Rosaceas*. Arvores, arbustos, ou hervas de folhas simples ou compostas, corolla rosacea, calice monosepalo com 4 ou 5 divisões, estames numerosos. Comprehende esta familia 7 tribus entre as quaes são mais notaveis: as *pomaceas*, composta quasi toda esta tribu por arvores de pevide, cujo fructo é um pômo; exemplo, a pereira, marmeleiro, macieira, sorveira, etc.; as *amygdaleas*, composta de arvores de caroço, com o fructo em drupa; taes são: a gingeira, amendoeira, pecegueiro, damasqueiro, abrunheiro, etc.; as *rosaceas*, onde entram todas as especies de rosas dos jardins; *driadeas*, que comprehendem o morangueiro, a framboesa, a pimpinella, etc.

«4.º *Umbelliferas*. Plantas com a inflorescencia em umbella, calice pentasepalo, disposto em tubo, adherido ao ovario; corolla de 5 petalas, 5 estames; fructo secco composto de 2 carpellas monospermes. — Entram n'esta familia ao lado da cicuta que é venenosa, o funcho e angelica que são medicinaes, o aipo, salsa, coentro, herva dôce, cominhos, cerefolio, etc., e que se cultivam para tempero, a pastinaga e as cenouras que prestam um bom alimento para o homem e para os gados.

«Finalmente podemos ainda citar: as *ribesias*, exemplo a groselheira; as *myrtaceas*, exemplo murta e romeira; *sapindaceas*, exemplo o sumagre, como tendo alguma importancia economica. E como plantas de recreio: as *cacteas*, exemplo os cactos; *passifloreas*, exemplo os martyrios; *saxifrageas*, exemplo as hortenses.

«Familias da quinta classe:

«1.º *Jasmineas*. Arvores e arbustos de folhas geralmente oppostas, calice monosepalo, corolla monopetala de 4 a 5 lobulos, 2 estames, fructo capsular, ou em drupa. Contem 2 tribus: a das *oleinas* que tem o fructo em drupa; exemplo, o jasmineiro, sanguinho, alfeneiro, oliveira, etc.; e a das *lilaceas* que tem o fructo em capsula; taes são o lilaz, o freixo, etc.

«2.º *Solaneas*. Arbustos e hervas de aspecto tristonho, folhas simplices e alternas, de um verde sombrio, perianthо de 5 divisões; 5 estames; fructo capsular ou em baga; raizes, n'algumas plantas, tuberculosas. Ao lado de plantas muito venenosas como são o meimendro, o estramonio, o tabaco, etc., contem esta familia outras que são alimentares, taes são: as batatas, os pimentos, os tomates, etc.

«3.º *Labiadas*. Arbustos e hervas bem assignalados pela corolla labiada e pelo aroma penetrante que exhalam, tanto das flôres, como das folhas, caules e ramos. Aqui entram o alecrim, rosmaninho, salva, segurelha, hortelã, cidreira, etc.

«Em fim são ainda dignas de nota: as *convolvulaceas*, trepadeiras de corolla campanulada, onde entram a batata dôce, a corriola dos jardins, a verdizella dos campos, e a cuscuta, parasita dos luzernaes; as *ericineas*, de que são exemplos o medronheiro, redodendros, azaleas, etc.; as *scrofularineas*, onde entram a dedaleira, calceolarias, verbasco, etc.; as *bignoniaceas* que comprehendem o sétamo, excellente planta oleaginosa; as *plantagineas*, onde entra a tanchagem, etc.; as *verbenaceas*, a arvore da castidade, e a verbena, etc.; e as *borragineas*, a borragem e buglossa, etc.

«Familias mais notaveis da sexta classe:

«A familia mais notavel d'esta classe é a das *compostas*, assim chamada por terem as flôres compostas ou reunidas n'um capitulo. Cada florinha póde ser de corolla monopetala, regular e tubulosa, n'este caso chama-se *flosculo*; ou irregular e prolongada de um lado em fórma de lingueta, chama-se então *semi-flosculo*. Se o capitulo é todo formado por flosculos, chama-se *flosculoso;* se por semi-flosculos, *semi-flosculoso;* se por flosculos no centro, e por semi-flosculos na circumferencia, então toma o nome de *radiado*. Esta familia contem mais de 9000 especies distribuidas em 3 tribus, a saber: a das *carduaceas*, plantas quasi todas espinhosas e de capitulo flosculoso; exemplo, a alcaxofra, cardos, assafrôa, bardana, etc.; *corymbiferas*, plantas de capitulo flosculoso ou radiado, poucas são as espinhosas; aqui entram o girasol, de cujas sementes se tira bom oleo; o tupinamba ou girasol batateiro, cujos tuberculos podem supprir a batata; varias flôres de jardim e medicinaes, como são, o malmequer, dhalias, artemisa, losna, macella; *chicoriaceas*, plantas de capitulo semi-flosculoso; são exemplares, a chicoria, almeirão, alface, almeirôa, tarraxaco, etc.

«As *dipsaceas* e as *rubiaceas* são depois das compostas as familias mais importantes d'esta classe. N'aquellas entra o cardo penteador e a saudade; n'estas o cafeeiro e a ruiva dos tintureiros.» (Lapa e Lima, *Agricultura*).

DICTADOS. (O que o mestre dicta ao discipulo). 1. O methodo conveniente nos *dictados*, deve diversificar, confórme lidamos com pequeninos, a quem se ensina toda a variedade de palavra, ou a discipulos já familiarisados com palavras e regras. Principiaremos por dar alguns breves conselhos, no que entende com crianças. Se quereis que um menino, aos dez annos, tenha soffrivel orthographia, e, aos doze, orthographia perfeita, fazei-o escrever, logo que principia na escóla, as letras e syllabas da leitura que aprende. (Veja ESCRIPTA). Para o que, escrevereis na lousa as letras e syllabas constantes da lição, e elle que as traslade: d'ahi a pouco tem o menino adquirido o habito de escrevel-as sem olhar para o traslado. Perseverando n'estes exercicios, que em todo o caso devem ser proporcionados e graduados á força intellectual dos discipulos, podereis em breve praso dictar algumas palavras em separado da lição, e póde ser que o menino as escreva com acerto. O mesmo usareis com as proposições e phrases, quando o alumno estiver mais adiantado na leitura. Em todos estes exercicios ponde o tento em occupar o menino o mais utilmente que ser possa, ensinai-lhe a lêr ao mesmo tempo o manuscripto e o impresso, familiarisai-o com a orthographia usual, fazei-o estremar vogaes simples de compostas, diphthongos vogaes e diphthongos consoantes, os equivalentes e sons que se escrevem de varias maneiras como *am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, etc. Ao encetar o estudo da grammatica, o dictado deve ser redigido de sorte que venham á questão as palavras constantes da lição.

2. Quando os discipulos já conhecem as regras e as tem particularisado nas lições, o dictado deve transcender a exercicio mais amplo, de modo que os alumnos se habituem praticamente com todas as regras, como o acaso as depara, e a cada hora succede, se fallamos diversos assumptos, ou escrevemos de cousas totalmente differentes. N'este caso, o dictado é exercicio de orthographia e grammatica arrazoada, abre o ensejo de preleccionar aos alumnos algumas lições de moral, é meio de lhes desenvolver a intelligencia, fazendo-os reflexionar sobre assumptos que lhes quadram. Como quer que seja, os dictados devem ser extractados de escriptores correctos, e escolhidos de geito a formar-se com elles um todo connexo, claro e preciso, como ensinamento.

3. São muitos os methodos de corrigir um dictado, volvendo-o proveitoso: lêr primeiro, antes de dictar, a fim de ser melhor comprehendido

o intuito moral ou intellectual do trecho que se dicta; dar, a proposito de cada erro, as necessarias explicações grammaticaes, interrogando os meninos sobre a natureza das palavras, sua significação, genero, numero, derivação, etymologia, conjugação de verbos, tempos, modos, e demais miudezas.

DIDACTICO (Genero). 1. «O fim essencial de qualquer genero de poema, e de toda a fórma de composição litteraria, diz Blair, é produzir no animo alguma impressão util. Tal impressão ordinariamente, em poesia, provém de meios indirectos, taes como fabulas, narrativas, pinturas de caracteres; porém, a poesia didactica, consoante sôa, propõe-se, principalmente, a derramar instrucção. Differença-se pois na fórma, e não no intento, dos tratados de prosa de moral, philosophia e critica. Por outro lado, sua mesma energia a sobrepõe a escriptos instructivos em prosa, pois que matiza a instrucção com o colorido poetico, saborêa e prende a phantasia com descripções e episodios, e outros generos de ornato, e crava melhormente na memoria as mais valiosas particularidades do assumpto. Assim pois, a poesia dá margem a que o poeta siga nobremente sua vocação, dando-lhe largas ao talento, e achanando-lhe espaço por onde elle se vá resplandecendo em saber e agudeza de percepção.

«Diversos modos ha de cultivar este genero de poesia. Póde o poeta lançar mão de algum assumpto instructivo, que desenvolve regular e methodicamente; ou, se não quer lavrar obra de grande folego, póde, em satyras ou epistolas, invectivar algum vicio, ou reflexionar no tocante á vida e condição humana. A estas diversas especies de poetar cabe a denominação de *poesia didactica*.

«Pertencem a este genero, em primeira linha, as obras constantes de algum tratado regular de assumpto proficuo, grave ou philosophico. Temol-as, antigas e modernas, com relevantissimo merecimento: taes são os seis livros de Lucrecio: *Da natureza das cousas*; as *Georgicas* de Virgilio; o *Ensaio ácerca da critica* de Pope; os *Prazeres da imaginação* de Kenside; o *Poema ácerca da saude*, de Amstrong; os de Horacio, de Vida e de Boileau no tocante a arte poetica.» (Blair, *Curso de rhetorica e bellas-letras*).

2. «O poema didactico é uma contextura de quadros ao natural, quando condiz com o seu proposito. A insulsez é o contra radical d'este genero; que não ha nada mais difficil a um versejador meão e glacial que tratar altamente um assumpto didactico, se o tal pega de raciocinar á mingua de sentimento, e desata em bagatelas razoadoras o que devera ser impetos de genio.

«Substancia solida e translucida é o primeiro preceito do poema didactico.

«Deploravel cousa é vêr no poema de Lucrecio *Da natureza*, e no *Ensaio* de Pope tanta e tão peregrina poesia apostada a desfiar o ruim systema de Epicuro e o optimismo de Leibnitz. Felizmente, porém, ambos os poetas tem merito sem dependencia da chimera do philosopho, um porque impugnou abusões, outro porque poz a sonda ao coração humano; por onde ambos os poetas cantaram verdades supremas em formosos versos.

«Virgilio, menos immodesto na opção do assumpto, como que almejou apenas ensinar o agricultor, honrando-o, todavia, e nobilitando a agricultura com o melhor monumento que a mais fidalga arte podia erigir á mais util.

«Dous mil annos depois Virgilio, diz um poeta philosopho, inspirára aos tristes moradores da cidade affeição ao campo, e assim reconciliou com a natureza o homem empégado em prazeres phantasticos de vaidosas pompas. Era mister um sabio para tamanho designio, e um poeta para o executar: ora é raro que no mesmo homem concorram as duas qualidades; todavia no poema das *Estações* se nos deparam ellas.

«Bem que a poesia seja arte em que

os preceitos mais naturalmente reclamam ornamentos, Horacio limitou-se a exercital-a com a razão sã e solida. Dando aos Pisões regras de sua arte, adoptou o simples, claro, e rigoroso estylo das leis. Quem como elle remontára nas odes o tom da côr ao grau mais sublime, derramou apenas luz pura na *Arte poetica*. O que mais enriquece esta obra, são as idéas elementares, muitas vezes novas e sempre fecundas. Nunca poeta algum compendiou tantas idéas em tão poucas palavras; por onde, em quanto a poesia tiver encantos, aquelle resumido codigo de suas leis ha de ter preço grande, fundado na solidez.

«Afóra este merito ha um ahi que os poetas modernos não devem descurar.

«As linguas modernas carecem de harmonia e precisam das antigas. A nossa poesia quasi que o não é se lhe falta o colorido. Horacio descurou de o dar aos assumptos que já tinham côr sua, e cuja theoria não podia ser enfadonha; porém o judicioso Despreaux conheceu que a precisão e o industrioso mechanismo do verso lhe não bastariam a fazer lêr com interesse preceitos já conhecidos; pelo que lhe ajuntou tudo que a poesia póde ter de elegancia e agrado, seguindo Horacio e Virgilio, como homem atilado e artista engenhoso. É este, a meu juizo, o methodo que devem observar todos os poetas didacticos. Quanto menor fôr a importancia e interesse do assumpto, mais lhes corre o dever de realçarem os encantos da palavra exornada.

«Entre os ornatos, a cousa de maior preço são os episodios, os quaes, sendo interessantes e adequados, desfadigam agradavelmente o leitor da aridez dos preceitos.

«Que farte se tem dito do colorido da poesia; e pouco se attende aos movimentos d'ella, estando n'isto o segredo de a volver affectuosa e pathetica. O colorido só apraz á imaginação, e o movimento impressiona o espirito. Uma saudade que o objecto desperta, a reflexão que suggere, a instantanea melancolia em que a alma do poeta se recolhe, um desejo, um movimento de jubilo, ternura ou piedade, um transporte de enthusiasmo ou indignação, em fim os sentimentos que a natureza póde inspirar, e a eloquencia desferir trazidos com methodo e gosto, sem que a arte pareça intervir, darão alma ao poema didactico, se o assumpto interessa ao homem e lhe influe idéas graves. Tal seria por exemplo o assumpto do commercio ou da navegação; por quanto bom seria que os principios das artes d'alta importancia fossem todos redigidos em verso. E o certo é que no berço das letras todas as verdades uteis foram poeticamente impressas na memoria dos homens. Foi o poema didactico a primeira lição escripta, a primeira escóla de costumes, o primeiro registro das leis. Reconduzil-o á sua utilidade e dignidade primitivas devera ser o aporfiado escopo dos poetas em seculo tão illustrado. Devem os movimentos da alma responder aos da elocução poetica, que variam não só a sabor do sentimento, mas tambem da imagem; e o caracter das descripções e pinturas, bem como o da eloquencia das paixões, decidirá do rythmo e cadencia do verso.»

DIEPPE. (Veja NORMANDIA).

DIGESTÃO. (Veja SANGUE).

DIGITALIS. (Veja SCROFULARIACEAS).

DIGNE. (Veja PROVENÇA).

DIJON. (Veja BORGONHA).

DILUVIO. 1. Oito seculos depois do acontecimento, em tempo que a longevidade humana tornava recente a memoria d'elle, referiu Moysés a grande catastrophe que transmudou a face do mundo. Perpetuaram-lhe a memoria os historiadores e os fabulistas. As tradições de todos os antigos povos, egypcios, chaldeus, persas, indios, chinezes, gregos e romanos confirmam a narrativa de Moysés. As lições da geologia robustecem

as da historia; e as anfractuosidades da terra mostram ao naturalista indicios palpaveis de grande e subita revolução. Os despojos de animaes e plantas exoticas, as conchas achadas no concavo de altissimas serras só podem explicar-se pela invasão das aguas, em consequencia d'um grande abalo capaz de arrojar repentinamente o mar das Indias ou do Perú ao meio das serranias da Europa. Aprazlhes antes pensar que essas serranias sahiram do mar? Poderiamos responder com Voltaire, que é tão verdade o mar fazer montanhas, como as montanhas fazerem mar. Se me perguntam o que é feito das ossadas humanas resultantes d'aquella universal mortandade, visto que as não encontramos entre tantos fosseis, responderemos perguntando se as não topam na Europa, na Asia e na Africa? Onde havia agua bastante a submergir o globo? Pois quem fez o mundo não podia desfazel-o? Moysés, de accordo com os naturalistas, mostra a terra primitivamente submersa na agua; ora a agua que uma vez a cobrira podia cobril-a segunda. Alguem esquadrinhou provas contra Moysés no arco iris que elle dá como caução contra segundo diluvio. Este signal, phenomeno natural, dizem que não devia ser novo para a familia de Noé; e como precursor de chuva não era proprio a inspirar confiança; quem sabe porém se o arco iris appareceu então pela primeira vez, e se a época anti-diluviana não era perpetua primavera, sem nuvens, chuvas e tempestades? Demais d'isso, bem podia Deus tomar como signal de nova alliança um phenomeno já existente.

2. «Porque é que, diz Bailly, a infusão das aguas é base de quasi todas as festas antigas? D'onde vem essas idéas de diluvio e cataclismo universal? Porque se fazem essas festas commemorativas? Tem os chaldeus a historia do seu *Xisutrus*, que é pouco alterada a historia de Noé. Os egypcios diziam que Mercurio gravára os principios das sciencias em columnas que podessem resistir ao diluvio. Tambem os chinezes tem o seu *Peyrun*, mortal dilecto dos deuses, que se salvou em um barco da geral inundação. Referem os indios que o mar inundára a terra inteira, tirante uma serra ao norte, para onde uma só mulher se retirára com sete homens, com dous animaes de cada especie e dous individuos de cada planta. Acrescentam elles, mencionando o deus *Vitchnou*, metamorphoseado em peixe, que isto acontecera no diluvio, quando aquelle Deus mareava o barco salvador do genero humano. A idéa do diluvio, qual nol-a transmittiram os variados povos, é tradição de um facto historico. Ninguem cura de perpetuar a memoria de factos não succedidos. Estas historias, differentes quanto á fórma, mas analogas na substancia, apresentando identico facto universalmente alterado, tão unanime consenso dos povos, figura-se-me robusta prova da verdade de tal acontecimento.» (Bailly, *Cartas ácerca da origem das sciencias*).

3. «É mister assumir um facto tradicional, cuja verdade geralmente seja reconhecida. Onde está elle? Não sei de algum, cujos monumentos sejam mais geralmente contestes, como aquelle que nos vem justificado por signaes de revolução physica, por onde a face do globo se alterou, e produziu a total renovação do genero humano: em conclusão, tenho que o diluvio é a verdadeira época da historia das nações. Não só a tradição que nos transmittiu aquelle facto é de todas a mais anciã, que tambem é a mais clara e intelligivel, pois que nos offerece um facto que póde justificar-se, confirmar-se com o universal assentimento de todos os povos, pelo progresso sensivel das nações e perfeição gradual das artes. Bem que a historia não possa acercar-se dos tempos primitivos, aponta-nos, se não o genero humano em seu berço, pelo menos infinitas nações ainda infantis. Estas nações vêmol-as crescer e fortalecer-se a pouco e pouco, submettendo a seu imperio grandes porções de terra. A inspecção physica observa monumentos authenticos de anti-

gas revoluções, gravados em caracteres indeleveis, já encontrados em excavações, já nas conchas em montanhas, já em residuos indestructiveis de peixes nas profundezas da terra; já nos vegetaes de inequivoca natureza; em fim nas camadas da terra que habitamos, nas ossadas e despojos de seres animados que hoje sómente vivem na superficie da terra ou no mar. Duvidar da realidade de taes factos, seria desmentir a natureza que erigiu em tanta parte monumentos comprovativos. Por tanto, a revolução que submergiu parte do nosso globo, e descobriu outra parte, é facto irrefutavel, e que força nos fôra crêl-o, ainda que nos escaceassem monumentos.» (Boulanger, *Antiguidade descoberta*).

4. «O Senhor prometteu exterminar da superficie da terra o homem que tinha creado, e tudo o mais desde o homem até aos animaes, tanto os que se rojam pela terra como os que esvoaçam no céo, porque chegára a arrepender-se de os ter creado. Assim o diz o capitulo VI do Genesis.

«Chegado o tempo de se cumprir pelo diluvio a promessa suprema, a inundação cresce como phantasma gigante; a trombeta fatal a todos assigna o termo da existencia, e repercute na densa escuridade que cega, nas nuvens que de si escorrem mares, nas nevoas que embriagam. As sombras fecham o firmamento. O sol e as estrellas encobrem-se para sempre. Só passageiro relampago ousa lampejar n'essa scena de terrores. Só os raios rasgando as nuvens vem alumiar esse espectaculo de tremenda destruição. Quanto havia nos plainos desapparece. Tufões negros derrancam o que ha nas montanhas, levam tudo aos ares em medonho rodopio, brincam com molles immensas, e, como se agitassem e baralhassem no espaço as folhas seccas do estio, em vortice rapido mandam tudo ao abysmo.

«O mar rompe seus diques. As fontes convertem-se em torrentes. São mares os rios, que trasbordam furiosos, que se espraiam pelos campos, que tudo derribam e arrebatam. Plantas, gados, gentes, habitações, que é d'elles? Terra e mar já se confundem. Tudo é mar: o mar já não tem praias. Já poucos restam. Que foi feito de paes e irmãos? A todos vai chegar a hora da confusão e do naufragio. Tudo vai perecer n'esse lago infinito.

«Soberbas torres de marmore tremeram, e rotas, e aluidas, cahiram nas ondas. Campos, que foi feito d'elles? Trabalham remos onde puxavam a charrua. Sobre campos de messes e aldeias subvertidas boiam embarcações desmanteladas. Bosques e edificios tudo jaz. Até as rochas escarpadas, combatidas das vagas se despenham no pelago. Já torreões de espuma cobrem as serras. As ondas fremem nos mais fragosos picos. Vagas medonhas, alumiadas pelos raios, sobem até ao cume das cordilheiras. Cada uma rola comsigo milhões de cadaveres. Os fugitivos que vão de praia em praia sem descanço são atropellados pelos mortos. Quando os infelizes crêem ter conquistado um refugio, mais ligeiras do que elles galgam as ondas e lh'o disputam.

«Gritos de afflicção e brados lastimosos echoam nos ares. São das victimas que na maior agitação e agonia trepam por montes alcantilados, e se cançam em vão, porque já não ha refugio. A onda que alaga os pés é para todos eterna e irremissivel sepultura.

«Já para as aves, que esvoaçam anciadas, não ha terra em que descancem o vôo. Exhaustas de forças cahem na agua e alli acabam. Que farão já agora os poucos homens que ainda podem restar, quando a aguia succumbe? Lobo e ovelhas alli andam juntos. Por sobre os mares boiam leões e tigres. Toda a humanidade perece. Só a grande arca, que guarda as reliquias das especies, boia agitada por sobre o cataclismo!» (*A. P.*)

DINAMARCA. «Capital *Copenhague*, com mais de 111.000 almas, fundada sobre as ilhas de Seeland e de Amak, separadas por um pequeno braço de mar, que alli fórma um porto soberbo. A vantagem de ser a capital do

reino reune ser o centro do commercio e da industria da monarchia, residencia de um bispo lutherano, cuja diocese abrange todas as ilhas e colonias, e de um tribunal de appellação, a cujo districto pertencem os mesmos territorios que á diocese. É uma das mais bellas capitaes da Europa, por sua excellente situação, pela regularidade de suas ruas, formosura de suas praças e grande numero de bons edificios. A parte mais pequena, situada na ilha de Amak, chama-se *Christianshavn*; todo o resto tem o nome de *Kjobenhavn*; o uso além d'isso distingue n'esta ultima a *cidade velha* da *cidade nova*, chamando-se esta *Friderikstadt* nos papeis officiaes, e sendo realmente magnifica. Além de ruas sumptuosas, distinguem-se entre as praças de Copenhague a *Kongers Nytorv*, com a estatua de Christiano V; *Amalienborg*, com a estatua equestre de Frederico V; *Gammeltorv*, com uma formosa fonte; e *Amagertorv*. Entre o grande numero de edificios d'esta metropole apontaremos: o *palacio de Christianborg*, destinado para habitação da familia real, com uma excellente galeria de paineis e a bibliotheca do rei; o *Amalienborg*, outra residencia real composta de quatro palacios, que formam a praça assim chamada; o palacio real de *Rosenborg*, edificio gothico, onde se conservam muitos objectos curiosos, e a collecção numismatica, uma das mais ricas da Europa; o *palacio do Principe; Charlottenborg*, tambem palacio real, com um dos jardins botanicos mais ricos da Europa. Seguem-se depois os edificios da *universidade*; a *casa da camara*; o *palacio do principe Frederico-Fernando*; o *palacio do Correio*: o *theatro*, a *bolsa*, os *hospitaes geral* e *militar*, o *quartel de infanteria*, o *da marinha*, e varios palacios particulares. As igrejas de *Nossa Senhora*, a do *Salvador*, a da *Trindade*, cujo formoso zimborio contém a bibliotheca da universidade e o grande globo de Tycho-Brahe, e cuja torre, a que se póde subir em carruagem, serve de observatorio; a igreja da *guarnição*, e a *capella de Christiansborg*.

«Copenhague distingue-se entre as outras capitaes da Europa em estabelecimentos publicos, dos quaes apontaremos: a *universidade*, uma das mais bem dotadas e florescentes da Europa; a *escóla polytechnica*; a *escóla metropolitana*; a *escóla militar da marinha*; o *instituto real de gymnastica*; a *academia de cirurgia*, e *escóla veterinaria*; a *escóla das altas sciencias militares*. As bibliothecas do *rei*, da *universidade*, de *Classen*, e a particular do *rei*, com uma das mais ricas collecções de cartas geographicas, que se conhecem; a *galeria de pinturas*; o *museu de historia natural*, o de *antiguidades do Norte*, o *das artes*, que é uma collecção magnifica; o *medalheiro de Rosenborg*, o *museu de esculptura de Charlottenborg*; o *gabinete mineralogico*, e *museu de antiguidades romanas e etruscas* do principe Christiano-Frederico.

«Entre muitas sociedades todas destinadas ao augmento das sciencias e da historia e antiguidades nacionaes, apontaremos a *sociedade litteraria islandeza* para a conservação, na Islandia, da antiga lingua dos paizes do Norte, que alli se falla quasi sem alteração; esta sociedade está dividida em duas secções, uma residente em Copenhague, e outra em Reikevig, capital da Islandia.

«Grandes obras tem augmentado a importancia das fortificações d'esta capital; as mais notaveis são a *cidadella de Frederiksharn*, e o forte separado a que chamam *Trekroner* (as Tres Corôas), construido na entrada do porto sobre um banco de areia a 1.600 toesas da cidade; é uma obra de primeira ordem. Os estabelecimentos para a marinha militar são muito importantes e bem imaginados, sobre tudo o porto para as naus de guerra, junto ao qual ficam os estaleiros, officinas e arsenaes nas ilhas e peninsulas chamadas *Nyholm* e *Gammelholm*, bem como a caldeira destinada para se concertarem os navios de guerra em *Christianshavn*.

«Os arredores de Copenhague são mui povoados, ferteis, amenos e bem cultivados; n'elles ha muitas manu-

facturas, cujas officinas não são admittidas na cidade, e muito perto d'esta o bello palacio real de *Frederiksberg*, onde o rei passa a maior parte do verão, e cujos jardins servem de passeio publico.

«Em circulo, cujo raio seja de 13 leguas em torno d'esta capital, encontram-se muitas povoações e sitios notaveis, de entre os quaes apontaremos: ROSKILDE, pequena cidade de 1.200 almas, notavel por sua *cathedral*, que passa pelo melhor monumento dos godos em Dinamarca. É onde se sepultam os reis, e esta cidade fôra capital do reino desde o X até metade do XV seculo. Seu bispado se transferiu para Copenhague. Perto fica a aldeia de *Leire*, onde residiram os reis desde o principio da monarchia até ao decimo seculo. FREDERIKSBORG, palacio real onde são coroados os reis e que tem uma excellente galeria de retratos historicos. HILLEROD, pequena, mas importante por seu *lyceu* e *caudelaria real*; JÆGERPRIIS, pelo estabelecimento real de creação de gado lanigero, e por seu palacio em outro tempo habitado pelos reis; HELSINGOR, com 7.000 almas, sobre o Sunda, tem um *lyceu* e um porto artificial, que é, por assim dizer, a estrada real do Baltico para o mar do Norte e *vice-versa*, e para ir da Suecia para Dinamarca e de Dinamarca para a Suecia, o que faz esta cidade muito commerciante. Perto fica a fortaleza de *Kronborg*, que só foi tomada uma vez e por traição. HAMMERMOLLEN, aldeia de 1.000 almas com grande fabrica de algodão e manufactura de armas; FREDERIKSVÆRK, outra aldeia de 1.600 almas, com fundição de artilheria, manufactura de armas e outras fabricas. SORÖ, cidade de 1.000 almas com o seu estabelecimento modêlo de agricultura, sua *academia*, especie de pequena universidade, *lyceu*, *bibliotheca*, *gabinete de physica*, etc. NESTVED, com 2.000 almas, importante pelo canal, que alli vai ter. Perto fica *Herlufsholm*, excellente palacio, com um lyceu, e bibliotheca muito consideravel. Todos estes lugares ficam na Seelandia.

«N'este mesmo circulo estão situadas, do outro lado do Sunda na Suecia: MALMO, LUND, HELSINGBORG, e outras cidades.

«ALTONA, no Holstein, na margem direita do Ebro, tão perto de Hamburgo, que só estão separadas pela collina chamada *Hamburgerberg*. É a segunda cidade do reino em commercio, industria e população, que é de mais de 27.000 almas. Tem grandes privilegios e o de porto franco. O *gymnasio academico*, a *escóla do commercio*, a *bibliotheca*, e outros estabelecimentos, com seus estaleiros para construcção de navios mercantes, e casa da moeda augmentam sua importancia.

«Das outras cidades todas pequenas, mas todas commerciantes, apontaremos por principaes:

«Na *Dinamarca*, propriamente dita: ODENSE, cidade episcopal de 7.000 almas, na ilha Fyen ou Fionia, séde da *sociedade litteraria de Fionia*, com excellente *cathedral*, *lyceu* e *duas bibliothecas*. AARHUUS, no Jutland septentrional, cidade episcopal, muito commerciante, com 8.000 almas, bons estabelecimentos e um porto novo. AALBORG, cidade episcopal de 9.000 almas, importante por seu commercio e pescaria de arenques; tem, entre outras, uma escóla de navegação. VIBORG, cidade episcopal de 3.000 almas, muito antiga, e séde do tribunal de appellação do Jutland septentrional. RIDE, cidade episcopal de 3.000 almas, notavel por sua cathedral e mais ainda por seu commercio com Hollanda.

«No *Jutland meridional* ou *ducado de Schleswig* ficam: FLENSBORG, cidade de 16.000 almas, sob um golfo do Baltico, com bom e frequentado porto, e a mais commerciante, e industriosa do Jutland; as fabricas de telas dão o mais consideravel alimento a sua importação. SCHLESWIG, cidade episcopal de 8.000 almas, industriosa e commerciante, séde do collegio administrativo e judiciario do que dependem os baliados e districtos do Jutland meridional. O governador dos dous ducados reside no pa-

lacio de *Gottorp*, que está proximo. TONNINGEN, de 1.000 almas, com bom commercio, favorecido por seu porto e pelo canal, que vai ter a Rendsburgo.

«No *Holstein* ficam: GLUSTADT, na margem direita do Elba, com 5.000 almas, porto franco, e o collegio administrativo e judiciario do Holstein. RENDSBURGO, sobre o Eyder, com excellente arsenal, 8.000 almas, muito importante por suas fortificações e pelo canal, que une o Baltico ao mar do Norte. KIEL, com mais de 8.000 almas, sobre um golfo do Baltico, a que vai ter o canal de Schleswig-Holstein. É a segunda cidade do reino no sentido litterario, por sua *universidade* e dependencias d'esta. Tem palacio real, banhos de mar muito bons; e d'alli partem os paquetes para Copenhague e Hamburgo.

«No *ducado de Lauenburgo* ficam: RATZEBURGO, de 2.000 almas, com as authoridades superiores do ducado. LAUENBURGO, com 3.000 almas, notavel pelo tributo, que se cobra de todos os navios, que navegam do Elba.» (Balbi, *Geographia universal*).

DIOCLECIANO. (Veja SIMPLICIDADE).

DIOGENES (Seculo IV antes de Jesus Christo). — Nasceu em Sinope, cidade da Asia Menor, foi expulso da patria com seu pai como moedeiro falso, e acolheu-se em annos verdes a Athenas onde estudou philosophia com Antisthenes, discipulo de Socrates. A força de querer prégar moral com o exemplo, e publicar suas acções, viveu vida de praça e encruzilhadas, de parçaria com cães, d'onde lhe coube o justo cognome de cynico (*kynos*, cão); e o certo é que elle manchou as doutrinas de Socrates rojando-as pelos lodaçaes de Athenas. Tentou incutir o desprezo das riquezas, deixando-se resvalar a pobreza mais para nausea que para respeito, tanto que não se pejava de estender a mão de mendigo. Tentou exemplificar independencia, vagamundeando torpemente, sem lar, dormindo onde lhe chegava o somno. A sua residencia predilecta era uma cuba á porta do templo de Cybele. — Todo o seu haver foi um alforge com alimento e alguns livros, e cajado e o manto, com que de dia se vestia e de noite se agasalhava. Ao principio trazia uma escudela; mas quebrou-a, como traste superfluo, quando viu um rapaz a beber no concavo das mãos. — Uma vez, esforçava-se elle por entrar no theatro quando toda a gente sahia. Perguntaram-lhe porque ia elle ao arrepio de todos os mais: «É porque é este o meu programma de toda a vida.» Perguntaram-lhe em que idade era mais razoavel o casamento: «Quando um homem está moço, é cedo; quando está velho, é tarde.» Desprezava entranhadamente o genero humano, como se vê n'aquelle caso d'elle andar procurando de dia, com uma lanterna accesa, um homem. — Zeno quiz um dia provar-lhe que o movimento era impossivel; e vai Diogenes entrou a passear diante d'elle: «que estás tu a fazer? — perguntou Zeno. — Refuto os teus argumentos — respondeu Diogenes. — Platão definira o homem um animal bipede sem pennas; e então Diogenes pegou de um gallo depennado e atirou-o ao meio da sua escóla, exclamando: «ahi está o homem de Platão, meus amigos!» — Pediu um dia a um rapaz prodigo certa quantia emprestada: «porque me pedes tanto, se é teu costume pedir aos outros um obolo? — É, respondeu Diogenes, porque espero que os outros me hão de dar mais vezes, em quanto tu é cousa duvidosa que me possas soccorrer segunda vez.» — Entrando em um banho cuja agua estava suja, banhou-se e perguntou depois onde é que havia de ir lavar-se. — Como o vissem uma vez pedir esmola a uma estatua, perguntaram-lhe se estava doudo. — Faço isto, respondeu elle, para me ir affazendo a não receber nada. — Um homem de má fama fizera collocar na padieira da porta este letreiro: «por aqui não entra cousa má.» — E então perguntou Diogenes: «e o dono da casa por onde diabo ha de entrar?».

2. No termo da vida passava Diogenes o inverno em Athenas, e o estio em Corintho. N'esta ultima cidade teve Alexandre com o philosopho aquelle celebrado encontro em que, depois de lhe haver admirado a original conversação, lhe consentiu que pedisse á sua vontade. Respondeu Diogenes: «Peço-te que te desvies d'esse lado porque me tiras o sol.» Tinha Diogenes elevado espirito; e por vaidade, e não por hypocrisia enxovalhou o personagem de philosopho. Muitas acções e palavras suas, que a historia conserva, provam que elle amou conscienciosamente a virtude; e que, se não houvesse gozado merecida estima, não teria o rei de Macedonia dito: «Se eu não fosse Alexandre, quizera ser Diogenes». Contribuiram muito os seus costumes e agudezas para a celebridade que alcançou. Maximas cheias de bom senso e verdadeira philosophia lhe sahiam a flux dos labios, taes como estas: «Entre o sabio e seus amigos tudo é commum; que elle em meio dos seus amigos é como o bemfeitor no centro dos seus protegidos. — Sociedade sem lei não na ha; mas, se as leis são más, é mais desgraçado o homem na sociedade que no ermo. — A gloria é um manjar da sandice, a nobreza é a mascara. — Triumphar um homem de si, é tocar a extrema da philosophia. — É mister resistir á fortuna com o desprezo, á lei com a natureza, ás paixões com a razão.»

Quando demorava em Corintho, Diogenes estava quasi sempre no Cranion, gymnasio convisinho d'aquella cidade, onde iam os que lhe saboreavam as palestras. N'este lugar foi achado morto aos noventa annos de idade. Enterraram-no á porta de Corintho, na estrada que leva ao Cranion, e pozeram-lhe sobre a campa um cão de marmore de Paros.

DISCIPLINA (do latim *discere*, aprender) significa em geral a instrucção que se transmitte, regra de vida que se applica, quer a uma profissão, quer a uma associação qualquer religiosa, academica, maritima, judiciaria, etc. Na accepção de ensino, entende-se por disciplina tudo que pertence á vigilancia dos alumnos, á distribuição de exercicios, sahidas, passeios, castigos. Sob o antigo methodo, a disciplina dos collegios, em verdade era severa; mas até certo ponto tinha o que quer que fosse paternal, porque, deixada á discrição do prefeito, podia dobrar-se consoante a indole de tal ou tal escolar. Havia castigos que o espirito do seculo actual com razão reprova, porque eram humilhantes: taes eram chibatadas e outros castigos corporaes de que certos mestres abusavam horrivelmente. Hoje em dia a disciplina dos lyceus e collegios está sobordinada a regulamentos geraes que não podem ser transgredidos pelos directores. As prisões, retenções, com encargos de tarefa, a privação da sahida, o pão e agua por alimento, os themas copiados ou decorados, taes são pouco mais ou menos os castigos; de modo que a chibata, a palmatoria, o estar de joelhos, as orelhas de burro foram excluidas do codigo penitenciario dos nossos collegios. Se a disciplina actual é mais ao humano que os velhos regimentos, ainda falta applical-a paternalmente e não com rigor que resabe a disciplina militar. Os directores de collegio não podem dispensar-se de ter com seus discipulos, mestres e até com as familias, um trato brando, equitativo, e paternal. — Predicados unicos para disporem o coração a benevolentes affectos, e gravar no animo convicções de ordem e verdadeira subordinação.

2. «O governo tem immensos arsenaes e numeroso exercito; comtudo não os emprega para se fazer obedecer. Vai um dos seus agentes pedir-vos o pagamento de um imposto: não leva armas nem tropa; apresenta-se com polidez e urbanidade. Entretanto sabido é que se recusaes pagar, a força publica será contra vós com a sua poderosa energia. Esta deve ser a indole de todo o governo, e o systema por que deve dirigir-se o proceder do mestre. Seja dôce e polido; não assuma aspecto de carrancuda authoridade,

mas sim de bem-querente persuasão. Não obstante deve conservar dominio capaz de sustentar, se preciso fôr, a sua authoridade, quando não difficilmente logrará captar a estima dos discipulos. E a razão é clara; que o homem incapaz de exercer o direito de plena direcção dos seus alumnos perde o tempo, e afadiga-se debalde em esquadrinhar meios de estabelecer uma soffrivel disciplina; além d'isto, quem se expõe a ser contestado ou insultado na sua authoridade perde a influencia moral, pelos desastrosos effeitos de inevitaveis impaciencias. Quem quizer ser bom para as crianças, deve ter espirito sereno e saber-se dominar; sobre tudo quando a questão é não só enriquecer intelligencias mas formar indoles.» (Veja esta palavra). (Abbot, arcebispo de Cantorbery, 1562-1633). — «Faça o mestre todos os esforços para estabelecer na escóla bom espirito, capaz de reagir a tudo que tenda a perturbar a ordem e tranquillidade. Inspire aos alumnos sincero desejo de attingir o alvo de seus estudos, e precate-os contra os maus effeitos da indocilidade e da preguiça que lhes tolhe a carreira.» (Voodbridg). — Não ha disciplina possivel com maus mestres. Quem mal ensina, e diz as cousas de modo que os discipulos as não percebem, obscura e defeituosamente, provoca o espirito de insubordinação que nenhum castigo vingará reprimir.

3. *Regras disciplinares.* 1. Convencei os alumnos de que vos são presados, e n'esse sentido *presai-os*, mostrando-lhes affecto util. 2. Não deis ordem, sem a resolução de a fazer cumprir. 3. Gerai e nutri no animo dos meninos sentimento geral de amor á ordem e ao bem. 4. Sêde fiel ao traçado do vosso proceder. 5. Regulai as cousas de fórma que o menino esteja sempre utilmente entretido, sem curar de motivos que o dispensem. 6. Sêde justos, nada exijaes em vosso nome; prescrevei obrigações em nome da ordem, da lei e do regulamento. 7. Na escóla, como na sociedade, é melhor *prevenir* que *castigar*. 8. Bons methodos, boas lições, e acima de tudo delicadas maneiras do professor, são o fundamento da melhor disciplina. 9. Exercei boas regras disciplinares, com os castigos graduados pelas culpas. (Veja REGULAMENTO, CASTIGOS, RECOMPENSAS, CLASSIFICAÇÃO).

DISTILLAÇÃO. (Veja TRANSFORMAÇÃO).

DIVISÃO. Pretende-se ensinar pela primeira vez aos meninos a operação da divisão. Chama-se-lhes a attenção para a partilha dos bens, de uma certa quantidade de hectolitros de trigo, etc. Reparte-se um certo numero de grãos ou de lapis entre sete ou oito meninos; e diz-se-lhes que o numero repartido denomina-se *dividendo*, o que exprime quantas partes iguaes se hão de formar, *divisor*, e o que se procura *quociente* (do latim *quoties*, quantas vezes).

Depois de ter feito a repartição material, far-se-lhes-ha comprehender que o resultado póde ser obtido por meio da taboada da multiplicação procurando o numero que, multiplicado pelo divisor, dá o dividendo.

Sejam 48 maçãs a repartir entre 8 meninos; a parte de cada um repetida 8 vezes deve dar 48; ora, como 8 vezes 6 é igual a 48, cada menino terá 8 maçãs.—Tomai depois uma maçã, cortai-a em duas partes iguaes, em quatro, em oito, etc., e dizei-lhes que cada parte se denomina um *meio*, um *quarto*, um *oitavo*, etc. Postas estas explicações, dareis aos alumnos os exercicios seguintes de divisão *oral:*

1.º Quadro

Qual é o $\frac{1}{2}$ de (met.)	Qual é o $\frac{1}{3}$ de (fr.)
4	9
6	12
8	15
10	18
12	21
14	24
16	27
18	30
20	

2.º Quadro

Qual é o $\frac{1}{4}$ de (lit.)	Qual é o $\frac{1}{5}$ de (fr.)
4	5
8	10
12	15
16	20
20	25
24	30
28	35
32	40
36	45
40	50

3.º Quadro

Qual é o $\frac{1}{6}$ de (dec.)	Qual é o $\frac{1}{7}$ de
6	7
12	14
18	21
24	28
30	35
36	42
42	49
48	56
54	63
60	70

4.º Quadro

Qual é o $\frac{1}{8}$ de (gram.)	Qual é o $\frac{1}{9}$ de
8	9
16	18
24	27
32	36
40	45
48	54
56	63
64	72
72	81
80	90

RECAPITULAÇÃO

Quantas vezes:

4 metros quadrados	contem	2 metros quadrados?	
9	—	—	3
16	—	—	4
25	—	—	5
36	—	—	6
47	—	—	7
64	—	—	8
81	—	—	9

Quantas vezes:

12	m. q.	contem	2, 3, 4, 5, 6, m. q.?
23	—	—	2, 3, 5, 6,
34	—	—	4, 5, 6,
45	—	—	5, 6, 7,
56	—	—	6, 7, 8,
67	—	—	7, 8, 9,
78	—	—	8, 9,
89	—	—	9,
92	—	—	9.

Nos quatro quadros, as questões apresentam-se seguindo a ordem da taboada da multiplicação, o que facilita aos alumnos prompta resposta. Assim para acharem, por exemplo, o $^1/_2$ de 4, 6 ou 8, etc., basta recordarem-se que, pela taboada da multiplicação, 2 vezes 2 fazem 4, 2 vezes 4 fazem 8, etc.; e d'este modo determinam immediatamente o numero procurado. — Depois dos alumnos estarem sufficientemente exercitados em responder a estas questões seguindo a ordem indicada, repetir-se-hão estas mesmas questões invertendo a sua ordem de differentes modos. Por exemplo: Qual é o $^1/_3$ de 9, de 15, de 24, de 30? $^1/_4$ de 12, de 40, de 24, etc.? — O quadro de recapitulação offerece uma alteração na fórma das questões, mas a solução não differe da dos primeiros. Este quadro prepara os alumnos para a divisão escripta. Finalmente, para que estas questões correspondam a problemas praticos, serão feitos sobre numeros *concretos*; isto é: tomar-se-ha o $^1/_2$, o $^1/_3$, o $^1/_4$, etc., d'uma certa quantidade de francos, de metros, de litros, de grammas, etc.

2. Antes de passar á divisão escripta, observe-se que a divisão póde ser proposta de dous modos differentes:

1.º Determinar o numero d'objectos que deve conter cada um dos grupos iguaes em que se decompõe o dividendo, conhecido o numero dos grupos. Por exemplo: repartir em partes iguaes uma quantia entre varias pessoas; achar o preço de um carneiro, sabendo que 8 valem 24$000 reis. Evidentemente o preço de cada um é o $^1/_8$ de 24$000 réis, isto é:

$$\frac{24\$000}{8} = 3\$000 \text{ réis};$$

2.º Determinar o numero de grupos iguaes em que se póde decompôr o dividendo, conhecido o numero d'objectos que fórma cada grupo. É a este segundo aspecto da divisão que a palavra *quociente* etymologicamente corresponde. Por exemplo: achar quantas vezes uma superficie dada contem a superficie de um tijolo, d'um rolo de papel, de um metro quadrado, etc.; achar o numero de carneiros que importaram em 24$000 reis, sabendo que um carneiro custou 3$000 rs. Evidentemente tantas vezes 3$000 se contem em 24$000 reis, quantos os carneiros comprados por esta somma; ou, por outras palavras, o numero de carneiros multiplicado por 3$000 reis deve produzir 24$000 reis; e portanto o numero que se busca deve ser tal que multiplicado por 3000 dê o producto de 24000.

Estes dous modos de encarar a divisão podem ser comprehendidos n'uma unica definição d'esta operação, a saber: A divisão é a operação que tem por fim *determinar um dos factores de um producto de dous factores, sendo dado esse producto e o outro factor;* definição applicavel ao caso do quociente ser fraccionario, e ao caso dos dous *termos da divisão* (dividendo e divisor) serem numeros fraccionarios, ordinarios ou decimaes.

Eis o que respeita a *applicação* ou uso; vejamos em quanto á *execução.* A operação decompõe-se em tres casos bem graduados. — *1.º caso.* Toma-se para dividendo um numero qualquer e para divisor um numero de *um só algarismo*, de modo que a divisão seja exacta. Faz-se, para isso, a multiplicação d'um numero qualquer por um algarismo. (Veja FORMULAS). Sejam 2652 contos de reis a dividir por tres herdeiros. Dividem-se as centenas por meio da taboada: cada um terá 8, porque $3 \times 8 = 24$; depois as dezenas, cujo numero é 25, o que o menino vê com clareza, tendo baixado o algarismo 5: cada um terá 8, pois que $3 \times 8 = 24$: finalmente, dividem-se as unidades, cujo numero é 12: cada uma terá 4, pois que $3 \times 4 = 12$. Logo cada herdeiro terá 8 centenas, 8 dezenas e 4 unidades ou 884 contos de reis. Feita a operação, faz-se notar que na pratica: 1.º deve tomar-se na esquerda do dividendo o menor numero de algarismos necessarios para conter o divisor; 2.º depois de feito isto, póde-se de antemão determinar o numero d'algarismos do quociente; 3.º cada algarismo se determina por meio da taboada. — *2.º caso.* Passa-se em seguida ao caso em que o quociente tem *um só algarismo*, pois que a divisão de dous numeros quaesquer póde sempre decompôr-se em muitas operações n'este caso de quociente simples. Sejam 3248 pães a repartir por 812 pobres. Primeiramente, põem-se em pratica as tres observações do caso antecedente, procedendo por interrogações; e depois de ter tomado na esquerda do dividendo algarismos bastantes que formem o menor numero que contenha o divisor, reconhece-se então que o quociente só terá um algarismo, visto que todos os algarismos do dividendo se empregaram para formar o dito numero. Trata-se agora de determinar esse algarismo. Observe-se que o producto do algarismo quociente, cujo valor é incognito, pelo divisor deve igualar o dividendo; e que o producto d'esse algarismo por o das centenas do divisor deve conter-se nas centenas do dividendo: d'onde resulta que, para determinar este algarismo, basta saber por que numero se deve multiplicar as centenas do divisor para obter as do dividendo, o

que se consegue, como precedentemente, por meio da taboada. D'aqui resulta esta regra: *Para determinar o algarismo do quociente, basta tomar na esquerda do dividendo os algarismos necessarios para formar o menor numero que contenha o primeiro algarismo da esquerda do divisor, e buscar quantas vezes este algarismo é contido na parte separada no dividendo.* — *3.º caso.* Depois de varios exercicios sobre o caso precedente, passa-se ao caso geral: a divisão de dous numeros quaesquer; o qual se reduz ao segundo. Sejam 897:574 pães a repartir por 432 pobres. Procedendo sempre por interrogações, separam-se na esquerda do dividendo os algarismos necessarios para formar o menor numero que contenha o divisor; vê-se então que o quociente será formado de quatro algarismos, a saber: a parte separada 897 dará o algarismo das unidades de mil; os tres algarismos restantes do dividendo, os quaes se baixam successivamente, darão os outros tres algarismos do quociente; determina-se o valor de cada algarismo pela regra precedente. — Para que as difficuldades se vão vencendo gradualmente e que se obtenham resultados satisfatorios. serão feitas por escripto as subtracções nos tres casos de divisão. Mais tarde, far-se-hão mentalmente com o fim de tornar mais expedito o processo da operação; mas a experiencia tem provado que o primeiro methodo, que certos professores denominam *antigo*, tem, relativamente ao outro, a vantagem de ser mais facilmente praticado pelos alumnos e gravar-se mais profundamente na memoria. Esta observação diz respeito aos meninos que abandonam a escóla na idade de dez ou doze annos. Disponham-se as operações como nos exemplos seguintes:

```
2652 |3          3248 |812
24    884        3248  4
«25              «000
 24
 «12  (1.º caso)   (2.º caso)
  12
  ««
```

(3.º caso)

```
897574 |432        897574 |432
864     2077        3357   2077
 «3357              3334
  3024               310
  «310
```

No terceiro caso, não deve esquecer de notar o *resto*, ou seja para fazer a *prova* da divisão, ou seja para achar um quociente mais approximado, continuando a divisão até ás centesimas, millesimas, etc. (Para os exercicios de divisão, veja FORMULAS).

3. A divisão dos numeros decimaes offerece dous casos, conforme é inteiro ou decimal o divisor. *Primeiro caso.* Para dividir um numero decimal por um numero inteiro, opera-se como se o dividendo fosse inteiro, isto é, abstrahe-se da virgula; separam-se depois na direita do quociente por uma virgula tantos algarismos decimaes quantos o dividendo contem. É facil de comprehender a razão da regra: cada algarismo decimal que se baixa no dividendo determina no quociente um algarismo que exprime unidades da mesma ordem decimal; portanto se o dividendo exprime millesimas, por exemplo, o quociente exprimirá tambem millesimas, e será pois necessario separar no quociente um numero de algarismos decimaes igual ao que tem o dividendo. *Segundo caso.* Para dividir dous numeros decimaes um pelo outro, transformam-se de modo que contenham o mesmo numero de decimaes; e depois opera-se como se fossem inteiros, isto é, abstrahe-se da virgula. É facil de comprehender que 0,60 a dividir por 0,2 é o mesmo que 0,60 a dividir por 0,20, pois que um zero escripto á direita do ultimo algarismo decimal não altera o valor do numero; ora, 60 unidades divididas por 20 unidades dão o mesmo quociente que 60 centesimas a dividir por 20 centesimas. Assim a divisão de dous numeros decimaes cujo numero de decimaes é o mesmo, reduz-se á divisão de numeros inteiros. — Na divisão das fracções

ha tres casos a examinar, a saber: 1.º uma fracção a dividir por um numero inteiro; 2.º um numero inteiro por uma fracção; 3.º uma fracção por outra fracção. Para o primeiro caso, veja FRACÇÃO. — *2.º caso.* Para dividir um numero inteiro por uma fracção, multiplica-se o inteiro pela fracção divisor *invertida*. Por exemplo:

$$3 : \frac{4}{5} = 3 \times \frac{5}{4} = \frac{15}{4} = 3 + \frac{3}{4}$$

Com effeito, o quociente multiplicado pelo divisor $^4/_5$ deve reproduzir o dividendo 3: ora, multiplicar por $^4/_5$ é tomar os $^4/_5$; portanto, os $^4/_5$ do quociente $=3$; logo, $^1/_5$ do quociente $=^1/_4$ de 3 ou $^3/_4$, e $^5/_5$ do quociente ou todo o quociente — 5 vezes $^3/_4$ ou $^{15}/_4$. — *3.º caso.* Para dividir uma por outra duas fracções, multiplica-se a fracção dividendo pela fracção divisor invertida. Por exemplo:

$$\frac{4}{9} : \frac{5}{6} = \frac{4}{9} \times \frac{6}{5} = \frac{4 \times 6}{9 \times 5} =$$

$$\frac{24}{45} = \frac{8}{15}$$

Segue-se na demonstração o raciocinio do caso precedente. Observe-se que se o divisor é uma fracção menor que a unidade, o quociente é maior que o dividendo. (Veja FORMULAS).

4. A *divisão algebrica* funda-se em quatro regras relativas aos signaes, aos coefficientes, ás letras e expoentes, e que correspondem ás da multiplicação das quaes são consequencias immediatas. Considerando em primeiro lugar a divisão dos monomios, por exemplo: $-15\,a^5 b^2 c : 5\,a^2 b$, vê-se que o quociente $-3\,a^3 b\,c$ se obtem immediatamente pela applicação das quatro regras, a saber: 1.º o quociente de dous termos é positivo ou negativo, conforme estes termos teem o mesmo signal ou signal contrario; 2.º o coefficiente d'um quociente é igual ao quociente do coefficiente do dividendo pelo divisor; 3.º quando a mesma letra entra no dividendo e divisor, deve achar-se no quociente com um expoente igual á differença dos expoentes no dividendo e divisor; 4.º as letras que entram sómente no dividendo, escrevem-se no quociente sem mudança no expoente. Observe-se que se o divisor contem letras que não entram no dividendo, a divisão só póde ser *indicada* e não effectuada; e que o mesmo acontece quando uma letra entra no dividendo e divisor, mas está affectada de expoente maior n'este ultimo termo. Quando uma mesma letra entra com o mesmo expoente no dividendo e divisor desapparece no quociente sem deixar vestigio; por exemplo: $6\,a^2 b^3 : 2\,a^2 b = 3\,b^2$. — A divisão dos polynomios funda-se no principio seguinte: Quando dous polymonios estão ordenados em relação a uma letra, o producto d'elles contem, pelo menos, dous termos irreductiveis que são: o primeiro e o ultimo do producto ordenado. Portanto o primeiro termo d'um producto ordenado, é o producto dos primeiros termos do multiplicando e multiplicador, ordenados em relação á mesma letra. D'aqui se conclue a regra seguinte:

Seja a dividir: $6\,x^4 + 8\,x^2 + 7\,x - 13\,x^3 - 20$ por $2\,x^2 + 4 - 3\,x$.

$$\begin{array}{r|l}
6\,x^4 - 13\,x^3 + 8\,x^2 + 7\,x - 20 & 2\,x^2 - 3\,x + 4 \\
-6\,x^4 + 9\,x^3 - 12\,x^2 \quad\quad\quad\quad & 3\,x^2 - 2\,x - 5 \\
\hline
-4\,x^3 - 4\,x^2 + 7\,x - 20 & \\
+4\,x^3 - 6\,x^2 + 8\,x \quad\quad & \\
\hline
-10\,x^2 - 15\,x - 20 & \\
+10\,x^2 - 15\,x + 20 & \\
\hline
0 &
\end{array}$$

Ordenam-se primeiro o dividendo e divisor; depois divide-se o primeiro termo do dividendo $6x^4$, pelo primeiro termo do divisor, $2x^2$; obtem-se $3x^2$, que é o primeiro termo do quociente; multiplica-se o divisor por este termo $3x^2$, e subtrahe-se o resultado do dividendo, para o que se escreve por baixo do dividendo com os signaes mudados (veja SUBTRACÇÃO), $-6x^4+9x^3-12x^2$; o resto $-4x^3-4x^2+7x-20$ fica naturalmente ordenado, e divide-se o seu primeiro termo $-4x^3$ por $2x^2$: obtem-se o segundo do quociente, $2x$, etc. Operava-se do mesmo modo se os polynomios propostos em vez de terem uma só letra, tivessem muitas letras.

DIVISIBILIDADE. 1. É a propriedade que tem os numeros inteiros de se poder fazer sem resto a divisão d'elles por certos numeros. Esta propriedade deriva de os numeros inteiros serem gerados pela multiplicação d'outros numeros. Se um numero inteiro não admitte outros divisores senão a si mesmo ou a unidade, é *primo*, denominação que lhe vem de serem todos os outros numeros decomponiveis em factores d'esta especie. Dous ou mais numeros que não admittem em commum outros divisores senão a unidade, são *primos entre si*. A theoria dos numeros primos, na sua applicação elementar, tem por fim simplificar os calculos numericos, e facilitar as demonstrações de algumas propriedades dos numeros. A parte elementar d'esta theoria comprehende os theoremas seguintes: — Todo o numero admitte um divisor primo. — Dous numeros, que não são primos entre si, teem um divisor primo commum. — Um numero é primo, quando não é divisivel por nenhum dos numeros primos, cujos quadrados são menores que elle. — Todo o numero é decomponivel em factores primos. — Todo o numero, que divide um producto de dous factores, inteiros, e que é primo com um d'elles, divide o outro. — Todo o numero primo, que divide um producto de factores, divide pelo menos um dos factores. — Um numero primo, que divide um producto de factores primos, é igual a um d'elles. — Todo o numero primo, que divide a potencia de um numero, divide esse numero. — Se dous numeros são primos entre si, as suas potencias quaesquer gozam tambem da mesma propriedade. — Um numero, que é primo com todos os factores de um producto, é primo com o producto. — Um numero, que é primo com um producto, é primo com os factores d'elle. — Um numero admitte um só systema de decomposição em factores primos. D'aqui resulta: que esta decomposição constitue um novo systema de numeração dos numeros inteiros. — Um numero divisivel por varios outros *primos entre si dous a dous*, é divisivel pelo seu producto. — Para que dous numeros sejam divisiveis um pelo outro, é necessario e sufficiente que o dividendo contenha os factores primos do divisor, com expoentes iguaes pelo menos.

As principaes applicações d'esta theoria são: Formação de todos os divisores de um numero; composição do *menor multiplo commum* de muitos numeros; composição do *maximo divisor commum* de muitos numeros.

2. O principal fim da theoria da divisibilidade, na parte elementar da arithmetica, é a determinação das *condições de divisibilidade* dos numeros inteiros; isto é: reconhecer se um numero dado é divisivel por outro, e, geralmente, determinar o resto da divisão por uma operação mais simples que a divisão directamente applicada ao numero. Esta theoria tem por fundamento os principios seguintes: 1.º Todo o numero que divide exactamente muitos outros, divide a sua somma: todo o numero que divide outro, divide os seus multiplos. — 2.º Todo o numero que divide dous numeros, divide a sua differença. — 3.º Se dous numeros, divididos por um terceiro dão restos iguaes, a sua differença é divisivel por esse terceiro numero. Reciprocamente: Se a differença de dous numeros é divisivel por um terceiro, os dous

numeros divididos por o terceiro dão restos iguaes. Este principio póde tambem enunciar-se do modo seguinte: O resto da divisão de dous numeros não muda, quando se addiciona ao dividendo ou quando d'elle se diminue um multiplo do divisor.

Os numeros, cujas condições de divisibilidade são mais simples e mais importa conhecer, são os factores da base do systema de numeração (2 e 5), as potencias d'estes factores, e os numeros que differem da base uma unidade (9 e 11).

O resto da divisão de um numero por 2 ou por 5 é o mesmo que o resto da divisão do algarismo das suas unidades por 2 ou por 5.

Tome-se para exemplo o numero 23457. Este numero póde-se decompôr em dezenas e unidades; teremos $23450 + 7$: ora, 23450 é multiplo de 10, e, por isso, (principio 1.º) será divisivel por 2 e por 5: logo, pela segunda parte do principio 3.º, o resto da divisão do numero proposto por 2 ou por 5 é o mesmo que o resto da divisão do algarismo 7 das unidades por estes divisores. D'aqui se conclue, como caso particular, que um numero é divisivel por 2, quando o seu algarismo das unidades é *par* (o zero é considerado como algarismo par); e que é divisivel por 5, quando o algarismo das unidades é 0 ou 5.

O resto da divisão de um numero por 4 ou por 25 (2^2 ou 5^2) é o mesmo que o resto da divisão do numero expresso pelos dous algarismos da direita do numero.

Sirva para exemplo o mesmo numero 23457; decomposto em centenas e unidades dará: $23400 + 57$; ora, 23400 é multiplo de 100, e, por isso, divisivel por 4 e por 25 ($100 = 4 \times 25$); logo, pelo principio já citado, o resto da divisão do numero proposto por 4 ou por 25 é o mesmo que o resto da divisão do numero 57, formado pelos dous ultimos algarismos á direita do numero, por estes divisores. E d'aqui se conclue tambem que um numero é divisivel por 4 ou 2^2, por 25 ou 5^2, quando o numero formado pelos referidos algarismos é divisivel por 4 ou por 25.

Por processo analogo se seguiria no estudo dos divisores 8 e 125, e de todos os outros numeros que sejam potencias de 2 ou de 5.

O resto da divisão de um numero por 9 é o mesmo que o resto da divisão da somma dos seus algarismos por 9. Para demonstrar esta proposição é indispensavel observar: que a unidade seguida d'um numero qualquer de zeros exprime um numero igual a um multiplo de 9 augmentado n'uma unidade; por exemplo: $1000 = 999 + 1 = 9 \times 111 + 1$: e que um algarismo seguido d'um numero qualquer de zeros exprime um numero igual a um multiplo de 9 augmentado no valor d'esse algarismo; por exemplo:

$$7000 = 7 \times 1000 = 7 \times (\text{mult. } 9 + 1) = \text{mult. } 9 + 7.$$

Agora tome-se para exemplo o numero 73548. Este numero representa, em numeração, a somma

$$8 + 40 + 500 + 3000 + 70000.$$

Teremos:

$$\begin{aligned} 8 &= 8 \\ 40 &= \text{mult. } 9 + 4 \\ 500 &= \text{mult. } 9 + 5 \\ 3000 &= \text{mult. } 9 + 3 \\ 70000 &= \text{mult. } 9 + 7 \end{aligned}$$

Ajuntando ordenadamente estas igualdades, obteremos:

$$73548 = \text{mult. } 9 + (8 + 4 + 5 + 3 + 7),$$

pois que a somma de multiplos de 9 é, pelo 1.º principio, um multiplo de 9. Logo, os dous numeros 73548 e $(8 + 4 + 5 + 3 + 7)$ differem entre si de um multiplo de 9, e, por consequencia, divididos por 9 dão restos iguaes. A proposição fica pois demonstrada. Observe-se que, como 3 é divisor de 9, a propriedade do numero 9 pertence tambem ao numero 3.

Conclue-se, como caso particular, que um numero é divisivel por 9 ou por 3, quando a somma dos seus algarismos é divisivel por 9 ou por 3.

O resto da divisão de um numero por 11 é o mesmo que o resto da di-

visão por 11 do excesso da somma dos seus algarismos de ordem ímpar sobre a somma dos de ordem par.

Para demonstrar esta proposição é indispensavel observar: que a unidade seguida de um numero par de zeros exprime um multiplo de 11 augmentado n'uma unidade; por exemplo:

$$10000=9999+1=9900+99+1= \\ =9\times11\times100+9\times11+1= \\ \text{mult. } 11+1;$$

e que a unidade seguida de um numero ímpar de zeros exprime um multiplo de 11 diminuido n'uma unidade; por exemplo:

$$100000=99990+10=99000+ \\ 990+10=9\times11\times1000+9 \\ \times11\times10+11-1=\text{mult. } 11-1.$$

D'estes dous principios se conclue: que um algarismo seguido de um numero par de zeros exprime um multiplo de 11 augmentado no valor d'esse algarismo: $70000=7\times(\text{mult. } 11+1)=\text{mult. } 11+7$; e que um algarismo seguido de um numero ímpar de zeros exprime um multiplo de 11 diminuido no valor d'esse algarismo: $70000=7\times(\text{mult. } 11-1)=\text{mult. } 11-7$.

Posto isto, tome-se para exemplo o numero 73548, que exprime a somma $8+40+500+3000+70000$. Teremos:

$$\begin{aligned} 8 &= 8 \\ 40 &= \text{mult. } 11-4 \\ 500 &= \text{mult. } 11+5 \\ 3000 &= \text{mult. } 11-3 \\ 70000 &= \text{mult. } 11+7 \end{aligned}$$

Ajuntando ordenadamente estas igualdades, obteremos:

$$73548=\text{mult. } 11+(8-4+5-3+7) \\ =\text{mult. } 11+(8+5+7)-(4+3).$$

Logo, os numeros 73548 e $(8+5+7)-(4+3)$, que exprime o excesso da somma dos algarismos 8, 5, 7 de ordem ímpar, sobre a somma dos algarismos 4, 3 de ordem par, differem entre si de um multiplo de 11, e, por consequencia, divididos por 11 dão restos iguaes; o que demonstra a proposição enunciada. Se a somma dos algarismos de ordem ímpar é inferior á dos de ordem par, deve-se então ajuntar um multiplo sufficiente de 11, á primeira, para se poder effectuar a subtracção.

Conclue-se que um numero é divisivel por 11, quando o excesso da somma dos algarismos de ordem ímpar sobre a dos de ordem par é nulla ou divisivel por 11.

3. Para decompôr um numero em *factores primos*, divide-se pelo menor numero primo que admitte como divisor; para o que se vai ensaiando a divisão pelos numeros primos 2, 3, 5,..., por sua ordem de grandeza. Opera-se depois sobre o quociente como sobre o numero proposto, e continua-se até se obter um quociente igual á unidade.

O numero é o producto de todos os numeros primos que serviram como divisores, com expoentes formados de tantas unidades quantas as vezes que foram empregados.

Um exemplo elucidará este methodo. Seja 360 para decompôr em factores primos: este numero é divisivel por 2; o quociente é 180, e teremos $360=180\times2$. 180 é ainda divisivel por 2, e dá de quociente 90; teremos pois: $180=90\times2$, e por consequencia: $360=90\times2\times2$. O numero 90 é ainda divisivel por 2, e dá de quociente 45; teremos: $90=45\times2$, e por consequencia: $360=45\times2\times2\times2$. O numero 45 não é divisivel por 2, mas é por 3; effectuada a divisão, obtem-se para quociente 15; teremos pois: $45=15\times3$, e, por consequencia, $360=15\times3\times2\times2\times2$. O numero 15 é tambem divisivel por 3; effectuando a divisão, obtem-se para quociente 5; teremos: $15=5\times3$, e, por consequencia, $360=5\times3\times3\times2\times2\times2$. Finalmente, 5 é divisivel por 5, e dá para quociente 1; a operação está pois terminada. Esta decomposição exprime-se mais simplesmente:

$$360=2^3\times3^2\times5.$$

Dispõem-se ordinariamente os quocientes e divisores successivos em

duas columnas separadas por uma linha vertical, do modo seguinte:

360	2
180	2
90	2
45	3
15	3
5	5
1	

Depois de um numero estar decomposto em factores primos acham-se facilmente todos os seus divisores pela regra seguinte: escreve-se sobre a columna dos divisores o divisor 1, e multiplica-se este pelo factor immediato, escrevendo logo debaixo o producto obtido; formam-se depois todos os outros divisores, multiplicando os já obtidos pelo factor primo seguinte, e evitando escrever duas vezes um mesmo producto.

Exemplo. Buscar os divisores de 360. Eis o typo do calculo:

	1	1,
360	2	2,
180	2	4,
90	2	8,
45	3	3, 6, 12, 24,
15	3	9, 18, 36, 72,
5	5	5, 10, 20, 40, 15, 30, 60, 120, 45, 90, 180, 360.
1		

Quando um numero é divisivel por muitos numeros dados, denomina-se *multiplo commum* d'esses numeros: 24 é multiplo commum de 3, 4 e 6. Em particular, o menor numero que goza d'esta propriedade, denomina-se *menor multiplo commum* dos numeros dados: 12 é, para os numeros 3, 4 e 6, o menor multiplo commum, porque não ha numero menor divisivel por estes numeros.

Para achar o menor multiplo commum de muitos numeros dados, basta decompol-os em factores primos, e formar o producto de todos os factores primos differentes, cada factor com o maior expoente. Por exemplo: $360 = 2^3 \times 3^2 \times 5$, e $400 = 2^4 \times 5^2$; o menor multiplo commum d'estes dous numeros é $2^4 \times 3^2 \times 5^2 = 3600$. Uma das applicações mais importantes do menor multiplo commum, é a reducção das fracções ao menor denominador commum. (Veja FRACÇÃO).

Quando um numero divide muitos numeros dados, denomina-se *divisor commum* d'esses numeros: 2, 4, 6 e 12 são divisores communs de 60 e 36. Em particular, o maior numero que goza d'esta propriedade, denomina-se *maximo divisor commum* dos numeros dados: 12 é o maximo divisor commum dos dous numeros 60 e 36, porque não ha numero maior que divida simultaneamente estes dous numeros.

Para achar o maximo divisor commum de muitos numeros, basta decompol-os em factores primos, e formar um producto de todos os factores primos communs aos numeros dados, dando a cada factor o menor expoente. Por exemplo: $1400 = 2^3 \times 5^2 \times 7$, e $720 = 2^4 \times 3^2 \times 5$; o maximo divisor commum d'estes dous numeros é $2^3 \times 5 = 40$.

Ha outro processo de determinar o maximo divisor commum de dous numeros, sem exigir a decomposição dos numeros em factores primos, que convem conhecer. Divide-se o maior pelo menor; se não ha resto, o menor dos dous numeros é o maximo divisor commum; se ha resto, divide-se o menor por esse resto; depois o primeiro resto pelo segundo, o segundo resto pelo terceiro, e assim successivamente, até se achar um quociente exacto. O resto que divide exactamente o que o precede é o maximo divisor commum que se busca. Exemplo: Buscar o maximo divisor commum dos numeros 1400 e 720. Dispõe-se o calculo do modo seguinte:

	1	1	17	— quocientes
1400	720	680	40	— divisores
680	40	280		— restos
		0		

40 é o maximo divisor commum.

Para mais de dous numeros, procede-se do modo seguinte: dividem-se pelo menor todos os outros numeros dados; se as divisões se fazem exactamente, o menor dos numeros é o maximo divisor commum de todos; se ha restos, pelo menor d'elles se dividem todos os outros e o divisor precedente; e assim successivamente até se achar um divisor e uma serie de restos, exactamente divisiveis pelo menor d'elles; este resto é o maximo divisor commum que se busca. Exemplo. Buscar o max. d. c. de 324, 296, 180, 60, 48.

Dividem-se os quatro numeros por

48: a serie dos restos com o divisor empregado é: 36, 8, 36, 12, 48; dividem-se 48, 36, e 12 por 8: a serie dos restos com o divisor empregado é: 0, 4, 4 e 8; e em fim, divide 8 por 4; como esta divisão se faz exactamente, 4 é o max. d. c.

Uma das applicações importantes do maximo divisor commum é a reducção das fracções á sua expressão mais simples. (Veja Fracção).

DOCILIDADE, BRANDURA. «A brandura tem invencivel força quando é sincera, e sem fingimento ou disfarce; por quanto, que mal te fará o peor dos homens, se perseveras em o tratar brandamente?» (Marco Aurelio). — «A brandura, se é virtude, e não impossibilidade de energia, tem sempre razão.» (Silvio Pellico). — «A brandura de falla e modos ganha influencias irresistiveis.» (M.me de Puisieux). — «A brandura do gosto não é incompativel com o vigor da indole. Tambem a amarra flexivel resiste ao furor das ondas e resalva do naufragio.» (De Lévis).—«A brandura grangeia amizades, quebranta odios, e resahe em todo o dizer do homem honesto.» (*Eccl.*, VI, 5). — «A docilidade baseia-se na confiança e na razão. Se a criança obedecesse sempre por medo e sem reflexão, seria servil; porém, se amas teu filho e o educas com intelligencia, se lhe espias o genio, e as preoccupações, elle será comvosco de boas avenças, e, com o auxilio do amor filial, será *docil*. (Veja Desobediencia).

DODECAEDRO. (Veja Polyedros).

DOLMEN. «Os *Dolmens* (de *daul*, mesa, e *men*, pedra), ou *pedras alçadas*, pertenciam á familia das pedras adoradas, e eram enormes mesas de pedra collocadas horisontalmente sobre outras pedras cravadas na terra, em numero de tres, ordinariamente. Estes monumentos são mais communs que os precedentes. Serviam de templos e altares. Em algumas tem-se achado covas em fórma de taças, que se julga haverem servido para aparar o sangue das victimas. Mas as ossadas descobertas debaixo de muitos *Dolmens* levam muitos sabios a olhal-as como tumulos.» (*A. Pittoresco*).

DOMINGO. Não ha providencia mais caridosa, irrisoriamente fallando, que a dos philosophos politicos! Vista mais penetrante, e que mais ao longe descortine a sonhada felicidade do povo, tambem a não ha! Diga-se, sinceramente, que esta magica philosophia de nossos dias não inveja nada aos famosos prodigios da pedra philosophal!

Viram os philosophos, no estabelecimento do domingo, uma lei prejudicial aos interesses do povo.

O repouso do setimo dia fôra instituido por Deus, e respeitado pelas gerações até nós. Era necessario por tanto declarar prejudiciaes as leis de Jesus! Declararam prejudicial o domingo. Invocaram os respeitaveis direitos da humanidade para abrògarem a lei odiosa do domingo. Chegaram mesmo a abolir o legislador, para que a lei perdesse o caracter divino que lhe fizera lavrar raizes na sociedade.

Proclamaram tyranna a lei que impunha o descanço ao corpo, e lembrava ao espirito as obrigações da creatura para com Aquelle, que dera seis dias ao homem, e reservára um para si.

Proclamaram defeituosa a sabedoria de Deus, que não previra uma outra sociedade, com outras necessidades, muito diversas d'aquellas para quem a lei do descanço e do culto dominical fôra instituida.

É que os homens, authorisados na correcção do decalago, e do evangelho, profundaram com mais sciencia as necessidades humanas, e modificaram convenientemente o codigo divino, incompativel com o adiantamento das cousas e das pessoas.

Deus, dando ao homem a lei do trabalho, estabeleceu o principio fecundo dos desenvolvimentos da industria e da riqueza: mas a philosophia politica não comprehende que o homem deponha o laborioso instru-

mento, com que exerce a pesada condição da sua existencia, e levante as mãos agradecidas Áquelle, que mais imperiosa lhe fizera a obrigação de agradecer os beneficios recebidos. O philosophismo não se dá á penosa tarefa de saber se a vida futura tem alguma relação com os actos da vida presente.

É que o preceito dominical não tem em si o profundo sigillo da eternidade; e a eternidade não apresenta sensivelmente a justiça de Deus. São tudo palavras para os philosophos, e palavras que soffrem correcção com os tempos.

É falso que o repouso do domingo prejudique os interesses do *povo*. Cessem de jogar atraiçoadamente com essa palavra, por que o povo tem a consciencia do valor que lhe dão.

O homem não póde trabalhar sete dias sem repouso, quando n'esse trabalho são as forças physicas que predominam. As consequencias funestas, que provém do trabalho não interrompido, se não são immediatamente sensiveis, manifestam-se depois nas graves doenças da velhice, em que as despezas para palliar a existencia redobram os lucros, que o operario tirára da transgressão do preceito.

Um escriptor francez observou que as manufacturas das fabricas, em que o repouso do domingo era desprezado, sahiam inferiores em qualidade áquellas, que sahem de estabelecimentos onde o domingo se observa no rigor do preceito.

Como viviam os povos antes d'este prurido reformador?

Eram menos os pobres; e, com tudo, não podia ser mais austera a observancia dos domingos e dias festivos. A fé e a caridade eram então os magestosos preceitos da philosophia christã. Os homens não se afadigavam em crear sentimentos novos, que substituissem os de impressão congenial no coração da humanidade.

Em França adoptaram em algumas fabricas a segunda feira como dia de descanço. Esse dia é o da libertinagem. Não ha Deus a quem adorar, por que o dia da oração era o domingo, e esse foi abolido por uma philosophia que, no entender do artista, rigorosamente soube o que fez, por que fez o que a sciencia lhe mandou. Os ternos vinculos de familia, dôce liame, que tão jubiloso tornava o domingo do artista, quebrou-os a immoralidade do atheismo, por que — não haja pejo em dizel-o — o homem, desembaraçado de Deus, é incapaz de preencher as condições de esposo, de pai, e irmão, de amigo, e de cidadão.

«Os operarios habituados a violar as leis de Deus e da igreja — diz Puymirol — perdem a moral, consomem a segunda feira nas tabernas, nas casas de jogo e lupanares, e com o tempo consomem os lucros da semana, e sua immoralidade faz perder aos patrões o ganho, que esperavam receber do trabalho do domingo.»

Na Inglaterra, Suissa, e Estados-Unidos, tantas vezes citados como modêlos da liberdade religiosa, todos os estabelecimentos se fecham ao domingo, e seria gravemente punido qualquer negociante que exercitasse um pequeno trafico n'esse dia. O espirito imitador das franquias politicas d'essas nações cultivissimas, com que habilitações forceja tomar-lhes o passo no aniquilamento da herança de fé e respeito á divindade, que nos legaram os homens christãos, e fortes, e felizes d'esta lastimavel terra! Não basta correrem parelhas no caminho do progresso? É forçoso darmos o espectaculo de mais avançados na nossa grosseira ignorancia? Devemos ser impios forçosamente, antes de conquistarmos a gloria de civilisados?

A sociedade não póde subsistir sem religião. Destruir a sociedade é ir de encontro ao edificio religioso, derruindo-lhe os preceitos que constituem a sua observancia. A permissão legal de trabalhar ao domingo, é ministrar legalmente ao povo o veneno do desconceito das ordenações de Deus, e disciplinas ecclesiasticas. Suppondo até que certas localidades soffressem com a prohibição do trabalho no domingo, a resignação ás leis da

Providencia é a mais sublime expressão de acatamento que a humanidade presta ao seu Creador. A historia convence-nos das indemnisações temporaes, que os povos recebem sempre dos sacrificios feitos á religião.

O *progresso* é o sinete que marca o cartel da philosophia moderna em duello de morte com as instituições do passado. Falla-se em industria, em actividade, em aperfeiçoamento material, como se o genio do artista carecesse de não interromper a sua applicação para hombrear com as artes das nações visinhas.

Inglaterra, onde é ocioso lembrar o progresso industrial, as officinas fecham-se ao domingo, e os artifices entram no templo, e prostram-se reverentes diante de Deus, que lhes deram seis dias de saude para o trabalho, e um de repouso para a oração.

Caprichar em destruir, sem elemento algum para edificar, é um pessimo entretimento com as nossas agonias, é uma ironia amarga, com que a sociedade costuma punir, quando Deus a constitue instrumento de punição.

Concluimos com uns suavissimos pensamentos do snr. V. de Castilho, rescendentes de amor aos pobres que laboraram sete dias, e ao oitavo se desfadigam em ocio restaurador:

«Ha no ocio dos dias santificados o que quer que seja de tão poetico e alegre, que a todos, por mil maneiras, se dá o sentir; ainda aquelles que, por não cortados de trabalho, e trabalhos, não podem dizer que repousam em dias taes, e todos os de sua vida desaproveitam, lá participam, como podem, d'este geral e vivaz recobro de corpos e espiritos. Não sei eu como diga a leitores despoetas, e anti-poetas, certo semi-segredo de que em uma manhã de domingo o meu amigo Herculano e eu fizemos larga e curiosa pratica, sentados á sombra de cyprestes, e diante de bom sol, no cemiterio dos inglezes Concordamos entre nós, e comnosco concordaria Zimmermann, se alli fosse, que tambem a alma tinha seus trajos domingueiros, e que, em os revestindo, sahia mui outra, mais desempenada, mais leve, mais prestes, mais bem encarada e disposta, e menos descontentadiça; que não só a gente feriada lhe parecia diversa e melhor, senão que o proprio mundo material se lhe representava então, tanto ou quanto, transformado e enfeitado; e que um sol de dia santo, ainda anuviado, era mais inspirador, quasi mais claro, e, em nosso sentir, muito mais sol, que um sol descoberto d'estio em dia estrugido e lidado de misteres e occupações. Folgar só, e folgar bem, quando todos os mais andam atarefados e solicitos, não póde ser; nem tambem, quando todos folgam, deixar um só em meio d'elles de se agitar, ainda que não seja senão vagamente, para o contentamento: é mais uma prova de que nos fez e talhou Deus para a sociedade.»

DÔR. «A dôr é geral, e contínua. Reina cruelissimamente ao través das gerações e seculos. Variavel, consoante as idades, póde modificar-se, em ordem ás posições, transformar-se, segundo os individuos; mas não ha sustêl-a nem fatigal-a.

«Ao homem que pede gozos, ou, sequer, repouso, responde-se-lhe: Soffrerás e gemerás; dobrar-te-hão angustias; serás torturado de molestias; a agonia da morte ser-te-ha sobranceira. Tristezas, enfermidades, desalentos, tudo tragarás. Sempre e em tudo privações, tormentos corporaes, penar inexprimivel d'alma, dôres incomparaveis da vida. Soffrer, e, o que peor é, vêr soffrer quem amamos, sentir a improficuidade das consolações, seguir-lhe d'olhos as agonias, sentirmo-nos morrer na separação, deixando quem prezamos nas prêsas das miserias do corpo, e na peste do vicio: este é muitas vezes o destino do homem n'este mundo. No restante da creação, os objectos inanimados não soffrem; ignoram o que é lagrimas e dôres. As leis, que tão harmonicamente os regem, não são interrompidas por alguma das contingencias que ferem o homem e o obsidiam de crus tormentos. Se os

animaes, alguma vez, padecem dôres physicas, o seu passageiro soffrer d'elles, restricto ás sensações, não conhece a inquietação nem cuidado: é soffrimento sem implicancia com nenhuma outra affeição.

«Predestinação unica de soffrimento é a do homem. O rei dos seres é o mais miseravel de quantos ha; o privilegio da natureza redunda-lhe em desgraça para muitas lastimas. Impera sobre todas as creaturas, e soffre durissima escravidão. Tudo subjuga á satisfação de suas necessidades, e os impassiveis instrumentos, que usa, lhe são, no maximo das vezes, supplicio.

«Denomina-se senhor e soberano, e divide sua realeza entre as angustias do desejo, e as feridas da peleja; entre as esterilidades do triumpho e as amarguras da saudade. O supremo desgraçado, e só elle, é o que arde sequioso de felicidade. Verdadeiramente dilacerado é quem sente abrazadamente. Diz a legenda bouddhica: O homem corre agitado sobre o oceano da vida, balonçado pelos furacões da dôr, repellido no mar alto pelas quatro torrentes mortiferas: nascimento, velhice, enfermidade, e morte. Contra este exactissimo quadro, talvez opponham que a dôr é effeito proprio da natureza do homem; que lhe é util e por ventura necessaria; que o ensina a fugir perigos, e o avisa das cousas nocivas, e d'est'arte o reduz ás condições legitimas da humanidade.

«Certamente, póde ter a dôr aquella natural utilidade, se a tomamos na conta da dôr corporal, que previne obstaculos, remove estorvos penosos, e dá rebate do perigo: como providencia e prevenção, até certo ponto, poderia justificar-se a hypothese. Mas é esta o que chamamos dôr? Será isto a dôr penetrante ao mais recondito do homem, a tortura sem treguas nem intermissão? É isto aquella dôr d'alma, tão funda e pungitiva por vezes, que não remedeia nem previne, afflicção sem esperança, amargor sem doçura?

«Se a missão material da dôr apontasse ao fito de ser util á humanidade, devêra igualar-se em todos, e graduar-se pelos serviços que presta a cada qual.

«Ora, eis-aqui um homem que parece prêsa do soffrimento: está em penuria, tem mingoa absoluta de tudo. Soffre corporalmente; cortam-no enfermidades. Soffre na alma; não lhe luz em redor esperança nem allivio. A desgraça, longe de despontar seus dardos, parece aguçal-os, e multiplical-os. Nascido em desamparo, soffre desde menino; soffrerá até ao instante supremo.

«Os tormentos de que lhe serviram? Que fez elle senão padecer sem aproveitamento um supplicio que as dôres impiamente lhe infligiram?

«Eis-aqui esta mãi, que depois de ter dolorosamente dado ao mundo seus filhos, depois de se haver exhaurido no alimental-os, em premio de suas penas, colhe o infortunio, lagrimas, e angustias d'elles. De que lhe serviu lacerar-se no coração? Que proveito lhe deram o desconforto e as calamidades? E quantas dôres semelhantes n'esta vida, sem causa razoavel, sem fim manifesto, que ferem e prostram sem produzirem resultado nem desconto? O objecto d'estas dôres não é o proprio mal que ellas geram? E a vida, pelo ordinario, não é, tirante alguns lanços mais ou menos contrarios, uma loteria esteril e triste? Que razão ha para que um avergue sob a desgraça sem compensação, em quanto outros parecem felizes, e, pelo menos, o são mais do que elle? Porque teve elle quinhão de tamanha amargura, que não póde remittir nem mudar?

«E então, é sómente a morte quem responde a infortunios inconfortaveis, a martyrios espedaçadores, a tribulações tamanhas e tão desiguaes? A ultima palavra é o nada? Nasceu, pois, o homem exclusivamente para ser desgraçado? É destino d'elle o soffrer? Reduz-se assim o seu destino a trabalhar, gemer, revolver a terra penosamente, e revolvêl-a, outra vez, para se abrir uma cova? Fitar olhos no céo, que importa? Ahi não ha

consolar-se, nem esperar. Está lá um Deus que se praz de vêl-o penar; ri de suas lagrimas e desesperações; creou-o para a desgraça; e ficará contente quando o sepultar com sua dôr.

«Oh! se assim é, nós, filhos do mal physico, devemos amaldiçoar o dia em que nascemos! A odiosa natureza, de que sahimos, apenas tinha de seu os males que nos affligem. Atribulados sem razão, e sem medida, encaramos a dôr como injustiça enigmatica: deixal-a bradar contra a Providencia, deixal-a negar Deus, ou suppôl-o malvado.

«Não! Deus é bom, Deus é justo. É pai, e não algoz de suas creaturas: repugna-lhe crear desgraçados. A dôr, na creatura, que elle dotou de intelligencia, não se justifica por cego acaso, nem por vontade irracional. O homem soffre: ha uma Providencia: logo, não soffre em vão. A dôr tem causa e fim. Porém, como na terra se lhe não vê o fim, nem lhe podemos adaptar motivo presente e humano, quando ella excede nossas forças, só poderemos encontrar-lhe explicação n'outra vida.

«Examinemos a dôr: não póde ser mera tortura. Que significa, pois, a dôr applicada á creatura intelligente e racional? Podemos unicamente consideral-a provação ou castigo, qualquer que seja a situação do homem, onde quer que o vejamos, no passado, no presente, ou no futuro.

«Se é provação, força é que ella tenha tempo determinado, conceito que a dirija, e juiz que a termine. Ora, no correr da vida, quando foi que a dôr cessou? em que momento se consumiu? quando teve os retornos de paga e repouso? Em que idade tocou o ponto culminante? Na mocidade, certo que não foi, porque então principiou. Seria na idade madura em que tantas paixões se baralham, e tantas paixões se travam? Seria na velhice? Poderia ser, porque esta é a sazão da paz e serenidade. Mas á propria velhice que multidão de cuidados a mortifical-a! quantas enfermidades a golpêam! A dôr é irrequieta; não repousa senão depois de rompidos os laços d'amizade, das illusões perdidas, para além do termo em que já não ha senão esperanças. A dôr, em verdade, é o extremo remate da provação diuturna.

«Mas, se a vida inteira é provação, a provação não é o escopo da vida; se a dôr é o acto, não é o desenlace; se propõe as premissas, não lhes tira as finaes consequencias. Necessariamente, para além-tumulo, ha outra vida que explica, e conclue esta, e lhe determina o valor da provação, e lhe pauta o premio, e lhe dá caução do triumpho infinito. E, n'este caso, comprehendo a dôr, como digna do homem e digna de Deus. É dôr que eleva, predispõe, e inicía para melhor existencia. Passa com o homem; mas a sua recompensa será duradoura como Deus.

«Se a dôr é castigo, tambem condicionalmente a comprehendo, quando vejo o homem tão propenso ao mal, e tão rebelde á verdade; mas é preciso que a expiação resgate o vicio e repare o erro. Se, porém, ao mesmo tempo, observo que a dôr subsiste sempre e se delonga até á morte, e não busca n'esta vida o fim a que propende, — o repouso com a verdade, a paz com a justiça — infiro ainda que o castigo, incompleto n'este mundo, deve protrahir seu effeito além da vida actual. Porque o homem, purificado, não deve ser extincto! Deus não póde escolher o momento, em que o homem é mais digno d'elle, para lhe tirar o ser. A expiação, que lhe deve ser resgate e salvação, não póde ser-lhe opportunidade e testemunha de sua ruina!

«Não! não posso negar, nem repellir a dôr. Quando os males se encapellam, quando as dôres me opprimem, e as angustias me alancêam, quando me sinto despenhado ao seio dos abysmos, e já perdida a esperança de salvamento, então é que mais espero! Nada tenho; mas tenho o meu Deus. O corpo despedaçam-m'o agonias; mas a minha alma está illesa. Se d'este abatimento me levanto, e lanço de mim o jugo oppressivo, remonto-me purificado ao céo. A mes-

ma dôr me é compensação e jubilo. Libro-me por de sobre o mundo, e avassallo o. Se succumbi nas pelejas da vida, conto com a victoria na eternidade.

«Pelo que, ou a dôr offereça separados os caracteres de provação e castigo, ou os offereça unidos, preluccída uma outra vida, onde a provação e castigo se terminam. O enigma abre-se em luz: o homem soffre; mas será consolado. Deus permitte, Deus envia a dôr; mas descontal-a-ha. Os mais apalpados pela desgraça de certo lhe não são os menos queridos. Os mais desgraçados certo não são os mais deploraveis. Nos thesouros de bondade e justiça divina, ha compensações ineffaveis. Não ha lagrimas inuteis: uma urna incorruptivel as recebe e conserva para a eternidade.

«Não ha, pois, fatalidade nem terror das dôres. Deixam-nos o sentimento, e arredam a desesperação. Não nos distancêam, avisinham-nos de Deus. Facto muito para reparos: o homem, que devia insurgir-se contra a dôr, se ella fosse crueza e iniquidade, com ella se pacifica. É-lhe, por vezes, lição e beneficio. Vinga o seu intento, e melhora-lhe a condição. E aquelle que esquecêra Deus e a virtude na prosperidade, quando a desgraça, como hospede celestial, o visita, torna sobre si, e ao dever que menosprezára quando feliz.

«Reconhece, oh homem, a missão providencial que a dôr ha de exercer no porvir. Reconhece-a procedente do Deus benigno, e não do Deus terrivel. Reconhece que o teu exercicio laborioso e fecundo é trabalhar para a eternidade.

«Se não houvesse vida futura, os infortunios que avexam a humanidade não conteriam sentido, nem sabedoria, nem lição. Dada a eternidade, a dôr é um hymno a Deus, um nobre sacrificio, titulo á gloria, e penhor de inalienavel felicidade.» (De Puchesse).

DOURADURA. (Veja GALVANISMO).

DOZE (Seculo), antes de J. C.— Samsão, espantoso por prodigios de força, foi eleito juiz de Israel (1172) e livrou os hebreus da oppressão dos philisteus. Heli, summo sacerdote e juiz, succedeu a Samsão (1152). Seus filhos Ophinis e Phineas, como abusassem do poder, foram derrotados pelos philisteus, que se apossaram da Arca Santa, e a reenviaram, volvidos sete mezes, em uma carroça tirada por duas novilhas, sem conductor. — Os heraclidas, progenie de Hercules, que no seculo anterior haviam sido expulsos do sul da Grecia, lograram, depois de repetidas tentativas, reconquistar o Peloponeso (1190). Acaudilharam-os Aristodemo, cujos descendentes reinaram em Lacedemonia: Temeno, que avassallou Argos, e Presphonte a quem coube a Messenia. — Codro, ultimo rei de Athenas, immortalisou-se por dedicação á patria. Como os oraculos dissessem que na guerra travada entre jonios e athenienses, a vantagem seria da nação cujo chefe morresse, victimou-se de vontade aos seus, atirando-se ao foco da refrega (1132). E os athenienses, como não achassem rei digno de substituir Codro, aboliram a realeza, transferindo o poder a um archonte perpetuo. — O desgraçado Œdipo, rei de Thebas, victima de fataes enganos, vasa-se os olhos em seu desespero, e vaga pela mão de Antigone, sua filha, que nunca mais o desamparou. Sophocles, Voltaire e outros dramatisaram este assumpto.

DOZE (Seculo), depois de J. C. — A historia das cruzadas e estabelecimentos christãos no oriente prende com a dos chefes ismaelitas, califas, sultões e emirs, abassidas ou turcos: o mesmo corre com os annaes bysantinos. Posto que os imperadores gregos, apartados da igreja romana, e ciosos ou temerosos das conquistas tentadas pelos occidentaes, designados no oriente com o nome de latinos, não tomem parte directa em essas expedições, lá está a costumada perfidia a assignalal-os. Os principes catholicos, soberanos feudaes de Antiochia, Jerusalem, Tripoli e Edessa, estão a braços com o sultão de Alep,

que toma Edessa. Damasco resiste aos esforços combinados de dous exercitos, allemão e francez, capitaneados cada qual por seu respectivo rei. O sultão de Damasco e Alep commetteu a Saladino, seu lugar-tenente, a conquista do Egypto, onde reinava a dynastia dos Fatimitas que, em 162 annos, deu 14 califas. Saladino senhoreou-se do Egypto em proveito proprio, e desvalisou tambem a parentella de seu senhor espoliando-a dos cantões que possuia na Syria. A conquista de Jerusalem, e a sabedoria de seu governo humanitario deram-lhe reputação parelha á dos grandes reis do occidente Frederico Barba-Rôxa e Philippe Augusto, que lhe declararam guerra. Ricardo, Coração de Leão, que foi na Europa um trivial tyranno, revelou na luta com Saladino luzentes predicados de cavalleiro. A morte de Saladino — signal do desmembramento do seu imperio em tres monarchias — não foi aproveitada nem pelos califas abassidas, que tão custosamente se sustentavam, nem pelos principes latinos, divididos entre si, e que todo peso da guerra abandonaram aos cavalleiros de S. João e á nova milicia dos templarios e teutonicos; — nem tão pouco soube aproveitar-se o imperio grego incessantemente amotinado por facções.

A guerra contra os turcos seldjoucidas da Asia Menor, contra os turcos patzinaces do nordeste do Danubio, contra os servios ao nordoeste, contra os normandos da Sicilia no Adriatico e mar Egeo não obstaram ás sanguinosas lutas da casa imperial dos Comnenes, que continuam no throno de Constantinopla. Os grandes estados europeus são menos hostis entre si, pois que as cruzadas os communicaram nos interesses. A contenda das investiduras que prosegue sob o novo rei de Allemanha, o parricida Henrique V, agita a Inglaterra. O concilio de Reims prepara a solução que a Allemanha houve na assembléa de Worms, que toda a igreja recebeu do 1.º concilio geral de Latrão, convocado ás portas de Roma. Distende-se a toda a Europa o scisma motivado pela dupla eleição pontifical de Innocencio II, e Anacleto II; pelo que são abalados os dous poderes, espiritual e temporal da santa sé. O normando de Sicilia Roger II faz-se rei poderoso, temivel mesmo ao seu suzerano. o bispo de Roma, com a juncção da Puilla e Calabria á Sicilia. Arnaud de Brescia, monge austero e eloquente, mas de espiritos revoltos, adapta á governança civil de Roma maximas de independencia que houvera talvez de Abailard, seu mestre e amigo. O arbitro da christandade, o convocado para todas as contendas religiosas e civis, é S. Bernardo, monge francez. Pacificador de Italia e Allemanha, defensor dos direitos dos legitimos papas mas sem desfalque das liberdades privativas de cada nação, doutor ardente contra hereticos, prégador douto e vehemente, habil no manejo da lingua vulgar com a qual filtra as verdades que instilla no animo do povo, apostolo da cruzada, conselheiro de papas e reis, S. Bernardo enche com seu nome 30 annos do seculo XII. Ao desatar-se da vida, os dous grandes principios que se rivalisam na terra, o poder dos reis e o dos papas, açacalam novos gladios. A renascença do direito romano, ensinada pelos jurisconsultos de Bolonha, antes de apparecer no saque de Amalfi o manuscripto do Digesto de Justiniano, favorecia a maior authoridade dos reis, maiormente a dos imperadores. A Igreja contrapõe ao direito romano o canonico. A collecção de Graciano *Concordancia dos canones discordes* constitue-se texto de jurisprudencia ecclesiastica, fundamentada nas maximas da supremacia, applicadas á côrte de Roma.

A honrada e modesta realeza dos Capetos, Luiz o Gordo, e Luiz o Moço, como que se esvaece ao lado da vida turbulenta e apaixonada dos reis de Inglaterra e Germania, Henrique II Plantageneta e Frederico de Suavia. O poder regio, sob Luiz VI, faz-se amar, protegendo os fracos. Comtudo o estabelecimento das communas, provado por chronicas e foraes, não é obra directa do rei, cuja intervenção, ás vezes alcançada a preço de ouro,

se limita a estreitar privilegios que as transacções com os barões ou a insurreição facultaram á burguezia. A piedade de Luiz o Moço deu nova força moral á realeza sem lhe augmentar consideravelmente a força material. Renova-se na Inglaterra a casa de Guilherme, o Conquistador. A Bretanha, feudo da França, e Irlanda não seriam as suas unicas acquisições, se ella não emprehendesse lutar contra a igreja, e a força lhe não fallecesse na resistencia inflexa do arcebispo Thomaz Becket. Thomaz assassinado, é proclamado martyr, diante de cujo tumulo Henrique II arrependido se prostra. Por sua morte, deixa em Inglaterra dous filhos, um feroz, outro cobarde, Ricardo, Coração de Leão, e João, Sem Terra. O joven rei de França Philippe Augusto, protege por politica os filhos contra o pai, assim como Luiz o Moço protegêra por piedade o arcebispo contra o rei. Em Allemanha, os exordios de Frederico Barba-Roxa promettem feliz reinado. Sobrinho e successor de Conrad, e por tanto chefe dos gibellinos, está ao mesmo tempo aparentado com a familia guelfa que deu o imperador Lothasio de Saxe. Quando elle aspira a repôr a Italia sob o dominio imperial, soffre impugnação da Santa Sé, que já se não arreceia de Arnaud de Brescia, e da confederação das cidades lombardas. O papa sustenta uma causa nacional, tomando a direcção do partido da independencia italica. O reinado de Alexandre III é o mais extenso e celebre pontificado do seculo XII. Apesar d'isso os anti-papas que o imperador lhe oppõe durante vinte e dous annos, debilitam a authoridade da igreja.

O sudoeste e nordeste da Europa não são de todo estranhos aos communs destinos da christandade. A primeira parte do seculo gastam-na os christãos de Hespanha em consolidar-se no interior repellindo os mouros. Este seculo é rico em fundações de escólas sagradas e profanas. A theologia já não é, como havia sido, elemento dominante da litteratura. As heresias de Gilbert, de Abeilard, e de Arnaud de Brescia, e o manicheismo dos albigenses alimentam o fervor das discussões escolasticas.

A litteratura profana em lingua latina produz os tratados philosophicos de João de Salisbury. O monge Theodrick compõe latinamente a historia dos primeiros reis da Noruega, extrahida das chronicas islandezas. Hermold e Arnold colligem, em lingua latina, tradições concernentes aos povos slavos.

As linguas modernas principiam a exercitar-se em verso e prosa. O *Espelho dos reis* em lingua scandinava, attribuido ao rei norueguez Sverre, é uma collectanea de maximas e conselhos a bem dos estadistas, dos padres, e agricultores. Na Russia prosegue a chronica que o monge Nestor havia começado em sclavão talvez no precedente seculo.

Nos paizes occidentaes, o idioma romano ou latim rustico, primeiro elemento do francez, italiano, hespanhol e portuguez perpetua-se no cantar dos trovadores, aos quaes se deve a iniciativa da poesia franceza propriamente dita. Os poetas normandos, e os da Bretanha insular fallam a mesma lingua. O mais celebre é mestre Roberto Wase, nascido em Jersey. É elle o author do romance de Brutus, chronica rimada em versos romanos de oito syllabas, historia cavalleirosa dos reis da Gran-Bretanha. A litteratura grega ainda sahiu com valiosas obras: Suidas compilou um vocabulario, o arcebispo Eustathio fez commentarios á *Iliada* e *Odyssea*. O mais celebre monumento da historia bysantina é a vida de Alexis Comneno, Alexiada, contada por sua filha Anna. Este livro, cuidadosamente escripto, transmitte opinião menos favoravel das cruzadas que as narrativas dos occidentaes.

A litteratura rabinica luziu com doutissimos trabalhos. O israelita Benjamim de Tudela, em Navarra, escreveu interessantes descripções de viagens. O mais distincto nome da litteratura musulmana d'aquelle tempo é Averrhoes, homem de bem, verdadeiro philosopho e medico, muito versado em Aristoteles e Galeno.

Os scandinavos e arabes são os povos mais amantes de narrativas historicas. Os reis e heroes do norte, ouviam lêr aos islandezes doutos as *Sagas*, tradições poeticas de historia, de geographia e mythologia, compiladas n'este seculo XII.

Pelo que é de Portugal, compendiaremos as memorias mais depuradas á luz da moderna critica. No começo do seculo XII (por 1109 talvez) nasceu em Guimarães D. Affonso Henriques, filho do conde D. Henrique, da casa de Borgonha e real progenie dos reis de França, e de D. Thereza ou Tareja, filha de Affonso VI de Leão. Aos 18 annos de idade, impaciente de reinar e dar redeas ao animo bellicoso disputou á mãi, com força armada, a governação do estado, vingando o intento com o feliz successo da batalha de S. Mamede em 1128. Travou-se depois com Affonso VII, vingador de D. Tareja, com gloria para as armas portuguezas. Foi menos feliz no cerco de Guimarães, onde a tradição poetica engendrou a formosa lenda do voto cumprido pelo pundonoroso Egas Moniz, tão gentilmente cantado por Camões, feito igualmente honroso para o rei leonez a quem o honrado aio se offereceu, com esposa e filhos, em holocausto da palavra não cumprida.

Affrontou-se depois o valoroso Affonso contra a mourisma, conquistando importantes cidades, e desfraldando em Ourique os guiões victoriosos sobre o exercito derrotado de alguns regulos.

Reaccenderam-se as desavenças, depois de 1139, entre os reis de Portugal e Leão. Succedeu a batalha de Valdevez, com desaire do estrangeiro, á conta do titulo de rei que o nosso Affonso assumira por acclamação. Cessou a luta por effeito da paz de 1144, pela qual a soberania do monarcha lusitano foi reconhecida de Affonso III de Leão, e logo depois do summo pontifice, constituindo-se Portugal feudatario da Santa Sé. Retomou o incançavel batalhador Leiria (1145), Santarem, Mafra, e Cintra (1147); e, coadjuvado pelos cruzados, (veja CRUZADOS) ao cabo de cinco mezes, arrancou Lisboa aos mouros. Hasteou depois as quinas em Almada, e Palmella; e n'esta carreira de triumphos, ainda não alternados de revezes, senhoreou quasi todo o territorio que medeia entre o Tejo e Mondego.

Mais tarde revirou-se-lhe a fortuna ao vencedor de Alcacer. D. Fernando II, successor de D. Affonso III, declarou guerra ao monarcha portuguez. Entrou D. Affonso Henriques por Galliza, tomando praças, até pôr cerco a Badajoz, que os mouros lhe entregaram. Aqui foi assediado pelo rei de Leão, e prisioneiro, depois de quebrar desastrosamente uma perna. Custou-lhe a liberdade a cedencia das praças que havia tomado. Ao mesmo tempo, Albajaque, regulo de Sevilha, cercou Santarem. Foi repellido por D. Sancho, futuro successor da corôa. As ultimas proezas de D. Affonso Henriques, em já provecta idade, sentiu-as Miramolim, rei de Marrocos, na completa derrota que soffreu debaixo dos muros de Santarem. Falleceu o fundador da monarchia portugueza em 1185.

Começou o reinado de D. Sancho I n'aquelle anno. No artigo CRUZADAS já se referiu a parte que elle teve na conquista de Silves. Além das victorias ganhadas sobre os sarracenos em Palmella e Elvas, revelou grande brio e honra invadindo Castella para vingar sua filha, D. Sancha, repudiada por Affonso IX.

DRAGUIGNAN. (Veja PROVENÇA).

DRAMATICA (Poesia). 1. «Influe muitissimo o theatro. Tragedia, que levanta o espirito, comedia que pinta costumes, actuam sobre o animo dos espectadores, como se fossem verdadeiros successos. É todavia mister estudar o publico para quem se escreve. Sem isto, não se esperem grandes exitos no proscenio. O author dramatico tanto precisa de phantasiar como de conhecer os homens. Cumpre-lhe ir tão attento a sentimentos de universal interesse, como ás miudezas que impressionam as plateas.

Um drama é litteratura activa. Talentos dramaticos são raros, porque é rara a alliança do fino discernir, da aspiração poetica e pormenores que formam o machinismo da scena. Absurdo seria querer legislar para todos os povos a mesma pauta no dramatisar. Se quizermos frisar uma arte universal ao genio de cada paiz,—vasar os costumes transitorios em arte immortal—temos que aceitar profundas alterações: d'ahi a diversidade de juizos no tocante ao engenho dramatico. O accordo é muito mais comesinho nos outros ramos de litteratura.» (M.me de Stael, *Da Allemanha*).

2. «É peregrina e nobre fórma poetica a tragedia, considerada fiel representação da indole e proceder dos homens, apertados em angustias que os submettem a penosas provações. Na epopéa, o poeta descreve os personagens, narrando; na tragedia, o poeta esvaece-se; quem se mostra é o personagem; temos de o julgar por suas palavras e acções. Por tanto, não ha composição que denote mais cabal sciencia da alma; nenhum outro genero de escripta, manuseado habilmente, cala mais funda impressão no espirito. Deve ser a tragedia espelho em que nos remiremos, e em que se nos reflictam os abysmos onde podemos resvalar: em summa, a exacta reproducção das paixões, com seus funestos resultados, quando o braço nos cança em repelil-as.

«Se a tragedia é um dos mais nobres generos de composição, é por igual o mais de molde a insufflar virtudes, cujos embryões a natureza nos pôz muito no recesso da alma. De sobra sabem os poetas que o meio unico de nos captivarem do seu heroe é mostrar-nos que elle, a despeito de tresvarios, é ainda benemerito de estimação; e tambem sabem que o estimulo de odio está na pintura do personagem vicioso e derrancado. Devem, pois, descrever-nos o varão honesto nas prêsas do infortunio: situação vulgar n'esta vida—; hajam-se porém de theor que sympathisemos com o desditoso.

«Póde a virtude parecer desgraçada na tragedia; mas guarde-se o poeta de conceder a victoria ao crime. Se os maus se logram de prosperos exitos, cumpre preluzir os castigos que os aguardam para mais tarde; é preciso que a desgraça sobrevenha ao crime. Os sentimentos, que a tragedia deve espertar, são affecto á virtude, dó do infortunio, odio aos promotores do mal. Dado que os authores dramaticos possam, á laia dos outros, descambar em indiscrições, não pondo a virtude á luz que lhe compete, nem por isso haja quem negue á tragedia intuitos essencialmente morigeradores. Nem me esquivo a confessar que não ha ahi tragedia onde não vislumbrem, mais ou menos, sentimentos de generosa virtude. Pelo que, o zelo com que alguns pios moralistas acoimam os recreios theatraes foi talvez suggerido por demasias do genero comico, severamente arguidas por judiciosos censores.

«A juizo de Aristoteles, o escopo da tragedia é levar o homem ao regaço da virtude por mãos da piedade e terror. Aqui ha escureza, muito estrinçada por varios commentadores. Sem tomarmos pé na discussão, figura-se-nos que melhor soará assim a definição da tragedia: é arte que se propõe auxiliar o pendor que nos inclina á virtude. Logo que o author nos commove em favor da honestidade, e nos tira lagrimas de compuncção pelo personagem infeliz, dá-nos a medida da desgraça a que estamos expostos. Ahi está bem vingado o proposito moral da tragedia.» (Blair, *Curso de rhetorica e bellas-letras*).

DUCIS (Jean-François), poeta tragico, nascido em Versailles, por 1733, de familia pobre, oriundo de Saboya. Escreveu tragedias imitadas de Shakespeare, de Euripedes e Sophocles. Substituiu Voltaire na academia franceza em 1778. Viveu tão pobre quanto independente. Foi homem honestissimo. Morreu em Pariz em 1816.

DUCLOS. Nasceu na Bretanha em 1704, foi educado esmeradamente,

bem que seu pai fosse chapeleiro. Ligou-se em Pariz com os mais esclarecidos talentos. Escreveu romances, *Memorias secretas de Luiz* XIV *e* XV. O seu melhor livro é o que se intitula *Considerações respectivas aos costumes*. Foi secretario perpetuo da academia, e morreu com 69 annos.

DUELLO. 1. Rodaram os seculos sobre numerosos empêços do paganismo, venceram-os com o violento impulso da sua marcha triumphante, e deixaram, no lugar da barbaridade, o vestigio da civilisação. O brilho das lampadas, accesas no altar da idolatria, deslumbrou-o o facho do christianismo. A arvore robusta que, ha quatro mil annos, medrava, regada pelo sangue da humanidade sem Deus, esterilisou-a a gota do sangue da redempção, apenas do lado de Christo lhe cahiu nas raizes de quarenta seculos. O que eram sombras de morte foi alumiado como facho esplendido de vida. O que era fructo de maldição converteu-se em maná celestial. A esponja de fel, que roçára os labios de Christo, tornou-se para a humanidade a saborosa fonte de Siloé. Dera-se na terra uma transformação maravilhosa, um milagre de Deus, um testemunho indestructivel da divindade de Jesus!

A carnagem dos amphitheatros, a estatua em fogo de Molok, o parricidio legal do povo egypciaco, a degradação aviltante da mulher, as apotheoses consagradas aos suicidas, os suicidios religiosos consagrados aos deuses, o rancor sanguinario de homem para homem... taes recordações horrorisavam a nova geração, levantada das ruinas do paganismo, com as mãos erguidas para a nova estrella, apontada por S. Paulo, no céo da redempção.

E, comtudo, parece que nova maravilha devia manter illesa uma nesga da sociedade velha, para que o homem se lembrasse da sua jerarchia peccaminosa, e tivesse sempre diante de si o espelho das suas imperfeições. Essa maravilha, esse retalho do manto funebre que a sociedade despira no Calvario, esse crime hereditario, como legado irrecusavel de Caim, é o duello!

Espanta que no seculo dezenove, mil e oitocentos annos depois do Christianismo, se escrevam censuras, e promulguem leis contra o habito selvagem de dous homens se collocarem frente a frente para vêr qual dos dous cahe primeiro varado por uma bala, ou cortado pelo gume d'uma espada! E mais espanta ainda que taes censuras sejam estereis, e que taes leis sejam impotentes para lavarem o estygma de sangue, que a humanidade, todos os dias, espontaneamente recebe na face! Nem a religião, nem a philosophia, nem o vulgar discernimento lograram ainda remir a humanidade d'esse barbaro feudo, tributado á mais absurda das tyrannias! Nem hoje que tão apregoados são os dons da liberdade, póde o homem quebrar essa algema vilipendiosa, que o prende ao tumulo do paganismo! Nem hoje, que a honra desceu ao baixo preço de uma utopia, é possivel despersuadir o homem d'uma outra *honra* especiosa que lhe dá o direito de matar seu adversario, ou de baixar á sepultura com a affronta que quizera lavar!...

Mas o que é a honra?

Vamos d'este principio, que é a base fundamental da lamentavel questão.

A honra, segundo a definem os mestres da moral, é o justo sentimento da nossa dignidade pessoal, fundada na virtude, e na estima de nós mesmos.

Ha uma outra definição, mais authorisada na escóla do mundo actual: honra é o sentimento da nossa dignidade, fundada na estima dos outros.

As duas definições distinguem duas honras: uma é-nos dada pela consciencia propria: outra pelo suffragio da sociedade.

A honra, que conquistamos á sombra da opinião publica, não é sempre a honra fundada na virtude. Praticamos actos que a consciencia nos santifica, e a sociedade nos escarnece. Soffremos uma injuria com a resigna-

ção da virtude, e a opinião publica chama-lhe cobardia. A consciencia, muitas vezes, manda-nos receber uma affronta como justa expiação de nossos delictos, e a sociedade, que presenciou a nossa humildade, murmurou uma censura contra a nossa deshonra. E, todavia, nós caláramos a voz da vingança porque a honra da consciencia, a honra da virtude, nos impozera o silencio, que a sociedade reprova. Eis-ahi a grande corrupção, que soffre essa palavra, quando sahe do sacrario da consciencia para ser interpretada e julgada em praça.

Aristides queria antes ser justo que parecer que o era. Aristides seria um homem deshonrado, se o medissem pela craveira dos caprichos, em que vemos aferir o grau de deshonra, que permitte a desaffronta d'um ultraje na direcção incerta d'uma bala. Aristides, esperando que o tempo desmentisse uma calumnia, que ferira o seu caracter, valeria menos que o allucinado cravando um punhal no peito do seu calumniador. A sociedade actual olharia de revés para o primeiro, e applaudiria o *gentil* desforço do segundo.

O respeito humano, é, pois, um imperioso agente do duello; mas é necessario aceitar a immoralidade dos costumes para elevar á consideração um juizo, cuja opinião escarnece a humildade soffredora, e exalta a coragem da provocação. Em publico, a palavra equivoca irrita, muitas vezes, o cioso pundonor do homem, que, em particular, se não resentiria ligeiramente. A presença de testemunhas, eivadas do espirito do seculo, impõe áquelle o dever de julgar-se affrontado, e pedir satisfação. Se a não pede, sôa-lhe aos ouvidos um murmurio, que exprime verdadeira affronta ao seu caracter brioso; e, na collisão de desaffrontar-se do primeiro homem, que, nem por sombras, quiz offendel-o, ou dos circumstantes que realmente o offendem, resolve chamar o primeiro a combate singular. O seu adversario, se não aceita aquelle convite de morte, aquelle diploma de homicidio, colloca-se na situação critica em que vira, ha pouco, o *seu amigo*, talvez; e, cedendo á intimação tacita dos espectadores, que lhe aguardam a decisão, levanta a luva, e caminha, altivo de si, para o local da briga selvagem, como para acto solemnissimo de probidade e honra. Da parte d'este, nada mais justo que justificar a boa intenção da palavra equivoca, que dissera. A sua consciencia aconselhou-lhe talvez esse prudente meio de evitar as funestas conclusões d'um falso principio de honra; mas a opinião publica, com o seu sorriso avexador, com a sua ironia ludibriante, violentou-o a calar a voz da consciencia, para deixar fallar a do orgulho descomedido.

Deveremos, porém, respeitar esse jury depravado, que decide vaidosamente os lances, em que somos cobardes, ou destemidos? Não. A maior prova de estima, que devemos dar-lhe, é illuminal-o com os claros principios da moral, que encerra as verdadeiras deducções da honra. Este apostolado, que é de si um santo duello offerecido á corrupção, ha de encontrar ouvintes, e sympathias, porque, na anarchia social, em que vivemos, ha ainda um partido são e honesto, que considera muito honroso o procedimento d'aquelle homem que não hesita aviltar-se um momento, na presença d'aquelle que o desafia, para engrandecer-se na estima das pessoas de bem. Tal homem, bem longe de ser depreciado no seu caracter de honradez, será encarecido pela estima d'aquelles cujo applauso é titulo que nobilita.

2. Que o duello é, só na idéa, uma comparação repugnante com os preceitos do christianismo, seria, demonstrando-o, querer provar, com grandes argumentos, que os raios do sol são caloriferos. A ociosidade, sem invenção, apraz-se em repetir verdades eternas, com esteril fadiga. Não podemos reconciliar-nos com esse lugar commum; nem concedemos a algum raro leitor o direito de circumscrever-nos ao circulo da escholastica, quando, em nossos dias, os seus mais grandiosos dominios devemos

grangear-lh'os no campo da moral. O christianismo uma só palavra lhe basta para fulminar a barbaria do duello: CARIDADE! Os numerosos preceitos e conselhos que, no Evangelho, santificam aquella palavra, não só são conhecidos pelos crentes, mas, a cada passo, citados pelos scepticos. Cada leitor, n'este instante, recorda um ou muitos d'esses preceitos do divino legislador.

Mas não é só o Evangelho que reclama os sagrados direitos da razão. Todas as authoridades, e philosophos, dignos d'este nome, o condemnam como incompativel com as virtudes sociaes. Bacon, Puffendorf, e Grotius fulminam-no com a severa energia de homens, que se propozeram dar á humanidade uma lei, purificada no melhor de todas as legislações. Rousseau provou, em demasia, a demencia d'essa honra especiosa, que dá ao duello a importancia de acto moral, de desaffronta cavalheirosa. De Maistre exprime-se assim: «Arrojem-se dous homens, um contra o outro, a punhaladas; ireis apartal-os, e conduzil-os á prisão, como criminosos; mas dai a essas armas algumas pollegadas mais, de modo que esses homens, em vez de punhaes, se despedacem com espadas, e que se matem com reflexão, em vez de cegos pela colera, chamar-lhes-heis — *homens honrados*.»

O conde de Tilly, cujas *Memorias* revelam pessimo moralista, quando falla do duello, exprime-se de modo que nos assegura do principio do bem, innato no coração do homem, e illeso no marulho de todos os erros da educação.

«A França, diz elle, é a patria dos duellos. Viajei na maior parte da Europa; passei no Novo-Mundo; vivi entre militares e cortezãos, em parte alguma encontrei esta nossa *susceptibilidade*, que, a cada passo, origina offensas, insultos, e provocações. D'onde vem, pois, a disposição peculiar dos francezes, cujo caracter é tão nobre para ser vingativo, de se baterem em duello por motivos quasi sempre ridiculos? É a educação, e só ella... Tivestes uma contenda com um amigo intimo. Posto que não excedesse os limites do calor ordinario, as mulheres viram ahi certos *ditos injuriosos;* antes quereis matar um amigo, ou ser morto por elle, que ser suspeito de fraco. No jogo, fizestes um lance duvidoso, e mal comprehendido. Um particular sorriu sardonicamente, e fallou baixo com sua irmã, que murmurou com sua prima: pois bem! consenti em ser morto, porque podereis passar por velhaco no jogo, e não ha nada que esclareça esta questão como um talhe de sabre. Vossa mulher é uma namoradeira consummada; arranjai a ser morto pelo amante, e vossa mulher ficará honrada. Seduzistes a mulher d'um homem honesto, que se vos mostra resentido; matai-o; porque, se lhe roubastes a paz e a ventura, é justo que lhe tireis a vida.»

Charma condemna formalmente o homicidio em todos os casos, e com especialidade no duello: tão longe vai em severidade, que nega ao homem a legitima defesa em perigo de morte.

Hobbes, e só elle, como philosopho, approvou o duello, pela mesma razão que santificára o direito da força. Foi logico, ao menos: tirou consequencias legitimas de principios absurdos. O homem que queria a humanidade em guerra continuada, como a melhor das suas situações, a não poder inventar a polvora, devia proclamar o direito da força.

É um contrasenso honrar o duellista com a imputação de corajoso. Encarar a morte com cynismo poderá ser demencia n'este, e despejo absoluto moral n'aquelle, mas não será coragem em alguem. Ha na verdadeira coragem sublimidade que merece louvores. O cadaver do que se bateu em duello move á piedade; e o assassino, que acertou melhor no coração d'esse cadaver, excita a indignação, e não o elogio pomposo do ardido cabo de guerra. Temos visto o militar defender com o peito o reducto perigoso que corajosamente pedira. Temol-o visto por entre chuva

de balas ir conquistar uma bandeira, hasteada entre cadaveres; e ouvimol-o depois repellir com toda a serenidade um cartel de desafio. Este militar seria cobarde? É valente, por ventura, aquelle homem, que vos corta de proposito os botões da camisa com o gume d'um florete, antes de vos abrir o peito? Sereis vós o valente, cruzando os braços, e abandonando a vida á discrição do adversario? No primeiro ha coragem brutal, e frieza de humor, mas é a coragem, e o humor do homicida; no segundo ha a negação de amor proprio, intrepidez de suicida, que significam absoluta impiedade, se não é requintada insania. Onde está o lance arriscado para aquelle que vai bater-se com a certeza da superioridade, que leva sobre o seu adversario, que não joga as armas? Chamareis denodado áquelle que mata um cego, com feroz galhardia? E fareis ao cego as pompas funebres d'um valente?

«O duello nada prova, e de nada póde servir, diz um celebre jurisconsulto francez. Não prova o verdadeiro valor, e em caso nenhum restitue a honra ao que a perdeu; e além d'isso nunca póde provar aquillo que se quer provar. Um extravagante, um ebrio, exaltado pelo vapor do cognac, encara-vos insolentemente, ou vos insulta em fórma de desafio; e vós deixaes passar a injuria. O doudo ficará muito bem reputado? e vós perdereis a boa reputação que tinheis? E, supponlo que, menos avisado, entraes com elle em briga, e sois morto, será igual o partido? e será admittido pelo senso commum que, vós, pessoa grave e honesta, jogasseis a vida com um homem inutil, perigoso e desacreditado?»

Todavia, ha taes affrontas, e conflictos, que, meditados superficialmente, justificam o duello. É quando a lei, insufficiente ou subornada, não intervem a favor d'aquelle em quem cuspiram na face uma nodoa affrontosa, d'aquelle cujo ardor de vingança não deixa que fallem os frios calculos da razão.

Um homem de maus instinctos sabe encobril-os para entrar em vossa casa como digno amigo. Conquistada a vossa confiança, urde pela astucia atraiçoada a deshonra da vossa familia; apaga essa luz de felicidade que esperaveis vos alumiasse até ao tumulo; retira-se de vossa casa, como salteador que nada vos deixou da riqueza d'espirito, que d'antes possuieis; e, requintado infame, vem ás praças assoalhar o seu triumpho, para que os seus conhecidos lhe lavrem o diploma de grande perverso.

Esta situação não é mera phantasia. São tão frequentes no *grande mundo* estes lugares communs da ignominia, quanto a lei é impotente, ou remissa no desforço devido á honra, e no castigo infligido ao crime.

E ha ahi n'esse trance afflictissimo para um pai ou para um marido razão idonea para arriscar a vida no travar incerto de duas espadas? Marido, ou pai, não podem cahir mortos, deixando ao infame, que privára em traições domesticas, a *ovação* d'um homicidio publico? Que é da desforra? Que é da desaffronta? Onde está o exemplo da punição?

Quaesquer que sejam as causas, futeis ou imperiosas, o duello é sempre desgraçado, sempre immoral, sempre affrontoso á civilisação, dado ainda que não passe d'um ceremonial irrisorio.

3. Ha quem diga, que o duello mantem respeitadas as leis da delicadeza. Grave injustiça é esta á humanidade! Ninguem, de boa fé, se persuade que o acatamento ás leis da polidez precise, para manter-se, d'uma perigosa ameaça, d'um repto continuado entre homem e homem. Isso é o mesmo que negar ao coração propensões nobres e generosidade espontanea; é suppôr que a delicadeza tem de ser coacta para cumprir a sua bella missão na sociedade.

A origem real da urbanidade está no espirito. Quem quizer semear ahi o grão abençoado, para que os seus fructos sejam sempre de paz e amor eduque-o nas verduras da infancia afague-o com os carinhos da fé e temor de Deus, bafeje-o com as suave

impressões do verdadeiro brio, e d'uma honra não especiosa, como a honra, tantas vezes, apregoada nos duellos.

Quem desbarata as leis da delicadeza, é o egoismo, o amor proprio, a arrogancia desprezadora. Estes attributos são a negação religiosa? Por certo. Educai religiosamente as crianças. Fazei-as timidas perante Deus, e dar-lhes-heis a coragem — a grande coragem da resignação — na presença d'affrontas, que os vicios arremessam á virtude que tacitamente os reprehende. «Para que a sociedade seja polida e amavel, diz Collet, é preciso acostumar desde o principio as crianças a respeitar as mulheres: respeitando-as, saberão, depois, prestar o culto civil que é devido ás mães de familia.»

Se a polidez vivesse á custa do sangue, desperdiçado no duello, qualquer espadachim, com pontaria certeira, e humor sanguinario, poderia exercer as funcções de moralisador no meio de nós. A cada lapso, que dessemos na estrada da civilidade, a cada falta commettida, responderiamos com a vida, ou com a *vergonha* de não querer sacrifical-a. E, portanto, esse homem temido podia, á sua vontade, phantasiar um codigo de civilidade, citar-nos pela infracção de cada artigo, que seria necessariamente um chamado *caso d'honra*. E quem nos assegura que tal mestre de urbanidade não seria um libertino, um ébrio, e até um authomato flexivel a caprichos particulares?

Nos dez mandamentos da lei do Senhor incluem-se os mais justos e sociaes preceitos da cortezia. Amar a Deus, e amar o proximo, são dous mandamentos, que exprimem esse vasto complexo de leis civis e criminaes, que fiscalisam a harmonia social, desde a policia preventiva até á executiva do cadafalso. Ao filho venturoso da igreja de Jesus Christo será preciso um director armado de espada que o faça respeitar os deveres, que o ligam ao bem-estar commum? A resposta affirmativa seria um ultraje a Deus, e outro á dignidade humana.

Mas os mandamentos de Deus, bem que simples para serem proveitosamente ministrados, carecem d'um processo, que implica muitos deveres. Não basta ao educando ser sabio: é necessario que aprenda a ser filho, pai, marido, e cidadão. O amor á humanidade deve alvorecer-lhe no coração com a primeira luz da sua dignidade pessoal. Quando souber amar-se, ha de amar o seu amigo; ha de poupal-o a uma injuria, para não ser injuriado; ha de engrandecer os outros, para engrandecer-se na estima alheia.

Ao sahir do collegio d'onde se trazem poucas idéas rudimentares da sociedade, embora lá se aprendam as ultimas consequencias da sabedoria profana, ao sahir da vigilancia dos mestres, poderá collocar-se ao abrigo, não menos vigilante, de pessoas experimentadas, que o afastem dos contactos perigosos — facil cousa de conseguir, porque a virtude tem em si luz divina, que cega os olhos do vicio.

Em quanto, porém, nos desvelamos em sondar, apenas, um futuro, promettido pela reacção religiosa, estudemos as providencias, que podem legalmente empregar-se na repressão do duello.

Em França, onde mr. Dupin, meditou largos annos uma lei efficaz, é hoje o duello tão frequente como o fôra antes da lei. Aqui, em Portugal, ha uma prohibição explicita, uma lei, que vinga a moral, mas que nunca vimos applicada. Embora digam que os reptos entre nós são truanescos por serem frustrados, convençam-se que é sempre criminosa a *caricatura* da immoralidade. Se não vingam a sua ultima consequencia, os duellos aqui (ha pouco chorou o paiz a perda de um alto espirito) são sem pre tencionados com resolução, com rancor, e de caso pensado para não serem baldados.

Como quer que seja, a policia preventiva não se dá canceira em obstar o resultado das provocações, nem vai no dia assignalado para a luta, estorvar os combatentes no local do desafio. Não nos faremos cargo de citar a

lei morta, porque é vaidosa redundancia de palavras, que nada importam a favor d'esse contrasenso, que vêmos inaugurado como lei de honra. Lá fóra não é assim. Quando dizemos *lá fóra*, não queremos exemplificar Londres nem Pariz, onde dizem que refina a *civilisação*. O que vai em Pariz e Londres não é a civilisação christã, e nós não reconhecemos outra.

Nos Estados-Unidos são enormes as multas fulminadas ao duellista, que matou o seu adversario. Não louvamos o modêlo como aproveitavel. A pena pecuniaria póde garantir ao opulento a impunidade d'uns poucos de duellos, uns poucos de homicidios, que, proporcionada a pena com o delicto, podem considerar-se impunes. Na Belgica são punidos os padrinhos, depois de processados os réos, conforme a gravidade do ferimento. O castigo infligido aos padrinhos é indiscreto. Muitas vezes são os padrinhos quem annullam o duello, ou pelo menos, lhe suavisam as condições. Peor seria a causa do odio e do capricho, abandonada aos contendores, sem intervenção de segundas pessoas.

Sem ferir na raiz a arvore amaldiçoada do orgulho e da mentida honra, os duellos continuariam, sem padrinhos, e dous homens poderiam apunhalar-se livremente, como assassinos.

Em Virginia, nos Estados-Unidos, o homem que se bate em duello é capturado como sandeu, é privado da administração de sua casa, da educação de seus filhos, do dominio em sua mulher, e recebe apenas d'uma tutoria o indispensavel para viver. É sensivel ahi a efficacia d'esta pena, porque a não ha maior, attendendo ao muito que assim é ferida a honra, e a dignidade pessoal d'um homem a quem chamam doudo, e a quem privam de educar seus filhos, e de amar sua mulher. Os padrinhos esses são banidos para sempre dos cargos publicos que serviam.

Antevemos a esterilidade d'este artigo, dedicado a um motivo de vergonha e opprobrio para este seculo, tão orgulhoso da sua luminosa moral, e legislação. Tem-se escripto muito, e magistralmente sobre o duello. Este cancro social é repugnante a todos os philosophos e legisladores. Não são precisos ao homem de bom coração esses titulos para lamentar a frequencia infeliz de tal delirio, que leva o homem a deixar orphãos seus filhos, ou inconsolaveis seus paes. Depois o agonisar do que morre em duello tem a perspectiva hedionda dos paroxismos do reprobo. Ahi não ha ministros de Deus, nem a cruz da contricção, nem o abraço derradeiro dos que deixamos no mundo a pedir por nós ao Senhor das misericordias. A derradeira palavra do expirante deve ser a ultima imprecação, o torcimento impotente do rancor sem vingança, e talvez da honra sem desaffronta...

Em quanto o suspirado futuro não vem refrigerar os corações do orvalho d'amor, emanado do seio do christianismo, reclamemos o concurso de todos os publicistas illustres, e homens religiosos para confeccionar uma lei, que restabeleça a honra dos cidadãos nos casos de injuria pessoal; lei que previna o duello, e puna severamente os duellistas. Entretanto dê-se á sociedade educação, que a encaminhe ao respeito da sua dignidade pessoal, á melhor interpretação do Evangelho, e ao conhecimento da verdadeira honra. E, depois, o duello, emprestimo aviltante dos barbaros, contrahido pelo seculo da civilisação, será recordado como padrão vergonhoso na historia das gerações.

DUILIUS. (Veja Terceiro seculo).

DUNKERQUE. (Veja Flandres).

DURÃO (Fr. José de Santa Rita). Nasceu na provincia de Minas Geraes entre 1718 e 1720, segundo as luminosas averiguações do snr. Innocencio F. da Silva. Doutorou-se em theologia na Universidade de Coimbra, professou a regra de Santo Agostinho no convento da Graça em 1738, e morreu em 1784. Escreveu o *Caramuru, poema epico do descobrimento do Bra-*

zil, impresso primeira vez em 1781, e quarta vez em 1845: — prova efficaz do merito do poema, a despeito da moderação de enthusiasmo e vehemencia de estro que revê de alguns trechos em demasia aridos. O assumpto demandava animo mais liberto das peias ecclesiasticas, visto que os lances amorosos mal poderia ter intuição d'elles o eremita augustiniano, que ao mesmo tempo ou com a mesma penna escrevia a *Novena de S. Gonçalo de Lagos*. Disse d'elle José Agostinho de Macedo na *Viagem estatica ao templo da Sabedoria* que a tal poeta só faltava a antiguidade para ser considerado grande. O parecer de Almeida Garrett é mais critico e sensato, assim expendido: «... Fr. José Durão... atinou com muitos dos tons que deviam naturalmente combinar-se para formar a harmonia do seu canto; mas de leve o fez; só se estendeu em os menos poeticos objectos; e d'ahi esfriou muito do grande interesse que a novidade do assumpto e a variedade das scenas promettia... O estylo é ainda por vezes affectado; lá surdem aqui e alli seus *gongorismos;* mas onde o poeta se contentou com a natureza, e com a simples expressão da verdade, ha oitavas bellissimas e ainda sublimes.»

DUREZA. A insensibilidade do animo que impede a condolencia das dôres alheias e a indulgencia com as fragilidades humanas, é o que se chama *dureza*, em sentido moral. Homem duro não sabe o que sejam dôres de apartamento nem tormentos de saudade. Se tem imperio, faz humilhante a obediencia; se aconselha, dá aos seus juizos tom de decretos; se intenta consolar, punge a sensibilidade. Nas nações e nos homens onde o dinheiro sobreleva a tudo mais, reina *dureza* de coração que não respeita patria nem humanidade. Paredes meias com ella, mora o *egoismo*. É o reverso da *bondade*.

2. «Não se consinta que a differença de condições afrouxe nos meninos o respeito que devem ao homem. Quanto mais ricos, mais se lhes incuta doçura, ternura, e affecto aos seus companheiros somenos e pobres. Nenhum pai quer convencer-se que seu filho tem mau coração. E. se um pai não quer vêr defeitos do filho, os estranhos dispensam-se de o convencer. O melhor meio de trazer á luz as inclinações de um menino, é dar-lhe liberdade de as revelar desde a primeira infancia. É mister conhecel-as bem de raiz antes de as corrigir. Os pequenos são de seu natural francos e expansivos; mas logo que são constrangidos, e recebem exemplos de fingimento, retrahem-se, e nunca mais volvem á primeira lhaneza. Verdade é que só Deus fórma os corações brandos e benignos. O que nos cabe é excitar a brandura com bons exemplos, maximas briosas e desinteresseiras, e desprezo de pessoas que muito se amam. Influa-se-lhes cedo o gosto das affeições cordeaes e reciprocas, em quanto não perdem a ingenuidade dos annos em flôr. Desviem-os de gente aspera, doble, retrincada e logrativa.» (Fénelon, *Educação dos meninos*).

E

EBULLIÇÃO. (Veja TEMPERATURA).

ECLECTISMO. «O eclectismo não se desmandou por desasisadas extravagancias. Combateu-as algumas vezes com habilidade e vigor. Em vez de arvorar a razão em termo absoluto e unico fim, considerou-a meio; e, ao menos como principio, pretendeu usal-a como instrumento descobridor da verdade. Longe de inscrever-se adversario da immortalidade, ostentou-se sempre ardente sectario d'ella.

«Sejamos, por tanto, justos com a escóla eclectica, e prestemos homenagem a seus trabalhos e esforços. D'ella promanaram excellentes e eloquentes escriptos, nos quaes Deus omnipotente e creador é doutamente estudado em si e seus attributos, e a severa grandeza dos deveres indicada, e apresentadas altas e puras no-

ções ácerca das verdades fundamentaes, da alma, da natureza e immortalidade d'ella. Ninguem, como os eclecticos, pintou tanto ao vivo das côres as prerogativas, as faculdades, as grandiosas aspirações, e esperanças do homem.

«O espiritualismo, visto de tal ponto, é o exercicio da razão, que, dirigida, fortalecida e illustrada, é o juiz da verdade em suprema instancia, e ajuda a discernir e confirmar os principios da lei natural. Por felizes nos damos reconhecendo que houvemos do emprestimo da philosophia espiritualista o maximo numero de argumentos razoaveis a favor da immortalidade.

«Se o espiritualismo da nossa época, após triumphar tão honrosamente do materialismo aviltante do seculo passado, se contentasse com restaurar os principios menoscabados, e, desenvolvendo as luzes adquiridas e ensinamentos transmittidos, demonstrasse no summo ponto as grandes leis da ordem natural, teria effectuado meritoriamente a sua missão; desempeceria os primeiros estorvos da verdade, e disporia o accesso de superior ordem de idéas, por outros meios provada, e verificada com outros titulos.

«Assim pautada, a missão do espiritualismo, sem ser exclusiva, seria magnifica. Porém, não o entendeu assim. Quiz ser a verdade absoluta; e, no engodo d'esta excessiva pretenção, arriscou o que havia ganhado, e damnificou seu proprio triumpho.

«Com o proposito de aprofundar a linha divisoria, um como abysmo, entre as suas e outras doutrinas, que lhe deviam ser confirmação, primeiro, e depois mais lata demonstração, o espiritualismo estatuiu principios que, apoucando e enfraquecendo-lhe a these, ao passo que lhe deterioravam a doutrina pura, afigurou-se-lhe vantajoso por se não compadecer com outro ensinamento E logo, em nome d'uma theoria absoluta, sahiu-se a rejeitar debates sobre factos divinos, e revelações pelo menos posteriores ao apparecimento do homem na terra. Cuidou elle que, para vingar o intento, lhe bastava rejeitar o sobrenatural, e assentar formalmente como contradicção que: ordem da natureza e immutabilidade divina são incompativeis.

«E, desde ahi, desgarrando do caminho e da verdadeira medida, foi levado a exagerar a importancia do homem, a diminuir a de Deus, e a exalçar fóra de termos a razão humana.

«Esta philosophia declinou ao erro por não ter querido entender que podia ser verdadeira; mas até á perfeição e plenitude. Fiada de si, proclamou-se superior a tudo, e declarou guerra, sem duvida, prudente, mas por isso mesmo perigosa, a quantas crenças se lhe atravessavam. Pelo que, os mesmos que haviam querido admiral-a e applaudil-a, foram coagidos a impugnal-a; senão que, postos em defesa, tiveram constrangidamente de sustentar principios que eram aggredidos.

«Insinuemo-nos de passagem no desenvolvimento da these posta pelo eclectismo.

«Diz: «A Providencia revelou-se estrondosamente. Manifestou-se com magnificencias e bondade nas leis geraes que governam o mundo. Embellezaram-se os olhos nos esplendores d'ella. Suas leis devem bastar.» E vem logo o refusar-lhe intervenção de pormenores, dá como impossivel qualquer modificação ulterior de seus mandamentos e actos. Recebeu o homem a plenitude de faculdades adaptadas á sua natureza e fins; e, mediante sua razão, deve alcançar quantas verdades lhe são necessarias: tirante isto, o mais é impossivel: Deus não póde dar mais nada ás suas creaturas. O poder de que usou é limitado. Exhauriu-o, quando, uma vez, o empregou. D'outro modo, teria sido incompleta sua obra, ou variavel o pensamento: dupla hypothese por igual inadmissivel. Em vista do que, as perfeições de Deus não admittem revelação; a immutabilidade de Deus repugna á sua ingerencia nas cousas do mundo, e mantém inalteravel a ordem natural, que nenhuma outra ordem póde invadir e perturbar.

«Tal é a theoria. Não a refutaremos inteiramente. Só fallaremos da immutabilidade divina no que ella tem commum com a immortalidade. Não diremos ao philosopho d'esta escóla que negar a Deus a disposição da sua propria lei, é denegar-lhe a omnipotencia; que a objecção da immutabilidade não tem vigor no seu principio; que o eterno Ser, creando tempo e espaço, em que tudo se move, transforma e renova, não é mais assombroso que o ser immudavel dictando leis que depois modifica; que n'este systema ha de ser o mundo forçosamente eterno, porque a immutabilidade induz a permanencia eterna da creação; que é inadmissivel mudança nos designios de Deus fazendo passar o homem da ordem terrestre á celestial, da provação da vida ao repouso da eternidade.

«Entrando n'esta ultima consideração, diremos: Entendida n'este sentido, a immutabilidade absoluta de Deus lesa gravemente a immortalidade do homem. Na verdade, se a Providencia não póde sahir das leis geraes eternamente assignaladas para o governo do mundo, se estas leis são um circulo em que tudo necessariamente deve girar, se não podem ser mudadas por Deus que as fez, nem pelo homem que as recebeu como natureza e condição do seu ser; sendo assim, fóra d'isto que ha ahi de possivel ou demonstravel? O mundo, tal qual é, póde e deve ser immortal; porque o acabar-se seria uma mudança. Em quanto ao homem, se morre, é condição de sua existencia; mas, se renasce, é outra lei, outra creação, outra ordem de cousas, que fogem do circulo traçado, e desmente a immutabilidade divina. Se Deus não póde intervir durante a vida do homem, depois da morte como intervirá? Interpõe-se o abysmo. A morte não é proseguimento da vida, e as leis da natureza não podem parar nem mover-se ao sabor de nossos desejos. Quem é que viu reviver o irracional, reerguer-se a arvore, e renascer o homem? Como entenderemos, como admittiremos a transição da ordem terrestre para uma ordem superior? Não devemos recear que a transição seja impossivel: impossivel porque Deus não póde mudar, impossivel porque seria vã hypothese affirmar uma lei que se não conhece, e é contraria a todas as leis que se conhecem e proclamam immutaveis. Com toda a evidencia, a outra vida é um fim sobrenatural que nenhuma regra actual dirige, que não deriva d'alguma das condições a que o homem obedece n'este mundo.

«Vossas esperanças e aspirações, por mais nobres e ardentes que sejam, poderão depois prevalecer contra o formidavel obstaculo que levantastes contra o desconhecido, contra a terrivel novidade que apparece á porta da sepultura?

«Á vista dos fins naturaes do homem, e das regras immutaveis que o regem, as leis do futuro não podem ser affirmadas: se Deus não se demonstra, tambem ellas não são demonstradas. Immobilisar a Providencia, é rejeitar a immortalidade.

«Debalde a philosophia eclectica se acosta energicamente á lei moral para affirmar a immortalidade da alma. Como principio, não ha duvida que tem razão: honram-na muito as eloquentes considerações que desenvolve ácerca d'esta nobre verdade. Mas será isto bastante no ponto de vista da sua these? Penetrou bem no intimo da natureza do homem? Ponderou bastante o grau da sua força? Calculou quantas vezes esta moral, unica esperança e regra sua, o desampara? Pensou até que ponto os prejuizos, interesses e paixões, alternativamente falseiam e seduzem a consciencia? Debil e mortal, quão necessario lhe é ao homem um guia na sua ignorancia, um auxiliar nas suas incertezas, e alentos em sua pusillanimidade? E quantas vezes lhe mentiriam as recompensas, se lhe fosse mister ir direito a ellas, e aferral-as com mão segura e victoriosa?

«Além d'isto, no systema dos que admittem uma só ordem exclusivamente fundada sobre a immutabilidade divina, e sustentam que Deus doou

a cada qual o pleno gozo das faculdades necessarias para vêr o bem e abraçal-o, a immortalidade é ameaçada nos seus melhores resultados, em razão de a collocarem a ella, sem duvida involuntariamente, fóra das condições naturaes do homem. Declaraes que a immortalidade é a consequencia da lei moral. Pois bem! Em vão se esforçam os vossos raciocinios, no proposito de fundal-a sobre a consciencia e o dever. D'ahi mesmo vos foge. E os actos do homem, longe de lhe serem testemunho, tornam-se como incapazes de a produzirem. Dizeis vós que Deus sómente fez leis geraes; que, ordenando o mundo uma vez, o deixou entregue a si, e que distribuiu com methodo e harmonia a cada qual o que lhe era necessario. São communs de todos a força, a intelligencia, e condições sufficientes para cumprirem plenamente a lei. As paixões que seduzem, as ruins inclinações que desvairam. os estorvos que se antepõem, a razão que se escureœ, a vontade que vacilla, isto não o tendes vós em nenhuma conta. Existe a regra: deve cumprir-se. A infracção é crime. Deus, que é immudavel, não póde modificar sua lei ou mudar sua disposição a respeito do peccador. Não suavisa a lei nem perdôa ao peccador. Logo por tanto existe um possivel arrependimento. E que effeito póde elle ter? Quem peccou, não peccou para sempre? O homem, como ser completo, não cahiu por fraqueza ou insufficiencia; e a culpa persiste n'elle em nome da lei de sua natureza. Diz Rousseau no intento d'esta mesma these: «Se pratíco o mal não tenho desculpa: pratico-o porque quero.»

«Cumpre-nos por tanto entender que a immortalidade com que lisonjeaes o homem, não é mais que a immortalidade da pena. Quem é que não cahiu uma vez? O christianismo, que nos promette vida immortal, e, como vós, a deduz da ordem moral e d'outras provas, exige pureza para alcançal-a, colloca o arrependimento quasi ao nivel da innocencia, e manda repousar nossa confiança não já sobre as perfeições de Deus santo e immutavel, mas sobre a bondade soberana.

«Vós não fazeis isto, nem o podeis fazer, que a logica do vosso systema não vos deixa.

«Em opposição a tudo o que altera a ordem absoluta da natureza, inutilisastes a prece que implora auxilio, e não podeis admittir a que pede perdão. Tornaes impossivel a justiça, perpetuando a culpa: a immortalidade do bem quasi a fizestes inaccessivel; e abandonaes o homem, o mais das vezes culpado, entre a negação e a desgraça da vida futura.

«A philosophia eclectica não abdicou totalmente á vista das consequencias da sua doutrina. Apartando-se com razão, se não com logica, do rigor que pozera em não fazer sahir Deus das leis geraes, e o homem da ordem natural, cedendo já a aspirações altas do coração humano, rasgou diante do homem brilhantissimos horisontes, e pela bocca de um seu acreditadissimo mestre fez pregoar: «que a felicidade celestial devia consistir em vêr Deus rosto a rosto, contemplar Deus eternamente tal qual elle é, e amal-o com todo o coração, durante a eternidade.» Louvêmol-a por estas nobres esperanças; mas perguntemos-lhe de quem recebeu estas promessas? Quem lhe fez conhecer tão estranha especie de felicidade? Entendemos que ella do dever e da consciencia conclue a necessidade da recompensa e da pena. Admittimos ainda que ella transporta esta recompensa ou pena a outra vida, sem dar peso á impossibilidade de lhe abrir naturalmente as portas e defini-a. Não recusamos subscreverlhe, quando, auxiliada pelos simples intuitos da razão, esclarecida mórmente por luzes tradicionaes, supponha aquella recompensa fundada sobre actos, mas superior ao merito e digna da bondade e poder divino. Porém, sahir de todas as consequencias naturaes, de todas as condições actuaes de corpo e alma, ir até á visão beatifica, á possessão absoluta, á exultação quasi adequada a Deus!... Philosophos, que só reconheceis as leis d'este mundo, sem dar tento vos achaes em

pleno sobrenatural, e tão ao certo viveis n'elle, que fallaes a lingua christã, a lingua de Bossuet, e vos servis das expressões textuaes dos livros sagrados. Tão profundo está em vossa natureza o sobrenatural que rejeitaes! Tão penetrativa em vossos corações é a verdade, que não podeis fugil-a apesar de vossas resistencias!

«Não fecheis olhos aos luminosos traços que vos fazem seguir um generoso e a modo de involuntario instincto; que, senão, nem provas racionaes tereis. Não bastam a conserval-as os esforços de vossa intelligencia, as lições da sabedoria antiga, e os ensinamentos da historia. Um dos melhores entre os vossos, considerando, pouco ha, ainda prematura, não obstante multiplicadas tentativas e investigações, a solução da suprema questão do nosso destino, exclamou com eloquente amargura: «Ha seis mil annos que o mundo é mundo; e a philosophia não póde ainda avisinhar-se do problema da immortalidade da alma.»

«Assim, esta philosophia eclectica, podendo manter-se fiel ao mais alto e puro espiritualismo, após larga colheita de sementes de verdade em todas as philosophias antigas, e colhidas tambem na verdade christã; esta philosophia que podéra ser poderosa, sem ser exclusiva, e marcaria sabias balizas entre razão e fé sem dividil-as e inimistal-as, resvalou na ladeira que ella mesmo declivára, e veio de longe, e forçada pelas consequencias de suas doutrinas, emparelhar com o racionalismo puro, que ella desadora, e com o pantheismo, que repelle. Arriscou todos os thesouros que grangeára — diz M. Guizot — abalou o edificio que erguera para agora e para sempre. Com suas concessões ao racionalismo puro, offendeu a verdadeira noção dos grandes principios que ella honorificára. Aparentando-se com o pantheismo, e nubelosas abstracções da Allemanha, levou á duvida, em aggravo da lei moral e consciencia, a supervivencia pessoal do homem. Feriu-se a si mesma com a arma que arremessára contra Deus, contra o sobrenatural, contra a vida futura do christianismo. Antes quiz ser o palacio imbricado da hypothese e incerteza, que o portico seguro e inabalavel do templo da verdade.

ECLIPSE. (Veja LUA e SOL).

ECLIPTICA. (Veja SOL).

ECONOMIA. 1. Em terminologia scientifica, esta palavra significa o conjuncto de leis que regem todos os corpos organisados. Pelo que, *economia animal* e *vegetal* encerram o conhecimento da estructura dos corpos vivos (anatomia) e de suas funcções (physiologia). — Em moral, economia quer dizer o poupamento atilado dos diversos objectos de consummo, dos quaes podemos dispôr. Leva em vista a economia dar a cada cousa certa ordem que a resalve de damno, apreciar os verdadeiros bens, e prover no uso d'elles, prudente e judiciosamente. Se o desejo de poupar domina em demasia, se a pauta que o juizo traçou não foi seguida, a ordem já não faz parte da economia, que então degenera em *parcimonia*. Esta entende ás vezes sobre um só objecto ou poucos objectos de consummo; porém, se abrange o total das necessidades e dispendios, deve ser marcada com o nome de *avareza*. — *Economia domestica* é o regimen usado no governo de uma casa, em ordem a equilibrar os rendimentos com as despezas. Ensina a harmonisar o modo de vida com a indole de quem o exercita, e a combinar a felicidade com os desejos do homem sensato. É por tanto a economia avêssa a tudo que é pompear e estadear-se um homem; pois que baixelas, louçanias, equipagens não dão a quem as possue mais excellencias e estimação. — A sciencia, que versa sobre interesses civis, chama-se *economia politica*. Seja qual fôr o governo e clima dos paizes, sua subsistencia depende de leis naturaes em que os factos se entreatam ás causas e aos effeitos. Esta concatenação, resultante da natureza das cousas, aprendemol-a na economia politica. Um commerciante habil encontra ahi sciencia de tudo que lhe diz re-

lação, prevê quaes productos escacearão em tal paiz, onde irá mercadejar outros com maior vantagem, para satisfazer ás urgencias dos povos privados d'ellas, e formará seus calculos, levando em conta todas as condições que regulam o *trabalho* (veja esta palavra), transportes, producção e consummo: dispõe, pelo conseguinte, suas operações. É d'est'arte o *commercio* (veja esta palavra) distribue as riquezas do genero humano, com auxilio da perspicacia, e afouteza intelligente. Ainda assim, a *economia politica* impõe regras ás administrações e aos governos, contravindo a monopolios e combinações astuciosas nocivas ás nações, por maneira que a evolução de rendas e capitaes, redunde em divisão das cousas com beneficio commum.

2. «A razoavel economia está entre a prodigalidade e a avareza.» (Oxenstirn). — «Sem economia, riquezas grandes não as ha; e tambem, com ella, não ha pobreza.» (Seneca). — «É a economia origem de independencia e liberalidade.» (M.me Geoffrin). — «O espirito sensato deve, em vida frugal e operosa, esquivar-se aos desaires privativos do proceder prodigo e ruinoso. Corte-se por despezas superfluas para haver com que occorrer ás que a cortezia, a amizade e caridade demandam. Saber perder a tempo é ás vezes grande lucro. Os grandes proveitos auferem-se do bom regimen, e não de cainhices sordidas.» (Fénelon, *Educação das meninas*, c. XI).

3. «É a economia virtude capitalissima das senhoras. O defeito inverso pende muitas vezes de suas phantasias de toucador. O costume de despender muito em frivolidades dispára em tamanha desordem que não ha mais desinveteral-o do espirito... Incumbe ás mães instruir as filhas, na preferencia do util ao phantastico, que se dissipa com as modas... Seria proveitoso adestrar as meninas no entendimento das despezas caseiras, e dar-lhes applicação aos seus conhecimentos arithmeticos.» (Miss Edgeworth, *Educação pratica*, c. XXIV). — «Adquirem-se habitos de prodigalidade como de economia. É pois indispensavel ensinar ás meninas o valor e emprego do dinheiro, antes de lh'o confiar para as despezas da sua guarda-roupa. Durante um ou dous annos, façam-na sommar todas as contas dos seus gastos, sendo ella mesma quem distribue as quantias destinadas ao pagamento das contas. Brotam reflexões dos objectos que nos fallam aos olhos; e, bem que lhe não suscitemos apêgo ao ouro, bom é que o despender lhe esperte desejos de poupar. Não se arreceiem as mães de volver avaras as filhas. Tal vicio não quadra ao seculo presente: a prodigalidade resurte de tudo.» M.me Campan, *Educação*, liv. VII, c. 1). — «A economia domestica offerece copia de predicados quasi todos bem postos no merito das senhoras: — ordem, previdencia, limpeza, amor ao trabalho, saber experimental de tudo que diz respeito á sciencia de governar. Esta ultima excellencia é absolutamente necessaria ás damas. Deve a mãi de familia saber fazer tudo que ordena; que não ha ahi posição social que a defenda de ser um dia quem faça os seus cosinhados, lave e bruna seu bragal, e varra a sua casa.

A natureza fel-a ama, mestra e enfermeira de seus filhos. Desdenhar taes esmiunças e deveres que sobredouram o valimento das senhoras, é prova de educação ruim e alma de baixa conta. (M.me Sirey).»

EDUCAÇÃO. «Poucas theorias requer a educação que é de seu natural simples e pratica. O que ella demanda é muitissimos desvelos, preceitos poucos, e amor muito. A natureza, pois, ensina a educar, mas não diz *ser bom tudo que deriva de suas mãos*, que tanto montaria reduzir a nada a educação. Ao revez, mostra que tudo é debil e caduco, mormente o homem, que ella intenta guiar no caminho da perfectibilidade. Ora, quem tal imperio ha de exercer sobre a natureza humana? Muito valem, na sua educação, usos, exemplos, costumes publicos, e até as leis. A fallar verdade, quem educa o ho-

mem é a religião; pois só ella tem authoridade em correcção de vicios e reformação de costumes. Quem converteu a benevolencia em virtude, chamada *caridade,* foi a religião. A benevolencia é a cortezia, posto que a cortezia é ás vezes embuste, e a benevolencia é sempre sincera. — Principia a educação no berço da criancinha recentemente nascida, e já a prenunciar natureza revel e ruim de caprichos que é mister sopear-lhe. É por tanto a mulher a primeira mestra do homem, seu primeiro instrumento e talvez ultimo de educação. Não a exauthoremos de tal privilegio, porque de Deus lhe vem, ao interpôl-a, em meio dos homens, anjo do bem-fazer e do amor. A mais desgraçada educação é uma em que não se nos deparam vestigios de mulher, que quebra com affectos a rigidez das paixões fogosas, e matiza a sociedade humana com uns realces de condescendencia mutua — symbolo exterior e profundo de civilisação... No tocante ao caminhar compassado da educação, participa a mulher da influencia natural do homem. Cresce e forma-se o menino sob a authoridade paternal, mas não menos sob as caricias da mãi: dupla acção necessaria áquella morosa e difficil cultura. Porém, no quinhão d'estas funcções, influa o pai pela authoridade e a mãi pela submissão: elle grave e austero, ella branda e benefica, ambos convergentes a preparar a criança para a vida commum, onde lhe ha de ser corôa de educação respeitar a liberdade alheia, sem immolar a propria.—Detrahe alguem do collegio, quando antes devêra detrahir a educação recebida. Alguns paes claudicam na educação dos filhos, e depois vingam-se ou consolam-se menoscabando a educação publica. E d'onde vem a insufficiencia e má sorte da educação publica?

«Sinta o menino, cá mesmo de longe, a influencia de familia; não lhe faltem alentos e bons conselhos; incutam-lhe o pai preceitos com voz authorisada, e a mãi benevolas advertencias, tempere a doçura de um a gravidade do outro; não lhe seja o collegio apontado como casa de castigo, senão como dôce asylo; adapte o mestre sua desvelada intelligencia á intelligencia docil da criança; concorram precauções meigas, e desenvolva-se a natureza infantil sob a impressão das maiores solicitudes e ao contacto das indoles formadas com identicos exemplos e conselhos. Cuido que tendes notado que a educação publica não é o que se pensa; mas sim uma dôce harmonia da criança com os nossos desvelos affectuosos. Homem *sociavel* ou *social* quem o faz é a educação. Reprovo que se cure mais da *instrucção* que da *educação* das gerações novas. E tanto mais que, a bem dizer, a instrucção que se dá á mocidade é incompletissima, em quanto que a educação poderia attingir perfeita realidade.» (Laurentie). (Veja HARMONIA DOMESTICA).

2. «Formar corações sem ao mesmo tempo desenvolver espiritos é impossivel. Não se imprimem na consciencia do homem regras de bem viver sem lhe esclarecer a intelligencia, ampliar-lhe as idéas, instruil-o em fim. Póde pois a educação, rigorosamente fallando, supprir a instrucção; mas a instrucção só por si não supprirá a educação.» (Donnet). — «A educação devêra ser considerada parte principal da legislação. Occupam-se os povos modernos bastantemente da instrucção que alumia o espirito, e pouquissimo da educação que fórma a *indole*. (Veja esta palavra). Os antigos desvelavam-se mais que nós a tal respeito. Tinha então cada nação uma indole nacional que nós não temos. É praxe nossa entregar o espirito á escóla e a indole ao acaso.» (Conde de Ségur). — «Se falta a educação, a instrucção é instrumento de ruina. A educação só por si ensina verdadeiramente o dever convertendo-o em pratica.» (Royer-Collard). — «É a educação para a alma o que a cultura é para a terra. Espirito que não foi de cedo cultivado, e não recebeu os embryões da virtude, é como a vinha do preguiçoso. Entregue ás propensões da vontade depravada, será eterno

ludibrio de erros e paixões.» (Hervey). — «Em agricultura faz-se mister bom torrão, habil cultor e boa semente; em educação, a natureza é o solo, o mestre o agricultor, e os preceitos são a semente.» (Plutarco). — «Amanham-se as plantas com a cultura e os homens com a educação.» (J. J. Rousseau). — «O coração do menino, bem encaminhado, abre-se de seu natural á virtude, como o calice da flôr aos raios beneficos do sol.» (De Gerando). — «A educação visa a reforçar o corpo e aperfeiçoar, quanto possivel, a alma.» (Platão). — «A educação é, para cada qual, obra de toda a vida. Deve prolongar-se até á sepultura; porque o homem é um ser eminentemente aperfeiçoavel. Deve por tanto o curso da sua carreira terreal ser um incessante progredir, assim como o termo d'aquella carreira ha de ser uma grande transformação.» (De Gerando). — «A Providencia impoz-nos como lei o aperfeiçoarmo-nos quando a todos nos deu forças diversas, que hão de fructear na proporção do exercicio e cultura. Entretanto, os homens destinados a viver socialmente não podem só per si cumprir tal dever; carecem, nos primeiros annos, de soccorro estranho com o qual mais ao diante se regem, e prestam á geração que os segue o serviço recebido da geração que os precedeu. Todos carecem de primeiras luzes que os iniciem na sciencia da vida, e, a um tempo, lhes dêem vontade e meios com que attinjam a perfeição que podem mais tarde alcançar.» (M.me Necker de Saussure).

3. «Educação que não fôr religiosa desaperfeiçôa o homem, e o mais que vinga é formar um animal intelligente. Pensar que só a sciencia engrandece o homem é erro: o que o faz homem e grande é o conhecer Deus.» (Aimé Martin). — «Fóra do christianismo, todo o desenvolvimento da actividade humana conduz ao erro. A theoria da educação *humanitaria* está convencida da incapacidade; desde que ha christianismo, a clausula de ser christão é que faz o *homem*. E, como a vida moral de um povo não póde ser governada por outras leis que as que regem o individuo, á formula que apresentamos cumpre acrescentar: o christianismo é a base unica sobre que assenta a ordem geral; é principio de educação individual, e regra do desenvolvimento da sociedade.» (Eugène Rendu). — «Fujam, diz Rousseau, dos que semeiam no coração humano doutrinas subversivas. A titulo de que são elles os illustrados de primeira ordem, os mais veridicos, subjugam-nos imperiosamente ás suas decisões peremptorias, e desvanecem-se de nos darem os veros principios das cousas em systemas inintelligiveis lá forjados nas suas phantasias d'elles. Por ultimo, derruindo, transformando, calcando tudo que os homens respeitam, privam os afflictos da extrema consolação de suas miserias, e desenfreiam as paixões dos ricos e poderosos; desarreigam do coração o remorso do crime, a esperança da virtude; e gabam-se ainda por cima de ser bemfeitores do genero humano. Dizem elles que a verdade nunca prejudicou o homem. Eu tambem assim penso, e concluo do que elles dizem que a verdade não está com elles. Os bens que a philosophia póde fazer, melhormente os faz a religião, e a religião alguns faz que a philosophia não póde fazer.» — «O christianismo é vinculo mais poderoso que quantos ha ahi. A Europa deve-lhe a sociedade que liga os seus membros. Menosprezado em sua origem, o christianismo deu asylo a seus detrahidores que tão cruel e mallogradamente o perseguiram. Dizem alguns incredulos que o christianismo constrange: tanto monta confessar que é incommodo o jugo da virtude que elle põe. É pernicioso — acrescentam outros: é isto um como cerrar olhos ás mais sensiveis e indispensaveis melhorias que elle fomenta á sociedade. Os deveres que prescreve encontram os da sociabilidade? Manifesta calumnia. O principal preceito do christianismo é que cada um cumpra seus deveres. Favorece o despotismo, e a authoridade arbitraria dos principes? Falsidade. O christia-

nismo declara em termos energicos que os reis, no tribunal divino, serão julgados mais rigorosamente que os outros homens, e pagarão com usura a impunidade que na terra gozarem. Dizem que a fé exigida pelo christianismo contradiz e humilha a razão: é injuriar a experiencia e a mesma razão ter em conta de humilhante um jugo que equilibra essa razão sempre vacillante e inquieta, quando entregue a si mesma... Só a religião faz que o mal deixe de ser o que é; soffrer é mal menor que saborear doçuras de vida com aggravo da consciencia e dos deveres; só com a religião o homem se exalça sobre si mesmo, e se furta á perseguição, á iniquidade, repousando-se á sombra d'ella, no regaço da felicidade, a salvo de todos os revezes.» (D'Alembert, *Fragmento de uma carta á imperatriz da Russia*).

4. «São tantas as imperfeições que vem com o perdimento da virtude nas mulheres, tão aviltada lhes fica a alma, que podemos considerar a incontinencia publica a suprema desgraça, e a certeza de profundo abalo na ordem social. Preceituaram os bons legisladores gravidade em costumes, prescrevendo de suas republicas não só o vicio, mas até a apparencia do vicio. Baniram requebros e galanteios que corrompem a mulher ainda antes de corromper-se, e encarece futilissimos nadas, desbaratando cousas de valia, e estatuindo ridiculezas como norma de viver tão vulgarisadas no trato das salas.» (Montesquieu, *Espirito das leis*). — «Se desprezaes a educação das mulheres, nada fizestes util» diz o author da *Legislação*.

«A intelligencia é o grande instrumento com o qual os homens conseguem os seus desejos: assim, deve ella chamar a sua attenção mais que qualquer outra faculdade. Quando se falla aos homens de se melhorarem, o primeiro pensamento que se lhes apresenta é que devem cultivar a intelligencia e adquirir conhecimentos.

«Entende se quasi exclusivamente por educação a educação intellectual. Deve-se, de certo, respeitar a intelligencia, mas não a colloquemos acima do principio moral, porque está intimamente ligada com elle. É no principio moral que se baseia a cultura do espirito, e educal-o é o seu fim supremo.

«O que desejar que a sua intelligencia se eleve e seja sempre vigorosa e sã, deve começar pela educação moral.

«O estudo e a leitura não bastam para aperfeiçoar a razão. É necessario que julguemos uma cousa superior a todas as outras: é o desinteresse, que é a alma da virtude. Para chegar á verdade, que é o grande fim da intelligencia, é mister procural-a com *desinteresse*. É a primeira e a grande condição do progresso intellectual.

«Aceitemos a verdade, qualquer que seja o alcance para nós: sigamol-a, sem nos importar aonde nos conduz, nem os interesses que prejudica, nem a perseguição ou a perda a que nos expõe.

«Sem esta candura do espirito, que é, sob outro nome, o amor desinteressado da verdade, pervertem-se e aniquilam-se as grandes faculdades naturaes, perde-se o genio, e a luz que nos illumina muda-se em trevas. Quando falta esta virtude, os mais subtis discursadores enganam-se inteiramente pensando enganar os outros, e enredam-se nos fios dos seus proprios sophismas.

«Alguns homens, dotados pela natureza de extraordinaria intelligencia, tem diffundido os erros mais grosseiros, e até procurado destruir, para o dizer assim, as verdades primas, que são a base da virtude e da esperança humana. Por outro lado, ha homens que, recebendo apenas da natureza espirito ordinario, tem, por amor desinteressado da verdade e de seus semelhantes, sabido levantar-se por notavel desenvolvimento e força de idéas.

«O homem que se eleva acima de si vê de alto a natureza, a sociedade e a vida. O pensamento dilata-se-lhe como por elasticidade natural, quando desapparece a pressão do egoismo.

«Os principios moraes e religiosos, generosamente cultivados, fertilisam a intelligencia.

«O dever cumprido fielmente abre o espirito á verdade, porque ambos são da mesma familia, igualmente immutaveis, universaes, eternos.

«A exaltação do talento acima da virtude é a maldição do seculo.

«A educação tem por fim estimular o saber, mas o homem adquire assim o poder sem os principios que lhe são bem unico.

«O talento, ou, antes, o que se chama habilidade, é, pois, adorada; mas se ha divorcio entre a habilidade e a rectidão, o talento será antes um dom do inferno que do céo.» (*Archivo Pittoresco*).

EFFEITOS NEPTUNINOS. (Geologia). Afóra o diluvio, muitas mudanças successivas anteriores á creação da raça humana, umas operadas lentamente, outras repentinas, deslocaram a superficie da terra, elevando umas partes, abaixando outras, e ás vezes produziram alternadamente aquelles dous effeitos inversos, deslocando o leito dos mares, e mudando a fórma e extensão dos continentes. Eram estes effeitos causados por duas especies de agentes, uns exteriores que alteravam a crusta do globo, outros internos que actuavam de dentro para fóra. São os primeiros o ar e agua, que formam duas especies de involucros á volta do nucleo solido, os quaes, ajudados por seu peso, exercem continua acção sobre a superficie acrescendo-lhe novos depositos, ou subtrahindo-lhe os antigos, levando-os a outras regiões. É o que se chama *effeitos neptuninos*, de Neptuno, deus do mar. Os segundos são agentes productores dos phenomenos vulcanicos e outros correlativos d'aquelles. (Veja VULCÕES). — O ar actua de concerto com a agua para decompôr e desaggregar as rochas superficiaes e produzir desmoronamentos ás abras das montanhas escarpadas. Levantam ás vezes as ventanias montes de areias, chamados *dunas*, nas costas maritimas, quando o mar está sujeito ao fluxo e refluxo, e o fundo é areento, e a praia algum tanto esconsa. O vento do mar não só impelle a areia ás praias, mas a rola constantemente para o interior da terra, de sorte que as dunas avançam vagarosamente, e são seguidas de outras, que se formam no lugar que as primeiras abandonaram. — A acção das ondas produz tambem sensiveis mudanças nas praias. Onde as ribas são altas, as vagas lentamente as vão socavando pela raiz, formando escarpas. O mar, quebrando na praia, revessa materias que formam uma especie de talud, composto de areias e seixos, chamado *cordão littoral*. «A agua, segundo o seu estado de movimento e de repouso, exerce sobre a crusta terrestre acção destruidora e renovadora. As impetuosas torrentes que descem das altas montanhas pelas encostas, quer das aguas pluviaes, quer da fusão das neves, animadas de grandes velocidades, produzem no solo sulcos profundos, alargam os existentes, transportam para as partes mais baixas os fragmentos das rochas, calhaus, cascalho, areias, limos e tudo o que encontram no seu transito e podem vencer pela sua força. Á medida que a rapidez do movimento se vai diminuindo, os corpos os mais pesados, como as rochas, vão cahindo no fundo dos valles, após d'estes os de menor peso, depois as areias, e finalmente os mais leves que podem ser levados a grandes distancias. Identicos effeitos se observam nas correntes de rios e ribeiras na razão da rapidez dos seus movimentos e das desigualdades no seu transito.

«A agua dos lagos, actuando sobre as suas paredes, produz fendas, que vão alargando continuadamente, até que a agua vasa a subitas com grande impeto, produzindo no seu transito denudações, e transportando tudo quanto encontra na sua passagem.

«Á acção denudante da agua succede uma outra — a sedimentar; os productos da denudação, levados pelas aguas em movimento a grandes distancias, são abandonados em consequencia da diminuição da velocidade da corrente, formam aterros mais ou menos consideraveis, chamados *depo-*

sitos sedimentares, que segundo as circumstancias que presidiram á sua formação, se denominam *alluviões*, depositos chimicos e *extractos regulares*.

«Do que temos exposto podemos concluir que as aguas correntes exercem sobre a crusta terrestre uma triple influencia: a primeira a desaggregação das rochas, e a formação dos detritos: a segunda o transporte das rochas, dos fragmentos, dos detritos, e das areias, a grandes distancias: a terceira a formação dos depositos sedimentares, quando cessam as circumstancias que favorecem a suspensão.

«Os geologos chamam *alluviões* aos aterros, que, na época actual, se formam nos valles, e no leito de alguns rios, em virtude do deposito de materiaes que as torrentes e os rios na occasião de cheias conduzem e depositam pela ordem das suas densidades. As alluviões modernas são geralmente de areias, calhaus rolados, em camadas irregularmente estratificadas e moveis.

«Chamam-se *deltas* as linguetas, ordinariamente muito ferteis, que se formam nas embocaduras dos grandes rios, ou no mar, em fórma triangular. São o producto das alluviões repetidas d'estes rios, que se estendem e se prolongam em fórma de promontorio.

«O Nilo e o Pó offerecem exemplos dos deltas mais notaveis.» (Marques Lobo, *Principios geraes de mineralogia*, etc.)

EGOISMO. Chamam-se *desinteresseiras* as affeições do homem se estas prendem exteriormente com a verdade, e o bello, e o bem. Se, ao envez, o objecto de seus affectos é a utilidade pessoal, e tudo que mais ou menos lhe diz respeito individualmente, semelhantes affeições chamam-se *interesseiras*. Taes affeições não são as que em rigor constituem o *egoismo*. Se tal nome conhesse a quem cura de seus interesses, raro haveria a quem tal epitheto desconhesse, porque não ha ahi alguem que, d'este ou d'aquelle modo, não cuide de si, aspirando á felicidade. Razão teve J. J. Rousseau para dizer: «A fonte de nossas paixões, o começo de todas, a que nasce com o homem e nunca se separa d'elle é o *amor proprio*, paixão primitiva, congenita, anterior ás demais, d'onde todas derivam, ou são modificações suas... O amor proprio é sempre bom e bem ordenado. Estando cada qual especialmente encarregado de sua propria conservação, deve ser-lhe principal cuidado velar por si. E se lhe não fosse n'isso interesse grande como velaria elle?» — *Amor proprio* não é por tanto equivalente de *egoismo;* porém n'isso dispára. Principia o egoismo quando o amor proprio se torna *exclusivo;* logo que o homem anda tão atarefado em cata de suas conveniencias que as dos outros lhe são de todo indifferentes, e até em beneficio proprio, não duvidava sacrifical-as, eis o egoismo. Do egoismo promana orgulho, desprezo, vaidade, cubiça, avareza, tyrannia, oppressão, fatuidade, desvanecimento, etc.

2. «É bom cuidar o homem de si; mas é odioso cuidar só de sua pessoa.» (M. Jay). — «Quem vive só para si para pouco vive.» (De Lingré) — «Pouco tem quem tem só para si.» (Florian). — «Homens que só a si se amam só de si devem temer-se.» (Gracian). — «O egoista é um misero louco que se illude; insula-se, esquiva-se de amparo, embrenha-se no labyrintho da vida sem guia nem companheiro. Escreve com tinta o bem que lhe fazem, e com lapis os beneficios que recebe.» (De Ségur). — «Será capaz de vos queimar a casa para frigir n'ella os seus ovos.» (Champfort).

3. Esta palavra *egoismo* foi modernamente aforada em linguagem portugueza. Os que melhormente a escreveram incluiram no *amor proprio* todo o mal que hoje pomos a cargo do *egoismo*. A uma familia de religiosos que em demasia grangeavam exclusiva authoridade no ensinamento e nos bens da fortuna, se ajustou a palavra *solipsismo* que sôa como *egoismo*. S. Paulo, n'um catalogo de vicios que enumerava a Timotheo, põe na cabeceira o *amor proprio*. *Erunt*

hominis se ipsos amantes — «amantes de si mesmos.» Ao intento, acrescenta o padre Manoel Bernardes: «Assim como o amor de Deus é raiz de todas as virtudes, assim o amor proprio é a de todos os vicios. Por onde, se esta se não arranca, necessariamente hão de brotar os mais peccados de cubiça, soberba, luxuria, hypocrisia, etc. Os damnos que em nossa alma faz esta má raiz, muitos o experimentam, poucos o explicam, e raros o evitam. Amor proprio — este é o veneno, que se creou no peito do primeiro anjo apostata, comprazendo-se em suas excellencias, e appetecendo outras mais altas, e com este fermentou, e corrompeu depois toda a massa do genero humano. Amor proprio — este é o basilisco, que na cova onde mora, não deixa ao redor d'ella nascer verdura alguma: por que toda a virtude, e piedade secca, e destroe.»

EGYPSIACOS. (Veja PRIMEIROS SECULOS, e SETIMO (seculo)).

EGYPTO e ABYSSINIA. Parte da superficie do Egypto é montanhosa, parte chã. O Nilo, rio unico d'este paiz, desce por uma estreita garganta limitada a leste pela cordilheira arabica e a oeste pela lybica. O clima do Egypto é calidissimo. Nunca alli chove. São duas sómente as estações lá conhecidas: a primavera entre novembro e fevereiro, e o estio durante o restante do anno. É extremamente secco o ar. Desolam o paiz o vento do deserto, a peste, as bexigas e febres perniciosas. — O solo do Egypto é sómente fertil no valle do Nilo, que o remanescente é vasto deserto de areia. A fertilidade do valle, ainda assim, depende da inundação regular do Nilo, que se dá annualmente entre junho e setembro. Se a cheia se faz em condições convenientes, a colheita é prodigiosamente rica. — Explicam a inundação periodica do Nilo as chuvas regulares e copiosissimas que annualmente cahem na zona torrida, onde aquelle rio nasce, e sobre tudo na Abyssinia onde ha vegetaes e animaes das zonas tropicaes, e tambem por causa das muitas montanhas. O commercio unico da Abyssinia consiste em exportação de marfim, ouro em pó, e venda de escravos. Foi outr'ora estado poderoso, mas está hoje esphacelado pela guerra civil. — No Egypto, a industria manufactora, muito tempo desconhecida, principia a florecer, favoneada pelo actual pachá, que constituiu a Alexandria o armazem de todos os productos da Africa central, da Arabia e India. Daremos alguns traços d'aquella cidade.

2. «O nome de Alexandria, que suggere lembranças do alto espirito de tão espantoso homem; o nome do paiz, que prende a tantos factos e idéas; o aspecto do local, que offerece tão pittorescos quadros; as palmeiras que se arqueam em parasol, as casas com eirados em vez de telhados; as delgadas agulhas das torres que suspendem balaustradas aereas: tudo está dizendo ao forasteiro europeu que chegou a mundo novo. Se olha por sobre terra, todos os sentidos se lhe embellezam em muitissimas cousas desconhecidas: a linguagem barbara raspa-lhe nos ouvidos; a extravagancia do trajar, a estranheza das physionomias. Em vez dos nossos rostos rapados, das nossas cabeças alcantiladas de cabellos, dos toucados triangulares, e vestidos curtos e justos, vê espantado aquelles rostos azeitonados, cobertos de barba, fotas enroladas á volta das cabeças tosquiadas, vestidos amplos que pendem do pescoço até aos pés, cobrindo e não vestindo os corpos... Mas o espectaculo mais attrahente são as vastas ruinarias que juncam a terra. Durante duas horas de caminho, seguis uma dobrada linha de muralhas e torreões que algum dia cingiram Alexandria. Cobrem a terra as reliquias das suas ameias, pannos inteiros alastram o solo, as abobadas aluidas, as pedras corroidas e desfiguradas pelo salitre... Outra maravilha do Egypto são as pyramides. A mão do tempo e a dos homens que todos os monumentos antigos arrazaram, nada valeram até hoje contra ellas. A solidez do edificio e a grandeza da massa as tem defendido de

todos os attentados, e lhes afiançam duração eterna. D'ellas escrevem enthusiasticamente todos os viajantes, e certo que não ha encarecimento n'esse enthusiasmo. A dez leguas de distancia se divisam esses simulacros de montanhas, e como que se afastam ao passo que nos avisinhamos. Está um homem a distancia de uma legua, e já cuidamos que as temos á mão, e quando alfim as palpamos, não ha dizer as sensações que se nos coam na alma. A altura de seus cumes, a rapidez do seu declive, a largura d'aquella superficie, a memoria do tempo que ellas representam, o calculo do lavor que custaram, o pensar que esses immensos rochedos são obra de homens, tão enfezados e debeis, que lhes rojam ao sopé, tudo vos toma de sobresalto coração e alma; e vos espanta, assombra, humilha, e prostra.» (Volney).

ELECTRICIDADE. «A electricidade é a propriedade que tem certos corpos, quando são esfregados, aquecidos ou simplesmente postos em contacto com outros, de attrahir primeiramente e depois repellir os corpos leves, lançar faiscas, e de fazer experimentar ao systema nervoso commoções mais ou menos fortes. O ambar amarello (*elektron* em lingua grega) foi a primeira substancia em que mui antigamente foram observados esses phenomenos; mas notam-se tambem no vidro, enxofre, resinas e outros corpos. Para fazer esta experiencia, esfrega-se com um panno de lã um tubo de vidro, ou um pau de lacre, que não é mais do que resina corada de vermelho pelo vermelhão; aproximando depois esse pau ou esse tubo a corpos leves, taes como folhetas de ouro, barbas de penna ou pedacinhos de papel, todos esses corpos são immediatamente attrahidos.

«FONTES DA ELECTRICIDADE. As causas que desenvolvem a electricidade são numerosas e podem dividir-se em fontes mecanicas, physicas e chimicas

«As *fontes mecanicas* são a fricção, a pressão e a separação das moleculas. Por exemplo, quando alguem quebra um pedaço de assucar na escuridade, nota-se um fraco lume que é devido á electricidade desenvolvida no momento da separação das moleculas.

«As *fontes physicas* são as variações da temperatura. Verificam-se-lhe os effeitos em alguns mineraes, e principalmente na tormalina e no topazio, que manifestam propriedades electricas pelo calor ou resfriamento.

«Em fim, as *fontes chimicas* são as combinações e as decomposições dos corpos. Por exemplo, os metaes, como o zinco, o ferro, o cobre, mergulhados em um acido, são atacados por elle, unindo-se-lhe para formar saes. Ora, durante essas combinações, desenvolvem-se quantidades consideraveis de electricidade; e acontece o mesmo nas decomposições chimicas; isto é, na separação dos elementos dos corpos.

«As duas mais poderosas fontes da electricidade são a fricção e as acções chimicas.

«MACHINA ELECTRICA. A machina electrica é um apparelho que serve para desenvolver pelo attrito uma abundante porção de electricidade. Foi inventada, ha 200 annos, por Otto de Guéricke.

«A peça principal d'esta machina é uma *roda* de vidro de tres pés (um metro) de diametro, e mesmo mais, nas machinas fortes. Esta roda é fixa a um eixo horisontal, que se faz girar por meio de uma manivella. Este eixo é sustido por dous esteios de pau, munidos de quatro almofadas ou *esfregadores*, duas na parte superior e duas na inferior. Estas almofadas são de couro estofadas com crina; e é o seu attrito contra a roda que a electrisa sobre os seus dous lados. Em fim a mesma mesa que sustem a roda, igualmente sustem dous longos cylindros de latão a que se dá o nome de *conductores*. Estes, que são isolados sobre quatro pés de vidro, acham-se reunidos entre si por um tubo de latão, nas suas extremidades oppostas á roda, ao mesmo tempo que as extremidades visinhas d'esta se terminam cada uma por *pentes* ou *queixos*.

Dá se este nome a quatro tubos de cobre, dispostos dous a dous, de maneira que abarcam as bordas oppostas da roda seguindo um mesmo diametro horisontal. Estes pentes são assim chamados, porque do lado em que faceiam o vidro são armados de uma serie de pequenas pontas, destinadas a dar esgoto á electricidade, como abaixo se verá.

«Conhecidas estas particularidades, eis como a machina electrica dá origem a um grande desenvolvimento de fluido positivo: quando se imprime á roda um movimento rapido de rotação, esta electrisa-se positivamente pelo attrito, ao mesmo tempo que as almofadas se electrisam negativamente. Ora, em quanto a electricidade negativa d'estas ultimas se dissipa, descendo pelos espeques de pau, a electricidade positiva da roda, que não tem podido libertar-se, fica sobre o vidro; ahi, actuando por influencia sobre os pentes e sobre os conductores, ella lhes decompõe o fluido natural, e subtrahe o fluido negativo, que se escôa pelas pontas dos pentes e vai neutralisar o fluido positivo do vidro. Os conductores, perdendo assim a sua electricidade negativa, tornam-se uma origem poderosa de electricidade positiva, em quanto a roda vira.

«Botelha de Leyde. Instrumento que serve para accumular a electricidade; foi inventada por um physico da cidade de Leyde. É um bocal de vidro delgado, cheio de folhas de ouro ou de cobre batido, que se tem cuidado de deixar cahir simplesmente umas sobre as outras, sem as amontoar, a fim de apresentarem maior superficie. Sobre a parede exterior está collada uma folha de estanho que forra tambem o fundo, mas deixa o vidro nú até uma grande distancia do gargalo. Em fim, ha n'este uma rolha de cortiça atravessada por uma haste recurvada no exterior em fórma de gancho e terminada por uma pequena bola, chamada *botão:* no interior, esta haste se prolonga através das folhas de metal que enchem a garrafa. Para carregar de electricidade, segura-se com a mão a botelha, e aproxima-se o gancho de uma machina electrica em actividade. O fluido positivo d'esta accumula-se então na botelha, obra por influencia, através das suas paredes, sobre a folha de estanho e sobre a mão para attrahir a ellas uma grande quantidade de fluido negativo.

«Estando a botelha carregada de electricidade, póde descarregar-se, segurando-a com a mão pela armadura exterior, e tocando com a outra mão o botão; o corpo serve de conductor, a botelha descarrega-se instantaneamente, e recebe-se uma forte commoção; seria perigoso expôr-se a ella no caso de uma forte carga.

«A commoção da botelha de Leyde póde ser dada simultaneamente a um grande numero de pessoas. Para isto devem ellas *fazer uma cadeia;* isto é, dar-se todos a mão, depois a pessoa que se acha n'um dos extremos da cadeia, segura com a mão n'uma botelha carregada que está no outro extremo e vem tocar o botão da botelha. No mesmo instante todos recebem a descarga com a mesma intensidade. O abbade Nollet deu assim, em presença de Luiz XV, commoção a um regimento inteiro. A electricidade percorre 170 kilometros por segundo.

«Pilha de Volta. Apparelho inventado por Volta que serve para desenvolver uma corrente electrica pelo contacto de certos metaes ou outros corpos experimentando uma acção chimica. A pilha mais simples compõe-se de discos de cobre e zinco sobrepostos, e separados por uma rodella de panno molhado com agua acidulada. A reunião de um zinco e de um cobre fórma um *par*, de maneira que uma das extremidades do apparelho termina por um disco de zinco e a outra por um disco de cobre. Assim disposto, o apparelho de Volta é conhecido debaixo do nome de *pilha em columna.* Depois da sua invenção, elle tem sido modificado de muitas maneiras, mas o nome geral de *pilha* tem sido conservado a todos os apparelhos do mesmo genero.

«As duas extremidades da pilha chamam-se *pólos.* O pólo que corres-

ponde a um zinco, é o *pólo positivo*, e o outro que corresponde a um cobre, é o *pólo negativo*. Chamam-se *electrodes* dous fios de cobre presos respectivamente a cada pólo, e destinados a fazel-os communicar entre si.

«Em quanto os pólos não communicam entre si, a pilha não apresenta phenomeno algum particular. Mas aproximem-se os dous electrodes, um do outro, de maneira que quasi se toquem, e vêr-se-ha saltar de um fio a outro uma pequena faisca devida á recomposição das electricidades contrarias dos dous pólos. Ora, aqui, a pilha não se acha descarregada, como estaria em igual caso a botelha de Leyde; e com effeito, vê-se uma segunda faisca succeder á primeira, depois uma terceira á segunda, e assim successivamente, em quanto os fios de cobre se acharem visinhos e a pilha em actividade. Esta sequencia de faiscas faz vêr que á medida que as duas electricidades dos pólos se reunem pelos fios, uma nova decomposição de electricidade natural se reproduz na pilha, e alimenta sem interrupção o pólo zinco de fluido positivo e o pólo cobre de fluido negativo. Se, em lugar de deixar um intervallo entre os dous fios de cobre, elles são postos em contacto, desapparece toda a faisca, mas a recomposição das electricidades contrarias, nem por isso deixa de continuar pelos fios, em que se opéra de um pólo a outro uma circulação não interrompida de electricidade. Esta circulação continua do fluido electrico recebeu o nome de corrente. Toda a electricidade que se desenvolve na pilha descripta acima, assim como nas outras especies de pilhas, é devida á acção chimica da agua acidulada sobre o zinco de cada par.

«Pilha de carvão. A pilha de Volta tem passado por numerosas modificações, e o apparelho d'este genero mais em uso hoje é a pilha de Bunsen. É conhecida com o nome de *pilha de carvão*, e foi inventada, haverá trinta annos, por Bunsen, physico de Berlim. Cada par d'esta pilha compõe-se de quatro peças: 1.º um vaso de louça, contendo agua acidulada com acido sulfurico; 2.º um cylindro de zinco ao qual está soldada uma longa lamina de cobre vermelho; 3.º um vaso de barro mal cosido, o qual é muito poroso e permeavel aos liquidos; este enche-se de acido azotico; 4.º em fim, um cylindro de carvão de coke mui calcinado e bom conductor da electricidade. Na sua parte superior este carvão tem um buraco em que se mete um pequeno cylindro de cobre vermelho, ao qual está soldada uma lamina do mesmo metal.

«Quando se quer fazer funccionar a pilha, mette-se primeiro no vaso de louça o cylindro de zinco, depois, n'este o vaso poroso, e em fim, o carvão. N'esta pilha ha dobrada acção chimica, uma devida á decomposição da agua pelo acido sulfurico e pelo zinco, com a formação de um sal chamado sulfato de zinco; e outra produzida pelo hydrogeneo que, desprendendo-se pela decomposição da agua, se encaminha através do vaso poroso para o acida azotico e o decompõe. D'este duplo effeito resultam duas correntes no mesmo sentido, cujas intensidades se ajuntam, e cuja direcção é tal que ao carvão corresponde o pólo positivo e ao zinco o pólo negativo.

«Para obter effeitos energicos, reunem-se muitos pares, tendo o cuidado em que a lamina de cobre, soldada ao zinco de cada par, vá adaptar-se ao carvão do par seguinte, sempre na mesma ordem. O numero de pares que se reune assim para formar uma *bateria voltaica* varía com os effeitos que se querem obter; tem sido elevado até 800, e póde ainda passar muito adiante.

«Effeitos da pilha. — *Effeitos physiologicos*. Os effeitos das correntes electricas dividem-se em effeitos physiologicos, caloríficos, luminosos, chimicos e magneticos. Todos são devidos á recombinação das electricidades contrarias, da mesma sorte que os effeitos da machina electrica, mas elles são muito mais notaveis e muito mais energicos, por causa da continuidade de sua acção.

«Os effeitos physiologicos consistem em abalos e contracções violentas que

a corrente imprime aos musculos, não sómente dos animaes vivos, mas dos mortos. Quando não se toca senão um dos pólos da pilha, não se resente abalo algum; mas se se tocam os dous pólos, ou se alguem toma nas mãos os dous electrodes, resente-se uma commoção analoga á da botelha de Leyde; com esta differença, que esta ultima não dá mais que um abalo, e que se alguem o quizer renovar, tem de carregar novamente a botelha, a pilha, pelo contrario, fórma commoções que se repetem sem cessar. Este phenomeno explica-se pela continuidade da acção chimica na pilha, que reproduz constantemente nova electricidade livre em cada pólo, para substituir a que se recombinou pelos electrodes e o corpo do experimentador.

«Electricidade por inducção. Em physica, chama-se *inducção* o poder que tem uma corrente electrica de excitar instantaneamente nos corpos susceptiveis de serem electrisados correntes electricas, que se chamam *correntes de inducção*. A experiencia tem provado que as correntes de inducção possuem todas as propriedades das correntes das pilhas; pois como ellas, produzem faiscas, commoções musculares violentas, decompõe-se a agua e os saes, e actuam sobre a agulha magnetica.

«A electricidade de inducção tem hoje muitas applicações na medicina. Existem para este fim varios apparelhos que se dispõem ordinariamente debaixo da fórma de carreteis. Ella compõe-se de um cylindro de papelão em que se enrola um fio de cobre um tanto grosso, dando pouco mais ou menos trezentas voltas. Por cima enrola-se um fio mais delgado, que dá alguns milhares de voltas Estes fios, além de serem cuidadosamente revestidos de sêda, são tambem cobertos com um verniz de gomma-lacca destinado a isolal-os um do outro. Duas pequenas lindas de cobre, postas á esquerda sobre a prancheta que sustem o carretel, estão em communicação com os pólos de uma pilha. Da linda mais á esquerda sahe uma lamina de cobre, que se dirige a uma pequena roda dentada, movida por um pequeno machinismo de relojoaria e em communicação com uma das extremidades do fio grosso do carretel. O outro extremo do mesmo fio prolonga-se sobre a prancheta até á segunda linda. Em fim, sobre a direita estão duas outras lindas a que vão ter as duas extremidades do fio exterior ou mais delgado, e das mesmas lindas partem dous outros fios que representam os prolongamentos do fio induzido. Para se obter commoções, terminam-se estes dous ultimos fios por cylindros de cobre, que se tomam nas mãos.

«A corrente estabelecida no fio mais grosso chama-se *corrente inductora*, e a que se estabelece no fio mais fino *corrente induzida*.

«Não chegando a corrente da pilha ao fio grosso do carretel, senão depois de ter passado pelo machinismo de relojoaria, d'ahi resulta que todas as vezes que a pequena lamina elastica que se apoia sobre a roda dentada toca um dos seus dentes, a corrente passa; mas que todas as vezes que a lamina salta de um dente ao seguinte, a corrente é interrompida. Ella não passa, por tanto, senão com intermittencias, para o fio grosso, e são essas intermittencias que dão origem a correntes de inducção, alternativamente de sentido contrario no fio fino que se conserva na mão.

«As commoções dadas por estas correntes não são iguaes: a corrente induzida que se produz no instante em que a corrente inductora se estabelece, não dá senão commoções quasi nullas, em quanto que as que se produzem a cada ruptura da corrente inductora são extremamente fortes. Graduam-se estas commoções por meio de pequenas varetas de ferro dôce que se introduzem progressivamente no interior do carretel. Estas varetas, electrisando-se e deselectrisando-se constantemente, em consequencia das intermittencias da corrente inductora, actuam por sua vez por inducção sobre a corrente induzida, e augmentam muito a intensidade das

commoções no momento da ruptura da corrente inductora.

«Electro-iman. Os *electro-imans* são imans extremamente poderosos, que se obtem, como seu nome indica, por meio da electricidade. Compõem-se de uma barra cylindrica de ferro dôce, curvada em fórma de ferradura, em cada lado da qual se enrola e torna a enrolar muitas vezes um fio de cobre coberto de sêda, de maneira que formem dous grossos rolos ou carreteis, mas cujo enrolamento foi feito em sentido contrario. Logo que uma corrente um pouco energica passa pelo fio, o ferro se magnetisa e torna-se em iman mui poderoso; mas logo que a corrente se acha interrompida, todo o signal de magnetisação desapparece.

«A força dos electro-imans depende das suas dimensões, do numero de voltas do fio e da energia da corrente. Não é preciso um electro-iman extremamente forte para suspender uma pessoa; tem-se construido electro-imans que podem com quatorze ou quinze pessoas, e ainda se poderiam construir outros de muito maior força. Estes apparelhos tem importantes applicações nos telegraphos, relogios e motores electricos.

«Applicação da electricidade ao tratamento das molestias. Immediatamente depois da invenção da machina electrica, tentou-se empregar a electricidade para o tratamento de certas molestias. Começou-se por tirar faiscas do corpo dos doentes, aproximando-os do conductor de uma machina electrica em actividade; mais tarde, isolaram-se os doentes sobre o tamborete com pés de vidro; e postos em communicação com a machina, eram esfregados com escovas formadas de numerosos fios de metal, a fim de multiplicar as faiscas. Chegou-se assim, se não a curar, ao menos a melhorar o estado de alguns doentes, sobretudo nos casos de paralysia; com tudo, o uso medicinal da electricidade estava pouco mais ou menos abandonado, quando se pensou em utilisal-a na fórma de correntes voltaicas e depois na de correntes de inducção; modo debaixo do qual ella se acha hoje muito em voga.

«Os primeiros ensaios da applicação da electricidade galvanica á therapeutica foram devidos a Humboldt, que fez a esse respeito, desde o fim do ultimo seculo, numerosas experiencias em si mesmo e nos animaes. Entre outras experiencias, conta elle que tendo esperado que um pintarôxo estivesse perto de morrer, e quando estava já estendido de costas sem movimento e completamente insensivel á picada de uma agulha, elle poz-lhe uma pequena lamina de zinco entre o bico e um fio de prata no recto. «Qual não foi a minha admiração, escreve elle, quando no momento do contacto o passaro abriu os olhos, poz-se em pé e bateu as azas! Respirou ainda durante seis ou oito minutos e morreu depois tranquillamente.»

«Esta e muitas outras experiencias servem para mostrar a poderosa acção da electricidade sobre a economia animal. Tem-se experimentado pouco este agente debaixo da fórma de corrente contínua, como fez Humboldt na experiencia citada, mas pelo contrario muitas vezes como corrente interrompida, applicando-se assim com auxilio da machina de inducção. Estas machinas são de duas sortes: umas funccionam sem pilha, e a corrente ahi se desenvolve pela inducção de uma forte barra magnetisada, que gira diante de dous novellos de fio de cobre recoberto de sêda e enrolado em um cylindro de ferro dôce com feitio de ferradura, á maneira dos electros-imans. O ferro, magnetisando-se e desmagnetisando-se a cada giro da barra, obra por inducção sobre o fio dos embrulhos e ahi desenvolve uma corrente induzida de sentido contrario. Nas outras machinas de inducção, a corrente inductora é devida a uma pilha de carvão, como uma que acima ficou descripta.

«O Dr. Duchenne inventou uma machina que se compõe de uma pequena caixa de pau, sobre a qual está fixo um cylindro de cobre que encerra um rolo ou carretel com dous fios. Na caixa ha uma gaveta de zinco em

que se encontra uma pequena camada d'agua salgada, e n'essa solução mergulha uma chapa de carvão de coke bem calcinada e impregnada de acido azotico; isto é, que o todo representa um par da pilha de Bunsen levemente modificada. Duas laminas de cobre, communicando, uma com o zinco e a outra com o carvão, conduzem a corrente ao fio grosso do carretel, mas depois d'elle ter passado por um interruptor. Este interruptor consiste n'uma pequena lamina de ferro dôce, que é attrahida por um electro-iman collocado no centro do carretel. Esta lamina sendo attrahida todas as vezes que a corrente passa, a interrompe immediatamente. Quanto ao fio induzido, elle sahe do apparelho e vem pelos seus dous extremos adaptar-se a dous copinhos de cobre providos de cabos de vidro, que o operador segura na mão. Estes copinhos são ôcos e guarnecidos, na sua parte inferior, de esponjas humedecidas com agua salgada, ou com agua simples, segundo se quizer estabelecer mais ou menos intimamente a conductibilidade da corrente sobre as partes em contacto com essas esponjas.

«Tem-se obtido bons effeitos da electricidade em varias affecções nervosas, principalmente nas da vista e nas nevralgias; mas é sobretudo nos casos de paralysia que as correntes tem dado resultados os mais satisfatorios. Em qualquer caso, convém não se deixar electrisar senão por praticos familiarisados com os effeitos da electricidade nas diversas affecções; porque, se algumas vezes deixa de produzir effeitos, ella nem sempre se mostra inoffensiva; e, mal applicada ou fóra de proposito, já por vezes tem produzido maus effeitos.

ELECTRICIDADE ATMOSPHERICA. «Um dos ramos mais vastos e importantes da physica moderna é a electricidade. De dia para dia novos factos e novas leis se descobrem, todas celebres pelos phenomenos que grupam. Um grande numero de phenomenos dos mais vulgares explicam-se facilmente por esta parte das sciencias naturaes. Não é só sobre a materia bruta que o fluido electrico opera maravilhas, é tambem sobre o organismo animal e vegetal; e tão longe se póde querer levar essa influencia, que pela electricidade se explique a maior parte dos phenomenos da vida.

«As descobertas da pilha, da douradura galvanica, da galvanoplastia, do guarda-raios, do telegrapho electrico, etc. são outras tantas creações que tem enchido de admiração os nossos contemporaneos. — Vê-se quão interessante deve ser o estudo d'esta parte da physica.

«Os fundamentos da electricidade foram conhecidos dos antigos; elles reconheceram no ambar amarello a propriedade de attrahir os corpos leves, e a isto se limitavam seus conhecimentos n'esta parte. Foi provavelmente por acaso que se descobriu no alambre a dita propriedade. M. de Humboldt conta que encontrou nas margens do Orenoco, crianças pertencentes a uma das tribus mais selvagens, que brincavam esfregando certas sementes seccas até que attrahissem fios de algodão. Vê-se que foi um facto facil d'observar, que serviu de ponto de partida ao estudo da electricidade.

«A descoberta do galvanismo em 1789, fez uma revolução completa n'esta parte da physica: são bem conhecidos tanto os trabalhos de Galvani como os de Volta, o creador da pilha.

«Não se sabe qual é a causa dos phenomenos electricos; chamou-se-lhes electricidade, estabeleceu-se uma theoria para explicar esses phenomenos, a qual satisfaz soffrivelmente á explicação dos que se conhecem; mas que deve sempre olhar-se com reserva; isto é, serão os factos que devem chamar a attenção, pouco importa se se podem explicar ou não pela theoria. Não rejeitamos as theorias, entendemos mesmo que são uteis, o que julgamos é que devem nascer dos factos, e não as forçar a explicarem o que não podem.

«A theoria da electricidade que hoje se recebe, admitte em todos os corpos a existencia d'um fluido neutro, formado pela reunião de dous fluidos de differentes propriedades, a um chamou-se vitreo, a outro resinoso, ao primeiro tambem chamam positivo, e ao segundo negativo.

«Estabeleceu-se mais que os fluidos do mesmo nome se repellem, e os de differente nome se attrahem.—Fallamos d'estes principios para melhor intelligencia d'este artigo. O ar atmospherico tem sempre uma certa quantidade de electricidade, mesmo durante o tempo mais sereno. Foi no principio do seculo passado que se começou a suspeitar a existencia da electricidade atmospherica. Em 1746 depois da descoberta da garrafa de Leyde, Nollet emittiu a opinião de que podia haver alguma analogia entre a electricidade e o raio. Foi porém Franklin, quem proclamou e provou a existencia da electricidade atmospherica. Diversas são as opiniões que ha sobre a verdadeira origem da electricidade, que existe normalmente na atmosphera. Alguns physicos, como Kaentz, a attribuem ao roçar d'umas camadas d'ar sobre outras. Segundo Becquerel, a unica causa é a desigual distribuição do calor na terra, e na atmosphera. Outros physicos dão grande importancia á evaporação da agua, que tem lugar continuamente á superficie da terra, e á combustão do carvão. É provavel que estas differentes causas concorram para a producção da electricidade atmospherica, sendo quasi certo que o attrito representa um papel importante.

«Quando cahe um aguaceiro, os apparelhos que servem para reconhecer a presença da electricidade (electroscopios), e os que medem sua intensidade (electrometros), dão logo signal de augmento na quantidade de fluido, o qual é certamente devido ao attrito, que a chuva produz atravessando o ar com certa velocidade.

«A quantidade de electricidade existente na atmosphera é susceptivel de variar com differentes circumstancias. A temperatura, a força e direcção do vento, o estado hygrometrico do ar, e a latitude são as principaes circumstancias que a fazem variar. Proximo do equador são as trovoadas mais frequentes e vão diminuindo para os polos. Nas diversas horas do dia igualmente se observam differenças; assim ao nascer do sol existe em pequena quantidade e augmenta á proporção que o sol se eleva sobre o horisonte, apresentando um maximo ás 6 ou 7 horas da manhã no verão, e ás 10 ou 12 no inverno. Á maneira do calor apresenta a electricidade dous maximos e dous minimos. Tendo chegado ao primeiro maximo vai diminuindo para apresentar um minimo; 2 horas antes do pôr do sol novamente cresce, apresentando um segundo maximo 2 horas depois do pôr do sol. Desde então diminue até á manhã do dia seguinte.

«Não ha só variações electricas diurnas, ha tambem variações annuaes, augmentando muito a quantidade de electricidade durante o inverno. Além das variações regulares, ha variações accidentaes, taes são as que dependem de aguaceiros, dos nevoeiros, etc.

«A superficie do solo está electrisada negativamente, entretanto que o ar secco e sereno está d'ordinario electrisado positivamente.

«As nuvens de tempestade achamse carregadas de electricidade, umas são positivas outras negativas, e a mesma nuvem póde ser positiva d'um lado, e negativa do outro. Dos principios que já estabelecemos resulta, que quando uma nuvem carregada de certa electricidade se aproxima d'outra ou d'um corpo qualquer carregado de electricidade differente poderão as duas electricidades combinar-se repentinamente, e produzir o relampago, ou uma grande faisca electrica.

«Tem-se duvidado da causa dos relampagos que se observam tantas vezes nas tardes de grande calor, com um céo sereno e sem nuvens. M. Arago não se atreveu a resolver a questão; o que porém é verdade vem a ser, que muitas vezes esses relampagos

são devidos ao reverbero que sobre as camadas atmosphericas mais ou menos elevadas produzem relampagos ordinarios devidos a uma tempestade que se faz n'um ponto longiquo. Em 1813 proximo de Londres se viram relampagos com céo sereno, reverbero dos que se produziam n'uma tempestade entre Dunkerque e Calais, isto é, a 50 leguas de distancia. Segundo Wheatstone a duração do relampago não chega a ser 0,001 de segundo, alguns tem uma legua de extensão.

«Podemos distinguir differentes especies de relampagos; geralmente admittem-se quatro que são: *Primeiro:* Relampagos em zig-zag que tem grande velocidade, e que deixam marcada uma trajectoria com a fórma d'onde tiram o nome. Os contornos d'estes relampagos são perfeitamente determinados.

«*Segundo.* — Relampagos mal definidos, sem contornos bem limitados, abraçando todo o horisonte; parecem-se com os clarões que acompanham a explosão de materias inflammaveis. São os mais frequentes.

«*Terceiro.* — Relampagos de calor.

«*Quarto.* — Globos de fogo: parece que são entre a nuvem e o solo: duram ás vezes até dez segundos.

«Muitas vezes a vista segue estes relampagos e vê que elles como que saltam sobre a superficie da terra, outras vezes fazem-se pedaços. Em geral é debaixo d'esta fórma que se apresenta o raio que fulmina.

«*Trovão.* — O relampago é d'ordinario acompanhado de trovão. O trovão é o som que se produz em consequencia de o ar se deslocar e depois precipitar no vacuo, que primeiro se formou. Este som é reforçado pelos echos multiplos, que o repetem nas nuvens, nas montanhas, etc. Como o relampago póde occupar ás vezes uma grande extensão, o som deve produzir-se igualmente em grande extensão. Sabe-se que o som, caminha apenas 340 metros por segundo, em quanto que a electricidade tem uma velocidade superior á da luz a qual é de 77:000 leguas por segundo. Portanto o intervallo que ha entre o relampago e o trovão, póde dar-nos idéa da distancia da tempestade, pois será de tantas vezes 340 metros quantos forem os segundos, que se poderem contar entre o apparecimento da luz e o do som. Outra consequencia vem a ser, que o som se prolongará muito quando o relampago fôr muito extenso; pois a luz vê-se logo em toda a extensão, por causa da sua grande velocidade e o som irá chegando pouco a pouco a impressionar o ouvido, por isso que se propaga mais lentamente.

«O *raio* é a descarga electrica que se faz entre a nuvem e o solo. A nuvem aproximando-se decompõe o fluido neutro do solo, attrahindo o do nome contrario ao que ella tem, isto é, se a electricidade da nuvem fôr positiva attrahe o fluido negativo do solo, se os dous poderem combinar-se ha faisca e diz-se que cahe o raio. D'ordinario o raio sobe, isto é, vai de baixo para cima; outras vezes desce: em qualquer dos casos os corpos intermedios são fulminados.

«*Effeitos do raio.* — Mata os animaes, outras vezes só os derruba, ou queima. Inflamma as materias combustiveis, funde os metaes, e muitas substancias como o quartzo, areia, etc. Despedaça os corpos maus conductores de electricidade, v. g. as pedras, madeiras, etc. Magnetisa o ferro, inverte os polos das agulhas das bussolas.

«Todos fallam no cheiro de enxofre que se nota durante as trovoadas: esse cheiro é devido á passagem do fogo electrico pelo ar atmospherico: então o oxygenio que entra na formação do ar passa a ozone, isto é, adquire novas propriedades, sendo uma d'ellas o cheiro sulfuroso.

«Que meios existirão para nos perservarmos do raio? Poderá o homem dissipar, ou mesmo diminuir as tempestades? É opinião popular que o estrondo das explosões dissipa as nuvens; esta crença que anda arreigada entre o povo nasceu da observação de algum navegante e até d'homens de guerra, que julgaram terem sido

afugentadas tempestades imminentes, com as detonações das armas de fogo. Em diversas localidades tem-se conservado o uso de atirar tiros e até lançar fogo a caixas onde ha polvora e misturar detonações, nas occasiões de trovoada. Foi M. Arago quem veio abalar a opinião a proposito da efficacia dos meios que ficam ditos.

«Examinando as observações meteorologicas do Observatorio de Pariz, desde 1816 até 1835, Mr. Arago, notou, que o estado do céo não se alterava nos dias em que se faziam os exercicios de fogo na escóla d'artilheria de Vincennes, em que se dão pouco mais ou menos 150 tiros, antes lhe pareceu, que se alguma influencia havia, era em sentido contrario áquelle que se julgava. Ainda mais, Mr. Arago cita dous factos um dos quaes é bastante importante, para mostrar a inefficacia das detonações.

«Em 1711 a esquadra de Dugay-Trouin, composta de 6 naus e 4 fragatas, empregou todo o dia 11 a forçar a entrada da barra do Rio de Janeiro, bem defendida por grossa artilheria. De 12 a 20 jogou permanentemente a artilheria e espingarderia; muitas minas fizeram explosão, armazens foram incendiados, navios voaram pelos ares; apesar do fogo espantoso que durou muitos dias, uma violenta tempestade teve lugar com muitos relampagos e trovões no ultimo dia. Podemos pois dizer que a questão se não acha definitivamente julgada; a solução que tem por em quanto, não é nada favoravel á antiga crença.

«Outra opinião que vigorou muitos seculos foi a da utilidade de tocarem os sinos durante as tormentas, ou fosse com o fim religioso, ou com a idéa de agitar o ar. Mais tarde nasceu a idéa opposta. Vendo que o numero de igrejas fulminadas era consideravel, disse-se que a causa era o costume de tocar os sinos durante as tempestades.

«Foi ainda Mr. Arago quem esclareceu este ponto, estabelecendo que no estado actual de nossos conhecimentos não se podia affirmar que o toque dos sinos tivesse influencia alguma favoravel ou desfavoravel, só o que havia era o perigo para os sineiros. Em 1783 um allemão calculou que no espaço de 33 annos 386 campanarios tinham sido fulminados e 121 sineiros mortos, e muitos individuos feridos. A verdadeira causa da predilecção do raio para as igrejas é a fórma e a altura das torres, e a grande quantidade de metaes que ahi existem. N'uma só noite de 14 para 15 d'abril de 1718, sexta feira da Paixão, 24 igrejas da costa da Bretanha foram fulminadas quasi ao mesmo tempo.

«Os unicos meios efficazes a oppôr ao raio são os para-raios.

«O para-raio foi imaginado por Franklin, e funda-se no que este sabio chamou poder das pontas, que consiste em a electricidade ter a sua maxima tensão nas partes aguçadas, ou sejam pontas ou arestas vivas, e por isso por ahi se esgota facilmente o fluido electrico.

«Consta o para-raio de ponta, haste e conductor. A ponta é geralmente de platina, e deve ser d'esse metal: terminará em ponta aguda. A haste é de ferro e latão, é conica como o apice superior. O conductor é ou uma barra de ferro, ou mais geralmente um cabo de fio de ferro ou de cobre que se prende por uma das extremidades á parte inferior da haste, e inferiormente vem até ao solo, mergulha em terreno humido, n'um poço que não se esgote, ou quando isso é impossivel entra a certa profundidade, e cerca-se de carvões já calcinados, tudo isto a fim de que o guarda-raio termine em um corpo bom conductor. É a condição principal.

«É necessario entender que um guarda-raio que não esteja bem feito e bem collocado, é mais prejudicial que util. Uma das condições a que se deve attender muito é a seguinte: que não haja solução de continuidade no conductor. Em geral todos os casos de fulminação de edificios ou navios que tenham guarda-raio, devem attribuir-se ao defeito do instrumento. Ás vezes, apesar da perfeição da construcção da guarda-raio, o edificio é fulmi-

nado; mas em consequencia da sua má collocação: v. g. quando a haste se acha cercada de substancias metallicas de grande extensão, tem-se visto o raio fugir do guarda-raio para um cano de chumbo ou de zinco destinado a conduzir as aguas da chuva. Outras vezes o guarda-raio está dominado por corpos mais elevados, o que se deve evitar, collocando-o na parte mais alta do edificio.

«Muitas observações attestam a utilidade dos guarda-raios; por exemplo, tem-se visto cahir o raio no meio de muitos navios e serem fulminados os que não tem guarda raio. Em 1814 no porto de Plymouth entre muitos navios, só o *Molford* foi fulminado e só elle deixava de ter guarda-raio.

«Qual será a extensão protegida pelo apparelho protector? é objecto de duvida; julga-se porém que um guarda-raio protege em uma zona circular, cujo raio é o dobro da altura da haste.

«Vê-se a utilidade do estabelecimento dos guarda-raios. Antes de dizermos o que ha de mais moderno a este respeito, citaremos alguns factos; felizmente não se tem dado entre nós nada semelhante; mas estamos expostos a vêr reproduzirem-se scenas semelhantes pela falta de providencias.

«A 11 de julho de 1819 nos Baixos Alpes n'uma povoação de 500 almas celebrava-se a missa, quando o raio cahindo sobre a igreja matou 9 pessoas ferindo 82. A 26 de junho de 1801 um armazem de polvora no Luxemburgo foi fulminado, houve explosão que matou 30 pessoas, e feriu gravemente 200. Ainda mais. A 18 de agosto de 1769 em Brescia cahindo um raio n'um armazem de polvora a sexta parte da cidade foi destruida e morreram 3:000 pessoas!!

«Mr. Arago reuniu 72 observações de navios fulminados. Os estragos que o raio produz nos navios são variaveis; umas vezes só soffre a mastreação, outras é o corpo do barco, ás vezes o navio tem sido prêsa das chammas, assim o *Annibal* em Boston e o *Logan* em Nova-York foram completamente reduzidos a cinzas. De ordinario a equipagem sempre soffre mais ou menos.

«Tem-se já observado a fulminação de differentes embarcações ao mesmo tempo e no mesmo lugar. A 2 de setembro de 1813, de 13 navios de guerra existentes na bocca do Rhodano, 5 foram fulminados quasi ao mesmo tempo. Vê-se que uma tempestade podia destruir em poucos minutos os restos da nossa infeliz marinha, e as trovoadas em Lisboa não são raras. O desleixo seria o culpado de tal catastrophe, que algumas moedas (poucas) podiam evitar. Assim vai tudo n'esta terra de hottentotes.» (J. A. da Silva).

ELEGIA. «Os maximos encantos da poesia, imaginação e sentimento, exornam a elegia, nobre e singelamente maviosa. Não obstante, é este o menos cultivado genero de poema, desde a chamada «renascença» das boas letras. Alcunham-o de enfadonhamente melancolico, ou porque não estremam entre enfado e ternura, ou porque os poetas á conta de quem grassa tal opinião confundiram o estylo terno com o delambido... É concedido á elegia ferir todos os tons, ligeiro ou grave, mesto ou jovial, arrebatado ou sereno, plangente ou zombeteiro. Em elegias cantou Propercio a formação do universo; Tibullo os tormentos tartarios: ambos fizeram quadros dignos de Raphael, Corregio e Albano.» (Marmontel, *Elementos de litteratura*). — Tambem se chamam *eclogas* as poesias campezinas. Aquella palavra significa, em grego, sellecção de peças de qualquer genero. Convieram em dar tal nome aos poemetos da vida pastoril, colligidos em volume; pelo que dizemos *eclogas* de Virgilio, isto é, collectanea de poemetos ácerca da vida campestre. Alguns da mesma natureza correm com o nome de *idyllios*. «Significa *idyllio*, em grego, pinturinha suave e graciosa. Se alguma differença corre entre *idyllio* e *ecloga* é pequenissima: a cada passo os authores confundem as duas especies. A ecloga

olha a encarecer as delicias do lidar campezino.

2. «É a poesia pastoril um genero cheio de graciosa naturalidade, que nos pinta as scenas ridentes e os bellos espectaculos da natureza, tão encantadores da infancia e mocidade, e para os quaes, em já maduros annos, todo homem olha saudoso. Deliciosamente se nos abre o coração a tão dôces imagens, como se os cuidados da vida se delissem ao remansarmo-nos por varzeas e florestas silenciosas. E não ha ahi nada mais imperativo para poetas. Que riquissimos modêlos para descripções nos está por toda a parte liberalisando a natureza! Rios, serranias, prados, collinas, arvoredos, rebanhos e zagaes, que formosas imagens para a linguagem harmoniosa do verso!» (Blair).

ELEPHANTE. (Veja INDIA).

ELLEBORO. (Veja RAINUNCULACEAS).

ELLIPSE, e outras curvas usuaes. 1. Uma figura curvilinea é uma curva ou a reunião systematica de linhas curvas. As principaes figuras curvilineas. depois da circumferencia, são: espiral, ovulo, aza de cesto, oval, ellipse, parabola e hyperbole. — A *espiral* é uma linha formada pela reunião de arcos de circumferencia *concordantes* dous e dous, isto é, que tem uma tangente commum nos pontos de união. A espiral é *bicentrica*, *tricentrica*, *quadricentrica*, etc., *polycentrica*, conforme se empregam dous, tres, quatro, etc., muitos pontos para centros dos arcos de circumferencias componentes. Traça-se a *bicentrica* descrevendo, de um dos dous pontos dados como centro, uma semi-circumferencia com o raio igual á distancia dos dous pontos; depois, toma-se para centro o outro ponto e descreve-se, em continuação, outra semi-circumferencia com o raio igual ao diametro da primeira; volta-se ao primeiro ponto, depois ao segundo, e assim successivamente, descrevendo sempre uma semi-circumferencia com um raio igual ao diametro da ultima descripta. Para traçar a *tricentrica*, forma-se o triangulo determinado pelos tres pontos dados, e produzem-se os lados, seguindo o contorno n'um mesmo sentido; depois, descreve-se de um dos vertices como centro um arco, terminado nos lados do angulo externo do triangulo, cujo vertice serviu de centro, com um raio igual á distancia d'este vertice ao vertice que está situado sobre um dos lados do dito angulo externo; toma-se para centro o outro vertice situado no prolongamento d'este angulo externo, e descreve-se, em continuação, um arco com um raio igual ao antecedente augmentado na distancia d'este vertice ao primeiro que serviu de centro, e terminado nos lados do angulo externo, cujo vertice foi centro; passa-se ao outro vertice, que ainda não serviu de centro, e descreve-se do mesmo modo um arco com um raio igual ao antecedente augmentado na distancia d'este vertice ao que serviu de segundo centro; volta-se ao primeiro centro, depois ao segundo, ao terceiro, e assim successivamente, descrevendo sempre um arco nas condições indicadas, com um raio que vai augmentando no lado do triangulo, cujos termos são os dous ultimos centros. Para traçar a *quadricentrica*, forma-se o quadrilatero determinado pelos quatro pontos dados, e produzem-se os lados, seguindo o contorno n'um mesmo sentido; depois, tomando successivamente para centro os vertices do quadrilatero, descrevem-se arcos observando as mesmas condições do traçado antecedente. Segnia-se processo analogo para o traçado da espiral d'um numero qualquer de centros. — O ovulo é uma curva que, pela sua configuração, se assemelha á fórma de um ovo; é frequentemente empregada em architectura. Traça-se do modo seguinte: sobre uma recta AB como diametro descreve-se uma semi-circumferencia; pelo centro O, e na banda do plano em que não está descripta a semi-circumferencia, levanta-se uma perpendicular OC sobre a qual se toma

um comprimento OC igual ao raio; e une-se por meio de rectas o ponto C aos pontos A e B. Do ponto A como centro, com o raio AB, descreve-se um arco, terminado no prolongamento de AC; do ponto B como centro, com o raio BA, descreve-se um arco, terminado no prolongamento de BC; finalmente do ponto C como centro, com o raio igual á differença AB — AC, descreve-se um arco, terminado nos dous ultimos arcos traçados; e ficará formado o ovulo. — A aza de cesto assemelha-se a uma semi-ellipse; é formada d'um numero impar de arcos de circumferencia de raios distinctos, concordantes successivamente; por esta razão se denomina tambem *curva de muitos centros*. Emprega-se particularmente no traçado dos arcos das pontes. Traça-se por diversos methodos, dos quaes o mais usual é devido a Michal. Consultem-se os tratados especiaes. — A oval é uma curva fechada de muitos centros que se traça pelos mesmos methodos da antecedente.

2. Uma curva, construida com a condição de ser constante a razão das distancias de cada um dos seus pontos a um ponto fixo (*foco*) e a uma recta fixa (*directriz*), é uma secção conica, ou sómente conica. Se a razão dada é menor que a unidade, a curva é uma *ellipse*; se é igual, a curva é uma *parabola*; e se é maior, é uma *hyperbole*. — A ellipse é uma curva plana, na qual a somma das distancias de cada um dos seus pontos a dous pontos fixos (focos) situados no seu plano, é constante. Deduzem-se d'estas duas definições um grande numero de propriedades. — A ellipse é uma curva fechada, dotada de centro e symetrica em relação a dous *eixos* perpendiculares entre si.

Nas artes é impropriamente denominada *oval*. Para obter os fócos da ellipse, descreve-se de uma das extremidades do eixo menor como centro, e com um raio igual ao semi-eixo maior, um arco que corte o eixo maior em dous pontos: estes serão os fócos. A distancia de um qualquer dos fócos ao centro da ellipse é chamada *excentricidade*. Quanto maior fôr a excentricidade, tanto mais alongada é a curva, e mais se afasta da fórma circular. Pela segunda definição, vê-se que a somma constante dos *raios vectores*, isto é, das rectas tiradas de cada um dos pontos da ellipse para os dous fócos, é igual ao eixo maior. — Determinados os fócos e conhecido o comprimento do eixo maior, é facil construir os pontos d'esta curva, descrevendo successivamente arcos de circulo dos fócos como centros e com raios cuja somma iguale o eixo maior. Mas deve empregar-se outro processo que descreve a ellipse d'um modo continuo. Cravam-se no terreno dous piques, ou estacas delgadas nos fócos da ellipse, aos quaes se prendem os extremos d'um cordel cujo comprimento seja igual ao eixo maior; estende-se o cordel por meio de outro pique, e move-se de modo que a ponta toque no solo; depois de um giro inteiro fica descripta a ellipse. — Demonstra-se que a área da ellipse é meia proporcional entre as áreas dos dous circulos construidos sobre os eixos da mesma ellipse; por consequencia, representando por $2a$ o eixo maior, e por $2b$ o eixo menor, a área da ellipse será expressa por $\pi a b$; isto é, obtem-se multiplicando o producto dos dous semi-eixos pela razão 3,1416.

Da comparação por igualdade da expressão d'esta área com a do circulo, resulta que o producto dos dous semi-eixos representam o *quadrado do raio* d'um circulo *equivalente* á ellipse.

3. A ellipse pelas suas bellas propriedades tinha attrahido desde longo tempo a attenção dos geometras, quando Kepler descobriu as admiraveis leis que tomaram o seu nome; e das quaes resulta que as orbitas descriptas pelos planetas ao redor do sol são ellipses, e não circulos, como suppunham os astronomos antecedentes. Esta concepção de Kepler foi a principio recebida como *hyppothese elliptica*: mas Newton demonstrou depois a realidade d'um modo irrecusavel. A ellipse tem pois para os astro-

nomos alta importancia. — Em resumo: a ellipse é uma curva fechada, e tal que a somma das distancias de cada um dos seus pontos aos dous fócos é igual ao eixo maior da curva; os *fócos* são situados no eixo maior, a igual distancia do centro, e determinados de modo que a somma das linhas tiradas d'estes dous pontos para um mesmo ponto da curva é constantemente igual ao eixo maior; o eixo maior é a recta que passa pelos dous fócos e terminada pela ellipse; o eixo menor é a recta levantada perpendicularmente pelo meio do eixo maior; os raios vectores são rectas tiradas de cada um dos pontos da curva para os dous fócos: a sua somma é constantemente igual ao eixo maior.

ELOCUÇÃO. 1. «Distingue Quintiliano tres principaes qualidades na elocução oratoria: clareza, correcção, ornato. Depende a clareza da propriedade e concerto natural das palavras; a correcção resulta da regularidade das construcções; o ornato resulta do feliz emprego das figuras. Quer elle que a dicção do orador seja tão clara, e o pensamento penetre o espirito, como a luz percute os olhos. Tem razão: mas não se infira d'ahi que haja de ser por igual sempre claro o estylo em toda a materia de escripta. Ha materias abstractas que permittem sómente a clareza proporcionada ás idéas e attenção do leitor. Seria demasiado exigir de quem escreve um estylo chão que lisonjeasse a preguiça ou desentendimento de quem o não percebe. Vão lêr o *Espirito das leis* como quem lê um discurso academico! Philosopho e orador são cousas muito diversas: um quer que penseis, o outro não quer dar-vos tempo de pensar. — Quanto á propriedade das vozes, observa Quintiliano que se não tome o termo muito á letra, porque não ha lingua que tenha rigorosamente uma palavra para cada idéa, e se não veja a cada passo constrangida a servir-se da mesma palavra na expressão de idéas differentes. A mais rica é a que menos vezes tem de recorrer a taes emprestimos, que denunciam sempre pobreza. Observa ainda Quintiliano que a propriedade das vozes é tão capital no discurso, que em vez de merito devemos chamar obrigação. Como as cousas corriam no tempo d'elle não sei: é de crer que lavrasse mais esmero nos estudos preliminares, e a phrase viesse ao depois mais limada e ajustada ao intento. Cá entre nós, hoje em dia, a inculcada obrigação é tão raro cumprida que já podemos sem escrupulo exaltal-a a merito. Como que, em nosso tempo, nada se estuda e tudo se adivinha. E, se o estudar a lingua é cousa tão descurada, com que direito nos espantaremos que a propriedade das palavras ande tão alheada dos escriptores modernos como estes se gabam de malquistados com os mestres de escrever!» (La Harpe).

2. «Quero-me explicar (escrevia o inimitavel Castilho em 1837), não para os mestres, sim para os noveis no officio de escrever, com os quaes particularmente converso nos meus prologos; e porque não havia eu repartir do fructo de minha tanta ou quanta experiencia com quem não a póde ainda ter, nem suppril-a com seguir cursos de bellas-letras que entre nós se não ensinam? Um dos maiores delictos litterarios, e em que mais usualmente cahem os moços, é o *desprezo de lingua e correcção;* delicto que per si basta para descontar muitos meritos intrinsecos de escriptura. Sem bem saber sua lingua, diz Boileau, o author mais divino nunca passará, por muito que faça, de mau escriptor. E' ella a ferramenta para este genero de lavor da alma; e quem põe as mãos na obra sem primeiro ajuntar, conhecer, escolher e apontar bem os instrumentos de que se ha de valer, nem se póde mostrar bom artifice, nem merece desculpa de o não ser.

«Toda a musa em criança padece dispepsia de versos, diabetes dissera quem se menos prezára de cortez com divindades. Na primeira idade é costume, e por muitas razões, das quaes não será a mais fraca a aversão ao trabalho, presumir-se antes de facilidade e presteza no escrever, do que

de correcção e primor: coração e phantasia tudo anda ligeiro, querem que a penna lhes obedeça, como se ella podesse; forçam-na, e d'ahi resulta que pensamento ou affecto que lá dentro era soberbo, apparece cá fóra frio, mesquinho, desengraçado; e maravilha-se o escrevedor quando a mesma cousa que valentemente o agitava, em quanto em si a revolvia, depois de passada para o papel adormenta os ouvintes, e a elle proprio o desconsola. De todos os defeitos de author, talvez se podesse affirmar que só este é verdadeiro, real e absoluto defeito; porque, se os pensamentos e affectos de cada idade são d'ella, e dessoam e descontentam a todas as outras, tem por si o serem d'ella, e como taes se defendem por conterem verdade e pintarem o homem; não assim a lingua, que em todas as idades é ou deve ser uma, não provando outra cousa o faltar-se a ella, senão que se quer fallar antes de se ter aprendido. Sou experimentado, e por bem do proximo direi com vergonha minha, que no que me ficou escripto d'essa quasi infancia poetica, as cousas nem me espantam nem me offendem, ainda quando as desapprovo, mas a linguagem e o dizer me fazem de continuo cahir as faces; e por isso que é escolho em que naufraguei tão desastradamente, o assignalo com tanta miudeza e teima; nem cançarei de o assignalar e accender-lhe em cima boa luz de farol, em quanto vir, como vejo, outros, que nem por idade se absolvem, esbarrar n'elle e perder-se a todas as horas. Mancebos, (se os ha ahi que se deem ás letras) vós que encetaes a mui ardua e perigosa vereda que pelas letras conduz á fama, seja qual fôr o genero de poesia para onde propendaes, seja qual fôr o vosso não vulgar engenho, sejam quaes forem os louvores que os velhos na arte vos concedam, e os applausos com que as sociedades vos afoutem, não vos deis pressa de apparecer: os conselhos que Horacio vos deu, duram com toda a força que a natureza e a pratica lhes bafejaram. Deve-se compôr de espaço, consultar os bons e peritos, guardar por nove annos, chamar, e tornar a chamar dez vezes á unha a obra já perfeita. O amor proprio nos persuade e impelle a apparecermos cedo; devia elle, se não fôra cego, ter-nos mão para nos não sahirmos senão a horas:

A melhor fruta colhe-se mais tarde.

(F. R. Lobo).

Muito mais vale começar jornada com dia claro, do que, para adiantar horas, largar a pousada pelo escuro da noite, em que os tropeços são faceis, perigosas as quedas, e quasi certo o extravio, que a final, lançadas as contas, não farão chegar mais tarde e menos gostosos ao lugar que demandamos. Repetirei, porque nunca o repetil-o será de sobra, o que já por semelhante occasião disse em outro meu livrinho, contra esta enfermidade que se tornou praga, e nos traz a todos lastimosamente gafados; não ha mais remedio senão soccorrermonos aos livros mestres da nossa lingua. A aversão que vós outros, gente moça, lhes tendes, bem sei d'onde nasce, que tambem eu por ahi passei: correm para vós como rio caudal os livros d'essa França, todos especiosos e dourados, todos galhardos e louçãos, arrebicados e argutos no dizer, promettedores de maravilhas nos titulos e indices, conversando comvosco paixões fortes e brandos affectos, uns vomitando republica por todas as folhas, outros por todos os poros exhalando commodissima incredulidade, e todos á uma embebidos do presente, afinados pelo vosso ponto, e se o posso dizer, mancebos como vós mesmos. Não já assim os nossos patrios authores: estes não vos sahem ao caminho; pousam, antes jazem, pela escuridão erma das bibliothecas, mal envoltos na grosseira capa de seu tempo, enterrados no pó, meio devorados dos bichos: se os olhaes por fóra, parece-vos que a vida vos não daria para um só volume: se os consultais por dentro já os titulos vos não namoram, os indices vos

descoroçoam: folheael-os por alto, vem os milagres incriveis, a historia encarecida ou chã, a poesia enleada e escura, o estylo incorrecto e desflorido, o amor grave e sisudo, os costumes castos, a moral severa, a fé religiosa e inconcussa: cada pagina na sua simplicidade apregôa Deus, revem por cada poro o cheiro do mundo velho: mas esforçai, afazei-vos por alguns dias a soffrel-os e consentil-os; continual-os-heis sem tedio, logo com gosto, com ancia, reconhecendo a final quanto as primeiras mostras vos haviam mentido, como pelo meio e fundo d'aquelle enganoso dissabor andavam sumidas galas, joias, riquezas, maravilhas, que vos enchem os olhos, vos captivam a vontade, e fazem que vos peze do tempo que os não conhecestes. Assás nos divertimos do caminho, razão é que a elle nos tornemos...»

ELOQUENCIA. É mais que muito mister dar exacta idéa da eloquencia, visto que não ha ahi arte por tanta maneira falseada como esta. Foi sempre e é a eloquencia assumpto de controversia. Se a encareceis a pessoa de meão entendimento, esse tal não vos dá credito, porque reputa a eloquencia a arte de colorir com falso verniz raciocinios frivolos, ou maneira de seduzir ouvidos. Dai-me termos ajuizados, e guardai lá as vossas rhetoricas para os escolares, vos dirá elle. Não diria mal o sujeito, se a eloquencia fosse, como elle cuida, arte desprezivel e indigna de gente honrada. Mas do que elle pensa ao que ella é vai grande estadio. É verdadeiramente eloquente quem falla com o fito de expôr idéas honestas, cordatas, e demonstrativas da verdade, ou da justiça, mediante o complexo de meios que se chama *oração*.

2. «Oração é um discurso preparado com arte para operar a persuasão. Orador é o que faz taes discursos. A arte, segundo cujas regras se aperfeiçoa ou se julga o que produz o talento oratorio, é a rhetorica. Quatro são as funcções do orador: 1.ª achar as cousas que deve dizer; 2.ª pôl-as em ordem conveniente; 3.ª exprimil-as com decencia; 4.ª pronunciar aptamente o discurso. Para persuadir os homens é preciso provar, agradar, mover; logo, nas cousas e palavras deve haver tendencia á prova, deleite e movimento, ou deve haver argumentos por que se prove, costumes por que se agrade, e paixões por que se mova. Qualquer d'estas cousas domine só, ou mais, segundo o genero a que pertence o discurso.

«São tres os generos: demonstrativo ou que louva e vitupera; deliberativo ou que suade e dissuade; e judicial, que accusa e defende. O genero demonstrativo, a que pertencem panegyricos, orações funebres, discursos academicos, comprimentos aos reis, etc. aproveita tudo o que póde dar honra á pessoa que se louva. Mas evita n'esta escolha baixa lisonja e seccura de factos. O seu empenho é offerecel-os de um modo vivo e tocante. Consente o ouvinte que n'elle seja tudo medido, escolhido, enfeitado de flôres e grinaldas. O panegyrico é o triumpho da virtude; triumpho requer esplendor e pompa. Não é assim no genero deliberativo; conhecida a fundo a materia, considerada por todas as suas faces reaes e possiveis, segue-se expôr com força e simplicidade. Convem-lhe a eloquencia util, que rejeite tudo o que tem mais esplendor que força. Accusa-se um homem ou defende-se de crimes, isto é, de actos contrarios ás leis naturaes e positivas. No primeiro caso é preciso provar ou que não existiu, ou que não foi contra lei. A isto se reduz o genero judicial. Um discurso ou as suas differentes partes podem pertencer a mais de um genero d'estes. Quer-se persuadir a lei de Manilio; ajunta-se para isto o louvor de Pompeu. Ha idéa ou simples representação de qualquer cousa no espirito; ha ligação de duas idéas ou juizo; ha união de muitos juizos ou raciocinio: por outras palavras, termo, proposição, argumento. O argumento pois é o mesmo que raciocinio. O argumento oratorio já tem tres proposições, já tem duas, é mais co-

pioso, menos formal que o philosophico. Este é, dizia Zeno, a mão fechada, o oratorio a mão aberta. Por costumes oratorios são entendidas as boas qualidades do orador. Reduzem-se a probidade, modestia, zelo do bem dos ouvintes, prudencia. Um homem immodesto indispõe; póde pois esperar pouco fructo do seu discurso. Um homem de probidade e zeloso do bem dos ouvintes não póde enganal-os; é prudente, não póde enganar-se. Este homem é crido sem exame, com elle é que tem lugar o que dizia Santo Agostinho «*auctoritati credere magnum compendium; nullus labor.*» Consideremos por um pouco o entendimento e vontade separados. A vontade ama ou aborrece os objectos que o entendimento lhe propõe. Este amor e odio ou são brandos ou violentos. Se são brandos chamam-se sentimentos, movimentos, paixões brandas, e ás vezes tambem costumes. Se são violentos, chamamse paixões.

«As partes que aprompton a invenção devem ser arranjadas segundo a natureza e interesse da materia. Como toda a obra deve ter principio, meio e fim, o discurso oratorio deve ter exordio, narração ou provas, e conclusão. Exordio é a parte em que se prepara o ouvinte para ouvir o restante. Narração é a exposição curta e clara de um facto; prova é um raciocinio, que estabelece a verdade de uma proposição. É escusado dizer que cousa é conclusão. O exordio seja engenhoso, modesto, curto, tirado das entranhas da materia. Engenhoso não é cheio de pontos e antitheses, mas arrazoado, e temperado de sorte que dê boa opinião do talento, genio e bom senso do orador, que annuncie bem o que se deve seguir, e determine a ouvir attentamente. É curto quando se proporciona a extensão do discurso. O orador na prova tem duas cousas a fazer: uma é estabelecer a sua proposição, e outra é refutar os meios do seu adversario. Ás vezes precede a refutação, outras vezes a confirmação; e nos argumentos d'esta ultima já ha uma, já ha outra disposição, que a regula: é a prudencia e juizo do artista.

«O pensamento e sentimento podem exprimir-se por tres modos: pelo tom da voz, pelo gesto, pela palavra. A ultima é o que se chama elocução. A elocução, 1.º deve ser sempre elegante; 2.º deve ser decora. É elegante sendo pura, correcta, clara: puras são as palavras, que qualquer lingua admittiu no seu uso, e que tem direito a entrarem no seu vocabulario; podem sel-o mais ou menos segundo o merecimento da idade a que pertencem, e a regra é preferir as de melhor idade: correcção é a conformidade exacta com as regras da concordancia e regencia: a clareza depende da propriedade dos termos; a escuridade nasce de palavras desusadas, periodos compridos, hyperbatos longos, ordem natural desprezada, parentheses longos, ambiguidade, periphrases desnecessarias e pouco analogas, affectação de mysterio, demasiada brevidade. É decora a elocução quando se accommoda ás circumstancias pessoaes ou reaes. A elocução que pertence a uma causa ordinaria não é a mesma que pertence a uma causa da maior importancia; diante de pessoas nobres e graves falla-se differentemente do que em presença da gente commum, etc. As provas requerem simplicidade, as paixões grandeza, os sentimentos ornato mediocre. Todos estes tons toma opportunamente o estylo, que não é outra cousa senão o que resulta da combinação das palavras com os pensamentos. Se é elegante, como o de Cesar, é simples ou tenue; se além de elegante é enfeitado de ornamentos ou figuras, tropos, sentenças de grau mediano, é ornado ou mediocre, como o de Massillon pela maior parte; se tem figuras, tropos e sentenças de certa grandeza, e é cheio de amplificação, é sublime ou grande como o de Cicero na primeira Catilinaria, na Verrina de Supliciis, etc. Todas estas qualidades se podem achar em um estylo de certa quantidade. Esta quantidade, que se mede pelo numero das idéas e termos, chama-se atticismo quando não tem so-

bejo, nem defeito. Laconismo quando tem defeito, asiatismo quando tem sobejo, e estylo rhodio quando é pouco mais abundante que o atticismo, e menos que o asiatismo. Já se vê que o atticismo pelo que pertence á quantidade é o estylo mais perfeito, e que dos que se contam em razão de qualidade, nenhum é mais perfeito que o outro, porque qualquer o é em summo grau quando se applica a proposito.

«*Appendice das paixões.* — As paixões na eloquencia são desejos violentos. Ora a nossa alma quer com força proporcional ao bem ou mal que se lhe representa, e para a fazer querer ou aborrecer violentamente não tem mais do que representar-se-lhe um mal grande ou um bem grande; a amplificação pois é a alma do pathetico. Mas note-se que a amplificação falsa e gigantesca produz o effeito contrario: é necessario que seja verosimil e natural.» (D. F. Alexandre Lobo).

ELVAS. Na provincia do Alemtejo, junto á fronteira de Hespanha, está a cidade de Elvas assentada em amphitheatro sobre uma eminencia, e distante de Lisboa trinta e tres leguas. Aos lados erguem-se dous montes que a dominam, e que são coroados pelos fortes de Santa Luzia, e de Nossa Senhora da Graça. A duas leguas corre a ribeira do Caya que divide Portugal da Hespanha. A tres leguas levanta-se em frente d'Elvas a cidade e praça hespanhola de Badajoz.

Sobre a origem d'Elvas emittem os nossos authores opiniões diversas, sendo algumas inverosimeis, ou pelo menos faltas de bons fundamentos. A que parece mais provavel attribue aos romanos a sua fundação, e faz derivar o seu nome de Marco Elvio, que então governava esse districto da Lusitania.

Quanto á sua existencia na época da dominação romana, não ha que duvidar. Varias sepulturas e inscripções achadas junto á cidade provam evidentemente, que n'esse tempo era povoação pouco importante; mas além d'isto ha muitos outros testemunhos.

Dizem alguns antiquarios, que o celebre general carthaginez Mahosbal vivera muito tempo em Elvas, e que ahi convalescera d'uma perigosa enfermidade, em memoria do que erigiu um templo a Cupido nas visinhanças de Villa Viçosa, junto a Terena. D'este templo viam-se ainda no seculo passado bastantes vestigios.

Depois da destruição do imperio romano, Elvas passou sob o jugo dos diversos povos, que a seu turno sujeitaram a Lusitania. Dos mouros que foram os ultimos resgatou-a D. Affonso Henriques no anno de 1166; tornando porém ao poder dos infieis, libertou-a novamente seu filho, D. Sancho I, no anno de 1200.

As guerras arruinaram-a, e quasi de todo a despovoaram. Porém D. Sancho II mandou-a reedificar e povoar no anno de 1226, dando-lhe por essa occasião foral com os mesmos privilegios de que goza a cidade de Evora. Elevou-a D. Manoel á categoria de cidade em 1513. Na gloriosa luta da restauração de 1640 foi theatro de grandes victorias para as armas portuguezas, principalmente no dia 11 de janeiro de 1659 em que o exercito hespanhol, que a cercava, foi completamente desbaratado pelas tropas portuguezas. No seculo seguinte passaram-se em Elvas scenas diametralmente oppostas. D'esta vez eram grandes festas e regosijos pelos dous consorcios, que estreitaram em intimos laços de familia os soberanos de Hespanha e Portugal. El-rei D. João V e toda a familia real ahi foram passar alguns dias, durante os quaes se avistaram e conversaram com D. Philippe V e sua familia, em uma esplendida casa que para esse fim se construiu sobre o Caya, limite dos dous paizes. Os reaes desposados foram o principe D. José, e a infanta D. Marianna, filha de D. Philippe; e o filho herdeiro d'este soberano, o principe D. Fernando, que veio a ser o sexto do nome entre os reis de Hespanha, com a infanta D. Maria Barbora, filha de el-rei D. João V.

É a cidade de Elvas a principal pra-

ça de guerra de Portugal. A parte mais antiga das suas fortificações é o castello fundado no lugar mais elevado, e cercado de muralhas ameiadas flanqueadas de torres, tudo em bom estado de conservação.

Os suburbios d'Elvas são amenos e muito arborisados, com muitas quintas, principalmente no extenso valle por onde corre o ribeiro Ceto, e que separa a praça do forte de Nossa Senhora da Graça.

Elvas conta uma população de perto de onze mil e quatrocentas almas. Tem esta cidade por brazão d'armas um escudo coroado, e n'elle, em campo vermelho, um guerreiro a cavallo, todo armado, empunhando na mão direita o estandarte das quinas portuguezas. Commemora este brazão a acção audaciosa d'um cavalleiro portuguez, que n'um dia de funcção publica em Badajoz, entrou n'esta cidade, e arremettendo por meio do povo, ousou apossar-se do estandarte castelhano, correndo com elle na mão até junto das muralhas d'Elvas; conseguiu arremessal-o para dentro da praça, onde não entrou por que os castelhanos, que o perseguiam, lh'o impediram com a morte.

EMBRYÃO. (Veja FRUCTO).

EMBUSTES. «Não irei hoje desentranhar da historia dos povos antigos, nem dos fastos da idade media, exemplos notaveis dos embustes com que os adivinhadores hão explorado a credulidade dos povos. Uma senhora celebre, que falleceu em nossos dias, nos fornecerá um episodio curioso da sua vida de prophetiza; e só elle bastará para demonstrar que a razão humana deve estar acautelada contra as enganosas predicções do futuro, e repellir afouta as praticas e os ardis que presuppõem a intervenção do sobrenatural no mundo physico e no mundo moral.

«M.elle Lenormand, famosa adivinhadora franceza, nasceu em Alençon no anno de 1772, e falleceu em Pariz no de 1843. Recebeu uma educação aprimorada em um convento de benedictinas, e veio depois estabelecer-se em Pariz, habitando sempre a mesma casa na rua de Tournon.

«Logo desde a infancia revelou uma disposição muito notavel para fazer predicções; de sorte que já no convento onde foi educada causava espanto e assombro ás suas companheiras.

«Precedida de uma certa reputação n'este deploravel genero de talento e applicação, deu-se ao mister de deitar cartas para adivinhar o futuro. Em 1794 foi presa, em razão de fazer algumas revelações arriscadas; mas quando readquiriu a liberdade, viu crescer a voga que já tinha, por maneira que d'alli em diante a credulidade publica, ainda, e principalmente, nas altas classes da sociedade pariziense, foi para ella uma rica e abundante mina de exploração. Durante as duas famosas épocas do imperio e da restauração foi consultada pelas personagens da mais elevada jerarchia, entre as quaes figurava designadamente a imperatriz Josephina.

«Com verdade está escripto que, por espaço de quarenta annos, a corte e a cidade de Pariz concorriam em chusma aos salões de M.elle Lenormand; e ainda hoje, quando se graceja com a pessoa que recorre á predicção pelas cartas, ouve se a resposta emphatica: «Reparai que o proprio imperador Napoleão consultava M.elle Lenormand!» E, com effeito, a tradição popular faz d'esta sibylla a Egeria do imperio.

«A imperatriz Josephina, que nascera na Martinica, era um tanto supersticiosa, e por vezes recorreu á supposta sciencia de M.elle Lenormand em predizer o futuro.

«Na classica *Historia do consulado e do imperio*, de Mr. Thiers, ha, entre tantas bellas paginas, uma, na qual o insigne e preclarissimo historiador narra o ataque e a tomada de Ratisbonna, em abril de 1809. D'esse episodio de guerra faz ao meu proposito a parte relativa ao ferimento que o imperador Napoleão recebeu perto d'aquella cidade:

«Napoleão, diz Mr. Thiers, impacientado pela resistencia que a cida-

de offerecia, e querendo pôr-lhe termo, tinha-se aproximado de Ratisbonna, no meio de um vivo tiroteio sustentado pelos austriacos, de cima dos muros, e pelos francezes, da borda do fosso. Precisamente na occasião em que estava observando os lugares com um oculo, recebeu uma bala no calcanhar, e disse com a placidez de soldado velho: — Estou tocado! — E em verdade estava tocado, e de um modo que podia ser bem funesto. Se a bala tivesse dado mais acima, fracturava-lhe o pé, e inevitavel seria a amputação. Os cirurgiões da guarda imperial, que a toda a pressa vieram ter com elle, arrancaram-lhe a bota, e pozeram um ligeiro apparelho sobre a ferida, que não era de gravidade. Os soldados dos corpos mais visinhos, sabendo que o imperador estava ferido, romperam as fileiras, e n'um atomo se acercaram d'elle para lhe dirigirem os mais estrondosos testemunhos de affeição. Nem um só d'aquelles bravos deixava de considerar a sua existencia como enlaçada com a do seu general! Napoleão, dando a mão aos soldados que estavam mais perto da sua pessoa, affirmou-lhes que nenhum perigo corria; montou de novo a cavallo e foi percorrer a frente do exercito para o tranquillisar.»

«Os despachos enviados a Pariz noticiaram a verdade, isto é, que o imperador Napoleão recebêra uma ferida leve; mas o rumor publico, exagerando o facto, como de ordinario succede, pintou o illustre ferido n'um estado verdadeiramente inquietador e desesperado

«Os boatos de fóra penetraram no palacio do Elyseu, e chegaram até aos ouvidos da imperatriz Josephina. A esposa e verdadeira amiga de Napoleão, vivamente commovida e desassocegada, lembrou-se logo, superticiosa como era, de recorrer a M.elle Lenormand, e de feito a mandou chamar.

«A sibylla moderna correu pressurosa ao palacio do Elyseu; fez o grande jogo das cartas egypcias, consultou Ariel, seu genio protector, e proferiu o seguinte oraculo:

«O grande capitão, o novo Cesar, já coroado com tantos louros, não está em perigo de vida; pelo contrario, o seu signo de boa fortuna desenvolve-se. Graças a Isdraïl, anjo da terra, vencerá todos os seus inimigos; os reis e os povos hão de celebrar a gloria do maior homem dos tempos modernos; e os proprios vencidos hão de reconhecer que Napoleão os bateu em nome da mais santa das causas.

«Quando voltar á sua capital, novas leis, filhas do seu genio, da sua poderosa iniciativa, virão consolidar o seu throno e enlaçar todos os francezes com o imperio.

«Se os ruins tentaram por vezes malquistar-vos com elle, esses mesmos hão de confundir-se ao verem que nunca o imperador vos testemunhou tamanha consideração e ternura como em breve ha de liberalisar-vos.

«No demais, creio vêr sobre a minha mesa, pela combinação do algarismo 7 e do numero 28, que antes de meio lustro ha de Deus conceder-vos uma alegria, que será a felicidade do imperio, tornando-vos duplicadamente cara a todos os bons francezes.»

«Quereis vêr como se realisaram os agouros da impostora?

«O imperador Napoleão divorciou-se da imperatriz Josephina, a sua melhor amiga. Casou depois com uma archiduqueza de Austria, a qual foi uma esposa bem pouco terna... D'este ultimo consorcio nasceu o rei de Roma, depois duque de Reichstadt, que mui moço desceu á sepultura na terra estranha. A França soffreu duas invasões, que a humilharam diante do mundo. Napoleão, condemnado ao desterro, acabou seus dias no insupportavel rochedo de Santa Helena.

«Só Deus é grande, meus irmãos!» disse Massillon no exordio da oração funebre de Luiz XIV; e esse admiravel grito, que a critica tem na conta de sublime nas circumstancias em que foi proferido, merece, em tudo quanto respeita á humanidade, ser sempre attentamente ponderado.» (José Silvestre Ribeiro).

EMULAÇÃO. 1. «Ha uma nobre emulação que conduz á gloria pela vereda do dever.» (Massillon). — «Vejo um homem que pratica boa acção: sinto vontade de imital-o, e merecer como elle a estima dos outros e a minha propria: eis a emulação. Este sentimento, plausivel e justo, o primeiro que em tenras idades floreja, é congénere da natureza humana, e póde dizer-se que não o sentir é vicio de organisação. Tanto nas crianças como nos adultos, existe uma poderosa mola, um pungente estimulo que, exercido habilmente, póde produzir optimas resultas em toda a especie de aperfeiçoamento.» (De Jussieu). — Tão caracteristico sentimento prova que a especie humana nasceu para viver em sociedade. Assim que a emulação cessa de ser em alguma aggregação de homens, esta vai declinando para logo á barberie, e termina por desapparecer inteiramente. Á continuada emulação, perspicazmente dirigida, attingem os povos o verdadeiro grau de civilisação, levados ao través de successivos progredimentos. Mas, já que tanto póde a emulação em animo de homens, mister é despontar-lhe os aguilhões penetrantes de mais. N'este ponto usem-se cautelas muito atiladas, quando não da emulação abrolha o amor proprio que, transpondo as justas raias, deprava a razão, suscita inimizades, levanta obstaculos, e, á força de irritações, leva-nos a perigosos extremos. Repetiremos, pois, incançavelmente, que muito convém reger com segura mão as redeas da emulação.

2. «Reina vantajosa emulação nas escólas; mas o introduzil-a na educação particular tem inconveniencias. Na escóla, vai de par com a emulação um sentimento generoso; em familia, produz rivalidades, ciumes, e ás vezes odios... As louvaminhas e reprehensões da mãi que educa muitos filhos excita nos menos espertos secreta inquietação por essa ternura maternal de que pende o seu futuro. Raramente conhecem as crianças a causa de seus erros, e buscam sempre a do desagrado que causam em prevenções injustas.» (M.^me Campan). — «Ha distincções que fazer n'isto da emulação. Se por emulação se entende os poderosos effeitos do exemplo, e a convicção do poder da vontade, produzida pelo merito alheio, e aquelle ardor contagioso que se apossa naturalmente de pessoas que correm o mesmo páreo, temos que louvar um resultado tão innocente quam vantajoso na communidade de trabalhos. Não se censure nem abafe o desejo que a criança nutre de sobresahir, excitando particular applauso e estima. Vai n'isso irresistivel pendor, e valente estimulo a felizes adiantamentos. Do desejo de sobrelevar a outrem ao de desejar humilhar os demais é resvaladio o passo.... Aqui, como em tudo, quem nos demarca os limites de nosso dever é a possibilidade de o cumprirmos. Pretender desentranhar o amor proprio é chimera: mas acrescer-lhe o predominio é grande erro em moral. Rivalidades de irmãos é cousa tão para estranhezas que muito convém defendel-os de tal. E' certo que muito importa excitar o zelo: mas suppra-se com educação moral, alliada á intellectual, o perigo dos ciumes, que se desatam em odio.» (M.^me Nicker). — «Grita muita gente contra o uso da emulação, á conta do orgulho que envaidece os mais avantajados em louvores, com depressão dos somenos. Tal perigo é real e grande sempre que se propozer ao menino como objecto de emulação, em vez de virtudes, pessoas.» (M.^me Guizot).

3. «Diligenciai entrever ao través das neblinas infantis se a indole que regeis carece de curiosidade e é pouco sensivel á emulação honesta... Cumpre espertar de tal lethargia o animo da criança .. Se elle descamba á extrema opposta — ao desvanecimento — mostrai-lhe discretamente o de que elle é capaz; pouco vos contente, notai-lhe os seus minimos progressos, argui-o de timido em se arrecear de sahir limpamente de estudos que nada lhe custam. Le-

vai-o pela emulação.» (Fénelon). — «É licito malsinar de defeituosa uma disposição commum á nossa especie? Compete-nos condemnar clausulas que Deus nos impoz? Se Deus nos ha dado a emulação, é porque é, com certeza, util. Póde abastardar-se em ruins sentimentos? Qual é a melhor disposição de nossa alma que não esteja no mesmo caso? Superstição, fanatismo, obstinação, orgulho que são senão demasias das mais nobres faculdades? E por que taes excessos existem, hemos de baralhar com elles o sentimento religioso, o dever, a firmeza e dignidade propria? Rejeitar a emulação como meio nos methodos de educação, tanto monta como querer o professor privar-se, sem utilidade, de instrumento que parece nos proveio do Creador para coadjuvar-nos o desenvolvimento das faculdades.» (De Jussieu).

4. «De quinze em quinze dias, diz Lebrun, chamo ao meu gabinete os alumnos bem procedidos e mais laboriosos durante a quinzena; vem tambem os turbulentos, os indoceis e calaceiros. Inscrevo em um registo de duas columnas, a um lado os bons, a outro os maus. Logo que o menino foi tres vezes inscripto na columna dos bons, é elogiado e recompensado; se tres vezes foi inscripto na columna dos maus, é castigado. Ao passo que vou indo, a columna dos maus rareia, a dos bons augmenta.» (*Echo das escólas primarias*).

ENEAS. (Veja Treze (seculo).

ENEIDA. (Veja Virgilio).

ENSINO. 1. O ensino fórma e dilata o entendimento humano; dá-lhe as idéas fundamentaes que lhe regulam as crenças, e leis do seu viver; desenvolve-lhe plenamente a natureza moral e intellectiva. O homem, assim formado pelo ensino, exerce a poderosa faculdade da intuspecção, vê-se, examina-se, e fecunda, reflectindo, as primeiras idéas recebidas: chama-se *razão* esta faculdade. Porém, a razão, faculdade moral do homem, carece de ensino para chegar á sua plena energia. A tal condição a sujeitou Deus, a fim de afazêl-a a subir por esta cadeia de idéas perpetuamente recebidas e transmittidas á primordial fonte da humanidade; o ensino, por tanto, mais latamente considerado, confunde-se com a *revelação*, que é a unica fonte possivel das primeiras verdades ensinadas. — Sob o aspecto da arte, o ensino é carreira moral, social ou politica, em a qual nos propomos formar as gerações por communicações scientificas mais ou menos extensas. Terá, pois, o ensino muitos graus: *primario*, se versa em transmittir os mais elementares rudimentos da sabedoria; *secundario* ou *superior* á medida que se fôr alteando a pontos mais elevados. E, como os objectos de instrucção diversificam, ha ensino *litterario*, *scientifico*, *religioso*, *philosophico*, etc. Sob outro ponto de vista, será publico ou particular. Em qualquer dos casos, para que o ensino seja realmente proveitoso e ajuste á perfeição da arte, é mister que o professor se *nivele com o discipulo e não com a sciencia*. Evitem-se demonstrações ou definições rigorosamente logicas: o ponto bate no apropriar o ensino ao entendimento do alumno. Methodos *racionaes* de ensino são aquelles unicamente que estabelecem acção reciproca de intelligencias: só assim, mediante semelhante contacto e mutua actividade, a instrucção se accelera sensivelmente. (Veja Methodos).

2. Pelo que respeita a ensino primario, de Gerando estabelece d'esta arte a differença: «No ensino individual, cada alumno recebe directa e separadamente a lição do mestre. Posto que um dado numero esteja reunido na mesma sala, as direcções não são todas communs; cada qual procede como se estivesse só; o mestre vai percorrendo um por um, marca-lhe lição, e emenda-o. — No ensino simultaneo, o mestre instrue e dirige simultaneamente certo numero de discipulos, e se dirige a todos com a mesma expressão e o mesmo

signal. Executam e operam conjunctamente os discipulos. Todavia, não sendo todos eguaes em capacidade, pois que não começaram no mesmo dia, nem se adiantaram com identica rapidez, divide-se naturalmente a escóla em *classes*, pelas quaes estão repartidos os alumnos em proporção de suas forças. O ensino simultaneo, e bem assim o individual, estabelecem relação immediata e directa entre professor e discipulos. — O *ensino mutuo* interpõe, medianeiro ao mestre e alumnos, certo numero de *prefeitos* (decuriões) escolhidos de entre os alumnos. — A questão do ensino mutuo foi muito soada, sob a Restauração (franceza); hoje, porém, que ella está na sua verdadeira plana — quanto é da melhoria de methodos — está sendo justamente ponderada a valia de tal innovação. Da fusão operada entre os methodos *mutuo* e *simultaneo*, resultou o *mixto* que concilia vantagens de ambos, e cada dia vai ganhando creditos. — Quanto ao methodo *individual*, esse é sómente applicavel ao ensino *particular*.

ENXERTO. (Veja Seiva).

EPACTA. (Veja Calendario).

EPAMINONDAS. (Veja Quarto seculo).

EPICTETO. (Veja Segundo seculo).

EPIGRAMMA. Foi na Grecia um pensamento delicado exprimido argutamente, e até esculpido ao sopé das estatuas e nos sarcophagos. Quem inventou o *epigramma*, poesia maliciosa que tanto praz ás indoles chocarreiras, foram os latinos. Marcial foi o molde d'essa satyra viva e ligeira, cujo principal merecimento está no inesperado fecho. Tomaremos alguns de poetas portuguezes como modêlo de um genero que hoje em dia se não usa, porque a prosa disputou o officio ás musas sarcasticas, dispensando-se do epigramma encoberto, quando lhe sobra liberdade para dardejar a satyra com toda a franqueza, contra cousas e pessoas.

D. Francisco Manoel de Mello, querendo satyrisar as mãos pouco niveas de uma senhora, escreveu o seguinte epigramma:

> Uma dama um patacão
> quiz de esmola a um pobre dar,
> que elle, indo para tomar,
> pegou da esmola e da mão.
> Fugiu-lhe ella; e elle sesudo
> lhe disse: «Senhora nobre,
> «como tudo isto é cobre
> «cuidei que me daveis tudo.»

Contra certo fidalgo que a muitos titulos falsos acrescentava um *et cœtera*, invectivou o epigrammatista:

> Depois que suja um papel,
> sabe Deus com que verdades,
> de officios e dignidades,
> põe: *et cœtera*, Miguel.
> Vês o *et cœtera* infinito?
> pois sabes que quer dizer?
> quer dizer que o que disser
> é mentira, e o que tem dito.

De Filinto Elysio ha bons epigrammas; todavia os mais graciosos são desvaliados pela licenciosidade da phrase. Escolheremos um dos muitos com que elle brindou a Academia real das sciencias de Lisboa:

> Como, ouvindo o sermão, um tosqueneja,
> Outro boceja,
> Tal vi eu succeder na Academia.
> Mas não sei se me engano; alguem dormia
> Tão profundo,
> Que me fundo
> A dizer, que o Deos Mômo, que faz peças
> Soprou pós de opio na estirada escripta
> D'esses sabios, que oravam ás avessas
> Da rhetorica energica e erudita.

Pedro de Andrade Caminha (veja este nome), contemporaneo de Luiz de Camões, e bandeado na conjuração dos emulos do cantor dos *Lusiadas*, deixou, para seu opprobrio, a sobreviverem-lhe oito epigrammas desfechados contra o epico. Um d'elles prende com o verso da 5.ª est., cant. 1.º:

> *Dai-me uma* furia *grande e sonorosa*.

Sahiu Caminha com a seguinte satyra:

> Dizes que o bom poeta ha de ter *furia*;
> Se não ha de ter mais, é bom Poeta
> Mas se o poeta ha de ter mais que *furia*,
> Tu não tens mais que *furia* de Poeta.

A insulsez do epigramma está bem ajoujada á injustiça do mordaz cortezão e abjecto camareiro do infante D. Duarte.

A malquerença do delator de Damião de Goes, no tribunal da inquisição, não se contentou com menos de ferir oito vezes Camões, aquella mendiga magestade a quem os seculos por vir erguiam immorredouro templo, em quanto o seu mordaz inimigo, cevado nas alcaidarias e commendas, lavrava n'essas vilissimas injurias o desprezo que lhe mareia o tal qual talento com que se fizera estimado de Antonio Ferreira, Sá de Miranda, Antonio de Castro e Diogo Bernardes — todos, por concomitancia, adversarios de Camões. É de Caminha este outro epigramma assestado ao principe dos poetas:

> Por poeta douto e mancebo és julgado,
> E esta opinião de ti não é secreta;
> Mas vejo-te de ti ser tão louvado
> De mancebo, e de douto, e de poeta,
> Que, de ti, se perdoas, não concebo
> Que és poeta, nem douto, nem mancebo.

O mais chistoso e como quer que seja sentencioso epigrammatista portuguez é Bocage, posto que o snr. conselheiro José Feliciano de Castilho, biographo illustradissimo de Elmano haja dito: «Propendemos para crer, a despeito de uma opinião assás geral que a anthologia de Bocage não é dos seus maiores titulos de gloria.» Alguns dos mais sabidos epigrammas são reflexos do latim e do francez; os originaes tendem a menoscabar a medicina — «mau gosto do tempo, que ainda n'essa occasião não tinha para nós passado áquem da época de Molière e mesmo de Boileau», diz o snr. Castilho.

Trasladamos alguns que fizeram rir muito os frequentadores do botiquim-Nicola, aquelle «claro auditorio» cujos applausos aturdiram e desvigoraram com a lisonja um talento que parou muito áquem da baliza onde o impulsariam vida mais regrada e estudos menos superficiaes. Eis aqui a medicina tratada por Bocage tão descaroadamente, quanto affagada quando cahia enfermo:

> Gratis pespega o verdugo
> No pescoço ou laço, ou córte;
> O espadachim mata gratis:
> O medico vende a morte.

—

> Trouxe-se a pobre doente
> Um recipe singular.
> Morreu do recipe? Não:
> Só da tenção de o tomar.

—

> *In fide parochi* attesto
> (Escrevia inchado cura)
> Que soffreu Lopo Forçura
> Da morte o golpe funesto.
>
> Tal clareza não se achou
> Dos obitos no registo,
> Mas attesto-o por ter visto
> A receita que tomou.

—

> Certo enfermo, homem sisudo,
> Deixou por condescendencia
> Chamar um doutor, que tinha
> Entre os mais a preferencia.
>
> Manda-lhe o fôfo Esculapio
> Que bote a lingua de fóra,
> E envia dez garatujas
> Á botica sem demora.
>
> «Com isto (diz ao doente)
> A sepultura lhe tapo.»
> Replica o pobre a tremer:
> «Aposto que não escapo!»

—

> Arrimado ás duas portas
> Pingue boticario estava,
> E brandamente acenou
> A um doutor que passava
>
> Mal que chega o bom Galeno
> Diz o outro em ar jocundo:
> «Unamo-nos, meu doutor,
> E dêmos cabo do mundo.»

—

Disse um Avicena ao vêr
Certo doente: «É confusa
Esta molestia: portanto
A maligna se reduza.»

Eis a mão facinorosa
Lavra potente receita,
Que anonyma enfermidade
Torna em maligna perfeita.

Co' a prompta metamorphose
O infesto doutor se alegra,
E diz, sorrindo-se: «Agora
Se matar, mato com regra.»

—

Um philosopho enfermou:
Não tinha mal de perigo,
Mas soffreu a medicina,
Por agradar a um amigo.

Consentio que receitasse
Hippocratico impostor,
E logo para um criado
Disse, brando, e sem tremor:

«Não deixes lá na botica
Esse amargo fructo do erro;
Inda tem mais serventia:
Suppre os escriptos de enterro.»

—

Quiz inda fresca viuva
Casar, mas tinha esquecido
No alfarrabio dos enterros
Pôr o enterro do marido.

Leve este papel ao cura,
(Lhe aconselha um maganão);
Era excellente receita
Das que importam n'um milhão:

«Padre, (diz ella, entregando
O papel que se lhe deu)
O meu homem tomou isto...»
Torna o cura: «Então morreu.»

—

Dos obitos o volume
Consta que um cura perdeu,
E contou este desastre
A intimo amigo seu.

De supprir o triste livro
Não póde occorrer-lhe idéa.
«Ai! (diz o amigo) isso é facil:
Compre uma pharmacopéa.»

—

Compoz para leve andaço
Um doutor, doutor fatal,
Famosa receita, onde era
A menor dóse mortal.

Indo depois á botica,
D'esta sorte o dono o investe
«Receite a todos o mesmo,
Meu doutor, e temos peste.»

—

Um velho [illegible] na cama,
Tinha um filho [illegible],
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.

O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai,
Diz-lhe o velho, suspirando:
«Repara, que sou teu pai.»

EPINAL. (Veja Lorraine).

EPISTOLAR (Genero). 1. «A boa critica só comprehende no genero epistolar cartas familiares, especie de palestra que dous amigos distantes confiam ao papel. Semelhante correspondencia, se bem escripta, é gratissima leitura para pessoas de fino gosto, e tem tanto maior merecimento quanto é o valor do assumpto; porém, dado que o assumpto seja futil, póde ainda ser interessantissimo, se é redigido com graça, em estylo natural, e mais ainda, se a condição das pessoas que se correspondem tem o que quer que seja original e acirrante. D'ahi vem mostrar-se o publico sempre curioso da correspondencia de pessoas eminentes, porque d'ahi lhe transluzem alguns vislumbres da indole d'ellas. Sem embargo, não se cuide que o escriptor, nas cartas que escreve, ponha a descoberto a sua alma. Os homens, ainda em intimas relações, escondem-se sempre mais ou menos. Comtudo, sendo as cartas de entre amigos uma especie de conversação, podemos esperar, n'este genero de escripta, muito mais que em outro, encontrar mais pronunciadas as linhas da physionomia moral das pessoas. Apraz-nos vêr o escriptor em situação tal que livremente possa expressar seus pensamentos, e expandir o sentir que lhe vai na alma. Por tanto, o merito e agrado do genero epistolar resahe do tal qual conhecimento que nos dá com quem escreve. Ahi, mais se nos depara o homem que o author. O primeiro e es-

sencial predicado d'esse genero é a naturalidade e singeleza; pois que a affectação tanto nauseia nas cartas como nas conversações familiares. Isto não quer dizer que se refuguem das cartas os chistes que tanto alegram a conversação, tirando-se a partido que elles affluam desconstrangidos e não intrusos a cunha. Dispára em enjoativo um tal que, já conversando, já carteando-se, está sempre a esguichar gracejos.

«O estylo epistolar dispensa-se de ornatos superfinos; quer-se claro, puro, chão, e mais nada. Se nos requintamos em selecção de vozes, denunciamos laborioso estudo; dêmos pois de mão a phrases harmoniosas e grande torneio de periodos. As melhores cartas são as mais facilmente escriptas; que os dictames do coração e phantasia brotam com mais elegante espontaneidade; se, todavia, o assumpto não tem que vêr com a phantasia ou com o coração, para logo se argue constrangimento. E ahi está o porquê de custarem tanto a escrever as boas cartas de comprimentos, parabens e pezames; e os que as tem em grande conta, por havel-as escripto, mal sabem quanto cá nos chegam insulsas e fastientas. Sem embargo, não se confunda com negligencia a singeleza airosa que consideramos de grande effeito no genero epistolar.

«Embora nos seja amigo intimo o a quem escrevemos, attendamos ao assumpto e estylo: façamol-o por nós e pela pessoa a quem nos dirigimos. É descabido empregar locução espalmada e descorrecta: tal liberdade póde damnificar o credito da pessoa que escreve no conceito da que lê. Faz-se por tanto mister que, já na correspondencia, já na pratica, se olhe atiladamente ao que deve cada um a si e a outrem.» (Blair, *Curso de rhetorica e bellas-letras*.

2. «Não se parecem por feição nenhuma os estylos epistolares de Cicero e Plinio, e os de Sevigné e Voltaire. Qual cumpre imitar? Nenhum, se queremos algum ter. Só tem estylo quem o tem de lavra propria, com boleio natural, seu, de seu espirito, e consoante seus affectos, no acto de os exprimir. Cartas são communicações de idéas a pessoas ausentes, dictadas pela amizade, confiança e cortezia. É conversação escripta. Não diffira, pois, o tom das cartas do da conversação, tirante o lavor da lima. (Suard, *Miscellaneas litterarias*).

Temos pouquissimos modêlos epistolares, os portuguezes; dado, porém, que elles fossem muitos e mais preciosos, não surtiriam proveito algum a quem por elles quizesse pautar suas idéas. Nas cartas bem escriptas ha que aprender a sã linguagem, e mais nada. Merecem muita attenção as de D. Francisco Manoel de Mello, as do padre Antonio Vieira e de Duarte Ribeiro de Macedo, e como noticiosas as de Francisco Xavier de Oliveira. Abstenham-se, porém, os alumnos de trasladar d'ellas, no uso da sua correspondencia infantil, cousas que seriam irrisorias por impertinentes.

EPIZOOTIA. (Veja MOLESTIAS).

ÉPOCAS LITTERARIAS. Pericles, Augusto, Leão X, Luiz XIV recordam-nos épocas privilegiadas que resplandecem, com intervallos grandes, em letras e artes, exornando as nações de immorredoura gloria. — Cantou Homero a cólera de Achilles e a repatriação de Ulysses, muito antes que o genio grego desferisse todos os seus esplendores. Hesiodo, cantor das crenças mythologicas, e labutações agricolas foi-lhe no encalço. Resvalou, porém, um seculo até ao apparecimento de Pericles, que imprimiu nos espiritos generoso impulso. Sophocles e Euripedes, variando os recursos da tragedia usados por Eschylo, continuaram-lhe a gloria. Herodoto criou a historia, da qual Thucidides fez a sciencia das nações. Phidias hombreou com a magestade de Homero. Mostrou-se Apelles digno de reproduzir a physionomia de Alexandre. As graças inspiram Anacreonte. A satyra de Aristophanes verbera todos os vicios. Xenophonte emprega os seus ocios de destro capitão a historiar um rei insigne. D'ahi a pouco, Aristote-

les e Platão medem e ampliam os limites do espirito humano. Allim, Demosthenes, ultimo campeão da liberdade, irradia brilhos de esmerada eloquencia. — Começa a florecer a litteratura latina no seculo de Augusto: quasi que era então romano o universo inteiro. Os rhetoricos gregos, sem impedimento dos anathemas de Platão, tornaram a, já n'outros dias, bellicosa Roma, em cidade sensivel ás phantasias de Homero e vehemencias demosthenicas. Desbotaram os costumes antigos. Cuidaram em reproducções de Homero, de Epicuro e Thucidides. Aos primeiros emulos dos gregos, em que figura Terencio, succederam Cicero, admirador e rival de Demosthenes, Virgilio, timido imitador das fórmas homericas, original em affectos e linguagem, Horacio nutrido da moral facil de Epicuro, Ovidio que fazia versos jurando não os fazer mais. Segue-os Tito Livio, que abrange o genio inteiro da Roma culta, bem que consultasse Polybio e estudasse Demosthenes. — Depois do rijo impulso que Dante communicou á poesia, e Boccacio á prosa, surgiram Tasso e Ariosto no seculo de Leão X. Ao mesmo tempo Guarini elevava o idyllio a proporções dramaticas; Machiavel manejava a penna de Tacito, Guichardini disputava a Tito Livio o pincel historico. As artes reassumiram a antiga magestade e graça, invocadas por Leão X. Raphael, trasladando na tela as mais impressivas tradições do christianismo, reproduziu o bello ideal em suavissima pureza. Miguel Angelo remontou-se ás espheras invisiveis, e gravou em suas obras o sinete mysterioso da eternidade. — Para o seculo litterario de D. Manoel e Luiz XIV veja DEZESEIS e DEZESETE (seculos).—Quanto á vida e obras dos escriptores e artistas mencionados veja o nome de cada um.

EPOPÉA. 1. «Epopéa é a narrativa poetica de uma empreza illustre. Esta definição é exacta, quanto é possivel ser. Abrangendo a *Iliada*, a *Eneida* e a *Jerusalem*, e os *Lusiadas*, os quatro mais regulares poemas que se conhecem, aquella definição dá lugar no genero épico a muitos poemas com justiça celebrados, bem que uma critica pedantesca os haja excluido, por não serem exactamente modelados por Homero, Virgilio, Camões e Tasso. Podemos definir com exactidão mineraes, plantas e animaes; é-nos facil distribuil-os por classes, porque a natureza lhes deu caracteristicos sensiveis e invariaveis que nos auxiliam no correlacionar especies analogas; é, porém, absurdo querer igualar em rigor de definição e classificação productos do gosto e da phantasia. N'estes, a natureza não levantou balizas. São innumeras as manifestações de bellezas que lhes competem. A critica, atarefada em taes subtilezas, não vai além de frandulagem palavrosa. Pelo que, não me arreceio de enfeixar no mesmo titulo a *Iliada*, *Eneida*, *Paraiso perdido* de Milton, *Lusiadas* de Camões, *Pharsalia* de Lucano, *Thebaida* de Stacio, *Fingal e Temora* de Ossian, *Henriada* de Voltaire, *Telemaco* de Fénelon, *Leonidas* de Glover, *Epigoneida* de Wilkie. Bem que todos esses não se aproximem da perfeição de Homero e Virgilio, são indisputavelmente poemas épicos, isto é, narrativas poeticas de feitos egregios, unica definição conveniente á epopéa.» (Blair, *Curso de rhetorica*).

2. «A fabula épica, em geral, não está circumscripta ás unidades theatraes. Tanto actuam n'ella personagens humanos como sobrenaturaes. Anda por terra, céo, inferno, em fim por todo o universo conhecido e phantasiado. Deuses consagrados em religiões, potestades impulsoras da natureza e divinisadas, lhe dão alma e folego. Não se retem na raia do verosimil; transpõe ao incrivel; admitte o maravilhoso; aceita o que é da tragedia, associando-lhe o movimento das cousas inaccessiveis á vista, e gratas ao espirito, quando pintadas. Transfere-se instantaneamente de região para região, do Olympo ao Tartaro. Reveste os homens de attributos divinos; ingere divindades no sentir humano. Pois, não obstante, a ordem ideal que vincula todos os membros

do poema, rejeita a extravagancia e o disparate.

«Dizem estas generalidades respeito á epopéa essencialmente heroica, nobre e grave; que o poema heroe-comico não demanda tão elevadas clausulas.» (Lemercier, *Curso analytico de litteratura*).

3. «A acção do poema é uma, se desde o começo até ao fim da invocação á catastrophe, tende sempre uma só causa a um só effeito. A colera de Achilles, funesta aos gregos; Ithaca resgatada no regresso de Ulysses; o estabelecimento dos troianos em Ausonia; a liberdade romana defendida por Pompeu e com elle morta— semelhantes acções tem a indole unitaria concernente á epopéa, e, se os poetas a alteraram na composição, vicio foi dos poetas, que não do assumpto. Estes exemplos deram como regra invariavel a unidade de acção, e eu como tal a recebo, mas não tanto na tragedia. Explicar-me-hei: tanto na epopéa como na tragedia, o escopo e tendencia devem ser analogos. É Ulysses que forceja por voltar a Ithaca, é Orestes que quer tirar de Taurida a estatua de Diana. Na tragedia, todavia, os esforços e obstaculos que estorvam o desenlace, são como enfeixados em certas peripecias que se travam ou encadeiam entre si. Na epopéa, taes empeços andam menos atados, e o que do poeta se requer é que a causa lhes seja a mesma; exemplo: a cólera de um Deus que persegue o heroe como Neptuno na *Odyssea*, Juno na *Eneida*, etc. Eis aqui, a meu juizo, a differença das duas acções. Houve poetas que tiraram assumpto para epopéas do decurso da vida de um só homem, taes são a *Achilleida*, a *Heracleida*, a *Theseida*, etc.

4. «Todos os poetas épicos escolheram personagens, sobranceiros aos demais homens, para heroes dos seus poemas. Este methodo é tido como necessario e vantajoso em taes composições. De feito, a unidade do assumpto é mais sensivel quando todos os incidentes vão ordenados a um personagem principal, como a centro commum. Mais ao vivo nos interessa a empreza conduzida por valor e sabedoria de um só homem, e ao poeta depara-se-lhe azo de dar alor ao engenho convergindo na pintura de um só personagem toda graça e energia do seu pincel. Muito se ha perguntado quem é o heroe do *Paraiso perdido*. Responderam alguns criticos que é o espirito infernal, e tal idéa deu ansa á censura e chacota com que tentaram chasquear Milton. No entanto, mal percebido foi o intuito do poeta, quando lhe attribuiram ter dado o heroismo ao personagem que parece triumphar no remate do poema. Milton cizelou a sua obra com desusado escopo, fechando ao tragico o poema épico. O heroe é, sem duvida, Adão. Este é o principal personagem, pois representa a mais interessante parte do poema.» (Blair).

5. «Tambem se pergunta se não será obrigatorio rematar sempre o poema com prosperos exitos. Pende á affirmativa o mais dos criticos, e não estou desavindo d'elles. Successos nefastos consternam a alma, e abafam a expansão do alto sentir que deve estimular a poesia épica. Terror e piedade são da tragedia. Sem embargo, sendo mais dilatada a epopéa, e podendo conter mais peripecias, mais triste seria se o poeta levasse a desastrado termo os obstaculos que se vão multiplicando na correnteza do poema. Por isso, o maior numero de poetas épicos coroaram com felizes sahidas as emprezas que celebraram. Ha, ainda assim, excepções: Lucano e Milton andaram outro caminho; em um, expira a liberdade romana, no outro, é o homem repulso do eden.» (Blair).

EQUAÇÃO. 1. Duas expressões algebricas separadas pelo signal = formam uma *igualdade*. As duas expressões algebricas são os dous *membros* da igualdade; o *primeiro* membro está á esquerda, o *segundo* á direita do signal. Uma igualdade denomina-se *identidade*, quando se verifica independentemente de valores particulares attribuidos ás letras que n'ella entram; denomina-se *equação*, quando a igualdade só se ve-

rifica para certos valores particulares das letras que ella contém, os quaes estão *incognitos*. Por exemplo: $4x = 12$ é uma equação; x é a *incognita*; e 3 é o unico valor particular de x que transforma a equação em identidade, que *verifica* a equação. Este valor é a *raiz* da equação. Pelo contrario, $7x = 4x + 3x$, é uma identidade, porque a igualdade assim expressa verifica-se independentemente de valores particulares de x. A *resolução das equações*, isto é, a determinação dos valores das incognitas, constitue a parte mais importante da algebra. A theoria da resolução das equações, reduzidas á sua parte mais elementar, funda-se nos principios seguintes: Não se alteraram as condições que uma equação impõe ás incognitas: 1.º addicionando ou subtrahindo um mesmo numero aos seus dous membros; 2.º multiplicando ou dividindo por um mesmo numero os dous membros. Do 1.º principio resulta que um qualquer termo d'uma equação póde passar de um membro para o outro com tanto que se lhe mude o signal; e do 2.º que uma equação com termos fraccionarios póde sempre reduzir-se á fórma inteira, pois que basta multiplicar ambos os membros pelo menor multiplo commum dos denominadores. — Um *systema de equações* é um conjuncto de equações que devem verificar-se simultaneamente. Os valores das incognitas que satisfazem a esta condição é a *solução* do systema; e *resolver* o systema é determinar esses valores. A theoria da resolução d'um systema de equações funda-se nos dous principios seguintes: Não se alteram as condições que um systema de equações impõe ás incognitas: 1.º substituindo uma equação por a que se obtem addicionando ou subtrahindo ordenadamente essa equação com outras do systema: 2.º resolvendo uma das equações do systema em ordem a uma das incognitas, e substituindo esta incognita pelo seu valor nas outras equações.

Exemplo I. Resolver a equação:

$$5x - 6 = 8 + 2x.$$

Subtrahindo $2x$ a cada um dos membros, teremos:

$$5x - 6 - 2x = 8\,;$$

ajuntando 6 a cada um dos membros d'esta equação, teremos:

$$5x - 6 - 2x + 6 = 8 + 6,$$

ou

$$5x - 2x = 8 + 6, \text{ ou } 3x = 14\,;$$

logo, $x = \dfrac{14}{3}$.

Vê-se n'este exemplo que o termo $2x$, que era positivo no segundo membro, appareceu negativo no primeiro, e que o termo 6, negativo no primeiro, appareceu positivo no segundo.

Exemplo II. Resolver a equação com termos fraccionarios:

$$\frac{2x}{3} - \frac{3}{4} = 11 + \frac{x}{5}.$$

Multiplicando ambos os membros pelo menor multiplo commum dos denominadores, que é 60, obteremos

$$\frac{2x}{3} \times 60 - \frac{3}{4} \times 60 = 11 \times 60 + \frac{x}{5} \times 60,$$

ou

$$2x \times 20 - 3 \times 15 = 11 \times 60 + x \times 12\,;$$

ou, finalmente,

$$40x - 45 = 660 + 12x\,;$$

a qual está reduzida á fórma do exemplo antecedente.

Teremos pois:

$$40x - 45 - 12x = 660, \text{ ou } 40x - 12x = 660 + 45,$$

ou $28\,x = 705$; d'onde $x = \frac{705}{28}$.

Exemplo III. Resolver a equação:

$$4\,x + \frac{1}{15} = 9 - \frac{x}{6} - \frac{3}{5}.$$

Multiplicando os termos de ambos os membros por 30, que é o menor multiplo commum dos denominadores, teremos:

$$120\,x + 2 = 270 - 5\,x - 18;$$

ajuntando $5\,x$ aos dous membros,

$$120\,x + 2 + 5\,x = 270 - 18;$$

subtrahindo 2,

$$120\,x + 5\,x = 270 - 18 - 2;$$

e effeituando as operações indicadas,

$$125\,x = 250$$

d'onde $$x = \frac{250}{125} = 2.$$

Exemplo IV. Resolvamos agora um systema de duas equações a duas incognitas. Seja:

$$\begin{cases} 5\,x + 7\,y = 43 \\ 11\,x + 9\,y = 69, \end{cases}$$

a qual se póde considerar como a traducção algebrica do enunciado de um problema a duas incognitas. Podem-se tornar sempre iguaes os coefficientes de uma mesma incognita nas duas equações: basta multiplicar os dous membros de cada uma pelo coefficiente d'essa incognita na outra equação. Assim, multiplicando os dous membros da primeira equação por 9, coefficiente de y na segunda, e os dous membros da segunda por 7, coefficiente de y na primeira, resultará o systema:

$$\begin{cases} 45\,x + 63\,y = 387 \\ 77\,x + 63\,y = 483. \end{cases}$$

Subtrahindo agora ordenadamente estas duas equações, resultará uma equação onde a incognita y desappareceu:

$$77x - 45x = 483 - 387, \text{ ou } 32x = 96,$$

d'onde

$$x = \frac{96}{32} = 3.$$

Do mesmo modo se obtem o valor de y: multiplicam-se ambos os membros da primeira equação por 11, e os da segunda por 5; resultará o systema:

$$\begin{cases} 55\,x + 77\,y = 473 \\ 55\,x + 45\,y = 345; \end{cases}$$

subtrahindo ordenadamente resultará uma equação onde a incognita x é agora a que desapparece; teremos:

$$77y - 45y = 473 - 345, \text{ ou } 32y = 128,$$

d'onde

$$y = \frac{128}{32} = 4.$$

O methodo de resolução d'um systema de duas equações consiste pois em deduzir do systema, por meio de transformações fundadas nos principios que acima enunciamos, uma equação onde uma das incognitas desappareceu. Exprime-se isto dizendo que a incognita foi *eliminada*; e por isso o methodo de resolução d'um systema de equações denomina-se de *eliminação*. Póde-se empregar differentes processos para operar esta eliminação.

No exemplo precedente empregou-se o methodo de eliminação *pela reducção ao mesmo coefficiente*.

Outro processo de eliminação. Tomaremos o mesmo exemplo. Resolvamos a primeira equação em ordem

a x, como se y fosse conhecido; teremos:

$$x = \frac{43 - 7y}{5};$$

substituindo na segunda equação em logar de x este valor, o que é permittido em vista do segundo principio, virá:

$$11 \times \frac{43 - 7y}{5} + 9y = 69,$$

ou successivamente,

$$11 \times (43 - 7y) + 9 \times 5 \times y = 69 \times 5$$
$$473 - 77y + 45y = 345$$
$$473 - 345 = 77y - 45y$$
$$128 = 32y,$$

logo $$y = \frac{128}{33} = 4.$$

Do mesmo modo se obtem o valor de x. É o methodo de eliminação *por substituição*.

Exemplo V. Seja o systema de tres equações a tres incognitas:

$$\begin{cases} 5x - 6y + 4z = 15 \\ 7x + 4y - 3z = 19 \\ 2x + y + 6z = 46. \end{cases}$$

Empregando o primeiro methodo, para eliminar z entre as duas primeiras equações, deve multiplicar-se a primeira por 3 e a segunda por 4, e *ajuntar* ordenadamente as equações resultantes (pois que os coefficientes de z teem signaes contrarios; se tivessem o mesmo signal devia-se *subtrahir*); resultará:

$$43x - 2y = 121.$$

Multiplicando a segunda equação por 2 (um dos factores do coefficiente de z na terceira) e ajuntando o resultado com a terceira, virá:

$$16x + 9y = 84.$$

Trata-se agora de determinar x e y. Ora, multiplicando por 9 a primeira das duas novas equações, a segunda por 2, e ajuntando os resultados, resultará:

$$419x = 1257, \text{ d'onde } x = 3.$$

Podia proceder-se do mesmo modo para determinar o valor de y; mas, obtem-se mais facilmente este valor, substituindo na segunda equação achada o valor de x; teremos:

$$48 + 9y = 84,$$

d'onde

$$y = \frac{84 - 48}{9} = 4.$$

Os valores de x e y substituidos na primeira das equações propostas determinam o valor de z; teremos:

$$15 - 24 + 4z = 15, \text{ d'onde } z = \frac{24}{4} = 6.$$

EQUILIBRIO (de *æquus*, igual, e *libra*, balança). Estado de um corpo submettido á acção simultanea de muitas *forças* que mutuamente se annullam. A sciencia que trata do equilibrio é a *estatica*, se os corpos são solidos; e a *hydrostatica*, se são liquidos. Os corpos collocados na superficie da terra estão em equilibrio debaixo da acção contraria das forças *centripeta* e *centrifuga*. O equilibrio dos corpos solidos submettidos á acção da *gravidade*, dá lugar a considerar diversos casos particulares e exige algumas explicações. (Veja FORÇA, HYDROSTATICA, GRAVIDADE).

O *peso* d'um corpo é a resultante das acções que a gravidade exerce sobre todos os elementos materiaes do corpo. Esta resultante exprime a medida da pressão que o corpo exerce sobre um plano horisontal que se oppõe á sua queda.

O conhecimento do *centro de gravidade* dos corpos tem a importancia de permittir que se abstráia da gravidade que actua individualmente sobre as

suas moleculas, e se considerem como um simples systema de pontos materiaes ligados entre si, dos quaes só o centro de gravidade está solicitado por uma força applicada n'este ponto, e igual ao peso do corpo. — Para que um corpo pesado esteja em equilibrio, é necessario e bastante que o seu centro de gravidade seja sustentado por um ponto, um eixo, um plano fixo; porque então o peso d'esse corpo será destruido pela resistencia do ponto, eixo, ou plano fixo. Eis a razão porque um corpo pesado, suspenso por um fio, não permanece em equilibrio senão quando o fio é vertical, e, n'este caso, o prolongamento do fio passa necessariamente pelo centro de gravidade do corpo. D'aqui se deduz um processo pratico para determinar o centro de gravidade d'um corpo, qualquer que seja a irregularidade da sua fórma. — Se um corpo é movel ao redor de um eixo horisontal, é necessario, para que se dê o equilibrio, que a vertical do centro de gravidade passe pelo eixo. Porém o equilibrio poderá ter tres modos de ser: 1.º Será *estavel*, se o centro de gravidade está situado abaixo do eixo; então o corpo desviado da sua posição de equilibrio tenderá a retomal-a, executando oscillações semelhantes ás da pendula d'um relogio. 2.º Será *indifferente*, se o eixo passa pelo centro de gravidade; porque então o peso do corpo em todas as suas posições é destruido pela resistencia do eixo. 3.º Finalmente, supponhamos que o corpo está pousado sobre um plano horisontal. Se o contacto com o plano se faz por um só ponto, é necessario, para que se dê o equilibrio, que a vertical baixado do centro de gravidade passe por esse ponto. Se ha muitos pontos de contacto, formando um polygono com esses pontos para vertices, o equilibrio exige que a vertical baixada do centro de gravidade passe pelo interior do polygono. — Estes principios applicam-se a todos os jogos de equilibrio, ao equilibrio do corpo humano, á construcção e carregamento dos carros, á construcção das balanças, etc. — O equilibrio não é só lei physica; é tambem lei da moral e da intelligencia. Que é o sabio senão o homem que conserva em equilibrio suas paixões? Todos os que cahem, quer seja do cavallo ou do throno, desconheceram as leis d'esta potencia universal. Finalmente, o equilibrio não regula sómente os phenomenos terrestres, preside tambem aos phenomenos que se passam no céo, onde milhões de astros obedecem ás suas leis, governados pela mão omnipotente do divino architecto dos mundos.

EQUITAÇÃO. Denomina-se assim a arte de cavalgar e guiar destramente um cavallo. Cavalgar destramente é assentar todas as partes do corpo com tal arte que o cavalleiro possa exercitar habilmente suas forças em sustentar-se sobre o cavallo que governa. Os corpos do cavalleiro e do cavallo constituem uma massa, cujo peso balançado durante a marcha deve sempre sustentar-se nas pernas do cavallo, sem deslisar do seu centro de gravidade. A fim de formar a união de cavalleiro e cavallo, por maneira que poder e acção pareçam pertencer a uma natureza só, a base sobre que assenta o corpo do cavalleiro não deve ser grande; por isso se recommenda cahir bem sobre as coxas arqueando-as quanto ser possa. O corpo do cavalleiro influe grandemente sobre os movimentos da massa de que elle é parte. Haja pois cautela em não tomar posição que se contraponha ao movimento que se quer dar ao cavallo. A cabeça, em postura airosa, deve mover-se com garbo; os cotovêlos não vão justapostos ao tronco, mas caiam com naturalidade. É vantajoso dispensar os estribos por largo tempo. Entre no estribo o pé de maneira, que só a perna pese n'elle, e o calcanhar fique mais baixo que a ponta do pé. Os estribos muito curtos incommodam e fatigam o cavalleiro, e, se vão muito compridos, é arriscado *perdêl-os*. Transmittam as redeas ao cavallo a vontade do cavalleiro. Sobre o modo de governar ha muitas variantes; mas o mais seguro é ter mão subtil e ajustada á sensibilidade do cavallo.

ERICEIRA (2.º Conde da), D. Fernando de Menezes (1614-1699). Escriptor estimavel, a despeito do resaibo gongorico. A sua *Historia de Tanger* e a da *Vida e acções d'el-rei D. João* I remuneram o trabalho de quem as ler. A primeira é uma excellente e bem travada serie de factos que principiam na conquista e acabam na ruina de Tanger.

ERICEIRA (4.º Conde da), D. Francisco Xavier de Menezes, (1673-1743). Foi o escriptor mais profundo do seu tempo tanto em verso como em prosa. Não deixou livro que lhe sobrevivesse na applicação dos estudiosos. Afóra os panegyricos e outros estudos academicos de mui acanhada importancia, escreveu um poema heroico chamado *Henriqueida*, precedido de regras da poesia épica. O poema sahiu tão ás avessas dos preceitos, que não é facil conjecturar o que seria sem elles; todavia, não ha negar-lhe excellencias de dicção, quanto áquelle tempo era de esperar de um escriptor nascido em pleno culteranismo. Verteu para linguagem a *Arte poetica de Boileau* que sahiu posthuma. A sua obra historica menos inutil intitula-se *Quarenta e oito parallelos de varões insignes, e doze de mulheres,* escriptos no genero de outra obra analoga de Francisco Soares Toscano.

ERICEIRA (Conde da), D. Luiz de Menezes, pai do antecedente (1632-1690). É o author da *Historia de Portugal restaurado*, e outras obras historicas de somenos prestimo. Narra, na primeira e mais conhecida, minudenciosamente os successos da restauração de 1640, e os subsequentes até 1668. Não lhe concedem os puristas grandes quilates de escriptor; mas compensam-no com outros meritos, sendo o da independencia o mais de lhe agradecer. N'aquelle tempo demandava grande isenção a coragem de incutir suspeitas contra D. João IV a respeito da morte de seu filho D. Theodosio. Essa intrepidez teve-a o conde da Ericeira, escrevendo em vida de D. Pedro II, cujo apaniguado fôra contra seu irmão Affonso VI. Alguns criticos apodam o terceiro conde da Ericeira de parcial na exposição das causas que desthronaram o filho de D. João IV. Pedir imparcialidade absoluta a escriptor coevo, e de mais a mais sectario de uma das facções contendoras, seria exigir prodigios de lealdade, ainda não exemplificados. A historia d'aquelles cincoenta annos, mais torpes que tempestuosos, principia agora a esclarecer-se ás primeiras alvoradas da critica ainda indecisa. Quem mais de fundamento entrou nos documentos da época foi o sr. Pinheiro Chagas na *Historia de Portugal escripta por uma sociedade de homens de letras.*

ERRO. «Desvelam-se mais os homens no curativo de suas enfermidades que no remediarem seus erros... É merito raro confessar um homem seu erro» (De Ségur).—Chama-se erro aquelle modo de ser do espirito quando pensa em repugnancia com os factos, ou, para melhor dizer, com a verdade. Querer arrolar os erros todos que transviaram e transviam ainda o genero humano, considerado na especie e no individuo, seria tarefa impossivel. O meio unico de simplificar a questão, pôl-a em regra e examinal-a proveitosamente, seria retroceder até á fonte dos nossos erros.

Cumpre distinguir: 1.º a *indifferença* pela verdade, que envolve a falta de exame, ou o estudo superficial, a precipitação e prejuizos, a presumpção e temeridade; 2.º os *preconceitos* oriundos da educação, sem principios racionaes, do habito, da moda, da authoridade e do costume; 3.º os *sentidos*, que facilmente nos illudem, quanto á fórma, grandeza, movimento, distancia e propriedades dos corpos; 4.º a *imaginação*, que ridente ou triste, consoante a indole dos que avassala, suscita em uns loucas e mentidas esperanças, submerge outros em negra melancolia, todos os objectos transfigura com ficticias côres, anima cousas sem vida e dá fórma a phantasmagorias; 5.º as *paixões* que nos são causa das mais baixas illusões: o amor

proprio que nos ata contumazmente as nossas idéas bem ou mal fundadas, e por elle desdenhamos sem exame tudo que nos contraría, e forjamos estranhos paradoxos e capciosos argumentos; o interesse que só conhece como regra de verdade o que lhe aproveita; ambição, amor, deleitação, odio, colera, inveja, vingança, outros tantos impulsores de desorganisação mental e de crimes; 6.º os *principios erroneos*, os quaes, de consequencia em consequencia, levam á demolição do regimen, do instituto, da sociedade, ou condemnam a uma estabilidade nociva; 7.º os *raciocinios erroneos*. (Veja SYLLOGISMO). Em conclusão, podem dividir-se os erros em duas classes: os que recebemos de alheia authoridade, e os resultantes do mau uso de nossas faculdades. Está na natureza do homem ser credulo. Esta credulidade é precisa ao nosso desenvolvimento na sazão da infancia, quando aceitamos, sem exame, como verdades, opiniões que se nos radicam profundamente na alma. N'este ponto, os ignorantes são sempre crianças. Alta posição social é que farte para avassallar as turbas que acreditam sem outro fundamento que a crença d'outros. Porém, se as turbas soffrem a canga dos preconceitos, é porque querem, e abdicam o uso do proprio entendimento. Quanto aos erros procedentes da confusão das faculdades, d'isso somos culpados, tão sómente nós. Esquadrinhemos pois o remedio de nossos erros.

2. Avaliar ao certo o que é certeza, e com duvida o que é duvidoso, n'isto cifra o resguardo do erro. Quem bem discerne só se decide quando a verdade lhe sabe lucidissima. O modo de vêr muito ao claro um objecto, e examinal-o por todas as faces, ponderar-lhe todas as razões e difficuldades; n'isto consiste o *attender*, e reflectir. Precipitar juizo é ajuizar antes de conhecer: o que succede por orgulho, se presumimos entender o mais escuro; por impaciencia, quando, fatigados, damos como visto o que vimos escassamente; por paixão, quando nos deixamos prender de apprehensões antecipadas, respeito a cousas ou pessoas. É evidente que todas as paixões nos empecem ao são juizo; porque nem queremos vêr o que está em nós, nem o que está nos objectos, e de força ajuizamos antes de conhecer. Espirito defecado de vicios e parvulezas acaso se enganará: o seu vêr será claro, e o julgar apropriado; e, se não vir claro, terá mão de seu juizo até que a luz se faça. O ponto capitalissimo é receber, desde a primeira idade, idéas justas e comprehensiveis, por quanto o processo da formação ideologica é que dá a feição ao espirito. Quem mede as cousas com a rasoura da utilidade real é um *espirito solido;* quem tudo quer saber e não entra ao amago de nada, é *espirito superficial;* quem ajuiza das cousas ao sabor de suas paixões e dos futeis conhecimentos que tem, é *espirito vão;* quem se compraz na desordem, e de seu natural aborrece o bem é um *espirito perverso.* — Foi-nos dada a razão como exalçamento sobre sentidos e paixões. Um pau submerso em agua figura-se-nos quebrado ou torto; a razão nos está dizendo que tal não é. A imaginação engenha a belprazer fortunas, delicias incomparaveis; mas a razão nos segreda que tudo isso são castellos aereos. As paixões forcejam por governar; mas a razão enfreia-as, rege-as, e ganha sobre ellas absoluto dominio. A razão deduz as consequencias necessarias de todas as impressões sensitivas, e de todas as imagens que nos impressionam a alma.

ERVILHA. (Veja LEGUMINOSAS).

ESCALA DE PROPORÇÃO. 1. Os desenhadores, architectos, geographos, etc., denominam *escala* uma linha recta, de comprimento arbitrario, dividida em partes iguaes, que representam metros, leguas, etc., e cujo fim é significar a proporção em que se acham, a respeito do natural, todas as partes do desenho, debaixo do qual ella se acha traçada. Antes de desenhar uma planta no papel, construe-se a escala pela qual se devem medir as distancias entre os diversos pontos

da planta. Se por exemplo queremos levantar uma planta na razão de $^1/_{1000}$, basta representar 100 metros ou 1000 decimetros, por um decimetro; 10 metros ou 1000 centimetros por 1 centimetro; 1 metro ou 1000 millimetros por 1 millimetro; 5 metros ou 5000 millimetros por 5 millimetros; $4^{m},60$ ou 4600 millimetros por $4^{millim},6$; isto é, cada millimetro da escala representará um metro no terreno. Assim, dous objectos, cuja distancia no terreno é de 15 metros, deverão ser marcados na planta a 15 millimetros um do outro. Se, inversamente, quizermos saber a que distancia real corresponde uma distancia marcada no traçado, contaremos um metro por cada millimetro contido n'esta distancia tomada nas pontas do compasso, e applicada sobre a escala. — Para avaliar diminutas fracções, emprega-se a *escala de transversaes*, ou *escala de dizima*. Eis o modo de a formar. Seja por exemplo uma *escala de dizima* de 100 metros, na razão de $^1/_{1000}$, isto é, de 1 centimetro por cada 10 metros do natural. Trace-se uma recta de 10 centimetros de comprimento, e numerem-se as divisões 0, 10, 20, etc., até 90, marcando-se 0 no fim da primeira divisão. Dos pontos de divisão levantem-se perpendiculares; na primeira e na ultima marquem-se dez distancias iguaes, numeradas de cima, 1, 2, 3,..., 10, e passem-se rectas entre os pontos de divisão com o mesmo numero. A primeira divisão da recta subdivida-se em 10 partes iguaes, e faça-se o mesmo á parallela superior; e depois tirem-se as transversaes 0—1, 1—2, 2—3, etc. até 9—10. Está construida a escala.

A primeira divisão de uma escala, assim subdividida em partes, chama-se *escala das partes*. Cada uma das partes d'esta escala representa pois um decimo da unidade principal da escala; n'este exemplo, vale 1 millimetro, e representa 1 metro do natural. É facil de vêr, traçando a figura, que a escala de dizima dá a avaliação das distancias dez vezes menores que uma subdivisão da escala das partes; de sorte que, a escala, cuja construcção figuramos para exemplo, levará a aproximação das medidas até aos deci-millimetros, isto é, até aos decimetros do natural. Com effeito, as partes das parallelas comprehendidas entre a perpendicular 0—9 e a transversal 0 — 1, valem tantas decimas da subdivisão 0—1 da escala, quantas as unidades do numero marcado nos termos das parallelas. Por exemplo, o referido intervallo correspondente á parallela 5, vale 5 deci-millimetros, isto é, $0^{m},5$ do natural.

2. Para construir uma escala de proporção, observe-se aos alumnos que tudo depende de saber determinar a *unidade principal* d'esta escala. Para uma escala na razão de $^1/_{40}$, por exemplo, toma-se para unidade principal da escala um quarentavos de um metro, o que equivale a um quarentavos de 1000 millimetros ou

$$\frac{1000^{millim.}}{40} = 25 \text{ millimetros.}$$

Traça-se uma recta indefinida, sobre a qual se applica esta unidade tantas vezes quantas sejam necessarias para exprimir a maior distancia da planta que se quer levantar; divide-se uma d'estas divisões, a primeira da esquerda, em dez partes iguaes (escala das partes): ficará construida uma escala onde cada divisão representa um metro sobre o terreno, e cada subdivisão um decimetro. — Para uma escala na razão de $^1/_{50}$, a unidade principal seria

$$\frac{1000^{millim.}}{50} = 20 \text{ millimetros;}$$

para uma escala na razão de $^1/_{20}$, a unidade seria $\frac{1000^{millim.}}{20} = 50$ millimetros.

Determinada a unidade principal, a *escala das partes* dará as subdivisões decimaes do metro, como no exemplo precedente.

A escolha da razão de reducção proporcional da escala, depende principalmente das dimensões do objecto que se quer representar, e das do papel destinado ao desenho do objecto. No desenho da carta representativa de um paiz inteiro, ou póde usar-se a

razão de $1/_{50000}$, 1 millimetro por 50 metros; ou póde usar-se a de $1/_{100000}$, 1 millimetro por 100 metros; e ainda outros.

Nas cartas representativas de grandes regiões da terra emprega-se a escala de $1/_{500000}$, 1 millimetro por 500 metros; ou se emprega a de $1/_{1000000}$, 1 millimetro por 1000 metros; e ainda outras.

Na carta geographica de Portugal, publicada pela commissão geodesica do reino, a escala é de $1/_{500000}$: assim cada millimetro representa 500 metros, e cada centimetro 5000 metros ou 5 kilometros, isto é, uma legua.

Os alumnos encontram embaraço quando se trata de construir uma escala que permitta fazer um traçado qualquer, reduzido do natural, n'um papel de dimensões dadas. Supponhamos um objecto em que a maior linha tenha 12 metros, e uma folha de papel de 25 centimetros de lado. Como se deve deixar alguma margem ao desenho, a maior linha d'este deverá ter, por exemplo, 20 centimetros. Agora, para determinar a unidade principal da escala, trace-se uma recta de 20 centimetros, e como ella tem de representar 12 metros, a duodecima parte d'esta linha se tomará para unidade, a qual fica representando um metro do natural. Divida-se pois a recta traçada em 12 partes iguaes, subdivida-se em 10 partes a primeira divisão da esquerda; e a escala ficará construida. — Estes exemplos são sufficientes para dissipar qualquer difficuldade; e o professor fará substituir os numeros por outros para exercitar os alumnos em problemas semelhantes. — Quando o metro fica representado por poucos millimetros, é difficil dividir esta unidade em 10 partes iguaes para obter a representação dos decimetros.

Emprega-se então a *escala de dizima*, que acima descrevemos. (Veja Linha, Levantamento das plantas, Desenho, Projecção, etc.)

ESCHYLO. 1. «Foi Eschylo guerreiro, irmão de dous heroes: Cynegiro, que a morte illustrou, e Aminias que ganhou o premio da coragem, depois da derrota dos persas. Eschylo tambem pelejou intrepidamente em Marathonia, Salamina e Platea. Nos arraiaes se ensaiou para os cantares heroicos e divinos, por modo inaudito. Em suas tragedias avoeja, terrivel e negra, a fatalidade. Tem pouquissimos personagens, é mui limitada a acção, e, assim mesmo, ha ahi um crescer de commoções excruciadoras. O terror sobranceia o dialogo e os canticos mysteriosos que lá resoam funereamente. A grandeza de Eschylo é colossal, e o estylo emphatico e ás vezes caliginoso. Chamou-se tragedia simples a fórma tragica, invenção sua. Chegaram a nós sete tragedias apenas das muitas que escreveu Eschylo. Tres atam uma completa trilogia, isto é, um conjuncto de composições dramaticas, destinadas a figurar as diversas phases de um grande facto principal que lhes é fonte de todos. São *Agamemnon*, os *Choephoros* e as *Eumenides*, ou os crimes e infortunios da progenie de Atreu, travando-se e desencadeando-se depois que Chytemnestra matou Agamemnon, até aos tormentos de Orestes, fatalmente parricida, que as furias cessam de dilacerar. As outras quatro são os *Supplicantes*, os *Persas*, os *Sete capitães diante de Thebas*, e *Prometheu*.» (Patin, *Estudos dos tragicos gregos*).

2. «Não só Eschylo creou a tragedia, mas, afóra o elevado engenho e o enthusiasmo da pythonissa sobre a tripode, e o merito da composição por vezes homericamente grandiloqua, tambem possuia espirito fertil em invenções dramaticas, decorações, machinismo, architectura scenica, costumes, córos, meios comproducentes de illusões espectaculosas que ainda hoje nos embellecam. Ha o que quer que seja de solemnidade e inspiração em Eschylo. Era homem de vasto talento a romper de ingente espirito. Filho de Homero, por vezes o sobreexcede, bem que tenha os defeitos tributarios das excellencias. Sobram-lhe hyperboles e tumidezas. Fórça as figuras e arripia o estylo de vozes acin-

tosas que quebram a harmonia escurentando o sentido.»

ESCÓLAS. 1. Desde a mais afastada antiguidade, houve escólas publicas na Persia e Grecia. Xenophonte, na *Cyropedia*, deixou-nos entrever as escólas do oriente. Havia escólas em Sparta e Athenas, onde se ensinava leitura e escripta aos meninos, e, depois, grammatica, poesia e musica. Lia-se ahi especialmente Homero. Asseveram Plutarco e Tito Livio que houve em Gabies, na Etruria, escóla de meninos, anteriormente a Romulo. Ensina-nos a historia da Virginia que, a contar do anno 304 da fundação de Roma, já ahi havia escóla de meninas, o que dá a presumir que já com certeza tambem havia aulas de meninos. Estabeleceram os grammaticos gregos escólas da sua sciencia em Roma, á volta do anno 550, e os rhetoricos gregos tambem lá professaram rhetorica, cerca do anno 600. Ao principio, os exercicios eram feitos em grego. Em tempo de Cicero, principiou o ensinamento da lingua latina. Semelhantemente, em França, e nas mais nações europeias, a lingua nacional esteve longo tempo excluida das escólas. Roma, distendendo as conquistas á Hespanha, Gallia, Germania e Gran-Bretanha, fundou por toda a parte *escólas municipaes*. Em casa de todo o homem rico de Roma havia escólas em que os escravos pedagogos ensinavam os mocinhos escravos. No discurso dos reinados de Constantino e Justiniano houve tres escólas de direito estabelecidas no imperio; mas eram muitissimas as *escólas litterarias* cuja florescencia inculca a solicitude administrativa n'esta medida. — Nos IV e V seculos, a invasão barbaresca e influencia do christianismo haviam já dado abalo ás escólas antigas, ou, na phrase de M. Guizot: «a alma tinha desamparado o corpo.» Em vez dos antigos estabelecimentos, abriram-se escólas chamadas *cathedras* ou episcopaes, sendo que cada séde episcopal tinha a sua. As sciencias, outr'ora professadas em escólas civis, deram a mão ás theologias, consideradas fundamento de todo o ensino. Sob os ultimos merovingianos foi rapida e completa a decadencia das escólas cathedraes e monasticas.

Pospondo a historia por miudos das transformações progressivas das escólas, por não cahir tanto ao nosso proposito, e menos ainda o que interessa á França, declinemos já para as escólas elementares ou primarias em Portugal. Da *Historia da instrucção popular*, elegante e substancialmente escripta pelo sr. D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo (1871), compendiaremos, bem que muito á flôr de tão precioso livro, noticias que esclareçam os menos lidos na descurada historia do ensino em Portugal. Do ensino primario gratuito para pobres, e promovido por caridade de particulares ou a expensas do estado é que vem a ponto discorrer.

Tres periodos assignala o sr. D. Antonio da Costa, na historia da instrucção nacional: do principio da monarchia até ao seculo XV, a negação do principio caritativo applicado á educação; do seculo XV á liberdade, a educação pelo amparo da orphandade; finalmente, no periodo liberal, novos horisontes: apparecem o asylo externo, a escóla, em summa o auxilio do desvalimento combinado com a familia. (*Obra cit.*, pag. 187 e 188).

Não ha pois que historiar no primeiro periodo. A sciencia, qual ella era, curta e esteril, estava nos mosteiros, onde, assim mesmo, raros se lhes davam d'ella. Cá fóra, homens de armas e agricultores, servos de gleba e peonagem á volta do rico homem que se lhes ajoujava na ignorancia. Não eramos assim sómente os occidentaes, descidos lá das Asturias, ou mestiços cá da estupida mourisma. Era assim toda a Europa. As escólas primarias gratuitas de França datam de 1598. Decretou-as Henrique IV.

Tambem uma rainha portugueza, cem annos antes, começou por hospitaes e misericordias a preparar o asylo de orphãos e desvalidos. Era a estreia da educação caritativa. Nascera o pensamento no coração onde parece que as lagrimas deviam delir to-

dos os affectos caritativos. Era ella a esposa de D. João II, a prima do duque de Bragança, suppliciado em Evora, e irmã do duque de Vizeu apunhalada por seu marido, a mãi d'aquelle principe D. Affonso, filho unico, desastrosamente morto aos dezeseis annos de idade. Comprehendeu todas as dôres humanas: soccorreu as que podiam enxugar as lagrimas ao seu manto de rainha. Abriu hospitaes para desamparados, nas Caldas, em Lisboa, Obidos, Torres Vedras, e viu depois, lá do reino da gloria, abrirem-se as misericordias, que ella creára, á educação dos orphãos. Eis o introito do ensino caritativo em Portugal.

A obra santa, iniciada por uma rainha, foi, volvidos muitos annos, melhorada por outra. A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, creou o collegio dos orphãos de Santo Antão, o de Jesus, e o dos Meninos orphãos. No convento do Grillo asylavam-se meninas pobres, destinadas a casar nas provincias do Ultramar. O recolhimento de S. Pedro de Alcantara, encorporado ao da Misericordia, foi fundado por Manoel Rodrigues da Costa. Acresceram na correnteza do seculo XVII os recolhimentos do Amparo, do Calvario e da rua da Rosa, em que eram recolhidas e educadas meninas. A Casa-pia foi fundada em 1780, destinada a asylo de rapazes vadios. O padre Balthazar Telles fundou em 1651, no Porto, o collegio dos orphãos; e, alliado ao fundador dos Congregados Manoel Rodrigues Leitão, creou o hospicio dos expostos. Uma dama illustre fundou o recolhimento da Esperança para orphãos e meninos em desamparo, e José de Oliveira assentou os alicerces do seminario dos meninos desamparados. Em Coimbra, o conego Caetano Correia de Seixas, fallecido em 1786, legou 125:000$000 reis á misericordia para sustentação de dous collegios para orphãos de ambos os sexos.

D. Luiza Botelho fundou recolhimentos na villa de Pereira, em Vianna e Braga, que ao depois se chamaram recolhimentos Ursulinos. Floreceu D. fr. Caetano Brandão, o virtuoso arcebispo que todos os seus haveres amoedou em alegrias de pobres. Instituiu o collegio de S. Caetano para orphãos, e o conservatorio do Menino-Deus para orphãs, dotando-os liberalmente. Outro prelado, D. Manoel de Aguiar abriu escóla de instrucção primaria gratuita em Leiria, fundando um recolhimento para meninas. Evora tambem teve collegio de orphãos. Ahi franqueava D. fr. Manoel do Cenaculo a sua livraria, alheando-a em beneficio da instrução publica. Entrando n'esta santa cruzada da educação popular D. fr. Francisco Gomes de Avellar, bispo do Algarve, temos que inclinar a fronte respeitosa diante d'esses quatro sacerdotes que tão egregiamente interpretaram sua mensagem ao seio de suas prelazias.

A escóla, propriamente dita, já pertence á época do constitucionalismo. Os asylos da infancia desvalida em Lisboa, Porto, Coimbra e Evora são posteriores a 1834.

«A historia da caridade portugueza — diz o sr. D. Antonio da Costa — está por escrever. Em se escrevendo, Portugal ficará citado entre as primeiras nações do mundo. As misericordias, os hospitaes, as confrarias, a sustentação dos presos, o amparo da orphandade, exprimiram o nosso espirito beneficente realisado pela associação. Infelizmente a instrucção, segundo as idéas dos seculos que nos precederam, foi a unica das instituições que não recebeu impulso geral da caridade associada. Os haveres piedosos não tomaram, como principio, aquella direcção.

«Foi um erro o não se considerar a instrucção popular uma das obras mais esplendidas do evangelho. Todo elle é o exemplo do ensino caritativo. As suas paginas dedicadas ás crianças são das mais formosas. Estar no meio dos ignorantes a ensinal-os era estar ao mesmo tempo a cumprir um grande preceito e a dar um grande exemplo. A peregrinação do Divino Mestre consistiu no ensino; o celebre sermão da montanha é o codigo completo do amor. Na morte, a consummação do sacrificio na cruz foi o ensino na su-

prema manifestação da justiça, da mansidão e da confraternidade. O legado derradeiro deixado aos apostolos foi a recommendação do ensino universal: «ide ensinar a verdade a *todas* as creaturas»; e como se n'um curto preceito quizesse encerrar a lei toda, deixou como formula das obras de misericordia: «ensinae os ignorantes.»

«Na presença d'estas verdades só a um extravio dos principios christãos se póde attribuir o não ter a caridade portugueza collocado a escóla popular na mesma altura em que aliás collocou o soccorro ás demais desgraças sociaes.

«Foi em virtude d'estas idéas que já n'outro logar escrevemos o seguinte: «N'uma parte das nossas actuaes associações não é tanto a questão do *ensino*, mas sim a do agasalho, que incita a piedade dos subscriptores. A grande maioria das classes ainda não comprehende que a instituição de um legado para fundar escólas primarias tenha a mesma valia moral que o legado para um hospital ou para uma misericordia. Tirem ao asylo que ministra a instrucção á infancia o nome de *asylo*, substituam-no pelo titulo de *escóla*, e verão diminuir o numero dos subscriptores. O grande principio da FUNDAÇÃO (creação de escólas por meio de um capital devido á iniciativa particular) ainda está por aclimar entre nós.»

N'este ponto, applaude o illustre escriptor com transportes de benemerito respeito a memoria do conde de Ferreira, para todo o sempre veneravel. Eis o artigo do seu testamento, a mais gloriosa pagina de uma vida que revive e se perpetúa em cada alma esclarecida á luz de sua caritativa providencia:

«Convencido de que a instrucção publica é um elemento essencial para o bem da sociedade, quero que meus testamenteiros mandem construir e mobilar cento e vinte casas para escólas primarias de ambos os sexos nas terras que forem cabeças de concelho, sendo todas por uma mesma planta e com accommodação para vivenda do professor, não excedendo o custo de cada casa e mobilia a quantia de 1:200$000 reis, e prompta que esteja cada casa será a mesma entregue á junta da parochia em que fôr construida, mas não mandarão construir mais de duas casas em cada cabeça de concelho e preferirão aquellas terras que bem entenderem.»

Vem aqui de molde a biographia do caridoso conde de Ferreira, escripta por um colorista de linguagem, e affectuoso apreciador do bello da alma humana. São do snr. Eduardo Vidal as magnificas paginas que seguem:

«Um grande moralista escreveu esta verdade profunda: «Poucos homens de haveres deixarão de ter momentos em que se não pejem de ser ricos, ou, pelo menos, de ser unicamente olhados como ricos.» O homem a cuja memoria honrada dedicamos estas linhas, pertencia ao numero d'esses poucos para quem o brilho do ouro não é luz sinistra que illumine as divindades a que muitos costumam sacrificar. Fôra o trabalho o seu primeiro cuidado, o seu primeiro attractivo; d'essa luta, d'essa portia, d'esse aferro, d'esse lavor constante, levantou elle um dia a cabeça orvalhada de suor, e pôde então contemplar em meda alterosa o fructo do seu lidar incançavel.

«Este trabalho é já virtude. Quando os filhos prodigos da natureza se deitam á sombra da arvore copada que outras mãos plantaram e fortaleceram, é para vêr esta familia de operarios que atravessam o mar, que passam a outro hemispherio, que convertem os estorvos em incentivos, que mal espreitam a luz da manhã sahem, como os seareiros diligentes, a cuidar do seu grangeio e da sua vida, que deixam, por assim dizer, o calor dos peitos maternos para ir por esse mundo fóra em busca da fortuna leviana, que umas vezes acorda os que adormecem á beira do perigo, outras precipita os que mais sobre aviso procuram caminhar.

«Immensos succumbem, a tarefa é ardua; n'este quebrar o peito contra a resistencia mysteriosa, resistencia a que o velho fatalismo oriental cha-

mava o destino, n'este aproar contra recifes e penedos, n'esta tenacidade animosa, a miudo louca, por vezes sublime, nem sempre se realisam os sonhos, nem sempre se fartam as aspirações. Os que, quando chega o outono, vêem fartos e abarrotados os graneis onde encelleiraram as colheitas do estio, são, na verdade, poucos; os que abrem depois esses graneis, e que tiram d'elles, a esmo e sem eleição, o sustento e o amparo para famintos e necessitados, são com certeza rarissimos.

«É que, digamos uma verdade dolorosa, mas infelizmente uma verdade, a opulencia tem geralmente por alicerce o egoismo. Os que gastaram a melhor parte da existencia a agenciar o futuro olham pouco para os que nunca o poderam alcançar.

«Vem da sua navegação afadigada, do seu mourejar incessante, e quando chegam a porto hospedeiro e aprazivel reclinam-se sobre a verdura das margens, e cuidam pouco dos que andam a labutar de cabos em fóra. É condição humana.

«Que admira então que haja d'essas almas sordidas e aleijadas, que nos parecem feitas de podridão e de lodo? São ellas sobejas. Agita-as a febre do ganho e do interesse, como outras se inflammam pelo amor da virtude e da gloria; esbulhar é a sua unica voluptuosidade. Que se importam ellas com o mundo? que tem commum com o resto da humanidade? A avidez impelle-as, norteiam-se pelo ouro, fazem atlas de contractos. Os que taes almas possuem não são parentes, nem amigos, nem cidadãos, nem christãos, nem por ventura homens: são abastados.

«A mais bella antithese d'estes Harpagons de todos os tempos e de todas as partes foi o snr. Joaquim Ferreira dos Santos, 1.º barão, 1.º visconde e 1.º conde de Ferreira.

«A historia dos varões prestantes não tem nas suas paginas outro nome que se emmoldure em mais esplendida aureola de virtudes civicas. Os titulos e as veneras, com que a munificencia real o havia brindado, desapparecem em frente d'esses dons, que lhe tinham sido mimo originario, e que o tornavam, de seu natural, superior pelo caracter e pela consciencia. O capitulo mais eloquente da sua vida escreveu-o elle com a cabeça pendida sobre o peito, com os olhos baços, com a respiração enfraquecida, com o estertor na garganta, ao dictar a sua vontade ultima e generosa.

«Um dos mais completos jornaes do Porto escrevia no dia 25 de março de 1866 as seguintes palavras:

«Falleceu hontem pelas 9 horas da manhã, depois de ter recebido o sacramento da extrema-uncção, o snr. conde de Ferreira, abastado capitalista d'esta cidade. Estabelecido desde muitos annos no Porto, depois da sua volta da America, onde residiu por bastante tempo, o snr. conde de Ferreira, possuidor de abastados haveres, que continuou augmentando, applicou-se a beneficiar muitos dos estabelecimentos pios d'esta cidade de uma maneira que a imprensa por vezes registou como digna de louvor, que effectivamente era.»

«N'estas linhas rapidas e despretenciosas temos nós compendiada a historia do benemerito conde de Ferreira, como ainda ha pouco um ministro da corôa o appellidou no parlamento. Esta vida firma-se no trabalho e na caridade; com uma das mãos colhe elle o fructo, e com a outra espalha-o. Ha naturezas maravilhosas. Assim como as nuvens se engrossam e enchem com os vapores da terra, para depois se desatarem em cataratas prolificas, assim estes homens elevados se abastecem e opulentam para um dia se rasgarem como as nuvens, e como ellas deixarem cahir a chuva abençoada dos confortos e das alegrias.

«Joaquim Ferreira dos Santos, barão de Ferreira em 7 de outubro de 1842, visconde em 21 de junho de 1843, e conde em 6 de agosto de 1850, commendador da ordem de Christo, par do reino, gran-cruz da ordem hespanhola de Isabel a Catholica, havia nascido em 4 de outubro de 1782. Estas distincções, que os orgulhosos do mundo tem por uso esculpir nos

nobiliarios, não serão para nós motivo de applauso. Quando os collares e as fitas se atiram ás rebatinhas, um conde de mais ou de menos não é facto de grande monta. O que é serio e grave, o que as chancellarias não referendam, o que os poderes publicos não decrétam, o que a magnanimidade dos patricios não solicíta, são esses diplomas que a posteridade passa e confere aos que fizeram o bem, diplomas que trazem por sellos pendentes as obras prestadias e os legados uteis. É n'este ultimo caso que consideramos o conde de Ferreira.

«Além dos actos meritorios da sua vida, actos de que já demos testemunho citando a apreciação de um jornal esclarecido, além d'esses e sobre esses realça, como cupula soberba, o seu testamento, talvez o mais notavel de quantos tem havido. Este testamento é retrato, é effigie; quem o firmou está n'elle de frente e em boa luz; vê-se lhe em cheio a physionomia, ampla e desassombrada. N'aquelle papel reflecte-se uma alma sem rugas, um coração sem incertezas.

«Vejamol-o.

«N'este documento ha duas faces distinctas; na primeira está o amigo e na outra o cidadão. Deixaremos de parte esses valiosos legados em que o conde de Ferreira deu prova de affecto para com os seus intimos: recordemos só aquelles que dizem respeito ao bem geral. N'este numero sobrelevam os seguintes:

«Para construir e mobilar 120 escólas primarias para ambos os sexos, nas terras do reino que forem cabeças de concelho, todas por uma mesma planta e com accommodação para vivenda do professor, até 1:200$000 reis cada uma, 144:000$000.

«Á santa casa da misericordia da cidade do Porto, obrigando-se ella a manter uma enfermaria que não tenha menos de vinte enfermos permanentes, tratados homœopathicamente, 20:000$000.

«O remanescente da sua fortuna destinado para a fundação e dotação de um hospital de alienados.»

«Entre as numerosas disposições testamentarias do conde de Ferreira, são estas tres as de maior significação e alcance.

«Cento e vinte escólas no reino. Sabem todos o que esta determinação representa? Representa cento e vinte raios de luz a desparzirem-se por onde a escuridão é mais densa, por onde as brenhas são mais inaccessiveis. Quando o paiz, embebido n'outros cuidados, descura o ensino primario, a educação popular, o amanho inicial dos que nada produzem porque nada sabem; quando o galeão alquebrado da politica eleitoral e compadresca traz em faina a matalotagem estropeada; quando as bordaduras e recamos da diplomacia consomem o tempo e a inventiva dos modernos *comes sacrarum largitionum*, um homem só tenta preencher a lacuna immensa, e estabelecer cento e vinte escólas, quer dizer, cento e vinte pharoes n'este mar um tanto aparcellado da nossa instrucção publica.

«Á organisação de uma enfermaria para os doentes serem tratados homœopathicamente, importa um largo desassombro de espirito. Não sabemos quaes as predilecções therapeuthicas do conde de Ferreira; o que sabemos, porém, é que, no momento em que a velha medicina principia a cambalear aos assomos d'est'outra invasão germanica, quando a intolerancia dos *cursos legaes* repulsa e condemna os apostolos que prégam uma outra doutrina, abrir a liça aos contendores e deixal-os em certame leal, é indicio de uma razão penetrante e lucida. Demais, não será iniquo sujeitar os que carecem dos desvelos medicos que a caridade faculta a um systema exclusivo, que muitas vezes póde ser odioso para o enfermo? Crê ou morre, Hippocrates ou a cova! homœopathas ao circo! A clausula testamentaria do conde de Ferreira é a primeira palavra de tolerancia.

«Isto, pelo que me respeita, não é paraphrasear as chufas bocagianas, nem bater com a ponta da lança no broquel que a allopathia pendura á porta das suas pharmacias; respeito as crenças dos que juram sobre o

formulario vetusto, como dos que se curvam ante os novos codigos revolucionarios: é este mesmo respeito que me obriga a vêr no procedimento do conde de Ferreira um facto digno de memorar-se.

«A fundação e dotação de um hospital para alienados completa a grandiosa trilogia de caridade, que nós tivemos em vista fazer sobresahir nos outros actos do nosso grande compatriota. Escusado é dar vulto a esta dotação que remata o testamento do conde de Ferreira; as galas do estylo não fariam mais bello o que é já de si mais que bello, porque é bom, porque é util, porque é humanitario.

«N'estas breves palavras deixamos firmada a nossa consideração pela memoria de um homem, que devia de ser modêlo para os filhos queridos da fortuna, para os mimosos da sorte.

«Outros primarão pelos arrojos de uma phantasia mais emprehendedora, darão espaços mais vistosos aos vôos da sua musa commercial, farão silvar mais alto o carro das suas explorações ruidosas, agitarão com o seu tridente as ondas do cambio, e porão em assombro o mundo das cotações, das percentagens: o que nenhum fará como elle é atirar com a sua fazenda aos naufragos do mundo, e fazer prancha de salvação do que quasi sempre é jugo oppressivo.

«Vem ainda a proposito citar n'este lugar as palavras de um homem cuja authoridade invocamos no começo d'esta noticia: «*Le commerçant digne de ce nom, est celui dont les spéculations et les entreprises n'ont pour object que le bien public, et dont les effets rejaillissent sur la nation.*

«Estas palavras parecem talhadas para o conde de Ferreira; ajustam-se perfeitamente no seu caracter. Quando a França, pela bocca do seu historiographo, endeusa os Fontaine-des-Montées, os Massons, os Monchards e tantos outros, por haverem convertido o seu credito em alavanca a bem do estado, com maior razão poderemos nós gravar o nome do conde de Ferreira na lista brilhante d'esses homens que as gerações abençoam, e que se chamam Coram ou Vicente de Paulo.

«Joaquim Ferreira dos Santos morreu a 24 de março de 1866, contando perto de 84 annos. O seu cadaver foi depositado na igreja da Trindade, e ahi a piedade christã rociou com as ultimas gotas de agua lustral o ataúde d'aquelle a quem Deus teria de certo enviado o seu anjo na hora do passamento. Além do convite feito pelos testamenteiros, o commissario dos estudos do districto convidou tambem os professores de ensino publico a assistirem aos officios. As primeiras flôres do reconhecimento rebentavam em volta d'aquelle tumulo, tumulo cuja pedra seria mais tarde regada pelas lagrimas de tantos a quem elle havia dado o pão do corpo e o pão do espirito.»

ESCRAVIDÃO. «A idéa que a sociedade antiga formava dos escravos, suppondo-os privados de consciencia e de razão, e considerando-os como existindo fóra do seu gremio, ao passo que lhe carcomeu o vigor das instituições, deu causa a que os historiadores e os poetas desprezassem, uns a origem principal de muitos successos capitaes da historia, outros a situação, mais que todas pathetica, d'esses homens condemnados ao martyrio de servir perpetuamente d'instrumento a uma vontade estranha e oppressora. D'esse desprezo ou antes esquecimento dos escriptores antigos, proveio uma grande falta na historia, que é necessario supprir, descrevendo não só a vida exterior do escravo, mas, com preferencia ainda, a vida intima, o caracter moral, e esse constante desejo de vingança, escondido quasi sempre debaixo d'enganosa apathia, mas rebentando algumas vezes em violenta explosão de colera. Difficil, se não impossivel, parece ao primeiro aspecto a empreza. Se reflectirmos, porém, em que, afóra as poucas paginas que nos legaram os historiadores, ha tambem, como subsidios para quem se votar a um tal trabalho, as leis e as ruinas d'esses tempos, e as instituições, os costumes e as idéas,

que d'elles herdamos e que por desgraça conservamos, veremos que é possivel sem muito custo, e a exemplo do que os naturalistas tem feito com o mundo antediluviano, averiguar qual foi a existencia do escravo, e reintegral-o, para assim dizermos, na sua miseria moral. Não se julgue, todavia, pelo que deixamos escripto, que nos atrevemos a tratar agora, com a rapidez que exige este trabalho, materia tão interessante e quasi inesgotavel; nós apenas promettemos traços e ligeiros toques que esbocem as feições principaes d'esses entes para quem o espaço e o futuro estavam igualmente cerrados, e que constituiam a maior parte e a mais laboriosa da população antiga.

«Ha poucos annos que um livro excellente, apresentando o espectaculo repugnante e lamentavel da vida do escravo na America, excitou os animos contra essa monstruosidade horrivel, execravel, maldita, da posse de um homem por outro homem. Juntemos ás scenas descriptas n'esse livro a crueldade natural, as opiniões erroneas, os habitos ferozes, os vicios abjectos e as leis de sangue que assignalaram o mundo pagão; tornemos mais deploraveis as victimas, lembrando-nos de que eram em geral homens livres e ás vezes grandes engenhos os que, perdendo a patria, a familia e a liberdade, se viam sujeitos á maior das miserias, e só assim poderemos conceber esse drama lugubre que por tantos seculos se representou no mundo inteiro.

«O aviltamento proveniente do estado servil devia produzir necessariamente no coração e no espirito dos escravos o desprezo de si mesmos e a depressão das proprias forças. De feito, não fallando já dos que eram destinados para misteres infames, cruentos ou ridiculos, vemos, ainda assim, homens tidos por iguaes ou pouco superiores aos brutos, comprados e transferidos como qualquer mercadoria, privados dos direitos naturaes e civis, domados systematicamente para um trabalho violentissimo, conhecidos apenas pelo nome de seus donos, sem protecção contra o insulto, sem repouso nem recompensa, não excitando jámais a compaixão, e castigados com espantosas sevicias pelo minimo delicto. Reduzidos a um tal estado, e vendo a escravidão admittida universalmente como dogma politico, esses infelizes não podiam deixar de julgar-se envilecidos e inferiores na realidade aos homens livres. Tal foi o motivo, porque nas suas proprias revoluções nunca se atreveram a contestar abertamente o principio que os escravisava, e apenas se limitaram a protestar contra os maus tratos de que eram victimas. Tal foi tambem a razão porque nunca tentaram abusar da liberdade que lhes era concedida, uma vez por anno, na soltura das saturnaes; liberdade que lhes tornava ainda mais dura a severidade usual do regimen que os opprimia. Tal foi em fim uma das causas por que tiveram sempre o mesmo resultado, isto é, a ruina completa e irremediavel, essas revoltas começadas com tão bons auspicios e repetidas em tão differentes épocas. Só depois de exacerbados os animos pelos vilipendios mais affrontosos, e pelas crueldades mais deshumanas, é que os escravos se atreviam a tentar eximir-se da sua miserrima condição: reis de um dia, porém, não sabiam que fizessem da victoria, tinham horror ao vacuo do seu triumpho, e recahiam a final, desfallecidos e desesperados, no poder dos inimigos.

«Outros defeitos, que podemos chamar essenciaes á condição servil, influiam no caracter moral do escravo, e explicam-nos, melhor que os annalistas, alguns periodos da vida exterior da sociedade. Assim esses captivos, affeitos a verem os seus direitos sempre postergados, tinham naturalmente sobre a justiça as idéas mais confusas e contradictorias, e não admira que nem sequer respeitassem os mais sagrados direitos. A desconfiança de seus donos tornava-os negligentes, dissimulados, mentirosos, embusteiros. Os ultrajes, as violencias, os supplicios, que soffriam, mantinham um rancor profundo no cora-

ção d'esses homens, que por unico desaggravo apenas podiam deixar correr alguma lagrima furtiva, e que eram obrigados, para cumulo de miseria, a beijar com humildade a propria mão que os feria. Encurralados promiscuamente no mesmo carcere, homens e mulheres entregavam-se á mais brutal sensualidade. Privados em fim da familia, ou receando a cada momento vêl-a prostituida, martyrisada, extincta por um mero capricho, ou por um sordido interesse dos senhores, os escravos não possuiam esse talisman poderoso, germen de toda a virtude, que nos dá resolução e constancia para o trabalho, allivio nas fadigas, conforto e resignação na desgraça, crença e esperança no porvir, bondade e alegria na alma, e que nos juvenesce e reanima n'essa desejada resurreição a que chamamos descendencia.

«Isso, porém, ainda não é tudo. A escravidão não actuou sómente sobre os servos, paralysando-lhes as forças e pervertendo-lhes os sentimentos: actuou tambem sobre os senhores, nutrindo ruins paixões e os vicios que as acompanham. O habito de submetter alguns homens a uma vontade despotica, inflammando as inclinações altivas, orgulhosas, egoistas da nossa natureza, generalisou, por exemplo, a desenfreada ambição de dominar. A devassidão extrema da sociedade antiga tambem procedeu da escravidão. No meio das tentações, a que os expunha a vista e o trato quotidiano de mulheres sem pudor nem protecção, os jovens eram arrastados para o vicio por um impulso irresistivel; os excessos dos primeiros annos preparavam os crimes da idade madura e os desvarios da velhice; e a felicidade das familias, a santidade do lar domestico, a dignidade pessoal, os deveres publicos, era tudo sacrificado á irritação dos appetites lascivos e á depravação geral. Assim se explica o poder das famosas meretrizes da Grecia e de Roma, a conspiração das bacchanaes, as festas ignobeis em que matronas illustres simulavam delirios de prostitutas, os repetidos divorcios, os tolerados adulterios, as paixões hediondas que a penna não se atreve a descrever. Finalmente, o direito de propriedade absoluta, que os senhores tinham sobre os servos, contribuiu em grande parte para despertar instinctos de crueldade, cuja manifestação nos parece hoje impossivel, e que comtudo se acha provada pela certeza que dá a authoridade e pela que dá a razão: pela que dá a authoridade, porque, como nos referem contestes os historiadores, o mais leve delicto do escravo era punido como um grande crime; pelo que nos mostra o raciocinio, porque, para comprimir a maxima parte da população na ignominia, na miseria, no trabalho sem recompensa, no desamparo da familia, na sujeição completa da vontade, era indispensavel, como o é ainda hoje na America, a intimidação permanente, effectuada por leis atrozes, restricta e rigorosamente applicadas.

«Tal é em resumo a influencia geral que teve a escravidão na sociedade antiga. Pelo que toca á vida exterior dos escravos, diremos tambem algumas palavras, mas só quantas bastem para rematar o delineamento d'este quadro. A escravidão foi na sua origem, como tem sido sempre os grandes phenomenos historicos, um passo agigantado do progresso, porque veio substituir a morte inevitavel a que o vencedor condemnava d'antes o vencido. Não nos embrenhando, porém, no labyrintho d'esses tempos, cuja barbaridade conhecemos, não pelas noticias historicas, mas pela falta d'ellas, vemos a escravidão instituida e radicada nos povos desde a India, dirigida por uma theocracia tyrannica até ás cidades da Grecia que mais se presavam de livres. Roma tambem teve escravos, e é d'elles especialmente que fallaremos, não só porque a indole d'este escripto nos não permitte um discurso mais amplo, mas tambem porque nas leis e costumes romanos se reproduzem os caracteres geraes da servidão, e porque, constituindo este trabalho uma nota aos *Fastos* de Ovidio, é jus-

to que trate especialmente do que lhes diz respeito.

«Julgando os romanos que a escravidão significava a situação do captivo a quem o vencedor poupára a vida como um despojo, ou a do homem livre, que, vendendo-se a si proprio, não reservava um só dos seus direitos, o escravo era com razão considerado entre elles plena propriedade de seu senhor. D'ahi provinha que o simples arbitrio do senhor decidia sem restricções do castigo do servo, que pela mais leve culpa, e ás vezes até sem ella, podia ser retalhado pelas varas, precipitado n'um abysmo, cravado na cruz, queimado a fogo lento, morto de fome, ou suspenso no ar em ganchos de ferro para ser devorado semi-vivo pelas aves de rapina.

«Distinguiam-se os servos pelas qualificações de publicos e particulares. Os primeiros, pertencentes ao estado, dividiam-se em duas classes: uma, a dos menos humildes, compunha-se dos carcereiros, lictores, serventes dos magistrados etc.; a outra, a dos infimos, constava dos operarios encarregados da limpeza dos aqueductos, da reparação das estradas, do serviço das galés, da cultura dos campos, da construcção dos edificios. Os particulares tambem se dividiam em rusticos e urbanos; os primeiros lavravam as terras, trabalhavam nas minas, conduziam os rebanhos e povoavam os extensos latifundios de seus opulentos senhores; os segundos, sob innumeraveis designações, exerciam nas casas e nas officinas das cidades os serviços e misteres, que a soberba do povo-rei conculcava, e que todavia eram necessarios para sustentar a portentosa ostentação do seu modo de viver. Alguns d'entre esses escravos eram escolhidos para os officios mais abjectos e obscenos, outros para os cruentos combates do circo, outros, em fim, para verdugos dos seus socios no infortunio. A sorte das mulheres ainda era mais horrivel. Supportando os caprichos, a colera, o ciume e a brutalidade feroz das matronas romanas; tendo que prostituir-se á luxuria dos seus donos; á dos seus companheiros no ergastulo, ou á devassidão nos lupanares; não conhecendo do amor senão a momentanea excitação dos sentidos; vendo arrancarem-lhes os filhos para serem vendidos a estranhos, ou martyrisados ignobilmente; que inquietações, que angustias, que dôres immensuraveis, não padeceriam essas infelizes?

«Crescendo o numero dos escravos com as conquistas successivas, com a dissolução dos costumes, e com o exercicio da piratagem, não devem causar espanto as tentativas de reacção que chegaram a intimidar a capital do mundo. Esses arrancos, porém, da raça captiva, anciosa de quebrar os ferros, foram todos, como já dissemos, impotentes para extinguir o flagello que tanto concorreu para a rapida decadencia dos dominadores da terra. Só o lento influxo da civilisação fortalecida pelo evangelho pôde suavisar a principio e destruir depois na Europa essa instituição detestavel. Entretanto ainda no V seculo, conforme affirma Salviano, as disposições que abrogavam o direito de vida e morte exercido pelos senhores sobre os servos eram muitas vezes illudidas, porque encontravam a resistencia de habitos e paixões enraizadas e geraes.

«Hoje as idéas progressivas e os sentimentos philanthropicos, posto que não hajam conseguido abolir de todo a escravidão, tem não obstante aniquilado inteiramente as subtilezas, os sophismas e as mentiras que pretendiam justifical-a; e pouco tardará a época, em que, triumphando a razão contra os preconceitos, e a realidade contra as tradições caducas d'uma organisação social já impossivel, os povos reconhecerão, inspirados pelo amor da justiça, que lei nenhuma pode legitimar o avillamento da humanidade, produzido por esse eterno captiveiro de milhões de individuos, creados para ser livres, e abatidos, por uma intoleravel tyrannia, á qualidade de cousas destituidas de razão e dignidade. Entre as nações modernas a Gran-Bretanha, a defensora natural da liberdade, essa terra da nobre raça anglo-saxonia, foi o paiz que ence-

tou a extincção total da escravidão nas colonias; seguiu-se-lhe a republica franceza de 1848, que por um decreto, só por si sufficiente para tornar immortal o governo provisorio, libertou os escravos e indemnisou os colonos; e é tão fecundo o poder da liberdade que até o imperio dos czares, reconhecendo as grandes vantagens do trabalho voluntario, trata de emancipar os seus servos. Portugal, que foi o primeiro povo que reforçou os generosos esforços da Inglaterra para abolir o trafico infame da escravatura, providenciou tambem ultimamente de modo que se extinguisse em poucos annos o estado de escravidão nos seus dominios; e graças ao nobre empenho do snr. visconde de Sá, démos este exemplo mais de sabedoria e humanidade a algumas das maiores nações.» (Silveira da Motta).

ESCRIPTA. 1. A escripta é a arte de suscitar na alma, com signaes de convenção, idéas que lá despertam os sons da linguagem fallada. Ha duas especies de signaes: uns, imaginados na infancia das linguas, ainda pobres, exprimem idéas sem alguma fórma de relação com a linguagem fallada, e poderiam servir de interpretes a todas as nações. Taes são os *quipos* dos peruvianos, os *tribunols* chins, os *hieroglyphos* egyptanos, as *cifras* arabes, e em fim as *notas musicaes* que despertam identicas sensações em todos os povos, seja qual fôr sua lingua d'elles. Os outros signaes são exclusivos da lingua que os creou. Taes são as letras dos alphabetos europeus. — Os hieroglyphos mais importantes são de tres feitios. Os mais simples representam o homem por um de seus membros; um incendio pela fumarada que vai no ar; um combate por duas mãos, uma com espada, outra com escudo. Na segunda especie, um olho ao pé de um sceptro quer dizer *rei*; uma espada com os dous signaes precedentes diz *rei sanguinario*; o sol e a lua significam rotação de periodos, e um olho fito no alto do quadro significa *Deus*. A terceira especie representa idéas metaphysicas; quem houver de as decifrar ha de conhecer as usanças do tempo e as analogias que lhes deram fundamento. A origem do *alphabeto* escurece-se entre a origem das cousas. Conforme a Cretinus, o alphabeto hebreu creou-o Moysés; o syriaco e chaldeu, Abrahão; o attico trouxe-o Cadmo á Grecia, e d'ahi passou-o Pelasco a Italia; o latino a Nicostrato; o egypcio a Isis; o gothico a Ulphilas. Quanto á primitiva invenção das letras, Philo attribue-a a Abrahão, Joseph e Santo Ireneu a Enoch, Bebliander a Adão, Eusebio a Moysés, Plinio e Lucano aos phenicios, Tacito aos egypcios, e outros aos ethiopes.

A maravilhosa semelhança que se nos depara entre os caracteres alphabeticos de todos os povos, nos está como indicando origem commum. O hebraico, phenicio, syriaco, chaldeu e arabe mostram em seus alphabetos alterações insignificantes, de modo que não podemos duvidar de sua mesma origem. Os caracteres gregos, vistos ás vessas, são iguaes ás letras hebraicas, e afóra isso conservam os nomes que tem no alphabeto hebraico. Do grego derivou o alphabeto latino, que formou todos os que hoje se usam na Europa e em algumas regiões asiaticas. — Podemos recensear seis generos de escripta em uso hoje em dia: *gothico*, *redondo*, *bastardo*, *bastardinho*, *cursivo*, e *inglez*.

2. Ensina a judiciosa pedagogia que os alumnos devem estar incessantemente occupados, divertindo-os entre variados exercicios. O mestre habil principia cedo o ensino de escrever; pois que, sabendo o menino escrever, tudo vai prestes, e logo sobrevem bom entendimento de orthographia. Além d'isso, em escóla numerosa, o melhor meio de ter os meninos quietos é assental-os a escrever. — O melhor methodo adoptavel para principiantes deve satisfazer as seguintes condições: 1.ª gradação tal na formação do alphabeto ou derivação de letras, que os alumnos sejam dirigidos na execução; 2.ª combina-

ção de exercicios comparativos, levando no intento habilitar os alumnos a lêrem tão depressa escripta como o livro, e tornar-lhe assim mais attractivo e mais favoravel ainda a sua instrucção em geral; 3.ª os textos devem offerecer uma serie variada de maximas, e instrucções interessantes de hygiene da alma e do corpo. Todos os methodos hoje em uso satisfazem mais ou menos esta ultima condição; porém, entre esses cumpre preferir, mórmente para os commerciantes, os que offerecerem exercicios alternados de *debuxo* e *imitação*. — Quando os alumnos já tem soffrivel *cursivo*, todos os methodos de escripta podem ser empregados

1. ııı... ııı... ııı... ııı... ııı...

2. m. n. r. u. i. t. l. h. y. v.

3. o. a. q. d. c. e. b. r. s. x.

4. l. b. h. k. j. g. y. z.

5. Syllabas da lição de leitura.

6. Assignatura de cada alumno.

7. Palavras. Partes do corpo humano, animaes, utensilios, etc.

8. Maiusculas, uma por dia.

9. A. M. N. V. W.

10. O. E. C. G. Q.

11. B. R. P. T. J. H. K.

12. D. F. L. S. T. U. X. Y. Z.

vantajosamente, a titulo de variedade, sobretudo por discipulos que devem frequentar a aula mais ou menos tempo. Esta variedade de traslados excitará a emulação, entretendo-os no trabalho, e esquivando-os do ramerrão.

Vem aqui a ponto bosquejarmos algumas noticias da arte de escrever em Portugal. Quem hoje encontra manuscriptos do seculo XVII e principio do dezoito pasma do esgaratujado com que os melhores escriptores se faziam perceber dos typographos e de si mesmos. Ainda em tempo de D. José I o escrever legivelmente era prenda rara, se não impraticavel. Nas *Memorias do marquez de Pombal*, por John Smith, vem um documento precioso intitulado: *Observações secretissimas do marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, na occasião da inauguração da estatua equestre no dia 6 de junho de 1775, entregues por elle mesmo, oito dias depois ao snr. D. José I.*

É o arrolamento dos serviços prestados pelo ministro. Apresenta o marquez no 3.º periodo, como cousa muito para assombro, o progresso

da calligraphia portugueza, no ditoso reinado de seu amo. Exalça pois «o caracter commum da letra de mão, pois quando até o anno de 1750 era rara a pessoa que escrevesse uma carta com boa letra; ha hoje, parece, a mesma raridade de achar quem escreva mal em Lisboa, de sorte que de cada vez que se quer nomear um escripturario para qualquer das contadorias do real erario, das juntas de fazenda, da do commercio, das companhias geraes e das outras repartições publicas, apparecem quasi resmas de papel inteiras em memorias, e petições de letras perfeitissimas.»

O cardeal Saraiva, D. fr. Francisco de S. Luiz, consultissimo em todos os ramos de boas letras, colheu de suas lembranças e leituras noticias de alguns calligraphos memoraveis, e desenhadores á penna. São os seguintes:

«*Domingos dos Santos de Moraes Sarmento.* — Era natural do Fundão, bispado da Guarda, e foi um dos mais admiraveis portuguezes da nossa idade na arte de escrever, e desenhar á penna.

«Fazia toda a qualidade de letra com grande exacção, facilidade, e belleza. Esta desgraçada habilidade empregou elle em sua ruina, fabricando de letra de mão, e desenhando á penna apolices do real erario, com seus miudos e variados ornamentos, pelo que foi preso, e seria sentenciado á morte na fórma das leis, se a sua mesma prenda lhe não grangeasse a protecção de pessoas de grande respeito, que admiravam, e presavam a arte. Ficou na torre de S. Julião em prisão perpetua, e ahi mesmo trabalhava de continuo na sua arte, até que a morte o levou.

«É necessario vêr as suas escripturas e desenhos, cheios dos mais delicados ornamentos para avaliar o incomparavel talento d'este artista.

«Eu vi copiada por elle á penna, com a maior perfeição, a grande estampa da estatua equestre de el-rei D. José I, com a qual se enganavam os olhos mais perspicazes, confundindo-a com a original aberta a buril.

«Havia no museu do mosteiro benedictino de S. Martinho de Tibães uma amostra d'este extraordinario talento em *quatro pensamentos allegoricos*, dedicados á gloria de Napoleão Bonaparte, imperador que foi dos francezes, feitos á penna em 1807, os quaes alli depositei, sendo-me para isso offerecidos pelo coronel de milicias reformado Francisco Pereira Peixoto Ferraz Sarmento, meu particular e saudoso amigo. Estas pequenas estampas quasi se não differençavam das melhores abertas a buril.

«Este artista era já fallecido em 1817, quando punhamos em lembrança estes breves apontamentos.

«*Duarte d'Armas.* — Veja-se o que dizemos d'este excellente artista no artigo dos DEBUXADORES, DESENHADORES E PINTORES. O livro, de que já fallamos, que se guarda na Torre do Tombo, e que contém todos os desenhos das fortalezas do reino, é feito *á penna* com grande perfeição.

«*Duarte Luiz Garcez Palha.* — Foi cadete no regimento de Cascaes. Eu possuo duas paisagens da sua mão, *desenhadas á penna*, que tem merecimento. Não sei se chegou a alcançar este seculo XIX.

«*Francisco de Hollanda.* — D'este nosso celebre e douto artista fallaremos em outro artigo largamente. Aqui notaremos sómente que os desenhos que vem nas suas obras são *feitos á penna* com grande magisterio.

«*Gregorio Paez do Amaral.* — Foi mestre dos filhos do exc.^mo marquez de Castello-Melhor, e escreveu em 1791 — *Exemplares de letra ingleza* — offerecidos ao senhor D. João, principe do Brazil (depois rei D. João VI). É um volume de 305 folhas de 4.º, que se conserva na livraria da casa de Castello-Melhor, n.º 342 da numeração provisoria dos mss.

«*João Baptista Vieira Gomes Pinheiro.* — É natural da cidade de Braga. Fez o painel, que se conserva no museu do mosteiro de S. Marti-

nho de Tibães, o qual em um pequeno quarto de papel mostra o *calix e a hostia collocados sobre um grupo de nuvens*, tudo feito á penna, e de letra de mão, e miudissima escriptura, em que se lê o *Pater noster*, *Ave Maria*, *Gloria Patri* e os *Sete psalmos penitenciaes*. — Foi feita esta curiosa obrinha em outubro de 1816.

«*João José Alves Freineda*. — Natural de Lisboa, onde nasceu a 3 de dezembro de 1802, e actualmente tachygrapho da camara dos senadores. É insigne na arte calligraphica, a que se tem dado com infatigavel trabalho e estudo.

«Escreve as letras mais usadas na europa portugueza, ingleza, franceza, aldina, gothica ou italica, e romana, imitando as maiusculas e minusculas romanas, que se lêem nas medalhas e cunhos, e nas inscripções, e mss. dos mais antigos tempos.

«Nota-se nas suas obras grande perfeição, tanto pelo que respeita ás linhas rectas e curvas, como aos traços, grosso, meio grosso, ou fino, e aos espaços, hastes, ligados, e obliquidade, seguindo sempre, e em tudo uniformidade, proporção, e formosura.

«São varias as producções d'este calligrapho, que existem nas mãos das pessoas, a quem foram dedicadas, e em todas se vêem escripturas e desenhos de muito gosto. Em 1831 offereceu á direcção do banco de Lisboa um quadro de 3 palmos de altura e 2 de largura, todo feito á penna, com allegorias desenhadas em fórma de laçaria, com valentes rasgos e letras cheias de ornamentos, e com boa collocação e symetria das peças.

«*Manoel Barata*.—Copiaremos aqui a noticia que d'este artista nos dá o illustre philologo Francisco Dias Gomes, na Memoria, que vem impressa no 4.º tomo das *de Litteratura* da Academia real das sciencias de Lisboa, pag. 270, aonde analysando um passo do soneto 187 de Camões, diz assim: «O terceto é felicissimo fecho, digno de um tão bello soneto, que foi feito em louvor do *celebre Manoel Barata, o mais insigne mão de penna, que se conheceu na Europa até ao seu tempo.*» — Compoz este uma *Arte de escrever*, digna de estimação pela verdade e simplicidade dos preceitos, e pela elegancia e proporções da sua letra, onde se mostra mais a modestia do que a liberalidade, que tanto resplandece nos rasgos admiraveis dos caracteres inglezes. — Bem sabia o grande Camões, que a arte de escrever com gentileza e bizarria de caracter é uma prenda digna de todo o homem de bom gosto, e que deve ser estimada, e ainda mesmo louvada por um modo extraordinario, assim como elle o fez, que n'esta materia mostrava ser bem destro, como provam uns argumentos manuscriptos da primeira edição da *Lusiada*, que possuo, os quaes tenho para mim serem da mão do mesmo Camões; porque o caracter é o mesmo, que o do Mestre Barata, cuja arte é um composto de preceitos, e reflexões sensatas, todas extrahidas da sua experiencia, e não como as miseraveis artes que se tem publicado ha annos a esta parte de professores ignorantes, que não fazem senão trasladar, e ainda isso muito mal, acompanhando os ditos chamados preceitos com traslados dignos de todo o desprezo, pelo mal executado, fazendo esforços impotentes, porque não se acharam ajudados do genio para imitar os exemplares dos grandes mestres inglezes, e os do tambem *grande Philippe Nery nosso portuguez*, ha dous annos fallecido, cujas letras não são capazes de imitar. Seja desculpada esta pequena digressão ao amador de uma arte, na qual poderia *dizer, e executar* novidades, talvez ignoradas dos que a professam entre nós.» — Até aqui o douto critico Francisco Dias Gomes.

«Manoel Barata foi mestre de escrever de el-rei D. Sebastião. Na edição de Camões, feita em Pariz em 1815, tom. 3, pag. 414, se diz, que fôra natural de Pampilhosa, e morador em Lisboa; que publicára a sua *Arte de escrever* pelos annos de 1572; e que fôra o primeiro, que na Europa publicára traslados abertos em chapa.

«*Manoel de Faria e Sousa.* — Escriptor bem conhecido entre nós. Foi eminente na arte de escrever, fazendo com perfeição toda a sorte de letra: copiava *á penna* qualquer estampa tão destra, e subtilmente, que se podia duvidar, qual era a de penna, qual a de chapa. Tambem fez progressos nas artes de illuminatura, pintura, e desenho, as quaes exercitou na quinta de Santa Cruz dos bispos do Porto, quando ahi esteve, na sua mocidade, na familia do bispo D. fr. Gonçalo de Moraes, benedictino, de quem era parente.

«*Manoel José Satyro Salazar.*—Professor de escripta e arithmetica. Publicou um mappa dos caracteres de escriptura, que explicava theorica e praticamente na sua *Casa de educação*, a saber: letra de secretaria, de escriptorio, letra ingleza, etc. Este mappa foi gravado, e n'elle se lêem as subscripções: *Manoel José Satyro Salazar o escreveu. = Theotonio José de Carvalho esculp.*

«*Thomaz da Silva Campos.* — Era professor de primeiras letras na villa de Ponte do Lima, minha patria; e eu, de quasi cinco annos de idade, comecei e continuei a frequentar a sua escóla, pelos annos de 1771, aprendendo a lêr, escrever, e contar, e o cathecismo pelo compendio de *Montpellier*.

«O mestre era respeitavel, e mantinha na sua escóla ordem, sizudez, e cuidado no estudo.

«A sua escriptura era do gosto puramente portuguez do nosso Andrade, a quem imitava no caracter da letra, e nos ornamentos de cetras, aves, e flôres, desenhadas a rasgos de penna.

«Muitos annos depois, sendo eu já religioso, e o meu mestre fallecido, tive na minha mão um grosso livro em folha, em que se continham muitos traslados feitos na mesma letra, letras debuxadas á penna, preceitos de bem escrever, principios de arithmetica, etc., etc., tudo escripto pelo mesmo professor, durante o seu magisterio. Possuia esta obra um seu sobrinho. Faço gosto de recommendar aqui a memoria d'este excellente professor, e de pagar este tributo de gratidão ao ensino que me deu.»

Do snr. visconde de Castilho vamos trasladar boa parte da sua primorosa dissertação ácerca da ESCRIPTA. É a *nota decima segunda* dos *Fastos* de Ovidio, livro que anda em mãos de pouca gente, e é entre os melhores de Castilho o que devêra ser do estudo e da memoria de moços e adultos, de sabios e de curiosos. Repare quem estuda n'estas paginas tão ricas de noticias quanto enfeitadas de vocabulos lusitanos:

«De Deus é filha a alma intelligente; da alma intelligente é filha a linguagem fallada; da linguagem fallada é filha a linguagem escripta; da linguagem escripta é filha a leitura; da leitura são filhas as sciencias, as artes, a civilisação, a moral, e a propria liberdade.

«As sciencias, as artes, a civilisação, a moral, e a liberdade, ampliam a esphera da sua nobre avó: a razão intelligente, e vem a tornar-se por ahi mais que uma felicitação para a terra: uma brilhante homenagem, um digno culto ao Creador.

«Não podemos conceber o homem sem a palavra; a palavra é tão antiga como elle; emmudece-o, destruistel-o. Mas a palavra que nasce dos labios, vive no ar um momento, e nos ouvidos proximos fenece, obteve da intelligencia sua mãi, o segredo, certamente inspirado de mais alto, de se corporificar, perpetuar-se, multiplicar-se, diffundir-se sem limites no espaço, como no tempo. Se o Padre creou o mundo, e o Verbo Divino o remiu, o Verbo humano, incarnando-se tambem, creou outro mundo: o futuro; e n'elle uma segunda redempção terrestre.

«Não era tudo haver-se atinado, depois de mil ambiciosas tentativas, depois de mil esforços hoje esquecidos, com o segredo da embalsamação, da resurreição, da immortalidade da palavra, aerea, impalpavel, incoercivel, fugitiva. A razão que tanto conseguira, devia, sob pena de abdicar-se a si mesma, forcejar para que este grande meio de universal aperfeiçoa-

mento pertencesse por igual a todos os povos, e em cada povo a todos os individuos; assim como o ar e o sol a todos são communs. Mas não succedeu assim; o futuro tem de o trazer; o presente cobiça-o, invoca-o, e já sabe ao menos murmurar porque lhe fallece; bem haja elle; grite mais até que o ouçam os surdos, até que se levantem os paralyticos, até que se rasgue a manhã do dia novo, até que os latifundios e os morgados do saber se desvinculem, se dividam por todos; e todos tenham, sem favor, quinhão para si, e para seus filhos.

«A minoria da sociedade a lêr e a escrever, a poder conferir, e a sonegar, igual bem á quasi totalidade, é uma usurpação, uma tyrannia, e uma insensatez, em que ninguem acreditára se se não visse.

«Ainda bem que a Providencia não dorme, por mais que durmam os que na terra se cuidam seus gerentes! Ainda bem que é ella, ella a progressista dos progressistas, a que, a despeito de todos os obstaculos, e até empregando-os como estimulos, sem esforço, nem estrondo faz subir, de noite como de dia, para as suas alturas incognitas, a humanidade, mar vivo, sempre a encher, e a abonançar-se.

«A historia da escripta e da leitura é uma das mais eloquentes prophecias dos progressos ulteriores do mundo. É impossivel, ao consideral-a, não inferir do desenvolvimento da arte de escrever e lêr, d'esta arte que a si mesma se fecunda, os novos e cada vez maiores desenvolvimentos que a esperam.

«Se percorrermos o indice summarissimo da historia d'estes fastos depositarios de todos os fastos humanos, depressa nos convenceremos de que o lêr e escrever, medrançosos por natureza, por fado, por benção, hão de ir a mais, a muitissimo, a tudo e a todos, e em pouco tempo.

«Largos seculos se deveram ter passado antes que alvorocesse n'um espirito de loucura sublime a idéa de conversar com os remotos em lugar e tempo, para cem leguas, como para tres passos, para as gerações vindouras como para a existente.

«Ignoramos hoje, e eternamente se ha de ignorar, onde, quando, e como, essa idéa despontou; crê-se que viria das regiões d'onde vem o sol; mas o Jupiter terrestre que em sua mente concebeu esta formosa deusa da força e da sabedoria, morreu sem altar, nem canticos, sem tumulo, e até sem nome; a sua arte immortalisadôra de tudo, não o salvou a elle do olvido. Fallamos do homem d'além eras, confidente de Deus, mestre de si mesmo, genio de Newton e Colombo, no fundo talvez de alguma floresta que por um milagre de observação, da reflexão, e do calculo, atinou com a arte, tão simples a quem a vê hoje, mas tão prodigiosa em sua origem, de decompôr a palavra fallada em elementos, consignar a cada um dos poucos elementos das innumeraveis palavras falladas, um signal visivel, e pela inspecção d'esses signaes, reproduzil-a instantaneamente e completa para os olhos, dos olhos para o entendimento, do entendimento para a bocca, e da bocca para os ouvidos.

«Antes d'elle, outros haviam de ter pedido á materia a perpetuação dos productos do espirito por meios grosseiros e incompletos: monumentos, pinturas, allegorias, hieroglyphicos, e mesmo reproducção das palavras inteiriças a uma e uma, em signaes inteiriços a um e um; tudo isso estava para o escrever elementar como para a eloquencia e para a poesia estão os vagidos do infante; ou os murmurios do canaveal para a flauta de Minerva.

«A representação da palavra fallada por letras correspondentes aos seus elementos, não póde deixar de ser simples e perfeita na sua origem, e como tal accessivel repentinamente a qualquer comprehensão. Muitas causas diversas, não sendo a minima a fatua presumpção, corromperam a pouco e pouco essa primitiva fidelidade de trasladação do som para a escripta, e da escripta para o som. Desde então o beneficio que tinha e tem de ser para todos, tornou-se privilegio para raros; o qual só pela força

de suas raizes velhas se vai mantendo; mas a philosophia generosa e social, logo que outras empreitadas muito suas lhe deem vaga, ha de olhar por isto, que em fim é interesse em que todos os outros se epilogam; ha de pronunciar o seu *fiat*. Os dous escandalosos absurdos de escrever diverso do que se falla, e de lêr diverso do que se escreve, hão de passar ao estado fossil como tantos outros monstros, consistindo n'esta parte o progresso em se retroceder até ao berço da arte; e isto ha de ser infallivelmente. ¿Começado onde, em que dia, e porque modo? Deus é que o sabe; mas o que a razão sabe desde já é que ha de ser. Notai bem: ¿não estremaes na escripta duas partes connexas, mas distinctas, a physica e a intellectiva? o corpo e a alma? É a primeira a materia em que se escreve; a materia, o instrumento, ou a machina com que se escreve; a segunda, é a escolha e acerto dos signaes representativos dos sons. É necessario que estes dous componentes essenciaes da escripta conspirem por igual para o humanitario *desiderandum* de haver leitura para todos, e para todos facil.

«Os progressos ininterruptos do elemento material da escripta que nós vamos percorrer de fugida, bem manifestamente nos estão inculcando que a expressão graphica da palavra não ha de sempre, nem por muito tempo, continuar, por seus vicios curaveis, a restringir um beneficio que tende por si mesmo a universalisar-se.

«Diz Varrão que a principio se escrevera em folhas de palma (ainda hoje ao papel chamamos folhas), depois no entrecasco de certas arvores (*liber*, livro, o chamavam os latinos, e livrilho o appellidam por memoria alguns botanicos). Depois escreveram-se em laminas de chumbo os documentos publicos, e os particulares em panno de linho, ou em taboinhas enceradas; das taboinhas enceradas, *tabellas* (d'onde ainda conservamos o nome de tabellião), diz Homero que já antes da guerra de Troia se fazia uso. O papyro (do qual o nosso papel traz a sua primeira origem e o nome) crê o mesmo Varrão, se inventára na era das victorias de Alexandre Magno, e da fundação de Alexandria no Egypto. Tempos após, segundo o mesmo author, tendo el-rei Ptolomeu prohibido a exportação do papyro em razão da rivalidade que havia entre elle e o rei Euménes no tocante a bibliothecas, para supprir essa mingua se inventou na cidade de Pergamo, na Asia, a pelle cortida e preparada para escripta (que ainda hoje se usa e conserva por nobreza o seu titulo de pergaminho).

«Mas o papel propriamente dito, o papel, o immortalisador dos homens, diz Plinio, foi o que se tornou usualissimo.

«Era pois o papyro universalmente usado para a escripta n'aquelle mundo latino; o que dava espantosos rendimentos annuaes á cidade de Alexandria, por onde o Egypto exportava essa materia prima da sciencia, da historia, dos negocios. Muitos museus conservam boas amostras de papyros manuscriptos d'esses tempos; os do Louvre foram, diz-se, achados quasi todos em sepulchros.

«Cahiu o imperio, cahiram os Cesares, cahiram os deuses; sobreviveu-lhes o papyro; sobrenadou em todas as revoluções com que a sociedade se transformava.

«Em França, e Allemanha, era já V e VI seculo da era nova, e ainda não escreviam fóra do papyro.

«Sabe-se que nos dous seculos seguintes só predominou o pergaminho entre os povos do norte, por se haver tornado raro e custoso o papyro, em razão das devastações causadas pelos arabes nas partes do Levante, d'onde elle vinha.

«Ainda porém depois se tornou ao mesmo papyro, já outra vez communissimo nos seculos XI e XII.

«Por esses tempos se inventa no occidente um papel, que pela abundancia, pelo ámão da materia prima, e maior facilidade da fabricação, desterra o papyro de todo e para sempre; é já o papel de linho reduzido a polme, e alastrado em fórmas como crivos, ou peneiras. A mais antiga folha,

que citam existente, d'esta especie, é uma do anno de 1319.

«Na China, segundo se diz, largos seculos havia que assim o fabricavam de sêda, algodão, palha de arroz, e outras substancias.

«Tem a industria do papel de polme vindo a crescer até aos nossos dias, e em nossos dias mais que nunca, sob as inspirações da sciencia, com os incessantes progressos da chimica e da mecanica, e pelas exigencias cada vez maiores d'estas devoradoras e insaciaveis fome e sêde de leitura.

«Um Plinio que pretendesse abranger, mas que fosse em resumo, os processos hodiernos da fabricação do papel, teria de compôr uma bibliotheca.

«Consideremos só como mais uma prova da constante lei da perfectibilidade, consideremos quanto vai d'aquella banca obliqua em que o operario egypcio estendia, collava, sobrepunha as tiras laboriosamente apuradas do papyro, que inda depois tinham de ser imprensadas, brunidas, aprimoradas em Roma pelos fannios, até estas fabricas, em que um operario mecanico, que não dorme nem cança, corpo de ferro e alma de fogo, de cem braços, de mil braços, toma todas as materias filamentosas: o linho, o algodão, as malvas, a pita, a palha, a canna, as limpa, as tritura, as branqueia, as estende em teias interminaveis, as sécca, as lustra, as corta, as ajunta, e diz ao homem: levanta-te, leva, derrama na civilisação civilisação nova!

«O pergaminho, se é nobreza só por si a antiguidade, pedirá primazias ao papel. De Pergamo, como ha pouco o transcrevemos de um author romano, lhe proveiu o nome (*Pergaminum*, *Pergamenum Pergamæ chartæ*). Mas, se foi lá o lugar do seu aperfeiçoamento, n'outra parte, e em mais antigos tempos, o inventaram por certo; com quanto nem o lugar, nem a era, se possa hoje determinar.

O pergaminho para escripta fazia-se de pelles ou vinas, estendidas, curadas, rapadas de uma e de outra parte, adelgaçadas, polidas, e ás vezes coloradas; pois havia pergaminhos, não só brancos, mas açafroados e vermelhos. Com bom fundamento se póde conjecturar, que n'esta materia mais duradoura se escreviam as obras de litteratura mais estimadas.

«O instrumento para este genero de escripta, só em tempos adiantados do imperio é que principiou a ser a penna animal, generalisada no seculo VIII, e hoje quasi universalmente transformada em ferro. Antes da penna, e depois dos pinceis finos, serviram-se de caniços delgadinhos aparados, e com o bico fendido, como o das pennas; instrumento esse de que ouço utilisarem-se ainda ao presente os arabes e outros orientaes; em muitas partes se creavam estes caniços; mas os mais communs tambem lá vinham do Egypto; terra agora tão decahida, mas onde a fortuna collocára o berço da civilisação grega, e a natureza a patria do papyro e do calamo.

«Aos calamos do Egypto, diz Plinio levarem vantagem os de Gnido e os do lago Anaitico na Asia.

«É curioso ouvirmos um desconhecido poeta grego d'outras eras cantar a origem e as glorias do calamo; por outra, vermos o calamo em punho de um engenho hellenico a exaltar com justiça os seus proprios meritos:

> Colmo fui, fui planta brava,
> que não dava
> pomo, ou figo, ou cacho; não;
> virgem, como o coro Aonio,
> como a elle no Heliconio,
> me encantava a solidão.
>
> Um passante em mim repara,
> pensa, pára;
> uma idéa lhe inspirei;
> chega, corta-me, e eu silvestre,
> aparado por tal mestre,
> mestre ao mundo me tornei.
>
> Bebi lagrimas d'aurora,
> bebo agora
> negra tinta, e folgo mais;
> tenho voz, eu que era mudo;
> nada sei, e ensino tudo.
> Torno os homens immortaes.

«E não deixa de vir aqui para reparo que seja no monte Helicon, ás musas consagrado, que o poeta phanta-

sia o principio da arte de escrever; como quem dissera: que a primeira escripta fôra poesia.

«As tabellas, outra materia muito usada na escripta romana, eram folhas delgadinhas de madeira (houve-as tambem de metal e de marfim) em fórma quadrilonga, sem tamanho determinado, com seu rebordo, e o campo interior barrado de uma composição de cêra, de tal ou tal côr, e de consistencia propria para se deixar facilmente lavrar com o bico de um ponteiro (*graphium* ou *stylus*) ou com a opposta palmeta do mesmo ponteiro alisar para outra vez servir, por onde a tabella ficava sendo de um uso communissimo para roes, apontamentos, exercicios calligraphicos nas escólas, como hoje as ardosias; para testamentos, contractos, e outras escripturas civis, finalmente até para cartas; as de amores, especialmente, por mil passos dos poetas namorados se alcança, que em tabellas se lavravam. Se o que tinha de se escrever não cabia n'uma só tabella, juntavam-se duas ou mais; sobrepunham-se umas ás outras, servindo o rebordo para se não apagarem as letras com o roçar, e se uniam com um cordão enfiado n'uns buraquinhos da margem interior. Ás tabellas de duas folhas chamavam *dypticha*; ás de tres, ou mais, *polyticha*. Ás tabellas de formato minimo para se trazerem na algibeira, e servirem para lembranças, como hoje as carteirinhas e agendas, *pugillares*.

«Finalmente a carta mandadeira escripta em tabellas, e bem assim as escripturas publicas e particulares, fechavam-se com atilhos de linho, mettidos por orificios, encruzados, atados, e sellados com outra especie de cêra equivalente ao nosso lacre, e marcada com o sinete do annel, ou outro qualquer.

«As tabellas, triviaes entre os romanos, como na Grecia, e longamente anteriores á fundação de Roma, ainda na idade media faziam serviço não pequeno.

«Corremos os olhos pelas tres principaes bases de escriptura n'aquelles tempos do povo-rei: o papyro, as pelles, a cêra; papel, pergaminho, tabellas.

«Vimos o papyro e o pergaminho, e o como n'elles se escrevia; vejamol-os agora já em livros e codices; nomes que não são rigorosamente synonymos, ainda que alguma vez no uso se tomem por equivalentes.

«O livro (*liber*, *volumen*) constava de uma serie de folhas de papyro, ou tambem de pergaminho, pegadas pela borda umas ás outras, e formando assim uma comprida teia; uma das extremidades estreitas da teia collava-se a um rolo de madeira da sua mesma dimensão, e por alli se começava a escrever, e se proseguia teia abaixo, até parar n'uma divisão, ou córte, feito pelo proprio author na sua obra, quando em livros a dividia; e dividiam-nas elles em livros para maior commodidade do leitor, porque a ser excessiva em comprimento aquella pagina, ou columna, teria enfado em a desenrolar e enrolar, canceira e perda de tempo, em procurar n'ella um trecho que desejasse. Por mil linhas, quando muito, andava cada livro, como bem se póde verificar, percorrendo quasi todas as obras romanas que nos ficaram, assim de poesia como de prosa.

«Da escripta assim, em largas e compridas zonas de pelles roladas, ainda hoje se póde vêr especimen vivo e a servir, entrando-se ahi em qualquer synagoga ao sabbado.

«Mas a antiguidade dos volumes já lá vinha do anterior Egypto, pois alguns se tem achado em mãos de mumias; são de papyro que estendido mede ás vezes seus trinta a quarenta pés. A escripta nos volumes era commummente só de um lado, e mais vezes transversal que longitudinal. O cylindro de pau, amago do volume, chamava-se escapo; os topos do escapo nivelados com o aparo do rolo embigo (*umbillicus*), e quando do meio de cada fronte resahia seu botão ou maçaneta de pau, metal, ou marfim, *cornua* (pontas), se denominavam essas excrescencias.

«Os nossos mappas geographicos de enrolar dão-nos d'isto idéa clara.

«Na barra infima e exterior da teia se escrevia summariamente o nome do author e o titulo da obra, que nós hoje pômos no principio, e na lombada do livro, e que então se punha no fim, sendo identica a razão dos dous contrarios usos: o distinguir-se á prima vista. O titulo (*index*) tambem ás vezes era escripto n'uma tira de papyro, ou pergaminho (*membranula*) pregada pela ponta a um dos embigos do escapo; tira que fechado o rolo ficava pendente a denunciar o conteudo. As letras do titulo eram de côres: açafrão ou vermelhão.

«O rolo fechado e apertado podia-se embainhar para maior conservação em seu estojo de pergaminho pintado (*membrana*).

«O codice, comparado com o volume, foi já um adiantamento plausivel, e uma transição clara para o livro moderno. Era o codice, cuja idéa deveu nascer da idéa das tabellas, compaginado de folhas de pergaminho ou papyro estendidas, sobrepostas, batidas a maço, cosidas ou pegadas pela borda da margem interior, e com sua capa e rotulo.

«As paginas porém é que não eram numeradas como depois o vieram a ser. Para maior conservação do codice costumavam adaptar-lhe, pelo lado do abrir, um gastalho de pau (*manuale*) de pôr e tirar, do qual provavelmente se originaria o broche de metal, constante ainda agora nos missaes, e em livrinhos de piedade. Talvez que os amarrilhos presos á borda das duas pastas para as cerrarem enlaçando-se, expediente de todos o mais simples e obvio, já tambem os houvesse n'esses tempos.

«N'um só codice já se podiam encerrar muitos livros, outra vantagem sobre os volumes, além da que manifestamente offerecia, a facil e commoda manuseação.

«Admittiam os codices bastante luxo: frontispicio pintado, retrato do author, nas paginas cercaduras allusivas, executadas á penna, ou a pincel, uma meia lua no principio dos livros (*menis*), e sua corôa no fim do tomo, d'onde vem o adagio *Finis coronat opus*, sendo a escripta acurada por boa mão, e seguida por entre riscos traçados com chumbo (*plumbum*), o que fazia as vezes do nosso lapis. Para os codices de estimação procurava-se pergaminho do mais fino e perfeito, e só se escrevia na lauda da mão direita, deixando o verso em branco; em obras de menos apuro, corria a escriptura por um e outro lado, e até muita vez se respançavam folhas já escriptas para de novo servirem (*palimpsesto*).

«Todos sabem o quanto essa economia, não raro desalumiada, barbara e sordida, destruiu de preciosidades antigas; e com quanta diligencia os investigadores dos monumentos velhos procuram reanimar, por baixo de paginas de theologias velhas e canto-chão, o respançado texto de algum classico perdido; e nem sempre o fazem sem fortuna. Muito tempo não ha ainda, que diligencias d'essas nos restituiram a *Republica* de Cicero.

«O codice, e bem assim o volume, que merecia pelo seu conteudo a perpetuidade, era ungido com oleo de baga de cedro, e guardado em cofre de cipreste, dous preservativos contra a polilha e traças; que o diga Horacio na *Poetica:*

> .... esperamus carmina fingi
> Posse linenda cedro et livi servanda cupressu.

«E já que fallamos de precauções para dura, não esqueça o que diz Plinio ácerca da tinta de escrever: «A tinta de escrever, diz elle, levando sua mistura de absyntho preserva o manuscripto de ser accommettido dos ratos.» Se tão curiosos sois que desejaes da tinta mais alguma noticia, o mesmo author vos diz fazer-se do fumo do pinheiro teda, o qual fumo se apurava em fornalhas constituidas de proposito, que lhe não davam fuga; com este fumo, ou pós de sapatos, lotavam tambem ferrugem de chaminé, e temperavam tudo com alguma gomma para melhor pegar e conservar-se. Além d'esta tinta vegetal, parece que

extrahiam outra do sangue preto de certos peixes.

«Para evitar prolixidade pretermittimos a composição das tintas de côres.

«Percorramos agora a feitura material de uma obra litteraria.

«Logo que o author a tinha escripto e emendado, operação em que geralmente se punha muito mais tempo, e maior escrupulo do que hoje em dia (Horacio exige nove annos pelo menos, e dez reemendas), tratava em fim da publicação. Congregava-se força de copistas (*librarii*), ou á grega (*bibliographi*) que em Roma deviam ser aos cardumes; sentavam-se ás suas mesas petrechados de todo o necessario para o seu mister: papel, ou pergaminho (*charta*, *membrana*), caniços (*calami*) na competente caixinha (*calamarius*), canivetes de aparar e raspar (*scalprum*), tinteiro (*vas atramentarium*), outros vasinhos para as diversas côres, raspadeira, chumbo para regrar (*plumbum*); e talvez mais algum adminiculo.

«Um lia o original em voz alta e distincta; todos os demais em profundo silencio iam trasladando.

«Concluidas e conferidas as copias, passavam estas para os respectivos officiaes voluminadores, ou codificadores (*glutinatores*), encadernadores, como hoje lhes chamariamos.

«Promptos, da mão d'estes operarios, iam-se remettendo para serem postos á venda nas lojas dos livreiros (*bibliopolæ*).

«N'estas lojas se costumavam ajuntar os litteratos.

«Alguns bibliopolas eram editores, e sustentavam crescido numero de copistas.

«Os vendilhões de obras em segunda mão, velhas e truncadas, alfarrabistas, chamavam-se *libeliones*.

«Á venda se encontravam em edições de fausto, e nas mais economicas, todos os authores gregos, esses eternos exemplares que Horacio recommendava se versassem com mão diurna e nocturna, e que por muito tempo transsudaram de si toda a poesia romana; e os escriptos latinos de tres seculos ou mais, antes de Christo, desde o velho Livio Andronico e Pacuvio até aos contemporaneos, aos vivos, e que o curioso encontrava ao pé das suas obras na loja do livreiro.

«As litteraturas dos demais povos, se as havia merecedoras de attenção, não na obtinham dos desdenhosos senhores do mundo, que dos barbaros, como lhes elles chamavam, só queriam as riquezas, os escravos para os trabalhos, as escravas para os prazeses, os artefectos e os perfumes para os regalos. O gosto da linguistica não era ainda nascido; se o fôra, quão melhor herdada não houvera ficado a sciencia n'esta parte!

«Que trafego n'essas lojas!

«Um author novel passa respeitoso e encolhido por entre os que já na rua se apontam a dedo, e offerece ao bibliopola o seu manuscripto a vêr se elle se encarrega de lhe fazer a edição, mandando-o trasladar pelos amanuenses que traz assalariados.

«Um escriptor de nomeada, que tem já feita a edição do seu poema novo, da sua historia, ou do seu tratado scientifico.

«Uma serva que vem procurar para a sua senhora uma Sapho, um Anacreonte ou um Philetas, um Moscho ou um Theocrito, e ao ouvido os epigrammas de Catullo.

«Um rapazinho, ainda com a sua bulla de ouro ao pescoço, que pede a cartilha das primeiras letras; outro, uma geometria de Euclides; outro, de mais jovial humor, as ultimas fabulas atelanas que vieram á luz.

«O provinciano e o estrangeiro recem-chegados lêem boqui-abertos os annuncios de chamariz nas umbreiras da porta.

«Um ancião pede se lhe mande recopiar, em formato igual ao da amostra, o volume que em emprestimos se lhe extraviou das obras de Catão.

«Um ricaço, que está para se tornar para as suas Hespanhas, compra um Vitruvio para lá edificar por elle uma vivenda á romana.

«As obras de Cicero são pedidas de toda a parte por oradores, philosophos e estadistas; as de Columella e

Varrão por camponezes que n'esta nundina venderam bem os seus generos no mercado.

«Um livro em branco, um *codex* — grita um.

«Um calendario para os meus roes — brada um usurario.

«Um *adversarium* para os meus apontamentos — acode um litterato que não quer perder inspirações.

«Pugillares de marfim com céra côr de rosa, bonitos, e com stylo dourado, que é para uma casquilha — grita, impaciente com as tardanças, uma velha, que é talvez, nem mais nem menos, a Acantis de Propercio, ou a Dipsas de Ovidio.

«Umas ephemerides em branco, um calendario para mim, e umas fabulas de Phedro para o meu pequeno — diz um pacato, já cahido em annos, assim como a sua toga. Os *acta diurna*, *os diurna* de hoje — clamam dez vozes a um tempo — disse-se em casa do cabelleireiro Licinio que vem muito interessantes.

«Os escriptos volantes assim denominados, contém as noticias mais notaveis da vespera, dos supplicios, de nascimentos e obitos, das chegadas e sahidas de personagens, dos jogos e espectaculos; em fim de tudo que póde picar a curiosidade, e de que, andados dezenove seculos, se ha de fazer, com espantosa desenvolução e aperfeiçoamento, a principal leitura.

«É evidente que mui dispendiosos deviam ser os livros n'aquelles tempos, e por isso agros e mal accessiveis os bons estudos ás posses da maioria. D'ahi veio certamente a primeira idéa de se formarem bibliothecas publicas.

«A que povos e a que tempos se haja de referir tal invenção, já se não póde hoje rastrear.

«As mais antigas bibliothecas de vulto, não fallando na religiosa dos judeus em Jerusalem, foram em Pérgamo, e no Egypto. Assim devia ser; eram as terras das duas materias primas dos livros: o pergaminho e o papyro.

«Á imitação e á competencia das bibliothecas egypcias de Memphis, de Thebas, e de Alexandria, teve-as, e não podera deixar de as ter, a Grecia em muitas partes: em Athenas, em Gnido, Heraclea e Apaméa.

«A todos porém se avantajaram os romanos no multiplicarem e encherem do seu e do alheio estes thesouros de remedios para a alma, como dizia o letreiro da livraria thebana.

«Foi o opulento Lucullo o que inaugurou a primeira, de que ha noticia, dentro na cidade eterna; era ella fundamentalmente composta do espolio da de Pérgamo, e acrescentando com tudo quanto o genio do ouro e raro espirito d'aquelle grande homem podia, que era immenso. Porticos, jardins, salas de estupenda magnificencia faziam cortejo ao alto concilio de prosadores e poetas, e congregavam a miudo, em convivencia com o triumphal dono, os principaes engenhos e varões mais conspicuos da republica n'aquelle tempo; tempo em que floresciam Cesar, Pompeu, Cicero, Attico, Horacio, Sallustio, Propercio, Catullo, Livio, Varo, Tuca, Hortencio, Mecenas, e quantos outros!

«Esta bibliotheca e deliciosa academia de Lucullo não era porém solemne e officialmente publica; a primeira publica, solemne e officialmente, foi a que á sua custa edificou, abasteceu e abriu Asinio Poleão, historiador e tragico, honrado com a familiaridade de Cesar, e com vezes mais, com ter sido contado pelo rei dos lyricos e pelo rei dos épicos da sua patria. Ficava esta do afortunado Asinio no Aventino, no atrio do templo da liberdade, boa deusa para protectora de estudos.

«A de Apollo, meio latina, meio grega, com muito acerto foi adjunta ao templo do deus das artes por Augusto, que a dedicou a sua esposa. A terceira erigiu-a o mesmo Augusto junto ao theatro de Marcello em honra de Octavia. De todas as tres ultimas bibliothecas faz elegante menção o nosso Ovidio, nas *Tristezas*, livro I, elegia 67.

«Estas foram as publicas mais notaveis; de outras muitas, como a de Sylla, e de Paulo Emilio, ha noticia,

ou boa suspeita; mas insistir mais na materia, já fôra demasia.

«Epiloguemos esta parte das nossas investigações com dizer que, apesar da carestia dos livros, nem por isso faltavam por lá, aos applicados, mananciaes para as suas sêdes, onde juntamente com os escriptos se encontrariam com eruditos e authores. Uma e outra cousa era, por exemplo, o bibliothecario da citada livraria apollinia, Hygino, o mythologo e poeta, favorecido do imperador, e amigo do nosso cantor dos *Fastos;* os outros bibliothecarios, homens de não menos substancia os devemos suppôr.

«As principaes thermas (*balnearia*, ou *ballinea*), grandiosos edificios publicos para banhos, estabelecimentos em que Roma abundou tanto, tinham tambem suas bibliothecas para recreação dos banhistas que folgassem de lêr, assim como para os outros havia os jogos, a musica, e Deus sabe que mais não havia!

«Os cidadãos que professavam letras, ou as amavam, colligiam livros nos seus proprios domicilios á medida dos seus haveres.

«Os senhores de casas de campo luxuosas e convivaes (*villæ*) curavam de ter n'ellas que lêr nos ocios rusticos do verão.

«De si se vê pois que as bibliothecas romanas se não podem descrever todas por um só padrão; variavam infinitamente em amplidão de casa, em copia, e luxo de manuscriptos, em singeleza ou fausto de accessorios.

«N'uma entrarieis que vos deslumbrassem olhos as paredes recobertas de embutidos de marfim, de vidro, de crystal ou de dourados, em ovaes, ou em lisonja, em quadrados, ou em parallelogrammos; n'esta vai revestimento de marmores e porfido.

«Aqui nos enlevam creações do pincel grego, fabulosas no assumpto, fabulosas na perfeição; alli encaustica, ou esculptura vos familiarisa com as feições dos escriptores principes, imagens ás vezes preciosas até pela materia, bronze, prata e ouro.

«Loureiros de chumbo dourado serpeados de vides pampanosas da mesma industria, aguentam na sua labyrinthada e lustrosa ramaria os volumes alindados, com arte dispostos, para chamarem a vista. Na pousada d'aquelle cidadão de menos alardo encarreiram-se os codices, e os rolos em estantes (*armaria*) lisas ou pintadas, ou esculpidas com mais ou menos custo, e com as suas prateleiras (*loculamenta*).

«O que nem a tanto póde chegar, contenta-se com sua estantesinha portatil (*forolus*).

«Guardam-se livros em caixas, ou gabinetes em que não entrem as moscas (*muscarium*).

«Conduzem-se do livreiro para casa, ou da casa para a quinta, em caixas, pendentes de correias (*capsa*).

«E os archivos particulares das casas nobres?! Alli entre as imagens de cêra dos gloriosos antepassados, todas com o seu nome e os seus titulos pendurados ao pescoço, se arrecadam com ciume as memorias escriptas dos feitos para que elles contribuiram no seu tempo; este quarto (*tablinum*) é, porque assim o digamos, o larario das glorias da familia; poderá vender-se a casa, mas o possessor estranho nunca terá direito de destruir ou desarranjar esta parte d'ella.

«Com tudo que deixamos dito, o livro não era entre os romanos um objecto vulgar, uma cousa para quasi todos, como hoje em dia. D'ahi os anagnostes.

«Anagnostes se chamavam uns escravos escolhidos, e de subido preço, de clara voz e saber copioso, empregados no officio de lerem alto para estudo ou recreação dos senhores e seus convivas em quanto estavam á mesa, com o que, ao passo que se refocilava o corpo com as iguarias, tambem o animo se pascia saborosamente.

«Nos conventos, quer de homens quer de mulheres, se manteve essa pratica até aos nossos dias, assim como foi tambem a igreja quem mais tenazmente nos veio conservando outros romanos estylos na architectura das vivendas, no trajar, nos templos, em accidentes do rito, póde ser que no canto, e de certo na linguagem, se

bem que barbarisada e desmatizada da pronuncia, ainda agora viva.

«Houve tambem anagnostes, ou ledores publicos. A roda se lhes devia ajuntar de orelhas tendidas a plebe indouta; como em Veneza, e outras partes de Italia, se apinhôa o populacho para escutar e applaudir os *novellatori*.

«A leitura em voz alta feita por um, gozada por muitos, deveu ser frequente n'uns tempos em que os escriptos, pelo seu custo elevado, se não deixavam colher da multidão; e a arte de bem lêr por conseguinte, menos rara e menos prenda do que hoje em dia.

«Outra moda bem boa d'aquella idade era a recitação dos poemas novos nos theatros. Como esses applausos não haviam de animar os authores favorecidos, e excitar proveitosas emulações!

«Por que se haviam de perder tão boas usanças? Invejo a quem as poder resuscitar sob qualquer fórma que seja. Tenho-o eu tentado por muitas vezes; mas só logrei imprimir-lhes, com uma galvanisação laboriosa, uma existencia ephemera. Assim nasceram e se finaram leituras publicas no theatro da ilha de S. Miguel; saraus de poesia e musica em Ponta Delgada, em Lisboa por duas vezes, em Leiria, no Porto, e em Coimbra. Ficará para outra vez e para melhor mão.

«Doze seculos, e mais, se devolvem após o estado em que temos visto as letras na grande Roma dos antigos. Apparece a imprensa. Que revolução! que transformação!

«Rompeu o verdadeiro dia intellectual. Acabou o livro lucubrado á mão, e a letra e letra; pullulam os livros estampados a braço, e a folha e folha.

«Que immensa conquista! E ainda com tudo não é bastante; alguns seculos mais, e as sciencias e as artes, desenvolvidas umas pelas outras, e todas pelo prelo, lhe fadarão, como boas fadas, novas e crescentes glorias, animando-o de uma actividade, de uma rapidez de movimentos, de uma presteza no produzir, que fatiguem os olhos e assombrem a imaginação.

«O papel, que se laborava a folha e folha, brota de dentro de machinas em torrentes sem fim; os typos, que se fundiam a um e um, chovem de dentro de machinas aos cardumes; outras machinas ensaiam já reunil-os e desgregal-os, compôr e decompôr; mais um fructo opimo que está amadurecendo!

«A prensa de vapor golfa, como torrentes de Niagara, as folhas mais amplas impressas pelas duas faces; os jornaes, os livros, as bibliothecas, se lhe amontoam em derredor!

«Que distancia do papyro a este papel! do copista a esta imprensa! d'aquelles desenhos pintados, a estas illustrações da gravura e da lithographia, reforçadas pela photographia e pelo galvanismo!

«A acceleração com o aperfeiçoamento seguiu pois, segue sempre, e ha de sempre seguir, a corporificação do pensamento para o commercio, cada vez mais necessario e mais cubiçado dos espiritos uns com os outros.

«Assim devia ser n'este seculo, que tem por mote a rapidez, a convivencia, condensação dos gozos e da vida.

«Não deixará elle algo que fazer aos que depois vierem? immenso.

«O vapor por terra e mar, chama pela navegação aerea; a agricultura, pelo vapor; o gaz, pela electricidade: o telegrapho, por algum novo prodigio.

«Assim, no assumpto que tratamos, não poucos problemas estão ainda para resolver: a abundancia, a barateza, o quasi gratuito do papel; a maior facilidade, a facilidade extrema, da composição typographica, ou um invento que se lhe avantage; a certeza de lucros proporcionaes a todo o escriptor util; e finalmente, sob pena de escandalosa contradicção, a maxima simplificação da escripta, a universalisação da escóla elementar, e n'ella a extirpação de uma vez para sempre de methodos de ensino confusos, ronceiros, barbaros, substituidos por methodos naturaes, congenitos á indole, aos gostos e ás necessidades da infancia e do povo!

«Infancia e povo são duas crianças

que estão ha dous mil annos por educar!»

ESCRIPTURAÇÃO MERCANTIL. «Para se estabelecer a escripturação por partidas dobradas são necessarios dous livros essenciaes, nos quaes os principios e resultado que este systema se propõe teem de ser desenvolvidos. São *Diario* e *Razão.*

«Os outros livros, não essenciaes ou auxiliares, podem ser tantos quantos assim o exigir a natureza do negocio de cada casa; os mais usuaes são: *Memorial — Caixa — Registros de letras a receber* e *de letras a pagar — Armazens — Facturas — Contas correntes — Balanços — Despezas* e outros.

«DOS LIVROS ESSENCIAES.—O *Diario*, que pela lei commercial se acha determinado, é o livro em que se lançam as operações do commerciante, debaixo de certas regras e formulas que reservamos tratar d'ellas n'outro estudo.

«Ordinariamente os lançamentos d'este livro são redigidos em face do livro *Memorial* e d'outros auxiliares, nos quaes se escrevem todas as condições e circumstancias attinentes ás operações effectuadas. E além d'isso, será bom a confrontação dos documentos comprovativos d'essas operações; podemos assim evitar enganos, que, por descuido e esquecimento de factos indispensaveis á redacção da partida, possam occasionar-se.

«N'este livro que abrimos com o activo e passivo do negociante assentamos a compra e venda de mercadorias, os saques, aceites e endosses de letras, o que se recebe e paga, sob qualquer designação que seja, as dividas activas, e passivas, o lucro ou perda que houver, e tudo o que actue sobre o estado dos haveres do commerciante; a historia do negocio em fim.

«Determinando o *Codigo*, art. 219, que o *Diario* seja escripto chronologicamente, sem lacunas, entrelinhas ou transportes para a margem, devemos escrevêl-o com todo o aceio e regularidade, em letra intelligivel, e redacção que mostre clara e succintamente a natureza da operação, e as estipulações constitutivas, e com referencia sempre aos documentos ou livros especiaes que esclareçam o lançamento; devem evitar-se emendas, raspaduras e borrões, porque este livro, que é o principal da escripturação e onde se contém a historia exacta e corrente de todos os actos commerciaes, será, como dispõe a lei, aquelle que em juizo melhor meio de prova offerecerá em caso de contestação judicial.

«Os artigos relativos a cada operação, são separados por um traço com intervallo para a data do artigo seguinte; e as importancias por que são passados, que se escrevem na columna geral, devemos sommal-as no fim de cada pagina e transportar a somma para a seguinte até fim de exercicio.

«Nos artigos do Diario põe-se á margem das contas n'elles enunciadas, os folios em que no Razão cada uma se acha aberta, quando para este livro forem transportadas.

«O livro de *Razão* é complementar do livro Diario, e ainda que este livro não seja determinado por lei, é certo, porém, que a sua existencia é essencialissima, não podendo do Diario deprehender-se o estado de qualquer conta, a não termos de passar todo o livro para se notarem as operações que a affectam no decurso de um exercicio; o que em grandes casas seria trabalho longo e sujeito a erros que podiam dar funestas consequencias.

«Como os lançamentos no Diario se fazem por ordem de datas, envolvendo por isso negociações que respeitam a diversas contas, abrem-se no livro de Razão contas por debito e credito distinctamente a cada devedor e credor, sob a mesma denominação com que no Diario a partida está redigida, para que as operações pertencentes a cada uma conta vão seguida e ordenadamente lançadas em sua conta propria, e d'esta maneira podermos conhecer em todo o tempo, o conjuncto das transacções

operadas com tal pessoa ou conta de cousa determinada; quanto nos devem, ou devemos a qualquer correspondente; o dinheiro entrado e sahido da caixa; as letras a receber e a pagar; a compra e venda de mercadorias; as despezas; e finalmente o lucro ou perda do negocio; e reunindo-se os saldos de todas estas diversas contas, pela comparação entre os do debito e os do credito, formar o balanço geral da situação do negociante, que demonstrará o capital liquido realisado do movimento de todos os valores.

«A duplicação de lançamentos que a arrumação d'este livro exige em qualquer operação, offerece o meio de se verificar a sua escriptura pela addição dos debitos e dos creditos das contas abertas, cujas sommas resultantes devem ser iguaes entre si, pois que uma quantia inscripta tambem no debito de uma conta é ao mesmo tempo inscripta tambem no credito d'outra, o que sustenta constantemente o equilibrio entre os dous lados divisorios das contas: e outrosim o total dos artigos do Diario deve ser igual tambem a uma d'aquellas sommas do debito ou do credito.

«Abrem-se as contas no Razão nas duas paginas em frente, servindo a do lado esquerdo para o debito e a do direito para o credito. A transposição de cada artigo do Diario para este livro é feita em uma só linha, por isso se deve resumir o motivo da operação de maneira que não occupe maior espaço.

«No riscado d'este livro ha duas columnas que são occupadas, a primeira com as paginas em que os artigos do Diario se acham inscriptos, e a segunda com o folio do Razão em que a conta correlativa do artigo n'elle se acha aberta; isto serve para facilitar a busca das contas que em qualquer operação haja necessidade de procurar.

«Tambem para se achar facilmente uma conta n'este livro, usa-se d'um indice ou repertorio, no qual, por ordem alphabetica, se dispõe todas as contas com a numeração da folha em que ellas se acham inscriptas.

«DOS LIVROS AUXILIARES. — *Memorial.*—Como se torna difficil escripturar o livro Diario directamente pelos materiaes que apresentam as negociações, sem se commetterem erros e emendas, o que é essencialmente prejudicial á sua validade; inventou-se este livro para n'elle se notarem todas as convenções, documentos e pormenores da negociação quando ella se faz, e pela pessoa, quer o proprio negociante quer o caixeiro, que concorreu para a effectuação d'ella, e á vista d'estes assentos em borrão, que podem ser alterados e emendados, formular-se depois a limpo os artigos no Diario.

«É preciso, em escripturação, não confiar na memoria nem em papeis avulsos, mas escrever o assento immediatamente n'este livro, em linguagem corrente e concisa, e sob uma fórmula qualquer, mas que indique promptamente a natureza da operação, e as contas a que se referir; tudo com exactidão, pois que qualquer erro commettido n'este livro póde occasionar identico no livro Diario, no extracto dos lançamentos para aquelle livro.

«A fórma do lançamento dos artigos sob os mesmos principios dos do Diario, que alguns guarda-livros adoptam, parece-nos inadmissivel, quanto mais que n'este livro nem todos os seus assentos teem de figurar no Diario, pois que n'elle se toma qualquer nota ou lembrança de operação muitas vezes não realisada, ou que tem de ser reunida a outras da mesma natureza por um artigo commum no Diario.

«Algumas casas ha que não carecem d'este livro, porque se servem de outros auxiliares onde lançam, com todos os pormenores, as compras e vendas diarias e d'elles extrahem para o Diario, semanal ou mensalmente, o total das operações realisadas n'esses periodos de tempo em um ou mais lançamentos collectivos.

«*Caixa.* — N'este livro assentamos o movimento diario das especies me-

tallicas com que o commerciante gira em seu negocio.

«Na pagina esquerda, debito, lançamos a receita, e na direita, credito, a despeza, com a especificação de quem se recebe ou a quem se paga e os motivos que fazem o assentamento.

«O primeiro lançamento n'este livro é na receita com a quantia das especies existentes.

«Quando queremos regular esta conta, sommam-se as parcellas das columnas do debito e do credito, e a differença que houver, a não serem ambas iguaes, da somma do credito para igualar a do debito, é o balanço representativo do dinheiro que necessariamente deve existir em cofre.

«É costume, no fim de cada mez, balançar-se este livro, traçando as sommas totaes das operações do mez, e passando o saldo demonstrativo do dinheiro que existe para o debito do mez seguinte.

«Se este balanço não conferir com a existencia do dinheiro, depois de uma verificação rigorosa lançar-se-ha no debito ou credito, conforme a differença fôr, a quantia precisa para restabelecer a conformidade entre ambas as partes, até que d'algum modo essa differença appareça.

«Para evitarmos descaminho de dinheiro confere-se, todos os dias, semanal ou quinzenalmente, a existencia metallica com o saldo que apresenta esta conta, que devem ser rigorosamente iguaes: o contrario denunciaria erro ou engano que seria preciso indagar a sua origem.

«Guarda-se este livro sómente em casas cujas transacções monetarias são frequentes e importantes; para aquellas com pequeno movimento a conta de *Caixa* aberta no Razão supprirá este livro.

«*Registros de letras a receber e de letras a pagar.*—Quando uma casa commercial aceita ou saca muitas letras, faz-se necessario livros especiaes onde se registrem estes effeitos; um para as letras a receber e outro para as letras a pagar.

«Na inscripção d'uma letra que sacamos, ou que nos endossam para cobrar a sua importancia, devemos exarar o lugar, data, e nome do sacador, o nome do aceitante ou sacado e o do endossante (o ultimo havendo mais que um); data d'entrada, importancia, prazo e vencimento.

«Tendo nós subscripto para o seu pagamento, consiste a inscripção em a data da aceitação, data e nome do sacador, prazo, vencimento e quantia.

«As letras que nos remettem, ou que nós remettemos, teem na sua inscripção de nomear-se tambem a pessoa de quem a recebemos ou aquella que recebe as nossas remessas.

«Estabelece-se, quando registramos a letra, um numero d'ordem, que se marca na letra, e continua seguidamente para as letras successivas, e com o qual tem de figurar depois no seu distrate.

«Esta mesma numeração serve na entrada e sahida da letra para notar o seu movimento em datas differentes; e por ella se determina facilmente aquellas que ainda não foram reguladas.

«Na casa d'observações que se deixa n'este livro, notamos a procedencia, pagamento, reforma ou outra qualquer nota conducente a esclarecer os incidentes das letras.

«*Livro de vencimentos.* — Para que saibamos quando se vencem as letras que temos a pagar, ou a cobrar, escrevemos, em livro, por ordem de seus vencimentos, e por serie de mezes, as letras que aceitamos ou que possuimos em carteira.

«Escusado se torna descrever toda a letra; basta, nas letras a receber, o nome do sacado, e nas letras a pagar o do sacador ou endossado, com o numero, quantia e dia do seu vencimento.

«Podemos em um só livro, nas duas paginas, direita e esquerda, assentar na primeira as letras a receber, e na segunda as letras a pagar; melhor porém será haver dous livros para cada qualidade de letras, principalmente quando estas são em grande numero.

«*Livro d'armazem.*—No debito d'este livro lançam-se as mercadorias que entram no armazem, e no credito as que sahem. O assentamento das mercadorias podemos fazel-o por ordem chronologica, envolvendo na mesma pagina as qualidades das diversas fazendas em que negociamos, ou abrindo conta a cada uma d'ellas em particular.

«Este ultimo modo é o que deve ser preferido, pois que pelo outro difficil será o apurar-se a existencia das diversas fazendas entradas e sahidas.

«Designa-se nos lançamentos d'entrada a data, numero de ordem (que se porá tambem na mercadoria), qualidade, quantidade, e procedencia. A sahida com as mesmas designações, sob o mesmo numero d'entrada, e o destino das mercadorias.

«Os mercadores de retalho, como as suas compras e vendas são muitas diariamente, podem ter um livro onde escrevam todas as compras e vendas, e d'ahi mensalmente, na sua totalidade, e sob uma verba para cada qualidade de mercadorias, passal-as para um livro geral d'armazem.

«Extrahe-se a existencia das mercadorias balançando-se as entradas e sahidas d'ellas, e essa existencia deve concordar com a das fazendas no armazem.

«Quando se não dê esta conformidade deve-se proceder á verificação dos lançamentos.

«Livros d'armazem ha com varias columnas para o preço, importancia e despezas das mercadorias compradas ou vendidas. Parece-me impraticavel notarem-se estas cousas n'um livro creado sómente para dar conta do movimento das entradas e sahidas das fazendas, pois que no livro de Razão, nas suas contas respectivas, lá se acham escripturadas, e porque quasi sempre o livro d'armazens é escripto por empregados que não estão ao facto do preço das transacções, nem de outras circumstancias só sabidas do proprio negociante.

«*Livro d'inventarios.* — Sendo o commerciante obrigado por lei commercial a fazer um inventario annual do seu activo e passivo, este é o livro destinado a conter a cópia textual do dito inventario.

«Logo no começo do negocio e depois annualmente, deve o commerciante fazer o inventario, para que conste a cifra de seu capital inicial, de modo que n'elle appareça a posição exacta do inventariante, mostrando o seu capital liquido, com a descripção de todo o seu activo e passivo, assignado pelo proprio negociante.

«*Copiador de cartas.* — É bem conhecido o uso d'este livro, que é copiar n'elle, ou transportar por meio da prensa de copiar, as cartas que o commerciante envia ás pessoas com que está em relações de commercio. Escrevemos textualmente a carta, com a data, nome da pessoa a quem é endereçada e lugar onde assiste.

«Nas ultimas folhas d'este livro, é costume fazer-se um indice, que indique por ordem alphabetica dos nomes dos correspondentes, as paginas aonde se acham transcriptas as cartas, para com facilidade procurarmos aquellas a que temos de recorrer na consulta de transacções que fazemos por ordens n'ellas contidas.

«A obrigação que o Codigo do Commercio prescreve para a arrumação d'este livro é correlativa á de emmassar e archivar as cartas recebidas.

«Este livro é indispensavel ao negociante, não só pela disposição da lei, como tambem pela necessidade que ha de guardar cópia das cartas em que se tratam e estipulam condições dos negocios.

«*Livro de facturas e compras de venda.*—A *factura* é «uma conta por miudo, que o negociante fórma do valor de uma mercadoria, ou adquirida por commissão para levar em descarga ao committente, ou remettida a outro por conta propria para servir de norma á venda.

«A factura deve conter a data, a expedição, o nome do que a faz, da pessoa a quem é remettida, o navio, recoveiro, barqueiro, as marcas e numeros dos pacotes, caixas ou volumes. N'ella deve expressar-se a es-

pecie, quantidade e qualidade das fazendas conteúdas nos pacotes, caixas ou volumes; bem como o numero, peso e medida, e despezas com as fazendas feitas, como direitos, commissão, corretagem, empacotagem, enfardelamento, encaixotamento e as mais despezas miudas.»

«A *factura d'envio*, ou *conta de venda*, resultado da venda que fazemos, copia-se n'este livro, com todas as circumstancias inherentes, para, em caso de descaminho da original, poder tirarmos duplicada; e para recorrermos a ella na redacção do artigo que registre este acto no Diario, o qual deve reportar-se a este livro para mais desenvolvimento da materia.

«A conta de compra que o vendedor nos entrega pelas fazendas que lhe compramos, deve-se tambem copiar, ou emmassar, para documento comprovativo, e para recurso das partes miudas da transacção a escripturar.

«*Livro de contas correntes.*—Quando entre duas casas commerciaes se estabelecem operações, que se tornam frequentes, a conta que estas operações occasionam chama-se conta corrente, e as suas importancias, tanto do debito como do credito, vencem um juro convencionado por ambas as partes, desde o dia da sua entrada ou sahida real até á liquidação final da conta.

«Este livro serve de formar-se essas contas, cujo extracto enviamos ao correspondente, no fim de cada anno commercial, por balanço, ou em qualquer época, para o seu regulamento de commum accordo, e a fim de serem fechadas no livro de Razão, onde tambem as transacções se acham registradas, mas sem as miudezas que n'este livro se deve exarar.

«Os outros livros auxiliares, taes como de despezas, de commissões, etc., são tão simples que escusado é dar d'elles explicações.» (Almeida Outeiro, *Estudos sobre escripturação mercantil*).

ESCULPTURA. «Por igual com a pintura, a esculptura reproduz os objectos creados, particularmente a fórma humana, a mais perfeita que encontramos no multiplo espectaculo d'este mundo sublunar. A pintura reproduz seu modêlo sobre superficie plana, mediante desenho e colorido; a esculptura traslada-o com relevo, em pau, argilla, marmore e outras substancias solidas, cuja natureza influe com certeza na obra do artista, mas menos do que cuida, pois que, se elle está bem compenetrado do seu modêlo, infallivelmente o reproduz. Deixa-nos a pintura entrever os objectos, digamol-o assim, imperceptiveis, e dá aos outros apparencias de movimento e vida, convisinha-os, dispõe-os em plano conveniente, e d'est'arte póde figurar complicadissimas scenas. Mais restricta em seu dominio, a esculptura imprime nos objectos que representa fórmas mais palpaveis e achegadas da realidade. Algumas vezes, com tudo, recorre aos effeitos da optica, atendo-se a luz e sombras, mormente no baixo relêvo. Pelo que, póde, como a pintura, produzir perfeitas illusões. O pedaço de pedra tosca em que o esculptor trabalhou, já não é um pedaço de marmore: eil-o transformado em real figura de homem. Debaixo d'este envoltorio immovel, está á vista adivinhando as partes todas complicadissimas do organismo: o peito respira, o coração pulsa, o sangue gira, os musculos arfam, dobram-se os joelhos, a mão gesticula... O que quer que seja ainda no intimo se denota nas partes superiores: estuam pensamentos n'esta cabeça expressiva; e direis que d'estes labios entreabertos e ridentes vai sahir a palavra que os ha de inteiramente descerrar.» (Abbade Picard).

2. Esculptores, Architectos e Entalhadores portuguezes.[1] —«ESCULPTORES E ENTALHADORES: *Affonso Lopes*. —Achei memoria de Affonso Lopes, Imaginario, em documento do real mosteiro da Batalha de 1534-1555.

[1] Incluimos os architectos, porque não entraram no lugar competente, artigo ARCHITECTURA.

«*Alexandre Justi.* — Egregio estatuario, natural de Roma. (Veja-se o que diz d'este sabio artista Volkmar Machado na Collecção de Memorias, etc. a pag. 260). Falleceu Justi em Portugal no anno de 1799, tendo vindo no de 1747. (Veja-se tambem a descripção analytica da estatua equestre de el-rei D. José I).

«*André Contucci Sansorino.* — Parece que nasceu em 1641, pouco mais ou menos, pois achamos que fallecera na sua patria no anno de 1529 de 68 de idade. *Foi celebre modelador, bom desenhador, e famoso na perspectiva*, diz o *Diccion. de Architectura* etc. de Roland le Virloys. Paris 1770. 3 vol. 4.º — Deixou a guarda dos rebanhos, diz ainda este escriptor, para ir a Florença, onde seguiu a escóla de Antonio Pollajolo, fazendo tamanhos progressos na esculptura, que foi *occupado nove annos por el-rei de Portugal.*

«Com effeito consta, que Contucci viera a Portugal para o serviço de el-rei D. João II, que o pedira a Lourenço de Medicis, o velho. Aqui achamos em memoria que fizera um bellissimo S. Marcos de marmore, e que modelára, em barro, uma batalha dada aos mouros. Voltou á Italia em 1500 (diz Volkmar, citando Vasari). O papa Julio II lhe fez fazer dous tumulos na igreja de N. S. del Populo em Roma, e Leão X lhe mandou fazer as esculpturas da Santa Casa em marmore, etc.

«*Antonio Ferreira.* — Foi mui distincto esculptor em barro, e cêra: e ainda que *não teve todas as luzes da arte* (diz um sabio artista e escriptor) teve o que se não adquire com o estudo, *o genio, inestimavel dom do céo, e tel-o em grau eminente: acham-se* cousas nas suas obras, *que encantam os mais escrupulosos intelligentes.* (Veja *Descripção da estatua equestre*, pag. 292).

«Volkmar, a pag. 256, diz: que *não parece possivel vêr modeladas em barro melhores figuras campestres que as que conhecemos d'este artista, raro do ultimo seculo* (XVIII).

«O pai de Ferreira, Dionysio Ferreira, tambem era pratico na *plastica* (ibid). São obras do filho os presepios da Cartuxa, da Madre de Deus, do Coração de Jesus, e outros. Na ermida do Senhor da Serra em Bellas ha uma gloria de Serafins cercando a imagem de Jesus Christo, que dizem ser d'elle, etc. (Veja o lugar citado de Volkmar, e tambem nas *Conversações sobre a pintura, esculptura, e architectura* a conversação IV, pag. 35, etc.)

«*Diogo de Carta.* — As cadeiras do côro, na capella-mór da igreja do Carmo de Lisboa, feitas de talha relevada, com variedade de exquisitas figuras, e acções mui naturaes, foram mandadas fazer em 1548 pelo mais insigne mestre que no reino havia, chamado Diogo de Carta (*Chronica do Carmo* por fr. José Pereira de Santa Anna, tom. I, pag. 578, e *Memorias* de fr. Manoel de Sá, pag. 390).

«*Diogo Pires, o moço.* — Fez o tumulo de pedra de Ançã de D. fr. João Coelho, commendador de Leça, fallecido em 1515, aonde se vê a sua estatua em relêvo, e o seu escudo de armas, e na frente a subscripção — *Diogo Pires o moço o fez.* — A elle parece dever-se attribuir a pia baptismal da mesma pedra *magnificamente lavrada*, que existe, bem como o tumulo, na igreja de *Leça do Balio*, e o bem trabalhado cruzeiro, á moda d'aquelle tempo, com crucifixo e letreiro, e o anno 1514. (Veja *Nov. Malt. Portug.*, tom. III, pag. 98 e 99).

«*Dionysio Ferreira.* — (Veja-se *Antonio Ferreira*).

«*Duarte Mendes.* — Vem em um documento da Batalha nomeado *entalhador* em 1535.

«*Francisco de Assis Rodrigues.* — É ao presente professor de esculptura na academia de bellas-artes de Lisboa, e a juizo de pessoas intelligentes é o melhor esculptor, que actualmente honra a escóla portugueza.

«Em 1829, fallecendo seu pai, que era professor substituto da aula e laboratorio de esculptura, e abrindo-se concurso para o provimento do lugar vago, concorreu a elle o snr. Assis, e apresentou a sua *Memoria de esculptura* por escripto, a qual mereceu a pre-

ferencia, e foi impressa no mesmo anno em 4.º

«Pelo estabelecimento, e organisação da academia das bellas-artes, ficou o snr. Assis *professor proprietario da aula de esculptura*, lugar que até agora tem desempenhado com dignidade e com grande magisterio.

«Escreveu e publicou pela imprensa — *Methodo das proporções e anatomia do corpo humano, dedicado á mocidade estudiosa, que se applica ás artes do desenho*. Lisboa 1836 em folh. — obra que mostra a grande pericia do artista-escriptor, e não menos a sua erudição, e apurado gosto.

«*Gil Eannes*. — Vem nomeado com o titulo de *Imaginador* em um documento do real mosteiro da Batalha do anno de 1465.

«*Henrique Francez*. — Vem qualificado *Entalhador* em documento de 1535 do mesmo mosteiro.

«*Ignacio Caetano*. — Natural de Lisboa, filho do tenente de cavallaria de Chaves João Caetano, cavalleiro da ordem de Christo. Destinou-se á profissão de entalhador, e tem exercitado esta arte no arsenal de marinha, aonde é sempre encarregado das obras que demandam mais perfeito desempenho. A sua curiosidade e natural propensão o inclinaram á bella arte da esculptura; e posto que carecesse dos principios fundamentaes theoricos do desenho (a que agora se applica com cuidado) com tudo as suas obras mostram genio, e promettem um distincto artista. As de que temos noticia são a da capella-mór da parochia de S. Lourenço de Carnide, e o cancello na capella do Santissimo na igreja de S. Paulo d'esta cidade. São tambem da sua mão o busto de el-rei D. Fernando em madeira, e os dous do principe real em madeira, e em cêra, tirados ao natural, os quaes se acham todos no palacio das Necessidades, e por elles mereceu o artista que suas magestades o premiassem com real munificencia. Tambem trabalha de *estucador* em relevo, e são obra sua os ornatos, e armas que se veem na frente da escada do palacio do exc.mo conde de Vianna.

«*Jeronymo Corrêa*. — *Insigne entalhador* lhe chama a *Chronica de S. Domingos*, tom. IV, pag. 99 e 101, dizendo ser obra d'elle o retabulo da capella-mór do templo do mosteiro de Bemfica, que elle desempenhára *com todo o desvelo e primor da arte*.

«*João de Ruam*. — Na obra intitulada *Descripção e debuxo do mosteiro de Santa Cruz em Coimbra*, escripta em S. Vicente de Lisboa pelo prior D. Francisco em 1540, e impressa em Santa Cruz de Coimbra em 1541 em 4.º descrevendo-se a fabrica do mosteiro e seus claustros, se faz menção *dos retabulos mui delicados de pedra* (que ainda hoje alli se vêem, posto que damnificados pelo tempo) e se dizem feitos *por mão de João de Ruam, e d'outros grandes officiaes*. Era isto em tempo de el-rei D. João III.

«*João Frederico Ludovici*. — (Veja-se ácerca d'este artista o que diz Volkmar a pag. 176, e seg).

«José Pereira de Santa Anna, na *Chronica do Carmo*, tom. I, pag. 581, chama-lhe *insigne artifice*, e diz que fabricára seis castiçaes modernos, que serviam na igreja do Carmo nos dias festivos, e eram (diz) estimadissimos *pelo primor com que estavam feitos*. Appareceram a primeira vez em 1718, e custaram pouco mais ou menos seis mil cruzados.

«No lugar citado de Volkmar se diz a sua naturalidade, os seus estudos, os exercicios variados da arte e obras que desempenhou, etc.

«*João Gonçalves Rua*. — Chama-se *entalhador* em um documento do cartorio do mosteiro da Batalha de 1536.

«*João José Braga*. — Esculptor portuense, que falleceu da colera-morbus, durante o cerco d'aquella heroica cidade. — Era eminente em representar em barro meninos em differentes attitudes. Os dous, que se vêem no museu do snr. Allen, estão, um d'elles a dormir, e o outro no momento de acordar do somno. Que carnes tão morbidas! que expressão! que graça! que naturalidade! Se este artista tivesse nascido francez, ou inglez, em poucos annos teria adquiri-

do riquezas, e a fama dos seus talentos teria resoado em todos os angulos do mundo. Era portuguez, e apenas se sabe aonde está enterrado! (*Mus. Portuense*, n.º 10, pag. 154).

«*Joaquim Machado de Castro.* — Foi um dos mais habeis e mais sabios artistas dos nossos tempos modernos. Da sua grande pericia nas bellas-artes dá testemunho a magnifica obra da estatua equestre de el-rei D. José I, que vemos e admiramos na grande praça do chamado, ainda hoje, *Terreiro do Paço* de Lisboa; e dos seus conhecimentos e instrucção scientifica temos abonada prova (entre outras obras que compoz, e imprimiu) na *Descripção analytica* da mesma estatua e dos trabalhos artisticos que precederam, e acompanharam a sua execução, e collocação, obra que elle mesmo compoz e se imprimiu em Lisboa na *Impressa Regia* em 1810 em 4.º

«Tudo o que é obra de *esculptura* na estatua, e seus ornamentos, pertence a Joaquim Machado de Castro; e com grande ignorancia, ou malevolencia, se tem pretendido dar o merecimento d'esta grande obra a Bartholomeu da Costa, que foi o *fundidor*, e que executou na verdade a fundição com rara intelligencia, e felicidade, mas que não foi o *esculptor* nem o *modelador*, que são os trabalhos mais difficeis e delicados da arte.

«Eu possuo as *quatro estações* do anno de obra plastica, executadas por Joaquim Machado de Castro. (Veja-se Volkmar a pag. 265, aonde dá mais ampla idéa d'este excellente artista, e das suas obras).

«*José de Almeida.* — (Veja Volkmar pag. 253 e seg.) e a *Descripção analytica da estatua equestre*, pag. 292.

«*Manoel Dias.* — (Veja *Descripção analytica da estatua equestre*, pag. 292). A imagem da Senhora do Soccorro, que pelos annos de 1745 existia na sua capella, no convento do Carmo, era *obra do famoso Manoel Dias* (diz a *Chronica do Carmo*, tom. I, pag. 671), *feita nos primeiros annos, em que exercitou a sua arte, e d'elle fazemos menção, por ser na opinião de todos o mais insigne dos estatuarios que tem o reino.*

«Era tambem de Manoel Dias a imagem do martyr S. Anastacio, que se venerava na mesma igreja do Carmo. (Ib., tom. I, pag. 705).

«*Manoel Pereira.* — Este excellente esculptor viveu e deixou as suas obras em Castella; falleceu em 1667 com 63 annos de idade, por onde entendemos que nasceu em 1604. (Veja a respeito d'elle Cyrillo Volkmar Machado a pag. 251, e Pallomino ahi citado).

«Ponz, na sua viagem de Hespanha, dá-nos noticia das seguintes obras de *Pereira*:

«1. Na parochia de Santo André em Madrid, uma estatua do Santo sobre a porta.

«2. Na capella dedicada a S. Isidro, lavradas as *estatuas dos SS. Lavradores*, que passaram para os pilares da capella-mór da igreja de S. Isidro.

«3. No nicho da porta que olha para a praça, chamada da Cevada, a estatua do Santo (Isidro) que depois se pôz na igreja real do mesmo.

«4. Outra estatua de Nossa Senhora com o menino nos braços.

«5. Na igreja do Rozario dos PP. dominicanos, o *Santo Christo do perdão*.

«6. Na parochia e mosteiro de S. Martinho, a estatua do Santo, partindo a capa com Christo, e outra de S. Bento.

«7. Na igreja de Santo Antonio dos portuguezes em Madrid, duas estatuas do Santo.

«8. Na igreja das benedictinas de S. Placido, as quatro estatuas dos pilares da cupula.

«O *Diccionario* de *Roland le Virloys*, que já temos citado, fazendo menção de Emmanuel Pereira, *esculptor portuguez*, diz que elle fallecera em 1667, de 67 annos de idade; e que fizera muitas estatuas para a côrte de Madrid, e para differentes igrejas de Hespanha.

«Indo eu no anno de 1821 visitar a igreja dos dominicanos de Bemfica, em companhia do nosso bem conhecido artista Sequeira, e admirando o Santo Christo de vulto, em grande, que se venerava no altar do cruzeiro

do lado do Evangelho, me assegurou Sequeira, que era obra do nosso eminente esculptor *Manoel Pereira*, fazendo-me notar algumas bellezas d'ella, assim como de outra no altar fronteiro de N. Senhora com o menino nos braços.

«Sobre o arco cruzeiro estão outras duas estatuas de S. Jacintho, e S. Pedro martyr, que se diz serem do mesmo Manoel Pereira.

«Ponz diz que ha na Cartuxa de Miraflores, perto de Burgos, uma *bellissima estatua de S. Bruno da mesma mão* (diz) *da que está em tanta estimação sobre a porta da Hospedaria da rua de Alcalá da côrte de Madrid, isto é, de Manoel Pereira.*

«*Maria Josepha.* — Esta donzella, e outra sua irmã, por nome Thomazia Luiza Angelica, ambas de honestissimo procedimento, filhas de Ignacio da Silva, escrivão do juizo de Malta, e de sua mulher Garcia Thereza de Jesus, naturaes da freguezia de Santo Ildefonso, da cidade do Porto, *formaram de cêra tudo o que póde idear a imaginação, ou copiar a arte.* Em cêra imprimiam retratos perfeitissimos, figuravam arvores, flôres, fructos, etc., realçando tudo com bellas côres, e tão naturaes, que enganavam os olhos, tomando-se por natural uma rosa, um pomo, etc. O mimo e delicadeza de suas obras mereceram os elogios das pessoas reaes, e de todos os que sabiam avaliar tão raras perfeições. Viviam no seculo XVIII, quando escrevia Rebello a *Descripção do Porto*, d'onde tiramos esta noticia.

«*Nicolau Francez.* — Grande estatuario lhe chama Duarte Nunes de Leão na *Descripção de Portugal*, cap. 23, aonde diz que fizera *o excellente retabulo de Nossa Senhora da Penha de Cintra, com suas figuras de relêvo, o qual é de uma pedra branca finissima, e lustrosa, que se acha na mesma serra de Cintra.* Luiz Mendes de Vasconcellos, *Sitio de Lisboa*, pag. 209, fallando do convento de Cintra diz: que *é mui notavel pela perfeita esculptura do retabulo, que é todo de pedra, admiravelmente lavrado.*

«Faria e Sousa, na *Europa portugueza*, tom. III. part. III, cap. 12, diz que este retabulo (que qualifica de *maravilhosa sumptuosidade*) é todo de alabastro, mandado fazer por el-rei D. João III, por occasião do nascimento do principe D. Manoel.

«Jorge Cardoso, no *Agiologio*, nota ao dia 8 de abril, diz que o bello retabulo do convento da Pena de Cintra. de religiosos de S. Jeronymo, em que se veem *muitos baixos releros de excellente fabrica*, fôra mandado fazer por el-rei D. João III, *pelo insigne artifice mestre Nicolau Italiano*

«*Pedro de Frias.* — Uma parte, com que foi acrescentado, pelos annos de 1510, o retabulo da capella-mór da igreja do Carmo de Lisboa, foi feita de madeira por Pedro de Frias, que nas memorias da Ordem se qualifica de *grande marceneiro* d'aquelle tempo. É *feita de semblagem com columnas*, diz a *Chronica do Carmo*, tom. I, pag. 580.

«*Pedro Taca.* — Era *entalhador*, e vivia pelos annos 1549 e 1561 em que o acho commemorado em documentos da Batalha, por onde parece que trabalharia em obras d'aquella casa.

«*Thomazia Luiza Angelica.* — (Veja-se acima o artigo *Maria Josepha*, aonde fazemos menção d'esta sua irmã, e da admiravel prenda de que ambas eram dotadas).

«ARCHITECTOS: *Affonso Alvares.* — Foi architecto de el-rei D. Sebastião, que em alvará de 15 de março de 1571 lhe chama — *Mestre das minhas obras.*

«Fez a traça para o mosteiro de S. Bento, que por aquelles annos se intentava edificar em Lisboa, como consta da *Benedictina Lusit.*, tom. II, pag. 419.

«Volkmar Machado faz menção d'este architecto entre os distinctos do seu tempo, e diz que tivera *a ordem da cavallaria.*

«*Affonso Dominques.* — (Veja-se o que escrevi d'este architecto na *Memoria historica* das obras do real mosteiro da Batalha).

«Fr. Manoel dos Santos, na *Monarchia Lusit.*, part. VIII, pag. 784, diz que

Affonso Domingues, *architecto do convento da Batalha*, fôra natural de Lisboa, e da freguezia da Magdalena.

«*Affonso Martins.* — Foi o mestre da obra do real mosteiro de Odivellas, fundado por el-rei D. Diniz, como consta de um documento da sé de Lisboa de 1324, citado na *Monarchia Lusit.*, part. v, liv. 17, cap. 23.

«*Affonso de Moraes.* — Acho em memoria que o claustro de S. Francisco de Evora, obra grandiosa, fôra obra de Affonso de Moraes, e que assim consta de uma pedra do mesmo claustro em que tambem se lê o anno 1376 (anno vulgar — ou era?).

«*Balthazar Alvares.* — Foi um dos que fizeram o risco para o edificio do primitivo collegio de S. Bento de Coimbra, como consta das actas da junta de 13 de junho de 1600, no archivo da secretaria da congregação; mas não sabemos se o seu risco se executou; executou-se porém a traça que deu para o mosteiro grande de S. Bento de Lisboa, chamado *da Saude*, o qual se começou a edificar em 1598, e é de tal architectura, que parece bastante para acreditar este insigne mestre, a quem fr. Leão de S. Thomaz chama *famoso architecto.* (*Benedict. Lusit.*, tom. II, pag. 428). Era sobrinho do architecto de el-rei Affonso Alvares, de quem já fallamos. (Veja Volkmar, pag. 161).

«*Conde de Tarouca.* — Este illustre fidalgo, que foi ministro plenipotenciario de el-rei D. João V em Hollanda, e em Vienna d'Austria, teve largos conhecimentos em architectura, e foi mui perito n'esta arte, a ponto de ser taxado de excessivo no exercicio de tão excellente prenda. D'elle diz o cavalleiro Oliveira, que os seus estudos em architectura *começaram na Cotovia, continuaram em Hollanda, e o acompanharam em Vienna até á sepultura.*

«*Diogo Marques.* — Foi architecto de el-rei, e vivia pelos fins do seculo XVI. Fez riscos para alguns mosteiros benedictinos, e entre elles para o de S. Bento da Victoria do Porto, que é de boa architectura, e tambem para o collegio de Coimbra. Consta das *Actas capitul. da Congregação de S. Bento*, junta de 13 de junho de 1600.

«*Diogo de Torralva.* — Era mestre das obras do grande mosteiro de Belem, em 1557, quando para alli se trasladaram os ossos do fundador el-rei D. Manoel. (Veja a *Trasladação dos ossos*, etc., impressa com as obras do bispo Pinheiro em 1784, 2 vol. em 8.º)

«*Diogo Telles.* — Engenheiro. Esteve em Allemanha, aonde serviu por alguns annos ao imperador, com boa opinião.

«El-rei D. João III o mandou chamar, e ordenou que elle acompanhasse a Miguel da Arruda (de que adiante fallaremos) quando segunda vez o mandou examinar os lugares d'Africa e suas fortificações. (*Chron. de el-rei D. João* III. Part. IV, cap. 44).

«*Domingos Domingues.* — Foi mestre da obra do claustro do real mosteiro de Alcobaça, mandado fazer por el-rei D. Diniz, como consta do letreiro entalhado em marmore, que se lê no mesmo claustro, defronte da porta do capitulo, e vem copiado na *Monarch. Lusit.*, part. VI, liv. 19, cap. 44. Foi lançada a primeira pedra da obra no anno vulgar de 1310 (era de 1348).

«*Eugenio dos Santos.* — Foi o architecto da moderna Lisboa. (Veja Volkmar).

«*Fernam de Evora.* — Foi sobrinho de Martim Vasques (de que em seu lugar fallaremos) e lhe succedeu no cargo de mestre das obras do insigne mosteiro da Batalha, de que já estava provido em 1440. Vem nomeado em varios documentos do archivo d'aquella casa desde 1448 até 1473. (Veja a minha *Memoria historica* das obras da Batalha nas collecções da academia real das sciencias de Lisboa).

«*Fr. João Turriano.* — Foi filho de Leonardo Turriano, homem mui intelligente em obras de fortificação, e que n'isso trabalhou n'este reino, e de sua mulher D. Maria Manoel, pessoas nobres.

«Aos 18 para 19 annos tomou o habito de S. Bento no mosteiro de Lisboa, a 29 de novembro de 1629.

Sempre occupado nos estudos do desenho, e no risco de obras de architectura, a que o inclinavam os papeis de seu pai, sahiu insigne n'estas artes. — Seguiu os estudos da congregação benedictina com louvor, e mereceu ser nomeado *passante*.

«Foi lente de mathematica na universidade de Coimbra, e el-rei D. João IV o nomeou engenheiro-mór do reino, lugar que seu pai tinha occupado. — Serviu a este monarcha 13 annos, e foi o que delineou as capellas-móres das sés de Vizeu e Leiria, além das obras do mosteiro de Alcobaça, e das fortificações do reino, em que foi empregado.

«Fez a fortaleza de *Cabeça Secca*, e outras; traçou o mosteiro novo de Santa Clara de Coimbra; o dormitorio novo, e hospedarias do mosteiro das religiosas benedictinas de Semide; o dormitorio novo de Alcobaça; o das inglezinhas de Lisboa; o novo de Odivellas; o benedictino da Estrella; o de Travanca, e a igreja nova de Santo Thyrso; e desenhou o mosteiro de Lisboa, etc. etc.

«Por morte do P. M. fr. Pedro de Menezes, tambem benedictino, e lente de mathematica na universidade de Coimbra, occupou Turriano aquella cadeira por votos dos estudantes, em renhida opposição com o dr. Gaspar de Mery, e a leu por varios annos. — Falleceu em Lisboa, e jaz na capella-mór do templo de S. Bento da Saude, aonde tem sepultura, com este epitaphio: *Sepultura do M. R. P. M. fr. João Turriano, lente de mathematica, que foi, na universidade de Coimbra. Falleceu a 9 de fevereiro de 1679.*

«*Francisco Pires*. — *Grande mestre de obras* lhe chama Gaspar Corrêa, nas *Lendas da India*, ms., tom IV, pag. 343, verso. Ahi diz que Francisco Pires fôra mandado por el-rei á India para fazer a nova fortaleza de *Moçambique*; mas que tomando a nau de Lourenço Pires de Tavora (com quem elle ia) por fóra da ilha de S. Lourenço, não fizera aquella fortaleza; mas que dirigira a obra da *de Diu*, fundada pelo grande D. João de Castro depois da famosa victoria, com que terminou o cerco d'aquella praça. Lançou-se a primeira pedra d'esta obra a 24 de novembro de 1546.

«*Henrique Guilherme de Oliveira*. — Foi architecto civil do principe regente (depois rei D. João VI). Em 1800 escreveu uma *Memoria, em a qual se mostra o estado da real valla de Alpiaça, e sitios adjacentes, seu melhoramento, e utilidades que d'elle resultam.* N'esta Memoria (ms.) vem desenhada a carta do Tejo, e suas beiras, desde a Chamusca até Porto-de-Muge.

«*Inofre de Carvalho*. — De Inofre de Carvalho, grande architecto, que el-rei D. Sebastião mandára reformar a fortaleza de Ormuz, falla Diogo de Couto, Dec. 7, liv. 7, cap. 10. Ahi mesmo diz que elle ordenára uma machina de madeira sobre rodas altas, para a guerra que D. Antão de Noronha fazia aos turcos, quando estavam de cerco sobre Baharêm.

«*Jeronymo de Ruam*. — Foi architecto da infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manoel, a qual lhe encarregou a traça da capella da Senhora da Luz, que mandava edificar no convento da Luz da ordem de Christo, recommendando-lhe que fosse *uma das melhores cousas da Europa*. (Veja a *Historia do insigne apparecimento da imagem de Nossa Senhora da Luz* por fr. Roque do Soveral, 1610, aonde se descreve esta capella, e a perfeição do seu artificio). A recommendação da infanta basta para mostrar a confiança que ella tinha na pericia do architecto.

«*João Affonso*. — Foi mestre da obra do castello de Mourão, fundado por el-rei D. Affonso IV em 1313.

«*João de Castilho*. — Diogo Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusit.*, lhe chama *famoso architecto do seu tempo*, e diz que fôra pai de fr. Diogo de Castilho: e a *Bibliotheca histor.* acrescenta que fôra filho seu Antonio de Castilho, natural de Thomar.

«Desenhou o grandioso templo do convento da ordem de Christo em Thomar, e o dos PP. Jeronymos de Belem em Lisboa.

«El-rei D. Manoel pelos annos de 1519 lhe tinha encarregado as obras

da sacristia e livraria do mosteiro de Alcobaça, e era chamado — *Mestre das obras de el-rei.* (Real archivo da torre do tombo, *Corp. Chronolog.*, part. I, maço 24, n.º 4, e 101).

«Por um alvará de 23 de setembro de 1522 mandava el-rei D. João III dar a João de Castilho, *mestre das obras de Belem*, mil cruzados por conta da empreitada, *ora com elle novamente ajustada sobre o fazimento das abobadas e pilares do cruzeiro da igreja.* (Real archivo, *Corp. Chronolog.*, part. I, maço 28, n.º 90).

«Por alvará de el-rei de 4 de junho de 1528 foi João de Castilho nomeado *mestre das obras da Batalha*, que vagára por morte de mestre Matheus. (Liv. 14.º da Chancellar. d'el-rei D. João III, a fl. 138 no real archivo).

«*João Fernandes* e *Vasco Braz.* — Foram os mestres que construiram os muros e fortificações de Lisboa em tempo de el-rei D. Fernando, concluindo esta grande obra em dous annos, desde 1373 até 1375. Vem tambem nomeados na inscripção do arco do marquez de Alegrete. (*Panorama*, vol. II, pag. 339).

«*João Froilaco.* — Construiu a fabrica do mosteiro cisterciense de S. João de Tarouca no seculo XII, segundo a *Chron. de Cister*, liv. 2, cap. 4, e a *Monarchia Lusitana*, part. III.

«*João Garcia.* — Foi mestre e vedor das obras de el-rei D. Fernando, como se vê da inscripção que existe no claustro do mosteiro benedictino de S. João de Pendorada, em letra allemã minuscula, d'este theor: «*Era de 1420 annos don affonso martins abade deste moesteiro mandou fazer a obra desta craastra por star maa, e foi feita por mão de iohn garcia de toledo, mestre e veedor das obras delrey don fernando: pater noster.*» A identidade do nome, e do tempo, me faz crêr que foi este mesmo João Garcia o que fez a obra da collegiada de Guimarães, no proximo reinado de el-rei D. João I, segundo o letreiro gravado na parede do templo, e commemorado por Soares da Silva no tom. II das *Memorias* d'este monarcha.

«*João Nunes Tinoco.* — Existe na bibliotheca da real casa das Necessidades um livro ms. em fol., em que se lê este titulo: *Livro das praças de Portugal com suas fortificações, desenhadas pelos engenheiros de sua magestade, etc., delineadas por João Nunes Tinoco, architecto de sua magestade. Anno de 1663.* — E acrescenta: *Este livro mandou fazer o senhor conde da Torre.*

«*João Vicente Cazali*, florentino. — Frade servita, architecto, esculptor. e pintor. Falleceu em 1593, de 54 annos. Veio a Portugal, chamado por D. Philippe II para reparar algumas fortalezas do reino. (Veja o *Diccion. de Architect.*, etc., por Mr. C. F. Roland de Virloys. Paris 1770, 3 vol. em 4.º).

«*Leonardo Turriano.* — Foi engenheiro-mór do reino, pai de fr. João Turriano, de quem ha pouco fallamos.

«Entre os mss. da livraria do collegio de S. Bento de Coimbra havia um que tratava (se a memoria me não engana) das fortificações das ilhas dos Açores, e seus desenhos, obra d'este architecto.

«*Manoel da Maya.* — (Veja a *Collecção das Memor. dos Pintores, Esculptores*, etc., por Volkmar Machado, a pag. 194).

«*Martim Vasques.* — Foi um dos mestres das obras do mosteiro da Batalha, em cuja direcção succedeu a mestre Huet, ou Ouget, ou Huget, de que acima fallamos. Tinha sido apparelhador da obra de pedraria em tempo do fundador el-rei D. João I.

«El-rei D. Duarte o nomeou mestre e divisador das obras por carta sua dada no anno de 1438. E el-rei D. Affonso V o confirmou n'este cargo em junho de 1449, como consta do liv. 2.º da sua chancellaria.

«Em 1448 já era fallecido, como consta de um documento do mosteiro da Batalha d'esse anno, em que figura *Brites Lopes, mulher que foi de Martim Vasques, mestre que foi das obras do mosteiro de Santa Maria da Victoria.*

«Segundo o juizo que fizemos do tempo em que se edificaram as differentes peças d'aquelle grandioso edi-

ficio, classificamos a Martim Vasques em ordem inferior á dos mestres que lhe precederam. (Veja-se a nossa *Memoria historica* das obras da Batalha, já citada, nas Collecções da academia real das sciencias de Lisboa).

«*Matheus Fernandes 1.º* — Foi este architecto o que delineou e executou no mosteiro da Batalha a soberba obra da chamada *Capella imperfeita*. (Veja a citada *Memoria historica*).

«*Matheus Fernandes 2.º* — Foi filho do antecedente, e tambem mestre das obras da Batalha. (Veja a *Memor. histor.* e o que fica notado acima no artigo *João de Castilho*).

«*Mestre Huet*, *Hugel* ou *Ouguet*. — De todos estes modos achamos escripto nos documentos do mosteiro da Batalha o nome d'este architecto, um dos mais benemeritos (a nosso parecer) que dirigiram aquella grande obra no tempo de el-rei D. João I, seu fundador.

O primeiro documento em que se nomeia este mestre é de 1402, por onde nos parece ter sido o segundo architecto da Batalha, e successor de Affonso Domingues, de quem já fallamos. (Veja a *Memoria historica* já citada).

«Temos por mui provavel que falleceu em 1438, ou pouco antes, e que a elle se deve attribuir a execução da obra do capitulo e claustro real, e talvez o fim do templo e da capella real.

«*Miguel da Arruda*. — Foi *mestre das obras das fortalezas d'estes reinos*, onde vivia e servia no reinado de D. João III. — Foi elle o que delineou a fortaleza nova que el-rei mandava fazer em Moçambique, em tempo do illustre D. João de Castro, como consta da carta de el-rei para este governador, que possuimos original, escripta a 8 de março de 1546.

«Em 1519 foi mandado a Africa, quando el-rei quiz que se fizesse o forte do *Seinal* para defesa de Alcacere. (Andrade, *Chron. de el-rei D. João* III, part. IV, cap. 35 e seg.)

«*Miguel le Bouteux*. — Foi um dos artistas, que em tempo de el-rei D. João V vieram para Portugal, e aqui restauraram a pratica e gosto das bellas-artes. Nas *Memorias de Malta*, impressas n'aquelle tempo, vem o mappa da ilha gravado por este artista, e na firma se lê: — *Michael le Bouleux Architectus Regis sculpsit. 1736.*

«*Miguel Fernandes*. — Vivia nos principios do seculo XVIII, e é obra sua a planta e risco da actual igreja do mosteiro benedictino de S. João Baptista de Pendorada, a qual se mandou executar no capitulo geral do anno de 1725.

«*Nicolau de Frias*. — (Veja Volkmar a pag. 161).

«Foi um dos architectos que acompanharam a el-rei D. Sebastião na infausta empresa de Africa, e diz a *Chron. de fr. Bernardo da Cruz*, que na marcha do exercito de Arzilla para Larache iam *para sitiadores do campo Philippe Estercio italiano, e Nicolau de Frias, grandes architectos*.

«Sousa faz menção de Nicolau na *Hist. de S. Domingos*, part. I. liv. 1, cap. 27, fallando de uma religiosa de virtude, que fôra sua irmã.

«*Pedro Nunes Tinoco*. — Era em 1620 architecto do priorado do Crato, e depois o foi de el-rei. Delineou — *Plantas e perfis das igrejas e villas do Crato* — ms. que se guarda na livraria do excellentissimo marquez de Castello-Melhor, e é o n.º 322 da *numeração provisoria* dos mss.

«*Philippe Brias, flamengo*. — Foi perito em architectura militar, e serviu na India em tempo do vice-rei D. Luiz de Athaide, por cuja ordem construiu a nova fortaleza de Braçalôr.

«*Philippe Tersio*. — Engenheiro italiano. Delineou o forte de cinco baluartes, que defende a barra do Ave em villa do Conde. Fez o grande aqueducto que traz agua ao convento de religiosas da mesma villa, e tambem os arcos das aguas da cidade de Coimbra.

«Acompanhando a el-rei D. Sebastião á infausta expedição d'Africa, como *divisador do campo*, ficou captivo em poder dos barbaros na batalha de 4 de agosto de 1578.

«O cardeal rei, que mandava a africa D. Rodrigo de Menezes para tratar do resgate do corpo de el-rei, escre-

veu-lhe em 6 de setembro de 1578 as seguintes palavras: — *Tereis cuidado e lembrança de mandardes saber de Philippe Tercio, que é um engenheiro italiano, que ia no exercito do senhor rei meu sobrinho, que Deus tem, e o fareis resgatar logo, porque é homem util, e que convem para o serviço da sua profissão.*

«*Sebastião Tibão.* — Fez d'elle menção Diogo de Couto, Decad. 12, liv. 4, cap. 1, qualificando-o de *grande engenheiro*, e presumia que elle seria *flamengo de nação.* — Servia na India pelos annos de 1599, e tinha o titulo de *engenheiro-mór*, como se collige do mesmo Couto no lugar citado, e nos cap. seg.

«*Simão de Ruam.* — Engenheiro, *homem de singular industria e engenho, e não menos valor.* Servia na India no tempo do vice-rei D. Luiz de Athaide, que depois da conquista de Onor o deixou alli por mestre da nova fortificação que mandou fazer, e concluida ella, o encarregou de fazer o seu debuxo para o mandar a el-rei). *Hist. da India*, por Antonio Pinto Pereira, liv. 1, cap. 14.

«*Thomaz Fernandes.* — Falla d'elle Damião de Goes na *Chron. de el-rei* D. Manoel, part. II, cap. 16, e diz que era na India *mestre das obras de el-rei*, e que havia feito *todas as fortalezas que lá tinhamos até o anno de 1506.* O mesmo tinha dito Castanheda, na *Hist. da India*, liv. II, cap. 45, chamando-lhe *homem de bom saber na sua arte, e de subtil engenho.*

«*Valentim.* — Rebello, na *Descripção do Porto*, faz menção de um discipulo de Miguel Angelo, chamado Valentim, que foi o author da admiravel fabrica da cathedral do Porto. (Veja a dita obra, pag 58).

«*Vasco Bras.* — Veja acima o art. *João Fernandes.*»

ESMALTE. «Dos esmaltadores antigos pouco posso dizer. Nem os historiadores, nem os monumentos das antigas eras, comprehendendo até o brilhante periodo da civilisação romana no tempo dos primeiros Cesares, nos deixaram, que eu saiba, documentos precisos para discorrer com segurança sobre a natureza e applicações dos esmaltes.

«São os esmaltes vitrificações, opacas ou transparentes, incolores ou coloridas, que se applicam por fusão sobre as louças ou productos ceramicos, e sobre os metaes, principalmente sobre o ouro, prata ou cobre. Em quanto á materia, os esmaltes são constituidos, como os vidros, de silicatos multiplos, contendo uma base alcalina, e um ou mais oxydos metallicos, como são o oxydo de chumbo nos transparentes, o de estanho nos opacos, e os de outros metaes que ministram a materia colorante. O acido borico figura tambem, conjunctamente com a silica, em muitos dos esmaltes, tanto nos que se applicam sobre as louças, como n'aquelles com que se revestem os metaes.

«Esta applicação póde ter simplesmente por fim alcançar um revestimento impermeavel, e até certo ponto inalteravel, que encubra a materia principal do utensilio, dando-lhe ao mesmo tempo aspecto mais agradavel, e n'este caso nada tem de artistico; ou póde ter em vista o adorno por meio de côres, que contrastem com os lavores brilhantes do metal, ou pelo emprego de pinturas e desenhos, em que o gosto artistico, e a boa execução tomam o primeiro lugar, e então a pericia do esmaltador fica subordinada ao talento do pintor ou gravador.

«Se todas as artes e industrias correlativas tivessem sempre seguido uma filiação logica, poderiamos asseverar que a arte de esmaltador devêra crear-se pouco depois da invenção do vidro, a qual se perde na escuridão dos tempos; mas sabemos que a respeito de muitas invenções esta filiação logica se não deu, e por uma razão que é obvia. Nas sociedades antigas as artes e as industrias descobriram os seus processos por meio de observações limitadas, pela occorrencia de casualidades, e quasi pelo que se póde chamar inspiração. A sciencia pouco ou nada se occupava das artes; a invenção n'estes ramos era casual,

a investigação desajudada dos principios, e por isso desordenada. Hoje a sciencia, tendo creado os methodos seguros de investigação, procura as causas, generalisa, e desce depois á applicação especial, quasi sempre segura de alcançar o resultado que se propõe. Isto explica a rapidez com que no dominio das artes industriaes se caminha no presente seculo.

«De ser o esmalte uma consequencia da vitrificação não se segue que o conhecessem e usassem os povos antigos que já possuiam o vidro. Um professor de chimica industrial, muito respeitavel e erudito, diz-nos que os antigos praticavam a arte de esmaltar com grande facilidade, e cita, não só uns pequenos tubos de esmalte corado e louças esmaltadas de diversas côres, que diz haverem sido encontrados nos hypogéos de Thebas, mas tambem os tijolos de que foram construidos os muros de Babylonia, e outros que se vêem nos restos de antigas construcções egypciacas. Não me parece comtudo que se tenham apresentado provas evidentes de uma antiguidade tão remota da arte de esmaltador.

«O verdadeiro esmalte dos productos ceramicos não é tão antigo como ao principio nos parece que devêra ser. Na propria China a pintura vitrificada da porcelana, que differe consideravelmente do esmalte, não é muito anterior á era christã. Na Europa os productos ceramicos da antiga civilisação, ainda mesmo aquelles que se podem considerar primores d'arte pela belleza das fórmas, riqueza do desenho, variedade e elegancia dos ornatos, são inteiramente destituidos do verdadeiro esmalte.

«Os vasos gregos e italo-gregos, etruscos e campanianos eram na verdade ornados de côres e figuras, porém destituidos de esmalte. Os mais antigos são de fundo vermelho pallido com figuras negras e brancas. A celebre taça de Arcesiláo, que os antiquarios attribuem ao tempo de Pindaro, e que era das que se davam como premio aos vencedores nas festas publicas, é adornada com desenhos e figuras em que o negro, o vermelho e o branco se contrastam com muita arte, resultando estas côres da sobreposição das differentes terras coradas, ou dos differentes *engobos*. A maior parte dos vasos etruscos são fabricados por meio de processos analogos com desenhos amarellos sobre fundo negro. Póde assim dizer-se, em geral, que todos os productos da ceramica antiga, que teem chegado aos nossos dias, são ornados pela sobreposição, por engobo, de camadas de argillas diversamente coradas e nunca revestidas de verdadeiro esmalte. É todavia verdade que a maior parte dos vasos gregos, romanos, italo-gregos, etruscos, campanianos, phenicios, tyrrhenos, e egypcios eram revestidos de um lustre, sobre cuja natureza a sciencia não disse ainda a sua ultima palavra, parecendo em certos casos devido ao attrito por meio do brunidor, e em outros a uma vitrificação superficial, mas nunca ao verdadeiro esmalte analogo ao das modernas *faianças*.

«Os arabes, que conquistaram, e por tantos seculos dominaram, a nossa peninsula, foram, por certo, os verdadeiros inventores da applicação do esmalte estanifero sobre as louças. As ilhas Baleares, Maiorca particularmente, deram o berço a esta industria, que d'alli passou para a Italia, e por este motivo as louças esmaltadas foram, n'esta ultima região, denominadas *majolicas*. Os vasos e azulejos da Alhambra, que datam do XIII seculo, são os exemplares authenticos mais antigos das louças esmaltadas. Os seculos XV e XVI presencearam o periodo brilhante da ceramica esmaltada. Bernardo Palissy, em França, e Luca della Robia, em Italia, crearam uma arte inteiramente nova e desconhecida na antiga civilisação. Assim não creio que na Roma de Augusto Cesar se podesse fazer menção de artistas como Luca della Robia e seus discipulos, que, quinze seculos depois, *lançaram em quadros de barro verdadeiras obras primas de acceso esmalte*.

«Não posso dizer o mesmo a res-

peito dos esmaltadores sobre metal, ainda que não deva acreditar que elles constituissem n'essas eras uma classe particular de artistas, ou industriaes. O esmalte, applicado sobre peças metallicas, parece ter uma origem muito remota na historia das artes humanas, não obstante haver sido mui tardio o seu aperfeiçoamento. Uma das artes, que primeiro se aperfeiçoaram, foi incontestavelmente a ourivesaria no lavor dos metaes nobres. A descripção que Homero nos deixou do escudo de Achilles, mostra evidentemente o grau de perfeição, que no seu tempo sabiam dar os ourives ás peças, que trabalhavam. A ourivesaria antiga, conhecedora dos processos de vitrificação corada, não podia deixar de servir-se d'este meio para embellezar as joias de ouro e prata tão queridas em todos os tempos do sexo mais delicado da nossa especie.

«As damas romanas, depois que os severos costumes da republica se amolleceram e fundiram em presença do esplendido luxo trazido do oriente pelos orgulhosos conquistadores do mundo, mostraram decidida paixão pelas joias e ornatos ostentosos. As excavações archeologicas, e principalmente as de Pompeia e Herculanum, mostram-nos a prodigiosa profusão de adornos com que no tempo dos Cesares se enfeitavam as elegantes do imperio, o que devia animar e excitar o trabalho e a invenção dos artistas gregos domiciliados na Italia, e tão peritos no lavor das pedras duras, e dos camafeus. Estas ultimas joias, podendo mais facilmente resistir á acção do tempo, chegaram em abundancia até aos nossos dias, e por isso se encontram em todas as collecções de antiguidades romanas. Os collares, os braceletes, os brincos, os anneis, os broches ou *fibulas* encontram-se em grande quantidade, e não serviam unicamente para uso ou adorno das damas, mas tambem os homens livres os adoptaram como ornatos ou distinctivos honorificos. Em Roma a quantidade de anneis devia ser prodigiosa. Havia-os de ouro, prata, cobre, bronze, ferro, agatha e alambre. Muitos eram singelos e sem gravuras, nem pedras ou perolas, outros porém eram enriquecidos com rubins, granadas, jacinthos, saphiras, esmeraldas, turquezas, lapis-lazuli, topasios, aguas-marinhas, amethystas, crystal de rocha, alambre, jaspes, hematites ou sanguineas, vidros corados, e até marfim. As gravuras d'estes anneis, quer executadas no metal, quer nas pedras duras, são muitas vezes de rara perfeição, que revela o apurado gosto d'aquella era. Os gregos eram sublimes na arte de gravar. Citarei apenas um passo de Homero (*Odyssea*, XIX, v. 225) em que descreve uma gravura executada sobre ouro: «Ulysses trazia um manto de purpura, de finissimo tecido, e muito amplo. O fecho, que o unia, era de ouro e dividido em duas partes; na frente era gravado: via-se alli um cão furibundo que tinha debaixo dos pés um cabrito montez. Este lavor causava geral admiração; porque os animaes, posto que fossem de ouro, pareciam, todavia, o primeiro querer suffocar o cabrito montez, e o segundo agitar os membros para escapar ao seu inimigo.»

«Poderia citar muitos exemplos analogos, mas que me levariam para longe do objecto proposto. Nas descripções antigas, e nas collecções dos museus não acho joias, ou adereços com esmalte semelhante ao que hoje empregam os nossos ourives. Estes esmaltes, se existiram, o que não posso negar, nem affirmar, não podiam chegar, senão com difficuldade, aos nossos dias pela sua pouca resistencia e alterabilidade. Os unicos que hoje se conhecem d'esses tempos são todos da natureza dos esmaltes incrustados, especie de mosaicos fundidos e applicados por juxtaposição entre os lavores dos metaes. Tambem estes productos da antiga ourivesaria são de estylo oriental, e o processo que se empregava para os obter continuou a ser usado até ao XIV seculo. Até então a pintura esmaltada sobre chapas metallicas parece ser desconhecida, e nenhuma tradição

nos permitte suspeitar que ella fosse praticada antes do XII seculo.

«Segundo de Laborde e o abbade Texier, Limoges possuia já esmaltadores celebres no tempo de Santo Eloy, que foi discipulo de Abbo, ourives e esmaltador, e que vivia já no fim do VI seculo. Porém só a partir do XII seculo é que os esmaltes de Limoges começam a occupar lugar eminente no dominio da arte. No museu do Louvre estão patentes á curiosidade dos modernos os admiraveis esmaltes que, no tempo de Francisco I, executou o celebre Leonardo de Limoges, segundo os desenhos de Raphael, Julio Romano e Leonardo da Vinci. O emprego que os artistas modernos fazem do esmalte sobre metal, é um dos recursos mais preciosos da ourivesaria das joias, e que depende em grande parte da facilidade com que se obtem as delgadas folhas do metal sobre que se applica o esmalte, e da docilidade com que ellas se prestam a receber todas as fórmas caprichosas e elegantes que o artista concebe em sua phantasia. Na imitação das folhas verdes, e das flôres deliciosamente coradas a arte moderna não póde ser excedida. A pintura esmaltada sobre metal, representando figuras, paisagens e scenas diversas, que parece haver sido desconhecida na civilisação antiga, mas que ainda estava em voga no principio do seculo passado, já hoje se não cultiva com o mesmo enthusiasmo, apesar de que na exposição de Pariz em 1855 se viam ainda ricos exemplares d'esta difficil arte, e principalmente sobresahiam as pinturas esmaltadas sobre ouro, platina, cobre e ferro da manufactura imperial de Sèvres.

«O duque de Luynes attribue aos egypcios a invenção de uma especie de esmalte negro que se applica por meio de fusão nos sulcos que o buril traça nas gravuras sobre prata ou ouro, e cujo fim é fazer sobresahir o desenho pelo contraste dos tons. Esta especie de esmalte, se assim se póde chamar, é o que se observa nas caixas de tabaco que entre nós se chamam da Russia, e a que os romanos chamavam *nigellum* por causa da sua côr negra, e os italianos, que muito o usavam na idade media, *niello*, de que os francezes fizeram *nielles* e *nieller*. A arte de nigellar sobre prata e ouro foi cultivada com predilecção no Oriente durante o baixo imperio, e d'alli os bysantinos a transportaram para a Russia. É natural que em Roma, nos primeiros tempos do imperio, fossem já conhecidos nigellos dos artistas egypcios, ainda que poucos são os vestigios que nos podem authorisar esta suspeita. Eu pela minha parte não conheço nenhuns, mas refiro-me á authoridade do duque de Luynes. O que parece bem certo é que a gravura nigellada foi o primeiro passo para a gravura e impressão de *talha dôce*. Foi uma prova de nigello, encontrada em Florença e feita em 1452 pelo ourives Tomaso Finiguera, que, sendo julgada como estampa, serviu para estabelecer a data do invento da impressão em *talha dôce*.

«O esmalte, a que chamamos nigello, faz-se introduzindo nos sulcos, que o buril abre sobre o metal, um sulfureto metallico, mais fusivel do que o proprio metal, e que alli adhere perfeitamente, sendo depois pulido juntamente com o metal.

«Eis aqui o que eu sei, e que bem pouco é sobre este ponto, que devera ser antes tratado por um erudito do que por um chimico.

«Se no meu espirito existe alguma duvida relativamente á applicação do... *tabulamque coloribus uris*, de Ovidio, aos esmaltadores, é porque acho aquella expressão mais apropriada á pintura encaustica, muito vulgar em Roma, e quasi, se não a unica, empregada nos quadros portateis durante o seculo de Augusto. Fortalece-me esta supposição, o que em outros versos diz o mesmo poeta:

> .... Et picta coloribus ustis
> Cælestum matrem concava pupis habet.

«Aqui me vejo pois empenhado a fallar da pintura encaustica.

«A denominação de encaustica, da-

da ao processo particular de pintura, que os antigos executavam por meio do emprego de côres encorporadas com cêra, e que se applicavam com o auxilio de uma temperatura sufficientemente elevada para as liquefazer, é de origem grega, e vem do verbo ἐγκαίω (queimar).

«Que era já conhecida e se praticava em Roma esta especie de pintura, é indubitavel. Ahi estão os escriptos de Plinio, de Vitruvio, de Varrão e de outros que não permittem a minima duvida a este respeito. Mas o que é mais que tudo notavel é que a origem d'este processo de pintura, é tão remota que os proprios authores latinos a não conheciam, e até disputavam sobre a sua antiguidade. Plinio (no liv. 35, cap. 11) confessa a este respeito, com toda a ingenuidade (o que n'elle não é vulgar) a sua ignorancia. — *Ceris pingere ac picturam inurere quis primus excogitaverit non constat.* — Segundo elle diz, alguns queriam que o inventor da encaustica fosse Aristides, e que Praxiteles a tivesse aperfeiçoado, e que outros asseveravam que se conheciam quadros pintados a encaustica mais antigos, taes como os de Polygnoto, de Nicanor e de Arcesiláo, pintores de Paros.

«No mesmo capitulo ainda acrescenta: *Lysyppus, quoque, Aeginæ, picturæ suæ inscripsit* ἐνέκαυσεν (*inurit*) *quod profecto non fecisset nisi incausta inventa.*

«De que tempo seja este Lysipo pintor de Egina não o sei eu dizer, nem vejo que Plinio, que tanto nos diz de alguns pintores gregos, nos esclareça a este respeito. Da citação, a que alludo, póde deduzir-se que devêra ser anterior a Polygnoto, que floresceu na 89.ª olympiada, cerca de 420 annos antes da vinda de Christo.

«Outra consideração nos poderia induzir a collocar a invenção da encaustica pelo menos no tempo de Anacreonte, isto é, um seculo antes de Polygnoto, se as poesias, que hoje se attribuem ao poeta de Theos, fossem todas authenticas. Em algumas d'essas poesias se faz menção da pintura encaustica. Na ode 28.ª diz elle, dirigindo-se ao retrato da sua amante: *Cera em breve tu vais fallar;* na ode 29.ª dirigindo-se ao artista a quem encommendára o retrato de Bathyllo, diz o poeta: *Que a cêra falle mesmo no silencio.*

«O que n'este caso falta demonstrar, é que todas as poesias que se attribuem a Anacreonte são verdadeiramente d'elle. Sobre este ponto de litteratura antiga creio eu que as opiniões são diversas. Levesque, em um breve artigo da *Encyclopedia methodica*, cita aquelles versos de Anacreonte a proposito da antiguidade da encaustica, e, estranhando que Plinio não fizesse menção d'elles, tira d'ahi um argumento para pôr em duvida a authenticidade d'aquellas poesias. «Assim, diz elle, longe de provar por Anacreonte, contra Plinio, a antiguidade da pintura encaustica, melhor se provaria pelo texto de Plinio que as odes 28.ª e 29.ª attribuidas a Anacreonte não são d'este poeta.» E na realidade custa a acreditar que Plinio, tão versado nas letras gregas, como no seu tempo o eram todos os espiritos cultos de Roma, ignorasse aquelles passos de Anacreonte, que tanto elucidavam um ponto da historia das artes, em cuja discussão estava empenhado.

«Pondo de parte esta questão, por muito interessante que seja, o que eu apenas desejo mostrar é que os versos de Ovidio, transcriptos no principio d'esta nota, podem applicar-se aos pintores de encaustica. Parece-me isto incontestavel á vista do processo empregado pelos antigos, sobre o qual Plinio e Vitruvio dizem o sufficiente, senão para se poder formar completa idéa dos meios praticos de execução, ao menos para nos fazer conhecer o que n'elle havia de especial e caracteristico.

«Confrontando os diversos passos dos escriptores latinos sobre a pintura encaustica, qualquer que fosse a materia sobre que esta pintura se applicava, ou no marfim, ou em quadros portateis de madeira, ou nas pranchas dos navios, ou sobre as paredes, as côres fixavam-se sempre por

meio da cêra com o auxilio do calor. Na essencia os processos eram os mesmos, ainda que os meios de execução fossem differentes. A cêra liquefeita pelo fogo era o excipiente, como hoje, na pintura a oleo, o são os oleos sicativos das sementes do linho ou das nozes. Podiam empregar-se primeiro as côres estremes ou diluidas n'um liquido, para, depois de seccas, serem cobertas de um revestimento de cêra fundida; ou podiam ser previamente encorporadas com a cêra, reduzidas pelo calor ao estado de liquido e applicadas sobre o quadro com o pincel ou com a brocha. Este ultimo era, segundo Plinio, o methodo que se empregava na pintura dos navios; o primeiro era, no dizer do mesmo author, o que se fazia com o *cestrum* ou *viriculum* especialmente sobre o marfim.

«Na pintura mural, depois de applicadas as côres, revestia-se o quadro com cêra fundida, brunia-se com uma vela da mesma materia e pulia-se finalmente com pannos seccos. Vitruvio descreve bem claramente este processo, quando falla do emprego do minio ou azarcão na pintura mural (liv. 7, cap. 9). «Esta côr (o minio), diz elle, ennegrece quando se expõe ao sol, o que muitos tem experimentado, e, entre outros, Faberio Scriba, o qual, desejando tornar elegante a sua casa do monte Aventino, fez pintar todas as paredes do perystilio com minio, as quaes passados trinta dias, se fizeram velhas e de varias côres; assim viu-se elle obrigado a renovar a pintura com outras tintas. Porém os que são mais cuidadosos, e desejam conservar intacta esta bella côr, quando está já applicada com igualdade e bem secca, cobrem-na de cêra punica liquefeita ao fogo e misturada com pouco oleo que applicam com o pincel; aquecem depois a parede com um brazeiro de carvão, fazendo-a suar. Depois pulem-na com uma vela de cêra e pannos seccos, como se faz quando se quer pulir com cêra as estatuas de marmore.» Plinio descreve o mesmo processo quasi que pelas mesmas palavras.

«Os quadros portateis, conforme se deprehende de diversos trechos de Plinio, e de outros authores latinos, eram todos pintados sobre madeira pelo processo da encaustica. Os que se encontraram nas excavações de Pompeia e Herculanum eram executados sobre a mesma materia e do mesmo modo.

«Os pintores usavam, como ainda hoje fazem os modernos, dos pinceis e brochas para applicar as côres já diluidas com a cêra, ou as cêras coloridas, que tinham dispostas em caixas apropriadas. Já dissemos que o fogo era o meio empregado para liquefazer a cêra que servia de excipiente. Os instrumentos com que se fazia applicação do calôr tinham o nome de *cauteria*.

«O processo da pintura encaustica, originario da Grecia, foi trazido para Roma pelos artistas helenos, e alli usado pelos pintores romanos, em quanto no imperio as artes mereceram alguma consideração; mas quando as sombras da barbarie começaram a cahir pesadas e espessas sobre a capital do mundo, a arte e o processo desapparecem á nossa vista. Ainda no tempo do baixo-imperio se descobrem d'elle alguns vestigios, e o Dejesto do imperador Justiniano faz menção dos instrumentos, que constituiam a officina do pintor, e eram comprehendidos no legado.

«Do VI seculo em diante desapparece a encaustica quasi completamente até ao meio do seculo passado, em que o conde de Caylus tentou resuscital-a em França, apresentando uma memoria sobre este assumpto á academia das inscripções em 1752, promovendo e fazendo ensaios praticos, e excitando discussão acalorada sobre os processos da encaustica dos antigos.

«Algumas obras de diversos artistas appareceram então, as quaes mostravam a possibilidade de renovar aquelle processo; porém, passado o primeiro movimento de curiosidade, mais do que de enthusiasmo, nenhum dos pintores modernos quiz trocar o oleo pela cêra. Ha perto de

vinte annos um modesto artista hespanhol, que esteve entre nós, e foi por algum tempo professor de desenho na escóla polytechnica, o snr. D. Luiz Muriel, mostrou-me um pequeno exemplar das tentativas que havia feito, por méra curiosidade, para ensaiar o processo de pintura encaustica; era um trabalho incompleto, mas não se podia dizer que fosse destituido de merecimento.

«Eu não creio que a encaustica se regenere, e que alcance o passar dos sobrados, onde o *froteur* a applica, dançando sobre uma escova, para os quadros em que nunca poderia vencer nem igualar, sem grande trabalho, e sem nenhuma vantagem, a pintura a oleo.

«Os mais notaveis defeitos da pintura a oleo provém da alteração das côres debaixo das influencias atmosphericas, e principalmente da acção que o gaz sulphydrico exerce sobre as côres metallicas, taes como são as de base chumbo ou de mercurio que tendem a fazer-se negras pela producção dos respectivos sulfuretos metallicos. Os oleos sicativos, pela absorpção do oxygenio, convertem-se em vernizes solidos e transparentes, que devem abrigar e proteger as materias corantes contra a acção dos agentes atmosphericos; mas esta protecção é incompleta, porque a camada do verniz sobreposta nem é bastante espessa, nem bastante impermeavel para embaraçar a penetração do ambiente. A cêra, até certo ponto, realisa melhor esta condição de impermeabilidade, e principalmente, sendo mais prompta a sua consolidação, e não ficando, pela sua ductilidade, sujeita ás soluções de continuidade, ou ao apparecimento das fendas, que se notam n'alguns quadros de pintura a oleo, protege melhor e mais promptamente as côres; mas por outro lado, não sendo transparente, mas simplesmente translucida, afrouxa o brilho das côres, diminuindo o seu mais bello effeito. Além d'isso na applicação torna-se de trato difficil, pela necessidade do emprego constante e continuo do calor necessario para ter as materias corantes no estado de completa fluidez em quanto o artista trabalha, e tambem porque não permitte esbater as côres, ou fazer a transição de umas para outras com a mesma facilidade com que se alcança este artificio no processo de pintura a oleo.

«Um dos defeitos que geralmente se attribuem tambem aos oleos, ou aos vernizes, que d'elles se formam, é o seu progressivo amarellecimento; mas n'este ponto a cêra não é superior aos bons oleos sicativos, porque é sujeita á mesma alteração. Finalmente o que no meu entender se deve esperar, em quanto não apparecer outra melhor invenção, é que a parte material da pintura a oleo se aperfeiçoe successivamente, auxiliando-a a chimica com ministrar-lhe oleos e vernizes sicativos bem preparados e puros, e materias corantes invariaveis e inalteraveis.

«A encaustica em relação á pintura passou já para o dominio exclusivo da historia, e da archeologia.» (Oliveira Pimentel).

ESMERALDA. (Veja PEDRAS).

ESMERILHÃO. (Veja RAPINANTES).

ESMOLA. «Se eu tivesse abundantes recursos, que prazeres não ganharia! Pariz seria para mim uma outra Memphis. Esse immenso povoado escassamente o conhecemos. Eu alugaria um sotão ahi n'um d'esses bairros da barreira; outra casa na extrema opposta, á ourela do Sena, ensombrada de salgeiros e choupos; outra em uma das ruas mais concorridas; quarta casa á beira de um hortelão, cercada de damasqueiros, figueiras, couves e alfaces, outra finalmente nos arredores de parçaria com um vinhateiro.

«É de certo facil empresa achar em toda a parte casas d'este lote por baixo aluguer, mas é difficil topar hospedeiros ou visinhos honrados. Ha muitissima corrupção na plebe; mas ainda ha muitos modos de por lá desencantar gente boa: ora é n'esta gen-

te que eu vou explorar os meus contentamentos. Novo Diogenes, aqui me vou á cata de homens. Dispenso lanterna, visto que procuro desgraçados. Levanto-me ao apontar do dia; vou á primeira missa a qualquer igreja ainda meio escura, e encontro lá operarios que pedem a Deus a benção da sua obra quotidiana. Piedade sem respeitos humanos é prova de honradez; amor ao trabalho é outra prova. Vejo, em tempo chuvoso e frio, uma familia toda curvada sobre a terra a escardear hervas de uma horta: são pessoas honestas. A propria noite não obscurece virtudes. A deshoras, a claridade de uma candeia me denuncía alguma viuva pobre que prolonga as vigilias para alimentar com seu trabalho os filhinhos que alli lhe dormem á beira. Estes serão os meus visinhos. Apresento-me como um viandante, e peço agasalho por momentos. Peço-lhes que me aluguem um quarto em sua casa, ou m'o arranjem na visinhança. Offereço bom estipendio, e sou recebido.

«Evito esmolar-lhes dinheiro para que me estimem: tenho mais honestos meios de lhes captar a amizade. Dou-lhes cargo de me comprarem provisões superfluas, que elles aproveitam; remunero as crianças por alguns serviços que me façam; em dia de festa levo toda a familia ao campo a jantar sobre o relvêdo; pai e mãi recolhem á noite bem jantados e carregados do merendeiro que sobejou, e lhes abasta ao remanescente da semana. Ao apontar do inverno, compro fazendas de lã para os rapazes, que me abençoam no seu aconchêgo, visto que os não humilhei com as mesmas esmolas. É o padrinho do seu irmão mais novo que lhes deu os fatinhos. Quanto menos se apertam mais se estreitam os vinculos da gratidão.» (Bernardin de Saint-Pierre).—«Se a mendiguez é desgraça, a esmola é dever. É a oração por excellencia: acerta sempre no alvo.» (De Bonald).—«Insinuai vossa esmola no peito do pobre, que elle intercederá em vossa guarda. Assim como a agua apaga o lume, assim a esmola expia peccados.» (*Ecclesiastes*).—«Quem der — disse Jesus — sómente um pucaro de agua fria a um d'estes meninos, como se meus discipulos fossem, haverá recompensa.» (S. Mat., X, 42).—«Dai parte do que tendes aos pobres, e não volteis a cara quando vos pedem, a fim de que o Senhor se digne tambem encarar-vos. Reparti vosso pão com o faminto, e dai ao nú parte da vossa cobertura.» (Tobias).—«Repartir com pobres os bens da vida é o maximo testemunho do amor. Quem não reparte não ama.» (P. Lacordaire).

A caridade considerada amor de Deus, e amor ao proximo, é a mais excellente de todas as virtudes. É a fé uma luz que se apaga ás portas da bemaventurança, porque a presença do Senhor é seu complemento; a esperança cessará quando os prazeres esperados se converterem na dulcissima realidade das delicias celestes; mas a caridade subsistirá eternamente, como diz S. Paulo.

É lamentavel que a natureza humana, para elevar canticos d'amor ao Deus do céo e da terra, carecesse de um preceito em que o proprio Deus lhe ordena que quer ser amado! Se tão mysteriosas alterações não fossem as que operou a culpa no espirito do primeiro homem, não seria a sua existencia uma continuada aspiração áquelle Senhor Omnipotente, que, envolto no véo da divindade, rege os destinos da creatura, que a cada instante mais se aproxima do seu Creador? «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças, e de todo o teu espirito.» Eis aqui o preceito, cuja intensidade d'amor, avaliada por S. Bernardo, era o amor do infinito, amor incommensuravel, extasis celeste, que modificava a natureza do homem, identificando-a á natureza dos anjos. O espirito questionador da irreligiosidade não se peja de interrogar o homem religioso ácerca d'esse amor que lhe estimula o coração em affectos ao Altissimo. E impossivel — diz o incredulo—amar um Deus que pune o crime com penas in-

finitas. Se não fosse a punição do crime onde estaria a justiça de Deus? Sem a justiça quaes eram os attributos da divindade? Como poderia ser amado pelos bons um Deus não justiceiro para os maus? Resolvidas estas questões pelo silencio que é o mais cabal assentimento da razão, a negativa audaciosa da impiedade fica no gozo d'aquella consideração, que outras muitas merecem, depois que o seculo da «philosophia» passou com ellas, e com seus desvelados propugnadores. O amor é a primeira condição da felicidade do homem. As venturas da existencia multiplicam-se segundo a repetição d'essas commoções espirituaes que parecem distanciar o homem da esphera material da sua natureza grosseira. O amor é anterior á razão: acompanha-a até ao seu derradeiro exercicio; e, quando é quasi extincto o pensamento no espirito, ainda no coração lavra o incendio dos affectos. Incapazes de comprehender o amor de Deus, se ajuizarmos pelo que em nós operam estas raras affeições do mundo, que o materialismo dos sentidos não desvirtua, poderemos, se não definil-o, ao menos julgar do amor de Deus como suprema felicidade nos soberanos destinos do homem.

A verdadeira lei do progresso moral é a caridade; sem o seu impulso é impossivel a perfectibilidade humana; e quantos esforços empregue o homem por attingil-a, n'um alvo excentrico ao amor de Deus e do proximo, serão esforços improficuos.

Nos amores da terra, afadiga-se o homem por ataviar-se de todos aquelles dotes, que devem fazel-o querido aos olhos de quem mais deseja sêl-o. Tortura-se o espirito em adivinhar-lhe os desejos; sacrificam-se os proprios por lisongear os alheios. e, á custa de penosas decepções e difficeis constrangimentos, procuramos fortalecer os vinculos do amor pela semelhança dos genios, que é verdadeiramente o ponto de contacto que estabelece as sympathias humanas.

No amor de Deus ha um sacrificio que faz a semelhança do que se ama no céo com o que se ama na terra. A observação dos mandamentos do Senhor constitue a caridade: d'este manancial fecundo manam as lympidas virtudes, que proclamam a grandeza do homem, a quem Jesus Christo promettêra perfeições iguaes ás do seu Eterno Pai. Todas as nossas acções, filhas do amor, devem gravitar para Deus, como centro de todas ellas. Fóra d'este movimento, ha a perdição das glorias promettidas, porque no reino do céo, no tribunal do Eterno, não ha a infracção das leis geraes do espirito.

A caridade é, pois, a essencia do christianismo. S. Paulo julgava-se annullado em todas as suas boas obras, se a caridade as não perfumasse d'aquelle amor de Deus e do proximo, sem o qual amor, a alma, privada do principio vital, é esteril para o céo, porque os seus fructos são mortos.

«Predomine a caridade em todas as vossas acções», diz S. Pedro. «Eis aqui — diz S. Matheus — o primeiro e mais importante de todos os mandamentos: o segundo que manda amar o proximo como a si mesmo, é semelhante ao primeiro: n'elles está incluida a lei e os prophetas.»

O amor de Deus é inseparavel do amor do proximo. É impossivel no coração humano o incendio suavissimo do amor de Deus, quando o grito da miseria não desperta no coração a magoa das afflicções do proximo. «Amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado» disse Jesus Christo. «Amai vossos inimigos, para que sejaes os filhos do Pai celestial, que beneficiou a todos», exclama o divino martyr da nossa redempção, quando pela sua morte vai exemplificar este preceito escripto pelo sangue de Deus, para que os homens o observem, sacrificando-se á desventura de seus irmãos.

A pobreza, a desgraça, e a doença — estes attributos de uma porção da humanidade que mais reclama o valimento dos felizes da terra, constituem a riqueza dos indigentes que Jesus Christo mais recommendou á ternura e compaixão dos poderosos. O Sal-

vador não só legisla em favor dos pobres: identifica-os no respeito e no amor que a Elle proprio se deve; e julga-se amado ou desprezado na pessoa do indigente. «O que derdes aos mais pequenos d'entre os homens é a mim que o daes; e o que a elles recusardes a mim o recusaes»; são palavras do Justo, que, sentado no throno das maravilhas do universo, acarinha o ente degradado entre os homens que lhe voltam a face anojada.

«Vêde como elles se amam!» diziam os pagãos, quando a sociedade christã repartia seus haveres em communas, onde o grande, despojado de suas galas, vinha sentar-se ao lado do pobre, vestido de uma mesma tunica, e nutrido por um semelhante quinhão nos ágapes da caridade.

«Conhecemos muita gente — diz S. Clemente d'Alexandria — que se tem sacrificado ás algemas para resgatar os que estavam algemados; muitos que se tem dado ao captiveiro para com o preço comprar a uns a liberdade, e a outros o pão.»

No seculo III, quando em dez annos consecutivos, o flagello da peste destroçou o imperio romano, no meio dos mortos e moribundos, como anjos de consolação, eram os christãos a unica assembléa de homens que não fugiram apavorados pelo exterminio. A caridade, esse balsamo divino, que Jesus Christo legára aos seus no thesouro do Evangelho, foi n'esses dias d'angustia repartido por todos. Os pagãos que ainda hontem perseguiam os filhos da idéa christã, bemdiziam hoje a mão que os salvava, e os labios que proferiam as palavras do Christo: «Amai os vossos inimigos.»

A caridade christã foi o manancial de prodigios que se desentranharam em instituições de beneficencia, pelas quaes muitas lagrimas foram enxutas, e muitas chagas guarecidas, quando os barbaros, escoltados pela fome e pela peste, invadiram as regiões meridionaes

Através dos seculos, e inaccessivel ao espirito perturbador das reformas, o sentimento da caridade é sempre o inalteravel inspirador de tudo que é sublime nas relações que prendem o homem com o seu semelhante, e a humanidade com o seu Creador. Não ha muitos annos que o cholera-morbus, em França, abriu aos christãos uma nova seára de fructos abençoados, para que, recolhidos ao abastado celleiro do catholicismo, germinassem em mais felizes tempos a colheita de virtudes, que nossos avós tiveram d'aquelle grão semeado nos primeiros seculos do christianismo. É então que o clero, mal conceitado sempre, e n'aquelles dias aborrecido, se mostrou admiravel com essa eloquencia d'obras, que, como a dos apostolos, falla todas as linguas, e é entendida de todos os corações. É então que a caridade, rainha de todas as virtudes, coroada pelo divino diadema do seu instituidor, se ostenta em toda a sua divindade de sacrificio, de abnegação, de fraternidade, e de magnificencia humilde.

O vulto da reforma delirante tentava esmagar entre os braços de ferro a igreja catholica, a mãi fecunda d'essa angelica virtude, quando um homem, pisando aos pés a estatua do egoismo, é proclamado o heroe da caridade nos modernos dias de aborrido individualismo.

S. Vicente de Paulo era esse homem prodigioso «a quem — na linguagem energica d'um orador francez — foram erguidos altares por esses mesmos que levantaram cadafalsos para a virtude.»

Contemplaremos a obra d'esse inspirado por Deus, não aqui onde os raios beneficentes d'aquelle astro não poderam inda chegar, mas no seio da França, n'aquella Pariz irrequieta onde a humanidade de 93, despedaçando-se, na embriaguez do sangue, parecia n'um padrão de immoralidade feroz insculpir para todo o sempre o timbre maldito da philosophia revolucionaria: «Expirou a religião do Christo!»

Hospicios para os enfermos, para os velhos, para os viajantes, para os dementes, para os orphãos, para os engeitados, levantaram para o céo as

suas cupulas, onde o symbolo da caridade — a cruz de Nosso Senhor Jesus Christo — foi hasteada, como atalaia de protecção celestial.

Organisaram-se congregações de homens e mulheres para assistir aos doentes, aos presos, aos réos da justiça humana, e para o resgate dos captivos. Era mais ampla a missão d'esta santa milicia esforçada pelo exemplo de Vicente de Paulo. Instituiram-se collegios, onde meninos pobres eram instruidos, e formados para o trabalho. Abriram-se as portas de uma sociedade nova ás victimas da devassidão, que buscavam no asylo da paz uma vida melhor, um coração novo, um sorriso d'amor e de esperança em alguns labios, que lhe promettessem menos desgraçada velhice, e mais direitos á misericordia do Senhor.

Viram-se então arrojos sublimes de quasi incrivel sacrificio. Senhoras d'alto nascimento, renunciando as delicias da vida, descendo das alturas da sua faustosa posição, joelhavam no estrado do indigente que a pallida fome prostrára nos braços da doença.

Algumas foram nas florestas do Novo-Mundo suavisar os dias de amargurado captiveiro ao huror, e ao iroquez, que, no seu grito selvagem de gratidão, bemdizia a «mulher branca de manto negro» que os ensinava a amar a existencia, apesar de attribulada por afflicções, que a Providencia de Deus converteria em perpetuo descanço e contentamento.

Irmãs da caridade! Eis um titulo trocado pelas pompas do mundo! Eis os pergaminhos com que as filhas dos homens se apresentam na fileira dos anjos para que o nosso joelho se curve respeitoso, e nossas lagrimas reconhecidas se não envergonhem prestando um tributo de amoroso respeito ás lagrimas d'essas heroinas, que não somos capazes de imitar nos prodigiosos feitos de sacrificio. Que magestade e que abatimento! que magestade sobre as fraquezas humanas, e que abatimento até rojarem a par dos homens que se revolvem na miseria de suas fraquezas! «As paixões desenfreadas — diz o erudito author das *Meditações* — que atacavam tudo, suspendiam sua furia á vista d'estes anjos da terra. Soldados phreneticos, invadindo seus hospicios, vociferando injurias, saíam arrependidos, edificados, e cheios de veneração por ellas.»

É que, á cabeceira do doente, a *irmã da caridade*, escuta cuidadosa o grito do enfermo, a cuja bocca sua mão piedosa ha de chegar o remedio, ou talvez um crucifixo na hora derradeira. É que n'essa mulher, vestida de negro, expiraram a mocidade, a formosura, as brilhantes esperanças, e ficou em toda a sua pureza a mulher do Evangelho, a consoladora de Jesus Christo, que geme nos seus membros penalisados, nos pobres, nos afflictos, nos desamparados, em cujos padecimentos e consolações o Redemptor consubstanciára as suas recompensas e castigos.

Não é só ao lado do moribundo que as filhas de S. Vicente de Paulo satisfazem os preceitos penosissimos do seu instituto.

Nos cumes gelados dos Alpes, nas pestilenciosas enxovias de Constantinopla, nos tugurios infectos da Tartaria, e no interior das minas homicidas do Mexico, onde quer que a humanidade soffredôra mais perigoso trilho segue no caminho, que conduz á morte, é lá que as delicadas mãos da mulher levantam sobre as areias do deserto uma choça para o viajeiro perdido nos gelos, ou depositam o preço do resgate pelo infeliz que se arrasta debaixo dos flagellos d'um senhor turco, ou erguem do chão o trabalhador asphyxiado, que revive ao ar livre, e desperta d'aquelle somno de morte, nos braços d'uma pobre mulher, que não vira talvez em toda a sua vida!

Acompanhai-a com a imaginação aos eternos gelos dos polos. Vêde-a, ao lado do missionario, com a cruz arvorada, buscando nas florestas o selvagem, que a não comprehende, e muitas vezes lhe embebe no seio um ferro envenenado! Vêde como, sorrindo nos labios e perdoando-lhe no

coração, a virgem dos sacrificios lhe offerece o sangue de seu seio para lhe aproveitar como semente de vida e de salvação!

Que tocantes maravilhas as da caridade christã!

Inventai palavras, philosophos do dia! Creai systemas, turgidos de sciencia farta de indigestas hypotheses! Jogai com a humanidade esse vosso jogo de experiencias infructuosas, e de promessas a cuja impossivel realidade é forçoso caminhar sobre a estrada de sangue, onde renascem em cada seculo os espinhos do desengano! Agitai ao sopro das revoltas innovadoras o estandarte da mentira, agitado pela mão do egoismo! Pedi, com brados de perfida convicção, á economia politica o pensamento regulador da sociedade! Rolai no desfilamento, por onde se abysmaram os imprudentes que muitos seculos antes de vós, proclamaram principios, que ao menos tinham a virtude de uma boa fé, que em vós não póde existir sem o cunho da ignorancia! Trabalhai, manipuladores do veneno da humanidade, que vossas canceiras laboriosas, no tribunal dos seculos vindouros, não valerão uma pagina prestavel para escrever um codigo melhor que a «Republica» de Platão, a «Cidade do Sol» de Campanella, e os dislates delirantes de Brissot!

Quizeram embotar no coração do rico o sentimento compassivo da pobreza, compellindo-o a contribuir, por obrigação, ao alimento de uma classe necessitada, que lhe despertava uma commiseração espontanea, e um respeito condoido á pobreza, que Jesus Christo fizera grande e veneranda aos olhos da opulencia.

Quizeram cavar com o alvião d'uma politica atheista o cimento social, a cohesão de todos os elementos de governo, a caridade christã, que relutava incessante contra uns outros elementos destruidores de divisão e discordia.

Quizeram destruir esse nivel, suspenso nas mãos de Deus, onde as cabeças dos reis se não alteiam mais que as dos vassallos.

Quizeram desconjuntar as molas da machina social circumscrevendo os deveres do homem aos limites de um calculado patriotismo, dentro dos quaes a soberania é um ser dominador, que, forte da sua ascendencia sobre os que não podem compartil-a, nenhumas contas tem que dar a Deus, visto que os olhos do Creador não descem a contemplar o fraco esmagado pelo pé do forte.

Quizeram, em fim, substituir ao sentimento divino um moderno sentimento humano, riscando dos corações a palavra «caridade» para escrever n'um codigo de regimen social uma outra palavra, que a impostura descrida appellida «philanthropia.»

A philosophia politica, sentada no seu throno de chimeras, e cortejada pela cohorte dos que se promettiam uma existencia dourada no galvanismo das revoluções, levantou a mão imperiosa para o céo, e mandou suspender a influencia que de lá descia sobre a existencia das sociedades. Lutando contra Deus, o genio das reformas, o racionalismo, filho primogenito do orgulho humano, e pai de quantas extravagancias rebaixam a lei da sua influencia salutar, promettia-se uma victoria infallivel.

O fogo da caridade, que de sobre o altar irradiava o seu calor no coração do homem, foi extincto ahi, e, em recompensa, a philanthropia, soprada pelos labios da mentira, accendeu-se em grandes incendios de palavras ôcas, n'um outro altar, que os sacerdotes do racionalismo denominaram «civilisação.»

A arvore da caridade nutria-se da seiva da graça. O sopro divino bafejava-lhe as vergonteas vivazes; os ramos, que ella bracejava, eram a sombra protectora de muitos desgraçados. Nenhum d'aquelles que se alimentavam do seu fructo iria dar seu nome á seita destruidora de uma arvore plantada por Jesus Christo, regada pelo seu sangue, fecundada pela sua omnipotencia, e, segundo as promessas do seu divino conservador, transplantada para o reino dos céos. Nenhum dos que, abatidos pela fome,

se encostavam ao tronco venerando d'aquella arvore, levantaria contra seu bemfeitor a mão de mendigo convertida em mão de homicida.

Era preciso, pois, arrancal-a. Faltava uma planta, cujos fructos não deixassem os espiritos famulentos da nutrição da velha arvore. Buscaram no terreno safaro do racionalismo uma planta rachitica, enfesada, e desconhecida na sociedade catholica: baptisaram-na com um nome pomposo, e apregoaram, como charlatães embaidores da boa fé, as virtudes sociaes, o elixir humanitario, que lhe manava dos poros sobre as chagas da indigencia, e sobre os corações afistulados pelo cancro da desgraça.

A missão theorica da «philanthropia» se não fosse desmentida pelo descredito da pratica, passaria por divina aos olhos da ignorancia orgulhosa. Não era, porém, possivel aos reformadores do coração humano esconder por muito tempo a sua deusa pagã nos envoltorios d'uma linguagem affectuosa. Os factos rasgaram o véo que lhe occultava o semblante desanimador; e, exposta á luz de todas as comprehensões, a philanthropia, tombada da sua peanha de barro, mostrou-se, como ella era, feitura de homens, e de homens fracos, que nem ao menos se tinham inspirado d'aquelle poder curativo, que o céo concede aos que sinceramente se doem das enfermidades do genero humano.

«A caridade regenerada — diz um «philosopho» da escóla racionalista — desapegada da sua alliança impura, brilhará de novo sobre o mundo, cheia de força, de vida, e de actividade: desfazer-se-ha d'aquelle seu decrepito nome, que recorda o perigoso e velho cortejo de mysticismo, e fé cega e ignorante; será depois chamada *philanthropia.*»

Publicado o programma, a humanidade soffredora sentou-se á porta da philosophia, e esperou as consolações que lá dentro se preparavam com grandes calculos, e pomposos discursos, e vastas operações de arithmetica, cujo intuito era altear a um prodigioso acume de felicidade a porção dos infelizes d'outro tempo. Estes infelizes eram os que já não podiam, nas horas regulares de cada dia, sentar-se á porta do mosteiro, não só para receber o pão do corpo, mas a nutrição do espirito, a palavra de esperança, e os alentos christãos que dulcificam na face do pobre as suas lagrimas.

O padre foi exauthorado da sua influencia paternal sobre os filhos bastardos da sociedade. A philosophia fomentou e applaudiu a abolição das ordens monasticas, por isso que ellas fomentavam pela esmola a mendicidade preguiçosa, como se um mendigo, que não vê, e outro que se arrasta sobre muletas, e a viuva carregada de crianças, e o octogenario curvado pelos trabalhos, e os idiotas, e os orphãos de menor idade podessem prestar á republica dos economistas modernos um trabalho proveitoso.

«De certo não póde dizer-se — diz o padre Barthélemy — que a beneficencia moderna alenta a preguiça, e a mendicidade: os fracos soccorros que ella presta são vendidos á custa de humilhações e ultrages; o que ella corrobora é a fome e a desesperação. Que piedade, ou antes, que amarga irrisão quando se compára aquillo que se dá com as grandes necessidades da maior parte d'aquelles que recebem a esmola! Por substituir os conventos, d'onde as esmolas e as consolações piedosas fluiam a jorros sobre as populações, cujas dóres alliviavam, abriram-se por toda a parte bailes publicos e theatros, nos quaes se impõe um direito de subsistencia para o pobre. Quem quer que estiver reduzido á vida de mil privações póde ir testemunhar a exaltação dos gozos da fortuna e dos prazeres: quem tiver a alma e o corpo varados pela angustia, póde ir dançar e folgar se assim o quer, com os que tem o contentamento na alma e o sorriso nos labios; e, se lhe parecer, poderá ensinar ao pobre como é que se dá cabo da vida, quando ella pesa como um fardo insupportavel. E chama-se a isto «progresso!» E alcunham-se de

barbaros os tempos em que o pobre, nutrido, vestido, e consolado, não gozava d'essas *vantagens preciosas!*»

Não temos em Portugal vasto campo onde analysar os fructos da philanthropia. Este paiz, quando muito, póde arremedar palavrosamente as grandes theorias do progresso; mas, falto de vida e de sangue, as congestões cerebraes não o deixam atirar-se a grandes experiencias, que são os delirios da civilisação descomposta e desatinada. Aqui tambem se clama em obsequio á pobreza: tambem se rifam prendas e galanterias em nome das agonias do povo; tambem se arremessa á cesta do pobre um pedaço de pão amargo, comprado pelos 1$200 reis dos bailes e illuminações para *asylos de mendicidade*; mas, se quereis uma prova em cifras, se vos não cança uma analyse circumspecta sobre as formulas pesadas da arithmetica, que é o evangelho dos factos em economia politica, lêde a excellente obra, de que extrahimos este fragmento, elaborada no *grande mundo* de Pariz, em presença dos grandes feitos da philanthropia pratica:

«Installaram-se reaes habitações da indigencia: deu-se-lhes uma administração em grande vulto: isto é, sob o pretexto de administração, introduziu-se-lhe, como o verme, no fructo para lhe roer a substancia. Comtudo, funcciona-se, ha assembléas, delibera-se com grande luxo de secretarias, cifras, e empregados, entre tanto que os pobres, cujo quinhão é cerceado, tiritam á porta, ou morrem de miseria e inanição nas suas possilgas. Atormentam-se as religiosas, vexam-se os esmoleres, embaraça-se o seu ministerio, trata-se mesmo de vencel-os pela fome: tomam-se grandes deliberações, agita-se, perturba-se, fatiga-se o céo e a terra, e tudo isto em nome dos pobres e para sua felicidade immensa! Assim, trapaças, vexames, desleixos, excessos de despezas inuteis, são em summa os beneficios da caridade legal. Esta caridade administrativa, feita em nome da lei, com as lentas e impertinentes formalidades da moderna «*bureaucracia*»: esta caridade tão dura, tão fria, tão mesquinha, e ás vezes tão cruelmente surda, dá em resultado o descontentamento do pobre, e provoca os seus murmurios. Habituado a vêr na esmola, que se lhe dá, uma divida publica que lhe vão pagando, recebe-a sem reconhecimento, e, em lugar de bemdizer, maldiz a mão que lh'a dá. E que outra cousa poderia ser? É assim que se dá a esmola? É com esta frieza, arrogancia, soberba, impaciencia, e outros processos humilhantes? Mais conselhos piedosos, mais acoroçoamento, mais dôces palavras, e, por consequencia, mais consolações para o pobre, e mais allivios a seus males! O desgraçado recebe com a esmola legal lições de irreligião e immoralidade. Diante d'elle, ridiculisam-se os mais sagrados objectos; espantam-se de que elle tenha filhos; e querem fazer-lhe comprehender que não devia tel-os. Foi um grande acto de juizo riscar a palavra *caridade* do frontispicio de taes escriptorios. Se a filha de S. Vicente de Paulo lá não estivesse (posto que ligada de pés e mãos, e obrigada a amoldar o ardor do seu zelo a todas as lentas e frias operações d'uma contabilidade sem coração nem sentimento) seria necessario raspar ainda o titulo d'*escriptorio de beneficencia*, e substituil-o por *escriptorio de intrigas e humilhações*. Oh moderna beneficencia, como tu és maravilhosa! pede-se-te pão, e tu respondes com cifras! pede-se-te um asylo, e tu respondes que apenas tens habitação para alojar decentemente aquelles que vos representam! Senhores, por quem sois! menos cifras, menos empregos e administração, se vos parece, e um pouco mais de affecto e sacrificio aos desgraçados! Melhorai, se podeis, o que tão mal obraes, ou deixai fazer aos outros o que fazeis tão mal e tão caro...

«Sendo impossivel soccorrer todos os desgraçados, aquelles que são soccorridos, serão sempre os mais dignos de o serem? Que barbaras exclusões, e odiosas preferencias! Quantas vezes os bens dos pobres são cerceados por agentes prevaricadores!

Quantas vezes o orçamento destinado á subsistencia do pobre não tem contribuido para sustentar a opulencia? A *tranquibernia* exerce a sua ingerencia nos viveres, nos bragaes, nos vestidos, nos fornecimentos de todo o genero, e até nos proprios medicamentos! Que importa que as cifras estejam d'accordo, se cada cifra é uma mentira?... Não quizeram depositar em mãos religiosas o patrimonio dos pobres, sob pretexto de que era mal administrado, e chamaram para administral-o uma multidão de funccionarios ricamente estipendiados. Não quizeram celibatarios piedosos, caritativos e desinteressados, e chamaram para substituil-os homens ambiciosos e sem probidade, que desapparecem com os cofres que lhes foram confiados — homens, que teem mulher e filhos a sustentar, e que prevaricam porque são paes de familia. Considerando sómente as despezas legaes, vê-se que este systema d'administração mercenaria, em materia de caridade, é absurdo e insustentavel. Vêde o que é usurpado aos desgraçados:

«O numero de familias soccorridas em Pariz pelos escriptorios de beneficencia é trinta e seis mil. O numero de individuos, que constituem estas familias, é oitenta e quatro mil; e a cifra das despezas geraes e gastos de estabelecimentos 120:000,000 fr. diariamente.»

Prosegue o profundo analytico dos mappas a sua austera critica sobre as tabellas da receita e despeza, e leva á evidencia dos algarismos, que podendo cada familia receber quatro mil seiscentos e oitenta reis mensaes, apenas perceberão metade, porque a outra lhe é delapidada, cerceada, e á força de incriveis extorsões posta á disposição dos *philanthropos* secretarios, thesoureiro, amanuenses, e não sei que outros figurões da administração que rodam os tylburis dourados da sua opulencia creada nos subsidios da pobreza.

«A sociedade de S. Vicente de Paulo — conclue Barthélemy — tem centenares de membros á disposição do ministerio. Ha ahi homens tão recommendaveis pelos seus talentos como pelas suas virtudes e posição social, que fariam gratuitamente, e cem vezes melhor, o que tão caro é feito e por tão maus mercenarios.»

«O egoismo dos grandes — diz M. Gaume — cedo ou tarde acaba por suggerir murmurações, e, por fim, a revolta da plebe. As associações de caridade são as melhores companhias de segurança, porque (não nos estejamos a illudir) não é a philanthropia, que dança a bem do pobre, que lhe refrigera as suas paixões — irrita-as: só a caridade, a caridade christã, que desce ao pobre, que chora com o pobre, que remexe a palha da sua enxerga, que se identifica com todas as suas miserias, só a caridade póde abafar a ambição no coração do pobre, ensinando-lhe que os ricos são verdadeiramente seus irmãos.»

Esta riqueza do pobre, thesouro fecundo de consolações para as suas penas, seára feracissima de fructos succulentos para o arido de seu espirito queimado pelas desgraças terrenas — esta sua unica propriedade, que Jesus Christo lhe garantira na propriedade dos ricos, foi-lhe confiscada pela «philosophia» d'estes infatigaveis reformadores do velho coração da sociedade.

Quando a mão *milagrosa* da philanthropia mandou afastar do pobre a mão da caridade, as multidões indigentes deveriam acotovelar-se á porta dos philosophos da beneficencia para lhes beijarem a fimbria do vestido, como a Jesus Christo em casa do Centurião. Por essa arrogancia imponente, caracteristica do seculo dos «humanitarios», julgar-se-hia que foram destruidas as causas que produzem a pobreza. Alguns annos mais de caridade legal, e de beneficencia dançante, e a sociedade, contente de si, delirante da sua felicidade, e coroada de flôres, que uma primavera plena lhe enfloraria na fronte, dançará, já não em beneficio dos pobres, porque todos serão ricos, mas em honra d'algum Jupiter da philanthropia, á laia d'aquelle deos do neo-christianismo, que

um «philosopho» francez do seculo passado se dignou fecundar na sua imaginação para bem dos seus patricios. Isto seria um bello sonho nas amarguras da vida positiva! Uma donosa creação orphica para sublimar a prophecia d'um deos de Homero, que viesse até nós brilhando nas epopéas mythologicas!

O peor é que a vida das sociedades é toda materialissima, se a contemplamos sobre a terra, chorando e rindo, com todo o positivismo mechanico das lagrimas e dos risos.

Nas attribuições da reforma cabia degenerar o espirito da caridade; mas destruir as causas da pobreza, com os sonhos d'uma reorganisação *humanitaria*, era o mesmo que destruir os revezes da fortuna, as revoluções, a velhice, as enfermidades, e a libertinagem, que são as causas do infortunio e da pobreza.

A diminuição dos pobres, aconselhada pelo programma da reorganisação, consistia em diminuir as esmolas. A execução d'esta receita era facillima, e não é á mingoa de ensaios que a pobreza não se tem enriquecido. Difficillima julgáramos nós a execução do conselho contrario, se d'elle pendesse a melhoria da classe mendiga.

É certo, porém, que desde a data do decreto que mandava afastar das ruas o indigente, cresceu o acervo dos necessitados admiravelmente. O numero dos pobres, que chamavam as attenções com uma gritaria mentirosa de dôres que não tinham, diminuiu; mas o numero dos verdadeiros pobres augmentou. Terminou uma certa industria, que jogava com a commiseração publica; mas outras industrias mais criminosas vieram substituir as primeiras. O pobre, que passava sua vida entretido com um aleijão fingido, e uma chaga de proposito aggravada, quando lhe impozeram o rigoroso preceito de outra existencia, ensaiou aquella que, á semelhança da que lhe tolhiam, menos trabalhada lhe proporcionasse a subsistencia. É certo que a mais bem policiada sociedade, por força da sua organisação naturalmente defeituosa, mantém no seu gremio individuos, que a lei puniria se podesse devassal-os no segredo do seu viver. Mas um tal segredo é, pelo ordinario, insondavel ás investigações do codigo penal; e, quando um flagrante delicto desvenda o mysterio, augmenta a povoação dos carceres; e, em vez d'um mendigo astucioso, a sociedade tem de prover ás necessidades d'um criminoso forçado.

A presença do infeliz, que se apresentava aos olhos da caridade, lacerado pela ulceração d'uma chaga esqualida, causava nojo ao rico, eventualmente encontrado com o aborrido contraste da sua opulencia. Era necessario, pois, desviar dos olhos do rico o espectaculo das miserias humanas. Desviaram-no, e conseguiram que o rico esquecesse a existencia d'esses filhos da desgraça, que uma lei da policia administrativa sacrificára á opulencia no altar da fome e da nudez.

«Endureceram-se os corações—diz um illustre orador francez—e para obter algumas miseraveis esmolas, foi necessario recorrer aos concertos e aos bailes: foi necessario prometter ao egoismo satisfações e prazeres: querendo consolar o mendigo, insultaram sua miseria.»

Na generalidade, estas idéas carecem de absoluta applicação ao regimen philanthropico de Portugal. Como dissemos no primeiro artigo d'este vasto assumpto, podemos exemplificar pequenos actos d'inspiração philanthropica, mas, se os tomarmos como assumpto de philosophia christã, são de sobeja moralidade ao nosso intento.

A caridade christã é virtude que chora com a desgraça, quando não póde limpar-lhe as lagrimas. A philanthropia é invocação aos prazeres de uma noite bem folgada por um preço dado, em que ao contribuinte não lhe importa que o seu dinheiro seja applicado á salvação de uma familia que se debate nas angustias da fome, ou ao sustento d'algum ambicioso que mercadeja com as lagrimas de seus

irmãos, ou á construcção d'uma pyramide que conte aos vindouros as parvoas glorias d'este seculo de obeliscos. O que importa ao contribuinte é o passatempo, revestido de todas aquellas deliciosas circumstancias, que lhe favoneam commoções, que não gozaria, se as não comprasse.

A caridade, com todos os attributos do seu verdadeiro caracter, está aonde o christianismo influe sentimentos do amor do proximo, em toda a sua plenitude. Comparai entre si todas as nações da terra, e pelo signal da *caridade* reconhecereis as christãs. Comparai entre si todas as nações christãs, e reconhecereis, pela perfeição da caridade que as distingue, as que são catholicas. O exemplo do homem Deus incarnado — diz o padre Barthélemy — vivendo, soffrendo, e morrendo entre os homens, falla mais alto aos christãos que todos os livros dos philosophos. Mas este mesmo Deus, perpetuando e cada dia renovando seu sacrificio sobre todos os pontos do globo; este Deus, morando entre nós, vinculado pelo seu amor, fazendo de si proprio esmola ao homem, dando-se em alimento á sua creatura, eis aqui o que diz mais que o sacrificio da Cruz aos corações catholicos; eis aqui o segredo das maravilhosas dedicações no seio do christianismo; eis aqui o que gera e engrandece os heroes da caridade; eis aqui, finalmente, porque todas as seitas protestantes reunidas nunca produzirão um verdadeiro missionario, e uma filha de S. Vicente de Paulo.

ESOPO. 1. «Nasceu na Phrygia este fabulista. Floreceu 550 annos antes de Jesus Christo, e foi contemporaneo dos sete sabios da Grecia, de Sapho, Cresus, Pisistrato, etc. Foi escravo os primeiros annos da vida em Athenas e Samos. Diz Herodoto que elle servira Jadmon com a celebrada loureira Rhodophis que, depois, logrou, por formosissima que era, esposar o rei do Egypto, Psammetico. Soube Esopo ganhar a estima de Jadmon por seu bom porte, por finas agudezas, e talento com que preleccionava moralidade em fórma de apologos, pelo que, a final, foi alforriado. Sahiu para a Asia Menor e Sardes, e ganhou a amizade de Cresus largos annos. Refere Plutarcho que o fabulista dissera a Solon, quando este ia visitar o principe: «Solon, cumpre-te fazer uma de duas cousas: ou não te acerques dos principes, ou dize-lhes finezas.» A que Solon redarguira: «Dize antes que ou não me acerque dos principes, ou lhes diga verdades.» Foi Esopo enviado á Grecia por Cresus, e assistiu, no dizer de Plutarcho, ao banquete dos sete sabios, em casa de Periandro, tyranno de Corintho, um dos sete. Provavelmente foi n'esta viagem que elle se esforçou por incutir paciencia aos athenienses avexados por Periandro, contando-lhes a fabula das *rans que pediram rei.* Por ultimo, passou a Celphos, onde, conforme as ordens de Cresus, devia immolar um grande holocausto a Apollo, e dar a cada habitante consideravel quantia. Irritado, porém, com a cupidez e perfidia dos delphos, reenviou a Cresus o dinheiro, que devia repartir pelos moradores, cujo amor proprio exulcerou applicando-lhes a fabula dos *cajados fluctuantes.* Exasperados pelo escarneo, juraram vingar-se; e, n'este intento, esconderam na bagagem de Esopo uma taça de ouro pertencente á baixella do templo. Accusado de a ter roubado, Esopo foi perseguido, apalpado, julgado réo, e condemnado ao precipicio da rocha Hyampéa, á laia de sacrilego. Este feito chamou sobre os delphos a colera dos deuses. Devorava-os a fome, queimava-os a peste, quando o oraculo proferiu que só expiando o seu crime poderiam conjurar os dous flagellos. Pediram depois muitas vezes, nas vozes dos pregoeiros publicos, que apparecesse o vingador da morte de Esopo. Apresentou-se a final um filho de Jadmon, cujo escravo Esopo havia sido, e os delphos, quites com elle, afastaram as calamidades.» (L. Vaucher).

2. «Em os primitivos povos, cujos costumes a historia recorda, crentes em metempsycose e metamorphoses,

animadores da natureza morta e divinisadores da natureza humana, pois que phantasiavam sentimentos de razão nos irracionaes, a fabula devia ser-lhes modo de persuadir em tanta maneira efficaz, quanto a esses espiritos broncos e supersticiosos, se figurava mais assentar em exemplos que produzir ficções. Assim se nos mostra que o emprego do apologo em discursos moraes ou philosophicos se perde na mais remota antiguidade. No Velho Testamento, Natan, querendo convencer David de sua injustiça, e forçal-o a proferir sua propria condemnação, conta-lhe o apologo do homem rico, o qual, pastoreando muitos rebanhos, havia roubado a novilha de um homem, que não tinha outra. Joatham, querendo improperar aos sichemitas sua ingratidão, e fazer-lhes presentir as consequentes desgraças, recitou-lhes a engenhosa fabula *da figueira, da vinha e da oliveira*. Joas, rei de Israel, a fim de refrear a soberba de Amasias, rei de Judá, refere-lhe a fabula do *cedro e do cardo*. No *Ecclesiastes* a fabula do *vaso de barro e do vaso de ferro* é referida em prova de que não póde dar-se rija alliança entre forte e fraco. Vastos exemplos nos fornece tambem a historia profana. Se Stesichore quer acautelar os himerios contra a tyrannia de Phalaris, acompanha o discurso com a fabula do *cavallo e do cervo*. Cyro, em Herodoto, por pautar o dever dos reis que exhauriram todos os recursos persuasivos, conta o apologo do pescador forçado a recorrer ás rêdes para pescar os peixinhos que lhe não attenderam ás modinhas da flauta. Menenius Agrippa repõe em Roma o povo amotinado no monte Sacro, pintando-lhe a conjuração dos membros contra o estomago. O Ligurio, querendo provar ao rei Gomano, quão mal fez em conceder aos phocios parte do territorio do seu reino, onde fundassem Marselha, appensa ao discurso a fabula da podenga, que pede um eido onde se allivie dos cachorros; e, depois, como elles crescessem, não largou o pouso. Em todos estes exemplos, vem a fabula como appendiculo ao discurso, meio oratorio para clareza e energia e reforço ás verdades que se querem demonstrar. Poetas mais antigos usaram meios identicos. Hesiodo ornamentou um seu poema com a fabula do *gavião e do rouxinol*; e Quintiliano, que não conheceu mais antigo author, o considerou por isso inventor do apologo. Subsistem trechos da fabula a *aguia e a raposa*, mediante a qual o fogoso Archiloco intentára roborar a valentia de suas satyras. Finalmente, os proprios philosophos não desdenharam tal meio para entalhar de prompto na memoria verdades que estimavam uteis. Alcméon, o Crotoniata, tão a miudo o empregava, que logrou fama de o ter inventado. Esopo, muito posterior a alguns dos authores citados, não inventou o apologo, claro é, nem sequer lhe alterou a natureza e o destino; usou-o, como outros o usaram, para aconselhar a sapiencia mais evidente e persuasiva. As fabulas, citadas por Aristoteles, Platão, Aristophanes e outros antigos, attribuidas a Esopo, e unicas de que elle póde ser author, eram parte das arengas ou discursos proferidos em occasiões momentosas, quando tinha a peito dirigir resoluções populares, e despersuadir empresas perigosas, commettimentos iniquos, ou resguardar contra vexações tyrannicas. As obras de Esopo, se as elle escrevesse, em vez de collecção de fabulas, seriam collecção de discursos, exhortações e maximas esclarecidas e reforçadas por apologos. Aproveitou Esopo, com frequencia e engenho, tal expediente oratorio, e a tal feição de seu talento deve a fama que deixou. Foi elle quem primeiro deu a conhecer o vigor do apologo, e d'esse merito colheu as honras de inventor. Como não escrevia, esqueceu as razões que teve para os recitar; todavia, os discursos, que os motivaram, não estão de todo esquecidos.» (Valkenaer).

ESPATHO. (Veja CALCAREOS).

ESPELHO. (Veja VIDRO).

ESPERANÇA. 1. «Ha no céo um

divino poder, companhia inseparavel da religião e da virtude; ajuda-nos a supportar a vida, é comnosco nas tempestades para nos mostrar o porto, é por igual affavel e valedor com os viandantes celebrados e com os passageiros obscuros. Bem que tenha os olhos vendados, penetra o porvir. Ás vezes tem na mão flôres apenas desabrochadas, outras vezes uma taça a desbordar licôr suavissimo. Nada lhe iguala a doçura de voz e graça do sorriso; quanto mais nos aproximamos da sepultura, mais pura e nitida se mostra aos mortaes consoladores. Dizem-lhe a Fé e a Caridade: «Minha irmã.» O seu nome é Esperança.» (Chateaubriand, *Os Martyres*). — «Não vive tão sómente o homem da vida actual; é-lhe mister crêr em melhor mundo; e para lá avoeja nas azas da Esperança.» (Dr. Descuret). — «É a esperança um sentir tão natural do homem que, por mais que elle queira, e mais mundanal que haja de ser, não ha esquivar-se-lhe; viver só vida presente é-lhe impossivel... Se, pois, a esperança nos é imprescindivel, e nos é parte essencial da vida, não é no tempo morredouro que nossa alma póde repousar; mas sim desferindo-se para o eterno, onde abrolham fontes perennaes de esperança.» (S. Eucher, *Cartas*). — «A esperança é emprestimo que a felicidade nos faz.» (Rivarol). — «As diuturnas esperanças gastam a alegria, assim como as longas doenças entibiam a dôr.» (M.me de Sévigné). — «Ai do que funda sua esperança em homens, e crê esteiar-se em braço de carne!» (Origenes). — «Não vos acosteis a vós mesmo; fundai vossa esperança no Senhor.» (*Imitação*). — «Procede a fé da esperança, cuja subordinada é. Onde não ha fé não ha esperança.» (J. Zénon).

2. Applicada á vida terreal, a esperança dá perseverança ao sabio, animo ao viandante, agilidade ao mercador, actividade ao obreiro, submissão ao escravo, paciencia ao enfermo, conformidade ao christão. Homem que se privou da esperança aspira a aniquilar-se. Religião eminentemente social é essa que manda esperar. São emblemas da Esperança ancora, prôa e baixel, um ninho de passaro, e um ramilhete de folhas e flôres entreabertas. É verde a côr symbolica da esperança — ridente côr com que a primavera nos rejubila. Figurou-a Raphael em postura de prece, com os olhos fitos no céo. — Abre-se á esperança o coração infantil: não se perca disposição tão boa. Como a criança fôr crescendo, adverti-lhe que as suas boas qualidades augmentam mais que o corpo. É facilimo e natural espiar-lhe a cada momento os actos, mostrar-se o mestre contente de seus progressos, e ir-lhe assim afervorando esperanças. Mas d'outro modo é costume proceder. Dizem ás crianças que hão de ser sempre ruins e parvoas, com modos tão brutaes, que lhes tiram desejo e esperança de melhoria. É desacerto grande. Logo que a criança vos não crê, menospreza-vos; e, se vos crê, descoroçôa. Cuidando que será malquisto, não prosperando no estudo, contrista-se, e vai procurar consolações em divertimentos clandestinos, longe da familia.

3. «Amavel companheira da vida, porque veio a esperança tão tarde occupar a minha penna? Porque cedeu ella o lugar a tantos outros objectos, para apparecer no fim de todos elles?

«Depois das fadigas de um longo caminho, qual é o viajante que não folga de entrar n'um valle deleitoso, ainda que n'elle não possa demorar-se muito? de descançar á sombra de suas arvores? de refrigerar-se com a agua das suas fontes? de respirar o aroma das suas flôres?

«Ah! que intoleravel aridez não seria a de nossos tristes dias, se a esperança os não amenisasse? que desalento não seria o nosso, se ella nos não estivesse continuamente animando?

«Ainda nós não havemos sahido do berço, e já ella nos anima e affaga. E quando a morte vem terminar nossa existencia, encontra-a a nosso lado, como a nossa melhor amiga.

«Quem dá a resolução e constancia

ao lavrador para fertilisar a terra á custa dos seus suores; ao navegante, para arrostar a sanha e os perigos do mar, senão a esperança? Quem, senão ella, faz supportar ao enfermo a intensidade das suas dôres? ao prisioneiro o peso dos seus ferros? ao ambicioso mesmo seus penosos sacrificios?

«Alada mensageira, ella percorre o universo por mandado do Altissimo, não deixando cahir em sua passagem senão consolações. Penetra nos palacios dos reis, nas moradas dos grandes, nas ricas habitações dos reputados felizes; porém não é ahi que derrama os seus mais suaves perfumes: onde ella os derrama ás mãos cheias, é onde vê a humanidade em luta desigual com a adversidade; é no interior horrivel dos carceres; é nos leitos dos enfermos; é em toda a parte, em que se appella para Deus das injustiças e das crueldades dos homens.

«Filha porém da fé, não se pense que póde existir sem ella. A fé é o seu principio, e o seu fundamento. Crêr n'aquillo que não se espera, é possivel: mas como ha de esperar-se aquillo em que se não crê?

«Ó esperança! alguns te comparam á fresca viração que vem mitigar os ardores de um calmoso dia; á vibração melodiosa que se exhala das cordas de uma harpa; aos raios do sol após a tempestade; á estrella que brilha no firmamento em as noites mais sombrias: mas estas comparações são todas mesquinhas; e eu não descubro com que dignamente comparar-te; nem atino como possa indicar tudo o que tu significas.

«Tu nos juncas de flôres a terra; tu nos tomas sobre as tuas azas pela aerea estrada, por onde devemos subir ao céo; tu nos arrebatas, tu nos elevas, e tu nos não deixas senão quando, associados aos córos dos anjos, já de ti não precisamos. Ah! qual é o pincel que póde representar o teu poder; ou a penna capaz de descrever teus beneficios?» (Rodrigues de Bastos).

4. Não queremos formular um artigo com o apparato de poesia, que é costume acompanhar a palavra Esperança. Não ha talvez uma idéa, por mais terrena e material que a façam, que tantas expansões motive no espirito menos propenso a ellas.

Não fallamos das illusões d'este mundo, nutridas no seio da esperança, que, tantas vezes, lhes prodigalisa uma nutrição impura. Essa tarefa é a do romance, e a da poesia, e ninguem dirá que o seculo vai minguado d'esses productos.

A nossa esperança é a virtude theologal, é a esperança no céo, é a confiança na misericordia de Deus. A nossa esperança é infallivel, porque tem as promessas e os merecimentos de Jesus Christo a abonal-a. A nossa esperança é aquella que não faz bater o coração do incredulo, porque a fé, no que se espera, é a essencial inspiração da esperança, é a sua irmã, fecundada pela mesma vontade omnipotente, e no mesmo instante da sua apparição; é, finalmente, o seu fundamento, como diz S. Paulo.

A esperança christã não nos dá certeza absoluta da nossa santificação, da nossa perseverança no bem, e glorificação celeste, como querem os calvinistas; mas suggere-nos segura confiança na bondade de Deus, nos soccorros da graça, e nos merecimentos de Jesus Christo. Esta confiança, porém, não deroga a humildade que Deus nos impõe, nem nos permitte adormecer no seio da nossa fraqueza, sem recear a quéda, a que propende o espirito, por mais desligado que se julgue dos vinculos da terra.

A base do christianismo são os merecimentos de Christo: e o só nome d'este Justo, sellando as promessas do seu reino, promettendo-nol-o como conquista de seu sangue, vale mais, falla mais alto, que os escrupulos detestaveis d'alguns theologos, que, sentados indignamente no tribunal dos perdões, d'alli declaram cerradas as portas do céo para o penitente, que não sabe avaliar o grau de parentesco que tem os escrupulos requintados, com a rude ignorancia.

«Deus — diz Santo Agostinho —

constituiu-se nosso devedor, não por ter recebido alguma cousa de nós, mas promettendo-nos o que lhe aprouve.»

«Deus — diz S. Paulo — é fiel ás suas promessas, e não permittirá que a tentação seja superior ás vossas forças; mas fará que da mesma tentação tireis vantagens para que possaes perseverar.»

Jesus Christo, em suas maximas, nos exemplos da sua vida, respira até á morte indulgencia e misericordia. O quadro, que Elle nos deixou, foi o da sua misericordia, e não o da sua justiça. As parabolas da ovelha desgarrada, do filho prodigo, dos operarios da vinha, e do publicano no templo são lições de misericordia. Zacheu, a peccadora de Nahim, a mulher adultera, S. Pedro, e os judeus, que o crucificaram, são sublimes exemplos de confiança.

ESPERANÇA (Fr. Manoel da), franciscano da provincia de Portugal, nasceu na cidade do Porto, e falleceu em Lisboa a 26 de novembro de 1670 com mais de 84 annos de idade.

«*Pessoa de grande talento e letras*, o denomina um dos censores da primeira parte da *Historia Seraphica*; Jorge Cardoso lhe chama *curioso antiquario das cousas da ordem, e diligentissimo esquadrinhador das antiguidades da provincia Seraphica*; e em outros lugares diz: «Segundo as relações do padre fr. Manoel da Esperança indagadas com toda a exacção para a excellente chronica da sua provincia de Portugal. Como averiguou com seu infatigavel estudo o P. M. Esperança.» Com seu exemplo e authoridade se defende seu illustre discipulo fr. Manoel do Sepulchro nos seguintes termos: «Mas responderá por mim quando por si o doutissimo padre, e sempre respeitado e presado mestre meu, fr. Manoel da Esperança, no assumpto, que a tanto custo seu tomou de escrever em vulgar portuguez a chronica d'esta santa provincia de Portugal, obra por todas as circumstancias tão necessaria, como util, e tão estimada, como desejada; esperdiçando n'ella (digamol-o assim para fallar pela bocca de muitos) o mais luzido sujeito para o especulativo, e o mais prestimoso para o moral, e o mais cabal para qualquer grande empresa de letras. E ainda o seu assumpto pelo credito dos acertos de seu author se faz por si mesmo manifesto em as duas partes de sua *Historia Seraphica*, que já tem tirado a luz com universo applauso.» Sahiu á luz: *Historia Seraphica da ordem dos frades menores de S. Francisco, na provincia de Portugal. Primeira parte, Lisboa, 1656. Segunda parte, 1666.*

«O author tem effectivamente um estylo claro e conciso, mui proprio da Historia, o que elle mesmo diz que só procurára seguir. «Não dou razão do estylo (são palavras suas) e só digo que desejei declarar-me affectando brevidade, e não sei se todos querem adivinhar.» Grandes são os elogios, que d'esta sua obra fazem os censores, que a examinaram. Tiraremos para pôr aqui o mais notavel de cada um d'elles. O padre fr. Manoel do Sepulchro, franciscano, leitor jubilado em theologia, guardião de S. Francisco de Santarem, etc., diz assim: «Não sei certo de que mais me admire, se do trabalho do author na infatigavel indagação em buscar tantas aguas perdidas, em dar espirito de vida a tantos seccos ossos, em romper tão espessas trevas, tirando a luz, e restituindo as verdadeiras côres a tão amortecidos objectos: se da felicidade da obra no acerto da empresa, na fertilidade da erudição, e na suavidade do estylo. Tudo é grande, tudo maior que todo o encarecimento.» O padre fr. Manoel da Visitação, tambem franciscano, leitor de prima em theologia, qualificador do santo officio, informa d'esta maneira: «O assumpto é grave, mas bem se desempenha o author mostrando com tanta e tão varia erudição, como nossa religião sagrada de seu principio até os nossos tempos sempre n'esta nossa provincia de Portugal produziu varões insignes em santidade, religião, e letras, dando singulares noticias, tão

verdadeiras, como bem fundadas, e examinadas em suas fontes, tudo com boa repartição, com estylo suave, deleitoso, devoto, e douto, em que resplandecem com o zelo, que o author sempre teve do credito da religião, suas muitas virtudes.» O M. R. P. M. fr. João d'Andrade, provincial da sagrada ordem da Santissima Trindade, mestre em theologia, bispo eleito de Tanger, etc., conclue ultimamente na sua censura por este modo: «As excellencias e raras virtudes, que o author n'esta obra nos inculca de religiosos abalisados em virtudes, as quaes estavam sepultadas nos sepulchros do esquecimento, são tantas e tão maravilhosas, que ao mesmo author, que as tirou com tanto cuidado, e estudo á luz, e dispôz com estylo excellente, darão uma vida immortal na memoria dos vindouros.» Estas chronicas, segundo Jorge Cardoso, são *obra de grande louvor, e indefesso trabalho.*» (*Diccionario da ling. port. Cat. dos auth.*)

ESPHERA. Em geometria, é um solido determinado por uma superficie cujos pontos estão equidistantes d'um ponto interior chamado *centro.* — Póde conceber-se a esphera gerada pela revolução d'um semi-circulo ao redor do seu diametro. *Raio* da esphera é qualquer recta, que do centro se conduz para a superficie. *Diametro* da esphera é toda aquella recta, que passa pelo centro e termina pelas duas bandas na superficie da esphera. Da definição resulta que todos os raios da mesma esphera são iguaes, assim como os seus diametros. — Toda a secção plana n'uma esphera é um circulo; é um *circulo maximo*, quando o plano secante passa pelo centro; é um *circulo menor* no caso contrario. Todos os circulos maximos são iguaes, porque os seus raios são os da esphera. — A área da esphera é igual a quatro vezes a área d'um circulo maximo; e o seu volume é igual ao producto da sua área pelo terço do raio, porque uma esphera póde ser considerada como um polyedro regular d'uma infinidade de faces (veja POLYEDRO). Assim, designando a área d'uma esphera por S, o seu volume por V, e o seu raio por R, teremos as duas formulas:

$$S = 4 \pi r^2;$$

$$V = 4 \pi r^2 \times \frac{r}{3} = \frac{4 \pi r^3}{3}.$$

Em funcção do diametro, o volume da esphera exprime-se pela formula:

$$V = \frac{1}{6} \pi D^3,$$

onde D designa o diametro da esphera. — Mostram estas formulas que, dado o raio ou o diametro d'uma esphera, a área e o volume ficam determinados; e reciprocamente. (Veja FORMULAS).

2. As principaes partes da *superficie* da esphera são: 1.º a *zona espherica*, ou *calotte com duas bases*, parte comprehendida entre dous circulos parallelos, cuja área se obtem multiplicando a sua altura pela circumferencia de um circulo maximo; 2.º a *calotte espherica*, zona em que um dos planos dos dous circulos é tangente á esphera: a sua área, como a da zona, tem por expressão: $a \times 2 \pi r$, designando por a a altura da zona ou calotte; 3.º *lúnula espherica*, parte limitada por duas semi-circumferencias maximas: obtem-se a sua área, multiplicando a área da esphera pela razão entre o angulo da lúnula e 360 graus. — As partes principaes do *volume* da esphera são: 1.º o *tronco espherico*, ou *segmento espherico com duas bases*, porção limitada por uma zona e pelos dous circulos que lhe servem de base: obtem-se o seu volume multiplicando a semi-somma das bases do tronco pela sua altura (distancia entre as duas bases) e ajuntando ao producto o volume da esphera cujo diametro é a dita altura; 2.º o *segmento espherico*, porção limitada por uma calotte e pela sua base: obtem-se o volume multiplicando a metade da base do segmento pela sua

altura e ajuntando ao producto o volume da esphera cujo diametro é a dita altura; 3.º o *sector espherico*, solido tendo a fórma de um cone de base curva, cujo vertice está no centro da esphera e a base é uma calotte espherica: obtem-se o volume multiplicando a área da calotte que lhe serve de base pelo terço do raio da esphera; 4.º *cunha espherica*, sólido formado por uma lúnula espherica e por dous semi-circulos maximos: obtem-se o volume multiplicando a área da lúnula respectiva pelo terço do raio da esphera. — Obtem-se o volume de uma *camada* ou *involutorio espherico*, calculando a differença entre os volumes das duas espheras concentricas, cujas superficies são seus limites.

ESPINAFRE. (Veja SYNANTHEREAS).

ESPIRITISMO. «Eis-aqui um systema que, de encontro aos outros, funda-se essencial e exclusivamente no que ultrapassa as leis terrestres e natureza humana. Segundo elle as raias dos dous mundos, longe de serem intransitaveis, a cada instante se transitam. Entre as duas ordens, que outros systemas separam por abysmos, estabelece o espiritismo um passadiço facil, sempre franco aos passageiros d'esta para a outra vida. A morte não é obstaculo; o sobrenatural não é limite. O corpo não empece a alma; não a retem nem prende; de geito e modo que ella póde distrahir-se d'elle e como que abandonal-o.

«Em redor de nós existe um mundo de espiritos mais povoado que o nosso, o qual nos conhece os pensamentos, vê nossas acções, e entremette-se n'ellas. Estes espiritos, mais ou menos purificados, mais ou menos desatados da materia, sahem dos corpos e tornam a entrar, percorrem todos os tramites do bem e do mal, desde os mais brutaes incitamentos até ás aspirações mais puras. A alma humana que lhes é identica póde entrar em commercio com elles, evocal-os, interrogal-os, pedir-lhes seus segredos, ir com elles futuro dentro, e retroceder ao passado, tão desconhecido, e ás vezes mais mysterioso que o futuro.

«Revivem, pois, os prestigios da necromancia? Volvem os oraculos da theurgia? Reapparece o magismo com o seu sequito de revelações e terrores? Não poderemos entrar aqui no desenvolvimento e exame dos factos, e verificação dos phenomenos. Tão difficil e temerario nos parece tudo negar como tudo admittir. A boa fé e sinceridade são parte n'isto como a impostura e o empyrismo. Porém, não se ha de rejeitar sem discussão um systema que conta ás centenas de milhares os seus adeptos, e se apoia em grandissimo numero de testemunhas oculares, e offerece singulares deducções, não tanto por seus resultados como por suas promessas.

«E, demais, não nos será licito dizer que estas crenças e praticas competem com o principio do mundo, e tem a vitalidade da superstição e curiosidade do homem? Iguaes espectaculos testemunharam os seculos passados. No berço do genero humano, o espiritismo fez adeptos no oriente todo. A Grecia introduziu-o em Roma. Em certos cyclos da historia, apavora elle o mundo com seus ardis tenebrosos, e perigosas, se não culpaveis machinações.

«Umas vezes, eram as familias implorando os manes, ou as sombras errantes pedindo aos vivos o descanço e felicidade que a morte lhes não déra; outras vezes, lugubres evocações provocavam a cupidez, a ambição e vingança.

«D'est'arte, mesclavam-se n'outro tempo aquellas praticas e crenças com os systemas philosophicos, ou reclamavam sua parte nas opiniões e observancias religiosas. Mas, no espiritismo, são a propria doutrina, ou, mais exactamente, o culto, e religião exclusiva. Fundamentam a verdade, a regra, e moral. Inauguram um systema completo que abrange presente e futuro, e traça os destinos do homem, abre-lhe as portas da outra vida, e o leva por sobre a sepultura, a introduzil-o no mundo sobrenatural. Ensinam-lhe tudo que deve fazer e

crêr. Submettem-se á disposição d'elle; e são tão constantes, e regulares em suas communicações, e submissos a tão certas fórmas, que já pertencem á commum pratica, e entram em ordem tão natural e simples como a ordem determinada pelas leis do mundo.

«Se o espiritismo tivesse bases em que nos podessemos apoiar confiada e seguramente, dar-nos-hia, com curiosas intuições da vida futura, um bom ponto de argumentação que nos esclarecesse, e mostrasse a nova luz a certeza. A alma sobrevive ao corpo, visto que se revela depois da dissolução dos elementos que o formam. Desprende-se o principio espiritual, persiste, e attesta com actos sua existencia. É logo, portanto, condemnado pelos factos o materialismo. Está julgado o naturalismo não sómente pela consciencia do genero humano; senão tambem pelo testemunho, e experiencia sensivel, e ainda por provas irrecusaveis, porque são as unicas que elle admitte. O pantheismo é refutado por cada uma das almas que chega individualmente a responder de sua entidade e accusar sua permanencia. O mundo espiritual tem suas leis, acontecimentos, e historia. Póde o espirito revelar-se á incredulidade que o nega, ou interpellar o scepticismo que o moteja. A vida d'além-tumulo torna-se facto certo e palpavel; facto que até certo ponto participa da materialidade. O sobrenatural impõe-se á sciencia, submette-se ao exame d'ella, não consente que ella theoricamente o rejeite, e o declare impossivel como principio.

«Mas, por outra parte, se o espiritismo estabelece a existencia e realidade d'um mundo differente do nosso, por doutrinas, factos, e resultados; ao mesmo tempo arrisca o verdadeiro e puro espiritualismo. Tira-lhe aquelle caracter elevado e nobre de que se revestem os altos principios em philosophia e religião. Deixa inexplicados problemas e difficuldades que dizem respeito ao destino do homem. Entra pela outra vida, com as paixões, preconceitos, fraquezas, ignorancia e vicios humanos. Distingue os espiritos em maus, fugaces, duendes e futeis, assim como em superiores e perfeitas essencias. Diz que os maus e vulgares são os mais frequentes na terra. Submette-os todos á vontade do homem. Suppõe que obedecem a vontades incoherentes e irrisorias, imagina-lhes intervenções pueris e absurdas. Substitue a nobres pensamentos e aspirações puras vãs phantasmagorias. Erro e verdade, mal e bem, luz e trevas misturam-se no mundo espiritista como em o nosso. E não mereceria a pena trabalhar, soffrer, cumprir a justiça sobre o mundo, para depois da morte obter, como recompensa de tudo, o direito de nos perdermos em estereis debates e pueris intervenções.

«Pretende o espiritismo que as almas na vida extra-humana, tem a sorte que as suas acções mereceram n'esta. O castigo dos maus é um grau inferior no mundo dos espiritos. A recompensa dos justos é a conquista de uma elevada posição. Os maus espiritos, desgraçados á proporção de sua culpa, levam comsigo o sentimento dos crimes, que lhes dão a inferioridade e castigo. Porém, não é para elles permanente e definitivo tal estado: é uma das phases de sua existencia. Admitte o espiritismo que as almas, ao través de progressivas penitencias, vão gradualmente adquirindo pureza e felicidade: theoria que, emparelhando com a metempsycose em muitas especialidades, levanta quasi todas as difficuldades e objecções.

«Os differentes espiritos, fracos, imperfeitos e ignorantes, successivamente vão encarnando nos corpos. Depois d'uma primeira provação, uns logo, outros depois, adquirem nova existencia terrestre. O nosso planeta não é o theatro unico da evolução das almas. Abre-se-lhes a immensidade do mundo sideral. Cada estrella, cada sol podem ser habitados por almas na serie de suas transformações. Possuem os espiritos direito de escolher o logar, tempo, e modo, em que querem padecer suas penitencias posteriores; mas sejam ellas quaes

forem, por ultimo, não tem que temer. A lei do progresso os impelle, depuram-se e elevam-se em cada existencia successiva, a não ser que a pertinacia de sua perversa vontade lhes demore o aperfeiçoamento. Que elles se divirtam no caminho da provação, que se entreguem a seus instinctos, que enganem os homens, que se riam das cousas tanto d'um como do outro mundo, tem a faculdade e direito de fazer o que quizerem: mais tarde se emendarão. — E, seja como fôr, a punição presente d'elles é cousa insignificante, e a futura felicidade é cousa segura e infallivel.

«Pelo conseguinte, estas provações correm parelhas em seriedade com os actos e palavras. Gozam livre arbitrio, sem responsabilidade nenhuma. Podem desassombradamente deliciar-se, a despeito ainda da verdade e da justiça. O bem os espera; lá hão de chegar: porque não podem arripiar carreira no caminho que os leva fatalmente á suprema felicidade.

«E a vida terrestre, não lhes é, portanto, castigo nem prova. Castigo, é para elles cousa sem significação nem fim, porque não se lembram de sua vida anterior, e não devem ser castigados por faltas que não conhecem. A realidade da prova é identica. Não podem decahir; mais ou menos lentamente, lá se vão elevando; e a má vontade não lhes é obstaculo a seu progresso, do mesmo modo que os crimes.

«Esta doutrina, que invade todas as outras crenças, conhecemol-a das pessoaes communicações dos espiritos. São elles quem nos revela tudo que nós sabemos, de sua existencia, de seu destino e do nosso, e da vida futura. É evidente que os espiritistas pediram de emprestimo aos antigos systemas ácerca de Deus, da creação, da moral e do dever, os grandes principios que condecoram a alta philosophia da religião; porém, é preciso obtel-os de suas narrativas e testemunhos, o que não está incluido n'aquellas noções: ora, segundo o espiritismo, as respostas são por vezes falsas, e frequentemente vagas e desatadas. Certos espiritos mentem por divertimento; parece que a sua felicidade está em lograrem os homens. Alguns resistem ás mais cynicas chacotas, e despejadas brutalidades. Outros, mentem por ignorancia, e affirmam o que não sabem. Sómente os espiritos superiores, igualmente puros que intelligentes, ensinam a verdade e inspiram confiança.

«É por tanto urgente discernir, entre respostas contradictorias, admittir ou rejeitar, restabelecer factos, e corrigir erros. No marulho de revelações, que tantas phantasias tem alvoroçado, tantas consciencias perturbado, tantas affeições rompido, e tantas familias desligado, devemos escolher o bem e a verdade, e tirarmos uma doutrina segura d'este cahos de elementos.

«Deus, soberano e perfeito, consentiria que por taes meios viesse a verdade aos homens? Os prophetas não ousaram taes ambiguidades; as suas revelações não eram assim obscuras e perigosas. Se elle quizesse abrir á humanidade veredas novas, esclarecel-as-hia, abrindo-as a todos, e ao abrigo de illusões e fraudes. Indigno seria de sua providencia, enviando taes instructores á terra, livres em suas phantasias, submissos aos caprichos inconsistentes do homem, e funccionando tão pouco em harmonia com a importancia e gravidade da vida sobrenatural. Semelhante doutrina que, apesar de factos, á primeira vista incontestaveis, difficilmente se póde ter em séria conta, não póde ser o ultimo resultado do trabalho philosophico do homem, o complemento das revelações que Deus reserva á illustração do mundo.

«Em resumo, o espiritismo nada acrescentou efficazmente á certeza da immortalidade, á força de suas provas racionaes e moraes. Com o espiritismo, a sobrevivencia, mesclada de tantas aspirações terrestres e illaqueada por tantas contradicções, baixezas, e duvidas, perderia grande parte de sua dignidade, independencia e grandeza.» (De Puchesse).

ESPIRITO. 1. (Veja SAGACIDADE).

O que se donomina *espirito*, em opposição á *materia*, abrange tudo que é da alçada da intelligencia, da imaginação, da moral, em uma palavra, toda a *psychologia*. (Veja esta palavra). — Em relação ás qualidades intellectuaes, diz-se: *espirito* firme, viril, solido, esclarecido, claro, subtil, fraco, abstruso, ornado, vasto, superficial, credulo, recto, justo, supersticioso, etc. — «Esta palavra diz mais que juizo, engenho, gosto, talento, penetração, grandeza, graça, sagacidade, e deve comprehender todos aquelles predicados. Cabe-lhe a definição: a *razão engenhosa.*» (Voltaire). — «É propriedade do espirito combinar e resurtir as correlações das cousas; depois dar boleio ao que exprime e elegancia ao que faz. Está mais perto da imaginação que do bom siso, porque é de seu natural flammejante e esplendido.» (Dr. Descuret). — «Bom senso e engenho são affins: o espirito é collateral... No mundo intellectivo o bom senso é a propriedade da raiz, o espirito é a movel... Espirito aporfiado em corromper é como alavanca posta a derruir... Ao homem de espirito faz-se mister mulher de bom senso: dous espiritos em uma casa é de mais... O pequeno espirito é o espirito das cousas pequenas.» (De Bonald). — «Não dá vantagem possuir espirito sagaz, se é injusto... Algum tino sobrepuja muito espirito.» (Vauvernagues). — «Sem razão, que monta o espirito?» (De Levis). — «Quem se esfalfa atraz do espirito esbarra em parvoiçada.» (Montesquieu). — «As pessoas de espirito, quanto mais querem inculcar, menos revelam.» (Duclos).

2. Convém notar que o termo *espirito* no sentido de *agudeza*, *graça*, *perspicacia*, etc., não tem bom cunho lusitano. O sabor é gallicano; e algum purista francez malsinal-o-hia de anglicismo, porque do inglez *spirituous*, o adoptaram os francezes. Entre nós está já tão usado e corrente, que o reproval-o nos poria pecha de impertinencia. Já D. fr. Francisco de S. Luiz o naturalisou, dizendo que «tem boa origem e derivação, e é mui expressivo.» No entanto, quem quizer ser igualmente expressivo e discipulo dos melhores mestres, algumas vezes, em lugar de *homem espirituoso*, diga *homem penetrante*, *diserto*, *acutissimo*, *perspicaz*, *esperto*, *solerte*, etc. Mas, póde ser que *a alguem* sôe menos energico algum d'estes adjectivos portuguezes, por não frisar nenhum ao sujeito vivo e loquacissimo que nos atordôa com descargas de agudezas. Bom remedio: a esse tal chame-se *espirra-canivetes* que é palavra composta lusitanissima.

ESPONJA. (Veja Zoophytos).

ESPORAS. (Veja Rainunculaceas).

ESQUADRO. (Veja Instrumentos).

ESQUELETO. 1. Dizemos funcções de relação as que põe o animal em relação com os corpos exteriores, e por intermedio das quaes elle recebe a percepção d'aquelles corpos, podendo aproximar-se ou afastar-se d'elles. Taes funcções se operam mediante dous grandes systemas de orgãos — os de movimento e de sensibilidade. O apparelho de locomoção, nos animaes superiores, é formado de duas partes com relações reciprocas: ossos e musculos. Os ossos, cujo complexo fórma o esqueleto, são partes duras, resistentes, servindo como de alavanca, e apoiando-se uns nos outros, por meio das articulações. A articulação ossea é feita por juxtaposição, por encaixe, ou por implantação. Os ossos são compostos de uma parte organica e vivente, especie de parenchyma formado por gelatina, e uma parte morta, terrea, deposta nos intersticios da primeira, que vem a ser phosphato de cal á mistura com carbonato de cal. A quantidade de phosphato augmenta com a idade, e pelo conseguinte a proporção da gelatina abunda mais quanto o individuo menos se afasta da época do nascimento. Todos os ossos começam por ser cartilagens, moles, flexos, quasi inteiramente compostos de gelatina endurecida; n'esta base gelatinosa se vai

depondo gradualmente o phosphato de cal que dá aos ossos a consistencia. Aquelles ossos que em idade adiantada se conservam proximamente do estado que fica descripto, tem o nome particular de *cartilagens*. Opera-se o desenvolvimento dos ossos por muitos centros chamados *pontos de ossificação*, d'onde nascem fibras que se prolongam em todas as direcções, e formam outras tantas peças osseas que, ao principio separadas, depois se conchegam e reunem. Os musculos formam-se pela juncção de feixes de certo numero de fibras musculares, mediante um tecido cellular interposto. Compõe-se essencialmente o tecido cellular de uma materia que contém sangue e se chama *fibrina*. As fibras musculares contrahem-se sob a influencia de certas causas existentes, ou da vontade do animal. De rectas, que são, tornam-se sinuosas e a modo de recurvas em zig-zag.

2. Os movimentos progressivos executam-se em todos os animaes vertebrados, por meio de appendices complexos, chamados *membros articulados* e que são quatro, dous anteriores (membros thoracicos), e dous posteriores (membros abdominaes). Em o homem e nos mais animaes que d'elle se aproximam, estes membros compõem-se de quatro partes: hombro, braço, antebraço e mão quanto á parte anterior; quadril, coxa, perna e pé, na posterior. O hombro tem dous ossos (omopolata e clavicula) que se prendem em angulo, e são moveis no ponto de juncção. O braço tem um só osso (humero). O antebraço contém dous (cubito e radio). A mão comprehende carpo, metacarpo e dedos. O corpo ou punho é formado de oito ossinhos em duas ordens: o metacarpo de cinco ossos longos, correspondentes a cada dedo; cada dedo tem dous ou tres ossinhos articulados chamados *phalanges*. Os membros inferiores são compostos de analogo feitio. A coxa, que corresponde ao braço é formada de um osso, chamado *femur*; a perna contém dous, tibia e peroneu. As articulações dos membros são providas de musculos, uns flexores, outros extensores.

«Os musculos obram de uma maneira mui desvantajosa; por se atacarem quasi sempre obliquamente, e muito perto do ponto d'apoio do osso, que elles movem; por maneira que se tem calculado, que os musculos extensores do braço fazem um esforço igual a quasi mil e oitocentas libras, para o conservarem em uma posição horisontal. As fibras dos musculos são umas vezes parallelas, outras vezes dispostas como barbas de pennas, e outras finalmente em muitos mólhos, ou planos, vindo a força total de um musculo a ser somma das forças de cada fibra, modificadas segundo as differentes direcções das fibras. Não é possivel conceber, como estes filamentos tão fracos em si mesmos, podem exercer, durante a vida, uma acção tão consideravel, ao mesmo tempo que depois da morte, se laceram pela suspensão de um peso, ordinariamente, mui diminuto.

«O corpo divide-se em *tronco*, *cabeça*, e *membros*: o tronco tem por esteio *a espinha* do *dorso*: especie de columna formada dos ossos, chamados *vertebras*, juntas umas sobre outras por ligamentos, que lhes permittem um movimento pouco consideravel: cada vertebra é composta d'um corpo situado anteriormente, e de uma porção annular, que fórma, com a das outras, um canal continuado, desde a cabeça até á rabadilha, no qual se acha encerrada a medulla espinhal. As vertebras tem chanfraduras nos lados, para dar sahida aos nervos, e diversas eminencias, para o ataque dos musculos; e contam-se sete *cervicaes*, doze *dorsaes*, cinco *lombares*, quatro, ou cinco formando o osso *sacro*, e tres, ou quatro formando o osso *coccyx*: a primeira vertebra cervical sustem a cabeça, as doze dorsaes sustem cada uma duas costellas, ou arcos osseos, que formam o peito; e que pelo seu movimento augmentam, ou diminuem esta cavidade para a respiração. As primeiras sete costellas, chamadas *verdadeiras*, vão unir-se por longas cartilagens a um osso chato,

situado na parte anterior do peito, chamado *sternon;* e as outras cinco chamam-se *falsas.* As vertebras *lombares* não servem de apoio a costella alguma: as que formam o sacro são unidas em uma só peça, á qual se articulam os ossos das cadeiras; e as vertebras que compõem o coccyx são uma imitação imperfeita da cauda dos quadrupedes, formando a protuberancia, que se chama *rabadilha.*

«A cabeça dobra-se de traz para diante, e de diante para traz, sobre a primeira vertebra cervical; esta lhe dá os movimentos de rotação, girando sobre a segunda; e os seus movimentos lateraes dependem inteiramente das inflexões do pescoço. A cabeça compõe-se de *craneo,* e *rosto:* o craneo é uma boceta oval, que encerra o cerebro, tendo na base um grande buraco, por onde sahe a medulla espinhal, para ganhar o canal das vertebras; e muitos outros buracos menores, para a passagem dos vasos e nervos: compõe-se de oito ossos divididos pelas suturas, a saber, o *occipital,* dous *temporaes,* dous *parietaes,* o *frontal,* o *ethmoideo,* e *sphenoideo.* O rosto, situado na parte anterior e inferior do craneo, é atravessado da parte anterior á posterior pela abobada do nariz, dividida em duas partes, por um septo chamado *comer;* e contém afóra isto as *orbitas,* ou covas, nas quaes estão situados os olhos; e os dous queixos. Consta o rosto de quatorze ossos, que são os dous *maxillares,* os dous *pomulos,* articulados cada um com o temporal do mesmo lado, por uma eminencia, que fórma uma especie de aza, chamada *arcada zigomatica,* os dous *nasaes,* os dous *palatinos* na parte posterior do paladar, o *comer* entre as ventas, os dous *turbinados* nas *ventas,* os dous *lacrimaes* no canto interno das orbitas; e a *mandibula inferior,* o unico osso movivel de todos os que compõem a cabeça.

«Cada queixo tem dezeseis dentes, que são quatro *incisivos* cortantes, situados no meio, dous *caninos* pontudos, situados nos cantos, e dez *molares* de corôa tuberculosa, situados cinco de cada lado, sommando, na totalidade, trinta e dous dentes. A lingua é sustida, assim como o larynx, por um osso particular chamado *hyoideo,* ligado sómente á cabeça por ligamentos.» (Cuvier).

ESQUILO. (Veja Ruminantes).

ESQUIMÓS. (Veja Bretanha).

ESTAÇO (Gaspar), natural da cidade de Evora, onde fez os seus estudos na universidade novamente alli fundada pelo cardeal rei D. Henrique, por mandado expresso do mesmo soberano.

«Ao qual (são palavras do author) me sinto muito obrigado, assim por este beneficio, como pelo da creação, que em sua casa tive desde menino de dez annos.» A moradia d'esta lhe mandou dar nas escólas, «no que se vê (prosegue o mesmo author) quanto favorecia as boas artes e disciplinas, pois se tinha por melhor servido de quem estudava, que de quem o servia.» No anno de 1588 obteve do senhor D. Theotonio de Bragança, arcebispo d'Evora, por mercê particular, uma carta de reverendas, para poder tomar ordens em Roma. A respeito d'este illustrissimo prelado diz elle: «Eu não devo calar, que estando em Roma me fez muita mercê e honra, encommendando-me por suas cartas ao cardeal Farnez, e ao snr. D. Duarte, seu sobrinho, que agora é cardeal illustrissimo. O que officio me foi de grande proveito para certo negocio, que em Roma tinha.» Imprimiu *Varias antiguidades de Portugal. Author Gaspar Estaço. Em Lisboa, por Pedro Crasbeeck, impressor de el-rei. Anno Dñi M. DC. XXV.*

«Ambos os censores d'esta obra estão conformes quanto ao seu merecimento, dizendo o primeiro «que n'ella achára apurada a verdade de muitas antiguidades graves e proveitosas, que o tempo tinha senão consumida, corrupta, o que o author faz com tanta erudição, tanta efficacia de razões provadas, ora com as mesmas, que emenda, ora com as circumstancias do

tempo, de que se trata, que com muita razão me parece obra tão digna da licença, que se pede, como do applauso, com que de todos será recebida.» Dignissima de sahir á luz para louvor de Deus, e honra d'este reino (diz o segundo censor) que lhe parecera, por que tem cousas illustres, em que o author mostra muita erudição, e pelo que investigou e averiguou, merece muito.» No fim do sobredito livro vem: *Tratado da linhagem dos Estaços, naturaes da cidade d'Evora.*

«Este tratado, diz o author que fizera «já velho na idade, nos pensamentos triste, e no corpo enfermo.» O juizo dos dous censores, que se ajuntou ás *Varias antiguidades*, igualmente lhe convém, pois junto com ellas foi tambem examinado, e assim mesmo engrandecido. Ambas as referidas obras escreveu em Guimarães, como se vê de diversos lugares da primeira, particularmente da sua dedicatoria: «á Sacratissima Virgem Maria da Assumpção, titular da igreja collegiada real da notavel villa de Guimarães.» N'ella porém mostra residir pouco satisfeito, dizendo no fim d'esta mesma obra: «E que póde n'este proposito quem vive remoto das graças e das musas, sempre occupado, e, para maior cumulo, desterrado? A patria, parentes, e amigos da creação, que bem e doçura tenham, mais se entende carecendo, que gozando.» João Pinto Ribeiro denomina o sobredito tratado *bem discursado.*

ESTAÇÕES. 1. A terra, girando sobre si ao mesmo tempo que gira á volta do sol, recebe em diversas épocas do anno os raios d'aquelle astro sob diversissimas inclinações. D'ahi, as consideraveis alterações de temperatura, manifestadas em todos os pontos da terra, constituindo as estações. Pelo que, aos 20 de março, a terra está collocada de maneira que os dous polos se acham a igual distancia do sol, e ambos lhe recebem os raios. Apparece então o sol ás 6 horas da manhã e desapparece ás 6 da tarde; os dias e noites são de igual tamanho. Chama-se esta época *equinoxio*. Começa então a primavera no hemispherio boreal, e o outomno no hemispherio austral. Continuando seu giro a terra, de dia para dia se vai alteando o sol sobre o nosso horisonte. Aos 21 de junho attinge a sua maxima altura. Acha-se então o circulo polar arctico inteiramente aluminado pelo sol, e até o polo o vê constantemente. Quanto aos pontos situados entre o equador e o circulo polar, ahi vão os dias crescendo e as noites diminuindo. No hemispherio austral é o inverso. Desde 20 de março, o polo sul cessou de vêr o sol, e aos 21 de junho desapparece o astro em todos os pontos do circulo polar antarctico. Este momento do anno chama-se *solsticio*. Desde então desce o sol. A terra move-se para o segundo ponto do encontro da ecliptica com o equador, onde chega a 22 de setembro. Faz-se então outra vez o dia igual á noite em todos os pontos do globo. De 20 de março a 22 de setembro, o polo boreal tem um dia de 6 mezes, e o austral uma noite da mesma extensão. Principia então o outomno no hemispherio boreal, e a primavera no austral. Até ao dia 21 de dezembro, minguam os dias e crescem as noites no hemispherio boreal. No austral dá-se o contrario. N'esta época, o circulo polar antarctico, está aluminado em todos os pontos. D'esta posição, chamada *solsticio de inverno*, reverte a terra ao equinoxio de primavera, que de novo attinge aos 20 de março. Portanto, são dous os equinoxios — o de primavera em 20 de março, e o de outomno em 22 de setembro; dous solsticios — o de estio em 21 de junho, e o de inverno em 21 de dezembro.

No equador, qualquer que seja a posição da terra, o dia é constantemente igual á noite. Nas regiões visinhas dos tropicos, ha só duas estações: a pluviosa, quando o sol está na sua maxima altura acima do horisonte, e a estação secca. No equador ha duas estações chuvosas nos equinoxios e duas estações enxutas.

2. Na correnteza de todo anno, o sol não deixa as verticaes da zona

torrida. Ha constantemente dia e noite de 24 horas nas zonas temperadas. Em fim, ha dias e noites de mais de 24 horas nas zonas glaciaes. Os epithetos *torrida*, *temperada*, e *glacial* indicam a temperatura particular d'aquellas differentes zonas.

Correm 92 dias desde 21 de março a 21 de junho, duração da primavera; 94 dias até 23 de setembro, estio; 90 dias até 22 de dezembro, outomno; 89 dias até 21 de março, inverno.

Primavera e estio perfazem 189 dias; ao passo que outomno e inverno formam sómente um periodo de 179 dias; sendo a differença de dous periodos de 7 dias.

Os habitantes do hemispherio sul tem, ao contrario, 7 dias a maior no outomno e inverno; demonstra-se porém que ha compensação no effeito calorifico, estando o sol mais visinho da terra no fim de dezembro e mais afastado no fim de junho.

ESTADOS UNIDOS. «Religião.— Nos Estados Unidos não ha religião dominante: a maior parte da população segue as differentes seitas protestantes; grande parte a religião catholica romana; os indigenas, que ainda não estão convertidos, as suas antigas superstições e idolatrias.

«Governo. — Cada um dos 24 estados fórma uma republica particular e independente dos outros para tudo que respeita a negocios puramente locaes; é governada por um governo electivo e por uma assembléa legislativa composta de duas camaras, cujos membros são escolhidos pelo povo. Os 24 estados reunidos formam a republica federativa chamada os *Estados Unidos*, a *Confederação americana*, ou sómente a *União*. (Veja-se o *Acto federal* de 1787). Todos os poderes legislativos residem em um congresso, que se reune em Washington, e se compõe de um senado e de uma camara de representantes: estes são annualmente eleitos pelo povo a razão de 1 por 40:000 habitantes; os senadores são nomeados dous pelas camaras de cada estado e para o tempo de seis annos.

«O poder executivo é confiado a um presidente e a um vice-presidente eleitos por quatro annos por um numero de eleitores igual ao dos senadores e representantes reunidos, e que cada estado manda ao congresso para este effeito. O presidente é commandante em chefe do exercito, da marinha e das milicias; de accordo com o senado celebra tratados, nomeia embaixadores e consules, os membros do tribunal supremo, e os principaes empregados do governo. O vice-presidente preside o senado. O congresso se reune ao menos uma vez todos os annos, ordinariamente no principio de dezembro.

«O poder judiciario reside em um tribunal supremo composto de um juiz em chefe e seis adjuntos; e em tribunaes inferiores: todos estes magistrados são inamoviveis. Nenhum territorio póde ser admittido na União sem ter 60:000 habitantes: os territorios não federados tem uma fórma de governo particular, n'elles não gozam os habitantes de direitos politicos e estão sujeitos a governadores nomeados pelo presidente dos Estados Unidos.

«Os estados se dividem em *condados*, menos a Luisiana, cujas divisões se chamam *parochiaes*, e a Carolina do sul, que é dividida em *districtos*.

«Industria. — A agricultura é a principal occupação dos habitantes, animados pela fertilidade do terreno e pela facilidade com que se fazem proprietarios. Como nos Estados Unidos se dão quasi todas as materias primas das manufacturas, sua industria tem crescido com a paz ao mais alto grau. Calcula-se em um milhão o numero de teares de fazendas de algodão; tem-se melhorado muito as lãs depois da introducção dos carneiros merinos. Rhode-Island, Massachusetts, Connecticut, Pensylvania, Delaware, Nova York, Nova Jarsey e Ohio são os estados onde a industria faz mais progressos. Por toda a parte se encontram officinas de toda a especie, manufacturas de toda a quali-

dade. Os productos da imprensa periodica se tem elevado a um ponto, que não tem igual em qualquer outro estado do globo.

«Commercio. — Os Estados Unidos são a segunda potencia commerciante do mundo, principalmente pelo que respeita ao commercio maritimo, porque sua marinha mercante só cede á Inglaterra. Ainda pelo que respeita á navegação interior, nenhum estado apresenta linhas navegaveis tão longas e faceis como os Estados Unidos. Desde a abertura dos canaes, que pozeram em communicação os terrenos das vertentes do Hudson, do Delaware e do Susquehanna entre si e com os vastos terrenos das vertentes do S. Lourenço e do Mississipi; Mont-Real e Quebec no Canadá, e Nova York, Philadelphia, Baltimore, Pittsburg, Cincinnati, S. Luiz e a Nova Orleans, nos Estados Unidos, communicam entre si, sem que as embarcações se exponham aos perigos do mar. Além d'isso um tecido vastissimo de caminhos de ferro augmenta tantas facilidades offerecidas ao commercio interno pela navegação dos canaes e rios, cortados em todas as direcções pelos barcos de vapor.

«As exportações consistem em *productos indigenas* e *productos estrangeiros*; os primeiros são principalmente: algodão, farinha de trigo, arroz, milho, tabaco, linhaça, madeira para edificação, taboas, potassa, peixe salgado, carne salgada de vacca e porco, pelles e diversas outras producções animaes; os productos estrangeiros são: generos coloniaes. Os Estados Unidos exportam ha annos importantes valores de suas manufacturas, taes como polvora, moveis, fazendas grossas de algodão, chapéos, obras de couro, livros, armas, etc. Além dos generos coloniaes mencionados, de que os mais importantes são o assucar e o chá, os principaes artigos de importação consistem em: agua-ardente, sal, e vinho; uma grande variedade de productos das fabricas da Europa e da India, da China, e das importantes pescarias do Atlantico e dos mares austraes. Além d'isso ha o commercio de troca com os indigenas, a quem se dão camisas, pannos grossos, enfeites de prata e cobre, espingardas, tomawhauks ou hachas de armas, munições, armadilhas de aço para apanhar os animaes que fornecem pelles, e diversos objectos de quinquilheria, por pelles de bufalo, de grã besta, de gamos e castores, sebo e esteiras. As mais importantes transacções commerciaes são com a Inglaterra, depois com a França, a que se seguem a China, a ilha de Cuba, a Confederação-Mexicana, os Paizes-Baixos, as cidades Anseaticas, Portugal, Dinamarca e Brazil; além de um importantissimo commercio de cabotagem para todos os portos do mundo.

«As principaes cidades commerciantes da União sobre o mar são: *Nova York*, *Philadelphia*, *Boston*, *Baltimore*, *Nova Orleans*, *Charleston* (na Carolina do Sul), *Providence* (em Rhod-Island), *Salem* (no Massachusetts), *Portland* (no Maine), *Norfolk* (na Virginia), *Savannah* (na Georg), *Brooklyn* (na Nova York), e *Alexandria* (no districto de Columbia). As principaes praças de commercio do interior são: *Albany*, *Troy*, *Utica*, *Rochester* e *Buffalo* (na Nova York), *Pittsburg* e *Lancaster* (na Pensylvania), *Richmond* (na Virginia), *Cincennati* (no Ohio), *Luizville* (no Kentucky), *San-Luiz* (no Missuri), etc.

«Divisões. — Diz Tanner, que a União não tem nome proprio, porque ha muitas regiões, que se chamam Estados Unidos como as ilhas Ionias, as da America-do-Norte, das Confederações Mexicana e da America-Central, os da America-do-Sul, etc. Lembramos pois chamar-lhe Confederação-Anglo-Americana, para designar o solo e os habitantes d'esta importante parte do Novo-Mundo. O nome de Estados Unidos é o empregado nas transacções diplomaticas. A confederação-Anglo-Americana se compõe de 24 estados; de um districto federal, onde está a capital da Confederação; 3 territorios já organisados, que dependem do governo federal; e o vasto Districto-Occidental, que ainda não está organisado.

«Os pequenos postos, por assim dizer, perdidos n'este grande espaço, dependem immediatamente do ministro da guerra, e em certos casos dos governadores dos estados e territorios em que estão situados; as partes do mesmo territorio occupadas por nações indigenas independentes, já foram indicadas no artigo da *ethnographia*, e serão objecto de algumas observações no artigo da America-Indigena-Independente.» (Balbi).

ESTANHO. (Veja METALLURGIA).

ESTOLA. (Veja PARAMENTOS).

ESTRATIFICAÇÃO (geologia), do latim *stratum*, camada. Chama-se *estratificação* a disposição das camadas da crusta solida do globo, em relação de umas com outras. Distinguem-se primeiro duas estratificações assás diversas: a *horisontal* em que as camadas dirigidas parallelamente ao horisonte se manifestam ainda na direcção em que as aguas as depositaram; e a *estratificação inclinada* em que as camadas diversamente inclinadas, em relação ao horisonte, formam com elle um angulo chamado de *inclinação*. Estas camadas ou foram deslocadas por elevação ou depressão. A fim de se caracterisarem as *estratificações inclinadas*, observa-se-lhes o grau de inclinação, que se mede pelo angulo de inclinação, e as camadas apresentam necessariamente á superficie do solo suas eminencias resaltadas em sentido perpendicular no sentido de inclinação. Esta perpendicularidade chama-se *direcção das camadas*.

Comparando entre si as estratificações dos varios depositos, distinguem-se a *estratificação concordante* e a *discordante*. É concordante, se as camadas, seja qual fôr sua direcção ou fórma, são parallelas entre si.

«Os depositos sedimentares formaram-se de dous modos bem distinctos, o que se reconhece pelos seus caracteres physicos. Estes dous modos de formação são um por via de precipitados, como os calcareos em geral, outro por via de depositos mechanicamente depositados no fundo das aguas mais ou menos tranquillas, taes são todas as rochas grésiformes.

«Todo o deposito sedimentar deve constituir, no acto em que se origina, a parte superficial do fundo do mar ou lago: segue-se, pois, que os extractos ou camadas, que entram na sua formação, devem ter por toda a parte a mesma superposição, as mais modernas devem-se sobrepôr ás mais antigas.

«Todo o sedimento deve ser horisontal; porém violentas revoluções interromperam por diversas vezes a disposição das camadas e alteraram a fórma exterior d'estes depositos. Em vista d'estas convulsões formaram-se novas cadeias de montanhas, novas ilhas e continentes ao mesmo tempo, submergindo outros já existentes.

«Nas differentes camadas ou extractos encontram-se sepultados os restos organicos dos animaes e vegetaes então existentes, que caracterisam os depositos de sedimento.

«*Differentes especies de estratificação*. Temos visto que a estratificação é o parallelismo que existe entre as differentes camadas que constituem um deposito ou um terreno. Ha duas especies de estratificação — *estratificação concordante* e *estratificação discordante*.

«A *estratificação concordante* é aquella em que as camadas de differentes depositos são parallelas entre si, qualquer que seja a sua posição horisontal ou inclinada, e qualquer que seja a sua fórma quer plana, ondulada, quer convexa ou concava.

«A *estratificação discordante* é aquella em que as camadas de um deposito são inclinadas d'uma certa maneira em relação ás d'outro que lhe fica superior. Póde acontecer, algumas vezes, que as camadas de um mesmo deposito, sob a influencia dos agentes internos, perdendo a continuidade, fiquem com diversas inclinações, formando no ponto de juncção um angulo mais ou menos agudo; n'este caso dá-se o nome de *falhas* a este desvio de camadas.

«A estratificação discordante claramente indica d'uma maneira geral a independencia de duas formações, que estão em contacto; e que deveriam pertencer a épocas geologicas bem distinctas; comtudo é necessario advertir, que, quando se trata de estabelecer as relações de estratificação entre os dous depositos, é mister uma grande attenção sobre a estructura particular das camadas para não sermos induzido a erros pelas falsas estratificações.

«*Das indicações dadas pelos fosseis.* Os fosseis são verdadeiras bussolas geologicas, porque com auxilio d'elles vamos reconhecer, no meio de um dedalo, a successão dos depositos. Alguns são privativos de certos depositos e por isso podem ser considerados como *horisontes geologicos.* Os restos organicos, que mais profusamente se encontram nos depositos sedimentares, são as conchas e os seus vestigios. Estas conchas pertencentes aos molluscos são umas bivalves, e outras univalves; umas pertencem aos depositos de agua dôce, e outras aos de agua do mar. As principaes conchas d'agua dôce são as *cyclas*, as *cyrenes*, as *anedontas*, conchas bivalves; as *planorbis*, as *limneas*, as *paludinas*, as *helix*, conchas univalves.

«Entre os fosseis da familia dos crustaceos devemos mencionar as *trilobites*, e muitas outras menos exclusivas, como as *amonites*, as *belmites*, as *escaphites*, etc.

«*Modo de determinar as idades dos depositos sedimentares.* Os principaes meios para determinar as idades relativas d'uma dada serie de depositos, são quatro: o 1.º consiste nas relações de superposição das camadas; o 2.º nos caracteres mineralogicos; o 3.º na natureza dos fosseis; o 4.º finalmente consiste na presença de fragmentos d'uma rocha preexistente nas camadas do deposito dado:

«1. As *relações de superposição das camadas* são um dos primeiros signaes chronologicos para as sedimentares. É evidente que n'uma serie das camadas horisontaes a superior é mais nova que a outra em que repousa. O mesmo se póde dizer de duas series distinctas de camadas de duas formações, de dous terrenos independentes, um dos quaes se sobrepõe ao outro. Se as camadas teem uma inclinação, e algumas vezes reviradas inteiramente, ou fracturadas, ou curvadas, etc., vê-se logo que a ordem da superposição primitiva offerece duvidas, e então procuram-se nos logare circumvisinhos os córtes, cujas camadas se aproximem da posição horisontal.

«A estratificação discordante é um caracter de importancia na determinação das idades; porque se reconhecermos no mesmo terreno dous depositos, um com as camadas inclinadas e outro com as camadas horisontaes, deve-se necessariamente concluir que as primeiras são mais antigas que as segundas, que tanto umas como as outras se produziram em periodos de formação tranquilla, separados por uma violenta revolução, que marca duas épocas geologicas bem distinctas.

«2. *Caracteres mineralogicos.* Não é raro encontrarem-se muitas camadas em toda a sua extensão superficial, na direcção dos seus planos de estratificação, com uma composição mineralogica uniforme, quer dizer, com um caracter mineralogico constante. Algumas vezes uma camada calcarea offerece a mesma feição durante uma extensão consideravel, outro tanto acontece a um extracto silicioso, ou de grés, etc. Se é indubitavel que certas formações conservam o mesmo caracter mineralogico até mais longa extensão, não é menos verdade que ellas mudam de uniformidade de composição, muitas vezes, dentro de espaços mui circumscriptos.

«Acontece, muitas vezes, que as camadas, perdendo a sua espessura, vão-se adelgaçando, e modificando successivamente os seus caracteres mineralogicos, de modo que uma camada que começou sendo calcarea, póde depois da extensão de algumas leguas degenerar visivelmente, e passar por variadas transformações e vir

a converter-se n'um grés. Este caracter, todavia, não é de pouca utilidade; porque na geologia as provas e os documentos são tão fugitivos que é mister reunir todos os dados possiveis para esclarecer a chronologia dos depositos sedimentares.

«3. *Natureza dos fosseis.* Os depositos de sedimento, contendo os esqueletos mais ou menos perfeitos dos seres organisados, animaes e vegetaes, contemporaneos do deposito em que se encontram, devem necessariamente servir como meio de prova para reconhecer a idade d'um deposito. Ha fosseis que são privativos de certos depositos.

«Muitas vezes observam-se os mesmos fosseis sobre as camadas d'um deposito até uma grande extensão: outras vezes observa-se uma diversidade de fosseis sobre um extracto, cujo caracter mineralogico é constante: tambem se observa o contrario, os fosseis são os mesmos e o caracter lithologico varía.

«A observação mostra, que as formações superiores são caracterisadas por nóvos typos, novas fórmas organicas, que dominaram durante um novo periodo, e depois se perderam, dando lugar a novas creações, tambem hoje extinctas.

«D'estes factos é facil concluir, que o estudo sobre a natureza dos fosseis é um dos poderosos recursos a que o geologo póde soccorrer-se para fixar a idade relativa das rochas sedimentares.

«4. *Presença dos fragmentos.* A idade relativa de duas rochas determina-se pela presença dos fragmentos das rochas preexistentes, como quando os fragmentos da mais antiga se contém na mais nova.

«Este meio de prova é de muito valor, quando na falta de superposição, e dos fosseis, o geologo póde estabelecer a chronologia dos depositos.» (Marques Lobo).

ESTRELLAS, COMETAS. 1. De todos os corpos celestes o mais notavel é o *sol*; depois é a *lua*, cujo diametro apparente é aproximadamente igual ao d'aquelle astro, mas que em brilho lhe é mui inferior (veja LUA, SOL); finalmente, esta multidão innumeravel de pontos luminosos que brilham no firmamento: uns, denominados *estrellas*, são *fixos*, isto é, conservam as mesmas posições entre si como se estivessem ligados á abobada celeste; outros, movendo-se rapidamente e sem cessar, são os *planetas*. (Veja esta palavra). De quando em quando apparecem ainda outros corpos acompanhados de longos rastos luminósos, e desapparecem em seguida: são os *cometas*. — Os astronomos classificaram as estrellas pela sua ordem de grandeza apparente e pelo seu brilho: as de primeira até á setima são visiveis a olho nú; todas as outras são *telescopicas*. As estrellas não estão todas situadas na superficie d'uma só esphera: acham-se distribuidas na profundeza do céo sobre a superficie de innumeraveis espheras concentricas. Todavia podemos, sem alterar as suas posições mutuas, suppôl-as situadas nos pontos de intersecção dos seus raios visuaes com a superficie d'uma unica esphera, cujo centro é o olho do observador. A grandeza do raio d'esta esphera ideal é arbitraria: podemos, sem que se alterem as distancias angulares das estrellas, assignar-lhe um valor immenso, ou tornal-o d'uma grandeza tal que reduza esta *esphera celeste* ás proporções dos globos de que nos servimos para representar a distribuição das estrellas no firmamento.

Chamam-se *circulos parallelos* os que as estrellas descrevem no seu movimento diurno; porque todos os planos d'estes circulos são perpendiculares ao eixo do mundo, e por isso *parallelos* entre si. Estes circulos crescem com o afastamento de um ou de outro pólo, e o maximo é aquelle que se acha equidistante dos dous pólos: é o *equador celeste*, que divide a esphera estrellada em duas partes iguaes, ou hemispherios, um *septentrional* ou *boreal*, o outro *meridional* ou *austral*. — Em cada anno, pelo effeito do movimento de translação da terra ao redor do sol, afastamo-nos e aproxi-

mamo-nos de trinta milhões de myriametros de uma das regiões do céo; comtudo, nem o diametro, nem o brilho das estrellas augmentam ou diminuem; prova irrecusavel da immensa distancia a que estão de nós estes astros. O illustre Bessel calculou que a estrella 61 do Cysne, por exemplo, está a uma distancia tal de nós que, a luz que d'ella nos vem, gasta nove annos, posto que a luz percorra 30:800 myriametros por segundo. Vê-se pois a prodigiosa distancia a que esta estrella está de nós; e que os movimentos e aspectos com que actualmente a vêmos foram realisados ha nove annos. Herschel pensa que a luz de certas estrellas, observadas por elle, devia ter gasto mais de dous milhões de annos em vir até nós. Não tivemos conhecimento d'ellas senão dous milhões de annos depois da creação; e se se extinguissem de repente, vêl-as-hiamos brilhar ainda no firmamento durante mais de dous milhões de annos. Este facto, que nos dá uma idéa do infinito do universo, da immensa profundeza dos céos, exige que os *dias* da creação representem periodos de milhares de annos (o que é geralmente admittido). — As estrellas, que nos parecem fixas, tem comtudo seis especies de movimentos, a saber: 1.º movimento *diurno*, de oriente para occidente, illusão causada pelo movimento de rotação diurna do nosso globo ao redor do seu eixo, é o *dia sideral;* 2.º movimento *annuo*, illusão causada pelo movimento de translação annual ao redor do sol, pelo qual as estrellas parecem effectuar uma revolução completa de oriente para occidente ao redor dos polos da *ecliptica* (circulo descripto pela terra no seu movimento annuo, e no qual teem lugar os eclipses): é o *anno sideral;* 3.º movimento *estellar* retrogrado que se opera no sentido da ecliptica, cujo periodo é de 2:600 annos, isto é, que ao cabo d'este lapso de tempo os astros voltam aos seus pontos de partida: este movimento retrogrado é produzido pela *precessão dos equinoxios;* 4.º *observação*, movimento apparente devido á combinação do movimento da luz com o da terra ao redor do sol; 5.º *nutação*, movimento oscillatorio das estrellas, causado pela variação da *obliquidade* da ecliptica, cuja oscillação é de 9″,65 em relação ao seu valor medio; 6.º *movimentos proprios* das estrellas, devidos á deslocação real d'ellas no espaço combinado com o movimento real da translação que se observa no nosso systema planetario. — As estrellas não se acham uniformemente distribuidas sobre a esphera celeste: aqui, raras ou pouco brilhantes; alli, espalhadas com profusão e de vivo brilho; não parece possivel applicar-lhes uma divisão systematica. Comtudo, para auxiliar a memoria, formaram-se d'ellas grupos distinctos a que se deram nomes, desde mui remota antiguidade: são estes grupos que se denominam *constellações* ou *asterismos*. As estrellas apresentam-se tambem em agglomerações mui notaveis. Primeiramente, uma immensa faxa luminosa cinge completamente o céo: é a *via lactea;* depois aqui e além se descobrem manchas esbranquiçadas, cujo aspecto se assemelha ao de pequenas nuvens que frequentemente se formam na atmosphera: são as *nebulosas*, agglomerações d'estrellas mui condensadas. As mais bellas constellações são visiveis no inverno na primeira metade da noite; e notou-se que o hemisphero boreal, visto da Europa, é mais bello que o hemispherio austral, visto dos pontos meridionaes d'Africa e d'America.

2. Os cometas contém n'um volume consideravel uma pequenissima quantidade de materia. As estrellas menos brilhantes são visiveis não só através das *caudas* dos cometas e da *cabelleira*, parte da nebulosidade que envolve o *nucleo*, mas até através do proprio nucleo; d'onde se vê que esta ultima parte do cometa não é uma materia solida ou liquida, como facilmente se poderia suppôr, mas sim a propria materia cometaria em estado de maior condensação. — Ao inverso dos planetas, que descrevem ao redor do sol ellipses quasi circulares, e os mais importantes d'estes corpos

executam as suas revoluções n'uma zona mui limitada, o *zodiaco*, e cortam o plano da ecliptica formando angulos pouco consideraveis, os cometas movem-se em planos que frequentemente formam angulos consideraveis com a ecliptica, e as suas orbitas aproximam-se tanto da parabola quanto as ellipses planetarias do circulo. Nos cometas como nos planetas, o sol occupa um dos focos da orbita, o que Newton demonstrou. O movimento dos cometas effectua-se n'uns d'oriente para occidente, em outros d'occidente para oriente. Em opposição com os planetas, que constituem a parte estavel do systema solar, a maior parte dos cometas parece que atravessam de passagem este systema para nunca mais voltarem. Outros, depois de terem habitado o nosso mundo por espaço de tempo mais ou menos longo, são attrahidos para outros systemas, ou alterada tão profundamente a fórma de suas orbitas, que não nos é possivel seguil-os ou reconhecel-os; como aconteceu a esse cometa, descoberto em 1770, e que não tornou a ser visivel, posto que procurado attentamente nos lugares onde o devia levar a orbita elliptica que Lexell calculou. É raro, com effeito, que um cometa reappareça periodicamente; a maior parte visita uma só vez o nosso systema planetario, se não soffre perturbações sufficientemente fortes dos planetas de que se aproxima, que lhe façam tranformar a orbita, primitivamente parabolica, em elliptica: então, o que poucas vezes succede, os cometas são *periodicos*, e as ellipses mais ou menos alongadas, que percorrem, teem um dos focos situado no centro do sol. Taes são: o cometa de Halley, cuja cauda é immensa, faz a sua revolução completa em 76 annos; o cometa de Eucke, ou *cometa de curto periodo*, reapparece com intervallo de 3 annos e meio; o cometa de Biéla, faz a sua revolução em 6 annos e tres quartos; o cometa de Faye, faz a sua revolução em 7 annos e meio. — Attribuia-se outr'ora á apparição dos cometas influencia funesta; mas a sciencia dissipou estes terrores, e hoje só inspira sentimento de curiosidade. «De todos os phenomenos astronomicos, são poucos aquelles cujas theorias são hypotheticas; a maior parte baseam-se em calculos rigorosos, nas observações dos Democritos, dos Hipparcos, dos Tycho-Brahes, dos Newtons, dos Keplers, dos Cassinis, dos Lalandes, dos Delambres, dos dous Herschels, dos Biot, dos Aragos. Dos severos calculos algebricos, estes grandes homens extrahiram toda a poesia do céo; a verdadeira poesia, pura como a virtude. Que livro scintillante da imaginação humana ha ahi comparavel com essa obra celeste, em que o sol é a gloria do dia e as estrellas as graças da noite! em que flôres de fogo, rodeadas e matizadas como as da terra, passam todas as noites, d'oriente para occidente, por sobre as nossas cabeças; flôres semeadas nas veigas azues do céo, e ás vezes emmurchecendo tambem quaes as da terra!» (Denne-Baron). (Veja ASTRONOMIA).

ESTRO. «Concordam os annotadores de Ovidio em dizer que o deus de que elle falla é o instincto poetico: *Instinctus quidem poeticus*; póde comtudo dar-se mais elevação a este pensamento, vendo n'elle uma luminosa prova da existencia do Ente Supremo, e da espiritualidade da alma humana.

«E na verdade, a mole immensa da terra que pisamos, esses assombrosos globos que volteiam sobre nossas cabeças, essa incommensuravel abobada dos céos que por toda a parte nos rodeia, provas são mui certas da existencia do Ente necessario, causa prima de todos os seres, increado e creador, que rege o mundo com a sua providencia; mas não é prova menos certa e inconcussa d'esta verdade, o mundo abreviado, isto é, a creatura que se chama *homem*, considerada não tanto em seu organismo, como em as nobres faculdades de sua alma.

«A prova, porém, maxima, a meu vêr, da existencia do Soberano Crea-

dor da natureza, e da espiritualidade da alma humana, é a mente bem formada, engenhosa e grandiloqua de um verdadeiro poeta.

«Se toda a alma humana é uma faisca da luz divina, a do poeta é luminoso raio que visivelmente brilha; e se, na phrase da Escriptura, cada um dos homens póde dizer que Deus lhe enviou a luz do seu rosto, dando-lhe uma alma racional, *signatum est super nos lumen vultus tui, Domine* (Ps. IV, 7); o poeta com mais razão póde affirmar: *Est Deus in nobis*, em nós está Deus, isto é, em nós brilha a mais convincente prova da existencia de Deus. Ha, houve um verdadeiro poeta? Logo ha um Deus. — Ha, houve um engenho poetico? Logo a alma humana é immaterial, é espirito.

«A propria palavra *poeta*, segundo a sua origem do verbo ποιέω, *fazer, crear*, nos está dizendo que elle é creador, pela invenção com que dá o ser a variados assumptos que em sua mente concebêra, e pela novidade da fórma com que dá vida e formosura áquelles pensamentos tão sublimes, áquelles escriptos quasi divinos que admiramos, e excedem a admiração, e que obra são do genio creador dos poetas; por isso podem elles com verdade dizer: *Est Deus in nobis;* vive, e obra em nós uma virtude divina, emanação celeste, fogo sagrado que nos anima, uncção melliflua que nos commove, magico poder que os corações abranda, um ser que não é materia, porque a materia é inerte e bruta, um sopro indizivel, que não é vulgar instincto, senão ethereo lume que de Deus emana e para Deus nos attrahe.

«Este pensamento, assim aformoseado, foi expendido pelo mesmo poeta na sua *Ars amandi* onde diz:

Est Deus in nobis, sunt et commercia cœli;
Sedibus æthereis spiritus ille venit.

«Anima Deus nosso peito, temos trato com o céo, e das ethereas moradas nos vem divinal inspiração, ou segundo a traducção de verso a verso por A. F. de Castilho:

Ha dentro em nós um deus; seu fogo nos anima;
anda o corpo na terra, a mente lá por cima.

«E um commentador do poeta exprime-se n'estes termos:

«Nam á Divinitate fit, ut ita excalescant poete ad excudendos ex ingenio versus, et ad mentem altius attollendam, quod sine numine fieri non posset.»

«Por certo, se não houvesse Deus, e se a alma humana não fosse espiritual, não haveria nem poderia haver poetas. A materia, por mais perfeita que fosse, nunca chegaria a conceber, a compôr, e a dar a lume a *Illiada* de Homero, a *Eneida* de Virgilio, a *Jerusalem* de Tasso, e os *Lusiadas* de Camões.

«N'este mesmo sentido escreveu Cicero, apesar de não ser poeta, pois diz: «Poetam natura ipsa valere et mentes vercibus excitari, et quasi divino quodam spiritu inflari.» (*De natura Deorum*).

«Este pensamento, que se acha repetido por Virgilio nas *Georgicas*, liv. IV, na *Eneida*, liv. VI, e por Lucano, não é privativo dos romanos, mas já vinha dos gregos, por quanto S. Paulo, orando aos athenienses no Areopago, em cujo recinto vira um altar consagrado ao Deus desconhecido, *Ignoto Deo*, disse-lhes, fallando d'aquelle Deus: «In eo vivimus, movemur et sumus»; n'elle vivemos, n'elle nos movemos e existimos (Act. XVII, 28); e acrescenta: «Sicut et quidam vestrorum poetarum dixerunt: Ipsius enim genus sumus»; como disseram alguns de vossos poetas: Somos geração sua.

«É de saber que S. Paulo, quando citou aquellas palavras *Ipsius enim genus sumus*, referiu um hemistichio, ou meio verso do poeta grego Arato: Του γαρ Καί γενοσ εσμεν.

«Este poeta era natural da Sicilia; viveu duzentos e setenta e sete annos antes de Jesus Christo, e passou a maior parte da sua vida na côrte do rei de Macedonia, Antigono Gonatas.

Foi medico, critico, philosopho e mathematico; compoz obras scientificas sobre medicina e astronomia, em prosa e verso; das em prosa nada nos resta, das em verso restam-nos os phenomenos e os prognosticos Φαινόμενα Διοσημεῖα, ensinando: n'aquelles, o logar e o apparecimento das estrellas no céo; e n'estes, o prognostico dos tempos pelos signaes naturaes.

«O hemistichio referido por S. Paulo é do principio dos phenomenos, cuja versão se lê em Calmet n'estes termos:

A Jove incipiendum est, cujus oblivisci nefas est
Omnia Jovis sunt plena,
Ille vias, plateas, et hominum cœtus replet,
Maria omnia, et portus Jove pleni
Sunt, et ubique Jove indigemus,
Hujus enim genus sumus.

A Lapide dá outra versão, mas nem um, nem outro, traz o texto grego.

«Este impeto, *impetus hic*, a que o commentador chama com razão *poetarum furor*, e os italianos *furia poetica*, e nós *estro poetico*, é o caracter distinctivo do vate mórmente quando se enthusiasma em poema heroico, e e se remonta ás afflantes musas para, com sua inspiração, embocar epica tuba e cantar sublimes feitos. Bem possuido estava d'esta verdade o nosso poeta quando, na invocação da sua epopéa, disse no sentido dos poetas italianos, que lhe eram mui familiares:

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mim um novo engenho ardente;
....
Dai-me uma *furia* grande e sonorosa
E não de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora e bellicosa.
Canto I.

(J. I. Roquete).

ESTUDINHOS DA LINGUA PATRIA. Com este modesto titulo, publicou no optimo e infelizmente extincto periodico *Archivo pittoresco* o snr. A. da S. Tullio successivos artigos, ou melhor diremos primorosas lições de linguagem portugueza. O mestre é competentissimo. Dos seus coevos, ainda os melhormente aproveitados em estudo de bons modêlos, não ha de certo algum que lhe não acate a authoridade em purismo da phrase e no judicioso uso das galas e louçanias d'este esbelto idioma de Sousa, Bernardes e Filinto Elysio. O snr. Tullio, quando prefaciava o primeiro artigo dos seus estudos, convidou a imprensa a reproduzir-lh'os, com o generoso intento de vulgarisar tão sensatas como indirectas admoestações a escriptores descuriosos de conhecerem, a preceito, a lingua em que escrevem. Sobra-nos certeza de que as gazetas diarias não pejaram as suas columnas com extractos de tal natureza; que a imprensa quotidiana tem mais ponderosos encargos do que estar ensinando a escrever limpamente, senão foi antes que lhe travava muito no paladar a correcção por casa. Ora se n'algum livro quadra bem o intento do snr. Tullio, é com certeza n'este *Diccionario* que entende com educação e ensinamento da mocidade, e já agora circula por milhares de mãos. Bem avisados, pois, deliberamos compendiar o principal das lições d'aquelle vernaculo escriptor, por maneira que ao alumno lhe vão madrugando os lusitanismos que lhe hão de abrir appetite de mais espaciadamente se saborear nos grandes mananciaes da lingua portugueza, tão a ponto inculcados pelo eminente philologo. Em confronto d'este trabalho do snr. Tullio desvaliam-se em muito menos da estima que já tiveram, os escriptos de D. fr. Francisco de S. Luiz e de Francisco José Freire, destinados a corrigir erros de escripta. O snr. Silva Tullio cede atinadamente ás urgencias do tempo, transige com o inevitavel fado das linguas, e dispensa-se do impernitente purismo que, no proprio fr. Luiz de Sousa, malsina descuidos. No artigo *Gallicismos* se dará a lista de outros que não hajam sido accusados n'este artigo.

1. *Uso do verbo* HAVER. «Generalissimamente se erra hoje o emprego d'este verbo, que os nossos classicos não erraram uma só vez; e a unica razão por que se erra é o ignorar-se o que elle é, e o que significa. Cuida-

se que é um verbo neutro, e que significa *existir*, quando em boa verdade é sempre verbo activo, e significa sempre *ter*.

«Quando dizemos: *ha cousas*, *havia pessoas*, *houve republicas*, *haverá lances*, *haja festejos*, fallamos classicamente, e não commettemos cousa a que se possa dar o injurioso nome de idiotismo, porque n'este e outros semelhantes dizeres ha incontestavelmente uma ellipse, isto é: omittiram-se, por brevidade e elegancia, palavras que, logo que se restituam mentalmente á phrase, a tornam regularissima. Vejamos: *ha cousas* inteira-se assim: a vida *ha* ou *tem cousas; havia pessoas*, o mundo ou a terra ou o reino *havia* ou *tinha pessoas; houve republicas*, o mundo ou a antiguidade *houve* ou *teve republicas; haverá lances*, o mundo, o tempo, a fortuna ou a vida, *haverá* ou *terá lances: haja festejos*, a terra ou o tempo ou a gente *haja* ou *tenha* festejos.

«O verbo *haver*, n'este e em todos os casos semelhantes, deve estar forçosamente no singular; pôl-o no plural é erro imperdoavel. A cousa, cuja existencia se quer significar, é complemento objectivo ou paciente, e não sujeito, agente ou nominativo, segundo o phraseado grammatical. O verdadeiro agente, sujeito ou nominativo, é, como dito fica, um substantivo occulto, e que o discurso facilmente desencanta.

«Agora, para melhor quietar a consciencia aos que julgarem isto novidade e trepidarem diante d'ella, notemos por derradeiro que este fallar não é exclusivo do portuguez; o mesmo corre no castelhano e o mesmo no francez.

«Quando n'esta ultima lingua se diz *il y a des personnes*, il y a eu des *auteurs;* il y aura *des amusements;* personnes, auteurs, e *amusements* são complementos do verbo activo *avoir*, que assim como o nosso *haver* é uma levissima transformação (já o dissemos, porém vale repetir) do verbo latino *habere*, que não significa senão *ter*.»

2. *Emprego do artigo* ou *adjectivo articular*. Casos em que se não deve empregar:

«Visto que o artigo é um adjectivo determinativo, não se deve empregar quando o substantivo já se achar determinado por outra palavra, ou por sua propria natureza. Exemplifiquemos a regra: «Aquelle monarcha que com especial favor do céo, veio ao mundo ensinar aos potentados a arte de reinar.» (Bluteau, *Prosas Academicas*). N'este exemplo o substantivo monarcha não póde admittir artigo, porque já está determinado pelo adjectivo demonstrativo *aquelle*. — «Entregarei minhas filhas quando dér a alma a Deus, respondeu a desesperada mãi.» (P. Manoel Consciencia, *Infancia Prodigiosa*). — «Quem fiará tanto das qualidades de seu nascimento, que durma negligente sobre os favores que deve esperar do céo?» (Ribeiro de Macedo, *Obras*). No primeiro exemplo, o substantivo *filhas* não tem artigo, porque já está determinado pelo adjectivo *minhas:* no segundo o substantivo *nascimento*, tambem não tem artigo, porque se acha determinado pelo adjectivo *seu*. — «No juizo universal tomará Deus conta, mas dará tempo: no juizo particular toma conta, mas não dá tempo, porque primeiro toma o tempo, e depois a conta.» (Vieira, *Sermões*). N'este periodo do grande mestre da boa falla portugueza, está terminantemente exemplificada a nossa regra; porque os substantivos *tempo* e *conta*, só na ultima parte da sentença levam artigo, por ser aqui onde se *determina* qual seja *o* tempo e *a* conta de que se trata. Não se deve igualmente empregar o artigo com os adjectivos. — «Vãos em seus pensamentos, perturbados em seus conselhos, enganados em seus prejuizos, cegos em seus caminhos.» (Heitor Pinto, *Imagem da Vida*). — «Põe diante do confessor toda sua vida, dá-lhe conta dos embaraços de sua consciencia.» (Balthasar Telles, *Chronica da Companhia*). É erro pois dizer-se: Esta senhora é a minha mãi, em lugar de: Esta senhora é minha mãi. Tão pouco se deve empregar o artigo quando o substantivo

estiver posto na accepção de indeterminado. — «Onde ha homens ha cubiça.» (Sá de Miranda, *Carta* I). — «Os reis podem dar titulos, rendas, estados; mas animo, valor, fortaleza, constancia, desprezo da vida, e as outras virtudes de que se compõe a verdadeira honra, não podem.» (Vieira, *Serm.*)—«Penitencia, zelo, sabedoria, amor, fortaleza, tudo se acha em S. Francisco, copia de Christo.» (*Idem*). —«Amor não é possivel esconder-se.» (Bernardes, *Paraiso*).—«Olhos pregados no céo, mãos recolhidas nas mangas.» (Cardoso, *Agiologio Lusitano*).— «O modo era caminhar a pé, sem alforge nem bolsa; capa ás costas, breviario nas mãos.» (Fr. Luiz de Sousa, *H. de S. Domingos*).

3. *Um copo de agua* ou *um copo com agua?* «O segundo modo de dizer é pleonastico, porque, embora a preposição *de* sirva para designar a materia de que é ou se faz alguma cousa, como não ha copos feitos de agua, nenhuma ambiguidade resulta de se supprimir o adjectivo.

«Ha porém muitos que escrevendo ou fallando, tem escrupulo de dizer um *copo d'agua*; mas não uma *garrafa de vinho*, uma *pipa de aguardente*, um *vidro de licôr*, etc.

«É certo que a preposição *de* causa muitas vezes ambiguidade, porque tem mui diversas propriedades e empregos na nossa lingua, e em todas as neolatinas, a ponto que alguns grammaticos lhe contam vinte e tres; entretanto, na phrase proposta, a sua accepção é tão obvia e commum, que não ha necessidade de recorrermos a circumloquios, ou de usar pleonasmos para nos exprimirmos com clareza.

4. *Concordancia do verbo com o sujeito, quando este é nome collectivo no singular.* «É realmente mui varia a opinião dos grammaticos, e tambem diverso o uso dos nossos classicos, quanto á concordancia do verbo com o sujeito, quando este é nome collectivo no singular. Parece-nos porém, que para a boa syntaxe, cumpre attender bem se o collectivo é *geral* ou *parcial* (partitivo lhe chamam os grammaticos para augmentar a confusão e impropriedade que ha na terminologia grammatical). Sabe-se que nome collectivo é aquelle que no numero singular designa collecção, multidão ou aggregação de pessoas ou cousas; e que quando representa a totalidade dos individuos ou objectos de que elle se fórma, se chama *geral;* quando apenas designa uma parte d'essa totalidade, se chama *parcial*. O collectivo geral em numero singular, embora exprima a idéa de pluralidade, não exige o verbo no plural, porque a virtude que tem o sujeito de significar multidão com a desinencia do numero singular, essa mesma virtude communica elle ao verbo. Alguns classicos seguem o uso contrario, mas tal uso não aconselhamos n'este ponto. Que necessidade ha de infringir as regras geraes da grammatica, sem proveito da idéa, da clareza, nem da harmonia do discurso? Vamos apontar alguns exemplos classicos da concordancia do collectivo geral, no singular, com o verbo no plural, pelos quaes se verá, que dando-se-lhes a concordancia regular, todas as phrases que se seguem ficavam mais harmoniosas, e não menos intelligiveis.—«Simão Mago appellidou um dia todo o *povo* romano para o *verem* subir ao céo.» (Vieira, *Serm.*, t. VI, 293).—«E como é cousa dura, em breve tempo, a *gente* barbara deixar os ritos e usos com que se *criaram*.» (Barros, *Dec.* I, l. 2, c. 6). —«Toda esta *clerezia tinham* tochas accesas nas mãos.» (Garcia de Resende, *Chron. de D. João* II, Tresl., fl. 131). —«O mar era cheio de bateis mui ataviados, assim os da armada como outros de *gente* que *iam* vêr.» (O mesmo author, *Ida da infanta*, fl. 149).— «Dizendo que contra o nascimento do sol havia *gente* branca que *navegaram* em naus como aquellas.» (Barros, *Dec.* II, l. 3, c. 1).—«Apparecerá em throno magestoso... Christo Jesus, a cuja vista se *abaterão* prostrados, com profundissimo acatamento, *toda a multidão* immensa do genero humano resuscitado.» (Vieira, *Serm.* II, 43).—«E como a *gente* de todas aquellas partes *tinham* pouca noticia da fortuna.» (Brito, *Hist.*

Trag. Marit., I, 154).—«Começando a caminhar pelo cerro acima, viram *gente* de cavallo que *vinham* da cidade em soccorro de uns archeiros que alli ficaram do desbarato passado.» (*Com. de A. de Albuquerque*, part. I, c. 48).—«Ia o padre com *toda a multidão* de gente que lhe *iam* cantando ou chorando nas exequias.» (Balthasar Telles, *Chronica da comp.*)—«Abalou *o collegio* quasi todo em procissão pelas ruas de Coimbra *capitaneados* pelo seu reitor.» (*Idem*). Basta de exemplos que julgamos se não devem seguir, e passemos agora aos que havemos por de melhor syntaxe. Contrapomos classicos a classicos, e alguns d'elles contra si mesmos, como se vai vêr.—«E logo no dia seguinte mandou o cardeal de Castella com toda a sua *gente* de guerra, que então *estava* em Valhadolid, Tordesilhas e outros lugares.» (Duarte Nunes de Leão, *Chron. de el-rei D. Affonso* V, c. 56).—«Esta casta de *gente toma* ao reveza sentença dos Proverbios.» (Bernardes, *Floresta*). — «A *gente* popular *é* mui dada ao trabalho, assim da agricultura como da mechanica; e n'esta parte *é* tão subtil e industriosa.» (Barros, *Dec.* IV, l. 5, c. 1). —«A *gente* do povo *é* geralmente fraca e captiva de condição.» (*Idem*). Note-se porém que não é erro concordar o collectivo geral do singular com o verbo no plural, quando se emprega a syntaxe figurada, que authorisa grande numero de suppressões, ampliações, e intenções, como todos sabem. Esta mesma concordancia mental se faz não só do sujeito com o verbo, em numero e pessoa, mas tambem do substantivo com o adjectivo em genero e numero por syllepse. Mas nós aqui apenas tratamos da concordancia do verbo. É pela mesma figura syllepse que nos tratamentos que são do genero feminino se concorda o adjectivo com o sexo da pessoa de que se falla, por exemplo: *Sua alteza é sabio;* entendendo-se mentalmente o *principe*, o *infante*, etc. E tambem quando usamos o plural *vós* em lugar de *eu;* por exemplo: *Antes sejamos breve que prolixo* (João de Barros), onde vêmos estar o verbo concordando com o sujeito *nós* (occulto já por outra figura, a ellipse), e o adjectivo no singular concordando com o pronome *eu*, tambem subentendido. Por semelhante figura se faz a discordancia litteral (porém não mental) do verbo *haver*, na accepção activa de *existir*, como por exemplo: *Ha nações, houve bruxas, haja libras, haverá premios;* e semelhantes concordancias mentaes, a que hoje só os *idiotas* chamam *idiotismo*. Se porém o collectivo geral fôr seguido de um substantivo correlato, no plural, regido da preposição *de*, e quizermos attender mais á qualidade das pessoas ou cousas que o substantivo exprime, do que á quantidade que o collectivo significa, então o verbo concorda-se com o plural d'esse tal substantivo. Poremos dous exemplos bem claros: «Nunca me esquecerá aquelle teu dito: que mais era para temer um exercito *de orelhas*, quando *tinham* por capitão um leão, que um de leões, se os capitaneava uma ovelha.» (Jorge Ferreira de Vasconcellos, *Ulissipo*).—«A cavallaria dos mouros que *vieram* a seu chamado.» (Barros, *Dec.*) Quando o collectivo é *parcial*, seguido tambem de um substantivo plural, com este concorda regularmente o verbo, porque o singular do collectivo vai incluido no plural d'este substantivo, como a parte no todo. Nos classicos é este uso quasi geral. Todavia apresentaremos alguns exemplos: «A maior *parte das regras* da grammatica portugueza *são* as mesmas de que usa a grammatica latina.» (Argote, *Regras da lingua portugueza*). —«A grande *copia de arvoredos* com que se enfeita a tosca penedia d'aquellas fragas, *temperam* o rigor das calmas.» (Fr. Bernardo de Brito, *Chronica de Cister*, part. I, liv. 3, c. 13).—«A maior *parte das paredes* se *vão* juntar e acabar em uma só pyramide.» (Lucena, *Vida de S. Francisco Xavier*, l. 2). —«Dentro em pouco *estavam* em Roma grande *quantidade de porcelanas* de toda a sorte.» (Fr. Luiz de Sousa, *Vid. do Arc.*)—«*Das orelhas*, a maior *parte*, ao desamparo se *perderam*.» (Rodrigues Lobo, *Prim.*, *flor.* 4, 19).—«A maior *parte das personagens* mythologi-

cas *são* emblemas allegoricos. A fabula é uma *collecção* de allegorias que commummente *representam* entes metaphysicos personalisados.» (F. Dias Gomes, *Notas*). Quando porém se quer dar mais importancia á quantidade que significa o collectivo parcial, do que á qualidade que designa o substantivo plural, então o verbo concorda no singular com o sujeito collectivo. Por exemplo: «Um inverno, em que a aldeia estava feita côrte, com homens de tanto apreço que a podiam fazer em qualquer parte, se *ajuntou* a maior *parte d'elles* em casa de um antigo morador d'aquelle lugar.» (F. Rodrigues Lobo, *Côrte na aldeia*, Dial. I).

5. *Partilhar*. É termo reprehensivel na accepção neutra ou intransitiva, tomada do verbo francez *partager*, que tem as duas naturezas como muitos dos nossos. Partilhar entre nós é activo unicamente, porque para a acção intransitiva temos o verbo participar.

«Cumpre advertir que nenhum diccionario da nossa lingua traz ainda o verbo *partilhar*, nem ao menos o do snr. D. José Lacerda, que é o mais recente, e tem bom numero de palavras novas.

«Temos o substantivo *partilha*, termo de jurisprudencia orphanologica, para designar a divisão ou partição de uma herança pelos legitimos herdeiros. D'este substantivo se fórma o verbo partilhar, isto é, a acção de fazer partilha, dividir em partes, em pequenas partes talvez, porque a desinencia ou terminação em *ilha*, na nossa lingua, é em regra diminutiva. D'esta significação primitiva, se lhe tiram os derivados com que já é usado por bons escriptores, pelo que deve ser incluido nos diccionarios, mas não com a natureza de intransitivo, como a do francez, porque então é, não só gallicismo repugnante, mas barbarismo intoleravel.

«Por exemplo, estas locuções, que temos lido até em diplomas officiaes: *O governo partilha as idéas do illustre deputado*. Póde-lhe partilhar o corpo ou os bens, mas não as idéas que são incorporaes. *Partilhar do sentimento publico. Partilho a mesma opinião. Partilhar as mesmas doutrinas, os seus pesares, as suas alegrias*, etc., são gallicismos vergonhosos. Em bom portuguez deve dizer-se: Participar *do sentimento publico*. Participo *da mesma opinião, dos seus pesares, das suas alegrias*, etc., isto é, tomo parte n'ellas. «Das boas obras que fazem uns, participam (e não *partilham*) todos os mais que estão na graça de Deus», diz o cathecismo.

6. *Solecismo reprehensivel*. «*Eu* parece-me que hoje temos bom tempo.

«*Eu* convem-me sahir deputado.

«*Eu* admira-me que haja tão pouco amor á lingua materna.

«*Eu* aborrecem-me os falladores importunos.

«*Elle* admira-me que fizesse tal.

«Todas estas locuções são viciosas, barbarisam e deturpam a nossa lingua.

«Os verbos chamados pronominaes empregam-se com pronomes pessoaes; mas estes devem tomar a variação que lhes é propria.

«Nas phrases apontadas o pronome *eu* deve necessariamente variar para *mim*, com a preposição que se lhe junta, para a indispensavel clareza do discurso, que é todo o empenho das leis grammaticaes.

«Devem, pois, todas aquellas locuções corrigir-se com a indicada variação do pronome. D'este modo:

«A *mim* parece-me que etc.

«A *mim* convem-me etc.

«A *mim* admira-me etc.

«A *mim* aborrecem-me etc.

«A *mim* me admira etc.

«Isto quanto ás regras da grammatica geral, concorde n'este ponto em todas as linguas neolatinas; porque, quanto á indole da nossa lingua, ainda devemos supprimir o pronome inicial de todas estas phrases, com o que ficam muito breves, energicas, e affirmativas. Assim:

«Parece-me que hoje temos bom tempo.

«Convem-me sahir deputado.

«Admira-me que haja tão pouco amor á lingua natal.

«Aborrecem-me os falladores importunos.

«Aqui estão, não só corrigidas grammaticalmente, mas em bom portuguez, todas as quatro phrases ou orações que ao principio transcrevemos com o indicado solecismo. E dissemos em bom portuguez, porque muitas vezes está o discurso escripto com todo o rigor grammatical, mas não com a propriedade e vigor que tem a nossa lingua. E isto se deve notar sempre aos estudantes, para que elles se persuadam, de que não basta saber grammatica para escreverem bem a lingua materna, porque isto só se consegue pela leitura dos bons authores classicos.

«Voltando ás locuções viciosas que já deixamos corrigidas, convém advertir, que a razão principal d'estas e semelhantes corruptelas, é o costume de conjugar e acompanhar sempre os verbos com pronomes desnecessarios, que tanto enfraquecem, embaraçam e sobrepesam a lingua portugueza, e lhe dão o cunho da construcção franceza.»

7. *Deparar.* «Anda, quasi sempre, errado nos escriptos modernos, o emprego do verbo deparar, dando-se-lhe accepção de neutro ou intransitivo, quando tal significação nunca lhe deram os mestres da nossa lingua.

«É communissimo lêrmos nas correspondencias dos jornaes: *Deparei* hoje no seu jornal *com* um artigo, *com* uma noticia, etc.

«E na conversação: *Deparei* hontem *com* fulano no theatro.

«Ambas estas locuções são erradas, tanto na accepção do verbo, como na sua regencia.

«Visto que o verbo é activo, devem-se construir as citadas phrases do modo seguinte:

«Deparou-me hoje o seu jornal um artigo, uma noticia, etc.

«Deparou-me hontem o acaso ou outra circumstancia fulano no theatro. Ou então: Encontrei fulano, etc.

«Não só pelo emprego constante dos nossos classicos, mas pela sua derivação, este verbo não significa encontrar ou achar, mas sim apresentar-se-nos ou apparecer-nos alguma pessoa ou cousa, em geral quando menos o esperavamos, ou parecendo-nos incrivel.

«Só Deus nos podia deparar a taboa de salvação, n'aquelle pavoroso naufragio» — diz Diogo de Couto.

«Alguns casam só porque se lhes depara esposa rica ou bem parecida» — diz Bernardes.

«O snr. Castilho, no seu admiravel tratado, *Felicidade pela Instrucção*, lamentando a falta de livros elementares para as escólas, exclama: «Esperaremos que o acaso nol-os depare?»

«E finalmente, para os que não lêem classicos, basta repararem na crença, tão popular, de que Santo Antonio de Lisboa tem o poder divino de nos deparar as cousas perdidas, isto é, de nol-as apresentar, pôr diante dos olhos, por mais sumidas que estejam, ou que as tenha levado o démo, como diziam nossas avós, para o que é mister rezar o bem sabido responso ao milagroso santo dos rapazes e raparigas.»

8. *Desapercebido.* «É trivial ouvirmos e lêrmos em letra redonda: Não passou *desapercebida* a sua observação, tal pessoa, objecto ou allusão. Fulano fez-se *desapercebido*, ou fiz-me *desapercebido*.

«N'estas, e em outras muitas phrases vulgares que ora nos não lembra, erra-se vergonhosamente a natureza do verbo desaperceber, e a sua regencia.

«Desaperceber, que ordinariamente se usa no participio desapercebido, é verbo activo, e significa desapparelhar, desarmar, desprover, e tambem desavisar, desprevenir.

«Desperceber e despercebido, é não ter ou não ser percebido, não entender, não reparar. Já se vê que este verbo tem accepção e natureza mui diversa d'aquell'outro, e usal-o pelo modo apontado nas locuções que acima transcrevemos, é barbarismo intoleravel.

«Deve-se, pois, dizer: Não passou despercebida a sua allusão. Fulano fez-se despercebido, isto é, desentendido, etc.

«O reino está desapercebido de armas e de mantimentos»—disse Vieira, isto é, desprovido, desguarnecido, desarmado, sem os *apercebimentos* necessarios para a guerra.

«As tentações do demonio, peccadores, vos tomam desapercebidos»—escreveu Diogo de Paiva, queria dizer, sem estardes prevenidos, preparados, escudados, com a fé, doutrina e orações da igreja.

«Em summa, temos o adagio que diz: «Homem desapercebido, meio combatido.» Isto é, descuidado, desarmado, não provido ou prevenido para qualquer accommettimento, insulto ou engano.

«Basta o pouco que fica dito, para que os escriptores principiantes evitem erro tão crasso, a que infelizmente os induzem até alguns diccionarios da nossa lingua, ou antes, da lingua de seus authores...»

9. *Soffrer* e *padecer*. «Padecer é sentir alguma enfermidade, dôr, fome, trabalhos, necessidade, incommodo, desgosto, damno, desar, em fim, qualquer mal physico ou moral. Soffrer é supportar todos estes males com paciencia, resignação, animo, cara alegre, sem queixumes ou gemidos.

«De sorte que ha padecer sem soffrer, mas não póde haver soffrimento sem padecimento.

«Quando dizemos, fulano soffre do peito, asseveramos uma cousa que talvez ignoramos, ou que não seja verdade, porque elle póde padecer do peito, mas não ter soffrimento, não soffrer resignadamente essa doença. Por isso devemos dizer, para não errar — padece do peito.

«A caridade é paciente e soffrida nas tribulações» — disse João Franco Barreto.

«O padre Vieira, que é texto desenganado, diz, fallando das affrontas que os phariseus fizeram a Christo: «Faltava-lhe este complemento de inteira paciencia, que era *soffrer padecendo* immenso.»

«E mais familiarmente, a doutrina christã manda-nos soffrer com paciencia as fraquezas do nosso proximo, isto é, os damnos, incommodos ou privações que por elle padecermos, e não soffrermos.

«Quando o verbo soffrer se emprega em accepção translata ou figurada, então se usa muitas vezes sem perigo de gallicismo.»

10. *Preposições*. «O correcto e euphonico emprego das preposições na lingua portugueza, é o ponto em que mórmente hesitam os grammaticos sisudos.

«A maioria dos classicos da lingua, n'este particular, não são texto desenganado, porque não havendo ainda principios assentados de grammatica philosophica, muitas vezes cahem em absurdos e contradicções que ninguem é obrigado a approvar, e muito menos a seguir.

«É mister, pois, sujeitarmol-os á analyse, á critica da boa razão, e regularmo-nos pelas regras de analogia, e tambem pela suprema lei grammatical, a clareza, para a qual nenhuma outra parte da oração concorre mais que a preposição, principal instrumento da syntaxe de regencia.

«Posto isto, iremos apontando as locuções que mais geralmente andam viciadas, pela introducção de preposições, que são evidentes solecismos.

«A fallar *a* verdade, eu enganei-me.»

«Mas, fallando *a* verdade, elle tem razão.»

«Em qualquer d'estes modos de dizer, assás vulgares, ha solecismo, porque tem um elemento superfluo, ou incongruente. Se o *a* se tomar como artigo, é inquestionavelmente superfluo; se se toma como preposição, varía então o significado da oração, porque inculca que quem falla é *a* verdade, e não que o sujeito da oração falle verdade, ou verdadeiramente.

«Venham os exemplos, que são os tirateimas.

«Diz o padre Franco, fallando de uma das comedias que os jesuitas costumavam fazer representar aos noviços :

«Depois entrou a fallar a verdade.» Isto é uma figura que representava a verdade fallando.

«Portanto, para evitar equivocos,

e emendar o erro, devem-se corrigir as phrases que acima apontamos, por este modo:

«A fallar verdade, enganei-me.

«Mas, fallando verdade, elle tem razão.

«Nos melhores classicos havemos achado invariavel este modo de dizer, e para os obstinados aqui porêmos alguns exemplos: «Quem trabalha, como cuida no que faz, falla verdade, porque diz as cousas como são.» (Vieira, *Serm.* 4, 21). — «Só tinheis isto de mau, hei vos de fallar verdade.» (Francisco de Moraes, *Dialogos no fim do Palmeirim de Inglaterra*).

«Nos proverbios, que todavia não são exemplares de grammatica, porque tem muitas corruptelas do povo, e muita particula superflua para fazer melhor sonido, n'esses mesmo achamos authoridade para o nosso caso. Dizem assim:

«Ao medico, ao advogado, e ao abbade, fallar verdade.

«Quem me não crê, verdade me não diz.

«O amigo que falla verdade, é espelho são.»

Com. «Que pela maior parte se acha nos classicos o verbo contentar seguido da preposição *com*, é certo; e parece ser esta a que lhe convém e teve primordialmente. Mas como a preposição *de*, tem muita applicação, por euphonia, e faz as vezes de outras muitas, da lingua portugueza, nos melhores escriptores antigos e modernos, vêmos usada, ora uma, ora outra, segundo melhor sôa na oração.

«Por exemplo, Vieira diz no mesmo sermão (t. XI, n.º 223):

«Contente-se cada um *de* crescer dentro da esphera do talento que Deus lhe deu. No ar contente-se a andorinha *com* ser andorinha. No mar contente-se a rémora *com* ser rémora. Na terra contente-se a formiga *com* ser formiga.»

«Vê-se que na primeira oração usou da preposição *de*, para evitar a dissonancia, a aspereza, e talvez o equivoco, se dissesse *com crescer*. D'aqui devem tirar exemplo os principiantes, para substituir ou transpôr as diversas partes das orações, quando virem que do contrario se não póde alcançar a suavidade e harmonia genial da nossa lingua, pois para isso tem faculdade concedida pelas leis grammaticaes, e authoridade dos bons escriptores. Ainda mais. João de Barros que, além de classico foi author da segunda grammatica que se imprimiu da lingua portugueza, frequentemente emprega a preposição *de* em vez de *com*, depois do verbo contentar; como por exemplo, no panegyrico da infanta D. Maria, pag. 18: «Não se contentava (a infanta) *de* lhe fazer tanta vantagem nos beus, etc.»

«Tambem achamos este verbo regido com a preposição *em*, só n'um author, mas de bons quilates, que tal é, e será sempre, em quanto se fallar portuguez, D. Francisco Manoel de Mello. Se não foi erro de imprensa, póde servir de escudo. É nos *Apologos Dialogaes*, o primeiro, dos «relogios fallantes»:

«Nenhuma arvore vereis que se contente *em* ficar no estado em que a plantaram.»

«Inclinamo-nos a crêr que foi erro de imprensa, porque tão primoroso escriptor, não repetiria a mesma palavra n'uma sentença tão curta.»

11. *Meio* (adjectivo). «Erram muitos escriptores contemporaneos empregando o adjectivo *meio*, sem lhe darem a construcção adverbial que lhe compete em muitas phrases, taes como casa *meio* feita, pessoa *meio* morta, porta *meio* aberta.

«Uma casa póde estar meia feita e meio feita. Na primeira hypothese affirma-se que a casa está *feita* até metade, por exemplo, da altura em que deve ficar; na segunda que a feitura da casa está em meio.

«Na primeira phrase o vocabulo *meia* é rigorosamente adjectivo, e como tal concorda com o substantivo em genero e numero; na segunda emprega-se o mesmo adjectivo adverbialmente, e então dá-se sempre a terminação masculina.

«Por exemplo, quando fr. Luiz de Sousa diz que o arcebispo (D. fr. Bar-

tholomeu) levantava as mãos *meio* mortas, não quiz dizer que *meias* ou *metade* das mãos estavam mortas, mas que o amortecimento d'ellas estava já em *meio*. Portanto não é indifferente empregar este vocabulo d'uma ou de outra fórma, como se atrevem a dizer alguns grammaticos, e o consignam alguns diccionaristas na palavra adverbio.

«A regra é esta: Os adjectivos tomados como adverbios são invariaveis, conservando sempre a terminação masculina.

«O seguinte excerpto de Vieira (*Sermão* 10, 163) tira todas as duvidas, porque nos dá exemplo de ambas as hypotheses figuradas.

«Mas tambem não ha duvida que só as póde aprender no cenaculo de Jerusalém, onde o Espirito Santo desceu, não só em linguas de fogo, mas em linguas partidas. E porque eram, ou foram, ou haviam de ser aquellas linguas partidas? Eram linguas partidas, não só porque eram muitas linguas, senão porque eram linguas e meias linguas, como as que elle arremedava. *Meias* linguas, porque eram *meio* européas e *meio* indianas; *meias* linguas, porque eram *meio* politicas e *meio* barbaras; *meias* linguas, porque eram *meio* portuguezas e *meio* de todas as outras nações, que as pronunciavam ou mastigavam a seu modo.»

12. *Solecismos*. «Um dos muitos solecismos que hoje em dia andam arreigados na lingua portugueza, é usar-se, na falla, na escripta e na imprensa, da terceira pessoa singular do presente do indicativo nos verbos *trazer*, *dizer*, *fazer*, *traduzir*, *conduzir*, e seus compostos, para designar a segunda pessoa do imperativo.

«Ponhamos alguns exemplos communissimos:

«*Traz*-me d'alli os meus livros.

«*Diz* a teu irmão que está despachado.

«*Faz* bem aos pobres envergonhados.

«*Traduz* este drama em boa linguagem.

«*Conduz* esse menino á escóla.

«Todas estas phrases são incorrectas, por conterem o solecismo de empregar o verbo imperativo com a terminação ou desinencia que pertence ao indicativo.

«Devem-se, pois, corrigir os exemplos apontados d'este modo:

«Traze-me d'alli os meus livros.

«Dize a teu irmão que está despachado.

«Faze bem aos pobres envergonhados.

«Traduze este drama em boa linguagem.

«Conduze esse menino á escóla.

«O não saber conjugar correctamente os verbos da propria lingua é um grande desaire; porém n'isto muitas vezes pecca-se, não por ignorancia, mas por desattenção. Pelos proverbios, que em regra são bom texto de analyse grammatical, e todos os sabem de cór, pouco mais ou menos, se podem tirar as duvidas que sobre estes pontos houver; e seria bom que os mestres, com a devida selecção, usassem dos adagios da lingua para tal fim.

«Para corrigir o solecismo que hoje apontamos, temos os seguintes proverbios:

«Faze bem, não cates a quem.

«Faze mal, e espera outro tal.

«Faze por ter, vir-te-hão vêr.

«Faze bem ao bom varão, que haverás galardão.

«Faze pé atrás, que melhor saltarás.

«Faze teu filho herdeiro, mas não o faças despenseiro.

«Conduze-te pelos conselhos da prudencia.

«Dize-me com quem lidas, dir-te-hei as manhas que tens.

«Como o estudo da grammatica nas escólas primarias, para não enfastiar, se deve fazer mais por exemplos que pelas regras, bom será que os mestres escolham para isso as orações quotidianas, a doutrina christã, e os proverbios da lingua.»

13. *Teres* ou *terdes*? «A regra, na conjugação dos verbos em grifo sobre que somos interrogados, é, *terdes*, na segunda pessoa plural do infinito pessoal, e não, *teres*, que designa a mes-

ma pessoa no singular. E, por identica razão, *derdes*, e não *deres*.

«Este solecismo está mui arreigado, principalmente na conversação e nos periodicos. E por tal modo anda o ouvido costumado a elle, que da falla passa imperceptivelmente para a escripta.

«Ainda ha pouco, n'uma aula publica de primeiras letras, ouvimos nós estarem os alumnos aprendendo em côro o acto de contrição, dizendo todos nas barbas do mestre: «Peza-me, Senhor, de vos ter offendido por *seres* vós quem sois, etc.»

«Se já n'aquella idade tinham offendido a Deus, a grammatica era offendida no proprio acto de contrição!

«Mas este peccado dos pobres rapazitos era original, e o mestre é que lhes devia ministrar o baptismo da correcção, se, por ventura, elle sabe a lei que deve professar.

«Importa, pois, que se extirpem estes erros, não só da escripta, mas da conversação tambem; e nas escólas primarias, sobre tudo, nas rezas e doutrina christã, em que se commettem erros vergonhosos.

«Sendo uma das riquezas da nossa lingua, que outra nenhuma tem, poderem-se conjugar os infinitos dos verbos, por pessoas e numeros, devemos primar em não os viciarmos.

14. *Detalhe*, *detalhar*, *detalhadamente*. «Do numero dos gallicismos, escusados são, o substantivo *detalhe*, o verbo *detalhar*, o adverbio *detalhadamente*, e a locução adverbial *em detalhe*.

«Com offensa da pureza da nossa lingua, e affronta da sua indole, opulencia e propriedade, andam estes gallicismos desaforadamente usurpando o lugar dos vocabulos nacionaes, que os temos até em duplicado para cada uma d'aquellas idéas. Vejamos:

«*Detalhe*. Temos relação, narrativa, enumeração, individuação, particularidade, minudencia, accessorio, accidente, etc.

«Em vez de dizermos afrancezadamente: os *detalhes* da acção, do successo, da pintura, etc., digamos portuguezmente: os pormenores, as particularidades, os accessorios, os accidentes, etc.

«*Detalhar*. Temos para este unico verbo francez muitos nossos, taes como: especificar, particularisar, circumstanciar, individuar, referir por menor, miudar, etc.

«*Detalhadamente*. Para este adverbio temos: miudamente, por partes, circumstanciadamente, por menor, por extenso, etc.

«*Em detalhe*. Em vez d'esta locução adverbial, temos as mesmas que servem para o adverbio, e tambem: ponto por ponto, peça por peça, por miudo, a retalho, em lotes, em lugar de: vender *em detalhe*, como, á franceza, se costuma nos annuncios.»

15. *Ter lugar*. «Enoja, por mui repetido e escusado, o gallicismo *ter lugar (avoir lieu)*, de que hoje se está usando na escripta e na conversação, quando nós temos tantos verbos para empregar com variedade, em vez d'essas duas palavras, que de mais a mais, em bom portuguez, se usam n'outra accepção.

«Temos por exemplo: *realisar*, *effectuar* ou *effeituar*, *occorrer*, *succeder*, *acontecer*, *haver*, *celebrar*, etc., com os quaes, segundo pedir o caso que houvermos de referir, escreveremos com pureza e propriedade.

«Pega-se em qualquer jornal, e é infallivel encontrar-se logo: *teve lugar* esta noite um grande incendio; *teve lugar* outra batalha; *teve lugar* a representação; *teve lugar* uma desordem; *teve lugar* a sessão; *teve lugar* o consorcio, o baile, o enterro, etc., etc.

«Nos documentos officiaes do «Diario» a mesma lenga-lenga. Despachos que *tiveram lugar* no mez de tal; *teve lugar* a sessão real; *terá lugar* o cortejo no paço; *terá lugar* o concurso; *terá lugar* a arrematação; *teve lugar* a audiencia, etc., etc. De sorte que parecemos uma terra de lugarejos, onde se não dá passo, nem pratica acto, sem *ter lugar* á vista!

«Pois não é melhor dizer portuguezmente: Despachos que *houve*, que se *expediram*, que se *proferiram*,

que se *verificaram*, que se *effectuaram*, que se *realisaram*, ou que se *fizeram* no mez de tal? Ha de *proceder-se* á arrematação, ou simplesmente *ha de* arrematar-se? *Houve* um incendio; *deu-se* uma batalha; *realisou-se* o consorcio; e se não está já annunciado ou esperado, *desposou-se*, *casou-se*, *celebrou-se* o matrimonio; *succedeu*, *aconteceu*, ou *houve* um desastre; não se *effectuou*, ou não se *realisou* a arrematação, o concurso, a estreia, a experiencia?

«E não só como gallicismo escusado devemos rejeitar a locução *ter lugar*, n'estas e semelhantes phrases, mas tambem porque *ter lugar* na nossa lingua significa *ter espaço*, *cabimento*, *opportunidade;* vir ou cahir *a proposito*. Dêmos alguns exemplos:

«Não *tem lugar* a pretenção do supplicante.» Esta formula de despacho quer dizer que não tem cabimento, admissão, fundamento, procedencia, o que se allega ou requer. E tambem, que não tem vez, vagatura, etc. — «O marquez fallou a el-rei logo que *teve lugar*» (occasião, opportunidade). (Vieira). — «E quando *teve lugar* deu conta de tudo ao viso-rei». (Barros). —«Agora *tem lugar* referirmos o que no tomo segundo apenas acenamos.» (J. Cardoso). — «Julgava *ter lugar* reservado no céo o estulto e soberbo imperador.» (Fr. Christovão de Lisboa). — «*Teve lugar* o remoque do prégador, embora em tal solemnidade» (isto é, foi bem cabido, veio a proposito). (D. Francisco Manoel).

«Á vista de taes exemplos, quem não dirá que a locução afrancezada *ter lugar*, por *acontecer*, *effectuar-se*, etc., repugna á indole, clareza, e propriedade da lingua portugueza?»

16. *Confeccionar. De resto.* «Confeccionar, ou antes confeiçoar, em bom portuguez, é fazer confeições, que são as preparações medicinaes que se manipulam nas boticas; e, por analogia, certas misturas, adubos, etc., com que se temperam ou *destemperam* os vinhos.

«Que fazem os remendões da nossa lingua, empregam este nosso verbo na accepção de *confectionner* francez, e dizem:

«Nomeou-se uma commissão para *confeccionar* os estatutos. Estou *confeccionando* um drama. O ministro foi encarregado de *confeccionar* o projecto, o regulamento, a lei. Já está *confeccionando* o programma.

«E o caso é que talvez por sestro da origem da palavra, quasi sempre de taes laboratorios sahem cataplasmas, e nunca obra sem confeição!

«É escusado indicar, por mui triviaes, os verbos proprios e expressivos que, para engeitarmos semelhantes barbarismos, tem a nossa linguagem. Basta esta advertencia para precaver os principiantes, e se corrigirem os menos instruidos.

17. «Tambem os gallicistas tratam *de resto* a nossa lingua traduzindo as locuções *au reste* e *de reste* ao pé da letra, como se ellas podessem substituir as muitas conjuncções adversativas e modos adverbiaes que temos, para exprimir a significação d'aquellas clausulaes francezas.

«É commum lêrmos nos escriptos modernos: Fulano é ignorante e enfatuado; *de resto* excellente pessoa. A peça está mal traduzida; mas *de resto* sempre agradou. Os actores representam mal; *de resto* foram chamados fóra. *De resto* a minha opinião triumphou.

«Todo este phraseado é espurio e barbaro.

«A genuina traducção é esta:

«Fulano é ignorante e enfatuado, *porém* bom homem. A peça está mal traduzida: *apesar d'isso*, ou *não obstante*, agradou. Os actores representaram mal; *comtudo*, ou *ainda assim*, foram chamados e applaudidos. *Todavia* a minha opinião prevaleceu.

«Além da vernaculidade, não ha muito mais clareza e concisão n'estas phrases do que n'aquellas outras?

«Exemplos classicos não faltam, mas bastam estes: «Não é facil conhecer quaes são os aduladores, e quaes os amigos devéras; *todavia* se conhecem uns dos outros nas adversidades.» (D. fr. Amador Arraes).—«Orai e esmolai; *quanto ao mais* fica á conta

de Deus.» (Fr. Christovão de Lisboa).

«Note-se que vamos apontando os gallicismos *intoleraveis*, por serem, não só contrarios á indole, senão tambem á grammatica da nossa lingua; que os *toleraveis*, os admissiveis no vocabulario nacional, esses não engeitamos, e d'elles havemos de fazer catalogo, para que se distingam dos que a opinião dos doutos reprova. Bernardes, defendendo os foros da nossa lingua, já no seu tempo dizia: «O vicio da curiosidade e affeição a cousas novas passa tambem aos trajos, aos edificios, aos comeres, aos estylos, ás leis, e até ás mesmas palavras. Pelo que não faltam novelleiros que querem emendar, ou illustrar o idioma commum, introduzindo-lhe palavras exoticas, e termos que lhes parecem mais elegantes, sendo, na verdade, mais ridiculos.» Isto escrevia o grande mestre da nossa lingua, vai para dous seculos. Que não diria elle se resuscitasse agora?

18. *O infinito pessoal* e *impessoal*. «O infinito impessoal, além de representar um substantivo verbal, abstracto, e de com os verbos auxiliares constituir as fórmas compostas, tambem se junta a outros verbos não auxiliares, para com elles formar as phrases verbaes compostas, que tão communs são no discurso, taes como: *queremos lêr; mandaram cantar; vou viajar*, etc.

«O infinito pessoal representa uma acção por modo vago e indeterminado, contendo ao mesmo tempo a idéa de pessoa e de numero. Exemplo: Trabalha, meu filho, para *agradarem* tuas obras a Deus. (Fernão Mendes Pinto, c. 168).

«Os escriptores principiantes erram vulgarmente a grammatica d'este tempo, em o empregarem quando devem usar do infinito impessoal, e vice-versa.

«Uma das causas, e talvez a primeira, por que nos authores antigos apparecem alguns d'estes erros, é devido á influencia que a litteratura hespanhola exerceu na lingua portugueza. Porque, não possuindo aquelle idioma este tempo, fez com que alguns authores usassem o castelhanismo de empregar o impessoal quando deviam empregar o pessoal. É hoje a influencia da lingua franceza faz tambem com que se empregue o impessoal quando se deve empregar o pessoal. As seguintes phrases traduzidas do francez, á letra, produzem equivoco em portuguez, além de serem oppostas ao dizer vernaculo dos mestres da lingua: É para dar que o Senhor nos dá. — A vida é feita para trabalhar. O equivoco desapparece d'estas phrases, se dissermos: É para *darmos* que o Senhor nos dá. — A vida é feita para *trabalharmos*.

«Tratemos pois de estabelecer regras, com as quaes o principiante não possa errar na applicação d'estes dous tempos.

«Regra geral:

«Quando o infinito tem sujeito proprio, e fórma com elle uma oração, concorda com o sujeito em numero e pessoa.

«Quando o infinito não tem sujeito proprio, e faz com outro verbo uma fórma composta, conserva-se invariavel.

«Daremos agora alguns exemplos, para costumar o ouvido dos principiantes á verdadeira construcção: «Virtude, sem *trabalhares e padeceres*, não verás tu jámais com teus olhos.» (Bernardes, *Luz*, p. 256). — «Se do céo, onde estaes, *abaterdes* os olhos e os *pozerdes* em Amarante.» (Vieira, *Sermões*, 7, 294). — «As mulheres tem a seu mandar as lagrimas para *chorarem* quando e quanto *querem*.» (Bernardes, *Flor.*, 342). — «Póde bem *ser quererdes saber* a que venho.» (*Euphrosina*, Prol.) — «Para que não podessemos duvidar *serem* isto obras da poderosa mão de Deus.» (Lucena, c. 15, 109). Todos estes exemplos são correctos. Os seguintes são os que encontramos afastando-se da regra, e por isso os damos como errados: «Será de uns doudos vãos, que *acabado de gastarem* o dinheiro com que casam, desprezam-se do sogro, e dão triste vida á mulher.» (*Euphrosina*, act. 5, sc. 10).

«Este lugar é errado, porque *aca-*

bado de gastarem é uma fórma verbal composta; portanto deve ser invariavel o infinito.

«Deve-se corrigir: *acabado de gastar*.

«N'este mesmo caso está o seguinte verso de Camões: «E *folgarás de veres* a policia.» (*Lusiadas*, cant. 7, est. 72).

«Deve-se corrigir: *folgarás de vêr*.

«Mandou... dous talões a espiar o porto, sondar o rio, e vêr o surgidouro.» (Fernão Mendes Pinto).

«Deve-se corrigir: a *espiarem* o porto, *sondarem* o rio, e *verem* o surgidouro. Porque o sujeito d'estes tempos é, *dous talões*, e formam com elle uma oração differente da representada pelo verbo *mandou*.

«Forçareis as pedras a vos *fazer* a vontade.» (*Ulyssipo*, act. 5, sc. 4).

«Deve-se corrigir: a vos *fazerem* a vontade; porque o sujeito de fazer é, *pedras*, portanto deve concordar com elle em numero e pessoa.

«O que se lhes não póde defender com a artilheria por *trabalhar* cobertos.» (Jacintho Freire).

«Deve-se corrigir: *trabalharem*; pois que o sujeito de trabalhar é, *soldados*, e não artilheria. Defender está correctissimamente empregado no impessoal, pois fórma com o verbo, *póde*, uma variação verbal composta.

«E' muito proprio das mulheres o sahir para *verem* e *serem* vistas.» (Bernardes, *Flor*. 4, 243).

«Este exemplo é correcto: *verem* e *serem* concordam com seu respectivo sujeito, *mulheres*. *Sahir* está na fórma impessoal, porque está tomado como um puro substantivo.

«Os moradores salvaram no sertão as vidas... faltando-lhes valor... para se *defender* ou *morrer* em suas casas.» (Jacintho Freire, 275).

«Deve-se corrigir: para *se defenderem* ou *morrerem* em suas casas.

«Ha phrases em que se póde considerar o infinito do verbo de duas maneiras: constituindo uma fórma com o outro tempo, ou formando sobre si outra oração. N'este caso póde-se empregar o impessoal ou pessoal, segundo melhor convier á clareza e harmonia do periodo. Quando concorre assim, mais de um verbo no infinito, põe-se uns no singular, outros no plural, fazendo depender este emprego da boa consonancia; ex.: «Começaram os ouvintes a bocejar e cabecear até que ficaram adormecidos.» (Bernardes, *Flor.*, t. IV, fl. 250).

«Se se considerarem os verbos *bocejar* e *cabecear* codependentes de *começaram*, formando portanto com elles fórmas compostas, devem-se conservar invariaveis; se porém se suppozerem formando uma oração separada, cujo sujeito é *ouvintes*, deve-se empregar a fórma pessoal d'esta maneira: começaram os ouvintes a *bocejarem* e *cabecearem*.

«Algumas vezes tambem se encontra a *bocejarem* e *cabecear*. Porém este modo achamol-o irregular.

«Até aqui o illustre professor.

«Agora acrescentaremos, que nos nossos classicos ha exemplos para authorisar o emprego dos infinitos, segundo a regra exposta, e contra ella. Por exemplo este, de fr. Luiz de Sousa, na *Vid. do Arceb.*: «Os santos a *persuadir-me* humildade... e eu que mostre brios e ufania? Os santos a *prégar* pobreza e *seguil-a* em tudo, e eu que mostre ufania e brios.»

«Tomariam elles esta licença para evitar, umas vezes a dissonancia que produz a repetição das terminações do infinito impessoal; outras a reduplicação de pluraes no infinito pessoal, e por isso empregavam, ora um, ora outro, como melhor lhes soava, até com prejuizo da clareza do periodo? Parece-nos ser esta a razão; porque nem sempre taes lugares se podem explicar por ellipse, como alguns tem feito.

«Apesar d'isto, e dos escriptores que rigorosamente fazem authoridade na grammatica da nossa lingua, nem todos os classicos observam as regras expostas, sem discrepancia. Muitos exemplos poderamos adduzir, para mostrar que ainda nos periodos em que ha necessidade de repetir os infinitos, seguem á risca a syntaxe de concordancia da lingua.

«Sirva por exemplo incontestavel o

periodo que vamos transcrever, pois é de um escriptor que, além de escrupuloso observador das regras da grammatica, na harmonia, variedade, graça, energia e pompa ninguem o excede: «Deve ser o ether enredado de fios de luz, que, em todas as direcções, parallelos, perpendiculares, obliquos, convergentes, divergentes, remotos, proximos, se *entretecem* sem se *torcerem*, se *cortam* sem se *quebrarem*, se *encontram* sem *confundirem*; communicam todos os pontos com cada ponto, fazem que tudo possa vêr a tudo, e ser de toda a parte descoberto.» (A. F. de Castilho, *Noções rudimentares para uso das escólas*, pag. 76).

19. *Que* (particula). «Não ha palavra mais importuna e molesta na lingua portugueza que a particula *que*, por se offerecer a cada passo com diversos significados, em razão de accumular muitos empregos grammaticaes, de que resulta embaraçar o discurso e causar repugnantes cacóphatos.

«Os authores antigos peccavam em atravancar a escripta com este vocabulo, tornando-a obscura; e póde ser que d'aqui provenha o dizer-se vulgarmente de uma cousa intrincada — *que tem seus ques*.

«Acresce a esta multiplicidade de *ques* nacionaes, os que tem acarretado do francez quantos por ahi escrevem sem cabal conhecimento da lingua materna.

«Convém portanto que os principiantes ponham todo o cuidado em se precatarem contra esta invasão, que está barbarisando e endurecendo o nosso idioma; e tambem que sigam os bons authores em supprimirem esta fastidiosa particula, principalmente quando ella occorre ao escrever antes dos tempos do indicativo e do subjunctivo, do que lhe vamos dar aqui alguns exemplos, pondo entre parenthesis o *que* supprimido, para avivar mais a exemplificação:

«Temo (*que*) se não extingua, antes renasça em nós mais forçosa esta maldade.» (Fr. Antonio das Chagas, *Sermões*, t. II, pag. 162).—«Se quizesseis tratar commigo sobre essa materia em que cuido (*que*) sou aguia.» (Jorge Ferreira de Vasconcellos, *Eufr.*, 3, 2).—«Confrangeu-se o governador com respostas tão determinadas; e chamando um criado lhe mandou (*que*) trouxesse o seu bochá» (é um panno forte e quebrado, que tem na ponta uma fita larga: aqui mettem o mais resguardo do fato) (Bernardes, *Flor.*, 3, 8.—«Já sei (*que*) chegou a v. exc.ª a triste noticia que suppunha se tinha encoberto a v. exc.ª» (Vieira, *Cartas*, t. III, 9). — «Pagar de todo bem sei eu (*que*) não posso.» (D. Francisco Manoel, *Cartas*, 40). — «No mar Pacifico raros são os naufragios, porque raras vezes ha tormentas. Tormentas d'alma são as paixões, (*que*) perturbam a paz interior, e n'esta perturbação naufraga a alma.» (Bluteau, *Prosas*, t. I, 166). — «No fim da carta de que V. Magestade me fez mercê, me manda V. Magestade (*que*) diga o meu parecer sobre a conveniencia de haver n'este estado, ou dous capitães-móres ou um só governador.» (Vieira, *Cartas*, t. I, 10). — «O que feito lhe disse (*que*) avisasse o infante.» (Cardoso, *Agiologio*, 1, 199). — «E diz (*que*) não podiam ser de outro instituto que dos Essenos.» (Bernardes, *Flor.*, 3, 230). — «Aonde parece (*que*) ha uma como semelhança de discurso e raciocinação.» (Pacheco, *Divertimento erudito*, t. I, 563.)—«Cedeu voluntario (o condestavel) das terras que gozava, não consentindo (*que*) se despojassem os mais sem gratificação dos trabalhos.» (*Vid. de D. Nuno*, l. 6, 716).

20. *Successo*. «Alguns escriptores escrupulosos evitam empregar a palavra *successo* na accepção de *bom exito*, *feliz resultado*, *triumpho*, etc., suppondo que n'esta significação é gallicismo, porque assim o qualifica o douto cardeal fr. Francisco de S. Luiz, no seu *Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna*, a pag. 143 (2.ª ed.), n'estes termos: «SUCCESSO: Significa em portuguez qualquer *acontecimento*, o *exito* de qualquer empreza ou negocio, etc.; e é indifferente para exprimir o successo *bom* ou *mau*, *feliz* ou *infeliz*, *pros-*

pero ou *adverso*, etc.; em tal maneira que só o adjectivo o tira da sua indeterminação, restringindo-lhe a extensão do significado. Pelo que é gallicismo tomado absolutamente, dizendo v. gr.: *prégou com successo*, i. é, com *bom* successo; para cultivar *com successo* é necessario conhecer o terreno, i. é, para cultivar com *feliz* successo, etc.»

«Enganou-se n'este ponto, como em outros mais, o douto philologo, porque a palavra *successo* tem em portuguez o mesmo significado que lhe dão os francezes, porque a origem é latina, e n'este idioma se define *successo* por *eventus prosper*. E tanto que no capitolio havia uma divindade denominada Successo, com os emblemas que denotam o jubilo e descanço que se goza depois do triumpho.

«Os que tem frequente leitura dos nossos classicos sabem que elles empregam este vocabulo na accepção que fr. Francisco de S. Luiz reprova como gallicismo; e para não accumular exemplos em ponto de tão facil averiguação, apenas transcrevemos alguns do P. Antonio Vieira, que se era propenso a italianismos, a gallicismos nunca: «Muito lhe doeu a Christo, gotas de sangue lhe custou, contemporisar com a circumcisão; mas foi necessario dissimular com dôr para remediar com *successo.*» (*Sermões*, t. XI, 486).—«Mas tempo é já que nos façamos n'outra volta, que do sul passemos ao norte, e ponderemos o *successo* (a victoria) do Rio Real.» (*Id.*, t. XV, 2).—«Parece que vejo aqui retratado o *successo* dos filhos de Israel, quando venceram aquelle grande exercito dos syrios, que capitaneava Georgias, general do rei Antioco.» (*Id.*, t. XV, 18).—«... e o fizeram (os portuguezes) com tanto *successo* e resolução.» (*Voz Hist.*, 10). Se houvessemos de dar adjectivo a este substantivo, teriamos de dizer *bom successo*, *mau successo*, o que causaria um equivoco tão obvio que escusamos declaral-o.

21. *Conjuncções copulativas.* «Assentemos primeiramente qual é a theoria do emprego das conjuncções copulativas na lingua portugueza, que são, principalmente *e*, *tambem*, *outrosim*, e as mais que os grammaticos chamam *compostas*, que todas se derivam d'aquella *simples*.

«Serve a conjuncção copulativa para ligar e jungir as orações que são identicas n'alguns dos seus elementos, as que estão na mesma relação para com outra, e as que concorrem, como partes, para formar do periodo um quadro unico e completo na sua expressão.

«Segue-se d'aqui, obviamente, que apesar de haver ponto final que termine uma phrase ou proposição, a segunda que se lhe reunir para completar a pintura do nosso pensamento, por via da conjuncção *e*, começará por ella, em maiusculo, abrindo ás vezes novo periodo, se com elle temos de prefazer o discurso.

«É esta a pratica dos nossos classicos, e alguns com demasiada frequencia, por imitação latina.

«Por exemplo, o padre Antonio Pereira de Figueiredo, author classico, na versão da *Biblia*, segue rigorosamente a vulgata, começando quasi todos os versiculos pela conjuncção *e*. E nomeadamente a traducção do capitulo XI do propheta Daniel, que tem 45 versiculos, ou paragraphos na escripta, todos começam pela conjuncção *e*, como no texto latino.

«Mas não só vemos isto nas traducções; a *Ordenação do reino*, que tambem é livro classico, nos ministra abundante colheita d'esta construcção. Abrimos agora o liv. I, e no titulo LXXIX: *Dos tabelliães do judicial*, que tem 46 paragraphos, apenas 5 não começam pela conjuncção *e*, todos os mais a tem a eito.

«Em Vieira é tambem esta construcção communissima. Daremos um bom exemplo: «Muito mais males, e mais perigos, nascem por causa das enfermidades do animo, que por causa das do corpo. *E* basta, para se não poder negar isto, estarem aquellas na melhor e mais nobre parte do homem.»

«Quando fizermos uma pergunta sobre o que está dito, necessariamente havemos de começar a phrase pela

conjuncção *e*. Ouçamos o mesmo Vieira: «A sepultura chamou David, discretamente, terra do esquecimento. *E* que terra ha que não seja do esquecimento, se vos passastes a outra terra?»

«Ainda mais. Até nas phrases interrogativas e exclamativas, os nossos bons escriptores rompem com a conjuncção *e*. Ex.: «E que bem parece a serenidade e luz com que amanhece o dia depois de noite escura e tempestuosa!» (Fr. Antonio das Chagas, *Sermões*.

«Por energia e amplidão de phrase tambem os nossos classicos usaram, como os italianos e os francezes, da expressão: *E bem.*—«E bem, Senhor, vós, a mim, lavar-me os pés?» (Vieira, *Sermões*, t. VII, pag. 354). Diz S. Pedro a Christo, exemplo este que vem estropeado no *Dicc.* de Moraes, mudando-se o *e* de conjuncção em verbo!

22. *Numerosos amigos, numerosos apoiados, numerosas pessoas*, etc. «Posto que alguns puristas obstinados digam que as phrases apontadas não são castiças, somos de contraria opinião, porque o adjectivo *numeroso*, na accepção collectiva, tem procedencia latina, e compõe as phrases com mais concisão do que dizendo-se: *grande numero de amigos, de apoiados, de pessoas*, etc.

«Nos classicos do seculo passado é commum este modo de adjectivar; e á vista temos agora um ainda de melhor data, qual o padre Simão de Vasconcellos, nas *Noticias* do Brazil (1668), que diz, fallando dos grandes rios da Bahia: «Ajuntando a qualquer d'estes rios maiores, uma plebe *numerosa* de riachos e esteiros que mettem pela terra.»

«E não se póde substituir o adjectivo *numerosos* por *innumeraveis* como alguns fazem, porque tem diverso significado. *Numerosos* quer dizer em *grande* ou *copioso numero;* e *innumeraveis*, tanto que *se não pódem numerar* ou contar.

«Agora as phrases *um sem numero* de amigos, *de vezes*, etc., lá tem seus resaibos de francezas. É bom evital-as.

23. *Editar*. «Começa a usar-se por ahi de um verbo que os francezes crearam, e que nos é indispensavel naturalisar, mas não traduzindo-o servilmente letra por letra, como estão fazendo.

«Referimo-nos ao verbo *éditer*, que entre nós traduziram *editar*.

«Temos em portuguez *publicar, imprimir, dar á estampa*, modos de dizer que tanto comprehendem o author que publíca por sua conta, como o editor que comprou a propriedade da obra ou de alguma edição. Devemos pois, como os francezes, formar um verbo para este ultimo caso. De dous modos o podemos formar; ou, do substantivo edição, *edicionar*, ou, do adjectivo editor, *editorar*.

«Preferimos a segunda formação por ser mais significativa do que se quer declarar, isto é, que a obra tem author e editor.

«Os exemplos de analogia para qualquer das formações que propomos, são innumeraveis na lingua portugueza; basta apontar as seguintes: «De acção, *accionar;* de doutor, *doutorar;* de munição, *municionar;* de reitor, *reitorar;* de lição, *leccionar;* de censor. *censurar*.

«*Editar* é que não tem derivação portugueza, e muito menos latina.»

23. *Garantir*. «Em vez d'este verbo, tomado do francez, temos muitos com a mesma accepção, e taes são: *afiançar, abonar, assegurar, preservar, acautelar*, etc.

«Que necessidade ha de dizer: Este relogio está *garantido* por um anno, se nós podemos dizer, com propriedade e clareza: Este relogio está *afiançado* por um anno? Ou: Esta capa é para me *garantir* do frio, em vez de: Esta capa é para me *livrar, preservar, guardar* ou *reparar* do frio?

«São innumeraveis os exemplos que ha para prova de que o verbo *garantir* é escusado na lingua portugueza, por superfluo, e não tão significativo como os que temos para o traduzir do francez.

«Na lingua commercial é que se julgou necessario adoptar o verbo *ga-*

rantir, para a harmonisar com a dos codigos d'onde o nosso foi compilado.

«Mas fóra d'este caso, não ha razão para preterirmos os verbos portuguezes com que tanto podemos variar a phrase, em vez de martellar continuamente com o *garantir* dos francezes.

«O que está naturalisado é o neologismo *garantias*, nome adoptado para designar os direitos politicos que as constituições modernas concedem aos cidadãos livres.

«Todos os vocabulos de que necessitamos se devem receber sem repugnancia; mas não os superfluos, ou que forem menos expressivos que os nossos.

«N'este caso estão os verbos *confeccionar* e o *garantir*, quando sejam empregados sem se attender á sua verdadeira accepção em portuguez, ou á que se lhes deu quando os tomamos de lingua estranha.

«Então não lhes devemos chamar gallicismos, mas sim barbarismos.

24. *Quem* (relativo). «Está hoje assentado e definido em boa philologia, que o relativo *quem*, attenta a sua derivação latina, só se póde referir a pessoas, ou a cousas personificadas. Se nos classicos ha exemplos em contrario, não é isso razão para infringirmos as regras que depois d'elles se tem estabelecido, e com as quaes se hão aperfeiçoado as linguas neolatinas.

«Além d'este argumento racional, temos tambem o de authoridade; porque, se alguns classicos não fazem tal distincção, muitos ha que a observam, e o proprio Vieira é um d'elles.

25. *Onde* (adverbio empregado como pronome). Exemplo: «Chegou a um lugar saudoso, *onde* de um pequeno ribeiro se mettem no mesmo rio.» (Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia*, dialogo I). — «O lugar que tenho escolhido para se fundar um mosteiro, *onde* se ganhassem muitas almas na terra, e se tirassem infinitos moradores para o céo.» (Fr. Bernardo de Brito, *Chron. de Cister*, fl. 57). — «Nas ferteis campinas da Lombardia e Flandres, *aonde* a cada duzentos passos ha uma aldeia.» (Duarte Ribeiro de Macedo, *Rel.* 1, 3). — «Em um combate, *aonde* fizera façanhas pasmosas.» (Heitor Pinto, *Dialogo* II, 1, 22). — «*Aonde* faltavam as forças do corpo enfermo, suppria a virtude do espirito valente.» (Balthasar Telles, *Chron. da Comp.*, t. I, liv. 1, cap. 4).

«Nas duas primeiras citações está escripto *onde*, e nas tres ultimas *aonde*. A razão é porque os authores antigos acrescentavam um *a* no começo de alguns vocabulos, ás vezes por euphonia, ou para a versificação, mas em geral sem fundamento. Ainda hoje o vulgo tem este sestro, dizendo *alembrar*, *avoar*, etc., em vez de *lembrar* e *voar*.

«N'aquelles tres exemplos, que textualmente copiamos, como nos cumpria, deve supprimir-se o *a*, porque *onde* e *aonde* são vocabulos diversos.

«Quando ao adverbio *onde* se juntam as preposições *a*, *de*, *por* e *para*, embora se escreva n'uma só palavra, como *aonde*, *d'onde*, ou em mais de uma, á semelhança de outros adverbios ou locuções adverbiaes, toma a accepção que teem e lhe communicam essas preposições.»

26. *«Que» em vez de «senão» nas phrases negativas*. «Ha quem tenha escrupulo de empregar nas phrases negativas com restricção, o conjunctivo *que* em vez de *senão*, porque alguem escreveu que era gallicismo.

«Esta asserção, porém, não é exacta.

«A substituição do *que* por *senão*, nas phrases em que o segundo membro restringe a negação do primeiro, tomaram acaso os nossos classicos do italiano, e não do francez, porque n'aquelle idioma é frequente semelhante construcção. Basta um exemplo: «Non aveva l'oste *che* una cameretta assai piccola.» (Boccaccio, *Giornata* 7, n.º 9). O mesmo os hespanhoes: «No puede producir otro efecto *que* risa ou fastidio.» (Quintana, *Musa ep.*, pag. 39).

«Agora adduziremos alguns exemplos de authores classicos portuguezes: «Dizem que não tem (as pyramides do Egypto) nada de grande *que* a vaidade dos seus inventores.» (Blu-

teau, *Prosas*, t. I, pag. 54).—«A lei de Deus, que vós professaes, e promettestes no baptismo guardar, não é outra cousa *que* lei de santos, pois é conservar a graça santificante por meio da observancia inteira dos seus preceitos.» (Bernardes, *Florestas*, t. II, pag. 56). —«Para mim não quero outro prégador *que* o snr. Anselmo.» (Martim Affonso de Miranda, *Tempo de Agora*, t. II, dial. 3).—«Todo o Decalogo, bem considerado, não é outra cousa *que* a lei natural.» (Bluteau, *Prosas*, t. I). — «As vossas cousas não tem outro mal, para os leitores mordaces, *que* serem verdadeiras.» (Garcia d'Orta, *Coll.*, pag. 20). —«Quando S. Paulo nas suas cartas chama aos fieis santos, não quer dizer outra cousa *que* bons christãos.» (Bernardes, *Florestas*, t. II, pag. 57). —«Não querendo (um missionario) outra paga *que* a obrigação em que todos lhe ficavam.» (*Noticias do reino da Cochinchina*, pag. 152). — «A sciencia nenhuma outra cousa é *que* o conhecimento claro de muitas verdades, umas em si, que são os principios, e outras que d'ellas se seguem, que são as conclusões.» — «Não sabes, filho, dizia Antigono, que o nosso reino, e o reinar, não é outra cousa *que* um captiveiro honrado?» — «Grandes exemplos viu a nossa idade d'estas batalhas de entendimento; e se perguntardes a uns e outros combatentes a causa, não é outra *que* o amor natural ou parcial, bebido com o leite da primeira doutrina, e a honra e a reputação da propria escóla.» Estes ultimos exemplos são de Vieira.

«Com tantas e taes authoridades, parece-nos que ninguem ousará taxar de gallicismo este emprego da conjuncção *que* em lugar da condicional *senão*.

«Tem esta syntaxe o predicado de dar melhor euphonia ao periodo, por evitar que se repita, no segundo membro ou inciso da phrase, a syllaba *não*.»

27. *Constatar*. «O *constatar* de que usam os francelhos é dos mais repugnantes e dissonantes gallicismos que enxovalham a nossa lingua.

«E além de tão mal soante, é escusado, porque temos um chuveiro de verbos para exprimir a acção que elle significa em francez, por exemplo: *reconhecer; verificar; certificar; provar* e seus compostos; *documentar; attestar; depôr*, e muitos outros.

«Ora quem possue tal riqueza, e vai mendigar fóra de casa, merece que lhe pendurem ao peito a chapa dos pobres do asylo.»

28. *Mistificação*. «Mistificação, no sentido de falsificação de remedios, drogas, etc., está naturalisada por classicos nossos; mas na accepção franceza de *escarnecer, mofar, illudir, chasquear, ridiculisar, lograr*, etc., é gallicismo, ou antes barbarismo intoleravel.»

29. *Progredir* e *activar*. «*Progredir*: É vocabulo traduzido de novo á nossa lingua, á imitação dos francezes, que o tomaram do latim *progredi*. Significa *continuar, ir por diante, fazer progressos*, etc. Não o julgamos de absoluta necessidade.

«*Activar*: É tomado modernissimamente do francez, tambem moderno, *activer;* e significa *diligenciar, zelar, promover com zelo e actividade, pôr em actividade*, etc. Não o julgamos necessario, ainda que tenha boa derivação.»

30. *Construir*. «Anda hoje em dia arraigado um erro na conjugação do verbo *construir*, que julgamos urgente notal-o, para se corrigir.

«Consiste em dizer *construes, construe, construem*, por *constroes, constroe, constroem*.

«Nasce este erro de se não attender a que certos verbos da terceira conjugação, mudam o *u* para *o* na segunda e terceira pessoa do singular, e na terceira pessoa do plural, em o tempo presente do modo indicativo ou affirmativo.

«O *construir*, e outros como *bulir, consumir, fugir*, etc., conjugam-se como o verbo *destruir*, e ninguem diz hoje, *destrues, destrue, destruem*, mas sim *destroes, destroe, destroem*.

«Os antigos diziam *construe, construem;* e ainda Vieira escreveu *construem* no t. X, pag. 22; *destrue* no t.

iv, pag. 420; e *fuge*, imperativamente, no mesmo t., pag. 228; mas ha muito que taes linguagens verbaes estão antiquadas.

«Hoje só é correcto, dizer-se: *acode, acodem; bole, bolem; consome, consomem; destroe, destroem; foge, fogem; some, somem;* e outros que andam no rol de verbos irregulares.

«Não occultaremos que sobre a irregularidade do verbo *construir* tem havido opiniões diversas, sendo para notar como especiosa a de um philologo, aliás attendivel, qual é Candido Lusitano.

«Diz elle: «*Construir*, quando significa o mesmo que verter de uma lingua para outra, é verbo irregular, e conjuga-se: *construo, constroes, constroem*, etc. Quando vale o mesmo que *edificar*, é verbo regular e conjuga-se: *construo, construe, construem*, etc.»

«É inadmissivel esta regra, não só porque o verbo *construir* applicado á syntaxe e á traducção é o mesmo figuradamente, mas tambem porque se não devem multiplicar regras superfluas.

«Além d'isto, a opinião de Candido Lusitano é singular, e contraria á dos nossos melhores grammaticos.»

Alguem contrapoz ao snr. Silva Tullio o seguinte argumento de analogia:

«Em o n.º 38 do vol. VII do acreditado semanario de que v. é redactor, traz v. um pequeno artigo, em que, seguindo o diccionarista Moraes, dá por erroneas as expressões *construe, construes, construem*, e recommenda se substituam por *constroe, constroes, constroem*, fundando-se na especie de analogia que acha entre este e outros verbos em *ir*, que mudam n'aquellas pessoas o *u* do infinito em *o*, taes como *bulir, subir, fugir, consumir, acudir*, etc.; e ainda mais no verbo *destruir*, em que geralmente se diz *destroe* e não *destrue*, apesar dos antigos.

«Ora, sendo estes dous verbos, *construir* e *destruir*, compostos do simples *struir* ou *estruir*, parece-me que, tambem por analogia, se deve aquella regra ampliar aos outros compostos d'estes verbos, e ao mesmo verbo. E dos compostos o primeiro que me lembra é *instruir*. Mas n'este veio o artigo de v. fazer-me duvidar se hei de dizer e escrever *instroe, instroes, instroem*, para conservar a analogia e observar a regra posta, ou *instrue, instrues, instruem*, como me parece dizer-se geralmente.

«A mesma duvida, ainda que a analogia aqui não é de tanta força, fez v. nascer tambem em mim a respeito de outros verbos, taes como *constituir, distribuir, luzir, produzir, illudir*, e compostos analogos; dúvida em que me confirma o dizer usual de algumas conspicuas pessoas d'esta terra, que pronunciam com toda a confiança: *distriboem, lozem, prodozem*, em lugar de *distribuem, luzem, produzem*, como eu cuidava que era.»

Respondeu o esclarecido philologo:

«Nota muito bem o nosso obsequioso correspondente a anomalia de se dizer *constroe, constroem*, e não *instroe, instroem*, sendo ambos estes verbos compostos do latino *struere*.

«Bom fôra que se restringisse a amplissima lista dos nossos verbos irregulares, e n'isto se tem já empenhado alguns philologos e grammaticos, mas em vão, porque o uso não recebe leis, quando se generalisa.

«Quasi todos os verbos da terceira conjugação, que hoje são anomalos, eram d'antes regulares, como, *construir, acudir, fugir, destruir, consumir, sacudir, subir;* que se conjugavam: *construe, construem: acude, acudem: fuge, fugem: destrue, destruem: consume, consumem: sacude, sacudem*, etc. Depois o uso fel-os irregulares, sem que saibamos a razão; porque assim como dizemos: F. *constroe* um palacio, da mesma fórma deveriamos dizer: Este carro *obstroe* o caminho; porque ambos estes verbos tem a mesma derivação, e igual desinencia, pelo que não foi por euphonia que lhe intrometteram esta irregularidade.

«A grammatica não tem alçada de abolir as leis promulgadas pelo uso dos bons escriptores, e n'este caso estão as irregularidades que nota o

nosso correspondente. Se a tanto chegasse a jurisdicção grammatical, já se devia ter empregado para acabar com a praga dos verbos irregulares que ha em quasi todas as linguas, e que tanto difficulta o sabel-as correctamente.

«Quanto á segunda parte da duvida que aponta o nosso benevolo correspondente, parece-nos que escusa demonstração, porque nunca vimos em letra redonda *distriboem*, *lozem*, *prodozem*, em vez de *distribuem*, *luzem*, *produzem*.»

31. *Remir*. «Não acho nas grammaticas, nem nos diccionarios da nossa lingua, designada a regra de conjugarmos o verbo *remir* no tempo presente dos modos indicativo, subjunctivo e imperativo. Não nos dizem que seja defectivo; mas o uso não o admitte n'aquelle tempo e modos.

«O verbo *remir* é contracção de *redimir*, e a elle se vão buscar as linguagens que aquell'outro não admitte, por se equivocarem com as do verbo *rimar*. E assim dizemos: *redimo*, *redimes*, *redime: remimos*, *remis*, *redimem: redime*.

«No t. I dos *Sermões* do P. Bartholomeu do Quental, a pag. 56, lemos: «*Redimamos* o tempo como Christo *redimiu* a Virgem... se não a *redimira* do modo que a *redimiu*. S. Paulo diz que quem assim o *redime* (o tempo) tem razão e tem juizo.»

«Mas, para evitar estas irregularidades, o melhor é usarmos do verbo *resgatar*, que tem a mesma significação.

32. *Ethers* ou *etheres?* (plural de *ether*). «Escrever *ethers* em vez de *etheres* não é só gallicismo, é um barbarismo; porque, embora seja vocabulo grego, logo que o naturalisamos, havemos de lhe pôr o laço nacional.»

33. *Syntaxe das preposições*. « As phrases comparativas, que se formam com os vocabulos: *mais, menos; maior, menor; melhor, peor;* se pedem para a regencia do seu complemento a preposição *de*, é costume supprimil-a, comtanto que não cause ambiguidade, hiato ou dissonancia tal suppressão; porque para evitar estes vicios, não só se conserva esta preposição, mas até se intromette, como veremos pelos exemplos que adiante serão transcriptos.

«Para que os principiantes mais facilmente conheçam onde se póde fazer a suppressão, poremos em parenthesis a preposição *de*.

«Note-se que escolhemos principalmente as phrases comparativas, porque sobre essas é que muitos nos teem proposto duvidas; e vemos que alguns escriptores contemporaneos lhes põem sempre a preposição: «Por sua morte succedeu seu filho Bernam Soltan, que se jactava (*de*) proceder de sangue real.» (Couto, *Dec.* v, 7, 6). — «Ainda que na pomba se vejam muitas côres, não ha mais (*do*) que uma só.» (Bluteau, *Vocab.*, palavra «Mais»). — «Não duvidando os moradores (*de*) que era contra elles.» (Fr. Luiz de Sousa, *Annaes*, 47). — «Temos conjecturas (*de*) que era natural e nascido, etc.» (Fr. Luiz de Sousa, *H. de S. D.*, I, 264). — «A diligencia dos authores d'este seculo, a quem devemos muito, póde fazer pouco mais (*do*) que emendar os erros alheios.» (Duarte Ribeiro de Macedo, *Obras*, t. II, pag. 2).—«Este (o conselho) é o grande elemento da vida civil, não menos necessario (*do*) que a agua e o fogo para a vida natural.» (*Ibid.*, t. II, pag. 50). — «O modo de explicar não foi menos excellente (*do*) que a mesma doutrina.» (Barreto, *Flos Sanctorum*).—«De pedra dura que os corações fossem, por força se haviam de affeiçoar mais a uma pessoa (*do*) que a outra.» (Sá de Miranda, *Vilhalpandos*, act. v).—«Assim que sua mulher se declarava em favorecer uma creada mais (*do*) que as outras, etc.» (D. Francisco Manoel de Mello, *Carta de Guia*).—«Ha cousa mais horrenda, ha cousa mais inutil, ha cousa mais cheia de inconvenientes (*do*) que as trevas?» (Vieira, *Sermões*, II, 30). — «Cesar, que affectava o imperio, não podia ver-se menor (*do*) que Pompeu.» (*Ibid.*)—«A quem já queres mais (*do*) que a mim: dize a verdade? (Garrett, *Fr. Luiz de Souza*, pag. 140).

«Nenhum dos nossos proverbios em que ha comparativos tem a preposição *de;* signal evidente de que o uso antigo a evitava.

«Mostram pois os exemplos apontados, ser unicamente indispensavel a conjuncção *que* entre os dous termos de comparação.

«Agora daremos tambem exemplos de bons authores, e alguns dos mesmos já apontados, que nas phrases comparativas usam da preposição *de,* para que se veja quaes são as liberdades e franquias da nossa lingua: «Nenhuma cousa deu a natureza ao homem melhor *do* que o engenho.» (Bluteau, *Vocab.*, palav. «Melhor»). — «Não ha homem mais a proposito para os negocios *do* que este.» (*Ibid.*, palav. «Mais»). — «Elle é maior *do* que eu. Vi-me em maior perigo *do* que nunca.» (Moraes, *Dicc.*, palav. «Maior»).—«Nada menos se persuade ao proximo *do* que o que se lhe intenta persuadir com modo apaixonado ou imperioso.» (Bernardes, *Luz e Calor*, 229). — «Padecem mais trabalhos (as figuras) para se moldarem... *do* que para se pintarem, etc.» (Garrett, *Fr. Luiz de Sousa*, pag. 4). — «Mas antes isso *do* que fazer fallar por versos meus o mais perfeito prosador da lingua.» (*Ibid.*, pag. 8). — «Nenhuma acção mais dramatica, mais tragica *do* que esta.» (*Ibid.*, pag. 9). — «Nas chronicas velhas que pouco mais eram *do* que as tradicções populares escriptas.» (*Ibid.*, pag. 161).

«Por estes exemplos, tirados de escriptores dos seculos passados e do presente, se mostra que as orações comparativas não pedem grammaticalmente a particula *do*, mas que umas vezes se junta para ensanchar a phrase, e outras para evitar as dissonancias e cacophonias produzidas pelo conjunctivo *que*, indispensavel e impreterivel em taes orações.

«Tomemos para demonstração o penultimo exemplo que apontámos. É de Almeida Garrett (visto que para estas audiencias não é costume citar os vivos).

«Diz elle: «Nenhuma acção mais dramatica, mais tragica *do* que esta.» Se lhe não juntasse a preposição, ou antes, a particula *do*, manifestava-se a cacophonia produzida pela ultima syllaba do adjectivo tragi*ca*, junta á conjuncção *que*.

«No mesmo caso está o seguinte, que se lê no t. III, pag. 31, do *Romanceiro* do mesmo author: «Tal é o argumento da cantiga portugueza, muito mais romanesca *do* que o das escocezas.»

«Pelo contrario, o mesmo author, no exemplo duodecimo dos que apontamos, do seu drama *Fr. Luiz de Sousa*, escreve: «A quem queres mais *que* a mim», sem a particula, porque não era necessaria.

«Quem se atreverá a escrever: «Elle é mais rico que ella?» Ou se ha de inverter a oração por um hyperbato vicioso: «É mais rico elle que ella», ou então inserir-se antes de *que* a particula *do*. E assim em casos semelhantes.

«Entretanto, temos exemplos d'este grande poeta e prosador, onde achamos a referida particula empregada, talvez, superfluamente.

«Além dos que já transcrevemos, extrahidos do drama *Fr. Luiz de Sousa*, lembra-nos o seguinte do t. III, pag. 31, do *Romanceiro:* «Não o presinto (o romance de D. João) mais antigo *do* seculo XV ou principios do XVI.»

«Est'outro, porém, necessitava da ensacha *do*, para arredondar a phrase: «Mais parece alludir a uma anecdota sabida, *do* que recontal-a.» (*Romanceiro*, pag. 14, t. III).

«Agora que temos exposto os exemplos do uso que de tal particula se deve fazer nas orações comparativas, diremos que a grammatica das linguas nossas congeneres não a pede.

«Em latim: *Magis doctus* quam (mais douto *que*). *Minus doctus* quam (menos douto *que*).

«Em italiano: *Più bella* che'*l sole* (mais bella *que* o sol).

«Em hespanhol: *No quiero mas* que *darle um vistazo* (não quero mais *que* dar-lhe uma vista d'olhos).

«Em francez: *Plus éloquent* que *Cicéron* (mais eloquente *que* Cicero).

«Na lingua franceza, quando ao *que* comparativo se segue algum verbo no infinito, é de rigor a preposição *de* entre o conjunctivo *que* e esse verbo; pelo que um author d'aquella nação, fallando da nossa lingua, disse que a mesma regra seguiamos nós com a differença de transpormos a preposição; mas já vimos pelos exemplos citados, que tal não ha; e para prova basta recorrer aos adagios, taes como: Mais vale suar *que* enfermar.—Mais vale guardar *que* pedir.—Mais vale rodear *que* afogar.—Mais vale calar *que* mal fallar.—Mais vale o saber *que* o haver. —Melhor é comprar *que* regar.—Melhor é descoser *que* romper.»

Concluimos, transcrevendo da *Dissertação* apresentada á academia das sciencias, pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, a opinião d'este douto escriptor ácerca dos arbitros da lingua portugueza:

«É necessario que haja em cada nação um juiz arbitro das controversias que se pódem excitar sobre a sua lingua; um juiz permanente, um juiz que se possa consultar a toda a hora.

«E quem póde ser esse juiz? Sel-o-ha algum particular? Mas essa authoridade não a arrogaria a si nem um Vieira, no tempo em que a nação o não tinha escolhido para arbitro das suas palavras; quanto mais que nem sempre é facil achar um homem d'esta marca. Sel-o-ha alguma sociedade de homens de letras? Mas essa sociedade não deve sentenciar do seu moto proprio, mas segundo certas leis. E quem ha-de prescrever essas leis?

«Direis que as controversias sobre uma lingua as deve decidir o uso dos eruditos, conforme os preceitos de Horacio e Quintiliano. E eu ainda insisto: E quem são esses eruditos, cujo voto quereis que decida a final todas essas controversias? Serão os grandes theologos, os grandes philosophos, os grandes mathematicos, os grandes jurisconsultos, os grandes medicos?

«Mas estes só podem ter voto decisivo nos vocabulos proprios da sua profissão, nos vocabulos technicos, e as controversias mais frequentes são sobre as palavras do uso geral, do uso domestico, do uso quotidiano, que são as que formam o maior e o mais consideravel numero dos nossos termos patrios.

«Não podereis logo evadir a força da minha instancia, senão confessando que os eruditos, ao uso dos quaes constitue Quintiliano arbitro supremo das palavras familiares de uma lingua, são só os versados na lição dos seus authores classicos, e que por elles decidem o que é fallar bem ou fallar mal.

«Isto concedido, prosigo eu agora. Os authores classicos da lingua portugueza, considerados assim por alto, são os seguintes:

«João de Barros—Damião de Goes—Francisco de Andrade—Diogo de Couto—Affonso de Albuquerque—Francisco de Sá de Miranda—Luiz de Camões—Diogo Bernardes—Antonio Ferreira—Francisco Rodrigues Lobo—Duarte Nunes de Leão—D. fr. Amador Arraes—D. fr. Marcos de Lisboa—Jorge de Monte Maior—Gaspar Barreiros—Fernão Mendes Pinto—Fernão Alvares do Oriente—Fr. Heitor Pinto—Fr. Bernardo de Brito—Fr. Luiz de Sousa—P. João de Lucena—D. Francisco Manoel—Os dous Brandões, chronistas móres—Fr. Manoel da Esperança—D. Rodrigo da Cunha—Jacintho Freire de Andrade—Duarte Ribeiro de Macedo—Padre Antonio Vieira—P. Bartholomeu do Quental—P. Manoel Rodrigues Leitão—P. Manoel Bernardes.—E depois d'estes, os que até á nossa idade se esforçaram por imitar os melhores, entre os quaes mettêra eu ao P. Francisco de Santa Maria, ao P. Francisco de Sousa, ao P. Diogo Curado, e a D. José Barbosa.

«Logo, estes são os authores por onde os eruditos da lingua devem julgar e decidir o que é fallar bem ou fallar mal em portuguez. Estes os que devem ser imitados, com as precauções que deixo apontadas.»

ESTUDO. «O estudar é remedio grande ás torvações do animo e res-

taurador da paz do coração. Se, cançados das borrascas da vida, vos acolheis ao santuario das musas, como que sentis um ambiente sereno cuja benigna influencia acalma as febres da alma.» (Chateaubriand). — «Estudai não para saber mais, mas para saber melhor que os outros... O estudar é refractario ao tedio; é bom consumidor do tempo; salva-nos do fastio de nós mesmos e do fastio de outrem; dá-nos boa camaradagem de gente honesta e muitos amigos.» (Seneca). — «São-me as letras consolação e prazer; não me é ahi nada mais suave que ellas; as mais cerradas tristezas se me descondensam, quando estudo. Se minha mulher enfermou, se algum dos meus se desata d'esta vida, recorro ao estudo, meu unico remedio. No estudar aprendi, por igual, a medir a grandeza da dôr e a supportal-a.» (Plinio, o Moço). — Cicero escreveu em excellentes e penetrativas vozes que o estudo linimenta a vida. É geralmente sabido que só *o estudo* e não *os estudos*, formam o coração humano. *Estudos* quer dizer curso preliminar de exercicios correspondentes a diversas cousas da sciencia, os quaes o *estudo* tem de aprofundar depois. Mas quão pouco ha ahi quem saiba estudar, e gozar o bemfazer do estudo! Querem saber e abranger tudo sem nada haverem aprendido. Forcejam por despontar os espinhos do estudo, e cuidam que o espirito de um menino se dispensa de trabalho. O homem vai muito de espaço á virilidade e plenitude intellectual. Aligeirar o tempo, introduzindo espirito methodico nos estudos, facilital-os, propondo abstracções vãs á maioria das pessoas, é por certo adiantamento grande; porém facilitando-os de mais, corremos perigo de enfraquecel-os, e accelerando-os desmesuradamente iguala-se o risco de os abastardar. Espirito superficial, leviano e desvanecido é muito má cousa. Não ha nada mais para rir que um doutor de dezeseis annos a pespontar de philosopho, capaz de reger a humanidade, quando ainda a razão lhe está pedindo bridões. Cautela com espiritos muito temporãos. Nada de pressas em encarreirar nossos filhos na trilha que hão de palmilhar. O que ahi vai de mancebos, cujas estreias fulguraram prodigiosamente, e ao depois nada deram de si, como se as primeiras ovações os abafassem. Petrarcha, Dante, Tasso, e quasi todos os homens distinctos do seculo de Luiz XIV, aos trinta annos eram ainda nas escólas. Quando sahiram, tinham cavado fundo na sciencia, e sondado a propensão de suas indoles. Mas hoje em dia já não vogam estudos solidos e profundos. Temos pressa; tudo vai a galope, tempo e revoluções; receamos que o futuro se nos escapúla, e forcejamos por apanhal-o. (Veja CONHECIMENTOS, LINGUAS).

2. «Convém lembrar frequentemente á mocidade que a sciencia posto que seja muito apreciavel pelas vantagens intellectuaes que dá a quem a possue, é ainda mais util considerada como um meio do que como um fim. Podemos perscrutar no mais recondito dos nossos pensamentos, e ser oraculos de muitos factos, e todavia permanecermos em tanta ignorancia quanto ao grande fim dos progressos intellectuaes, como se nem ao menos tiveramos os primeiros rudimentos da escóla. O *coração* é tão susceptivel de cultivação como a *cabeça*, assim sejamos educados como cumpre e interessa á nossa propria conservação. A falta de educação moral não a compensa nem um catalogo de nomes e datas, nem a memoria de grandes acontecimentos, nem a abundancia de raciocinios, nem as forças intellectuaes.

«É nossa opinião que nos mestres e parentes dos mancebos não está sempre o poder de inspirar-lhes estes sentimentos; por quanto a generalidade do gosto pelo estudo, junta á facilidade de o satisfazer, faz com que muitas vezes se tomem os meios pelos fins. D'aqui resulta que a educação moral do povo é mais lenta e descuidada que a sua educação intellectual; e seja qual fôr o motivo porque isto acontece, é certo que se observam e commettem graves erros

no ensino e direcção da mocidade. Confessamos que o genero humano nos faz conceber esperanças mui lisongeiras, e que olhamos com uma certa admiração para os progressos de muitos dos nossos compatriotas no caminho da sabedoria. Mas apesar de tudo isso, e do muito valor que damos aos dotes intellectuaes, que tão poderosamente concorrem para o bem estar dos homens, contrista-nos vêr que o progresso moral e religioso é ainda considerado, não como o unico e verdadeiro fim do estudo, mas como o seu fortuito e insensivel resultado.

«Do gosto pela leitura, que é uma das feições caracteristicas do presente seculo, póde fazer-se instrumento do bem perduravel e solido. A convicção d'esta verdade deve inspirar os maiores desejos aos amigos do genero humano de concorrerem, quanto em si couber, para que a litteratura, principalmente periodica, se torne não o vehiculo das calumnias e immoralidades, mas a fonte perenne de illustração, que doutrine o povo nos seus deveres como catholico, e como subdito fiel das leis civis.»

3. «Qualquer que seja a vocação, encaminha-se por estes dous fins: bem conhecer e bem usar dos conhecimentos. Como os homens não se ensinam a si mesmos, senão depois de se encherem de luz, e enriquecerem suas memorias de sentenças e pensamentos, quaes lhes ministram os bons livros e os mestres vivos, d'esta escolha deve começar a instrucção. Uns e outros instructores, vivos e mortos, devem ser objecto de grande cuidado, porque tanto a frieza e impertinencia, tanto o vicio moral e litterario, como outros muitos defeitos, que se encontram nos livros e mestres ineptos, são grandemente prejudiciaes aos que por elles aprendem. Um livro corrompe, deve abominar-se como peste dos animos, que se vai derramando em todo o corpo de uma nação: na leitura d'outro livro perde-se o tempo, porque é livro de desaprender: a respeito d'outros, nem pela phrase ou pela materia, ha n'elles que aproveitar: d'onde os livros uteis, e provados em bom e competente juizo, são os que merecem a attenção dos sabios e dos sujeitos, que aspiram a esta verdadeira felicidade. Não deve ser menor o cuidado sobre os mestres: pelas virtudes de que devem ser dotados se descobrem os defeitos de que hão de carecer. É condição indispensavel que saibam espreitar desde o principio a inclinação dos moços, para os determinar e conduzir sempre com brio e emulação de honra e qualquer outra virtude, pondo-os quotidianamente mais distantes do temor servil: devem ter zelo do proprio credito e da sua escóla sem partido: seus peitos hão de ser um thesouro abundantissimo de noticias escolhidas para saberem corrigir e dar vida de luz e interesse litterario; reprimir as vivacidades sem as tornar apoucadas; alegrar e reduzir animos abatidos. Devem ter madureza attentissima e capaz de acautelar, com maneiras judiciosas e attractivas, sem rusticidade nem arbitrios incivis. Sua gloria será de ostentarem desaffectadamente zelo, emulação regulada, paciencia prudentissima, e vigilancia muito escrupulosa. As materias dos discursos e fallas quotidianas devem ser de assumptos uteis, honrados, religiosos, e repetidos sem molestia até se familiarisar a mocidade com taes imagens, e que por costume produzem sentimento grato nos mesmos discipulos, aos quaes no principio seria desagradavel. Estas e outras qualidades hão de desenganar que os mestres tiveram escóla apurada, ou que elles a souberam refazer pelos seus esforços e trabalhos: por isso os mestres serão ainda de mais abençoado desempenho, se na satisfação de ensinarem se não reconhecerem independentes de cultura, mas antes se persuadirem ter que aprender em todas as horas. A satisfação que lhes mereçam suas luzes e doutrina, seja constantemente sujeita aos desenganos frequentes de que as pessoas estudiosas, ainda que mui adiantadas, são as que, para saberem o que ignoram, não recusam amorte-

cer pallidas entre os livros, usando agora de expressão que se tem apropriado grande numero de eruditos, aproveitando na leitura de quantas composições litterarias os podessem instruir.

«Logo, o conhecimento das linguas, em que se acha variedade sem medida de noticias, documentos, estylos, e todos os esforços do espirito humano, tem lugar de grande consideração entre os amadores e professores de letras. Se bem reputarmos quanto vale a acquisição de uma nova e feliz idéa, de uma noticia curiosa, de uma erudição que nos illustra, de um conhecimento grato e importante, sobre pontos de que só depois de instruidos alcançamos seu valor e nos contentamos: se quando nos accendemos para saber o que nos traz suspensos; se quando suspiramos por um pensamento, que nos faz delir duvidas cançadas; se no tempo de nos affligir um embaraço de interesse litterario, de nos tocar com vehemencia a santa inveja de possuirmos o espirito do sabio, que escutamos com admiração e respeito; se n'estas circumstancias nos apontassem o lugar de acharmos nossas satisfações, por certo que alli fôramos apagar sêde ardentissima e devoradora. Não queremos usar de semelhantes materiaes, buscados nas cousas, que os homens costumam ter em grande preço: não dizem que ouro, preciosidades, e tudo quanto nos é grato será sempre um attractivo, de que se deixam os homens arrebatar para o ir buscar, até perdidamente, nem a nossa indigencia, a honestidade da vida, a curiosidade, o appetite, a faminta cubiça. A emulação da sabedoria é mais capaz do nosso espirito do que são as cousas sensiveis. A sciencia seria buscada fóra da patria, se a tanto nos obrigasse o carinho que ella merece: porém a sabedoria mesma faz a peregrinação esperando acolhimento; ella vem diligente nos livros, que aportam de grandes distancias nas patrias de todos os sabios e dos que o desejam ser. Quem se resolve a fazer côrte dignamente á sabedoria, tambem vai solicitar suas luzes onde as encontra; sahe da patria e vai fazer permutações no mesmo genero, pelos mesmos passos e arbitrios. Ou digamos que os litteratos são todos cidadãos da mesma patria, habitam em paiz commum... Carecem acaso os litteratos de conhecimento ocular para se entenderem? Não se appetecem e festejam sem se verem?... Não é a mais prodigiosa e mais admirada que conhecida, virtude de uma essencia espiritual, aquella que a todo o instante ajunta em um lugar moradores de apartadissimas terras e tempos?... Ahi se entendem; ahi se prendem com reciprocas propensões, declaradas em vozes de copiosissima doutrina.» (D. fr. Manoel do Cenaculo).

ESTUQUE. (Veja CALCAREOS).

ESTYLO. Deriva do latim aquella palavra, *stylus*, ou do grego, *stylos*, significando ambas um ponteiro que se usava na *escripta* (veja esta palavra) sobre folhas enceradas; e, por metonymia, se applicou á operação do espirito a idéa da operação manual. *Estylo* é o que ahi ha menos material; a concepção das idéas, a arte de as explorar, assim como primitivamente significava o que menos espiritual podia ser, o instrumento que, obedecendo á mão, dava, mediante uns signaes graphicos, *côr e corpo ás idéas*. — «O estylo é o homem.» (Buffon).—«O bom estylo contenta por igual espirito, ouvido e razão.» (De Levis). — «Como hão de ser as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muito distinctas e muito claras. E nem por isso temaes que pareça o estylo baixo: as estrellas são muito distinctas, e muito claras, e altissimas. O estylo póde ser muito claro e muito alto: tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender n'elle os que sabem. O rustico acha documentos nas estrellas para a sua lavoura, e o mareante para a sua navegação, e o mathematico para as suas observações e para os seus juizos. De maneira que o rustico, e o

mareante, que não sabem lêr nem escrever, entendem as estrellas; e o mathematico, que tem lido quantos escreveram, não alcança o entender quanto n'ellas ha. Este desventurado estylo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto, os que o condemnam chamam-lhe escuro; mas ainda lhe fazem muita honra. O estylo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado.» (Vieira, *Serm.*, tom. I).

> Co'a materia convém casar o estylo:
> Levante-se a expressão, se é grande a idéa,
> Se a idéa é negra, a locução negreje,
> E, tenue sendo, se attenue a phrase.
>
> (BOCAGE).

«Da maneira que hoje lavra nos authores de excogitarem novidade no dizer, surgem affectações pueris e baixas. Por quanto, do mesmo sitio d'onde nos vem o beneficio, nos vem ás vezes o mal. Assim vêmos que o que em certos casos contribue a aformosear a obra, o que dá formosura, grandeza e graças á elocução, lances ha que dispara no contrario, como succede nas hyperboles e outras figuras...» (*Longino*, versão de F. Elysio). — «A belleza do sentir lustra em belleza de estylo. Quando a alma se libra de alto, as palavras vem de cima, e o fidalgo pensamento vai ao par com a fidalga expressão.» (De Chateaubriand). — «Estylo pueril são pensamentos de escolar, que á força de exquisitos dão em friezas. N'esse vicio cahem quantos borbotam brilhantes estranhezas, e mórmente os que se atiram ao engraçado e jocoserio; que por muito se aferrar ao figurado, disparam em destampada affectação.» (*Long.*, versão de F. Elysio). — «O escriptor mais religioso é por via de regra o mais eloquente. Sem religião, póde haver engenho; mas difficilmente haverá genio.» (De Chateaubriand). — «Os grandes escriptores hão mister espectaculos grandiosos: o infortunio tambem por si retempera a alma.» (De Ponguerville). — «A arte de escrever é como a arte de desenhar: imitam-se os bons exemplares á custa do incessante estudal-os.» (Abbade Carron). — «Está a verdadeira eloquencia no dizer o que convém, e só isso.» (Larochefoucauld). (Veja o *Ensaio sobre a philologia portugueza, por meio do exame e comparação da locução e estylo dos nossos mais insignes poetas, que floreceram no seculo* XVI, por Antonio das Neves Pereira). O snr. José Silvestre Ribeiro compendiou habilmente os principios sobre que assenta o trabalho do profundo investigador, nos seguintes termos:

«Á proporção que a poesia se cultiva, cresce o progresso das linguas, e respectivamente, quanto mais uma lingua se cultiva, tanto mais perfeitas serão as obras da eloquencia, e poesia.

«A poesia abraça uma grande multiplicidade de objectos, e por isso carece de uma immensa variedade e abundancia de expressões e estylo, para poder pintar as differentes partes do seu objecto universal.

«A poesia tem por fim a pintura dos objectos da natureza bella, mas uma pintura que falla á alma, ao mesmo tempo que aos ouvidos. D'aqui vem a necessidade que ella tem de uma lingua harmoniosa e imitativa, por maneira que não só mova o animo com a expressão dos sentimentos, e com o colorido das imagens, mas tambem encante o ouvido com a belleza physica dos sons.

«Se uma lingua fôr assaz rica, e assaz imitativa para satisfazer a todas as exigencias poeticas, para *pintar* em todos os generos da poesia, ha de necessariamente fornecer elementos adequados para as producções pastoris, lyricas, tragicas, comicas, epicas, epigrammaticas, etc.; e vice-versa, cada um d'esses generos de poesia ha de concorrer para o seu augmento e perfeição particular, por meio de varias modificações do estylo, segundo a sua diversa especialidade.

«Lancemos com o author um olhar sobre cada um d'esses generos de poesia:

«*Pastoril.* Os pastores não analy-

sam as idéas, não as compõem; toda a sua phrase consta, pela maior parte, de imagens, e de sentimentos. Predominam n'elles as sensações sobre a reflexão; e o seu estylo é todo figurado. *Tal é a linguagem da natureza, pobre de vocabulos, abundante de imagens; e tal é a que convém n'este genero de poesia.*

«O estylo *lyrico* exclue a analyse systematica, de que ordinariamente faz uso o homem que se occupa de discorrer, de meditar, de reflectir. *O estylo lyrico é o estylo das metaphoras, das allegorias, e comparações.*

«*Estylo tragico.* Os authores tragicos põem em scena as paixões humanas, os mysterios do coração, os diversos movimentos da alma, e ora lhes é preciso ser vehementes, ora patheticos, ora animados e fogosos, ora brandos e ternos; umas vezes pintam o homem arrebatado de alegria e de enthusiasmo, outras vezes repassado de tristeza e desalento, etc.; *do que facilmente se comprehende, quanto este genero de poesia conduz ao exercicio da lingua, modificando diversissimamente as suas phrases conforme as acções, as intrigas, os caracteres dos actores,* etc.

«*Estylo comico.* Concurso da naturalidade com o artificio da imitação, nos discursos, nos caracteres e nas acções; eis o typo do verdadeiro estylo comico; viveza de engenho, e ao mesmo tempo uma grande delicadeza na pintura dos defeitos do homem, da desigualdade do caracter, de excentricidades mil, de tendencias viciosas, etc. etc., eis os requisitos necessarios ao poeta que *põe a moral em espectaculo,* e quer satisfazer ao preceito *ridendo castigat mores.*—«Quando o poeta sabe fallar na sua lingua a linguagem de todos os estados de pessoas, e no tom que convém ao cortezão, ao paisano, ao sabio, e ao ignorante: quem duvída, que parecendo então exhaurir a sua lingua, a augmenta indizivelmente?»

«*Estylo epico.* O poema epico, comparado com a tragedia, tem por objecto uma acção heroica mais prolongada e mais duravel; admitte maior numero e variedade de incidentes, não só do que a tragedia, mas tambem do que todos os outros poemas; tem, nas pinturas, uma liberdade amplissima; a acção, supposto que menos animada, que na tragedia, é com tudo capaz de excitar nos animos a perturbação, o terror, a compaixão.—«O estylo epico puro predomina nas paixões mais brandas, e nas situações mais tranquillas, onde a inspiração presumida permitte ao poeta usar de maior pompa, e tomar um tom mais elevado, admittindo as imagens de todos os tempos, de todos os climas, de todas as condições da vida humana. Do que se collige, que ainda quando um poema epico não seja escripto senão em prosa poetica e harmoniosa, necessariamente ha de enriquecer, e polir muito a lingua.»

«Assentados estes principios, que na memoria são convenientemente desenvolvidos, passa o author a examinar a locução e estylo de diversos poetas nossos, *profundando mais o que pertence ao estylo da lingua, do que o que é mais propriamente estylo do author.*

«Admittindo, porém, que os poetas sejam os melhores mestres da lingua, —¿quaes dos nossos poderiam ser escolhidos pelo author da Memoria (Neves Pereira) como sendo os mais proprios para o exame a que elle se propoz?—O author considerou como um thesouro da nossa lingua as producções poeticas de Camões, Ferreira, Bernardes, Miranda, e Caminha, como sendo estes poetas *os espiritos mais raros que as boas musas tinham reservado para a gloria de Portugal, n'um seculo, que foi a época mais feliz da lingua, e da litteratura portugueza.*

«Com effeito, floreceram estes poetas, brilhando diversamente, no mesmo seculo; e para que o leitor o veja de um lançar de olhos, porêmos aqui a data em que deixou de existir cada um d'elles:

«Camões falleceu no anno de 1579.
«Ferreira » 1569.
«Bernardes » 1596.
«Miranda » 1558.
«Caminha » 1594.

«¿Mas não tem cada um d'esses poetas um estylo particular, ainda no caso em que se occupam do mesmo genero de poesia? — Sim, tem; mas apesar d'essa diversidade, entende o author da Memoria *que a nossa lingua se acha tola inteira n'estes insignes poetas*, em quanto ao que elle chama *precisamente espirito da lingua*; e para melhor explicar o seu pensamento, acrescenta que n'esses poetas se encontra a nossa lingua — *toda no mesmo rigor, no mesmo genio e caracter nacional, com que hoje a fallamos; na mesma flexibilidade em representar as idéas do entendimento, os vôos da imaginação, os sentimentos ou affectos do animo: na mesma copia, variedade, ingenuidade, graça, energia, rapidez, vehemencia, sublimidade.*

«A lição, pois, das diversas producções d'esses poetas, em todos os diversos generos de poesia, póde servir de regra para *fixar uma analogia exacta da nossa lingua, e discernir os seus idiotismos, e anomalias.* N'este sentido, e para semelhante fim, começa o author da Memoria a examinar o estylo comico, tragico, epico, pastoril e lyrico d'esses poetas.

«No exame da locução e estylo comico de Ferreira, Miranda, e Camões, analysa o *Cioso* de Ferreira, — os *Estrangeiros* de Miranda; — não encontra em Camões a *vis comica*, nem o perfeito estylo comico, tendo por isso como inutil buscar aqui ou alli, nas comedias de Camões, alguma expressão, ou pensamento felizes.

«Examina depois o estylo heroico-tragico de Ferreira, occupando-se longamente da tragedia *Castro;* julgando que Ferreira soube imitar os antigos sem servilismo, e concorreu, por outro lado, para aperfeiçoar a lingua, communicando-lhe elegancia, delicadeza, e elevação. Não perde o author da Memoria a opportunidade que se lhe offerece de louvar Ferreira, pelo amor que tão apaixonadamente consagrou á lingua portugueza, e pelo serviço que fez á poesia com a introducção do verso solto.

«Trata depois largamente do estylo heroico-epico de Camões. *No seu estylo se acham*, diz o author, *todas as riquezas da nossa lingua, e se descobrem os solidos meios de as podermos multiplicar. Do que podemos concluir, que de todos os nossos escriptores nenhum ha, a quem a lingua portugueza seja mais devedora do que a Camões; e quando n'ella não tivessemos outro algum monumento, mais que os* LUSIADAS, *este só bastaria para mostrar ás nações cultas as bellezas, de que a nossa lingua é capaz.*

«— Trata logo do estylo pastoril de Sá de Miranda, e opina que é elle mais vasto, mais copioso, e incomparavelmente mais natural do que o antigo pastoril, que só constava das pinturas physicas da natureza, e sobre tudo da galanteria campestre. Os pastores de Sá de Miranda são sempre, e em tudo pastores, isto é, homens capazes de sentimento, posto que não versados em discursos profundos. — No grave estylo de Sá de Miranda ha brevidade, e concisão na phrase, e este atticismo é o seu caracteristico.

«— Bernardes merece, no conceito do author da Memoria, pelas bellezas de locução, e estylo pastoril, o titulo de principe dos poetas n'este genero.

«— As eclogas de Camões tem aqui e alli algumas decorações pastoris, que são como lugares communs n'este genero: os seus versos são de grande suavidade e doçura, e o estylo faz uma illusão agradavel pela propriedade das expressões, pela elegancia; sobre tudo é admiravel nas pinturas physicas; nada lhe falta senão a ingenuidade, o tom pastoril, e aquelle *molle atque facetum*, que a musa latina concedeu a Virgilio, e a portugueza a Bernardes. Ninguem melhor, do que Camões, teria esta vantagem, se como outro Ovidio, se não entregasse á natural facilidade, e fecundidade do seu engenho: com mais juizo, e menos de viveza sería principe n'este genero de poesia, como é nos outros.»

«— Caminha. «Pelo que pertence ao estylo pastoril, sómente temos d'este poeta quatro eclogas, as quaes todas são de invenção simples, mas um modêlo de propriedade, e elegancia

de linguagem: e como a ingenuidade e singeleza não excluem a delicadeza de sentimentos, esta se acha de quando em quando nas eclogas de Caminha.»

«Mas basta; levar-nos-hia muito longe a tarefa de acompanhar o erudito author no exame a que se propoz. Talvez em demasia nos detivemos n'este artigo; mas foi necessario dar uma idéa d'este importantissimo escripto, fazendo sentir a sua importancia, e merecimento, tanto quanto póde conseguir-se por meio de um extracto muito succinto e incompleto.» (*Primeiros traços de uma resenha de litteratura portugueza*).

ETYMOLOGIA. 1. «A etymologia (do grego *etymos*, verdade, e *logos*, palavra) tem por objecto averiguar a verdadeira natureza de cada palavra por ordem e representação analytica do pensamento, os seus differentes misteres e usos na enunciação de nossas idéas, e descobrir na analogia ou diversidade de suas funcções communs, o fundamento e caracteres de cada classe primitiva ou subalterna, a que todos os elementos do discurso se devem reduzir.

«Estes *elementos* da *oração*, como são signaes das idéas, não podem ser nem mais nem menos em numero, nem de outra especie que não sejam os elementos do pensamento que os mesmos exprimem. As idéas de qualquer pensamento são simultaneas no espirito, que mal as poderia comparar sem as ter presentes ao mesmo tempo, bem como os olhos que, para fazerem idéa de uma perspectiva, devem abranger com a vista todas suas partes, e perceber ao mesmo tempo todas as suas relações mutuas para d'elles poderem formar a idéa de um todo.

«Esta vista simultanea apprehendida pelos olhos, e depois pelo espirito, não póde deixar de ser confusa. Onde não ha successão, não póde haver distincção. Esta sómente nasce da attenção que nossa alma dá mais a uma parte que á outra, abstrahindo-a de todas as mais; e esta attenção, correndo de objecto em objecto, necessariamente ha de ser successiva.

«Nós não poderiamos ser senhores d'esta attenção e da faculdade de abstrahir, sem ter á nossa disposição um meio prompto para fixar o espirito sobre um objecto com exclusão dos mais; e este meio prompto de que Deus fez presente ao homem é o das linguas, que não são outra cousa senão uns *instrumentos analyticos* que separam as idéas simultaneas do painel confuso do pensamento, que as põem em ordem, e as fazem succeder umas a outras no discurso, para se verem distinctamente e poderem ser vistas por aquelles a quem fallamos. As linguas não são uns instrumentos de communicação, senão porque primeiro o são do raciocinio.

«D'estes principios certos se segue, que o systema etymologico de qualquer lingua está necessariamente fundado sobre o systema logico das idéas, o qual é o mesmo, fundamental, em todos os homens de qualquer idade e paiz que sejam. Ainda que os seus conhecimentos sejam differentes em numero, qualidade e perfeição, todos comtudo pensam pelo mesmo modo, porque não podem pensar sem ter idéas e sem as combinar.

«Estas idéas e estas combinações, é verdade que são representadas por differentes signaes, segundo as differentes linguas dos povos; porém a differença está toda no material dos vocabulos, e não na significação das palavras, a qual é a mesma em todas as linguas. Porque todas tem as idéas por objecto, e por fim a sua combinação e comparação. *Conceber* e *julgar* são duas operações do entendimento communs a todos os povos, ainda que selvagens.» (Soares Barbosa).

2. Todas as vozes de uma lingua podem reduzir-se a um certo numero de familias. Cada familia compõe-se d'uma palavra radical ou primitiva, e de vozes, quer compostas, quer derivadas, nas quaes a primitiva se reproduz com maior ou menor alteração, acrescentando nas *derivadas* as desinencias, e nas *compostas* é

precedida de outras vozes juxtapostas, ou de preposições que se chamam iniciaes ou *prefixas*, em opposição ás *suffixas*. Este ultimo modo de formar as palavras chama-se *composição*: *porta-bandeira*, *calorifero* (reunião de duas palavras); *desfazer*, *refazer*, *contrafazer*, onde as prefixas *des*, *re*, *contra*, modificam diversamente a radical *fazer*. (Veja PREFIXAS). Podem, por tanto, formar-se as palavras de duas maneiras, ou por *derivação* ou por *composição*, e póde distinguir-se etymologicamente tres especies de palavras: *primitivas*, que formam as outras; *derivadas*, que se formam por meio das suffixas e de desinencias; e as *compostas*, formadas de muitas vozes ou de uma só, á qual se ajuntam prefixas. Póde tambem dar-se na mesma palavra composição e derivação conjunctamente. — Se o conhecimento das cousas depende em grande parte do exacto conhecimento das palavras, a arte que ensina a lhes conhecer o sentido primitivo, subindo do conhecido ao desconhecido, do composto ao simples, dos derivados ao radical, é da maior importancia no estudo de qualquer lingua, e nunca será de mais o exercitar os alumnos em tal genero de exercicio.

3. Não tem todas as linguas no mesmo grau a faculdade de combinar e fundir em uma só palavra muitas idéas principaes entre si, ou idéas principaes com accessorias e relativas. Derivação e composição são processos com que exprimimos grupos de idéas por grupos de signaes (letras, syllabas, palavras) que se não decompõe ou desaggregam senão abstrahindo. Estudar estes varios processos é estudar a *syntaxe interior* das vozes, consideradas em separado, uma por uma, do mesmo modo que estudar regras de construcção e harmonia é estudar o que póde chamar-se *syntaxe exterior* das vozes, logo que umas sobre outras exercem acção reciproca, e se referem mutuamente. — As linguas, em que domina esta faculdade de exprimir grupos de idéas por grupos de signaes não separados, não desaggregados, chamam-se linguas *syntheticas* (do grego *synthetikos*, faculdade de compôr). As linguas que, em vez de reunir muitas vozes ou muitos elementos na expressão de uma idéa multipla, parecem, ao contrario, dividir de continuo idéas e vozes, por theor que cada idéa tem sua correspondente palavra, essas chamam-se linguas *analyticas* (do grego *analytikos*, faculdade decomponente). As linguas grega e latina são syntheticas. Não é preciso observar que todas as linguas são ao mesmo tempo syntheticas e analyticas; todavia, ha d'ellas que preferem notavelmente a synthese, e outras a analyse; e combinou-se denominal-as, conforme a faculdade dominante de cada uma.

EUCHARISTIA. 1. Antes de instituir este sacramento, o Redemptor preparou seus discipulos com estas expressões referidas por S. João: «Sou pão de vida; vossos paes comeram maná no deserto, e morreram. Eis, porém, aqui o pão baixado do céo, a fim de que não morra quem o comer... Quem d'elle se alimentar, viverá eternamente. O pão, que lhe eu der, será minha carne para a vida d'este mundo... Quem come minha carne e bebe meu sangue, tem vida eterna, e eu o resuscitarei no dia final...» — «São assás duras estas palavras — responderam alguns. — Quem póde ouvil-as?» — A promessa de Jesus Christo realisou-se na vespera da paixão, na derradeira ceia, quando, partindo, abençoando e repartindo o pão por seus discipulos, lhes disse: «Tomai e comei: isto é o meu corpo.» E lançando mão do calix, lh'o passou, acrescentando: «Bebei todos: isto é o meu sangue: fazei-o em minha memoria» — palavras singelas, claras, populares, isentas da minima metaphora. Assim o entende S. Paulo, quando na 1.ª epistola aos corinthios, diz: «O calix que benzemos é a communhão do sangue de Christo; o pão que partimos é a communhão do seu corpo. Quem indignamente comer este pão ou beber d'este calix será réo do corpo e sangue do Salvador: comerá e beberá sua condemnação.» Por tan-

to, recebel-os dignamente tanto monta como recebel-os real e substancialmente. Jesus Christo está, pois, presente sob as especies do pão e vinho. «Os outros sacramentos, diz o Conc. trid., tem sómente o dom de santificar no momento em que são recebidos, o da eucharistia encerra o proprio author da santidade ainda antes de ser recebido.»—«Qual é—exclama o abbade Gaume—a fonte da caridade catholica, tão fecundamente maravilhosa e superior á philanthropia mundana e á beneficencia protestante? Perguntai-o aos anjos da terra, devotados em pessoa e bens ao lenitivo das enfermidades humanas; perguntai-o ao missionario catholico perdido em meio dos selvagens. Responder-vos-hão mostrando-vos a eucharistia, verdadeiro foco da milagrosa caridade da igreja catholica. Quereis a prova? Onde quer que não ha crenças n'este mysterio de amor, extingue-se a caridade para abrir praça ao egoismo e á philanthropia. Olhai: tirante entre os catholicos, que commungam, não ha dedicação heroica á consolação do homem que padece, não ha missionarios nem irmãs de caridade. O protestante e o philanthropo podem esmolar alguns vintens, mas nunca se darão a si proprios em beneficio dos infelizes: até aqui não chega a religião d'elles.»

2. Palavras da Escriptura relativas a este assumpto, que podem servir para themas, versões e recitação:

1. Si quis sitit, veniat ad me. (S. Joan. VII).	1. Venha a mim quem tiver sêde.
2. Deliciæ meæ esse filiis hominum. (Prov.)	2. São minhas delicias estar com os filhos dos homens.
3. Non habet amaritudinem conversatio illius. (Sab. VIII).	3. O praticar com elles não dá tristeza.
4. Passer invenit sibi domum, et turtur nidum sibi, ubi ponat pullos suos. Altaria tua, Domine virtutum. (Ps. 83).	4. O pardal achou para si uma casa a que se retire, e a rola um ninho onde ponha os seus implumes, assim eu desejo para meu descanço os teus altares, ó Senhor.
5. Ubi thesaurus vester est, et cor vestrum erit. (Luc. XXII).	5. Onde estiver vosso thesouro ahi está vosso coração.
6. In pace in idipsum dormiam et requiescam. (Ps. 4).	6. Adormecerei e repousarei em paz no Senhor.
7. Qui elongant se a te peribunt. (Ps. 72).	7. Quem se distanciar de vós morrerá.
8. Erunt oculi mei et cor meum ibi cunctis diebus. (III, R. IX).	8. Meus olhos e coração ahi serão sempre.
9. Hæc requies mea in sæculum sæculi; hic habitabo, quoniam elegi eam. (Ps. 81).	9. Este será meu eterno repouso.
10. Ignem veni mittere in terram, et quid volo, nisi ut accendatur? (S. Luc., XII).	10. Eu trouxe fogo á terra; que posso querer, senão vêl-o lavrar?
11. In die illa erit fons patens habitantibus Jerusalem in ablutionem peccatoris. (Zach. XII).	11. Haverá um dia fonte patente aos moradores de Jerusalem para que se mundem de peccados.
12. Qui me inveneril, inveniet vitam. (Prov. XVII).	12. Quem me houver encontrado encontrou a vida.
13. Exulta et lauda, habitatio Sion, quia magnus in medio tui Sanctus Israel. (Is. XII).	13. Exulta, ó Sião, em teus louvores, porque o santo de Israel está comtigo.
14. Nec est alia natio tam grandis quæ habeat deos appropinquantes sibi sicut Deus noster. (Deut., IV).	14. Não ha ahi nação grandissima que tenha tão comsigo seus deuses como comnosco está o nosso.
15. Sentite de Domino in bonitate. (S., I, 1).	15. Senti como Deus em sentimentos de bondade.
16. Apparuit benignitas et humanitas Salvatoris nostri Dei. (Tit. 3).	16. Revelou-se a benignidade e humanidade do nosso Salvador.

17. Inveni quem diligit anima mea; tenui eum, nec dimittam. (Cant. III).

18. Dominus regit me, et nihil mihi deerit; in loco pascui ibi me collocavit. (Ps. 22).

19. Quid debui vineæ facere meæ, et non feci? (Jer. V).

20. Quam dilecta tabernacula tua, Domine virtutum! (Ps. 83).

17. Achei quem minha alma anhelava; agora que o possuo não o deixarei.

18. O Senhor me dirige, nada me faltará; elle me deu fertil pasto.

19. Que devia eu fazer, e não fiz, á minha vinha?

20. Quanto amaveis são, ó Senhor das virtudes, vossos tabernaculos!

EURIPEDES, um dos tres insignes poetas tragicos da Grecia, nasceu no primeiro anno da 75.ª olympiada (482 antes de J. Christo) em Salamina, no mesmo dia em que os gregos ahi ganharam a memoranda batalha contra os persas. Este dia abre época na historia da tragedia, porque Eschylo alli se abalizou no numero dos guerreiros, e o joven Sophocles, cantando o hymno da victoria, marchava á frente do côro que a celebrava. Havia-se refugiado na ilha de Salamina a familia de Euripedes, pouco antes da invasão de Xerxes na Attica. Mnésarco, seu pai, era taberneiro, segundo referem os biographos, e sua mãi Elito herbanaria. Aristophanes a miudo lhe allude á humildade do nascimento, principalmente nos *Acarnanios*, nos *Cavalleiros*, nas *Festas de Ceres*. Por deferencia a um mal interpretado oraculo, educaram Euripedes na hypothese de que viria a ser athleta. Predizia o tal oraculo que elle venceria nos jogos publicos. Deu-se por isso a exercicios de força, e até dizem que obteve o premio alguma vez. Como quer que fosse, o espirito desandou-o n'outra carreira. Primeiro fez-se pintor; depois estudou rhetorica e philosophia. Dizem que vivêra intimamente ligado com Socrates, mais novo que elle dez annos. Raro frequentador de theatro, Socrates concorria sempre que as peças eram de Euripedes. Os estudos da adolescencia do poeta deram-lhe relevo ás composições tragicas. Transluzem n'ellas o systema de Anaxagoras ácerca da origem dos seres, e os principios da moral socratica—d'onde lhe veio o chamarem-lhe «philosopho do theatro.» É sabido o valor que Quintiliano dava ás bellezas oratorias d'aquellas tragedias; e tanto assim que aconselha aos mancebos destinados ao fôro a leitura de obras taes, como excellentes modêlos de convencer e persuadir.

2. Refere Aulo Gelio, acostado a Varro, que Euripedes compozera setenta e cinco tragedias, e só cinco vezes alcançará premio. No entanto, Thomaz Magister diz que Euripedes fizera noventa e duas tragedias e ganhára quinze vezes o premio. Outros biographos, porém, Suidas e Moschapolus fallam só de cinco triumphos. Subsistem unicamente dezenove d'essas peças, assim intituladas: *Hecuba*, *Orestes*, *Os phenicios*, *Medea*, *Hippolito*, *Alceste*, *Andromaca*, *O cyclope*, *Os supplicantes*, *Ephigenia em Aulida*, *Ephigenia em Taurida*, *Os troyannos*, *Rhesus*, *As bacchantes*, *Os heraclidas*, *Helena*, *Ion*, *Hercules furioso*, *Electra*. Entre os muitos fragmentos de outras obras suas, temos o prologo da *Danae* com um trecho dos coros, e mais tres passagens notaveis do *Phaetonte*, achadas em 1810 em um manuscripto da bibliotheca nacional de Paris.—Floreceu Euripedes depois de Eschylo e Sophocles, que haviam reinado na scena, um sobresaltando a alma, outro deleitando os espectadores. Foi inferior a ambos em muitos meritos, mas hombreou-os no pathetico. Não primou na unidade dramatica á feição de Eschylo, nem nas harmoniosas combinações de Sophocles; mas foi direito ao coração, realçando pela eloquencia que move as turbas e revolve todos os sentimentos no intimo da alma.

EUROPA. O solo da Europa oriental é plano, principalmente ao norte. É pouco montanhoso, excepto nas fronteiras onde as montanhas uraes

e caucasicas se elevam a grande altura. No restante da Europa, levantam-se grandes serranias; e dos Alpes, que se elevam no centro d'ella, distendem-se muitas ramificações que formam novas cordilheiras, e tem cada uma sua denominação.—Está quasi toda a Europa sobre a zona temperada, e pouco tem na zona glacial, pelo que, o seu clima é em geral doce e sadio. O aspecto da Europa é menos espectaculoso e opulento que o das formosas regiões da America e Asia; o solo é menos productivo, mas a agricultura melhormente tratada faz que a terra fructeie copiosamente. Em parte nenhuma são tão raras as charnecas e maninhos inhabitaveis. —Os primeiros habitantes da Europa vieram da Asia, onde poderosos imperios floreceram, quando a Europa jazia em trevas de barbarie. Surgiu primeiro a Grecia e logo se exalçou ao primeiro grau de civilisação, ampliando colonias á Italia meridional, ás costas de Hespanha e Gallia. Roma conquistou a pouco e pouco a Italia toda, e terminou por dominar quasi toda a Europa. Cahido o imperio romano, invadiram os barbaros esta região, onde por largos seculos reinou completa anarchia. Das ruinarias do imperio de Carlos Magno sahiram os reinos de França, Allemanha e Italia. No seculo X, as potencias do norte emergiram da obscuridade. Russia, Suecia e Dinamarca principiaram a ser contadas entre os estados europeus; do mesmo passo que os mouros, invasores outr'ora da peninsula hispanica, começaram a retrahir-se ante o poderio dos reis christãos de Leão, Castella, Aragão e Portugal. No seculo XV, em fim, depois da tomada de Constantinopla pelos ottomanos, todos os grandes estados da Europa se achavam mais ou menos estabelecidos. (Veja cada paiz da Europa em particular).

EVANGELHO. 1. Conforme a etymologia das palavras gregas (*eu*, bem, *aggelos*, mensageiro), evangelho quer dizer *feliz nova*, dada ás nações. Comprehende a historia da chegada, da doutrina, das acções, e da morte e resurreição de Jesus de Nazareth, ou Messias, Filho de Deus. Quatro historiadores sagrados, approvados pela igreja, nol-a transmittiram: S. Matheus e S. João, testemunhas oculares e auriculares dos actos e palavras de Jesus; S. Marcos e S. Lucas, que se apresentam com igual authoridade, pois foram companheiros dos apostolos, tendo sido, o primeiro, discipulo de S. Pedro, e o segundo de S. Paulo, da bocca dos quaes recolheram sua doutrinação. — Apenas sahida do cenaculo a igreja christã, caminho da Judêa e do mundo todo, surgiram logo as heresias a tentar quebrar-lhe a unidade. Para anteparo de tal perigo, os bispos e enviados da igreja da Asia, determinaram S. João a escrever o seu evangelho, historia dogmatica de Jesus, especialmente dirigida aos christãos da Asia Menor. O grego é a lingua original do evangelho de S. João. Se cotejamos este com os outros tres, observa-se, que, tirante alguns factos repetidos, o escriptor presuppõe bastantemente conhecidos os conteúdos nos tres evangelhos, que precederam o seu, e refere grande numero de actos e dictames de Jesus Christo, e particularidades omittidas por seus antecessores, taes como a historia dos primeiros tempos da prégação de Jesus Christo até á prisão de S. João Baptista, e bem assim diversos pormenores da paixão, morte, e resurreição do Salvador.—O estylo das quatro historias não deixa ligeiramente duvidar de sua authenticidade, e veridicidade dos authores. As variantes confirmam a integridade dos livros do *Novo testamento*, porque todas redundam em erros grammaticaes ou orthographicos e certas palavras substituidas por synonymos.

2. «A doutrina do evangelho não se debate em intrincados raciocinios; é toda do coração; não visa a disputações; ensaia a felicidade da vida... Os preceitos evangelicos formam o verdadeiro philosopho e o cidadão honesto. O evangelho transfigurou o homem em todas as feições, e deu-lhe grande accesso á perfectibilidade.»

(Chateaubriand). — «Tem o evangelho virtudes mysteriosas, efficacia, perfumes que actuam sobre o espirito e coração. No medital-o, e na contemplação do céo, sentimos analoga magia. Não é um livro, é um ente vivo, com acção e poder que transpõe quantos obstaculos lhe empecem o propagar-se.» (Napoleão I). — «É o evangelho a mais preciosa dadiva que Deus podia enviar ao mundo.» (Montesquieu). — «Quem rejeitar a doutrina do evangelho, descamba no absurdo.» (Voltaire). — «A magestade das escripturas me assombra, a santidade do evangelho me falla ao coração. Vêde-me esses livros dos philosophos com tantas pompas. Que pequenos são ao lado do evangelho! Este livro divino, sufficiente ás precisões do christão, e o mais util de quantos ha ahi até mesmo a quem não fôr christão, basta que se medite para nos affeiçoarmos a quem escreveu, e nos sentirmos desejosos de lhe observar os preceitos. Nunca a virtude fallou tão suave linguagem, nem a vasta sapiencia se expressou tão singela e energicamente.» (J. J. Rousseau). — «Não conhecemos bastantemente o evangelho, e o que nos impede conhecel-o é persuadirmonos que o conhecemos. Ignoramos-lhe as maximas, não lhe penetramos o espirito, andamos curiosamente em busca de palavras de homens, e descuramos que ahi as palavras são de Deus.» (Fénelon).

EVAPORAÇÃO. (Veja TEMPERATURA).

EVREUX. (Veja NORMANDIA).

EXAMES. 1. «Vai em quinze annos que os concursos e exames são de tal sorte multiplicados e espinhados de empecilhos, — é tão eventual o exito que se offerece a espiritos desvaliosos e memorias pejadas de palavras, que já ninguem trata de *educar*, mas sim de *preparar* um alumno. Com toda a certeza, se as familias continuam n'este caminho, d'aqui a pouco a educação não poderá cumprir o que deve á sociedade...» (Barrau, *Da missão da familia*). — Exames feitos e diplomas obtidos são por certo caução de sciencia. Indulgente parcialidade por parte dos examinadores, e fraude da parte dos examinandos, são casos de excepção e muito faceis de vêr para que se repitam a miudo. Não obstante, o que por ahi vai de advogados soezes! quantos bachareis que estragam a orthographia! quantos engenheiros incapazes de engenhar cousa nenhuma! quantos medicos matasanos e quantos cirurgiões-magarefes! Erra crassamente quem quizer pautar o valor de um sujeito pelos diplomas obtidos. É raro que o examinador possa, em uma hora, apreciar o merito do examinando, ou porque elle carece da rara aptidão de saber escutar as respostas e acompanhar o alumno até final, ou porque não respeita o bastante a lealdade do seu officio. Vivamente recommendamos aos examinadores que se precatem contra illusões de tal porte.

2. «É muito preciso notar que o caracter do exame não se determina pela difficuldade das perguntas, mas sim pelo intento a que visam. Tal professor de instrucção primaria póde haver mais sciencia que um professor de escóla superior, e ficar sempre mestre-escóla. Quantos ha ahi (em França) que sabem mais que tantos e tantissimos doutores! Será por isso abominavel que um exame de capacidade se faça como o de qualquer bacharelato em qualquer cousa. É mister que os exames, de que vamos tratando, mantenham indole muito sua e privativa. Ora, muitas vezes, força é dizer que depois de algumas seccas perguntas em grammatica, em mathematica, catecismo e alguns factos historicos, por parte dos examinadores não ha pergunta que faça resahir a verdadeira intelligencia da vocação dos examinandos. Nada ácerca de methodos, de direcção de escólas, de sciencia pratica de educação; em fim, nem palavra no que deve considerar-se a essencia do exame. As consequencias d'isto são que os examinandos, attentos naturalmente a

estudar no intuito de responder a umas perguntas, occupam-se secundariamente do que devia ser principal objecto de seus desvelos. No maximo dos casos, não são directores que se habilitam a reger um collegio; são estudantes que tratam de agenciar um diploma; pelo que os examinandos approvados, postos á frente de um collegio, são professores sem o minimo valor technico, aptos a ensinar a lêr, escrever e contar, mas sem authoridade para dirigir espiritos, e converter a instrucção em instrumento de educação.» (Eugène Rendu, *Da educação popular na Allemanha do Norte*).

EXEMPLOS. 1. «Em todas as idades, o exemplo póde muitissimo comnosco; na infancia, então, é omnipotente.» (Fénelon). — «O exemplo é o mais eloquente de todos os sermões.» (Stobée). — «É longa a estrada dos preceitos; a dos exemplos é breve e mais segura.» (Seneca). — «A influencia do exemplo é penetrantissima na alma.» (Locke). — «Todos querem aconselhar; poucos nos dão bons exemplos.» (Lemonnier). — «É tão damninho o mau exemplo á alma, como o ar pestilencial ao corpo.» (Marmontel). — «As multidões tem uma só lei: — o exemplo dos que governam.» (Massillon). — «O exemplo das obras é palavra viva e efficaz; facil persuadimos, se fazemos o que aconselhamos.» (S. Bernardo).

2. É tamanha a virtude dos bons que um menino creado por paes honestos, se chega a viciar-se e corromper-se, conserva ainda, apesar dos vicios, alguma cousa que lhe denota no coração reliquias de sentimentos honrados, sugados no leite, como lá dizem. M. Willm aconselha, conforme a Kant, que se ensine a moral, dando-lhe, com exemplos, um methodo regular muito espacioso. Podem os professores submetter ao julgamento de seus discipulos a vida de alguns personagens historicos, para que lhes elles graduem a moralidade dos actos. Averiguariam, de primeiro, se o acto condiz com a moral e a qual preceito corresponde, e se tal preceito é mero conselho ou obrigação rigorosa. Depois, entrando ao exame do motivo, indague-se se tal acção, havida por moral de si mesma, não desmereceu de valia e benemerencia por não pôr o intento no desejo do bem e no sentimento do dever. Tal exercicio, com certeza, produzirá o excellente resultado de volver a consciencia mais delicada e prevista.

EXERCICIO. «Variar trabalho é repousar.» (Hippocrates). — «A mais util diversão que póde intervir nas demasias de trabalho mental, é o exercicio energico. O tempo que se dá ao corpo fructifica mais para o espirito, que se o gastarmos em lides intellectuaes.» (Lallemand, *Educação publica*, 1848). Dizia J. J. Rousseau que o passeio lhe activava o entendimento. Os professores, entranhados d'estas doutrinas, notorias a toda a gente, sejam parcissimos em tarefas, retenções e reclusões, e cuidem em curar com mais efficaz medicina a natural preguiça dos seus alumnos. — Este *Diccionario*, por exemplo, será utilissimo aos mestres que desejem incutir amor ao trabalho em seus discipulos. De vez em quando, mande-os aqui lêr em voz alta, faça commentarios á leitura; e, se vier de molde, encadêem-se as leituras de feição que mutuamente se elucidem. Para isto, consulte-se o indice analytico que lhe servirá simultaneamente no interrogatorio. Estas leituras sejam feitas a titulo de recapitulação de um curso qualquer, ou da recreação escolastica.

«Os exercicios do corpo atalham não sómente os desarranjos da saude, mas concorrem tambem para o curativo de muitas molestias. Os effeitos variam conforme o exercicio fôr mais ou menos violento, mais ou menos prolongado, ou fôr communicado por um agente exterior, etc.

«O exercicio moderado favorece o appetite e activa a digestão. O individuo que se entrega a um exercicio habitual tem necessidade e goza ordinariamente de um somno repara-

dor. Este exercicio, quando sobretudo tem algum intuito, algum interesse, como a caça, a cultura de uma horta, os trabalhos mecanicos, etc., produz grande influencia sobre as paixões, que acalma, e sobre o pensamento, cuja actividade diminue. Segue-se d'isso que o melhor meio de destruir os effeitos nocivos que occasionam frequentemente os excessos intellectuaes e moraes consiste n'um exercicio moderado. Quantas pessoas não ha hystericas, melancolicas, etc., que devem a sua cura a um genero de vida mais activo que lhes foi aconselhado, ou que a fortuna as obrigou a seguir!

«Se o exercicio moderado tem effeitos vantajosos sobre o organismo, aquelle que se faz com excesso, independentemente da sensação penosa que produz, póde desarranjar diversas funcções e até determinar uma molestia. O repouso passageiro dos orgãos é necessario para uma acção nova: dá tempo de reparar as forças.

«A falta de exercicio tem effeitos debilitantes sobre a constituição; produz uma sensibilidade extraordinaria, uma tendencia á exageração de todas as impressões, primeiro grau d'essas affecções nervosas, tão frequentes nas pessoas que se entregam ao luxo e á molleza. A falta de exercicio é tambem considerada como uma das causas mais poderosas da tisica pulmonar.

«Vamos agora passar em revista os diversos exercicios. São mui variados; dividem-se em activos, passivos e mixtos.

«1.º Exercicios activos. Os exercicios activos são aquelles em que o nosso corpo se move por si, todo ou em parte, mas sendo elle sempre o unico agente do movimento. Examinemos alguns d'estes exercicios.

«O *andar*. Consiste o effeito do andar em augmentar a contractilidade muscular, em accelerar a circulação e a respiração, e em dar a todos os orgãos brandos abalos favoraveis á sua acção. O andar em terreno plano é um exercicio que se póde fazer com vantagem depois da comida. Convém aos convalescentes, aos quaes os exercicios fortes não são permittidos. Não é proprio para fazer poderosa diversão ás idéas dos melancolicos; póde, pelo contrario, aggravar seus soffrimentos, permittindo-lhes entregar-se ás preoccupações que os atormentam, e por conseguinte é mui contrario a estes doentes.

«A *dança*. A dança, para ser util á saude, não deve ser executada immediatamente depois da comida, nem prolongar-se durante toda a noite e em lugares pouco espaçosos relativamente ao numero das pessoas. A dança é o exercicio das senhoras; contrapesa os effeitos nocivos de suas occupações sedentarias: é aconselhada como um meio proprio de contribuir ao estabelecimento do fluxo catamenial. Este exercicio dá aos homens que fazem d'elle seu emprego fórmas que se aproximam muito ás das mulheres. Com effeito, os dançarinos de profissão tem os musculos das pernas, das coxas e da parte inferior do tronco, fortemente desenvolvidos, os das extremidades superiores o são muito menos; seu peito, suas espadoas parecem estreitas e apertadas.

«O *correr* desenvolve os membros inferiores e o apparelho respiratorio. Este exercicio só convém aos adolescentes; não deve ser praticado depois da comida, e sendo violento póde occasionar escarros de sangue, aneurisma do coração e outros accidentes.

«*Caça*. A caça foi considerada por todos os povos como um dos exercicios mais uteis, e mais proprios a desenvolver os sentidos e o organismo inteiro. O caçador, continuamente exposto a todas as intemperies das estações, adquire a faculdade preciosa de ser insensivel ás suas influencias. Seu appetite está sempre apto, sua digestão é sempre activa e completa. O exercicio da caça pareceu a alguns authores um meio efficaz para extinguir as penas do amor. O homem que se entrega a este exercicio fica quasi reduzido ás paixões de um homem isolado; não conhece a ambição, a inveja e a avareza. Os or-

gãos locomotores, isto é, os musculos, recebem principalmente uma influencia feliz por este exercicio. Entretanto, a caça nem sempre deixa de ter seus inconvenientes. Nem todos os individuos são proprios a resistir ás intemperies do ar, e muitos contrahem molestias chronicas. Algumas maneiras de caçar são principalmente nocivas. Assim, sendo ás vezes o caçador obrigado a atravessar lugares pantanosos, e até a permanecer n'elles, é frequentemente affectado de rheumatismos ou sezões. O que fica immovel, ousando apenas respirar para poder conseguir sua presa, recebe toda a acção de um ar humido ou quente, sem que lhe seja possivel subtrahir-se a seus effeitos.

«*Esgrima.* A esgrima é um dos exercicios modernos que mais energicamente obram sobre os musculos e sobre os outros orgãos. Desenvolve principalmente os musculos dos membros, dá notavel extensão á cavidade thoracica, e augmenta a actividade dos pulmões. A esgrima exerce a vista, e tem alguma influencia sobre o desenvolvimento da subtileza. Este exercicio não deve ser praticado depois da comida.

«O *nadar*. É este exercicio o mais util e o mais agradavel que se póde fazer. Impede as perdas da transpiração e permitte um exercicio muito activo, que não se poderia executar sem que houvesse essa transpiração. É, por conseguinte, um dos recursos mais preciosos contra a acção destruidora do calor. Mas os bons effeitos d'este exercicio não sómente resultam da acção que tomam os musculos; procedem tambem da temperatura fria do fluido em que elles se movem. Este genero de exercicio convém principalmente ás crianças debeis e ás que são ameaçadas de rachitismo. Ha uma maneira de nadar em que os braços sahem alternativamente da agua. Esta maneira fortifica muito mais efficazmente a constituição do que o modo ordinario. Este exercicio não póde ser feito em todo o tempo e a qualquer hora. Depois das tempestades a agua, contendo grande numero de substancias organicas em decomposição, contrahe as qualidades nocivas dos pantanos. E por isto tem-se observado que o banho, tomado n'essas circumstancias, occasiona frequentemente febres intermittentes. É prudente não se metter na agua antes de estar a digestão inteiramente acabada. Ao meio dia não é boa occasião para nadar: as horas mais convenientes são de manhã antes da primeira comida, ou á tarde antes da ultima.

«Um grande numero de jogos gozam das mesmas vantagens que os exercicios activos de que acabei de fallar. A bola, a pella, o palamalho, o volante, o bilhar, o jogo de corda, etc., são d'este numero. Alguns podem ser praticados pelas senhoras; taes como o volante. É o unico que nossos costumes mui delicados lhes permittem. Dão ao corpo direitura e graça, ao juizo justeza, á vista precisão. Seu uso é geralmente recommendado.

«2.º Exercicios passivos. N'estes exercicios não é a contracção de um ou de muitos musculos que põe em acção os outros orgãos; são abalos communicados por uma força estranha, exterior, que determinam os movimentos de todas as visceras. A digestão, que se perturba pelos exercicios activos, faz-se pelo contrario com maior facilidade durante os exercicios passivos: entretanto, ha pessoas que não podem, sem incommodo, andar de sege depois de jantar. De todas as funcções organicas, a que sente a maior influencia dos exercicios passivos é a exhalação gordurosa, e geralmente a nutrição de todas as visceras. Assim, observa-se que as pessoas que andam habitualmente de sege são dotadas de extrema gordura. Passemos em revista os exercicios passivos mais importantes.

«*Passeios de sege.* Este exercicio é tonico e pouco excitante, assim como o maior numero dos exercicios passivos, dos quaes este deve ser considerado como o prototypo. Convém, por conseguinte, ás pessoas fracas que não podem supportar outros mais

activos; aos convalescentes, ás mulheres, ás pessoas idosas, ás crianças e aos individuos cuja constituição fôr caracterisada pela fraqueza dos diversos apparelhos; mas será util que se dêem aos exercicios activos logo que as suas forças o permittam.

«*Navegação*. A navegação, considerada como movimento communicado, não tem sobre a economia tão grande influencia como o passeio de sege. A navegação não é propria, como exercicio passivo, para desenvolver e para aperfeiçoar o organismo. A bella constituição, que observamos nas pessoas do mar, não depende do movimento passivo communicado pelo navio, mas sim do genero de exercicios activos que fazem; exercicios que dirigem sua influencia sobre os braços e o peito, e que são tão vantajosos para desenvolverem uma saude robusta, grandes forças musculares e bellas fórmas. Se a navegação, considerada independentemente dos exercicios activos que fazem os marinheiros, não tem grande influencia sobre o aperfeiçoamento da constituição no estado de saude, tem comtudo sido gabada como um meio curativo nas diversas affecções cerebraes, monomaniacas, etc. Primeiramente o enjôo do mar é um perturbador assás poderoso em uma affecção mental. Depois vem as impressões que obram sobre o cerebro, e que são mui fortes meios nas monomanias, quando o doente não tem viajado por mar, e que a sua viagem não deve ser de longa duração. Tudo então é novo para elle: a agitação das vagas, os gritos dos marinheiros, as evoluções e as manobras que se fazem a bordo, e o espectaculo tão grandioso do mar, são outras tantas impressões novas que transportam o naveganie a um novo mundo, e fazem diversão á serie de idéas fixas de que se occupava. Estes effeitos serão ainda mais pronunciados se a tranquillidade da navegação fôr perturbada por algumas tempestades. As commoções que estas produzem obrigam o monomaniaco, o mais profundamente affectado, a deixar o objecto que o domina habitualmente, para prestar sua attenção ás scenas terriveis que o rodeiam.

«3.º EXERCICIOS MIXTOS. Estes exercicios participam dos dous precedentes. Compõem-se de abalos dados por uma força exterior e de esforços espontaneos. Devem, por esta razão, gozar das propriedades de uns e de outros, e ao passo que um ou outro predominar, serão tambem mais ou menos tonicos, mais ou menos excitantes. Estes exercicios podem ser combinados, como os precedentes, de maneira que sirvam de transição de uns a outros. A esta classe de exercicios pertence principalmente a equitação: vou occupar-me d'ella.

«*Equitação*. O exercicio a cavallo é extremamente salutar quando é feito ao ar puro, sobre as margens de um rio, risonhos outeiros, ou sobre planicies ferteis. O prazer e as distracções que occasiona, o fazem mui proprio para destruir os effeitos das paixões, e serve a dar descanço ao cerebro fatigado por longas meditações; é, por consequencia, um precioso recurso para distrahir os melancolicos e litteratos. A equitação é tambem mui favoravel ás mulheres pallidas, cuja menstruação é irregular ou foi supprimida. Uma hora de pequeno galope todas as tardes, na época das regras, dispõe o sangue a dirigir-se para o lado do utero, e ajuda consideravelmente o tratamento geral: se o galope incommodar, póde-se principiar mettendo o cavallo a passo. Os effeitos d'este exercicio são mui sensiveis na debilidade geral: a disposição escrofulosa é sobretudo extremamente modificada, e póde-se dizer o mesmo da tisica no seu principio. Não se deverá entretanto andar a cavallo se sobrevierem escarros de sangue. É necessario tambem abster-se da equitação nos casos de quebraduras que não podem ser facilmente contidas, nas aneurismas, nas affecções dos orgãos genito-urinarios, e em geral nas em que se manifestam dôres mais ou menos vivas; é, pelo contrario, mui recommendada como tonico nas convalescenças das febres graves

e de todas as molestias prolongadas que tem enfraquecido o organismo.

«Não é indifferente para todos os individuos o exercicio da equitação a todas as horas do dia, nem a maneira de levar o cavallo. Póde-se levar a passo depois da comida; mas poderia resultar algum inconveniente de o conduzir a trote, principalmente alguns cavallos que tem este andar extremamente fatigante. O trote deve ser preferido quando forem precisas commoções consideraveis. O galope causa um movimento mui brando e agradavel; póde dizer-se o mesmo do meio-galope, o qual nenhum abalo produz. Pretenderam os antigos que o uso de andar a cavallo produzia a atrophia das partes da geração, e que tornava os homens improprios para essa importante funcção. Hippocrates diz ter feito esta observação nos scythas. A maneira como esses povos andavam a cavallo podia talvez dar lugar a esse desagradavel resultado, de que os medicos modernos tem entretanto duvidado; o certo é que não observamos isto nas pessoas que por seu estado são obrigadas a andar a cavallo grande parte de sua vida, como sejam os boleeiros e os militares. As pessoas que se dão á equitação devem trazer, durante este exercicio, um suspensorio para preservar os testiculos dos choques repetidos sobre a sella.

«Os differentes exercicios não sómente são uteis no estado de saude, como tambem mui vantajosos nas differentes molestias, taes como alporcas, rachitismo, escorbuto, opilação, fraqueza que succede depois das hemorrhagias repetidas, na convalescença das molestias graves, e em geral em todas as affecções caracterisadas pela inercia e languidez das funcções. Os doentes devem ter cuidado de proporcionar o esforço ás suas forças, evitando toda a fadiga excessiva e observando uma gradação nos exercicios. Aos meninos, aos velhos languidos, ás jovens enfraquecidas por uma vida mui sedentaria, e a todos os individuos em alto gráu debilitados, convém a principio os exercicios passivos, como os de sege e balanços; e entre os exercicios activos, as differentes especies de marcha, a equitação; os esforços moderados dos membros superiores, associados ou não aos movimentos dos membros inferiores, como os jogos do volante, da bola, da pella, do bilhar, a esgrima, a acção de remar, os trabalhos de horta; os differentes exercicios gymnasticos, como a sustentação de corpos mais ou menos pesados; a tracção, como a que se exerce sobre as cordas de polés para levantar pesos, a suspensão pelas mãos n'um pau horisontal fixo, etc. Quando as forças estão mais desenvolvidas, ajuntam-se a estes exercicios as differentes sortes de carreiras e de saltos, as diversas maneiras de trepar por escadas, por mastros verticaes ou inclinados, lisos ou com cavilhas, por cordas, a suspensão por duas barras de madeira parallelas, a marcha com as mãos ao longo de uma corda ou de uma barra horisontal, a luta, os esforços para mover ou para atirar corpos pesados, a natação, etc. Variam-se, n'estes jogos, as attitudes e os movimentos de maneira que todos os musculos possam ser exercidos. Pelo uso bem dirigido d'estes meios, as forças augmentam, o appetite renasce, as digestões aperfeiçoam-se, a tez toma côr e frescura, o sangue repara-se; favorece-se o desenvolvimento do peito, e previne-se ás vezes a formação da tisica nos individuos que são dispostos a esta terrivel affecção. Esta utilidade da gymnastica fez crêr a alguns philanthropos que ella devia entrar no plano de educação da mocidade; e em muitos collegios ha mestres de gymnastica. D'esta maneira, todos os dias os alumnos praticam differentes exercicios que fortificam poderosamente a sua constituição.» (Chernoviz).

EXORDIO. Seja qual fôr o assumpto que se verse, principie-se sempre por uma especie de introducção preparatoria do animo dos ouvintes. Depois, dê-se a conhecer o assumpto, e exponham-se os factos que lhe tocam;

empreguem-se argumentos que estabeleçam opinião e contestem a do contendor; é então o lanço, ás vezes, de mover paixões no auditorio: e, dito tudo que faz ao proposito, termine-se o discurso com um remate, outr'ora chamado peroração. Se tal fôr o processo natural do discurso, seja qual fôr o genero de eloquencia que lhe quadre, as diversas partes componentes serão seis; primeiramente, exordio ou introducção; em segundo lugar, a divisão da materia; terceiro, a narração; quarto, razões e argumentos; quinto, o pathetico; sexto, a conclusão. Não estabeleço que todas estas partes devam rigorosamente ser parte no discurso, ou ordenadas segundo as apresentei. Não depende do orador ser tão methodico; e casos haverá em que tentar sel-o seja defeito, e denote pedantesca affectação. Ha optimos discursos em que falta uma ou mais d'essas partes; aquelles por exemplo em que o orador entra em materia sem preambulos; ha outros em que não póde o orador empregar exposições e divisões, delimitando-se a explicar uma das faces da questão, concluindo logo. A eloquencia, hoje em dia, quer a forense, quer a parlamentar não obedece ás redeas de Cicero ou Quintiliano. E quem se quizesse escrupulosamente a ellas docilisar correria perigo de não lograr o intento de se fazer ouvir com a maior seriedade. O mais extremado orador será aquelle que mais de prompto e a ponto mover e convencer. Ha umas divisões naturaes e proprias do discurso que espontaneamente acodem ao orador, sem que elle as esteja pautando pelos dictames dos rhetoricos. E quem não tiver o talento creador do discurso, debalde se esforçará em o supprir com as regras. O estudo menos proficuo e lucrativo da mocidade é a rhetorica. Não impugnamos a conveniencia de se fazer sentir ao alumno o que elle não deve ignorar, quanto á parte das figuras oratorias, pois que tambem na conversação e na escripta cabe a utilidade de as saber; porém, damos como dispensaveis as enfadosas nomenclaturas que se impõe ao estudante, desbaratando-lhe tempo que estudos proveitosos lhe requerem.

EXPORTAÇÃO. (Veja Portos).

EXTRACÇÃO DAS RAIZES. 1. Chama-se *quadrado* ou *segunda potencia* de um numero ao producto d'esse numero por si mesmo. Por exemplo: 64 é o quadrado de 8, e 100 o de 10, por que $8 \times 8 = 64$, e $10 \times 10 = 100$. A *raiz quadrada* de um numero dado é um segundo numero que elevado ao quadrado produz o primeiro numero. Por exemplo: 4 é a raiz quadrada de 16, e 10 a de 100. Para indicar que um numero deve ser elevado ao quadrado ou á segunda potencia, escreve-se, em letra menor, por cima d'esse numero e do lado direito, o algarismo 2, que se chama *expoente*. Por exemplo: 8^2 significa que é necessario elevar ao quadrado o numero 8; $8^2 = 64$. Inversamente, para indicar que é necessario determinar ou *extrahir* a raiz quadrada d'um numero escreve-se esse numero debaixo do signal $\sqrt{\ }$, *radical*.—Assim, $\sqrt{81}$ designa a raiz quadrada de 81, que é 9. — Basta conhecer as regras da multiplicação para formar o quadrado de um qualquer numero. Com effeito, para obter o quadrado de 48, por exemplo, multiplica-se 48 por si mesmo: $48 \times 48 = 2304$. Mas não é tão facil praticar a operação inversa, isto é: dado um numero determinar a sua raiz. Se esse numero não tem mais de dous algarismos, a sua raiz determina-se immediatamente por meio da taboada; mas se tem mais de dous algarismos a extracção da sua raiz requer a regra seguinte: Para extrahir a raiz quadrada de um numero inteiro, divide-se o numero em *classes* de *dous* algarismos, a partir da direita. Extrahe-se depois a raiz quadrada ao *maior quadrado* contido na primeira classe da esquerda (a qual póde ter um unico algarismo; e essa raiz será o primeiro algarismo da esquerda da raiz que se procura. Subtrahe-se do numero, que fórma a primeira classe, o quadrado do primeiro algarismo da raiz, e para a direita d

resto baixa-se o numero que fórma a classe seguinte; divide o numero que exprime as *dezenas* do numero assim formado pelo dobro do primeiro algarismo; esse quociente é o segundo algarismo da raiz ou um algarismo demasiado. Á direita do dobro da raiz, que foi divisor, escreve-se o quociente achado, multiplica-se pelo mesmo quociente o numero resultante, e subtrahe-se o producto obtido do numero formado pelo resto da primeira classe com a classe seguinte. Se a subtracção se não póde effectuar, o segundo algarismo que se escreveu na raiz é demasiado, e faz-se necessario então diminuir-lhe uma ou muitas unidades, até que a subtracção do producto correspondente seja possivel. Baixa-se para a direita do novo resto a classe seguinte; divide-se, como acima, as dezenas do numero assim formado pelo dobro da parte obtida da raiz: esse quociente é o terceiro algarismo da raiz ou um algarismo demasiado. Á direita do numero que serviu de divisor, escreve-se o algarismo achado, multiplica-se o numero resultante pelo mesmo algarismo, e subtrahe-se o producto do numero formado pelo resto relativo ás duas primeiras classes com a classe immediata. Continua-se pela mesma maneira até que se tenha baixado a ultima classe do numero proposto. Se, no correr da operação, um dividendo parcial fôr menor que o divisor correspondente, escreve-se um 0 na raiz e baixa-se immediatamente a classe seguinte, para se continuar a operação.

Appliquemos a regra ao seguinte exemplo: Extrahir a raiz quadrada do numero 285796.

Typo do calculo

	28.57.96
Quadrado de 5	25
1.º resto seguido da 2.ª classe	35.7
	309
2.º resto seguido da 3.ª classe	489.6
	4256
Resto da operação	640

534	
103	1064
3	4
309	4256

$2 \times 5 = 10$ . . . Primeiro divisor.
$2 \times 53 = 106$ . . Segundo divisor.

Explicação. Para obter o segundo algarismo da raiz, divide-se 35, que representa as dezenas do numero formado pelo primeiro resto seguido da segunda classe, por 10, dobro do primeiro algarismo 5 da raiz; e para achar o terceiro algarismo, dividiu-se 489, que exprime as dezenas do numero formado pelo segundo resto seguido da terceira classe, por 106, dobro do numero formado pela parte achada da raiz.

2. O *cubo* ou *terceira potencia* de um numero é o producto de tres factores iguaes a esse numero. Assim, 27 é o cubo de 3; 1000 é o de 10; porque $3 \times 3 \times 3 = 27$, $10 \times 10 \times 10 = 1000$. Para indicar que um numero deve ser elevado ao cubo, escreve-se, em letra menor, por cima d'esse numero e do lado direito, o algarismo 3. Por exemplo: 8^3 representa o cubo de 8 ou 512. — A *raiz cubica* de um numero é um segundo numero que elevado ao cubo produz o primeiro. Assim. 7 é a raiz cubica de 343, por que $7 \times 7 \times 7 = 343$. Indica-se a extracção da raiz cubica de um numero, d'este modo: $\sqrt[3]{64}$.

— Para elevar um numero ao cubo forma-se o quadrado d'esse numero, e multiplica-se pelo numero dado. Assim, para obter o cubo de 17, que é $17 \times 17 \times 17$, calcula-se o quadrado de 17, que é 289, e multiplica-se 289 por 17, o que dá 4913 para valor do cubo pedido. D'este modo se fórma o cubo dos 10 primeiros numeros

inteiros contidos no seguinte quadro, que se deve saber de cór:

Raizes:	1,	2,	3,	4,	5,	6,	7,	8,	9,	10.
Cubos:	1,	8,	27,	64,	125,	216,	343,	512,	729,	1000.

Por meio d'esta taboada acha-se immediatamente a raiz cubica de um numero que tem menos de quatro algarismos. Por exemplo: a raiz cubica de 512 é 8; a de 284 é 6, em numero inteiro; porque, como 284 está comprehendido entre 216 e 343, a sua raiz acha-se entre 6 e 7: esta raiz é pois 6 mais uma fracção, cujo valor só se póde obter aproximadamente. (Veja adiante). — Quando o numero, cuja raiz cubica se busca, tem mais de tres algarismos, é necessario recorrer á seguinte regra:

Para extrahir a raiz cubica de um numero inteiro, divide-se o numero em *classes* de *tres* algarismos, começando da direita; a ultima classe póde ficar só com um, ou dous algarismos. (O numero de classes indica o numero de algarismos da raiz, e o mesmo se observa na extracção da raiz quadrada).

Extrahe-se a raiz cubica ao maior cubo contido na primeira classe da esquerda; e essa raiz será o algarismo das unidades de ordem mais elevadas da raiz que se procura. Subtrahe-se esse cubo da primeira classe, e para a direita do resto baixa-se a classe seguinte; divide-se o numero que exprime as *centenas* do numero assim formado pelo *triplo do quadrado* do algarismo achado para a raiz: o quociente é o segundo algarismo da raiz ou um algarismo demasiado. Eleve-se ao cubo o numero formado pelos dous algarismos obtidos; se este cubo é maior que o numero formado pelas duas primeiras classes, diminuem-se unidades ao segundo algarismo, successivamente, até que a subtracção se torne possivel. Depois da subtracção effectuada, baixa-se para o lado direito do resto a terceira classe. Separam-se, na direita do numero assim formado, os dous primeiros algarismos, e divide-se a *parte restante*, á esquerda, pelo *triplo do quadrado* da parte achada da raiz: o quociente é o terceiro algarismo. Escreve-se o quociente á direita da dita parte obtida, eleva-se ao cubo o numero resultante, e divide-se esse cubo do numero formado pelas tres classes empregadas. Baixa-se para o lado direito do resto a classe seguinte; e continua-se esta mesma serie de operações até que todas as classes do numero tenham sido empregadas. Se, no correr da operação, um dividendo parcial fôr menor que o divisor correspondente, escreve-se um 0 na raiz e baixa-se immediatamente a classe seguinte, para se continuar a operação.

Appliquemos a regra ao seguinte exemplo: Extrahir a raiz cubica do numero 95836725.

Typo do calculo

		Raiz
	95.836.725	457
Cubo de 4	64	
1.º resto seguido da 2.ª classe.	318.36	
Cubo de 45	91125	
2.º resto seguido da 3.ª classe.	47117.25	
Cubo de 457	95443993	
Resto da operação	392732	

16	45	2025	457
×3	×45	×3	×457
48	2025	6075	208849
	×45		457
	91125		95443993

Explicação. Subtrahiu-se o cubo de 45 do numero formado pelas duas primeiras classes do numero proposto, e não do primeiro resto seguido da 2.ª classe; faz-se o mesmo do cubo de 457 que se subtrahiu do numero formado pelas tres primeiras classes, isto é, do numero proposto. Para se achar o segundo algarismo da raiz, dividiu-se 318 por 48, triplo do quadrado de 4

$(4^2 \times 3 = 16 \times 3 = 48)$; e para se obter o terceiro algarismo dividiu-se 47117 por 6075, triplo do quadrado de 45 $(45^2 \times 3 = 2025 \times 3 = 6075)$.

3. Para extrahir a raiz quadrada ou cubica de um numero *inteiro* ou *decimal* a menos de 0,1, de 0,01, de 0,001, etc., escrevem-se á direita do numero os zeros necessarios para que o numero fique com decimaes em numero *duplo* do dos que se pretende na raiz, se é raiz quadrada, e em numero *triplo*, se é a raiz cubica; depois supprime-se a virgula, extrahe-se a raiz ao numero inteiro obtido, e separa-se na direita da raiz a *metade* do numero de algarismos decimaes que havia no numero antes da suppressão da virgula, se é a raiz quadrada; o *terço*, se é a raiz cubica. Por exemplo: calcular a raiz quadrada de 7,2 a menos de 0,001. Como se pedem duas decimaes na raiz, deve o numero proposto ter quatro; teremos: 7,2 = 7,2000, e, supprimindo a virgula, 72000 cuja raiz é 268; separando duas decimaes (metade do numero de decimaes de 7,2000), obtem-se 2,68, que exprime o valor da raiz a menos de uma centesima. Seja agora para extrahir a raiz cubica de 5 a menos de 0,1. Como se pede uma decimal na raiz, deve o numero proposto ter tres; teremos: 5 = 5,000, e, supprimindo a virgula, 5000 cuja raiz cubica 17; separando uma decimal (o terço do numero de decimaes de 5,000), obtem-se 1,7 que exprime o valor da raiz cubica de 5 a menos de 0,1.—Para extrahir a raiz quadrada ou cubica de um numero fraccionario a menos de uma unidade de ordem decimal dada, converte-se o numero fraccionario em dizima e applica-se, n'esta sua nova fórma, a regra precedente, a qual indica o numero de algarismos decimaes com que a conversão em dizima deve ser obtida. —Este methodo de *aproximação* é o unico que se póde empregar quando os numeros não são quadrados ou cubos perfeitos; porque, n'este caso, a raiz não póde exprimir-se exactamente por meio da fórma numerica: a raiz é então denominada *incommensuravel* ou *irracional*, e só é possivel aproximar d'ella quanto se quizer.

4. O quadrado d'um numero fraccionario forma-se elevando ao quadrado ambos os seus termos. Assim o quadrado de $\frac{3}{4}$ é $\frac{9}{16}$. Com effeito, o quadrado de $\frac{3}{4}$ é, por definição, o producto d'esta fracção por si mesma, o que dá: $\frac{3}{4} \times \frac{3}{4} = \frac{3 \times 3}{4 \times 4} = \frac{3^2}{4^2} = \frac{9}{16}$. Logo, para extrahir a raiz quadrada de uma fracção, cujos termos são quadrados perfeitos, é necessario extrahir a raiz quadrada a ambos os termos. Por exemplo, a raiz quadrada de $\frac{9}{25}$ é $\frac{3}{5}$. O cubo d'um numero fraccionario forma-se elevando ao cubo ambos os seus termos. Assim, o cubo de $\frac{3}{4}$ é $\frac{27}{64}$. Com effeito, o cubo de $\frac{3}{4}$ é, por definição, o producto $\frac{3}{4} \times \frac{3}{4} \times \frac{3}{4} = \frac{3 \times 3 \times 3}{4 \times 4 \times 4} = \frac{3^3}{4^3} = \frac{27}{64}$. Logo, para extrahir a raiz cubica de uma fracção, cujos termos são cubos perfeitos, é necessario extrahir a raiz cubica a ambos os termos. Por exemplo, a raiz cubica de $\frac{8}{125}$ é $\frac{2}{5}$. —Em geral, a *potencia* de um numero é todo o producto de factores iguaes a esse numero: o numero de factores indica o *grau* da potencia de que o factor é a *base*. Por exemplo: $8 \times 8 \times 8 \times 8 \times 8$ é a *quinta potencia* de 8, que se escreve 8^5; 5 é o *expoente* ou *grau*, 8 é a *base* ou *raiz*. Pelo intermedio dos *logarithmos*, obtem-se facilmente a raiz de um grau qualquer de um numero dado. (Veja LOGARITHMO).

EZECHIAS. (Veja OITAVO SECULO).

F

FABIO. (Veja Quinto seculo).

FABRICIO. (Veja Terceiro seculo).

FABULA. (Veja Apologo e Mythologia). «O primeiro apologo, que se escreveu no mundo (que é fabula com significação verdadeira) foi aquelle, que refere a sagrada Escriptura no capitulo IX dos Juizes. Quizeram, diz, as arvores fazer um rei, que as governasse, e foram offerecer o governo á oliveira, a qual se escusou dizendo, que não queria deixar o seu oleo, com que se ungem os homens, e se alumiam os deuses. Ouvida a escusa, foram á figueira, e tambem a figueira não quiz aceitar, dizendo, que os seus figos eram muito doces, e que não queria deixar a sua doçura. Em terceiro lugar foram á vide, a qual disse, que as suas uvas comidas eram o sabor, e bebidas a alegria do mundo, e a quem tinha tão rico patrimonio, não lhe convinha deixal-o para se metter em governos. De sorte que assim andava o governo universal das arvores, como de porta em porta, sem haver quem o quizesse. Mas o que eu noto n'estas escusas é, que todas convieram em uma só razão, e a mesma, que era não querer cada uma deixar os seus fructos. E houve alguem que dissesse, ou propozesse tal cousa a estas arvores? Houve alguem, que dissesse á oliveira, que havia de deixar as suas azeitonas, nem á figueira os seus figos, nem á vide as suas uvas? Ninguem. Sómente lhes disseram, e propozeram, que quizessem aceitar o governo. Pois se isso foi só o que lhes disseram, e offereceram, e ninguem lhes fallou em haverem de deixar os seus fructos; porque se escusam todas com os não quererem deixar? Porque entenderam, sem terem entendimento, que quem aceita o governo dos outros, só ha de tratar d'elles, e não de si; e que se não deixa totalmente o interesse, a conveniencia, a utilidade, e qualquer outro genero de bem particular e proprio, não póde tratar do commum.

«Saibamos agora, e não d'outrem, senão das mesmas arvores, se este bom governo, do modo que ellas o entenderam, se póde conseguir, e exercitar com as raizes na terra? Assim as que o offereceram, como as que o não aceitaram, todas concordam que não. Que disseram as que offereceram o governo? Disseram a cada uma das outras: «Vinde, e governai-nos.» Vinde? Logo se ellas haviam de ir, haviam-se de arrancar do lugar onde estavam, e deixar as suas raizes: e cada uma das que não aceitaram, que respondeu? Respondeu que não podia ir, porque movendo-se havia de deixar as suas raizes, e sem raizes não podia dar fructo. De maneira que governar, e governar bem não póde ser com as raizes na terra. Governar mal, e para destruição do bem commum, isso sim; e na mesma historia o temos, que ainda vai por diante. Vendo as arvores, que as tres, a que tinham offerecido o governo, o não quizeram aceitar, diz o texto, que se foram ter com o espinheiro, e lhe fizeram a mesma offerta. E que respondeu o espinheiro? É resposta muito digna de ponderação. A proposta das arvores foi a mesma: «Vinde, e governai-nos»; e elle respondeu não só como espinheiro, senão como espinhado: «Se verdadeiramente me daes o imperio, vinde todas deitar-vos a meus pés, e pôr-vos á minha sombra; e se houver alguma, que repugne, sahirá tal fogo do espinheiro, que abraze os mais altos cedros do Libano.» Não sei se reparaes na differença. As arvores, que lhe offereceram o governo, disseram-lhe: Vem, e elle disse-lhes: Vinde. Não sou eu o que hei de deixar as minhas raizes, senão vós as vossas. Em conclusão, que quem ha de governar bem deixa as suas raizes, quem governe mal, arranca as dos subditos, e só trata de conservar as suas. Esta é particular difficuldade, e o grande perigo, em que estão, de se não conformarem com o soberano original,

que representam as imagens, que tem as raizes na terra. É necessario para se conservarem n'esta nova representação, e para governarem como devem, que se apartem de suas proprias raizes.» (Vieira, *Sermões*).

FAIA. (Veja CUPULIFERAS).

FAIANÇA ou **FAENZA**. (Veja OLARIAS). «Como na pintura d'esta louça de barro, levada a grande perfeição em Inglaterra, consiste a sua maior belleza, extrahimos, para conhecimento dos fabricantes, as seguintes linhas do vol. XVIII da novissima *Encyclopedia* que em Londres publíca a sociedade para a propagação dos conhecimentos uteis. Esta pintura ou estampação effectua-se por meio de papeis transferidores (*transfer-papers*) tirados de chapas de cobre gravadas; verdade é que este ramo entra em o numero dos maiores dispendios do custeio da fabrica. Um jogo de chapas gravadas para um serviço de mesa commummente custa de 130 a 150 libras sterlinas, isto é (a 4$000 reis), de 520$000 a 600$000 reis, e havendo cuidado n'ellas podem imprimir ou estampar duas mil duzias de jogos completos de serviço de mesa, sem precisarem retocadas. A tinta usada para estampar é feita com oleo de linhaça, fervido com lithargirio, resina, balsamo d'enxofre (*balsam-sulphur*), ou alcatrão da Barbada; quasi todos os estampadores tem uma receita particular para fazerem mais tenaz este oleo, que é o menstruo ou vehiculo das côres que se empregam.

«A côr azul é feita de oxydo de cobalto misturado com carbonato de cal quanto baste para o diluir em tintura propria.

«A côr de lilaz: — duas partes de esmalte e uma de manganese.

«O pardo: — duas partes de *zaffre*, duas de lithargirio, uma de antimonio, uma de manganese.

«O arruivado: — doze de manganese, duas de lithargirio, duas de *flint*, uma de vidro, uma de borax.

«Côr de laranja: — seis de lithargirio, quatro de antimonio, uma de oxydo d'estanho, duas de oxydo de ferro.

«Côr de cravo: — subchromato de estanho e carbonato de cal, partes iguaes.

«Verde: — oxydo de chromium: as gradações da tintura variam com o cobalto ou estanho.

«Preto: — minio ou zarcão 60, antimonio 25, manganese 15, misturadas estas partes em pedaços miudos, e depois se ajunta oxydo de cobalto 40 partes, oxydo d'estanho 5.

«Achando-se a côr muito delgada, o impressor a mistura com o oleo de que usa, e, estendendo-a na chapa gravada, tira a impressão por meio do ordinario cylindro d'estamparia: o papel para este fim prepara-se primeiro com uma dissolução de sabão. Feita a impressão, immediatamente raparigas ou rapazes, ensinados para isso, cortam com tesouras a gravura pelos contornos e a passam ao *transferidor*, que a colloca sobre a louça, que sendo absorvente a toma e conserva tenazmente: tudo isto é trato successivo. O *transferidor* dá lugar ao trabalho do seu ajudante, que com um cylindro de flanella, bem ajustado e seguro com torçal, esfrega a impressão com força sufficiente para a tinta ficar em perfeito contacto com a massa da louça. As peças assim cobertas com seus papeis são mettidas n'uma cuba com agua, e sendo tirado o papel, lavando com uma esponja, achar-se-hão os pontos mais miudos da gravura exactamente transferidos para o barro. Quando enxutas as peças, vão a um forno, á roda do qual se mantem circularmente o fogo com o conveniente grau de calor.

«Advertiremos que os fabricantes, que d'esta materia devem ter muito maior conhecimento do que nós, farão bem se procederem de menos para mais como aconselham os avisados escriptores em experiencias d'agricultura e geralmente em todas as operações novas na pratica das artes industriaes: póde ser que progredindo com tento e intelligencia, observando e combinando os resultados, possam vir a alcançar taes melhoramentos

como não era d'esperar das tentativas. Se as receitas acima transcriptas são seguras, poupado lhes fica o trabalho; se dependem de ser melhoradas ou refundidas, a sua diligencia os ensinará a modifical-as ou por ventura a descobrir outras que mais perfeitas e vantajosas venham a ser. O cego palpa para acertar com o caminho, e nós, apesar da superioridade do actual seculo, tambem ainda em muitas e importantes materias caminhamos ás apalpadellas. Razão sobeja é esta para que ninguem se envergonhe de tentativas, que, ainda não deixando outro fructo, ao menos indicam a vereda por onde se póde porfiar com esperanças de bom successo, ou a que se ha de largar por infructuosa ou prejudicial.» (*Encyclopedia*).

FALTA. Na accepção mais lata, falta é qualquer transgressão de regra, principio ou lei. Em educação, cumpre distinguir *falta*, que é um deslise passageiro e involuntario, de *defeito*, que torna as faltas repetidas e reprehensiveis. — «As faltas contingentes do arrebatamento juvenil empecem-nos a carreira da fortuna, tolhendo-nos o adiantamento; mas em quanto nos não lesam a honra e o primor, podemos remedial-as. É verdade que o trilho nos sahe mais longo e pedregoso; mas o arrependimento muitas vezes nos afervora tanto em amor ao bem, que mais alto e depressa attingimos a virtude, deixando atrazados uns que a demandam com regular e quotidiano passo.» (S. Prosper). — «Quem deplora suas faltas, restaura-se.» (Bossuet). — «Torrentes de sangue são precisas para delirem nossas faltas aos olhos da sociedade: aos olhos de Deus basta uma lagrima.» (Chateaubriand).

FAMA. 1. «Isso que os homens chamam *fama* é a memoria adejando por de sobre os seculos successivos.» (Alibert). — «Sana-se a ruim chaga; a má fama não ha saneal-a.» (Diniz). — «A fama trombeteia mais pela fortuna que pelo merecimento.» (Oxenstirn). — «No centro do universo existe um sitio equidistante da terra, do mar, e das regiões celestes, formando a fronteira d'aquelles tres imperios. Sem embargo da enorme distancia em que fica de todas as paragens povoadas, descobre-se de lá tudo que passa no mundo, e para lá convergem todas as vozes da terra. Ahi reside a fama, no coruchéu de altissima torre, onde abriu milhares de entradas, e milhares de sahidas, abertas e franqueadas noite e dia. São de sonoro bronze os muros, que continuamente resoam, figurando vozes e repetindo o que ouvem. Lá dentro, não ha instante de socego e silencio, bem que o ruido não seja toada clamorosa; é antes o murmurio de voz debil semelhante ao rumorejar longinquo do oceano, ou ao troar do trovão muito ao longe quando Jupiter ribomba nas atras nuvens. O vestibulo d'aquelle alcaçar é juncado de immensa turba, plebe removediça que gira e regira. Milhares de atoardas zumbem em redor; palavras confusas travam-se incessantemente. Uns enchem de noticias os ouvidos famintos, outros correm a repetil-as. Agiganta-se a mentira descompassadamente; e quem dá uma nova acrescenta sempre cousa da sua lavra. N'aquelle palacio moram tambem a credulidade, o erro indiscreto, a alegria estolida, os consternados pavores, o palavrorio fluctuante. Do alto da torre contempla a deusa quanto vai no céo, no mar, na terra e abre devassa de todo globo.» (Ovidio). — «Oh homens, que appeteceis o bom nome entre os outros homens, e tanto trabalhaes por fazer immortal a vossa fama, dado que acerteis no intento, erraes o meio de o conseguir. O meio de conseguir nome eterno são as virtudes e não as vaidades... Vivei bem; e cada acção honesta será uma estatua de vossa fama e um epitaphio de vossa memoria... A flamma que ardeu em balsamo ou em outra materia odorifera, ao apagar-se, lança fumo suave; pelo contrario a que ardia em materia immunda e corrupta lança ruim cheiro. Tal é a vida do homem quando

se apaga com o sopro da morte...» (Padre Manoel Bernardes).

2. «A reputação que é? Um grito que sôa e morre em um recanto da terra.» (Thomas). — «Forcejai por grangear boa reputação, que é mais solido bem que ricos thesouros.» (*Ecclesiastes*). — «A reputação é a segunda vida do homem.» (Bossuet). — «Haja o homem cuidado na reputação; porém mais por amor a Deus que a si proprio; e mais para evitar o escandalo que por augmento da propria gloria.» (S. Francisco de Salles). — «O que é isso da reputação, idolo a que tanta gente se sacrifica? Bem feitas as contas, é sonho, é fumo, é lisonja, é louvor cuja memoria expira com o som da palavra; é estimação tão falsa que muitos se pasmam de se vêr louvados de virtudes, sendo elles em contrario viciosos, e arguidos de vicios que não tem.» (S. Francisco de Salles). — «Que cubiça, que anhelar de criança isto de se afadigar um homem em sobresahir de entre homens, para se altear a reputação menos sólida que o fumo, ludibrio do vento!» (Fénelon). — «A reputação é muitas vezes uma illusão publica.» (Massillon). — «As maiores reputações são pelo commum as peormente fundamentadas.» (Saint-Real). — «Uma boa reputação é o mais pomposo tumulo que póde ter um homem.» (Rousseau).

FAMILIA (Amor de). Na aurora dos tempos, ligou Deus a humanidade pelo nó instinctivo e providencial, que vincúla a natureza physica e moral dos sexos. A base e modêlo de todas as sociedades é a familia. A humanidade, em toda a sua extensão, é uma mesma familia, embalada no mesmo berço, e filha d'um mesmo pai. A terra e o céo são o seu patrimonio commum, em quanto, victimado á paixão d'aquella, o homem se não desherda da propriedade celestial, que a redempção lhe grangeou no reino eterno.

A mais habil legislação é aquella, que dirigindo a grande familia, constituida em nação, melhor soube deduzir a lei dos principios, que regem a familia individual e particular.

A palavra «familia» resume o complexo de virtudes sociaes, e nobres instinctos, que engrandecem o homem, e lhe dão ao espirito esses maravilhosos attributos, que a historia do christianismo nos faz admirar nos seus lances heroicos, na sua magestosa philosophia. Os dôces liames de familia são a candura nas affecções, que não se esvaem com o tempo; são os sacrificios espontaneos e agradaveis, que não cançam o coração do pai dedicado ao filho: é o affecto de mãi, fervorosa de ternura, que estabelece a extremosa sociedade d'irmãos, fomentando o amor fraternal entre seus filhos. A Providencia não deu aos homens mais dulcificante vida que a dos laços de familia, se considerarmos a humanidade no que ella tem de melhor, temporalmente fallando.

Esse sublime modêlo, esse formoso quadro de virtudes sociaes, devemol-o ao Evangelho. Sem elle, a humanidade não comprehendêra o que ha ahi mais sublime em suas mutuas relações. Foi necessaria a revelação evangelica para que o homem se levantasse da sua ignorancia, abysmo cavado pela culpa, trevas interpostas aos seus nobres instinctos e á graça divina.

Na instituição da sociedade, qual o Genesis nol-a revela, se nos deparam os caracteres, que constituem as leis eternas, por que deve ser regida a familia humana, durante a sua passagem na terra. Deus creou o homem á sua imagem; e da substancia do homem formou-lhe a companheira da existencia. A razão de todos os dogmas, que constituem a primitiva unidade da familia humana, acha-se inscripta n'essa prodigiosa fecundação, enlace mysterioso, e nó indissoluvel, que santifica os vinculos conjugaes. O pai do genero humano comprehendêra o sublime d'esse mysterio, quando exclamou «*Os ex ossibus meis, et caro de carne méa.*»

O poder e a primazia, a intelligencia e a força são a prerogativa do pai,

que, obrigado por seus mesmos privilegios, deve á familia a protecção, que reclamam as necessidades do corpo, como alimento, e as do espirito, como educação. A soberania do amor e da brandura, os attributos da graça e da belleza, estes são a terna compensação, que constituem a mãi um ente vigoroso e debil ao mesmo tempo: vigoroso no imperio que tem com seus conselhos, e ás vezes com suas lagrimas; debil pela sujeição em que voluntariamente se dá aos preceitos do marido, renunciando, sem reserva, os direitos que pela sua intelligencia poderia exercitar na intelligencia de seus filhos, entregues á conquista das posições sociaes.

O amor de mãi é o raio mais ardente que se irradia d'aquelle fóco de amor de familia. Ao seu calor levedam-se no coração do filho sentimentos brandos, que não soubera a meiguice d'um pai lá germinal-os. As lagrimas são raras no homem, e essas poucas estimuladas pelos affectos do coração, e pelas paixões violentas da alma, não seriam bom exemplo para filhos. Mas a mulher, anjo das lagrimas, quando o é da sensibilidade, essa chora sempre, e faz chorar os que a contemplam com os olhos innocentes, e vendados ainda para as impurezas, que endurecem o coração, e atrophiam a sensibilidade. Não estão n'esta lastimavel situação seus filhos, que aprendem o melindre, a meiguice, os sentimentos ternos, na ternura de sua mãi, no mimo d'aquellas sensações, e na meiguice que aformosêa suas lagrimas. E de todo este complexo de alegrias e tristezas domesticas, gera-se o fogo que alimenta luz perenne no altar do amor. A palavra «familia» symbolisa a suprema das venturas mundanas, o sacrario mysterioso onde se divinisam as grandes virtudes, que depois se apresentam á luz da publicidade, no commercio do mundo, para serem admiradas.

E quantas vezes nos maravilhamos d'um mancebo, dotado de attributos nobres, e não attingimos logo a origem d'onde afflue aquella torrente de virtudes! Não deveriamos elevar o pensamento ao amor materno, ás santas maximas da mulher, que d'entre seus braços deixou sahir para o mundo o filho querido, a batalhar com as armas da educação religiosa, profunda, e inflexivel aos embates da impiedade!?

Houve, e ainda os ha, homens que inspirados da grandeza das republicas gregas, da bellicosa e devassa Sparta, dos lubricos e nauseentos quadros do paganismo, proclamaram, e proclamam, a abolição do matrimonio, pela cessação do direito paternal, e pela extincção da propriedade.

Não é conveniente demorar o pensamento em discussões, argumentando contra a ridiculez pungente de semelhantes systemas. É necessario fazer justiça á humanidade, não a julgando capaz de entrar sériamente n'uma questão d'esta natureza, esperando que nós lh'a apresentemos em toda a nudez da sua repugnante impiedade.

Jesus Christo, o Filho de Deus, e não o philosopho dos racionalistas, creou a familia, bafejou-lhe o amor que a prende em nó de felicidade insoluvel, e collocou-a n'um caminho de virtudes austeras, de fidelidades conjugaes, de preceitos grandiosos de educação, que a conduz á sociedade eterna dos anjos, depois de mostral-a modêlo de governo e felicidade entre os homens.

Que importam as guerras surdas no lar domestico, e que ha de maravilhoso n'esses tristes lances que observamos, n'esses gritos que vem accusar-nos a desharmonia do pai com os filhos, da esposa com o marido?! Lançai a cargo da irreligião essas lamentaveis excepções; e indagai a cilada traiçoeira que o demonio do odio urdiu para quebrar os vinculos do amor, e tornal-os a ligar em aborrecimento eterno!

Quanto a nós, aquelle homem que entra o limiar da paz, e vai lá dentro verter o fel da desordem na taça onde uma familia libava o mel da ventura commum, tal homem, de-

vêra ser punido tres vezes, em quanto o assassino, em sua defesa, recebia o perdão d'um crime involuntario. Fazer a desgraça d'uma familia, despedaçando os liames d'amor que a religião lhe déra, é victimar não só o esposo, não só a mãi, não só os filhos; mas a geração consecutiva d'esses, que legam um desgraçado exemplo a seus herdeiros.

Ha casos infelicissimos d'este genero de crime, d'este processo de irreligião em nossos dias.

FAMILIARIDADE. 1. É a ausencia de formalidades ceremoniaes que resultam de relações mais ou menos habituaes. No decurso da demorada consciencia, vem aquelle tratarmo-nos sem etiquetas, que se chama *viver em familia.*

A familiaridade, procedente da fina educação, sobrepõe ás delicias da intimidade as doçuras de uma facilidade que não ultrapassa os limites do razoavel resguardo. No tracto com pessoas de superior categoria, dado que as conversemos a miudo, convém graduar apontadamente o tom de familiaridade. Entre superior e inferior deve cessar a familiaridade logo que o segundo tem de obedecer ao primeiro. — Entre mestre e discipulos, entre mãi e filha a familiaridade equilibre-se de modo que não descaia n'aquelle carrancudo ceremonial que enfrêa a confiança, ou no trivial desleixo que diminue o respeito. Deve-se evitar o constrangimento, mantendo o decoro na intimidade. Seja agraciada, arguta e até familiar a conversação, de modo porém que de um lado se conserve o respeito e do outro a authoridade. Relações assim regradas o costume as irá facilitando.

2. «Sede polidos com toda a gente: mas contrahi familiaridade com as pessoas virtuosas unicamente: assim se evita a inimistade com uns, e se ganha a amizade de outros.» (Isocrates). — «Saber desviar a familiaridade do tracto amigavel é sciencia menos cultivada do que merece.» (Oxenstirn).—«A familiaridade redunda-nos em desaire por via de regra: se a exercitamos com os superiores, desagradamos; se com os inferiores, desvaliamo-nos.» (M.me Necker).

FARIA (Manoel Severim de). «Conego e chantre da sé de Evora, nasceu em Lisboa no anno de 1583, e falleceu em Evora no de 1655 aos 72 de sua idade.

«Com difficuldade se achará quem, durante a propria vida, conseguisse um credito tão plausivel entre os seus concidadãos, nem mais geral estimação dos sabios seus contemporaneos. A candura e modestia do seu caracter, o digno emprego de suas rendas, ou em actos de caridade christã, ou em livros e antiguidades, uma sciencia animada pelo espirito da religião, um zelo indefeso pelo esplendor da sua patria, uma participação sem reserva de seus grandes estudos, e da sua selectissima bibliotheca para todos, que de uma e outra cousa queriam aproveitar-se, constituiram este meritissimo ecclesiastico a pessoa mais authorisada e respeitavel por virtudes e letras, que em seu tempo se conhecia em Portugal. Testificam isto elogios perpetuos dos escriptores coevos, e quando elles deixam de ser forçado obsequio da adulação e tributo do servil interesse, são meramente voluntaria offerta, que a merecimentos superiores não póde escusar-se. O illustre chantre de Evora não era um poderoso, era sim douto e pio. Estes titulos, que só dão real e solida gloria, foram os que lhe grangearam nome tão celebre e apreço universal. Fr. Antonio Brandão o intitula: *Grande investigador de antiguidades, e zelador da honra da sua patria.* E em outro lugar: *Sugeito, com que se este reino ha de illustrar, e a quem já de presente está em grandes dividas.*» (*Diccionario da ling. port. Cat. dos auth.*)

FARIA E SOUSA (Manoel de). Acêrca d'este escriptor, tão grandemente reputado na peninsula hispanica, e ainda na opinião de todos os estrangeiros que escreveram de Portugal, reproduzimos um estudo que póde dirigir a mocidade na maneira de ana-

lysar criticamente um author, cotejando os actos da sua vida publica e suas obras. O patriotismo de Manoel de Faria e Sousa, apregoado por apologistas irreflectidos, pouco ou nada importa hoje; todavia os processos biographicos que nos podem esclarecer, em lanços uteis da historia, a indole do historiador desobscurecendo factos importantes, são dignos de ponderação, e como taes damos este exemplo na seguinte e mais completa biographia do author da *Europa Portugueza:*

1. Nasceu Manoel de Faria e Sousa no anno de 1590, aos 18 de março, na parochia de Pombeiro, ou Couto de Felgueiras, dizem outros, e quinta da Caravella ou de Souto. Chamaram-se seu pai Amador Peres de Eiró e sua mãi Luiza de Faria. Alguns biographos, acostados á affirmativa do hespanhol Francisco Moreno Porcel, author coetaneo, apaixonado amigo de Faria e primeiro noticiador de sua vida, dizem que eram pessoas nobres os ascendentes d'elle.

O que sabemos de sua prosapia é elle quem principalmente o conta. Presa-se e ufana-se de neto de Estacio de Faria, poeta do tempo de D. Sebastião. Affirma que o soneto de Camões que principia:

> Agora toma a espada agora a penna,
> Estacio nosso, em ambas celebrado...,

se entende com o pai de sua mãi; o qual, no dizer do neto, foi fidalgo da casa real.

Todavia, Sousa, na sua *Fonte de Aganippe*, em uma ecloga, dirigida ao genealogico Alvaro Ferreira de Vera, desfaz acrimoniosamente nos meritos da fidalguia herdada remoqueando-a com versos sobremaneira desenxabidos e antepondo a honra adquirida á nobreza advinda de avoengos. Em outra passagem chanceia com os fidalgos de Cabeceiras de Basto, e rara vez perde lanço de invectivar contra genealogias, bem que, levado de intenções influidas por vontades estranhas, annotasse o chamado *Nobiliario do conde D. Pedro*.

Proposta a averiguação esteril da estirpe dos moradores na quinta de Souto ou Caravella, dizem alguns biographos que Manoel de Faria seguira seus primeiros estudos em Braga; mas D. fr. João de S. José Queiroz, bispo do Grão Pará, recolheu em 1728, no mosteiro benedictino de Refojos de Basto, a tradição de ter alli estudado alguns annos com os frades Manoel de Faria, protegido pelo bispo do Porto, D. Gonçalo de Moraes, que n'aquelle mosteiro tinha noviciado. Em quanto alguns historiadores consideram Faria aparentado com D. Gonçalo, o bispo do Pará o accusa afilhado, ou criado do prelado portuense. É de notar que o collegial benedictino Queiroz entrou em Refojos, decorridos setenta e nove annos áquem da morte de Faria. Os frades velhos, então existentes, provavelmente ouviram de frades, talvez companheiros da mocidade de Manoel de Faria, o que transmittiram a Queiroz. O certo é que o prelado paraense accusa de ingrato Manoel de Faria, porque *devendo tanto aos padres bentos, nunca os elogiou.*

Do parentesco de D. Gonçalo de Moraes com Faria é bem fundada não só a duvida senão a certeza de não ser nenhum. Os Moraes da provincia transmontana, cuja linhagem temos presente, eram parentes proximos de Cabraes e Veigas, de Osorios e Camaras, remotos de Sampaios, Mesquitas, Correias e muitos appellidos em que não entram Farias. A contrariedade é futillissima sobre estas miunças genealogicas; não obsta isso, porém, a que desde já vamos compulsando o espirito inconsequente de Faria, uma hora verberando a fidalguia de outrem, outra hora recommendando indirectamente a sua.

Incontestavel, porém, é que Manoel de Faria muito na primeira mocidade, passou ao Porto a viver na casa do bispo D. Gonçalo seu protector. Um dos biographos, o snr. visconde de Juromenha, guiado por D. Francisco Moreno, e Costa e Silva, escreve que Manoel de Faria entrára na qualidade de secretario do bispo em 1604.

Secretario do bispo aos quatorze annos de idade é maravilha!

Corridos alguns annos, menos de oito, Faria revelou engenho de poeta primoroso segundo o tempo, e defeituosissimo aos olhos da sã critica de todas as idades. Amores lhe incenderam o estro e o tresmalharam do redil de clerigos que D. Gonçalo antevira creados e feitos sob sua vigilancia. Amava elle, pelos modos como o conta, tres mulheres, que tambem lhe queriam deveras. Uma era Candida, de olhos azues, e natural de Lisboa. A outra era Pallida, (o engenho de as baptisar pela côr da pelle!) tinha olhos pretos e era do Porto. A terceira, de olhos verdes, e sem pelle que lhe désse nome, era de Vizella. Renhiam as tres meninas sobre a primazia de belleza em olhos, e convidaram Apollo a alvitrar qual das tres levasse o premio da maçã de ouro predestinada á dos olhos mais lindos. Apollo chama Manoel de Faria, pastorilmente dito *Ménalo*, e o manda examinar por Homero, Virgilio, Horacio, Camões e Petrarcha.

Em virtude do qual exame, considerado o modesto *Ménalo* no caso de ser juiz entre cantores e mais ainda entre mulheres de olhos gentis, judiciou a favor dos olhos azues. Ora aconteceu que a dos olhos azues era a snr.ª D. Catharina Machado (diz o poeta) com a qual casou em 1614.

Em 1618 foi para Pombeiro com sua familia, e, no anno seguinte, passou a Madrid, como secretario do conde de Muge. Ainda n'este anno acompanhou Philippe III a Lisboa, e logo, fallecido o conde, passou a Madrid, desesperançado da boa fortuna que o embaíra.

Correram alguns annos de fraudados esforços ao poeta, pai de já numerosos filhos, e pobre como devemos presumir do theor de sua vida e propria confissão nos versos.

É razoavel suppor que a esposa, posto que filha do contador-mór D. Pedro Machado, não lhe levasse algum pequeno dote como benigno e substancial supplemento aos olhos azues. Crivel é tambem que Faria, beneficiado dos frades e do bispo, tambem não seduzisse a noiva com a fortuna dos bens. As *Memorias* do bispo do Pará entre-mostram que os desposorios de Faria com a dama, ajoelhada n'um templo em terça feira santa, seriam arrebatados e poeticos a termos que o contador-mór os levaria em desagrado.

Como quer que fosse, Faria e Sousa entre 1623 e 1628 deu á estampa as suas primeiras publicações, por lhe ser, por desventura, preciso viver do lavor da escripta.

Não é facil determinar a razão da sovinaria de Philippe III com um requerente de não vulgar capacidade, de mais a mais protegido de D. Gonçalo de Moraes, um dos velhos prelados portuguezes mais affeiçoados á Hespanha e dilectos de Philippe II.

Em uma encyclopedia franceza moderna, encontramos a explicação da má sorte de Faria em Madrid. Aceitemol-a com a cautela precisa em noticias que a França nos dá das cousas peninsulares. Vá como hypothese: *Ses manières franches jusqu'à la rudesse, son caractère bizarre et tenace choquèrent les seigneurs castillans, au point qu'il dut renoncer bientôt à tout espoir d'avancement.*

Verdadeiramente, Faria e Sousa, se foi infeliz, não podemos arguil-o de negligente no emprego dos meios com que, áquelle tempo, devia ser-lhe prospera a grangearia de boas mercês. Qual meio mais efficaz e operatorio que escrever um livro em que louvasse Philippe e Christovão de Moura? Um livro em que a legitimidade, a prudencia, a probidade e caridade do usurpador realçassem á custa de muito denegridos os portuguezes rebeldes á canga de Castella? Que melhor do documento que um tal livro para captivar a benevolencia do monarcha e bater moeda que o levantasse barba com barba dos deshonrados que elle encomiasse!?

Poz mãos á obra, e escreveu o livro intitulado: *Epitome de las historias portuguezas*, que viu a luz em 1628.

2. Manoel de Faria e Sousa começou a obra immoral da lisonja posta

no traço negro da historia de sua patria. Começou, por onde devia, historiando a luta dos pretendentes travada em volta do leito do moribundo cardeal-rei. Chegou ao lanço em que lhe cumpre elogiar o caudilho dos apóstatas da religião da patria, Christovão de Moura.

Escutemol-o.

D. Christovão de Moura com maravilhosa placidez mostrava maravilhosa diligencia: é certo que muitos animos se lhe oppunham; muitos porém, que estavam quietos, quasi concordaram com os muitos que se lhe affeiçoaram: conheciam já o direito de seu principe, *e punham olhos em sua força.*

Por em quanto é licito duvidar se o animo do historiador está com os affeiçoados de Moura, que *conheciam já o direito do seu principe.* Quem inclinar á affirmativa tem muitas probabilidades de acertar.

Continuemos.

Não fiquem desattendidas umas graçolas com que Manoel de Faria zombeteia do cardeal que nos seus paroxismos symbolisa as vascas da nação portugueza. Sirva a passagem de mostrar ao menos a sizudeza do historiador:

...*Propunham que o cardeal se casasse... Nomearam-lhe como noivas a filha de Bragança e a rainha mãi de França, cujo retrato mandou vir e trazia comsigo; e o certo é que, segundo sua disposição e idade, tendo-a pintada, tinha-a como a podia ter; e posto que já tivesse sido mãi, quanto a elle estava como a sobrinha; e, comtudo, os que o desejaram casado, conhecendo que nem com mulher já casada teriam fructo do casamento, ousaram dizer... que lhe trouxessem mulher, ainda, que já viesse pejada.*

Os politicos petintaes do tempo não discorreriam mais gandaieira, e desbragadamente n'uma taberna de Alfama. A jogralidade assim convinha para que Philippe se risse.

Descreve em seguida as incertezas das parcialidades já temerosas, já confusas de sorte que Moura, receioso de que a sua mensagem não surtisse a ponto avocou a si o auxilio do duque de Ossuna.

Diz de D. Antonio; trata-o com severidade; e aos que lhe são fieis nas côrtes de Almeirim, chama-lhes *escoria incoravel.* E assentando um engenhoso dilemma sobre ser ou não ser a legitimidade de Philippe, conclue que os portuguezes, que se venderam, devem restituir o recebido, porque venderam o que já era de quem lh'o comprou. N'este sentido, louva D. Christovão de Moura, porque nunca permittiu que seu pai visse o rei para não receber d'elle mercê.

Insulto aos vendidos, indecoro a elle que se estava apregoando em venda, e lisonja ao comprador.

Lastíma que os rebeldes se não aquietem nem movidos *pela authoridade real e veneravel do rei, nem com o exemplo dos principaes do reino... nem com as forças da razão.*

Morre o cardeal.

Começaram na averiguação da precedencia dos pretensores, mas esta é já do novo principe Philippe que entra a mostrar seu direito com as armas áquelle pedaço infimo de plebe impaciente, pelo que os jurisconsultos lhe mostraram com a penna.

Principia o reinado de Philippe II.

Faria no *Proemio* d'esta *quarta parte* do seu *Epitome*, encarecendo a felicidade de cahirmos nas unhas de Castella, adduz esta ignobil imagem a outras: *Assim como ficou parecendo ditoso o peccado de Adão, por que resultou d'elle a vinda de Christo ao mundo, havia de ser venturosa a ruina d'esta coróa com o reparo...*

Isto é vilissimo, sem embargo do parche com que intenta cobrir a ferida aberta no cadaver da patria: *mas o valor com que se competiam duas nações unicas no mundo, traz sempre o pensamento do quanto convinha que permanecesse Carthago para Roma.*

Que situação angustiosa! Está o homem entalado entre o opprobrio de portuguez e o susto de pretendente em Madrid!

Segue a historia com a invasão do duque d'Alva.

Conta como certas cidades, ao avisinhar-se Philippe, *abriram os olhos*, e, *quando o rei o não esperava, lhe envia-*

ram as chaves. Isto acabou de despertar a canalha que seguia D. Antonio, o qual atropellando toda a razão e ordem se acabou de confundir, e em Santarem o acclamou rei.

Ao maximo da gente que o segue chama *escravos animados do desejo da liberdade*. Lisboa occupada por D. Antonio, *viu-se opprimida por um rei que não queria*.

Relata a batalha de Alcantara. Apouca a victoria do duque; consente, porém, que se lhe dê tal nome, não para gloria da patria, mas *para gloria das mesmas armas de nosso principe, que acostumadas a conseguir grandes triumphos, fôra desacredital-as, se lhes não concedessemos este.*

Dura ainda o crudelissimo aperto do historiador entre a ignominia e o susto de descomprazer a Philippe.

Traz D. Antonio, passados sete annos, com a armada de Inglaterra. É infeliz ainda o proscripto, porque o não aceita a *lealdade portugueza, depois de reconhecido o seu principe.*

Porque repulsam todos D. Antonio? Porque *fazia mais a natural virtude e amor com que D. Christovão andava conquistando o reino para elles, assim como a elles os havia conquistado para rei.*

Convoca Philippe côrtes a Thomar, *onde já com alegria e applauso o tinham jurado legitimo herdeiro d'aquelles estados*. Entra em Lisboa o *legitimo herdeiro*. Descreve Faria o jubilo da cidade e ajunta: *Por esta quietação e contentamento se viu como tinha ganhado os corações dos portuguezes com seu direito e valor natural, e não com suas armas, como diz o vulgo; porque a alteração de pouca gente, e essa esquecida não podia desluzir a conformidade e fé de quasi todos.*

Seguem novos louvores a D. Christovam de Moura. O maximo assenta n'isto: O duque d'Alva entrega as chaves de Lisboa a Philippe; Philippe quer dal-as a Moura, e diz-lhe: *Tenedlas vós, por que a vós se deven elhas.*

D'esta honra de D. Christovão, portuguez, repartamos com Manoel de Faria, portuguez. E quem fôr sensivel cubra a face diante da historia. A bizarra offerta de Philippe ao corrupto e corruptor em chefe foi lama eterna que elle atirou á cara de Portugal; e Manoel de Sousa inquadrou-a no seu *Epitome*.

3. Expõe integralmente Faria e Sousa os *privilegios* com que Philippe II respondeu ao preito dos portuguezes. Depois exclama: *Saibamos agora quem é o conquistado: o rei de quem um reino auferiu taes graças ou o reino de quem um rei não póde sel-o sem ellas?*

Isto é mais para assombro, volvidos quarenta e oito annos depois dos artigos jurados e logo perjurados do usurpador! De cada promessa pendia o infame labéo da transgressão. Faria e Sousa mal podia e devia já amordaçar-se sem grandissimos trances de vergonha; mas quanta maior ignominia lhe não seria precisa para acclamar com exultante rhetorica a conquista, que fizera o esphacellado Portugal d'um rei para quem o juramento fôra—peor que uma frivolidade—um sacrilego escarneo?!

Mas se ainda, além d'aquillo, está o pessimo, é isto: *Com publica satisfação compoz o rei em Lisboa as cousas passadas e presentes e depois de haver usado algum castigo com alguns culpados usando da clemencia de Julio Cesar com os romanos, perdoou a outros, dizendo purificado em poucos a prudencia de todos os enganados; e todos foram tão poucos, que, querendo reservar alguns, numerou, pela primeira vez, quando o rigor estava no seu auge, vinte e cinco sómente: e, á segunda, sómente cinco.*

Pasmemos!

O historiador, propriamente castelhano, Herrera, é mais portuguez que Manoel de Faria, asseverando que as pessoas exceptuadas do indulto foram cincoenta e duas.

Como entende Faria que *se purificou em poucos a prudencia de todos os enganados?*

Com a prisão da condessa de Vimioso e das filhas, cujo pai e esposo morrêram nas fileiras do prior do Crato. Com o desterro da esposa e filhos de Diogo Botelho. Com a morte de D. Violante do Couto n'uma enxovia de

Castella. Com o arrastarem a mulher do bravo Fonseca da Nobrega de ao pé do cadaver de seu marido, retalhado em Alcantara, para uma masmorra. Com a degolação de D. Diogo de Menezes, e a forca de Henrique Pereira de Lacerda. Com o envenamento de Sfortia Orsini nas cadeias do Porto. Com a decapitação de Pedro de Alpoim. Com o cravejarem n'uma cruz Antonio Guedes de Sousa. Com o cadafalso em que acabou fr. João do Espirito Santo. Com a peçonha de Heitor Pinto. Com a degolação de D. Ruy Dias e forca de Balthasar Rodrigues. Com mais de dous mil religiosos mortos nas trevas, cujos cadaveres revessados pelas ondas chamaram ás praias o arcebispo de Lisboa a exorcismar as aguas com mal avisado espirito de piedade.

Manoel de Faria chamou a isto: PURIFICAR.

E sobre o louvor da parcimonia na sangria depurativa do sangue ruim das arterias portuguezas, vem consecutivo o elogio á sua magnanimidade: *As muitas mercês que fez Philippe, as muitas acções, com que se mostrou digno d'aquelle imperio, assás lhe dariam no animo de todos o titulo, quando já não fosse seu.*

4. A baixeza e abjecção não lograram o estipendio com que os Philippes costumavam pagar as consciencias almoedadas. O habito de Christo e fôro de fidalgo já Manoel de Faria os recebêra antes de 1621, sem impedimento do menoscabo em que elle tinha as distincções nobiliarias.

O notorio é que o servil author do *Epitome*, passado tempo, sahiu dissaboriado de Madrid; e, aposentando-se com familia numerosa em Lisboa, diligenciou empregar-se, quer no pingue officio de secretario da camara, quer no de secretario do estado da India mais lucrativo e honroso. Dizem os biographos, harmonicamente com o primeiro, que o marquez de Castello Rodrigo, representante da familia Moura, muitissimo recommendada á posteridade nas paginas do *Epitome*, se atravessara aos requerimentos de Faria, demovendo-o de solicitar despachos inferiores ao seu merecimento, para se dar por melhormente galardoado acompanhando o marquez na embaixada á côrte pontificia.

Deteve-se Faria e Sousa dous annos incompletos, servindo em Roma com caracter de secretario os interesses do senhor que o levára como objecto do estado e pompa. Ahi ganhou Faria grande renome como poeta, e grandes gabos de Urbano VIII. Em 1634 voltou a Madrid, e logo foi preso por inconfidencia, e tres mezes e meio depois solto, illibado em seus creditos, e amerceado com sessenta ducados mensaes por graça do rei, com promessa de maiores vantagens.

O motivo da prisão collige-se de suspeitas avêssas ao affecto demonstrado no *Epitome*. Não se póde dar outro mais favoravel a Faria; porém, se o foi, bastou o calmante dos ducados para aquietar a febre patriotica do enfermo.

No anno seguinte, dizem que o historiador, atacado novamente da molestia nostalgica, já tinha o pé no estribo para se evadir, quando o conde-duque de Olivares o reteve. Deixou-se ficar, não sabemos por quantos ducados.

Desde este anno de 1635 não constam novas tentativas de repatriar-se o desgostoso escriptor. Esta foi a temporada mais operosa e fecunda da sua intelligencia e opulentissima memoria.

Restaurado o sceptro portuguez, em 1640, Faria e Sousa continuou a residir em Madrid. Com honra e proveito? Logo diremos pela bocca dos que o louvam. Se o desejo de se vêr com os portuguezes resgatados era forte, não o foi tanto que o esporeasse, como a D. Francisco Manoel de Mello, como a tantos portuguezes, a pôr peito ao perigo. Deixou-se estar. E, em 1644, fallecida D. Isabel de Bourbon, mulher de Philippe IV, escrevia tres nenias á morte da soberana de Castella, nas quaes a musa lisongeia mais o rei vivo do que chora a rainha morta. E—notavel cousa!—poetando Faria, tão por gosto e costume, em castelhano, sahiu-se com a mais comprida elegia em linguagem, portugueza como que-

rendo que a lingua lusitana se fizesse ouvir em louvor dos reis de Castella, ao tempo que um só portuguez os encomiava, e este portuguez era Manoel de Faria e Sousa.

A memoria d'este homem, extincto em 1649, seria menos gravada e carregada de opprobrio, se alguns portuguezes com o intuito de lh'a honrarem, a não denegrissem torpemente.

O hespanhol D. Francisco Moreno Porcel tinha escripto que Faria e Sousa, fiel a Philippe IV, vivera pobre e morrera miseravelmente em Madrid, desprezando as alliciações com que o chamavam a Portugal. Deixassem-no dizer isto que era verosimil, provavel e até, para assim dizer, perdoavel. Se havia pundonor, ainda para admirado, era a valentia de aceitar na indigencia, no leito emprestado do marquez de Montebello, sob cujo tecto morreu, as legitimas consequencias do seu renegar da patria e escarnecer dos infortunios d'ella, mentindo desbragadamente para lisonjear o usurpador.

Não o quiz assim a desgraça d'aquella ossada que a viuva trouxera a terra portugueza.

Sahiram pessimos amigos contra o biographo salvador da memoria de Faria e disseram que *elle o author do Epitome, fôra um fidelissimo confidente do seu rei verdadeiro D. João* IV, *e por esse motivo não viera a Portugal, conservando-se d'elle muitas cartas de 1641 a 1649 em que morreu, com as noticias mais seguras, os avisos mais occultos e os conselhos mais prudentes, expondo-se a maiores perigos do que os que serviam na guerra.*

Pelo conseguinte: ESPIÃO.

A palavra é atroz, ainda que a necessidade d'esse aviltado officio justifique os reis e os bandos que procuram taes servos a quem atiram ouro, ouro que, ao bater no rosto, esculpe um stigma.

Como assim? O author do *Epitome*, o inventor da palavra *purificar* para absolver os algozes de 1580 e de 1589, Manoel de Faria e Sousa espião em Castella! avisador e conselheiro secreto de D. João IV! mettido entre os aulicos do prestito funebre de Isabel de Bourbon, com tres poemas, tres incensorios a vaporar aromas, e o ouvido á escuta dos movimentos militares do duque de Medina Sidonia!...

Ora, assim como os Philippes não tinham tido portuguez, senão Manoel de Faria, que diffamasse Portugal na historia, aconteceu que D. João IV querendo negociar em Hespanha espião e denunciante, encontrasse sómente o mesmo Manoel de Faria. Era justo. Não havia outro azado para se penitenciar da infamia pela perfidia.

Terá, por ventura, o conde da Ericeira falsificado o caracter de Faria, como Faria falsificára a verdade historica?

Tudo nos compulsa a crêr que D. Francisco Xavier de Menezes desgraçadamente foi verdadeiro.

Morre Manoel de Faria, e logo seu filho, Pedro de Faria vem para Portugal. D. João IV recebe-o affavelmente, agracia-o, chama-lhe benemerito no diploma, galardoa-o dos serviços do pai, dando-lhe uma tença de cincoenta mil reis no reguengo de Aguiar. De quaes serviços o galardoavam? Dos do *Epitome*? Não: dos avisos, alvitres, e conselhos, expressões postiças com que graciosa e diplomaticamente se colorava a palavra *espionagem*.

5. Pedro de Faria trouxe comsigo os ineditos de seu pai.

A *Europa portugueza* era um d'esses ineditos. Dizem alguns litteratos que Manoel de Faria consubstanciára na *Europa* o *Epitome*. Irreflectida conjectura! Como ousaria o filho reproduzir as aleivosias, as lisonjas, as falsidades da historia que seu pai offerecera á munificencia de Philippe III? Deixal-as-hia correr a censura? Não seria banido de Portugal Pedro de Faria, se as editasse sem licença? Não o vimos condemnado a degredo para o Brazil, e mandado sahir do Limoeiro para providenciar na publicação das obras de seu pai?

Então é certo que a historia escripta em 1628 não é a historia publicada em 1667?

Não é.

Confrontem-a nos lanços essenciaes nos pontos em que a dualidade artificiosa lança uma linha divisoria entre o portuguez dos Mouras e o conselheiro dos Braganças.

Dispensamo-nos d'essa fadiga, emquanto a preguiça alheia, por se forrar ao trabalho, nos não encommendar o confronto. De passagem, porém, notaremos que a celebre *purificação* do *Epitome*, desappareceu da *Europa*. Os *cinco*, excluidos do perdão na historia de 1628, sobem aos *cincoenta e dous*, na de 1667. Cotejem, que ha ahi materia para lastima, riso e vergonha.

É admissivel que as alterações sejam de estranhos? D. José Barbosa diz: «Na *Europa* apresenta algumas opiniões contra as que emittira no *Epitome;* mas isso procede de que sahindo a *Europa* posthuma, bem se sabe que n'ella lhe introduziu a lisonja algumas clausulas de que não era capaz a severidade da sua penna.»

Taes palavras abrem campo a nova questão. Se D. José Barbosa capitula de lisonjas as phrases que desfavorecem Castella, não justifica d'esta arte o patriotismo de Manoel de Faria; o mais que póde é salval-o da mancha de versatil e denunciante dos secretos de Castella. Nós, porém, desinteressados em provar a segunda camada de opprobrio, remettemos D. José Barbosa a D. Francisco Xavier de Menezes. Lá se avenham.

6. Ahi está Manoel de Faria e Sousa.

Se quem isto lê encara o historiador a luz diversa da nossa, ou a paixão o cega, ou a nossa exposição foi obscurissima. Não soubemos nem já poderemos elucidal-a melhor. Outrem o fará coordenando com mais engenho os elementos que para ahi amontoamos, segundo o pendor que nos faziam no animo desapaixonado. Se alguem nos arguir de peccado de má fé, provem-nos primeiro que elle é de ignorancia, a fim de que nos aproveitemos pela emenda.

«Se nos sahirem defensores do patriotismo de Manoel de Faria e Sousa, não nos espantaremos; porque temos diante de nós uns livros que presamos muito, e não nos enfadamos de os ouvir elogiar o merecimento das historias de Manoel de Faria. Apenas nos assombram, e não sabemos a que attribuir esta anomalia, se á ignorancia, se á obcecação.

Offerecemos os suffragios dos nossos velhos amigos a quem elles possam prestar:

Francisco Soares Toscano: «...Manoel de Faria e Sousa consagrou o seu talento á gloria da sua patria, e compoz... muitos livros..., conservando-se entre os inimigos da sua patria com incorrupta fidelidade...»

D. Francisco Manoel de Mello: «...Pois se da historia houvessemos de fazer differença aos Epitomes (como é razão fazel-a) a qual dos antigos não igualaremos o Epitome das Historias Portuguezas de Manoel de Faria e Sousa?»

Padre Francisco de Santa Maria: «Foi insigne historiador... Illustrou a sua patria e nação... Amou muito a verdade, e foi inimigo declarado de lisonjas... De acre e severo juizo... Ninguem mais liberal de louvores ao benemerito, e ninguem mais difficil de os dar ao indigno, etc.»

Francisco Freire de Carvalho: «Manoel de Faria e Sousa, famigerado até entre os estrangeiros por sua erudição e engenho, qualidades de que deu claras mostras... no seu *Epitome da historia de Portugal...*»

Ferdinand Denis: ...*Soumis, comme ses compatriotes à une puissance étrangère il dédaigna la langue national; mais il faut dire à sa louange que son cœur resta portugais...*

Aqui estão José Carlos Pinto de Sousa, João Salgado de Araujo, Antonio de Sousa de Macedo, João Baptista de Castro, Diogo Barbosa Machado e muitos de igual porte, uns mortos, outros vivos, uns encarecendo-lhe a pleno os gabos, outros cerceando-lhe o renome á conta do desprimor do estylo; mas nenhum lhe asseteia o despatriotismo, bem que nenhum tambem lh'o applauda, salvo o francez, que sabia das nossas causas mais que muitos portuguezes.

Quem não deve ficar embaralhado entre os mortos, como juiz de pouco aviso, é o bom de José Maria da Costa e Silva, cuja authoridade devia ir na cabeceira da lista offerecida condignamente aos propugnadores do patriotismo de Faria e Sousa. Aqui o têem: «Longe de desfigurar os factos para lisonjear os poderosos, como praticava a maior parte dos seus contemporaneos, elle procura apresentar sempre a verdade com toda a sua pureza, descartando-se de prevenções, etc.»

Concluindo, mais queremos referir a insufficiencia de lição das obras de Faria que a desprimor de inconsiderados filhos de Portugal os encomios com que tantos escriptores mais ou menos estimaveis, laurearam o descaroado historiador que sacrificou a propria dignidade e a honra dos seus. Se, por ventura, lhe quizeram elles salvar a memoria, quebrantando a verdade, no intuito de esconder da posteridade um feio e talvez unico exemplo, o proposito não foi louvavel nem util. Virtude que gera erros e fomenta a ignorancia, é bom que a desçamos da peanha, e a despojemos das louçanias usurpadas á verdade.

FATUIDADE. «O fatuo está entre o impertinente e o parvo: tem parte dos dous.» (La Bruyère). — «É um homem, cuja indole é toda obra de vaidade, que nada faz a gosto, que tudo faz por ostentação, e, querendo sobrepôr-se aos outros, desce abaixo de si mesmo. Tem espirito para os tolos que o admiram, e é tolo para os avisados que se lhe esquivam.» (Desmahis). — «O pedantismo é grande parte na fatuidade.» (Duclos).

O menino, e mormente o de merito incontestavel, se muito o elogiam, e o tolhem com mimalhices de familia, está a pique de se encher de fatuidade, julgando-se privilegiado. O resultado será a parvuleza, além do juizo errado. (Veja AMOR PROPRIO, AMBIÇÃO, etc.)

FÉ. 1. Uma cousa é a razão alumiada pelo facho da consciencia, e outra é a razão, que repugna ser alumiada. Perdido o equilibrio entre uma e outra, isto é, confundidas as noções do bem e mal, do crime e virtude, a razão desce do throno em que a colloquei, e depõe a sua corôa no altar das paixões desordenadas.

O homem actual é o testemunho insubornavel da queda do primeiro homem. N'esta continua luta em que se vê comsigo proprio, é victima do mal, em quanto a satisfação das suas necessidades está ao paladar dos seus appetites. É-lhe preciso superior alento para renunciar as lisonjas, que o mundo lhe dá baratas á sua natureza impura. É-lhe precisa animação celestial para vencer as inquietas propensões, que o alliciam continuamente para as formosuras da terra!

Livre com os seus instinctos, e creador de novas impressões, em cada dia, o incredulo vai, de desengano em desengano, parar no extremo da morte, sem que a sua razão, orgulhosa e independente, lhe sustenha um passo, de cuja suspensão dependa o retardamento d'essa hora final.

Não assim o christão, que se deleita no delicioso eden, que a sua razão lhe marca dentro dos limites da fé. A fé é a visão celeste do que é invisivel na terra. É o raio de luz que se projecta da centelha do espirito religioso, e vai perder-se no seio d'essa mansão luminosa, onde se firma o throno do Senhor do céo e da terra!

Não bastam aos christãos os vôos da sciencia para se exaltarem á morada dos anjos. É necessario crêr; é indispensavel a fé.

O christianismo é um objecto de estudo contemplado pela sua face luminosa; mas o christianismo tem outra face, em relação com a intelligencia humana, outra face, para assim dizer, voltada para o seu divino fundador, e tenebrosa para a creatura mortal. Com a primeira é-nos permittido o contacto espiritual approximado pela sciencia; á segunda, impõe-se-nos a submissão do fraco, e a crença, que tem o cego de nascimento na existencia das côres.

Se quero provar pela sciencia o christianismo, estudo-lhe os seus phe-

nomenos physicos, moraes, e intellectuaes. A natureza, livro aberto a todos os olhos, entidade collectiva para todas as contemplações, é a minha primeira noção. Depois a Escriptura, depois a Tradição oral, depois o homem, com o seu orgulhoso prestito de sciencias, com a sua coróa imperial no centro das creaturas, com as suas esperanças insaciaveis no mundo, com a sua consciencia insubornavel... tudo me encaminha a penna fecunda nas provas do christianismo, tudo me annuncia a existencia de Deus. Porém, que é a substancia divina? Moysés conta-me a transição do cahos á creação; mas quem me explica o acto creador? Quem viu a transição do *nada* ao *ente?* Eu sei que a humanidade está abastardada da sua primitiva pureza; mas na minha substancia não vejo o mais ligeiro indicio d'esse vicio original, que tanto se manifesta nos meus actos exteriores!

«Comprehendeis—diz um sabio de nossos dias — como a mesma doutrina póde ser simultaneamente fé e sciencia; porque o seu objecto é simultaneamente visivel em seus phenomenos, e invisivel na sua substancia. O phenomeno conduz logicamente a affirmar a substancia, e liga-se a ella como o effeito á causa... Mas o homem quer vêr mais longe que os phenomenos: seu entendimento é todo luz: revolta-o a obscuridade...»

O mundo visivel é um complexo de phenomenos que lhe revelam o mundo invisivel, a causa infinita, Deus, cuja existencia elles acreditam por fé. Não existe uma só doutrina, que não seja recebida como fé e como sciencia. Quando os naturalistas, superficiaes na profunda sciencia da natureza, affirmam que as suas doutrinas são razoaveis, explicativas, e estranhas á chimera da fé, enganam-se, ou enganam-nos com um pretexto impio.

Nas sciencias physicas, nas physiologicas, nas mathematicas, em todas as sciencias que constituem a chamada sabedoria do homem, ha uma fé cega e machinal, que não tem escriptura, nem tradição que lhe realise as crenças. E, com tudo, o materialista repelle o dogma do christianismo, e abraça o dogma da sciencia!

Buscai na glandula pineal do cerebro a alma, que o vosso Genuense, echo de uma seita de espiritualistas, vos diz que estará lá. Achaes um tecido granuloso que se desfaz debaixo do escalpello. E, depois, que dizeis vós, anatomicos racionalistas? Naturalmente o mesmo que dizia este homem, que escreve, quando a curiosidade o aproximou d'um cadaver, para estudar-lhe a vida nos orgãos mortos: «Mostrai-me aqui o lugar da alma, e eu acreditarei na existencia da alma.»

A este repto jactancioso, mas proprio dos dezesete mal guiados annos que o faziam, responde-me Lacordaire, sentado na cadeira evangelica de Nossa Senhora de Pariz: «E acreditas no corpo, por que o vês? Bem! Vou dar-te uma triste nova: tu não vês o corpo! Que vês tu n'esse objecto que chamas corpo? Certas propriedades: extensão, peso, côr, e figura; mas a substancia, que lhe é occulta, isso é que tu não viste. Queres uma prova?... Eleva essa temperatura a alguns graus... *Em que darão essas propriedades?* N'uma bola de sabão que se esvaece no ar!» E, effectivamente, eu acreditava, como hoje acredito, como todo o mundo acredita, na existencia dos corpos; mas acreditava por fé, senão divina, por fé natural, que me era imposta por certos phenomenos exteriores, e não pela substancia incognita dos corpos.

Em physiologia perguntava eu aos meus expositores o que era a vida. Um disse-me que era a organisação, outro contava-me maravilhas do sangue, este disse-me que era o espirito, este falla-me n'uma *vis insita*, que nunca pude entender; e o que eu julgava mais razoavel dizia-me: que não sabia nada a respeito de vida.

E todos elles acreditavam na vida: viam-lhe os phenomenos extremos: palpavam-na, digamol-o assim, n'um encadeamento de suas funcções, e quando se avisinhavam do elo imper-

ceptivel do principio vital, diziam que não era das attribuições do medico a metaphysica do homem! Havia muita fé nas crenças d'aquelles medicos! Se elles fossem exclusivamente mestres de metaphysica ficariam muito áquem dos limites da medicina. Perguntar-lhes-hia eu o que é o pensamento, ou que apparelho physico exercita a substancia, que pensa, na sua funcção do raciocinio.

Responder-me-hiam com o silencio do chimico a quem pergunto o que é a substancia da *affinidade;* — com o silencio do physico que me explica tudo pela *attracção* inexplicavel; e com o silencio do astronomo que me desorienta com as suas forças centripetas e centrifugas.

Quando inclinaes a agulha sevada para o polo, quem vos ensina essa operação?

A fé.

Quando apparelhaes a pilha galvanica, ou estabeleceis os polos *negativo e positivo*, quem vos promette o phenomeno, que ha de operar-se?

A fé.

Quando nos dizeis que uma oitava de iman fará erguer, como por encanto, uma alavanca de ferro, quem de antecipação vos authorisa a não temer o titulo de impostores?

A fé.

O vosso edificio é alto, naturalistas, e não sabeis que alicerces elle tem!

Refugiaes-vos na certeza das mathematicas? Ouvide uma confissão insuspeita d'um celebre medico. Barthez estava nos paroxismos da morte. Matava-o, mais depressa que a enfermidade physica, a dôr moral de não poder morrer com uma certeza, fosse no que fosse. Um padre, condoído d'aquella posição especial, caridosamente lhe disse: «Mr. Barthez! nem ao menos nas mathematicas achaes uma certeza?!» «As mathematicas — responde o moribundo—tem uma serie de consequencias inevitaveis, perfeitamente encadeadas; mas a base... não sei qual ella é!» A base que Barthez não conhecia, é a base de todas as doutrinas — é a substancia occulta de todos os phenomenos.

Uma pergunta agora aos homens, que crêem por fé nas bases da sciencia humana:

Repellis a fé, quando estudaes o dogma da sciencia divina?!

2. A duvida é uma tortura.

S. João chorava, quando via nas mãos do Eterno o livro dos sete sellos, apregoado, pelo anjo, como mysterioso para os que habitam o céo, e a terra, e os infernos.

O filho dos homens queria erguer o véo do sanctuario defeso aos anjos! É que a anciedade do infinito affligia-lhe o coração, vasado nos moldes angustiados da humanidade.

A religião dos mysterios é como a columna de fogo, que nos obriga a crêr a sua existencia pelo calor que derrama, e não consente ser palpada pela mão atrevida do homem.

A razão natural, auxiliada pelos sentidos, reconhece os phenomenos da divindade, e maravilha-se perante elles com temor e respeito. O homem das selvas é o homem da razão natural: a sua religião é a religião dos mysterios.

A razão, cultivada pelo estudo, e illustrada pela consciencia, contempla os phenomenos da divindade: explica-os no ambito da sua comprehensão, e abate o seu vôo arrojado para o raso da terra, quando topa, na escala da sciencia, um degrau, que sobe para a região dos mysterios.

A substancia das cousas, a intimidade das sciencias, o objecto espiritual das crenças religiosas, e das hypotheses scientificas, é a fé. Esta virtude, como a igreja a define, não é exclusivo de ignorantes, nem chimera que foge envergonhada da sciencia dos sabios.

A fé é uma herança igualmente distribuida por todas as intelligencias, desde Santo Agostinho até Bossuet, desde Archimedes até Newton, desde Newton, que se descobre á palavra Deus, até o pastor das montanhas, que resa as *Ave Marias* ao descer da noite.

A fé, nas sciencias humanas, será sempre um exclusivo dos sabios; mas a fé nos mysterios augustos do Ente

Supremo será sempre o apanagio universal de grandes e pequenos.

O homem do povo não é torturado nas suas duvidas, porque não as tem. O seu espirito, não ulcerado pela incerteza das sciencias, aspira, em todo o aroma da sua pureza, o ar que lhe bafejou o berço e as primicias religiosas da sua educação. Importa-lhe mais a immortalidade de sua alma, que o sol, mandado parar por Ptolomeu, ou mandado caminhar por Copernico. Entre os sabios, Montesquieu, o insuspeito commensal de Ninon de Lenclos, dizia que melhor era indagar a espiritualidade d'alma, e deixar o sol quieto ou movel á vontade do Eterno.

As crenças do povo são invejaveis. Não só Montesquieu, mas quantos de entre vós, homens gastos n'este anhelar insaciavel de uma cousa real e fixa, darieis a vossa sciencia incerta por uma d'essas preces que sobem fervorosas do coração do rustico?

Se vos fosse possivel adquirir a fé, com quanto ardor não a buscarieis na sciencia, se a sciencia podesse dar-vol-a?

«A fé é possivel — diz um illustre missionario de Pariz — comtudo homens ha que não a tem porque a perderam: outros ha que a procuram, e dizem que não a encontram. A fé como se adquire? Perdida a primitiva simplicidade do coração, como voltaremos a Deus?»

Eu posso buscar na minha consciencia o mais irrespondivel argumento em resposta. Tenho em mim o homem do passado, e o homem do presente. Posso, mais ainda que o mais justo d'entre vós, posso com a mão sobre um Evangelho, e com o livro do meu coração diante dos vossos olhos, apontar-vos a pagina da experiencia, que é a mais eloquente prova para um sceptico, e jurar-vos pela verdade d'ella.

«Não te embaraces em saber se é de muita ou pouca sciencia aquelle que escreve — diz Kempis — porque só o amor da pura verdade deve levar-te a lêr o que lêres. Considera o que se diz, e não examines quem o disse.»

Mas aqui deveis examinar quem diz as cousas, e d'esse exame tirareis luz sufficiente para entender as que forem obscuras.

A infancia é a estação das crenças, dos temores, e das superstições. A crença é o leite da educação, ibado na idéa instinctiva de Deus.

O temor é a coacção que nos retem em certos actos pueris, que nossos paes nos afiguram reprehensiveis nos juizos do Senhor.

A superstição é esse ascendente panico e reprehensivel que os outros exercem sobre a debilidade de nossa razão.

São estes os tres sentimentos, que nutrem o espirito d'uma criança, em quanto a sociedade lhe não franqueia a sua escóla.

Ha uma sociedade, que recebe o adepto, sem lhe deturpar os tres sentimentos constituintes da sua crença. É a sociedade do povo rude, antes que a desmoralisação a constitua sociedade de tigres.

Ha outra sociedade, que o purifica da superstição, a favor d'algumas zombarias, e lhe deixa a livre escolha entre a crença e o scepticismo, entre o temor e o desprezo — esta é, não direi a sociedade dos sabios, mas a sociedade onde está a sciencia com todas as suas variantes de espiritualistas e materialistas.

Para os segundos é que estas linhas são escriptas, com a duplicada vantagem de lhes serem dedicadas por quem os lá encontrou no banco onde se aprendia a sciencia, na praça onde se discutia a religião, e nos conciliabulos desabusados onde a religião era condemnada ao ostracismo das idéas despoticas.

Ha um abysmo entre vós, onde cada homem, constituido em certa posição, arremessa a muita ou pouca fé divina, que póde reprimil-o em suas propensões. Este abysmo tem um nome pungente para os que lhe pagam a dolorosa contribuição das suas crenças, e raro ha quem fuja d'elle espavorido; raro quem lhe não dê esse triste nome, que de jus lhe compete. Este abysmo chama-se a *ignorancia*.

Não vos morda a soberba, homens d'um orgulho vão! Eu venho d'entre vós com o coração despedaçado pela vossa sciencia, e não me déstes um balsamo caridoso que vos abonasse a profunda physiologia que ostentaes do coração humano! Eu tenho uma authoridade, conferida pelas amarguras, e ouso adjudicar-me uma bem desgraçada soberania, quando vos lamento, e não posso mais que lamentar-vos!

A ignorancia é o abysmo da fé, porque a fé é um acto de intelligencia. A faculdade de receber e combinar idéas, que são as relações eternas das cousas, é o que se diz *intelligencia*. A harmonia da intelligencia com as idéas naturaes, chama-se *razão*. Mas ha umas outras idéas, chamadas divinas; e quando a intelligencia estiver em harmonia com ellas, está constituida a fé. Para adquirirmos a *razão* temos um processo, que é o *estudo*. O estudo é o identico processo, que temos para adquirir a *fé*.

Sabeis, pois, como a fé se adquire?

Desviai-vos d'esse abysmo, em que lançaes uma por uma as tradições religiosas da infancia. Não lamenteis a perda d'um passado farto de desastres, porque a sciencia divina não é o fructo de vigilias laboriosas, que deixa no fim da vida o vacuo afflictivo das sciencias humanas. Sobeja-vos tempo, se quereis aproveitar o perdido.

Estudai a religião christã, como criticos, como philosophos, como moralistas, mas estudai-a.

Dai lugar a que o christão vos chame duros de coração, mas evitai o appellido de ignorantes, que é um arauto de descredito, que trazeis na vanguarda dos vossos raciocinios.

Nas mãos de Deus está o raio de luz, que accende no espirito do homem o incendio da caridade; mas o dom sobrenatural da graça é um privilegio dos escolhidos, é uma prerogativa d'aquelles a quem o Altissimo disse: «ide, e ensinai!»

Aprendei, pois.

A nós, homens do crime e da cegueira, pertence-nos abrir os olhos ao que ensinaram esses, que vieram, mandados pelo Eterno. Pertence-nos o quinhão da sciencia divina, cuja ignorancia nos será levada em conta, segundo o numero dos talentos, que recebemos da intelligencia infinita. Pertence-nos buscar nos effeitos patentes as causas occultas da divindade. Pertence-nos a submissão de vermes, que passamos um dia a rastejar nas visinhanças do tumulo. Pertence-nos erguer as mãos para Deus, e exclamar, com Lacordaire:

«Ó tu, quem quer que sejas, que me fizeste! Deixa-me sahir da minha duvida, e da minha miseria!»

FECULA. (Veja NUTRIÇÃO).

FEIJÕES. (Veja LEGUMINOSAS).

FELICIDADE. Platão, Aristoteles e a maior parte dos moralistas dizem que a felicidade é a conciliação do prazer com a virtude—pontos cardeaes da vida humana. Pende a felicidade do gozo de todos os prazeres de coração e espirito, da saude, e do cumprimento de todos os deveres. O christianismo, quando collocou a verdadeira felicidade na outra vida, dando a vida presente como tempo de provação, desfez os estorvos e contradicções que ella offerece n'este mundo. —«A felicidade é um globo depós o qual corremos em quanto elle gira, e que nós impellimos com o pé, quando pára. Bons e maus perseguem igualmente a felicidade; mas só os primeiros a alcançam.» (Boecio). —«Felicidade ou perfeito contentamento n'esta vida não ha. Cuidar que a encontraremos aqui é perder os bens que Deus nos permitte gozar n'este mundo. A felicidade dos poderosos, dos ricos, dos felizes do seculo parece-se de longe áquelles magicos palacios que cuidamos enxergar no horisonte do mar que banha as ribas napolitanas. Ao aproximarmo-nos, que vêmos? Vaporações paludosas e nuvens prenhes de borrascas.» (Lamennais). —«O caminho mais direito para a felicidade é a virtude. Se lá chegamos, a felicidade que attingi-

mos é mais sólida, e bella e pura; se não chegamos, é a mesma virtude que nos indemnisa o esforço.» (Rousseau). — «Se queremos ser felizes, cuidemos na felicidade alheia.» (B. de Saint-Pierre). — «Não ha felicidade sem repouso e não ha repouso sem Deus... Quanto á fé, a felicidade humana que vem a ser? Quanto dura? Quanto fel e amargor leva comsigo na rapida passagem?» (Massillon). — «Ah! quanta consolação vai n'isto de saber um homem que a felicidade se adquire sem poder, sem riqueza, sem sciencia; bastando crêr em Deus e nas suas promessas — esperar e amar!» (Bautain). — «A melhor receita da felicidade é aceitar o tempo como vem, os homens como são, e estar cada qual em paz comsigo.» (M.me Delfaut). — «Alma escrava de suas paixões ou irrequieta de cuidados, nunca é feliz; palacios e riquezas são para ella como a pintura para olhos doentes e a musica para ouvidos molestados. Dizer «ámanhã serei discreto», é como dizer «ámanhã serei feliz.» (Horacio). — «Não contes felicidades tuas a homem menos feliz que tu.» (Pythagoras). — «A felicidade que se perde n'este mundo bastaria á felicidade de muita gente.» (Lévis). — «Deus impoz a felicidade com o dever, ensinando que só mediante a virtude podemos ser felizes.» (A. Dufresne). Meditando estas maximas selectas, formamos perfeita idéa da felicidade e do processo de adquiril-a.

«O corpo espiritualisado, e dotado de novas aptidões, será possuidor de gozos desconhecidos, e sem duvida, o entendimento comprehenderá, verá, e, ao mesmo tempo, que recebe a luz receberá a felicidade. Eis-aqui a bemaventurança que a todas abrange: a bemaventurança do coração, a bemaventurança do amor; amor, elemento de tudo que se move, necessidade de tudo que sente, lei de tudo que respira; amor, ideal e realidade da vida, perfeição do ser; amor, modêlo e inspirador, causa e effeito da completa felicidade; amor, que tudo excede, que de si mesmo se alimenta e que só aspira ao que mais puro é, mais nobre e generoso.

«O amor na perfeição da palavra não é a creação com suas maravilhas, não é os mundos harmoniosos, nem os anjos e seraphins, nem toda a categoria dos bemaventarados; tambem não é os prodigios reunidos que a terra renovada e o céo aberto aos eleitos nos hão de manifestar: é Deus propriamente, é aquelle que fez e abriga em seu seio paternal o homem com toda a creação, é o ente de caridade infinita e immensa misericordia.

«Entendido está que, se a bemaventurança é tal que nada póde haver que tanto estimule nossos desejos, e a não ser assim não podia ser ella o perfeito e final termo, claro é que não póde ser senão o bem por excellencia, essencia infinita, além da qual não ha algum ente real ou possivel, alguma vantagem, alguma possessão: é Deus, e só Deus. Tudo o mais é emanação, sombra da perfeita bemaventurança, insufficiente para Deus que a dá e para o homem que a recebe. Insufflou-nos Deus tamanha sêde ao coração que só elle de per si poderá dessedental-o; tamanhos fez nossos desejos, que já não queremos recompensa que não seja elle. Elle só póde encher-nos o vazio da alma, completar o que nos falta, e aperfeiçoar-nos pela união divina.

«Já não existem aquellas moveis apparencias de felicidade que n'este mundo se entre-mostram aos sentidos, já não existem aquellas incertas imagens que n'este mundo perseguimos até além das fronteiras da materia que nos cortam os horisontes. Eis-aqui uma phrase de Bossuet que resume a bemaventurança: «é vêr Deus eternamente tal qual é, e amal-o sem poder jámais perdel-o.» Sim: «face a face o veremos, o Deus que é amor; nós o conheceremos tanto quanto nos elle conhece; seremos como seus anjos.» E mais ainda: no grande dia das derradeiras manifestações, «seremos semelhantes a elle por que o veremos tal qual é.»

«Pelo que, a vista de Deus, com re-

velar-nol-o inteiramente, em realidade nos semelhará com elle, e d'algum modo nos levará ás profundezas de seu ser para nos lá fazer sentir os encantos todos; seremos envolvidos de sua luz, e impregnados dos raios divinos.

«Deus será comnosco: dar-nos-ha quinhão em seus pensamentos, gozo em seus actos, posse de suas perfeições. Verterá os thesouros de seu coração em o nosso, dar-nos-ha capacidade para saborearmos as delicias de tantas riquezas derramadas a flux.

«Não ha ahi dizer a doçura d'esta união, cujo encanto sobre-excede todo sentir. Os germens d'amor que Deus nos insinuou na alma hão de então abrir-se, porque é chegada a hora de seu supremo uso. Formaremos com o bem absoluto indissoluvel entidade: sua vida é nossa, é nossa sua perfeição, somos iguaes no amor, felizes de sua felicidade, taes como deuses, em virtude da participação immediata de sua divindade!

«Ineffaveis allianças de pensamento com pensamento, de coração com coração! Delicias castas! Effusões inexhauriveis! Arroubamentos infinitos! Communicação augusta em que a alma entra em Deus como em seu principio, em que se entrelaçam amorosamente os mais mysteriosos segredos, em que já não é possivel perder-se pensamento ou palavra no seio da caridade divina!

«Assim pois condescende o Creador em descer até ao homem e habitar n'elle? Ou não é o homem que, por direito de filiação e herança, se sublima até Deus, e lhe pede parte de seus jubilos, e se reveste de sua gloria, e o faz seu sanctuario, e, n'este abysmo engolfado, desapparece e logo se acha em Deus, e já de sua propria felicidade não tem sentimento e consciencia que não seja commum de Deus?

«Deriva caudalosa a torrente da vida. Enchentes de delicias jorram de Deus sobre os eleitos para lhes darem felicidade e voltam a elle como testemunhos de seu amor: permutação maravilhosa em que Deus se dá á creatura, e a creatura a Deus! Escala de graças, beneficios e gozos! Transportes de sentimentos e affectos que imprimem na natureza humana signaes de bondade, de caridade, e bemaventurança da natureza divina.

«E os eleitos por tanto serão consummados em Deus, e serão um com elle, mediante o amor, e segundo a palavra: *Ut sint consummati in unum.*

«Mirifica unidade que consagra nossa transformação e nos dá semelhança com as pessoas divinas! Não cessando de ser pessoal, a nossa existencia será de Deus. Eramos homens por natureza; já somos deuses por amor. «Que amor vos darei — exclama S. Boaventura — a vós que me divinisastes, e transformastes em Deus o barro vil de que eu era formado!»

«Assim é que algumas almas puras, desatadas dos sentidos, de antemão avoejaram ás altas e serenas regiões do porvir. S. Paulo exulta em ancias de felicidade. Amorosos desejos transportam Santo Agostinho á celestial Jerusalem. S. Francisco Xavier presente a felicidade, e exclama: «basta, Senhor, basta!» Que diremos depois de aspirações tão sublimes? Faz-se mister o amor do céo para ao justo lhe comprehendermos a bemaventurança!

«Se procuramos na terra semelhanças com a felicidade celestial, só no coração se nos depara o exemplar dos mais nobres e perfeitos contentamentos. Reunam-se as mais excellentes qualidades do homem, que lhe assignalam o destino e caucionam o valor; recolham-se todas as riquezas que encerra o coração humano, não já pedidas a alguns homens em separado, mas á humanidade inteira: escolham-se os sentimentos que já n'este mundo ostentam singular belleza e elevam ao mais alto grau da jerarchia moral aquelle que um só d'elles possue: seja esse sentimento aquelle affecto que abre no coração alheio todos os seus thesouros, e goza da felicidade que dá, e para si não reserva mais que o desinteresse e o esquecimento de si: seja a piedade que se condoe

do soffrimento alheio, e o dulcifica, e para si toma todo o fel da dôr: seja a sympathia que se amisera das tantas e tão excruciantes desgraças d'esta vida, com aquella intima condolencia que tanto consola o desgraçado como o consolador: seja aquella commoção que, attrahindo casta e delicadamente, encanta, transporta e enthusiasma em presença da belleza, quer ella se ostente no espectaculo do céo, nas scenas da natureza, nas feições do rosto humano, quer se reproduza nas grandiosas creações da arte, e nobilissimo trabalho da virtude: seja a sensibilidade que vibra tocada por tudo que brilha com a aureola da generosidade, da abnegação, do heroismo e da gloria: seja finalmente o instinctivo alvoroço e satisfação intima da consciencia no instante em que se dá testemunho de haver cumprido sublimes deveres... Enfeixai todas aquellas aspirações e sentimentos, exaltai-os á sua mais alta potencia, purificai-os, e avivental-lhes os attractivos á proporção do gozo: formareis thesouro de inestimaveis joias; porém, o possuil-o plenamente, não será prazer que se nivele com os jubilos do céo.

«Sobre a terra ha uma imagem muito mais exacta da vida celestial: é a que nos dá o mysterioso banquete offerecido pela igreja aos seus fieis. Ahi, na communicação de Deus com o homem, está o germen, o penhor, a prelibação da vida eterna, a fiança da resurreição gloriosa, o gozo antecipado da nossa rica e magnifica recompensa. É ao mesmo tempo a união material mais completa, e a mais intima união espiritual. Para quem lhe saboreia a suavidade, com todas as potencias d'alma e amores do coração, e experimenta supremas delicias em dar-se sem reserva com vontade e desejos, é verdadeiramente a possessão da vida divina. Iniciado, e depurado por sacrificio e amor, vai para Deus, nutre-se de seu alimento, bebe na fonte da vida, e pelo que sente já antevê o que sentirá um dia. Creatura de Deus, envolvida em seu affecto, goza o prazer de só n'elle sentir, viver e amar. Outro qualquer objecto lhe é obstaculo. Outra qualquer tendencia lhe é um agitar-se no vacuo. Chamado por aquella ineffavel alliança ao seu verdadeiro destino, o homem reconhece que tem dous caminhos que seguir: o primeiro é a vereda mais ou menos pedregosa, o transito mais ou menos escabroso para entrar no segundo caminho.

«A posse intima, real, e absoluta de Deus n'este mundo é já o céo.

«Ditosos aquelles que poderam, abrazeados em divino amor, prelibar a vida celestial! Esses a comprehendem ao gozal-a, são d'ella testemunhas perante o mundo e lh'a fazem comprehender. Esses naturalmente derivarão á existencia divina. Aqui concluirão o que principiaram; grande excedente aos que os seus desejos aspiraram lhes será realisado.

«Entrados d'aquelle sagrado fogo que os alimenta sem devoral-os, ir-se-hão cada vez mais consubstanciando em vós, Deus meu! Ser-lhe-heis foco da alma, luz de entendimento e impulsos do coração. Nas fontes de vossa essencia, cuja paternal fecundidade não cessa de engendrar sabedoria e amor, elles hão de beber a grandes haustos. Vossas potencias e virtudes hão de penetrar-lhes a intelligencia, e operar-lhes no amago das almas.

«Bemaventurados por nosso amor a Deus, mais o seremos pelo que formos de Deus amados: gloriosamente sentiremos que Deus nos ama com amor divino, superior ao com que o amamos. Na intima e indivisivel união d'estes dous tão dessemelhantes seres, Deus e o homem, o Altissimo terá ainda a supremacia d'amor. Amar-nos-ha pelos beneficios que nos liberalisar, pela bondade e nobreza que nos influir nas almas, pelas delicias concedidas, e dons proprios de sua divindade. Amar-nos-ha como objecto de sua missão na terra, como preço do sacrificio, e corôa de sua morte. Amar-nos-ha tanto quanto vale o seu precioso sangue, a insigne honra de seu nome, e o fulgor incomparavel de sua gloria.

«Mas a bondade e affecto, procedidas da divina essencia, serão revestidas de formosura soberana, e o homem tanto ha de admirar quanto amar Deus. Será parte não menos essencial da bemaventurança a contemplação da belleza absoluta.

«O homem, em toda a parte da terra, havia procurado aquella belleza absoluta, e não a encontrara. Bem sabia elle que a sua felicidade dependia de possuil-a; porém, com mui fadigosas penas, escassamente conseguira apossar-se d'algumas vagas imagens. E estas mesmas amára elle, como figurações do typo ideal e supremo. Quanto mais, na ordem material ou moral, se avisinhava d'aquelle modêlo a creatura, mais digna de suas adorações se lhe figurava. Em todas as épocas do mundo, os mais insignes espiritos intuitivamente saudaram aquella belleza absoluta.

«Principio e fim de todo amor e harmonia a proclamaram os philosophos que, primeiro, se fizeram apologistas do christianismo. Para ella se inclinou Platão, levado dos sublimados impulsos do alto engenho, clamando: Belleza não gerada nem perecivel, isenta de crescimento e diminuição, que não é sómente bella n'aquelle tempo, n'aquelle lugar, ou aos olhos de determinadas pessoas... Belleza incorporea, que não é nem idéa nem sciencia; mas sim absolutamente identica e invariavel por si e nas outras bellezas que participam d'ella!... Belleza eterna que será nossas eternas delicias, e nos levará a alma em extasis, e em transportes o coração, e nos será esplendor de verdade e justiça e unirá suas graças ás do amor inexhaurivel cujo adorno e paramento ella é!

«Santo Agostinho, no magnifico e ultimo dialogo com sua mãi, ao soar a derradeira hora d'ella, invocava a suprema belleza. Ambos em extasis no seio da divindade, diziam que em presença da vida divina dos eleitos, as voluptuosidades terreaes, levadas ao requinte de esplendor e delicias que a imaginação póde conceber, nada são, nem sequer merecem nome.

«Depois, sublimavam-se em vôos de ardentissimo amor á immudavel felicidade. «Deixando após si tudo que pertence a este mundo, o céo e seus fulgores, subiam, subiam sempre, celebrando e admirando vossas obras, Deus meu! Entraram ao mundo espiritual, atravessaram a região das almas, chegaram áquella bemaventurada e fecunda habitação, em que a verdade é alimento incorruptivel, de que se nutrem os eleitos eternamente, em que a vida é aquella sapiencia que fez e rege o passado, presente e futuro, sapiencia increada, sem começo nem acabamento, immutavel, simples e eterna. Oh! se existisse uma alma, impassivel ás commoções dos sentidos, surda aos rumores da terra, surda a todas as creaturas, sensivel sómente á voz do Senhor; se esta alma, adejando com impetuoso pensamento, chegasse á sabedoria suprema, e se engolfasse nos jubilos divinaes!... Comparemos a este instante de uma alma na vida terrestre os instantes todos, a eternidade, o infinito da vida celestial.» (De Puchesse).

FÉNELON (1651-1715). Aos quinze annos de idade era prégador. Foi encarregado pelo arcebispo de Pariz da instrucção das *novas catholicas* para as quaes escreveu o tratado da *Educação das meninas*. Foi preceptor do duque de Bourgonhe, neto de Luiz XIV, e promovido a arcebispo de Cambray em 1694. A santa sé condemnou-lhe a *Explicação das maximas dos santos*, livro atacado por Bossuet, como saturado do mysticismo de M.me Guyon. Submetteu-se Fénelon, confessando publicamente seus erros. Que exemplo de docilidade prestado por homem de tanta sabedoria e universalmente admirado! Escreveu o *Telemaco*, ficção engenhosa, onde se ensinam os deveres dos reis. Este livro, tão conhecido, devêra ser relido na versão de Francisco Manoel do Nascimento e do capitão Manoel de Sousa como exemplar de pureza da lingua. Luiz XIV, como visse n'aquelle poema, — se tal nome cabe a livro

em prosa—impugnou a impressão do livro, e lançou de sua graça o author. Fénelon retirou-se á sua diocese, e deu-se todo á felicidade do seu rebanho, á caridade e educação das crianças. Durante o rigoroso inverno de 1709 deu quanto tinha em soccorro do exercito francez, que acampára na sua diocese. Morreu este virtuoso sabio em 1715. Ao seu lado estava Ramsay que o visitára em Cambray, e por elle convertido á fé de Jesus Christo nunca mais se separára do seu bemfeitor.

FERMENTAÇÃO ALCOOLICA. É o movimento espontaneo em que entra qualquer materia organica resultante de diversas substancias d'aquelle em que se produziu a acção. Distinguem-se varias especies de fermentação: a *fermentação alcoolica* ou *vinosa*, na qual o mosto assucarado se torna espirituoso, desaggregando-se do acido carbonico; a *fermentação acida* em que o oxygenio do ar passa ao estado de gaz acido carbonico, levando o alcool de um licôr espirituoso a vinagre; a *fermentação putrida*, pela qual um corpo de origem vegetal ou animal, depois de haver atravessado diversas phases, se transforma por fim em agua e acido carbonico; e, se a materia é azotada, em outros muitos productos caracteristicos. A *fermentação panar* é a reunião das fermentações alcoolica e acida (veja PANIFICAÇÃO), e a dos queijos parece ser uma das phases da fermentação putrida.

FERREIRA (Antonio). Nasceu em Lisboa no anno de 1528, e morreu de peste na mesma cidade, em 1569, aos quarenta e um annos de idade, e já desembargador da casa da supplicação.

«... Portuguez verdadeiro, ardente amador da lingua, clamando a todos, pugnando contra todos os que não prezavam e aditavam o patrio idioma com as producções do engenho e das artes. O profundo conhecimento dos classicos gregos e latinos, o finissimo gosto que em seu estudo tinha adquirido, a felicidade com que sempre os imitou, a pureza da phrase, as riquezas com que adornou a lingua deram aos versos de Ferreira grande popularidade entre os litteratos e cortezãos (que, ao avesso de hoje, as letras viviam então quasi só na côrte) e fixaram determinadamente o genero classico entre nós.

«Cegou-se todavia o nosso bom Ferreira na imitação dos antigos; copiou-os, não os imitou: e d'ahi, enriquecendo a lingua, empobreceu a litteratura, porque a avesou a esse habito de copista; cancro que roe o espirito creador, alma e vida da poesia nacional. Tão cega foi esta imitação, que seus mesmos versos, aos quaes hoje ninguem defende da nota de asperos e duros (e muitos direi — errados) os fazia assim de proposito por querer usar das ellipses gregas e latinas, a que repugna a indole da nossa lingua, só toleraveis em certas vozes que na prosa mesma se pronunciam e escrevem no final com *m* ou sem elle. Este desagradavel defeito dos versos de Ferreira é principalmente sensivel nas dicções que teem final no que chamamos (mal ou bem) diphthongos nasaes de *ão*, e muito mais quando n'elle é o accento predominante da palavra.

«Os sonetos são frios e desengraçados; nas eclogas ha bellezas muitas, e mui grandes, mas espalhadas: nenhuma d'estas composições tomada per si póde merecer o nome de bella. Porém das odes, ha d'ellas que são puramente horacianas, e se lhes fallece a elevação (que não era esse o genio de Ferreira) sobeja-lhes a graça, a elegancia e adornada philosophia, que não agradam menos, nem de menos valor e merito são que os extasis pindaricos, ou os requebros anacreonticos. O que é sem duvida é que nas linguas vivas Ferreira foi o primeiro imitador feliz de Horacio, e o primeiro dos modernos que pulsou a lyra classica. Das epistolas, ha algumas que podem pleitear em concisão e fino dizer com as boas do lyrico romano. Quanto á pureza da moral, ao nobre patriotismo, áquelle generoso sen-

timento da honrada liberdade de nossos avós, áquelle enthusiasmo da virtude; esse respira, mostra-se e resplandece em todas as suas obras.

«Mas a verdadeira gloria de Ferreira é a Castro, producção admiravel per si mesma, pelo tempo em que a escreveu, por todos os lados por que se considere. Não é ainda liquido entre os philologos se era possivel o ter visto Ferreira a Sophonisba de Trissino, que mui poucos annos antes da Castro appareceu: mas é sem a minima questão reconhecida a superioridade da tragedia portugueza á italiana: pasma como sem vêr um theatro, sem mais exemplares que os gregos e latinos, podesse Ferreira tratar tão delicadamente um tal assumpto em um genero desconhecido da antiguidade. É notavel a primeira scena da Castro, a scena d'el-rei e dos conselheiros no acto II, a do acto III, em que o côro traz a Castro as novas de sua cruel sentença, onde aquella pergunta de Ignez: «É morto o meu senhor, o meu infante?» rasgo de sublime, porém de um sublime todo sensibilidade, ao qual nem o *qu'il mourût* de Corneille póde comparar-se; e finalmente os coros, que sem paixão são superiores a todos os exemplares da antiguidade, e não teem que invejar aos tão gabados da Athalia. Não dou a Castro por uma tragedia perfeita: ainda em relação ao seu tempo e aos conhecimentos da scena d'então tem ella defeitos: não haver uma scena em que se encontrem Pedro e Ignez, não haver algum esforço do infante para lhe valer, deixam a peça muito nua de acção, e lhe entibiam o interesse. A versificação (que todavia é de preferir aos versos sesquipedaes e limpados com que hoje está pervertida a scena portugueza) pécca geralmente por dura; mas essa mesma é por vezes bella; e para bons entendedores muito ha alli que estudar; e oxalá que os nossos dramaticos lêssem e relessem bem a Castro, e aprendessem alli, pelo menos, naturalidade e verdade de expressão, que tanto lhes fallecem.» (Garrett).

FERREIRA BORGES (José). Nasceu na cidade do Porto a 6 de junho de 1786. Matriculou-se no curso juridico em 1801, e seguiu depois a faculdade de canones. Em 1808 abriu escriptorio de advocacia na sua terra natal, dedicando-se especialmente ao direito commercial, conciliando a aridez da jurisprudencia com os dotes não vulgares da poesia, que ao diante sacrificou a mais solidos e productivos estudos. O invasor francez Soult nomeou-o em 1809 auditor da secção do interior junto ao ordenador em chefe do exercito. Aceitou Ferreira Borges o encargo com o fim de o exercer em beneficio da patria, e logo o demonstrou salvando da espoliação o cofre do deposito publico com 250:000$000 reis. Este honroso feito lhe valeu a consideração do povo nos subsequentes tumultos em que padeceram muitos dos que haviam servido os invasores. Foi nomeado advogado da relação do Porto em 1811, e secretario da junta da companhia dos vinhos do Alto Douro em 1818. N'esta posição honrosa e lucrativa o encontraram as idéas proclamadas em 1820, ou, mais exactamente, foi elle um dos mais strenuos propulsores d'aquellas idéas, trabalhando na implantação da liberdade com ardor de proselyto e inteiro desapêgo de interesses, e da propria vida. O grito soou na cidade do Porto em 24 de agosto de 1820. Os negocios mais difficeis d'aquella irrequieta administração correram por conta de José Ferreira Borges, que era o secretario do governo.

Em 1821 foi eleito deputado, havendo já sido, com José da Silva Carvalho, ajudante do ministro do reino e fazenda Manoel Fernandes Thomaz.

Como deputado, brilhou na plana dos mais distinctos, em questões que a opportunidade suggeriu tempestuosas. A sua votação era a mais avançada em liberalismo. A legislação foi quasi toda elaborada pelas poderosas faculdades de tão illuminado espirito, bem que já então a doença a miudo lhe alquebrasse as forças, sem lhe debilitar a energia moral. Foi reeleito

deputado em 1822, e escolhido pelo soberano para conselheiro de estado em 1823. Restaurado o governo absoluto, Ferreira Borges emigrou para Inglaterra, onde se dedicou aos seus planeados trabalhos de um codigo commercial portuguez, folheando tudo o que as nações mais cultas haviam legislado sobre materia quasi nova em Portugal. Ao fim de tres annos, publicou em Londres as *Instituições de direito cambial portuguez*, e umas *Dissertações juridicas*, afóra as 63 cartas constantes do *Correio interceptado* que são a analyse por vezes jocosa dos actos do governo portuguez. Repatriado em 1827, mostrou-se inteiramente despreoccupado de cargos publicos, entendendo sómente nos interesses forenses. Mallogrou-se-lhe o honrado proposito com os factos occorridos em 1828. Em junho d'este anno escondeu-se a bordo de uma fragata franceza, e d'esta passou a outras, e dirigiu a contra-revolução que não chegou a manifestar-se. Voltou para Inglaterra, protegido pelos liberaes recursos de um seu irmão, que assim lhe deu treguas ao espirito para poder, livre das mortificações da pobreza, trabalhar no exilio, em escriptos tanto de sua paixão e competencia.

No discurso de quatro annos, que viveu em Londres, publicou a *Jurisprudencia do contracto mercantil*, a *Synopis juridica de contrato de cambio maritimo*, e o *Commentario sobre a legislação portugueza ácerca de avarias*, os *Principios de syntelologia*, e as *Instituições de medicina forense*, não fallando em varios escriptos politicos de occasião, e outras obras de grande vulto que trouxe manuscriptas para a patria, as quaes depois se publicaram posthumas.

Nas assiduas lucubrações do *Codigo commercial*, feitas de noite e sem os necessarios intervallos de repouso, José Ferreira Borges foi perdendo progressivamente a vista, a ponto de não poder trabalhar. O *Codigo* estava completo. Em 1833 foi convertido em lei vigente, e seu author foi galardoado com a suprema magistratura de commercio, e com a presidencia do tribunal commercial de segunda instancia.

O snr. Innocencio Francisco da Silva, em tres optimos artigos biographicos de José Ferreira Borges, impressos no tomo II do *Archivo Pittoresco*, chegado ao ponto em que deixamos os nossos apontamentos, continua assim o remate da vida d'este illustre filho do Porto:

«Os seus compatriotas portuenses lhe deram tambem por este tempo testemunhos relevantes de consideração e estima, conseguindo até que, em obsequio ao illustre magistrado, se denominasse rua de Ferreira Borges a que se abriu de novo, para desaffrontar o edificio do convento incendiado de S. Francisco, onde foram estabelecidos o tribunal e praça do commercio, e mais dependencias annexas, facilitando a immediata communicação com a cidade baixa.

«Porém, desgraçadamente para elle, a vista que, como acima se disse, começára a faltar-lhe nos ultimos annos, ia-se-lhe extinguindo gradualmente de dia para dia. Exhaustos sem fructo os recursos e esforços da arte, com que amigos sinceros e dedicados fizeram todo o possivel para conservar-lhe alguma porção d'aquelle precioso sentido, veio a perdel-o de todo, e sem esperança de remedio, em meiado de 1835. Esta perda o tornava inconsolavel, privando-o do exercicio habitual, contrahido durante longos annos, de empregar a maior parte do tempo na leitura e na escripta. Subia a tal ponto a insoffrivel impressão causada pelo seu estado, que a miudo o viam cahido em accessos deploraveis de profunda exasperação e monomania; e ainda quando estes apparentemente cessavam, ficando como que restituido á sua situação normal, nem por isso deixava de manifestar nos gestos e nas impressões o pesar insupportavel, que lhe amargurava a existencia.

«Para não succumbir de todo, servia-se dos seus familiares e amigos, aos quaes fazia lêr diariamente as obras de novo publicadas, e as que

enchiam as estantes da sua numerosa e bem provida bibliotheca. Aqui lhe valia por muito a propria reminiscencia, que era tal que, havendo mister consultar algum author, elle não só indicava o sitio preciso da estante onde devia achar-se o livro, mas até ás vezes a pagina onde cumpria procurar a materia sujeita.

«Continuava todavia no exercicio de suas funcções publicas, sem que deixasse d'entreter activa e permanente correspondencia, já com o governo, já com os tribunaes a seu cargo; dictando com prompta expedição officios, representações, projectos, e outros papeis de cunho official; e ainda materia para publicações litterarias; pois foi n'esse anno de 1835, e no estado em que o pintamos, que dictou e coordenou a obra que imprimiu no Porto, com o titulo: *Das fontes, especialidade e excellencia da administração commercial, segundo o Codigo*.

«O governo, tendo em consideração os seus valiosos serviços, não só lhe concedeu, por decreto de 7 de julho do dito anno, as honras de conselheiro de estado, mas permittiu-lhe, em portaria de 16 de setembro, em attenção ao seu estado, que nas correspondencias officiaes de qualquer natureza assignasse tão sómente o seu appellido.

«Assim proseguia com zêlo e actividade, tal como suas forças o comportavam, no intricado expediente dos negocios, cuja superintendencia lhe estava commettida, quando a imprevista revolução de 9 de setembro de 1836 veio alterar repentinamente as instituições fundamentaes da monarchia, substituindo á carta de 1826 a constituição de 23 de setembro de 1822, e proclamando a convocação de côrtes constituintes para a modificarem.

«José Ferreira Borges acabava de ser eleito pelo Porto deputado á camara, que por aquelle facto não chegou a reunir-se. As suas idéas e doutrinas politicas haviam sido em parte transformadas com a experiencia e volver dos annos, e eram então mui diversas das que sustentára n'outro tempo. Já na carta 49.ª das que formam a collecção intitulada *Correio interceptado*, datada do 1.º de junho de 1826, dera elle a conhecer o muito que o descontentavam certas disposições organicas da constituição de 1822; e assim, em vez de applaudir e saudar a reapparição d'esse codigo, cuja feitura lhe devêra tão assignalado e grandioso contingente, considerou a nova adopção d'aquelle pacto como um successo funesto, marcado com o cunho da illegalidade, e digno de severa reprovação. Entendeu que era incompativel *com a sua honra, com os seus conhecimentos, e com o seu nunca desmentido caracter* prestar o juramento que de todos os funccionarios publicos se exigia á nova constituição do estado; e julgou-se por conseguinte forçado a resignar nas mãos de sua magestade a rainha os logares de magistrado supremo do commercio, e presidente do tribunal commercial de segunda instancia. N'este sentido, pois, dictou a *Representação* datada de 16 de setembro, a que deu publicidade por meio da imprensa: n'ella insistia nas razões do seu procedimento, e nos motivos que o impelliam áquelle passo. Não se demorou a solução d'este negocio: e por decreto de 19 do referido mez, referendado pelo ministro das justiças Vieira de Castro, foi-lhe dada a exoneração que pedira.

«A este golpe (já de si bem doloroso, pois além de patentear o injusto despreso em que eram tidos os seus longos e trabalhosos serviços, cerceava-lhe os meios de subsistencia, a ponto de tornal-o outra vez dependente das liberalidades de um irmão, prompto sempre a soccorrel-o) seguiu-se com breve intervallo outro, não menos pungente, e que muito concorreu para exacerbar a sua lastimosa situação. Pelo decreto de 30 do dito mez ouviu que a sua obra estava desmanchada, e desorganisado o systema de administração commercial, tal qual elle o concebera e fundára!

«Reduzido ao estado de simples

particular, sem bens e sem fortuna propria, padecendo violentos e repetidos ataques nervosos, e lastimando cada vez mais a perda da vista, que em semelhante conjunctura se lhe tornava ainda mais sensivel, Ferreira Borges só entrevia esperanças de salvamento para si e para a patria na destituição de um governo que, no seu entender, conduzia sem remedio a nau do estado a sepultar-se rapidamente nas voragens da anarchia. Bem longe de o julgarmos estranho ás combinações e esforços empregados pelo partido cartista para restabelecer de novo as instituições abrogadas em 9 de setembro, póde-se affirmar com certeza que elle concorreu directa e activamente com a sua influencia pessoal, com o seu conselho, e com a sua penna para a realisação dos planos que produziram a tentativa reaccionaria começada na Ponte da Barca em 12 de julho de 1837, e terminada em outubro do mesmo anno pela convenção de Ruivães.

«O inopinado desfecho d'este ensaio lançou por então os vencidos em total desalento e consternação, tirando-lhes até a possibilidade de provarem novamente as suas forças: e Ferreira Borges, que sentia a propria saude cada dia mais arruinada, participando da desanimação geral, resolveu-se em fim a sahir de Lisboa, e ir procurar na casa do seu nascimento um socego e conforto, que n'outra parte mal podia esperar.

«Eil-o, pois, entrado no Porto em 2 de dezembro de 1837; porém em que estado? sem vista, arruinado de saude, victima dos terriveis insultos nervosos, que de dias em dias o flagellavam; e tendo por unico lenitivo nos intervallos de descanço que a molestia lhe deixava, o de entreter-se com as pessoas que lhe eram mais conjunctas por vinculos de parentesco ou de amizade, ora escutando a leitura de alguns livros que escolhia, ora em familiar conversação, commemorando com saudosa reminiscencia os successos do seu tempo, ou discorrendo sobre as letras e sciencias, em que era tão profundamente versado.

«A final as côrtes constituintes, tendo concluido a constituição, e achando-se em vesperas de seu encerramento, lembraram-se de pagar uma divida nacional, e quizeram pôr o sêllo aos seus trabalhos com um acto espontaneo de justiça. Sobre proposta do snr. Passos (Manoel) assignada por elle e por mais quarenta e oito deputados, apresentada e declarada urgente na sessão de 3 de abril de 1838, o congresso decretou para o author do *Codigo commercial* a pensão de 800$000 reis em quanto vivo fosse. Mesquinha recompensa na verdade, se se compára á grandeza do serviço; mas não tanto, se se attende ao espirito de economia que se desenvolvera n'aquelle periodo, e á escacez dos recursos do thesouro. Esta pensão foi depois, segundo creio, continuada no todo, ou em parte, á viuva do agraciado.

«Ferreira Borges pouco tempo a desfructou. Victima dos seus padecimentos, falleceu aos 14 de novembro de 1838, e baixou ao sepulchro sem fitas nem condecorações!

«A inveja e a rivalidade, mais de uma vez conjuradas em seu damno durante a vida, e que talvez concorreram, e não pouco, para amargurar-lhe a ultima quadra dos seus dias angustiados, devem ter já cedido o campo a affectos mais nobres; e depostos que sejam os odios e divergencias politicas, a posteridade fará sem duvida ao seu nome a justiça devida, collocando-o entre os dos varões benemeritos, que honraram o seu paiz e a humanidade, e adquiriram direito á gratidão e estima das gerações futuras.»

FERRO. Á medida que a civilisação se desenvolveu, foi augmentando o emprego do ferro. Hoje, o ferro parece submetter-se a todas as necessidades do homem. As rapidas locomotivas, as vias faceis que as machinas percorrem com a velocidade do vento, os edificios ligeiros e duradouros, as pontes pensis, e muitissimas outras obras engenhosas só podem realisar-se com este metal, incon-

testavelmente o mais precioso, posto que lhe não hajamos consagrado aquelle epitheto. — «O ferro, disse o celebre Hauy, tal qual a natureza o produz em copia immensa, é muito diverso d'esse que nos é familiar.» — Em verdade, o ferro, producto da natureza, é quasi no todo uma massa terrea, suja e impura; e ainda o que se nos mostra nas minas com brilho metallico, está longe de ter as qualidades que exigem os multiplicados serviços em que o empregamos. O homem só necessita de acendrar o ouro; mas, quanto ao ferro, por assim dizer, é-lhe mister creal-o. O ferro, exceptuado o estanho, é o mais leve dos metaes. O seu peso especifico é 7,788. Tem muitissima dureza; e, no estado do aço temperado, excede todos os metaes em rigidez. Ferindo com elle uma pederneira produz chispas que procedem da combustão subita das particulas d'este metal despegadas pelo choque. É tamanha sua tenacidade que um fio de ferro de dous milimetros de diametro póde supportar, sem quebrar, um peso de 250 kilog. É tão ductil, que póde reduzir-se a delgadas laminas, sob o martello, e puxado á fieira dá fios como cabellos. É difficilimo de fundir; porém, mediante o calor, recebe todas as fórmas imaginaveis e presta-se a muitissimos usos. É o mais importante metal pelos serviços que nos presta, e é tão bello como util, pelo brilhante polimento de que é capaz.

FETO. (Veja ACOTYLEDONEAS).

FEUDALIDADE. «O reino de Portugal fôra dado em dote da filha de D. Affonso VI ao conde D. Henrique: devera passar pois a elle, e seus descendentes com todos os usos, costumes, e fórma de governo, que tivera em quanto fôra annexo ao reino de Leão, e Castella. Assim que, o governo feudal, estabelecido pelos godos nas Hespanhas, e nas Gallias, existiu em Portugal desde os primeiros tempos da fundação da monarchia.

«Os primeiros reis portuguezes dividiam pelos nobres, e soldados as terras allodiaes conquistadas aos mouros, como fez D. Affonso Henriques no campo de Valiada quando conquistára Lisboa em 1148. Costumavam tambem depois fazer doações de territorios, villas, ou cidades em premio de serviços militares, ou por motivos de affeição, e parentesco. Nem sómente aos nobres as fizeram, mas tambem a mosteiros, cathedraes, e ordens militares, como por ventura aos cavalleiros templarios, aos de Aviz, e S. Thiago. A estas doações pois poderemos chamar *beneficios*, ou *feudos*.

«Pela divisão das terras allodiaes conquistadas passavam os moradores d'ellas a escravos incumbidos de certos ministerios do senhor, ou donatario: e d'este poder heril teve origem a jurisdicção patrimonial. Os senhores foram como uns soberanos d'estes pequenos estados: davam foraes, e leis aos seus aldeãos, e villãos (*villani*): taxavam a quantidade de fructos, e a qualidade de serviços, que lhes deveriam prestar: nomeavam juizes, e tribunaes, e arbitravam penas: e d'aqui nasceu a *escravidão da terra* (servitus glebæ). Davam estes senhores, ou donatarios tambem terras em feudos aos plebeus, ou peões; e a estes beneficios poderemos chamar *feudos de senhores*, ou *sub-feudos*.

«Os reis transmittiam quasi todos os direitos da soberania n'estas doações aos nobres, e fidalgos, taes como o direito das armas (*jus armorum*), e o de legislar: d'onde os donatarios se chamaram — *senhores de baraço e cutello — senhores de pendão, e caldeira*. Todavia reservaram tres attributos da soberania por muitas vezes disputados: 1.º *as confirmações*; 2.º *as collectas*, ou *colheitas*; 3.º *os aggravos*.

«Os moradores do districto, villa, ou cidade, que passavam ao dominio do senhor n'estes beneficios, doações, ou feudos, gozavam de privilegios anteriores, ou posteriores aos feudos. Os senhores eram os *vassallos*

directos do rei: os moradores em herdades, ou testamentos, os *vassallos dos senhores.* Nem pela mor parte ficavam isentos de tributos reaes, mas eram obrigados a pagal-os ao donatario.

«Os primeiros vestigios, que existem em Portugal, dos *beneficios*, ou *feudos*, são desde o principio da monarchia. Da mesma época datam os vestigios dos *feudos de senhores*, ou *subfeudos*, quaes são os foraes dados pelos grandes, ou fidalgos, pelos bispos, prelados, e grão-mestres das ordens, como por ventura os foraes de Thomar, Pombal, e Zezere em tempo de D. Affonso Henriques.

«Estas doações, beneficios, ou fundos, se chamaram nos primeiros tempos da nossa monarchia, como em tempo da dos reis das Asturias, Leão, e Castella — *solar, couto, honra, reguengo, behetria* —, e tiveram as mesmas accepções.

«Os primeiros monumentos dos *foraes de honras* em Portugal datam de 1119 no de Soure; os de *couto*, de 1176 no de Pombal; os de *behétrias* de 1277 no convento de Lorvão.

«As *honras* foram restringidas por D. Diniz em 1328: os novos *coutos* foram prohibidos nas côrtes de Santarem em 1369; e totalmente abolidos em 1692: as *behetrias* ficaram em desuso desde o tempo de D. João III em 1550, e foram de todo abolidas em 1564.

«*O tomamento de senhorio* era vitalicio, e por eleição, que o rei confirmava até 1430, e d'ahi em diante foi hereditario. Pela morte de D. Fernando II, duque de Bragança, em 1483 tornou a ser vitalicio: e em 1491, hereditario, em D. Jorge, duque de Coimbra. Depois que este morrêra, D. João III assumiu todos os poderes, e regalias, e annexou á corôa o senhorio das honras, coutos, e behetrias.

«Foram tres as divisões de pessoas nos primeiros seculos da monarchia: 1.ª grandes, nobres, ou *fidalgos;* 2.ª plebeus, ou peões; 3.ª vassallos, ou escravos. Estas tres ordens se subdividiam em differentes especies, segundo o maior, ou menor grau de fidalguia, e segundo a qualidade de serviços pessoaes, ou ruraes, que os plebeus, ou peões, vassallos, ou escravos deviam prestar aos donatarios, ou senhores.

«Assim o governo feudal progrediu desde os primeiros tempos da monarchia, adoptado dos godos, dos quaes tiveram origem. Os nobres, ou donatarios, que possuiam direitos soberanos em seus dominios, muitas vezes se rebellaram contra o rei, ou fizeram guerra a outros senhores: e além dos males, que o feudalismo de per si acarretava, os povos eram constrangidos a curvarem-se aos caprichos, e prepotencia dos nobres.

«No reinado de D. Sancho I, D. Pedro Rodrigues fez guerra civil a seu primo Pedro Mendes de Poiares. As infantas irmãs de D. Affonso II, pretenderam rebellar-se, e negar ao rei vassallagem de suas terras, e castellos. Os nobres, e o clero, depozeram a D. Sancho II. Em tempos de D. Affonso III houve a guerra civil de Pedro Esteves, e Fernando Affonso. Bem notorias são as guerras civis de D. Affonso IV com seu pai D. Diniz, e as de D. Pedro I com seu pai D. Affonso IV.

«Donatarios houve, que além de legislarem para seus vassallos, expressamente lhes prohibiam o reconhecer o poder do rei, ou levar-lhe aggravos. O clero tambem foi poderoso, turbulento, e descomedido, pelas grandes doações dos reis, e por suas maximas ultramontanas. Elles sós possuiam a instrucção, qualquer que houvera n'esses tempos, e desde o seculo VII foram os encarregados de ensinar aos povos nos mosteiros, e cathedraes.

«Assim que, os direitos, e regalias do throno estavam partilhados, e enfraquecidos: cada fidalgo, ou donatario se reputava um regulo com pequenos estados, e a clerezia se convertera em potentado. Faltava pois um centro, para o qual convergissem todas as forças do estado: e era impossivel perdurar um tão monstruoso systema de governo. Foi mister que os reis coarctassem o senhorio dos

donatarios, ou logo que conheceram os males, que d'elle provinham, ou quando as oppressões, e rebelliões dos nobres os provocaram.

«D. Affonso II foi o primeiro rei, que abateu o poderio dos grandes, e restringiu o senhorio dos feudos. Promulgou leis, que aboliram certos tributos, que os senhores de terras levavam aos povos, como os de *comestivel, e aliaras.*

«D. Sancho II, indolente, e vicioso se deixou predominar dos nobres, e ecclesiasticos, que o depozeram por sentença do papa.

«D. Affonso III prohibiu que os senhores de terras fizessem aos povos pedidos de pão, ou colheitas, e que nem elles, nem seus mordomos pousassem em terras de vassallos, em mosteiros, e igrejas. Mas um dos maiores golpes, que este rei deu no poder dos donatarios, foi o de enviar juizes seus (*juizes de fóra*) aos territorios, em que os eleitos pelos povos, e donatarios não administravam bem justiça.

«D. Diniz, rei sabio e justo, aboliu muitos privilegios, usos e costumes oppressivos dos condes, ricos homens, e infanções. Mandou que os cavalleiros, que os ricos homens faziam, não fossem livres do serviço.

«D. Affonso IV deu maiores poderes aos juizes por elles nomeados : prohibiu que os ricos homens trouxessem comsigo degradados, e malfeitores: e definiu a jurisdicção dos donatarios no edicto geral.

«D. Pedro I não foi menos zeloso dos direitos do throno : a sua demasiada severidade foi certamente proficua no cohibir o orgulho, e poderio dos nobres.

«D. Fernando nas côrtes de Atouguia em 1375 regulou como os donatarios usariam de suas jurisdicções: e promulgou leis que punissem as malfeitorias, que os fidalgos, e potentados commettessem com armas.

«D. João I, D. Duarte, e D. Affonso V cortaram quasi pela raiz os privilegios, e regalias dos donatarios : as suas reformas se estenderam até aos membros da familia real.

«Veio finalmente o reinado de D. João II. Este rei severo, e justiceiro abateu o poderio dos nobres, que chegára ao ultimo auge. As rebelliões fomentadas por elles exarcerbaram o seu caracter sombrio, e demasiadamente zeloso da segurança, e independencia do throno: e para cohibil-as julgou mister não só fazer decapitar a alguns dos nobres pela rigida execução das leis, mas tambem manchar as proprias mãos no sangue dos membros da familia real. Taes meios serão sempre execrandos, mas os fins louvaveis.

«Todavia tirou aos donatarios a jurisdicção criminal: enviou ministros seus a devassar pelas terras dos senhores: e desde então elles lhe prestaram bem differente homenagem. Assim que, a época da decadencia dos feudos, ou da suppressão da parte d'elles a mais oppressiva, póde assignar-se n'este reinado.

«Seguiu-se uma paz dilatada no reinado de D. Manoel. A nação se deu a expedições maritimas, e ao gosto dos descobrimentos, o exercito se organisou por novo systema, e ficou dependente das ordens immediatas do rei: o commercio, e a cultura das sciencias, e das letras adoçaram os costumes rudes dos seculos primeiros: e a escravidão da terra (*servitus glebœ*) quasi totalmente se sumiu. Conheceu-se que o systema feudal nascera de seculos remotos, e que n'elles fôra talvez proficuo pelo estado de guerras continuadas: mas que depois que se recobrára dos arabes o reino, elle sómente era de ruina, e oppressão do estado, e dos povos.

«Mas ainda subsistiram vestigios do feudalismo, como por ventura a instituição dos *morgados*, e os *direitos banaes. Os allodiaes, feudos,* ou *beneficios* da corôa se converteram pelo tempo em hereditarios, e a elles se unira o direito de linhagem, ou de successão. Este teve origem na barbara lei de familia dos godos, ou *lei da aroenga*, reconhecida, e promulgada por D. Affonso II, e abolida depois por D. Affonso V. Este direito de linhagem, ou de successão em

bens inalienaveis, e indivisiveis por um membro o mais velho da familia, a que se deu o titulo de *morgado*, se reconheceu em Portugal desde o tempo de D. Diniz em 1300.

«Assim que, logo que os feudos, ou beneficios da corôa, á mor parte dos quaes se annexára o direito da *lei da avoenga*, foram destituidos do *senhorio*, subsistiram os *morgados* com todos os laivos do feudalismo em detrimento dos de mais membros da familia — direito brutal, e que sob diversos nomes se propagou, e existe em quasi toda a Europa (1832).

«Conservou-se pois nos *allodiaes* o pleno direito de propriedade; nos *morgados* o direito de inalienaveis; nas *emphyteusis* um direito medio.

«Além d'isto, é ainda um vestigio do feudalismo a nomeação de magistrados por alguns donatarios da familia real, nobres, e ecclesiasticos, mas que era todavia confirmada pelo rei. Tal é a nomeação dos corregedores feita: 1.º pela *casa da rainha* em Alemquer, Faro, e Mira; 2.º pela *casa de Bragança* em Barcellos, Bragança, Ourem, e Villa-Viçosa; 3.º pela *casa do infantado* em nove cidades; 4.º pelo *duque de Cadaval* em Tentugal, Nodar, e Barrancos; 5.º pelo *geral dos Bernardos* em Alcobaça; 6.º pelo *bispo conde*, reitor de Coimbra, em Arganil.

«Além da nomeação de *corregedores*, ha tambem a de *juizes de fóra*, que não deriva menos do systema feudal; 1.º oito pela casa da rainha: 2.º vinte e um pela casa de Bragança; 3.º dezoito pela casa do infantado.

«A constituição de 1821 aboliu a mor parte d'estes vestigios do feudalismo.»

FEUDO. (Veja FEUDALIDADE).

FEVEREIRO. «A temperatura n'este mez é d'ordinario muito irregular. A vegetação n'alguns pontos é já vigorosa.

«*Jardins*. Limpam-se, e aparam-se os arbustos, enxertam-se roseiras, fazem-se viveiros d'estacas, plantam-se goivos, transplantam-se e alporcam-se craveiros, mettem-se na terra raizes e cebolas de flôres, semeiam-se verbenas, sensitivas, goivos e dhalias, balsaminas, cruz-de-malta, campánulas, perpetuas, cravos, cravinas, mangericões, amores perfeitos, melindres, saudades, aráras, valverdes, esporas, boas-noites, anemonas, nevada, e vergamota.

«*Hortas e Campos*. Continua-se os amanhos da terra para as plantações da primavera.

«Semeiam-se rabanos, rabanetes, cenoura, chicorea, alface, azedas, acelgas, espinafres, coêntros, ervilhas, beringelas, pimpinella, salsa, segurelha, tomates, pepinos, abobora, repolho, cebolinho, cebolas, mostarda, alhos, fava, grão de bico, melões. Colhem-se as couves murcianas, que foram semeadas em outubro. Planta-se alface e chicorea, semeada em janeiro. Planta-se tambem couve portugueza e couve-flôr, brocolos. Semeia-se trigo, cevada e aveia. Lavra-se a terra para prado d'azevem, e grada-se a luzerna antiga, se começar a rebentar. Tanto n'este mez, como no anterior deve haver cautela em desaguar bem os prados; mas se succeder gelar a agua em algum sitio, combate-se o gêlo por meio de uma rega.

«*Pomares, Vinhas*, e *Florestas*. Podam-se os damasqueiros, pecegueiros, cerejeiras e mais arvores de caroço. Enxertam-se as arvores de fructa. Plantam-se fructeiras de pevide. Continua a póda das vinhas; fazem-se enxertos e mergulhías das mesmas. — Continua a limpeza das arvores, e córte de madeiras. — Plantam-se loureiros, cyprestes, alamos, freixos, e choupos.»

FIBRINA. (Veja NEUTROS).

FIGUEIREDO (Pedro José de). 1762-1826. Nasceu e morreu em Lisboa. Foi versadissimo em historia, philologia e bibliographia. Exerceu distinctas commissões litterarias, publicou alguns livros dignos de memoria, deixou outros ineditos, entre es-

tes um *Diccionario da lingua portugueza* em que trabalhára por espaço de quarenta annos, havendo já n'este ramo collaborado na 3.ª edição do *Diccionario* de Antonio de Moraes e Silva, com o acrescentamento de entre cinco a seis mil vocabulos. Morreu, segundo dizem tristemente os seus biographos, recebendo esmolas com vergonhoso resguardo para talvez não envergonhar a patria que assim deixou acabar um dos seus mais applicados homens de letras. Um dos seus biographos ajuiza assim do merecimento de Pedro José de Figueiredo:

«Terminarei com o juizo que ácerca de tão laborioso e benemerito philologo, se lê em uma das biographias já indicadas no decurso do presente artigo:

«O que constitue dignos de maior apreço os escriptos d'este sabio, são: uma critica judiciosa, um estylo claro e conciso, pureza de linguagem, a que tão deveras se applicou, bebendo nos nossos classicos copia de phrases, abundancia de vocabulos, propriedade de termos, e todas as bellezas de que tanto abunda a nossa linguagem, hoje por alguns tão indignamente estropeada. Se os escriptos devem ser estimados pela pureza, correcção e elegancia, estas prendas brilham nas producções litterarias de Figueiredo. A singeleza do seu caracter, e a innocencia de costumes andavam unidos a uma singular modestia. Sua subsistencia foi sempre parca e mesquinha, e seus serviços e merecimentos nenhum galardão obtiveram. Defeito este que a posteridade condemna e reprova nos passados, sem que de ordinario o emende nos presentes.»

FIGURA. 1. Na infancia das linguas, os homens eram obrigados, para se entenderem, a reunir á linguagem do gesto e das imagens sensiveis os sons do seu idioma imperfeito: d'ahi a linguagem precisamente *figurada*. Provar-se-hia que a origem das *figuras* é natural, com o camponez, homem da mais ignara sociedade, que mal abre a bocca sem exercitar o estylo figurado. Um dirá: a minha casa é *triste*; o outro: este campo é *alegre*. E cada qual fará uma figura sem dar tento d'isso.—Muitas vezes, se se quer menoscabar uma composição oratoria, diz-se que não passa de um arranjo de *figuras rhetoricas*. E, no entanto, taes figuras são os principaes ornatos da arte de escrever e fallar; creou-as só de per si a natureza. A *rhetorica* (veja esta palavra) deu-lhes os nomes, para que mais de prompto entre si se distinguissem. E a arte, imitadora fiel da natureza, apoderou-se d'ellas como de valioso subsidio para imprimir vigor e vivacidade na expressão do sentimento e da idéa. Sem o auxilio das *figuras* que seriam a eloquencia e a poesia? Que ficaria da *Biblia*, dos poemas de Homero e Virgilio, dos discursos de Demosthenes e Cicero se os desadornassemos das *figuras?* São as figuras parte essencial da *elocução* (veja esta palavra); servem ellas não só de enfeite ao pensamento; senão que lhe dão vulto, movimento e vida.—Distinguem-se *figuras de palavras* e *figuras de pensamentos*. As primeiras são muitissimas; umas dizem respeito á construcção da *phrase*, como *ellipse*, *pleonasmo*, *syllepse*; as outras, chamadas *tropos*, alteram o senso primordial da palavra, como a *metaphora*, *metonymia*, *allegoria*, *allusão*, *ironia*, *onomatopéa*. Figuras de pensamento são as que consistem no ideal, no sentimento, na feição do espirito, sem dependencia das vozes que as exprimem. Taes são a *antithese*, *apostrophe*, *prosopopéa*, *exclamação*, *interrogação*, *suspensão*, *enumeração*, que representam fielmente os movimentos do espirito de quem escreve ou falla.

2. Marmontel, nos seus *Elementos de litteratura*, querendo dar a perceber quanto a linguagem natural é figurada, até em gente que de todo ignora o que seja *figura* de estylo, imagina um homem da plebe enraivado contra a mulher, e o faz dizer as seguintes palavras: «Se eu digo sim, ella diz não. Noite e dia, de manhã e de tarde sarrazina sempre (*antithese*).

Não me deixa, nunca, nunca respirar (*repetição*). É uma furia, um demonio! (*hyperbole*) Mas, ó desgraçado! (*apostrophe*) que te fiz eu? (*interrogação*). O céo! que parvo eu fui em casar com ella! (*exclamação*). Antes eu me botára a afogar! (*optação*). Não te lanço em rosto nem o que me custas nem o trabalho que me dás com os teus gastos (*preterição*); mas peço-te, conjuro-te que me deixes trabalhar em paz (*obsecração*), ou então acabo commigo; mas treme de me apurar a paciencia... (*imprecação e reticencia*). Ella chora! Ah! que pombinha aquella! Eu sou um mau homem ..(*ironia*). Pois vá que seja assim. É verdade, tenho mau genio, irrito-me de mais (*concessão*). Oxalá que houvesses sido feia! Tenho dado ao berzabu esses olhos maganões, essa carinha traiçoeira que me enfeitiçou! (*asteismo* ou *louvor e censura*). Mas dize-me cá, se não seria melhor levar-me por brandura? (*communicação*) etc. Marmontel prosegue n'esta averiguação até á prosopopêa, sem que d'essa extensa analyse nos provenha mais utilidade do que a certeza de que as figuras são de si tão naturaes que ha e houve oradores distinctos que apenas folhearam regras de rhetorica nos bancos escolares, d'onde sahiram já esquecidos d'ellas.

3. Entretanto, prestemos mais detida attenção á figura mais geral, variada e formosa entre todas: a metaphora. Já o nome de si anda tão usado, que pouca é a sua gravidade escolastica. Todavia, a definição que se lhe dá é bastante abstracta; porém, como todas as definições, os exemplos ajudam a esclarecêl-a. Podemos definir a metaphora uma figura pela qual mudamos a significação propria de uma palavra em outra significação que só lhe convém em virtude da comparação que formamos em nosso espirito. Pelo que, se dizemos que a mentira veste o trajo da verdade, a palavra *trajo* não está no seu sentido proprio, porque tanto a mentira como a verdade não tem trajo. Aqui *trajo* tanto sôa como *exterioridade;* mas o espirito combina as relações existentes entre trajo e exterioridade e assim nos sahe clara a figura.

«A metaphora, diz avisadamente Quintiliano, permitte que tudo com ella possamos exprimir. Porém, Quintiliano, Dumarsais ou qualquer rhetorico, que eu saiba, nenhum logrou ascender á verdadeira origem da metaphora, que me parece facil cousa de investigar. A metaphora passa quasi sempre de moral ao physico, porque, procedendo as idéas originalmente dos sentidos, somos movidos a tornar nossas percepções intellectuaes mais sensiveis em suas relações com os objectos physicos, d'onde procede que as metaphoras quasi todas são imagens, especies de similes e comparações. Quando digo a respeito de um homem irado: «é como o leão» uso um simile, exprimo a semelhança geral entre o homem colerico e um leão, etc.» (La Harpe).

FIGURAS DO ANTIGO TESTAMENTO. 1. *Adão* é pai de todos os homens, segundo a carne. Adormece; e Deus extrahe-lhe de uma costella a companheira inseparavel, que lhe dará numerosa posteridade. Adão peccador é expulso do paraiso e condemnado ao trabalho, a soffrimentos e morte.

Jesus Christo é pai de todos os homens, segundo o espirito; morre na cruz, e de seu lado rasgado extrahe Deus a igreja á qual Nosso Senhor estará unido até o fim dos seculos, e lhe dará numerosos filhos; desce do céo e sujeita-se ao trabalho, aos soffrimentos e á morte; salva, submettendo-se, todos os homens, assim como Adão os havia perdido com sua desobediencia.

2. *Abel* offerece um sacrificio agradavel a Deus, e bem que innocente, é levado ao campo e assassinado por seu irmão Caim. O sangue de Abel clama vingança contra o matador, e Caim é condemnado a errar vagabundo na face da terra.

Jesus Christo offerece um sacrificio infinitamente agradavel a Deus seu Pai, e posto que innocente, é tirado fóra de Jerusalem, e morto pelos ju-

deus, seus irmãos; clama seu sangue misericordia para nós; e os judeus, seus matadores, são condemnados a errarem pela terra.

3. *Noé* é quem unicamente tem a graça divina, e por isso é eleito pai do mundo novo; edifica uma arca em que se salva com sua familia do diluvio universal; e quanto mais as aguas se empolavam mais a arca subia para o céo.

Tem Jesus Christo sempre a graça de seu divino Pai, e é escolhido para povoar a terra de justos e o céo de santos; edifica sua igreja para salvar da morte eterna os que em ella quizerem acolher-se, e quanto são maiores as tribulações que a igreja soffre, mais convisinha de Deus.

4. *Abrahão e Isaac.* O sacrificio de Abrahão figura o de Nosso Senhor. Isaac, o filho dilecto de seu pai, é condemnado a morrer posto que sem culpa, e é seu pai quem propriamente o immola; leva elle mesmo a lenha que o ha de queimar; deixa-se prender á fogueira sem queixar-se; é sobre o calvario que Abrahão offerece o sacrificio, e Deus o abençôa em premio de sua obediencia.

Jesus Christo, objecto de todas as dilecções de Deus seu Pai, é condemnado á morte, posto seja a propria innocencia, e é Deus Pai quem por mãos dos judeus o immola; leva sobre o hombro a cruz em que deve morrer, e n'ella se deixa prender como um cordeiro. No calvario offerece o sacrificio; e, em premio da obediencia, é abençoado por Deus, e recebe como herança todas as nações da terra.

5. *Jacob*, submisso a seu pai, foi a remoto paiz em demanda de esposa; e, bem que riquissimo, foi sósinho, tendo como repouso da cabeça uma pedra que topou em meio do deserto. Serviu longo tempo em troca da esposa, e alfim voltou para seu pai com toda sua familia.

Jesus Christo, obedecendo a seu Pai, desce do céo á terra para unir-se á igreja, sua esposa; e, senhor do universo, não tem sequer uma pedra em que repouse a cabeça; é obrigado a soffrer os mais pesados trabalhos para formar sua igreja; em fim volta a seu Pai com todos os santos da antiga lei, e abre o céo a todos os christãos seus filhos.

6. *Joseph* é maltratado e vendido por seus irmãos a mercadores estrangeiros, e é condemnado por crime que não fez. Como estivesse encarcerado com dous criminosos, diz a um que será livre, e a outro que será suppliciado. Sahe da prisão para se sentar no throno dos Pharaós, e é obedecido por estranhos antes de o ser por seus irmãos que salvou da morte quando se valeram d'elle.

Jesus Christo é martyrisado pelos judeus seus irmãos; trahido por Judas, entregue aos romanos que o condemnam innocente, fazendo-o morrer n'uma cruz entre dous malfeitores. A um d'estes promette-lhe o céo, deixando o outro entregue á condemnação; da cruz sobe até ao throno de Deus seu Pai, e alli é obedecido pelos infieis antes de ser reconhecido pelos judeus que tinha salvado do erro quando abraçaram o christianismo.

7. *Moisés* nasceu no reinado d'um rei cruel que matava os filhos dos hebreus; e escapando ao furor de Pharaó, é enviado por Deus para livrar seu povo da servidão do Egypto: faz grandes milagres para provar a sua missão, nutre seu povo do pão baixado do céo, dá-lhe uma lei, mas não tem a consolação de chegar com elle á terra promettida.

Jesus Christo nasceu na época d'um rei feroz que faz morrer os filhos de Bethlem e terras visinhas; escapando ao terrivel Herodes, é enviado a livrar todas as creaturas da escravidão do peccado: faz grandes milagres para provar que é o filho de Deus; nutre os homens do pão vivo descido do céo, dá-lhe uma nova lei, abrindo a todos o verdadeiro caminho da terra da promissão, que é o céo.

8. *Josué* succede a Moisés, que não conseguira levar os hebreus á terra promettida, e depois de dez annos de combates e victorias chega a vêr seu povo reinar sobre essa terra desejada.

Jesus Christo tambem succede a Moisés, cuja lei não podia introduzir os homens no céo, e, depois de trezentos annos de batalhas e triumphos, vê a sua igreja reinar sobre o mundo.

9. *Gedeon* é o mais moço de seus irmãos, e, apesar da sua fraqueza, é escolhido para livrar o povo da tyrannia dos madianitas. Dous grandes milagres provam que Deus o escolheu. Apenas com trezentos homens cujas armas são trombetas e archotes marcha contra uma nuvem de inimigos ganhando a victoria.

Jesus Christo tambem se quiz mostrar como o ultimo entre os homens, e apesar da sua fraqueza apparente foi escolhido para livrar o mundo da tyrannia do demonio. Numerosos milagres provam que elle é o libertador dos homens. Acompanhado por doze pescadores que não usam outras armas senão a predica e o facho da caridade marcha á conquista do universo, e triumpha do mundo inteiro.

10. *Sansão* apparece no mundo de uma maneira miraculosa, e tomando esposa entre os philisteus, mata um leão que o queria devorar, e estando encarcerado por seus inimigos na cidade de Gaza, desperta no meio da noite, arromba as portas e as fechaduras, e apesar dos guardas sahe da cidade. Entregue depois a seus inimigos, mata morrendo mais philisteus do que os que tinha matado em vida.

O nascimento de Jesus Christo tambem é miraculoso. Escolhe a igreja sua esposa no paganismo, esmaga o mundo idolatra, que anceia, como um leão, durante tres seculos, devorar aquella igreja nascente, é encerrado por inimigos no tumulo d'onde surge cheio de vida, apesar das sentinellas, e desce ao limbo, a quebrar as portas do inferno e da morte.

11. *David,* apenas armado de bordão e funda, prostra o gigante Goliath; delinqúe, e, por expiar o crime, sahe de Jerusalem, transpõe chorando a torrente do Cedron, e sobe descalço o monte das oliveiras; seguem-no poucos companheiros fieis, e, na sua afflicção, é insultado por Semei, a quem prohibiu o malfazer; alfim, volta triumphante, e recebe o preito dos seus vassallos.

Jesus Christo, com a arma da cruz unicamente, prostra o demonio; é innocente; mas, a fim de expiar os peccados do mundo, em que não teve parte, é levado fóra de Jerusalem; traspassado de dôr, passa a mesma torrente do Cedron, e sobe o mesmo monte das oliveiras; seguem-o sua Mãi, S. João, e pequeno numero de almas piedosas; sobre a cruz é insultado pelos judeus, por quem pede a Deus perdão; sahe em fim triumphante da sepultura e recebe as homenagens do universo.

12. *Salomão*, saboreando-se nas victorias e emprezas de David, seu pai, sobe ao throno e reina em paz sobre os inimigos vencidos; recebe como esposa uma princeza estrangeira, e erige um magnifico templo ao verdadeiro Deus. A rainha de Sabá, abalada pela fama da sabedoria de Salomão, sahe do seu reino para o vêr, e offertar-lhe dadivas.

Jesus Christo, no gozo de suas empresas e triumphos, sobe a sentar-se no throno celestial de seu Pai, e ahi reina em paz sobre os inimigos vencidos; elege a igreja como esposa, entre os gentios, estranhos ao povo judaico e á verdadeira religião; e o mundo, que era vasto templo de idolos, transforma-o em templo do Deus verdadeiro. Ao nome de Jesus Christo, os reis, rainhas, nações idolatras deixavam o culto dos idolos, admiravam a sabedoria da lei christã, e offereceram ao Homem-Deus seus corações e suas riquezas.

13. *Jonas*, não attendido dos israelitas, seus irmãos, é mandado prégar penitencia aos de Ninive, que são idolatras; e, réo de desobediencia, excita violenta tempestade e é arrojado ao mar. Permanece tres dias e tres noites no ventre de uma baleia, d'onde sahe para converter os ninivitas.

Jesus Christo é enviado a prégar o Evangelho aos hebreus, seus irmãos, que o não attendem; volta-se então para os gentios mediante os seus apos-

tolos; mas, innocente e todavia onerado com todos os peccados do mundo, excita contra si a divina colera, e é morto. Tres dias e tres noites está no seio do tumulo; e, depois de resuscitado, converte as nações infieis. (Veja PROPHETAS e MILAGRES, etc.)

FILINTO ELYSIO. É o nome poetico do presbytero secular Francisco Manoel do Nascimento. Foi D. Leonor de Almeida, marqueza de Alorna, poeticamente denominada *Alcippe*, quem lhe deu primeiro o suave nome de *Filinto*.

O poeta o diz em nota de uma ode dedicada áquella illustrada dama: «A excellentissima D. Leonor de Almeida foi quem em Chellas deu ao poeta o nome de Filinto, e por tal o nomeou sempre em todos os versos que lhe escreveu.» (Tom. XI, pag. 111, ediç. 1838).

Nasceu Francisco Manoel do Nascimento em Lisboa, aos 23 de dezembro de 1734. Ordenou-se, e viveu abastadamente até á idade dos quarenta e quatro annos, colhendo os proventos de thesoureiro da igreja das Chagas de Christo, pertencente á confraria dos Mercantes, e fruindo os bens herdados.

Lá o diz o poeta:

Quem me tolhera a mim viver na patria
Rodeado de amigos, desfructando,
Em honrado socego, os bens, que honrado
Meu pai me grangeára?

Denunciado ao santo officio como herege por um clerigo, foi procurado na madrugada de 4 de julho de 1778 por familiares da inquisição. Evadiu-se, com desacostumada fortuna, ás presas dos quadrilheiros, e abrigou-se em casa do seu visinho conde da Cunha, d'onde passou á do negociante francez Verdier, homem de elevada intelligencia e animo caritativo, sempre desvelado em soccorrer Francisco Manoel do Nascimento. Em 15 do mesmo mez obteve o poeta passagem em um navio, onde entrou carregado de laranja, logrando assim com este disfarce a espionagem do santo officio.

Foi-lhe angustioso o apartar-se da patria e amigos. Quatro annos depois, exclamava o saudoso exul:

Maldito o bonzo, e mais maldito o Nayre,
Que calumnioso urdiu o meu desterro;
Malditissimo o estupido phanatico
Que encommendou a queima!

Oh patria! oh patria! E pude assim banido
C'os olhos arrazados de agro pranto,
(Não estalei de magoa?) — despedir-me
De ti, querida patria?

Do Havre transferiu-se a Paris, onde viveu até 1792, e d'aqui passou para Hollanda com o cargo de secretario particular de Antonio de Araujo de Azevedo, ministro de Portugal n'aquelle paiz. Cinco annos depois, voltou a França, d'onde não mais sahiu, estanceando por Paris, Versailles e Choisy, até 25 de fevereiro de 1819, dia em que falleceu com 85 annos de idade. Teria expirado em extrema miseria, se lhe não valesse o marquez de Marialva, então embaixador em França, o qual lhe fez decente funeral. O espolio de Filinto Elysio foi vendido por 12$000 reis.

Em 1842, por diligencias de Antonio Feliciano de Castilho e de Rodrigo da Fonseca Magalhães, vieram para Portugal os ossos do illustre poeta, e aqui esperaram quatorze annos que se lhes désse jazigo no cemiterio do Alto de S. João.

Duas vezes requerera Francisco Manoel do Nascimento a D. Maria I que lhe mandasse restituir os bens, reconhecida a sua innocencia. Seja elle quem nos revele alguns passos de sua triste vida: «Por duas vezes se dignou sua magestade reconhecer a minha innocencia, mandando-me restituir os bens injustissimamente confiscados; porém, apesar das solicitações e diligencias de amigos poderosos nunca foi possivel desenterrar os decretos dos cartorios da secretaria de estado dos negocios do reino. Ignoro, por tanto, se se lhe pôz pedra em cima, ou se á incuria e pouco caso que faziam da sorte de Filinto devo só attribuir o sumiço que levaram. Algum dia talvez os descubra algum antiquario, quando já o

pobre Filinto tiver cessado de soffrer. Bom proveito façam a quem os achar.»

O seu primeiro poema impresso era uma ode a supplicar a misericordia da rainha de Portugal, aquella santa que perdoou e fez restituir os bens aos que tentaram contra a vida de seu pai, e não teve impulso de alma generosa que restituisse ao maior poeta portuguez do seu tempo os bens e a patria. «Comecei por uma ode á rainha, nossa senhora — conta Filinto — para lhe lembrar (no caso muito duvidoso que lhe chegasse ás mãos) que um vassallo seu, victima de calumniosa inveja, padecia em longo desterro, trabalhos e penuria, de que não era merecedor; dos quaes sua magestade podia por sua justiça e sua benignidade libertal-o. Este o motivo da primeira ode impressa.»

Da sua pobreza no desterro nos faz o resignado proscripto repetidos, e ainda assim conformados queixumes.

«Far-vos-hia compaixão, diz elle, vêr um velho de 65 annos, que algum dia viveu abastado e estimado dos seus conterraneos (e conterraneas), desvalido e só, vivendo em Paris, como n'um descampado, embrulhado no manto da pobreza, e diante d'elle e pelos lados os cuidados da vida, o trafego da casa, as lembranças do passado, e mais que tudo a sêcca melancolia, estendendo a cada instante os braços para o apertar n'elles, e o levar de rastos até os umbraes do passamento. Então verieis se é pequena lida a minha de lutar de continuo com tantos inimigos, sem me poder valer de outra arma que da penna para arredar de mim toda essa caterva de medonhas harpias.»

A consolação do trabalho e da leitura nem sempre lhe era compativel com a pobreza. Uma vez, escreve elle cheio de saudades dos seus livros:

«Quando me preparava para ir á Haya, fiz um pacote dos poucos alfarrabios que tinha, livraria de poeta pobre! E era minha intenção mandal-os diante; mas o custo do transporte me fez recuar a resolução. Quantas como esta morrem de garrote, por desvalidas de moeda!»

Como pagaria transporte de livros quem não tinha dinheiro para reformar calções! Com alegre estro deplora o poeta a miseria de sua guarda-roupa:

«Feliz quem rumas de calções possue!
(Calções, digo, não rôtos nem surrados)
O santo Job chagado, na esterqueira
Calções não precisava.

. . . .

Mas eu... Não digo mais. — Passem dous dias;
Não saio. — E, se eu sahir, na rua, a gente
Me corre ás apupadas, e os garôtos
Me enxovalham com lama.
Dous calções, cujas eras me não lembram,
Sobrepondo fundilhos a fundilhos,
Não soffrem ponto, sem rasgar-se o panno,
Que lhes clamou concerto.

. . . .

Feliz quem tem calções!...»

E n'outro lanço:

«Eu, que não vira nunca da pobreza
A magra catadura;
Que, á sombra dos herdados arvoredos,
Descançado dormia,
No regaço da intacta probidade:
Eu que no altar da honra
Do rigido dever queimava incensos;
Que á patria, aos meus, sem termo
Dei quanto pude e sube; e dera o sangue,
Se o sangue meu pudéra
Resgatal-o do ignaro captiveiro...
Eu vive desterrado,
Roubados os meus bens, roubado ainda
O premio da virtude!
E o Geral dos Bernardos, que só teve
Por desvelo e doutrina
Anafar brando as rôscas do cachaço,
Rode sege e dobrões,
Dê roupas, dê brilhantes, jogue rijo...
Oh terra amaldiçoada!...»

O producto dos seus escriptos, no desterro, a pouco montava, posto que não descançasse na faina de compôr e traduzir. Em nota da versão incompleta de *Ephigenia em Aulis* de Racine, escreveu Filinto: «Eu bem acabára a traducção d'esta, e tambem a de *Coriolano*, que está meia alinhavada; mas o preço tão limitado que me deram pela *Medea* de Longepierre e pelo *Mithridates* de Racine me decepou a vontade.»

Em compensação, se as lagrimas

estranhas adoçam o agro do infortunio, Lamartine cantou o desterrado poeta portuguez, n'aquella formosa ode que principia:

«Généreux favoris des filles de mémoire,
Deux sentiers différens devant vous vont s'offrir,
L'un conduit au bonheur, l'autre mène à la gloire;
Mortels, il faut choisir!
Ton destin, ô Manoel...»

A apreciação das obras de Filinto Elysio está judiciosamente lavrada por Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, copiada pelo snr. I. Francisco da Silva dos ineditos d'aquelle lusitanissimo escriptor. É a seguinte:

«Francisco Manoel ainda existe, conta oitenta e tres annos d'idade, perto está da ultima jornada, vive em paiz estranho, e com creditos por todo o mundo litterario estabelecidos: será elle por tanto o só dos vivos, que eu julgue, e no juizo que sobre elle vou assentar, produzirei mais uma prova de que não são os poetas os mais lisonjeiros, mentirosos, nem injustos no caracter, nem nos escriptos: e que se pelos meus algumas lisonjarias apparecem, d'elles mesmos se verá que a isso fui impellido por força d'aquellas circumstancias, que após si arrastram ainda os mais livres engenhos. Eu sou poeta, e sinto em mim que o sou! Perdoe-se-me esta expressão, assim arrojada á bocca pelo impeto das idéas, que se me atropellam ao contemplar na pessoa de Francisco Manoel, longamente attenuado pelas vilezas da intriga, e desdenhado por falsas cortezanias, o homem de extraordinarios talentos, e vasto e profundissimo saber! Assim tem elle vivido ha tantos annos expatriado, e pobre, porque arrebatados os seus bens; é verdade que de todas as injurias bem vingado pela publica opinião, no que póde dizer com Camões:

Quão dôce é o louvor, e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!

«Porém essa mesma opinião tão recatada, que nenhum dos seus conterraneos escriptores ousou de proferir os louvores que lhe são devidos: havendo antes algum, que com o escandaloso desdem certezão, meramente em uma nota se dignou de o appellidar — *Culto poeta dos nossos tempos!* E que poeta! E que termo de comparação poderá entre elle haver, e o outro que assim o appellidou!... Porém *parce sepultis:* só attentemos agora por Francisco Manoel.

«Por elle não temos que invejar a algum antigo ou moderno poeta lyrico; ao menos de nenhum sei eu, que tão grande numero compozesse de tão excellentes odes, nem sei que lhes falte alguma das qualidades requeridas n'este sublime genero de poesia. Rica, opulenta, vigorosa, e ardente imaginação, regulada por um argutissimo juizo, e esse illustrado de toda a humana sabedoria! Eis aqui o que por todas ellas reina: eis aqui a magia com que Francisco Manoel embebe em suas proprias idéas, repassa de seus proprios affectos, e possue de seu proprio extasi os leitores, embriagados das formosas imagens, dos formosissimos quadros que elle lhes apresenta, illuminados pelas mais vivas côres do estro! — Milagres do saber, do engenho, e da harmonia, nunca em suas odes posso eu lêr, ou cogitar, que por todas minhas fibras não recorra, e não as estremeça alguma scentelha do fogo sagrado, que em ondas se revolvia na mente do vate á hora da composição.

«Este sim, este é o nosso Pindaro: harmonioso, energico, sublime, rapido, arrojado, impetuoso, e mil vezes original, nenhum tem elle que lhe seja superior. Que importa o não fazer como Diniz a divisão de suas odes por estrophes, antistrophes, e epodos? Chimerica é para nós essa divisão, uma vez que ella já para o canto não serve, como em sua primitiva: além de que, por essa lhe faltar, negar-se-ha por ventura que tenha Horacio algumas tão boas odes como as de Pindaro? Pois ainda mais tem Francisco Manoel.

«Aqui, de mão na cabeça se levantam contra mim os antiquarios! Po-

rém eu digo-lhes, que bem ponderei o que disse, e que não reformo a sentença; e como haverei de reformal-a, se todas as flôres da poetica e todos os fructos da philosophia vejo, que pelas odes de Francisco Manoel refulgem viçosos e madurados! Se por ellas a historia, e a mythologia, as artes, e as sciencias, e todos os thesouros da imaginação e da memoria estão profusamente derramados, ao facho violentissimo de um engenho superior a todos os objectos por que discorre! Pois se tal é a grandeza das suas idéas, não é menor a propriedade, elevação, e louçania de suas expressões, nada é mais energico do que o seu estylo, nada mais conciso do que as suas phrases; e nada mais convincente do que a elegancia dos seus discursos, com que invencivelmente triumpha na alma de quantos o entendem.

«Se todos se perdessem os escriptos portuguezes, salvos sómente os de Francisco Manoel, mais rico vocabulario poderia d'elles compôr-se, que nenhum outro, nem ainda todos quantos até agora possuimos. Oh inimitavel Filinto!! Entre os teus outro só tem havido como tu; e por ti, e por Camões com todo o mundo poetico podemos afoutamente competir. Camões, avantajado em todos os dons da natureza, aperfeiçoado por todos os melhoramentos d'arte, alcança não sómente a gloria de ser o primeiro dos nossos antigos lyricos, e o primeiro d'entre todos os nossos antigos e modernos poetas epicos, senão que até conseguiu ser aquella que ainda hoje fallam os nossos sabios, a mesma linguagem que elle poliu e enriqueceu. Eis aqui mais uma especie de gloria peculiar dos grandes poetas. São elles que determinam, fixam, e estabelecem a mais culta linguagem do seu paiz: e a portugueza, depois de Camões deve a Filinto a sua maior opulencia. Muitos são os chascos e contradicções que elle tem n'esta parte soffrido, já dos ignorantes presumpçosos, e já dos eruditos pedantes: mas tambem Camões os soffreu; e bem de tudo isso um e outro são vingados, pelo voto unanime dos imparciaes, sensatos, e intelligentes, que muitas graças e louvores lhes dão, de tanto por seu engenho e saber opulentarem a linguagem, que nunca é sobejamente rica para um bom orador, e muito menos para um grande poeta.

«É este um artigo, que eu por não repetir idéas, mui apostadamente descahi para este lugar, para aqui juntos envolver quantos mais tem n'esta parte servido as nossas letras. É Antonio Ribeiro um dos maiores quinhoeiros n'esta especie de gloria; e Garção, Diniz, Bocage, Torres, Quita, e Pedegache, todos elles bem vernaculos, bem tersos e elegantes escriptores, a todos mais ou menos somos devedores de alguma nova riqueza de linguagem: alguma cousa ha tambem que aproveitar em Almeno, e ainda acaso em algum outro, maiormente em Santos e Silva: porém os aproveitamentos d'este não deverão ser feitos por algum poeta noviço, a quem tomado como modêlo póde elle em muitos modos ser prejudicial; mas tambem n'isto, não sómente a cada um d'estes, ou de outros que se possam nomear, senão ainda conjunctamente a todos é Francisco Manoel tão superior, quanto aos do seu tempo o foi Camões: e se este unico exceptuarmos ainda direi, que de per si tem Francisco Manoel sido creador de maior numero de vocabulos, simplices, ou compostos, de phrases e magnificas poeticas elocuções, do que promiscuamente o foram todos os nossos outros modernos e antigos escriptores.

«Agora porém paro eu, e reflicto que por assim haver estendido os louvores de Francisco Manoel, não faltará talvez quem julgue que a cegueira do espirito de partido me não deixa vêr-lhe alguns defeitos; mas não é isso assim; alguns tem, e eu os reconheço: tal é a excessiva profusão de phrases usadas por nossos mais insignes prosadores, e que por só a esses convirem, lhe aprosam algumas vezes o metro, e lhe descoloram o estylo: tal é tambem nas suas prosas o

proposito com que demasiado ostenta as construcções latinamente transpostas, e lhe desengraçam o rhythmo e numero de alguns periodos: porém sobre isto direi com Horacio: *Optimus est, qui minimis urgetur.*

«E na verdade, que valem estes e outros poucos defeitos, que ainda podéra apontar, em comparação com as innumeraveis bellezas de todo o genero, que por seus diversos escriptos a cada momento encontramos? Ou onde depararemos nós esse escriptor isento de toda a mancha? Sómente na idéa, e no desejo, que não na realidade: que não é a summa perfeição em nossas obras conforme ás condições com que sahimos das mãos da natureza. E por intima convicção de seu muito extraordinario merecimento, forçado a proseguir nos louvores de Francisco Manoel, ajunto ainda ao mais dito: que o seu *Hymno a Baccho*, e os seus outros dithyrambos, são muito superiores ainda ao melhor que n'esse genero possuimos: as suas epistolas são das mais excellentes, e em geral, por todas as suas poesias originaes está gravemente impresso o cunho de um prodigioso engenho, e de um vastissimo saber: profundando as materias, moldando o estylo, e apropriando a phrase, qualquer que seja o assumpto que tome debaixo da penna, por maneira que, com titulos ainda maiores, podéra de si dizer como o poeta romano:

> Me Colchus, et qui dissimulat metum
> Marsœ cohortis Dacus, et ultimi
> Noscent Geloni: me peritus
> Discet Iber, Rhodanique potor.

«Olhando agora por suas poeticas traducções, achamos que melhor não poderá fazer-se a de algumas odes, e varias peças fugitivas, que por suas obras semeou: o mesmo se dirá do *Cid*, talvez a mais bella, já que não a melhor de todas as tragedias de Corneille; e o mesmo posso eu dizer da *Medea* de Longepierre, que vi manuscripta do proprio punho de Francisco Manoel; e bem assim o *Mithridates* de Racine, que me amostrou o livreiro Rey, e bem digna é de desejar-se que a elle ponha no prélo.

«Nos quatro primeiros livros, que traduziu do poema *Sobre a guerra Punica*, por Silio Italico, verdade é que se encontram bastantes durezas, e algumas obscuridades; porém de tudo isso ha ainda mais no original, nem ficam inferiores na traducção os lugares onde elle é mais sublime: como nem tenho para mim, que por parte da fidelidade, nem da energia e concisão, melhor do que Francisco Manoel houvesse algum de dar conta da empresa.

«Do *Oberon*, que já é trasladado de outra copia, quero dizer, do *Oberon*, poema de Wieland, e que de uma traducção franceza verteu Francisco Manoel em portuguez, tambem não entendo o allemão, não sei se elle sahiu bem conforme ao original; antes segundo a usual infidelidade das traducções francezas, me inclino a que essas maculas passariam á traducção portugueza, porém como quer que isso seja, certo é que elle, pela maior parte, está metrificado em um estylo tão energico, elegante, e gracioso que a nenhum mais do que a Francisco Manoel ainda entre nós foi dado pela natureza, e pelo estudo. E que deverá então dizer-se da farragem epico-prosaica de Chateaubriand? isto é, do poema *dos Martyres*, por Francisco Manoel reduzido a metro portuguez, com um vigor, e uma elegancia por maneira tal affeiçoada e sublime, que as bellezas do estylo cobrem os defeitos de toda a desconchavada contextura do tal chamado poema! Formalmente contradigo eu a idéa, que a respeito do original vai dada pelo proprio Francisco Manoel, no prologo á sua traducção; porém cuido que commigo haverão de conformar-se os intelligentes que o lêrem, e reflectirem sobre as causas que provavelmente a essa tediosa tarefa obrigaram Francisco Manoel; pobre velho ha tantos annos tão longe da sua patria, que elle tanto amou, e illustra! De boamente, e por muitos motivos, pomos de parte o original, para notar que a traducção é de per si um co-

pioso thesouro da mais sonora, e grandiloqua linguagem portugueza; e bem assim póde dizer-se prodigio, que na idade de oitenta annos tivesse Francisco Manoel tão opulentos os depositos da phantasia e da memoria, que alli desenvolvesse um vigor muitas vezes igual ao de sua mais poderosa florescencia.

«Outro thesouro da lingua temos por diversa maneira na sua traducção das *Fabulas* de Lafontaine, difficilimas de bem se traduzir, e onde, não obstante, copiosamente achamos o mais culto, e bem phraseado estylo familiar, e outras vezes o mais elegante, sublime, e sentencioso; tomando todas as diversissimas variações d'aquelle insigne fabulista, ainda, se é possivel, mais bello e gracioso na traducção, pelas muitas vantagens do idioma lusitano sobre o francez, ao menos em poesia.

«Sem outras somenos obras mencionar, sobeja para o acreditar de bom prosador a traducção da *Chronica d'el-rei D. Manoel* pelo bispo Jeronymo Osorio; e mais direi, que Francisco Manoel, Antonio Ribeiro, outro que ainda vive, porém não em Portugal (*é quasi evidente que Pato Moniz tinha aqui em vista o seu amigo João Bernardo da Rocha, então refugiado em Londres*) e depois d'estes Bocage, são sem duvida os nossos mais excellentes modernos prosadores.

«Concluo pois, que, assim na agudeza e vastidão do engenho, como na profundidade e copia dos conhecimentos; e assim na energia e grandiloquidade, como na elegancia e graciosidade do estylo, rarissimos são os poetas que com Francisco Manoel podem emparelhar-se; e que por isso mesmo a lição de suas obras, entre todos os nossos bons escriptores, é uma das mais proveitosas; e inquestionavelmente o será para quantos ousarem de se aventurar pelas emmaranhadas florestas da lyrica poesia, em que nenhuns gabos para elle me parecem excessivos, por achar que em summo grau possue os sublimes arrojos de Pindaro e de Alceo, com a engenhosa amenidade de Horacio e de Anacreonte.»

FINURA (Astucia, velhacaria). 1. «A finura não é muito bom nem muito mau predicado: está entre o vicio e a virtude... A finura convisinha da velhacaria; de uma á outra a passagem é resvaladia. A mentira é que as estrema; logo que a mentira entra na finura, temos a velhacaria.» (La Bruyère).

2. A finura distingue-se da *sagacidade*, porque esta reside na penetração do espirito, e está menos exposta a errar, ao passo que a finura é mais superficial, se illude; distingue-se tambem do *ardil*, porque não é tão offensiva. Ás vezes a finura está no evitar as ciladas que o ardil nos tece, sendo o ardil a finura alliada á artimanha. A finura mulheril abastardeia-se por vezes em *logração*, e a finura diplomatica em *perfidia politica*, a finura dos homens espertos em *epigrammas* homicidas e mordentissimas satyras. — Nas producções litterarias e conversação a finura consiste em não exprimir directamente o pensamento, mas no deixal-o adivinhar. N'este intento com razão se ha dito que a finura é a delicadeza do espirito, e a delicadeza a finura da alma.

FLAMINGO. (Veja RIBEIRINHAS).

FLANDRES. Foi reunida á França por Luiz XIV. É paiz riquissimo de producções agricolas e industriaes. Lille, capital, ostenta as fortificações construidas pelo immortal Vauban.— Perto de Lille está Malplaquet, cidade celebre na historia, pela derrota do marechal Villars, no reinado de Luiz XIV. — No mesmo departamento está Denain. Cambray conserva ainda memorias honrosas de Fénelon. Mas o que ahi mais realça em utilidade é Dunkerque, onde se acolhem os navios de todas as nações septentrionaes, e é como armazem dos vinhos de Bordeaux e Hespanha. D'este porto sahiram intrepidos navegadores á frente dos quaes cumpre collocar Jean Bart, cuja vida anecdotica toda a gente sabe.

FLÔR (Botanica). 1 «Chama-se flôr, em botanica, um apparelho que contém os orgãos reproductores e os protege, e no qual se effectua a fecundação e se desenvolvem as sementes que devem perpetuar a planta. Uma flôr completa compõe-se de quatro camadas concentricas ou *verticillos*, que do exterior ao interior são: o *calice*, a *corolla*, os *estames* e os *pistillos*.

«O *calice* é o envoltorio o mais externo da flôr; é ordinariamente a continuação da casca do pedunculo, e conserva frequentemente seu aspecto herbaceo e esverdeado.

«A *corolla*, segundo envoltorio da flôr, constitue ordinariamente sua parte mais notavel, pelo seu desenvolvimento e brilho de suas côres. Acha-se por dentro do calice, e compõe-se de foliolos delicados, córados diversamente, e que se chamam *petalas*. Vulgarmente dá-se o nome de flôr á corolla.

«Os *estames* são filetes que se levantam do centro da flôr; são os orgãos sexuaes machos das plantas, cujos vertices, *antheras*, encerram o pollen que é substancia fecundante.

«O *pistillo* ou os *pistillos*, no centro da flôr, orgão ora unico, ora multiplice, é o orgão feminino da fructificação. Geralmente distinguem-se n'elle tres partes: o *ovario*, inchação globosa ou alongada, que se vê na base do pistillo encerrando os *ovulos*, isto é, pequenos corpos que, depois de experimentarem a influencia do pollen, se desenvolvem para constituir o *grão* ou *semente*, ao mesmo tempo que o ovario inteiro tornar-se-ha *fructo*. Por cima do ovario acha-se um ou muitos prolongamentos chamados *estyletes*, que termina o *estigma*, orgão poroso frequentemente coberto de uma materia gommosa. Ás vezes o estylete é tão curto que o estigma descança quasi directamente sobre o ovario; chamam-lhe então *estigma sessil*.

«Estes quatro verticillos da flôr são sustentados por uma porção alargada do pedunculo que fórma o fundo da flôr, e que se chama *receptaculo*. Frequentemente sobre este receptaculo observam-se pequenas inchações glandulosas, ás vezes pequenas laminas semeadas de pontos secretorios. Estes orgãos são os *nectarios* ou *glandulas nectarias*, que fornecem ordinariamente a substancia odorifera e adocicada, que se chama *mel* ou *nectar* das flôres.

«*Modificações da flôr*. A flôr não apresenta sempre todos estes quatro orgãos; em muitos vegetaes é *incompleta*, isto é, falta-lhe um ou mais de seus quatro verticillos. A este respeito, ha grande distincção a estabelecer. As *flôres completas* reunem no centro de seus envoltorios floraes os orgãos machos ou *estames* com os orgãos femininos ou *pistillos*; grande numero de flôres incompletas offerecem a mesma conformação. Mas em outras não se acham os dous sexos reunidos, cada flôr não apresenta senão um só orgão sexual. Chamam-se flôres *hermaphroditas* as flôres completas, nas quaes se acham os estames e os pistillos; as que não possuem simultaneamente estes orgãos são *unisexuaes*. Umas não apresentam senão os estames, são as flôres masculinas; outras tem só o pistillo ou os pistillos, e chamam-se flôres femininas. Quando os vegetaes tem flôres unisexuaes, podem observar-se as disposições seguintes: ora as flôres masculinas e as flôres femininas são reunidas sobre um mesmo individuo, sobre um mesmo vegetal; ora se acham em dous individuos distinctos, e vem a ser que a especie compõe-se de dous vegetaes, um que produz as flôres com estames e constitue o *macho*; outro que produz as flôres com pistillos e constitue a femea.» (Chernoviz).

2. «Meditemos nas flôres do campo, que não se ajudando de teares de sêdas, nem de brosladores de fio de ouro, nem usando de tintas finas, mas sómente do sumo da terra, convertido em verdete, sahem vestidas com todo o primor, e arte, trajadas de mil côres. Os cravos da primavera de setim branco, e carmesim; os cravos do inverno de vestido avelludado; as maravilhas do verão de marlotas listradas, parte de vermelho, parte amarello; as rosas de sêda encarnada; as violetas, e lirios de roupas rôxas, todas sem artificio de bastidores, nem entalhadores, com

córtes tão perfeitos, que vencem os de officiaes da terra, e a gloria d'el-rei Salomão, a quem serviam as sêdas do oriente, o ouro de Ophir, as tintas transmarinas, a pedraria fina, os officiaes mais destros do mundo, e com tudo nunca em dia de maior festa sahiu tão ricamente vestido, como sahe uma flôr do campo no mez de abril; cuja côr é nativa, e intrinseca, a das roupas de Salomão artificiosa; a flôr nunca despe o vestido; Salomão cada dia despia o seu; a fragrancia da flôr nunca é emprestada, de dentro sahe, e recende; Salomão mendigava a de seus vestidos das proprias plantas, e flôres de que tratamos.

«Para que é fazer comparação de flôres do campo com cousas da terra, pois sem duvida competem com as proprias estrellas do firmamento; nem é menos para vêr o prado pintado de flôres, que o céo esmaltado de estrellas; assim creando Deus as flôres ao terceiro dia, as estrellas ao quarto, parece mais quiz tirar as estrellas, pelas flôres, que as flôres pelas estrellas; e á vista do sol, a que as estrellas desapparecem, avulta, e resplandece mais sua formosura; pelo que ao jardim, e prado pintado, podemos chamar firmamento da terra esmaltado.

....

«....Quem na alegre primavera matiza os campos, e jardins com tanta variedade de flôres, azues, brancas, amarellas, rôxas, engommadas? Quem incensa os ares com hervas, rosaes, e boninas cheirosas, senão a poderosa mão de Deus? Elle só póde com seu maravilhoso pincel, azular as violetas, branquear as açucenas, encarnar as rosas, rajar as cravelinas, ensanguentar os jacinthos, e como destro entalhador dar a cada uma das flôres seu córte, e talhar as ricas librés, e opas com que sahem na madrugada, mais para vêr que el-rei Salomão no auge de sua gloria.» (Padre Diogo Monteiro).

O snr. visconde de Castilho esplendidamente nos descreve em nota aos *Fastos de Ovidio*, a formosissima missão que as flôres tiveram nas grinaldas da antiga Roma:

«Toda a especie de flôres e hervas aromaticas se podia empregar na contextura das grinaldas convivaes, excluido só o aipo, como votado que era aos defuntos, e por tanto de ruim agouro. No tempo das rosas tinham ellas, e com razão, a primazia; a rosa fôra proclamada por Sapho a rainha das flôres.

«A corôa de flôres naturaes trançadas umas com outras, chamava-se *pactilis*, *plectilis* ou *plexilis*. Quando as flôres eram truncadas dos respectivos pés, e cosidas em embrechado n'uma tira de fazenda, tinha a corôa o nome de *sútil; sútil* era a corôa dos salios, que primeiramente fôra variegada, e depois se reduziu a rosas estremes, não inteiriças, como as dava o rosal, se não escolhidas as pétalas mais perfeitas, e cosidas delicadamente, que parecessem flôres vivas, e das mais bem creadas.

«D'estas duas especies de corôas vegetaes, *pactilis* e *sútiles*, se guarnecia, além da cabeça, o pescoço tambem, ficando pendentes as extremidades, pelo que então se diziam *corôas longas*. Ainda os ramaes de contas das beatas lembram aquelle estylo, até pelos seus nomes de *corôa* e *rosario*, que vale tanto como *rosal*.

«Quem attentar no amplo uso que se fazia de corôas vegetativas, não só nos brodios lautos, mas nas portas das casas em que se festejava recemnascido, nos jogos publicos como premio, nos sacrificios, nas pyras funebres, nas oblações aos finados, na passagem dos triumphos, nos presentes namorados e em oblatas aos umbraes das queridas, não se admirará de saber que pelos arredores de Roma era curiosidade lucrativa e frequente dos fazendeiros a jardinação de flôres para capellas.

«Cabe ainda reflectir em que o immenso uso que se fazia de arômas devia consumir quantidade espantosa de flôres finas. A cidade de Capua na Campania consta que tinha um bairro Seplasia cheio de lojas de cosmeticos e perfumarias; pois bem Capua, a deliciosa que tanto enervou aos carthaginezes de Annibal, não era n'esse tempo mais voluptuosa nem mais Ca-

pua do que depois o sahiu Roma sob os imperadores.

«Catão, o mestre da agricultura, citado por Plinio no livro XXI, capitulo I, recommendava aos hortelões semearem flôres coronarias das mais mimosas.

«O naturalista no capitulo X do mesmo livro, se detem a dar regras para se haverem de optima qualidade estas variadas filhas da primavera, destinadas a expirarem no meio das alegrias dos homens.

«Columella, elegante agronomo, cuja prosa e cuja poesia lembram ainda o recemfindo seculo de Augusto, persuadia no seu livro X a creação de boas flôres para as grinaldas; ouçamol-o logo após a sua tão aprazivel descripção da amena e florida primavera italiana:

Camponios, que ceifaes co'os dedos rusticos
de Flora os tenros dons: colmem-se os candidos
viminios cestos co'os jacinthos cerulos;
feixes de rosas o apertado vinculo
do junco estourem; bem-me-queres aureos
façam impar os canastreis mais tumidos.
Presto, presto! Vertumno as floreas dadivas
já vos aguarda em seu mercado esplendido;
correi, correi, que a veniága é prospera!
ao volverdes, de Roma, oh que delicia
ver-vos vir bordejando a passos tremulos,
o dorso alliviado, a mente jubilos,
(mercê do amigo Baccho) e a sempre estitica
bolsa aldeã com bellos cobres turgida.

«O mercado das flôres adjacente do templo de Vertumno, ficava provavelmente na descida do Aventino para o Tibre; e, ou era n'essa praça mesma, ou em alguma das ruas convisinhas, que deviam ter suas lojas os artifices de corôas mencionados com louvor pelo nosso poeta.

«E depois tambem, como

em tanta antiguidade não ha certeza,

bem póde ser que em lugar de trançantes de flôres os versos que pretendemos commentar, e de que se esquivou a musa que a principio invocáramos, se referissem antes a ourives de corôas de prata, ouro, e gemmas, ou por ventura a bordadoras de outras grinaldas artificiaes.

«Segundo Plinio, a tão exquisita delicadeza tinham chegado estas cousas no seu tempo, que da India ou d'além da India vinham corôas de sêdas de côres, e perfumadas; não querendo já então as damas servir-se de outras.

«A invenção das flôres artificiaes na Europa teve, segundo o mesmo author, uma tão poetica origem, que nenhuma lhe poderia inventar mais acertada um poeta amante sonhando entre murtas n'uma sésta de verão nas margens do Illysso ou do Peneu.

«Venus e o amor crearam sem duvida muitas artes; na estimativa de Ovidio crearam todas; bem lh'o ouvistes:

Venus, Venus á sordida bruteza
do primevo existir subtrahe os homens,
inspira-lhes o aceio, o alinho, as artes.

Por ella a poesia entrou no mundo;
diz-se, que ante os umbraes inexoraveis
de uma esquiva beldade, á luz d'estrellas,
e ouvido apenas das nocturnas auras,
foi primeiro cantor magoado amante;
quando tudo dormia, amor velava;
e para obter mercê tecia corôas
de flôres novas que aljofrava o pranto.

Da ancia d'exorar desdens de isentas,
o discreto fallar brotou não menos;
¿ carecer d'eloquencia poderia,
quem de seu coração tratava os pleitos?

Artes gentis, que abrilhantaes a terra,
delicias do viver, não sem motivo
se diz que a mãi de amor ha sido a vossa;
quiz-se agradar, crearam-se os prodigios.

«É com effeito ao amor que se refere (suppositicia ou historicamente) a invenção de duas artes lindissimas e mui semelhantes entre si: a arte do retratista, e a do floreiro.

«Em eras tão antigas que ainda a pintura não era nascida, vivia, fosse onde fosse, diz a lenda, uma namorada das mais finas. Atormentava-a sua má fortuna com frequentes e longas ausencias forçadas do seu querido; fechava então os olhos para o vêr, e para o vêr ainda melhor se adormecia.

«Uma rapariga, e então alvoroçada no interior, não póde dormir sempre,

nem estar sempre de olhos cerrados; mas tambem como têl-os abertos quando não tinha para lhes dar o suave pasto de que elles necessitavam? era forçoso acudir áquella mingua; soccorreu-se aos deuses com orações; supplicou-lhes prodigio com que o seu ausente se tornasse presente.

«Alguma potencia compassiva lhe acudiu com uma inspiração (havia de ser o amor). Tudo quanto pertencia ao mancebo caro lhe era caro; até a sua sombra. Se ao menos a sombra lhe podesse ficar alli quando elle se retirasse! Experimentemos, diz ella, e logo a mão candida bosqueja com um carvão na parede alva os contornos da figura esbelta do mancebo, que está sorrindo desvanecido de vêr como é idolatrado, mas que ainda não adivinha o que n'essas linhas magicas se contem de futuras maravilhas; partiu. A solitaria já póde esperar sentada defronte do espectro mudo que o talento do seu amor evocou do nada; passa as horas a contemplal-o, emprestando-lhe por um esforço da phantasia as fórmas interiores que lhe fallecem, as côres, a vida, o movimento, a voz, e a ternura, a ternura que ella tem de sobejo para repartir:

Illum absens absentem auditque videtque:

Ausente ao seu ausente está ouvindo e vendo.

«Esta visão estatica trouxe nova inspiração; pediu aos succos das hervas e das flôres, ás argillas desfeitas em agua, talvez até a alguma gôta do sangue de suas veias, com que fixar dentro no contorno vasio, a fronte, os cabellos, os olhos, as faces, os labios, tudo, até o traje. Quando voltou o amante, houve de recuar diante d'aquelle homem inesperado, d'aquelle intruso nos penates das suas affeições! mas, recahindo logo em si, reconheceu a propria imagem que já no espelho nativo das aguas haveria considerado; sorriu complacente, ora para a feiticeira que o duplicára, e, graças a cujo artificio, ninguem já poderia apartal-o do seu thesouro; tal foi o primeiro retrato.

«O progresso das artes havia de percorrer interminavel caminho para chegar, de tentativa em tentativa, de achado em achado, desde esse filho inculto do amor e da saudade, até ás effigies instantaneas debuxadas em nossos dias com a mais impeccavel exacção, sem pincel nem tintas, pelo pintor dos pintores, pelo sol, só hoje verdadeiramente rei das artes. Mas quem podesse ainda assim mostrar-nos hoje aquella branca parede de choupana! Como se não apontaria com enlevo para a expressão de vida que a pobre rustica, mestra de si mesma, segunda mãi e immortalisadora do seu querido, infallivelmente havia de ter impresso n'uma effigie que os seus olhos estudavam de continuo, e a sua mão de continuo retocava para poder ser rebeijada a cada momento!

«Agora os retratos das flôres:

«Aqui estou eu mui contente de poder introduzir á vossa presença o mais curioso de todos os noticiadores do mundo velho, e fazer com que vos conte elle mesmo o que lhe consta no assumpto. Ora escutai-o com attenção, que é nada menos que o nosso velho Plinio, o delicioso Buffon das idades preteritas:

«Fôra a principio costume, falla elle, coroarem-se os vencedores nos certames sacros com ramos de arvores. Depois é que se começaram as corôas a variegar com matiz de flôres; no que lucraram, sobre maior formosura, o realce das fragrancias; invenção esta oriunda de Sicyone, e filha do engenho do pintor Pausias e da ramalheteira Glycera, por quem elle se morria de amores. Representava Pausias na sua pintura as corôas que ella engenhava; ella, á competencia de qual poderia mais, phantasiava outras e outras, de continuo, sempre diversas; andavam a arte e a natureza em desafio. Ainda hoje em dia se conservam os quadros d'esse artista, e nomeadamente um que chamam Stephaneplocos, no qual a retratou a ella em pessoa Foi isto para cá da centesima olympiada.

«Que pena é que esses paineis de Pausias, e esses floridos diademas da

sua Glycera, com dona e tudo, quaes o naturalista ainda teve a fortuna de os contemplar, não podessem resistir á voracidade dos annos, e chegar até nós!

«Por aqui acaba o que a nossa herborisação litteraria no campo da antiguidade nos deparou de mais alguma valia, ainda que futil, para a historia das corôas.

«Se das flôres artificiaes n'outras terras e em tempos mais achegados houvessemos de fazer historia, interminavel escriptura seria sobre impertinente.

«A ephemera duração d'estas filhas da primavera, tão amigas, e socias, e confidentes, e incitadoras dos prazeres, que desabrocham, riem e passam como elles, por força que esteve sempre aconselhando aos espiritos voluptuosos, artisticos, poeticos, namorados, e feminis, que apurassem todo o seu engenho para as perpetuarem em effigie, a fim de as terem ainda presentes quando ellas já não fossem; por isso a arte floreira nos apparece cultivada, e crescendo, e melhorando-se de anno para anno, e de dia para dia, não só nos conventos de religiosas de Italia, em França, em Inglaterra, em Allemanha, em Portugal, na Madeira, nos Açores, no Brazil, mas na India, e na China, e até entre selvagens americanos.

«A arte do florista auxiliada pela chimica, pela historia natural, pela mechanica, pela riqueza, pelo gosto, e pela moda ascendeu em fim a tal fastigio que a natureza vencida parece haver-lhe posto o seu *non plus ultra* no monumento do rei dos floristas, Constantino, Constantino o portuguez.»

FLORESTAS. Na cultura da madeira, como nas demais producções da terra, cumpre attender á sua formação, amanho e cultura. A formação de uma arvore opera-se semeando-a ou transplantando-a. Os viveiros, muito preferiveis á multiplicação por garfos ou por vergonteas, produzem em maior quantidade, de melhor medra e mais duradouramente. Deve colher-se a semente perfeitamente madura, e semear-se na época mais visinha da colheita, salvo quando a tenra planta fôr das que soffrem com os rigores do frio. É regra geral para as sementes florestaes que quanto mais finas são menos cobertas sejam. Basta espargir na terra sementes de acacia, de alamo, de vidoeiro e pinho: não é mister cobril-as, para que cresçam a todo crescer. As bolotas de carvalho e castanhas semeiam-se em terra humida e sombria. A semente do alamo deve ser ligeiramente coberta de camada de terra pouco espessa. As sementes mais grandes enterrem-se em sulco arado, ou em solo desterroado pela grade.

«*La Statistique*, periodico francez, dedicado a colligir factos interessantes sobre materias estatisticas, contém varias particularidades relativas á extensão de superficie que, em diversos paizes da Europa, está coberta de bosques, e produz os pastos: deduz-se das observações apresentadas n'aquelle periodico que na Allemanha, Suecia, Noruega, Russia, Bohemia, e Gallicia, o terreno occupado por selvas é um terço da superficie total: na Austria, na Prussia e na Illyria, um quinto: na Belgica e estados da Sardenha um quinto: na Suissa um sexto: nos Paizes Baixos um setimo: na França um oitavo: Italia um nono: na Hespanha um decimo. O terreno de prados e charnecas de pastos, segundo o mesmo jornal, é um terço da Dinamarca, na Baviera e no ducado de Brunswick: um quarto na Austria propriamente dita, estados continentaes da Sardenha, na Styria e Illyria: um quinto na Prussia, na Hungria, na Hollanda e na Belgica: um sexto na Suissa, na Bohemia, e no imperio da Austria: um setimo em França, na Italia, na Escocia, no Wurtemberg, e no ducado de Baden: um oitavo no ducado de Hesse-Cassel: um nono na Moravia e no ducado de Nassau: um decimo no reino das Duas-Sicilias, em Portugal e na Sardenha: um undecimo na Gallicia, na Lombardia e nas provincias venezianas: um duodecimo no Tyrol: um quadragesimo

na Turquia europeia: um quinquagesimo sexto na Russia da Europa: e na Hespanha apenas uma sexagesima quinta parte do territorio é occupado por prados e pastagens.» (*Pan.*)

«As *florestas catingas* no Brazil tem uma vegetação peculiar, differente das florestas virgens. Os tupinambas lhe deram o nome de *caatinga* (clareira), d'onde os brazileiros, por corrupção, formaram a palavra catinga. E de feito, faltando-lhe as folhas em muitos mezes do anno, estas arvores deixam grandes clareiras através dos ramos. O viajante póde assim distinguir as aves que pousam nos ramos; mas tambem apanha um sol abrasador, porque nenhuma sombra alli tempera os ardores do estio. Os brazileiros tem ainda outras palavras para denominar esta vegetação, cujas fórmas se modificam muito: chamam-lhe tambem carrascos, matto carrasquento, etc.

«As florestas virgens, nas paragens em que o solo é mais secco, tem arvores mais baixas, e a vegetação é menos virente, semelhante á das catingas, o que se vê, por exemplo, na estrada que vai do Rio de Janeiro a Santa Cruz.

«Ha tambem catingas que todo o anno conservam as folhas e a verdura, se a humidade as fertilisa, como na provincia de Minas Geraes, nas margens do Rio Verde, e de outros que vão desaguar no rio de S. Francisco. Mas se lhe cahem as folhas por falta de chuva, estas arvores conservam os gomos por muitos annos sem rebentarem. Pelo contrario, se o orvalho é abundante, ou sobrevem chuva copiosa, as folhas despontam com maravilhosa rapidez.

«Contam os viajantes, que muitas vezes lhes succedeu armarem a sua barraca para passarem a noite, n'uma floresta catinga, cujas arvores estavam completamente nuas de folhagem, e ao amanhecer verem-nas todas revestidas de folhinhas tenras, exhalando um perfume suavissimo. Era como se uma varinha de condão tivesse acordado aquellas arvores seccas, da sua forçada lethargia. Então as catingas tomam um aspecto formosissimo, tanto pela delicadeza das suas folhinhas, e modo porque rebentam da extremidade dos ramos, como pelo capricho da sua florescencia. Todavia são mais para vêr quando não tem folhas, durante o estio. Dous botanicos allemães, Endlicher e Martius, comparam, n'este estado, as florestas catingas ás de faias, olmos, carvalhos, amieiros, etc. Tem a mesma formação de ramos, a mesma espessura no tronco, a mesma altura e a mesma cortiça.

«A floresta de catingas fica perto do rio de S. Francisco na provincia da Bahia. Está muito povoada de cactos, que dão á paisagem grande colorido e matiz. No Brazil os cactos chegam á altura de 8 a 10 metros.» (*Arc. Pitt.*)

FLUOR. (Veja METALLOIDES).

FLUXO. (Veja MARÉ).

FOGOS FATUOS ou DE S. TELMO. (Veja METEOROS).

FOLHAS. As folhas são expansões membranosas e verdes que nascem do caule ou dos ramos, e servem á respiração da planta.

«Duas partes ou regiões tem cada folha ordinariamente: o *limbo*, ou palma que é a parte delgada e larga; e o pé ou *peciolo* por onde a folha se prende. No limbo ha cinco lugares distinctos: a *base* por onde o limbo se continua com o peciolo; o *apice* sitio opposto a este; *face de cima* e *face de baixo;* a *margem* ou contorno da folha.

«A folha é vestida exteriormente pela epiderme, continuação da do tronco e dos ramos; interiormente tem uma rêde, ou esqueleto fibroso, que se chama as *veias* ou nervuras da folha, cujos intervallos são cheios de tecido cellular verde, que fórma a *carne* da folha.

«Do lugar em que nascem derivam os diversos nomes que se dão ás folhas—da sua simplicidade ou composição; —do seu modo de prisão; —da sua disposição; —da sua direcção; —

da sua consistencia;—da sua duração; — e da sua figura.

«Em respeito ao lugar do seu nascimento chamaram-se as folhas: *seminaes*, as que são formadas pelos cotyledones da semente; *primordiaes*, as que se seguem logo acima das seminaes; *radicaes*, as que nascem rentes á raiz; *caulinares* e *ramaes*, as que nascem do caule e dos ramos.

«Quanto á sua simplicidade ou composição, dividiram-se as folhas em *simples*, quando tem um só limbo; e *compostas*, quando o peciolo sustenta um maior ou menor numero de folhinhas miudas, a que se dá o nome de *foliolos*.

«Quanto ao modo de prisão: em *pecioladas*, as folhas dotadas de pé; *sesseis*, as que o não tem; *articuladas*, as que unem só á casca, e se desprendem facilmente, exemplo, as das vinhas; *adherentes*, aquellas que quando se despegam levam parte da casca agarrada; *perfoliadas*, as que parecem atravessadas pelo caule; *amplixicaules*, quando a base abraça o caule; *envagniante*, quando lhe fórma uma bainha, como as da cana, do trigo.

«Os nomes que receberam, tirados da maneira como as folhas se dispõem, são: *alternas*, as que nascem de um e outro lado desencontradas; *oppostas*, as que nascem aos pares; *verticilladas*, quando sahem mais de duas de um mesmo ponto, formando *aneis* ou *verticillos* em torno do caule, exemplo, as das araucarias, das palmeiras.

«Segundo a sua differente direcção, chamaram-se: *direitas*, quando seguem a direcção vertical do caule; *apertadas*, quando se chegam muito ao caule; e *patentes*, quando abrem bem para fóra do caule; *dobradas*, quando dobram para o caule; *reflexas*, quando dobram para fóra d'elle; *envolvidas*, quando se enrolam em fórma de baculo; *pendentes*, as que cahem para o chão; *humifuzas*, as que se estendem pela terra; *submersas*, quando mergulham nas aguas; *fluctuantes*, as que boiam á superficie da agua.

«E relativamente á consistencia das folhas, chamaram-se: *graxas*, as que são carnosas, exemplo, as de quasi todos os *cactos*; *esponjosas*, as que são molles e fôfas; *coriaceas*, as que são seccas, e rijas, as do loureiro, por exemplo; *fistulosas*, as que são ôcas, as de cebola.

«Quanto á sua figura: *ovaes*, as que são arredondadas nas pontas, e mais compridas do que largas; *lanceoladas*, as que tem a fórma de uma lança, a cevadilha; *sagittadas*, as que imitam uma setta; *cordiformes*, as de fórma de um coração; *reniformes*, em fórma de rim; *agúdas*, as que terminam em ponta; *claviformes*, as que imitam uma clava ou massa; *bifidas*, quando terminam por duas pontas; *laciniadas*, as que parecem roidas nas bordas; *espinhosas*, as que são bordadas de espinhos; *palmadas*, as que são divididas como os dedos de uma mão; *digitadas*, as que imitam os dedos de uma mão; *peltadas*, as que tem a fórma de um escudo nascendo-lhe o pé do meio da face inferior, como são as das chagas; *gladiadas*, as que affectam a fórma de uma espada, as dos lirios, por exemplo; *pennadas*, são as folhas compostas, em que os foliolos sahem aos pares de um e outro lado do peciolo, á maneira das barbas de uma penna; a folha da acacia.

«Relativamente á duração das folhas: *persistentes*, são as folhas que duram sobre a planta mais de um anno—o buxo, a oliveira etc.; *caducas*, quando cahem pouco depois de nascerem; *deciduas*, se cahem antes das novas folhas; *marcescentes* as que seccam ainda na planta antes de cahir.

«A respiração das plantas consiste na entrada e sahida do ar pelos estomatos da epiderme das folhas e dos tecidos verdes.

«O ar vai misturar-se com a seiva ascendente para lhe dar o ultimo retoque de elaboração, e tornal-a propria á nutrição da planta.

«Durante o dia o ar expellido pelo vegetal traz menos acido carbonico do que o ar inspirado; durante a noite tem lugar o inverso; é o acido carbonico mais abundante no ar expirado do que no inspirado. Porém estes dous modos de respirar não se compensam: o vegetal perde sempre mais

oxygenio do que ganha; e ganha mais acido carbonico do que perde.

«A essencia, ou o fim da respiração nos vegetaes é apoderarem-se, em presença da luz, do carvão ou do carbonio, que vem no acido carbonico do ar, com o qual fabricam o assucar — a fecula — os oleos, e os tecidos lenhosos, expellindo o oxygenio.

«Entre a respiração das plantas e animaes ha reciprocidade; porque se as plantas utilisam o acido carbonico e rejeitam o oxygenio; os animaes expiram o acido carbonico como nocivo, e aproveitam o oxygenio. Assim o reino vegetal e o reino animal são complemento necessario um do outro; ambos se servem mutuamente, conservando eternamente a pureza da atmosphera que é o laço da existencia de ambos.» (Ferreira Lapa).

FORÇA. 1. Esta palavra exprime a potencia, intensidade ou energia da acção de uma cousa physica, moral, ou intellectual. A *força* póde ainda significar a resistencia, a inercia dos corpos, ou do espirito; qualifica tambem a necessidade, a virtude ou a coragem.—Kepler teve a gloria de ser um dos primeiros que descobriu varias leis da attracção; Huyghens expoz em seguida a lei das *forças centraes* no circulo. Appareceu Newton, que generalisando a theoria de Huyghens, formulou e demonstrou o theorema geral das forças centraes, o que o conduziu ao descobrimento do verdadeiro systema do mundo. Assim como a materia é dotada de uma *força de inercia* que a faz resistir ao movimento, assim tambem a mesma força a conserva no movimento que lhe foi communicado, se nenhuma causa externa lh'o modifica. Todo o corpo que gira ao redor de um centro tende a escapar-se pela tangente. A força em virtude da qual este corpo tende a afastar-se do centro, chama-se *força centrifuga*. É esta força que atira as pedras lançadas pela funda. Todo o corpo que volteia ao redor de um centro tende a aproximar-se d'elle, em virtude de uma força que se denomina *centripeta*.

É pela força centripeta que os corpos livres, como os animaes, as pedras, etc., são retidos na superficie da terra, não obstante o movimento de rotação d'ella. D'estas duas forças contrarias deve resultar, e de facto resulta, um movimento curvilineo. E como a materia é essencialmente *inerte*, deve-se concluir que o movimento dos corpos é o effeito de uma causa externa primordial. — Em nossos dias, a nossa attenção tem-se dirigido principalmente para as forças geradas pela industria, ou desenvolvidas pela acção do calor, e nomeadamente pelo vapor da agua em expansão. A celebre marmita de Papin, que rebentava em estilhaços destruidores, nas mãos engenhosas de James Watt transformou-se na poderosa *machina de vapor*, novo motor que mudou a face da mecanica industrial das nações. Além d'estas poderosas forças, d'estas composições fulminantes que produzem a explosão dos rochedos: a polvora, o ouro e a prata fulminantes, e chloreto de potassa, etc., cujo segredo o homem apropriou-se, devem assignalar-se o emprego do ar comprimido, do vento e da queda da agua como motores dos moinhos e de outras machinas, o emprego dos gazes para a ascensão atmospherica. As forças de compressão, de expansão, de repulsão; as desenvolvidas pela faisca electrica, pelo magnetismo, pelo frio que contrahe, pelo calor que dilata, as affinidades ou *attracções chimicas*, abrem ao sabio vasto campo de exploração.

2. A causa de movimento, ou a *força*, é desconhecida em sua essencia, mas póde-se medir os seus effeitos. Quando uma força obra sobre um corpo, a sua direcção, em um momento dado, póde sempre representar-se por uma recta, e a sua maior ou menor intensidade por uma porção d'essa recta, mais ou menos consideravel. E d'este modo os problemas de mecanica ficam reduzidos a uma applicação da geometria. — Dado um corpo ou systema de corpos, solicitado por forças igualmente dadas, determinar o movimento do corpo ou systema no

espaço; reciprocamente, quaes devem ser as relações entre as forças que obram sobre um corpo ou systema, para que se obtenha um movimento dado? Tal é o problema que a mecanica se propõe resolver. Ora, demonstra-se, em geral, que quando um corpo está submettido á acção de muitas forças póde-se substituir a sua acção, n'um momento dado, por uma unica força de grandeza e direcção determinadas, cujo effeito é o mesmo: esta unica força, que substitue todas as outras, chama-se *resultante*. O caso particular em que a resultante é nulla, isto é, em que as forças estão em *equilibrio*, é o objecto de uma das partes da mecanica denominada *estatica;* a outra parte, que se chama *dynamica*, ou sciencia do movimento, deduz-se facilmente da primeira. — No problema da *composição das forças*, estando as forças representadas por meio de rectas, cujos comprimentos são proporcionaes ás suas intensidades, ha dous casos a distinguir: 1.º duas forças obram em direcções parallelas; 2.º duas forças obram em direcções convergentes. Demonstra-se que no primeiro caso, se as forças obram no mesmo sentido, teem uma resultante igual á sua somma, parallela á sua direcção, e passando pelo ponto que divide a recta, que une os dous pontos d'applicação das forças, em partes inversamente proporcionaes ás grandezas das forças. O mesmo acontece no caso das duas forças *componentes* serem dirigidas em sentido contrario, com a modificação: que a resultante é igual á differença das duas componentes, e dirigida no sentido da maior.

Comtudo n'esta segunda parte, ha um caso particular mui notavel em que não existe resultante: é aquelle em que as duas forças parallelas de sentidos oppostos se tornam iguaes; o systema d'estas duas forças, que uma força unica não póde substituir, denomina-se *binario de forças* (*couple*). —A theoria das *forças convergentes* funda-se n'esta proposição: a resultante de duas forças convergentes é representada em direcção e grandeza pela diagonal do parallelogrammo construido sobre as rectas que representam as duas forças em grandeza e direcção.

Havendo mais de duas forças parallelas ou convergentes, determina-se a resultante de duas d'ellas, compõe-se esta resultante parcial com uma terceira força, e assim por diante. (Veja MECANICA, MOVIMENTO, EQUILIBRIO, VAPOR, etc.).

FORMOSURA. «Que cousa é a formosura, senão uma caveira bem vestida, a que a menor enfermidade tira a côr, e antes da morte a despir de todo, os annos lhe vão mortificando a graça d'aquella exterior e apparente superficie de tal sorte, que se os olhos podessem penetrar o interior d'ella o não poderiam vêr sem horror? A formosura é um bem fragil, e quanto mais se vai chegando aos annos, tanto mais vai diminuindo, e desfazendo em si, e fazendo-se menor. Seja exemplo d'esta lastimosa fragilidade Helena, aquella famosa e formosa grega, filha de Tindaro, rei de Laconia, por cujo roubo foi destruida Troya. Durou a guerra dez annos, e ao passo que ia durando, e crescendo a guerra, se ia juntamente com os annos diminuindo a causa d'ella. Era a causa a formosa Helena, flôr em fim da terra, e cada anno cortada com o arado do tempo. Estava já tão murcha, e a mesma Helena tão outra, que vendo-se ao espelho pelos olhos, que já não tinham a antiga viveza, lhe corriam as lagrimas, e não achando a causa, porque duas vezes fôra roubada, ac mesmo espelho, e a si perguntava por ella... As formosuras mortaes no primeiro dia agradam, no segundo enfastiam: são livros, que uma vez lidos, não teem mais que lêr.» (Vieira, *Sermões*).

«A formosura é um resplendor do summo bem, que reluz n'aquellas cousas que se vêem e alcançam com o sentido e com o entendimento, pelas quaes os quer converter a si. Deus é uma bondade infinita, e na esphera do universo é um centro admiravel, do qual mana a formosura co-

mo circulo da divina luz, procedido d'aquelle sempiterno lume que é um acto puro, principio de todas as cousas, cujo ser é perfeitissimo, ser do nosso ser, fonte e origem de todo o bem. Mas é de saber que ha duas maneiras de formosura, uma corporea, outra espiritual: e ainda a corporal se póde chamar incorporea, porque mais se conhece com o entendimento que com o sentido; mais se vê com os olhos d'alma que com os do corpo. Com os olhos corporaes vêmos a cousa formosa, e com os intellectuaes a formosura: em uma se emprega o sentido, na outra o sentido e entendimento. A formosura d'alma, que a orna, se aformoseia com sua ordem, proporção, esplendor, consonancia e discurso; esta é a excellente, e um verdadeiro bem causado e composto de muitos bens, do summo bem procedidos e a elle ordenados. Ella é uma concordia e harmonia de perfeitas virtudes, sciencias, e dons espirituaes, tanto mais excellente que a corporal, quanto mais excellente é a alma que o corpo. A formosura corporal não é nosso verdadeiro bem. Não quero por isto dizer que é má, antes digo que em si é boa e um bem da natureza; mas affirmo que o mau uso d'ella a faz occasião de muitos males. Considerada bem a humana fraqueza ella é perigosa, e principio muitas vezes de grandes desgraças, especialmente quando não anda unida com a formosura d'alma e firmeza da virtude. Nenhum verdadeiro bem cega nosso entendimento para não vêrmos a verdade, nem prende nossas affeições para não subirem ao céo, nem impede á nossa alma o alto vôo da divina contemplação. A formosura da carne costuma ser um véo para cegar nossos olhos, um laço para prender os pés, um visco para impedir as azas: — logo não é verdadeiro bem. Os que se deleitam vãmente em sua formosura não vêem facilmente a verdade, nem seguem promptamente a virtude, nem vôam com facilidade ao alto com o coração. Teem em sua casa seu proprio inimigo, causa da sua vangloria: e o que peor é que o não tem por tal; porque sendo aspero e cruel, o tem por brando e benigno. Deleitam-se em seu proprio damno, querem bem a seu mal, trazem comsigo a dôce peçonha, o roubador de seu descanço, a materia do seu trabalho, a causa de seu perigo, o excitador da sua vaidade. Vêdes aqui que cousa é a formosura da carne, tão desejada de muitos, e tanto para ser desprezada de todos. Por onde se colhe claramente, que nem ella ennobrece a natureza, nem pacifíca a consciencia, nem faz bons seus possuidores, e por conseguinte que não é verdadeiro bem. Um rei houve em Tyro tão glorioso de sua formosura que se perdeu a si e a seu reino, por não querer considerar sobre quão vão e fragil fundamento edificava o alto castello da sua vaidade. E fallando Ezequiel da parte de Deus lhe disse estas palavras: — «Levantado é teu coração em tua formosura; perdeste o teu saber em tua belleza.» Quem foi mais formoso que Absalão, que diz a sagrada Escriptura no segundo livro dos reis que não havia em Israel quem se lhe comparasse em formosura? E quem foi mais vão e ambicioso, pois quiz tomar o reino a seu pai como no mesmo livro está posto em memoria? Determinou de ficar atraz com a consciencia por ir adiante com a opinião, e não fez caso de perder o reino do céo por ganhar o da terra; e elle perdeu um e outro, porque morreu no ar pendurado de uma arvore pelos cabellos, que até para morrer lhe faltou a terra. E foi cousa de notar, que lhe não serviram alli seus formosos cabellos senão de instrumento de sua desastrada morte. Diz o Petrarcha nos *Remedios da fortuna*, que de maravilha se achará cousa com que mais o animo se inche e ensoberbeça que com a corporal formosura. E Ovidio no primeiro dos *Fastos* diz que a presumpção é annexa á formosura, e que a soberba é sua companheira. Isto quizeram significar os poetas quando disseram, que Narciso enlevado em sua formosura se affeiçoára tanto a si que se perdêra cego com seu amor proprio.» (Fr. Heitor Pinto).

«A formosura é como a tyrannia, que quanto mais gente sujeita, tanto está menos segura. E posto que as formosas sejam honestas (que, como já dissemos, não faltam muitas que conservam esta virtude no meio de grandes encontros e perigos), ao menos estão mui sujeitas a ser murmuradas; porque é muito invejada a formosura, e ninguem murmura mais que os invejosos: e como todos em geral põem n'ella os olhos, muitos os desejos, e alguns as pretenções e atrevimentos, e o mundo sempre julga por exteriores, convém que sejam as vidas e linguas mui reformadas, para não andarem em igual passo os pensamentos com as suspeitas e as murmurações com as apparencias; e é trabalho contar verdades encobertas para justificar honras calumniadas...

«Outro inconveniente apontam os authores á formosura, que ainda fica mais encontrado com a perfeição do casamento. Este é a natural soberba e vaidade que de ordinario costumam ter as que se prezam de formosas...

«Anda nas mulheres a formosura em igual grau com a riqueza, de cujos encargos e perigos temos tratado, porque do mesmo modo se ensoberbeceu com o bom parecer do rosto, como com os excessos da fazenda: assim o affirma Francisco Petrarcha com estas palavras: «Ha dous aguilhões da soberba conjugal, um é a fazenda, outro a formosura.» Em outro lugar declara o mesmo com est'outras: «Se é grande a formusura de vossa mulher, tambem o é a sua soberba, porque escassamente se acha cousa que tanto as encha de opinião e vaidade.»

«Ovidio attribue á formosura este mesmo encargo, dizendo: «Para as formosas são as pompas e demasias, porque a soberba anda sempre annexa á formosura.» D'esta soberba e vaidade podem resultar perigos varios, pois como a superioridade mal fundada logo vem a dar em vontade livre, se não lhe acode o freio da boa consciencia, ou bom juizo...

«Das cousas do mundo tomam exemplo as que são honestas sendo formosas, para andarem sempre offerecendo a Deus assim a formosura como a honestidade, e reconhecendo a este Senhor por author de todos os bens e perfeições da natureza, para que quando se virem solicitadas não queiram fiar toda a resistencia do seu brio e procedimento, nem dos primores mal fundados com que alguns idolatram na honra do mundo, porque elle costuma dar continuas voltas, mudando successos e vontades, e se não ha alguma columna muito mais firme em que a virtude se fortifique, ás vezes vem ao chão seus edificios...

«E visto como as formosas tem estes riscos, posto que não seja por defeito seu, senão pelo atrevimento e malicia do mundo, bem claro está que o mais seguro e conveniente é fugir de excessos de formosura para conservar com menos trabalho a perfeição do casamento.» (Diogo de Paiva de Andrade).

FORMULA. É uma expressão breve e symbolica, composta de numeros, ou de letras representando numeros, que indica as operações que se devem effectuar com os *dados* de uma questão para obter a solução d'esta questão e de todas as congeneres, isto é, de todas as que só differem pelos valores numericos dos dados. Comprehende-se bem a grande utilidade das formulas *algebricas* e *arithmeticas*, pois que, basta executar mecanicamente os calculos indicados pelas formulas, para obter promptamente as soluções das questões que ellas exprimem; os raciocinios, muitas vezes mui complicados necessarios para as deduzir, foram feitos de uma vez para sempre; e se o material do calculo muda com os valores numericos dos dados, a ordem e a natureza das operações conservam-se invariavelmente as mesmas.

Basta pois possuir um quadro de formulas relativas a cada genero de questões numericas, para que se obtenha infallivelmente a solução de todos os phenomenos particulares, nos quaes essas leis previamente estabelecidas recebem uma realisação con-

creta. Aqui daremos muitos exemplos que mostrarão aos professores o modo de exprimirem geralmente as questões, e lhes servirão de thema a innumeraveis exercicios instructivos para seus alumnos, sem se soccorrerem de nenhuma arithmetica.

Abreviações empregadas nas formulas

Circumferencia = C; diametro = D; raio = R; base = B; altura = A; superficie = S; volume = V.

1.ª Circumferencia. $C = 2\pi R = 3{,}1416 \times D$; logo, $D = \frac{C}{\pi}$; $\pi = \frac{C}{D}$; $R = \frac{C}{2\pi}$.

2.ª Circulo. $S = \pi R^2 = 3{,}1416 \times R^2$; logo, $\pi = \frac{S}{R^2}$; $R = \sqrt{\frac{S}{\pi}}$.

3.ª Esphera. $S = 4\pi R^2 = 4 \times 3{,}1416 \times R^2$; logo, $R^2 = \frac{S}{4\pi}$ ou $R = \sqrt{\frac{S}{4\pi}} =$

$$\frac{1}{2} \times \sqrt{\frac{S}{\pi}}\ ;\ D = \sqrt{\frac{S}{\pi}}\ ;$$

4.ª Esphera. $V = \frac{4}{3}\pi R^3 = \frac{4 \times 3{,}1416 \times R^3}{3}$; logo, $R^3 = \frac{V}{\frac{4\pi}{3}} = \frac{3\,V}{4\pi}$

$$\text{ou } R = \sqrt[3]{\frac{3\,V}{4\,\pi}}.$$

5.ª Cylindro. $V = \pi R^2 A = 3{,}1416 \times R^2 \times A$; logo, $A = \frac{V}{\pi R^2}$; $R^2 = \frac{V}{\pi A}$

$$\text{ou } R = \sqrt{\frac{V}{\pi A}}.$$

6.ª Cone. $V = \frac{\pi R^2 A}{3} = 3{,}1416 \times R^2 \times \frac{A}{3}$; logo, $A = \frac{V}{\frac{\pi R^2}{3}} = \frac{3\,V}{\pi R^2}$; $R^2 = \frac{V}{\pi A}$

$$\text{ou } R = \sqrt{\frac{V}{\pi A}}.$$

7.ª Rectangulo e Parallelogrammo. $S = B \times A$; logo $B = \frac{S}{A}$; $A = \frac{S}{B}$.

8.ª Triangulo. $S = B \times \frac{A}{2}$; logo, $B = \frac{S}{\frac{A}{2}} = \frac{2\,S}{A}$; $A = \frac{S}{\frac{B}{2}} = \frac{2\,S}{B}$.

9.ª Trapesio. $S = \frac{B + B'}{2} \times A$; logo, $A = \frac{S}{\frac{B + B'}{2}} = \frac{2\,S}{B + B'}$; $\frac{B + B'}{2} = \frac{S}{A}$.

10.ª Formula arithmetica: $\frac{73 \times 7 \times x}{36} = 732$; $x = 732 : \frac{73 \times 7}{36}$.

11.ª $\frac{48 \times \frac{3}{4} \times \frac{x}{3}}{7 \times \frac{8}{9}} = 403$; $\frac{x}{3} = 403 : \frac{48 \times \frac{3}{4}}{7 \times \frac{8}{9}}$ e $x =$ a este resultado $\times 3$.

12.ª $\frac{3 \times 4 \times 6 \times 2}{12} = 12$; $\frac{3 \times 4 \times 6 \times x}{12} = 12$, logo $x = 12 : \frac{3 \times 4 \times 6}{12} = 2$;

$$\frac{3 \times 4 \times x \times 2}{12} = 12, \text{ logo } x = 12 : \frac{3 \times 4 \times 2}{12} = 6;$$

$$\frac{3 \times x \times 6 \times 2}{12} = 12, \text{ logo } x = 12 : \frac{3 \times 6 \times 2}{12} = 4;$$

$$\frac{x \times 4 \times 6 \times 2}{12} = 12, \text{ logo } x = 12 : \frac{4 \times 6 \times 2}{12} = 3;$$

$$\frac{3 \times 4 \times 6 \times 2}{x} = 12, \text{ logo } 12 \times x = 3 \times 4 \times 6 \times 2,$$

logo $x = 3 \times 4 \times 6 \times 2 : 12 = 12$.

Vê-se que supponda successivamente incognito cada um dos termos de uma formula, resultam outros tantos exercicios que mutuamente servem de prova: os alumnos podem pois reconhecer por si mesmos se os seus calculos estão exactos. — Estas formulas podem variar indefinidamente; e, por ellas, se podem familiarisar os alumnos com os calculos mais complexos sobre decimaes e fracções ordinarias, assim como com mui variados problemas. — Proposto um problema, sobre regra de tres simples ou composta, regra de juro ou de companhia, sobre avaliação de superficie ou volume de um qualquer corpo, etc., explica-se pelo methodo de reducção á unidade ou por demonstrações geometricas; e depois de deduzida a formula, faz-se *effectuar*. Verifica-se a formula suppondo incognito um qualquer termo d'ella; se o alumno, effectuando esta nova formula para determinar o valor da incognita, achar o *termo* cujo valor se occultou, terá sido exacta sua primeira solução. — Observe-se que se póde extrahir de uma formula tantos *problemas* quantos os termos que a compõe; pelo que se poderá formular muitos exercicios attrahentes e variados, tendo suas soluções naturalmente feitas, com grande surpreza dos alumnos. — Este trabalho fecundo e attrahente dispensa o professor de recorrer *incessantemente* a uma *mesquinha arithmetica*, que o sujeita a exercicios e problemas aridos e monotonos. — Observe-se ainda que a determinação de x se funda no principio que serve de definição geral da divisão, a saber: sendo dado um *producto* de dous factores e um dos *factores*, achar o *outro* factor. Nas formulas arithmeticas, o producto é o resultado que provém das operações effectuadas com todos os termos, e o factor dado é o resultado de *todos os termos que ficam* depois da suppressão de x. (Veja 12.ª) Nas formulas algebricas 1.ª, 2.ª, 3.ª, etc., o producto é a *superficie* ou o *volume* (S ou V), e o factor dado, o resultado de todos os termos que ficam, depois de ter supprimido *aquelle* que se busca. Em summa: como uma formula não é outra cousa mais que uma equação, a determinação de uma qualquer das quantidades que a compõe obtem-se empregando a regra da resolução das equações. (Veja EQUAÇÃO).

FORTUNA. «Variamente pintaram os antigos a que elles chamaram fortuna. Uns lhe pozeram na mão o mundo, outros uma cornucopia, outros um leme; uns a formaram d'ouro, outros de vidro, e todos a fizeram céga, todos em figura de mulher, todos com azas nos pés, e os pés sobre uma roda. Em muitas cousas erraram como gentios, em outras acertaram como experimentados, e prudentes. Erraram no nome de fortuna, que significa caso ou fado; erraram na cegueira dos olhos, erraram nas insignias, e poderes das mãos; porque o governo do mundo, significado no leme, e a distribuição de todas as cousas, significadas na cornucopia, pertence sómente á Providencia Divina, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, e com a balança de sua justiça na mão é a que reparte a cada um, e a todos o que para os fins da mesma Providencia com altissimo conselho tem ordenado, e disposto. Acertaram porém os mesmos gentios na figura, que lhe deram de mulher pela inconstancia; nas azas dos pés pela velocidade, com que se muda, e sobre tudo em lh'os pôrem sobre uma roda; porque nem no prospero, nem no adverso, e muito menos no prospero teve jámais firmeza. Dos que a fizeram d'ouro, diremos depois, o que agora sómente me parece dizer, é, que os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encareceram pouco; porque ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstancia da roda. Sesostris, rei do Egypto, depois de vencer outros quatro reis visinhos, se desvaneceu a tanta soberba, que em lugar d'outros tantos cavallos mandou que os quatro reis vencidos tirassem pela sua carroça. Assim se fez. Em um dia porém de grande celebridade advertiu, que

um dos reis vencidos de tal maneira caminhava ao compasso dos outros, que o rosto, e os olhos sempre os levava voltados e postos no rodar da mesma carroça. E como Sesostris lhe perguntasse, com que pensamento o fazia, respondeu: «Levo sempre postos os olhos n'esta roda, porque vejo n'ella, que assim como esta parte, que agora está em baixo, esteve já em cima, assim a que está em cima, com meia volta só torna a estar em baixo.» Entendeu o mysterio o rei victorioso, e soberbo, e mandou logo tirar o jugo aos vencidos.» (Vieira, *Sermões*).

FOSSEIS. (Veja ESTRATIFICAÇÃO).

FRACÇÃO. 1. Por occasião da divisão oral, receberam os alumnos a noção de fracção. Completa-se esta noção observando-lhes que quando se reparte igualmente um terreno, uma quantia, uma quantidade de grãos ou de pães, etc., entre muitas pessoas, formam-se *fracções* ou porções, cuja *denominação* varía segundo o maior ou menor numero de partes em que se repartiu o todo. Se ha, por exemplo, 15 partes, cada uma d'ellas se denominará *um quinze ávos;* se são 25, *um vinte e cinco ávos;* etc. Isto é, ajunta-se a terminação ávos ao numero que exprime a totalidade das partes; excepto quando este numero é algum dos numeros 2, 3, 4,..., 9, pois que em tal caso denominam-se *meios*, *terços*, *quartos*,..., *nonos*. — Para exprimir uma fracção são necessarios dous numeros (*termos da fracção*): um que indica em quantas partes iguaes a unidade está dividida (*denominador*); o outro que indica quantas d'essas partes contém a fracção (*numerador*). Nas fracções ordinarias, estes dous numeros escrevem-se um debaixo do outro, separando-os com uma linha horisontal; nas fracções decimaes, a *virgula* suppre a escripta do denominador, indicando o valor relativo de cada algarismo, e por consequencia a denominação da fracção. Por exemplo: $\frac{2}{10}$; $\frac{25}{100}$; $\frac{47}{1000}$; $\frac{68}{10000}$; podem escrever-se 0,2; 0,25; 0,047; 0,0068; o que mostra que toda a fracção decimal equivale a uma fracção ordinaria cujo numerador é o numero inteiro formado pelos algarismos da fracção, eliminada a virgula, e o denominador o numero formado pela unidade seguida de tantos zeros quantos são os algarismos na direita da virgula. Isto é muito util saber-se para se *lêr* e *escrever* uma fracção decimal qualquer.

2. É muito importante mostrar que uma fracção exprime o quociente da divisão dos seus dous termos. Por exemplo $\frac{3}{4}$ é o quarto de 3: o quarto de 3 contém de facto o quarto de cada uma das 3 unidades que formam 3, isto é, 3 vezes $\frac{1}{4}$ ou $\frac{3}{4}$. D'aqui resulta: 1.º que uma fracção ordinaria qualquer póde reduzir-se a fracção decimal, dividindo o numerador pelo denominador; 2.º que uma fracção sendo um quociente não effectuado, o numerador é o dividendo e o denominador o divisor; a alteração que se fizer aos *dous termos* d'uma fracção ou aos *dous numeros* d'uma divisão, multiplicando-os ou dividindo-os, etc., produz o mesmo resultado no valor da fracção que no valor do quociente. — As fracções, como os numeros inteiros, podem combinar-se por addição, subtracção, multiplicação e divisão. (Veja estas palavras). O processo d'estas diversas operações funda-se nos seguintes principios: 1.º multiplicando ou dividindo o numerador d'uma fracção por um numero inteiro, sem alterar o denominador, a fracção torna-se tantas vezes maior ou menor quantas as unidades d'esse numero inteiro; 2.º multiplicando ou dividindo o denominador d'uma fracção por um numero inteiro, sem alterar o numerador, a fracção torna-se tantas vezes menor ou maior quantas as unidades d'esse numero inteiro; 3.º multipli-

cando ou dividindo ambos os termos d'uma fracção por um mesmo numero, a fracção não muda de valor; 4.º augmentando ou diminuindo a ambos os termos da fracção um mesmo numero, a fracção varía; no primeiro caso, aproxima-se da unidade, no segundo, afasta-se da unidade. — Para demonstrar de um modo concreto o terceiro principio, toma-se o metro, e marcando, por exemplo, 4 decimetros ou $\frac{4}{10}$ do metro, faz-se notar que n'este mesmo comprimento ha 40 centrimetros ou $\frac{40}{100}$ de metro: vê-se assim que os dous termos da primeira fracção foram multiplicados por 10, e que $\frac{4}{10}$ ou $\frac{40}{100}$ representam a mesma fracção de metro. Partindo de $\frac{40}{100}$ passa-se do mesmo modo para $\frac{4}{10}$, o que prova tambem que dividindo ambos os termos pelo mesmo numero não se altera o valor da fracção. — Os outros principios facilmente se demonstram, quer d'um modo concreto, quer effectuando as operações indicadas e comparando o resultado com a primeira fracção (meio de verificação), quer em fim pelo raciocinio que o exame attento sempre descobrirá. — Do terceiro principio resulta que uma fracção qualquer póde exprimir-se por uma infinidade de modos differentes: assim, $\frac{2}{3}$, $\frac{4}{6}$, $\frac{8}{12}$, etc., são fracções iguaes, pois que todas derivam da primeira pela multiplicação dos seus dous termos por 2, 4, etc. Ora, quanto menores forem os dous numeros inteiros que são os termos de uma fracção, tanto mais clara é a idéa que se faz do valor da fracção: ha pois vantagem em *reduzir uma fracção á sua mais simples expressão*, o que se consegue dividindo ambos os seus termos pelo maximo divisor commum d'elles. (Veja DIVISIBILIDADE). Querendo dispôr muitas fracções dadas por sua ordem de grandeza, se teem o mesmo denominador, basta comparar os numeradores; se não teem, é necessario primeiramente *reduzir as fracções ao mesmo denominador*. Apresenta-se immediatamente um processo, que é multiplicar os *dous termos* de cada uma das fracções dadas pelo *producto* dos denominadores de todas as outras. Porém, se os denominadores das fracções dadas são *primos entre si dous a dous*, simplifica-se este processo tomando para denominador commum o *menor multiplo commum* dos denominadores das fracções.

Eis o typo do calculo em ambos os casos.

1.º Processo

$$\frac{1}{2} \qquad \frac{2}{3} \qquad \frac{5}{6}$$

$$18 \qquad 12 \qquad 6 \qquad\qquad 3\times 6=18,\ 2\times 6=12,\ 2\times 3=6$$

$$\frac{1\times 18}{2\times 18} \qquad \frac{2\times 12}{3\times 12} \qquad \frac{5\times 6}{6\times 6}$$

$$\text{ou} \quad \frac{18}{36} \qquad \frac{24}{36} \qquad \frac{30}{36}$$

2.º Processo

$$\frac{1}{2} \quad \frac{2}{3} \quad \frac{5}{6}$$

$$\frac{1 \times 3}{2 \times 3} \quad \frac{2 \times 2}{3 \times 2} \quad \frac{5 \times 1}{6 \times 1}$$

$$\text{ou} \quad \frac{3}{6} \quad \frac{4}{6} \quad \frac{5}{6}$$

Menor multiplo commum dos denominadores $= 6$

$6 : 2 = 3$

$6 : 3 = 2$

$6 : 6 = 1$

Explicação. Pela inspecção dos denominadores, reconhece-se que n'este exemplo o menor multiplo commum d'elles é 6; mas se assim não acontecesse, determinava-se o menor multiplo commum pela regra conhecida. (Veja DIVISIBILIDADE). Depois divide-se successivamente o menor multiplo 6 por cada um dos denominadores; os quocientes 3, 2 e 1 são os numeros pelos quaes se devem multiplicar respectivamente ambos os termos das fracções. Se as fracções dadas estão *irreductiveis*, o menor multiplo commum dos seus denominadores é o menor denominador commum que se póde dar ás fracções propostas.

3. Para simplificar certos problemas, é muitas vezes vantajoso na pratica *converter* uma fracção ordinaria em dizima. Consegue-se isto, effectuando a divisão do numerador pelo denominador. Assim acha-se $\frac{2}{5} = 0{,}4$; $\frac{3}{8} = 0{,}375$; $\frac{7}{40} = 0{,}175$, etc. Mas póde acontecer que a operação se não termine. Por exemplo, proponha-se converter em dizima a fracção $\frac{5}{27}$

```
 50   | 27
230   -------
 140   0,185 . .
  50
   .
   .
   .
```

Depois de se effectuarem tres divisões, encontra-se o primeiro dividendo 50, e por tanto tornam a apparecer o algarismo 1 do quociente e o resto 23; e assim indefinitamente; logo, $\frac{5}{27} = 0{,}185185185...$, suppondo que a fórma decimal continua indefinitamente. Os algarismos 185 que se reproduzem periodicamente formam o que se chama *periodo*, e a fracção diz-se *periodica*. Conforme o periodo começa immediatamente depois da virgula, ou é precedido de algarismos *não periodicos*, a dizima periodica é *simples* ou *mixta*. Dada uma dizima convertel-a em fracção ordinaria, é o problema reciproco do que acabamos de resolver. Se a dizima é limitada, basta tornar explicito o denominador occulto pela virgula; por exemplo: $0{,}375 = \frac{375}{1000}$, que, reduzida á sua mais simples expressão, dá $\frac{3}{8}$. Se a dizima é periodica busca-se a *fracção ordinaria generativa* por meio de uma das duas seguintes regras: 1.ª Fórma-se a fracção generativa de uma dizima periodica *simples*, menor que a unidade, tomando para numerador o periodo, e para denominador um numero formado de tantos noves quantos os algarismos do periodo. Por exemplo: 0,185185185... tem por fracção generativa $\frac{185}{999}$ que simplifi-

cada se reduz a $\frac{5}{27}$; 2.ª Fórma-se a fracção generativa de uma dizima periodica *mixta*, menor que a unidade, tomando para numerador o numero formado pela parte não periodica seguida do periodo, diminuido da parte não periodica, e por denominador um numero formado de tantos noves quantos os algarismos do periodo e terminado por tantos zeros quantos algarismos da parte não periodica. Por exemplo: 0,193181818..., cuja parte não periodica é 193 e o periodo 18, tem por fracção generativa

$$\frac{19318 - 193}{99000} = \frac{19125}{99000} = \frac{17}{88};$$

o que se póde verificar, em ambos os casos, reduzindo a dizima as duas fracções $\frac{185}{999}$ e $\frac{19125}{99000}$.

Do modo de formação das fracções generativas, conclue-se o seguinte: Se o denominador de uma fracção ordinaria, *reduzida á sua expressão mais simples*, não encerra senão os factores 2 e 5, essa fracção é convertivel exactamente em dizima; no caso contrario, a dizima gerada pela fracção será periodica: será *simples*, se o denominador não encerra os factores 2 e 5, nem um d'elles sómente; será *mixta*, no caso contrario. O numero de algarismos da parte não periodica será indicado pelo numero de unidades do maior expoente da potencia de 2 ou 5 que o denominador encerra.—Exercicios numerosos sobre todos estes principios, e verificação de cada um por meio da operação contraria, conforme o methodo indicado no artigo *formula* e no presente artigo.

FRANÇA. França, chamada Gallia pelos antigos, é um vasto e bello paiz, cercado naturalmente pelo mediterraneo, e Pyrenéos que a extremam da Hespanha pelo sul, oceano atlantico pelo oeste; e pela Mancha que a separa da Inglaterra pelo norte, pelos Alpes e Rheno que a dividem da Italia por éste; coberta de serranias coroadas por florestas, regada por seis grandes rios e numero grande de ribeiros, a França já era celebrada em remotas eras pela doçura de seu clima e variedade de productos. O solo, posto que accidentado, é na maior parte fertil, tem uberrimas pradarias naturaes e artificiaes, vinhedos famigerados, e immensas searas. Topam-se lá todavia vastas charnecas a sudoeste nas ribas do oceano, e extensas gandaras nos departamentos da antiga Bretanha.

FRANCELHO. (Veja PASSAROS).

FRANCISCO I. (Veja DEZESEIS (seculo).

FRANCO. (Veja MOEDAS LEGAES PORTUGUEZAS).

FRANCO (Francisco de Mello). Nasceu em Paracatú em 1757, descendente de familia pobre—diz o snr. Pereira da Silva no seu estimavel livro de biographias intitulado *Os varões illustres do Brazil*. N'esta biographia de Francisco de Mello Franco iremos extractando d'aquella obra os periodos essenciaes:

«Era a universidade de Coimbra o centro dos estudos superiores de Portugal. Matriculou-se Mello Franco nas falculdades de medicina e philosophia. Ao passo que cursava as aulas, amenisava as horas do trabalho compondo poesias eroticas e satyras, que lhe deram nomeada entre os seus condiscipulos e lentes. Figura entre ellas o poema do *Reino da estupidez*, que lhe grangeou admiradores e ao mesmo tempo desaffectos e inimigos, nos que suspeitaram, ou encontraram offensas pessoaes n'esses imprudentes improvisos do joven estudante.

«Não lhe resultariam d'este poema consequencias mais graves, se o tribunal do santo officio não divisasse n'elle vestigios de irreligião e immoralidade.

«Quatro annos jazeu nos carceres da inquisição o infeliz Francisco de

Mello Franco, na idade e viço ainda da juventude.

«Faz-lhe honra um facto. Uma senhora, sua conhecida, e que se não prestou a depôr contra elle, foi pelo tribunal condemnada á reclusão pelo espaço de um anno nos seus proprios carceres. Logo que foi restituido á liberdade, procurou-a Mello Franco, e recebeu-a em matrimonio.

«Não parou com os seus estudos. Continuou a cursar as aulas da universidade, e tomou o grau de doutor em medicina. Não tendo meios pecuniarios para se passar ao seu paiz natal, estabeleceu-se na cidade de Lisboa, entregando-se ao exercicio da profissão que adoptára.

«Vida folgada, alegre e tranquilla passava assim na capital do reino, no seio de uma sociedade selecta e de amigos esclarecidos, e no gozo de uma reputação extensa e de uma nomeada brilhante. Tinha sido um dos fundadores da academia de geographia, que se instituiu em 1799, no intuito de espalhar e desenvolver os conhecimentos geographicos, que andavam bastante atrazados no reino. Chamou-o o principe real D. João para medico honorario da sua camara, e distinguiu-o em differentes occasiões.

«Conservou-se quieto durante as invasões francezas em Portugal. Aproveitou-se da posição de medico para não manisfestar opinião ou aspirações. Deixou correr a tempestade sem dar o menor indicio de percebêl-a.

«Chegou-lhe ás mãos em 1817 uma carta escripta pelo proprio punho de el-rei D. João VI, em que lhe ordenava deixasse Lisboa, se dirigisse á Italia, e se reunisse ás pessoas que tinham de formar o acompanhamento da archiduqueza d'Austria Dona Maria Leopoldina, futura esposa do principe real D. Pedro, com a qual deveria seguir viagem de Lisboa para o Rio de Janeiro.

Posto gostasse Mello Franco da vida de Lisboa, deliberou-se a abandonar a Europa, seguir para a sua patria como medico da augusta princeza, que foi posteriormente a primeira imperatriz do Brazil, estabelecer-se no Rio de Janeiro, e acabar ahi os seus ultimos dias. Vendeu os bens que possuia em Portugal, despediu-se de todos os seus amigos, e partiu para a honrosa commissão que lhe fôra incumbida.

«Chegado ao Rio de Janeiro entregou-se á clinica medica, e aos estudos scientificos, que tanto prezava na metropole. Escreveu um ensaio ácerca das febres intermittentes do Rio de Janeiro, que offereceu ainda á sua querida academia de Lisboa, e que ella publicou benevolamente na sua interessante collecção de memorias.

«Pouco tempo lhe durou a ventura. O que não fizera em Portugal durante a invasão franceza praticou-o na sua patria, provando assim que por ella mais interesse tomava, e mais fortemente lhe batia o coração.

«Deslumbrando novo aspecto e futuro para instituições politicas, e enthusiasmando-se por idéas livres, adoptou francamente as doutrinas e principios que grassavam então pelo mundo, e que haviam produzido as revoluções de Napoles, de Sardenha, de Hespanha, e por fim a de Portugal, que se esforçára em acompanhar o movimento, proclamando em 1820 a sua regeneração.

«Declarou-se arrojadamente Mello Franco pelas idéas de progresso e emancipação, manifestando por toda a parte o enthusiasmo de que se deixava possuir.

«Como litterato não ficou Mello Franco áquem de sua reputação de medico e de sabio. Folheando-se os volumes de escriptos litterarios publicados pela academia real de sciencias de Lisboa, desde 1790 até 1814, notam-se trabalhos importantes d'elle a par com as memorias de João Pedro Ribeiro, de Ribeiro dos Santos, de Trigoso, de José Bonifacio, de Aragão Morato, e do abbade Corrêa da Serra.

«Teve tambem como poeta alguns titulos que lhe devem salvar a memoria. Seguindo as pisadas do *Hyssope* de Antonio Diniz, é-lhe comtudo inferior o poema do *Reino da estupidez*. Contém todavia muito espirito, versos excellentes, descripções pittorescas,

e uma pintura viva e original de caracteres e costumes, que nos agradam necessariamente.

«É uma composição da juventude, d'essa primeira idade do homem, em que não está maduro ainda o espirito, e vai apenas acordando a intelligencia. Não deixa porém de manisfestar engenho poetico em quem a concebeu e executou.

«Ressumbra n'ella maledicencia de mais, e por vezes imperdoavel. Notam-se rasgos burlescos, que desdouram a obra. Desenvolvem-se scenas que chegam a enfastiar. Não é a gravidade graciosa; o sainete fino e sempre igual; o espirito selecto e elevado, que adornam o *Hyssope* de Antonio Diniz, o *Roubo da madeixa* de Pope, e o *Lutrin* de Boileau. Prima antes a desenvoltura do estudante travesso, mordaz, folgazão e petulante, que joga com as armas proprias da sua idade, e falho é ainda de circumspecção e criterio.

«Não constitue corôa poetica para Mello Franco o poema referido. Baseia-se antes o seu renome nos canticos admiraveis que intitulou *Noites sem somno*, compostos durante os quatro annos que passou nos carceres do santo officio.

«Formam a sua base a dôr, o gemido e a desesperação. Chora e mortifica-se o poeta. Sonha e assusta-se. Joven ainda, teme que lhe escape o futuro a que aspirava, e não a vida, que não aprendeu ainda a prezar. Não possue a melancolia resignada do christão, nem a paciencia elegiaca do homem prudente. Se dorme, delira loucamente. Se véla, irrita-se e grita. Se reflecte, cahe na prostração e no abatimento.

«Mas são pintados todos estes sentimentos com côres apropriadas, originaes e brilhantes. Transborda a poesia, como effeito natural dos soffrimentos do poeta. Sahem-lhe do coração espontanea e ardentemente, como do volcão escapa a labareda. Creou-os a propria dôr, e são os gemidos, que ella solta, quando desesperada.

«Rivalisam com o pensamento a maviosidade da expressão e a cadencia do verso. O proprio Manoel Maria Barbosa du Bocage, poeta da lingua portugueza, melodioso por excellencia e tão difficil na apreciação da toada musical applicada á organisação das phrases e á construcção do verso, teceu-lhe insuspeitos elogios por estes canticos, que considerava excellentes pela dicção e suavidade, pela idéa e pensamento.

«Pena foi que tão pouco produzisse um engenho poetico que dotára a natureza com dotes tão selectos e primorosos.»

FRANCOS. (Veja INVASÃO).

FRANKLIN. «Que nome ha mais popular nos fastos maritimos dos modernos tempos do que o de sir John Franklin? Todo o mundo civilisado se interessou pela sua sorte, quando adivinhou que o illustre navegador ficára prisioneiro nos gelos do arctico; toda a Europa chorou a sua morte, quando fataes indicios vieram do circulo polar a Inglaterra, denunciar o triste acontecimento: só uma dama, lady Franklin, a consorte fiel do audacioso nauta, não se dobrou á evidencia, e ainda hoje (1855) diligenceia encontrar, ao menos, o cadaver de seu marido! Heroicidade de mulher e de esposa!... Porém voltemos ao navegador.

«John Franklin nasceu em 1786, e começou aos quatorze annos, como grumete, o seu tirocinio maritimo, á semelhança de Horacio Nelson e de Jacques Cook.

«Já se havia distinguido nos combates de Copenhague, de Trafalgar, e da Nova Orleans, e trabalhado corajosamente em uma viagem de descoberta á roda da Nova Hollanda, sob o mando do capitão Flinder, quando obteve o posto de tenente, e o commando de um dos navios da expedição de Buchan ao polo do norte, sendo ainda bastante joven.

«Era em 1818. Buchan e Franklin largaram do Tamisa em busca das regiões de eterno gelo, capitaneando os navios *Trent* e *Dorothéa*, com destino

de passarem ao norte do Spitzberg, buscando caminho directo para o estreito de Behring.

«É preciso lêr na narração de Beechey as terriveis peripecias d'esta viagem, para se avaliar dignamente a coragem sobrehumana e a placidez no meio dos perigos de sir John Franklin!

«Depois de descrever os horrores d'aquelle tempestuoso oceano polar, o denodado maritimo, que tambem ia na expedição de Buchan, diz com soberba:

«Nunca a força moral do homem de mar foi sujeita a tão dura prova como n'estas circumstancias. Não posso occultar que me enchia de orgulho ouvir, entre as temerosas manifestações da natureza, a voz placida mas firme do commandante da nossa pequena embarcação, sir John Franklin, dando as necessarias ordens, e vêr com que presteza e precisão eram executadas pela equipagem.»

«Nem entre as montanhas de gelo, nem em face dos maiores perigos, a disciplina afrouxava!

«Os navios da expedição iam preparados, quanto o permittia a industria humana, para resistirem ao embate dos gelos, e até para tentarem abrir caminho por entre aquellas temerosas massas. Revestia-os exteriormente um segundo fôrro de madeira, de tres pollegadas de espessura, e eram especados por dentro com grossas traves de ferro, collocadas horisontalmente; as prôas iam armadas de ferreos esporões. Havia a bordo d'elles todo o *confortable* possivel; bons viveres para tres annos, medicamentos em abundancia, e finalmente tudo quanto era possivel fazer-se para tornar menos penosa uma hibernação nas regiões polares.

«Buchan e Franklin não poderam ir mais longe do que os navegadores do precedente seculo, e depois de tres mezes de agonia entre os perigosos gelos do norte, voltaram a Inglaterra.

«Porém logo no seguinte anno foi escolhido o nosso heroe para coadjuvar o capitão Parry, que ia procurar a passagem do noroeste, do ponto onde Ross desistira, no estreito de Lencastre. Franklin era encarregado de dirigir uma expedição por terra, precedendo ou seguindo sobre os gelos a tentativa maritima. Além d'isso tinha instrucções para reconhecer as costas do continente a leste do rio Coppermine, e determinar as latitudes e longitudes d'estas regiões, com mais exactidão do que o fizera no seculo antecedente o seu primeiro explorador Hearne.

«Em maio de 1819 embarcou pois para a bahia de Hudson, que devia ser o ponto de partida da sua expedição terrestre; e só ao cabo de tres mezes da mais perigosa navegação, pôde chegar á feitoria de York.

«A sua primeira estação era o forte Chipewyan, posto avançado da companhia ingleza do commercio de pelles, sobre o lago Attapeskâ. Era ahi que a expedição devia completar-se, e organisar-se definitivamente. Trezentas leguas de gelo o separavam todavia d'esse lugar.

«Durante o penoso transito, um pedaço de rochedo em que pousava Franklin, destacou-se da montanha, arrastando-o com violencia sobre uma catarata; porém o intrepido nauta teve a fortuna de se agarrar a um ramo de salgueiro, e pendurado d'elle sobre o abysmo das aguas, esperou corajosamente que uma barca viesse recolhel-o.

«Franklin encontrou vasios os extensos armazens de Chipewyan; e logo que reuniu todos os seus companheiros europeus, poz-se a caminho para o forte da Providencia, descendo o rio da Paz e o grande lago do Captivo.

«Ahi alcançou guias e caçadores para acompanharem a expedição, na tribu dos indios-cobreados, que trataram muito bem os *rostos-pallidos* (europeus). E marchou para o valle de Coppermine.

«No fim de agosto (1820) tinha transposto a cumieira, que separa aquelle rio do Mackensie, e chegando ás margens de um lago, resolveu passar alli o inverno que se aproximava, baptisando o lugar com o nome de *Forte da empresa*.

«Pelo meado de junho (1821) começaram a quebrar-se os gelos do lago de *Inverno* (que assim se ficou chamando aquelle), e Franklin querendo aproveitar a pequena estação em que é permittida a navegação, desceu logo com toda a sua gente o rio Copermine, e um mez depois, tendo andado mais de cem leguas, pôde em fim contemplar, do alto de uma collina, o oceano polar, semeado de ilhas e bancos de gelo.

«Os esquimaus d'estes lugares fugiam dos homens de Franklin, e os indios cobreados abalavam tambem, com medo dos esquimaus; de sorte que, a 18 de julho, a expedição compunha-se tão sómente de trinta europeus.

«Apenas com mantimentos para quinze dias, este punhado de aventureiros confiou a vida a frageis barcos, sobre as vagas polares, que não tinham balouçado, até então, nenhum europeu, e dirigindo-se a leste do rio Copermine, diligenciou encontrar caminho para a bahia de Hudson.

«Depois de cinco semanas de trabalhos, durante as quaes descobriram varios archipelagos, estreitos e golfos, que conservarão para sempre os nomes que Franklin lhes poz, começando a fome a perseguil-os, e o inverno polar a annunciar-se, resolveu o intrepido explorador regressar ao continente.

«A 22 de agosto emprehenderam a retirada, restando-lhes apenas dous dias de mantimentos, e achando-se separados mil milhas do forte da Empresa, primeiro lugar onde Franklin esperava encontrar viveres. Póde calcular-se pois a fome que soffreriam, caminhando além d'isso sobre a neve, onde não podiam encontrar o mais insignificante sustento.

«O dia 7 de setembro foi, relativamente, um dia feliz para estes homens isolados n'uma extremidade do mundo. Encontraram e mataram um boi-almiscarado, do qual comeram logo até os intestinos crús.

«Uma tal fortuna não se repetiu n'esta penosa retirada polar; e os pobres viajantes ficaram reduzidos a comer o musgo dos rochedos, e alguma carcassa de gamo, com cuja carne os lobos se haviam banqueteado ha muito.

«Quando, finalmente, o capitão Franklin chegou ao forte da Empresa, depois de seis semanas de continua luta, tinha apenas comsigo cinco de seus companheiros; o resto tinha ficado pelo caminho, extenuados de fome e de cansaço.

«O mais horrivel da situação, porém, é que estes seis homens encontraram o lugar das suas esperanças completamente abandonado, e sem o menor soccorro!

«Em tal extremidade, Franklin não hesita; toma comsigo dous dos companheiros, que ainda podiam mover-se, e com pelles de gamo queimadas por unica provisão, emprehende atravessar até ao forte da Providencia. No caminho, porém, rasga as alparcatas que lhe defendiam os pés, e não podendo seguir com a mesma velocidade os seus dous companheiros, que buscavam a salvação de todos, volta sósinho a tratar dos outros que ficaram no forte.

«Chegaram depois alli o doutor Richardson, medico da expedição, e Hepburn, unicos que escaparam dos infelizes que ficaram á retaguarda. E a 7 de novembro foram estes homens libertados d'aquelle horrivel isolamento, pela chegada dos indianos, enviados por Back, um dos audazes aventureiros, que precedêra o corpo da expedição em procura d'estes auxiliares.

«A 11 de dezembro alcançaram o forte da Providencia, e d'ahi os que restavam da expedição, Franklin, Richardson e Back, seguiram para o forte do *Impulso*, aonde passaram o inverno.

«Só em julho de 1822 terminaram, na feitoria de York, a sua viagem polar de duas mil leguas, aproximadamente, embarcando-se de novo para Inglaterra, sem terem tido noticia dos navios de Parry.

«Parece que Franklin havia pago já um pesado tributo á geographia do arctico, porém o destino arrastava-o para aquellas plagas malditas; e logo

em julho de 1825 estava de novo o infatigavel explorador no forte Chipewyan, e, o que é notavel, com os seus ultimos companheiros de perigos e de trabalhos, o doutor Richardson, e Back!

«Franklin havia sido encarregado de dirigir uma expedição, descendo do Canadá pelo rio Mackensie, destinada a dar a mão, se podesse, a qualquer das duas expedições navaes que partiam ao mesmo tempo para o circulo polar, dirigidas por Parry, e por Beechey.

«A expedição terrestre foi invernar na margem occidental do grande lago do Urso, e a 28 de junho de 1826, deixando o forte *Franklin*, desceu pelo rio Mackensie para o oceano polar. Chegado ao delta d'este rio, o chefe seguiu um de seus braços com alguns dos companheiros, e Richardson capitaneou o resto navegando pelo canal opposto.

«Na embocadura do Mackensie, Franklin e os seus foram assaltados e roubados por uma tribu de ferozes esquimaus. Pouco depois descobriram uma ilha selvagem, a que deram o nome de *Garry*, e onde o capitão alçou uma bandeira nacional, bordada pelas mãos de sua esposa, expressamente para se erguer na primeira terra polar que o ousado nauta descobrisse.

«Depois de ter navegado mais quatrocentas milhas para oeste, resolveu-se em fim a voltar ao forte *Franklin*, onde já encontrou Richardson.

«Ainda outro inverno passado além do circulo polar, e vendo em roda de si congelar-se o alcool e o mercurio!... Só no outono de 1827 chegou Franklin a Inglaterra; e logo a sociedade geographica de França lhe concedeu a grande medalha de ouro, que adjudica annualmente ao author da mais importante descoberta.

«Apesar de todas as recompensas recebidas do seu governo, que lhe permittiam viver feliz e honrado na patria, Franklin tentou ainda voltar aos gelos do norte, a buscar por entre as ilhas e rochedos, de que está semeado o mar do polo, a desejada passagem entre o estreito de Barrow e o de Behring.

«Fez-se de vela a 26 de maio de 1845, (para não voltar mais á patria!) levando ás suas ordens dous solidos navios, o *Erebo* e o *Terror*, capitaneados por Crozier e Fitz-James, com 168 praças de guarnição, e viveres para quatro annos.

«A 12 de julho seguinte lançou ferro em frente da ilha groenlandeza de *Disco* aonde ha um estabelecimento dinamarquez. Poucas semanas mais tarde eram vistos, o *Erebo* e o *Terror*, por alguns baleeiros, na bahia de Baffin, não longe do estreito de Lencastre... depois mais nenhuma noticia; não se soube mais das embarcações, nem da sua equipagem!

«O fim do intrepido nauta é um mysterio!

«Em 1847 começaram as diligencias do governo inglez e dos amigos de Franklin, para saber do seu destino. O bom doutor Richardson lá foi, outra vez, descer o Mackensie em busca do seu antigo capitão. Ross, Kellet, Moore e outros, empregaram os maiores esforços em descobrir o rasto d'aquelles navegadores; porém debalde.

«De 1850 em diante redobraram as diligencias. O governo inglez prometteu grossas sommas a quem descobrisse a gente do *Erebo* e do *Terror;* muitos particulares na Europa e na America armaram navios para esta philanthropica cruzada; e lady Franklin (segunda esposa do navegador) equipou varios navios com o mesmo piedoso fim, sem attender a que arruinava a sua fortuna.

«No inverno de 1850 a 1851, dous navios de vela e dous vapores, ás ordens do capitão Austin, outras duas embarcações sob o commando de Penny, o hiate do velho almirante John Ross, dous barcos americanos capitaneados por Haven, e o brigue *Principe Alberto* de lady Franklin, estacionaram no oceano arctico, fazendo as suas tripulações toda a diligencia por encontrarem vestigios do *Erebo* e do *Terror*.

«Em 1852 continuou a exploração

com seis navios de guerra inglezes, sob o commando de Belcher e Inglefield, mas com o mesmo resultado, sem se alcançar o menor indicio da expedição de Franklin.

«A final, em 1854, chegou á Europa a noticia de que uns quarenta homens brancos haviam morrido de fome nos gelos do norte, depois de terem descido aos ultimos excessos do canibalismo!

«Seria algum d'elles o capitão Franklin? Ninguem já agora o poderá dizer; mas póde-se ter como certo que foi victima, como todos os seus companheiros, d'aquelle rigoroso clima.

«O capitão Arat comprou aos esquimaus alguns objectos pertencentes ao commandante do *Terror*, Crozier, e outros que mostravam bem haverem sido da gente de Franklin.

«Todavia, ha ainda poucos mezes que um navio do systema mixto partiu de Inglaterra para os mares do arctico, por conta de lady Franklin, o modêlo das esposas, e enviado por ella a proseguir a exploração.

«Terminaremos com uma declaração, que julgamos necessaria. Em grande parte estes apontamentos foram tomados da excellente obra de mrs. Hervé e Lanoye; plagiato indispensavel, visto que n'estes assumptos se não admitte a invenção de author.» (F. M. Bordalo).

FRANQUEZA. 1. «A franqueza não está no dizer a gente tudo que pensa.» (Livry). — «Excessos de franqueza são indecencia como a nudez.» (Bacon). — «Ha pouco quem saiba empregar convenientemente a franqueza e a não degenere em brutalidade acerba.» (Plutarco). — «É a franqueza virtude quando a prudencia a regula; senão, é uma sandice.» (Oxenstirn). — «Franqueza e boa fé são grandes auxiliares na expedição de negocios, porque são attractivas de grande confiança nos que possuem aquelles excellentes predicados.» (Duclos). — «Despreza-se a si proprio quem se não mostra tal qual é: confessam tacitamente seus vicios os que usam artes de se contrafazerem.» (Massillon). — «O homem *dissimulado* e o *verdadeiro* diversificam em ser o espirito que dirige o coração do dissimulado, e ser o coração que dirige o espirito do verdadeiro.» (La Bruyère).

2. «Exija-se das educandas que digam franca e abertamente o que desejam, e haja condescendencia com ellas, a fim de assim inutilisarmos a mentira, e darmos vantagens á franqueza: d'esta arte as nossas educandas irão ganhando ingenuidade e rectidão de caracter, que muito importa incutir-lhes.» (M.elle Sauvan, *Curso normal*, c. XIV). — Dispensamo-nos de acrescentar que estes meios são da mesma fórma applicaveis aos alumnos. Um menino amimado, mal-creado, se o castigam com razão e sem ella, volve-se naturalmente dissimulado. Será mister observar-lhe todas as faltas, e principalmente os meios de que se serve para encobril-as, a fim de ser corrigido. Sêde severos com o alumno que vos mente; ponde-o de parte em tudo que lhe possa dar consideração. Mais tarde, quando elle vir que vos não póde enganar, conhecerá que o dissimular lhe é, sobre inutil, prejudicial. É um grande avanço. Estimulai-lhe a franqueza e a sinceridade, procedendo de modo que a mentira seja a causa principal do desagrado em que o tendes — e assim completareis a vossa obra de educação.

FREIRE DE ANDRADE (Jacintho). «Em Beja, no Alemtejo, nasceu Jacintho Freire de Andrade por 1597. Foi filho de Bernardim Freire d'Andrade e de sua mulher D. Luiza de Faria. Como era terceiro filho, foi logo destinado aos estudos e á igreja; e consta que tomou o grau de bacharel em direito canonico a 13 de maio de 1618.

«Partiu, depois de tomar o grau de bacharel, para a côrte de Madrid, em busca de fortuna. A sua qualidade, os seus talentos e luzes lhe fizeram lugar na côrte; e diz-se que o mesmo conde duque de Olivares o distinguia e ouvia em negocios importantes. O certo é que obteve a abbadia

de Nossa Senhora d'Assumpção de Sambade, termo d'Alfandega da Fé em Traz-os Montes, e pouco depois, a de Santa Maria das Chãs, no concelho de Tavares, bispado de Vizeu, beneficio, n'aquelle tempo, de grossa renda.

«Os portuguezes soffriam com impaciencia o jugo castelhano, e não ignoravam que o melhor direito de Philippe II á corôa de Portugal foi o exercito do duque d'Alba; e Jacintho Freire era muito vivo e ardente para dissimular as suas opiniões. Manifestou-as; e como as mesmas razões, que o distinguiam, o faziam mais de recear, o governo castelhano entrou em suspeitas, e contam que resolveu mettel-o em prisão. Jacintho Freire, que teve aviso ou se temeu, sahiu occultamente de Madrid e veio acolher-se á sua abbadia das Chãs; onde, entregue ao cumprimento de suas obrigações e aos seus livros, permaneceu ate á revolução de 1640.

«Acclamado el-rei D. João IV, deixou Jacintho Freire a sua abbadia e partiu para Lisboa. Nobreza, discrição, e as mesmas suspeitas que Castella tivera da sua lealdade o tornavam recommendavel. El-rei e o principe D. Theodosio fizeram d'elle grande caso, que não ficou, pelo que toca a el-rei, em mero conceito. Por morte do principe D. Theodosio, quiz el-rei fazel-o mestre do principe D. Affonso; ao que Jacintho Freire se escusou, talvez em razão das disposições já conhecidas do discipulo. Teve tambem D. João IV lembrança de o empregar nas côrtes estrangeiras, e mandou-lhe offerecer o bispado de Vizeu. Não aceitou Jacintho Freire o bispado, respondendo — que não queria gozar em leite, dignidade que não podia gozar em carne — allusão ás difficuldades que Roma oppunha á nomeação dos bispados de Portugal por parte do novo governo.

«Eu presumo que Jacintho Freire tinha sua propensão á satyra, e que a usava com muita graça, e por isso mesmo com maior offensa dos outros e maior risco seu. Tinha pois inimigos, e muitos dispostos para o virem a ser; fructo necessario d'aquella perigosa propensão, principalmente quando a satyra é mais aguda e picante, porque fere uns e põe em receio todos. Por esta mesma resposta ao offerecimento do bispado, o representaram na côrte como pouco comedido e menos serio, e em razão d'isso improprio para tratar em reinos estranhos os negocios da patria. O que é fóra de duvida, é que a lembrança de o empregar nas côrtes estrangeiras não teve effeito, e que Jacintho Freire achou nas friezas da côrte motivo de se retirar. Voltou para a abbadia das Chãs, e ahi continuou no mesmo modo de viver, que antes de sahir para Lisboa. Porém fallecendo seu pai, e ficando em solidão sua irmã D. Maria Coutinho, que nunca tomou estado, deixou nas Chãs um abbade encommendado, e veio viver na companhia de sua irmã, com quem morava ás Portas de Santo Antão, freguezia de Santa Justa.

«Ainda vivia el-rei D. João IV, que o tinha estimado, e alcançou a regencia da rainha D. Luiza, a quem ha razões de crêr que não deixou tambem de ser aceito; mas não consta que tivesse emprego ou representação publica. Consta só que de todo se deu ás letras, ou lendo, ou occasionalmente compondo, sem mais incidente notavel, que o de perder a sua livraria em um incendio das casas, em que morava. Apesar d'este incendio, continuou porém na mesma casa, e ao menos na mesma parochia, onde se sabe que foi enterrado em sepultura commum, no anno de 1657, quando contava sessenta de idade.

«Jacintho Freire de Andrade era dotado de grande, e muito grande, engenho, mas não teve igual ponderação. Se na verdura dos annos se mostrou em Madrid mais impetuoso do que considerado, na idade varonil não deu em Lisboa argumentos de muita prudencia. Em Madrid serviamlhe de desculpa a idade e o amor da patria; em Lisboa faltaram estas razões, e é forçoso attribuir tudo á sua indole, capaz de reflexão e de reflexão profunda, mas pouco disposta

a fazel-a e a empregal-a. É bem de suppôr que com o seu nascimento e talentos, em ambas as côrtes, ainda sem grandes diligencias, acharia honrada fortuna, se temperasse com certa madureza o impulso de suas opiniões e o ardor de sua imaginação: mas faltou a madureza, e a fortuna foi inferior ao seu nascimento e muito mais inferior ás suas prendas.

«É verdade que elle, segundo todas as apparencias, não se occupou muito seriamente do empenho, e ainda cuidado, de «fazer fortuna.» A lição, o trato dos seus amigos, a composição de algumas poesias de mero prazer, parece terem absorvido quasi exclusivamente a sua inclinação e os seus desejos. Fóra d'estas suas recreações poeticas, não sabemos que elle se désse a outra composição, a não ser obrigado de particulares respeitos. Por obsequio ao bispo inquisidor geral D. Francisco de Castro, compoz *Origen y progresso de la caza e familia de Castro*; e pelo mesmo motivo, e a instancias repetidas do dito bispo, compoz a vida de seu avô D. João de Castro, 4 º viso-rei da India. De maneira que o valioso titulo, por que elle mereceu as estimações dos seus naturaes, e por que a sua memoria passou á posteridade, e talvez larga posteridade, foi arrancado á sua indifferença pelas importunações de um amigo.

«Verteu em castelhano, e offereceu á rainha D. Luiza, o livro do bispo capellão-mór D. Manoel da Cunha, intitulado *Lusitania vindicata*, que em formato de 24.º e sem nome de impressor e lugar da edição (imitando em tudo isto o original) sahiu á luz publica. Suspeito porém que o respeito da rainha D. Luiza lhe fez força para esta versão como lhe fez a amizade de D. Francisco de Castro para a vida do viso-rei.» (D. Francisco Alexandre Lobo).

FROISSART (Seculo XIV). 1. Tinha apenas vinte annos, e acabava de sahir dos bancos escolares, quando, a rogos do seu *caro senhor e mestre misser Robert de Namure, cavalleiro, senhor de Beaufort*, emprehendeu escrever as guerras do seu tempo, particularmente as seguentes á batalha de Poitiers. Á maneira de Herodoto, recolhia, viajando, as idéas que devia concatenar; conversando com os agitadores do mundo, aprendia-lhes os costumes e designios; escrevia, digamol-o assim, sob a influencia d'elles, e transmittia aos leitores a immediata impressão dos factos, sem systema algum de composição, sem intuitos criticos, philosophicos ou pittorescos.

2. «Escriptor mais lhano e agradavel não houve algum: é-lhe o seu livro testemunho do tempo em que floreceu; não ha n'elle visos de ostentação; candura de sentir e singeleza de exprimir tudo realça na sua historia. Achaes ahi o colorido encantador dos romances cavalheirescos, a admiração do valor, a lealdade, e gentis proezas da cavallaria; e, á mistura, a desordem, crueza, rusticidade de costumes d'esses tempos barbaros, guerras incessantemente renovadas, incendios de cidades, mortandade de povos, provincias desertas, as joldas de guerreiros estranhos á idéa de patria e medrados no saque. E todavia, no acervo de tantos horrores, surgem uns homens brilhantes de magestade, franqueza e força; são crueis, fluctuantes em affeições politicas, mas faceis de commover, sinceros e escravos da sua palavra nas relações particulares. Tudo ressumbra verdade em seus discursos. N'este amontoado de calamidades, a historia, fiel transumpto d'ellas, não deixa entrever idéa de corrupção e baixeza.» (Barante).

FRONDA. (Veja DEZESETE (seculo).

FULTON. (Veja INVENÇÕES).

FUNCHAL. A ilha da Madeira, e as de Porto Santo e Desertas, estão situadas no Atlantico, distante duzentas leguas da costa d'Africa. A primeira foi descoberta em 2 de julho de 1419 por João Gonçalves Zarco, enviado pelo illustre infante D. Henrique ao descobrimento de novas ter-

ras, e novos mares. Dos bosques frondosos, que os portuguezes ahi acharam, proveio o seu nome de ilha da Madeira. A cidade do Funchal é a capital da ilha da Madeira.

Teve principio pouco tempo depois da descoberta, e por esforço do proprio Zarco, a quem el-rei D. João I fizera doação do districto do Funchal, um dos dous em que a mesma ilha logo foi dividida.

No anno de 1451 deu el-rei D. Affonso V foral de villa á nova povoação, que tomou o nome do sitio em que foi fundada, ao qual pelo muito funcho que n'ella havia, denominavam o Funchal. No anno de 1508 elevou-a el-rei D Manoel á categoria de cidade. Está edificada a cidade do Funchal na costa meridional da ilha, parte assentada n'um valle delicioso, e parte subindo pelo dorso d'um monte, que tem por corôa o castello do Pico.

Estende-se a cidade ao longo da bahia, e desde o mar até meia encosta do monte do castello do Pico, pelo que offerece um lindo panorama a quem a contempla de bordo de algum navio.

Divide-se a cidade em quatro parochias. A sé é um vasto templo de architectura gothica, fundado por el-rei D. Manoel. É notavel pelos excellentes marmores, que lhe vestem as paredes interiormente, pelas pinturas que o adornam, e pelos tectos das suas dez capellas fabricadas de cedro com muito primor, principalmente o da capella-mór.

Entre os principaes edificios conta-se o hospicio da princeza Amelia, fundado por sua magestade imperial a duqueza de Bragança, em memoria de sua augusta filha, para receber doentes pobres, atacados de molestias pulmonares.

As praças ou largos são poucos e irregulares, e as ruas em geral estreitas, e mais ou menos ingremes, porém limpas. As casas são aceadas interiormente, e sempre muito caiadas pela parte de fóra. Muitas ahi ha de construcção elegante.

Quasi no centro da cidade ha um passeio plantado de arvores e plantas indigenas e exoticas.

Os suburbios do Funchal são afamados pela sua muita formosura e amenidade. Os pomares, as hortas, e vinhas, que vestem as collinas; os bosques que cobrem os valles; as arvores e plantas dos tropicos, que por toda a parte crescem a par com as da Europa, ostentando a mais pomposa vegetação; ribeiros de finissimas aguas despenhando-se de cima das rochas, ou correndo mansamente nas planicies; lindas casas de campo alvejando por entre tantos verdores; altas serranias encaixilhando tão formosos paineis; tal é, em resumido esboço, o aspecto encantador dos arrabaldes do Funchal.

O clima temperadissimo que se goza no Funchal em todas as estações do anno, faz a sua residencia muito saudavel, e proficua para molestias de peito; por cuja razão é a cidade frequentada por muitos nacionaes e estrangeiros, que ahi vão passar o inverno, além dos muitos inglezes, que n'ella residem todo o anno.

No Funchal trabalha-se primorosamente em rendas, bordados, flôres de pennas, e em muita variedade de artefactos delicadissimos.

A população da cidade passa de vinte mil almas.

FUTURO. «*Se o homem fosse dotado da presciencia do futuro, seria elle mais feliz ou mais infeliz do que o é actualmente?*

«Esta questão foi ventilada ultimamente com muita erudição, e desenvolvida com muita sagacidade e eloquencia por um grande numero de jovens oradores e por um dos mais antigos e distinctos professores d'esta côrte, na illustre academia lisbonense das sciencias e das letras. Fechada a discussão, eis-aqui, como o presidente resumiu os debates a fim de apresentar, debaixo d'um ponto de vista claro e desembaraçado de todo o equivoco, o estado da questão, que ia pôr a votos.

«Senhores: Quando, enunciada uma these, pessoas dotadas de saber e de

boa fé se pronunciam decididamente em sentidos inteiramente oppostos; é forçoso concluir ou que a questão foi mal posta ou que os contendores tomam as expressões, de que consta a these, em sentidos absolutamente diversos uns dos outros. Ás vezes a divergencia das opiniões deriva d'ambas estas causas.

«Fazendo applicação d'este principio de dialectica á questão que tão erudita e eloquentemente tenho ouvido debater n'este recinto, direi: que a divergencia d'opiniões, manifestada pelos illustres oradores, me parece provir, principalmente, de que a questão, com effeito não foi bem posta. Eis aqui como eu entendo que ella deveria ser concebida: *Seria o homem mais feliz ou mais infeliz se previsse os futuros?*

«Como é que os homens prevêem os futuros? Mediante a analogia das causas que lhes indica a conformidade dos effeitos. Se a analogia é perfeita e constante, a previsão é acompanhada de certeza: isto verifica-se raras vezes. Se as analogias são fracas e as observações variaveis, a previsão é duvidosa ou mais ou menos provavel; mas não certa: isto é o que acontece á maior parte das previsões humanas. Mas as mais das vezes nada podemos prever, nem presumir. Estas são todas as phases de presciencia humana. Portanto perguntar: se o homem seria mais feliz ou mais infeliz se previsse todos os futuros, vale o mesmo que perguntar: se o homem seria mais feliz ou mais infeliz, se não fosse homem; porque o ente que conhecesse todos os futuros, seria d'uma natureza inteiramente diversa d'aquella que só póde conhecer alguns poucos com certeza; mais alguns com duvida; não lhe sendo dado, em quanto fôr o que é, conhecer todos os futuros.

«Ora como ninguem discutiria seriamente a questão: se o homem seria mais feliz se não fosse homem; tambem se não póde discutir seriamente a questão proposta do modo como ella foi enunciada.

«Para ella ser uma questão séria e susceptivel de se tratar com utilidade pratica, deveria ser concebida n'estes termos: Em igualdade de circumstancias, qual é mais feliz «o homem que prevê um maior numero de acontecimentos futuros, ou aquelle que só prevê um pequeno numero?» Depois de assim posta a questão, debaixo do seu verdadeiro ponto de vista, seguese ponderar até que ponto a simples previsão dos acontecimentos futuros entra, como elemento de felicidade do homem; pois é evidente que esta depende de muitas outras condições; sendo certo que a desgraça prevista pelo homem de bem o affecta mui differentemente do que por aquelle que não acha na sua consciencia corrompida e aviltada, nem resignação, nem coragem. Além d'isso, os futuros podem ser mais ou menos provaveis, mais ou menos faceis de prevenir, quando elles são contingentes: e n'esses casos tambem a previsão, por si só, não basta para fazer o homem que d'ella é dotado, nem feliz, nem desgraçado. Se é prudente, essa previsão lhe proporcionará os meios de evitar ou de minorar as funestas consequencias com que o futuro o ameaça. Se lhe falta a prudencia, essa previsão augmentará a sua infelicidade.

«Assim o conhecimento do futuro, sendo todas as outras circumstancias iguaes, nada influe sobre a felicidade humana. Se suppozermos dous homens igualmente circumspectos, e probos, mas um mais habil do que o outro em prever o futuro, esta previsão contribuirá a diminuir-lhe a somma de males, sem por isso o fazer mais feliz: porque o outro achará na sua consciencia motivos para viver satisfeito com a sorte que lhe houver deparado a Providencia.

«Dos perversos é que se póde dizer que a previsão do futuro os tornará mais desgraçados; porque lhes offerecerá mais meios de seguirem os impulsos da sua perversidade, tornando-os mais dissolutos ou desesperados.

«Não é sem grande satisfação que no decurso d'este interessante debate, observei, que todos os illustres

oradores concordaram em que a felicidade do homem consiste no gozo de pureza da alma e de saude do corpo ou, como se exprimia o philosopho romano: *Mens sana in corpore sano:* duas condições que se podem realisar no mesmo grau em pessoas dotadas do talento da previsão dos futuros em graus muito diversos. N'uns essa previsão póde tornar mais difficil a conservação da pureza da alma e da saude do corpo; n'outros tornal-a-ha mais facil; mas como aquellas duas condições da felicidade são resultados d'uma boa constituição physica e moral, recebida da natureza, e da educação (obra da arte humana exercida sobre o homem desde a sua nascença); já se vê que o seu adimplemento precede a esta previsão dos futuros, cujo grau de perspicacia não gera, nem influe d'um modo invariavel sobre aquellas condições.

«Por tanto a these ventilada não só foi mal posta. porque tomou a palavra *presciencia* n'um sentido que, a verificar-se, o homem não seria homem; mas tambem porque encerra a palavra *felicidade*, cuja existencia é independente do maior ou menor grau de previdencia do futuro, quanto á sua existencia: e só a sua conservação é que n'uns seria mais difficil, n'outros mais facil; porém não já em razão do grau da previdencia de que cada um é dotado, mas o grau de energia moral e de força physica com que cada um é constituido pela natureza e aperfeiçoado pela arte da educação.

«D'onde resulta: que devemos fazer uma segunda modificação á these, enunciando-a d'este modo: A previdencia do futuro contribue a augmentar ou a diminuir o numero de males a que é sujeita a especie humana?

«Assim apresentada a questão, fica muito mais obvia a resposta; porque logo occorre que, segundo cada um fôr dotado de mais ou menos prudencia, de mais ou menos energia de caracter, maior será o partido que elle tirará d'essa previsão. Logo occorre: que o homem frouxo ou cobarde, o homem dominado pelas suas paixões, não póde deixar de aterrar-se com a certeza dos males inevitaveis, que o esperam em determinada época; bem como com os que, sendo contingentes por sua natureza ou porque dependem da vontade de outrem, o trarão em continuo sobresalto, e o reduzirão á horrivel qualidade de misanthropo. Pelo contrario o homem prudente e avisado, tomando conselho das circumstancias, procurará e conseguirá muitas vezes attenuar os males que não póde evitar, e mesmo se forrará a muitos que não teria declinado se os não tivesse previsto. Virtuoso e confiado na sabedoria do Creador, esperará com animo firme e resignado os males que prevê não estar na sua mão o evitar: e, longe de consideral-os como um verdadeiro mal, reflectirá: que, se o homem vulgar os appellida males, porque lhe causam incommodo, o philosopho, e mais ainda o christão, não vêem n'esses acontecimentos senão um decreto emanado da infinita sabedoria, da infinita bondade de um Deus, que não póde querer nem ordenar senão o que é bom e acertado, o que é mais conforme aos fins imperscrutaveis, mas infallivelmente uteis e justos da creação.

«Com effeito, diz o philosopho, recorramos ao unico meio de chegar ao descobrimento da verdade, isto é, á definição: e examinemos o que se entende por *mal*.

«Todas as vezes que, reflectindo nós sobre o encadeamento d'uma serie de causas e effeitos, observamos que algum acontecimento superveniente desarranja esse systema, dizemos que esse acontecimento foi um mal para aquelle systema; mas uma segunda reflexão nos faz descobrir que sem o desarranjo d'aquelle systema (isto é, sem o que é mau para elle) não poderiam funccionar muitos outros: o que seria maior mal. Certo: as doenças que, a final, causam a morte dos entes organisados, são males para esses entes; mas na ordem da creação devem-se chamar, e são, na opinião de todos, verdadeiros bens. Quando se diz, e diz-se com verdade, que não

ha males sem compensação, quer-se dizer: que a experiencia mostra, não acontecer jámais cousa que, sendo má, debaixo de certo ponto de vista, não seja um bem considerada a outros respeitos.

«Se o mundo é um todo maravilhosamente ordenado como não ha ninguem que o desconheça; e essa admiravel ordem resulta do complexo dos acontecimentos que n'elles se passam; isto é, tanto dos que nós chamamos bens porque nos causam prazer, como dos que chamamos males porque nos incommodam; segue-se que relativamente ao grande fim da creação, esses que nós appellidamos males, são verdadeiros bens.

«Voltando pois á questão que tem feito objecto das nossas discussões, a saber: *se a presciencia dos futuros fazia o homem mais feliz ou mais desgraçado*, cuncluiremos que não se trata de saber o que o homem seria se prevesse todos os acontecimentos futuros; porque para poder prevel-os seria preciso que o homem fosse constituido d'outro modo; isto é: que o homem não fosse homem; e então já vêdes que a questão se reduzia a perguntar: se o homem seria mais feliz se não fosse homem: e propôr tal questão seria uma inepcia.

«Mas se, reduzindo-a aos seus verdadeiros termos, perguntarmos: se é mais conducente para a felicidade do homem conhecer elle os futuros, que humanamente se podem conhecer: occorre logo que d'essa previsão umas vezes ha de resultar maior bem, outras vezes menor, segundo o uso que a pessoa souber fazer d'ella: e logo, o ser feliz ou desgraçado, depois da presciencia d'aquelles futuros acontecimentos, não provém d'essa presciencia, mas das qualidades moraes do individuo em que ella se verifica.

«Elucidada assim a nossa questão porei primeiramente a votos: se ella é susceptivel de ser decidida pela votação categorica de *sim* ou *não*. E, se se vencer que o é, proceder-se-ha á votação sobre a these, tal como ella foi primeiramente concebida.» (Silvestre Pinheiro Ferreira).

FRUCTO. «Fructo é o ovario desenvolvido, depois que foi fecundado. Duas partes constituem o fructo: uma exterior é chamada *pericarpo;* outra interior é a *semente.*

«Notam-se no pericarpo a partir de fóra para dentro: 1.º o *epicarpo* ou a pellicula do fructo; 2.º o *sarcocarpo*, ou a carne do fructo; 3.º o *endocarpo*, ou o forro interior dos loculos, tão duro ás vezes que se chama *caroço;* 4.º os *loculos*, ou casinhas onde estão guardadas as sementes; 5.º as *valvulas*, ou tampas que alguns pericarpos abrem para dar sahida ás sementes; 6.º as *suturas*, ou as gretas das valvulas; 7.º os *sepimentos*, ou paredes que separam os loculos; 8.º a *placenta*, ou *trophosperme*, massa carnosa á qual estão pegadas as sementes; 9.º os *funiculos*, cordõesinhos que ligam as sementes á placenta; 10.º o *arillo*, especie de coeiro que o funiculo ás vezes estende para envolver a semente; 11.º a *polpa*, massa pastosa, que enche os loculos de alguns fructos e cerca as sementes.

«As principaes especies de fructos chamam-se: *seccos*, os que tem o pericarpo secco, delgado e pouco distincto da semente: exemplo o trigo, a cevada. *Carnosos*, os que tem o pericarpo grosso e succoso: exemplo o melão, pêra, etc. *Dehiscentes*, os que abrem naturalmente valvulas, para dar sahida ás sementes: exemplo o goivo, hervilha, etc. *Indehiscentes*, os que se não abrem. *Simplices*, os que provém de um só ovario: exemplo o pecego. *Compostos*, os que provém de muitos ovarios, mas de uma unica flôr: exemplo o morango, a framboeza. *Collectivos*, os que provém dos ovarios de muitas flôres, que se uniram n'um só corpo: exemplo a amora, o ananaz, a pinha, etc.

«Os fructos simplices chamam-se: *cariopso*, quando é secco, de uma só semente, e indehiscente: exemplo o trigo. *Akenio*, é um cariopso, mas com o pericarpo bem distincto da semente: exemplo o girasol. *Drupa*, é um fructo como os precedentes, mas com o sarcocarpo carnoso e com caroço: exemplo a cereja. *Legume* ou

vagem, fructo secco, dehiscente com muitas sementes n'um unico loculo: exemplo as hervilhas, os feijões, etc.

«Os fructos compostos chamam-se: *silica*, uma vagem com dous loculos separados por um sepimento, a que estão presas as sementes: exemplo o goivo, a couve. *Pômo*, fructo multilocular, indehiscente e carnoso, com poucas sementes: exemplo pêra, maçã, etc. *Peponide*, o mesmo que o precedente, tendo no centro uma grande cavidade occupada pela placenta, e com muitas sementes; exemplo o melão. *Baga*, fructo carnoso, indehiscente com muitas sementes enterradas n'uma polpa: exemplo o tomate, a uva. *Hesperidio*, pericarpo esponjoso, loculos cheios de sumo e separaveis uns dos outros, muitas sementes: exemplo a laranja, o limão.

«Os fructos collectivos mais conhecidos, chamam-se: *cones*, os fructos de figura conica compostos de bracteas lenhosas, cada uma das quaes occulta um akenio: exemplo a pinha. *Soroses*, fructos unidos pelos seus involucros floraes carnosos em um só corpo: exemplo a amora. *Sycones*, fructos envolvidos em commum por um receptaculo carnoso: exemplo o figo.

«Duas partes formam a semente: a *episperma*, ou casca da semente, e a *amendoa* ou miolo. Ha a notar na episperma: o *hilo* ou *umbigo externo* da semente, onde prende a placenta; o *micropylo*, buraquinho por onde a semente é fecundada; a *chalaza*, abertura interna fronteira ao hilo; o *raphe*, cordãosinho que continua a placenta até á amendoa.

«As partes que formam a episperma são duas capas, uma externa chamada *testa*, outra interna chamada *tegmen*, as quaes se vêem perfeitamente na semente do carrapateiro.

«A amendoa consta do *albumen* ou *perisperma*, a substancia farinacea, oleosa, etc., que cerca todo ou parte do embryão e lhe serve de alimento; e do *embryão* ou rudimento do vegetal.

«As partes que formam o embryão são quatro, a saber: a *radicula*, parte inferior que cresce para a terra e dá nascimento ás raizes; o *cauliculo*, parte que tende para a luz e dá origem ao caule; a *gemula* ou *plumula*, pequenino gomo de folhinhas, situado no alto do cauliculo; e os *cotyledones*, que são dous appendices, que resguardam o eixo do embryão e provém ao seu sustento na época do nascimento.» (Ferreira Lapa).

G

GAFANHOTOS. (Veja SENEGAMBIA).

GAIO. (Veja PASSAROS).

GAIVÃO. (Veja PASSAROS).

GAIVOTA. (Veja RIBEIRINHAS).

GALAS. «A nau e a mulher nunca se dão por bastantemente esquipadas. E concorda o adagio de Terencio: «Mulheres em quanto se apercebem, em quanto se enfeitam, lá vai um anno.» Os romanos antigamente, vendo que, por opulentos que fossem os paes e maridos, não havia panno para tão largo cortar (porque n'ellas o seu giz e tesoura é o seu appetite e teima), sahiram com a lei opia, sendo consules Q. Fabio, e T. Sempronio, assim chamada de C. Opio seu instituidor, em que mandavam moderar estes excessivos gastos. Porém tal foi a impaciencia, com que as matronas reclamaram, tal o motim que levantaram ao redor do palacio dos Brutos, que d'alli a poucos annos já a pragmatica estava antiquada. No capitulo terceiro de Isaias está lançado um bastante aranzel, ou rol d'estas galas e adereços femininos. Porque indignado Deus de tanta vaidade e luxo, ameaça castigal-o com terriveis demonstrações; e por principio d'ellas, diz que ha de deitar abaixo as fivelas, e topes do calçado, as luas, os collares, as gargantilhas, os afogadores, os braceletes, as mitras, os pentes, e fitas que servem d'apartar, e apertar tran-

ças, os fraldelins, os cordões d'ouro, as pomadas, e frasquinhos d'aguas cheirosas; as arrecadas e chuveiros, os anneis e memorias, as joias de pedraria preciosa pendentes sobre a testa, as galas de festa, os capotilhos, os volantes e velilhos, as espadinhas, os espelhos, as toucas, os listões, vendas, e faxas, e os mantos finos. Porém n'este rol não está a centesima parte do apparelho, que pede esta grande nau para velejar vento em pôpa nas ceruleas planicies do applauso publico. E mais é advertir, que o propheta falla das mulheres, que andam em seus pés; que as que andam nos alheios necessitam de muito mais enxarcia, enfrechadura, e amantilhos; de muito mais flamulas, e galhardetes; de muito mais grinaldas, e pharoes, e de melhores pavezes a um e outro bordo.

«Chamaram os latinos a este ornato e adereços *mundo;* e com razão, porque de cada região do mundo é necessario que venha alguma cousa. Vejamol-o mais em particular. Dos reinos do Decão, e Bisnagar, e Golocondá, na India oriental, leva esta diamantes; da Bactria, Scythia e Egypto, esmeraldas; dos reinos do Pegú, e da cidade de Calecút, e da ilha de Ceylão, saphiras; do seio persico entre Ormuz e Bassorá, da Sumatra ou Taprobana, da ilha Borneo, e em Europa, d'Escocia, Silesia, e Bohemia, leva perolas; do porto de Julfar, na Persia, leva aljofar (que d'aqui se derivou este nome); da cidade de Syene no Egypto superior, e do mar Tyrrheno leva coraes, que se desterraram já dos rosarios, e braceletes, ainda se admittem em brinquinhos, e veronicas; dos campos de Pisa, e dos montes Alpes, leva crystaes; do mar de Suevia, e de Lubeca, leva alambres, que são as fabulosas lagrimas da irmã de Phaetonte, choradas solemnemente cada anno pela sua desgraça; dos reinos de Monomatapa, e Sofala na Cafraria, e da região de S. Paulo na America, leva ouro; do Serro do Potosi nas conquistas d'el-rei catholico, leva prata; d'Allemanha, os camapheus; de Moscovia, as zebellinas e martas, e do Palatinado as mais aperfeiçoadas; de Helvecia, região dos suizaros, os arminhos; do Brazil os sanguinos para manguitos, e os coquilhos para contas; da cidade de Tyro, em Phenicia, a purpura, da serra d'Arrabida a grã; de Portugal e Castella a côr; de Veneza, e Hollanda os espelhos; de Provença, e de Roma as pomadas, para fazer as mãos macias, e cheirosas; de Cordova, e Hungria ao menos as receitas para as aguas odoriferas d'estes nomes; das Indias de Castella a almeia, e oleo d'ella para as mãos; de Tunquem o almiscar; do Maranhão e Seará o ambre; d'Angola, de Guiné, e Cabo Verde, a algalia; das nossas Indias o calambuco, e águila, os canequins, e panninhos do coco, e os toribios; de Africa as pennas dos abestruzes, para os cocares de plumas; da China os lós, os leques, e as chitas; de Granada, os tafetás; de Flandres, as rendas; da cidade de Cambray, as teias finissimas, e candidissimas que tem este nome; de Guimarães, as linhas; de Lyão de França, as primaveras; de Modaba na Persia, e de Italia as telas; da mesma Italia, os damascos; de Florença, Genova, e Napoles os camelotes; de França, as luvas, os signaes para o rosto, tambem os leques, uns maiores para o verão, outros mais pequenos para o lar no tempo de inverno; de Inglaterra, as meias, fitas, e relojinhos d'algibeira; d'Arabia, a gomma, que tambem serve officio n'este mundo; da Batalha, os azeviches, para dar figas aos maus olhos.

«Que mais? É necessario que concorra tambem o mar, não só com as ostras, que se esbulhem das perolas; senão tambem com as tartarugas, que desarmem as costas, para pentes, e cofrinhos; e com as baleias, que empenhem as barbas, para sahir um justilho, ou prepoem desarrugado; são necessarios de varias partes varios materiaes para bocetas, escriptorinhos, bahus, guarda-roupas, para recolher nos camarins, e escaparates este mundo abreviado: são necessarios vidrinhos, e garrafinhas, e redomas, e bocetas curiosas, e ricamente forradas, para toda a pharmacopolia d'ingre-

dientes liquidos, e seccos, simplices, e confeccionados, que servem de estender o dia da formosura, quando já vem cahindo maiores as sombras dos altos montes da annosidade, e de dizer na cara ao desengano, que mente. Que mais? São necessarias até as nuvens do céo, para a primeira agua de maio, que opinaram fazia o carão lustroso: são necessarios até os mortos, para as cabelleiras, se as não quizer o luxo antes tiradas das entranhas dos bichos, fazendo-as de sêda... Em fim eu me acho cançado de peregrinar por este tão grande mundo. Dizei-lhe agora a Caio Opio, que chegue a bordo d'esta nau com a sua pragmatica; verá com que salva d'artilheria o recebe: dizei ás rendas do morgado mais atlante, que sustente este mundo. A mulher prudente, sisuda, e amiga de sua casa é comparada por Salomão á nau mercantil; porém nau que de longe traz pão: mas a mulher vã, amiga de enfeites, e galas é nau, que de longe traz a fome; porque a todas as partes do mundo faz desembolsos. Aquella o pão que traz é seu; porque sobre ser bem ganhado, é bem conservado: esta a fome que traz é sua, e de seus filhos, e criados, e escravos; porque quanto se põe no superfluo, tanto se tira do necessario.» (Bernardes, *Floresta*).

GALLICISMOS (em relação ao idioma francez). Entende-se por gallicismo certas locuções proprias da lingua franceza, das quaes é difficil dar conta, segundo as regras da syntaxe. Tal é esta expressão: *Il a beau jeu. Avoir beau* é intraduzivel em todas as linguas, sob pena de *barbarismo*. É um *idiotismo* (de idioma) da nossa lingua, um *gallicismo* (de *galli*, gallez). Devemos citar com preferencia o *ce* collocado antes do verbo *être: c'est moi, c'est toi, c'est nous, c'est vous*, etc.; *de, du, de la, des*, tomados em sentido partitivo: *donnez-moi du pain; que*, em muitas locuções: *il ne dit* que *des sottises, il en fait* que *de sortir; aller, devoir*, etc.; tomados para exprimir estes tempos nos verbos: *je vais chanter, je dois chanter;* os impessoaes *il est*, e sobre tudo *il y a: il est des gens bien dégradés, il ya des gens bien peu délicats.* — Os gallicismos provém ordinariamente de uma ellipse, de pleonasmo ou inversão. Por sujeital-os á analyse, é mister supprir a ellipse, supprimir o pleonasmo, ou elidir a inversão. Se o gallicismo procede da presença de certas palavras que tem significação torcida, o modo unico de resolver a difficuldade é substituir o gallicismo por phrase equivalente, composta de elementos analysaveis. Exemplos: C'est se tromper *que de* croire au bonheur (ce cela) croire au bonheur, est se tromper); il est un Dieu (il, un Dieu, est, *existe*); il y a en nous deux natures (il, deux natures, sont en nous); si j'étais que de vous (si j'étais à votre place), etc.

GALLICISMOS (palavras e phrases alheias da contextura do idioma portuguez). O snr Silva Tullio alphabetou os mais inveterados no uso de escriptores indignos de tal officio.

«Para os que prezam a propriedade e correcção da lingua portugueza, compilamos a seguinte relação de alguns gallicismos, que infelizmente por ahi andam em circulação como se fossem ou devessem ser moeda corrente. Quando de infaustas e vergonhosas traducções já passaram ao discurso original, ou que quer assumir esses ares; se os que aspiram a alcançar aquelle dote de pureza, primeiro entre os primeiros do verdadeiro escriptor, não tomarem serio cuidado no perigo que os fascina, a barbara invasão do neologismo, verdadeira capa de ignorancia e denuncia de preguiça, acabará por fazer da nossa lingua uma perfeita Babel, e extinguir de todo o nome e gloria da litteratura patria.

«Os que desejarem mais completa lição do assumpto devem consultar, porque o farão com proveito, o *Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, que se tem introduzido na locução portugueza moderna*, pelo cardeal patriarcha S. Luiz; assim como a reflexão 5.ª sobre alguns vocabulos francezes novamente introduzidos, e

a nota respectiva dos editores, a pag. 60 e 168 da primeira parte das *Reflexões sobre a lingua portugueza*, por Francisco José Freire. Tambem merece vêr-se um catalogo que veio no *Portugal*, diario politico, que se publicava no Porto, por fins do anno de 1856 principios de 1857, sobre gallicismos exemplificados principalmente com lugares de escriptores contemporaneos; trabalho que mostrava ser de pessoa curiosa e entendida.

«Eis a nossa abreviada relação:

Abandonado — é gallicismo no sentido de dissoluto, perdido, estragado.

Aberturas — no sentido de primeiras proposições, ou propostas preliminares, que se fazem para qualquer negociação.

Abôrdo — em vez de acolhimento.

Abstracção feita — é gallicismo de construcção. Deve dizer-se fazendo abstracção; prescindindo de...

Adiado — no sentido de espaçado, transferido.

Affectado — com a accepção de movido, commovido, tocado d'algum sentimento ou paixão.

Affixar — (a incredulidade, o engenho, etc) Deve dizer-se fazer gala, fazer timbre, ostentar.

Amparar — por apoderar-se.

Armada — no sentido de exercito de terra, ainda que usado por algum classico antigo, é contrario ao uso geral, e sôa gallicismo.

Ascendente — no sentido de predominio, superioridade, influencia, posto que de origem franceza, póde usar-se, pois tambem se usa na lingua castelhana.

Ataque — no sentido figurado deve-se evitar o immoderado uso d'este vocabulo, e dizer em seu lugar: insulto (da inveja), acommettimento (de molestia), assalto (da adversidade), accesso (de febre, de colera).

Aturdido — por estouvado, desattentado, aloucado.

Audacioso — é gallicismo, porém admissivel, significando ousado, denodado, desenvolto em commetter qualquer empresa.

Avançar — na significação de affirmar ousadamente, sem fundamento.

Bancarrota — é expressão franceza adoptada no commercio. Os antigos diziam com melhor etymologia banco roto, até no figurado (fazer banco roto com Deus).

Barricar — é gallicismo desnecessario, quando temos entrincheirar, atalhar com tranqueira. O mesmo se diz de barricada por trincheira, tranqueira.

Basear — gallicismo, inda que é mais desculpavel que basar, e basar-se.

Bem mais, bem menos — sôa gallicismo. É melhor muito mais, muito menos.

Bonomia — por sinceridade, ingenuidade, singeleza, bondade, simplicidade de animo.

Bordada — na significação de banda de artilheria.

Brusco — no sentido de precipitado, sêcco, sacudidamente.

Cabotagem — é desculpavel, porque tem origem em cabo. Não assim o verbo cabotar, porque temos o nosso costear, que é classico.

Carnagem — com a significação de carniceria, matança, grande mortandade de gente.

Chefe d'obra — por obra prima d'arte, obra d'exame.

Chicana — por trapaça, alicantina, cavillação, enredo, dolo, fraude.

Chocar — no sentido figurado é melhor combater, contrastar.

Coalição ou *coalisão* — pelo bom portuguez liga, colligação, confederação, colligar-se, confederar-se.

Cocar ou *cocarda* — com a significação de tope, divisa, laço.

Comité — em lugar de junta, ou commissão.

Commandamento — em lugar de commando, mandamento, mandado, preceito, ordem.

Complacente — em lugar de obsequioso, attento, prazenteiro, ou condescente, indulgente, lisonjeiro.

Comportamento, comportar-se — por porte, procedimento; portar-se, proceder.

Compromettter — com a significação de arriscar, aventurar, expôr a algum desar.

Conducta — com a significação de pro-

cedimento, porte, termo de proceder, vida e costumes.

Conduzir — em lugar de governar-se, haver-se, proceder, portar-se.

Confinar — em lugar de encantoar-se, encerrar-se, ser recluso.

Conforto — com a significação de conchego, commodo da vida.

Contar — (sobre alguma cousa ou pessoa) — em lugar de confiar, estar certo, ter toda a segurança.

Côrte — com a accepção de conselho, tribunal, relação, camara.

Cotisar — é admissivel, por não haver palavra que exprima esta idéa, e por ter analogia na lingua (em quota parte, mudado o *quo* em *co*). Alguns escrevem quotisar.

Cozida — em vez de cozimento, cozedura.

Crachá — por chapa, insignia, venéra, commenda que se traz pregada ou bordada no vestido.

De — (preposição) empregada sempre ou sem discrição antes dos infinitivos, é gallicismo intoleravel. Só se deve empregar quando o verbo, nome, ou adjectivo que governa o infinitivo pede este regime.

Deboche, *debochar* — em lugar de devassidão, soltura, estragamento de costumes; corromper, depravar, induzir para o vicio, estragar os bons costumes.

Desapontado — com significação de enganado, logrado, frustrado em suas vistas ou desejos.

Descosido — com a significação figurada de desligado, solto, desatado, desconnexo, fóra do intento, não a proposito.

Desér, *desser*, *deserta* — em lugar de sobremesa, pospasto, postres.

Desespero (*estar ao* — ou *em*) — por estar inconsolavel.

Desgostante — em vez de nojoso, hediondo, asqueroso, fastidioso, que causa repugnancia.

Deshabilhado, ou *em deshabilhé* — em vez de não vestido, desataviado, sem adorno, vestido a descuido.

Desnaturalisar — no sentido figurado de aterrar, transformar, desfigurar.

Desolado — em vez de angustiado, magoado, afflicto, amargurado.

Detalhar, *detalhe* — significando relatar miudamente, particularisar circumstancias, referir com miudeza; relação por menor, circumstanciada, particularidade, individuação no referir os factos.

Domestico — tomado como substantivo, na significação restricta de criado, servidor, moço. Póde, porém, usar-se significando collectivamente todas as pessoas que compõem a familia de alguem, como filhos, criados, apaniguados.

Elançar-se — em vez de arremessar-se, abalançar-se, arrojar-se, arremetter; e (fallando de monumentos, torres, etc., que se elevam muito) subir ás nuvens, ir tocar o céo, ir topetar no céo.

Elére — em vez de discipulo, alumno, escolar.

Em — (particula) do seu uso indiscreto resultam muitos gallicismos intoleraveis, mormente usada em lugar de como. Fallar em philosopho, em vez de fallar como philosopho. Objecto em questão, em vez de objecto de que se trata. Pôr em facto, em vez de pôr como facto. Dizer em si mesmo, em vez de dizer comsigo mesmo.

Embellecer — é mais desculpavel que embellezar. Entretanto nem assim é admissivel com a significação de ornar, adornar, enfeitar, aformosear.

Emoção — com a significação de commoção, agitação, turbação do animo, abalo.

Empallecer — em vez de empallidecer.

Encorajar — em lugar de animar, esforçar, alentar, dar animo, metter brios.

Engajar — em vez de assalariar, ajustar, contratar.

Entamado — em lugar de começado, entabolado, encetado, estreado.

Entestar-se — em vez de obstinar-se, porfiar, preoccupar-se, prevenir-se fortemente.

Entravar, *entrave* — no sentido figurado de embaraçar, empecer, pôr obstaculos; estorvo, obstaculo, embaraço, impedimento.

Entretenimento — com a significação de cuidado, despezas para conservar alguma cousa em bom estado; conversação, conferencia.
Erigir-se em juiz — em lugar de constituir-se juiz, arrogar-se essa authoridade.
Evaporado — com a significação figurada de leve, leviano, vão, inconsiderado, voluvel.
Extracção — significando origem, nascimento.
Fanado — em vez de murchado, murcho, que perdeu a frescura.
Farpante — em lugar de notavel, admiravel, insigne, illustre, conspicuo.
Fatigante — posto que derivado de fatigar, é gallicismo. Dir-se-ha melhor molesto, incommodo, trabalhoso, afanoso; ou importuno, fastidioso.
Felicitações — em vez de parabens, congratulações.
Fereza—em lugar de altivez, orgulho.
Finanças — gallicismo só licito quando se falla da fazenda real ou nacional, das rendas publicas de França.
Formato — em lugar de fórma, d'um livro, que é em folha, em quarto, em oitavo.
Formigar, *formiguejar* — com a significação de abundar, ser em grande numero, estar inçado.
Fortuna — em vez de riqueza, cabedaes, teres.
Fugitivas (*obras*, *poesias*) — por obras miudas, ligeiras.
Fundo — significando o principal, o mais essencial.
Fuzil — em vez de espingarda.
Fuzilar — por espingardear.
Galimatiás — em vez de palavrorio, palanfrorio, embrulho, confusão de palavras.
Gentes (*de bem*, *frivolas*, *honestas*) — em vez de homens, pessoas.
Gestão — em lugar de administração, gerencia de negocios.
Golpe de vista — por vista d'olhos, emprego d'olhos, olhada, olhar, volver d'olhos.
Governante — em vez de aia, ama, mestra.
Grande (*caminho*, *mundo*) — em lugar de estrada real, gente abalisada, ou toda a sorte de gente.
Grimaças — em vez de tregeitos, momos, gestos ridiculos.
Guardar o leito, *o chapéo* — por estar de cama, estar com o chapéo na cabeça.
Humor — em lugar de enfadamento, agastamento, mau humor.
Imbecil — como substantivo e com a designação de fatuo, nescio, sandeu, insensato, parvo.
Imbecilidade — por tolice, sandice, parvoice.
Immediações — em vez de visinhanças, arredores.
Impôr — como verbo neutro, e com a significação de enganar, illudir, embair; arrogar-se qualificação que lhe não pertence.
Inabalavel — em lugar de immovel, firme, estavel, constante, immudavel, invariavel.
Inconcebivel — em vez de incomprehensivel, inintelligivel ou imponderavel.
Installar — em lugar de constituir em cargo, em dignidade; investir, metter de posse, estabelecer.
Insurmontavel — por insuperavel, invencivel.
Interdicto — por atalhado, enleado, suspenso.
Interprender, *interpreza* — com a significação de emprehender, empresa.
Irreprovavel — por irreprehensivel, incorrupto, de costumes sãos e puros.
Isolado — admissivel em physica. Fóra d'isso é melhor só, solitario, desacompanhado; ermo, apartado, desamparado.
Jaluzia — em lugar de ciume, ou inveja.
Jámais — quando não tem a significação de nunca. Para sempre jámais, é gallicismo, em vez da nossa locução para todo o sempre.
Jornal — por diario.
Laxo — por fraco, cobarde, infame.
Manufactureiro — por manufacturador, fabricante.
Massacrar, *massacro* — em lugar de

matança, matar cruelmente, assassinio, assassinar.

Merecer bem do paiz — em lugar de ser, fazer-se benemerito da patria.

Mesmo — usado como adverbio em lugar de até, tambem.

Metter — com a significação de pôr, empregar, fazer contribuir. Metter em estado, em obra, a contribuição, são intoleraveis gallicismos.

Mobilhar — é desculpavel.

Negligé (*ao*) — em lugar de ao desdem, a descuido, com desalinho.

Nuança — em vez de gradação ou graus de uma mesma côr, meias tintas (na pintura); mescla, matiz que se fórma da variedade das côres, ou da differença progressiva da mesma côr.

Nullo — por inepto, de pouca conta, que de nada vale.

Nuvens (*cahir das*) — em lugar de ficar attonito, pasmado.

Obrigante — com a significação figurada de obsequioso, officioso.

Pamphleto — em lugar de livrinho, folheto, papeleta.

Pânico — usado como substantivo.

Partido — significando tirar proveito, aproveitar se.

Pela, pelo — usadas erradamente dão estas palavras occasião a gallicismos intoleraveis, como: amor pelas letras, affeição pelos sabios; em lugar de amor ás letras, affeição aos sabios.

Penivel, penivelmente — em lugar de penoso, molesto, incommodo, trabalhoso, afanoso, que causa pena.

Pequeno — usado com os adjectivos para formar os diminutivos é gallicismo erroneo: pequeno copo, pequena flôr, pequena casa, em vez de copinho, florinha, casinha. Fóra d'este caso colloca-se melhor depois do adjectivo.

Perder a cabeça — em vez de enlouquecer, tresvariar, ficar alienado, ou perder os sentidos, desmaiar.

Perecivel — em lugar de perecedouro, caduco, transitorio.

Pertencente — por competente.

Pessoa — pagar de sua pessoa, em vez de affrontar os perigos.

Petimetre — em lugar de peralta, peralvilho, casquilho, garrido, e talvez pedante.

Picante — em vez de agudo, interessante, notavel, assignalado.

Picar de honra, de nobreza, de sabedoria — em lugar de presumir de hourado, vangloriar-se de nobre, ostentar de sabio; jactar-se, gabar-se, blasonar, caprichar de...

Placard — em lugar de edital, cartaz ou cartel, ou com significação de habito, divisa, venera de ordem militar.

Populaça — em vez de infima plebe, gentalha, vulgacho, escoria do povo, infima relé.

Por (preposição) — receiar, assustar-se por alguem, isto é, ácerca, a respeito d'elle, temer que lhe succeda mal; felizmente por nós, isto é, por felicidade nossa.

Portaespada — em lugar de talim, talabarte, boldrié.

Portamento — em vez de mala, maleta, ou cabide.

Prejudicar — com a significação de julgar antecipada ou previamente. Por analogia dir-se-hia melhor prejulgar.

Prejuizo — em vez de damno, preoccupação por informação previa, juizo antecipado — é desculpavel.

Pressante — em lugar de urgente, forçoso, apertado, imminente.

Prevalecer-se de alguma cousa — em vez de valer-se, lançar mão, servir-se, ajudar-se d'ella.

Prodigar — em vez de prodigalisar.

Promenores — é hespanholismo preferivel ao gallicismo detalhes.

Propriedade — em lugar de limpeza, aceio.

Que (particula) — usada nos principios das proposições optativas, imprecativas, etc., em lugar de sómente ou senão, de como ou quanto.

Rango — em vez de renque, fileira, ordem, jerarchia.

Regressar — com a accepção de retroceder.

Remarcavel — em lugar de notavel, digno de reflexão, insigne, conspicuo, estremado, assignalado; que é para vêr-se, muito de vêr.

Renomado — em vez de afamado, celebre, famoso.
Reprimenda — em lugar de reprehensão, correcção.
Ressorte — por mola, elasterio; agente, impulso, movel, principal agente; alçada, competencia.
Ressurças — em vez de recursos, arbitrios, expedientes, meios.
Retreta (*tocar á*) — em lugar de tocar a recolher, á retirada.
Revancha — em vez de desforra, despique, satisfação; recompensa de acção boa, vingança de acção má.
Reveria — com a significação de phantasias, pensamentos loucos, delirios, devaneios; meditação profunda, ou alienação.
Revoltar — com a significação de escandalisar, indignar, fazer exasperar, provocar, irritar, incitar, causar raiva.
Ridiculo, ridiculoso — tomado substantivamente. Conheço os ridiculos do mundo, é gallicismo, em vez de conheço o que o mundo tem de ridiculo; ou quão ridiculo é o mundo.
Rotina — por caminho sabido, trilhado, estrada coimbrã; ou, figuradamente, cousa costumaria, usança — é desculpavel.
Salvaguarda — em vez de seguro, resalva.
Secundar — por coadjuvar, auxiliar, apoiar.
Sobre (preposição) — o seu uso desacertado faz commetter muitos gallicismos. Sobre a lista, sobre os jornaes — em vez de na lista, nos periodicos. Sobre a petição de... — em vez de a pedido, a requerimento de... Sobre o modêlo — em vez de conforme o modêlo. Sobre os inimigos, sobre sua passagem — em vez de aos inimigos, em sua passagem.
Sortida — com a significação de invectiva, reprehensão aspera e prompta.
Subir — com a significação de soffrer, supportar.
Supercheria — em lugar de embuste, engano, fraude, velhacaria, trapaça.
Surmontar — em vez de superar, vencer.
Tartufo — em lugar de hypocrita, beato falso.
Tirada — com significação de trato, passagem um pouco extensa d'alguma obra.
Tomar a palavra — em lugar de começar a fallar, fallar primeiro que os outros. Melhor se diria, com fr. Luiz de Sousa, tomar a mão.
Tratamento — com a accepção de salario, ordenado, estipendio.
Través — significando irregularidades, desregramentos, extravagancias, desordens, desconcertos, desmanchos, erros.
Trem de vida — em lugar de modo de vida, maneira de viver ou proceder.
Trenó — é gallicismo que se podia evitar, usando da palavra *seléa*, por que é conhecido na Suecia, a qual se conforma mais com o genio da nossa lingua.
Unido — em lugar de liso, igual, plano.»

«Abra-se a antiga veneranda fonte
Dos genuinos classicos, e soltem-se
As correntes da antiga sã linguagem.
Rompam-se as minas gregas e latinas;
(Não cesso de o dizer, porque é urgente)
Cavemos a facundia que abasteça
Nossa prosa eloquente e culto verso.
Sacudamos das fallas, dos escriptos
Toda a phrase estrangeira, e frandulagem
D'essa tinha, que comichona afêa
O gesto airoso do idioma luso.

Quero dar que em francez haja formosas
Expressões curtas, phrases elegantes;
Mas indoles diff'rentes tem as linguas;
Nem toda a phrase a toda a lingua ajusta,
Pondo um bello nariz alvo de neve,
N'uma formosa cara trigueirinha;
(Trigueiras ha, que ás louras se avantajam)
O nariz alvo no moreno rosto,
Tanto não é belleza, que é defeito.

. . . .
. . . .
Se por força de fado, ou por penuria
Forçados somos a espremer dos livros
Francezes o alimento das sciencias;
Se como na palestra empoeirada
Vamos lutar contra a ignorancia bruta

No gymnasio francez, tomemos o uso
Dos antigos athletas, que ao sahirem
Do pugilato ou férvida carreira,
A poeira dos fatos sacudiam,
E banhando-se em liquidas correntes
Do Illisso (que, alli perto, com sereno
Passeio, alegra as margens estudiosas)
Os corpos aceiavam diligentes.

Assim vi sempre o litterato Erilo,
Depois de revolver francez volume,
Desempoar-se da estrangeira phrase
C'o espanador de Barros ou Vieira.»

(Francisco Manoel do Nascimento).

«Nota-se, diz o sabio philologo fr. Francisco de S. Luiz, em quasi todas as nossas traducções, e ainda em muitas das obras originaes modernamente escriptas, um certo *pensar francez*, o qual, ainda mais que os vocabulos ou phrases individualmente consideradas, altera a fórma original do idioma, e lhe dá um colorido estrangeiro, e alheio da sua natureza.

«Este *pensar francez*, que melhor se entende do que se explica, não resulta de um ou outro gallicismo, que indevidamente se haja introduzido, e que com facilidade se póde corrigir e evitar; mas consiste em tomarmos do francez um modo particular de tecer o discurso, e um certo ar, geito, ou estylo de fallar e escrever, que é proprio d'aquella lingua, e que não conforma com a indole, genio, e caracter da lingua portugueza.

«Duas são as principaes causas d'este grande e mui geral defeito. A primeira: a frequente lição dos livros francezes, quando quem os lê não está sufficientemente premunido com o estudo e conhecimento da sua propria lingua, para evitar o perigo de contrahir na locução habitos, que lhe são contrarios. A segunda: a falta de um bom diccionario de ambas as linguas, aonde se veja com clareza e precisão a mutua correspondencia de vocabulos e phrases, e o differente caminho, que cada uma segue para explicar os seus conceitos.

«Para se atalharem os effeitos, já demasiadamente extensos, d'estas duas poderosas causas, um só remedio propomos e recommendamos aos nossos leitores, o qual consiste na assidua lição dos classicos, que melhor possuiram a nossa lingua, e n'ella escreveram. N'elles acharão um thesouro de vocabulos e phrases, com que possam exprimir não só exactamente, mas até com desenfastiada e elegante variedade, as suas idéas e conceitos, sem mendigarem dos estranhos o que tem de superabundancia na sua propria patria. N'elles aprenderão a maneira verdadeiramente portugueza de tecer o discurso, de ordenar e arranjar todas as partes d'elle, e de ornamental-o com aquellas graças e modos graves e desaffectados, que são proprios do idioma, e que o fazem igual aos melhores da Europa, e superior a alguns dos mais copiosos e polidos. Por elles em fim chegarão a formar uma idéa adequada das relevantes qualidades da nossa lingua; e dar-lhe a estima e preferencia, que ella merece; e a restituir-lhe a sua natural belleza e formosura, desacompanhando-a dos ornamentos e modos estrangeiros, que tanto a tem desfigurado.»

GALENO. 1. Galeno (Claudio) nasceu sob o illustre reinado de Adriano, cêrca do anno 131 da era christã, em Pergamo, cidade da Asia Menor, famigerada por seu templo de Esculapio. Em virtude de um sonho do pai, applicou-se ao estudo da medicina, sem descurar a philosophia, cujos maiores mestres frequentou. Avido de saber, percorreu estudiosamente a Grecia, seguiu as escólas dos professores athenienses, visitou a Asia Menor, e residiu alguns annos em Alexandria, unica cidade do mundo onde então se aprendia a anatomia humana. Não obstante, Galeno achou muito restrictos os estudos n'aquella cidade. Alexandria tinha apenas dous esqueletos humanos, e a dissecção dos cadaveres era lá prohibida. Deu-se Galeno a dessecar macacos, e deu prova d'isso descrevendo-lhes a larynge. Andou á cata de esqueletos de facinoras insepultos, aproveitando-se da dissecção que faziam n'elles as

aves de rapina. Com tão imperfeitos elementos facil se deprehende que habilidade não teve Galeno para compôr obras de anatomia e physiologia, particularmente a de *Usu partium*, e a outra intitulada *De locis affectis* onde alguns erros de especialidade são por tanta maneira compensados.

2. «Galeno nunca fallou de seu pai e de seus mestres sem profundo respeito e gratidão, mormente se fallava de Hippocrates, a quem attribuia tudo que sabia e praticava. Se nem sempre lhe adopta as opiniões, por que sobrepunha a verdade a tudo, usa precauções e rodeios que assignalam a sincera estima em que o tinha, e quanto superior a si o considerava, em todo o genero e por todos os modos.» (Rollin).

Em circumstancias graves, quando a exactidão dos enfermeiros lhe era suspeita, Galeno costumava pernoitar em casa dos seus enfermos. Á semelhança de todos os physicos do seu tempo, tinha um laboratorio particular onde preparava pessoalmente os remedios, que julgava uteis, e nunca os applicava sem os haver experimentado em si. Bem que imbuido de doutrinas pagãs, Galeno reconhecia um Deus bom, sabio, omnipotente, creador do homem e dos outros animaes. Eis aqui palavras de uma obra sua: «Escrevendo estes livros, componho um hymno em honra de quem nos creou. Creio que a solida piedade não está tanto em lhe immolar centenares de rezes, e offertar-lhe peregrinas perfumarias, quanto em lhe reconhecer e proclamar a sabedoria, o poder e a bondade. Collocar tudo na mais bem disposta regra em ordem a subsistir, querer que em tudo vislumbre seu bemfazer, é prova de bondade que merece nossas acções de graças.»

GALILEU. (Veja INVENÇÕES).

GALIO. (Veja RUBIACEAS).

GALLEZES. (Veja INVASÃO e QUATORZE (seculo).

GALLINACEAS. «As gallinaceas são aves pesadas, que se nutrem quasi sómente de grãos; e por isso entre ellas havemos escolhido a maior parte das aves das nossas capoeiras: conhecem-se por ter a mandibula superior ligeiramente arqueada, e como abobadada, as ventas cobertas em parte por uma peça carnosa; e sobre tudo pelos pés curtos, com os dedos denteados nas bordas, e reunidos sómente na base por curtas membranas: muitas especies tem os tarsos armados de um esporão pontudo; e em quasi todas basta um só macho para muitas femeas, as quaes chocam os seus ovos no chão sem fazer ninho.

«*Os pombos.* Os pombos parece terem a mediania entre as gallinaceas, e os passarinhos, tendo mais relações com estes nos costumes, e com aquellas na fórma, e organisação: seu bico é delgado, mas engrossa na ponta: suas ventas são meio cobertas de uma escama carnosa, e inchada: tem os pés curtos, e os dedos separados até á sua origem, onde se acha entre estes uma curta membrana: vivem em monogamia, construem ninhos, e fazem cada anno muitas posturas pouco numerosas.

«*O pombo torcaz menor.* Esta especie de um azul d'ardosia, com o pescoço furta-côres, é a origem das nossas differentes castas domesticas: vive nos bosques, acoita-se sobre as arvores; e faz duas ou tres posturas por anno. A variedade, que mais se lhe aproxima, é o pombo domestico, a qual se acoita em grandes bandos nas habitações, que o homem lhe prepara, d'onde sahem livremente a buscar sua vida nos campos; e fazem tres, ou quatro posturas por anno. A cultura dos pombos tem produzido innumeraveis variedades, creadas por nós, que não deixam os nossos viveiros; e fazem uma postura de dous ovos quasi todos os mezes.

«*O pombo torcaz maior.* É de um cinzento escuro por cima, com o peito arruivado, e manchas brancas aos lados do pescoço; esta especie selvagem é maior do que o pombo domestico.

«*A rôla.* É uma pequena especie montez, de côr cinzenta por cima com o peito avermelhado, e uma malha raiada de branco, e preto em cada lado do pescoço.

«*Os tetrazes.* Estas aves formam um genero assás numeroso, cujas especies são muito estimadas para a mesa; e se conhecem por uma malha núa por cima do olho, com a pelle granulosa, e ordinariamente de um bello vermelho: tem a fórma refeita, e a cauda igual composta de doze pennas situadas horisontalmente. Este genero póde dividir-se em tres familias.

«*O tetraz grande das serras.* É maior do que um ganso, de um pardo escuro por cima, côr d'ardosia por baixo, todo salpicado de pequenos riscos anegrados; e de cauda igual: habita nos bosques das montanhas elevadas, e nos paizes frios: nutre-se de folhas, e gomos das arvores.

«*O tetraz pequeno das serras.* É do tamanho de um gallo, de um pardo anegrado por cima, com a aza malhada de branco; e a cauda forcada: habita nos bosques, e nutre-se dos flocos das betulas, e avelleiras, etc. As fêmeas d'estas duas especies são mais pequenas, e tem côres mais claras, e variadas, do que os machos: estes no tempo do cio arripiam suas pennas, alevantam a cauda, e são atacados, como de uma especie de estupidez; chamam as fêmeas, as quaes acodem em grande numero á arvore onde elles se acham empoleirados.

«*A ganga malhada das avelleiras.* É do tamanho de uma gallinha, de plumagem lindamente variada de cinzento, pardo, amarello, e anegrado, com uma banda preta sobre a cauda, a qual termina em branco. O macho tem a garganta preta contorneada de branco. Esta ave habita nos bosques junto ás montanhas, e passa por uma das melhores caças.

«*A ganga branca das serras.* É do tamanho de um pombo, com os pés pennugentos até por baixo dos dedos: sua plumagem, que no estio é branca, com pintas amarellas, pardas, e negras, e uma banda preta sobre a cauda, se torna no inverno toda branca. Esta ave habita em o norte, ou sobre as mais elevadas montanhas d'outros paizes, onde fica mesmo no tempo das neves: vive dos renovos das arvores, e flocos das betulas, etc.

«*A perdiz acinzentada da Europa.* Tem o dorso alvadio escuro, o ventre cinzento, as ilhargas malhadas de ruivo, e a cabeça loura: o macho distingue-se por uma grande malha no peito côr de castanha, e em fórma de ferradura. Todos conhecem esta ave mui commum nas planicies, e mais que tudo, nos campos cultivados, onde vive aos pares; e se ajuntam no estio em bandos mais ou menos numerosos, não se refugiando aos mattos, senão quando são perseguidos.

«*A perdiz arruivada da Europa.* Tem o dorso pardo, as ilhargas cinzentas malhadas de ruivo, a garganta branca contorneada de preto, os supercilios brancos, o peito malhado de negro sobre um fundo cinzento, e o bico, e os pés vermelhos. É maior, e menos commum, do que a perdiz acinzentada, e prefere para a sua habitação os lugares, que nas montanhas produzem urze, e tojo.

«*O francolim.* É uma perdiz dos paizes quentes, como Hespanha, Sicilia, Grecia, etc., a qual tem a plumagem loura, variada de preto por cima, e negro malhado de branco por baixo, uma bella colleira alaranjada á roda do pescoço, a cabeça variada de negro, e esbranquiçado, o bico, e pés vermelhos, e esporões nos tarsos: gosta dos lugares humidos, e praias do mar e a sua carne é muito estimada.

«*A codorniz.* É um pequeno passaro, que engorda muito, e desapparece no inverno; e posto que refeito, atravessa o mediterraneo de um só vôo, escolhendo vento favoravel; comtudo ficam entre nós algumas, que se occultam em buracos, e debaixo de pedras. A plumagem da codorniz é parda por cima, e variada de louro arruivado por baixo, com malhas trigueiras no peito, e uma pincellada amarella em cada uma das pennas do dorso, e ilhargas.

«*Os pavões.* Os pavões são umas so-

berbas aves, que se distinguem por um martinete de pennas delicadas, e largas nos extremos, o qual corôa as suas cabeças. A estatura d'estas aves é elegante, o porte altivo, as pennas da cauda iguaes, e situadas horisontalmente; porém as pennas do uropigio prolongam-se, em muitas especies adiante da cauda, e formam por si mesmas uma especie de cauda extranumeraria, que os pavões levantam á sua vontade para fazer, o que se chama *a roda*, ou leque.

«*O pavão ordinario.* É a mais bella de todas as aves: sua plumagem ajunta as côres, e lustre dos metaes, e pedras preciosas: a cabeça, e pescoço são de um azul de saphira carregado, furta-côr violete, e verde: as pennas do martinete apresentam o mais brilhante verde dourado: duas riscas brancas atravessam suas faces: o dorso é côr de aurora, com escamas de verde dourado, mudando para côr de cobre: as pennas da aza e cauda são ruivas.

«Porém, é mais do que tudo nas longas pennas do uropigio, que a natureza tem esgotado todos os recursos do seu pincel: estas são mais compridas, do que todo o corpo, com barbas desfiadas, e ondeadas de furta-côres violete, verde e côr de ouro, sendo só na extremidade de cada penna, que as barbas se acham unidas, e apresentando uma grande malha oval, formada de anneis pardos, violetes, dourados, e côr de cobre, no centro dos quaes ha um olho furta-côres do mais bello azul celeste, para preto avelludado, e côr de esmeralda: seus pés são grossos, anegrados, e armados de um esporão. A pavôa é parda com reflexos verdes no pescoço e faltam-lhe inteiramente as pennas do uropigio: o proprio macho as não tem senão no tempo do cio. Estas aves communs, presentemente na Europa, são originarias das Indias: o seu grito aspero, e forte annuncia a chuva. Os pavões novos são muito bons para comer; e antigamente vinham ás mesas de ceremonia com a sua cauda, do mesmo modo que hoje se pratíca com o faisão.

«*O pavão da China.* Tem uma só poupa na cabeça, a plumagem arruivada, a parte superior do corpo, tanto do macho, como da fêmea, de um ruivo mais carregado, os olhos azues contorneados de um circulo amarello, as pennas do uropigio com duplicado olho, excedendo pouco as da cauda, e dous esporões em cada tarso.

«*O pavão de madama d'Impey.* Tem um bello martinete de pennas agudas, o pescoço de um verde dourado, mudando para vermelho acobreado, as azas verdes, mudando para azul, o ventre preto, o uropigio branco, e a cauda ruiva sem pennas compridas. Esta ave foi transportada das Indias para a Europa por uma senhora ingleza, da qual tomou o nome.

«*Os faisões.* Conhecem-se os faisões por um espaço calvo que tem em cada face; e pela cauda alongada em ponta, cujas pennas intermediarias cobrem as outras á maneira de telhado: sua cabeça é ordinariamente ornada de uma poupa muito macia. Estes passaros são em geral mui bellos, e a sua carne excellente para comer.

«*O faisão ordinario.* Esta ave de Phasis, foi transportada de Colchos pelos argonautas, e hoje se cria por toda a Europa, em *parques* para isto destinados.

«O macho tem a plumagem variada de pardo, verde escuro, e louro dourado, com o pescoço, cabeça, e poupa verdes; porém a fêmea é variada de pardo, e cinzento, não tem poupa; e a sua cauda é muito mais curta.

«*O faisão prateado da China.* É de um branco puro por cima, com riscas estreitas anegradas, e preto carregado por baixo: tem a poupa negra, e a cauda branca. A fêmea é ruiva por cima raiada de pardo, e cinzenta por baixo com malhas pretas, e amarellas á maneira de escamas.

«*O faisão dourado da China.* É de um bello vermelho por baixo, com a poupa de um amarello dourado: tem a parte superior do pescoço alaranjada raiada de preto, a parte anterior do dorso verde, a posterior, e uropigio de um amarello dourado, as azas pardas, e ruivas, com uma grande ma-

lha cinzenta: a fêmea é variada de pardo, e cinzento.

Estas duas aves, que os chinezes se comprazem tanto em multiplicar, e que pintam nos seus papeis, porcelanas, etc., são presentemente o ornamento dos nossos viveiros.

«*O faisão grande olheirado nas azas.* É um dos mais bellos passaros, que ha, posto que as côres não sejam brilhantes: tem a cauda excessivamente comprida, as pennas secundarias das azas igualando quasi as da cauda; por maneira que, quando as estende representam um circulo immenso. Cada penna é cheia de uma multidão d'olhos esverdeados, dispostos em fileira; e todo o resto da plumagem salpicado de preto sobre um fundo pardo, ou cinzento amarellado: seu pescoço, e cabeça são revestidos de uma pelle nua, e azulada, e os pés são vermelhos: a fêmea não tem nenhum d'estes ornamentos, e é de um cinzento escuro uniforme. Esta ave, extraordinaria, é oriunda das montanhas da Asia superior.

«*Os gallos, e gallinha.* Linneo ajuntou os gallos ao genero dos faisões por causa das faces núas; com tudo distinguem-se d'estes pela crista carnosa, que tem sobre a cabeça, e barbilhões da mesma natureza que estão pendentes debaixo do seu bico; e muito mais pela disposição das pennas da cauda, as quaes formam dous planos verticaes, encostados um ao outro. O gallo tem pennas compridas, e estreitas, que se curvam em arco sobre a sua cauda, as quaes faltam na gallinha; porém ambos tem algumas vezes em lugar da crista uma poupa de pennas; seus pés são pennugentos até aos dedos em certas variedades.

«Não se conhece mais do que uma especie originaria das Indias orientaes, da qual vem as innumeraveis variedades, que enchem presentemente as capoeiras em todas as partes do mundo. (*Phasianus gallus*, Lin.) Sonnerat a encontrou selvagem nas Indias.

«*A gallinha pintada de Angola e Guiné.* Os caracteriscos d'esta gallinha são os barbilhões carnosos aos dous lados da base do bico, e uma eminencia ossea curvada para traz no alto da cabeça. Esta ave originaria da Africa foi conhecida pelos antigos com o nome de *gallinha de Meleagro:* tem a cauda curva, e igual, a plumagem de um cinzento azulado, salpicada de pintas brancas; e cria-se em as nossas capoeiras por curiosidade. (*Numida meleagris*, Lin.)

«*O perú.* O perú é uma grande ave de capoeira, originaria da America: tem a cabeça calva, e semeada de papillas, barbilhões carnosos, pendentes do pescoço; e sobre a cabeça um appendice conico, membranoso, e molle, chamado monco, o qual o macho estende muito abaixo do bico, e encolhe á sua vontade: toda esta pelle muda instantaneamente de côr branca, para azul, e para vermelho côr de sangue, segundo as affecções do perú. No seu peito se acha um pincel de cerdas bastantemente compridas; e as pennas do uropigio são no macho tão compridas, como as da cauda, mas de côr escura, como toda a plumagem, rijas, e cortadas quadradamente, as quaes elle alevanta para formar a roda ou leque, como o pavão. O perú é o emblema da tolice orgulhosa, e o maior e melhor dos gallinaceos domesticos. (*Meleagris gallo-pavo*, Lin.)

«*Os hoccos*, ou *mitús.* Os hoccos são grandes gallinaceos americanos, cujo caracteristico é uma membrana molle cercando a base do bico: tem, com pouca differença, o porte do perú, a cauda igual, e commummente uma poupa na cabeça: sua introducção na Europa seria da mesma utilidade, que a do perú.

«*O hocco*, ou *mitú do Pará*, ou *guirizão das Antilhas.* Tem a plumagem de um bello preto, uma poupa na cabeça com as pennas differentemente encrespadas, a membrana da base do bico de um amarello côr de limão, com um tuberculo redondo em cima: acha-se em Guiné.

«*O hocco*, ou *mitú do Mexico.* É de côr preta, com a base do bico, e uma grande protuberancia oval por cima d'este, de um azul celeste: acha-se em o Mexico nos lugares inhabitados. A trachêa d'estas aves descreve

grandes inflexões, como em algumas aves aquaticas.

«*As sacupemas do Brazil.* Differem dos hoccos pela falta de cêra, ou membrana molle, que embuça a base do seu bico: sua cabeça não é toda calva; mas tem diversos lugares, que o são; e em algumas especies apresenta prominencias, e carunculas.

«*As abetardas.* Tem o bico, os dedos, as pequenas membranas da base d'estes, e o corpo refeito, dos gallinaceos; os tarsos altos, e as pernas nuas como as aves ribeirinhas: vôam muito pouco, servindo-se o mais das vezes das azas para accelerar a sua carreira: vivem de grãos, e de hervas.

«*A betarda,* ou *batarda.* É como o pelicano, a maior ave da Europa: sua plumagem, sobre o dorso, é de um louro vivo, com uma multidão de pequenos riscos transversaes negros; e cinzenta em todo o resto: as pennas das orelhas são alongadas no macho, formando aos dous lados da cabeça uma especie de martinetes. Estas aves habitam nos paizes planos, e passam por uma excellente caça.

«*A abetarda pequena*, ou *alcararão de duas colleiras.* É muito mais pequena, e rara, do que a precedente, com a parte superior do corpo variada de pardo, e preto, e a inferior esbranquiçada. O macho tem o pescoço preto com duas colleiras brancas. Os paizes estrangeiros produzem tambem algumas especies de abetardas.

«AVES RASTEIRAS. — Estas aves foram arranjadas, por alguns na ordem das *gallinaceas* em razão do seu peso, e por outros na das *ribeirinhas*, com as quaes se parecem na altura dos tarsos, e nudez das pernas: estas são as maiores das aves, e suas especies pouco numerosas.

«*O abestruz.* Habita nas mais quentes regiões da Africa: tem de oito, a dez pés de altura, o pescoço comprido, e delgado, sustendo uma pequena cabeça, o bico largo, curto, e abobadado, as azas tão curtas, que lhe não servem para voar, mas sómente para auxilliar sua carreira; mais rapida, do que a dos melhores cavallos: suas pernas são mui altas, e muito fortes, e tem só dous dedos nos pés dirigidos para diante: sua plumagem é parda, malhada de branco. As pennas do uropigio largas, flexiveis, e com barbas compridas, finas, e macias, estão em grande uso para os ornamentos das senhoras, pennachos, etc. O sternon do abestruz é chato, e sem a prominencia, que se observa no das outras aves; e a forquilha se liga ao sternon, e claviculas. O abestruz digere com facilidade, e engole indistintamente tudo quanto se lhe apresenta, como seixos, pedaços de metal, etc., porém erradamente se pensou por muito tempo, que elle digeria o ferro: esta ave é muito estupida, e habita nas regiões arenosas: não choca os seus ovos, mas cobre-os ligeiramente com areia, e se põe de guarda a elles, até que o calor do sol os faz brotar. Linneo ajuntou o abestruz (*Struthio camelus*) em um só genero com as duas aves seguintes.

«*O cazoar*, ou *ema da Asia.* É originario de Java, e das outras ilhas do archipelago das Indias; e assás differente do abestruz para fazer um genero á parte: elle o iguala quasi em grossura; porém não é tão alto: sua cabeça, e uma parte do pescoço são calvas, e coloridas de vermelho, e azul, pendendo de cada lado um barbilhão carnoso assás franzino: o vertex é munido de um casco osseo, conico, e de côr parda: suas pennas tem barbas tão curtas, que se assemelham a pello, ou crinas: as azas são ainda mais curtas do que as do abestruz, tendo cinco pennas sem barbas, e por conseguinte semelhantes a espinhos, das quaes a ave se serve para a sua defesa: os pés tem tres dedos dirigidos para diante; e o bico é curvado. e comprimido pelos lados. Esta ave é o *Struthio casuarius* de Linneo.

«*A ema do Brazil.* Esta é a maior ave da America; e tem o pescoço comprido, a cabeça pequena, e o bico achatado como o abestruz; porém mais parecida em todo o resto com o cazoar: tem tres dedos em cada pé dirigidos para diante, e um tuberculo redondo, e calloso no parte posterior: sua plumagem é cinzenta por cima, e

branca por baixo, e as pennas são asperas. Esta é o *Struthio Americanus* de Lin. e a *Rhea touyouyou* de Briss.

«*O dodó das Mauricias*. É uma grande ave de azas mais curtas, do que as das precedentes, e originaria das ilhas de França, e da Reunião: seu corpo é maciço, e coberto de uma especie de pennugem cincenta: tem quatro dedos curtos e grossos, em cada pé, e o bico comprido, e rasgado tanto para traz dos olhos, que estes parecem situados na sua base: as mandibulas são concavas no meio, mais grossas na extremidade, e com as pontas curvadas em direcção contraria, formando as pennas em torno da base d'estas uma especie de capuz. Linneo lhe dá o nome de *Didus ineptus*.» (Cuvier).

GALLINHA. (Veja GALLINACEAS).

GALLINHOLA. (Veja RIBEIRINHAS).

GALVANISMO. Dá-se este nome á causa que produz certos effeitos electricos pelo simples contacto de corpos heterogeneos, ou ainda de semelhantes, mas de temperatura differente. As primeiras observações n'este genero fêl-as Galvani, medico e professor em Bolonha, no anno 1789, preparando rãs para experimentar a excitabilidade dos orgãos musculares. Primeiramente, esfolava as rãs; depois cortava-as a meio do corpo, e passava-lhes ao través da columna vertebral um fio de cobre recurvo em colchete. Por acaso pendurara as rãs assim preparadas em uma sacada de ferro, e viu maravilhado que as rãs mortas e mutiladas experimentavam vivas convulsões. Um observador menos habil, notaria o phenomeno, dar-lhe-hia qualquer explicação especiosa, e cuidaria n'outra cousa. Galvani, porém, foi mais moroso em seu juizo. Dotado de rara sagacidade, entreviu no phenomeno um principio novo, e d'elle derivou aquelle ramo fecundo da physica ao qual se deu o seu nome: — *Galvanismo*. Observou de primeiro, que as convulsões das rãs não eram permanentes, e que sómente se davam quando o vento ou outra causa accidental fizesse que a haste de ferro appensa ao colchete de cobre tocasse algum ponto dos musculos das rãs. Variando muitissimo as experiencias, reconheceu a final que tudo cifrava em estabelecer entre os musculos e nervos da rã communicação mediante um arco metallico. Observou tambem que as convulsões se excitavam ainda quando aquelle arco era de um metal sómente, mas que então eram muito fracas, e que o contacto de dous metaes differentes produzia convulsões fortes e duradouras; e que n'este caso se podia completar a communicação com quaesquer substancias, com tanto que sejam conductoras da electricidade. Fez entrar na cadeia da communicação outras partes animaes, e até entre vivos, e pessoas, dando-se as mãos, e as convulsões manifestaram-se. M. Volta, repetindo as experiencias de Galvani, descobriu indicações diversas das do seu antecessor. (Veja ELECTRICIDADE).

GAMA (José Bazilio da). Poeta brazileiro, nascido na villa de S. José do Rio das Mortes, provincia de Minas Geraes, em 1740, e falleceu em Lisboa em 1795. A biographia circumstanciada d'este notabilissimo poeta encontra-se nos *Varões illustres do Brazil* pelo snr. João Manoel Pereira da Silva, tom. I, pag. 359. O seu poema *Uraguay* reimpresso muitas vezes, foi assim aquilatado por Almeida Garrett:

«O *Uraguay* de José Bazilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser presaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os brazileiros principalmente lhe devem a melhor coróa da sua poesia, que n'elle é verdadeiramente nacional, e legitima americana. Mágoa é que tão distincto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não désse mais amplidão, e quadro tão magnifico o acanhasse tanto. Se houvera tomado esse

trabalho, desappareceriam algumas incorrecções de estylo, algumas repetições, e um certo desalinho geral, que muitas vezes é belleza, mas continuado e constante em um poema longo, é defeito.»

N'este trecho do *Uraguay* se revela o enthusiasmo, a correcção, e, superior a todos os bons predicados, o colorido energico das pugnas travadas entre os selvagens em tempos da colonisação portugueza:

«Fez proezas Cepé n'aquelle dia.
Conhecido de todos, no perigo
mostrava descoberto o rosto e o peito,
forçando os seus co'o exemplo e co'as palavras.
Já tinha despejado a aljava toda,
e, destro em atirar e irado e forte,
quantas settas da mão voar fazia,
tantas da nossa gente ensanguentava.
Settas de novo agora recebia,
para dar outra vez principio á guerra.
Cepé, que o viu, tinha travado a lança,
e, atraz deitando a um tempo o corpo e o braço,
a despediu. Por entre o braço e o corpo
ao ligeiro hespanhol o ferro passa:
rompe sem fazer damno, a terra dura,
e treme fóra muito tempo a hastea;
mas de um golpe o Cepé na testa e peito
fere o governador e as redeas corta
ao cavallo feroz. Foge o cavallo,
e leva involuntario e ardente em ira
por todo o campo o seu senhor; e ou fosse
que regada de sangue aos pés cedia
a terra, ou que pozesse as mãos em falso,
rodou sobre si mesmo, e na caida
lançou longe a Cepé. —Rende-te ou morre!
grita o governador; e o Tape altivo
sem responder, encurva o arco, e a setta
despede, e n'ella preparára a morte.
Enganou-se esta vez. A setta um pouco
declina, e açouta o rosto a leve pluma.
Era pequeno o espaço, e fez o tiro
no corpo desarmado estrago horrendo.
Viam-se dentro pelas rotas costas
palpitar as entranhas. Quiz tres vezes
levantar-se do chão, cahiu tres vezes;
e os olhos já nadando em fria morte
lhe cobriu sombra escura e ferreo somno.»

GAMA. (Vasco da). Veja NAVEGADORES PORTUGUEZES).

GAMMA. (Veja ACUSTICA).

GARANÇA. (Veja RUBIACEAS).

GARCIA DE REZENDE. «Em poucas palavras o pouco que se sabe da biographia de Rezende.

«Ignora-se a época do seu nascimento; mas sabe-se que era natural d'Evora e irmão do celebre André de Rezende, o traductor de Cicero. Foi pagem da escrivaninha de D. João II e seu predilecto. Grato por isto, lhe escreveu a vida, a qual se imprimiu em Evora em 1554. Compoz tambem uma relação da infanta D. Beatriz para Saboya, e outra da viagem d'el-rei D. Manoel a Castella, e finalmente umas trovas satyricas que intitulou *Miscellanea*. Colligiu em um volume as poesias avulsas que no seu tempo tinham mais celebridade, tanto dos poetas d'aquella época, como de outros mais antigos. Este volume que foi dado á luz por elle em Lisboa em 1516, com o titulo de *Cancioneiro geral*, é hoje um dos mais raros monumentos da nossa litteratura, e o verdadeiro titulo de gloria de Garcia de Rezende.

«Em 1514 foi a Roma como secretario do embaixador Tristão da Cunha, mandado ao papa por el-rei D. Manoel. Voltando á patria morreu em Evora, não sabemos em que anno, e jaz no convento do Espinheiro.» (A. H.)

GARÇA REAL. (Veja RIBEIRINHAS).

GARÇÃO (Pedro Antonio Corrêa). (Veja DEZOITO (seculo). Nasceu em Lisboa a 29 de abril de 1724, e morreu no carcere em 10 de novembro de 1772. Ácerca dos infortunios d'este poeta, diz o snr. Innocencio Francisco da Silva:

«A causa proxima e immediata da sua desgraça ha sido uma especie de mysterio, e acha-se envolvida em sombras que as tradições dos contemporaneos, vindas até nós, não podem dissipar inteiramente, pela discordancia e disparidade que offerecem, quer nos factos essenciaes, quer nos accessorios. Que a prisão foi resultado de má vontade do marquez de Pombal, então ministro omnipotente em Portugal, que com ou sem razão se julgára aggravado do poeta, é cousa em que todos parece concordarem

sem contestação: porém o meio, ou pretexto que se escolheu para cohonestar a vingança, é ponto que não julgo ainda assás elucidado. Nem se lhe instaurou processo, nem das ordens de prisão e de soltura expedidas camarariamente consta, de qualquer modo que seja, o motivo da prisão. O poeta em um soneto que escreveu da cadêa ao seu amigo Antonio Diniz da Cruz, no decimo-quinto dia de segredo, e que parece ter sido a sua derradeira composição, nada diz que nos illustre a semelhante respeito. Aqui o transcrevo, visto que não foi até agora colligido nas edições das suas obras, devendo por conseguinte reputal-o novo para a quasi totalidade dos meus leitores, posto que já désse ha annos copia d'elle, com as de outros versos ineditos, ao neto do mesmo poeta José Maria Stocker Salema Garção (fallecido em abril de 1851), quando este se propunha dar ao prelo uma nova e mais completa edição das *Poesias* do avô, para o que chegára a reunir numero avultado de subscriptores:

«Quinze vezes a aurora tem rompido,
E accendi outras tantas a candêa,
Desde que preso estou n'esta cadêa,
Soffrendo o que nenhum cá tem soffrido:
De todo trago o estomago perdido;
Cômo frio o jantar, mal quente a cêa,
E este misero ornato que me arrêa,
De noite é cama, de manhã vestido:
A um canto da bocca arrumo um dedo;
Subo os olhos ao tecto, ao chão os mando,
Sem saber o que faço me arremedo:
Commigo mesmo estou philosophando;
Nego os mesmos principios que concedo;
Vê tu, meu bom Diniz, quão louco eu ando!»

Almeida Garrett conta assim a causa da prisão do poeta:

«Contam que certo Lovelace alfacinha da amizade de Garção, querendo escrever a uma menina ingleza a quem galanteava, pedira ao poeta que lhe trasladasse para a lingua da bella insular os seus «lusos namorados requebros.» Pamella não era para graças, ou não engraçou com o author da missiva, e foi mostral-a ao papá, que a foi mostrar ao marquez de Pombal, que mandou prender o pobre eremita de Aguas-Santas (houve aqui troca ou descuido: o sitio onde Garção residia, proximo ao actual cemiterio dos Prazeres, chamava-se então, e chama-se ainda hoje a «Fonte-Santa», cousa bem diversa de «Aguas-Santas») cuja letra conheceu, ou lh'a denunciou alguem. Não faltou quem esclarecesse o caso, e mostrasse a innocencia do poeta; mas o supposto delicto era pretexto, e a causa verdadeira o odio de Pombal, pela famosa «falla do duque de Coimbra recusando a estatua», que o Garção compozera para fustigar a vaidade com que o marquez se esculpira em bronze no pedestal do Terreiro do Paço. Foi preso em 9 de abril de 1771, sem processo: oito mezes esteve no segredo; e só expediram pela secretaria d'estado dos negocios do reino a ordem de soltura, muito d'antes promettida por el-rei á desconsolada esposa, em 10 de novembro de 1772, *algumas horas depois de o saberem morto*, etc., etc.»

O snr. Innocencio corrige a hypothese de Garrett com estas judiciosas razões:

«Salvo o devido respeito, não sei como conformar-me com as inexactidões que pullulam em todo este trecho. Como é que Garção, fallecido effectivamente em 10 de novembro de 1772, podia vêr o *marquez esculpido em bronze no pedestal do Terreiro do Paço*, quando a estatua só foi inaugurada e descoberta em 6 de junho de 1775, tendo sido aliás a execução d'ella definitivamente encommendada a Joaquim Machado de Castro em dezembro de 1770 (o que este nos refere na sua *Descripção analytica*, a pag. 24), e não havendo ainda por esse tempo a idéa de collocar o busto do ministro no sitio, que a final se lhe destinou?... Parece-me vêr em tudo isto demasiada poesia, e tenho para mim que a *Falla do duque de Coimbra*, tal como se acha nas *Obras* de Garção a pag. 164, da edição de 1778, é composição de data mui mais antiga, e de tempo em que talvez se não sonhava na erecção da estatua.

Em todo o caso, as allusões n'ella contidas, se querem á força tomal-as como taes, seriam de certo muito mais offensivas para o proprio monarcha, que para o seu ministro!

«Vejamos ainda outra versão algum tanto diversa. O snr. commendador Antonio Joaquim de Mello, nas suas *Biographias de alguns poetas e homens illustres de Pernambuco*, impressas ha poucos annos no Recife, diz em uma nota a pag. 13 do tom. I, referindo-se ao infortunado fim do poeta: «O marquez de Pombal o não olhava bem, por ser parcial dos padres Congregados, e outros murmuradores do seu ministerio. Pretextou-se a prisão com a traducção que o poeta fez de escriptos de amores de uma filha do brigadeiro inglez Elsden, com um amigo do poeta. Elsden era um ensamblador ou marceneiro em Londres; com algumas poucas luzes elementares de mathematicas, fizera de engenheiro e architecto em Portugal, onde em 1779 andou dirigindo a construcção do laboratorio chimico, museu e sala de physica experimental pegadas ao collegio dos jesuitas (em Coimbra). E diz Guthrie, na *Geographical Grammar*, que elle reformára a universidade de Coimbra, para o que não tinha capacidade, mesmo nas sciencias exactas!...»

«Darei por ultimo a historia, tal como a ouvi haverá treze ou quinze annos da bocca do citado neto do poeta, J. M. Stockler Salema Garção, reportando-se ás tradições conservadas na familia:

«Garção habitava na sua casa da Fonte-Santa (a que está situada á direita da mesma fonte), e possuia contigua a ella outra, que alugára a um coronel inglez, de appellido Macbean, ao serviço de Portugal (o mesmo a quem são dirigidas as odes XVIII e XXI, que se acham nas *Obras* do poeta, a pag. 112 e 124). Davam-se por amigos, e visitavam-se reciprocamente com demonstrações de muita estima; o coronel era viuvo, e tinha em sua companhia uma filha, moça formosa, porém de caracter inconsiderado e leviano, e que passava por estremada namoradeira. Entre muitas pessoas de boa sociedade, que frequentavam a casa do poeta, onde concorriam a miudo os socios da Arcadia, e outros eruditos e litteratos d'aquelle tempo, havia um mancebo peralta, que parece tinha por appellido Avila, o qual não obstante ser casado e ter filhos, entendeu que podia requestar a filha do inglez, e o mais é que encontrou n'ella as melhores disposições para attendel-o. Quiz dirigir-lhe uma carta, porém como ignorasse a lingua da sua bella, rogou a Garção com grandes instancias que lh'a escrevesse, ou traduzisse. Teve o poeta a fragilidade de condescender com os seus rogos, fazendo a carta pedida; porém o estouvado amante em vez de copial-a pela sua letra, pegou do proprio rascunho, e deu-o a um criado do coronel, para que o entregasse a sua ama.

«É mister acrescentar agora, não porque o dissesse o neto, mas porque Domingos Maximiano Torres (amigo, como já disse, de Garção) o contára em antigos tempos a pessoa que m'o transmittiu, que a tal carta havia por fim nada menos que convidar para a fuga a menina, cujo estado de gravidez ia já sufficientemente adiantado!...

«O criado em vez de dar a carta á filha, segundo ajustára, foi entregal-a ao coronel. É facil de julgar como este ficaria ao reconhecer pela letra da carta, cuja era, e o fim a que se destinava! Enfurecido correu immediatamente a casa do primeiro ministro, a quem apresentou a carta, e n'ella o corpo de delicto do desgraçado poeta. Nem tanto seria preciso para exacerbar contra este o animo do marquez, muito mais se existiam já da parte d'este as razões de animadversão que se teem querido suppôr. A ordem de prisão foi pois expedida para logo. Seria inutil repetir agora de novo o mais que depois occorreu.

«De todas as referidas variantes poderão os leitores formar o seu juizo, combinando-as entre si como poderem. Eu tenho ainda a respeito da ultima uma pequena difficuldade que oppôr. Não me parece crivel que o

caso da carta, verdadeiro ou falso, se désse com Macbean. Pois se elle fosse, ao menos occasionalmente, o motor ostensivo da desgraça do poeta, consentiria a familia d'este ao dar suas obras á luz, que entre ellas figurassem as odes citadas, testemunhas de antigas e amigaveis relações, quando expungiu inexoravelmente d'aquella edição todas as composições em que era louvado o marquez de Pombal, facto attestado pelas que ainda hoje se conservam manuscriptas?»

GARRICK. (Veja Tragedia).

GASCONHA. Os vasconios ou bascos, população hespanhola, repulsos pelos godos, transpozeram os Pyrenéos, cerca do anno 542, e estabeleceram-se nas provincias chamadas depois Guyenna e Gasconha. Em 714, os gascões rebellaram-se; porém Pepin e Carlos Magno os sopesaram e sobpozeram na dependencia dos duques de Aquitania. A Gasconha passou aos inglezes com o casamento de Leonor de Aquitania com Henrique II, até 1453, época em que Carlos VII a reuniu definitivamente á França.

GASTEROPODES. (Veja Molluscos).

GAUCHO. (Veja Plata).

GAVIÃO. (Veja Rapinantes).

GEDEÃO. (Veja Quatorze (seculo).

GELATINA. (Veja Neutros).

GELEIRAS. Sabe toda a gente que nas cumiadas das serras altas é maior o frio que nas baixas. A certas alturas das montanhas o frio é mais intenso, porque a agua ahi cahe nevada, e esta neve nunca se degela: chama-se *perpetua*, e os pontos onde ella nas serras se não derrete, chamam-se *limites das neves perpetuas*. A neve varía consoante as montanhas: ao pé do equador é, por isso, mais alta que nas visinhanças dos polos. Na proximidade das montanhas abaixa o limite, na proximidade dos platós dá-se o contrario. As neves perpetuas tem duas fórmas: neveiras e geleiras. Nos pontos muito elevados a neve permanece branca e ás folhecas. Esta massa, movel como a areia do deserto, é impellida pelas ventanias desde os espinhaços das serras até ao mais fundo dos valles. Se estes valles são de fórma de circo ou ampla bacia, a neve sobrecama-se ahi e entra em principio de fusão que a torna pulverea e granulosa. N'este estado, chama-se *neveira*. A neve transforma-se em neveira nos terrenos baixos do campo de neve onde a temperatura é quasi 0º. As granulações da neveira, agglutinadas solidamente pela agua infiltrada, que se congela e as cimenta, formam o principal elemento das geleiras. A parte superior da geleira chama-se *geleira-reservatorio*, a inferior *geleira de esgoto*. A geleira de esgoto fórma-se com gêlo mais compacto, variado de flancos transparentes ricamente coloridos de azul ou verde escuro. Toda a massa está gretada, e sobreposta de camadas quasi parallelas, correspondentes ás camadas de neve que cahiram no decurso do anno nas partes superiores.

Discute-se, ha muito, se o gêlo se fórma no fundo, se na superficie das aguas fluviaes. Muitos physicos sustentaram que os gêlos carreados nas torrentes partem do fundo. Segundo o parecer d'estes, está o fundo do oceano coberto de uma camada de gêlo. Esta hypothese é insustentavel, mormente depois que a theoria do fogo central, a mais verosimil de todas, se baseia sobre observações plausiveis; das quaes se desprehende que as aguas occupantes das partes inferiores dos abysmos do mar devem ter mais elevada temperatura que as superficiaes. Além d'isto, uma massa de agua é preservativo do frio; uma casa de neve dá excellente abrigo nos paizes frigidissimos; tudo leva pois a crêr que os gêlos se formam na superficie das aguas. A congelação começa nas margens em pontos onde a agua se rebalsa.

GENERALISAÇÃO. (Veja ABSTRACÇÃO).

GENEROSIDADE. Sentimento que consiste em esquecer-se o homem de si, sacrificando-se aos outros. Geralmente chama-se generosidade o acto de dar sempre e muito; mas essa é uma das accepções mais restrictas da palavra. A generosidade do general ou do estadista consiste no inteiro perdão das injurias. O «sejamos amigos, Cinna, sou eu que t'o rogo» fez chorar o grande Condé; generosidade e clemencia são virtudes raras que demandam força de alma não vulgar. —O homem vingativo é atormentado pelo desejo de mal-fazer; tem sêde de lagrimas e sangue, e depois de saciado traspassa-se de horror. O homem generoso tem consciencia de superioridade, do imperio que sobre si exerce, e dos direitos á admiração dos proprios inimigos.

GEOGRAPHIA. 1. Emprega-se geralmente este termo para designar a descripção da superficie da terra (do grego *gé*, terra, e *graphein*, descrever). Divide-se a geographia em geographia mathematica, physica, e politica. A *geographia mathematica* considera a terra como parte do mundo, isto é, como um membro do systema solar. Ensina quaes são a configuração e grandeza da terra, e os modos e leis de seu movimento; explica as vicissitudes dos dias e das estações, os eclipses do sol e lua, as divisões de tempo e espaço, etc. — A *geographia physica* considera a terra como um todo á parte e independente, e trata da configuração e divisão da superficie terrestre em *platós*, e terras baixas, montanhas e valles, vulcões (orographia), rios, lagos, fontes e mares (hydrographia), continentes, ilhas e peninsulas (epirographia), meteoros e climas particulares de cada região da terra (climatologia), diversas producções dos tres reinos da natureza (geographia *mineralogica* ou dos mineraes, geographia *botanica* ou dos vegetaes, geographia *zoologica* ou dos animaes); em fim, entende tambem com o homem como ente natural pertencente á creação organica, com as raças e propagação do genero humano (ethnologia). — A geographia *politica* não considera sómente a terra como lugar de habitação do homem, ser physico, mas como lugar que lhe é destinado conformemente a sua natureza intellectual, e como theatro das agglomerações sociaes ou estados. Occupa-se da descripção dos povos (ethnographia), da descripção dos estados e suas condições politicas de existencia (estatistica).

2. «Não sendo possivel tratar por miudo de cada um dos termos technicos da geographia, mencionaremos sómente os que são indispensaveis para o estudo d'esta sciencia, e para se poderem bem entender as relações dos viajantes. Dividil-os-hemos em duas classes, a saber: termos que pertencem á geographia physica, e termos que pertencem á geographia politica. Vejamos os primeiros.

«No meio do grande pégo chamado oceano, ao qual vão dar quasi todas as correntes do globo, e de cuja superficie elle occupa as tres quartas partes pouco mais ou menos, ha porções da terra separadas umas das outras, e rodeadas d'agua. Estas se chamam *ilhas*, e sendo consideravelmente pequenas, *ilhotas, ilhetas, ilhéos.*

«Mas a tres d'estas porções da terra dão os geographos o nome de *continentes*, por causa da sua notavel grandeza. A mais consideravel chama-se *antigo continente*, e comprehende a Europa, a Asia e a Africa; a segunda chama-se *novo continente*, porque foi descoberta muito depois, e tambem *America;* em fim á terceira, que é muito mais pequena que qualquer das outras duas, se deu o nome improprio de *Nova Hollanda*, que de tempos a esta parte se tem substituido pelo de *Australia*, ao qual nós, por analogia com os dous precedentes, ainda substituiremos a denominação de *continente austral*. Todos os outros terrenos que se elevam acima do nivel das aguas são considerados como ilhas. Os confins dos continentes e das ilhas, que são banha-

das pelas aguas que os rodeiam, chamam-se *costas*.

«As circumstancias differentes de situação absoluta ou relativa, em que se acham as ilhas, convidaram os geographos a adoptar diversos termos, que nas actuaes circumstancias da geographia nos parece que podemos reduzir aos seguintes: *Ilha* propriamente dita, é todo o terreno rodeado de agua, seja qual fôr a sua extensão; d'esta regra geral só se exceptuam os tres continentes de que acima fallamos.

«Poucas ilhas collocadas a pequena distancia umas das outras, ou uma ilha principal rodeada de outras muito mais pequenas, formam um *grupo*: tal é o grupo de Malta na Europa, o de Sumatra na Oceania, etc.

«Muitas ilhas de differente grandeza, já tão proximas que de umas se avistam as outras, já a maiores distancias, formam um *archipelago*. De ordinario os archipelagos consistem na reunião de diversos grupos. Todos conhecem o archipelago grego, chamado por antonomasia *Archipelago;* e o archipelago das Antilhas.

«Uma porção de superficie solida da terra, que se adianta para o mar de que fica rodeada por todos os lados, excepto um por onde se une ao continente ou a uma ilha de que faz parte, chama-se *peninsula*. O lado que prende a peninsula ao continente, se é muito mais estreito de que um quarto da circumferencia da peninsula, chama-se *isthmo;* taes são os isthmos de Suez, de Corintho, etc. Alguns geographos são de opinião que muito embora se tenham por peninsulas propriamente ditas as que se unem ao continente pelo lado mais estreito; como a peninsula de Hespanha e Portugal, etc.; porém que ás peninsulas que se unem ao continente pelo lado que offerece maior largura, se deve dar o nome de *peninsulas abertas*, como a India, Indo-China, e Italia, etc.

«A porção de terra que avança pelo mar dentro, em fórma mais ou menos angular e por espaço consideravel, tem o nome de *cabo* ou de *promontorio*, como o cabo do Norte na Laponia, e o cabo de S. Vicente em Portugal, etc. Se porém a porção de terra que avança sobre o mar é pequena, chama-se-lhe *ponta*. Deve-se porém observar que estas denominações nem sempre se empregam com a distincção exacta que seria para desejar.

«*Montanhas* ou *montes* são as imminencias mais consideraveis da terra, e que ao mesmo tempo tem um declive rapido, ou ao menos bastante sensivel. Devemos distinguir montanhas de *platós*, que são grandes porções de terra muito elevadas, que de ordinario formam o nucleo dos continentes ou das ilhas, mas que tem declives menos rapidos e mais extensos. Um plató póde conter montanhas, planicies e valles; alguns ha com declive bastante para deixar escoar as aguas, que se juntam em sua superficie; outros que conservam o mesmo nivel em um grande espaço no qual os rios não encontram sahida: d'estes ultimos encontram-se na Europa os de menor, e na America e Africa os de maior extensão. Os platós tem um nivel mais elevado que o resto dos continentes; parecem ser as porções mais antigas da terra, em roda das quaes se foram accumulando novos terrenos. O maior de todos os platós que se conhece é o da Asia media. Os declives dos platós e os montes que os sustentam, e por onde se sobe para elles, chamam-se as suas *escarpas*, termo adoptado da fortificação. Os antigos não distinguiam platós de montanhas, o que deu lugar a gravissimos erros geographicos.

«Succede encontrarem-se, em terrenos assentados e distantes de serrania de qualquer genero, montões de rochedos, ou grandes montanhas isoladas, que sustentam em torno de si planicies ferteis e regadias. Esta casta de montanhas são vulgares na Abyssinia, onde se lhes dá a denominação de *ambas*, nome que adoptaremos para designar todas as alturas d'este genero.

«*Montanha* propriamente dita é o monte de grandeza consideravel.

«*Serra* é a montanha de figura muito alongada, e contendo muitas vezes varios *cabeços*, *picos*, *agulhas*, etc.

«*Serrania*, a serra que se ramifica para differentes lados.

«*Cordilheira*, *corda de montes*, *corda de serras*, a somma de muitos montes ou serras pegadas umas nas outras; e muito principalmente quando se estende sómente em longura sem consideraveis ramificações para os lados. N'esta mesma accepção se costumam frequentemente tomar as palavras *serra* e *serrania*.

«N'este nosso tratado chamamos *grupo* a reunião de varias serras, *systema* a reunião de varios grupos, e *nucleo* o ponto em que diversas cordas de montanhas se reunem.

«Nas descripções dos montes deve-se ter em vista: 1.º a sua situação, figura e natureza; e se forem *serras* ou *cordilheiras*, a sua direcção, e a das suas ramificações primarias e secundarias, com relação aos *pontos cardeaes* e *collateraes;* 2.º a sua altitude (altura acima do nivel do mar), e a sua altura relativa á planicie adjacente; 3.º a grandeza e *inclinação dos valles* que formam, e a *direcção* e *profundidade* dos que forem mais consideraveis; 4.º a sua *importancia* por suas *producções vegetaes* e *mineraes* (e muito principalmente por *fontes* a que dem origem, e cujas aguas, ou pela sua *abundancia*, ou pela *altura* em que rebentem, possam ser uteis á *agricultura*, *artes*, etc.); e tambem pelo abrigo que façam aos territorios circumvisinhos; 5.º se são *vulcanicos* accesos, ou apagados, continuos ou periodicos; 6.º se estão sempre, ou só em certas occasiões, cobertos de neve.

«Porém para que as descripções das montanhas se possam fazer com sufficiente clareza, é necessario saber os nomes que vulgarmente se dão a cada uma das suas partes e aos terrenos que lhes ficam immediatamente adjacentes. Tentaremos dar aos nossos leitores algumas idéas sobre este assumpto, prevenindo-os, todavia, de que n'este, bem como nos outros objectos que fazem o objecto dos estudos do geographo, a terminologia está ainda muito longe da exacção, que é para desejar.

«Chama-se *fralda*, *pé*, ou *sopé* do monte, o começo da sua ladeira em todo o seu contorno. *Ladeira*, *vertentes*, *costa*, *encosta* a sua superficie inclinada e lateral, a qual se diz *ingreme*, quando é muito inclinada; *suave* e *disfarçada*, quando é pouco inclinada; *escabrosa*, *fragosa*, *barrancosa*, quando tem *asperezas* e *altibaixos;* e se estes altibaixos são em fórma de degraus, chamam-se *balcões*. *Cume*, *cimo*, *riso do monte* é a sua parte mais alta; a qual, se é arredondada chama-se *cabeço*, se aguçada e talvez de rocha, *pico;* se consta de muitos picos, ou como de *pilares* parallelos, *agulhas*, etc., etc. Chama-se *crista* a linha que ao longo do cimo da serra separa as vertentes; e *espinhaço* ou *dorso* a superficie superior e convexa que é atravessada pela *crista*. Quando as *serras* e *cordilheiras* de algum modo se interrompem ou cortam, chamam-se *quebradas*, *portas*, *forcas*, *pylas*, e *boqueirões* os córtes, ou interrupções, que descem á planicie adjacente; e *gertellas* as que ficam acima com grande ponto de vista. Os rochedos cortados perpendicularmente ou a pique e que estão á borda do mar chamam-se *falezes*. Os espaços longitudinaes entre *serras* ou *montes*, quer tenham em baixo uma planicie, quer terminem em angulo, chamam-se *valles;* mas no segundo caso chamam-se mais frequentemente *gargantas*, *desfiladeiros*, e tambem *valleiros*, principalmente quando são encostados ás *serras* ou *montes*, e cortam a sua ladeira de cima a baixo, partindo-a em duas lombas. *Lomba* é o bojo lateral, e a quebrada final da serra, considerada entre a *fralda* e o *cimo*, e que tem figura convexa.

«É tambem util, para se fazerem bem as descripções, conhecer o que se entende por *cavidades* e suas differentes especies. *Cavidades* são os espaços vazios que se encontram para baixo da superficie solida da terra. Chamam-se:

«*Fendas* ou *gretas*, quando cons-

tam de uma abertura superior, longitudinal e cuneiforme, que parece devida á desunião da materia terrestre, forçada pelo *calor,* ou pelo abatimento de uma parte do terreno; posto que muitas vezes o seja por causas bem differentes, v. g. *exhalações,* correntes d'agua, etc.

«*Cavernas*, as que são todas subterraneas, isto é, tapadas com um tecto, e tendo apenas uma pequena entrada superior ou lateral. Se as *cavernas* são artificiaes, ou dignas de especial menção por algumas curiosidades, mais ordinariamente se lhe chamam *grutas*.

«*Barrocos* ou *barrancos,* as que são formadas pelas torrentes e *enxurradas*.

«*Cratéras*, as que são formadas pelas *erupções vulcanicas*.

«Depois do que dissemos de platós e de valles, definiremos *planicie* a porção de continente ou ilha, cuja superficie é horisontal, lisa e plana, ou apenas com pouco profundas ondulações, porém larga e extensa e muito differente dos valles. Raro é que sejam perfeitamente horisontaes; a convexidade da terra o não permitte em quanto ás de maiores dimensões; quasi sempre são inclinadas para algum dos pontos do horisonte. Encontram-se em toda a especie de territorio, em todas as altitudes e climas, e offerecem todos os graus de fertilidade.

«A altura *absoluta* ou *relativa* das montanhas, é da maior importancia na geographia physica e ainda na politica. Não ha, por agora, principios fixos sobre este assumpto, a respeito do qual seguiremos o systema de Ritter. Considera elle como simples *collinas* as alturas que não passam de 2:000 pés; *montanhas baixas* ou de *primeira ordem*, aquellas cuja elevação é de 2:000 a 4:000 pés; *montanhas medias*, ou de segunda ordem, as de 4:000 a 6:000 pés. Os cumes que se levantam de 6 a 10:000 pés, são *montes alpinos*, segundo este systema; e finalmente *montanhas gigantescas* todas as que excedem os ditos limites.

«A altura das montanhas se calcula sempre relativamente ao nivel do mar, e esta altura assim calculada designam os geographos ultimamente com a denominação de *altitude*.

«A superficie do globo offerece espaços incultos, cujo terreno, ainda que fecundo, não é, em seu estado natural, proprio para a producção de grandes bosques; não tem montanhas e se prolonga em vastas planicies. Estas grandes solidões differem muito entre si por seu aspecto geral, por suas producções e pelo caracter de sua vegetação. Chamam-lhe os russos *steppes*, os indios *djengles*, os africanos do meio dia *karrus*, os americanos *savannas*, *llanos*, *pampas*, e nós na lingua portugueza lhe chamaremos *charnecas*. Em França ha charnecas, menores que as da America, Africa, India e Russia, a que chamam *landes* ou *bruyères*, etc. Balbi quer que para designar todas as diversas especies d'estas planicies incultas e deshabitadas se adopte o vocabulo russo *steppes;* nós porém, pois a temos na propria linguagem, não desprezaremos a denominação de charneca que corresponde perfeitamente á idéa que se quer exprimir.

«A esta especie de planicies nos parece que devemos referir as grandes planicies das costas de Guiné, onde a herva chamada Guiné cresce até á altura de 10 a 13 pés, formando, por assim dizer, vastissimos *bosques herbaceos*. Cabe aqui tambem mencionar os grandes terrenos que parecem formados por alluvião, e cujo solo se compõe de areia e terra fina, sem mistura de pedra, como se encontram no reino de Benin, na baixa Guianna, e como as *pampas del Sacramento* no terreno das vertentes do Amazonas que são os maiores de todos, etc.

«Os desertos propriamente ditos, são terrenos, ás vezes de grande extensão, absolutamente estereis, em que nem as plantas podem vegetar, nem os homens e animaes subsistir; sem agua, nem verdura, queimadas de sol ardentissimo, constam sómente de areaes planos e de montanhas ainda mais aridas onde em vão se cança

a vista para encontrar algum indicio de vida.

«Muitas vezes um vento abrazador se levanta, suffoca homens e animaes, fórma e leva comsigo columnas e montanhas de areia, que tudo absorvem em sua passagem, e sepultam caravanas e exercitos inteiros. Em meio d'estes mares de areia apparecem pequenos espaços regados por fontes, assombrados por bemfazejo arvoredo onde a natureza desenvolve frequentemente com admiravel fecundidade suas mais primorosas producções; a estas felizes mansões collocadas no centro dos desertos se dá o nome de *oasis*.

«*Bosque* é a reunião de um grande numero de arvores magestosas, occupando seguidamente um espaço consideravel de terreno. Os bosques são ou *naturaes*, em cuja plantação ou *origem* não teve parte o homem; e n'estes por mais espessos e mais sombrios, a vegetação, enriquecida progressivamente de suas proprias producções, offerece á admiração os colossos do reino vegetal; ou *artificiaes*, em cuja plantação teve parte o artificio humano. Aos primeiros chamam tambem os nossos escriptores portuguezes, principalmente no Brazil, *mattos*, *matto*. Se o arvoredo occupa um espaço de terreno não muito extenso, chama-se-lhe *floresta*; se pequeno, *matta*.

«Junto ao mar, aos rios, e ás nascentes existem terrenos, que são um meio entre pantano e terra secca e firme; são o que em portuguez chamamos *paul*, que os hollandezes chamam *polders*, etc. Ha tambem *sorvedouros*, ou terrenos amollecidos pelas chuvas e aguas das vertentes das montanhas, e que diluidas vão turvar as aguas dos rios. Em fim, são da mesma especie os terrenos boiantes sobre as aguas e que formam as ilhas fluctuantes.

«Em o nosso globo ha, na realidade, um só mar o qual é o liquido continuo, que rodeia as terras, e que parece estender-se de um polo a outro polo, cobrindo pouco mais ou menos tres quartas partes da superficie do mesmo globo. Todos os golfos, todos os mediterraneos, outra cousa não são mais do que partes estendidas, mas não separadas, d'este mar universal a que chamaremos *oceano geral*. Pela simples inspecção do globo terrestre se oberva que o oceano só offerece cinco secções que se possam ter como principaes, e a cada uma das quaes daremos a qualificação de *oceano particular*. Estas divisões são: o *grande oceano*, que tem por limites a Asia, a Malesia (archipelago indico), a Australia e a America; o *oceano atlantico*, que separa a Europa da Africa e da America; o *oceano indico*, entre a Africa, a Asia meridional, a Malesia e a Australia; o *oceano arctico-glacial* limitado pelas extremidades boreaes do antigo e novo continente; o *oceano antarctico-glacial*, que, propriamente fallando, não é mais do que a continuação do grande oceano, do oceano indico e do atlantico, e que se poderia fazer principiar no circulo polar antarctico, para o prolongar até ao polo d'este nome. Alguns geographos subdividem o oceano atlantico e o grande oceano, em tres partes, designando com o nome de *equinoxial* a que fica entre os tropicos, e dando ás outras duas os nomes de *boreal* e *austral*, segundo as suas respectivas situações astronomicas.

«O oceano geral, penetrando no interior da terra, fórma os *mares mediterraneos*, *golfos*, *bahias*, *canaes*, *estreitos*, *portos*, *angras*, etc., que passamos a definir segundo as distincções de Walckenaer.

«Ha tres especies de *mares mediterraneos*, uns quasi inteiramente rodeados de terra, e communicando com o oceano por uma só sahida, a que se chama *estreito*; estes podem considerar-se como *mediterraneos propriamente ditos*. Outros cujo recinto é formado por continentes e ilhas, ou por diversas series ou fileiras de ilhas, e que em consequencia se communicam com o oceano por diversos estreitos: para estes nos parece mais propria a denominação de *mediterraneos de diversas communicações*. Em fim, ha ma-

res que não passam de ser cavidades muito largas do oceano, entre costas muito distantes, e que podemos designar com o nome de *mediterraneos abertos*.

«Quando o oceano ou qualquer outro mar entra pela costa formando uma cavidade, que não é tão grande que mereça o nome de mediterraneo, chama-se a esta cavidade *golfo;* e como os golfos são, na realidade, pequenos mediterraneos, tambem os podemos dividir em *golfos propriamente ditos*, *golfos de diversas communicações* e *golfos abertos;* e quando o mar entra por bocca estreita e larga dentro em menor espaço, chama-se-lhe *bahia*. Quando um golfo de diversas communicações tem figura muito alongada, que as suas sahidas são largas e não apertadas por estreitos, toma então o nome de *braço de mar*, ou de *canal*. Quando em um canal as duas costas se aproximam muito, a passagem estreita que fica entre ellas se chama *estreito;* mas quando apesar de se aproximarem a passagem fica ainda larga, o sitio em que as duas costas se aproximam mais chama-se *passo;* tal é o passo de Calais, ou o ponto mais aproximado das duas costas de Inglaterra e França no canal da Mancha.

«As porções mais pequenas de agua rodeadas de terra, que abrigam as embarcações dos ventos ou das correntes, chamam-se *portos*, *enseadas*, *abras*, *angras*, *ancoradouros*, e *surgidouros*. *Porto* é um asylo muito seguro; *enseada* é um abrigo, em fórma de arco de circulo, formado pelas aguas que se entremettem na costa; *abra* é um porto em que se póde entrar e de que se póde sahir sem dependencia de maré; *angra* é uma enseada pequena e alongada para o interior da costa; *ancoradouro* é o local muitas vezes artificial dentro ou fóra dos portos onde as embarcações podem fundear; em fim *surgidouro* é o lugar em que as embarcações podem surgir e ancorar temporariamente; *esteiro* o braço estreito de mar entre a costa e o recife, ou em situação semelhante. Ha portos situados na embocadura dos rios que podemos chamar *portos maritimos;* e outros na margem dos rios mas acima da sua embocadura, que se podem chamar *portos interiores*. Considera-se como bello um porto, quando tem bastante profundidade e vastidão para conter um grande numero de navios de alto bordo. Ha portos em que as marés levantam muito, outros em que levantam pouco; uns que são accessiveis em todas as estações, outros que o não são; alguns que as neves cerram durante o inverno, etc.

«Ha sitios em que o mar não tem grande profundidade, mas em que parte do seu leito se aproxima, ou sahe fóra da superficie das aguas em todas as occasiões, ou só nas baixa-marés. Fórma assim o *baixo* que é uma porção de leito do mar de certa largura e extensão que se levanta quasi até á superficie da agua, umas vezes embaraçando, outras tornando sómente mais perigosa a navegação de todas ou só de embarcações de certa grandeza; o *recife* que é uma serie de rochedos estreita e comprida com quebradas ou calhetas por onde podem passar as embarcações; o *parcel* que é uma serie de baixos de rocha, ou de areia, ou alternativamente de ambas as cousas, mas que não sahe fóra da agua; o *alfaque* que differe do parcel em que lança fóra da agua aqui e alli algumas partes do rochedo ou areia de que se fórma; o *banco de areia*, que é uma porção longa de areia que sahe fóra da agua, sempre ou só em certas occasiões de aguas vivas. ou quando sopram certos ventos; e tambem que não sahe mas só se aproxima á superficie; em fim, os *bancos de conchas*, muitas vezes de grande importancia, porque n'elles se criam os molluscos que dão as perolas.

«Entre os differentes movimentos do oceano e seus braços ha dous que interessam particularmente o geographo e o navegante, a saber, as *correntes*, e as *marés*.

«As *marés* são as oscillações regulares e periodicas que os mares soffrem por causa da attracção dos corpos celestes, e principalmente do sol

e da lua. Nas partes do oceano sujeitas ás marés, tem elle diariamente duas oscillações regulares mais ou menos fortes e de duração geralmente desigual. Quando a maré chega ao ponto mais alto de elevação diz-se, que está *praia-mar*, ou o mais alto ponto da enchente; demoram-se as aguas por cousa de um quarto de hora n'este estado, e então começam a descer ou a vasar; a esta acção chama-se *vasante*, e ao estado mais baixo da vasante (em que as aguas se demoram por cousa de meia hora) *baixa-mar*. Tambem se chama *fluxo* á enchente, e *refluxo* á vasante. Em 24 horas e 48′ ha duas enchentes e duas vasantes.

«As *correntes* dividem-se em *correntes geraes* e *particulares;* tambem se chamam *movimentos proprios do mar*, porque a maior parte tem n'elle as suas causas. Fallaremos das tres que se reputam mais consideraveis.

«Observam-se (principalmente entre os tropicos e até ao 30° de latitude N. e S.) um movimento continuo nas aguas do grande oceano e do oceano atlantico, que as leva de oriente para occidente em direcção semelhante ás dos ventos geraes, mas contraria á da rotação do globo. Os navegantes da Europa para a America tem de ir tomar a altura das Canarias para seguirem a corrente, que os leva com rapidez para o occidente. Observam a mesma regra para irem da America para a Asia pelo grande oceano. Outro movimento leva os mares dos polos para o equador, que tem o seu movimento correspondente na atmosphera.

«A mais notavel de todas as correntes conhecidas é sem contradicção o *Gulf-Stream*, por meio da qual a navegação do oceano atlantico desde a costa de Hespanha até ás Canarias, e d'este ponto ás costas orientaes da America, tem menos perigos que a de alguns lagos e rios. Esta corrente segue em 35 mezes um circulo irregular de 3:800 leguas; 13 mezes para ir das Canarias ás costas de Caracas, 10 para fazer a volta do golfo do Mexico, 2 para chegar ao banco da Terra-Nova, e 10 a 11 para ir d'este banco á costa d'Africa, passando perto dos Açores e dirigindo-se para o estreito de Gibraltar.

«*Lago* é uma porção de agua rodeada de terra firme, e sem communicação alguma visivel com o mar. Ha quatro especies de lagos:

«A primeira, dos que não tem sahida, nem recebem aguas correntes. São de ordinario pequenos e merecem pouca attenção;

«A segunda, dos que tem sahida, mas não recebem aguas correntes. Alguns rios tem por origem estes lagos, de ordinario situados em grandes elevações;

«A terceira, dos que recebem e emittem correntes. Cada um d'estes lagos póde olhar-se como uma caldeira que recebe as aguas dos seus arredores, e de ordinario não tem senão uma sahida. Não se póde porém, em rigor, dizer que os rios os atravessam; porque as aguas d'estes se misturam e se espalham pelos leitos dos lagos, e estes ordinariamente tem nascentes proprias, já perto de suas margens, já no fundo.

«A quarta em fim, dos que recebem rios e ás vezes grandes rios, e não tem sahida visivel, como o mar Caspio, etc.

«Algumas vezes as aguas de um ou mais rios, antes de desembocarem no mar, se espraiam com pouco fundo, e apresentam em suas embocaduras especies de golfos que erradamente se chamam *lagos*, e que nós não hesitaremos em chamar *lagôas;* muito mais porque esta denominação foi adoptada desde a idade media para designar a parte do mar sobre que se fundou Veneza, e que está exactamente nas circumstancias apontadas.

«Além d'estes ha os *charcos*, que são lagos sem sahida nem entrada de pouca extensão: *tanque*, pequeno lago artificial; e *reservatorio*, que tambem é artificial, mas destinado para dar alimento aos canaes de navegação ou de rega.

«A reunião das aguas de chuva, que desapparecem por meio da evapora-

ção, chamamos em portuguez *lagôa*, e ás vezes *pantano*.

«Em fim ha reuniões de agua que participam das qualidades de pantano, de lago e de lagôa, etc.

«Chama-se *fonte* ou *nascente* qualquer corrente de agua no ponto em que rebenta ou apparece na superficie da terra. A corrente que d'ella resulta, se é pequena, produz um *ribeiro*; se um pouco maior, um *riacho* ou rio pequeno; se mais consideravel, dá origem a um *rio*, que em linguagem vulgar portugueza se entende só pelo que é navegavel ao menos em parte do seu leito. As torrentes das aguas da chuva, que seccam no verão, chamam-se vulgarmente em portuguez *ribeiras*, se são mais consideraveis e vão dar a rios; *ribeiros*, se são menores; e *barrancos* ou *enxurradas*, se ainda são menores e vão dar ás ribeiras. Bem entendido que estes vocabulos não tem uma significação inalteravel, mas applicam-se variamente.

«Na Africa chama-se *marigot* uma especie de canal natural sem declive sensivel, cuja corrente, segundo o augmento ou diminuição que a estação dá a suas aguas, corre para um lado ou para o opposto, communicando muitas vezes dous grandes rios.

«A cavidade que occupa a corrente de um rio chama-se *leito* ou *alveo* do rio; os lados ou bordas d'esta cavidade são *margens*, e quando são empinadas, *barreiras*. Descendo-se por qualquer rio, chama-se ao lado direito *margem direita*, e ao lado esquerdo *margem esquerda*.

«O sitio em que uma corrente de agua entra em outra, em qualquer lago, ou no mar, chama-se *embocadura* ou *foz*. O sitio em que duas correntes de agua se unem chama-se *confluencia*; a corrente d'agua secundaria que vai unir-se com a corrente principal chama-se *affluente* ou *confluente*. Quando os rios entram no mar por differentes boccas, formam um *delta*, taes são os do Nilo, do Ganges, do Rheno ou Rin, etc. Ritter quer que se chame *delta negativo* a embocadura do rio que, em lugar de formar *delta*, fórma uma especie de golfo, como o Amazonas, rio da Prata, Oby, Ienissei, S. Lourenço, etc. A estes deltas negativos de Ritter correspondem os estuarios de Walckenaer.

«Se uma corrente de agua muda repentinamente de nivel, fórma uma *quebrada* ou *salto*; se cahe de alto por entre rochedos escumando e lançando espadanas para os lados, fórma uma *cascata*; uma serie de cascatas seguidas chama-se *cataracta*. Quando uma corrente é obstruida por penedos ou rochas, por entre as quaes tem de passar, estes rochedos chamam-se *cachopos*, *escolhos*.

«*Canaes* são alveos artificiaes construidos para facilitar a navegação, já fazendo evitar ás embarcações os inconvenientes que resultam da differença dos niveis, dos saltos, cascatas, cataractas, tortuosidades do curso dos rios, já communicando uns com outros rios; e tambem para fertilisar as terras, levando aguas de rega a terrenos onde sem elles não chegariam. Para se conseguir qualquer d'estes fins não só se fazem as excavações ordinarias para formar um alveo, mas construem-se diques, comportas, caldeiras, reservatorios; lançam-se pontes de monte a monte, outras sobre rios servindo de aqueductos, rompem-se montanhas, e levantam-se valles, etc.

«Quando dous grandes rios reunindo-se formam angulos muito agudos, cujos lados são muito extensos, ou quando circumscrevem uma grande porção de superficie, dão lugar a uma divisão terrestre a que os gregos chamaram Mesopotamia, e por que particularmente designaram a região que fica entre o Tigre e o Euphrates, denominação que nós applicaremos a todos os territorios que se acham em identica situação.

«Os planos inclinados d'onde correm as aguas que engrossam um *rio* chamam-se *vertentes d'este rio*, e a sua *região hydrographica* é o terreno total percorrido por estas aguas.

«Dividindo a superficie da terra em partes que correspondam aos terrenos *das vertentes* dos seus rios e de

seus mares, formam-se as divisões das regiões hydrographicas naturaes sobre que se funda a *geographia*, modo importante porque ella se trata, summamente vantajoso a seus progressos.» (Balbi).

GEOLOGIA. 1. «A geologia é a sciencia que trata da constituição physica do globo terrestre. Esta sciencia tem por objecto o conhecimento da configuração do planeta que habitamos, a natureza dos materiaes, de que se compõe, o arranjo d'esses materiaes, os phenomenos, que teem lugar tanto no seu interior, como á sua superficie, e finalmente as modificações, que tem soffrido desde a sua creação.

«A historia physica da terra consta de tres periodos bem distinctos: o primeiro periodo, chamado *cosmico* ou *cosmogonico*, diz respeito ao estado da materia antes e durante a sua formação: o segundo periodo chamado *geologico* representa um conjuncto de transtornos e modificações, que o globo terrestre tem experimentado durante a serie de seculos decorridos, desde que tomou lugar entre o numero de corpos planetarios: o terceiro periodo chamado *historico* refere-se á apparição do homem na superficie do globo; phenomeno extraordinario, que marca o principio da época historica.

«O estudo do primeiro periodo é todo hypothetico; por quanto ainda que os physicos, os astronomos e os geologos são unanimes em admittir que o estado da materia cosmica era o de fusão, comtudo divergem sobre o modo da formação da terra.

«Herschell suppõe que a terra como cada um dos planetas se formou, independentemente, passando antes pelo estado de nebulosa.

«Buffon quer que os planetas e os seus satellites sejam considerados como fragmentos da massa solar, que se separaram em virtude do choque d'um cometa, á sua superficie. Esta hypothese não está em harmonia com as leis de mecanica.

«Laplace, admittindo as idéas de Herschell sobre a condensação progressiva das nebulosas e sua transformação em estrellas, suppõe que a materia se agrupou em redor de centros determinados, de cuja massa se separam, successivamente os planetas e seus satellites por effeito da extraordinaria rapidez do movimento de revolução determinado pelo resfriamento. Esta hypothese dá conta de um grande numero de phenomenos.» (Marques Lobo).

2. A geologia não dá a confiança precisa a quem quizer, por ella, provar o diluvio. A lentidão dos seus progressos, que a tornam a mais retardada das sciencias naturaes, não consente uma prova absoluta d'esse grande acontecimento posto em duvida por algumas parcialidades scientificas.

Podemos, todavia, sem querer rigorosamente demonstrar a verdade do diluvio universal, apresentar a sciencia actual d'harmonia com o Genesis sem a minima repugnancia.

Na infancia da geologia, todos os despojos fosseis dos animaes eram proclamados provas do diluvio. Depois, reconheceram-se outras causas, conforme o estudo se profundava nas camadas depositarias d'esses despojos.

Mr. Constant Prévost apreciou convenientemente os factos geologicos em relação ao diluvio. Combatendo as repetidas irrupções do mar sobre os continentes, explica-se assim: «Não fallarei da ultima catastrophe, cuja tradição é universal, e que, quando muito, deixou apenas sobre a terra os vestigios de uma acção violenta e passageira, e cujos effeitos, *bem provados*, não provam, d'alguma maneira, a elevação e a demora prolongada das aguas do oceano sobre a terra anteriormente habitada, para d'ahi resultarem camadas regulares de despojos marinhos.»

Vê-se que o habil geologo não combate uma irrupção subita e extensissima das aguas sobre os continentes: o que elle não admitte é que esta irrupção longo tempo permanecesse sobre a terra. Este pensamento é con-

firmado pelas suas palavras: «... comtudo eu estou d'accordo com Deluc, com Mr. Cuvier, e com o professor Buckland, em reconhecer que um grande numero de factos geologicos apoia as tradições historicas de quasi todos os povos, e nos ensina que, em uma época, talvez facil de marcar-se por certos chronometros physicos, certas partes de terreno descoberto foram improvisamente superadas por grandes inundações, que fizeram perecer milhares de animaes terrestres, e sem duvida uma grande parte d'homens, onde existiam povoações; mas o que eu duvido tomar como tão bem demonstrado, é que o solo baixo de nossos continentes actuaes — o da França, e mais particularmente o dos suburbios de Pariz — fosse já secco e povoado. quando esta ultima catastrophe aconteceu; e, com mais forte razão, o que eu não posso crêr, á mingoa de factos positivos, é que esta parte do globo, habitada por nós, fosse precedentemente sujeita a irrupções e alternativas maritimas, tres vezes repetidas.»

Outros geologos argumentaram a favor do diluvio com as provas que lhes forneciam os valles descarnados, e os cumulos dispersos (*blocs erratiques*). Os valles descarnados são abertos na massa das planuras elevadas, e um e outro bordo são collinas compostas de camadas, que evidentemente se continuavam antes da existencia dos valles, por isso que estão na mesma altura, são da mesma estructura, e indicam a mesma ordem de sobreposição. Todos estes valles foram cavados na mesma direcção, e sobre este systema repousa a causa manifesta d'um diluvio. Parece-nos natural este effeito, e não diremos outro tanto da hypothese d'alguns geologos, que suppõem os valles resultados da deslocação do solo, que se abaixava d'um lado, e crescia do outro. Os cumulos dispersos são fragmentos de rocha de granito, e d'outras materias, algumas vezes calcareas, encontrados na superficie da terra, no meio das areias, ou no seio dos despojos moveis do diluvio, muitas vezes dispersos nos despenhadeiros, e algumas nas cristas das montanhas. Estes fragmentos estão visivelmente deslocados. Encontram-se a grandes distancias das cadeias de montanhas a que poderiam pertencer pela identidade da sua composição, embora valles profundos, rios, e braços de mar se lhes interponham. A sua direcção, até hoje observada, é de norte a sul. As hypotheses variadas sobre este phenomeno não o explicam sufficientemente.

É mais razoavel attribuir estes phenomenos uniformes, tanto no antigo como no novo continente, a uma mesma causa perturbadora, que pôz as aguas em movimento sobre uma vasta extensão de norte a sul... Observando todos os factos mencionados como perfeitamente accordes com as tradições dos povos a respeito do diluvio universal, Deluc, e depois De Saussare, Delomieu, e Cuvier crêram achar um chronometro geologico, que permitte recuar até á data aproximada do diluvio.

Alguns geologos negaram obstinadamente a apparição de fosseis humanos. O facto é hoje authentico, innegavel, e documentado com provas incontroversas.

Na gruta de Bisa, junto a Narbona, toparam-se ossadas humanas de mistura com despojos de leões, hyenas, e tigres, envoltas em materias que os geologos julgaram pertencentes ao diluvio.

Na caverna de Gailenreuth descobriram-se, em 1829, fragmentos de urnas sepulchraes envoltos em ossadas d'ursos.

Na caverna de Pondres, departamento de Gard, encontram-se em todas as alturas fragmentos de louça d'argilla, misturados com ossadas humanas.

Na caverna de Souvignargues, meia legua distante da precedente, excavaram-se d'ossadas humanas uma omoplata, um humerus, um radio, um peronêo, um sacro, e duas vertebras confundidas em despojos de cervos, bois, ursos, e todos no mesmo estado de conservação.

Iguaes excavações ultimamente se fizeram nas cavernas de Chokur, de Engis, além das muitas anteriormente confirmadas pelo professor Germar, na Dalmacia e na Syria.

Com quanto a problematica geologia nos não abunde em argumentos comprovativos do diluvio universal, as hypotheses que a constituem, não desmentem a tradição dos povos, se é que o contrario não devamos affirmar. A sciencia tem procurado na superficie da terra factos incontestaveis, garantidos pelos vestigios d'esse diluvio; mas a demora das aguas não os podia deixar mais amplos, nem as tradições são tão maravilhosas que precisem justificar-se por maravilhas. Em quanto a sciencia não passar de hypotheses hostis á crença universal, outras hypotheses, filhas d'uma outra sciencia (porque ha uma legitima em guerra perpetua com a bastarda) virão sempre em defesa de Moysés, e d'esse grande phenomeno, mais moral que physico.

GEOMETRIA (de *gé*, terra, e *métron*, medida). 1. Denomina-se assim a sciencia que tem por objecto a *medida* e as *propriedades* de extensão. As questões relativas á medida, isto é, á avaliação do comprimento das *linhas*, da área das *superficies*, do *volume* dos solidos, são distinctas das investigações relativas ás *propriedades* que resultam da fórma e proporções comparativas das figuras. Todavia, esta segunda parte da geometria auxilia constantemente a primeira, fornecendo-lhe methodos de decomposição; não póde pois ser estudada uma sem a outra. (Veja LINHA, SUPERFICIE, VOLUME). — Quanto aos processos que emprega, a geometria diz-se *elementar*, *analytica* ou *transcendente*. Basta ter levado o estudo da arithmetica até á theoria das proporções e extracção da raiz quadrada para se poder estabelecer e applicar todas as verdades que são do dominio da geometria elementar. O seu programma comprehende apenas a linha recta e o circulo, o plano, o cylindro, o cone recto de bases circulares, e a esphera. Divide-se naturalmente em geometria *plana* e em geometria *no espaço*. Na primeira secção só se consideram as figuras traçadas n'um plano. Depois de estabelecidas as propriedades das rectas concorrentes, parallelas, e dadas as primeiras noções da theoria dos *triangulos*, faz-se intervir a circumferencia para medir os *angulos*. Estes principios bastam para medir os *polygonos*, e estabelecer a theoria dos triangulos semelhantes, fundamento da theoria da *semelhança*, a qual comprehende n'um dos seus corollarios o celebre theorema de Pythagoras relativo ao quadrado da *hypothenusa* de um triangulo rectangulo. — Os polygonos regulares estabelecem a passagem das figuras rectilineas ao circulo e á circumferencia.

A geometria *no espaço* estabelece primeiro para o plano o mesmo que a geometria *plana* estabeleceu para a recta. As propriedades dos *planos*, dos angulos diedros, triedros, polyedros, servem de introducção ao estudo dos *polyedros*, dos quaes se consideram em particular os *prismas* e as *pyramides*. A theoria da semelhança vem de novo estabelecer-se nos polyedros, como precedentemente nos polygonos. Dos prismas e pyramides regulares se faz passagem para o cylindro, cone e tronco de cone, e d'estes para a esphera; e de todos se avalia a superficie e volume. (Veja a maior parte das palavras sublinhadas).

2. O principio de sobreposição, a theoria dos *incommensuraveis*, o processo de reducção ao absurdo, taes são os principaes instrumentos com que a geometria elementar opéra. Ajuntando a estes meios o emprego de notações algebricas, a generalidade que d'ahi resulta caracterisa um novo ramo da sciencia, ao qual se dá o nome de geometria *analytica*. — A geometria *transcendente* só differe da geometria analytica em se auxiliar dos processos do *calculo infinitesimal* e *integral:* occupa-se com a construcção das curvas e suas tangentes, *rectificações* das linhas, *quadraturas* das

superficies, e *cubação* dos solidos. — Quanto á geometria *descriptiva*, não é outra cousa que a applicação continua dos principios da geometria no espaço. Dá o meio de resolver por construcções planas os problemas da geometria de tres dimensões. Applica-se ao corte das pedras, á carpinteria, á *perspectiva*, determinação das *sombras*, etc.

Heródoto attribue a invenção da geometria aos egypcios. Pythagoras (quinto seculo antes de Jesus Christo) descobriu a proposição do quadrado da hypothenusa. As principaes propriedades das secções cónicas foram descobertas e estudadas na escóla de Platão. Euclides, cinco annos depois, compõe os seus celebres *Elementos*. Archimedes acha em seguida a quadratura da parabola e as propriedades das espiraes. A época que succede á de Archimedes e Apollonio, seu contemporaneo, o qual descobriu as mais bellas propriedades das curvas, foi a dos maiores progressos do espirito geometrico. Coberta com um denso véo na idade media, a geometria renasce com Viete e Kepler; e, em 1637, Descartes assignala n'esta sciencia uma nova era. Outra revolução importante, que Leibnitz e Newton disputaram entre si a gloria, deu em resultado a creação do *calculo differencial*. No fim do seculo passado Alembert, Lagrange e Monge deram á sciencia novos horisontes. — Para a direcção do ensino elementar, veja Agrimensura, Desenho, Levantamento das plantas, Projecção, Escala, etc.

GEORGICAS. (Veja Virgilio).

GERAÇÃO ESPONTANEA. (Veja Organisação).

GERBERT. (Veja Segundo seculo).

GERMANOS. (Veja Invasão).

GERMINAÇÃO. É a germinação o acto pelo qual a semente fecundada, posta em convenientes condições, se desenvolve e reproduz uma planta igual áquella de que procede. A semente germina em contacto com a agua e com o ar, e a certo grau de calor. O perisperma amollece, e é alterado em sua natureza chimica. Uma especie de respiração, inversa da dos animaes, se dá, no momento em que as partes verdes sahem fóra; o oxygenio é absorvido, e o acido carbonico exhalado; tambem pequenas partes de azote e hydrogenio são absorvidas. Nas sementes dos cereaes, fórma-se uma materia azotada particular (a diastase) que tem a propriedade de desaggregar a fecula, transformal-a em dextrina soluvel; e, se a acção se prolonga, aquella mesma se converte em assucar: esta singular substancia exerce uma acção meramente de contacto que podemos comparar á do *fermento*. Este é o nome de outra substancia activa que se desenvolve em muitas sementes ou fructos, por uma especie de putrefacção, e tem a propriedade de decompôr em dados casos a materia assucarada em alcool e acido carbonico. A cerveja é uma bebida alcoolica que se fabríca com a cevada germinada.

GESSO. (Veja Calcareos).

GIGANTES. «É opinião vulgar que nas primeiras idades do mundo os homens em geral possuiam em mais subido grau as forças physicas e eram de muito maior estatura do que presentemente: opinião que mostraremos ter vogado tanto nos antigos tempos, como nos actuaes. Plinio, o naturalista romano (lib. 7. cap. 16), diz que a especie humana decrescia em altura corporea: se isto fosse verdade; diminuindo de então para cá, isto é, ha mais de dezoito seculos que escreveu aquelle author; a que tamanho estariam os homens reduzidos?... Tambem podemos citar Homero, muito mais antigo, que em seus poemas compara a degeneração dos seus contemporaneos com a robustez dos heroes da guerra troyana: com tudo este tinha licença poetica para suppôr o que bem lhe parecesse.

«Se examinarmos os factos achare-

mos que o commum dos homens tem agora as mesmas dimensões corporaes que tinham os primeiros habitantes da terra: porque se de alguns gigantes fazem menção as historias sagrada e profana, é sempre como de casos excepcionaes, dignos por isso de serem relatados, por excederem as ordinarias proporções do vulto humano. O caixão funerario mais antigo que se tem descoberto é o que foi achado dentro da pyramide grande do Egypto; e viu-se que esse sarcophago quasi que não excedia o tamanho dos caixões ordinarios, tendo apenas cousa de seis pés de comprimento. Observando-se a altura das mumias, infere-se que o povo que ha dous ou tres mil annos habitou o Egypto não era superior em tamanho de corpo aos que hoje residem no mesmo paiz. Demais, todos os factos que podemos colligir das antigas obras da arte, das peças de armaduras, como elmos e couraças, e dos edificios construidos para accommodação e morada de homens, concorrem a fortalecer as provas de quem sustenta que não tem havido n'este ponto degeneração em a natureza. Tambem não decresceu em estatura o homem por effeitos da civilisação, porque os selvagens da America, d'Africa e da Australia, não são mais altos que nós.

«Não merecem attenção as fabulas do paganismo que alludem aos gigantes que fizeram guerra a Jupiter, e dos pygmeus que só tinham palmo e meio de altura, e andavam em continuada campanha contra as gralhas, que lhes assolavam as sementeiras.— Continuando a questão seriamente, vêmos que nos livros santos se falla de gigantes varias vezes; no Genesis cap. VI, Num. cap. XIII: para explicar estas passagens temos duas razões: primeira que a palavra hebraica *nephilim* não significa só gigante, mas tambem homem fero, monstro de impiedades e latrocinios; que onde expressamente se referem á estatura, por exemplo, mencionando-se Goliath contra quem combateu David, além da fé devida á *Biblia*, acreditamos o facto historicamente; porque muitos casos se tem visto de singulares aberrações da natureza, quer para maior, quer para menor corpulencia, quer em deformidades, como as duas crianças que no Minho junto a Braga nasceram cada uma com duas cabeças, como testifica o chronista fr. Bernardo de Brito, além de outras raridades, que se notam nos museus de historia natural. Quando a Escriptura, ou os historiadores dizem *gigantes*, não havemos entender homens do tamanho dos campanarios de Mafra. Cesar e Tacito apontaram os germanos como fortes e mui altos; e com effeito ainda hoje os homens de certas provincias d'Allemanha são de grande estatura. Pelos authores antigos, cómo Vitruvio e Vegecio, achamos que estava assentado que a altura perfeita e regular devia ser de 72 pollegadas, typo este que exclue toda a idéa de gigantes. Appareceram em todas as épocas pessoas que sobrepujavam muito a medida commum; porém tornaremos a repetil-o, eram excepções raras, que não destroem a regra permanente por que se mede a nossa especie. O patriarcha S. Bento, que dizem fôra de gentil presença, tinha mais de 80 pollegadas de alto, segundo se lê na *Benedictina Lusitana* no fim do 1.º tomo. — Querem muitos que o nosso primeiro monarcha fosse de grande estatura; o infante D. Pedro, author do *Nobiliario,* filho d'el-rei D. Diniz, tinha onze palmos de alto, como se viu quando se trasladou de sepultura em 1634, achando-se-lhe inteira a ossada, no mosteiro de S. João de Tarouca, da ordem cisterciense. Por uma veste conservada na real collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, e que el-rei D. João I costumava trazer por baixo das armas, se avalia a corpulencia d'este glorioso monarcha: el-rei D. Pedro II era forte, de gentil presença e bem apessoado; d'elle se conta que partia nas mãos uma ferradura de cavallo. — Se quizessemos citar maior numero de exemplos, extenso fariamos o catalogo: não pomos outros que se poderiam adduzir sem comparação mais

excessivos que os acima apontados, que nada tem de maravilhoso; porque estamos persuadidos que em muitos entrará grande força d'exageração.

«A existencia de gigantes descommunaes combateram alguns judiciosos escriptores nossos, como Gaspar dos Reis Franco no erudito livro latino, que intitulou: *Campo Elysio de amenas questões;* onde na questão 25.ª resolve que nem n'isto, nem no encurtar das vidas fez a natureza mudança com o lapso dos tempos. O cavalheiro Oliveira na mui rara collecção de suas cartas traz duas a este respeito, no tomo I, e n'uma d'ellas, que é a segunda sobre a materia, diz o seguinte: «Já vos disse que não hei de decidir se houve ou não houve gigantes, porém seguro-vos que estou persuadido a defender a parte affirmativa, assentando em que em todos os tempos houve e póde haver semelhantes producções de corpulencias extraordinarias e monstruosas, sem que por isso me persuada, nem creia que os homens antigamente eram de ordinario mais agigantados do que nós. Não me lembra se no *Ente dilucidado*, que é um livro hespanhol, ou se em outro semelhante, é que encontrei a noticia de um caçador, que andando a cavallo, entrou em uma caverna que não pôde atravessar em menos de tres dias, e que examinando depois com attenção aquella longa concavidade achára que era o vacuo da canella de um gigante. Ha outras historias semelhantes feitas para crianças, porém escriptas por homens barbaros, inimigos declarados da verdade, e prodigos do tempo que perderam em comporem e em inventarem semelhantes chimeras. Os homens ordinariamente foram sempre da mesma estatura que são agora, e em algumas occasiões se viram diversos gigantes, a que se deu esse nome pela monstruosidade de seus procedimentos, pela disforme grandeza de seus corpos, ou por ambas as circumstancias juntas a um tempo em uma mesma pessoa. Este é o meu fraco parecer.» (H.)

GILBERT. 1. Nasceu nos Vosges em 1751, de paes desremediados, que em pouco exhauriram seus mesquinhos bens na educação do filho. Gilbert, muito na flôr dos annos, foi para Pariz. Assim que alli chegou, soccorreu-se de pessoas de valia, de litteratos e academicos; mas, o seu pobre trajar, que elle imaginava virtude antiga, fechou-lhe todas as portas. Esta primeira e acerba experiencia do mundo, este ultrage a suas illusões, feneceram-lhe precocemente o viço da mocidade. Como enviasse ao concurso academico *O poeta infeliz*, e o *Juizo final*, dous poemas que continham bellezas lyricas de primeira ordem, a academia recebeu-as como folhas seccas de arvore morta, e nem sequer fez menção do author. Esta injustiça decidiu o genero de poesia á qual o joven poeta deve o seu renome: a satyra. Com o estro audaz de mancebo que tem fé em seu talento, e não se teme dos perigos de o ter, atirou á cara dos philosophos, então omnipotentes, a *Satyra do seculo dezoito*, e a outra intitulada *A minha apologia* onde elle se mede com Juvenal na idéa petulante e acerada, na expressão original e pittoresca. D'onde lhe veio o desprezo d'aquelles que feria, e principalmente de La Harpe que o avaliou indignamente. Sem embargo, M. de Beaumont ganhára-lhe affeição, e obtivera-lhe de Luiz XVI uma pensão. Melhorava Gilbert de estado, até ahi tão arrevezado, quando, por ter cahido de um cavallo, se recolheu ao hospital, onde soffreu cruel operação. No auge do delirio febril, enguliu a chave da sua caixinha. Morreu contando 29 annos. — Oito dias antes d'este desastroso fim, em intervallo lucido, o *poeta infeliz*, compôz aquellas tão affectivas e conhecidas estrophes:

Au banquet de la vie, infortuné convive,
J'apparus un jour, et je meurs;
Je meurs, et sur la tombe, où lentement j'arrive,
Nul ne viendra verser des pleurs.
Salut, champs que j'aimais, et vous, douce verdure,
Et vous, riant exil des bois;
Ciel, pavillon de l'homme, admirable nature,
Salut pour la dernière fois!...

2. A natureza havia dado a Gilbert estro e ousadia. O introito do seu *Juizo final* é soberbo:

Quel bien vous ont produit vos sauvages vertus,
Justes? Vous avez dit: «Dieu nous protége en père;»
Et, partout opprimés, vous rampez abattus,
Sous les pieds du méchant dont l'audace prospère...
Qu'il vienne donc, ce Dieu, s'il a jamais été;
Depuis que du malheur les vertus sont sujettes,
L'infortuné l'appelle et n'est point écouté.
Il dort au fond du ciel sur ses foudres muettes...
Quel bruit s'est élevé?...

O som da tuba que desperta os mortos na jazida responde áquella pergunta dos malvados. A custo encontrareis mais vehementes e lyricos raptos.

Toda a gente conhece os versos que terminam esta ode:

L'Eternel a brisé son tonnerre inutile,
Et, d'ailes et de faux dépouillé désormais,
Sur les mondes détruits le temps dort immobile.

A formosa expressão *viuva do povo-rei*, fallando de Roma, encontra-se na ode consagrada a *Monsieur*, ácerca da sua viagem ao Piemonte; a apostrophe dos impios ao Christo, na ode do *Jubileu:*

Nous t'avons sans retour convaincu d'imposture,
O Christ!

O poeta, após taes blasphemias, exclama abruptamente:

Ainsi parlait hier un peuple de faux sages.

GIRAFA. (Veja Ruminantes).

GLORIA. 1. Á semelhança da fortuna, a *gloria* raro acompanha a memoria dos que se cançaram a perseguil-a, e vai sentar-se sobre a modesta campa dos que lhe fugiram. A gloria individual, sancção de todas as virtudes uteis, e acções desinteresseiras que assignalam o cidadão á posteridade, essa gloria individual não se circumscreve ao paiz onde nasceu: é cosmopolita. Ai d'aquelle que uma vez na vida a não almejou, porque sua alma é egoista e arida; ai tambem d'aquelle que se deu todo a cubiçar glorias, porque então o impulsor de tudo que é grandioso se abastardou em *ambição* n'esse homem, e a felicidade lhe será de continuo avenenada por aquelle nome! — «A gloria, cujas palmas distribuem a historia e a posteridade, é a *estima dos homens continuada ao través dos seculos.* Merecem-na tão sómente as virtudes e o talento, os actos generosos e heroicos, os homens que realisaram projectos duradouros e proficuos ao genero humano.» (M. Julien). — «Amor á gloria é commum de todos os varões illustres; e, se aos olhos d'elles se esconde, mostra-se aos olhos alheios.» (Condillac). — «Prova a experiencia que a vaidade de um personagem não contribue a perpetuar-lhe a memoria. Na verdade, a reputação de Cicero, de Seneca e de Plinio, o Moço, seriam menos duraveis sem o condimento de *vaidade* que entra na composição do caracter e espirito d'aquelles homens.» (Bacon).

2. Gloria e infamia são cousas imaginarias, se realmente se não tomam pelos bens ou males que as acompanham. — A gloria dos homens grandes deve sempre regular-se pelos meios de que se serviram para a adquirir. — Engrandecemos a gloria de uns para abater a de outrem, e algumas vezes se louvaria menos um sujeito, se não se quizesse injuriar. — Não se quer perder a vida e procura-se adquirir a gloria; razão porque os valorosos tem mais sagacidade para evitar a morte que os outros para conservar a vida. — A verdadeira gloria d'esta vida foge a quem a busca, e busca a quem lhe foge; quer a quem não a quer, e dá a quem lhe não pede.

GLUCINIUM. (Veja Metaes).

GLUTEN. (Veja Panificação).

GOA. «São pela maior parte as terras maritimas do reino Decão, Canará e Malabar retalhadas com tantos esteiros e entradas do mar, e regadas com tantos rios que descem das serras, a que os naturaes chamam Gate,

que além de parecerem todas alagadiças, tem a modo de lezirias muitas ilhas junto á costa, e só desapegadas d'ella pelos braços dos mesmos rios e esteiros, que as rodeiam. Entre as quaes a mais illustre é Goa, quasi nos confins de Decão e Canará, de tres leguas de comprimento, uma de largura, sete e meia em roda, com duas barras feitas por dous esteiros, de que é torneada. A terra em si graciosa, variada com valles e cabeços, de bons ares e aguas, fertil de todas as cousas que n'ella se plantam e semeiam, e tão povoada, que se chama por outro nome Tiçuari, que quer dizer Trinta lugares, porque tantos tinha, e todos obrigados a pagar direitos aos senhores da cidade de Goa, que aqui está situada; e por ser cabeça de toda a ilha, tem o nome de toda ella; mui antiga na opinião dos naturaes, e na de alguns dos nossos habitada n'outro tempo de christãos.

. . . .

«O certo é, que depois que os mouros, lançados das terras de Onor e Baticala, vieram povoar este Tiçuari, e desviaram o trato das mercadorias, e em especial dos cavallos da Persia, d'aquelles portos para os de Goa, a cidade foi crescendo de maneira, que em tempo do Sabayo, a quem a ganhou Affonso de Albuquerque, era entre todas as da India grossa por rendimento, rica por commercio, illustre por armas, sumptuosa por edificios. A qual por estas razões, e principalmente por ella ser quasi o meio, e chave da costa que corre da foz no Indo até o cabo Comori, e a mais accommodada em sitio para nossas armadas conquistarem, ou enfrearem o maritimo de Cambaya, Decão, Canará, e todo o Malabar, o mesmo capitão com singular prudencia a escolheu por cabeça do imperio portuguez, assento e côrte dos vice-reis da India; onde tambem, seguindo o estylo da igreja catholica, a qual de seu nascimento plantou sempre as sédes patriarchaes e metropolitanas nas cidades que no estado secular tinham a mesma preeminencia, d'alli a poucos annos começou a cadeira primeiro episcopal, e depois archiepiscopal primaz, e metropole do oriente.

«*Estado dos costumes em Goa quando chegou S. Francisco.* No cartorio do nosso collegio de Jesus da cidade de Coimbra está o original de uma informação mandada a el-rei D. João III, de gloriosa memoria, e feita por uma pessoa de authoridade, e ao que mostra de bom zelo e juizo, sobre as grandes desordens e corrupção de costumes que áquelle tempo havia nos homens da India, assim na cidade de Goa, como por toda ella; da qual bastavam bem poucas regras, se as eu aqui pozera, para exemplo do que se escreve das forças da cubiça e ambição, e largueza da carne. Porque a tudo quanto lêmos de outras republicas e estados ao principio bem governados por justiça, dilatados por armas, conservados com prudencia, e depois ou de todo perdidos, ou em grande perigo de se perderem, por se deixarem entrar d'aquellas tres paixões; a tudo isso, segundo parece d'aquelle papel, tinham ellas chegado nas partes da India os nossos portuguezes.

«Quebrantam as delicias e vicios sensuaes o valor, abatem o esforço, escurecem a razão, negam o respeito á honra e nobreza; não o tem ao interesse, nem ás leis, nem ao primor, nem á verdade, e primeiro que tudo o perde ao mesmo Deus; é a ambição falsa, desleal, cheia de invejas, vingativa, atraiçoada. Pois qual d'estas boas qualidades faltaria, onde tudo se vendia por dinheiro? onde se castigavam desafios com mercês? onde matar homens por ter que gastar era vantagem?

«Vivia o senhor com suas escravas, cinco e seis, das portas a dentro, como se com cada uma se recebêra, nem isso se estranhava em Goa, mais que em Marrocos. A outras obrigavam sob pena de tormentos a lhe responder cada dia com tanto de ganho, que não o podendo ellas ajuntar por seu trabalho, traziam vendida a propria castidade pelo haver, sabendo-o e consentindo-o os senhores. Nos tra-

tos, e contractos, o de mais proveito era o mais licito.

«As culpas provadas em juizo serviam (diz) sómente de pesos de pesar dinheiro, ou, conforme ao termo da Sagrada Escriptura, de pão, e sustentação dos juizes. Nem do remedio de tão grandes males havia algum cuidado, ou lembrança.

«Quantos, nem depois de muitos annos, se chegavam aos sacramentos da confissão, e santissima communhão? Ia fazel-o fóra da quaresma, não podia ser mór hypocrisia. Estando a fé tão morta n'aquelles em quem devia resplandecer por obras, para ser conhecida e abraçada dos infieis, que conversões se podiam d'elles esperar?» (Fr. João de Lucena).

«Do grande imperio portuguez na Asia apenas restam algumas reliquias. Aquelle colosso, fundado por Vasco da Gama, e levantado a tamanha altura pelo genio de Affonso de Albuquerque, desmoronou-se rapidamente, e quasi de todo se aluiu. Os pedaços que d'elle existem são para Portugal mais um trophéo das suas glorias e um monumento das suas passadas grandezas, do que um elemento do seu poder actual.

«D. Vasco da Gama partiu de Lisboa para a descoberta do caminho da India no dia 8 de julho de 1497. Dobrou o Cabo da Boa Esperança em 20 de novembro d'esse anno. Aportou a Moçambique no 1.º de março do seguinte anno; a Mombaça no dia 8 de abril; a Melinde aos 15 do mesmo mez; a Calecut no dia 20 de maio.

«Chegado o illustre nauta á nova terra da promissão, a essa India tão desejada, o seu primeiro cuidado foi diligenciar unil-a a Portugal por laços de relações intimas e amigaveis, e pôr mutuos interesses commerciaes.

«Os seus esforços n'este sentido foram ao principio bem succedidos, mas em breve vieram annullal-os as traições dos indios, que sob apparencias de amizade maquinavam o exterminio dos portuguezes.

«D. Vasco da Gama regressou á patria em 1499 com a feliz nova da descoberta da India, e em fevereiro de 1502 para lá voltou com uma armada de vinte navios.

«Reconhecendo então que era impossivel tratar amizade com gente falta de fé, castigou os traidores, repelliu a força com a força, e sujeitou á vassallagem do seu rei quantos inimigos ousaram fazer-lhe rosto.

«D'est'arte lançou Vasco da Gama os fundamentos do poderio de Portugal na India. Pedro Alvares Cabral, Affonso d'Albuquerque, Lopo Soares, D. Francisco d'Almeida, e outros grandes capitães, que lhe succederam no commando das armadas, enviadas áquellas regiões, continuando na mesma obra com vigoroso impulso, estenderam por toda a Asia o nome e a influencia dos portuguezes.

«No fim do anno de 1509 tremulava o pavilhão das quinas sobre muitas cidades e fortalezas da Africa oriental e da costa do Malabar. E os mais poderosos monarchas d'essas longiquas regiões, ou por vontade se tinham declarado tributarios da corôa de Portugal, ou constrangidos pela força das armas recebiam a lei dos vencedores.

«El-rei D. Manoel imperava finalmente na India como o mais respeitado e temido dos seus soberanos.

. . . .

«A restauração de 1640, travando da roda das desditas de Portugal, amparou e segurou contra os nossos inimigos o que lhe restava das suas possessões ultramarinas. Todavia, precisado de soccorrer-se á alliança de Inglaterra na grande e prolongada luta com a Hespanha, teve de ceder áquella potencia a cidade de Bombaim, e outros territorios na India, dados em dote á infanta D. Catharina, filha de el-rei D. João IV, e mulher de Carlos II de Inglaterra.

«Em 1742, sendo vice-rei da India D. Luiz de Menezes, primeiro marquez de Louriçal, padeceu a cidade de Goa os trabalhos de um novo cêrco, do qual se defendeu valorosamente, obrigando o inimigo a desistir da empresa.

«Por estes tempos começou a pensar-se na transferencia da capital dos

nossos estados da India para uma situação mais vantajosa ao commercio, e mais salubre. E além d'isso achava-se Goa tão despovoada pelas razões referidas, e por causa da horrorosa epidemia, que em 1635 lhe dizimou a população, que a maior parte dos seus edificios cahiam em ruinas, uns após outros.

«Este pensamento veio a realisar-se em 1759 sob o governo do vice-rei conde de Ega.

«A pequena povoação de Pangim, edificada junto da fortaleza d'este nome, da qual fallamos mais acima, foi o lugar escolhido para assento da nova capital. E com effeito para ahi se foram transferindo algumas repartições publicas.

«Porém no anno de 1774 ordenou el-rei D. José a D. José Pedro da Camara, que foi governar a India com o titulo de capitão general, que tratasse de reedificar a cidade de Goa, e de chamar para dentro dos seus muros as familias, que a tinham abandonado.

«Fizeram-se todos os esforços possiveis para realisar os desejos do monarcha. Lançou-se o tributo de um por cento nas mercadorias despachadas na alfandega; recorreu-se ao patriotismo da camara, e com os recursos assim obtidos, procedeu-se á reconstrucção de varios edificios, á abertura de novas ruas, e melhoramentos de outras, e á edificação de algumas casas para arrendar. Mas todo este trabalho e despeza foram perdidos. A insalubridade do lugar, por causa de muitos pantanos das immediações, em breve tornou a afugentar a população.

«Resolvida definitivamente a mudança, effeituou-se todavia lentamente por não haver em Pangim edificios capazes de accommodar as repartições publicas.

«Os governadores só deixaram a residencia de Goa em 1812, anno em que tambem se transferiu a alfandega. Em 1818 o vice-rei conde do Rio Pardo mudou para Pangim a relação, e a junta de fazenda. Pelo decurso do tempo foram seguindo a mesma direcção as mais repartições do estado.

«Não obstante, em quanto existiram de pé os grandes edificios publicos de Goa, e em quanto estiveram habitados os seus conventos, conservou a cidade um simulacro da sua passada grandeza. Mas isto tambem teve fim. O tempo, ou os homens derrocaram os primeiros. A lei da extincção das ordens religiosas em 1834 despovoou os segundos.

«Assim acabou aquella soberba metropole, que tanto avultou e brilhou em toda a Asia pela sua importancia politica e commercial.

«O brazão d'armas de Goa é, n'um escudo coroado, as armas reaes, com a corôa e timbre de el-rei D. Manoel, e por cima a roda do martyrio de Santa Catharina, em commemoração da tomada da cidade no dia da sua festa.

«Junto da costa do Malabar, na foz do rio Mandovi, está a ilha de Goa, chamada pelos gentios *Tissuar*. Tem esta ilha quasi tres leguas de comprimento, em partes mais de uma de largura, e pouco menos de meia legua onde é mais estreita.

«N'esta ilha, pois, para o lado do norte está situada a derrocada cidade do mesmo nome, a antiga metropole da India portugueza. Banha-a o rio Mandovi, que lhe fórma o seu porto, em distancia de sete milhas da foz.

«A cidade de Goa é hoje um montão de ruinas, cercadas e separadas por mattos e palmares. D'entre ellas erguem-se ainda de pé alguns grandes edificios, que contrastam singularmente com as miseraveis choupanas em que vivem algumas pobres familias.

. . . .

«O palacio dos vice-reis foi demolido inteiramente pelos annos de 1830, ficando como monumento o arco e portal da antiga muralha da cidade contigua ao mesmo palacio, por ser a porta por onde Affonso de Albuquerque entrou vencedor em Goa. Sobre o arco vêem-se as estatuas de Santa Catharina, posta alli pelo conquistador, e a de D. Vasco da Gama, levantada pelo senado da camara nos principios do seculo XVII. Era debaixo

d'este arco que o senado fazia a ceremonia da entrega das chaves da cidade ao novo governador, ou vice-rei.

«O palacio dos arcebispos, o da inquisição, o do senado, o da relação, e o da junta de fazenda; a alfandega, o basar, o aljube, varios hospitaes e capellas, e outros edificios, que davam nomeada a Goa, e a faziam appellidar a *cidade dourada*, ou desappareceram, ou estão arruinados.

«O arsenal ainda subsiste, e funcciona, mas os poucos operarios, que alli trabalham, retiram-se á noite para as aldeias visinhas.

«Ha em Goa uma fonte, umas grutas, e banhos, veneradas como santuarios pelos indios, que alli vão em peregrinação nos fins de novembro, para fazerem as suas purificações religiosas.

«Finalmente esta cidade tinha milha e meia de extensão, quasi outro tanto de largura, e sete milhas de circumferencia. Era cercada de muros, e continha varias praças principaes, e outras menores; muitas ruas largas; e uma boa ponte e um bello caes de cantaria, que se conservam.

«Ainda se fazem em Goa uma grande feira annual, a procissão do Corpo de Deus, a festa de Santa Catharina, padroeira da cidade, as acclamações dos reis, os actos de posse dos governadores geraes, e outras funcções publicas. Acabadas estas festividades, fica a cidade quasi deserta. Os conegos e dignidades da sé residem nas aldeias proximas.

«Junto á cidade, sobre a margem do Mandovi, está o arrabalde de Panelim, com uma igreja parochial, da invocação de S. Pedro. D'aqui parte uma estrada, feita ou melhorada n'estes ultimos annos, que liga a antiga á nova metropole, passando pela magestosa ponte de Ribandar.» (Vilhena Barbosa).

GOA (Nova). «A moderna capital da India portugueza está sentada em uma planicie na margem esquerda do Mandovi, a duas milhas da sua foz, e a legua e meia de distancia da antiga metropole. Dista de Lisboa em linha recta mil leguas, e pelo Cabo da Boa Esperança duas mil quinhentas e quarenta. A cidade de Bombaim fica-lhe em distancia de sessenta e cinco leguas.

«Pelo que dissemos tratando de Goa, se terá conhecido, que a importancia da nova capital teve começo em 1812. Até 1759, em que se effectuou a primeira mudança da séde governativa para aqui, Pangim não era mais que uma pequena e immunda aldeia, composta de mesquinhas choupanas cobertas de colmo, com duas ruas estreitas e tortuosas.

«Por esta occasião algumas construcções se fizeram por ordem do governo, e algumas casas se edificaram por conta de particulares. Porém, não se dando então vigoroso impulso ás obras indispensaveis, e variando depois de accordo o governo de Lisboa, só em 1812 se cuidou deveras na transferencia da capital para Pangim, dando-se principio á construcção de alguns edificios publicos, posto que abarracados, e diligenciando-se attrahir alli a população, e sobretudo as familias abastadas, que, retiradas da cidade de Goa, viviam espalhadas pelas aldeias da ilha.

«Entretanto a verdadeira época d'esta fundação é a de 1827 a 1835, que foram os oito annos do governo do ultimo vice-rei da India, D. Manoel de Portugal e Castro. A este probo e intelligente funccionario é a quem melhor quadra o epitheto de fundador de Nova Goa.

«Por sua ordem nivelou-se o terreno; seccaram-se e aterraram-se pantanos; fizeram-se encanamentos para as aguas estagnadas, e para as immundicies; delinearam-se e abriram-se espaçosas praças, e ruas alinhadas de oitenta palmos de largura; construiram-se alguns bons edificios publicos, seis pontes sobre varios esteiros, e um grande e formoso caes em muita extensão da ribeira; plantou-se um passeio publico junto ao rio, onde anteriormente tudo era lodaçal; em fim traçou-se e executou-se o plano de uma cidade regular e bonita, digna da

preeminencia a que já se achava elevada.

«A historia de Pangim, ou Nova Goa não offerece successo algum importante desde essa época até ao presente, a não serem varios alvorotos populares, e algumas invasões do terrivel flagello cholera-morbus.

«O primeiro d'esses alvorotos rebentou em janeiró de 1835, por occasião de ser chamado a Lisboa D. Manoel de Portugal e Castro, ultimo vice-rei, e de se installar no governo Bernardo Peres da Silva, com o titulo de *prefeito dos estados da India*. Ao cabo de dezoito dias de administração foi deposto tumultuariamente este funccionario, e succedendo-se uns após outros os governadores provisorios, Nova Goa foi theatro de tristes scenas de anarchia por longo tempo.

«Em 1837 chegou alli com o cargo de governador geral da India o barão de Sabroso; porém a morte, não lhe deixando completar um anno do seu governo, tambem não consentiu, que restabelecesse a ordem em bases solidas.

«O barão do Candal, que lhe succedeu no governo d'aquelle estado, falleceu igualmente no primeiro anno depois da sua chegada á India. Sendo então nomeado governador interino, até novas ordens de Lisboa, o capitão de fragata José Joaquim Lopes de Lima, rompeu o povo em taes desordens e motins, que se viu forçado aquelle official a abandonar o governo, e refugiar-se na cidade ingleza de Bombaim. Todavia durante a sua administração realisaram-se alguns melhoramentos importantes.

«As cousas vieram por fim a entrar na ordem, para o que muito concorreu o tenente general conde das Antas, mandado á India por governador geral.

«Lutando com graves difficuldades, que lhe provinham da decadencia do nosso commercio, e do abandono em que Portugal, absorvido nas lutas civis, deixava todas as suas provincias ultramarinas, Nova Goa foi sempre obtendo, apesar de tudo, alguns progressivos beneficios, já na reforma dos diversos ramos da administração publica, já em alguns aformoseamentos locaes.

«N'estes ultimos annos tem visto operarem-se melhoramentos importantissimos, que promettem, crêmol-o firmemente, um prospero futuro á capital da India portugueza.

«Entre outras obras de utilidade, que tem emprehendido o actual governador geral, o senhor visconde de Torres Novas, citaremos como as mais proficuas em resultados, as magnificas estradas, que atravessando as nossas comarcas da terra firme, vão entroncar nas que os inglezes construiram no seu territorio de Bombaim, de accordo com o dito governador, para dar sahida facil e mais economica ao algodão dos seus districtos do interior.

«São tres estas estradas. A de *Verem a Sinquervale*, na fronteira ingleza, é uma bem construida estrada, que atravessa a industriosa provincia de Bardez, e parte da de Bixolim. Tem muitas pontes solida e elegantemente edificadas, sendo as mais notaveis a de *D. Estephania*, a de *Namorã*, e de *Sinquervale*. A *estrada real* começa em Nova Goa, corta parte das ilhas de Goa, continua do outro lado do rio por Cortalin, Verna, Margão, Chinchenin, Conculin, Canacona, e termina na fronteira ingleza. A estrada *central de Tinem* liga com a que vem de Darvar, um dos mais importantes districtos do algodão das possessões inglezas; prosegue pela provincia de Embarbacem, e finda em Usgão na provincia de Bixolim.

«As duas primeiras estradas communicam o territorio de Goa com o britannico pelo norte e pelo sul; e a ultima pelo centro. Já vem por ellas muito algodão embarcar em Nova Goa. Este producto já representa uma valiosa exportação para a Europa. E os inglezes tratam com a maior actividade e efficacia de dar todo o desenvolvimento possivel á sua cultura, sobretudo depois dos acontecimentos da America do Norte. Por tanto este producto da industria ingleza virá em

breve fazer de Nova Goa um grande emporio dos algodões da India.

«Terminando este quadro historico, posto que resumido, demasiadamente longo em relação aos limites d'esta obra, diremos, em prova do progresso d'esta nossa possessão, que no anno passado, de 1860, houve em Nova Goa uma exposição geral dos productos da industria dos estados portuguezes da India.

«Compõe-se estes estados presentemente das *Velhas* e *Novas Conquistas*. Chamam-se Velhas Conquistas ás ilhas de Goa, que são dez, ás provincias adjacentes de Salsete e Bardez, e ás cidades de Diu e Damão com os seus respectivos territorios; e á ilha de Angediva.

«As ilhas de Goa, e provincias adjacentes cuja superficie é de duzentas e vinte e tres leguas quadradas, de sessenta ao grau, constituem tres comarcas judiciaes, que teem por cabeça Nova Goa, e as villas de Margão na provincia de Salsete, e Mapuça na de Bardez.

«Dá-se o nome de *Novas Conquistas* ao territorio cedido á corôa portugueza no seculo XVII, e ao conquistado depois d'esta cedencia.

«As Novas Conquistas compõem-se de dez pequenissimas provincias em que ha duzentas e oitenta e uma aldeias, tendo de superficie oitocentas e trinta e nove leguas quadradas. Outr'ora formavam uma divisão judicial á parte, porém hoje acham-se encorporadas nas comarcas de Salsete e Bardez.

«As cidades e praças maritimas de Diu e Damão, situadas no antigo reino de Guzerate, são cabeças de outras duas comarcas do mesmo nome.

«O territorio da India portugueza é limitado ao occidente pelo mar, e pelos outros lados cercam-no inteiramente as possessões britannicas. A sua superficie total é de mil e oitenta e seis leguas quadradas, com uma população de quatrocentas e oito mil e quinhentas almas. D'estes estados, pois, é Nova Goa capital.

«N'esta qualidade é séde do governador geral da India, e mais authoridades militares, administrativas e judiciaes, de um arcebispo primaz do oriente, de uma relação, de um supremo tribunal de justiça militar, de uma junta de fazenda, e de outras repartições e estabelecimentos publicos que ao diante designaremos, bem como de varios corpos, que fazem a sua guarnição, e formam o nucleo e principal força do exercito da India.

«Conta Nova Goa quatro grandes praças, e tres mais pequenas. São sete as suas ruas principaes, todas de setenta a oitenta palmos de largura, mui direitas, aceadas, e guarnecidas de casas de apparencia agradavel.

«Os estabelecimentos de instrucção publica são: *escóla medico-cirurgica*, com seis cadeiras; a *escóla mathematica e militar de Goa*, antiga academia militar e de marinha, com sete cadeiras; *escólas de historia, e geographia, das linguas franceza, ingleza, e marata;* varias escólas de instrucção primaria, em que entram algumas nos corpos militares, e nas fortalezas; e a bibliotheca publica.

«A guarnição de Nova Goa consta dos seguintes corpos: *um regimento de artilheria*, com seiscentas e cincoenta e tres praças; *dous batalhões de infanteria*, com mil e duzentas e setenta e oito praças; *dous batalhões de caçadores*, com novecentas e cincoenta e nove praças; guarda do governo geral com oitenta praças; doze soldados do corpo de engenheiros; e quatro companhias de veteranos com quatrocentas praças, fazendo uma somma total de tres mil quinhentos e trinta e dous homens. D'esta força conservam-se licenciadas quatrocentas praças, e sahem destacamentos para guarnecer as fortalezas, e mesmo corpos inteiros para o continente.

«Publica-se em Nova Goa um jornal official, intitulado *Boletim do Governo*, para o que ha uma imprensa nacional.

«Além dos estabelecimentos já referidos ha mais o archivo militar, e o monte-pio do exercito da India. A fabrica da polvora, e o hospital militar acham-se em Panelim, arrabalde da cidade de Goa, e n'esta conserva-se

como fica dito, o hospital dos pobres, administrado pela confraria da misericordia. Os gentios tem em Nova Goa um pagode. Os musulmanos só nas provincias do continente teem mesquitas.

«O porto de Nova Goa é formado por duas pontas de terra das provincias de Salsete e Bardez, e pela união dos rios Mandovi e Zuarim, que ahi se lançam no mar, depois de terem cercado e separado do continente a ilha de Goa. A extremidade d'esta ilha, do lado de oeste, chamada Morro do Cabo entrando no oceano indico, separa as barras da Aguada e de Murmugão. A primeira fica para o norte, entre a ilha de Goa e a provincia de Bardez, onde está a praça e fortaleza d'Aguada; e a segunda para o sul, junto da provincia de Salsete, onde se acha a fortaleza de Murmugão. Estas duas barras são defendidas por mais outros fortes situados nas margens dos rios Mandovi e Zuarim.

«A barra e bahia da Aguada é o porto principal. É amplo, e seguro durante o verão; porém no inverno offerece não poucos perigos. Póde ser entrado facilmente de dia ou de noite, indo lançar ferro os navios em lugar onde não teem menos de cinco braças de fundo.

«A fortaleza da Aguada ergue-se na foz do Mandovi sobre elevado monte, em partes formado de rochedos inaccessiveis, e cingido de muros, com um grande fosso cheio d'agua, que o não cerca inteiramente. Ha n'esta fortaleza um pharol de rotação, e uma magnifica cisterna, de que se não faz uso, por ter na raiz do monte, que lhe serve de base, uma nascente copiosa de boa agua. Foi fundada esta fortaleza em 1612, sendo vice-rei da India Rui Lourenço de Tavora.

«Junto d'esta praça está a povoação de Sinquerim com perto de oitocentas almas, e uma igreja parochial. N'esta aldeia está o quartel do regimento d'artilheria. Na praia contigua á povoação ha uma abundante fonte, onde os navios costumam fazer aguada. Foi isto o que deu o nome á bahia e á fortaleza.

«A barra de Murmugão é pouco frequentada de navios por causa dos bancos d'areia e dos escolhos, que ha no rio Zuarim.

«A fortaleza de Murmugão, que defende esta barra, é uma praça de guerra importantissima. Circumda-a um largo fosso, que recebendo as aguas do mar, a faz uma perfeita ilha na maré cheia. Tem muitos e bem construidos baluartes; uma vasta cisterna, com uma escada de cento e cincoenta e dous degraus, e varias fontes de excellente agua.

«Foi fundada em 1624, sendo vice-rei, pela segunda vez, D. Francisco da Gama, quarto conde de Vidigueira. No anno de 1684 ordenou el-rei D. Pedro II a Francisco de Tavora, primeiro conde de Alvor, e então vice-rei da India, que fundasse uma cidade junto d'esta fortaleza, mandando applicar para isto 20:000 xerafins por anno. Era a intenção mudar para alli a capital. Tendo-se chegado a construir o palacio para os governadores, alfandega, hospital, casa da relação, e outros edificios publicos, mandou-se suspender a obra. Como nunca mais progrediu, todas estas construcções cahiram em ruinas, algumas das quaes ainda alli se vêem.

«A insalubridade do sitio, devida aos fossos lodosos da fortaleza, e a um pantano visinho, foi a causa não só de se levantar mão da obra, mas até de se ir descurando a conservação da fortaleza, que hoje se acha com grandes estragos do tempo. Ao presente tem pouca artilheria, e pequenissima guarnição.

«Aquelle porto, pois, outr'ora tão frequentado de navios mercantes, e defendido por uma boa esquadra, que constituia a marinha de guerra dos estados da India, a qual no seculo passado ainda constava de sete fragatas, além dos outros vasos menores, chegou a estar quasi abandonado. Presentemente tem mais animação, e o seu movimento que em 1840 foi de setecentas e quarenta e duas embarcações entradas, costeiras e d'alto mar, augmenta de anno para anno, como se poderá julgar á vista do map-

pa comparativo dos rendimentos do estado da India. Vê-se d'esse mappa, que a receita geral do estado, que até ha poucos annos regulava, termo medio, por 240:000$000 reis fortes, subiu no anno economico de 1860-1861 a 314:056$800 reis fortes.

«Quanto á marinha de guerra, póde dizer-se que é hoje quasi nulla; pois que apenas se compõe de algumas canhoneiras e pequenas embarcações, e de uma velha corveta.

«A industria manufactora acha-se em grande atrazo n'esta cidade, não porque os que a exercem careçam de habilidade e paciencia, que certamente as teem de sobra, mas sim pela falta essencialissima de instrumentos apropriados. Esta industria está por conseguinte limitada a algumas pequenas artes e officios mecanicos, nos quaes os operarios são maus inventores, mas excellentes imitadores. Fabricam-se alguns tecidos de algodão apenas para o consumo da terra, excepto os zuartes, que se exportam para Moçambique. Ha varias tinturarias, e manufacturas de rendas de algodão. Tambem se fazem cabos e amarras de cairo.

«A industria agricola tem tido algum desenvolvimento. Os seus principaes artigos são, arroz, e os variados productos, que se tiram dos coqueiros e das arequeiras.

«O fructo do coqueiro serve para comer, no seu estado natural, para fazer dôce, e juntamente com a agua que encerra, para differentes usos culinarios. Da casca do côco tiram o cairo com que fabricam cordas, amarras, e cabos para os navios. Extrahem bom azeite, não só para luzes, mas tambem para a comida, do côco sêcco, a que dão o nome de *cópra*. Da parte interior do côco, partido em duas metades, fazem cuias, de que usam os pobres como de tigelas. Do entre-casco do coqueiro tiram uma lenha, chamada *chareta*, que reduzem a carvão, usado pelos ourives e fundidores. Dos côcos muito bem pisados fica um residuo excellente para sustento de porcos, e de outros gados. Das folhas do coqueiro fazem umas esteiras, a que chamam *olas*, com que costumam formar tapumes, e cobrir barracas, empregando tambem as mesmas folhas separadas, como nós o colmo, para a cobertura das choupanas. No talo da folha, junto ao tronco da arvore, cria-se uma planta parasita, especie de musgo, de que fazem isca. Empregam as ditas folhas na fabricação de vassouras, pinceis, e outros artefactos, e ainda tiram d'ellas uns filamentos de que fazem guita. Da raiz do coqueiro fazem baldes, e o tronco, cuja madeira é quasi tão rija como o ferro, serve para construcção de casas, e para fazer os grandes pregos, que de ordinario empregam nas mesmas.

«Além de todos estes productos ainda se obteem da mesma arvore os seguintes: a *sura*, a *jagra*, o *vinho* ou *agua-ardente*, e o *vinagre*. A *sura* é um liquido, que se extrahe do cacho do coqueiro, e da qual se faz assucar, denominada *jagra*, de que usam principalmente para a fabricação de dôces. A sura produz agua-ardente por distillação, e lhe chamam *urraca*, e quando é da mais fina e graduada dão-lhe o nome de *fenim*. Da sura fermentada tiram o vinagre.

«Não ha vegetal de que a industria colha mais interessantes e variados productos. Sendo pois uma das culturas mais apreciadas na India, tanto nas ilhas de Goa, como nas nossas provincias da terra firme, abundam os palmares, au bosques de coqueiros. Estes, e os de *arecas*, outras bellas e productivas palmeiras, constituem os principaes arvoredos da ilha de Goa, e dão uma physionomia graciosa aos arrabaldes da capital.

«As outras producções agricolas d'aquellas ilhas, e provincias do continente são: a pimenta, café, algodão, canella, tabaco, anil, linho canhamo, canna de assucar, amphião, sumauma, batatas, inhame e muita variedade de legumes, hortaliças, e frutas. D'estas ultimas mencionaremos por sua excellencia os ananazes, bananas, mangas, cajus, melancias e melões, morangos, laranjas, tangerinas, figos, fruta do conde, papaias, matom-

bas, fruta de Adão; cidras, e alguma uva. De tudo isto se exporta para Bombaim.

«A ilha de Goa tambem recolhe bastante sal. Nos bosques e mattos abundam os pavões, gallinhas, rolas, pombos verdes, codornizes, perdizes, e outras aves. Nas lagôas e rios encontram-se muitos patos, garças, gallinholas, galleirões, e mais variedades de caça.

«A pesca não é ramo muito productivo, ainda que o podia ser, attenta a grande quantidade das ostras, que criam as perolas, que ha na foz dos rios de Goa. Porém esta pesca é prohibida, ou pelo menos era-o ainda ha pouco tempo.

«Nova Goa contém uns onze mil habitantes. O seu clima é saudavel, e parecido com o de Lisboa. Tem uma feira annual, que principia no dia 3 de abril.

«O primeiro brazão d'armas da antiga metropole da India portugueza era em campo vermelho uma torre de prata, com sua porta, tendo sobre as ameias a roda do martyrio de Santa Catharina, coroada pela mitra primacial do oriente.» (Vilhena Barbosa).

GOES (Damião de). «Nasceu em Alemquer, em 1501, de nobre ascendencia: educado desde a idade de nove annos na côrte d'el-rei D. Manoel, de quem foi camareiro e guarda-roupa, só d'ella sahiu para viajar pela Europa, sendo successivamente nomeado embaixador de Portugal na Polonia, na Dinamarca, e na Suecia. Acabados vantajosamente os negocios de que fôra incumbido, proseguiu nas suas peregrinações por varios paizes, merecendo em toda a parte a estima dos reis e dos sabios que tratou familiarmente, e dos quaes foi amado e reverenciado. Homens tão illustres como os cardeaes Bembo e Sadoleto, o historiador Olau Magno, os eruditos Glareano e Pedro Nanio, lhe escreviam cartas cheias de amizade e louvores, ou lhe dedicavam suas obras. O celebre Erasmo, author do *Elogio da loucura*, e terror dos homens de letras do seu tempo, viveu cinco mezes em Friburgo com Damião de Goes, a quem sempre respeitou. Depois de quatorze annos de viagem, assentou este em fim o seu domicilio nos Paizes-Baixos, onde, casando na Haya, foi habitar em Lovaina. Aqui viveu algum tempo entregue ao estudo e repouso domestico, até 1542 em que a cidade foi cercada pelos francezes. N'este sitio capitaneava Damião de Goes um corpo de estudantes em que consistia quasi só a defeza de Lovaina. — Algumas pessoas principaes tratavam entretanto com os francezes, para se renderem, o que sabendo Damião de Goes foi com o governador da cidade ao campo francez, para que as condições da entrega fossem menos onerosas. Feitas treguas, o governador voltou á cidade; mas d'ahi a pouco rompeu outra vez o fogo dos sitiados, o que vendo os francezes, mandaram Damião de Goes prisioneiro para França, onde soffreu grandes males, libertando-se por preço de 2:000 ducados depois de ter estado retido largo tempo em Saint-Quentin no Vermandois. Mandado recolher a Portugal por D. João III, já em 1546 se achava restituido á patria, onde foi nomeado guarda-mór interino da torre do tombo, no impedimento de Fernão de Pina, preso por crimes de que o accusavam. D'ahi a pouco, por morte do bispo de Miranda, D. Antonio Pinheiro, deu-lhe el-rei o cargo de chronista-mór, que desempenhou publicando a chronica de el-rei D. Manoel, cuja ultima parte sahiu em 1567, e dando á luz no mesmo anno a chronica de D. João II em quanto principe.

«Os ultimos annos da vida d'este homem celebre foram, ao que parece, os mais inquietos de toda ella. No anno de 1571 Damião de Goes foi demittido do cargo de guarda-mór, e sepultado nas masmorras da inquisição. Sabe-se que uma sentença d'aquelle tribunal de horrivel recordação o condemnou a degredo e a confiscação de todos os seus bens: esta sentença parece foi adoçada mandando-se-lhe cumprir o degredo no mosteiro da Batalha. Consta que estava já restituido á sua casa quando morreu

pouco mais ou menos por 1573. O genero de sua morte é hoje um mysterio. Ha quem diga que morreu de uma apoplexia, outros dizem que fôra assassinado. Por ventura é esta a opinião verdadeira. Talvez os inquisidores, não se atrevendo a lançar nas fogueiras de um auto de fé o homem a quem o papa e varios reis da Europa tinham tratado como amigo, fizeram com que o punhal do assassino os livrasse de Damião de Goes, cujo saber e ousadia lhes podia ser fatal. A residencia d'este na Allemanha, o tracto que tivera com os reformadores religiosos, a sua intimidade com Erasmo, deviam ter influido nas suas opiniões ácerca da igreja de Roma, que n'este tempo favorecia, com a falta dos bons costumes, o progresso do lutheranismo. Damião de Goes, habituado a exprimir livremente os seus pensamentos, commeteu uma imprudencia em vir metter-se na côrte de Portugal; e esta imprudencia lhe custou o socego dos ultimos dias da vida.

«Além das duas chronicas de que já fizemos menção, Goes publicou durante as suas peregrinações pela Europa varias obras latinas, como a *Deploração da gente Lappiana;* a *Embaixada do Preste João;* a *Fé, Religião e costumes dos Ethiopes;* as *Historias do primeiro* e *segundo cerco de Diu;* a *Descripção de Lisboa*, e outros diversos livros ainda hoje muito estimados. Foi Damião de Goes, além de escriptor illustre, excellente musico, e muitas das suas composições se guardavam ainda no archivo da musica no tempo d'el-rei D. João v.» (H.)

GOETHE. 1. Este, que é o maior nome da moderna Allemanha, começou a ser fallado em 1774, á conta de um romance de genero novo, chamado *Werther*, o qual obteve successo prodigioso. Quando irrompeu a revolução franceza já Goethe havia publicado bastantes tragedias (*Iphigenia em Tauris*, *Tasso*, etc.) e algumas miscellaneas. Nos annos seguintes proseguiu a dar assombros á Allemanha com as muitas e superiores producções litterarias e scientificas. (*Tratado ácerca da metamorphose das plantas*, *Theoria das côres*, tragedia *Fausto*, etc.) Napoleão I quiz vêr, em Erfurt, o celebre escriptor, e o decorou com a gran cruz da Legião de honra (1807). Dôce lhe correu a existencia nos paços do duque de Weimar, que o protegera desde os floridos annos. Morreu em 1832, na idade de 83 annos, depois de haver publicado numerosas *Memorias* em diversos ramos de sciencias physicas. Este poderoso talento, como poeta, não teve ainda rival em seu paiz, depois da publicação do *Fausto;* como prosador, é exemplar de pureza e elegancia; porém, como moralista, está, em certos lanços, de boas avenças com Voltaire, contribuindo por isso largamente para o progresso do scepticismo religioso.

2. O *Fausto* foi brilhantemente trasladado a portuguez pelo snr. visconde de Castilho. Em honra d'este asperrimo lavor do primeiro poeta portuguez contemporaneo appareceram escriptos dos quaes reproduzimos um, que está longe de exprimir a admiração de quem o escreveu:

Bem ponderados os elementos que subsidiaram o snr. visconde de Castilho na ardua interpretação do poema-drama de Goethe, podemos afoutamente dizer que está vertido em linguagem portugueza o *Fausto.*

A empresa era seductora para poeta afeito a sahir-se honrosamente de emprehendimentos arriscados; mas as fadigas, os desanimos e hesitações deviam de antemão agorentar-lhe os jubilos da tarefa levada a tão lustroso exito.

O snr. visconde de Castilho tem hoje setenta e dous annos. N'este passo adiantado da vida, os grandes talentos repousam sob as reflôridas glorias dos outonos de boa sáfara; e os talentos extraordinarios afestoam-se de recentes grinaldas. O destro jardineiro tira prodigiosas flôres, redobrando e rajando as petalas que abrolhavam, annos antes, singelas, bem que formosas, na mesma haste. O arbusto envelhece, e a flôr renova-se mais betada de côres e opulenta de

graças. Assim aquelle peregrino engenho do mais insigne poeta portuguez da nossa idade.

A Providencia remuneradora deulhe a claridade perenne da alma, o diluculo da phantasia sem as sombras do entardecer, o amor tenaz ás creações que lhe resurtem do recolhimento intimo, os mundos encadeados nos mundos onde não chega a luz solar que, a par e passo que alumia, vai queimando e fenecendo.

Escreve ha cincoenta annos aquelle grande homem. As suas lyricas da mocidade mais em flôr todos as sabeis, vós os bons filhos d'esta já um dia tão cantada e desvanecida mãi dos seus Bernardes e Mirandas. Todo o homem de alma agradecida, e mais ou menos culta, vai ainda ás margens do Mondego procurar o moço Castilho, entre as duas fadas do *Amor* e *Melancolia*, que tão brandamente lhe acalentaram saudades do sol que se esquivára a Milton e a elle—ao poeta das rudes batalhas do céo e ao poeta das serenas delicias da terra, ao scismador das pugnas entre Deus e Lucifer, e ao contemplador da alliança entre Deus dadivoso, e o homem desbastado pelo esmeril da sciencia util e generosa.

E desde aquella aurora, que dia tão longo de suave lida — um dia de meio seculo sempre juvenil! — os cabellos a nevarem-se-lhe e o coração a reverdecer; o tempo a enrugar-lhe a fronte, e o cerebro dentro a polir-se para reflectir quantas imagens donosas são e formam o ideal — o ideal de que se faz e doura a felicidade humana! O gigante mostra-vos o coração e abaixa-se até ás criancinhas para que lhe tomem a sciencia ensinada pelo amor. Vem lá do alto da poesia magestosa, e entra na escóla entre meninos. Sabe e levanta-se até hombrear com os thronos. Ahi soluça o carme, que exora a liberdade de um condemnado á perpetua grilheta, um ancião resgatado da morte corporal pelo egregio animo que destecêra a escuridão, a morte moral, a ignorancia abafadora do espirito da criança.

E, sempre com a lyra ou com a harpa, alternando amoraveis contentamentos com elegiacas melancolias, desterroando agros para alqueivar as searas das gerações vindouras, e levando pela mão o anjo da poesia a dentro dos atrios da esteril e soberba sciencia que os philosophos enviam ao grabato da miseria inconsolavel.

Oh! como este grande e illustre poeta nos tem amado a todos os que vivemos do trabalho!

E um dia o incomparavel nacionalisador de Virgilio e Anacreonte, de Ovidio e Molière, lidava como quem docemente repousa na transplantação de Shakespeare. O verter do latim e do grego, elle que sabe a lingua de Catullo como se a conversasse com Horacio nos triclinios de Messenas, e adivinha os amorios languidos da hellenica, por aquella infusão que no cenaculo se chamou *graça* e cá profanamente denominamos *genio*—elle, o bem-fadado a encher de joias os escaninhos ainda vazios do nosso thesouro litterario, aprestava-se a dar-nos as obras primas do grande tragico inglez, quando por ventura lhe aventaram que seria mais heroico tentamen traduzir o *Fausto*.

Venha o *Fausto*; revolvam-se as massas d'esse chaos intellectual debaixo do luzentissimo interprete; dêem-lhe a decifrar enigmas defesos ás sibyllas germanicas; peçam-lhe um prodigio de entendimento e outro prodigio de linguagem; olhem se no espirito do eminente poeta resôam ainda as harmonias omnímodas do metro, a magia só d'elle em multiplicar os rhythmos á proporção que lá na intuspecção luminosa se lhe multiplicam os pensamentos.

Eil-o a peito com Goethe, com o mais profundo e abstruso livro do mundo — no dizer de Gerard de Nerval.

Ahi está o *Fausto*, ahi teem os portuguezes o poema que esfervilha na cabeça escandecida de duas gerações — o livro que pregoam immortal os allemães, porque a poesia d'além-Rheno attingiu ahi o maximo grau de sua perfeição, o livro que a França traduziu cinco vezes, e, segundo con-

fessa o ultimo e mais destro traductor, ainda mal entende nos mais mysteriosos relanços.

Mas, no traslado do snr. visconde de Castilho, o *Fausto* entrevê-se inteiro em todos os seus contornos através das nevoas do norte. Debaixo do céo peninsular, a neblina rarefez-se. Aqui, os livros mais apocalypticos, se teem idéas de entender e servir, e mão de talento insigne, que lh'as tire á luz, são livros uteis. Ahi os ha, bem o sei, que ficarão eternos enigmas debaixo da tripeça das Pythias; mas esses não teem dentro nada, tanto monta esponjal-os com geito como rebental-os a murro como a bexiga de entrudo: é tudo vento, e vento represado que se derranca e apesta ás vezes.

Para que é determo-nos em conjecturas sobre a indole do poema? Mephistopheles é o *Mal* que arca, no fôro intimo de cada homem, com a porção divina e indelevel na consciencia do *Bem?* Fausto é uma allegoria? É um desvairado treslido que cahiu dos pinaculos da sciencia á armadilha de uma vulgar paixão? O poeta quiz mostrar-nos que uma formosa Margarida póde, sentada nos cartapacios de Nostradamus, converter toda a nossa sciencia, desde o Espiritismo de Swedenborg até ao Mosarabismo do snr. Theophilo Braga, em chilra amendoada de psychologos estrouvinhados? Eu não sei, nem me embrenho por essas nunca bem parafusadas escuridões.

O que eu leio, com assombro, é este *Fausto* do snr. visconde de Castilho, escripto em uma lingua que me dá orgulho de haver nascido onde ella assim se escreve. Vou por estas quatrocentas paginas além, marginando-as de notas, sublinhando phrases, assignalando admirações no terso, na limpidez, no terrivel, no suave, no despejo, na candura do verso. Livro muito para recreio, e muitissimo para estudo. É a summa das mais lindas e energicas locuções da nossa rica prosodia, é um exemplar para metrificadores, um enlêvo para reflexivos, e ainda, para todos abranger, é um mavioso incentivo a lagrimas que a mais santa moral converte em perolas no coração de quem houver chorado com as saudades de Margarida, e estremecido com os remorsos de Fausto.

Olhem-me estas passagens colhidas aqui e além por esse tão amavel livro. No *Dialogo preliminar* ha uns versos que voltareis a reler depois de lido o poema. É que elles dão a medida dos triumphos do talento, quando a poesia funde na alma as suas imagens:

> Em quanto indifferente a natureza
> vai torcendo no fuso o eterno fio,
> e a tão discorde multidão dos entes
> se entrebate estrondosa e dissonante;
> quem vos tira a expressão pela fieira
> e a vivifica e inunda de harmonias?
> Tantos entes diversos, desconjunctos,
> quem os une em convivio harmonioso?
> quem transforma paixões em tempestades?
> quem accende arreboes na mente escura?
> No caminho da amada quem semeia
> as flôres mais louçãs da primavera?
> Quem de tenues folhinhas entretece
> c'rôa, que a todo o merito premeie?
> Quem funda olympos? quem despacha deuses?
> A força do homem, convertida em estro.

Mas se as demasias da sciencia incham de arrogancia o homem, a termos de esquivar-se á salutar influencia do temor de Deus, ahi temos *Fausto*, quebradas as azas da fé, cahido ao sopé da alta montanha por onde quiz escalar o céo, exclamando:

> ... Mas, com te supplantar, fatal credulidade,
> que bens reaes lucrei? gózo eu felicidade?
> Ah! nem a de illudir-me e crêr-me sabio. Sei
> que finjo espalhar luz, e nunca a espalharei,
> que dos maus faça bons, ou torne os bons melhores;
> antes faço os bons maus, e os maus inda peores.
> Lucro, sequer, eu proprio? Ambiciono opulencia,
> e vivo pobre, quasi á beira da indigencia.

Desata-se-lhe então da alma sedenta de aniquilar-se um hymno á morte, uma saudação aos que viram o lampejar da felicidade, e morreram antes que viesse o revez da desgraça:

Feliz o heroe que na embriaguez da gloria
no instante mesmo em que lhe pega os louros
com sangue hostil nas fontes a victoria,
cai fulminado ao silvo dos pelouros!
— Feliz o amante que depois do enleio
de louca dança, e no auge do delirio,
subito expira no adorado seio
e antes da morte vislumbrou o Empyreo!

Ai! a Margarida! com que lagrimas o poeta lhe aljofarou os crepes das suas mortas alegrias! Era, devia ser ella a personagem mais ameigada ao seio de Castilho, a pomba do céo a esvoaçar-se queimada por entre aquelles infernos! Quando pousa, na mesa do homem que teceu a grinalda da Catharina de Camões, vê-se-lhe a alma d'elle a exuberar de piedade no mavioso da expressão.

Ella, a transviada, está no seu quarto, onde já não recendem fragrancias de innocencia. Canta. São lagrimas:

Sinto o coração pesado.
Dias de paz, onde estaes?
Ai, descanso abençoado,
nunca, nunca, nunca mais!

Inda não quitei a vida
e já estou na sepultura.
Quem nasceu tão sem ventura
melhor não fôra nascida.

Trago esvaido o juizo,
o coração como louco.
Sempre durastes bem pouco,
horas do meu paraizo!
. . . .

E depois aquella oração afflictiva:

Ó Virgem dolorosa,
inclina á desditosa
o teu benigno olhar!
Só tu, com sete espadas
no coração cravadas,
sabes o que é penar:

tu sim que viste afflicta
pender, ó mãi bemdita,
o filho teu na cruz,
e alçaste, com dous rios,
aos céos teus olhos pios,
chamando em vão Jesus.

Que dôr! Nos sonhos cevo-a:
corro a fugir-lhe, levo-a;
que dôr, oh mãi, que dôr!
Sósinha a ti me abraço,
e em pranto me desfaço.
Mercê! perdão! favor!

Antes que a aurora assome,
já o mal que me consome
o somno me quebrou;
sentada já no leito
regando afflicta o peito
co'as lagrimas estou.
. . . .

Mas espectaculo dilacerante é o do templo. O orgão geme os threnos dos mortos. A mãi de Margarida jaz no esquife, livida, esverdeada da narcotisação que a matou. A filha, de luto, orando no escuro da nave. E o *Anjo mau* a segredar-lhe:

Inda te lembra, Margarida,
quando tão outra, e fronte erguida,
vinhas aos pés d'aquelle altar
as santas rezas a soletrar
do teu livrinho, já tão gasto,
dando á tua alma o dôce pasto
do amor do Deus e do folgar?

Hoje só negros pensamentos.
Hoje só dôr no coração.
Mataste a mãi, que arde em tormentos;
vens suffragar-lhe absolvição?
Quem derramou á tua porta
um mar de sangue? o teu irmão.
De sua voz já quasi morta
que herança houveste? a maldição!

E a maldição do soldado ao arrancar da vida? Eu não conheço em lingua portugueza, em nenhuma das poucas que percebo, versos que tanto punjam e vão pela alma dentro a vibrar terror e dó.

Deve-se e é proveitoso trasladar passagens de um livro que se recommenda, quando o author não é este de quem o encarecer-lhe a obra com amostras seria desairosa inculca ao leitor. Elogiar um livro do visconde de Castilho com o intento de alliciar compradores é verdadeiramente uma cousa triste, e não sei se vilipendiosa para o idolo, para o thurifero e para o concurso dos poucos que ainda param no portico do templo.

Os meus louvores ao eminente sabio são reverentes, respeitosos e timi-

dos. O discipulo vai assim agradecer o novo modêlo dos seus estudos, e abraçar este grande glorificador das letras portuguezas.

—Contra a nacionalisação do *Fausto* sahiu um livro tão mal pensado quanto mal escripto por um moço em começo de vida e mal apercebido ainda para sahir-se airosamente de um exame de instrucção primaria. Esta audaz provocação aos honestos brios dos concidadãos do snr. visconde de Castilho occasionou o apparecimento de um livro, que póde ser julgado o mais completo que possue a lingua portugueza em critica litteraria. Intitula-se *Os criticos do Fausto do snr. visconde de Castilho, por José Gomes Monteiro* (1873). É livro que deve ser attentamente estudado pela mocidade porque ahi se aprende a reprimir os impetos infrenes do orgulho ignaro e se incute nos animos inexpertos o resguardo em pôr no soalheiro das praças estendal de puerilidade que ficam a empecer para sempre a carreira dos que poderiam por melhor caminho vingar um nome respeitado nas letras. E já que tratamos de Goethe e de escriptores, trasladaremos uns conselhos que elle deixou aos litteratos principiantes:

«... Shakspeare possuia a eminente faculdade de *amar*. Sem ella, não se é perfeito. Lord Byron, o homem mais negativo do mundo, não a tinha. Estribava-se todo no seu orgulhoso desdem. Ao envez, Shakspeare, por amor á humanidade, ensinava-lhe a sua sciencia de observação e de penetrante espirito. A poesia de Byron foi uma perpetua opposição: como não pôde trovejar na camara dos communs, fulminou, em poemas, o genero humano, seu inimigo. É um homem descontente de si, de seus confrades, e do publico: faz lembrar a phrase do apostolo: *cymbalo resplendente, mas vazio de caridade*... Byron travára guerra contra todos os seus contemporaneos; adoptou desde o principio uma posição falsa. Atacou de frente não só os escriptores e homens celebres, mas até a igreja e o estado, e isto n'um paiz em que igreja e estado se enfeixam, o mais compacta e cerradamente que ser póde. Fez que o banissem de Inglaterra, e a Europa inteira o baniria. Onde quer que estava, faltava-lhe terra e luz; a mais illimitada liberdade não o satisfazia; em toda a parte estava coacto, era-lhe o mundo um como carcere. Indo pelejar á Grecia, cedeu ao sentimento de tortura acerba que o perseguia sem treguas. Dizer estouvadamente tudo o que lhe lembrava; não recuar diante de temeridade alguma; não se poupar a hostilidade de qualquer natureza, assim não se alcança a paz, e elle jámais a gozou.

«A misanthropia esteril é um escolho fatal. Importa não deixar consumir as melhores faculdades pela ambição de fazer uma grande obra, com o intuito de sobrepujar o nivel natural, e conseguir *popularidade*. Eu, por mim, nunca serei *popular*. Todas as minhas obras são feitas para homens escolhidos, e não para o povo. Triste sorte a dos que escrevem para as massas, em vez de escreverem para certas pessoas que tem sympathias e tendencias iguaes ás nossas.

«Popular! Ninguem se magôe de o não ser. Mozart e Raphael nunca o foram. Não me comparo a esses nomes sublimes; mas tudo o que é grande e illustrado pertence exclusivamente á minoria. A minoria representa a razão pura; a maioria é o symbolo do turbilhão, da paixão, da irracionalidade...

«Guardai-vos de influencia politica, se quereis conservar-vos poetas. Tudo o que é força brutal, acção de partidos, dictadura politica, é diametralmente contrario á liberdade de intelligencia, ás franquias, ás largas do pensamento, ao vôo poetico. Esta quasi material acção actuando sobre os homens, o machiavelismo inseparavel de tal mister, mescla de força e velhacaria, leis sem cessar interpretadas e violadas, previdencia vigilante dos successos, a luta contra os obstaculos, illaqueiam o poeta n'um circulo tempestuoso, n'uma atmosphera de interesses ignobeis que abafam quanto n'elle ha de ideal. Thompson

escreveu um gracioso poema sobre o prazer da *inercia;* e escreveu outro detestavel ácerca da liberdade.

«Poeta! não empeças o adejar do genio! Que a barreira dos prejuizos e facções te não delimitem a vista! Serás que farte patriota quando houveres derramado em teu paiz o gosto do bello e do bom. Tua missão é, como a da aguia, voar ao alto, tudo vêr, e fitar os olhos no sol... Consumir a existencia destruindo prejuizos, derribando barreiras intellectuaes, elevando espiritos e purificando almas, não será um grande serviço? não será ingratidão impertinente exigir do poeta outra especie de patriotismo? Que mais elevado reconhecimento póde dever-lhe o paiz? Em verdade, é servir de sobra o paiz o conservar-lhe o fogo da moralidade publica, augmentar-lhe o numero dos prazeres nobres e sublimes; melhorar os homens em vez de lhes encrudescer as paixões.

«A mim pouco se me dá do que se diz e escreve a meu respeito; mas sei que, aos olhos de certa gente, eu, que toda a minha vida tenho trabalhado como um forçado, passo por não ter feito cousa que preste, e a razão é ter-me eu sempre refusado a entrar na vida politica. Detesto cordialmente os sujeitos que se entremettem no que lhes não toca, nem entendem. Para aprazer a esses senhores convinha naturalmente que me eu fizesse presidente d'um club de jacobinos, e renunciasse a escrever livros, e fazer versos.

«Quizera eu que os moços se preservassem do prestigio que se chama *invenção original.* Crêde-me: o mundo, qual elle é, a realidade, a vida, são assás fecundos e ricos para que nos contentemos com o que nos dão. Toda a poesia ideal é oriunda da realidade. Da verdade é que surte o bello; todos os materiaes da creação poetica é ella que os dá. No tocante a obras edificadas nas nuvens, e suspensas no ar, pouco caso faço d'isso. Factos e caracteres pertencem ao mundo real ou á tradição.

«É sempre de vantagem para um author manusear assumptos familiares a elle e ao povo; como senhor d'elles affeiçôa-os a seu alvitre, dirigindo e modificando os desenvolvimentos que lhes dá.

«... Quasi sempre o que se denomina *creação* é desordenado, confusão, e chaos. Não ha, nos annaes litterarios, um só exemplo de uma formação espontanea que chegue á perfeição sem carregar-se de vapores, fumaças, e escorias. A primeira apparição dos productos da intelligencia, em estado virgem, as balladas e canções primitivas, por exemplo, denotam uma fermentação inevitavel. O curioso e o douto gostam de observar essas creações selvagens; mas quão longe ellas se acham da perfeição! que distancia da estatua egypciaca á de Miguel Angelo! O artista que trabalha com elementos populares, tem a vantagem das bases seguras; sabe que não fatiga e tortura o espirito em descobrimentos novos, e se dedica todo ao cuidado da execução. Se eternamente pretendeis crear novidades, bem póde ser que passeis a vida inteira a procural-as em vão, e a lançar ao acaso innumeraveis esboços sem chegar a obra completa.

«Não quero ser vosso mestre-escóla; mas se posso corrigir-vos alguns erros, ficarei contente. Com falsas idéas de invenção e creação, a experiencia de nada serve; os antecedentes são desdenhados; cada novato cahe nas faltas commettidas pelos predecessores. Todos, um após outro, percorrem a mesma trilha do erro. Os pharoes, que luzem, aqui e acolá, na derrota intellectual, não derramam clarão util. Conheço uma chusma de authores noveis, que, após esforços infindos, produziram obras enfezadas e moribundas, verdadeiros debuxos sarapintados de trechos luminosos. Quasi todos esperam produzir um *opus magnum*, um monumento mais duravel que o bronze. Com ambição mais moderada, mais estudos e observação, e mais respeito ao proprio instincto, outro exito colheriam. A alta inspiração, propria de grande obra, não só não pertence á multidão,

mas exige a concorrencia de certas circumstancias exteriores que raro se encontram na vida humana. Suave repouso, socego d'alma, silencio das paixões, longas horas consagradas á mesma obra, quão raro isso é!

«Não basta ser Homero, é preciso poder sel-o. Finalmente, desmesuradas ambições em desharmonia com as forças e eventualidades d'uma existencia de que se não póde sempre dispôr, apagam grande numero de talentos mais ou menos distinctos...»

GOIVO. (Veja Cruciferas).

GOLFINHO. (Veja Cetaceos).

GOMES (Francisco Dias). 1745—1795. É considerado por authoridades competentes um abalizado apreciador dos escriptos alheios, bem que lhe não sobrasse gosto para dar aos seus a graça, e desenfado que lhes falta. Sem impedimento, é para admirar a vasta erudição que Francisco Dias Gomes alcançou, harmonisando o trato das musas e a pratica dos classicos com a vida de merceeiro que toda a vida exercitou. Verdade é que morreu pobre, e curtiu amargos dissabores provindos de collegas em Apollo que o frecharam com pungentes satyras, motivadas pela causticidade da sua critica. As contendas metricas de Francisco Dias Gomes e José Anstacio da Cunha nunca vieram á luz da imprensa. O que se conhece d'aquelle poeta a quem J. Anastacio chamava o *Doutor Botija* é o volume das *Obras poeticas*, posthumas, e publicadas a expensas da academia, em beneficio da viuva e orphãos do estimavel critico.

GOMMA. (Veja Nutrição).

GONÇALVES DIAS (Antonio). Nasceu na cidade de Caxias, provincia do Maranhão, a 10 de agosto de 1823, e morreu em naufragio, nos baixios dos Astins, em 3 de novembro de 1864. Cursou a faculdade de direito em Coimbra, onde obteve grau de bacharel em 1844. Depois de ter advogado em Caxias, foi professor de historia patria e latinidade no collegio de D. Pedro II, e primeiro official da secretaria de estado dos negocios estrangeiros. Muito no viçor da idade, publicou os primeiros versos no *Trovador* de Coimbra; mas a reputação de poeta distincto e primeiro entre os seus conterraneos coevos deu-lh'a o bello livro intitulado *Primeiros cantos*, publicados no Rio de Janeiro em 1846. Avulsamente escreveu, nos quatro annos seguintes, um drama, chamado *Leonor de Mendonça*, em que realça o estylista e sobresahe, por isso, menos a habilidade na contextura dramatica. São d'essa mesma época as *Sextilhas de fr. Antão*, admiraveis de graça e satyricas sem descomedimento que lhe desfaça no merito.

Subsidiado pelo governo, viajou Gonçalves Dias nas provincias do norte do Brazil, d'onde se recolheu com os elementos de excellentes estudos que depois publicou, e hoje reapparecem na edição esmerada a que preside o intelligentissimo amigo do poeta o snr. dr. Antonio Henriques Leal, cujas enfermidades nos privam de ainda possuirmos uma tão completa quanto sentida, e aprimorada biographia do eminente poeta brazileiro. Em 1854 tivemos o prazer de encontrar em Lisboa Gonçalves Dias, d'onde sahiu, após algumas diligencias concernentes á sua missão, para Allemanha em busca de subsidios para a historia do Brazil. Publicou em Leipzig a completa edição das suas poesias, com outras ineditas, afóra, em tomo separado, *Os tymbiras*, poema incompleto, e nunca ultimado, se é que se não perdeu no naufragio com outros manuscriptos o complemento. Como prova de applicação a arduos estudos philologicos, de ordinario mal avençados com o espirito fluctuante de poeta, Gonçalves Dias publicou o *Diccionario da lingua tupy, chamada lingua geral dos indigenas do Brazil*; e na *Revista trimensal do Instituto*, estampou estudos de igual intuito. Em 1859, sahiu novamente Gonçalves Dias a explorar as provincias, e deteve-se nas margens doentias do Amazonas por espaço de seis mezes, no de-

curso de 1861. Recolhendo ao Rio de Janeiro, aggravaram-se-lhe os padecimentos, resultantes, talvez, das longas viagens por provincias insalubres, e da incançavel lida a que se devotara com tanta probidade como talento. Divulgou-se a má nova da sua morte, quando ainda vivia o illustre poeta, e á conta do boato agoureiro gracejava em carta ao seu amigo dr. Leal: «O caso é — escrevia o poeta, desde Pariz, em 23 de agosto de 1862 — que depois do meu infausto passamento, vou passando sem novidade.» Dous annos volvidos, em 3 de novembro de 1864, morreu no naufragio do navio francez em que recolhia ao Maranhão. Asseveraram ao tempo os periodicos que o grande escriptor levára comsigo ao abysmo do mar quantos manuscriptos tinha, incluindo a *Historia dos jesuitas no Brazil*, obra de mui longo estudo, e resultante das suas indefesas investigações. Morrêra o primeiro poeta brazileiro, e um dos que mais puramente rhythmaram lingua portugueza. Outro poeta, portuguez de abalizado valor, o snr. J. Ramos Coelho, escreveu, inspirado pela morte do cantor dos tymbiras, uma poesia, intitulada PROPHECIA, que se nos figura bella, maviosa e benemerita de ser lembrada:

Bardo, foste propheta. Nos teus versos
Com a penna cruel e inevitavel
Do proprio fado, esclarecido o animo,
Teu destino fatal assignalaste.
Quando, feliz ainda, abandonando
A patria cara, aos teus fieis amigos
Na flôr da primavera adeus disseste,
Estas, em mal, fatidicas palavras
Te sairam dos labios, segredadas
Talvez por Deus, reconditos mysterios!
«Porém quando algum dia o colorido
Das vivas illusões, que inda conservo
Sem força esmorecer, e as tão viçosas
Esp'ranças, que eu educo, se afundarem
Em mar de desenganos, a desgraça
Do naufragio da vida ha de arrojar-me
Á praia tão querida que ora deixo.
Tal parte o desterrado. Um dia as vagas
Hão de os seus restos rejeitar na praia,
D'onde tão cedo se partira e onde
Procura a cinza fria achar abrigo.» [1]

[1] São os proprios versos do poeta. Vid. os seus *Cantos*, edição de Leipzig, de 1860, pag. 110.

Cumpriu-se a predicção. Uma por uma,
As tuas expressões sahiram certas.
Cumpriu-se a predicção. Quem o podéra
N'esse tempo antever? Só Deus, sómente
Quem, por Deus inspirado, ao longe alcança
N'um relance as reconditas entranhas
Do longinquo porvir.

E quão ditoso
Eras então, embora no alaúde,
Alma que á terra presa ao céo subia,
Te queixasses da vida! De esperanças
Risonho o teu futuro se enramava.
Sciencia, amor, felicidade, gloria,
Eram os sonhos teus. Sob os teus passos
Da juventude as illusõs surgiam,
Como surgem as rosas sob os passos
Da primavera quando, após o inverno,
Vem a terra animar. Com tão esplendido,
Tão extenso horisonte que aos teus olhos
Das mais formosas côres se adornava
Da nascente manhã, dos patrios lares
Te despediste, e, atravessando o oceano,
Nas margens do poetico Mondego
Colher viestes do saber a palma.
Ahi, sob a ramagem dos salgueiros,
Do rio ao murmurar tu'alma joven
A harmonia aprendeu; ahi ao brilho
Da nossa lua e scintillantes astros;
Ahi do nosso puro firmamento
Ao fogo creador soltaste o vôo
Pela primeira vez, e com saudades
Do longo berço, de sentido pranto
As meigas cordas orvalhaste á lyra.

Volveste em fim de Santa Cruz ás praias;
Volveste; mas feliz; mas coroado
Dos louros da victoria. A honra, o applauso,
Te foram receber, e por ditosa
Se teve a patria de gerar tal filho.

Só te faltava um ente idolatrado,
A que podesses dedicar a vida.
Achaste-o, e louco, lhe offertaste incensos
De estreme devoção. Eram completos
Todos os sonhos teus: sorrindo o mundo,
Dava-te amor, felicidade, gloria.

Quantos falsas então não supporiam
As tuas previsões! Talvez tu mesmo,
Talvez tu mesmo duvidasses d'ellas.

Ai, misero de ti! Bateu a hora
Escripta pelo fado! o que julgaste
Do soberbo edificio que fundáras
Como o remate ser foi o começo
Da tua perdição, lançou-o em terra.
Desceste breve do zenith brilhante
A pavorosa noite! Dos teus dias
O sol ardente se cobriu de nuvens,
Nuncias da tempestade, e o igneo raio
Do céo baixando, te lançou no tumulo.

Desde então a tua alma lacerada
Silenciosa gemeu, em si guardando,

Para mais o roer, o interno abutre.
Só desejavas o descanço, a morte.

Desde então os propheticos agouros
Se começaram de cumprir, ó bardo.
Tu bem o conheceste, e do teu curso
Visto perto fechar a breve estrada
A lapida funerea!

Em vão das letras
Na diurna fadiga sem descanço,
Procuraste esquecer do mal a idéa,
Se é que, antes, não buscaste no trabalho
Abreviar a desditosa sorte.
Em vão a lyra resoar fizeste;
Em vão as tuas notas de outro tempo
Se tornaram gemidos. Pela America,
Pelos paizes da illustrada Europa
Vagabundo correste; mas comtigo,
Mas diante de ti, a toda a parte
Ia, sem te largar, tua amargura.
Breve principiou tambem o corpo
A definhar, a padecer. Sentindo
Já perto a morte, pela vez extrema
Voltar quizeste á patria, porque inteiras
As palavras fataes realisasses.
As tuas illusões tinham passado;
No mar do desengano as esperanças
Afundado se haviam; a desgraça
Do naufragio da vida te arrojava
A patria amiga que feliz deixáras.

Partiste. Da existencia esperançosa
Que á luz do céo natal desabrochára
Ao terreno natal o que conduzes?
Quasi um cadaver só. Já longe fica
A Europa; já o espaço que a divide
Do novo mundo diminue; com elle
Tambem já diminue teu fraco alento.
Proximo estás do solo do teu berço;
Proximo estás do tumulo! Não ouves
Terra em festivo som gritar da gavea
O gageiro? Não vês ao longe, ao longe,
Como nuvem surgir do azul dos mares
A desejada costa? Ai! o teu corpo
Mal se póde mover! Ai! os teus olhos
Quasi que os fecha o sempiterno somno!
Queres-te levantar para avistal-a
Ao menos uma vez. Esforço inutil.
Nunca mais a verás. Mas n'este ponto
O vento cresce e pelas ondas salta,
Presa dos mares, o alagado lenho.
Ficam-lhe á proa perigosos baixos,
Que é impossivel evitar. O gelo
Do medo, do pavor, invade os membros
Aos navegantes. Elle só não treme.
Alma para tremer já não tem quasi,
Jaz insensivel d'este mundo aos males
Sobre o leito da dôr, despojo inerte!
Que choque horrendo, que terrivel brado
O espaço atrôa! N'um cachopo occulto
O alteroso baixel se parte e esmaga.
De machina tamanha apenas restam
Algumas taboas a boiar nas aguas!
De tantos homens, que lhe davam alma,
Alguns corpos, á tôa fluctuantes,
Triste scena de horror! bebendo a morte!
E o d'elle, o do infeliz? N'alguma praia
Da patria amada as despiedosas vagas
O arrojaram de certo, por que fossem
(Complemento do oraculo funesto)
N'ella os seus restos procurar abrigo.

Assim uma após outra se cumpriram
As tuas predicções, pobre poeta!
Foi vontade de Deus! Que desenganos!
Que altos mysterios este mundo encerra!

GONZAGA (Thomaz Antonio). «Onde nasceu?—pergunta o snr. J. M. Pereira da Silva, e prosegue:—Esteve até agora indecisa (esta questão) entre os litteratos. Consiste uma das suas glorias em que, depois de sua morte, tanto o Brazil como Portugal disputaram a honra de haver sido seu berço. Envidaram seus recursos os sabios de ambos os paizes, procurando cada um d'elles revindicar para sua nação o nascimento de Gonzaga.

«Verificamos porém que nascera Thomaz Antonio Gonzaga em agosto de 1744, na cidade do Porto, e fôra ahi baptisado a 2 de setembro, na freguezia de S. Pedro.

«Era seu pai João Bernardo Gonzaga, natural do Rio de Janeiro, e casado com D. Thomazia Isabel Gonzaga. Exercera lugares de juiz de fóra em Angola, Cabo Verde, e Pernambuco. Fôra provido no anno de 1749 no emprego de ouvidor na cidade do Porto, e em 1759 despachado para desembargador da relação da Bahia. Assim a infancia de Thomaz Antonio Gonzaga se passou na Bahia, como elle mesmo em seus versos o declara:

Pintam que os mares sulco da Bahia,
Aonde passei a flôr da minha idade:
Que descubro as palmeiras, e em dous bairros
Partida a gran cidade.

«Nascia d'ahi o erro dos que pensavam que fôra sua patria a Bahia.

«Como ouvidor de Villa-Ricca, gozou Thomaz Antonio Gonzaga de reputação illibada. Eram os seus talentos apreciados geralmente, e reconhecida a sua instrucção. Por todos os

governadores de Minas Geraes do seu tempo, costumava ser consultado nos mais espinhosos e complicados negocios da administração publica.

«Seus collegas e antigos companheiros de estudos, quando trataram de o julgar, sacrificaram ao dever e ao medo os sentimentos da amizade. O desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, predilecto como elle das musas, não vacillou no voto contra o seu amigo da universidade, e o seu irmão em poesia. Confessou Thomaz Antonio Gonzaga ter sciencia da premeditada revolução, mas que a considerára hypothetica; negou porém ter aconselhado ao intendente que lançasse a derrama do ouro, e cobrasse as dividas atrazadas, de accordo com os conjurados, e para o fim de excitar descontentamento no povo contra a administração: dera essa opinião, que se considerava fundamento da sua cumplicidade, para demonstrar a impossibilidade de executar-se, visto como não conseguira com argumentos convencer as authoridades e o governo, de que não deviam cumprir as ordens da metropole. Sustentou com força que lhe era impossivel partilhar a idéa de independencia da capitania de Minas, primeiramente porque nascêra em Portugal, e lá possuia bens e residia seu pai e familia: em segundo lugar porque estava despachado desembargador para a Bahia, e era do seu interesse seguir para o seu destino, e conservar um emprego tão honroso, e superior, em todos os sentidos, a qualquer, que lhe coubesse na nova nação emancipada, que possuia naturaes seus, iguaes ou superiores a elle em talentos e pericia, e que de certo lhe deviam ser preferidos; e em fim porque, estando justo para se casar com D. Maria Joaquina Dorothea Seixas Brandão, natural do Ouro Preto, e havendo obtido licença para effectuar o seu consorcio, esperava depois de realisal-o na capitania de Minas, aproveitar a monção propria para transferir a sua residencia para a Bahia, não desejando guerra civil entre os dous paizes.

«Foi condemnado Thomaz Antonio Gonzaga pelo accordam de 18 de abril de 1792 a degredo perpetuo para as Pedras de Angoche. Modificou-se depois a sentença por outro accordam de 2 de maio, que reduziu a dez annos o tempo do degredo, e trocou as Pedras de Angoche por Moçambique.

«Empresa impossivel seria descrever as dôres e os tormentos que soffreu Gonzaga na sua prisão. Occupava emprego elevado, e posição honrosa na sociedade; acabava de ser despachado desembargador para a Bahia, e eil-o preso de repente em Villa-Ricca, carregado de ferros, confundido com toda a casta de criminosos, arrancado da capitania, aonde se achava a sua noiva querida, que lhe havia inspirado canções tão bellas e tão maviosas, e incitado amores, que se tornaram tão celebrisados, como os de Hero e Leandro, de Heloisa e Abeilardo, de Laura e Petrarcha, e de Beatriz e Dante; amores que o acompanharam ás masmorras da ilha das Cobras, e ás enxovias do Rio de Janeiro, ahi inspiraram ainda o seu pensamento poetico, e lhe arrancaram versos de belleza imcomparavel, e do rhythmo mais melodioso!...

«Viveu quinze annos em Moçambique, mas não passou esse viver de uma vegetação animal. Engolfado conservou-se sempre o seu pensamento em negra e apathica melancolia. Trouxeram-lhe ao principio os ares do exilio uma grave enfermidade. Esteve decidido e desenganado da vida!...

«Melhor fôra talvez isso! — Quando o corpo reganhou forças, desamparou-o de todo o espirito. Nem Marilia, nem o Brazil, nem a poesia lhe correram mais á lembrança. Casou-se insensivelmente com D. Juliana de Sousa Mascarenhas, mulher parda que o acolhêra com carinho, e testemunhára-lhe na enfermidade affectos singulares. A nova existencia o não trouxe á vida real, nem ao gozo de suas faculdades mentaes. Tristonho sempre e merencorio, era assaltado a miudo por accessos de furia. Chorava, gritava, maltratava-se, feria-se com

as unhas e com os dentes... Estava louco.

«Expirou no anno de 1807, e foi enterrado na sé de Moçambique.»

GRACEJOS. «Ha duas castas de gracejos: uma importuna, má, obscena e ignobil; outra elegante, cortez, engenhosa e agradavel.» (Cicero). — Consiste o gracejo em espertar risos e alegria com alguma idéa divertida, a proposito de cousa séria ou indifferente. Descahindo a molde e de passagem, dissipa o fastio causado por attenção muito fita, e preserva do aborrimento. É tambem o melhor modo de dar em terra com os empecilhos que um trapaceiro ou sophista rabula nos contrapõe. O *sal attico* dos gregos, e a *urbanidade* dos latinos eram o que entre nós se chama a *fina graça*. — «Tudo que entende com a honra não se trate á laia de gracejo. Não aventuremos gracejos com pessoas polidas e intelligentes. Cuidado com o desmandarmo-nos em facecias que o publico applaude. Innocentes gracejos tem aluido amizades muito cimentadas. O mais cordato é abstermo-nos de remoques logo que elles podem disparar em offensa de alguem.» (La Bruyère).

GRACIANO. (Veja QUATORZE (seculo).

GRAMINEAS. Esta immensa familia, distribuida por toda a terra, presta-se a usos tão variados quanto importantes. A abundancia de fecula em suas sementes, faz cultivar certo numero de especies chamadas cereaes.

«Plantas cereaes são: o trigo, o centeio, a cevada, a aveia, o trigo mourisco, o maiz, o milho miudo, o painço, o sorgo, o alpiste e o arroz. Teem cana nodosa, dão espiga, formam messe, e pertencem á familia das gramineas, excepto o trigo mourisco. São mui nutritivas: a substancia azotada abunda nas partes de ultima formação, que são os grãos; e a mineral, especialmente a silica, nos talos ou canas. Esgotam bastante o terreno, porque nem com as folhas o abrigam notavelmente, nem da atmosphera tiram grande nutrimento.

«É o *trigo* a planta mais util aos nossos climas, porque dá o melhor alimento para o homem.

«N'uns trigos conservam os grãos tenazmente a casca: na maior parte succede o contrario, que a largam com facilidade.

«N'uns é molle o grão e cede á pressão dos dentes; em outros é tão duro ou rijo, e se quebra com resistencia, e salta. A farinha dos primeiros é macia e branca; a dos segundos, como vidrosa.

«*Castas.* Os trigos estudados e conhecidos em Hespanha, chegam em especies e variedades ao assombroso numero de 1:300. Podem dividir-se em seis secções, que são as seguintes, pela ordem da sua resistencia á intemperie, e da escassez dos seus rendimentos.

«1.ª secção. — *Escandeas.* Entram no genero botanico *trigo*, mas differençam-se muito das outras especies e variedades; e por isso figuram aqui n'um extremo á maneira de separação. Conservam os seus grãos a casca, sem a largarem, nem mesmo no moinho. Dão-se em paizes frios e terrenos pobres, são de palha grosseira, porte rude e montaraz, e de pequenas dimensões. Teem entre outros nomes os de: *espelta* e *trigo vestido.*

«2.ª secção. — *Trigos chamorros.* São de cana curta, e de espiga pequena, achatada e limpa, quasi sem arestas ou praganas. Tambem os ha vellosos. O grão é molle e de pouco farello. Resiste o chamorro em terrenos destemperados, e cultiva-se muito nas Castellas, e em alguns pontos do norte. Chama-se-lhe: *mocho*, *tremez* e *molle.*

«3.ª secção. — *Trigos candeaes.* Differem dos chamorros nas arestas espalhadas e quasi sempre revoltas, que lhes eriçam as espigas. Alguns apresentam-se um tanto vellosos; o grão molle. O candeal é o trigo mais generalisado em Hespanha. Ha-o de espigas brancas, louras, azues e matizadas. São os seus nomes provinciaes:

saburro, *da primavera*, *barbella*, *de rega* e *da marinha*.

«4.ª secção. — *Trigos redondinhos*. Teem as espigas quadradas, ovaes ou barrigudas, e recortado o grão. Este é molle. Em alguns cahem as arestas na madureza, confundindo-se então com os chamorros. A côr das espigas é branca, avermelhada, e negra azulada; e a do grão é dourada, e avermelhada, nunca branca, nem mesmo por dentro, a não estar bragado ou pasmado. Não resistem muito ao frio, mas acommodam-se perfeitamente ás paragens humidas. Conhecem-se por: *negro*, *brancacento*, *racimoso*, *louro*, *sete-espigas*, e *de S. Isidro*. Este ultimo nome é de Madrid e suburbios.

«5.ª secção. — *Trigos fanfarrões* ou *mouriscos*. Distinguem-se pela sua pujança e fausto. O seu grão é duro, roliço, e de muito farello. Querem terras fundas, calor, aguas e cuidados. Originarios de climas quentes, são communs e quasi exclusivos na Andaluzia, vindo a escassear gradualmente, conforme se deixa o frio sentir em outras regiões de cultura. As suas muitas variedades conhecem-se, entre outros nomes, com os de: *allemão*, *trigo fusco*, *mourinho*, etc., etc.

«6.ª secção. — *Trigo da Polonia*. Nas Baleares cultiva-se, e chamam-lhe de *Bona*. Mui grandes espigas, grão comprido, duro e translucido ou semi-transparente. Não leva vantagem aos trigos fanfarrões, e assim não é de crêr que se estenda por Hespanha.

«O grão do trigo redondinho é menos estimado que os do candeal e chamorro, e o do fanfarrão ainda menos. O melhor pão faz-se misturando os trigos, especialmente o chamorro com o candeal, e dando-se sempre a preferencia ao grão mais pesado.

«Distinguem-se os trigos em de *outono* e *primavera*, conforme o tempo de semeal-os: os ultimos chamam-se tambem *tremezes*. Os chamorros são os que mais se prestam a esta cultura abreviada.

«*Centeio*. — Corre parelhas com as escandeas em soffrimento. Supporta o tempo avesso, e resiste ao calor, ainda que mais ao frio, ao mau terreno, ás hervas, e até ao descuido. Onde não póde colher-se trigo, semêa-se centeio; mas sempre vem melhor quando recebe alguns adubos e cuidados.

«Pede lavras analogas ás do trigo, ainda que em tudo se contenta com menos.

«Semêa-se no outono o centeio *commum* ou de inverno, na primavera o *tremezinho*, de palha mais curta e fina, e pelo S. João o *multicaule* ou da Russia, que é o que mais filha ou multiplica. O centeio commum, semeado em junho, dá bom verde durante o verão, e fica para engradecer no anno seguinte. O da primavera rende muito se se semear no outono, em tanto que o do outono não serve para a primavera; bem que isto é lei commum para todos os grãos, ou, para melhor dizer, quasi todas as plantas.

«A sementeira do outono seja temporan, e n'isso não deve haver descuido: se convem, destina-se a forragem para a sahida do inverno, que é um grande recurso, pois dá para dous ou tres córtes.

«Segado uma vez para forragem, produz depois sua colheita de grão. Semeado em pessimos terrenos e até em areaes, alternando com a esparceta, serve para alimentar longo tempo o gado lanar.

«Amadurece um pouco antes do trigo, e ha de segar-se com promptidão para que não caia o grão. A sua farinha dá um pão mui sadio, quando se mistura com trigo, batatas ou milho. O pão que produz quando só, é humido e não bom: alguma cousa melhora dando-lhe a fórma de rolo ao mettel-o ao forno, e tendo-o pendurado dous ou tres dias antes de se comer. A sua palha é fina e mais flexivel que a do trigo; porém o gado come-a difficilmente, e se por cima bebe agua, enferma se não estiver acostumado. O commum é deital-a para cama nas cavalhariças.

«Como recurso emprega-se em algumas partes o centeio para fazer cerveja e aguardente; se a esta se ajun-

tam bagas de zimbro, obtem-se o licôr chamado *genebra*.

«Rara vez contrahe o centeio as molestias do trigo; porém a mais frequente e temivel n'elle é o *esporão* ou *cravagem*. Consiste n'um tortulho parecido com uma pontinha ou esporão de gallo, que se apodera do grão, escuro por fóra e branco por dentro. Misturado com a farinha, produz em quem o come uma molestia terrivel, especie de gangrena secca, que em cada paiz tem seu nome. Deve por isso mesmo joeirar-se ou crivar-se com summo cuidado o centeio, deixando-o bem limpo antes de o levar para o moinho.

«A cravagem ataca algumas vezes o trigo e o milho.

«*Cevada*. Chama-se tambem *hordeo*, tomado do latim, e ha-a de seis, e de duas carreiras de grãos na espiga. Entre as primeiras especies acham-se: a cevada *commum*, ou quadrada, que tem uma variedade negra, a *ramosa*, e a *nua* ou arroz d'Allemanha; e entre as segundas, a *ladilha* e a de *leque*. Os grãos de umas reteem fortemente a casca; e os de outros, não.

«É propria a cevada de paizes temperados e quentes, ainda que a da primavera se dá na inclemencia dos frios e em altas montanhas; exige adubos de rapida decomposição, e terreno perfeitamente lavrado. É muito esgotadora.

«As terras para cevada sejam soltas, antes altas e ventiladas que fundas, melhor seccas que humidas. É tenra geralmente a sua palha, e se com o muito viço tomba, não torna a levantar-se como o trigo, por onde a humidade do solo a prejudica.

«Deita abundantes raizes, e por isso costumam juntal-a a outras sementes, que querem que prendam e arraiguem. Fólha bastante, e por isso mesmo que deita varios talos, não deve semear-se espessa, se não fôr para segar em verde.

«A cevada ramosa é a que mais filha; pede terreno rico e consistente como o trigo, e tem a particularidade de não tombar. Deve-se semear muito cêdo, ás vezes antes do outono.

«A ladilha quer tambem terreno fertil, em tanto que a de leque é menos exigente. Estas duas cevadas e a commum são de primavera, e costumam bastar-lhes tres mezes para amadurecerem. Assim é que os adubos que se lhes lançarem hão de estar mui feitos: os frescos não lhes conveem.

«Para semente, seja o grão cheio e de bom cheiro.

«A cevada nasce aos tres ou quatro dias, e defende-se fracamente contra as más hervas; por tanto precisa de escardeamentos, ainda mais que o trigo. As passagens de rastro não a favorecem, uma vez que esteja fóra da terra. É bom methodo o de semear pela primavera o trevo nas cevadas: como estas se segam logo, deixam o trevo senhor do campo, depois de ter afogado as hervas prejudiciaes.

«Em forragem, é a cevada cousa excellente. A temporan do outono póde pascer-se ou segar-se nos principios da primavera, segundo os climas, sem que se prejudique a colheita posterior de grão.

«Os grãos da ramosa, da ladilha e da commum, cahem da espiga mui facilmente, e por isso é preciso segal-as sem perder tempo, quando vão sazonando.

«Serve o grão da cevada para penso do gado, ás vezes para lhe misturar a farinha com a do trigo ou centeio no pão, e mui principalmente para a fabricação de cerveja. A palha appetece-a muito o gado, mas costuma dar-se de preferencia ao de estimação, porque tem mais de suave e agradavel, que de substanciosa. Atraz da cevada convem uma colheita de raizes.

«As principaes molestias da cevada são a ferrugem e a mangra.

«*Aveia*. Cria-se nas terras fracas, aridas e destemperadas das serranias, mais nas argillosas e humidas que nas arenosas e seccas, com tanto que haja fundo para as raizes, que se internam consideravelmente.

«Distingue-se em dar em espiga rala as flôres e fructos.

«Duas especies se cultivam com mais frequencia: a *commum* e a *nua*. Esta é de menor rendimento, e não

conserva, como a primeira, a camisa ou casca nos grãos.

«Semêa-se a aveia cêdo no outono ou primavera, com uma volta de arado, e resiste bem ás más hervas. A sementeira seja rala. As cinzas, as margas, caes e gesso, são-lhe poderoso auxiliar, assim como os adubos organicos inteiros, pois tudo aproveita a sua vigorosa vegetação. É rapido o seu crescimento, e breve o tempo em que occupa a terra: um escardeamento de rastro é-lhe mui conveniente.

«Separem-se da semente os grãos que contiver de aveia louca, que se conhecem por seccos e miudos, porque são capazes de se estender, e até apoderar-se do campo. As canas que se adiantem excessivamente em crescimento, póde suspeitar-se que pertencem á tal aveia louca, e é boa precaução o despontal-as.

«Se em lugar de cultivar negligentemente a aveia, se lhe dedicam cuidados e assiduidades, corresponde mui amplamente com as suas colheitas.

«Corta-se a aveia em verde, que é boa forragem, ou deixa-se para colher o grão. N'este ultimo caso, segue-se antes que se complete a madureza, porque se ha demora, cahem os grãos sem remedio.

«Vem bem atraz das batatas, dos nabos e dos prados temporarios.

«A farinha de aveia dá um pão de má qualidade. O grão, que se ha de guardar bem secco, é mui appetecido das aves dsmesticas e das cavalgaduras, quer só, quer misturado com cevada. É alimento que melhor convem ao gado de paizes frios, que ao dos temperados e quentes. A palha vale pouco, e só na falta d'outra se lança mão d'ella.

«A ferrugem e a mangra atacam algumas vezes as aveias.

«*Trigo mourisco.* Esta planta, conhecida tambem com o nome de *trigo negro*, é annual, e sem pertencer ás gramineas, entra nas cereaes por farinhosa e sã.

«Prevalece em terrenos delgados, leves e pobres, especialmente se são um pouco salinos ou calcareos, e não nos tenazes e compactos. Quer a raiz em frescura, e as folhas em humidade temperada. Os gelos são-lhe mui perniciosos; e todas estas circumstancias limitam consideravelmente a demarcação do seu cultivo.

«Ha duas especies: a *commum* e a da *Tartaria*. Esta resiste melhor aos frios, e produz maior numero de grãos, porém de inferior qualidade.

«Em cada clima, quando já não haja que temer geadas nem escarchas, semêa-se o trigo mourisco á maneira do trigo tremez. Nasce depressa, vegeta com rapidez, e como deita talos lateraes, pouco precisa de escardeamentos. Ha de proporcionar-se a sementeira de modo, que a espiga ou a flôr venha antes ou depois dos grandes calores.

«Esgota mui pouco o solo: é excellente adubo se se enterra em verde.

«Em madura, arranca-se a planta, ou sega-se, que ambas as cousas se praticam: e isto seja com presteza para não perder grão. Deixa-se seccar, postas em pé as gavelas umas contra as outras, e depois trilha-se.

«A sua farinha, misturada com a de trigo e cevada ou centeio, dá um pão que sustenta o lavrador em annos de escassez. O grão é alimento para os cavallos, mulas, porcos e aves de patio. As suas flôres são mui appetecidas das abelhas.

«*Do maiz, milho miudo, painço, sorgo e alpiste.* Estas plantas são tambem gramineas, procedem de climas quentes, e não supportam grandes frios.

«Querem terreno de fundo, bem lavrado, friavel e substancioso, porque arraigam muito e esgotam consideravelmente.

«Precisam de alguma humidade, porém o seu excesso apodrece-lhes as raizes. Assim é que em sequeiro não podem cultivar-se, senão em temperamentos e localidades onde se conte com chuvas de primavera e verão, ou com fortes rocios procedentes da visinhança de rios e lagôas.

«Veem a ser tremezinhas, e semeam-se quando já não haja receio

de escarchas. São por isso mesmo proprias para succeder ás forragens da primavera, e para supprir as sementeiras do outono mallogradas. Tambem se semeam sobre restolho nos principios do outono, e até no verão. Costumam tomar-se como recurso, sendo que por si mesmas merecem um lugar principal.

«A sementeira seja rala, cubra-se levemente, e preserve-se do bico dos passaros e gallinhas. Os escardeamentos não lhes são indispensaveis, excepto ao maiz, e não um só.

«A colheita, antes que comecem a cahir os grãos. Se tal contratempo não se tiver podido evitar em alguma occasião, passe-se depois o rastro, para que nasça e se aproveite o cahido pelo chão.

«Todas ellas são excellente forragem.

«*Maiz*. Nas provincias vascongadas chamam-lhe *boroa;* em outras partes *trigo da India*.

«O maiz não fórma messe, nem póde semear-se senão muito espalhado.

«Entre as suas variedades conhecidas, distinguem-se os temporãos e os serodios.

«Temporãos são: o de *verão*, amarello-alaranjado, com maçaroca de 12 a 14 carreiras de 30 ou 35 grãos cada uma; o *anão*, amarello-claro de 8 a 16 carreiras de 20 grãos; o *quarenteno*, assim chamado porque se suppõe que amadurece em 40 dias, ainda que realmente tarde bastante mais, de côr amarella-desmaiada, com 8 a 10 carreiras de 24 a 28 grãos; e o de *bico*, porque o grão termina d'esse modo, tão precoce como o quarenteno, e de maior rendimento.

«Serodios são: o amarello-claro da *Pensylvania*, grãos achatados, muito grossos, maçaroca delgada para a ponta, com 8 a 10 carreiras bem alinhadas de 50 a 60 grãos; o branco da *Virginia*, com 6 a 8 carreiras de 45 a 50 grãos tambem achatados; o do *outono*, do qual ha branco e amarello, e amadurece em outubro, com 10 a 12 carreiras de 35 a 40 grãos.

«Se o maiz ha de ir sobre o restolho, o que succede em sitios seccos, levanta-se o terreno no outono, e depois de penetrado e embrandecido, bina-se nos fins do inverno, para semear-se por abril. Se ha de ir sobre forragem de primavera, prepara-se com uma ou duas voltas de arado depois de cortado o verde, e semêa-se por julho. Os sulcos bem profundos.

«Que não falte o adubo, tendo em conta que ao maiz agrada um pouco de cal, gesso ou cinza.

«Escolhida a semente, põe-se de molho se fôr dura; e tirada humida polvilha-se com gesso, para a semear depois em cova ou a rego. A distancia entre as covas ou buraquinhos ha de ser de meio metro ou um pouco menos de meia vara, e cada um levará um par de grãos.

«O maiz não filha; sahidas as tres ou quatro primeiras folhas da planta, dá-se uma escarda ou limpa geral, e calça-se, arrancando o que sobrar por espesso, tornando a semear as faltas, e não deixando mais que um pé em cada sitio, que será o que pareça mais vigoroso.

«*Milho miudo* e *painço*. Differençam-se do maiz, não só em brotarem ou filharem pelo pé, senão tambem em ter cada cana uma só florescencia superior onde vem a semente ou grão.

«O milho miudo ou commum, tremez, de cana mais grossa que a palha do trigo, e de quasi um metro de altura, folha velluda e bastante grande, cultiva-se na Galliza, Asturias e Aragão, semeando-se de fevereiro por diante. A panicula é branda e ramificada, inclina-se com o peso se é comprida, e tem os grãos oblongos, ovados, amarellados e lustrosos. Tambem os ha brancos, e avermelhados; estes com a casca escura. O milho quarenteno semêa-se bem entrada a primavera. Serve o grão para comida de aves e gados, e para estes tambem a palha. A farinha dá um pão mediocre.

«*Alpiste*. O seu grão prolongado, castanho e adherente á casca, é alimento para canarios e outros passaros engaiolados, e tambem para as aves domesticas, que muito o appe-

tecem. A espiga é sustentada por canas fracas, que frequentemente cahem e tombam.

«A planta é mais soffredora que as antecedentes respeito ao frio; porém não menos exigente de terras friaveis e adubadas.

«*Do arroz*. O grão d'esta planta é o de maior consummo no mundo para alimento do genero humano, ainda que desgraçadamente a sua cultura na Europa prejudica a saude dos que n'ella se empregam. Um arrozal é uma praga, mas deixa taes proveitos, que tudo se atropella, até a vida propria e a dos parentes.

«Na Asia e America cultiva-se arroz de sequeiro e de regadio, sem más consequencias, porque as circumstancias são differentes. O chamado de sequeiro dá-se entre os tropicos ou perto d'elles, em virtude de chuvas estacionaes, diarias ou quasi diarias: maneira de sequeiro, como se vê, bem pouco secca. Ao de regadio subministra-se agua corrente e não encharcada, sempre que d'ella precisa, e suspende-se-lhe ao aproximar-se a madureza.

«Tres são as especies que aqui se semêam: o *grosso* ou *commum*, o *miudo* e o *liso*, de côr pardacenta. Parece-se esta planta com a do trigo na raiz e na palha.

«Para o arroz servem terras boas e medianas; clima temperado; o subsolo melhor, o impermeavel.

«Semêa-se á mão, entrado março, em almacega estercada, lavrada com cinco ou seis ferros, e encharcada. Sahida a planta, trata-se e escardêa-se, e quando tem um palmo d'altura, procede-se á sua transplantação.

«Preparado o terreno, isto é, nivelado em quadrados ou canteiros, rodeados de muros ou camalhões com seus boquetes e comportas, estercado, arado tres vezes, e tornado a regar, transplanta-se o arroz com a mão e sem instrumento algum, deixando entre as plantas um pé de distancia. Augmenta-se a agua até que suba dous dedos do solo.

«Os escardeamentos fazem-se tambem á mão, e a agua ha de ser frequente, ou melhor continua. Quando se aproxima o grão á madureza, cerra-se a entrada da agua, deixando que a contida nos quadrados se consuma dentro d'elles. Isto é o mais nocivo á saude, porque cahe em tempo de grandes calores, e a fermentação e putrefacção de tanto animalejo e tanta folha de arroz, exhalam emanações pestilentes.

«Sega-se o arroz como o trigo, com a differença de se atarem as gavelas ou feixes junto ás espigas. Cortam-se as ultimas depois de bem seccas, deitam-se na eira, sobre ellas a palha, e esta eirada é pisada por cavalgaduras.

«Depois tira-se a casca em moinhos especiaes, e separa-se o grão inteiro do partido: costuma ajuntar-se uma joeira ou tarara para limpar e classificar ao mesmo tempo: o que se faz ainda em Valencia á mão, por effeito de habilidade dos crivadores. Deitam o arroz n'uns crivos de couro, e lançam-no ao ar de tal modo, que os grãos ao cahirem vão formando quatro montões; no mais distante reunem-se os inteiros, no immediato os partidos, mais áquem o farello, e ainda mais perto a camisa ou restos de casca.

«*Da cana de assucar*. Terminará a revista do grupo dos cereaes, sem pertencer a ellas, mas sim á commum familia das gramineas, a cana dôce ou de assucar, que se cultiva nas costas do Mediterraneo, especialmente em Almunécar.» (Veja ASSUCAR). (Ferreira Lapa).

GRAMMA. 1. É actualmente a unidade systematica e theorica de peso, cujo typo é um centimetro cubico de agua distillada e na sua maxima densidade. Empregam-se os seus multiplos e submultiplos conforme a especie de pesadas que se quer effectuar: o kilogramma e seus multiplos, para a maior parte das transacções commerciaes; as partes do kilogramma, na economia domestica; o gramma e seus submultiplos, para as pesadas mais delicadas e exactas, como são as que exigem as sciencias d'observação

e a pharmacia. A lei de 3 de *nivose* do anno II (23 de dezembro de 1793) reconhecia tres unidades de peso, a saber: o *gravet*, gramma actual; o *grave*, equivalente ao kilogramma; e o *bar*, que valia 1000 kilogrammas, era a unidade de peso que actualmente se denomina *tonelada metrica*. Ha ainda o *quintal metrico* que vale 100 kilogrammas. (Veja SYSTEMA METRICO). Os pesos usuaes formam tres series, a saber: 1.ª pesos em ferro fundido; 2.ª pesos em latão; 3.ª pesos em laminas. Os da primeira serie são: 50, 20, 10, 5, 2 e 1 kilogramma; $^1/_2$ kilogramma, 2 hectogrammas, 1 hectogramma, e $^1/_2$ hectogramma. Os dous primeiros pesos tem a fórma de uma pyramide troncada rectangular, com arestas boleadas; todos os outros teem a fórma de uma pyramide troncada hexagonal com arestas vivas. Os da segunda serie teem a fórma cylindrica, são: 20, 10, 5, 2 e 1 kilogramma; 500, 200, 100, 50, 20, 10, 5, 2 e 1 gramma. Os pesos em laminas são de prata ou de latão; tem ordinariamente a fórma de chapas quadradas com os angulos cortados, são: 1, 2, 5 milligrammas; 1, 2, 5 centigrammas; 1, 2, 5 decigrammas, e o gramma.

2. Depois de ter familiarisado os alumnos com a *natureza*, *fórma* e *uso* de cada peso, o professor explicará a definição do gramma: o peso de um *centimetro cubico* d'agua distillada e na sua *maxima densidade*. A agua deve ser pura; porque é sabido que a agua salgada, limosa, e, em geral, a agua que contém materias estranhas, pesa variavelmente mais que a agua pura; por isso, para fixar de um modo invariavel o peso do gramma, o mais simples era empregar a agua *pura* ou *distillada*. A agua deve acharse na sua maxima densidade; porque, um litro de agua quente, por exemplo, pesa variavelmente menos que um litro de agua fria; ora, os physicos observaram que na temperatura de 4,1 graus centigrados acima de zero (fusão do gêlo), a agua, debaixo de igual volume, tem o maior peso possivel, e é isto o que se exprime dizendo que a agua está na *maxima densidade*, isto é, no momento em que as distancias entre suas moleculas são as menores possiveis. Observe-se ainda que o gramma é o peso de um centimetro cubico de agua *pesada no vacuo*. Com estas condições, o *typo* do gramma póde reproduzir-se invariavelmente em todos os paizes, e em todos os tempos.

3. A comparação dos pesos entre si, e a correspondencia com as medidas de *capacidade* e de *volume*, dão assumpto, ao professor, para uma grande variedade de questões e problemas praticos.

1.º Quantos *grammas*, *centigrammas*, *milligrammas*, *decigrammas*, se contém em 1, 4, 20, 650 *decagrammas;* em 1, 6, 14, 200 *hectogrammas;* em 1, 8, 65, 340 *kilogrammas;* em 1, 9, 80, 900 *myriagrammas;* etc.? Para facilitar as respostas, manda-se escrever, por exemplo, 1 kilogramma, e faz-se observar que vale 10 hectogrammas, 100 decagrammas, 1000 grammas, 10000 decigrammas, etc. Pondo 3 kilogrammas, a resposta seria successivamente 30, 300, 3000. 30000, etc. E portanto para achar, por exemplo, o numero de decigrammas que valem 5 kilogrammas, contam-se os lugares até áquella unidade, para o que se suppõem escriptos zeros; e, lendo então o numero formado, obtem-se a resposta. Assim, 43^{Kg},530 valem: 4^{Mg},3530; 435^{Hg},30; 4353^{Dg}; 43530^{g}; 435300^{Dg}; etc.

2.º Quantos grammas, decagrammas, kilogrammas, decigrammas, etc., pesam 1, 6, 15, 400 litros de agua, nas condições indicadas; 1, 7, 27, 90 decilitros, ou hectolitros, ou centilitros, etc.? — Quantos grammas, hectogrammas, etc., pesam 1, 4, 6, 95 decimetros cubicos de agua; 7, 60, 140 centimetros cubicos, etc.? — Variem-se muito estes exercicios; e insista-se particularmente, como mais difficeis, nos que se referem á passagem de peso a volume, como de volume a peso. Para o que é essencial que se fique sabendo muito bem: que um volume de agua pura em sua maxima densidade pesa tantos kilogram-

mas quantos os decimetros cubicos que contém; e que uma porção dada de agua pura na condição indicada representa o volume de tantos decimetros cubicos quantos os kilogrammas que pesa.

(Para a comparação dos pesos dos diversos corpos, veja DENSIDADE).

GRAMMATICA. «A grammatica (que quer dizer *litteratura*) não foi ao principio outra cousa senão a sciencia dos caracteres, ou *reaes*, representativos das cousas, ou *nominaes*, significativos dos sons e das palavras. Toda a sciencia do homem letrado ou grammatico, se reduzia n'aquelles primeiros tempos a saber lêr e formar, ou com o ponteiro, ou com a penna, estes caracteres.

«Segundo os progressos do espirito humano, quatro foram os estados d'esta especie de litteratura e grammatica. O primeiro foi o da *pintura*. Para representar, por exemplo, a idéa de um homem ou a de um cavallo, pintava-se ou esculpia-se a figura natural de um ou de outro.

«Como porém este methodo de representar as idéas era mui defeituoso, longo e custoso; os egypcios, dotados de um engenho inventor, descobriram, á imitação d'elle, outro mais breve, que é o dos *hieroglyphicos*. Empregavam elles uma figura, não já para representar uma cousa sómente, mas para servir de signal a muitas. Um hieroglyphico só, pelas idéas que a sua instituição ao principio e depois a tradição lhe alligava, era uma pequena historia. D'esta sorte a escriptura, que ao principio era uma simples pintura, ficou sendo pintura e symbolo ao mesmo tempo. Para a abreviar ainda mais, não costumavam os egypcios pintar a figura inteira: mas ou uma parte d'ella pelo todo, ou o signal pela cousa significada, ou uma cousa por outra que tivesse com ella alguma semelhança ou analogia. Este foi o segundo estado da litteratura ou grammatica, da qual temos inda alguns restos nos nossos brazões e armaria.

«O terceiro foi o da escriptura *symbolica*. Na hieroglyphica desenhava-se a cousa ao natural para a representar e trazer com ella outras á memoria. Mas crescendo a razão, com o tempo, com a policia e com a experiencia, e bem assim multiplicando-se tambem á proporção os conhecimentos e as necessidades, já a estas não podia supprir uma escriptura tão diminuta e embaraçosa, como era a hieroglyphica. Continuando pois os homens em a abreviar cada vez mais, á força de mudanças e alterações, o que ao principio eram pinturas, vieram a converter-se em *symbolos*, semelhantes aos de que ainda agora se estão servindo os chinas. Tendo elles ao principio sido formados da circumferencia e contornos das figuras naturaes, depois com a continuação do tempo e alterações, se reduziram a uma especie de caracter real, que diminuindo e escurecendo em fim a attenção que d'antes se dava á imagem natural, ficou servindo só de symbolo para fixar o espirito mais sobre a cousa significada do que sobre elle.

«Os symbolos pois já não são os signaes naturaes, como o eram as pinturas e os hieroglyphicos; mas uns signaes artificiaes e de instituição. Mas, como para cada idéa é preciso um symbolo, e as idéas são infinitas, bem se vê que a escriptura symbolica tem quasi os mesmos inconvenientes que a representativa e a hieroglyphica. Assim um grammatico e letrado china gasta toda a sua vida a lêr e a escrever. Os seus symbolos, apesar de todas as reducções que se tem feito, chegam ainda ao enorme numero de oitenta mil.

N'este estado estaria naturalmente a grammatica e litteratura, quando algum genio creador, conduzido pela Providencia, descobriu felizmente a arte de pintar, não já as cousas mesmas, mas os vocabulos que as representam. Esta é a escriptura *litteral*, cujo invento por uma antiga tradição dos povos, é attribuido aos phenicios ou cananêos, e que já no tempo de Moysés, primeiro escriptor do mundo e da religião, estava em uso pelos annos do mundo dous mil e quatrocen-

tos pouco mais ou menos, e mil e seiscentos antes de Jesus Christo.

«O descobrimento d'este genero de escriptura era mui difficil; a execução porém era facil. Para a excogitar era necessario um engenho superior que advertisse que os sons de uma lingua se podiam distinguir e decompôr em certos elementos, communs a todas as palavras d'ella. Porém, uma vez descoberto este segredo, a separação e enumeração dos sons não podia custar muito. Era mais facil notar e contar todos os sons de uma lingua que se fallava, do que achar que se podiam contar: isto era um lance do engenho, aquillo um simples effeito da attenção.

«O primeiro cuidado pois do inventor das letras, e do primeiro grammatico que abriu o caminho aos mais, cahiu sobre aquillo só que os vocabulos tem de mecanico e material, quer sejam os sons articulados de que se compõe a *falla*, quer os signaes litteraes que escolheu para na *escriptura* exprimir e significar os mesmos sons. Aquillo que os mesmos sons articulados e os vocabulos tem de logico e espiritual, como signaes que são das nossas idéas e pensamentos, foi a ultima cousa em que se cuidou. Os homens ao principio contentaram-se com pintar aos olhos, e fixar por meio dos caracteres escriptos, os sons fugitivos que a prolação de cada palavra lhes offerecia; sem entrarem ainda na analyse miuda do discurso, para descobrirem e determinarem ao justo as differentes classes e especies de palavras que o compunham; nem na sua combinação e ordem para poderem achar as regras da etymologia e da syntaxe.

«Esta indagação foi muito posterior. Platão, que segundo Laercio, liv. III, cap. 19, foi o primeiro d'entre os gregos que indagou a natureza da arte grammatica, não trata em seus dialogos de outra cousa senão da sciencia das letras, e se a significação das palavras é natural ou arbitraria. Entre os romanos tambem o mais antigo escripto de grammatica era, segundo Suetonio (*De illustr. gramm.* cap. I), um tratado de *letras* e *syllabas*, que andava debaixo do nome de Ennio.

«A parte *mecanica* das linguas, em que primeiro se trabalhou, tem duas observações. Uma sobre os sons articulados, tanto simples como compostos, que entram na composição de seus vocabulos; e outra sobre os caracteres litteraes, adoptados pelo uso para servirem de signaes dos mesmos sons, e seus depositarios na escriptura. D'estas duas considerações sobre o physico dos vocabulos nasceram as duas partes mais antigas da grammatica. Uma da *boa pronunciação* e leitura, chamada *orthoepia*, e outra da sua *boa escriptura*, chamada *orthographia*.

«A *orthoepia*, que é *emendata cum suavitate vocum explanatio*, comprehende não só o conhecimento dos sons fundamentaes, que fazem como que o corpo dos vocabulos, mas tambem o das modificações musicaes de que os mesmos são susceptiveis, relativas ou ao canto e melodia chamadas *accentos*, ou ao compasso e rhythmo, nascidas da quantidade das syllabas. Esta parte musical da orthoepia, ou *boa pronunciação*, tem o nome de *prosodia*, da qual o maior numero dos grammaticos fizeram uma das quatro partes da grammatica, desdenhando ainda os primeiros principios da boa pronunciação e leitura, ou incluindo-os na mesma prosodia.

«Porém a *orthoepia* ou observação dos sons elementares e fundamentaes da linguagem articulada, e a sua boa escriptura, foi a primeira e ainda a unica parte da antiga grammatica, como acabamos de vêr. A prosodia não foi reduzida a arte senão muito tarde. Sendo, como são, tantas, tão finas, e quasi imperceptiveis as modificações que os sons fundamentaes recebem na pronunciação, por uma parte era difficil o observal-as ao principio, e ainda mais o pintal-as na escriptura; e por outra parecia isto escusado. O uso vivo da pronunciação assás ensinava assim a quantidade e demora de cada syllaba, como a sua inflexão e accento. Só quando se tratou de communicar aos estrangeiros não só a lingua escripta, mas ainda a

sua pronunciação viva, é que se começaram a dar regras sobre esta parte da orthoepia. Aconteceu isto na lingua grega pouco antes do tempo de Cicero. Os signaes mesmos d'estes accentos, postos por cima das vogaes, bem mostram que são de uma data muito posterior.

«Por tanto o nome de *prosodia*, dado até agora a esta parte da grammatica, por um lado não comprehende todo o seu objecto, e por outro suppõe antes de si o conhecimento dos sons fundamentaes da lingua, do qual a grammatica nunca prescindiu nem póde prescindir, visto ser necessario e indispensavel para regular a boa pronunciação, e consequentemente a sua boa escriptura e orthographia. É verdade que de muito tempo a esta parte se tem entregado o ensino d'estas duas partes da grammatica portugueza aos mestres de escóla, pela maior parte pouco habeis. Porém d'aqui tem procedido os maus methodos com que a primeira idade perde nas escólas boa parte do seu tempo, e gasta outra em aprender cousas que depois tem de desaprender ou de reformar. É justo pois que a cousa torne a seu dono, e que os grammaticos tomem outra vez a si esta parte da grammatica que ensina a theoria dos sons, e tudo o que pertence á boa pronunciação e leitura da lingua, pois que tem sido tão mal desempenhada em mãos estranhas. O nome de *orthoepia* que damos a esta primeira parte da grammatica, é mais proprio e accommodado a caracterisal-a que o de *prosodia*.

«Só depois de descoberta a arte de separar em partes elementares e communs a massa confusa dos vocabulos, e a de as representar aos olhos e fixar por meio da escriptura, é que o espirito humano podia dar os passos que deu para analysar o discurso, e descobrir n'elle a analyse de seus proprios pensamentos, que antes não percebia. Esta analyse do discurso dependia de muitas observações particulares, e de muitas combinações para d'ellas se formarem noções geraes, que reduzissem a certas classes as partes elementares da oração segundo as suas significações e analogias, e bem assim as varias combinações que o uso fazia das mesmas, para exprimir todas as operações do entendimento, e tecer de tudo isto um systema seguido de grammatica. E posto que para tudo isto concorria já muito a lingua fallada, comtudo este systema completo nunca se chegaria a organisar, se a escriptura não fixasse a memoria dos primeiros descobrimentos, e não facilitasse assim a comparação do caminho andado com o que restava por andar. Tire-se a qualquer engenho, por superior que seja, o uso dos caracteres, e vêr-se-ha quantos conhecimentos lhe são inaccessiveis, aos quaes chega um talento ordinario com o subsidio dos mesmos. Os progressos que com os algarismos fez a sciencia dos numeros, dão a conhecer assás a importancia da escriptura alphabetica para os mais conhecimentos.

«Por tanto, assim como na ordem e na historia mesma dos descobrimentos humanos sobre a *arte de fallar*, a parte mecanica das linguas foi o primeiro objecto das indagações e trabalhos do homem, assim o que as mesmas linguas tem de logico e discursivo, devia ter o segundo lugar na ordem dos mesmos descobrimentos, e o teve com effeito: pois que Aristoteles, muito posterior a Platão, foi o primeiro dos escriptores gregos que sabemos se adiantasse na sua poetica a distribuir as palavras em certas classes, e a distinguil-as entre si por seus differentes caracteres e propriedades.

«Na ordem d'estes conhecimentos logicos sobre a lingua, é sem duvida que os homens se occupariam em considerar primeiro as palavras, que são signaes assim das idéas que fazem o objecto dos nossos pensamentos, como das relações que as mesmas podem ter comsigo e com outras, do que em considerar estas mesmas palavras combinadas e coordenadas entre si em ordem a exprimirem o pensamento. Pois que primeiro é conceber e exprimir as idéas do que comparal-as. Os primeiros grammaticos pois, re-

flectindo sobre a semelhança e dissemelhança das funcções que as palavras exercitam na enunciação de qualquer pensamento, advertiram que umas tinham as mesmas, e outras não. Estas differenças os conduziram a reduzir a certas classes todas as palavras da sua lingua; e a esta parte da grammatica, que trata das partes elementares do discurso e de suas propriedades e analogias, deram o nome de *etymologia;* não porque ella se occupe em indagar as origens particulares de cada palavra, mas porque trata dos signaes artificiaes das nossas idéas, que por isso Aristoteles lhe dá o nome de *symbolo*, e Cicero nos *Topicos*, cap. 8, traduzindo a mesma palavra, lhe chama *notationem, quia sunt verba rerum notæ.*

«Na *etymologia* pois não consideram os grammaticos as palavras senão em si mesmas, attendendo ás suas funcções e natureza. Passando porém depois a olhal-as unidas em discurso para formarem os differentes paineis do pensamento, observaram que segundo as differentes relações que as idéas tinham entre si, ou de identidade e coexistencia, ou de determinação e subordinação, assim as palavras para representarem estas relações mutuas, tomavam ou differentes fórmas e terminações, ou differentes preposições, pelas quaes ou concordavam entre si, ou regiam umas a outras; e a esta ordem das partes da oração, segundo sua correspondencia ou sua subordinação, deram os grammaticos o nome de *syntaxe*, que quer dizer *coordenação* de partes.

«A grammatica pois, que não é outra cousa, segundo temos visto, senão a *arte que ensina a pronunciar, escrever e fallar correctamente qualquer lingua*, tem naturalmente duas partes principaes: uma *mecanica* que considera as palavras como meros vocabulos e sons articulados, já pronunciados, já escriptos, e como taes sujeitos ás leis physicas dos corpos sonoros e do movimento; outra *logica*, que considera as palavras, não já como vocabulos, mas como signaes artificiaes das idéas e suas relações, e como taes sujeitos ás leis psychologicas que nossa alma segue no exercicio das suas operações e formação de seus pensamentos: as quaes leis, sendo as mesmas em todos os homens de qualquer nação que sejam ou fossem, devem necessariamente communicar ás linguas, pelas quaes se desenvolvem e exprimem estas operações, os mesmos principios e regras geraes que as dirigem. Á parte mecanica das linguas e sua grammatica pertencem a *orthoepia* e a *orthographia*, e á parte logica pertencem a *etymologia* e a *syntaxe*.

«Toda a grammatica é um systema methodico de regras, que resultam das observações feitas sobre os usos e factos das linguas. Se estas regras e observações tem por objecto tão sómente os usos e factos de uma lingua particular, a grammatica será tambem *particular*. Se ellas porém abrangem os usos e factos de todos ou da maior parte dos idiomas conhecidos, a sua grammatica será *geral*. Uma e outra póde ser, ou sómente *pratica* e *rudimentaria*, ou *philosophica* e *razoada*. Aquella não sobe acima d'estas observações e regras praticas, que a combinação dos usos da lingua facilmente subministra a qualquer, para d'ella formar estes systemas analogicos a que de ordinario se reduzem quasi todas as artes vulgares de grammatica.

«Porém se o espirito se adianta a indagar e descobrir, nas leis physicas do som e do movimento dos corpos organicos, o mecanismo da formação da linguagem, e nas leis psychologicas as primeiras causas e razões dos procedimentos uniformes que todas as linguas seguem na analyse e enunciação do pensamento, então o systema que d'aqui resulta, não é já uma grammatica puramente pratica, mas scientifica e philosophica.

«Toda a grammatica particular e rudimentaria, para ser verdadeira e exacta nas suas definições, simples nas suas regras, certa nas suas analogias, curta nas suas anomalias, e assim facil para ser entendida e comprehendida dos principiantes, deve ter por fundamento a grammatica geral e razoa-

da. Porque, subindo esta ás razões e principios geraes da linguagem, é que melhor póde dar noções dos signaes, das idéas, descobrir todas as analogias de uma lingua particular, e reduzir a ellas muitas anomalias que os ignorantes contam por taes, não o sendo realmente.

«Por outra parte, sendo a grammatica de qualquer lingua a primeira theoria que principia a desenvolver o embryão das idéas confusas da idade pueril; e dependendo da exactidão de seus principios o bom progresso nos mais estudos, ella deve ser uma verdadeira logica, que ensinando a fallar, ensine ao mesmo tempo a discorrer. Que por isso a grammatica foi sempre reputada como uma parte da logica, pela intima connexão que as operações do nosso espirito tem com os signaes que as exprimem. E esta é a razão por que os antigos philosophos, e os stoicos principalmente, se faziam cargo d'ella nos seus tratados de philosophia, como Protagoras, Platão, Aristoteles, Theodectes, Diogenes, Palemon, Chrysippo e outros, sobre os quaes se póde vêr Laercio nas suas vidas, e Quintiliano *Inst. orat.* I, 6.

«Se semelhantes homens tivessem continuado a illustral-a com suas meditações e escriptos, teria ella desde tempos mais antigos tomado outra face e outro lustre. Porém deixada pelos philosophos nas mãos de homens ou ignorantes ou pouco habeis, se reduziu a um systema informe e minucioso de exemplos e regras, fundadas mais sobre analogias apparentes que sobre a razão, á qual só pertence inquirir e assignar as verdadeiras causas da linguagem, e segundo ellas ordenar a grammatica de qualquer lingua particular. D'aqui nasceram todas estas artes enfadonhas de grammatica latina, cheias de mil erros e de tantas excepções quantas são as regras. O que tudo repetido e copiado cegamente de idade em idade, sem nunca ter sido submettido a exame, sem elle tambem foi servilmente applicado ás grammaticas das linguas vulgares.

«Mas felizmente aconteceu em nossos tempos, que Sanches principiasse entre os hespanhoes a sacudir o jugo da authoridade e preoccupação n'estas materias, e introduzindo na grammatica latina as luzes da philosophia, descobrisse as verdadeiras causas e razões d'esta lingua, que até então, ou ignoradas ou não advertidas, tinham enchido esta materia de confusão e desordem, e que, seguindo depois seu exemplo outros grandes homens e philosophos, tratassem pelo mesmo methodo e reformassem a grammatica das linguas vivas, pondo primeiro e estabelecendo principios geraes e razoados da linguagem, e applicando-os depois cada um á sua lingua. Este trabalho, que depois foi continuado, começaram mr. Arnaud na lingua franceza, Wallis e Starris na ingleza, e Lancelot na hespanhola e italiana.

«Portugal conheceu grammaticas portuguezas ainda antes que outras nações civilisadas tivessem uma na sua lingua. Quando Ramos em 1572 publicou a primeira grammatica da lingua franceza, já Portugal tinha a de Fernão d'Oliveira dada á luz em 1536, e a de João de Barros em 1539. Estas foram seguidas do *Methodo grammatical* de Amaro de Roboredo, impresso em Lisboa em 1619, da *Grammatica* do P. Bento Pereira, em Lyão, no de 1672, da de D. Jeronymo Contador d'Argote, em Lisboa 1721, e finalmente da de Antonio José dos Reis Lobato, em 1771.

«Mas todas estas grammaticas, além de muitos erros e defeitos particulares, que nos seus lugares notarei, tem o commum de serem uns systemas meramente analogicos, e fundidos todos pela mesma fórma das grammaticas latinas; e n'esta mesma consideração ainda mui imperfeitos por falta de muitas observações necessarias sobre o genio particular e caracter da lingua portugueza. Grande parte d'estes defeitos emendou já o author dos *Rudimentos da grammatica portugueza*, impressos em Lisboa em 1799, tomando por guia quási em tudo a *Grammatica da lingua castelhana composta pela real academia hespanhola*, que en-

tre as das linguas vulgares tem merecido um distincto louvor.

«Esta grammatica porém é mais um systema analogico de regras e exemplos, do que logico; e posto que reforme muitos abusos das antigas grammaticas, segue comtudo a mesma trilha, e desamparando os principios luminosos da grammatica geral e razoada, multiplica em demasia as regras que poderia abreviar mais reduzindo-as a idéas mais simples e geraes. Nenhuma d'estas duas grammaticas se faz cargo de orthoepia e orthographia, partes essenciaes e importantes a qualquer grammatica vulgar. Porque a grammatica da lingua nacional é o primeiro estudo indispensavel a todo o homem bem creado, o qual, ainda que não aspire a outra litteratura, deve ter ao menos a de fallar e escrever correctamente a sua lingua: o que não poderá conseguir sem todas as partes d'aquella arte.

«Esta arte, além d'isso, não deve ser meramente pratica nem um estudo só de memoria. Deve comprehender as razões das praticas do uso, e mostrar os principios geraes de toda a linguagem nos do exercicio das faculdades da alma, e formar assim uma logica pratica, que ao mesmo tempo que ensina a fallar bem a propria lingua, ensine a bem discorrer. As linguas são uns methodos analyticos que Deus deu ao homem para desenvolver suas faculdades. Ellas dão o primeiro exemplo das regras da analyse, da combinação e do methodo, que as sciencias as mais exactas seguem nas suas operações. As regras propostas por este methodo reduzem-se a menos, porque se unem ao mesmo principio; percebem-se melhor, porque se sabe a razão d'ellas; e fixam-se mais na memoria, porque se ligam umas com outras.

«Aquelles que aspiram a estudos maiores, e para entrarem n'elles tem de aprender as linguas sabias, levam uma grande vantagem com aprender primeiro a grammatica da sua lingua. O que as linguas mortas tem de mais escabroso é a theoria grammatical, que sendo de sua mesma natureza sublime e abstracta, é a que custa mais a quem ainda não tem habito de discorrer. Esta theoria, applicada primeiro á propria lingua, percebe-se e comprehende-se muito mais facilmente do que applicada a linguas desconhecidas. Vencida esta primeira difficuldade no estudo da lingua propria, o caminho fica plano e desembaraçado para o das mais, que tem os mesmos principios geraes, e não se differençam senão nas fórmas accidentaes que cada uma escolheu para indicar as mesmas idéas e fazer d'ellas as mesmas combinações. Assim como quem estudou a grammatica latina poupa metade do trabalho quando entra no estudo da grammatica grega, porque acha n'esta as mesmas noções geraes que já sabe; assim quem primeiro estudar a proposito a grammatica da propria lingua, não achará difficuldade alguma na da lingua latina; e o tempo que n'aquella gastar, ganhará n'esta com grande usura.

«Já o nosso João de Barros conheceu esta verdade em seu tempo. Pois no «dialogo em louvor da nossa linguagem», pag. 230 da edição de Lisboa de 1785, faz discorrer a seu filho da maneira seguinte: «Cá se não soubera da grammatica portugueza o «que me vossa mercê ensinou, pare- «ce-me que em quatro annos soube- «ra da latina pouco, e daquella muito «menos. Mas com saber a portugueza «fiquei alumiado em ambas, o que «não succederá a quem souber a la- «tina.» O que o mesmo zeloso escriptor tanto desejava «que nas villas nobres e nas cidades pozesse o governo mestres capazes que podessem ensinar á mocidade a grammatica da sua propria lingua», executou felizmente em nossos tempos o senhor rei D. José, de gloriosa memoria, estabelecendo por toda a parte professores publicos de grammatica e lingua latina, e ordenando-lhes pelo alvará de 30 de setembro de 1770, que, quando em suas classes recebessem os discipulos para lhes ensinar a dita lingua, os instruissem primeiro na grammatica portugueza por tempo de seis mezes, se tantos precisos fossem.

«Para esta instrucção se propunha então a grammatica de Antonio José dos Reis Lobato. Mas depois d'aquelle tempo tem sahido outras artes á luz, e esta agora, para o publico escolher a que melhor lhe parecer. Em todas ellas ha cousas que só os mestres devem estudar para as explicar a seus discipulos; outras que devem aprender, como os usos particulares e idiotismos da lingua; e muitas que devem decorar, como são os paradigmas todos das partes da oração e regras de suas terminações, conjugações e syntaxe. As regras mesmas da boa pronunciação e escriptura devem entrar no ensino da grammatica, para emendar muitos vicios que os mestres de primeiras letras, pela maior parte idiotas, não são capazes de corrigir. Em um homem bem creado revela-se mais, e é menos vergonhoso um erro de syntaxe, que um erro de pronunciação ou de orthographia, porque aquelle póde nascer da inadvertencia, estes são sempre effeitos da má educação.» (Soares Barbosa).

GRANDES, GRANDEZA. Quasi que parece ser menos mau que os grandes procurem a gloria, e ainda vaidades nas suas acções, porque ao menos sempre se tira a vantagem de que a vaidade os obriga a fazer o bem que sem ella não fariam. — Quando os grandes intentam capacitar-nos que possuem alguma boa qualidade, que realmente não teem, é perigoso mostrar que d'ella se duvída, porque tirando-lhe a esperança de poder enganar os olhos do mundo, tambem se lhes tira o desejo de fazer aquellas boas acções, que são conformes ao que elles affectam. — Os grandes da terra nem podem dar a saude do corpo, nem o descanço do espirito, e assim caros se compram sempre quaesquer bens, que possam distribuir. — Pela maior parte os grandes só se deixam penetrar do cuidado da sua grandeza, ou particulares interesses a que sacrificariam todo o resto do genero humano. — Persuadem-se os grandes, que lhes são devidos os cuidados dos mais homens, porque estes nas continuas applicações que lhes rendem não fazem mais que encher as suas obrigações. — Conhece muito mal os grandes quem pretende adquiril-os por serviços. — Não ha regra certa para conhecer os grandes; muitas vezes admittem com familiaridade uma pessoa indigna sem mais prestimo que o de algum particular divertimento para que lhes serve. — Tão costumados estão os grandes a ouvir louvar-se, que o maior louvor lhes não faz a minima impressão; semelhantes a certos voluptuosos, que pelo muito uso de delicadas iguarias chegam aos termos de enfastiar a mais exquisita. — Ha muitos meios para adquirir a benevolencia dos grandes; o da virtude é incerto, pouco seguro o da lisonja, infallivel o de condescender com elles nos seus appetites. — Uma das excellencias que tem os grandes é ás vezes ter a seu lado quem nas qualidades do espirito os excede. — Quizera me desenganassem se acaso é credito dos poderosos, que um homem cheio de virtude, e sabedoria, para ser util ao estado viva em extrema pobreza. — É bem difficil fazer o papel de grande n'este mundo; todas as qualidades precisas para o representar com esplendor se evitam no estado mediocre onde ha menos sujeição, e liberdade. — O pouco caso, que os grandes fazem dos sabios não é desprezo, é um ciume de entendimento, porque não podem supportar quem os exceda na prenda mais estimavel do homem. — É uma politica muito antiga entre os grandes o attender os poetas pela grande utilidade de que lhes servem; gostam que elles publiquem como prodigios, por minimas, que sejam, as acções boas, que lhes justifiquem as más, que lhes palliem os defeitos, que lhes exagerem a virtude; e este é o officio do poeta. — Pelo exterior é que o povo fórma o conceito dos grandes, pelo mais, ou menos de carruagem, criados, e talvez macacos, anões, bobos, e andarilhos se regula o mais, ou menos da sua estimação. — De ordinario o povo não tem meio no modo de fallar dos grandes; ou diz muito bem, ou muito mal. — As paixões

dos grandes em tudo são semelhantes ás dos outros homens, só se differençam nos meios, que applicam para as satisfazer. — Pouco é preciso em os grandes para se lhes sujeitarem os pobres; logo, de que nos admira vêr facilmente desprezar o que com tão pouco se adquire? — Devemos assentar em que os grandes sempre são precisos no mundo, ainda que não fosse mais que para exercicio da paciencia dos que o não são. — A authoridade, que os grandes querem ostentar sobre os que lhe são inferiores em nascimento, mas superiores em juizo é a causa de não receberem d'estes as utilissimas lições de que poderiam tirar copioso fructo. — Ás pessoas ordinarias sempre se deve dar conselho que fujam das grandes, porque n'este contacto perde-se mais do que se ganha. — A prova mais evidente do pouco que os grandes estimam a virtude, é vêr os seus palacios habitados de toda a qualidade de pessoas menos as virtuosas. — Quem, apesar do seu humilde nascimento, quizer frequentar os grandes, deve antecipadamente ir preparado com os ensaios dos maiores desprezos. — Os homens grandes sentem mais embaraço nas pequenas acções, que os ordinarios, porque estes tem as virtudes mediocres, que são preciosamente as que fazem o feliz exito das cousas de pouca consequencia. — A humildade é o caminho mais seguro para chegar á grandeza, uma altivez mal entendida quasi sempre é a que fecha á maior parte dos homens a porta para a sua elevação. — Quem quer chegar a ser grande é preciso que primeiro saiba ser pequeno; porém o uso d'esta regra é trabalhoso para a maior parte dos homens, que naturalmente orgulhosos não querem humilhar-se. — Grandezas, fortunas, honras, dignidades, inexhaurivel origem de inquietações. — A maior grandeza do maior homem é o desprezo da maior grandeza. — O verdadeiro brazão dos grandes é proteger os pequenos, porém o uso d'esta maxima é bem mal entendido; a sua verdadeira intelligencia é valer aos virtuosos, e sabios, que se acham em indigencia, aos pobres, que vivem com honra, e não a malfeitores, e pessoas extravagantes, de prestimos indignos. — Não ha sitio em que peor pareça a ferida que no semblante, assim os vicios em pessoa nenhuma parecem peor que nos grandes.

GRAVIDADE. 1. A *attracção* ou *gravitação universal*, é a força em virtude da qual todos os corpos do universo tendem uns para os outros. Particularmente, chama-se *gravidade* á attracção dos graves para a terra. A attracção exerce-se proporcionalmente ás massas dos corpos, e na razão inversa do quadrado das distancias que as separam. Assim, representando a attracção de um corpo para outro por 1, esta attracção se exprimirá por 2, duplicando a massa do primeiro corpo; por 3, triplicando-a; e assim por diante, conservando-se constante a distancia entre os dous corpos; e, conservando invariaveis as massas dos dous corpos, duplicando a distancia, a attracção será *quatro* vezes menor; triplicando-a, será *nove* vezes menor; etc.; pois que os numeros 4, 9,..., são os quadrados das distancias correspondentes: 2, 3,... É n'isto que consiste a *lei newtonianna*, que tomou o nome do illustre geometra que a descobriu. — A attracção d'um ponto material para outro exerce-se segundo a recta lançada entre estes dous pontos. — A attracção de um corpo para outro, resulta das attracções de cada um dos atomos do primeiro corpo para todos os atomos do segundo. Estas attracções elementares variam em direcção e intensidade; mas podem ser substituidas por uma só força, a qual é o que se chama a sua *resultante*.

Assim, os corpos collados na superficie da terra são attrahidos por todos os atomos materiaes que compõem o globo terrestre; do que resulta uma força geral, que faz cahir os corpos no sentido da *vertical*, isto é, perpendicularmente á superficie das aguas em quietação. Estes corpos attrahem tambem a terra, em virtude da reciprocidade de acção; mas as forças attracti-

vas sendo iguaes para cada elemento material tanto da terra como dos corpos, o movimento d'estes torna-se sensivel, em quanto que o que resulta da sua acção sobre a terra, cuja massa é incomparavelmente maior, não se torna apreciavel. — A attracção da terra para um corpo collado na sua superficie, é uma força *constante*, isto é, uma força que attrahe sempre do mesmo modo e sem interrupção. Concebe-se a acção d'esta força, suppondo que ella obra por impulsões iguaes, em intervallos de tempo iguaes e mui curtos; de sorte que um corpo cahindo recebe estas pequenas impulsões que irão augmentando sua velocidade proporcionalmente ao numero d'ella, e por consequencia proporcionalmente ao tempo. Por exemplo, se o corpo parte da quietação e cahe livremente, unicamente solicitado pela gravidade, recebe, ao primeiro segundo, um numero de impulsões tal que no fim d'este segundo adquiriu uma velocidade de 10^{m}; isto é, que, se a gravidade cessasse de obrar no fim do primeiro segundo, o corpo em virtude da inercia continuaria a mover-se, percorrendo 10 metros por segundo. Durante o segundo seguinte, actuado pela gravidade, receberá tantas impulsões quantas tinha recebido durante o primeiro segundo; de sorte outro segundo, sua velocidade será dupla, isto é, 20 metros. Continuando por fórma igual o raciocinio, vê-se que no fim do terceiro segundo o corpo adquire uma velocidade tripla, ou de 30 metros; e assim por diante: a velocidade final é pois proporcional ao tempo.

2. Demonstra-se que o espaço percorrido por um corpo que no vacuo é igual a $4^{m},9$ (em Paris) multiplicados pelo *quadrado* do numero de segundos da sua queda. Tomando pois successivamente 1, 2, 3, 4, etc., segundos, os espaços percorridos serão $4^{m},9$ multiplicados respectivamente por 1, 4, 9, 16, etc., que são os quadrados dos tempos. Finalmente, querendo obter os espaços percorridos durante cada um dos segundos successivos, deve-se subtrahir o espaço percorrido no primeiro segundo do percorrido nos dous primeiros; depois subtrahir o espaço correspondente a dous segundos do espaço correspondente a tres, e assim por diante; o que dará para as expressões dos espaços percorridos durante o primeiro, segundo, terceiro, quarto, etc., segundos, a quantidade $4^{m},9$ multiplicada respectivamente pelos numeros 1, 3, 5, 7, etc., os quaes formam a serie dos numeros impares. Convem notar que a queda dos graves opera-se com igual velocidade, qualquer que seja a especie de materia de que os corpos são formados, comtanto que a queda se realise no vacuo; pois que, de contrario, o ar oppõe resistencia variavel na razão da densidade e da fórma dos corpos. Este principio é uma consequencia da lei da attracção: a proporcionalidade da força attractiva ás massas dos corpos; pois que se uma quantidade de materia, representada por 1, é attrahida por uma força, representada tambem por 1, uma quantidade de materia representada por 2 será attrahida por uma força representada por 2; isto é, cada uma d'estas duas unidades de massa será attrahida por uma força. (Veja EQUILIBRIO, DENSIDADE).

GRAVURA. «A gravura em madeira, que muitos querem fosse descoberta ou introduzida na Europa entre os annos de 1400 a 1430, predominou por mais de dous seculos, ainda mesmo depois de generalisada a typographia, e até chegou a ser indispensavel ornato dos livros, mórmente os de devoção: afrouxou depois pouco a pouco, sendo offuscada pela sua brilhante rival, a gravura em cobre. André Mantegna, nascido em 1451, e fallecido em 1517, pintor da escóla lombarda, foi o inventor de abrir as estampas a buril. E Thomaz Finiguerra, ourives de Florença, em 1452, foi o author da impressão de gravuras feitas em metal. A estampa que apresentamos reproduzida (veja *Archivo Pittoresco*, tom II, pag. 257), foi, no anno de 1631, gravada por Bartholomeus Coriolanus Eques Bononiensis, o qual abriu em madeira as

obras de Guido Reni, e as dedicou ao papa Urbano VIII, que o gratificou com o titulo de cavalleiro do Loreto, cuja ordem havia sido instituida pelo papa Xisto V, no anno de 1587. Usavam os cavalleiros de esporas douradas, pelo que foram chamados *cavalleiros dourados*, e traziam ao peito uma medalha com a imagem de Nossa Senhora do Loreto. Representa a gravura Salomé, apresentando a sua mãi Herodias, neta de Herodes o grande, a cabeça de S. João Baptista, como consta do Evangelho de S. Matheus cap. XIV, V, II. «E foi trazida a sua cabeça em um prato, e dada á moça, que a levou a sua mãi.» Esta passagem foi assumpto d'um quadro de Guido Reni, de que se tirou a gravura. Nasceu este pintor em Calvenzano, perto de Bolonha, no anno de 1575; foi discipulo de Agostinho e Annibal Caracci. Apenas sahiu da escóla dos Caraccis, imitou o estylo de Miguel Angelo Amerigi de Caravagio; e d'esta primeira maneira é a crucifixão de S. Pedro, na nova sacristia vaticana. Depois adoptou outra maneira mais graciosa e transparente, na qual a encarnação parece ter sangue que circula, e n'este segundo estylo pintou um S. Miguel, nos Capuchinhos em Roma. Ha d'elle muitos quadros d'uma terceira fórma negligente, e com esta pintou as obras, que, perseguido da miseria por causa do jogo, vendia aos contractadores de quadros. Geralmente se admira nas suas obras a graça e a magestade, delicado gosto de desenho e de roupagens; cabeças que assombram tanto pela expressão dos gestos, como pela fórma graciosa que soube dar aos beiços, e por uma certa modestia nos olhos. Nada mais seria para desejar nas suas obras, senão o espirito e gesto de Annibal Caracci. Guido Reni morreu em 1642. Pertenceu á escóla bolonheza; os caracteres distinctos d'esta escóla são grande gosto de desenho, formado sobre o antigo, e sobre a bella natureza; côres mui naturaes, contornos fluidos, e uma rica disposição, com um toque judicioso, nobre e engraçado. Soube formar um composto do bom e do bello das outras escólas, e é-lhe devedora a pintura por se ter opposto ao gosto amaneirado, que n'aquelles tempos dominava na Italia. Deduz sua origem da escóla lombarda, de que foi chefe André Mantegna, já citado.

«*Agostinho Soares Floriano.* — Gravador. No *Regimento do santo offic. da inquis.*, impresso em Lisboa, nos Estaus, por Manoel da Silva, anno de 1640, em folha, vem uma bella portada, aberta em metal com a subscripção: *Agostinho Soares Floriano fez.* No 1.º tomo dos *Sermões* do padre Francisco do Amaral, impresso em Braga por Gonçalo de Basto, vem a portada e titulo aberto em chapa de metal com a subscripção: *August. Suar. Florian fecit.*

«*Amaro Marques.* — Natural de Lisboa, nasceu em 15 de janeiro de 1730. Foi perito na sua arte, mas mais feliz em copiar do que em inventar. Fez as medalhas do SS. Coração de Jesus, e todos os cunhos que lhe foram distribuidos na casa da moeda, sendo comtudo coadjuvado em algumas d'estas obras pelo excellente artista Figueiredo. Falleceu em 2 de janeiro de 1776, e jaz na igreja de S. Paulo d'esta cidade.

«*André Veterano.* — Na obra intitulada: *Oxoniense Scriptum...* etc., impressa em Coimbra por Diogo Gomes Loureiro, anno 1609, em folha, vem no frontispicio uma estampa fina, e de algum merecimento, aberta em metal. A subscripção diz: *Andreas Veteranus fecit.*

«*Antonio Mangin*, francez. — Nascido em 1690. Estudou a gravura em Paris, e vindo para Lisboa no anno de 1720, foi nomeado abridor geral da casa da moeda de el-rei D. João V. Fez os punções da moeda sobre os desenhos do insigne Vieira Lusitano, e foi encarregado de muitas medalhas, como, por exemplo, as da fundação de Mafra, da academia real da historia, de N. Senhora da Conceição, da memoria de Belem, etc. São do seu buril todos os retratos da moeda dos senhores D. João V e D. José I, e da sua escóla sahiram excellentes discipulos. Foi cavalleiro professo na or-

dem de Christo, e tratou-se sempre com muita dignidade. Falleceu em outubro de 1772 e jaz na igreja parochial de S. Paulo.

«*Antonio Martins de Almeida.* — Optimo ensaiador de moeda lhe chama o author da *Histor. geneal.*, tom. IV, pag. 421, e diz que como tal, e por sua grande pericia n'esta arte fôra pedido de Hespanha. Faz d'elle menção Pons, na sua *Viagem de Hespanha*, tom. IX, cart. 6, n.º 17, dizendo que fôra a Sevilha mandado pela côrte para regular as operações da fabrica da moeda, pelos annos 1730 e seguintes.

«*Antonio Pereira.* — Gravador. Na obra *Tyrocinium theologiæ*, impressa em Lisboa na officina Craesbeeckiana em 1668, vem no 1.º vol. uma estampa com a subscripção: *Antonius Pereira excudebat.*

«*Antonio Pinto.* — Gravador. Na obra intitulada: *Histor. do apparecimento de N. Senhora da Luz*, impressa em Lisboa por Pedro Craesbeeck, em 1610, em 4.º, vem uma estampa de N. Senhora, com sua tarja, e ornamentos, aberta em chapa de metal com a subscripção: *Antonio Pinto Lusitano esculp.*

«*Antonio Quillard.* — Gravador. Foi este um dos artistas, que no reinado de el-rei D. João V, por ordem d'este soberano, e por occasião da fundação da academia real da historia, foram chamados para Portugal, e aqui se estabeleceram, e exercitaram as suas artes. Ha muitas estampas do buril de Antonio Quillard em diversas obras da academia real da historia e dos seus socios. (Veja as *Ultimas acções do duque de Cadaval*, impressas na officina da Musica em 1730). Firmava as suas gravuras: *Ant. Quillart invenit et sculpsit.*; outras vezes: *A. Quillard f.*

«*B. de Almeida.* — Gravador. No *Theatro histor. geneal. e panegyr.* da casa de Sousa, impresso em Paris em 1694, cujas excellentes estampas são de Giffart, gravador do rei, vem a primeira do frontispicio com esta nota: *B. de Almeid incid. 1693 — P. Giffart fecit sculptor Regius. Parisiis*, aonde *B. de Almeida*, parece indicar artista portuguez, que por ventura trabalhava em Paris debaixo da direcção de Giffart.

«*Bento Morganty.* — Celebre antiquario, e artista portuguez. Acham-se na *Histor. geneal.* medalhas e moedas gravadas por elle com a subscripção: *B. Morganti delin.*

«*Bernardo Fernandes.* — Gravador. No poema *Elisabetha triumphans*, de fr. Jeronymo Vahia, benedictino, impresso em Lisboa em 1732 em 12.º, se vê um frontispicio aberto a buril, com o retrato do author, titulo da obra e ornamentos, e no fundo a subscripção: *Bernardo Fernandes, Lisboa occid.*

«Conjecturamos que será do mesmo gravador a estampa do retrato de Manoel de Faria e Sousa, que vem na obra intitulada: *Retrato de Faria e Sousa*, impressa em Lisboa em 1733, a qual estampa é aberta a buril, e tem esta subscripção: *Bernardo F. Gayo comp. Escu. Lisb. occid.*

«*Bernardo dos Santos.* — Gravador. Na obra intitulada: *El doctor eximio y vener. P. Francisco Soares*, etc., impressa no real collegio das artes, em Coimbra, anno 1731, vem a estampa do retrato do P. Soares, assás grosseira, com a subscripção: *Bernardo dos Santos a fez. 1730.*

«*Braz Nunes.* — Gravador. Na *Ethiopia orient.* de fr. João dos Santos, impressa no convento de S. Domingos, em Evora, anno 1609 por Manoel de Lira, em folha, vem a portada do frontispicio, aberta em metal, com a subscripção: *Bras Nunes fecit.*

«O *Itinerario da India* de fr. Gaspar de S. Bernardino, impresso em Lisboa, na officina de Vicente Alvares, em 1611, em 4.º, tem o frontispicio e titulo abertos em metal com varios ornamentos, e ahi se vê tambem a subscripção: *Bras Nunes fecit.*

«*Caetano Alberto de Almeida.* — Em concurso, que se abria na casa da moeda de Lisboa, gravou este concorrente uma medalha de Camões, de que possuo um exemplar. Tem o anno 1821, e na face, e no exergo se lê: *Almeida f.*

«*Caetano Alberto Nunes de Almeida.*

— Nasceu em Lisboa a 7 de agosto de 1795, e foi baptisado na parochia de Santa Justa. Seu pai se chamava João Nunes de Almeida. Em 18 de janeiro de 1812 foi matriculado na academia de desenho historico. e n'ella foi premiado em concurso. Em 1813 matriculou-se praticante de gravura das pedras preciosas na casa da moeda. aonde foi encarregado da gravura dos cunhos. e logo nomeado ajudante do distincto abridor José Antonio do Valle. Entrou em alguns concursos, em que talvez se lhe não fez a justiça que merecia. No anno de 1830 foi nomeado terceiro abridor de cunhos e medalhas. mas pouco tempo exercitou este cargo. Hoje trabalha para o publico.

«*Carlos de Rochefort*, filho. — É um dos gravadores, que trabalharam em Portugal no reinado de el-rei D. João v, filho de Pedro de Rochefort, de que fallaremos no seu lugar. Ha gravuras d'este artista na *Histor. univers. de Vallemont*, traduzida em portuguez, e impressa em 1737 com a subscripção: *Carlos de Rochefort, filho. 1783*. No segundo tomo da mesma obra vem uma estampa da arte do brazão, com a subscripção: *C. de Rochefort filius sculpsit*.

«*Carpinetti*. — Gravador. D'este artista faz menção Volkmar Machado na sua *Collecção de memorias*, etc., a pag. 115, aonde diz que Carpinetti fôra discipulo de Antonio Joaquim Padrão, e aponta algumas obras suas. Na *Recreação philosoph*. do P. Theodoro de Almeida, impressa em Lisboa por Miguel Rodrigues anno 1757, vem no tom. IV algumas estampas com a firma: *Carp. sculp. Lisboa*.

«A bella estampa que representa o marquez de Pombal, com a letra: *Dignum laude virum Musa vetat mori*, aberta a buril, tem as subscripções: *Parodi vultum expressit: Carpinetti Lusitanus delineavit et esculp. 1759*.

«Volkmar lhe dá o nome de João Silverio Carpinetti.

«*Clemente Billingue*. — Gravador. Nas *Empresas de S. Bento*, compostas por fr. João dos Prazeres, benedictino, e impressas em 1685, em folha, se vê a estampa do frontispicio com a nota: *Clemens Billing. f.* Outra obra intitulada: *Cordel triplicado*, etc., em 4.º, tambem tem estampas do mesmo gravador.

«Em uma arte de musica, intitulada *Arte minima*, impressa em 1685, vem uma estampa aberta em metal, e firmada: *Clemente Billing*.

«*Cypriano da Silva Moreira*. — Natural de Lisboa, filho de Crispim da Silva, nasceu em 1754, e logo desde tenra idade mostrou particular inclinação e genio para o desenho. Estudou esta nobre e bella arte no arsenal real do exercito, aonde deu brilhantes provas de seu engenho em muitas obras, que foram encarregadas a seu mestre João de Figueiredo, e que este confiava da singular pericia do seu habil discipulo. É producção de seu talento a medalha allegorica do Porto com a effigie de el-rei o senhor D. João VI, desenho original do excellente artista Joaquim Carneiro da Silva. Mas a obra que mais honra o seu talento, e em que mais coadjuvou seu mestre, é a bella medalha da estatua equestre de el-rei D. José I, de meio palmo de diametro, aonde se vê todo o primor do buril d'este digno artista. Foi encarregado de abrir os sellos do papel, e os do papel-moeda, e trabalhou em 1814 nos cunhos para a baixella que o governo portuguez offereceu a lord Wellington, mostrando n'estas e em muitas outras obras suas, e até nos mais pequenos esboços, a sua grande pericia, e esmerada perfeição. Em 1816 obteve o lugar de abridor extraordinario da casa da moeda, e tendo desempenhado este cargo por alguns annos, falleceu em setembro de 1826, e foi sepultado no cemiterio da irmandade do Santissimo Sacramento da parochia de S. Paulo d'esta cidade de Lisboa.

«*Domingos José da Silva*. — É irmão do benemerito gravador Simão Francisco dos Santos, de quem recebeu as primeiras luzes da arte. Matriculou-se na academia de desenho, aonde fez progressos, e mereceu alguns dos maiores premios. Frequentou tambem a escóla de gravura do Arco do Cego,

debaixo do magisterio e direcção de Joaquim Carneiro da Silva. No anno de 1804 vindo para Lisboa o insigne gravador florentino Francisco Bartolozzi, foi um de seus primeiros e mais aproveitados discipulos. Existem muitas obras que dão testemunho do genio raro, que tinha para a bella arte da gravura, sendo uma das melhores (a juizo dos intelligentes) a estampa do *Senhor Jesus da boa sentença*. Em 1830 obteve o nosso artista o lugar de abridor extraordinario da casa da moeda, com a condição de ensinar as suas prendas artisticas. Finalmente deixou a casa da moeda para continuar no exercicio de gravura de chapa, e em testemunho e premio de seus distinctos merecimentos e serviços, foi em 1836 nomeado professor de gravura na academia das bellas-artes de Lisboa, aonde continua no exercicio do magisterio com dignidade.

«*Francisco Bartolozzi*. —(Veja-se a respeito d'este illustre artista e grande mestre da bella arte da gravura, a noticia que d'elle dá Volkmar a pag. 289).

«*Francisco de Borja Freire*. — É natural de Lisboa, nascido em 1790, filho de João Luiz Freire. Sendo de idade de nove para dez annos, começou a sua carreira artistica no arsenal real do exercito, tendo por mestres os Figueiredos, pai, e filho. Em 1814 foi despachado praticante de abridor da casa da moeda. Trabalhou na magnifica baixella, que o governo offereceu a lord Wellington, debaixo da direcção do distincto artista Sequeira. Na casa da moeda coadjuvou, na gravura dos cunhos, a seu tio Cypriano da Silva Moreira, e por fallecimento d'este ficou supprindo o seu lugar, até que procedendo-se a concurso para o provimento da propriedade, obteve plena approvação em 1828. Pouco depois, em 1830, foi nomeado segundo abridor da casa da moeda, e alcançou por seus talentos e serviços a condecoração da ordem de Christo, e de N. Senhora da Conceição de Villa-Viçosa. Em 1836 foi mandado á côrte de Londres para melhor se aperfeiçoar na gravura, e ahi fez excellentes cunhos de retratos gravados em fundo, e todos os ponções de sua magestade a rainha senhora D. Maria II. Actualmente continua no estudo de cunhos de medalhas na casa da moeda d'esta capital.

«*Francisco Gomes*.— Gravador. Gravou em cobre a maior parte das estampas das *Empresas de S. Bento*, compostas por fr. João dos Prazeres, benedictino, e impressas em 1685, em folha cujas chapas existiam ainda nos primeiros annos d'este seculo XIX, em um mosteiro benedictino, aonde as vimos.

«*Francisco Harrewyn*. — É um dos gravadores estrangeiros, chamados para Portugal em tempo de el-rei D. João V.

«São frequentes as obras d'esse tempo, em que se vêem estampas, e vinhetas com a subscripção d'este artista. O retrato de el-rei D. João I, estampado nas suas *Memorias*, tem a firma: *Francisco Harrewyn delineavit, et sculpsit. 1730*. O frontispicio d'esta mesma obra tem a subscripção: *Franciscus Vieira Lusitanus invenit : Francisco Harrewyn sculp. Lisboa.*

«Volkmar Machado explica-se a respeito d'este artista nos seguintes termos: *Francisco Harrewyn, abridor regio em Bruxellas, gravou os retratos dos senhores D. João* IV, *D. Affonso* VI, *D. Pedro* II *e D. João* V *em corpos inteiros*.

«*F. S. Bruno*. — Gravador. Na obra intitulada *Estrangeiros no Lima*, impressa em Coimbra em 1785 e 1791, vem algumas estampas com a subscripção: *F. S. Bruno sc. F. S. Bruno, gravou, Porto. Bruno fez, Porto.*

«*F. X. F.* — Na *Hist. univ.* de Vallemont, traduzida em portuguez, achamos no 3.º vol. impresso em 1745 algumas estampas de *medalhas* com a firma: *F. X. F. F.*

«As tres letras iniciaes do nome fizeram lembrar-nos o artista Francisco Xavier Fabri, genovez de que faz menção Volkmar Machado a pag. 229; mas não parece que se ajustem bem as datas, nem mesmo a especial arte de architecto, que Volkmar attribue a Fabri.

«*Francisco Xavier de Figueiredo.* — Nasceu em Lisboa em 4 de outubro de 1754. Foi seu pai e seu primeiro mestre o insigne gravador João de Figueiredo, de quem fizemos menção em lugar proprio. Em 1779 foi chamado pelo provedor da casa da moeda para coadjuvar o abridor Amaro Marques no desempenho de medalhas da fundação da igreja do Coração de Jesus, aonde deu provas de seu distincto talento. Em 1780 offereceu á casa da moeda o punção de sua magestade a rainha senhora D. Maria I, que foi empregado nas peças de ouro, e lhe grangeou o lugar de abridor do numero por decreto da mesma augusta senhora. Em 1802 fez tambem o punção para as peças de el-rei D. João VI. Serviu sempre com grande desempenho e esmero, e acabou seus dias ferido de apoplexia em 27 de outubro de 1818. Jaz sepultado na parochia de S. Paulo de Lisboa.

«*Gabriel Francisco Luiz Debrie.* — Gravador. É outro artista dos que foram chamados para Portugal no reinado do senhor D. João V, diz Volkmar a pag. 282, que era francez, e que gravou *muitas pranchas para a Hist. genealogica*, e que em 1739 abriu os retratos de el-rei e da rainha pintados por Ranc. Na *Hist. geneal.*, nas *Memorias dos templarios*, etc., achamos estampas e vinhetas suas, dos annos 1732, 1735, 1737, 1754, etc. Como porém Volkmar diz que Gabriel Francisco tivera um filho, nascido em Lisboa, e tambem gravador, nem sempre podemos discernir as estampas de um das do outro; porque achamos as subscripções ora com o nome inteiro, ora com só o appellido; v. g.:

«*G. F. L. Debrie invenit et sculps. 1737.*»
«*Debrie inv. et f.*» (*1754*).
«*Debrie delineator et sculptor Regius.*» (*1754*).
«*G. F. L. Debrie del. et sculps.*»

«As estampas da *Geometria* de Euclides do P. Manoel de Campos, são abertas por Debrie em 1735.

«*Granpré* (*de*). — Gravador. É ainda outro estrangeiro, que trabalhou em Portugal no reinado de el-rei D. João V. Na *Geograph. histor.* vem estampas suas, abertas em Lisboa, nos annos de 1729 e 1734.

«*Gregorio Francisco de Queiroz.* — Gravador. (Deve lêr-se Volkmar Machado a pag. 293). — Quando começamos estes apontamentos em 1825, era Queiroz tido por muitos como o melhor gravador que então havia no reino.

«A obra mais antiga, que d'elle temos visto, é a estampa do retrato de D. Eusebio Luciano de Carvalho Gomes da Silva, que vem no *Compendio* da vida d'este virtuoso mancebo, fallecido em Goa de 26 annos, eleito, e já confirmado em Roma bispo de Nankim. A obra foi impressa em 1792, e a estampa tem as subscripções: *G. F. A. Queiroz fez.* — *J. de Barros inv.* Esta segunda parece ser de Jeronymo de Barros, de quem Volkmar diz que Queiroz fôra discipulo no desenho, e gravura de agua forte.

«A linda estampa da morte de S. Luiz Gonzaga é aberta por Queiroz, e tem estas notas:

«*D. A. de Sequeira e A. R. inv. et del. 1799.*»
«*G. F. de Queiroz sculpt. em Londres, sendo disc. de F. Bartolozzi A. R.*» E no fundo:
«*Gregorio Francisco de Queiroz, pensionario do principe N. Senhor.*»

«A estampa do *Ecce homo*, ou do *Senhor Santo-Christo dos milagres*, que se venera na igreja das religiosas da Esperança da cidade de Ponta-Delgada na ilha de S. Miguel, foi aberta por Queiroz, e tem a subscripção: *G. F. de Queiroz grav. de S. Mag. sculp. em 1827.*

«O retrato do distincto artista Cyrillo Volkmar Machado, que vem á frente da sua *Collecção de memorias*, etc., é gravado por Queiroz com grande perfeição, a meu parecer. Tem a subscripção: *Queiroz G. de S. Mag. Fidel. sculp. em 1823;* no lado opposto se lê: *M. Servam pintou em 1791.*

«Tambem parece ser de Queiroz a estampa da imagem de N. Senhora do Carmo de Lisboa, que tem a subscripção: *G. f. f. Lx.*ª

«*Gaspar Froes Machado.* — Volkmar

a pag. 130 faz menção d'este artista, dizendo que gravou as estampas do retrato da rainha senhora D. Maria I, pintado por Hickey, retratista inglez, pelos annos de 1783. Foi Gaspar Froes discipulo de Joaquim Carneiro da Silva, segundo refere Volkmar a pag. 284. (Veja Volkmar a pag. 286).

«*Januario Antonio Xavier.* — Na *Histor. eccl. lusit.* de D. Thomaz da Encarnação, impressa em Coimbra em 1759, vem algumas vinhetas abertas em chapa de metal com a firma: *Januario Antonio Xavier a fez.*

«*Jeronymo Luiz.* — No poema *Successo do segundo cerco de Diu*, impresso em Lisboa em 1574 por Antonio Gonçalves, em 4.º, vem no frontispicio uma estampa aberta a buril, que não carece de elegancia, e tem a subscripção: *Jeronymo Luiz me f.*

«*João Baptista.* — A *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade, impressa em Lisboa por Matheus Pinheiro, em 1629, em 4.º, tem a portada do frontispicio aberta a buril, e na subscripção que está (no exemplar que vimos) damnificada, bem se lê: *...sta Lusitano fecit.*

«Antes d'esta primeira folha vem o retrato do author, posto de joelhos diante da imagem de N. Senhora da Luz, em acção de offerecer-lhe um livro.

«Esta estampa tem a subscripção: *João Bautista fecit*, que é sem duvida o mesmo que gravou a portada.

«*João Gomes.* — Na obra *Vida e martyrio de Santa Quiteria*, impressa em Coimbra em 1651, em 4.º, vem no principio uma pequena estampa da santa degolada, de inferior merecimento, com a firma: *João Gomes.*

«*João Gomes Baptista.*— Abridor de cunhos. (Volkmar, pag. 288).

«*João Gonçalves.* — Foi natural de Guimarães; lavrava moeda com raro primor no anno de 1562, reinando el-rei D. Sebastião; e era dotado de tão extraordinaria habilidade, que não tendo cultivado as letras, inventou machinas e artefactos que pozeram em admiração os homens mais doutos. Chamavam-lhe por antonomasia: *O engenhoso.* (Veja o *Elucidario* de Viterbo na palavra: *Engenhoso*).

«*João Schorkens.* — Foi natural de Flandres, e parece que trabalhou em Castella. Na vida do veneravel arcebispo de Braga D. fr. Bartholomeu dos Martyres, impressa em Vianna em 1619, em folha, vem o retrato do arcebispo, aberto a buril, com a nota do abridor: *Joan. Schorkens fecit.* É provavel que seja da mesma mão a portada do frontispicio.

«Acho em memoria que gravára o desembarque de D. Philippe II na praia de Lisboa, desenhado por Domingos Vieira Serrão.

«*João Cardini.* — Na collecção de *Retratos dos grandes homens da nação portugueza*, em folha, vem o retrato de D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal, com a subscripção: *João Cardini sculp. em Lisboa.*

«*João Matheus.* — Na *Vida de Santa Rita*, impressa em Lisboa occid. em 1735, em 4.º, vem uma estampa e n'ella a subscripção: *Joan Matheo sculp.* Ahi mesmo a estampa do Santo Christo de Lucca, tem a firma: *Joan Matheo sculp.*

«*Joaquim Carneiro da Silva.* — Cyrillo Volkmar Machado, a quem tantas vezes temos citado, dá ampla noticia d'este celebre artista (que viveu até os nossos tempos), dos seus estudos, dos seus trabalhos nas artes e do seu distincto merecimento. (Veja as *Memor. dos pintores, esculptores*, etc. *portuguezes*, a pag. 281).

«No *Breviario rom.*, impresso em Lisboa em 1815 na typographia regia em 8.º, vem algumas estampas com a firma: *Silva f.* ou *Silva del.*

«*João de Figueiredo.* — (Veja-se o que diz d'este artista Volkmar a pag. 278).

«Possuo um *camafeu* com o retrato da senhora D. Maria I, em prata, que parece ser de Figueiredo.

«Tenho tambem uma peça de porcelana de Bartholomeu da Costa em que se vê aberta a machina que suspendeu a estatua equestre de el-rei D. José I, e n'ella se lê a subscripção: *Lisboa. Gravada no arsenal real do exercito por João de Figueiredo.*

«Foram discipulos de Figueiredo, Nicolau José Corrêa, natural de Lisboa, que estudou na aula da fundição.

d'onde sahiu para a officina do Arco do Cego, e d'ella para a imprensa regia, aonde falleceu em 11 de dezembro de 1814. E Manoel Luiz Rodrigues Vianna, tambem lisbonense, que ainda trabalha na mesma imprensa.

«*Josepha de Ayalla.* — Esta illustre pintora, conhecida entre nós pelo nome de Josepha de Obidos, por ser natural d'esta villa, parece que tambem exercitou a gravura; por quanto na edição dos *Estatutos da universidade de Coimbra* de 1654, em folha, achamos uma estampa aberta em metal, e n'ella a firma: *Josepha Ayalla, Obidos. 1653.*

«*J. Custodio de Sá.* — Vimos uma estampa, de que não fizemos outra memoria, senão que tinha a subscripção: *J. Custodio de Sá inv. et delin. 1750.*

«Na *Descripção funebre* das exequias de el-rei D. João V, impressa em 1750, em 4.º, vem vinhetas e estampas de varios abridores, e entre elles acho: *J. Custodius de Sá inv. et. deliniav. 1750.*

«*José Antonio do Valle.* — Nasceu em Lisboa a 15 de outubro de 1765. Logo de pequena idade deu principio aos estudos artisticos na real casa pia do castello de S. Jorge, d'onde foi mandado para Roma em 1788, e ahi entregue ao magisterio de mr. Picler na arte da gravura. Recolhendo-se a Lisboa, e não podendo obter lugar na casa da moeda por lhe faltarem os principios especiaes d'esta arte, partiu para Londres, aonde a estudou e frequentou com tanto aproveitamento, que voltando á patria, lhe foi logo dado o cargo e titulo de abridor extraordinario, de que tomou posse em 1822. Em 1830 foi nomeado abridor geral, impondo-se-lhe a obrigação de ensinar a gravura de pedras, em que era mui distincto. Em 1833 foi reintegrado n'este lugar, de que havia sido iniquamente esbulhado, e em 1836 foi despachado professor de gravura de cunhos e medalhas na academia das bellas-artes, estabelecida e organisada em Lisboa por decreto de 25 de outubro do mesmo anno. Falleceu no anno passado de 1840, e mereceu sempre a estimação das pessoas que o conheciam, não só pelos seus talentos e pericia na arte, mas tambem pela pureza e suavidade de seus costumes e trato civil.

«*José Gaspart.* — Natural de Flandres, nasceu em 20 de março de 1732. Estudou o desenho na sua patria, e a gravura de cunhos e medalhas em diversos paizes que visitou. Estando em Veneza, foi convidado pelo embaixador portuguez para vir ensinar a arte da gravura de pedras, e aceitando o convite, foi nomeado para esse magisterio por decreto de el-rei D. José I, de 11 de setembro de 1773. Teve por discipulos na gravura de pedras a Simão Francisco dos Santos, e Antonio Nunes de Sousa, e na de cunhos a Manoel de Abreu Perada, e Joaquim Antonio Narciso. Foi muito bom machinista e muito engenhoso; fazia pianos e outros instrumentos musicos; e gravou para o paço, e para o publico grande numero de pedras. Fez tambem as medalhas da fabrica das sêdas, e em 1779 as do real convento do Coração de Jesus: finalmente gravou muitos sellos para differentes tribunaes e individuos particulares. Foi condecorado com o titulo de abridor geral da rainha, e acabou seus dias cheio de annos, e de credito, aos 15 de março de 1812. Jaz na igreja parochial de Santa Isabel.

«*José Lucio da Costa*, vulgò o *Coxinho.* — (Veja Volkmar a pag. 292).

«No tratado de *Artilheria*, traduzido pelo marechal de campo Antonio Teixeira Rebello, e impresso em Lisboa em 1792, em 2 vol. de 4.º, vem muitas estampas, abertas por este artista, com a firma: *Lucius sculpsit. Lisboa 1792*, ou *Lucius sculpsit. Olisip. 1792.*

«São d'este artista todas as estampas numeradas I até XXIII, na *Descripção analytica da estatua equestre*, impressa em Lisboa em 1810.

«*José Teixeira Barreto.* — (Veja Volkmar, pag. 298).

«Havia nos mosteiros de Tibães e Santo Thyrso muitos quadros pintados por este artista antes de ir para Roma, e depois que de lá veio. Tinha ca-

racter mui ameno, e uma grande viveza de engenho.

«Eu possuo algumas das suas estampas, e um quadro a oleo que representa a *Resurreição de Lazaro*, de que elle me fez presente.

«Por sua morte testou de grande numero de quadros da sua collecção a favor do mosteiro de Tibães, e com elles se deu principio ao *Museu* instituido n'aquella casa benedictina, para onde eu tambem concorri com todas as medalhas, que tinha pedido ajuntar, e assisti á fundação e collocação das pinturas, etc.

«*Lucas Vorstermans.* — Era natural de Anvers. Pintor e gravador. Rubens lhe aconselhou dar-se ao buril, e elle tratou de tal modo as suas pinturas e gravuras, que adquiriu reputação, e celebridade em ambas as artes. As suas estampas são mui procuradas, e até concorreu para fazer conhecido mais extensamente o merito de Rubens. Tambem gravou obras de Vandyck. Usava da marca: *V.* (*Diction. d'Architecture*, etc., *par mr. C. F. Roland le Virloys.* Paris, 1770. 3 vol. em 4.º).

«Na primeira parte da *Chron. da companhia de Jesus* do P. Balthazar Telles, vem a estampa do frontispicio com a subscripção: *Lucas Vorstermans, ex typograph. Pauli Craesbeck, an. 1645.*

«Em outra obra intitulada: *Harmonia scripturæ Divinæ,. . . Ulyssipone, ex officina Laurentii de Anvers, an. 1646*, vem no frontispicio uma estampa a buril, e no fundo a nota: *Lucas Vorstermans inventor et sculp. Anno 1646.*

«*Luiz Gonzaga Pereira.* — Nasceu em Lisboa em 21 de junho de 1796, no sitio do Cardal da Graça, e foi filho de Joaquim Maria Pereira e de Maria Barbora de Bulhões. Em 1811 foi admittido á academia do desenho, sendo premiado em concurso. Em 1813 matriculou-se com o seu collega Almeida na escóla da gravura de pedras e cunhos da casa da moeda, debaixo da direcção de Simão Francisco dos Santos. Em 1822 foi nomeado ajudante de José Antonio do Valle, e em 1833 obteve o despacho de terceiro abridor de cunhos da casa da moeda, aonde, em 21 de junho de 1839, concluiu e assignou a informação, que aqui temos compendiado, dos abridores, e gravadores de cunhos e medalhas da casa da moeda de Lisboa.

«*Luiz Simoneau.* — Foi um dos estrangeiros, que vieram para Portugal no tempo de el-rei D. João V.

«Nos escriptos dos membros da *Real academia da histor.* se acham frequentes estampas e vinhetas d'este artista. (Veja a *Geograph. histor.*, impressa em 1784, as *Antiguid. de Braga*, em 1738, a *Vida do P. Vieira* por André de Barros em 1746, etc.

«A familia *Simoneau* era de Orleans, e d'ella achamos noticia de Carlos Simoneau, gravador, nascido em Orleans em 1639 e fallecido em 1728, e de Luiz Simoneau, irmão de Carlos, e *mui habil na mesma arte.* Este póde ser o mesmo de que aqui fallamos.

«*Manoel Corrêa.* — Depois da canonisação de Santa Mafalda, se publicou uma estampa do seu tumulo no mosteiro de religiosas cistercienses de Arouca, aonde se lê esta inscripção:

«*Santa Mafalda, rainha de Castella, religiosa cisterciense, reformadora do mosteiro de Arouca, e declarada santa pelo* S. P. Pio VI, *na sua bulla, datada em 27 de julho de 1792, cujo corpo se venera no mesmo mosteiro, obrando muitos milagres.*»

«Na extremidade da estampa tem a firma: *Manoel Corrêa f.*

«*Manoel Rodrigues da Silva.* — O author da *Hist. genealog.*, no tom. IV. pag. 421, o qualifica de *excellente artifice, inventor da serrilha da moeda em Portugal.*

«*Miguel le Bouteux.* — Architecto e gravador. Foi outro estrangeiro dos que vieram a Portugal no reinado de el-rei D. João V, e ahi concorreram para o restabelecimento do gosto das bellas-artes.

«Nas *Memorias de Malta*, impressas n'aquelle tempo, se acha o mappa da ilha, gravado por este artista com a subscripção: *Michael le Bouteux, architectus regis sculpsit. 1736.*

«Em 1752 abriu a fachada de Mafra em uma estampa de 4 palmos.

«*M. Freire.* — Na *Hist. panegyrica* de Diniz de Mello e Castro, primeiro conde das Galvêas, impressa em Lisboa em 1721, em folha, vem a estampa do retrato de Diniz de Mello com a firma: *M. Freire a fez.*

«*O. Cor.* — Achamos muitas estampas e vinhetas, gravadas por este artista, no tempo de el-rei D. João v, e julgamos ser um dos estrangeiros, que n'esse reinado foram chamados a Portugal.

«O *Codex titulorum s. eccl. Lisbon. Patriarch.* impresso em 1746, traz uma estampa, em que se lê a firma: *O. Cor. sculp. 1745.*

«Na *Vida do P. Vieira*, impressa em 1746, em folha, vem algumas vinhetas com a subscripção: *O. Cor.*

«*Paulo Aureliano Mangin.* — Filho de Antonio Mangin, acima nomeado, nasceu em Lisboa a 7 de janeiro de 1730. Aprendeu o desenho e gravura com seu pai, e obteve o lugar de terceiro abridor da casa da moeda, trabalhando nos cunhos que então se fabricavam. Coadjuvou seu pai nas medalhas de el-rei D. José I, abrindo-lhe os reversos. Fez gravuras para o publico, e em 1777 fez o ponção da moeda da senhora D. Maria I, e de seu augusto esposo el-rei D. Pedro III. Falleceu em 5 de outubro de 1790, e jaz na igreja parochial de S. Paulo.

«*Pedro Antonio Quillard.* — Este artista foi um dos que vieram a Portugal no reinado de D. João v.

«Nasceu em Pariz; e quando era de 11 annos de idade, desenhava tão perfeitamente, que o cardeal de Fleury apresentou algumas obras suas ao rei Luiz XV, de quem obteve uma pensão de 200 libras.

«Um medico suisso chamado Merveilleux, que tinha projectado escrever a *Hist. natural de Portugal*, e que para isso veio a este reino, moveu Quillard a passar com elle a Lisboa com o fim de desenhar as arvores, plantas, e outros objectos da historia natural.

«Chegado a Lisboa, e apresentando a el-rei um quadro da sua mão, ficou el-rei tão agradado d'elle, que o nomeou desenhador e pintor da sua academia da historia, com uma pensão mensal. Pintou os tectos do quarto da rainha, e muitos quadros para a galeria do duque de Cadaval, pelos quaes parecia seguir a maneira de Wateau, e acaso ter sido seu discipulo.

«*Pedro Perret.* — Gravador. Este artista gravou em bronze o elogio do insigne dominicano fr. Luiz de Sotto-Maior, que fez ajuntar ao seu retrato Manoel de Sousa Coutinho no anno de 1602, e de que faz menção na *Vida do arcebispo* D. fr. Bartholomeu dos Martyres, liv. 2, cap. 18. Ahi se denomina o artista: *Esculptor de el-rei.*

«*Pedro de Rochefort.* — (Veja o art. *Carlos de Rochefort*, que foi filho de Pedro, e gravador como elle).

«A estampa do frontispicio da *Hist. da academia real da hist. portug.* tem a subscripção: *Debuxada, e aberta por Pedro de Rochefort. Lisb. occid. 1728.* As *Memorias eccles. de Braga*, impressas em 1732, tem na estampa do frontispicio: *Francisco Vieira invenit. Pedro de Rochefort fecit. Lisboa.*

«A estampa do frontispicio da *Hist. geneal.*, impressa em 1735, tem a nota: *Acabado ao buril por P. de Rochefort.*

«Nas *Memor. dos templarios* vem outra estampa com a firma: *Aberta por Pedro de Rochefort. Lisboa, 1732.*

«Algumas vezes se lê simplesmente: *De Rochefort* ou *retocado por de Rochefort*, podendo entender-se de Pedro, ou de Carlos seu filho.

«O author da obra intitulada *Prendas da adolescencia*, impressa em 1749, tratando da arte de miniaturar, a pag. 134, diz assim: «*E Luiz Roupert, Bouchardon, Jusiepe Abraham... e Mariette com Rochefort Lusitano nos ensinam nas suas obras a pennejar, não só todas as roupas, mas ainda parte dos rostos, pés, mãos, ou carnes...*» etc., por onde se póde conjecturar que algum dos de Rochefort escreveu sobre a miniatura ou pintura, posto que nenhuma outra noticia temos encontrado a este respeito.

«*Rousseau.* — Veio para Portugal no tempo de el-rei D. João v, e cá exercitou a nobre arte da gravura.

«Nas *Memorias de Malta*, impressas em 1734, vem gravuras, firmadas: *Rousseau sculpsit*.

«Na *Hist.* do Senhor de Mathosinhos se vê uma estampa com a firma: *Rousseau sculpsit. Lisboa, 1736*.

«*Simão Francisco dos Santos.* — Nasceu em Lisboa a 28 de outubro de 1758, e foi filho de Manoel Francisco e de Maria Michaela. Recebeu da natureza especial genio para a arte, e foi mui distincto na gravura de pedras preciosas, e de cunhos e medalhas. Foi admittido na aula de desenho de João Grossi (no sitio do Rato) por decreto de dezembro de 1773, passando depois a trabalhar debaixo da direcção do abridor flamengo José Gaspart, aonde adquiriu grandes aproveitamentos no estudo da arte. Desempenhou muitas e insignes obras para o publico: gravou os punções da moeda do senhor D. João VI, e o de seu augusto filho o senhor D. Pedro IV. Foi finalmente um dos melhores entre os artistas seus contemporaneos, e notavel por sua probidade religiosa e civil. Deixou bons discipulos, e entre elles a Caetano Alberto Nunes de Almeida, e Luiz Gonzaga Pereira, de que já fallamos. Falleceu em 12 de janeiro de 1830, e foi sepultado no cemiterio da irmandade do SS. da freguezia de S. Paulo, a quem era singularmente devoto.

«*Theodoro Antonio de Lima.* — Natural de Lisboa, discipulo de João de Figueiredo acima mencionado, e depois discipulo tambem do famoso Bartolozzi, substituto da aula de desenho no real collegio dos nobres.

«No *Breviar. rom.* impresso na typographia real em 1815, em 8.º, ha estampas com a firma: *Theodoro de Lima gr.*

«A estampa do frontispicio do *Missal romano* impresso na mesma typographia em 1820, tem a firma: *T. A. de Lima gravou.*» (D. fr. Francisco de S. Luiz).

GRECIA. 1. A Grecia é cortada a norte, centro e sul por muitas cordilheiras de empinadas serras, intervalladas de ferteis campinas. Muitas d'estas montanhas são celebradas por reminiscencias que despertam a nomeada que lhes vem de sua antiga importancia, quer na mythologia quer na historia. — É delicioso o clima da Grecia, na Attica principalmente; o solo, posto que montanhoso, é fertil; mas, depois da guerra da independencia, a cultura está descurada por toda parte, e a superficie da Grecia foi desolada a ferro e fogo. As montanhas são copadas de olivedos e loureiraes; entranham muitas minas de chumbo e estanho, assim como soberbas pedreiras de marmore branco, mormente em Paros e Attica. A exportação principal é azeite, fructos, vinhos excellentes, passas de Corintho, couros, lã e rezes. — «N'este dôce clima, a primavera é como a aurora de famoso dia; gozam-se alli os bens dados e os promettidos. Os raios solares não são empanados por vaporações densas, nem são escandecidos pelos ardores caniculares: é sempre luz pura, inalteravel, que se espelha suavemente sobre tudo, — é a luz que irradia da fronte dos deuses olympicos. — Quando o sol reponta no horisonte, as arvores estremecem a folhagem nascente; as margens do Ilysus resôam os trilos das aves, e os echos do monte Hymetto respondem ás frautas dos pegureiros. Ao transmontar-se o sol, venda-se o céo de scintillante véo, mas d'ahi a pouco, rebrilha de novo, e logo nos mitiga saudades do frescôr da noite que passou, e do esplendor do dia que a precedêra. Como que um novo sol se ergue em mundo novo, e nos debuxa telas do oriente com desconhecidos matizes. Cada momento vai dando realces novos á formosura da natureza; a cada instante a obra magnifica do desenvolvimento dos seres ganha estadios em perfeição. — Ó brilhantes dias, ó noites deliciosas! quanto me commoviam aquelles quadros que me avultaveis á vista embellezada! Ó diva dos gozos, ó primavera, eu te vi n'este anno em todo o teu brilhantismo, perlustrando as pradarias da Grecia, e sacudindo por de sobre ellas as grinaldas da fron-

te, que as aformoseavam...» (Barthélemy).

2. «Costumes, governo, e a propria cidade dos athenienses subsistem escassamente como reliquias; mas, mal vi a Grecia, que para logo um lampejo de grandeza alumiou tudo que vi e o mais que eu não podia vêr. As unicas tres columnas remanescentes do templo de Jupiter deram verosimilhança a tudo: tanta é a simplicidade e magnificencia d'essas ruinas! Eu não me cançava de contemplar as bellas e ingentes columnas do mais vistoso marmore de Paros, cheias de tocantes recordações... — Por toda a cidade, vos assalta a mesma idéa dolorosa. Não ha ahi pilar, degrau, padieira que não seja marmore antigo arrancado de algum monumento; por toda a parte, a mesquinhez das edificações modernas está extravagantemente mesclada á grandiosidade dos edificios antigos.» (Dellile, *Obras diversas*).

GREDA. (Veja Calcareos).

GREGOS. (Veja Imperio, Sexto e Terceiro (seculos).

GREMIAL. (Veja Ornamentos).

GRENOBLE. (Veja Delphinado).

GROENLANDIA e ISLANDIA. «A America dinamarqueza, assim como as extremidades boreaes da America ingleza e da America russa, só apresenta em sua vasta extensão paizes horrendos, onde nenhuma arvore dá sombra ao terreno sómente animado pela verdura de alguns musgos e de poucas enguiçadas e mal geitosas plantas, e onde a habitação do homem embrutecido não passa de uma caverna muitas vezes aberta no gêlo. Só se podem exceptuar n'este triste quadro a ourela maritima da Islandia nos sitios menos inhabitados, algumas fracções da Groenlandia meridional, e não precisamos notar as Antilhas, que gozam todas as vantagens das regiões equatoriaes. Mas estas horrendas regiões polares são todavia interessantes, pois offerecem ao geographo os *paizes constantemente habitados mais boreaes de todo o globo*, e o theatro das pacificas e desinteressadas conquistas dos piedosos missionarios a quem não amedrontam, nem os rigores d'estes asperrimos climas, nem as mais duras privações, para levarem aos miseros selvagens as luzes e beneficios do Evangelho. Na costa da Groenlandia occidental, nas altas terras arcticas, vive a interessante tribu de esquimaes ou esquimaus, de que já fallamos, que pensaram durante muito tempo que eram os unicos habitantes do mundo. Na Groenlandia meridional floreceram na idade media os estabelecimentos dos audaciosos escandinavos, que devem considerar-se com os da Islandia as primeiras colonias européas fundadas na America, muito antes da descoberta de Colombo. No mediterraneo arctico ha a pescaria do *narwal* e outros cetaceos tão uteis aos habitantes d'aquellas regiões, e tão proveitosos aos das outras, que os vão pescar. Ao physico offerecem estas regiões geladas a mais baixa temperatura media, que se conhece, e outros muitos phenomenos naturaes. O naturalista encontra na Islandia a famosa *Calçada dos gigantes*, de que já fallamos, quando descrevemos o condado de Londonderry em Inglaterra, e a dobrada serra vulcanica tão terrivel por suas erupções como interessante pelos phenomenos extraordinarios, que as acompanham, como o famoso repuxo de agua a ferver do *Geyser*, que se eleva em fórma de columna de 15 a 18 pés de diametro, com altura variavel, que chega a 120 pés, e que Olafsen diz viu subir uma vez a 212. Esta ilha suspensa por assim dizer sobre os abysmos abertos por seus vulcões, rodeada de gêlo, e habitada desde o seculo IX pelos norvegas, offerece ao historiador uma das mais florecentes republicas da idade media, já por suas proezas, já por sua litteratura. Em fim o ethnographo vê na familia a que pertencem os habitantes indigenas d'esta parte da America

o territorio, que une as linguas do antigo ás do novo mundo.

«Pouco diremos na descripção dos lugares em que vivem os habitantes d'estas regiões, pois não apresentam monumentos, nem recordações que devam apontar-se n'este compendio. As cidades e lugares mais notaveis pela ordem da taboa antecedente são as seguintes.

«Na ISLANDIA: REIKEVIG, olhada como capital de toda a ilha, séde do primeiro balio, do tribunal supremo e do bispo, mas só com 500 a 600 almas, e apesar de tão pouca população, tem varios estabelecimentos litterarios, e secções das *sociedades reaes de antiquarios* e de *litteratura islandeza* de Copenhague e outras; e entre seus habitantes se conserva uma paixão pela historia nacional, pela poesia e instrucção solida, que faz lembrar os antigos tempos de sua independencia; LAMBHUUS, aldeia no termo de Reikevig, notavel por seu observatorio; BESSESTAD, com importancia relativamente áquelles paizes; SKOLHOLT, visinha das mais celebres fontes ascendentes da Islandia, o *Geyser* e o *Strok*. HOLUM, que teve desde 1530 uma imprensa, a primeira estabelecida no Novo Mundo, e mais antiga que a maior parte das da Europa oriental.

«Na GROENLANDIA apontaremos: JULIANESHAAB, porque apesar de sua pequenez, é o mais importante dos estabelecimentos d'estas regiões arcticas. NOVO HERRNHUT, por causa da *missão dos irmãos moravios*, a que deve sua origem. UPERNAVIK, porque é o estabelecimento permanente mais septentrional, e o ARCHIPELAGO DE DISCO, importante pela rica pesca, que se faz nas paragens de suas ilhas, das quaes a de Disco é a mais extensa. Devemos aqui mencionar a celebre expedição do capitão dinamarquez Graah, que por ordem do rei Frederico VI chegou em 1829, explorando a costa oriental, até ao 64° 18′ de latitude, o que é muito mais além do ponto onde até alli se tinha chegado. Não ficou porém ainda bem decidida a questão geographica, se na latitude attribuida á supposta ANTIGA COLONIA ISLANDEZA existiu ou não esta colonia; pois se bem que o capitão Graah não encontrasse d'ella vestigios, todavia indicios ha, na vegetação da latitude de 13° 30′ e na configuração dos homens, que alli vivem, tão differentes dos esquimaes, que deixam o caso duvidoso.

«Nas ANTILHAS deve-se apontar CHRISTIANSTAD, cabeça da ilha de Santa Cruz, residencia do governador geral das Antilhas dinamarquezas, bem edificada, com porto fortificado e com bom commercio.

«S. THOMÉ, cabeça da ilha d'este nome, talvez com 3:000 almas, um *porto franco*, muito commerciante, principalmente por ser o deposito dos contrabandos das mercadorias da Europa e dos Estados-Unidos. Tem uma synagoga dos judeus alli estabelecidos.» (Balbi).

GROU. (Veja RIBEIRINHAS).

GUARDA. Quando todo o solo da peninsula era um campo de batalha, n'essa guerra porfiosa, que os christãos travaram com os agarenos até os repulsarem para Africa; mandou o nosso rei D. Sancho I logo no começo do seu reinado, construir uma torre n'um lugar eminente nas faldas do norte da serra da Estrella. Não era uma fortaleza para sustentar combates, mas simplesmente uma atalaia, d'onde se descobriam muitas terras de mouros, e por conseguinte d'onde se podiam vigiar todos os seus movimentos.

Como o sitio tivesse capacidade para mais vastas edificações, e elle rei D. Sancho reconhecesse quanto convinha levantar alli um porto de guerra, que impozesse respeito ao inimigo, tratou-se da fundação d'um castello e em seguida d'uma cidade fortificada junto á fortaleza.

A 26 de novembro de 1199 concedeu aquelle monarcha á nova povoação o foral de cidade com muitos privilegios, dando-lhe o nome de Guarda, em memoria da torre que primeiro edificára. A esta especie de torres

dava-se indistinctamente o nome de *atalaias* ou *guardas*.

El-rei D. Manoel fez duque da Guarda, a seu filho o infante D. Fernando. A alcaidaria-mór d'esta cidade, andava na casa dos condes de Sarzedas, tendo sido o primeiro alcaide-mór, Pedro Paes de Mattos.

Está pois situada a cidade da Guarda nas faldas da serra da Estrella, para o lado do norte, em terreno plano, mas bastantemente elevado. Duas grandes quebradas separam a cidade dos terrenos circumvisinhos. Pela do occidente, que fórma um profundo valle, corre o Mondego, que nasce perto d'ahi na serra, d'onde se precipita para o valle. Pela outra quebrada passa o pequeno rio Nocyme, que, unindo-se depois ao Lamegal, vai juntar-se ao Coa.

Quasi nos limites da provincia da Beira-Baixa dista seis leguas da fronteira de Hespanha, doze da cidade de Castello Branco, e cincoenta de Lisboa.

Das antigas fortificações existem as muralhas da cidade com seis portas e varias torres, e na parte mais alta da povoação o velho castello.

Desfructa esta cidade um clima muito saudavel, posto que no inverno excessivamente frio pela muita neve, que ahi cahe, e de que se cobre a serra visinha. Mas em compensação numerosas nascentes de mui boas e fresquissimas aguas abastecem abundantemente a cidade, e regam todo o seu termo, fazendo-o muito fertil em milho, centeio, hortaliças, legumes, frutas, e algum vinho.

Tem tido alli notavel desenvolvimento a cultura da amoreira, pelo que tem augmentado e prosperado muito a creação do bicho da sêda, e fiação d'este producto, em que as mulheres se empregam quasi exclusivamente.

A população da Guarda pouco passa de quatro mil habitantes.

A serra da Estrella, povoada de muita diversidade de caça, com as suas celebradas lagôas, vistosas cascatas, grutas e rochedos singulares, faz mui curiosas e pittorescas as cercanias da cidade da Guarda.

GUERRA. «No principio do mundo, como gravemente pondera Seneca, porque não havia guerras? Porque usavam os homens da terra como do céo? O sol, a lua, as estrellas, e o uso da sua luz é commum a todos, e assim era a terra no principio. Porém, depois que a terra se dividiu em differentes senhores, logo houve guerras e batalhas, e se acabou a paz, porque houve meu e teu. Que direi dos meios e dos remedios, das industrias, das artes e instrumentos, que os homens tem inventado, para que cada um podesse possuir e lograr o seu segura e quietamente, mas sem proveito? Para guardar a casa, inventaram as portas e as fechaduras; mas, pela mesma abertura por onde entra a chave, deixa tambem aberta a entrada para a gazúa. Para signalar os limites de cada um, inventaram os marcos, e para guardar a vinha e o pomar, inventaram os vallados, as silvas, as sebes, e as paredes de pedra ligada ou solta; mas tudo isto se rompe e se escala. Para guardar as cidades, inventaram os muros, os fossos, as torres, os baluartes, as fortalezas, os presidios, a artilheria, a polvora; mas não ha cidade tão forte, que por bateria ou por assalto, ou minada por baixo da terra ou pelo ar, se não expugne e renda.

«Para guardar os reinos e os imperios, inventaram as armadas por mar, e os exercitos por terra, tantos mil soldados a pé, tantos mil a cavallo, com tanta ordem e disciplina, com tanta variedade d'armas, com tantos artificios e machinas bellicas; mas nenhum d'estes apparatos tão estrondosos e formidaveis tem bastado, nem para que os assyrios guardassem o seu imperio dos persas, nem os persas o seu dos gregos, nem os gregos o seu dos romanos, nem os romanos finalmente o seu d'aquelles a quem o tinham tomado, tornando a ser vencidos dos mesmos que tinham vencido e dominado. Mais inventaram e fizeram os homens a este mesmo fim de conservar cada um o seu: inventaram e firmaram leis, levantaram tribunaes, constituiram magistrados, de-

ram varas ás chamadas justiças, com tanta multidão de ministros maiores e menores, e foi com effeito tão contrario, que em vez de desterrarem os ladrões, os metteram de portas a dentro, e em vez de os extinguirem, os multiplicaram, e os que furtavam com medo e com rebuço furtam debaixo de provisões e com immunidade. O solicitador com a diligencia, o escrivão com a penna, a testemunha com o juramento, o advogado com a allegação, o julgador com a sentença, e até o beleguim com a chuça. Todos foram ordenados para conservarem a cada um no seu, e todos por differentes modos vivem do alheio.» (Vieira, *Sermões*).

GUERRAS RELIGIOSAS. (Veja Sexto seculo).

GUIMARÃES. Se dermos credito aos nossos antiquarios, a origem de Guimarães quasi que se perde na escuridão dos tempos. Alguns dão-lhe por fundadores os gallo-celtas, e como se isto não bastasse para sua nobreza, ainda ha quem lhe attribua um principio mais remoto. Deixando porém estas noticias meio fabulosas e destituidas de bons fundamentos, diremos comtudo que a sua primeira fundação é anterior alguns seculos á monarchia, e que teve por assento a pequena eminencia visinha, onde vemos o castello.

Começou a actual povoação junto a um mosteiro, que a condessa Mumadona, tia de D. Ramiro II, rei de Leão, edificou em o anno de 927.

Para defesa do mosteiro, onde Mumadona se recolhêra depois de viuva, e do burgo, que já contava bom numero de habitantes, mandou a condessa fundar a pouca distancia do mosteiro, no sitio em que outr'ora se erguia a villa velha, um forte castello, cercado de altas muralhas, e flanqueado de sete torres. N'este venerando castello, que ainda se levanta magestosamente sobre throno de rochedos, veio no fim do seculo seguinte assentar a sua côrte, D. Henrique de Borgonha, conde de Portugal pelo seu casamento com D. Tareja, filha de D. Affonso VI, rei de Leão e de Castella.

Ahi, dentro do recinto d'essas toscas muralhas, que seriam hoje estreito espaço para residencia d'um simples governador, nasceu e creou-se o vencedor d'Ourique, o primeiro rei dos portuguezes.

O mosteiro da condessa Mumadona, santuario consagrado á Virgem sob a invocação de Nossa Senhora da Oliveira, e venerado em todo o reino pelo milagre que deu origem á invocação, tornou-se mais tarde n'essa real collegiada, que desfruta honras quasi de sé.

Deu foral á nova villa o conde D. Henrique conservando-lhe o mesmo nome da antiga, que se chamava *Vimarães*. Parece que a etymologia d'aquelle nome eram as duas palavras latinas — *Via maris*, que se viam esculpidas n'uma pedra em uma torre da villa velha, que na edificação do castello ficou em o centro servindo de torre de menagem. Esta inscripção, sem duvida do tempo da dominação romana, indicava que a estrada, que por alli passava, conduzia á costa do mar. Da inscripção pois proveio á terra o nome de Vimaranes, ou Vimarães, que ao diante se corrompeu no de Guimarães.

Por morte do conde D. Henrique continuou seu filho, o principe D. Affonso Henriques, a residir em Guimarães, aonde o veio cercar no anno de 1130 seu primo D. Affonso VII, rei de Leão e Castella, por aquelle se querer eximir de lhe render vassallagem. Foi este cerco que deu lugar á memoravel acção de D. Egas Moniz, em que este tão esforçado cavalleiro, quão dedicado aio do joven principe, tendo conseguido de D. Affonso VII, o levantamento do sitio sob promessas que ao depois se não cumpriram, apresentou-se em Toledo, perante o monarcha castelhano, com sua mulher e filhos, todos vestidos d'alva e com baraço ao pescoço, offerecendo assim a sua vida e a de sua familia pela palavra não cumprida. Affonso VII soube corresponder com generoso perdão a

tamanho rasgo de lealdade e nobreza de caracter, tanto mais digno de admiração por ser praticado em uma época, em que os proprios principes faziam ostentação de falta de cumprimento das suas mais solemnes promessas.

Nas discordias que rebentaram entre el-rei D. Diniz e seu filho, o principe D. Affonso, e na luta travada para a independencia do paiz, entre o mestre d'Aviz e D. João I de Castella, padeceu Guimarães cercos e combates. As pestes que flagellaram Portugal no seculo XVI, dizimaram-lhe grande parte da sua população.

Está situada Guimarães na provincia do Minho, em terreno um tanto alto, proximo das faldas da serra de Santa Catharina. Dista do Porto oito leguas para o norte, e tres de Braga para o nascente.

O templo da condessa Mumadona durou com poucas alterações, até ao reinado de D. João I, que o fez demolir pelo seu estado de ruina, mandando construir o que hoje existe, o qual os conegos modernamente deturparam, mascarando-lhe com estuques e douraduras suas venerandas e gothicas feições.

Todavia ainda conserva muitas antigualhas de alto apreço historico e artistico. Em frente das primeiras poremos a pia em que S. Geraldo, arcebispo de Braga, baptisou a D. Affonso Henriques, e o oratorio de prata de D. João I de Castella, tomado na batalha de Aljubarrota por D. João I de Portugal, que logo o offereceu com outros despojos de tão grande victoria a Nossa Senhora da Oliveira.

Os suburbios de Guimarães são encantadores. Em nossa opinião nenhuma outra cidade de Portugal os possue mais bellos.

O termo é de grande fertilidade pela muita abundancia d'aguas, que por todo elle rebentam e se cruzam.

A população de Guimarães ascende a sete mil e trezentos habitantes, grande parte dos quaes se empregam no fabrico das ferragens, e dos tecidos de linha.

Guimarães finalmente conta entre os seus filhos muitos homens illustres nas armas, nas sciencias, e nas artes.

GUINÉ (Africa). «A costa septentrional é conhecida desde a mais remota antiguidade; quanto ás outras ninguem póde contestar aos portuguezes, a gloria de haverem sido os primeiros que as visitaram, e de terem possuido grandes, e ricos estabelecimentos em toda esta parte do mundo. O interior do paiz é pouco conhecido; a aspereza do clima e do terreno, e a natural ferocidade de alguns povos, são obstaculos quasi invenciveis para penetrar n'este immenso territorio; é por isso que são recebidas com interesse as descripções, que tem o cunho de verdadeiras. Divide-se em septentrional, e meridional; na primeira possue a corôa de Portugal, os tres governos, de Cabo Verde, Bissau e Cacheu, de S. Thomé e Principe. Na segunda o governo de Moçambique, na costa oriental, e o de Angola, e suas dependencias na occidental.

«Comprehende-se debaixo do nome de capitania general do reino de Angola e suas dependencias, toda a porção meridional do baixo Guiné, occupando um vasto paiz, que se estende 180 leguas ao longo da costa, e 140 no interior, comprehendido entre 8° e 16 de latitude, e 20°, 30′, e 36°, 30′ de longitude. Posto que seus limites não estejam rigorosamente determinados, sabe-se que confina, ao norte com as terras do marquez de Mossul e outros tributarios do rei de Congo, de que fica em parte separado pelo rio Lifune, a leste com os Molluas, e varios gentios; ao sul com desertos, e Cabo Negro, que lhe serve de limite maritimo, sendo banhado ao oeste pelo oceano atlantico.

«O rio Coanza, que corta o paiz de leste a oeste em duas partes desiguaes, divide os reinos de Angola, e de Benguella: o primeiro fica ao norte entre 8°, e 9° de latitude, desde a foz do Lifune, até á do Coanza, o segundo occupa o resto da costa entre este rio, e Cabo Negro.

«Uma parte d'estes reinos é ainda

occupada por nações, independentes, algumas feudatarias, outras alliadas, e até inimigas da corôa de Portugal, divididas em diversas facções e governadas por pequenos regulos, que tomam os titulos de principes, duques, marquezes, e outros que aprenderam dos europeus, além dos de dembos, e sôvas, por que em geral são mais conhecidos: seus territorios e dominios acham-se de tal fórma confundidos, que seria impossivel fazer a enumeração de todos, sendo alguns d'elles pouco conhecidos, por causa da fereza de seus habitantes; circumscrevendo portanto a descripção, ás possessões governadas por authoridades portuguezas, comprehende o governo de Angola e suas dependencias, a jurisdicção dos reinos de Angola e de Benguella, mas os seus limites politicos differem um pouco dos geographicos, como abaixo se verá.

«Ao reino de Angola, além da cidade de Loanda e seus suburbios, pertencem sete presidios e oito districtos; ao de Benguella, dous presidios e sete districtos: differem estes d'aquelles, em haver nos presidios, uma fortificação guarnecida por tropa de linha, o que não acontece nos districtos; mas em quanto á administração e economia interior, esta distincção é puramente nominal, por serem uns independentes dos outros, governado cada um por seu chefe militar.

«Os presidios dependentes de Angola são: Muxima, Massangano, Cambambe, Pedras de Pungoandongo, Ambaca, Pedra de S. José de Encôge, e Novo-Redondo.

«Os districtos denominam-se: Icolo e Bengo, Dande, Golungo, Provincia dos Dembos, Zenza e Quilengues, Barra de Dande, Barra de Bengo, Barra de Calumbo.

«Dependem de Benguella, o presidio do mesmo nome, e o de Caconda, e os districtos, de Bailundo, Dombe Grande da Quinzamba, Hambo, Galengue e Sambos, Quilengues e Sambos, Quilengues e Huila, e Bihè.

«Estes presidios e districtos, comprehendido o territorio dos sôvas, n'elles encravados, abrangem pelo menos uma superficie de 22:000 leguas quadradas. A configuração e qualidade do terreno, é muito variada: ao longo da costa, é montuoso e pela maior parte esteril, inculto, e pouco povoado; na margem dos rios, nas provincias do interior, aonde as chuvas são copiosas, e no Sertão de Benguella, as terras são frescas e productivas; não póde comtudo avaliar-se com exactidão, a que ponto poderia elevar-se a producção e a variedade das colheitas, pelo abandono em que geralmente fallando, tem estado a agricultura n'estas regiões, aonde se conhecem só duas estações, a das chuvas, que duram desde novembro até abril, e a das seccas.

«O clima não póde chamar-se doentio, para os naturaes, comtudo os europeus, precisam usar de grandes cautelas, para evitar, ou tornar menos perigosas, as molestias de quadra, que apesar d'isso, quasi sempre os atacam: as desordens e irregularidades de toda a especie, a que se entregam alli os habitantes, e que a natureza do clima, parece promover, são a causa principal da mortalidade, que se observa n'este paiz. O calor é intenso, mas quasi sempre moderado pelos ventos, que refrescam a atmosphera.

«*Rios, ilhas* e *cabos*. Na Africa, ha poucos rios caudalosos; um dos mais notaveis, que não póde assim mesmo comparar-se aos das outras partes do mundo, é o Coanza. Correm além d'este, no reino de Angola, o Lifune, Dande, Bengo, e Lucala; no de Benguella o Longo, Nica, Catumbella, e o dos Mortos.

«O Coanza, entra no territorio portuguez pelo limite mais oriental por 10º, 30′ de latitude, corre com leve inclinação para o norte, perto de um grau, e depois de leste a oeste, banhando e limitando successivamente os presidios, das Pedras, Cambambe, Massangano, Muxima, e o Districto de Calumbo, nome que na foz toma a barra d'este rio; em suas margens, principalmente na direita, ha plantações de varios generos, que servem

para alimento dos habitantes e consummo da capital, sendo a maior parte conduzidos em barcos, e outros ás costas dos negros: o Coanza é navegavel para pequenas embarcações até Cambambe, a margem esquerda é quasi toda habitada pelos gentios, Bailundo a leste, Libolo no centro, Quissâma no oeste, entretanto a navegação é protegida pelas fortalezas dos presidios, e por isso livre e exclusiva aos portuguezes, e seus alliados: o alveo d'este rio é estreito e pedregoso, a corrente rapida e profunda, sem ser perigosa. Havia na margem direita, um forte, chamado do Norte, que está em ruinas, mas ainda em bom estado não poderia defender a entrada do rio, o qual junto á sua foz e um pouco acima d'ella, fórma algumas ilhas, hoje quasi desertas, mas que indicam ter sido muito povoadas, a que naturalmente convidaria, a fertilidade do terreno e a commoda situação para a pesca.

«O rio Lefune, fica ao norte, e fórma o limite maritimo por esta parte, ao sul d'este corre o Dande, que dá o nome a um pequeno districto, assim como o Bengo, a outro situado um pouco mais ao sul: as immediações d'estes rios são ferteis e abundantes em producções de toda a especie, que se exportam para a capital, situada entre o Bongo e Coanza. O Lucala entra n'este ultimo rio em Massangano.

«O primeiro rio do reino de Benguella, principiando pelo norte, é o Longo, perto da sua foz fica Benguella, a velha, ao sul d'esta corre o Nica, e mais ao sul, uma legua áquem da cidade de Benguella, o Catumbella: o rio dos Mortos, entre a cidade e Cabo Negro, é o ultimo da costa: todos estes rios entram no mar, e são navegaveis em maior, ou menor distancia no interior do paiz, fazendo portos, aonde ancoram navios destinados ao commercio.

«As ilhas mais celebres são, as de Loanda, Cazeanje, Quinsanga, Quinalonga, e outras: a primeira está situada defronte da cidade de S. Paulo (a quem dá o sobrenome) e a circumda na extensão de tres leguas, que se contam da ponta do cabo até Cazeanje; possue 2 freguezias, 600 cabanas, algumas casas de campo e 2:000 habitantes: estes são empregados nas pescarias e nas embarcações reaes, como marinheiros.

«A segunda, ao sul da primeira, finda na barra da Corimba; tem uma parochia, com a invocação de S. João Baptista, e 800 almas.

«As outras encontram-se espalhadas no rio Coanza, a terceira perto de Calumbo, e a quarta nos Estados da Ginga.

«Os cabos mais conhecidos são, Cabo Ledo, ao sul do Coanza, e Cabo Negro, limite maritimo do sul.

«*Povoação.* Os habitantes da capital, presidios e districtos, do reino de Angola e suas dependencias, não podem avaliar-se em menos de 300:000, distribuidos pela maneira que se verá na descripção particular d'aquelles, de que a estatistica é conhecida com exactidão, e nos outros por approximação, fundada no conhecimento da posição e circumstancias particulares do paiz. Toda esta povoação, é sujeita a authoridades portuguezas, está regularmente organisada em quanto ao civil e militar, e é por ellas governada: podem entre ella considerar-se tres castas differentes, uma de europeus, outra de indigenas, e a terceira formada da mistura das duas, primaria, ou successiva: designando pois estas castas pela apparencia, podem chamar-se branca, negra, parda ou fusca; a primeira consta da maior parte dos empregados publicos, civis e militares, de alguns negociantes, de ilhéos, que o capitão general costumava levar das ilhas dos Açôres, e de degredados, que servem para recrutar a tropa e para outros empregos, de que se tornam dignos por sua aptidão e comportamento.

«Esta porção de habitantes, pela pouca demora no paiz, e pelas doenças e mortandades a que são sujeitos, pouco contribue ao augmento da casta europêa, que por isso é a menos numerosa.

«A casta indigena, em muito maior

numero que a antecedente, é laboriosa, soffredora e intelligente, a ponto de aprender com facilidade os officios mecanicos mais complicados, e como tal a mais util para o serviço do paiz: os fuscos e pardos, os quaes compõem a casta mixta, não são assás vigorosos, nem capazes dos mesmos trabalhos, que os indigenas, senão depois de misturados com estes por algumas gerações, passadas as quaes se confundem completamente: esta deve ser a porção mais numerosa dos habitantes, posto que seja impossivel averiguar a relação, em que se acha uma ás outras. Observa-se em todos os mappas estatisticos, um numero de mortos superior ao dos nascidos, o que vai de accordo com a decadencia progressiva d'aquellas possessões, as quaes, não obstante a introducção successiva de europeus, diminuem em povoação: em outro lugar se examinarão as causas d'esta diminuição, e se indicarão alguns meios de remedial-a.

«As habitações constam de algumas casas de pedra e de adobes, mas a construcção geral, exceptuando as cidades, é feita de madeira e palha.

«O sustento ordinario dos habitantes do paiz, consiste em farinha de mandioca e de milho, em legumes de varias especies e principalmente do feijão, chamado *maidona*, de que se servem para comer e para cevar os porcos, cuja carne se torna succulenta e saborosa, e d'ella se alimenta o povo, ao qual a pesca e caça augmenta os recursos de subsistencia.

«A religião d'estes reinos, é a catholica romana, unica seguida e tolerada, que se tem introduzido no interior do paiz, e em algumas partes do reino de Congo, aonde os capuchinhos, e carmelitas, estabeleceram varias missões rendosas aos respectivos conventos.

«*Animaes, producções*, e *commercio*. Encontram-se n'estas regiões os mesmos animaes do resto da Africa; entre os quadrupedes ferozes, o leão, tigre, zebra, rhinoceronte e outros; o elephante é vulgar; entre os domesticos ha grande numero de porcos, carneiros, de cinco quartos, corças e cabras, e uma especie particular de bois mochos, proprios para transporte, a que os naturaes chamam bois cavallos, que supprem a falta d'estes, cujo numero é assás limitado, posto haja uma caudelaria pertencente á fazenda real, que sendo bem dirigida poderia dar cavallos, para remonta do esquadrão, e uso de alguns particulares: em 1819 era composta de 54 cabeças, destinadas á reproducção de bestas muares e cavallares.

«Ha grande variedade de aves, a perdiz, a tua, a gallinha ordinaria e a chamada vulgarmente de Angola, até serve para exportar: mas nada póde comparar-se á abundancia e diversidade de peixes; é prodigiosa a quantidade de corvinas, pescadas, serras, pargos, uma especie de bacalhau, baleias, linguados, garoupas, e outros peixes, de geral, e reconhecida utilidade para varios usos; que se encontram n'aquellas paragens. No rio Dande, e em Novo Redondo, acham-se cavallos marinhos em quantidade sufficiente, para dos dentes se fazer um ramo consideravel de commercio. O azeite que se extrahe em abundancia dos peixes do mesmo nome, é superior em qualidade e producto ao da baleia.

«O mangal, bambú, e outras madeiras de nomes menos conhecidos, são as que ordinariamente se empregam na construcção das casas, cabanas e das embarcações; e nos moveis a tacula e o quicongo.

«O milho e plantas leguminosas, crescem e produzem em toda a parte, e em alguns districtos do Sertão e de Benguella, se cultiva trigo e outros generos cereaes, tudo em maior, ou menor abundancia, segundo a natureza do terreno e industria dos habitantes; mas a farinha de mandioca é a producção geral do paiz. O algodão cultivado n'esta região é superior em qualidade ao do Brazil; do mesmo modo a cana de assucar, em grossura, grandeza e producto, excede a da America; o café em Encôge, é optimo e as uvas em Benguella, nada deixam a desejar n'este genero.

«Acham-se muitas gommas, resinas e aromas em varias arvores do Sertão: a gomma arabica encontra-se em abundancia, mas os negros que a colhem, costumam mistural-a com outras, que lhe alteram e diminuem o valor: existe no Sertão uma gomma-resina, que vulgarmente chamam *macocolo*, que a não ser a que no commercio e officinas, se denomina gomma copal, póde sem duvida suppril-a na maior parte dos usos; e é em tal abundancia, que os habitantes se servem d'ella para brear as embarcações. Os bosques produzem espontaneamente, a noz moscada, gengibre, cardamomo e outros aromas: algumas experiencias feitas sobre a pimenta, e outras especiarias principiam a dar esperanças de boa producção.

«Se a riqueza d'este paiz, nos dous reinos animal, e vegetal, é digna de attenção; não lhe fica inferior o reino mineral, que pelos productos já conhecidos e pelos que provavelmente encerra, poderia ser de recursos incalculaveis para a corôa de Portugal.

«O ferro é tão frequente, que os negros sem machinas, usando de processos imperfeitos, o extrahem, preparam, e trabalham com summa facilidade, enviando regularmente muitas barras á junta da fazenda: o mesmo acontece com o cobre, de que fazem collares, manilhas e outros artigos de ornato, assim como a maior parte das armas de seu uso: em Encôge, e Novo Redondo, ha duas minas d'este metal. Sobre a existencia de metaes preciosos, e outros hoje conhecidos, são diversas as opiniões, sendo mais provaveis as d'aquelles, que a acreditam.

«Perto da capital no sitio de Cacuaco, e nas immediações de Benguella a Nova, se encontram minas de sal de boa qualidade para os usos domesticos e para salgar, porém nada chega á mina de enxofre existente no reino de Benguella; o pouco que ha sido examinada é sufficiente, para provar ser uma das mais consideraveis e ricas que se conhecem, e de uma simplicidade tal de trabalho, que se acham veios de enxofre puro, de grande extensão, e largura, sem ganga, proprio para a maior parte dos usos ordinarios, sem preparação previa: a grande porção, que se tem d'alli extrahido é por meio de simples excavações feitas á superficie. Além d'esta, ha outra mina de petroleo, ou oleo mineral, ao que parece inesgotavel, pois este betume corre, nas immediações de Dande, pelas fendas de uma montanha em tal profusão, que serve para muitos usos em lugar de alcatrão.

«A colheita da cêra é copiosissima, apesar do barbaro methodo empregado pelos negros para a aproveitar, pois matam a maior parte do enxame e desperdiçam o mel, que poderia servir até para exportação.

«As producções do paiz, constando dos generos de que se tem feito menção, servem quasi todas para alimento e uso particular dos habitantes, apenas se exporta alguma farinha, legumes, gado, carne secca e salgada e gallinhas, para mantimento da tripulação dos navios, que aportam áquellas regiões. O marfim é contracto privativo da real fazenda, os negociantes fazem algum commercio de exportação em cêra, mas o principal, que tanto tem contribuido para a ruina dos outros ramos, é o da escravatura.

«O numero de escravos exportados para o Brazil, desde 1816 até 1819; isto é no decurso de tres annos, subiu a 53:427; de Benguella, sahiram em um d'estes annos 4:048; de sorte que a quantidade de escravos despachados nas alfandegas, chega a perto de 22:000 por anno: se a este numero se juntarem os que sahiram de outros portos subtrahidos aos direitos, poderá conhecer-se a que ponto monta a perda de povoação, que poderia empregar-se na cultura, pesca e mineralisação das possessões da Africa occidental.

«O commercio de importação consiste em arroz, assucar, agua-ardente, vinho, vinagre, manteiga, azeite, e outros generos semelhantes; em

baêtas, chitas, algodões pintados, gangas, lenços, barretes, e meias de todas as qualidades, missanga, e mais artigos, para uso e principalmente para compra dos negros; além d'isso, em polvora, tabaco de pó e rôlo, e toda a especie de armas brancas e de fogo: exporta-se tambem para as outras possessões portuguezas, quantidade de louça de barro ordinaria, de telhas e de tigelas.» (Cardoso, *Memorias*).

GUSMÃO (Alexandre de). Nasceu na villa de Santos, na provincia de S. Paulo do Brazil. Doutorou-se em direito civil na universidade de Pariz, foi enviado extraordinario á côrte de Roma, secretario particular de D. João V, conselheiro do conselho ultramarino, etc. Depois de ter honrado a patria, no exercicio das poderosas faculdades politicas que se revelam nas suas obras posthumas, Alexandre de Gusmão, segundo refere o snr. Pereira da Silva, nos *Varões illustres do Brazil*, «passou tristemente os ultimos dias da sua existencia. Fallecera D. João V em 1750. Acabou com este soberano o cargo de escrivão da puridade, ou ministro do segredo, como elle significava. Nos empregos subalternos, em que continuou, perdeu Gusmão a sua importancia. Casou-se com uma donzella oriunda da provincia de Traz-os-Montes, e de familia nobre de Chaves, a qual lhe não trouxe dote. Dous filhos, que tivera do seu consorcio, perdeu em um incendio, que em 1751 lhe roubou a casa e os bens unicos que possuia.

«A estas domesticas dôres não sobreviveu muito tempo, ainda que exteriormente parecesse resistir-lhe. No anno de 1753, e no ultimo dia de dezembro, falleceu em Lisboa Alexandre de Gusmão, e foi sepultado no convento de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas descalços.»

GUSMÃO (Bartholomeu Lourenço de). Irmão do antecedente e tambem natural da Villa de Santos. Nasceu em 1685; seguiu a carreira ecclesiastica, prégou com applauso. A nomeada, porém, que lhe hoje ainda celebra o nome não lh'a deu a oratoria sagrada. Ácerca d'este notabilissimo homem, que, nascido em algumas das nações que se ensoberbecem da immortalidade dos seus filhos, teria estatuas, vejamos o que nos conta um seu minudencioso biographo:

«Está hoje com evidencia demonstrado que a gloria da invenção das machinas aerostaticas pertence a Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Antes d'elle fallaram Bacon, Lana e Galiano da possibilidade da ascensão ou navegação aerea. Não conseguiram porém realisal-a. Durante tempo bastante passaram os irmãos Montgolfiers de França pelos primeiros, que haviam praticado tão importante descobrimento. Grande erro porém foi, porque só no anno de 1783 lograram elles fazer subir aos ares um balão. ou machina aerostatica, quando na cidade de Lisboa se praticára em 1709 a experiencia da que imaginára Bartholomeu Lourenço, e que deu o mais feliz resultado, se bem que não tivesse a publicidade, que adquiriria em qualquer outro paiz, e nem d'ella se colhessem os proveitos que souberam conseguir os francezes da operação dos Montgolfiers.

«Comprehendia Bartholomeu Lourenço de Gusmão toda a importancia do seu invento, e por isso requereu para si o privilegio exclusivo. El-rei, que o protegia, e parecia encontrar prazer nas experiencias, que elle commettia, apenas ouviu a mesa do desembargo do paço, outorgou-lhe benevolo deferimento com aggravação de penas para os contraventores, e especificação de premios para o seu author, que, pelo alvará de graça de 12 de abril de 1709, obteve a mercê de uma conezia, e da cadeira de lente de prima de mathematica na universidade de Coimbra, com o ordenado annual de 600$000 reis, creado por toda a sua vida.

«Fez-se o ensaio em Lisboa no pateo da casa da India, perante el-rei. a côrte, e o povo, no dia 5 de agosto de 1709. Extrahiremos de um im-

presso do meado do seculo passado, sahido das officinas typographicas de um certo Antonio Rodrigues Galhardo, o qual tem o titulo de *Descripção do novo invento aerostatico;* de outro publicado por Simão Thadeu de Ferreira em 1774, e que traz uma estampa representando a machina; e da *Encyclopedia britannica* dada ao prelo em 1797 em Edimburgo, as noticias que se espalharam ácerca dos elementos de que ella se compozera, e do modo por que teve lugar a sua ascensão.

«Tinha ella — diz a *Encyclopedia britannica*, referindo-se ás tradições do tempo — a fórma de um passaro, crivado de multiplicados tubos pelos quaes passava o vento a encher uma especie de bojo, que servia para eleval-a, e se faltasse o vento, conseguia-se o seu mesmo effeito por meio de folles dispostos dentro do seu corpo. A ascensão devia tambem de ser promovida pela attracção electrica de peças de ambar, dispostas na parte superior, e por duas espheras, na mesma posição, incluindo o magnete.»

«Sendo ella elevada (affirma o impresso de Rodrigues Galhardo) pela dita attracção ou forças magnetica e electrica, seria, mediante uma vela, impellida pelo vento, e na falta d'este, pelo que se lhe subministrasse com folles, alli igualmente collocados para este effeito; dirigindo-se o rumo por um leme posto na pôpa, com umas pás ou azas em ambos os lados.»

«Fez-se a experiencia (assevera uma nota marginal de Francisco Leitão Ferreira, que se acha escripta na obra citada) em 8 de agosto d'este anno de 1709 no pateo da casa da India, diante de S. M. e muita fidalguia e gente, com um globo, que subiu suavemente á altura da sala das embaixadas, e do mesmo modo desceu, elevado de certo modo material, que ardia, e a que applica o fogo o mesmo inventor.»

«Não obstante que o author da machina diga que dentro dos globos vai o magnete, cuja virtude fará subir a barca (diz o impresso de Simão Thadeu) não é comtudo a sua elevação por força da virtude attractiva, mas sim pela força do gaz, que os mesmos globos teem dentro, e a que o mesmo author chama segredo.»

«Acabamos de vêr a fórma da machina diversa e differentemente recontada e descripta. A respeito dos agentes que se empregaram para a fazer subir, apparecem tambem opiniões contradictorias. Seriam applicados os mesmos elementos gazosos de que se serviam os Montgolfiers na que, setenta e quatro annos depois, isto é, em 1783, experimentaram em Pariz, e com a qual tentam os francezes chamar a si a gloria do invento?

«Usaria antes Bartholomeu Lourenço, como se propalára em Lisboa na occasião do ensaio, do impulso e applicação do magnetismo e da electricidade?

«São questões não solvidas ainda. Guardou segredo Bartholomeu Lourenço. Dos documentos, que se tem podido conseguir sobre a materia, nada se colhe. Pensa o conego Francisco Freire de Carvalho que foi a machina de Bartholomeu Lourenço concebida e construida segundo as leis da boa physica, e não conforme um desenho que, em 1774, se publicou em Lisboa com o nome e figura de uma passarola, que assim a chamava o povo; e que para a sua elevação se empregaram os mesmos agentes de que posteriormente fizeram uso os Montgolfiers, e não o magnetismo e a electricidade, nem os futeis meios, que assignalam os contemporaneos.

«O certo é que subiu a machina suavemente, e desceu logo depois, ou por lhe falharem os alimentos para poder demorar-se mais tempo no ar, como pensam alguns, ou por ter tocado em uma cimalha e soffrer estragos, como outros acreditam.

«Não estava porém o povo de Portugal tão adiantado em civilisação, que admirando os progressos das sciencias, os considerasse naturaes e legitimos. Prevaleceu o espirito supersticioso, que minava a época. Suppoz-se que era a ascensão da machina uma feiticeria. Foi o author suspeito de imaginar planos diaboli-

cos, e por entre a populaça ficou desconsiderado, e chegou até a correr perigo de vida apparecendo em publico.

«Chamavam-lhe o voador, e este nome passou da metropole para a capitania do seu nascimento, e mesmo para a sua familia, que por muitos annos foi conhecida assim no Brazil, e particularmente em S. Vicente.

«Não o abandonou todavia el-rei, posto lhe insinuasse que não proseguisse nos melhoramentos da sua invenção, como eram os seus desejos. Assim se explica a razão por que um tão importante acontecimento ficou desconhecido por tanto tempo, e a gloria que deveria pertencer a Bartholomeu Lourenço de Gusmão, como o inventor das machinas aerostaticas, reverteu para os Montgolfiers, que tão posteriormente a praticaram, e que por grande parte das nações e povos são considerados os seus primeiros descobridores. Ha espiritos, que pensam que são inventores os que tiram partido pratico das innovações, e não os que as descobrem. Dão, assim, mais gloria ao americano Fulton, que a Papin, que presentiu a applicação do vapor á arte de navegar, e ao marquez de Jouffroy, que a ensinou em França. Posto não seja exacta esta opinião na sua plenitude, porque maior é o genio creador que o talento dos aperfeiçoadores dos inventos alheios, é flagrante a injustiça do mundo, em relação a Bartholomeu Lourenço, que inventou e praticou os balões aerostaticos. Os Montgolfiers não passam de imitadores, e copistas. Representam a parte de Vespucio, roubando a Colombo a gloria do descobrimento da America.»

Em galardão do seu invento, Bartholomeu de Gusmão foi malquisto do rei, do clero, e até dos poetas que o apodaram com epigrammas ou o houveram na conta de pactario do demonio. Ouçamos ainda o snr. Pereira da Silva:

«Perseguiu-o a inquisição? Julgou ella que podia conseguir uma victima mais, para cortar os vôos do genio? Quereria nivelal-o em posição com Galileu, que fôra obrigado a declarar nos carceres debaixo de juramento, que era falso o seu descobrimento de que a terra se movia?

«Ignora-se inteiramente. Pensa-se que nos archivos da casa de Brunswick devem existir documentos que depurem este ponto da historia, porque com a princeza Isabel de Brunswick Blackenburgo, sua primeira protectora, entreteve Bartholomeu Lourenço constantes correspondencias.

«É porém fóra de duvida que no mez de setembro de 1724 desappareceu do reino de Portugal Bartholomeu Lourenço de Gusmão, abandonando a cadeira da universidade, e o lugar de socio da academia, sem que désse aviso a nenhum dos seus parentes ou amigos.

«Fugiria do santo officio? Teria receio de que o encerrassem nos seus carceres, e fosse n'elles abandonado? Magoal-o-hia tanto o desagrado d'el-rei, que preferiu desamparar a patria, e os empregos, que lhe davam uma subsistencia honesta, com quanto escassa? Desgostar-se-hia dos insultos e injurias, que recebera em paga de uma invenção, que em qualquer outro paiz, época, e civilisação, lhe dariam a maior importancia, e as mais exquisitas honras? Transtornar-lhe-hiam o juizo todos estes successos a ponto de que o perdesse?

«Sómente se teve em Portugal noticia d'elle quando se descobriu que era já fallecido. Suppoz-se por algum tempo que morrera em Sevilha; mas está provado agora que acabou miseravelmente no hospital da cidade de Toledo, em Hespanha, no dia 18 de novembro de 1724, e fôra enterrado á custa da irmandade dos ecclesiasticos de S. Pedro, na matriz de S. Romão.»

GUTTENBERG. «N'uma cella do convento de Arbogasto, sentado a um bofete, com a cabeça apoiada na mão direita, meditava um homem pallido, de longa barba, e olhar immovel. Este homem chamava-se Guttenberg.

«De vez em quando erguia a cabeça scintillando-lhe os olhos por modo que

pareciam illuminados por um clarão interior. N'estes extasis, João corria os dedos pela barba com um movimento de subita alegria. É que o eremita da cella monastica estava resolvendo um problema cuja solução já entrevia. De repente levantou-se soltando um grito d'alma. Era o desafogo de uma idéa por longo tempo sopeada.

«João correu a um bahú que tinha ao canto da cella, abriu-o, e tirou um instrumento cortante; depois, poz-se a cortar um pedaço de madeira. Em todos os seus movimentos se revelava certa anciedade como se temera lhe fugisse a idéa que lhe occorrera, diamante que achára, e queria lapidar e acrisolar para a posteridade. João cortava o pau com uma celeridade febril, o suor corria-lhe em bagas, e os olhos inquietos não se lhe despregavam da obra que tinha entre mãos.

«Durou muito tempo esta faina; acabada ella, molhou os pedaços de madeira n'um liquido negro, assentou-os sobre um pergaminho, e pondo-lhe as mãos em cima, com todo o peso do seu corpo, que lhe serviu de prensa, imprimiu a primeira letra, que tinha aberto na madeira. Depois de contemplar a sua obra, segundo grito de jubilo lhe sahiu do peito. Fechou os olhos com um ar de beatitude tal, que podéra ser invejado pelos que estão no paraiso, e cahiu desfallecido sobre o escabello. Quando o somno se apoderou d'elle, murmurou: sou immortal!

«Guttenberg teve então um sonho que lhe agitou o espirito. «Ouvi duas vozes, diz elle, duas vozes desconhecidas que me fallavam alternativamente. Uma dizia-me: — «Exulta, João, tu és immortal; d'ora ávante, a luz que tu creaste, se diffundirá por todo o mundo; os povos que vivem a milhares de leguas distantes de ti, estranhos ás idéas do nosso paiz, lerão e comprehenderão todos os pensamentos, hoje mudos, derramados e multiplicados com a reverberação do fogo, obra do teu genio! Exulta, João, és immortal, porque o teu descobrimento vai dar vida perpetua aos genios que morreriam á nascença se não fôras tu; e que, por gratidão, hão de proclamar successivamente a immortalidade d'aquelle que os immortalisou.»

«Calou-se esta voz, deixando-me entregue ao delirio da gloria. Ouvi então a outra voz que me dizia: — «Sim, João, és immortal; mas porque preço! As idéas de teus semelhantes serão acaso sempre puras e santas, para que mereçam ser expostas aos olhos e ouvidos de todo o genero humano?

«Não ha muitas, e talvez o maior numero, que merecem antes ser mil vezes suffocadas que repetidas e multiplicadas por todo o mundo? O homem é as mais das vezes perverso, e por isso profanará o dom que lhe conferes; abusará do novo sentido com que o dotaste. D'aqui a um seculo, em vez de te abençoar, ha de amaldiçoar-te.

«Homens nascerão, cujo espirito será altissimo e seductor, mas de coração perverso e corrompido; sem ti jazeriam na obscuridade, limitados a um breve circulo; não seriam nocivos, senão aos seus contemporaneos e á sua época; mas com o teu invento communicarão o seu espirito vertiginoso, a desgraça e o crime, a todos os homens e a todas as idades!

«Vê esses milhões de almas contaminadas pela corrupção de uma só!

«Vê esses mancebos pervertidos pelos livros, cujas paginas vertem o veneno do espirito!

«Vê quantas donzellas immodestas pela leitura dos livros que lhes pervertem o coração!

«Vê tantas mães chorando a perdição de seus filhos! Vê tantos paes envergonhados da infamia de suas filhas!

«João, não é cara a immortalidade que custa tantas lagrimas e angustias? Desejas a gloria por este preço?

«Não tremes, João, não te assusta a responsabilidade que te ha de pesar na consciencia por semelhante gloria?

«Crê-me, João, vive como se não tivesses feito tal descobrimento; encara a tua invenção como um sonho se-

ductor, mas funesto, cuja execução seria util e santa se todos os homens fossem bons. Mas em geral são maus; e prestar armas aos malfeitores não é ser cumplice dos seus crimes?»

«Acordei horrisado e duvidoso; hesitei por algum tempo; mas considerando que os dons de Deus, posto que muitas vezes sejam perigosos, nunca são nocivos; e que dar mais um instrumento á razão e á liberdade do homem, era abrir mais vasto campo á intelligencia e á virtude, ambas de origem divina, prosegui na execução do meu invento, a typographia.»

«Tal é a lenda do sonho que teve o inventor da imprensa, segundo consta de um manuscripto da bibliotheca do conselheiro aulico Beck, e que tão ao vivo reflecte todas as controversias que tem havido sobre a liberdade da imprensa.

«Traduzimol-a textualmente da versão feita por M. Garand, de Strasburgo, sem lhe alterarmos a ingenuidade do estylo, nem lhe fazermos nenhum commentario, porque todos quantos lhe juntassem, não acrescentariam um átomo á obvia intelligencia d'esta verdadeira prophecia.

«Diremos porém algumas palavras sobre a vida de Guttenberg, seguindo os biographos que melhor a tem estudado.

«João Gensfleich de Sorgeloch Guttenberg nasceu em Moguncia no anno de 1404, de uma familia nobre.

«Moguncia, Worms, Strasburgo e outras cidades da Allemanha eram então umas pequenas republicas. Duas classes disputavam o poder, a fidalguia e a burguezia; o povo fluctuava entre as duas. Os dous partidos, alternadamente vencidos e vencedores, tinham continuas emigrações; os de Strasburgo iam para Moguncia, os de Moguncia para Strasburgo.

«N'estas lutas, o joven Guttenberg, fidalgo de linhagem, combatia pela causa da nobreza. Quando este partido foi vencido, emigrou elle para Strasburgo. Pouco tempo depois, uma contestação de precedencias que houve nas ceremonias da entrada solemne do imperador Roberto e do arcebispo Conrado, excitando a antiga rivalidade das classes, motivou a deportação de alguns fidalgos, entre os quaes entrou Guttenberg, que tinha então dezenove annos. Sua mãi e suas irmãs ficaram na posse dos bens que tinham herdado, mas os de Guttenberg foram confiscados.

«Nos dez annos que durou este exilio, foi que ėlle se deu a serios estudos, e que a sua attenção se voltou para um empenho mais glorioso que as honras vãs por que elle tinha combatido até alli.

«Quando se fez a paz, Guttenberg não quiz voltar para Moguncia; sua mãi pediu á republica a restituição dos bens de seu filho, ou ao menos uma pensão alimenticia. A cidade recusou-lhe este subsidio, a pretexto de que elle ficava sendo considerado como inimigo da patria, por não querer regressar a ella.

«Entretanto era tal a popularidade que Guttenberg tinha grangeado em Strasburgo, não só pelo seu talento, mas tambem pelo seu caracter, que quando o magistrado de Moguncia passou por aquella outra cidade, foi preso pelo povo, que o não soltou em quanto o municipio de Moguncia não restituiu a Guttenberg todos os bens que lhe tinha sequestrado. Quando recebeu a herança paterna, foi que elle se dedicou activamente a pôr em effeito o projecto que tinha na mente. Percorreu a pé a Suissa, a Italia, a Allemanha e a Hollanda, onde as artes e as sciencias mais floreciam.

«N'esta ultima viagem á Hollanda conheceu elle um sacristão da sé de Harlem, chamado Lourenço Koster. Este rapaz, que estava para casar, quiz fazer um brinde á sua noiva, abrindo a firma do nome de ambos, com um canivete, n'um pedaço de madeira de salgueiro ainda verde. Um dia notou elle, que as letras tinham ficado marcadas no pergaminho em que as embrulhára, porque sendo a madeira muito verde, a seiva que ainda vertêra tinha produzido aquella especie de impressão.

«Alvoroçado com esta inesperada combinação, abriu nova chapa, un-

tou-a de preto, e tirou n'um pergaminho a firma conjugal.

«Mostrou Koster a Guttenberg este seu achado, que foi como um raio de luz para o meditativo allemão.

«Foi então que Guttenberg teve o sonho que já relatamos, durante um somno febril de muitas horas.

«Por este processo se começaram a imprimir algumas orações, primeiro o padre nosso, e depois outras.

«É o que se chama impressão tabellaria. Mas d'este modo apenas se podia estampar uma pagina de cada vez, e o mesmo inconveniente tinham as chapas ou fôrmas gravadas, a que se chamava impressão xylographica. O descobrimento estava incompleto. Guttenberg é que tinha nascido para crear a typographia.

«Com esta primeira tentativa, partiu elle para Strasburgo, e ahi conseguiu, depois de muitos ensaios infructuosos, fundir as fôrmas, como a estereotypia, e com ellas imprimir alguns textos.

«Para estabelecer uma fundição de typos, e as mais officinas complementares da typographia, como lhe faltasse o necessario capital, fez uma sociedade com André Dritzehen, e João Riffe, ourives de Lichteneau. O povo julgando que tudo aquillo era obra de feiticeria, levantou-se contra o innovador, que foi obrigado a transportar a sua officina para o deserto convento de S. Arbogasto, de que já fallamos.

«Foi ahi que elle inventou o instrumento complementar da sua invenção, o prélo.

«Diz-se que a primeira prensa fôra feita por Conrado Saspach.

«Como Guttenberg fizesse algumas outras tentativas e obras, sem dar conhecimento d'isso aos seus socios, entendendo estes que faltava assim ás clausulas do contracto, intentaram contra elle uma demanda que a final ganharam. Guttenberg perdeu grande parte do cabedal que metteu n'esta empresa, voltando para Strasburgo onde fundou, elle só, a primeira imprensa que houve n'aquella cidade.

«Ahi mesmo foi perseguido pelos seus antigos socios, a pretexto de liquidação de contas. A justiça penhorou-lhe tudo. e o grande inventor teve que sahir de Strasburgo, e voltar para Moguncia, pobre e fugitivo!

«A Providencia concedeu-lhe então algum lenitivo a tantas angustias, o amor e o coração de Annete de la Porte, donzella que elle conhecera desde a infancia, e á qual tinha feito promessa de casamento. Pobre e perseguido, Guttenberg não a queria encadear á sua desventura; mas Annete, vencendo todas as repugnancias da sua familia, e escutando só a voz do coração e do dever, obrigou Guttenberg a aceitar-lhe a mão, e associal-a ao seu destino. Foi a unica ventura que elle teve n'esta vida.

«Depois de casado, em 1449, fez uma sociedade com Fust ou Faust, ourives e banqueiro, e com Schœffer, tambem ourives. Esta sociedade foi dissolvida em 1455, formando-se depois outra só entre Fust e Schœffer.

«Os primeiros livros impressos tem a data de 1457; até então não lhe punham era, nem a terra em que se tinham imprimido.

«Não se sabe, com certeza, qual foi a primeira obra que se deu ao prélo; mas infere-se do espirito religioso que n'este invento guiou a Guttenberg, que, provavelmente, foram os *Psalmos* e a *Biblia*.

«Lamartine adoptou esta hypothese, quando disse: «É glorioso para a imprensa, tel-a inventado a religião e não a industria.»

«Da *Biblia* attribuida a Guttenberg, damos hoje um *fac-simile*, tirado do magnifico exemplar que possue, como uma das suas maiores riquezas e raridades, a bibliotheca nacional de Lisboa.

«Guttenberg, depois de dissolvida a sociedade que tinha com Fust e Schœffer, da qual sahiu despojado da sua gloria e dos seus haveres, retirou-se para Nassau, onde o eleitor Adolpho II o nomeou seu camarista e conselheiro de estado. N'esta cidade ainda imprimiu alguns livros. Seus filhos ahi lhe morreram todos, e depois sua mulher, perda que o aniquilou, porque fôra ella quem, pela sua ternura

e dedicação, contribuira para lhe influir a perseverança heroica, sem a qual Guttenberg não lograria completar a grande obra, a mais util a que se tem applicado o espirito humano.

«Como succede a quasi todos os inventores, Guttenberg, pobre e perseguido toda a sua vida, logo que morreu, não houve homenagem que se lhe não prestasse. Só então é que o invento foi avaliado, encarecido e applaudido com enthusiasmo. Não só muitos nobres, mas até reis e principes aprenderam a arte typographica; e a arte e os artistas gozaram dos privilegios da nobreza.

«Quatrocentos annos depois da maravilhosa invenção, a 24 de junho de 1840, inaugurava-se em Strasburgo a estatua de Guttenberg, cinzelada por David d'Angers.

«Nenhum monarcha teve ainda mais solemne cortejo. N'aquella cidade se reuniram todas as notabilidades typographicas, scientificas e litterarias. Perante o simulacro do grande descobridor se recitaram muitos panegyricos, e se leram extensas memorias. Durou o acto tres dias.» (*Archivo Pittoresco*).

GYMNASTICA. «A gymnastica é a arte de enrijar o corpo por meio de diversos exercicios, e de conservar-lhe a saude: ella lhe desenvolve as forças, faz com que adquira agilidade, e dá garbo e desembaraço aos seus movimentos. O salto, a corrida, e a luta são os exercicios proprios para desenvolver a força.

«O *salto* comprehende o salto propriamente dito, que consiste em saltar por cima de um obstaculo, mais ou menos alto; o salto sem recuar, que se dá a pés juntos; o salto com recúo; o pulo dado com o auxilio de um pau, que é util para saltar fossos largos; o salto mergulhante, que se dá de cima d'uma altura de quinze a vinte pés; o salto ao comprido, que serve para salvar um fosso ou rio (ha quem salte até quinze pés ao comprido); o salto continuo, que se dá a pés juntos, ficando vencedor o que chega á meta em menos saltos; e finalmente o salto n'um pé só.

«A *corrida* é o exercicio mais simples e o mais util para a conservação da vida do homem, por quanto dá grande força aos membros e aos pulmões.

«A *luta* consiste em abraçarem-se os antagonistas, e apertando-se com as mãos e braços, diligenciarem derribar um ao outro. O exercicio da luta contribue singularmente para fortalecer todas as partes do corpo.

«Os exercicios proprios para cobrar forças e agilidade, são a natação, a arte de arremessar, e a de trepar.

«Da arte de nadar se tira em primeiro lugar o proveito dos banhos, e depois a faculdade de salvar a propria vida, e muitas vezes a de outrem, quando se nada com perfeição. Os mancebos devem fazer uso dos banhos frios, os quaes augmentam a força dos musculos, e acostumam a supportar o frio, — moderam, no estio, o calor do sangue, e o fazem circular mais livremente, — e finalmente mantem a saude, que não póde conservar-se sem grande aceio. Convem muito tomar banhos de manhã, antes de nascer o sol, porém nunca logo depois de comer. Os mestres não devem consentir que os seus discipulos entrem no banho antes de esfriarem, e os farão saltar n'agua para que mergulhem logo, pois do contrario póde subir o sangue á cabeça: os que não sabem mergulhar deverão molhar a cabeça antes de entrar n'agua. Bastam dez a doze minutos para refrescar o corpo, e fortalecer os nervos.

«A arte dos exercicios de arremesso, que dá vigor aos musculos dos braços, e habilita para fazer pontarias com certeza e rapidez, consiste em arremessar ou sacudir algum objecto, quer seja com a mão, quer mediante algum instrumento, como o arco, a raqueta, etc.

«A *arte de trepar* é a que ensina a usar das mãos, dos braços, e das pernas, para subir a uma arvore ou trepar ao tope d'um mastro. Os exercicios tendentes a trepar acostumam ao

mesmo tempo os mancebos a ser soffredores, perseverantes, e a desprezarem as dôres.

«Os exercicios proprios para desenvolver a elegancia do corpo são a equitação, a dança, e a esgrima.

«A *equitação* é a arte de montar a cavallo; adquire-se aprendendo os exercicios da picaria, que teem por fim ensinar a reger um cavallo, assim nas occasiões de perigo, como nas de deleite.

«A *dança* é a arte de mover os pés a compasso ao som de instrumentos, dando ao corpo uma desenvoltura agradavel, sem affectação. Todas as nações cultivaram este bello exercicio, que regula os movimentos do corpo, e lhe dá aquelle donaire, desembaraço e firmeza no modo de pisar, que tanto agrada em ambos os sexos.

«A *esgrima* é a arte de usar da espada para ferir o inimigo ou apararlhe os golpes. Aprende-se a esgrimir com certos floretes mui flexiveis, sem fio, e que teem um botão na ponta, para não ferirem.» (*Panorama*).

H

HABITOS. «O habito é uma propensão adquirida com a frequente repetição dos mesmos actos.» (Dr. Descuret). (Veja FACULDADES). — «Os habitos contrahidos em tenra idade são por certo os mais inveterados. É o que se chama educação, que, a bem dizer, é o habito contrahido temporãmente.» (Bacon).—«É o homem o unico ente sensivel cuja razão se fórma por meio de continuadas observações. Começa-lhe ao nascer e acaba com a morte a sua educação. Em perpetua incerteza lhe derivariam os dias se a novidade dos objectos e a flexibilidade do seu cerebro, na infancia, lhe não dessem ás impressões da primeira idade um caracter indelevel: é então que se formam o gosto e as observações que toda a vida nos encaminham.» (Bernardin de S. Pierre).

HAITI. (Veja ANTILHAS).

HALES. (Veja CHIMICOS).

HALOS. (Veja METEOROS).

HARMONIA (domestica). «Perfeita harmonia entre pai e mãi é a base primaria da educação. Quando corre ao pai obrigação de reprehender um filho, por faltas que merecem castigo, tudo se perde quanto ao beneficio que deve resultar do castigo, se a mãi não está em perfeita harmonia com o pai que deliberou a punição.» (M.me Champan, *Educação das meninas*).

HASTE (ou caule). É a parte ascendente da planta que cresce em sentido contrario da raiz, se desenvolve ordinariamente fóra da terra, dando nascimento ás folhas, ramos, flôres e fructos. Todas as plantas tem caule; mas n'algumas é tão curto que as folhas parece sahirem do collo da raiz. Estas chamam-se *acaules:* tal é o taraxaco, por exemplo. E *caulinares* se dizem as plantas, cujo caule é bem visivel e crescido. Ha cinco especies de caules relativamente á sua organisação: *tronco*, *espique*, *colmo*, *rhizoma*, e o *caule propriamente dito.* Tronco é um caule lenhoso, duro e secco, de figura conica, dividido e subdividido em pernadas e ramos, sobre os quaes nascem as folhas e flôres, formado de camadas concentricas, as mais exteriores das quaes formam a *casca* e as interiores a *madeira* ou *lenho*. Espique é um caule cylindrico, todo da mesma grossura, raras vezes com ramos, nascendo-lhe as folhas no tôpo, onde formam uma especie de cocar ou ramilhete. Colmo é o caule proprio das gramineas, como trigo, milho, cevada, arroz, e cana. É um caule ôco, ou cheio de miolo, dividido de espaço em espaço por tabiques, ou *nós*, dos quaes nascem as folhas. Rhizoma é um caule subterraneo com apparencia de raiz, deitando folhas e flôres pela banda de cima, e radiculas do lado da terra; cresce e alonga por uma extremidade, em quanto secca e se desfaz pela outra. Caule pro-

priamente dito é todo aquelle que não póde ser classificado n'alguma das quatro especies precedentes; taes são os caules de couve, da roseira, da malva, etc.

HAVRE. (Veja NORMANDIA).

HELI. (Veja DOZE (seculo).

HELIOTROPO. (Veja BORRAGINEAS).

HENRIQUE II, III e IV. (Veja DEZESEIS (seculo).

HENRIQUE VIII. (Veja DEZESEIS (seculo).

HERACLIDAS. (Veja DOZE (seculo).

HERACLIO. (Veja SETIMO SECULO).

HERALDO (de que por corrupção veio ao portuguez o nome de Arauto, s. m., diz Bento Pereira na *Prosodia*. — Heraldus, s. m., o embaixador da paz — mas vem marcado com asterisco * para mostrar, que é barbaro). *Arautos, reis d'armas, passavantes*, começaram estes officiaes para em seus livros conservarem as insignias de todas as linhagens do reino no tempo de D. João I. D. Manoel mandou o seu rei d'armas, Antonio Rodrigues, ás côrtes dos mais principes christãos a saber dos usos, e costumes, que estes officiaes da nobreza tinham; e depois que assentou a ordem, que se havia de guardar, baptisou com grande solemnidade nos paços da Ribeira tres reis d'armas com seus arautos, e passavantes, e mandou vêr as sepulturas dos reinos, para d'ellas se notarem as armas, e insignias dos fidalgos, de muitas das quaes fez pintar os escudos com suas côres, e timbres em uma formosa sala, que para isso mandou edificar nos paços de Cintra, e deu comprido regimento aos officiaes d'armaria. — Estes reis d'armas modernos succederam aos *feciales*, e *caduceatores* dos romanos, sendo estes vindos dos gregos. Ha tres especies d'elles: os primeiros, e menores são chamados passavantes, que tem o principal nome da sua provincia. Os segundos são arautos, ordinariamente eram os interpretes dos reis, e os que levavam seus recados na guerra. N'este reino ha tres officiaes de cada provincia, cada um de sua especie. Os nomes de que usam são «rei d'armas, Portugal; arauto, Lisboa; passavante, Santarem; rei d'armas, Algarve; arauto, Silves; passavante, Lagos; rei d'armas, India; arauto, Goa; passavante, Cochim. A obrigação dos reis d'armas é fazer um livro cada um em sua provincia, em que se escrevam todas as familias dos nobres, e fidalgos, que n'ella vivem, apontando seus casamentos, e filhos, e fazendo arvores genealogicas; fazer com que cada um traga as armas, que lhe competem por direito; assistirem aos levantamentos dos reis nos actos das côrtes, nas entradas solemnes das cidades, e nos exercitos, quando os principes se acham n'elles, etc. Severim de Faria, de quem foi extrahido este artigo (*Notic. de Portugal*), diz vir a palavra *arautus* do francez *heurauts*; mas inclino-me antes á etymologia que lhe dá Moreri do allemão — *here* — que diz exercito, e — *ald* — servidor, official. (Couto Guerra, *Diccionario de homonymos*).

HERODOTO. «Herodoto, que nos transmittiu a narrativa da guerra dos persas, diz F. Schlegel, houve cognome de *Pai da historia*. A obra d'elle é, se assim o querem, mera chronica, noticia fiel e inteira de todos os successos mais convisinhos da historia, aos quaes elle dera a maxima valia, noticia ampliada accidentalmente com tudo que o author sabia da historia do mundo. É tambem descripção de viagens. Compraz-se o author em relatar de passagem o que viu entre os estrangeiros, e outros gregos não viram. É por amor d'esses muitos episodios e da liberdade poetica das divagações que lhe é comparada a obra aos mais antigos entrechos dos poemas heroicos. O que, porém, é de todo o ponto certo, é que a fidelidade, singeleza e clareza, graça nativa e ligeira da narração, são os predicados que

dão cunho de verdade á historia, e que deveram ser obrigatorios em todo historiador, se não fossem tão rapidos. E esses são os attributos que dão grande quilate aos livros historicos de Fernão Lopes, o mais antigo historiador das cousas portuguezas. É Herodoto o Homero da historia, Homero em prosa, o mais fecundo dos mythologos, o primeiro que, em nove rapsodias, cujo interesse é realçado por muitissimos episodios attrahentes, nos deu a entrever toda a epopéa da antiga historia dos povos, qual os gregos a entendiam n'aquelle tempo. Além d'isso, o modo narrativo dos mythographos, bem que em prosa, semelhava-se quanto possivel á exposição epica; e da sua clareza, copia e graça — distincções que sobrepõem Herodoto a seus discipulos — adquirimos provas da origem homerica e fórma epica de seus escriptos. — A graça scintillante das narrações de Herodoto fez que aos seus nove livros se chamassem as nove musas.» (F. Schlegel, *Historia da litteratura*). (Veja QUINTO SECULO).

HESIODO. (Veja DEZ (seculo).

HESPANHA. 1. «O clima de Hespanha é temperado no interior e nas ribas do oceano; mas no reino de Granada e em Andaluzia é ardente. O solo, geralmente fertil, produz, ao norte, os productos da França meridional; ao sul vinhedos, laranjaes, limoeiros, loureiros agigantados, palmeiras baixas, cana de assucar e algodoeiros. Antigamente, as minas aureas de Hespanha foram riquissimas; mas hoje em dia estão pouco menos de exhauridas. Criam lá muitos rebanhos, com especialidade carneiros de fina lã, chamados merinos; d'ahi os importa a França. Os cavallos andaluzes gozam merecida fama. — Considerada geographica e physicamente, a Hespanha tem tanto de Africa como da Europa; não ha duvidar, quando no mappa do mediterraneo, ao lado das peninsulas grega e italica, vemos a de Hespanha, digamol-o assim, dar a mão á extrema de Africa, que lhe parece ser continuação, apesar do nome e do estreito divisorio... Sem embargo das differenças que a religião, governo e leis fizeram nas usanças, habitos e idiomas, observa-se que as relações terrestres e materiaes — solo, aguas, cultura — são ainda analogos entre paizes convisinhos, que longa cadêa de successos tornaram como que reciprocamente estranhos. Assim é que o mesmo sol calcinante abraza a Barberia e Andaluzia. As montanhas, escalvadas de arvoredo, não attrahem nuvens e chuvas. As planicies e valles são arados pela seccura. É certo que por onde quer que a arte encontra correntes fertilisadoras, as aproveita com prodigioso exito no grangeio da terra; porém, ao lado de ricas esplanadas, ha desertos immensos onde a vista se perde e a alma se contrista, descobrindo até longos horisontes solidão e aridez. Se galgamos ao tôpo de algumas serras de Hespanha, vêmos, sob um céo quasi sempre ardente, platós incultos, collinas e matto, onde não respira folego vivo. Só lá no sopé das serras, serpeia ao longe um regato, com orlas verdejantes, por onde vamos no encalço das messes, dos plantios, e vivendas humanas...» (*Memorias do marechal Suchet*).

2. MADRID, capital de Hespanha, na Nova-Castella, está situada sobre a margem esquerda do Mançanares. Tem ruas amplas, limpas, regulares, mas mal ladrilhadas. As de Alcalá, d'Atocha, de S. Bernardino, de Toledo e de Fuencarral são as mais notaveis. Tem 42 praças, avantajando-se a todas a Plaza-Mayor, a do Paço Real e a do Sol. Madrid, em tempo dos romanos, era ainda uma insignificante povoação. Em 1109 foi presa dos mouros que a fortificaram e lhe deram o nome que tem. Em tempo de Philippe II, por 1563, foi feita capital de todo o reino. Entre as demais cidades de Hespanha, mencionamos Barcelona, parte do mediterraneo, grandemente commercial, e a principal em industria; Sevilha, ás margens do Guadalquivir, celebre por sua cathedral e aqueducto romano; Cadix, sobre o

oceano atlantico, segunda cidade commercial de Hespanha, Granada, notavel por industria, commercio, monumentos arabes, e mormente Alhambra.

3. Os hespanhoes são graves, discretos, circumspectos, sobrios, lentos em deliberar, inflexiveis em executar, soffredores, e bons soldados. Tem espirito vivo e profundo; mas de seu natural indolentes, descuram a agricultura, o commercio e as artes. Accusam-os de soberba, petulancia, e pouca limpeza de suas pessoas.

HIPPOCRATES. (Veja Quinto seculo).

HIPPOPOTAMO. (Veja Madagascar).

HISTORIA. «Instruir é o fim principal da historia. Mas como o prazer é quem convida poderosamente á instrucção e quem a torna efficaz; deleitar é outro fim quasi de igual importancia.

«O historiador instrue por factos e reflexões; deleita por factos, reflexões e estylo.

«Uns factos, por si mesmos e considerados em separado, são lições gravissimas para a vida civil ou politica. A conspiração de Catilina inspira horror da depravação, que induz a projectos abominaveis e temerarios, e accende o amor da patria e o da gloria, que, em a salvar, grangeou M. Tullio.

«Outros factos, sem serem de si instructivos, tem com os primeiros tão intima união, que sem elles ou se não podem entender, ou ficam desagradavelmente incompletos os instructivos. Aos primeiros chamarei importantes, aos segundos necessarios.

«Não é preciso longo discurso para persuadir que de todos os importantes e necessarios se deve encarregar o historiador; mas que deve prescindir de todos os mais. Se despreza alguma porção do que é necessario ou importante, fica reprehensivelmente defeituoso; se gasta tempo e trabalho com o que não está n'este caso, só merece o conceito de injudiciosamente prolixo.

«Um romance ou uma ficção, que o seu author offerece logo como tal, póde instruir o leitor. Assim o instruem os poemas de Homero, e o romance de Fénelon. Mas se o que eu começo a lêr na crença de que é historia, depois percebo que só existiu na phantasia de quem compôz, ou o desprézo, ou pelo menos não me aproveita. A verdade mais estricta é pois o fundamento ou um dos fundamentos essenciaes da instrucção historica. Esta verdade ha de proceder da mais escrupulosa diligencia em investigar; do mais desembaraçado espirito para não a perverter; do mais valente animo para não a occultar.

«Porém ainda que o historiador possua e faça bom uso de todos estes dotes, se elle opportunamente me não convence de que os possue e emprega, eu fico justamente em perplexidade, que destroe ou diminue muito a instrucção. É preciso por tanto que elle se me mostre nas occasiões convenientes diligentissimo, imparcial, e de animo robusto. A veracidade, em summa, deve acompanhar a verdade e reluzir em quasi todas as paginas da historia.

«Resulta que o historiador que quer instruir ha de offerecer só factos necessarios, importantes, verdadeiros; e ha de convencer plenamente os leitores de que a veracidade e todas as prendas, que para ella concorrem, são virtudes eminentes no seu caracter.

«N'isto é, como n'outras cousas, altissimo o merecimento de Cornelio Tacito. Quer este homem insigne dar a conhecer Tiberio e o estado dos costumes e negocios no reinado d'este mau principe: marcha pois a este fim com passo rapido; pondo á parte tudo aquillo que não serve: conta sómente o verdadeiro: e a cada momento faz vêr que leu os escriptos do tempo, que consultou as tradições authorisadas, que nem amor, nem odio corrompeu o seu juizo, que ousa revelar os mais abominaveis segredos, sem occultar as boas acções ou qua-

lidades. De maneira que eu me admiro de que pessoas, que lêem e tratam as obras d'este grave romano se atrevam a reputal-o inclinado a maliciosas preoccupações. Ao vêr como elle penetra e expõe as astucias do principe, como pinta com força a sua dureza, tyrannia e vicios abjectos; e como ao mesmo tempo recommenda a sua liberalidade, e desinteresse; como hesita em lhe attribuir o mal que não tem por certo, e como o defende do que lhe imputam por exageração de inimizade: nenhum sisudo póde pôr em duvida a veracidade do primeiro dos historiadores antigos e modernos.

«Dado porém que o historiador ajunte com diligencia, desinteresse, e animo atrevido, os materiaes necessarios, importantes e estrictamente verdadeiros; não tem feito ainda tudo o que é preciso para instruir. A perfeita instrucção depende mais da ordem e ligação dos factos indispensavel para elles serem entendidos e comprehendidos como convem: e a ordem e ligação demandam no historiador juizo para dispôr com acerto, e agudeza para entender o nexo.

«Por muitas razões é a ordem chronologica a que deve abraçar sempre, ou quasi sempre, a historia. O seguinte é razão que vá depois do antecedente; a causa primeiro que o seu effeito: e a isto se reduz sem duvida a ordem natural do tempo. Em casos muito raros pedirá o interesse, ou soffrerá o bom senso que esta disposição tão natural e tão clara seja impunemente invertida.

«Mas não se póde negar que adherir sem discrição á ordem chronologica, traz comsigo inconvenientes muito serios. A ligação, mui necessaria, vem assim a ser em varios casos difficultosa e talvez impossivel. Nasce uma mistura de cousas disparatadas, que tira a nobreza e gravidade da narração, offende o bom gosto do leitor, e interrompe a merecida attenção de um negocio de vulto. Este é o defeito de Tacito, ou o do seu plano, nos *Annaes*. A eleição de uma vestal e factos semelhantes vem romper o interesse com que lêmos os encarecimentos da dôr dos romanos pela morte de Germanico.

«Combinar a ordem chronologica com outra, que atalhe os seus inconvenientes, é o mais acertado. Quem, por exemplo, escrever a historia geral de um dos povos modernos, obrará com bom conselho se repartir as suas épocas em religião, politica e civilisação, e seguir a ordem do tempo em cada um dos objectos. A naturalidade e clareza da ordem chronologica subsiste; o disparatado, o desate, as interrupções importunas podem evitar-se facilmente.

«Combinando-se com outra a ordem chronologica, é evidente que se póde fazer melhor a ligação, como dizia. Mas é de advertir que se convem que os factos sejam bem ligados, é preciso com tudo fugir de uma ligação pouco natural, que, como toda a affectação, faz pouco credito ao juizo do author, e grande damno á nobreza e seriedade da historia. Procure-se a ligação, mas não se finja onde não existe. Quando a necessidade obriga a estas interrupções, vale mais confessar esta necessidade ingenuamente, que pretender disfarçal-a á custa do bom senso e gosto.

«Outro meio com que a historia chega ao seu fim de instruir consiste nas reflexões, que ajunta o historiador. Elle não conta como testemunha automatica os successos, que conhece; refere-os como homem entendido, que comprehende e avalia bem o que refere. Compõe uma historia, não compila uma chronica.

«Muitos tem conhecido este principio, mas pela inepcia com que o applicam tem declinado para extremos. A todo o momento vem a reflexão justa ou injusta. Não é historia, é philosophia, que se ajuda de alguns factos. E sahir com uma philosophia mera, quem se propõe sahir com uma historia; é offerecer o quadro de um cypreste a quem pede um quadro de naufragio. *Quid hoc?* lhe póde justamente perguntar o encommendista com Horacio.

«O bom historiador deve ajuntar

certamente reflexões: mas quando, que reflexões, e por que modo?

«Quando o caso fôr de tal gravidade, e singularidade que não deva passar sem o historiador dar mostras de que lhe faz a devida impressão: quando uma circumstancia pouco saliente deve ser advertida aos leitores, que não tem penetração mais que vulgar: quando as pedir sobre tudo a luz verdadeira em que o facto deve ser collocado. N'esta ultima occasião as reflexões não só são de receber, mas são necessarias. O historiador não deve faltar com cousa alguma das que concorrem para expôr claramente o facto. Da côr livida das perolas pescadas na Grã-Bretanha davam alguns por motivo a negligencia da pescaria; Tacito tinha com razão que não podia ser esta, e para exprimir este seu sentimento indispensavel para dar do facto o conceito verdadeiro, se havia escolher outro meio, prefere o da reflexão — *Ego facilius crediderim naturam margaritis deesse, quam nobis avaritiam.*

«Além de opportunas, as reflexões hão de ser justas, doutrinaes e por nenhum modo vulgares. Uma reflexão falsa em vez de ensinar, desencaminha; a ociosa ou faz rir o leitor sisudo, ou corrompe o incauto; trivialidades desgostam, e, o que mais é, destroem o credito de bom senso, que é tão necessario ao historiador como homem e como testemunha. Se á justeza, utilidade e novidade ajuntarem ainda o merecimento de profundas ou de engenhosas, subirá muito mais o preço da historia. Mas este passo é ingreme e abre-se muito perto d'elle um despenhadeiro a que muitos tem sido arrojados. Affectação é o mais nauseante e odioso defeito de um caracter e de uma producção litteraria. Nenhum bom entendimento, offerecida a escolha, deixa de abraçar antes a horrida negligencia de um natural inculto. Acresce que na diligencia para achar reflexões profundas e engenhosas, se confunde de ordinario o extravagante com o profundo, o ouropel com o ouro.

«As reflexões hão de ser offerecidas pelo modo mais conciso, que soffrer a necessaria declaração do pensamento. Cahe-se aliás no em que já notei de produzir antes uma philosophia historica que uma historia philosophica. Quando eu abro uma historia, procuro principalmente factos. Soffro e até estimo que o author os acompanhe de suas reflexões. Mas se elle afoga em mar de reflexões um pequeno numero de factos, enjoa-me em vez de me satisfazer.

«N'esta parte é Tacito um acabado modêlo. Um verbo, um adverbio lhe serve para inculcar a reflexão mais profunda, mais util, e mais brilhante. Parece ser preoccupado só da narração, mas, de caminho, reflecte muito mais em uma linha, e como disse, em uma palavra do que faria outro em largas paginas. Assim a sua historia, sem deixar de o ser, tem todo o util e admiravel da philosophia ethica mais curiosa e sublime. São relampagos assombrosos, que não desencaminham o viandante.

«Quer elle descrever as occupações e ignorancia em que se achava Galba quando a sedição do campo tinha já elevado ao throno Othão e diz: «*Ignarus interem Galba, et sacris intentus, fatigabat... imperii deos.*» Não vejo aqui mais que uma narração brevissima; e quando muito na valentia do *fatigabat* uma allusão ao estado das cousas; mas acrescentando *alieni jam*, noto uma reflexão tocante que pela comparação da segurança de Galba com a ruina já chegada do seu throno e vida traz á alma uma melancolia compassiva, e um desengano da caducidade dos nossos bens, e do precario da sua posse. Naturalidade pois e precisão caracterisam as reflexões d'este historiador insigne e devem caracterisar as de todos. Não se córte o fio da narração para reflectir com esforço e largueza; seguindo ao contrario constantemente esse fio, sem trabalho e apparato se vão notando e advertindo as reflexões verdadeiras, que elle não offerece a todos, mas que offerece aos privilegiados, que sabem meditar sobre os acontecimentos. E a lei de adherir sempre ao fio

historico ha de ser necessariamente guardada, com a brevidade dos traços da philosophia.

«Se a historia instrue por factos e reflexões; por uma e outra cousa tambem deleita, e de mais a mais pelo estylo.

«Os factos novos, singulares, maravilhosos; as reflexões engenhosas e finas; o estylo decoroso, melodico, e energico; eis aqui as fontes do prazer historico.

«Os factos novos, singulares e maravilhosos não se encontram a cada passo, nem podem ser creados pela phantasia do historiador, que é historiador e não poeta. Mas para causarem prazer é preciso que toda a historia seja um tecido d'elles; antes essa continuação de novidades ou maravilhas produziria o contrario effeito. Basta que de quando em quando venham avivar a attenção do leitor e sustentar o seu interesse.

«Succederá porém que um pedaço da historia, ou por sua natureza, ou por muito tratada e referida, não offereça estes acontecimentos singulares e admiraveis. A culpa n'este caso deve ser attribuida á falta de juizo na escolha. Nós suppomos o author em plena liberdade de escolher, e se não usou d'ella com acerto, mal lhe podemos dar escusa. Mas ainda supposto que elle foi constrangido a tratar uma historia esteril ou muito rebatida; se fôr homem profundo e engenhoso, saberá dar aos successos conhecidos um aspecto menos trivial, saberá notar circumstancias, que aos seus antecessores escaparam, saberá contradizer com razão conceito antecipado sobre os factos e suas causas ou consequencias; e esta contradicção arrazoada terá toda a graça da novidade e até do maravilhoso. Quantos historiadores, aliás insignes, trataram a historia da Europa no tempo de Carlos V! Com tudo, os mesmos factos referidos e ponderados pelo illustre Robertson, parecem novos ao seu leitor.

«A reflexão engenhosa deleita, e a reflexão fina muito mais. Podem ter a fórma de reflexão, ou a de retrato, ou de parallelo. Em qualquer caso a solidez, justeza e utilidade ha de ser a base da sua valia. O que é falso e inutil não deleita.

«Porém ainda sendo justas e uteis hão de offender, se forem muitas e muito exquisitas: e ao vicio de muitas anda sempre unido o de exquisitas. Exquisito é o mesmo que affectado e tão opposto ao deleite, como já dissemos que o é á instrucção. Quanto ao numero; uma pintura não ha de offerecer tudo claros, porque o seu effeito depende necessariamente da bem entendida combinação de claros e de escuros. Ainda em um philosopho como é Seneca, e philosopho ethico, a multidão das sentenças fatiga e desgosta.

«Aqui se dirá que não póde servir de seguro modêlo a historia de Tacito. Mas a razão, e não a paixão, me obriga a ser de parecer contrario. Sendo em grande numero as suas reflexões, não o são de sorte que a luz e sombras se não combinem com intelligencia. Demais d'isso, com a brevidade remedeiam o que no mundo podia ser defeituoso. E em fim não me consta que um leitor de bom senso se cance e desgoste com as sentenças de Tacito. E pelo que toca ao exquisito, ou eu me engano, ou em todas as suas obras se não achará uma duzia de reflexões que não saltem opportuna e naturalmente do texto da narração.

«A fonte principal e mais inexhaurivel de prazer é o estylo. A materia mais rude se torna agradavel revestida de bella fórma. Ou seja conciso e robusto sem ser escuro; ou seja espraiado sem ser frouxo e prolixo, sempre deleita. O genio e habitos do author podem regular a quantidade por um d'estes modos, sem perda do merecimento.

«Mas em todo o caso deve ser puro e correcto sem affectação: melodioso sem degenerar na molleza do verso; tão adaptado que nem uma linha desminta da qualidade ou natureza das cousas e pensamentos; por isso mesmo tão vario como o que exprime; em fim tão grave e nobre que raras

vezes se permitta mesmo a engenhosa e liberal ironia, que não duvída empregar a mais seria oração.

«O estylo é, para gloria do author, da mais alta importancia. Quantos erros e quantos defeitos se perdôam em razão d'elle, se é digno de agradar a ouvidos delicados? Esquecem as credulidades de Livio, as fabúlas de Xenophonte, as minucias de Luiz de Sousa. Ou para melhor lêem-se todos com o mesmo interesse e maior delicia que os factos mais attestados, e mais importantes, que referem outros historiadores. Á proporção do proveito deve ser a diligencia para o formar. Para isto serve mais que tudo a lição considerada, o trato continuo e attento dos homens que correram a mesma carreira; mas que a correram com approvação dos bons juizes. Apontemos estes honrados nomes, e distinguamos as suas varias virtudes.

«A musa da historia não tem sido ociosa desde que se cultivam letras na Europa. A lista dos seus inspirados, que não se mostraram indignos da inspiração, é volumosa. Eu nomearei só os de alto merecimento desde os dias em que floreceu a Grecia até ao presente.

«O nosso berço das boas artes creou Herodoto diligente e com tudo credulo; mas estimavel por um estylo copioso e elegante, que enlevou os seus compatriotas: Thucydides apertado, sentencioso e verdadeiro: Xenophonte suavissimo, e philosopho: Plutarcho tão philosopho, mas nascido em tempos de gosto menos puro.

«Os romanos disputaram tambem aos gregos esta palma; e Quintiliano não duvída emparelhar Sallustio e Livio com Herodoto e Thucydides. No seu conceito a graça da narração, a clareza, a doçura de affectos, o decoro de Tito Livio não tem menos valia que a immortal velocidade de Sallustio. Dos commentarios de Cesar é conhecido o conceito de Cicero; juiz tão competente como pouco inclinado ao homem que julga. Tacito tenho eu pelo historiador perfeito.

«Nem a moderna Italia se mostrou n'este ramo degenerada da antiga. Guicciardini em factos, reflexões e estylo é um historiador nobre. Macchiavello é suspeito, mas a sua sagacidade e profundeza não se póde pôr em duvida. Tão profundo, tão sagaz, não menos malicioso é Sarpi; com tudo a sua historia é verdadeira, e á vista das difficuldades da materia, é admiravelmente escripta. Parece-me Bentivoglio um pouco prejudicado; mas a sua boa razão rompe ás vezes o véo do prejuizo; e quando este véo se rompe apparece elle em grande formosura. Os factos em grosso são bem escolhidos e verdadeiros: o estylo nem é muito apanhado, nem muito lato; marcha no meio com gravidade magestosa.

«As duas nações da peninsula hespanhola não offerecem mais que dous modêlos imperfeitos, Mariana e Sousa.

«Pouco mais offerece França, tão abundante aliás em primores de outro genero. Só citarei Thuano havido por grave e imparcial: Voltaire, cuja nobreza não iguala a penetração e veracidade nos escriptos serios: S. Real que escreveu excellentemente um pedaço de pouco vulto.

«Outros tantos citarei de Inglaterra; mas modêlos incomparavelmente mais acabados que os de França. Hume é reputado, por um juiz entendido e severo, como inimitavel. Robertson tem uma cópia e formosura de estylo, que encanta: e mostra rara diligencia em alcançar a verdade. Maior diligencia mostra ainda Gibbon, e com tudo talvez se deixe arrastar mais de preoccupações. A sua philosophia é aguda e sã; mas por ventura sobeja. O seu estylo deliberadamente inchado; é tão alto que em certos casos se confunde com o bombastico.

«Restringindo agora aos que podem servir de mais proveito a quem com elles deseja formar-se e aperfeiçoar-se; distinguo Livio, Thuano, Sarpi, Bentivoglio, Voltaire, Robertson, Gibbon: e na dianteira de todos Tacito.» (D. Francisco Alexandre Lobo).

HISTORIA NATURAL. «*Historia natural é a sciencia que se occupa de todos os corpos brutos e vivos, que existem na superficie da terra.*

«Haverá alguma outra sciencia, que possa definir-se com esta latitude? Haverá alguma, cujo dominio vá tão longe, ou possa igualar-se com este?

«Não! a historia natural é a sciencia mãi; todas as outras, ou são divisões, ou subdivisões d'esta: assim a mineralogia, que se occupa dos seres brutos que formam o *reino mineral*, a botanica, que trata dos corpos vivos, que existem no *reino vegetal*, a zoologia, que estuda os diversos seres do reino animal.

«Cada um d'estes ramos fórma um corpo de doutrina, que merece o nome de sciencia; mas nem por isso deixa de ser uma parte da historia natural. A physica estudando as propriedades geraes d'estes differentes corpos, a chimica observando os phenomenos, que alteram o seu primeiro estado, e em geral todas as sciencias naturaes estão do mesmo modo sujeitas a este tronco commum.

«Sem receio podemos dizer que a historia natural, com relação a estas sciencias, sustenta o mesmo caracter, que o genero tem, com relação á especie. A historia natural é o genero, todas as outras são especies mais ou menos modificadas, mais ou menos subordinadas ao genero.

«Quanto á importancia, que em si envolve o estudo da historia natural, e por consequencia o das suas tres divisões geraes, zoologia, botanica, e mineralogia, é bem sensivel, e se uma cega ignorancia a não admitte, chamando-lhe sciencia de palavrões, nem por isso perde, porque a importancia pratica das sciencias naturaes está hoje bem definida; e ainda quando o não estivesse, considerações d'alto peso provariam por si só a importancia da historia natural.

«Pois estudar uma sciencia, que analysa em seus habitos, costumes, genio e construcção os seres, que nos cercam, mais ainda, que se occupa de nós mesmos, será por ventura trabalho de pouco interesse, de nenhuma importancia? Além d'isto, quem duvidará que do estudo da historia natural dimana esse elemento logico — o methodo — sem o qual a intelligencia humana seria um chaos, e a descripção um impossivel? Quem desconhece a utilidade d'essa analyse profunda, d'essa trabalhosa classificação, que a historia natural nos apresenta a respeito dos seres creados? Considerando-a agora na sua parte zoologica, e mais restrictamente na parte anatomica, quem ignora os perigos, a que a vida do homem se expunha, entregando-se nas mãos de facultativos, de operantes, que ignorassem este ramo da historia natural? Que tristes resultados, filhos da ignorancia, que funestos acontecimentos nos fazem conhecer os annaes de medicina e cirurgia, não obstante o rigor das escólas? Quantas vezes, em lugar de uma veia, se rasga uma arteria, em vez de um tendão, se corta um nervo; e, se isto acontece, tendo-se alguns conhecimentos anatomicos, que aconteceria, se todos, acreditando na sua pouca importancia, entregassem ao desprezo um tal estudo? Aos que negam a importancia da historia natural, Rollin respondeu da melhor maneira.

«É para admirar, diz este insigne escriptor, que o homem, collocado no meio da natureza, tendo diante dos olhos o espectaculo mais magestoso, que a imaginação póde conceber, rodeado de maravilhas, que só para elle parecem ter sido creadas, não pense em estudal-as, nem queira estudar-se a si proprio. Vive no mundo, aonde é rei; mas vive como o idiota, a quem tudo é indifferente. O mundo ensina a todos a magestade da creação, excepto áquelles que, na phrase da escriptura, tem olhos, mas não vêem, tem ouvidos, mas não ouvem.»

«Posta assim esta questão de parte, e sabendo-se já que a historia natural se divide em tres grandes ramos, zoologia, botanica e mineralogia, vejamos agora o que seja zoologia, porque é d'esta que particularmente nos propozemos tratar.

«*Zoologia é a sciencia que tem por objecto o estudo dos animaes.* Deriva-se

esta palavra de duas expressões gregas: *zoon*, que significa animal, e *logos*, exposição ou discurso.

«É evidente, depois do que deixamos exposto, que esta sciencia, sendo uma parte da historia natural, é ao mesmo tempo a mais nobre, a mais digna da nossa reflexão e estudo.

«De todos os corpos existentes na superficie do globo, tres grandes grupos se apuram, constituindo cada um d'estes um reino da natureza distincto e separado — uns o reino animal, outros o vegetal, outros, finalmente, o reino mineral, porque os corpos, ou são mineraes, ou vegetaes, ou animaes.

«Sendo certo, porém, que de todos estes seres o animal é o mais nobre da creação, não só porque n'elle reside a intelligencia e instincto, mas tambem por ser a sua construcção a mais perfeita, a mais bem organisada; o estudo do reino animal, e por consequencia o da zoologia, não póde deixar de ser considerado muito importante, muito fertil em bons resultados, muito digno da nossa attenção.

«*Animal diz-se um ser, que tem a faculdade de se nutrir, reproduzir, sentir e mover voluntariamente.*

«Considerados todos os seres d'esta especie, debaixo de um só grupo, temos o primeiro reino da natureza, ou reino animal.

«Pela definição dada, vê-se que o animal é um ser distincto de todos os outros, porque só elle tem a faculdade de sentir, isto é, de perceber as impressões causadas pelos objectos externos, e de avaliar o resultado da dôr ou do prazer.

«*Vegetal é um ser vivo e organisado, que tem a faculdade de se nutrir e reproduzir.*

«A reunião d'estes seres constitue o segundo reino da natureza, ou reino vegetal.

«Tambem o vegetal se não póde confundir com os outros seres creados, porque faltando-lhe o dom da sensibilidade, que só pertence aos animaes, é comtudo superior aos mineraes, porque estes nem se movem, nem se nutrem voluntariamente.

«*Mineral é um corpo bruto, ou inorganico, tendo por unica funcção da sua existencia o crescimento.*

«Estes corpos que se chamam — mineraes, brutos, ou inorganicos — separados dos corpos vivos, constituem o terceiro reino da natureza, ou reino mineral.

«Além d'esta distincção, aliás clara e evidente, entre os tres reinos da natureza, distincção, que satisfez a Linneu, esse grande naturalista do seculo passado, e que se acha bem definida n'estas suas poucas palavras: «os mineraes crescem, os vegetaes crescem e vivem, os animaes crescem vivem, e sentem;» além da grande desigualdade, que se encontra na vida, habitos, construcção e aspecto d'estes diversos seres, costumam quasi todos os naturalistas marcar mais seis pontos caracteristicos entre elles, e não é muito, porque ainda ha quem duvide d'esta distincção, querendo que os seres creados formem uma só familia, com diverso grau de intelligencia e de desenvolvimento organico!

«Abstendo-nos da refutação d'este erro, vejamos quaes são esses caracteres distinctivos entre os corpos brutos, ou mineraes, por exemplo, e os corpos vivos.

«Os corpos brutos, ou mineraes, que, como se sabe, se apresentam na natureza, debaixo do aspecto de massas de materia, sujeitas a leis e agentes physicos, sem vida, sem acção ou movimento, differem dos corpos vivos, que, pelo contrario, ostentam um systema regular d'orgãos que, servindo cada um a fins particulares, levam todos, e concorrem para um fim commum e geral, que é a manutenção da vida: — 1.º na origem — 2.º na duração — 3.º na fórma — 4.º no crescimento — 5.º na estructura — 6.º na composição elementar.

«*Quanto á origem* — porque os corpos brutos para serem formados, não precisam da preexistencia de outros corpos semelhantes, ou iguaes a si; a affinidade por si só basta para lhes dar a origem, reunindo substancias diversas, e combinando-as de uma maneira propria á sua construcção.

Assim a origem dos corpos brutos não é necessaria, não é continua; o *sal commum*, por exemplo, não é formado de outro sal commum, a sua origem provem-lhe da combinação de duas substancias perfeitamente desiguaes — o *chloro*, e o *sodio*.

«Os vivos, pelo contrario, tiram a sua origem de seres perfeitamente iguaes a si, recebendo, por consequencia, a vida de geração em geração; e pela reproducção, um animal, uma planta qualquer, por exemplo, não póde existir, sem que outro animal, ou planta, da mesma especie, o produza e origine, o que equivale a dizer — que a origem dos corpos vivos é necessaria e continua.

«*Quanto á duração* — porque a duração dos corpos brutos é incerta, e não admitte mesmo a probabilidade do calculo; dependendo a formação d'estes corpos de um agente, de uma força physica, a affinidade, podem durar tanto quanto a causa, que os produz e domina. Quem se atreverá a affirmar que este ou aquelle mineral poderá só ter um, dous, ou tres seculos de duração?

«Os vivos, pelo contrario, tem um periodo, além do qual a sua existencia é um impossivel, e até se póde calcular-lhe o tempo de duração; não consta, por exemplo, que haja um homem de dous seculos, ou uma arvore desde a formação do mundo!

«*Quanto á fórma* — porque os corpos brutos, em quanto estão no seu estado de pureza, isto é, de crystallisação, affectam sempre fórmas regulares, e com a simplicidade geometrica: assim n'elles domina umas vezes a superficie plana, terminada por angulos mais ou menos agudos; outras vezes a fórma é diversa mas definivel, e de facil descripção. — Os corpos vivos, pelo contrario, ostentam mil fórmas differentes e infinitamente irregulares, que por isso mesmo são inclassificaveis; e n'estas domina quasi sempre a superficie curva.

«Além d'isto nos corpos brutos a fórma é constante, excepto se força maior os obriga a mudar; nos corpos vivos a fórma varía naturalmente em diversos periodos, as mais das vezes nascem debaixo de uma fórma, desenvolvem-se tomando outra muito differente, e a final acabam com poucos vestigios das fórmas anteriores.

«*Quanto ao crescimento* — porque os corpos brutos crescem por *juxtaposição*, isto é, pela simples adherencia das camadas materiaes, de que são formados; de modo que o seu desenvolvimento, ou maior volume, depende unicamente de um acto todo externo, que se funda na affinidade. Um mineral qualquer, por exemplo, augmentará de volume, todas as vezes que novas camadas semelhantes se addicionarem á sua camada exterior primitiva: os corpos vivos pelo contrario crescem por *intuscepção*, isto é, pela introducção de diversos alimentos n'um canal interior, os quaes, ministrando-lhes a força e o desenvolvimento organico, lhes originam ao mesmo tempo o crescimento. Assim um animal, uma planta qualquer crescerão lenta e pausadamente, á proporção que os seus orgãos se desenvolverem, por esse acto continuo e interno, que os auxilia.

«D'aqui se vê ainda, que os corpos brutos tem um crescimento incalculavel, porque depende de um agente physico. Quem poderá, sem temeridade, marcar as raias ao crescimento d'este, ou d'aquelle mineral? Pois a pedra que hoje vêmos debaixo do volume 2, não póde amanhã tomar o volume de 100? Quem nos diz que de hoje para ámanhã, a affinidade, esse agente natural, superior ás forças do homem, não tem poder de a elevar á altura de uma montanha, addicionando-lhe muitas camadas calcareas? Não temos, acaso, a informação, que a geologia nos offerece a respeito de tantos prodigios identicos, obrados por um simples capricho da natureza? Os corpos vivos tem um crescimento menos incerto, e até accessivel a um calculo aproximado. Póde, por exemplo, sem risco de errar, asseverar-se que não ha homem, por mais alto que seja, que exceda a altura de tres varas; porque a experiencia e a marcha constante d'estes seres, desde o começo do

mundo, nos ensina isto mesmo. (*O gigante tem 11 palmos!*)

«*Quanto á estructura*—porque a dos corpos brutos é muito mais simples, do que a dos corpos vivos, e uma é homogenea, a outra é heterogenea. Os corpos brutos, ou são formados de uma só especie de materia, e n'este caso chamam-se *simples*, ou de muitas especies combinadas n'uma só, tomando então o nome de *compostos*; mas quer n'uns, quer n'outros, a molecula de um corpo é sempre igual ás outras moleculas, que o compõem: o fragmento de marmore, por exemplo, apresenta a mesma estructura, a mesma composição e propriedades, que o calhau de marmore, d'onde foi arrancado e extrahido. Os corpos vivos, pelo contrario, apresentam em sua estructura elementos de natureza diversa e contraria, solidos ou liquidos, e n'estes não se encontra a homogeneidade de partes, de que fallamos com respeito aos corpos brutos.

«Além d'isto a estructura dos corpos brutos, por isso mesmo que são inorganicos, póde soffrer divisão, sem que d'ahi venha perigo para a existencia dos mesmos corpos. A rocha, por exemplo, continuará a existir, ainda depois de lhe termos quebrado muitos pedaços. Os corpos vivos, pelo contrario, tendo o organismo baseado na estructura, não póde esta soffrer divisão sem se offender o organismo, e por consequencia, sem que a vida d'estes corpos corra risco.

«Quantos homens não succumbem a uma amputação, a uma simples contusão de um orgão qualquer? quantas plantas não seccam, só porque lhes retalhamos a *epiderme*, ou lhes offendemos uma outra camada elementar do organismo?

«*Quanto á composição elementar* — porque a dos outros corpos brutos é simplicissima, e facil por consequencia de ser apreciada; porque, ou estes corpos são simples, e na composição elementar só temos a estudar as particularidades da materia, de que são formados, por exemplo, o ferro, o cobre, etc., ou são compostos; e então, fazendo a decomposição dos mesmos por meios chimicos, conhecemos com certeza, não só as diversas materias, de que são formados, mas até as quantidades, em que se combinam, por exemplo, os saes, os chloruretos, etc., etc.

«Nos corpos vivos esta simplicidade desapparece, porque as materias organicas contém elementos rarissimos, o *carbone*, o *oxygenio*, o *azote*, o *hydrogenio*, etc., e as proporções, em que estes se combinam, para produzir este, ou aquelle resultado, essencial á composição, são tão complicadas, que algumas d'ellas, formam ainda hoje um mysterio, não obstante o grau de perfeição, a que tem chegado a chimica, não obstante os continuos esforços, que se tem empregado no seu descobrimento.

«O modo por que se explica a transformação do *sangue venoso* em *sangue arterial*, phenomeno chimico, que se passa na respiração dos animaes, e que tem necessariamente o seu fundamento na combinação de dous elementos conhecidos, o *oxygenio*, e o *carbone*, ainda hoje está longe de satisfazer a todos os desejos, porque se não sabe, ao certo, como, e em que proporções estes elementos se combinam para dar um tal resultado: e comtudo muito trabalhou Lavoisier para explicar este phenomeno! muito mais William Edwards para combater a theoria da combustão, admittida e explicada pelo mesmo Lavoisier!

«Voltaremos a este importante objecto, quando a occasião o permittir; e se tocamos n'isto, foi só para fazer vêr a difficuldade, que a composição elementar dos corpos vivos offerece em seu estudo.

«Eis aqui, pois, os pontos de distincção entre os corpos brutos, ou inorganicos, e os corpos vivos; outros tantos se marcam, para distinguir os vivos animaes dos vivos vegetaes, e estes são: 1.º movimento, 2.º sensibilidade, 3.º modo de nutrição, 4.º modo de respiração, 5.º estructura, 6.º composição chimica.

«*Quanto ao movimento* — porque os animaes tem a faculdade de se transportar de um lugar para outro, sem

auxilio de uma segunda vontade, sem intervenção de uma força estranha, que os determine primeiro a mover-se: se tem vontade de caminhar, o seu systema nervoso põe logo em movimento o apparelho locomotor, e d'este modo o animal satisfaz o seu desejo, e goza da ampla liberdade de ir para toda a parte. Os vegetaes são desprovidos d'esta faculdade; morrem aonde uma vez nasceram; nascem aonde a morte os ha de ir procurar; e se alguma excepção apparece a esta regra geral, nas arvores transplantadas, etc., força maior, potencia exterior, filha da vontade dos animaes, ou dos caprichos da natureza, lhes causou este movimento, que está bem longe de ser livre, como o dos animaes.

«*Quanto á sensibilidade* — porque os animaes tem a faculdade de perceber e avaliar as impressões causadas pelos objectos externos. Dotados de um organismo especial, soffrem as consequencias do prazer e da dôr, e revelam, com mais ou menos expressão, o resultado de suas sensações.

«Auxiliados pela razão ou instincto, conforme o grau do seu desenvolvimento, fogem do perigo, que os cerca, procuram o seu bem estar, e aproximam-se de tudo, que lhes causa proveito e prazer. Nos vegetaes nada d'isto se observa: desprovidos de systema nervoso, são indifferentes a tudo, que se passa em volta d'elles; o prazer, os desgostos, a propria existencia passa desapercebida para esta classe de seres; o seu fim consiste unicamente em nascer, viver, e morrer, servindo de meios aos animaes, do mesmo modo, que os corpos inorganicos servem de meios aos seus fins.

«Alguem tem pretendido achar em certas plantas e flôres, como a *sensitiva*, a *safena*, etc., indicios de uma sensibilidade identica á que os animaes possuem, e d'esta descoberta tiram base para uma questão, que, além de inutil, é a nosso vêr prejudicial, porque só póde servir de confusão aos que são pouco versados n'estes assumptos.

«Todo o mundo sabe que a sensitiva, apenas lhe tocamos os mimosos foliolos, murcha, e parece succumbir a esse pequeno choque. É d'este facto e d'outros iguaes a este, que os desordeiros questionadores tem formado o seu mais forte argumento. Quem nos affirma, dizem elles, que o murchar da sensitiva não é a expressão do sentimento, a revelação do seu desgosto pela impressão, que soffreu? Quem nos diz, que esse vegetal não tem em si um systema nervoso, embora mais imperfeito do que o dos animaes, mas no qual assenta o principio, o germen da sua sensibilidade? Não ha na escala dos mesmos animaes uns mais sensiveis do que os outros, e com menor, ou maior faculdade de se exprimirem? Não foi a mesma *esponja* considerada por muito tempo como ser do reino vegetal, e não é hoje classificada como animal? E porque não diremos que a sensitiva, por exemplo, tem a sua sensibilidade n'um organismo especial, desconhecido no estado actual da sciencia, mas susceptivel de descobrimento em algum dia?

«Tudo isto é verdade; mas como, no estado actual da sciencia, esse organismo especial dos vegetaes é ignorado, a questão não póde continuar, porque a sciencia rejeita a hypothese, e eis a razão porque, apesar de todas as presumpções, a sensitiva continua, e continuará por certo a ser considerada como vegetal.

«O murchar da sensitiva é um facto, que nenhuma relação tem com a sensibilidade; o phenomeno que ahi observamos é identico ao que observariamos, quebrando um mineral qualquer, uma pedra, por exemplo, com o auxilio de martello; o seu organismo material (se assim lhe podemos chamar) não póde resistir a essa força superior, e a final cedeu á divisão.

«Do mesmo modo a sensitiva, que é uma planta mimosa, cujo tecido, por ser muito delicado, não póde soffrer grandes pressões. Mas nós offendemos-lhe esse tecido, tocamos essa organisação delicada, a flôr necessariamente devia succumbir.

«Aonde se prova aqui, que a sensitiva tivesse conhecimento real da

impressão que soffreu? Aonde se encontra, em tudo isto, o principio de intelligencia ou instincto, sem o qual a sensibilidade é um impossivel?

«O choque da materia contra a materia, que é o que se dá n'este phenomeno entre o meu dedo, e os foliolos da sensitiva, não indica por si só a presença da sensibilidade; para que esta exista, é necessario que haja a intervenção de um centro nervoso, isto é, que haja quem conheça e aprecie as impressões causadas por um objecto externo.

«Podemos pois concluir, sem medo de errar, que a sensibilidade é um caracter distinctivo entre os animaes e vegetaes.

«*Quanto ao modo de nutrição* — porque os animaes dotados de um canal interno, que toma o nome de *canal digestivo*, e do qual mais tarde daremos noticia, recebem a nutrição de diversos alimentos, que sendo previamente sujeitos á funcção da mastigação, atravessam depois o mesmo canal, deixando em sua passagem um elemento que, a final, leva a força e desenvolvimento a cada um dos orgãos, e com elle a manutenção da vida. Ora estas substancias, estes alimentos, por muito variados que sejam, terão necessariamente a natureza organica, porque todo o animal ou é herbivoro, ou carnivoro, isto é, ou se nutre de hervas, sementes, plantas e outros alimentos vegetaes, ou então das carnes de outros animaes, mas nunca de substancias mineraes. — Os vegetaes, pelo contrario, recebem a sua nutrição, não de substancias organicas, mas sempre das inorganicas. Presos á terra, no seio da qual escondem a mór parte das vezes as suas raizes, absorvem no seu organismo interior, as substancias mineraes que a mesma terra lhe fornece, a agua, os saes, os gazes, etc. Não é, porém, só da terra, nem só pelo organismo interno, que um vegetal tira a sua nutrição; as mesmas folhas em contacto com a atmosphera recebem d'esta o que lhes é essencial para a manutenção da existencia.

«Já se vê, pois, que os animaes differem dos vegetaes, não só no modo por que se nutrem, mas tambem pela qualidade de substancias.

«*Quanto ao modo de respiração* — porque os animaes inspiram o que os vegetaes expiram, e vice-versa. Pelas experiencias chimicas, que a este respeito envolvem certeza quasi mathematica, sabemos que os animaes absorvem no acto da respiração o *oxygenio*, expirando em seguida o *acido carbonico*, e *vapor d'agua*. Nos vegetaes o phenomeno passa-se quasi sempre em sentido contrario; porque (e tambem pela experiencia se sabe) elles absorvem da terra, pelo caule, e da atmosphera pelas folhas, o *acido carbonico*, que tem oxygenio (já se vê), e logo em seguida decompõem aos raios do sol o *acido carbonico*, lançando fóra o *oxygenio*, para deixarem isolado no tecido o *carbone*.

«*Quanto á estructura* — porque os animaes são dotados de muitos orgãos, que formam entre si diversos apparelhos, mas nem todos estes orgãos tem a mesma construcção; n'uns domina o *tecido muscular*, n'outros o *cartilaginoso*, aqui apparece o *tecido osseo*, alli o *fibroso*, e, sem enumerarmos todos, seis pelo menos dão a base geral á organisação animal, os quatro que mencionamos, o *tecido cellular*, e o *nervoso*. Estes diversos tecidos ostentam na economia uma fórma diversa e muito distinctiva, e seria difficil apresentar em globo todos os pontos de desigualdade entre elles.

«Esta complicação organica é desconhecida nos vegetaes; o tecido unico, que n'elles se encontra, como base da sua estructura, é o *cellular*, o qual, dando origem a pequenas cavidades, cellulas, ou depositos, estende-se como uma rêde sobre todas as camadas, que protegem e envolvem a medulla vegetal.

«*Quanto á sua composição chimica* — porque entre os muitos elementos organicos de um animal, quatro são considerados por todos os chimicos physiologistas, como fundamentaes, como bases geraes da sua composição chimica: *hydrogenio*, *oxygenio*, *azote* e *carbone*, e é por essa razão que todos

os animaes se dizem *seres de composição quaternaria*. D'estes quatro elementos fundamentaes só tres se encontram nos vegetaes, o *hydrogenio*, *carbone* e *azote*, por cujo motivo tambem lhes chamam *seres de composição ternaria*.

«Eis aqui as linhas divisorias, os pontos de demarcação entre os tres reinos da natureza. Não póde, por certo, o homem sensato, á face d'estes principios, negar a necessidade, mais ainda, a conveniencia de classificar por este modo os seres creados: comtudo (e aqui se attenua a mal fundada teima de muita gente) ninguem desconhece, que entre estes seres existe a maior harmonia, e diremos mesmo dependencia, porque com effeito o vegetal não existe sem o mineral, do mesmo modo que o animal não vive sem o auxilio do vegetal.

«Tambem é certo que, confrontando o ultimo ser de um reino qualquer, com o primeiro do reino visinho, a esponja, por exemplo, com a sensitiva, a raiz lenhosa de um vegetal com um mineral qualquer, toda a desigualdade quasi que desapparece, a ponto de nos convencermos que todos são do mesmo reino, do mesmo tronco, da mesma especie. Isto, porém, só póde enganar á primeira vista, porque áquelles mesmos que ignoram os motivos d'esta divisão, bastar-lhes-ha fazer a si mesmos uma simples pergunta: Que! pois eu creado á imagem de Deus, dotado de intelligencia e percepção, desfructando os gozos de uma liberdade tão apreciavel, posso acaso ter relação directa ou indirecta com o bruto mineral, que desprézo e domino?

«Esta semelhança de caracteres em alguns seres tem ainda posto em duvida a legitimidade da divisão entre os animaes racionaes e irracionaes, e tanto, que um grande numero de homens defende ainda hoje, fundando-se em varios exemplos, que a differença entre razão e instincto só deve servir para designar o maior ou menor grau de intelligencia nos animaes! Seja: não entramos na questão; mas permitta-se-nos que a este respeito transcrevamos as expressões de um celebre e authorisado naturalista, mr. Buffon, para que se veja como elle encara esta séria duvida dos nossos tempos.

«Mr. Buffon falla a respeito da segunda ordem dos mamiferos — ou quadrupedes — macacos.

«A julgar pela fórma, diz elle, a especie do macaco poderia ser tomada como uma variedade da especie humana: o Creador não quiz fazer para o corpo do homem um modêlo especial, comprehendeu a sua fórma, como a de todos os outros animaes, debaixo de um plano geral, e só depois animou a fórma material do homem com o seu sôpro divino (a intelligencia). Se tivesse concedido a mesma graça ao mais vil e mal organisado animal, tornar-se-hia este bem depressa o rival do homem. Nenhuma semelhança ha, pois, entre o hottentote e o macaco; o intervallo que os separa é immenso, porque o interior é animado pelo pensamento, e o exterior pela palavra!» (Silva Junior, *Lições de zoologia elementar*).

HOLLANDA. A Hollanda, humida e nevoenta, abunda em pastagens. Cultivam-se lá fertilmente trigo, linho e tabaco. A horticultura chegou alli á maior perfeição. As costas hollandezas são eriçadas de ilhas que se dividem em dous grupos: o septentrional, e o meridional. São admirabilissimos os diques de Hollanda. Chama-se a capital *Haye*, uma das mais bellas cidades da Europa, golpeada de numerosos canaes, exornada de bellissimos arvoredos, e soberbas ruas. Amsterdam, quanto a riqueza e industria, é a verdadeira capital do reino. Os canaes que dividem e ligam a cidade com 280 pontes dão áquelle territorio a apparencia de 90 ilhas. Hollanda possue uma litteratura opulenta, e tem poetas de primeira ordem, e sabios de indispensavel valia. É em fim a terra classica da erudição.

HOLLANDA (Francisco de). (Veja PINTORES, DESENHADORES, MINIATORES PORTUGUEZES).

HOMEM. 1. «Que é o homem? É um prodigio? É um complexo monstruoso de cousas incompativeis? É enigma indecifravel? Ou não será antes, se assim cabe dizer, uma reliquia de si proprio, sombra do que foi originalmente, edificio arruinado que em suas ruinas conserva ainda o que quer que seja da belleza e magestade de sua primitiva fórma? O homem cahiu sobre a depravação de sua vontade, o tecto derruiu-se sobre os alicerces; mas que se revolvam essas ruinas, e achar-se-ha, n'essa caliça esboroada, a traça do edificio, a idéa do primeiro desenho, e o cunho do architecto.» (Bossuet). — «O homem é um deus despenhado com recordações do céo.» (Lamartine). — «Formou Deus o homem de barro; mas á sua imagem. . . Vida e morte, bem e mal, são offerecidos ao homem: ser-lhe-ha dado o que elle escolher.» (*Ecclesiastes*, 17, 18). — «Que é o homem quanto ao corpo? É de ouro ou de diamante? É sol ou estrella? É a substancia pura de que são formados os céos? Não é senão barro nas mãos de Deus, e cinza nas da morte: ou para melhor dizer nem barro é nas mãos de Deus, porque essa honra teve-a só o primeiro homem; e os outros todos são lodo d'este primeiro lodo, ou vasos d'esta primeira fórma.» (Padre Manoel Bernardes). — «O homem nascido da mulher, que vive breve tempo, é cercado de muitas miserias. Como flôr sahe e é pisado, e foge como sombra, e jámais permanece n'um mesmo estado.» (Job, XIV). — «São como a herva os dias do homem; a sua flôr é como a dos campos. Passa a bafagem do vento; cahe a flôr; e a terra que em si a tinha, desconheceu-a.» (Ps. 102). — «O homem tem destino do céo; estão-lhe gravados na alma os titulos augustos e indeleveis de sua origem: aviltal-os póde, delil-os não.» (Massillon). — «A maior parte dos homens gastam uma metade da vida a fazer miseravel a outra metade.» (La Bruyère).

2. Deu a natureza ao homem tres eminentes predicados, que lhe afiançam predominio, e o investem de suprema authoridade sobre todos os entes que respiram: *intelligencia* para inventar, *linguagem* para se associar, e *mãos* para operar. Tudo que vive não tem consciencia da vida, exceptuado o homem, que *sabe* que existe. Quanto ao corpo, estamos na classe dos animaes; pelo que é da razão e da alma derivamos da intelligencia suprema. Os seres organisados, vegetaes e animaes, bem como as materias brutas, dependem do homem; ao passo que o *rei da terra* só depende da Divindade. — Assim como os reis foram instituidos para felicitarem os povos, tambem o homem foi sobreposto a todos entes para lhe manter o bem commum. A mosca que o sevandija, o verme que lhe róe as entranhas, o vil oução que faz presa n'elle, nasceram acaso para o servirem? Os astros, as estações obedecem por ventura ás vontades d'esse deus da terra, que um fraco verme devora? Doenças, dôres, infortunios, tormentos, que são obra de nossa propria lavra, provam que a Providencia é justa, e que, por havermos sido exalçados á primeira plana, não estamos quites de suas leis. Não é pois o homem que reina na terra; são as leis da Divindade, cujo interprete e depositario elle é tão sómente. Submettido aos irrevogaveis decretos da natureza, é o primeiro escravo d'elles o homem.

HOMERO. 1. «Homero é o pai da poesia epica e de toda a poesia. Quem abrir o livro de Homero, saiba que vai lêr o mais antigo livro do mundo depois da *Biblia*. Sem esta prevenção, impossivel é entrar ao espirito do author e entender-lhe a obra. Não se busque ahi a correcção e elegancia do seculo de Augusto. Esqueçam-se as polidezas da actualidade e o fino paladar do gosto hodierno, e transporte-se a phantasia para além de 3:000 annos. Cuidemos em investigar a descripção do mundo antigo, os caracteres de usanças ainda assignaladas de selvagismo, idéas moraes ainda em escorço, desejos, paixões ainda não enfreadas pela civilisação. Força corporal é a excellencia prima do heroe.

Os aprestos de um repasto, o prazer de cevar a fome, figuram como cousas da maior importancia. Exaltam os heroes a propria força, dardejando-se reciprocamente brutaes injurias, e ultrajando os inimigos vencidos com insultos que nos cá parecem atrozes. Justiceiramente o genio inventivo de Homero ha sido sempre admirado. A prodigiosa copia de peripecias e discursos, divinos e humanos, que nos espantam em seus poemas, a maravilhosa variedade que deu ás batalhas, a expressão dolorosa dos feridos e moribundos, as anecdotas historicas, que acompanham quasi sempre a narrativa da morte dos guerreiros, revelam phantasia illimitada; e por sobre tudo, força nos é admirar-lhe tanto a razão como o genio. É concatenada com arte pasmosa a acção, que gradativamente se vai complicando. Os heroes, ao passo que vão surgindo, avassallam-nos a attenção. Accumulam-se os infortunios no decorrer da epopéa. Tudo aporfia em engrandecer Achilles, dando-lhe a supremacia do heroismo, consoante o plano do poeta.

«Na pintura dos caracteres Homero sobreleva a todos os escriptores da antiguidade. Ahi não tem emulos. Devem imputar-se em grande parte as côres vivazes e animadas de seus retratos á fórma dramatica, tanto de seu gosto. Em tudo o dialogar e conversar. Virgilio não se dava tanto áquella fórma, nem algum outro poeta. O que Virgilio nos refere em pouco, são os heroes de Homero quem nol-o contam. Vem de molde dizer quo o methodo de fazer fallar os personagens é mais antigo que o outro de lhes referir as proezas. Temos d'isto sobeja prova na Sagrada Escriptura. Os somenos assumptos são frequentemente desenvolvidos em dialogos, em vez de contados.

2. «O estylo de Homero é chão, natural, e vivacissimo. Ha de ser sempre admirado pelos amadores da singeleza antiga, indulgentes com os descuidos e repetições que os progressos na arte de compôr evitaram em poetas posteriores de muito menos porte. O estylo homerico, mais ao natural que o de muitissimos poetas de vulto, semelha a poesia de alguns livros do *Velho Testamento*.» (Blair, *Curso de rhetorica*).

HONRA. «*Honra, gloria, probidade*, e *virtude* differem muito no seu modo de exprimir; em quanto a *gloria*, e *honra* diversificam, porque a *gloria* diz alguma cousa de mais brilhante, que a *honra*. Aquella com que se emprehende por proprio movimento sem a isso ser obrigado quanto ás cousas mais difficeis; e a *honra* faz, que se execute sem repugnancia, e de bom grado tudo o que o dever o mais rigoroso póde exigir. O homem póde ser indifferente quanto á *gloria;* nunca porém quanto á *honra*. O desejo de adquirir *gloria* leva algumas vezes o valor do soldado até á temeridade, e os sentimentos d'*honra* o detem quasi sempre no dever, apesar dos movimentos do temor. — No discurso é bem vulgar pôr a antithese com a *gloria*, e o gosto com a *honra*. Assim se diz, que um author que trabalha para a *gloria* se prende mais a aperfeiçoar-se em suas obras, que o que trabalha para o interesse; temos d'isto exacta prova no eximio pintor Pedro Alexandrino, que porque trabalhou mais para o interesse, do que para a *gloria*, suas obras todas, e tantas se resentem depressa para obter o preço, que d'ellas lhe provinha. Quando um aváro gasta é mais por *honra*, que por gosto. — Entende-se igualmente pelos termos de *probidade*, *virtude*, e *honra*, fugir do mal, e fazer bem. Falla-se em *probidade*, *virtude* e *honra;* mas os que empregam taes expressões tem d'ellas idéas uniformes? Distinguamol-as. O primeiro dever da *probidade* é a observação das leis; porém, quem não tiver a *probidade*, que ellas exigem, e só essa, e não se abstiver senão do que ellas punem, este seria ainda um homem pouco honesto. Os homens chegando a polir-se, e esclarecer-se, dos que a alma é mais polida, tem cumprido as leis quanto á moral, estabelecendo por uma convenção tacita procedimentos, aos quaes o uso deu força de lei entre as gentes

de bem e que são o supplemento das leis positivas. Na verdade não ha punição pronunciada contra os infractores; mas nem por isto deixa de ser real: o desprezo, e a vergonha são o seu castigo e o mais sensivel para aquelles, que são dignos de o sentirem; a opinião publica, que a este respeito exercita a justiça, ahi emprega exactas proporções, e faz muito delicadas distincções. Julgam-se os homens sobre o seu estado, por sua situação, e luzes. Parece, que n'isto ha conveniencia de diversas qualidades de *probidade*, e que só obriga d'ellas, a que é do estado da pessoa, e que apenas se póde ter, a que é do espirito de cada um. É-se mais severo a respeito d'aquelles, que dando na vista dos outros homens, podem servir d'exemplo, e não assim quanto aos que vivem na obscuridade. Menos se exige de um homem, do qual muito se devia pretender maior injuria se lhe faz: quanto a procedimentos, está-se muito perto do desprezo quando ha direito á indulgencia. — Para esclarecer finalmente quanto respeita á *probidade*, trata-se de saber se a obediencia das leis, e a pratica do procedimento usualmente bastam para constituir o homem honesto, e honrado? Vêr-se-ha se n'isto se reflectir, que isto ainda não basta para a perfeita *probidade*. Todavia com um coração duro, um espirito maligno, um caracter feroz, e sentimentos baixos por interesse, por orgulho, ou por medo, póde-se ter esta *probidade*, que a põem a coberto de toda a reprehensão á exprobração dos homens. Com tudo ha um juiz mais illuminado, e mais severo, que são leis, e os costumes: é o sentido intimo, que se chama consciencia: a consciencia falla a todos os homens, que se não tornaram á força de depravação indignos de a ouvirem. — Deve-se olhar como innocente um rasgo satyrico, ou mesmo jovial, da parte de um superior, que dá ás vezes um golpe irreparavel n'aquelle, que d'elle é o objecto; um soccorro gratuito recusado por negligencia a quem d'elle depende; e tantas outras faltas, que toda a gente sente, e que tão pouco se evitam! Eis aqui todavia o que uma *probidade* exacta deve fugir, e de que a consciencia é o juiz infallivel. Este conhecimento faz a medida de nossas obrigações; nós a respeito dos outros devemo-nos portar como se em seu lugar nós houvessemos de pretender o mesmo. Os homens tem ainda jus a esperar de nós, não só o que olham com razão como justo, mas o que nós mesmos olhamos como tal, ainda que os mais o não tenham previsto, nem exigido; a nossa propria consciencia faz a extensão de seus direitos sobre nós. Quanto mais luzes se tem, tanto mais deveres ha a cumprir. — Ha um outro principio de intelligencia sobre este assumpto superior ao espirito mesmo; é a sensibilidade d'alma, que dá uma casta de sagacidade sobre as cousas honestas, e vai mais longe, que a penetração do espirito só. Poder-se-hia dizer, que o coração tem idéas, que lhe são proprias. Quantas idéas não ha inaccessiveis para aquelles que tem um sentimento frio! Sómente o espirito póde, e deve fazer o homem de *probidade*. A sensibilidade prepara o homem virtuoso. Quero dizer: tudo o que as leis exigem, o que recommendam os costumes, e o que a consciencia inspira se acha encerrado neste axioma tão conhecido, e tão pouco seguido: «Não faças a outrem o que não quererias te fizessem.» A observação exacta desta maxima constitue a *probidade*. «Fazei a outrem o que vós quererieis vos fizessem.» Eis aqui a *virtude*. — A fidelidade ás leis, e á consciencia, que só são prohibitivas, faz a exacta *probidade*: a *virtude* superior á *probidade* exige, que se faça o bem, e a isso determina. A *probidade* prohibe, convem obedecer; a *virtude* manda, mas a obediencia é livre a menos, que a *virtude* não empreste a voz da religião. Estima-se a *probidade*, e respeita-se a *virtude*. A *probidade* consiste quasi na inacção, a *virtude* opéra. Deve-se á *virtude* o reconhecimento, que a respeito da *probidade* se póde dispensar; porque um homem esclarecido ainda que só tenha o seu interesse por objecto não

tem para chegar ao mesmo meio mais seguro, que a *probidade*. — Distinguindo a *virtude*, e a *probidade*, observando a differença da sua natureza, é ainda necessario para conhecer o preço de uma, e outra prestar attenção ás pessoas, ás occasiões, e circumstancias. Ha homem tal cuja *probidade* merece mais elogios, que a *virtude* de um outro. Não se devem esperar as mesmas acções d'aquelles, que tem meios tão differentes? Um homem no seio da opulencia terá acaso deveres, e obrigações como aquelle, que está cercado de precisões? A *probidade* é a *virtude* dos pobres; a *virtude* deve ser a *probidade* dos ricos. — Attribue-se ás vezes á *virtude* acções, em que ella não teve parte. Um serviço feito por vaidade, ou vendido por fraqueza faz pouca *honra* á *virtude*. Por outro lado louvam-se, e se devem louvar os actos de *probidade* aonde se sente um principio de *virtude*. Um homem entrega um deposito, de que elle só tinha o segredo, fez apenas o seu dever, porque o contrario seria um crime; com tudo esta acção lhe faz *honra*, e lh'a deve fazer; julga-se, que o que não faz mal em certas circumstancias é capaz de fazer o bem; em um acto simples de *probidade* é a *virtude*, que se louva. — Os elogios, que se dão a certas *probidades*, a certas *virtudes* não fazem mais, que o vituperio do commum dos homens: com tudo não se deve recusar: não é preciso procurar com muita severidade o principio das acções tendendo ellas ao bem da sociedade. Além da *virtude*, e *probidade*, que devem ser o principio das nossas acções, ha um terceiro, que deve ser examinado, é a *honra*. Differe da *probidade*, e talvez não da *virtude*; mas dá-lhe lustre, e me parece ser uma qualidade de mais. — O homem de *probidade* conduz-se pela educação, por habito, por interesse, ou temor. O homem *honrado* pensa, e sente com nobreza. Não é ás leis, que obedece: não é a reflexão, ainda menos a imitação, que o dirigem; pensa, falla, e obra com uma sorte de altivez, e parece ser o proprio legislador de si mesmo. — A *honra* é o instincto da *virtude*, e elle gera a coragem. Não examina, obra sem fingimento, mesmo sem prudencia, e não conhece esta timidez, ou esta falsa vergonha, que suffoca tantas virtudes nas almas fracas; porque os caracteres fracos tem o duplicado inconveniente de não poder responder por suas virtudes, e de servirem de instrumento aos vicios de todos aquelles, que os governam. — Ainda que a *honra* seja uma qualidade natural desenvolve-se pela educação, sustenta-se pelos principios, e fortifica-se com os exemplos. Não se saberá pois bastante despertar as idéas da mesma, acalorar d'ella os sentimentos, exalçar-lhe as vantagens, e a gloria, e atacar tudo quanto lhe póde fazer offensa? A relaxação dos costumes não impede, que se gabe muito a *honra*, e a *virtude*; os que menos a tem sabem quanto lhe importa, que os mais a tenham. Em outro tempo faria corar de pejo o avançar certas maximas se se houvessem contradicto por acções; os discursos formavam um prejuizo favoravel sobre os sentimentos: hoje os discursos são tão inconsequentes, que se não poderia dizer algumas vezes de um homem, que tem *probidade* ainda que elle a elogie. — Pretende-se, que em outro tempo reinou entre os homens um fanatismo de *honra*, e se refere esta feliz mania, a um seculo ainda barbaro. Seria para desejar, que esta mania se renovasse em os nossos dias; as luzes, que temos adquirido serviriam para regular este bom humor sem o esfriar. Por outra parte não se deve temer o excesso n'esta materia: a *probidade* tem seus limites; e pelo commum dos homens, é muito offendêl-os; porém a *virtude*, e a *honra* podem estender-se e elevar-se ao infinito, póde-se sempre encurtar os limites, mas nunca ultrapassal-os. Assim se escrevia em tempos menos illuminados, que o seculo actual (chamado das luzes) para guia segura dos homens em sociedade no caminho da probidade, e da honra, sem o que a sociedade é apenas uma alcateia de lobos.» (Duclos, *Consid. sobre os costumes d'este seculo*, cap. IV).

HORACIO. «No consulado de Cotta e Manlio, 688 annos depois de fundada Roma, 63 antes da era christã, nasceu Quinto Horacio Flacco, em Venusa, pequena cidade, nas raias da Appulia, e da Lucania. Seu pai (filho de escravo forro) vivia d'uma fazendinha, e d'um officio de cobrador de direitos. Dado que fosse Horacio em baixa condição nascido, e n'uma pequena cidade, nada menos foi educado como os mais nobres moços o eram, na mesma Roma. Pois que seu pai tanto lhe não quiz dar o ensino, que n'uma pequena terra como Venusa, tomavam os da sua esphera, que antes elle mesmo o conduziu a Roma, onde com Orbilio estudou grammatica, e logo a lingua grega, e taes prendas e disciplina, umas atraz d'outras, quaes competir podiam a filhos de fidalgos: que por tal o julgaria (diz elle mesmo) quem lhe reparasse nos ricos trajos, e na comitiva de escravos, que o seguia.

«Se porém foi tão venturoso Horacio em lhe ser deparado um pai, que se empregou (assim o deveram todos os paes) como em capitalissimo negocio, na educação de seu filho; forçoso nos é tambem dizermos, que foi não menos venturoso o pai, em descobrir no filho tão entranhavel gratidão, que no maior auge da sua fortuna, a manifestou a todos, e ainda a traspassou á posteridade. Pelo tanto, renunciado houvera ao tribunato militar, e á cadeira curul, e a quanto lhe podesse á sua prosapia contribuir, para illustral-a.

«Pela calamidade dos tempos se viu Horacio mau grado seu, envolto (como elle mesmo diz) no rodopello da guerra civil, e sob o bruto brandir das armas, que tinham de fraquear ante o nervoso pulso de Augusto Octavio.

«Da segunda batalha de Philippe, que decidiu aquella guerra, não sahiu Horacio com sobejo credito; pois que, na frente mesmo da sua legião se descartou do broquel (o que na milicia antiga era ignominia grande) e fugiu. O mesmo dizem que acontecera ao poeta Alceu, que na lyrica o tinha precedido; o mesmo a Demosthenes, na famosa batalha de Cheronéa; e como houve quem lhe lançasse em rosto essa fugida, respondeu com um verso, que então corria pela bocca do vulgo:

«Póde inda pelejar, quem foge agora.»

«Nem Horacio tratou de dourar um feito, que não soffria desculpa, e incapaz de se encobrir: antes o confessou então ingenuamente, e mais ainda quando depois escrevia a Augusto, que não nascera para guerras a progenie dos poetas.

«A Mecenas o apresentaram dous poetas amigos seus, Vario que então se dava á epica, e Virgilio empenhado n'esse tempo em campezino canto. Vinha Mecenas d'uma nobilissima familia da Toscana, varão sabio, prudente, regalão, e amavel; nas cousas politicas braço direito de Octavio, como nas militares o era Agrippa, soldado de fortuna, valoroso nas armas, e que póde sem risco seu, vir a ser em breves annos a segunda pessoa do imperio. Agasalhou Mecenas cortezmente a Horacio, mas com poucas palavras, segundo seu costume; nem passou grande tracto de tempo, que o não alistasse na pauta dos seus amigos. Facil é de imaginar que o congraçou com Octavio, contra quem tinha militado Horacio; de modo, que se abafassem esquivas lembranças, fechando a bocca aos passados successos. A verdade foi, que de dia em dia o amava Mecenas mais; e mais que nunca frequentava Horacio aquella casa, onde concorria a flôr de Roma, onde era sabido que nada valiam ambitos, nem enredos; onde nem mais opulencia fazia sombra aos outros, e cada um achava alli a praça que competia ao seu merecimento.

«Além das prendas do engenho, e do coração, que da turba vulgar tanto sobrelevavam a Horacio, n'elle descortinou Mecenas outras que ditosamente lh'o davam mais a querer. Entre os principaes desvelos d'esse homem de bem, e de agudo juizo, laborava n'elle a vontade de amansar o animo de Octavio que bem que erudito fosse desde menino em toda a lit-

teraria doutrina, como adoptivo filho de J. Cesar sempre lhe resoavam nos ouvidos os nomes de Pharsalia, d'Utica, de Munda, e aos olhos se lhe afigurava de seu pai o excessivo poderio; e de seu proprio genio pendia para a crueza. Dobremos folha quanto ás proscripções, em que se ostentou mais cruel, que o mesmo M. Antonio; e á clemencia, que demonstrou, á qual Seneca chama *saciada crueldade;* todos noticia tem do dito do mesmo Mecenas quando viu o comprazimento, com que no tribunal sentenciava á morte, e lhe bradou: *Ergue-te d'ahi, verdugo.*

«Depois de ter desfructado uma vida, philosophica em parte, em parte mundana, mas sempre voluptuosa, amigo de tudo o que de si é bello, e o que mais é, amigo de si mesmo: depois de ter (quanto é permittido a homem vivente) domado a inveja, feneceu a vida aos 57 annos; e ao redor d'um mez, depois da morte de Mecenas, que o recommendou a Augusto, e que o tratasse como a elle proprio. Horacio teve gosto de que passassem á posteridade algumas particularidades no tocante á sua vida, e ao seu genio. Falla com o seu livro, que na idade de 44 annos deu ao publico, e o encarrega de dar noticia aos leitores, que nascido em humilde condição, e mediocre fortuna, levantára mais alto o vôo, do que compadecia a pequenez do ninho, em que viera á luz; que prezado, e querido fôra dos varões do seu tempo mais conspicuos tanto em paz, quanto na guerra; que facil era em agastar-se, mas igualmente facil em depôr a colera; amigo de tomar o sol; de não grande corpulencia; que temporã encanecêra. (Teve n'esse ponto por companheiros a Petrarcha, e a Newton). Ainda colhemos dos seus escriptos, que padecia doença de olhos, e que não lograva perfeita saude, nem em sua pessoa, robustez, companheira acostumada da subtileza do engenho. Quando, pela primeira vez, se apresentava a alguma alta personagem ia com algum receio, e sentia acanhamento em si: não era fallador, nem esperdiçava tempo em disputas vãs, mórmente com quem tinha mais possante que elle o bofe. Mui curioso foi de pinturas, como a um homem de tão atilado gosto competia. Como era de animo liberal, pendia mais para o prodigo, que para o tacanho. Grande amador dos campos, como quem tão devoto das musas foi, e o foi sempre da liberdade: e dado que, como poeta, nunca abusasse d'essa prenda, para importunar os outros, embutindo-lhes versos de sua colheita, fazia-lhe nada menos cocegas, o dar mostras ao publico de si; o que mui bem vislumbra d'essa epistola que endereça ao seu livro, onde lhe indica os perigos com que ha de topar quando sahir a publico, e com graça lhe accusa o descaramento. Ora, bem verdade é que os guapos engenhos, quando tem de sahir á luz vulgar, por mais comedidos, e judiciosos que sejam, obram como as donzellas quando se lhes trata de matrimonio: depois de bem bandeados os inconvenientes, ellas e os authores, umas se entregam aos maridos, e os outros ás imprensas.

«Tal, ou quasi tal, Horacio foi, com tal ou qual desar em pessoa; tal se retrata, e vive ainda em seus escriptos esse vate, que inspirado do brio nobre (fiel companheiro da virtude) preconisou, que não morria por inteiro, que, com o andar dos annos, se remoçaria a sua fama; que eterno, como Roma seria o nome seu. O tempo derrocou o capitolio, e os versos de Horacio ainda são cantados, pela voz dos seculos.» (Versão de Francisco Manoel do Nascimento).

1. (In) rebus angustis animosus atque fortis appare. (Odes, 2, 10, 21).

2. Semel emissum volat irreparabile verbum. (Ep. I, 18).

1. Mantem firmeza e brio na desgraça.

2. O dito que uma vez dos labios soltas,
Corre, vôa, e jámais se recupera.
(Vers. de Seabra).

3. Est modus in rebus, sunt certi denique fines quos ultra citrave nequit consistere rectum. (Sat. I, 1, 160).

3. .... Ha certo modo em tudo;
Ha certas raias entre as quaes consiste,
Nem mais cá, nem mais lá, o justo acerto.
(Vers. de Seabra).

4. Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci, lectorem delectando pariterque monendo. (*Art. poet.*, 343).

4. Quem soube unir ao deleitoso o util,
E ao prazer a instrucção, alcançou tudo.

5. Dimidium facti, qui bene cœpit, habet. (Ep. I, 2, 40).

5. O que a obra encetou venceu metade.
(Idem).

6. Serpit humi tutus nimium timidusque procellæ. (*Art. poet.*, 28).

6. No chão se arrasta quem borrascas teme.

7. Infido scurræ distabit amicus. (Ep. I, 18, 2).

7. Já mais. . . . .
Um vil adulador serás do amigo.
(Idem).

8. Quemvis media elige turba; aut avaritia, aut misera ambitione laborat. (Sat. I, 4, 25).

8. Eia! um, qualquer, da multidão separa;
De avaro ou de ambicioso o triste arqueja.

9. Omnes una manet nox, et calcanda semel via lethi. (Odes, 1, 28).

9. A mesma morte, e um só caminho a todos!

10. Vulgus, si veteres ita miratur laudatque poetas, ut nihil anteferat, nihil illis comparet, errat. (Ep. II, 2, 63).

10. Em erro está quem todo se embelleza
No antigo poeta e o julga incomparavel.

11. Libelli stoici inter sericos jacere pulvillos amant. (Ep. VIII, 15).

11. . . . . Os livros dos stoicos
Em sedosos frouxeis repousam ledos.

HOSPITAES. «O primeiro hospital geral que houve em Lisboa foi fundado por D. João II, que lhe lançou a primeira pedra a 15 de maio de 1492, e concluido por D. Manoel. Denominava-se de *Todos os santos* ou *d'el-rei:* era um vasto edificio, situado onde está actualmente a praça da Figueira, tendo a fachada principal para o Rocio (praça de D. Pedro). A architectura era magnifica; o portal da igreja passava até por uma das obras mais aprimoradas d'aquelle tempo. As suas enfermarias eram nada menos de 16; tinha tambem 4 casas para doudas, 5 para doudos; asylo para os engeitados, e o hospicio do Amparo para invalidos; o numero de camas n'aquellas enfermarias era de 324!

«Este soberbo hospital, bem organisado e optimamente dotado pela piedade e munificencia dos nossos monarchas, e pelos legados de alguns particulares, padeceu um incendio em 27 de outubro de 1601, que reduziu a igreja a cinzas. Reedificado por D. João V, soffreu novo incendio em 10 de agosto de 1750, escapando apenas a enfermaria chamada de S. Camillo.

«Estavam já mui adiantadas as obras da sua reedificação, quando o horrivel terremoto de 1755 o destruiu completamente. Então os infelizes enfermos, que escaparam ao sinistro, foram conduzidos para as chamadas cabanas do Rocio, sendo depois transferidos para umas cocheiras do marquez de Castello Melhor.

«Entretanto começavam e progrediam rapidamente as obras de reconstrucção das antigas enfermarias, para onde em 1763 se passaram os doentes; mas depois da extincção dos jesuitas, e de confiscados para a corôa todos os seus bens, o marquez de Pombal resolveu converter em hospital geral o vastissimo collegio de Santo Antão, onde hoje se acha effectivamente, com a denominação de *S. José*, em honra do monarcha, que de-

creton a sua applicação para tão caridoso fim.

«O antigo collegio de Santo Antão, começado já no tempo da dominação castelhana, concluiu-se em 1594 ou 1595, tendo porém os jesuitas tomado posse do edificio em 8 de novembro de 1593.

«É um edificio de robusta e magnifica construcção; e com os successivos melhoramentos, que se lhe tem feito, póde considerar-se um dos melhores hospitaes da Europa, posto que não fosse primitivamente destinado para recolhimento dos enfermos; e por isso lhe faltassem ao principio certas condições essenciaes em estabelecimentos de semelhante natureza.

«O que ha a dizer do hospital de S. José, cuja origem fica compendiada nas antecedentes linhas, não póde resumir-se em um só artigo, e portanto nos seguintes numeros daremos mais particular informação, assim da fórma e disposições do edificio, como da sua administração e estado actual, a fim de que possa devidamente avaliar-se a importancia de tão grandioso estabelecimento.» (*Panorama*).

Com referencia a hospitaes e albergarias da cidade do Porto, extractamos de um periodico litterario portuense o seguinte artigo, alterando onde ha pontos hoje divergentes dos do tempo em que a noticia foi escripta:

Em 1189 aportou a Portugal uma armada que pozera a prôa aos Logares Santos. Sancho I, a braços com a mourisma ainda senhora do Algarve, convidou os cruzados a coadjuvarem-no na conquista de Silves, e outras praças importantes d'aquella provincia, a mais pertinaz em reagir ás armas portuguezas, que a bravura de Affonso I tornára temerosamente prestigiosas.

Com aquella armada do norte entrára em Portugal o piedoso instituto dos eremitás de Nossa Senhora da Roca de Amador. Quatro annos depois de estabelecida, Sancho I doou-lhe a villa de Sosa, hoje soterrada nos areaes do littoral convisinho da cidade de Aveiro. D'ahi se derramaram os hospitalarios de Roca-Amador pelos hospitaes de Lisboa, Porto, Coimbra, Santarem, Leiria, Torres Vedras, Guimarães, Braga, Lamego, Chaves, etc.

Guardavam a regra de Santo Agostinho, e acarearam o respeito e veneração dos povos em quanto se não relaxaram da primitiva observancia, curando mais dos interesses proprios que da piedosa fiscalisação dos hospitaes. Affonso V, com assentimento de Pio II, extinguiu o instituto aos hospitalarios, convertendo a igreja de Sosa em commenda da ordem de S. Thiago. E tão má nota deixaram de si os degenerados hospitalarios, que a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, fundando o hospital das Caldas, declarou ser sua vontade expressa que nunca fosse administrado por frades. Os monarchas successores não respeitaram integralmente a vontade da real fundadora, entregando a administração d'aquelle hospital, e a de outros muitos, aos padres loyos, congregação que se estremava por virtudes entre as outras que o vicio derrancára.

São admiraveis as liberalidades dos nossos monarchas feitas aos hospitalarios de Roca-Amador, em quanto virtudes e saber eram o apanagio d'esse venerando instituto. O testamento de Affonso II em 1121 favorece a igreja de Santa Maria de Roca-Amador. Nas inquirições de Affonso III mencionam-se numerosas terras pertencentes a Roca-Amador. A rainha Santa Isabel, no seu testamento de 1327, lembra-se dos hospitalarios. Pedro Annes e sua mulher, moradores no castello de Lamego, legam em 1348, á igreja de S. Francisco propriedades que partem com as de Roca-Amador. Infere Viterbo, no seu *Elucidario*, d'onde succintamente extractamos o que fica escripto, que as possessões de Roca-Amador se estendiam por todo o reino, e depois passaram aos hospitaes, fundados nos respectivos territorios.

A primeira albergaria fundada no Porto de que resta memoria é a de Santa Maria de Roca-Amador. Fixar

com certeza o local onde existiu a ermida e a albergaria é impossivel; presumem, porém, alguns antiquarios, e nomeadamente o paleographo Januario Luiz da Costa, que uma e outra existiram onde hoje se vê a cathedral, e que a ermida é a de Santa Maria que a rainha D. Thereza doára ao bispo D Hugo a 14 das calendas de maio. era de 1158. Que a denominação de Roca-Amador andava annexa aos institutos de caridade, prova-se com alguns documentos, taes como as inquirições de Affonso III, em 1296, onde são mencionadas doações aos hospitalarios, e o mesmo do livro grande da camara do Porto, e inquirições de 1346.

No meado do seculo XIII foram estabelecidos os dous hospitaes de S. Thiago e de Santa Catharina na Reboleira, d'ahi transferidos para o largo de S. João Novo, e mais tarde para a Ferraria de Cima. A administradora d'estes hospitaes foi a camara até 1451, em que os cedeu á irmandade dos Ferreiros. A igreja de S. Nicolau está fundada no local onde estivera o hospital de Santa Catharina. Induz a crêl-o, a escriptura de venda que faz Manoel Gamboa ao bispo D. Nicolau Monteiro de um corredor com mais doze palmos de terra, e casa contigua *que antigamente fôra hospital de Santa Catharina dos Ferreiros*, e a folhas 3 do tombo 1.º, 19 de junho de 1451, que resa assim: «Os hospitaes de S. Thiago e Santa Catharina eram situados junto um do outro na rua da Reboleira, os quaes são damnificados e descorregidos, e porque o de S. Thiago se não reparava por quinze mil reis de casa e paredes, que é todo estruido, assim o de Santa Catharina, e não hão rendas porque se possam reparar, acordaram o juiz e homens bons da cidade, que era bem de se lançar todo em um; e o que era hospital de S. Thiago que não seja hospital, e que se correja e faça em elle casas de morada que rendam para o outro hospital de Santa Catharina; que o hospital de Santa Catharina seja para pobres; e porque elle juiz e homens bons não tinham rendas d'elles para se isto correger, rogavam aos ferreiros confrades da confraria dos Ferreiros, evocada do Corpo de Deus d'esta cidade, que lhe aprouvesse tomar cargo dos ditos hospitaes, e os haverem, e corregerem, e ministrarem d'este dia para todo o sempre; a casa de Santa Catharina para hospital e para pobres, e a casa de S. Thiago para ajuda do suportamento e saude das almas.» Por compromisso de 17 de novembro de 1593, aceitaram os ferreiros a gerencia dos ditos hospitaes.

Acresceu a estes mais o hospital de S. João Baptista com frente para a Ferraria de Cima e as imagens de Nossa Senhora, do Baptista, e de S. Baldomero no nicho do frontispicio. Entre este e o hospital de Santa Catharina havia um saguão onde se agasalhavam os peregrinos de todas as nações. No de S. João tinham morada fixa as viuvas e filhos dos irmãos pobres, e até invalidos. O rendimento d'estes hospitaes consistia em pensões, direitos dominicaes, e o fundo procedente das entradas de irmãos, annuaes, e rendimentos do balde de medir o carvão de pedra que vinha do estrangeiro. Ignora-se quem fosse o instituidor d'esses hospitaes, posto que ainda ha pouco se celebravam oito missas de mandado da camara por alma do instituidor.

O hospital de Santa Catharina foi em 1637 absorvido pelo do Espirito Santo, situado ao pé de S. Nicolau. O de S. Salvador conservou-se na rua das Congostas, e era proprietario de casas na rua da Reboleira.

Em 1689 escrevia Alexandre da Costa o seguinte:

«Ha mais de trezentos annos que não havia instituição de hospital ou albergaria antiga que, sem embargo da variedade de nomes que lhe deu a corruptela dos tempos é o seu proprio, como diz Nuno Barreto Fuzeiro (*no seu livro historico chamado das chapas*), e o conformam as noticias que se colhem no nosso reino, e particularmente na villa de Sosa, junto de Aveiro, aonde existe uma imagem na igreja que foi dos Templarios, Santa

Maria de Roca-Amador. Como falta a instituição se ignora o instituidor; mas, se bem se adverte é impossivel que o fosse pessoa particular, e mui provavel o haja sido a mesma cidade. Todas as fazendas da primeira dotação d'este albergue de hospitalidade se mostra pela antiguidade de seus titulos serem fundadas em baldios, como se vê de todas as moradas de casas que se fabricaram na rua da Ferraria de Cima, e outras que se erigiram sobre chãos livres em que só podia ter direito a cidade, como que não será temeridade entendermos que esta dotou e fundou esta piedosa casa.»

D. Martim Mendes, mestre-escóla do cabido portuense, instituiu na sé uma capella, e dotou o hospital de Santa Maria de Roque-Amador. Branca Paes, sobrinha d'aquelle, entregou, em 1419, os bens legados aos vereadores da cidade, a cujo cargo estava já a administração dos hospitaes.

Em 1667 deliberou a mesa construir um hospital com capacidade relativa á população, e dotal-o com os legados repartidos por differentes hospitaes e albergarias de pequeno ambito. O local designado foi o terreno maninho de S. Lazaro, extra-muros, lavado de ares, e afastado da população. Porém, um anno depois baixava nova carta regia a D. João d'Almada, ordenando que se renunciasse ao plano de construir o hospital em S. Lazaro, já porque assim ficava muito distante da cidade, já porque era escasso de aguas o terreno. As razões são ambas absurdas, todavia prevaleceram como quasi todos os absurdos, e o hospital foi delineado sobre o terreno de entre o campo da Cordoaria e quarteis, no predio rustico que possuia um tal Manoel Gomes, e em tres moradas de casas contiguas ao predio.

Foram mestres da obra d'este hospital José Francisco Moreira, da freguezia de Paranhos, e Caetano Pereira, morador na rua Direita. Lavrou-se termo de arrematação em 19 de setembro de 1770.

Dous casaes foram comprados para acrescentar o terreno comprado a Manoel Gomes. As verbas despendidas n'estas compras não excedem a seis contos de reis.

Denominou-se o novo hospital, *Hospital real de Santo Antonio*. Agostinho Rebello da Costa descreve-o assim na sua *Descripção do Porto:*

«Entre todos tem o primeiro lugar o hospital real de Santo Antonio, não sómente pela sua grandeza, numero de doentes que recebe, caridade com que os trata, avultadas despezas que faz, mas tambem pela assistencia de peritos e experimentados medicos, que visitam duas vezes no dia todos os enfermos, e assim mesmo os cirurgiões no que pertence ao curativo da sua profissão. Sobre tudo isto elle tem uma bem provida botica em que os remedios se vendem por metade do seu custo. Em lamina de pedra posta no mais alto da sua porta, estão gravados com letras d'ouro estes versos:

«Hic pariter dives pariter que medicamina pauper
Sumptibus et morbis quæ medeantur, habent.»

«Além dos medicos partidistas d'este hospital, ha outros que tem o partido da relação, e os que se empregam no curativo da cidade, que são dezeseis. Os cirurgiões passam de cincoenta, sem contar os do hospital, aonde ha exercicio pratico para os principiantes, subministrado pelo cirurgião do partido, ao qual os rapazes e o vulgo ignorante dão o titulo de cirurgião-mór, sendo certo que sómente ao que havia em Lisboa é que pertenceu esta graduação.

«Para evitar mais longa descripção, não fallarei mais que do hospital novo — isto é, o de Santo Antonio — digno de que eu dê ao publico uma clara noticia de sua grandeza. Esta obra acha-se ainda nos seus primeiros alicerces (1789); mas eu que vi a sua planta, que medi e notei todas as suas partes, farei d'ella uma breve exposição.

«A fórma d'este edificio é quadrangular. As principaes fachadas ou fron-

teiras ficam ao nascente e poente, e se dilatam pelo comprimento de setecentos e oitenta e tres palmos cada uma; as outras duas fachadas de norte a sul tem cada uma oitocentos e sete palmos de extensão, e toda a circumferencia exterior do edificio tres mil cento e oitenta palmos. No meio de toda esta extensão fórma-se um grande pateo e claustro que pelos lados de nascente e poente tem de comprido seiscentos e um palmos, e pelos de norte e sul quinhentos e oitenta e tres. No centro do referido pateo existe a igreja, que é em tudo proporcionada á magnificencia de toda a obra. A sua figura interior é circular, e a exterior quadrada. Terá de comprido cada uma das suas quatro faces exteriores cento e trinta palmos, o seu diametro interior setenta e sete, a sua altura, desde a superficie da terra até ao remate da cruz do zimborio, duzentos. É ornada esta igreja com trinta e duas columnas de quarenta palmos de alto, quatro estatuas de dezoito palmos, tres portas, vinte e quatro janellas grandes, e quarenta e oito menores, além das que ficam subterraneas á face dos alicerces.

«O numero total das officinas e mais partes, que comprehendem esta grande machina, é o seguinte: sobrados tres, salas e salões cento e cincoenta e nove, enfermarias cento e quarenta e duas, privadas trinta e sete, portas e janellas vinte mil seiscentas e nove, estatuas vinte e oito de dezoito palmos, columnas cento e setenta e seis a maior parte de quarenta palmos, pyramides cem, balaustres cinco mil quinhentos e oitenta e seis, escadas principaes cincoenta e seis de dous andares cada uma, degraus mais de tres mil além dos subterraneos.

«A altura d'este edificio, supposta a desigualdade do terreno, não é igual em todas as partes, em umas não excede setenta palmos, e em outras passa de noventa. As paredes fundamentaes chegam a ter em parte cincoenta palmos de grossura; o espaço, que medeia entre o mais fundo dos alicerces e a superficie da terra, sobe a tanta altura pela desigualdade do terreno que chega em partes a contar cem palmos, podendo facilmente accommodar debaixo da terra uma machina quasi igual á que sustenta sobre si. Esta immensa fabrica, que, como disse, está ainda nos seus principios, não poderá concluir-se com a brevidade necessaria, sem que um grande soccorro de dinheiro a auxilie, pois que principiando a construir-se no anno de 1769, apenas está hoje (1789) feita a vigesima parte.»

Agostinho Rebello era melhor propheta que prosador. Setenta annos depois que elle escrevia, o edificio tinha pouco mais de metade. O *grande soccorro de dinheiro* chegou ainda ha dezesete annos, devido ao magnifico legado de trezentos ou mais contos deixados pelo negociante portuguez no Brazil, de alcunha o *Santinho*.

Quanto ao hospital de S. Marcos, de Braga, diz o snr. Vilhena Barbosa:

«O arcebispo primaz D. Diogo de Sousa foi um dos mais illustres prelados da igreja bracharense. Já por mais de uma vez o temos feito notar aos nossos leitores pela sua caridade e amor das artes, que o levaram a deixar honrosamente commemorado o seu nome nos estabelecimentos de piedade que instituiu e dotou, nos monumentos publicos que fundou, e nos variados melhoramentos que promoveu na cidade.

«Foi, pois, este benemerito prelado o instituidor do hospital de S. Marcos, correndo o anno de 1508. Havia então na cidade de Braga tres hospitaes, intitulados *dos Peregrinos*, *dos Lazaros* e *Gafaria*, todos pequenos, e com escassos rendimentos, de modo que já mal correspondiam ás necessidades publicas. Supprimiu-os D. Diogo de Sousa, e annexou as suas rendas ao novo hospital; e não as julgando ainda sufficientes para sustentação d'este estabelecimento de caridade, acrescentou-lhes os dizimos das igrejas de S. Martinho de Gallegos e S. Martinho de Medello, do arcebispado de Braga, e da apresentação da mitra primacial, as quaes uniu perpetuamente ao mesmo hospital, que

as possuiu até ao anno de 1834, em que principiou a ter effeito em Portugal a extincção dos dizimos.

«D. Diogo de Sousa fundou o edificio do hospital, com uma capella dedicada á Senhora da Purificação; deu-lhe o regulamento, estabeleceu-lhe o pessoal, e arbitrou-lhe os ordenados; e entregou a sua administração ao senado da camara.

«Passado meio seculo, vendo o sabio e veneravel arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres que a camara não administrava bem, confiou este encargo á irmandade da Misericordia, cujo instituto a fazia mui competente para semelhantes administrações, pois que a sua principal missão é soccorrer os infelizes, acudindo-lhes em todas as necessidades.

«Effectuou-se esta determinação aos 19 de outubro de 1559; e desde então até hoje tem continuado n'esta administração a referida irmandade.

«Com o correr dos tempos augmentou o rendimento do hospital, em consequencia de varios legados que teve, mas tambem augmentou o seu movimento pelo crescer da população. No meado do seculo XVIII o edificio era já acanhado para conter os enfermos que a elle recorriam, e, além d'isso, achava-se alguma cousa arruinado. Pensou-se então em reedifical-o; porém, depois de muitos alvitres differentes e de grandes delongas, resolveu-se proceder a uma nova fundação, mais ampla e mais sumptuosa do que a primeira.

«Não sabemos o anno em que principiaram as obras, mas sim que isto se realisou entre os annos de 1770 e 1780. A igreja esteve por muito tempo incompleta, servindo sómente a capella-mór e o cruzeiro para o exercicio do culto, que já ahi se celebrava em 1805. Concluiu-se e inaugurou-se o templo no anno de 1836.

«O hospital de S. Marcos occupa o mesmo lugar do antigo, e está situado em uma praça pequena, mas ornada por dous outros templos de boa architectura, um intitulado de *Nossa Senhora da Piedade*, pertencente ao convento das religiosas terceiras de S. Francisco, e o outro consagrado á *Santa Cruz*. Chama-se esta praça *Campo dos Remedios*, pelos milagres que obrou S. João Marcos por occasião da trasladação do seu corpo, em 1718.

«Fez o risco do novo edificio o capitão de engenharia Carlos Amarante. As obras de cantaria e de esculptura foram executadas ou dirigidas por José Fernandes da Graça, mais conhecido pelo nome de *Landim*. Não obstante alguns defeitos provenientes de certas faltas de boas proporções, a frontaria do edificio faz honra ao architecto pela nobreza e bom gosto do prospecto em geral.»

HOSPITALIDADE. «Que é a hospitalidade, de que tanto se falla e que tão pouco se exercita?

«É um direito e um dever. Um direito, porque um homem, ainda que não seja conhecido, pede a outro homem, que não conhece, um lugar na sua casa, junto do seu lar ou á sua mesa; um dever, porque não só taes vantagens, que são devidas aos filhos-familias, não se recusam ao estranho que as pede, mas tambem em observancia d'este preceito é que lhe são offerecidas.

«A hospitalidade é a mais santa das praticas.

«Não será extraordinario que tenha a sua origem nas primeiras idades do mundo, que a encontremos em vigor entre os povos primitivos, entre as gentes barbaras, em que fórma alliança com a rapina, e entre os selvagens, cuja ferocidade modera? Não será tambem singular que o exercicio das virtudes hospitaleiras, em vez de fortalecer com a civilisação, pareça antes caminhar em ordem inversa, e que um povo seja tanto menos hospitaleiro quanto mais culto?

«Expliquemos isto facilmente. O exercicio da hospitalidade baseia-se em reciprocas necessidades. Nas épocas e nas regiões em que as distancias entre os centros populosos eram grandes, e em que as habitações estavam dispersas nos campos, cada qual tinha interesse em dar ao via-

geiro asylo e soccorros de que na primeira occasião podia carecer.

«Quando a população foi augmentando, e quando os campos arroteados se foram enchendo de habitações, a necessidade de pedir e conceder asylo foi-se tornando menos sensivel. Logo que os povoados se avisinharam, o viajante reconheceu que era mais conveniente regressar ao proprio lar que pedir abrigo á casa do estranho. A frequencia das viagens deu, pois, origem ás hospedarias. O cultivador, que podia exportar o superfluo do seu consummo, tornou-se economico, e, reservando o superfluo para o transformar em materia de commercio, juntou-lhe tambem a parte outr'ora reservada para a hospitalidade.

«É certo que modernamente se observam menos os preceitos da hospitalidade do que nos tempos antigos; e é hoje mais facil encontrar asylo em casa do arabe ou do laponio, do que no lar de um povo civilisado.

«Se fordes invocar os direitos da hospitalidade á porta de um monseor de tal ou de um lord, vereis que os criados vol-a fecham no rosto com zombaria; mas se ainda hoje fordes á entrada da barraca do arabe ou da choupana do laponio, nem uma nem outra encontrareis fechada para o estranho.

«A hospitalidade reinava entre os povos pastores.

«Os hospedes, nos tempos antigos, gozavam não só os direitos dos filhos-familias, mas ainda eram mais sagrados que elles, de certo, pela confiança que se devia reciprocamente inspirar e manter.

«A hospitalidade, que dá ao estranho os direitos de membro da familia, impõe áquelle com quem se exerce os deveres de membro da familia. Se a um não é licito faltar aos deveres, ao outro cumpre respeitar sempre os direitos. Vai n'isso o respeito da familia e da sociedade.» (S. Tullio).

HOTTENTOTES. (Veja CAFRARIA).

HUGUES CAPET. (Veja DEZ (seculo).

HULHA. «Na época da formação do terreno carbonifero, achava-se a superficie terrestre coberta de plantas, ainda que simples e pouco variadas na sua organisação, comtudo numerosas e de dimensões gigantescas; eram os primeiros seres organicos da creação, os mais simples. As condições climatericas d'aquella época favoreciam o desenvolvimento extraordinario e prodigioso nas plantas. A elevadissima temperatura, e a immensa quantidade de acido carbonico existente n'aquella época deviam contribuir para que a flora d'aquelles tempos fosse pomposa e vicejante em escala muito superior á que actualmente vegeta nas regiões tropicaes. Ora a accumulação d'estas immensas massas vegetaes no fundo dos mares e dos lagos pouco profundos, durante muitos seculos, e a sua alteração e carbonisação lenta e prolongada, pela acção dos agentes internos, originou a formação da hulha, semelhantemente ao que se passa nos lugares pantanosos para a formação da turfa.» (Marques Lobo, *Mineralogia e geologia*).

HUMBOLDT. Nasceu em Berlin em 1769 e falleceu em 1859. A reputação universal que alcançou com os seus trabalhos de historia natural, dispensam-nos de lhe escrever a biographia, que toda se funda nos actos de sua elevadissima intelligencia. O que desejamos fazer conhecido é um fragmento do 2.º volume da sua obra monumental, intitulada *Cosmos*, que diz respeito ao poeta Luiz de Camões. «O poeta portuguez Camões — escreve o eminente sabio — foi mais feliz que Ercilla; e com verdade eu não posso dizer o que se deve admirar mais na sua grande epopéa nacional, se a riqueza da imaginação do poeta, se a singular verdade das descripções. Não é a mim, por certo, que compete confirmar com a minha opinião o juizo de Frederico Schlegel, que, quanto á vivacidade das côres e á maravilhosa

riqueza da phantasia, põe os *Lusiadas* muito acima do poema de Ariosto; mas por certo me é dado acrescentar, na qualidade de observador da natureza, que nunca houve poeta mais exacto na pintura dos phenomenos naturaes; e que em nenhuma parte da sua obra, nem o enthusiasmo de cantor inspirado, nem o ornato da sua linguagem, nem os seus melancolicos pensamentos o fizeram um só instante infiel a esta especie de verdade physica. A sciencia póde aceitar as suas descripções, ao mesmo tempo que a imaginação é arrebatada pelas suas pinturas. É realmente o céo da India; são os variados aspectos do oceano. Sente-se em todos estes cantos, ou já escriptos na gruta de Macau, ou já no desterro das Molucas, um cheiro embriagante de flôres dos tropicos. O author viu, ou antes observou, e observou como poeta. Por isso não é possivel deixar de notar em toda a parte a viva physionomia dos grandes quadros da natureza, pintados por elle. Mas onde Camões é particularmente inimitavel, é nas pinturas do mar: nunca ninguem soube melhor perceber, nem pintar melhor estas mysteriosas harmonias que reinam entre a atmosphera e o mar, entre as mil conformações variadas que tomam as nuvens no céo, na successão dos seus phenomenos meteorologicos, e os diversos aspectos, que, reflectindo-os, apresenta a superficie do oceano. Ora é uma dôce briza que lhe encrespa a superficie, enchendo-a como de carneiros, e d'estas pequenas vagas quebradas faz sahir brilhantes faiscas de luz que alli parece moverse: ora é a tempestade, com todos os seus horrores, que se levanta em roda das naus de Coelho e de Paulo da Gama, e solta os elementos enfurecidos. Todos estes quadros são de uma verdade palpavel. Camões tinha podido estudar pausadamente os phenomenos do mar. Soldado, tinha feito a guerra, não só ao pé do Atlas, no interior de Marrocos, mas tambem nas margens do mar Vermelho e do golfo Persico: duas vezes dobrou o cabo das Tormentas, e com a sua paixão tão viva pela natureza, tinha podido, em dezeseis annos de solidão nas costas da India e China, observar as alternativas do oceano. Nada lhe escapa: em um lugar descreve os pennachos electricos do fogo de Santelmo, que os pilotos da Grecia cuidavam ser Castor e Pollux, mas a que elle chama

> . . . . o lume vivo
> Que a maritima gente tem por santo
> Em tempo de tormenta:

n'outro lugar é a tromba assustadora com as suas successivas transformações; e se vê

> . . . . levantar-se
> No ar um vaporsinho, e subtil fumo
> E, do vento trazido, rodear-se:
> De aqui levado um cano ao polo summo
> Se via tão delgado que enxergar-se
> Dos olhos facilmente não podia:
> Da materia das nuvens parecia.
>
> Ia-se pouco e pouco acrescentando,
> E mais que um largo mastro se engrossava:
> Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
> Os golpes grandes de agua em si chupava:
> Estava-se co'as ondas ondeando,
> Em cima d'elle uma nuvem se espessava,
> Fazendo-se maior, mais carregada
> Co'o cargo grande d'agua em si tomada.
>
> . . . .
> Mas depois que de todo se fartou,
> O pé que tem no mar a si recolhe,
> E pelo céo chovendo emfim voou,
> Porque co'a agua a jacente agua molhe;
> Ás ondas torna as ondas que tomou,
> Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe;
> Vejam agora os sabios. . .

acrescenta o poeta

> Que segredos são estes da natura,

palavras com que parece dirigir-se ainda aos sabios de hoje, que, fundados só na sua intelligencia e no seu saber, não duvidam tratar de visões as cousas que ouvem contar ao navegante, que só tem por si a experiencia.

«Mas se Camões é superiormente admiravel nas pinturas do mar, as scenas terrestres não lhe chamaram tanto a sua attenção. Já Sismondi notou com razão que em todo o poema

se não acha nenhuma verdadeira pintura da vegetação dos tropicos, e da physionomia particular das plantas d'aquelles novos climas. O poeta apenas mencionou algumas plantas aromaticas, producções que eram objecto de commercio. O episodio da ilha encantada encerra um delicioso quadro de paisagem, mas quadro commum e classico. Que se acha n'elle além das plantas banaes, com que forçosamente se ha de ornar uma *ilha de Venus*, murtas, cidreiras, limoeiros odoriferos, romeiras, e outras arvores selvagens na Europa meridional, e ainda mais nas poesias pastoris d'aquella época? O poeta n'este lugar julga-se infelizmente obrigado a entrar na natureza de convenção da poesia contemporanea. Quanto não ha em Christovão Colombo com uma observação exacta das fórmas da vegetação estranha que se offerecia aos seus olhos, um sentimento muito mais verdadeiro, e um enthusiasmo mais fracamente poetico, em vista de novas costas cobertas de bosques! Mas o almirante escrevia um *diario de viagem*, onde consignava diariamente as suas vivas impressões, ainda sob o imperio da sua imaginação abalada; e Camões compunha um poema epico para immortalisar os feitos dos portuguezes, juntando aos factos as maravilhosas creações da phantasia poetica. Que pintasse o oceano, é natural. Os navegantes lutam com o mar; é um combate de todos os dias; e demais, em toda uma viagem sempre ha tempo para estudar os phenomenos mais ou menos terriveis do mar; mas chegados a terra, a luta é quasi só com os homens; a acção que se trava não deixa vêr a natureza. A paisagem torna-se um fundo de quadro a que se não dá importancia, quadro em que os guerreiros ou os mercadores portuguezes animam a parte principal. Ainda mais: e não faltavam as palavras para pintar a natureza nova da India? Onde buscaria comparações ou epithetos? Adoptará o poeta os nomes das plantas novas, do idioma barbaro dos naturaes do paiz? Uma descripção laboriosa, fórmas singulares, cousas sem nome, não podiam deixar de repugnar a um poeta costumado á sonora harmonia da sua lingua natural.

«Comtudo não deixou Camões de ter algumas vezes singulares ousadias nas grandes descripções pittorescas, no seu tempo muito originaes; nem deixou de esboçar em linhas ousadas a physionomia geral dos continentes. É assim que no canto III faz uma pintura rapida de toda a Europa, desde as mais frias regiões do norte até

> Onde o sabido Estreito se ennobrece
> Co'o extremo trabalho do Thebano.

«Mas é especialmente aos costumes e á policia dos povos do meio-dia que elle dá mais attenção; em breve passa pela Prussia e pela Moscovia, nações septentrionaes,

> . . . que o Rheno frio
> Lava . . . .

para chegar ás deliciosas regiões da Grecia

> Que creastes os peitos eloquentes
> E os juizos de alta phantasia.

No canto X o espectaculo é ainda maior. Tethys conduz o Gama a um alto monte para lhe descobrir os segredos da

> . . . . grande machina do mundo

e o curso dos planetas segundo o systema de Ptolomeu, que então reinava. É uma visão no estylo do Dante. Depois de ter descripto o todo do universo, o poeta torna ao globo terrestre que lhe fica no centro, e expõe então tudo o que se sabia dos paizes n'aquelle tempo já descobertos, e das suas producções; aqui já não é sómente um mappa pittoresco da Europa, como no canto III; é um quadro de todas as partes do mundo, sem exceptuar a terra de *Santa Cruz* (o Brazil), e a costa descoberta por

> . . . . . Magalhães, no feito com verdade
> Portuguez, porém não na lealdade.

«Camões, posto que se encerrasse em um quadro classico, foi um dos primeiros que abriu caminho a uma poesia nova: o seu genio percebeu alguns dos maravilhosos recursos que um mundo novo ainda vinha dar á poesia.»

HUMILDADE. «A humildade é o sentimento de nossa pequenez na presença de Deus.» (Vauvenargues). — «É a fonte de todo bem, assim como o orgulho é origem de todo mal» (S. Vicente de Paulo). — «Sentimento que desponte o desprezo insultador para com o proximo, se algum ha, é a humildade. Nasce o desprezo da comparação que o homem faz entre si e os outros, e da preferencia que a si se dá. Tal sentimento nunca tomaria pé em coração que se visse em suas fragilidades, e reconhecesse que de Deus lhe provém todo merito.» (Manzoni). — «O verdadeiro humilde desvela-se tanto em occultar sua humildade como as outras virtudes; ou, por outras palavras, é humilde sem dar tento de que o é... Gostamos tanto da humildade nos outros!... Porque não a esforçaremos em nós?» (Bourdaloue).

HUNGRIA. (Veja AUSTRIA).

HYDRAULICA. (Veja MOTORES).

HYDROGENIO. (Veja AGUA e PHOSPHORO).

HYDROSTATICA (do grego *hydor*, agua, e *istamai*, ter-se, estar em quietação), sciencia do equilibrio dos fluidos, a qual comprehende em geral o equilibrio de todos os liquidos; e em particular o equilibrio dos corpos *fluctuantes* e dos corpos *mergulhados*: principio d'Archimedes que serve de base á construcção da *balança hydrostatica* e dos areometros. Estas questões foram estudadas pelos celebres geometras da Europa, do que resultou a certeza das proposições seguintes, que são fundamentaes: 1.º As pressões ao redor de um ponto de uma massa liquida em equilibrio são iguaes em todos os sentidos. 2.º Em uma massa liquida em equilibrio, a pressão é a mesma para todos os pontos situados n'um mesmo plano horisontal. 3.º A pressão em um ponto de um liquido é igual á que se exerce em outro ponto superiormente situado augmentada no peso da quantidade d'este liquido contido em um cylindro cuja base é a unidade de superficie, e cuja altura é a differença de nivel dos dous pontos que se consideram. 4.º Abstrahindo do peso do liquido contido em um vaso fechado, as pressões que lhe são applicadas n'um ponto da parede do vaso, são transmittidas pelo liquido igualmente e em todos os sentidos. É n'este principio da transmissão das pressões nos liquidos que se funda a *prensa hydraulica*, imaginada por Pascal, que tantas applicações tem nas artes. 5.º Do principio 2.º resulta que a superficie livre de um liquido em equilibrio é plana e horisontal. 6.º Quaesquer que sejam a quantidade de um liquido e a fórma do vaso que o contém, a pressão que o liquido exerce sobre o fundo do vaso é proporcional á superficie d'esse fundo e á altura da superficie livre do liquido. Este principio singular é denominado *paradoxo hydrostatico*; a sua demonstração é hoje um corollario dos principios fundamentaes da sciencia; mas póde ser verificado experimentalmente por meio do apparelho de Haldat. 7.º Em vasos ou tubos, iguaes, desiguaes, rectos, ou obliquos, que communicam entre si pelas suas partes inferiores, um liquido em equilibrio contido n'elles sobe á mesma altura em todos; isto é: que as superficies livres do liquido em todos os vasos acham-se situadas n'um mesmo plano horisontal. 8.º Dous liquidos de differente densidade, não susceptiveis de se misturarem, contidos em vasos que se communicam, para que estejam em equilibrio, é necessario que as alturas das superficies livres d'estes dous liquidos, acima do plano horisontal que passa pela superficie de separação dos liquidos, sejam inversamente proporcionaes ás densidades d'estes dous liquidos.

HYENA. (Veja Carnivoros).

HYGIENE. «*Das causas das molestias epidemicas e contagiosas, e dos meios de as combater.* A policia, que nas sociedades bem constituidas representa a importante somma de todos os meios de segurança, commodidades e vantagens para o cidadão, conta entre os seus principaes ramos a conservação da saude publica, á qual cumpre attender e tanto mais, quanto maior é o numero das molestias, que assaltam o homem nas cidades populosas; convindo por isso que uma solicita hygiene de mãos dadas com a sciencia do governo, previnam e acautelem tantas causas, que contribuem para deteriorar o estado sanitario dos cidadãos.

«Remontemos a algumas d'ellas, que motivam os mais damnosos effeitos: — como são as emanações putridas, que debaixo de tantas fórmas, e em tantos lugares exercitam sua terrivel influencia sobre o corpo humano, tendo até ao presente escapado ás investigações mais delicadas da chimica. Todavia Guyton-Morveau e outros chimicos, guiados pela analogia, pensaram que estes miasmas eram particulas de substancias putrificadas, espalhadas na atmosphera, e empregaram com bom exito para as atacar e destruir o chlorureto de cal.

«Assim quando se observa o aspecto cadaverico, que apresentam os habitantes de certas regiões paludosas, e ao contrario a bella côr e tez dos povos montanhezes; quando se compara por exemplo a longevidade dos habitantes dos Alpes com a dos povos, que demoram desde Liorne até Terracina, incluindo a cidade de Roma, onde reinam febres intermittentes muito perigosas, motivadas sem duvida pelos miasmas mephiticos que exhalam os pantanos, de que está coberto o paiz; quando se observa que as febres intermittentes continuas e tenazes assolam metade da população, e dizimam cada anno os habitantes das regiões, em que existem extensas lagôas, e pantanos periodicamente deseccados pelas estações; quando vêmos cidades inteiras despovoadas em razão das molestias epidemicas ou epizooticas atacando quer homens, quer animaes; quando se respira o ar d'uma prisão ou de lugares fechados, aonde se reune grande numero de pessoas; ou quando pelo contrario se respira o ar balsamico e aromatico d'um jardim, ou se goza da atmosphera agitada d'uma extensa campina em comparação do ar pesado das ruas estreitas d'uma cidade populosa; em todos estes casos bem se notam differenças consideraveis na composição atmospherica. Devemos pois assentar, e a observação attenta dos phenomenos nos conduz effectivamente a conhecel-o, que os effluvios mais ou menos destruidores dimanados das diversas substancias em putrefacção ou em decomposição, vem misturar-se em differentes circumstancias, habitual ou accidentalmente, com o ar atmospherico, viciando as suas qualidades, e trazendo a debilidade, a molestia e a morte, a todos os entes animados, que respiram esse ar impuro.

«A opinião mais acreditada dos chimicos é que o melhor meio de evitar os estragos das molestias pestilenciaes é fazer afastar a população do foco da infecção; não devemos por isso censurar positivamente as medidas repressivas, que as authoridades tomam em taes circumstancias. Uma ventilação activa, aberturas largas, numerosas, e oppostas, feitas nos edificios, habitações, officinas, e em geral nos diversos estabelecimentos; assim como uma linha de arvoredos, combinada de maneira, que tenda a facilitar a livre circulação do ar e a acção das correntes atmosphericas; e sobre tudo a total extincção das aguas estagnadas, ou o deseccamento dos lugares pantanosos, e d'aquelles que momentaneamente se alagam; em fim o enterramento das materias animaes e vegetaes susceptiveis de putrefacção: taes são os principaes meios de prevenir o desenvolvimento dos miasmas destructivos em qualquer paiz. Tambem a prudencia recommenda que os habitantes de semelhantes lugares se preservem, quanto ser possa, de res-

pirar o ar das lagôas ou pantanos durante a noite, porque a ausencia do sol, diminuindo então os movimentos do ar, é causa de que os miasmas se desenvolvam, e se accumulem em maior copia, do que durante o dia, nas camadas inferiores da atmosphera. Para destruir pois os miasmas nocivos, e para desinfectar os lugares onde elles existem, a applicação do chlorato de cal, como já dissemos, parece preferivel a todos os outros meios: ha alguns annos a esta parte que se tem feito o maior uso d'este meio em taes lugares, e bem assim nos hospitaes, e prisões: recentemente varios medicos francezes, que observaram com toda a solicitude as causas d'amiudadas febres amarellas em Gibraltar, se teem servido d'este meio com feliz resultado.

«O citado Guyton achou que para se desinfeccionar um quarto de 40 pés de comprido, 19 de largo, e 4 a 5 de alto eram precisas de

Sal commum. . . . . . . 10 onças
Oxydo de manganez. . . 2 »
Acido sulfurico. . . . . . 8 »

Põem-se no meio do quarto o sal e oxydo misturados em um vaso de vidro ou de louça bem vidrada com vidro branco, e em cima lança-se d'uma vez o acido, para o que é preciso que esteja em um copo ou em outro qualquer vaso de bocca larga. Feito isto fecham-se as portas e janellas por sete ou oito horas, no fim das quaes o ar se acha purificado. Por este modo se podem desinfeccionar os quartos d'um edificio que esteja ou se desconfie estar infecto com miasmas contagiosos, orçando-se pouco mais ou menos as dóses dos ingredientes, segundo o que fica calculado, augmentando ou diminuindo a sua quantidade conforme o tamanho dos quartos.

«Prosigamos um pouco mais as nossas reflexões, pois a materia o demanda. A cultura das terras, que tantas vantagens alardeia, de valor natural, intrinseco e mui constante (e que formam o principal fundamento dos matrimonios, sendo certo que com agricultura se multiplicam os meios das riquezas dos paizes) póde trazer comsigo auxiliares importantissimos para a purificação da atmosphera mediante a propagação do plantio d'arvoredos, os quaes além dos usos da vida são mui necessarios para se obter tão salutar resultado, juntando-se a isto o cuidado de fazer as convenientes mudanças nos terrenos para evitar a estagnação ou sedimento das aguas; porquanto segundo notou Verulamio a agua dos rios evapora-se menos do que a dos lagos e charcos. Desgraçadamente nós em varios pontos do nosso Portugal, e com especialidade na margem esquerda do Tejo, desattentos á nossa conservação não nos damos a este cuidado, antes todos os annos deixamos augmentar essas aguas estagnadas, que são causa de multiplicadas enfermidades, como ha pouco se viu, o que obrigou o governo a tomar algumas providencias; sendo certo que tambem concorrem para se darem estas molestias (segundo as informações que nos prestaram alguns medicos que lá foram) a extrema penuria e miseria em que se acham os habitantes de todos aquelles lugares, servindo-lhes d'alimento comidas as mais nocivas, e vivendo além d'isso em casas immundas. O patriotismo dos concidadãos, o zelo dos governantes são os recursos, os auxilios com que em taes crises se deve contar, porque mediante elles se conseguem todos os adequados remedios para reprimir o mal presente, e prevenil-o de futuro.

«É innegavel que muitas artes existem, cujos processos chimicos podem influir na insalubridade do ar vital; que muitas vezes se levantam com o fabrico exhalações nocivas; que mesmo demandam um ar livre, e certa extensão de terreno para os diversos preparos que é mister dar ás materias: assim como ha outras, que são tambem perigosas pela força ignea que empregam, e mesmo em razão das substancias combinadas que se tornam inflammaveis. Nós temos visto em varias épocas muitos predios devorados pelas chammas, sendo a causa de semelhantes prejuizos taes ma-

nufacturas. Na cidade baixa, e em outros pontos d'ella, e nos de maior perigo, vêmos varias fabricas estabelecidas, cuja manipulação se póde tornar assás ruinosa para a saude publica, e tambem causar a perda dos predios em que se acham collocadas, ou que lhes ficam proximos ou contiguos. As fabricas de refinar assucar, por exemplo, acham-se a cada passo, e no centro dos grandes quarteirões dos arruamentos, fornos; distillações de agua-ardente; depositos de materias inflammaveis; e até fabricas de fogos de artificio; e isto no centro da nossa Lisboa! Ponhamos os olhos na terrivel catastrophe de Hamburgo, e nas cidades que teem sido victimas de incendios devastadores. Basta reconhecer-se a possibilidade de semelhantes damnos para merecer os desvelos da camara e do nosso governo e remover estas causas. E como? nos perguntarão. Talvez que aproveitando a nossa lembrança, que passamos a expôr, e dando-se-lhe todo o adequado desenvolvimento.

«Todos sabem o estado de decadencia em que se acha o bairro de Belem, onde um grande numero dos moradores tem desamparado as habitações para se concentrarem na cidade; e no qual por conseguinte se encontram não só fechadas muitas casas inteiramente abandonadas, mas até outras demolidas; sendo vulgar vêr-se alli, por escacez de meios, a permutação de umas cousas por outras por falta de numerario, como se estivessem no primitivo estado da natureza; e isto n'um bairro de Lisboa, quando outr'ora todos sabem que foi florecente e bastante commercial. É pelo estado de miseria em que existe que o governo se vê embaraçado em cobrar os tributos lançados áquelles habitantes, que não os podendo satisfazer, deixam seguir os meios coercitivos com que mais se generalisa a penuria; e além d'isso, ainda que sejam abandonados ao judicial, o estado nada lucra.

«Eis pois o local proprio para n'elle se estabelecerem essas diversas officinas, fabricas, laboratorios de processos chimicos, de cortumes, de refinar assucar, de distillação d'aguas-ardentes, e varios depositos de combustiveis e materias inflammaveis; offerecendo aquelle bairro a vantagem do espaço necessario em terreno, e aquella de muitas casas adequadas para esse fim pelas suas accommodações; juntando-se a estas outra vantagem, qual é o meio de communicação pelo rio para a conducção facil dos diversos artefactos, bem como dos materiaes de fabrico. E pelo lado politico tambem o estado ia utilisar muitissimo: é principio de primeira intuição que quanto maior é o numero das fortunas particulares, maior é a renda do estado; ora a difficuldade que hoje encontra o governo em cobrar os impostos n'aquelle bairro, certamente que viria a cessar; e além d'isso devemos bem suppôr que tornando-se florecente, attrahiria novos moradores, e assim augmentariam mais os recursos pecuniarios para o estado; fazendo-se além d'isso a felicidade de grande numero de familias. — Só nos resta declarar que este ligeiro esboço fôra dictado por um ardente desejo, e zelo, que nos occupa pelo bem estar e melhoramento dos nossos concidadãos, porque somos portuguezes, e para a patria é que vivemos.» (J. C. da S.)

HYPERBOLE. (Veja Ellipse).

HYPOCRITA. «O hypocrita é santo pintado; tem as mãos postas, mas não ora; o livro na mão, mas não lê; os olhos no chão, mas não se desestima. É hypocrita o mercador que dá esmola em publico, e leva usuras em occulto; é hypocrita a viuva que sahe mui sisuda no gesto e habito, e dentro em casa vive como ella quer; é hypocrita o sacerdote, que sendo pontual e miudo nos ritos e ceremonias, é devasso nos costumes; é hypocrita o julgador, que onde falta a esperança do interesse, é rigido observador do direito; é hypocrita o prelado, que diz que faz o seu officio por zelo da honra e gloria de Deus, não sendo senão pela honra e gloria propria; hypocrita é o que não emenda em si o que reprehende nos outros; o que

cala como humilde, não calando senão como ignorante; o que dá como liberal, não dando senão como avarento solicitador das suas pretenções; o que jejua como abstinente, não se abstendo senão como miseravel.» (P. Bernardes).

HYPOTHENUSA. (Do grego *hypo*, debaixo, e *teinô*, eu enteso). Lado opposto ao angulo recto d'um triangulo rectangulo. Goza de uma propriedade notavel cujo descobrimento se attribue a Pythagoras: o quadrado construido sobre a hypothenusa é equivalente á somma dos quadrados construidos sobre os lados do angulo recto. Este theorema, fecundo em corollarios e em applicações, póde deduzir-se da theoria dos triangulos semelhantes. (Veja SEMELHANÇA). — Do vertice do angulo recto baixando uma perpendicular sobre a hypothenusa, o comprimento d'esta recta é media proporcional entre os comprimentos dos dous *segmentos* da hypothenusa. Demais, o comprimento de cada lado do angulo recto é meia proporcional entre o comprimento da hypothenusa e o do segmento adjacente ao dito lado. Finalmente, os dous triangulos parciaes em que a perpendicular divide o triangulo rectangulo, são semelhantes ao total e entre si. — Os quadrados dos comprimentos dos dous lados do angulo recto de um triangulo rectangulo são proporcionaes aos segmentos da hypothenusa adjacentes a estes lados. O quadrado do comprimento da hypothenusa está para o quadrado do comprimento de cada um dos lados do angulo recto como a hypothenusa está para o segmento correspondente. — Estes theoremas e corollarios tem sido demonstrados por muitos modos; os mais simples, e por isso os melhores, encontram-se em todos os *Elementos de geometria*. — Resultam d'elles as applicações seguintes: Construir um *quadrado:* 1.º que seja *duplo* de um quadrado dado; 2.º que seja a *somma* de dous quadrados dados; 3.º que seja *equivalente* á somma de *muitos* quadrados dados; 4.º que seja a *differença* de dous quadrados dados; 5.º que seja a *metade* de outro quadrado dado; e, em geral, uma fracção qualquer de outro quadrado dado. (Veja TRIANGULO e LINHA).

I

IBIS. (Veja RIBEIRINHAS).

ICOSAEDRO. (Veja POLYEDROS).

IDÉA. «Diz-se *idéa*, propriamente fallando, todo o phenomeno psychologico que representa ao espirito um objecto; e diz-se objecto tudo o que póde ser concebido ou considerado pelo espirito como existente: ou seja um individuo — uma substancia real, corporea ou espiritual, ou uma propriedade, qualidade ou estado d'esse individuo, destacados por abstracção, ou uma relação concebida entre varios objectos por effeito da comparação, ou finalmente uma concepção puramente intellectual da imaginação ou da razão. Considerada pois subjectivamente, a idéa é um phenomeno simples, e por isso indefinivel: mas tem de particular o ser representativo de um objecto, concebido como distincto do mesmo phenomeno, e ser modificado por um acto da intelligencia — a *attenção*.

«D'aqui se vê que a idéa se distingue 1.º — do facto puramente subjectivo, como a *sensação*, o *sentimento* ou a *volição:* 2.º — do objecto representado por ella ao espirito: 3.º — do acto da intelligencia que a precede e produz. Mas sendo a idéa um facto reflexo, vê-se igualmente que ella suppõe como condições 1.º — um facto sensivel, ou seja sensação ou sentimento, ou uma concepção da razão: 2.º — a reacção da intelligencia sobre esse facto ou concepção: 3.º — um objecto, ou real ou concebido como existente, e por tanto: 4.º — uma relação, natural ou apparente, entre o sujeito e o objecto.

«É notoria a intervenção da razão

no facto do conhecimento, isto é, na idéa: como faculdade da evidencia e da verdade, é a ella que compete não só conceber a relação entre o pensamento e o objecto, mas verificar o accordo entre a idéa e a realidade, como já se notou a respeito do juizo. Toda a idéa suppõe a crença na realidade do seu objecto, e na authoridade do testemunho das faculdades que o fazem conhecer.

«Reconhecidos assim os principaes caracteres que distinguem a idéa dos outros phenomenos psychologicos que não teem caracter objectivo, não são tão faceis de determinar os que a distinguem da *percepção*, *noção* e *concepção*, com que frequentemente se costuma confundir no uso vulgar, attenta a grande divergencia dos philosophos ácerca d'esta questão, por ventura mais curiosa que importante.

«Para nós, a *percepção* é o acto de conhecer, quando se exerce sobre um facto ou qualquer objecto de observação: póde tambem chamar-se *intuição*; e os conhecimentos que resultam da *percepção*, ou sejam idéas ou juizos, chamam-se *intuitivos* e *empiricos*. A *concepção* é ainda o mesmo acto de conhecer, quando se applica a objectos universaes e necessarios, da competencia exclusiva da razão: as idéas e juizos, n'este caso, tomam o nome de *racionaes*, *absolutos* e *apodicticos*. Applica-se tambem aos objectos da competencia da imaginação, tanto reproductiva como creadora: e assim dizemos que se concebe a figura de um *gigante*, o quadro de uma *vida feliz*, etc. *Noções*, propriamente, são as idéas vagas, imperfeitas das cousas, em quanto a analyse as não desenvolve e esclarece: assim dizemos que um estudo superficial dá em resultado apenas algumas *noções de philosophia*. Certas idéas abstractas, e determinadamente as geraes, costumam tambem designar-se por este nome.

«As idéas são de uma variedade infinita, como os objectos que ellas representam: podem porém submetter-se a diversas divisões e classificações, segundo os differentes aspectos em que se consideram. A primeira e a mais obvia é a que deriva da propria natureza das idéas e das suas relações com as faculdades que as produzem, isto é, das suas diversas origens.

«Consideradas sob este ponto de vista, que poderemos chamar *psychologico*, temos a distinguir tantas especies de idéas quantas as fontes d'onde ellas derivam: e como estas sejam a *percepção externa* ou *sentidos*, a *consciencia* ou *senso intimo*, a *razão* e os *actos* da *intelligencia* operando sobre os elementos fornecidos por aquellas faculdades, d'aqui a divisão das idéas em *sensiveis*, *intellectuaes* e *racionaes*, que podem ainda subdividir-se em *immediatas* ou *intuitivas* e *mediatas* ou *reflexas*.

«Dizem-se idéas *sensiveis* as que representam ao espirito objectos materiaes ou corporeos; ou estes objectos sejam substancias individuaes, como o *sol*, um *animal*, uma *planta*; ou alguma propriedade, funcção ou phenomeno physico, como a *extensão*, o *movimento* ou a *cór* de um corpo, etc. As da primeira especie são *individuaes* e *concretas*: as da segunda *abstractas* e *elementares*. Umas e outras teem o seu fundamento psychologico nas *sensações*, e a sua causa na *observação*.

«Costumam designar-se pelo nome de idéas *intellectuaes* tanto as que teem por objecto a alma humana ou alguma de suas propriedades e modificações, como as que resultam dos diversos actos da intelligencia, quaes são as *geraes*, as de *relações*, etc. Todas aquellas de que se occupa o estudo da psychologia pertencem á primeira especie. Estas podem igualmente subdividir-se em *concretas* e *abstractas*, segundo ellas teem por objecto a propria substancia espiritual, ou alguma das suas propriedades, actos ou modificações. Os sentimentos chamados *factos psychologicos* são o seu fundamento, e a *reflexão* a sua causa.

«Dizem-se idéas *racionaes*, *absolutas* e *universaes* as que representam objectos, cuja existencia o espirito concebe como necessaria; taes são por exemplo: as idéas de *causa*, *verdade*, *infinito*, etc. Estas idéas são de differentes especies, e teem o seu fundamen-

to na propria evidencia da razão, despertada por occasião das antecedentes, como adiante se verá.

«Das differentes especies de idéas que ficam indicadas, chamam-se *immediatas* ou *intuitivas* as que resultam da simples observação ou concepção do espirito, quaes são as que representam objectos individuaes, ou os factos e qualidades que os caracterisam, as relações que os ligam entre si, e certas concepções racionaes: dizem-se *mediatas*, *reflexas* e *facticias* as que resultam dos diversos actos da intelligencia, operando sobre as idéas intuitivas, como as *geraes*, as *deduzidas*, etc.

«Consideradas sob o ponto de vista *logico*, isto é, em quanto á sua fórma e relações, tanto entre si como com os seus objectos, são ainda susceptiveis de diversas divisões, a saber: 1.º — em quanto á comprehensão ou qualidade, podem dividir-se em *simplices* e *compostas*, *complexas* e *incomplexas*, *individuaes* e *collectivas*: 2.º— em quanto á extensão ou quantidade, em *geraes*, *particulares* e *singulares*: — 3.º em quanto ás suas relações reciprocas, em *abstractas* e *concretas*, *absolutas* e *relativas*, *identicas*, *diversas* e *oppostas*: 4.º — em quanto á sua perfeição subjectiva, em *claras* e *obscuras*, *distinctas* e *confusas*, *completas* e *incompletas*: 5.º — em quanto á sua perfeição logica, em *verdadeiras* e *falsas*, *reaes* e *chimericas*.

«Diz-se *simples* e elementar toda a idéa que, por não ter comprehensão alguma, se offerece ao espirito como indecomponivel: taes são todas as idéas abstractas de modos ou qualidades, factos, relações e concepções absolutas da razão. Chama-se *composta* a que representa, sob um só signal e noção synthetica, um conjuncto de muitas idéas elementares, correspondentes ás diversas qualidades e propriedades caracteristicas do objecto respectivo: taes são todas as de substancias individuaes, como a de *sol*, *Platão*, etc.; e ainda as idéas geraes, embora sejam menos comprehensivas que aquellas, como a de *planta*, *homem*, etc. No complexo variavel de caracteres ou elementos que entram na composição d'estas idéas é que consiste a sua *comprehensão*.

«Dá-se o nome de *complexa* á mesma idéa composta, quando, por falta de termo proprio, se exprime por um aggregado de signaes reciprocamente relacionados, como n'estes exemplos: *homem de bem*; *acção digna de louvor*. Quando se exprime por um só termo, chama-se *incomplexa*, como: *homem*, *virtude*.

«A mesma idéa composta chama-se *individual*, quando representa um só individuo: *collectiva*, quando representa, sob um só termo e noção synthetica, uma collecção de individuos formando um grupo ou sociedade, como um *senado*, uma *escóla*, etc.

«A formação de todas estas idéas é devida aos processos da *abstracção* e da *comparação* — da analyse e da synthese.» (Almeida e Azevedo).

IDEOGRAPHIA. «É a fraternidade o symbolo em que se acham cifradas as mais nobres aspirações da philanthropia.

«As antipathicas barreiras que entre os homens teem levantado as differenças das raças, a variedade das religiões, o heterogeneo dos costumes, a desproporção das fortunas, a desigualdade dos climas, a distincção dos interesses, o longinquo dos mares, o opposto das temperaturas, a antithese geographica de povos para povos, de tribus para tribus; a toda essa hereditaria repugnancia, já resultado dos naturaes elementos, já filha de preconceitos tradicionaes, ou originada por mil causas diversas, mas nem por isso menos perniciosas, se teem opposto corajosamente os esforços da nova philosophia, annunciada pelo evangelho.

«A fraternidade é proclamada pela sciencia, moldada pela industria; inspira as bellas-artes, expande-se com a navegação, corre com o vapor, vôa com a electricidade, desentranha do seio da terra mil recursos providenciaes, manifesta-se pela opinião, diffunde-se pela palavra, sonham-na os humanitarios, revelam-na os progres-

sos da humanidade, e vai triumphar nos braços da propria religião que a tomou por divisa, que lhe insufflou o primeiro halito vivificador, e que a enviou á conquista do amor universal, cujas tendencias generosas são para unir entre si, e estreitar com indissoluveis laços os membros dispersos da familia humana.

«Eis a fraternidade a que o christianismo chamou amor do proximo. Eis o pensamento com que a escóla, que tomou por base o christianismo, coroou os dous bellos principios: liberdade e igualdade. Eis a ultima expressão d'essa tríade harmonica, em que se resumem os suffragios progressivos da geração actual.

«Esse *desiderandum* sublime de conciliação e de amor para todos, escripto em cada consciencia pela mão de Deus, depositado em todos os corações para, um dia, germinar com o mesmo calor, aspirar a mesma luz, e completar o plano magnifico da bondade suprema, esse pensamento fecundo ora latente, ora esplendido e rasgado, progride sempre, e vai descrevendo a orbita que lhe foi traçada nas regiões do infinito.

«É a luz sem sombra, o astro sem occaso, o dia sem noite, a primavera sem inverno, a alegria sem tristezas, o abraço que ha de terminar para sempre ainda os mais leves assomos de passadas dissensões.

«Para que a revolução pacifica das idéas venha a tomar posse incruenta do que de direito lhe pertença; para que os chamados direitos da força cedam o lugar ás victorias da civilisação, é indispensavel, que cada um comprehenda a missão de que foi investido, e que a actualidade collectiva, centralisando a importancia das vocações individuaes, empregue a grande influencia de que póde dispôr.

«Aos monumentos erguidos pelo orgulho, succedam os que caracterisam as necessidades d'estes dias de transição. Entendam-se todos, amemse todos, que as asperezas do trabalho se lhes transformarão em suavidades.

«É a grande obra do futuro, lidada a pedra e pedra, cavada a palmo e palmo, tem de elevar-se tão alto que todos a vejam, surgindo por fim dessassombrada dos despenhadeiros que ameaçavam de minar lhe a base, e das voragens que se abriam para lhe engulir os obreiros.

«É mister que a humanidade não estacione, meditando contemplativa cada maravilha que evocar. É preciso, e insistimos n'isto, que cada homem, desde que reconhecer o caminho para que foi chamado, não hesite nem um momento em avançar para a frente, ainda que essa resolução importe o sacrificio.

«Mas, se no empenho que se propõe cada individuo e cada nação, vai tanto para o interesse commum, que não seria, se todos os povos, sem excepção, dessem as mãos para o complemento do edificio da sociabilidade universal?

«Que não seria, se todos se entendessem, se todos instantaneamente se podessem abrazar no mesmo ardor, obedecer á voz da convicção em igual accordo, discutir a mesma questão, resolver, pôr mãos á obra, completar, recomeçar novo empenho, e não cançar nem descançar na escala dos melhoramentos materiaes e intellectuaes?

«Os inventos que teem mudado a face do mundo moderno, ainda não tocaram a meta das necessidades d'este seculo, e ainda mais dos que estão por vir, apesar mesmo da celeridade e do multiplicativo que os caracterisa.

«A vida é curta para a realisação de um projecto que exceda os limites da vulgaridade. Concebeu-se, desejou-se, aperfeiçoou-se, perfez-se. A idéa que encarnára, revestindo formulas sensiveis, sobrenada ao ambiente que a viu tomar corpo; tenta elevar-se, forceja por soltar-se das prisões que a circumscrevem a certo e determinado canto da terra, adeja, desfere o vôo, quer percorrer o globo, pousar em toda a parte, sem se deter em parte alguma, mas onde quer que a leve a mysteriosa carreira que a impelle, espalhar para todos os

ventos a boa doutrina que encerra; porém, em breve, descendo das alturas a que se remontára, parece ir precipitar-se por vezes nos golfãos do esquecimento; outras, rastejando improductiva, arrasta inutilmente uma existencia duvidosa; mais longe, refoge de certas paragens, onde mais convinha que predominasse; alli, hesita; além, desconhecem-na; acolá, correspondem aggressivamente ao beneficio que a conduzira; uns engeitam-na por não estarem ainda preparados para a receber; outros pela carencia absoluta de cultura intellectual com que ella germine; a maior parte, embaçados pelo desconhecido e estranheza da fórma que a reveste, voltam-lhe as costas, e não a aceitam, porque não a entendem. E a pobre idéa lá vai ser condemnada a hibernar, talvez seculos e seculos, antes que lhe seja dado penetrar com as franquias de emissaria de paz, e com os fóros de cosmopolita, como de primeiro a fadaram tão auspiciosamente.

«E como esta, quantas? E a que todas essas em si abrange, a da fraternisação do genero humano para a mesma communhão de interesses... retardada, comprimida; desenvolvendo-se a custo, onde mais urgia que medrasse; ou cedendo ao mortifero influxo de um estiolamento indefinivel.

«Particularisando factos, e passando do immenso estadio das generalidades, por onde a alma folga de doudejar, ainda mesmo convencida de não o devassar todo, tentaremos fixar a attenção que, por ventura, até aqui nos seguisse, conducente para um ponto essencialmente positivo, a despeito da sua natureza imaginosa.

«Basta-lhe a sua condição de facto, e como tal, merece analysado, pelos espiritos que se prezam de acolher com jubilo todas as tentativas, mais ou menos ousadas, que para aquelle alvo, ainda que remoto, sejam dirigidas pelos que ainda crêem, e ainda perseveram em esperar.

«Registaremos portanto aqui um trabalho, de um dos espiritos mais humanitariamente illustrados da peninsula; trabalho em que transluz essa vigorosa esperança a que os timidos se contentaram de chamar utopia, e em que já se vão iniciando até os que d'antes mais se desvaneciam de incredulos.

«Não nos permitte a estreiteza do espaço fazer tão conhecida como o merecia, a *Memoria* do snr. D. Sinibaldo Mas, «sobre a possibilidade e facilidade de formar uma escripta geral, por meio da qual se podessem entender todos os povos da terra mutuamente, mesmo sem conhecerem alheios idiomas.»

«Prestariamos devida homenagem ao intuito que delineou a *Ideographia* do snr. Mas, analysando capitulo por capitulo, pagina por pagina aquella producção de uma idéa expansiva, e eminentemente fautora da realisação do principio de fraternidade futura.

«Limitar-nos-hemos, todavia, a extractar o que o distincto litterato e politico hespanhol, D. Buenaventura Carlos Aribau, disse no seu jornal *El Corresponsal*, saudando a apparição d'aquelle escripto.

«O objecto da *ideographia* é combinar um methodo de escripta, que, prescindindo de toda e qualquer relação com os sons de que se compõe a linguagem oral, seja entendida e traduzida por cada um, na sua propria lingua, á semelhança das notas musicaes, que se executam do mesmo modo em todas as nações, e dos algarismos arabicos, que sendo, como são, representados por linhas identicas, se exprimem pelo orgão vocal de tantas maneiras, quantas são as infinitas diversidades de linguas que fallam, onde quer que se haja introduzido aquelle maravilhoso systema numerico.

«A idéa não é inteiramente nova; já antecedentemente se haviam feito varias tentativas para conseguir um resultado que sem duvida alguma produziria uma revolução na rapida e extensa communicação das idéas.—Se eu tivesse menos idade, ou se mais desoccupado trouxesse o animo (escrevia Leibnitz a Rémond de Monfort)

e com o auxilio de alguns mancebos dedicados, havia de traçar um quadro geral, em que todas as idéas do entendimento se veriam reduzidas a formulas de calculo, do que resultaria uma especie de lingua ou escripta universal, mui diversa de quantas até aqui se teem projectado.

«O philosopho saxonio não daria realmente grande importancia á polygraphia do abbade Tritemio, na qual a applicação de certos algarismos, por meio de occultas correspondencias, anda envolta em sonhos cabalisticos dos mais extravagantes. Porém Leibnitz, trabalhando, segundo parece, nos ultimos annos da sua vida, n'um systema fundado n'uma ordem algebrica, a que tinha já posto o nome de alphabeto universal dos pensamentos humanos, talvez tivesse já conhecimento da obra que em 1648 publicou o bispo inglez Wilzing, com o titulo de *An essay towards a real character and philosophical language*, onde classificava todas as palavras, não pela ordem alphabetica, mas pela ordem logica, tanto nos objectos materiaes, como nas concepções puramente metaphysicas; e indicava as divisões e subdivisões por meio de cifras arabicas, e signaes de convenção. Esta obra, continuada depois, e illustrada pelo dr. Kook, lê-se ainda com prazer; e desde então recebeu esta arte em projecto o nome de *pasigraphia* (escripta para todos), nome que tem conservado até hoje.

«Posteriormente o abbade Changeux, discipulo de Diderot e de d'Alembert, o author do tratado dos extremos, sem elevar as suas indagações a grande altura, imaginou alguns meios tão singelos como engenhosos: e nos fins do seculo passado, o major Maimieux, homem de entendimento vivaz e de notavel agudeza, abriu um curso publico de pasigraphia, e imprimiu em francez e allemão uma demonstração do seu methodo. De então para cá temos visto renovada repetidas vezes a questão em periodicos scientificos, e segundo nos consta, deve existir em certa academia da nossa Hespanha um trabalho sobre o assumpto, de cujo merito não podemos julgar.

«O snr. Mas teve porém opportunidade de vêr, por experiencia propria, reduzido á pratica, um systema ideographico já diffundido n'uma grande parte do globo, e que se vai multiplicando cada vez mais ao commercio dos fructos da industria e do engenho. Entre os diversos povos que visitou, e cujas linguas e recursos mentaes estudou com esmero, teve occasião de testemunhar como a escriptura chineza, que, como é sabido, não tem relação alguma com s sons das palavras, se decifra não sómente n'aquelle imperio, onde ha dialectos que entre si têem mui pouca relação, senão tambem no Japão e em Anam, cujas linguas dominantes são inteiramente desconnexas, e tão distantes umas das outras, como póde ser a latina para a hebraica.

«É preciso advertir porém, que o systema ideographico do snr. D. Sinibaldo, não tem a menor relação com os caracteres graphicos dos chins.

«Depois de tantos esforços frustrados, que apenas teem produzido o esteril effeito de prenderem momentaneamente uma vaga attenção, poderemos esperar melhor exito a favor d'esta nova tentativa, que se apresenta animosa e franca, mas despida de pretenções? O certo é, que apesar de quanto se tem escripto e dito sobre a pasigraphia, poucos proselytos teem feito os seus zelozos propagadores. Não admira. Em quasi todas as emprezas difficeis tem succedido o mesmo. Uns, como que adivinhando por um presentimento sobrenatural descobrimentos que assombrariam a sua época, e que seculos depois vieram a verificar-se; outros, procedendo a tentativas pouco felizes á primeira vista, porém fecundas depois em resultados, porque nunca são perdidas para a humanidade, ainda mesmo que tarde germinem, floreçam e fructifiquem as sementes esparzidas, ou de proposito, ou por acaso no solo da intelligencia. Se d'esta gloria participará o snr. Mas, é prognostico que não nos atrevemos a aventurar; porém, um

virá que realise a grande idéa, e este será o que inventar um systema facil e completo que satisfaça a anciedade em que o mundo se sente de alargar a esphera e estreitar os laços das suas relações ideaes.

«Eis a tendencia universal dos espiritos, a mira da politica, o instincto do commercio que vai avassallando a terra, n'uma palavra, a necessidade, o destino social. Cada melhoramento que se consegue nos systemas materiaes e moraes de communicação, é um passo que se dá n'esta carreira.

«Esteve por muitos annos a Europa occidental de posse de um beneficio semelhante, quando era commum o uso da lingua latina, estendida pelas conquistas dos romanos, adoptada pela igreja, e conservada pelas sciencias e pelas altas relações do trato civil e internacional. Não ha duvida que entre as vantagens obtidas na formação e ennobrecimento das linguas modernas, que nasceram á mercê do isolamento dos povos, e a pouco e pouco se elevaram a dominar exclusivamente no campo das idéas, houve inconvenientes, que não teem sido de todo compensados. Desde logo se traduziram, imitaram e mutilaram as obras da veneravel antiguidade; crearam-se, multiplicaram-se ao infinito, e revestiram mil fórmas differentes os pensamentos novos; colligiram-se os principios e maximas dispersas, e d'essa coordenação se constituiram em corpos de sciencia; levantaram-se grandes engenhos, animados ou pelo amor á propagação das luzes, ou pelo desejo de popularisar a vulgarisação das sciencias, até esse tempo enclausuradas no recinto das universidades. E assim foi desapparecendo lentamente a lingua do Lacio, e as altas verdades foram sendo reveladas em falla vulgar; as luzes fizeram-se communs a todos, como era de justiça. Porém esta democracia litteraria, que então triumphou, e que realmente póde produzir felizes resultados em materia de artes e usos communs da vida civil, dentro de uma mesma nação, não participou de igual utilidade para a propagação dos conhecimentos na mais ampla esphera do mundo civilisado.

«As sciencias, é verdade que se diffundiram; porém, tanto ganharam em extensão, quanto perderam em intensidade; cresceu o numero dos homens instruidos, ao passo que minguou o dos doutos: houve menos pedantes, porém mais presumpçosos: leram-se mais livros, mas não se aprofundaram: escreveu-se muito; mas bom, pouco.

«Perderam-se os grandes modêlos de eloquencia, de poesia e de estylo historico, que em vão se substituem por traducções imperfeitas, e que difficilmente se imitam com bom exito. Mas, prescindindo d'estas ultimas considerações, a maior desvantagem de se ter desterrado a lingua latina, é, que, ao passo que as sciencias se teem feito extensivas á generalidade, esta mesma generalidade se não estende senão a um só paiz. Se Newton tivesse escripto em inglez, Leibnitz em allemão, Descartes em francez, não haveria sido tão rapido e universal o effeito que suas obras produziram, no tempo em que de todo em todo se não tinha abandonado o culto da lingua latina.

«Teriam tido, o que é mais provavel, a sorte das de João Baptista Vico, apenas conhecidas um seculo depois da sua morte. As correspondencias entre os sabios, as communicações reciprocas das academias eram então faceis e expeditas; existia de facto a pasigraphia e até a pasilalia; pois se entendiam, assim fallando, como escrevendo, ao passo, que, agora, quanto mais se propaga a illustração em povos diversos, se um moço quer adquirir os meios de se achar continuamente ao nivel dos conhecimentos, e beber a instrucção nas suas fontes primitivas; quantos annos tem de consumir no estudo das linguas, isto é, a adquirir palavras, em vez de idéas?

«Repetimos que é uma necessidade social recuperar com vantagem este beneficio que a humanidade perdeu; temos muita fé nos esforços da mente humana. Se para lograr o intento

se quizesse escolher e generalisar algumas das linguas já existentes, era, a nosso vêr, mau caminho. Prescindimos das rivalidades nacionaes, que opporiam forte obstaculo, quando, no actual estado da sociedade, a conquista é impossivel, e as geraes tendencias são para um federalismo universal. As linguas actuaes, e quantas tem existido, formadas em épocas mais ou menos rudes, umas na infancia, outras em principios de renascimento, complicadas na sua estructura, inçadas de irregularidades, de anomalias, de idiotismos, e, por conseguinte inexactas, pobres na expressão de certas idéas, luxuosamente prodigas na de outras, e difficeis de serem aprendidas pela immensidade de excepções em que abundam, não preenchem a idéa que concebemos de uma lingua merecedora de ser universalmente adoptada, simples, constante e inflexivel nas regras, philosophica na construcção, methodica na nomenclatura.

«Não pretende o snr. Mas formar esta lingua; restringe-se á escripta; prescinde dos orgãos vocaes e auriculares; aproveita só a intuição, e julga ter com isto evitado uma gravissima difficuldade. Poder-se-hia combinar a linguagem vocal com a escripta, de maneira que esta fosse, não sómente uma representação immediata da idéa, se não que tivesse a sua correspondencia phonica, que lhe servisse de guia, de comprovação e de auxilio para a memoria? Talvez se conseguisse!»

«Agora, depois de havermos cedido a palavra, como deviamos, ao erudito compatriota do snr. D. Sinibaldo Mas, permittir-nos-hemos ainda algumas breves reflexões sobre o trabalho do esclarecido diplomata.

«A formação de um novo idioma fallado, por mais razoavel que o imaginemos, por mais compativeis que sejam as condições sobre que se basear, posto ser ardua, não parece impossivel. Deveria, para ser perfeito, participar de certa infallibilidade que distingue as sciencias exactas.

«E concluido que fosse, fecharia a cupula mais arrojada, que jámais se ideou, para rematar o amplo edificio das harmonias sociaes.

«Fôra a antithese da torre da confusão, de que rezam as escripturas. Mas se é dado ao entendimento planear, e até certo ponto concluir essa magestosa projecção, ser-lhe-ha igualmente concedido o poder de a traduzir para a vida e para a realidade?

«Eis o que duvidamos, apesar de ultra-utopistas.

«A introducção d'uma lingua universal julgamol-a impossivel.

«O que o não é, e o tempo o demonstrará, é a vulgarisação da arte de fixar os pensamentos por uma representação graphica, comprehensivel a todas as nações, e que lhes sirva de lingua commum escripta, do mesmo modo que os algarismos e signaes arithmeticos, ou os da musica são vulgares a todos os povos da Europa.

«A ideographia é uma necessidade da civilisação.

«Ha cincoenta annos pareceria um delirio fallar-se em telegraphia electrica submarina; d'aqui a cincoenta annos as communicações entre os diversos povos talvez sejam quasi todas ideographicas.

«As obras sobre artes e sciencias terão de ser traduzidas n'aquella escripta que só falla aos olhos.

«A instrucção preliminar de cada povo tem de comprehender a ideographia, assim como a estenographia entra no programma da primeira instrucção, já em alguns paizes.

«Refuta o author da *Memoria*, de que nos occupamos, a opinião dos que pretendem que o estudo de um systema ideographico, supponde que vinha a estabelecer-se, havia de ser tão longo e tão difficil, que mais simples fôra escolher uma lingua viva qualquer, a franceza por exemplo, para a constituir intermediaria ou geral para todas as nações.

«Folgamos de o acreditar.

«Esta idéa tem em si o que quer que seja de maternal, porque, realisada ella, devem d'ahi resultar outras muitas com a mesma feição de prestimo e valia.

«Além d'isso, os homens estarão

tanto mais perto de comprehenderem que são todos irmãos, quanto mais se reproduzirem os vinculos da sociabilidade.» (Luiz Philippe Leite).

IDIOTISMOS e DIFFICULDADES GRAMMATICAES. «*Emprego do pronome indefinido*, SE, *distincto do pronome reflexivo*, SE.—As linguas que não teem verbos passivos, supprem ordinariamente a falta d'elles, conjugando o verbo substantivo com o participio passivo dos verbos adjectivos do mesmo modo, por que os latinos formavam os tempos compostos de seus verbos passivos.

«O portuguez, lingua mui rica, emprega n'este caso não só o verbo substantivo, *ser*, mas ainda o verbo, *estar*, quando é meramente accidental a qualidade attribuida ao sujeito, e o pronome indefinido, *se*, quando se falla indeterminadamente em relação á pessoa e ao genero, ou quando o sujeito, claro, occulto, ou incluido no verbo, é cousa, e não pessoa.

«Cumpre bem discriminar o emprego especial e a natureza d'este pronome, a que os grammaticos ora chamam *caso*, ora *particula*, para apassivar os verbos.

«Exemplos:

«Floreça, falle, cante, ouça-*se* e viva
A portugueza lingua, e já onde fôr,
Senhora vá de si, soberba e altiva;
Se até qui esteve baixa e sem louvor,
Culpa é dos que a mal exercitaram,
Esquecimento nosso e desamor.»

(Ferreira).

«E porque lhe pareceu que não era tanto, quanto cumpria, com muito recado e muita certeza de paga tomou a prata das igrejas e mosteiros: aquella que não era sagrada, que na sagrada não *se* buliu, nem pôz mão: a qual depois de ser rei com muito cuidado pagou, e de todas estas cousas fez-*se* boa somma de dinheiro.» (Garcia de Resende).

«No baluarte S. João *se* resistia á violencia do ferro, sem temer a do fogo. Pelejavam os inimigos tibiamente, até que lhes chegou o signal de *se* dar fogo á mina, retirando-se a um mesmo tempo todos: porém o temor igual e subito nos descobriu o engano.» (Jacintho Freire).

«Logo cerrando-*se* a noite, lançou um golpe de gente na margem esquerda do rio uma legua abaixo da ponte, e com suas guias diante começou a caminhar rio acima.» (Fr. Luiz de Sousa).

«E ainda que nenhum mal alheio possa confortar o proprio de cada um, parte de ajuda me é saber para o soffrimento, que antigo é fazerem-*se* as cousas sem razão, e contra razão.» (Bernardim Ribeiro).

«Nota 1.ª Nos exemplos acima citados o pronome indefinido, *se*, não reflecte no sujeito *cousa*, nem a elle se refere, como acontece ao pronome reflexivo, *se*, com o sujeito pessoa «*Pedro* feriu-*se*,» mas refere-se vaga e indeterminadamente á pessoa ou pessoas occultas, que só temos na mente. Faça-se isto claro pela analyse.

«Falle, cante, ouça-*se* a portugueza lingua,» por *seja fallada*, *cantada*, *ouvida*; é o equivalente d'estas proposições: «A portugueza lingua seja *falla* ou *fallar*, *canto* ou *cantar*, *audição* ou *ouvir*, para o *homem*, ou *o geral dos homens* (em relação aos paizes onde predomina o idioma portuguez).

«Que na sagrada não *se* buliu (com sujeito incluido no verbo), nem poz mão,» por *não foi bulida*, nem *foi posta mão*; é o equivalente d'estas proposições: «Que o *bulimento* ou o *bulir* na sagrada não teve cabimento, ou não foi acto para *ninguem*, nem mão teve *postura* na sagrada para *alguem*, ou nem mão foi *posta* na sagrada por *ninguem*.»

«E de todas estas cousas *se* fez boa somma de dinheiro,» por *foi feita*: é o equivalente d'esta proposição: «E de todas estas cousas boa somma de dinheiro teve *feitura*, ou foi *feita*, para *os interessados no soccorro de gente* (o principe D. João, depois D. João II, tratava de mandar soccorro de gente a seu pai, D. Affonso V, que fazia a guerra em Castella).

«No baluarte S. João *se* resistia (com sujeito incluido no verbo) á violencia

do ferro... até que chegou o signal de *se* dar fogo á mina.» por *era resistido, ser dado fogo;* é o equivalente d'estas proposições: «A *resistencia* ou o *resistir* á violencia do ferro no baluarte S. João tinha lugar, ou era acto para *os defensores d'elle* ou para *os sentidos*... até que chegou o signal de fogo ser dado á mina por *algum*, ou *alguns dos sitiantes*.»

«Logo cerrando-*se* a noite, «por *tendo sido cerrada;*» é o equivalente d'esta proposição: «Logo tendo a noite sido cerrada, ou melhor tendo sido noite cerrada para *os habitantes d'aquella parte do mundo*.» O, *se*, d'esta proposição, principalmente se fosse um poeta quem fallasse, tambem podia explicar-se pelo pronome reflexivo, personificando-se, *noite;* e então seria ella o equivalente d'est'outra: «Cerrando a *noite* a si.»

«Que antigo é fazerem-*se* as cousas sem razão,» por *serem feitas;* é o equivalente d'esta proposição: «Que antigo é estarem as cousas *tendo effeito*, ou serem as cousas *facto* sem razão, e contra razão, para os *apaixonados*, ou *magoados*.»

«Nota 2.ª Querem alguns grammaticos que, *se*, quando não é reflexivo, seja uma simples particula empregada para apassivar os verbos; mas sem fundamento solido, porque, *se*, n'este caso sempre se refere a pessoa indeterminada, e tem a sua virtude de pronome, posto que então seja indefinido, como outros pronomes da mesma natureza.

«Ama-*se* a virtude, aborrece-*se* o vicio» não é rigorosamente o mesmo que, «a virtude *é amada*, o vicio *é aborrecido*,» mas o equivalente d'estas proposições: «A virtude *é amor*, o vicio é *aborrecimento* para *o homem*, ou *o geral dos homens*.»

«Isto ainda se torna mais evidente, quando o verbo está tomado unipessoalmente com o sujeito incluido em si:

«Ama-*se*, aborrece-*se*, diz-*se*, escreve-*se*,» não é o mesmo que, «é *amado* ou *amada*, *aborrecido* ou *aborrecida*, *dito* ou *dita*, *escripto* ou *escripta;*» mas o equivalente d'estas proposições: «O *amor* ou *amar*, o *aborrecimento* ou *o aborrecer*, o *dito* ou *o dizer*, a *escriptura* ou *o escrever*, tem lugar ou é acto para o *homem*, ou para os da *nossa especie*, ou simplesmente para *alguem*.»

«Come-*se*, bebe-*se*,» não é o mesmo que, «é *comido* ou *comida*, *bebido* ou *bebida;*» mas o equivalente d'estas proposições: «A *comida* ou o *comer*, a *bebida* ou o *beber*, tem cabimento actual, ou está sendo acto para *alguem*, ou *algumas pessoas*» (quando se falla em relação ao homem).

«Isto finalmente torna-se evidentissimo, quando o verbo tomado unipessoalmente é da natureza d'aquelles, que não transmittem a acção do sujeito a outro sujeito diverso:

«Vive-*se*, morre-*se*,» não é o mesmo que, «é *vivido* ou *vivida*, *morto* ou *morta*, por *morrido* ou *morrida;*» mas o equivalente d'estas proposições: «A *vida* ou o *viver*, a *morte* ou o *morrer*, é facto ou propriedade fatal para *os entes animados*, ou para *todo animal*.»

«Nota 3.ª Cumpre ainda notar que muitos sujeitos, que representam cousas ou objectos inanimados, acham-se personificados nos bons authores, não só poetas, como prosadores; e que n'estes casos, *se*, é pronome reflexivo.

«O *orgulho* offende-*se* com pouca cousa, a paixão irrita-*se* com os obstaculos, a *virtude* compraz-*se* nas boas obras;» estas proposições são justamente o equivalente d'est'outras: «O orgulho offende *a si*, ou dá-*se* por offendido com, ou por pouca cousa; a *paixão* irrita *a si*, ou mostra-*se* irritada com os obstaculos; a *virtude* compraz *a si*, ou revê-se complacente nas boas obras.» O orgulho está aqui pelo *orgulhoso*, a paixão pelo *apaixonado*, a virtude pelo *virtuoso*, tomando-se o termo abstracto pelo concreto.

«Nota 4.ª A differença que se dá entre o emprego de, *se*, reflexivo, e o de, *se*, indefinido, como complemento de verbo, é que o primeiro é complemento objectivo e ás vezes terminativo, — o segundo, complemento objectivo só apparente, mas em rigor termo de relação, ou indicio d'esse termo, porque o verbo a que elle se

junta, torna-se desde logo relativo, pela referencia que tem este ultimo pronome á pessoa, ou pessoas unicamente concebidas na mente de quem falla, ou escreve. Facil é verificar isto em todos os exemplos acima citados, e explicados.

«*Observações finaes sobre o emprego de* SE, *pronome indefinido*.—«Ama-*se*,» corresponde a «*amatur*,» em latim, assim como «é *amado*, é *amada*,» a «est *amatus*, est *amata*,» e ainda «é *amado*,» a «est *amatum*.» É de notar que a fórma portugueza em que entra o pronome indefinido, *se*, para apassivar o verbo na terceira pessoa do singular, leva vantagem á fórma latina sua correspondente; pois em portuguez diz-se em todos os tempos do presente, preterito e futuro: «Ama-*se*, amava *se*, amou-*se*, amára-*se*, *se* amará, *se* amaria, ame-*se*, amasse-*se*, *se* amar;» e em latim sómente no presente, imperfeito, e futuro: «*Amatur*, *amabatur*, *amabitur*, *ametur*, *amaretur*.»

«Assim prescindindo-se já do futuro do condicional, que não tinham, e suppriam com o presente e o imperfeito do subjunctivo, não podiam os latinos dizer, como se diz em portuguez, «pelejou-*se*, pelejára-*se*,» mas unicamente, recorrendo ás fórmas compostas, «foi, fôra pelejado.»

«A fórma portugueza em que entra o referido pronome para apassivar o verbo na terceira pessoa do plural, só se verifica com sujeito determinado *cousa*, sendo que a mesma fórma na terceira pessoa do singular não só tem lugar com esse sujeito, mas tambem com sujeito indeterminado ou incluido no verbo, quando este está tomado unipessoalmente.

«Observaremos que junto ao verbo tomado unipessoalmente, de que, *se*, indefinido é complemento objectivo apparente, mas em rigor termo de relação, vem de ordinario expressa alguma circumstancia, que serve para indicar a referencia que esse pronome tem á pessoa, ou pessoas que concebemos na mente, ou ao verdadeiro termo de relação do verbo, como se verifica n'este exemplo acima citado: «*No baluarte S. João* se resistia á violencia do ferro.»

«O mesmo se nota no latim, onde o verbo passivo tomado unipessoalmente tem quasi sempre occulto o seu termo de relação, ou complemento indirecto, em ablativo, como se vê n'esta passagem de Virgilio: «Usque adeo turbatur *agris*,» tanta perturbação ha nos *campos*, isto é, *entre os camponezes*; á letra, tão perturbado se anda *nos campos*, ou entre os *camponezes*; — e n'est'outra de Tito Livio: «Itaque trepidatum *Romæ* est,» assim houve terror em *Roma*, isto é, entre *os romanos*; á letra, assim tremeu-se em *Roma*, ou entre *os romanos*.

«*Se*, quer indefinido, quer reflexivo, é sempre o *sui*, *sibi*, *se*, tomado dos latinos; e posto que em latim não se désse, como em portuguez, a referencia mental d'este pronome, bastava comtudo que a idéa de pessoa fosse indirectamente trazida por algum adjectivo possessivo, para que tivesse cabimento o seu emprego em referencia a essa presupposta pessoa, como se vê n'esta passagem de Virgilio: «Et vereor quó *se Junonia* vertant hospitia...» E receio o paradeiro que terão agasalhos de Juno; á letra, e receio para onde *se* voltem ou voltarão agasalhos *junonios*.

«D'esta referencia indirecta e ideal, que davam os latinos ao seu *sui*, *sibi*, *se*, quer-nos parecer que teve origem a referencia puramente mental, que damos ao nosso indefinido, *se*.

«N'esta proposição por exemplo: «O nome de *João*, precursor de Christo, fez-*se* grande na *terra*,» equivalente d'est'outra: «O nome de João, precursor de Christo, teve *engrandecimento*, ou foi *engrandecido*, para *os habitantes da terra*,» *se*, indefinido, tem, como na versão do lugar de Virgilio, toda a analogia com, *se*, de referencia indirecta, em latim.

«*Se*, reflexivo, não se póde confundir com, *se*, indefinido, porque sempre se refere a pessoa determinada, a qual é sujeito da proposição em que tem emprego, fazendo com que a acção d'esse sujeito recáia sobre elle

mesmo. Exemplo: «Pedro feriu-*se*,» isto é, «feriu-*se a si proprio*.» Dizem os grammaticos que os verbos de que *se*, ou algum dos pronomes da primeira e segunda pessoa, é n'este caso complemento objectivo, como: «Nós *nos* perdemos, tu *te* matas,» está na voz media ou reflexa, isto é, n'uma voz entre activa e passiva. Cumpre porém fazer a seguinte distincção.

«Quando temos em vista attribuir ao sujeito algum facto de realidade effectiva ou supposta, assim é, o verbo está na voz media ou reflexa; quando porém só fallamos por analogia, são ainda taes fórmas o equivalente da voz passiva. Sirva de exemplo a traducção d'esta passagem de Phedro: «... Linguam vis meam præcludere, Ne latrem pro re domini! Multum *falleris*...» Queres prender-me a lingua, ou tapar-me a bocca, para que não ladre pela fazenda de meu senhor! Muito *te* enganas, isto é, *estás* muito *enganado*; bem como este anexim portuguez: «Muito *se* engana quem cuida,» isto é, muito enganado *está* quem cuida.

«Temos mais outro equivalente da voz passiva n'estas fórmas: «Amam-*me*, offendem-*te*, perseguem-*no*;» pois proposições taes valem o mesmo que est'outras: «*Sou* amado, *és* offendido, *é* perseguido.»

«Assim as fórmas passivas, que damos ao verbo com outros pronomes, veem ainda em conclusão provar-nos que, *se*, quando está apassivando o verbo, ou, *se*, indefinido, é n'este emprego um verdadeiro pronome.

«*Emprego do verbo* SER, *pelo verbo* ESTAR. — Os nossos classicos, para dar ao dizer certo resaibo de antiguidade, ou simplesmente para evitar repetições, empregavam muitas vezes elegantemente, *ser*, por, *estar*; o que dava particular graça ao discurso, revestindo-o de um como tom de authoridade. Isto do que ainda hoje ha exemplo nos poetas e prosadores, era entre elles frequentissimo, e como habitual.

«Exemplos:

«Mas indo assim, por certo,
Foi c'um barco n'agua dar,
Que estava amarrado á terra,
E seu dono *era* (estava) a folgar.
Saltou assim como ia dentro,
E foi a amarra cortar,
A corrente e a maré
Acertaram-no ajudar.
Não sabem mais que foi d'elle,
Nem novas se pódem achar,
Suspeitou-se que *era* (estava) morto,
Mas não é para affirmar.»

(Bernardim Ribeiro).

«Fui dos filhos asperrimos da terra
Qual Encélado, Egeo, e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e *fui* (estive) na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do oceano,
Fui capitão do mar por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.»

(Camões).

«*Eram* (estavam) já n'esse tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deuses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o céo não valem mãos,
Eu que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o castigo.»

(Idem).

«E o duque de Vizeu, que tambem *era* (estava) ahi, foi com a infanta D. Isabel até o extremo, onde a entregou aos senhores de Castella, que ahi esperavam por ella; e despedido da senhora infanta, tornou logo com muita pressa para o principe, que alcançou no caminho, e entrou com elle em Evora.» (Garcia de Rezende).

«E logo a dita villa por el-rei, e o principe com esses que *eram* (estavam) fóra, foi cercada e combatida até os vinte e quatro dias do dito mez de agosto, dia de S. Bartholomeu, que se tomou.» (Idem).

«Vosso senhor falleceu como cavalleiro: e ainda vos digo que as pessoas que lhe bem queriam, não devem *ser* (estar) tristes, antes se devem alegrar muito, que foi de tão alto coração, que não póde supportar ser vencido; que

sêl-o, ou não, está na ventura.» (Bernardim Ribeiro).

«E *sendo* (estando-*se*) já no anno de quatrocentos e noventa e sete, em que a frota para esta viagem estava de todo prestes, mandou el-rei, estando em Monte-Mór-o-Novo, chamar Vasco da Gama, e aos outros capitães, que haviam de ir em sua companhia, os quaes eram Paulo da Gama seu irmão, e Nicolau Coelho, ambos pessoas de quem el-rei confiava este cargo.» (João de Barros).

«Não tardou muito que ao longo da praia viu vir uma donzella em cima de um palafrem negro, vestida da mesma côr, porém tão bem ataviada, que a fazia parecer formosa, além de o ser de seu natural. Chegando a Pridos, o tomou pela redea dizendo: — «Senhor cavalleiro, esforçai, que essa tristeza não póde guarecer o que buscaes: sabei que D. Duardos *é* (está) vivo, posto que não está em seu poder, nem sahirá tão cedo da prisão, em que está.» (Francisco de Moraes).

«Creava-o a mãi a seus peitos com cuidado de mãi, e mãi de grandes virtudes. Estava fugida da peste, que ardia em Lisboa, em um casal que tinham no lugar da Torrugem, limite de Oeiras, quasi tres leguas da cidade. *Era* (estava-se) sobre tarde, tinha-o nos braços á porta do casal: chegou um homem no trajo pobre mendicante, no semblante estrangeiro, e pediu-lhe esmola. Em quanto lh'a mandava dar, foi causa de espanto, e que deu muito que cuidar á mãi e aos de casa, o que viram no menino. Encarou no pobre todo risonho, todo alegre, debatendo-se para elle, e festejando-o com as mãosinhas, bocca, e olhos, como se fôra um dos mais conhecidos de casa: e em quanto o pobre se não despediu, não desviou os olhos d'elle, nem deixou de o estar agasalhando com aquellas innocentes mostras: sendo assim, que semelhantes mostras são o côco, com que as amas assombram, ou acalentam os meninos d'esta, e ainda de maior idade. Dada a esmola, disse o pobre á mãi, que creasse com muito cuidado aquelle menino, e como *fosse* (estivesse) maior, o encaminhasse para as letras, porque lhe fazia saber, que n'ellas seria eminente, e que andando o tempo, viria a ser uma grande cousa na igreja de Deus.» (Fr. Luiz de Sousa).

«*Observações sobre o emprego do verbo* SER, *pelo verbo* ESTAR. — *Ser*, o mesmo que *ser ente*, verbo substantivo, ou subsistente por si só, nexo ou copula que une o attributo ao sujeito, exprime como tal unicamente a affirmação, ou a existencia da qualidade na substancia.

«*Estar*, o mesmo que *ser estante*, verbo attributivo em sua origem latina, já é o verbo substantivo combinado com a idéa de estada, attitude, postura, estado, ou a idéa de existencia combinada com a de modo vaga.

«D'aqui a differença entre os dous verbos nas linguas que, como a portugueza, o hespanhol, e o italiano, os possuem ambos.

«Cumpre notar que o verbo, *estar*, tem significação muito mais lata, que a que tinha o verbo latino, *sto*, *stas*, *steti*, *statum*, *stare*, do qual veio, e que significa estar em pé, ou em attitude determinada, servindo em latim o verbo, *esse*, ser, tanto para os casos em que empregamos, *ser*, como para aquelles em que tem lugar o emprego de, *estar*.

«D'esta significação restricta de, *stare*, sirva de exemplo a seguinte passagem de Quinto Curcio, em que se designa a attitude e a formatura dos persas na batalha de Arbellas: «Acies autem Persarum hoc modo stetit...;» em portuguez: «O exercito, ou melhor, como se dizia antigamente, a hoste porém dos persas *esteve*, ou *permaneceu*, em formatura de batalha, isto é, *postou*-se, ou esteve *postada*, em ordem de batalha por este modo, etc.» Ora se Quinto Curcio quizesse descrever unicamente a ordem de batalha sem relação á continencia dos soldados, teria dito: «Acies autem Persarum hoc modo fuit instructa, etc.;» em portuguez: «A hoste porém dos persas foi ordenada em batalha por este modo, etc.»

«Na lingua portugueza emprega-se

o verbo, *ser*, quando a qualidade attribuida ao sujeito lhe é inherente ou habitual, e o verbo, *estar*, quando a qualidade attribuida ao sujeito lhe é accidental ou transitoria. Se queremos, por exemplo, designar o mau estado de saude habitual de um homem achacado e valetudinario, dizemos com o verbo, *ser*: «É doente este homem;» quando, porém, queremos designar o estado casual de enfermidade de um homem habitualmente são, dizemos com o verbo, *estar*: «Este homem está doente.»

«N'isto leva o portuguez grande vantagem, não só ao francez, que não possue o verbo, *estar*, e não póde por conseguinte fazer taes distincções, sem recorrer a circumloquios para evitar o equivoco, mas ainda ao mesmo latim, d'onde o tomou, e converteu em outro, mudando-lhe a natureza, porque o verbo latino, *stare*, cuja significação já fica mencionada, não podia ter o mesmo emprego que o nosso verbo, *estar*, sem derivado. Quando os latinos tomavam, *stare*, em sentido figurado, era sempre com analogia á sua significação primitiva de, *estar em pé*, ou *estar firme*, como se vê n'esta passagem de Virgilio: «Et bene apud memores veteris *stat* gratia facti?» em portuguez: «E persiste o agradecimento do antigo beneficio, inabalavel na lembrança dos agraciados?» Á letra: «E *está firme* em gente bem lembrada o agradecimento do velho beneficio?»

«Servindo pois em latim, *esse*, tanto para os casos em que empregamos, *ser*, como para aquelles em que com tão bem cabida distincção usamos de, *estar*, e vindo este ultimo verbo de, *stare*, como o attesta a identidade de fórma, e até, se bem attentarmos na primitiva, a mesma extensão de significação que lhe damos, não é por certo de admirar que os nossos classicos, grandes imitadores dos latinos, tomassem um verbo por outro, pondo tão frequentemente, *ser*, por, *estar*.

«Quando se emprega, *ser*, por, *estar*, já o verbo *ser*, não exprime unicamente a affirmação, mas a affirmação combinada com a idéa de existencia modal indeterminada: pois, *ser*, já não é então o mesmo que *ser ente* abstractamente, mas, o mesmo que *ser ente existente*, de alguma maneira. O mesmo se dá em latim com, *esse*, e verifica em francez com, *être*, empregados n'aquelles casos, em que a lingua portugueza se serve de, *estar*. Demonstre-se isto pela analyse das passagens citadas.

«E seu dono *era* a folgar, por *estava*. — Suspeitou-se que *era* morto, por *estava*; é o equivalente d'estas proposições: «E seu dono era *existente*, ou *existia* a folgar, isto é, *estava*, ou *permanecia*, ou *achava-se*, a folgar. — Suspeitou-se que *tinha morrido*, ou não era *existente* vivo, isto é, que *estava*, ou *permanecia*, ou *achava-se* morto.»

«... E *fui* na guerra, contra o que vibra os raios de Vulcano, por *estive*. — *Eram* já n'este tempo meus irmãos, vencidos, e em miseria extrema postos,» por *estavam*; é o equivalente d'estas proposições: «E fui *existente*, ou *existi* na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano, isto é, *estive*, ou *permaneci*, ou *achei-me* na guerra contra, etc.,—*tinham* já *sido*, ou eram já *existentes* n'este tempo meus irmãos vencidos, e em miseria extrema postos, isto é, *estavam*, ou *permaneciam*, ou *achavam-se* vencidos, etc.»

«E o duque de Vizeu, que tambem *era* ahi, foi com a infanta D. Isabel até o extremo,» por *estava*; é o equivalente d'esta proposição: «E o duque de Vizeu, que tambem era *existente*, ou *existia* ahi, foi com a infanta D. Isabel até o extremo, isto é, que tambem *estava*, ou *permanecia*, ou *achava-se* ahi, etc.»

«E logo a dita villa por el-rei e o principe com esses que *eram* fóra, foi cercada e combatida, etc.,» por *estavam*; é o equivalente d'esta proposição: «E logo a dita villa por el-rei e o principe com esses que eram *existentes*, ou *existiam* fóra, foi cercada e combatida, etc., isto é, com esses que *estavam*, ou *permaneciam*, ou *achavam-se* fóra, foi, etc.»

«E ainda vos digo que as pessoas que lhe bem queriam, não devem *ser*

tristes,» por *estar;* é o equivalente d'esta proposição: «E ainda vos digo que as pessoas que lhe bem queriam, não devem ser *existentes*, ou *existir* tristes, isto é, *estar*, ou *permanecer* tristes.»

«E *sendo* já no anno de quatrocentos e noventa e sete;» por *estando se;* é o equivalente d'esta proposição: «E a *existencia*, ou o *existir* (em relação ao tempo) sendo já *existente*, ou *existindo* já no anno de quatrocentos e noventa e sete, isto é, e a *estada* ou o *estar* (em relação ao tempo) *estando*, ou *permanecendo*, ou *achando-se*, já no anno de quatrocentos, etc., para *os que computam o tempo pela era christã*.»

«Sabei que D. Duardos *é* vivo,» por *está* vivo; é o equivalente d'esta proposição: «Sabei que D. Duardos é *existente* ou *existe* vivo, isto é, *está* ou *permanece*, ou *acha-se* vivo.»

«*Era* sobre tarde, por *estava-se*, — e como *fosse* maior,» por *estivesse;* é o equivalente d'estas proposições: «A *existencia* ou o *existir* (em relação ao tempo) era *existente* ou *existia* sobre tarde, isto é, a *estada* ou o *estar* (em relação ao tempo) *estava*, ou *permanecia*, ou *se achava* sobre tarde, para *os habitantes d'aquella parte do mundo*, — e como fosse *existente*, ou *existisse* maior, isto é, como *estivesse*, ou *permanecesse*, ou *se achasse* maior.»

«N. B. Tambem podem ser explicadas as proposições: «*Sendo* já no anno de quatrocentos e noventa e sete, — *era* sobre tarde, tomando-se, *sendo*, e *era*, por, *estando;* e *estava*, sem a juncção do indefinido, *se*, pela seguinte maneira: «Estando o *tempo*, ou o *curso do tempo*, já no anno de quatrocentos e noventa e sete, — o *dia* ou o *curso do dia* estava sobre tarde.»

«Cumpre ainda notar que, *ser*, tomado na accepção de, *estar*, vem quasi sempre acompanhado de alguma circumstancia, e com especialidade de *lugar* e *tempo*, a qual serve como de indicar, que, *ser*, em tal caso exprime a affirmação combinada com a idéa de existencia modal, como se verifica na mór parte dos exemplos citados: «Era a *folgar*, era *ahi*, eram *fóra*, eram *já n'este tempo*, fui na *guerra*, sendo *já no anno*, era sobre *tarde*.» Isto mesmo com pouca differença se observa em latim com, *esse*, e em francez com, *être*, quando tomados na accepção do nosso, *estar:* «Est *hic*, il est *ici*, está *aqui* »

«O verbo, *estar*, tambem vem ordinariamente acompanhado das mesmas circumstancias, como: «Estou *aqui*, estás em *apertos*, esteve na *India*, estamos em *tempo de paz*, etc.; mas não necessita tanto da expressão d'ellas, como, *ser*, quando lhe faz as vezes; e a razão é, que sendo, *estar*, o mesmo verbo, *ser*, combinado com a idéa de *estada* de algum modo, esta nos suscita logo a idéa de *lugar*, *postura*, *tempo*, ou *maneira*.»

«*Emprego especial do adjectivo pronominal*, o. — O adjectivo pronominal, *o*, em sua fórma neutra, adoptada do latim, *id*, representa não só membros de orações, mas ainda orações inteiras, e sentidos extensos, e complicados.

«Exemplos:

«E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena christandade:
Vós, ó novo temor da maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade;
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande:
Vós, tenro e novo ramo florescente,
De uma arvore de Christo mais amada
Que nenhuma nascida no occidente,
Cesarea, ou christianissima chamada:
Vede, *o*, no vosso escudo que presente
Vos amostra a victoria já passada;
Na qual vos deu por armas, e deixou
As que elle para si na cruz tomou.»

(Camões).

«A vermos nós agora um excellente
Capitão portuguez de quantos temos,
De que se espanta e treme o Oriente,
Querer mostrar a ordem, que devemos
Guardar na guerra em lingua estrangeira,
Quão certo, Andrade, é que nos riremos.
Este, dirias, em vez da maneira
Nos querer ensinar como vençamos,
Faz outra gente contra nós guerreira.
E tanto é mais razão que, *o*, nós sintamos,
Quanto maior proveito nos cabia,
E quanto mór o damno, que esperamos.»

(Ferreira).

«E com o senhor D. Alvaro, irmão do duque, assentou el-rei, que por então se fosse fóra de Portugal, e não ficasse em Castella, nem estivesse em Roma, isto, até sua mercê, e que em todolos outros reinos e terras podesse estar, e haver lá todalas rendas que n'este reino tinha, até el-rei haver por bem de o mandar vir, e elle se foi com tenção de, *o*, cumprir, e proposito de ir a Jerusalem, o que não cumpriu, porque chegando á côrte de Castella, foi d'el-rei e da rainha tão favorecido, que não passou adiante, e ficou em seus reinos e côrte, a que recolheu a senhora D. Philippa sua mulher, e filhos.» (Garcia de Rezende).

«Não se póde duvidar, que ha muitas provincias, cidades, casas, e pessoas, que Deus nosso Senhor por suas misericordias favorece com mais particulares mercês, com maiores graças, e prerogativas, que outras. É senhor universal, é tudo seu, do seu dá, e reparte, como é servido. Assim, *o*, disse no evangelho, por bocca do pai de familias, aos que trabalhavam na vinha. Assim, *o*, tinha dito muito antes, fallando de Jacob e seu irmão: que amára um, e aborrecera outro.» (Fr. Luiz de Sousa).

«Estando elle assim todo occupado d'aquella dôce tristeza, sentiu como alguem a par de si. Olhando com o luar, que então fazia, viu uma sombra de homem de estatura desproporcionada do nosso costume estar perto d'elle. A supita novidade o commoveu á alteração: mas como esforçado que era, lançando mão á espada, cobrou ousadia de lhe perguntar quem era: e vendo que com tudo se calava, se poz em se mover para elle, já com a espada arrancada, dizendo: «Ou me dirás quem és, ou, *o*, saberei eu.» «Está quedo Bimnarder (chamando-o assim por seu nome, lhe disse a sombra), que inda agora foste vencido de uma donzella.» Chorando deteve Bimnarder o passo, espantado d'aquelle que ainda cuidava elle que, *o*, não sabia ninguem; mas tornando logo a querer-lhe perguntar de onde, *o*, sabia, a meia palavra olhou, e viu aquella sombra que, virando-se para umas moutas grandes que ahi cerca estavam, se ia mettendo por entre ellas, pouco a pouco. E assim se encobriu, e desappareceu.» (Bernardim Ribeiro)

«*Emprego do adjectivo conjunctivo em sua fórma neutra composta*, O QUE. — O adjectivo conjunctivo, em sua fórma neutra composta, *o que*, tomada de, *id quod* em latim, e constante, em portuguez, dos dous equivalentes das palavras latinas, tambem representa membros de orações, orações inteiras, e sentidos mais ou menos extensos, com referencia porém ao que fica dito, ou immediata ou remota, e ainda algumas vezes ao que se tem na mente.

«Exemplos:

«Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu summa vingança;
E não se acabará só n'isto o damno
De vossa pertinace confiança:
Antes nas vossas naus vereis cada anno
(Se é verdade *o que* meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda a sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.»

(Camões).

DEMODOCO

—«Hospede meu prudente, e digna esposa,
Que eu á mãi bem comparo de Telemaco,
Informados por certo estaes de Eudoro
De quanto em pró de minha filha, em selvas
Transviada, por faunos, prefizera,
Mostrai-m'o: e que eu o abrace, como a filho.

LASTHENES

Co'a mãi se encobre, e *o que* prefez, é occulto.»

(Francisco Manoel do Nascimento).

«E como el-rei chegou, e soube como o dito capitão-mór, e capitães vinham de todo desbaratados, não nos quiz vêr, nem ouvir, até primeiro lhe mandar ás pousadas vestidos inteiros, e dobrados, de sêdas, e ricos pannos, com todas as outras cousas, que para elles, e para os seus eram necessarias, e assim cavallos e mulas em que andassem: e lhe mandou dizer, que para homens tão hourados, e tanto seus amigos fallarem a tal rei, não era ra-

zão que ante elle viessem com menos atavios, porque sendo de outra maneira parecia que seus reinos lhe eram estranhos, *o que* muito sentiria, porque pela antiga amizade que elle, e os reis seus antecessores, tinham com Veneza, todos os de sua nação deviam de haver e estimar seus reinos, e senhorios, por propria sua terra.» (Garcia de Rezende).

«Poucos annos depois no primeiro capitulo, que celebraram, entrando n'este reino, o padre fr. Jeronymo de Padilha, e os mais companheiros, que com elle desceram de Castella, com titulo de reformadores, á petição de el-rei D. João, teve fr. Bartholomeu conclusões de theologia. Foi o capitulo em Lisboa: houve grande recurso de todas as religiões, como é de crêr, á conta dos novos reformadores. Aqui se assignalou fr. Bartholomeu de maneira, que honrou a provincia, e ganhou grande nome com os estrangeiros e naturaes, com grande alegria e applauso dos padres que o crearam. *Do que* resultou declararem-no logo por leitor de artes do collegio de Lisboa instituido por el-rei D. Manoel, d'onde o mesmo leitor era collegial, sem proceder para o leitorado pretenção, nem diligencia, nem ainda imaginação.» (Fr. Luiz de Sousa).

«E quando veio ao desfraldar das velas, que os mareantes segundo seu uso deram aquelle alegre principio de caminho, dizendo boa viagem, todos os que estavam promptos na vista d'elles com uma piedosa humanidade dobraram estas lagrimas, e começaram de os encommendar a Deus, e lançar juizos, segundo *o que* cada um sentia d'aquella partida.» (João de Barros). (*Postillas de grammatica geral*, por Sotero dos Reis).

IGREJA. Em quatro sentidos tomaram os nossos maiores esta palavra Igreja: 1.º Por um ajuntamento do povo, solemnemente congregado, para tratar dos negocios publicos, ou fossem sagrados, ou profanos: e n'este sentido tambem houve igreja por entre os mesmos gentios. 2.º Por uma congregação espiritual de todos os christãos, derramados por todo o mundo e que formam a igreja catholica, ou universal e visivel, com uma só fé, um só baptismo, um só evangelho, uma só cabeça, que é o pontifice romano, vigario de Christo na terra. A igreja n'esta accepção é chamada nos livros santos: já donzella, em razão da sua pureza; já corpo de Christo, porque todos os fieis fazem um perfeito corpo, de que Jesus Christo é a cabeça invisivel; já esposa, porque o filho de Deus com ella se uniu pela fé; já honrada mãi, porque a todos os gerou para Deus pelo baptismo: já filha, porque ella nasceu do lado aberto do mesmo Deus crucificado; já viuva, porque n'este mundo é molestada, e perseguida: já cidade inconquistavel, murada, e defendida, porque n'ella vivem os cidadãos da patria celestial, defendidos pelas sagradas escripturas, sendo o mesmo Deus o seu muro, e protecção; e sem que os portaes do inferno hajam de prevalecer contra ella, tem de subsistir até á consummação dos seculos. 3.º Por uma diocese, ou collecção de muitas provincias sujeitas a um patriarcha, primaz ou parocho; ou por uma só provincia sujeita a um metropolitano, ou arcebispo; ou por uma parte da mesma provincia sujeita a um só bispo; ou finalmente por uma pequena porção do mesmo bispado, governada por um parocho, ou pastor, a que chamamos parochia ou igreja parochial. 4.º Em fim se tomou igreja por um edificio, separado de tudo o que era indecente, e profano, e particularmente consagrado para tributar religiosos cultos ao verdadeiro Deus. E n'este sentido se chamou uma tal igreja: Casa de Deus ou dominico, porque a divindade humana e unica alli reside por uma especial assistencia; casa de pomba, pela simplicidade, innocencia, e união que devem distinguir os filhos de Deus; oratorio, porque o seu destino é para alli se pedirem os favores do céo, e o perdão das culpas: e pelo mesmo respeito se disse casa de oração. Igualmente se lhe deram os nomes de templo, basilica, synodo, con-

cilio, conciliabulo, conventiculo, martyrio, memoria, cemiterio, altar, casa, titulo, e outros muitos que se podem vêr em Dufresne. Com a christandade principiaram estes lugares de oração, mas sem aquella formosura, e magnificencia de edificios, que só pela paz de Constantino vieram a conseguir. Não obstante que o nome de igreja matriz fosse dado ás que fundaram os apostolos, ou os seus immediatos successores, e tambem ás cathedraes dos metropolitanos e bispos, pelas razões que são patentes; o tempo introduziu chamarem-se matrizes as igrejas parochiaes, não só quando chegaram a ter outras annexas, obedienciaes, subalares, succursaes, e dependentes; mas ainda quando só tinham algumas capellas, oratorios ruraes, em que os montanhezes e distantes recebiam alguns dos sacramentos. Estas igrejas matrizes igualmente foram chamadas diocesanas, por estarem nos limites da respectiva diocese; baptismaes, porque n'ellas se recebia ordinariamente o sacramento do baptismo; cardeaes, porque eram fixas e permanentes; e tambem catholicas, por estarem patentes e abertas a todos, homens e mulheres, que não tinham os oratorios ou igrejas dos monges e monjas, em que se não admittiam pessoas de outro sexo, e mesmo se não celebrava o sacrificio da missa e ministrava a communhão, que uns e outros iam receber na igreja parochial: mas é bem para notar que até ao meio do VI seculo fosse entre nós tão limitado e diminuto o numero d'estas igrejas diocesanas; pois, segundo os fragmentos do concilio de Lugo de 569, que se acham no livro *fidei*, e que já publicou o Contador de Argote no primeiro numero das *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga;* a esta cathedral só pertenciam umas 27 igrejas diocesanas, das quaes 11 eram pagenses, ou pagas, que talvez tinham suas annexas, ou ruraes, pois entre ellas se contam Bragança, e Panoyas, povoações notaveis no tempo dos romanos, e que não haviam decahido inteiramente no governo dos suevos. Depois d'este tempo se multiplicou maravilhosamente o povo de Deus, e se levantaram, como á porfia, igrejas parochiaes, não só nas grandes cidades, mas ainda nas pequenas aldeias. E então é que se introduziu nas Hespanhas a distincção das igrejas diocesaes, e igrejas offerecionaes, ficando com o primeiro nome as que se erigiram ainda no tempo dos romanos, e que sempre pertenceram aos respectivos bispados, e dando-se o segundo ás que depois foram offerecidas ás cathedraes, ou pelos reis, que as conquistaram, ou pelos devotos que as herdaram, ou pelos fundadores que as erigiram, e dotaram, ou por outros alguns, que por trocas, ou compras as adquiriram, e supposto que isto á primeira face se represente uma desbragada simonia, e vulneração horrivel dos sagrados canones, o crime com tudo não era tão enorme como parece, attendida a qualidade e natureza d'aquellas igrejas, para o que se ha de prenotar: que os reis godos, feitos já senhores de toda a Hespanha, repartiram as terras de cultura entre os seus vassallos, debaixo dos mesmos direitos, como haviam executado os imperadores romanos; os lavradores a respeito do fisco, se reputavam como uma especie de servos, dos quaes annualmente se exigia o senso fiscal, que consistia em certa porção de grãos por cada jugada, ou jugo de terra. Os nobres que receberam grandes herdades, e porções de terreno, com obrigação de acudirem á guerra com as suas gentes, sustentadas á sua custa, e com as munições de bocca da sua caldeira (insignia propria dos ricos homens) deram mui largas terras á cultura, distribuidas igualmente pelos seus vassallos, e com os mesmos direitos que os reis. Ora, para o soccorro espiritual d'estes colonos, ou collaços (que talvez residiam muitas leguas distantes da igreja matriz, sendo tão poucas em cada bispado, como acima se viu) se fundava uma pequena igreja, mosteiro, ou oratorio em cada herdade d'es-

tas, ou em alguma sua consideravel porção (bem assim como hoje se exige uma capella, ou oratorio em uma grande quinta): d'aqui veio chamarem-se estes territorios, fazendas, ou herdades com o mesmo nome que se dava ás igrejas, ou mosteiros, que alli se fundaram; sendo estas casas de oração, o menos principal, quanto ás temporalidades, que alli se contemplavam. Estas são as vendas, escambos, heranças, e tambem muitas doações de igrejas, e mosteiros, que nos antigos monumentos se encontram, que não eram outra cousa mais, que doar, vender, ou trocar a sua herdade com todos os direitos fiscaes, e de vassallagem, denominada v. g. a igreja de Rezende, o mosteiro de Baião; porque n'estas herdades estavam fundadas aquelle mosteiro, ou aquella igreja. A destruição de Hespanha pelos mouros foi causa de que muitos abusassem d'esta disciplina, mettendo á parte da sua herança os fundos, e oblações consignadas, e estabelecidas para manutenção dos templos, dos mosteiros e dos pobres; e assim foi quando á proporção que a christandade se foi erguendo, o abuso se foi augmentando; dispondo cada qual das terras novamente adquiridas a seu arbitrio.

ILHA DE CABO VERDE. (Veja Sahará).

ILHA DOS AMORES. (Veja Polynesia).

ILLUMINAÇÃO. (Veja Lampada).

IMAGENS NAS ESCÓLAS. «Nos paizes em que estão mais aperfeiçoados os methodos do ensino publico, nas escólas primarias principalmente, se costumam collocar imagens em vulto ou em pintura que representam aos olhos, e offerecem á comprehensão dos meninos, passagens e successos da boa doutrina e moralidade, que *imprimam em seus corações o amor do bem, e criem em seu peito a nobre emulação das acções virtuosas.* Os instituidores e regedores d'estas escólas tem comprehendido muito santamente a utilidade pratica do preceito de Horacio que recommendava se fallasse mais pelos olhos do que pelos ouvidos aos homens carecedores d'instrucção. Se esta linguagem da vista é conveniente mesmo para instruir os adultos, muito mais aproveitará nas primeiras idades ordinariamente tão distrahidas, quanto cubiçosas d'espectaculos.

«Segundo estes principios de reconhecida evidencia, os inspectores das escólas primarias da Allemanha e da França n'alguns departamentos tem ordenado que nas aulas e nos salões de estudo das classes fossem collocadas certas imagens, cuja representação melhor servisse á instrucção moral dos meninos. Com effeito, quanto mais tenra fôr a idade dos educandos tanto mais serão estes estranhos ás tristes realidades da vida, e ávidos pelo contrario das imagens que lhes representem os prodigios da historia sagrada, as obras de caridade e de misericordia, as acções louvaveis de toda a especie, os monumentos de todo o genero. Com sua memoria nova e viçosa, com sua imaginação fina e viva, com sua curiosidade e innocente ambição, comprehendem elles logo o objecto representado, decoram a sua historia, e vão repetir no seio de suas familias estas narrações, e as scenas que estão costumados a vêr e contemplar diariamente nas escólas. Utilidade grande se tem tirado d'esta engenhosa instituição nas salas d'asylo da infancia onde de ha tempos se acha em vantajosa pratica: igual proveito resultaria para os recolhimentos de meninas, nas reuniões mesmo mais particulares em que pessoas pias e caridosas costumam ás vezes juntar para educação primaria e gratuita os meninos da sua visinhança.

«Assim que, muito conveniente seria estabelecer por primeira condição do ensino primario, que nas aulas estivessem collocados alguns bustos ou pendurados paineis representando as scenas da creação, alguns acontecimentos caracteristicos da vida do Redemptor, e de sua missão divina;

as acções mais meritorias e abalisadas dos prophetas, dos patriarchas, e dos santos da antiga e nova lei; e os serviços, virtudes e patriotismo dos bons soberanos, e dos subditos que honraram o seu paiz e se consagraram ao bem da humanidade. Conformemente a esta tenção figurariam muito discreta e utilmente nas escólas alguns paineis que representassem: — a creação do mundo; — a primeira falta d'Adão e Eva que os reduziu em castigo de sua desobediencia, assim como a seus descendentes, á condição de pobres mortaes; — Noé salvado com seus filhos e netos do diluvio universal em premio de sua fé e da sua justiça; — Moysés despedaçando as taboas da lei, deixando abandonados a uma torpe idolatria os israelitas em punição de sua rebeldia; — Daniel impassivel, e confiado, na cova dos leões, desarmados de sua fereza em respeito ao embaixador de Deus; — o Salvador do mundo nascendo n'um pobre e desabrido presepio para ensinar aos homens a supportar a humiliação e os trabalhos da vida humana; — os pastores e os reis rendendo homenagem ao Senhor dos céos e da terra, posto que nascido e envolto nas mantilhas da indigencia; — a fugida para o Egypto; — a bondade e omnipotencia de sua missão, ensinando na montanha, resuscitando o filho da viuva de Naim; — Christo expirando no calvario entre dous facinorosos, levado ao supplicio pela mais negra ingratidão a tantas obras de sua beneficente caridade; — S. Pedro prégando a doutrina do divino Mestre e convertendo 3:000 judeus; — S. Paulo no meio dos sabios no areopago d'Athenas indicando qual era o Deus desconhecido á philosophia pagã; — S. Carlos Borromeu vestido de sacco, e cingido de corda para aplacar o flagello da peste, e administrando a eucharistia aos empestados de Milão; — S. Francisco Xavier ensinando o evangelho aos infieis á sombra dos palmares do Indostão; — o padre Antonio Vieira catechisando e civilisando os indios do Brazil; — S. João de Deus consagrando sua vida ao serviço dos hospitaes; — a rainha Santa Isabel levando no seu regaço o pão que ella mesma ia distribuir aos pobres; — o grande rei D. Affonso Henriques prostrado no campo d'Ourique diante do Rei do céo, do vencedor das batalhas; — D. João I caminhando a pé até Guimarães cumprindo o voto feito á Senhora da Oliveira; — o condestavel repartindo seus grandes bens por seus parentes e amigos para consagrar-se a uma profissão mais austera de virtude. — Em fim o tacto e bom gosto dos inspectores das escólas, e asylos, escolherá d'este numero, e de outros factos que não faltam, os que mais adequados pareçam a um tão louvavel fim.» (J. C. N. e C.)

IMAGINAÇÃO. «A imaginação é mãi das *imagens* e das locuções chamadas *engenhosas*.» (Padre André). — «O juizo enlanguece sem a imaginação; a imaginação transvia-se sem o juizo.» (Scheffield). — «A imaginação humana é menos energica na pintura da felicidade que na do infortunio... Imaginação poderosa, sensibilidade ardente, estas duas grandes almas da poesia, não podem exceder se sem orçar pelo delirio.» (Villemain). — «Imaginação desregrada é cousa funesta, em razão de sua força impetuosa. É falso o espelho que ella offerece.» (Miss Hamilton). — «A imaginação bem regrada pela razão, engrandece todos que se inspiram d'ella; sobreleva-os ás penas da vida, e os mil embaraços d'este mundo. A ella se devem os Apelles, os Phidias e Miltons; os Platões e Descartes, os Galileus e Newtons, os Demosthenes e Bossuets. As mais engenhosas hypotheses, e os mais admiraveis descobrimentos são productos da imaginação. Um syllogismo, realçado pela imaginação de Colombo, revelou-nos a America.» (Matter). (Veja INTELLIGENCIA).

IMITAÇÃO. É util que um menino frequente desde os primeiros annos pessoas de bem, ás quaes se affeiçõe e intente imitar em todas as perfeições, e nunca se achegue de pessoas, cujos defeitos queremos que elle

não aprenda, ou pelo menos que as não estime ou ame. Que leia as vidas dos homens que foram honestos, virtuosos e valorosos com dignidade, a ponto de os admirar com enthusiasmo. Faça-se bem compenetrar o alumno toda a benemerencia de uma vida honrada, e incuta-se-lhe o desejo de optar pelo mais illustre exemplar.

IMMORTALIDADE. (Veja ALMA). «*Immortalidade dos poetas.* — É cousa decidida; o *genus irritabile vatum* não campa por modestia. Admiradores, trombetas, arautos de si mesmos, dão-se ao incommodo de construir por suas mãos o altar, collocar-se n'elle por seus pés, e depois voltarem para baixo, com o thuribulo na mão, a incensarem o lugar que haviam occupado! Ovidio a cada passo se canonisa e se grimpa em alturas taes, que dão vertigens; por exemplo:

«(Trist. III, III). Depois de pedir á mulher que recolha á patria as suas cinzas, e grave na urna os versos que lhe envia, brada: «Para epitaphio, basta! Maior e mais duradouro monumento ahi fica em meus livros; lego a elles o cuidado de afiançar a seu author a eternidade.» No mesmo livro (canç. VII): «Que importa, se despiedado gladio me extinguir os dias? morrerei sim, mas a fama me sobreviverá; e em quanto a filha de Marte, Roma victoriosa, avistar, de seus cumes, o orbe subjugado, ler-me-hão!» Aqui ainda foi modesta a prophecia, pois continua a ser lido, depois de vencida a invencivel.

«Conclue a sua obra das *Metamorphoses* com o seguinte epilogo: — «Impuz alfim a cupula a um monumento, que nem ferro ou fogo, nem o roedor tempo, nem a propria ira de Jupiter poderá destruir! Raie quando lhe aprouver o dia que tem jus sobre o meu corpo; mas a melhor parte de mim, perenne subirá commigo aos astros, e indelevel ficará meu nome. Lerão meus versos quantos povos a victoria subjugar á magestade romana; e por todos os seculos, se presagios de vates não mentem, pela fama viverei!»

«(Am. III, XVII). — «Dirá o viandante: Como podeste, ó pequena Sulmona, produzir tamanho poeta?» N'esta obra repete esta idéa, em muitos lugares. (II, XVII, 85).

«A famosa elegia X do liv. IV das Trist., é dirigida á posteridade, com o fim de a instruir da sua biographia; grande e singular pensamento foi esse (imitado por Macedo, na dedicatoria do *Oriente*) de escrever, no meio dos maiores infortunios uma epistola aos vindouros, legando-lhes, como thesouro, as suas memorias; é uma sublime reacção do genio; desacatado pelo presente, vinga-se no futuro!

«Já se vê quanto Ovidio se ensoberbecia do seu genio, o que fez Quintiliano notar. (Inst. or. X, I). «Ovidio é erotico nas proprias poesias heroicas, e demasiado cheio de si; comtudo merece frequentemente louvores.»

«Desculpemol-o porém. Era imitar os gregos, e esses adoeciam de igual vaidade.

«Já vimos que Anacreonte, não deixando o seu credito por mãos alheias, nos informa de que a propria Venus lhe comprava, por bom preço, os hymnos que lhe dirigia.

«Da decima musa, Sapho, quasi nada nos resta; mas, n'esses informes fragmentos, um basta para nos revelar a idéa que de si mesma formava. É o segundo dos cinco que existem; dizem que o dirigiu a uma rival, vaidosa da sua formosura e riqueza, arrogante mas analphabeta. Tentemos d'isso uma pallida imitação:

Quando o teu corpo miserrimo
A hora extrema tocar;
Mal a inexoravel Atropos
Teu negro fio cortar;
O olvido, mais do que o tumulo,
Ha de teu nome apagar.

Suas aguas a Castalia
Nunca para ti verteu,
Nem as rosas olympiacas
Tua rude mão colheu;
Da terra tu nunca, ó rustica,
Te elevaste aos céos, como eu.

Plutão, no seu reino lugubre,
O teu lugar marcou já;
Esse teu phantasma incognito

Ao fundo despejará;
Entre ignobeis sombras infimas
Tua sombra vagará.

Mas de Sapho o nome esplendido,
Das musas pelo favor,
De Sapho, a cantora altivola,
Sacerdotisa do amor,
Ha de, entre glorias e canticos,
A eternidade transpor.

«Porém esta fatuidade attica já, no tempo de Ovidio, formava parte da natureza dos poetas latinos.

«Lucrecio enceta assim o liv. VI do seu poema — *Da natureza das cousas:*

Hoje das musas lavro os invios campos
Que nunca por alguem trilhados foram.
Apraz-me ir, e beber a fontes virgens;
Colher me apraz desconhecidas flôres,
E corôa insigne entretecer com ellas,
Que me circumde a fronte assoberbada,
Qual nunca as musas a ninguem urdissem.

«Virgilio começa o liv. III das *Georgicas*: . . . — «Tentar quero tambem a via por onde me exaltarei da terra, e voarei victorioso de bocca em bocca. Serei eu o primeiro que, etc.»

«Horacio, na ode 1.ª: — «Dos deuses me aproxima a corôa de heras, que adorna a fronte dos vates.» Na derradeira ode do liv. III brada, como Ovidio: — «Erigi monumento mais duradouro que os bronzes, mais alto que as reaes pyramides; nem roedora chuva, nem impotente aquilão, nem serie innumeravel de annos, nem fuga do tempo, o poderá destruir. Não morrerei inteiro, que a melhor parte de mim zombará da Parca. No porvir crescerá ainda a minha gloria, em quanto com a virgem silenciosa ascender o pontifice os degraus do capitolio. Dir-se-ha, lá onde corre o impetuoso Aufido, ou nos aridos campos em que Dauno reinou sobre rusticos povos, dir-se-ha que, da minha humildade me remontei a principe do metro eolio, por mim transportado á Italia. Ensoberbece-te, ó Melpomene, e cinge-me a coma de virentes laureis!»

«Phedro, no prologo do liv. III: — «A posteridade achará, por certo, n'estes versos, com que se deleitar... Afasta-te d'ahi, inveja! Debalde gemerias com a gloria brilhante que os seculos me reservam.»

«É commum esta consciencia de superioridade nos homens grandes. Veja-se o que Thiers diz de Mirabeau, á hora da morte. O mesmo aconteceu com André Chenier, cujo genio, por muitos lados, se asseme hava com o de Ovidio. (Consulte-se, a este respeito, o *Diccionario historico*).

«Os poetas da nossa lingua herdaram aquella greco-romana immodestia; alguns apontaremos:

«Camões, que de si mesmo diz que a sua

. . . . lyra *sonorosa*
Será mais *afamada* que ditosa,

exclama alhures:

Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria,
Viverão teus louvores em memoria.

Bocage diz:

Adejai versos meus. . . . . .
Pousai na eternidade, em torno a Jove!

Além de outros trechos semelhantes (na *Satyra a Elmiro*, e em outras producções) deixou-nos o seguinte soneto, feito proximo á morte:

Ave da morte, que piando agouros,
Tinges meus ares de funereo luto!
Ave da morte (que em teus ais a escuto!)
Meus dias marcharás, mas são meus louros;
Doou-me Phebo aos seculos vindouros;
Deponho a flôr da vida e guardo o fructo;
Pagando em vil materia um vão tributo,
Retenho a posse de immortaes thesouros.
Nome no tempo e ser na eternidade;
Que fado! O' ponto escuro, assoma embora!
Dê-me o piedoso adeus commum saudade;
E rindo-me na campa os dons de Flora,
Mais do que elles, a adorne esta verdade:
— Lysia cantava Elmano, e Lysia o chora.

«Fique pois entendido que os poetas illustres (e muitos poderiamos citar, da quarta plana, com aspirações iguaes) julgam todos evitar a Libitina; assim pensando, melhor fariam em o

não proclamar, pois, como diz Macedo no *Oriente*:

> Descrever seus brazões a estranhos toca,
> Que é suspeito o louvor na propria bocca;

porém aquelles senhores lêem pelo breviario de Thomaz, que diz no seu *Ensaio sobre os elogios*: «Este amollecimento de caracter, que denominam urbanidade, e que tanto receia ferir o amor proprio, isto é, a fraqueza incerta e vã, era então menos commum; menos se aspirava a parecer modesto que a ser grande. Permitta alguma vez a fraqueza á força conhecer-se a si mesma, e consintâmos, se possivel nos é, termos homens grandes, mesmo por preço tal.

«Assim se obterão os grandes cantos, provenientes dos grandes feitos, e os grandes feitos provenientes dos grandes cantos, como nol-o pinta Francisco Dias, na sua estimavel elegia, intitulada *As musas*, com alguns versos da qual bem fecharemos este paragrapho:

> Claras acções, nome inclito e notorio,
> Arcos, estatuas, porticos, tropheos,
> Tudo consome o tempo transitorio.
>
> . . . .
>
> Só vós, filhas eternas da Memoria,
> Musas, divinas musas gloriosas,
> Do tempo alcançaes inclita victoria;
> Vós do abysmo das sombras tenebrosas,
> Das voragens do negro esquecimento
> Tiraes as obras raras e famosas.
> Por mais e mais que se erga o pensamento
> Para fazer acções esclarecidas,
> E com fama subir ao claro assento,
> Sem vós, nymphas, de Jove procedidas,
> Serão no esquecimento sepultadas
> As fadigas mais nobres e subidas.
> Lá vai fendendo as ondas levantadas
> Do atlantico oceano o invicto Gama,
> Apesar das tormentas irritadas;
> Lá vai Cabral, vai Castro, que se inflamma
> Em commetter acções de força extrema,
> Que merece o louvor da illustre fama. . .
> Já voltam com victoria alta e suprema,
> Noticia dando d'outros novos mundos,
> Assumpto digno d'immortal poema;
> Mas se, com vossos canticos jucundos
> Lhes não daes nome eterno, jazerão
> Nos abysmos lethargicos profundos.
> Vós, contra a furiosa inundação
> Do diluvio dos tempos, sois reparo,
> Com as obras de altissima invenção;
> E, por mais que combata o tempo avaro
> Contra as virtudes dos sublimes peitos,
> Vós lhe deis fama egregia e nome claro.
> Vós sois as que inspiraes altos conceitos
> Ás nobres phantasias, que ao céo voam
> Longe do vulgo, envolto em vis defeitos.
> Em todo o mundo eternamente soam
> Vossos prodigios, vossa illustre gloria,
> Com que os gentis talentos se coroam.
>
> (A. F. de Castilho).

IMPERIOS. *As quatro grandes monarchias preditas por Daniel.* Lêde os livros dos prophetas, e maravilhar-vos-hão as espantosas prophecias tão a ponto e minudenciosas, ácerca dos castigos dos judeus captivos, e dos povos que, sob a mão de Deus, hão de salval-os, ou punil-os; e ácerca de Babylonia, Syria, Egypto, dos medas, persas, e do proprio Cyro, que o Senhor chama pelo proprio nome em soccorro de seu povo; ácerca de Alexandre e divisão dos seus vastos estados; e do imperio romano; e, finalmente, do imperio de Christo, outro reino de mui diversa natureza, que não será destruido, senão que subsistirá eternamente.

IMPORTAÇÃO. (Veja Portos).

IMPRENSA. No reinado de D. Affonso V foi introduzida a imprensa em Portugal, tendo decorrido nove annos depois da edição do *Psalterio de Moguncia*, em 1457. As *Coplas* do infante D. Pedro foram impressas, em 1466, em Leiria, sendo, por tanto, Leiria a quarta cidade em que na Europa se inaugurou a typographia. Tres cidades a tiveram em Portugal pouco depois; e, corridos annos, sete cidades, além de Salsete na India. No seculo XVI doze cidades a tiveram em Portugal; e, na India, Goa, Macau, Salsete, e Amacuza no Japão. No seculo XVIII, em Portugal, treze. Entre 1467 e 1500 fizeram-se em Portugal vinte e seis edições; e entre 1501 e 1536, quarenta e sete, e uma em Salsete. (Veja *Memorias da academia real das sciencias*).

«*A imprensa politica, e a imprensa litteraria.* — N'estes tempos que vão

correndo, o jornal usurpou ao livro o maior de todos os valores, na phrase ingleza e já hoje cosmopolita.

«E não nos seja levado em conta de paradoxo, que o jornal absorve o tempo; crêmos firmemente que absorve, pelo menos, a maior parte do que de direito devia consagrar-se ao livro. Ámanhã o jornal absorve-nos tambem o espaço, e n'esta conquista não vão menos além as folhas americanas do que as da Europa.

«Todos os interesses, desde os mais justificados até aos que menos razão teriam para se manifestar, fizeram do jornal uma das mais caracteristicas feições da civilisação actual.

. . . .

«Houve uma época, e não muito remota, em que a maior parte das nossas melhores pennas se aparavam quotidianamente para os phantasticos arabescos da litteratura amena. As commoções politicas por que tem passado o paiz, fizeram crêr aos mais temerarios mantenedores do campo da critica, aos suavissimos poetas que se estremavam da geração nova, aos cultores da imaginação, que de tão bellas alfaias ornavam as festivas columnas dos semanarios innocentes, que a patria não poderia ser salva sem o sacrificio consummado de todas as suas faculdades, sem o emprego exclusivo de todos os momentos da sua vida. Dez annos se passaram sobre a ultima escorva queimada nos baluartes da guerra civil, mas o bombardeamento de papel póde-se dizer tão vivo, como era então o fogo das avançadas patrioticas. O demonio da ambição entremetteu-se-lhes nos espiritos, como outr'ora o sentimento do bello nas suas primeiras aspirações. Aquelle que nascêra para medir versos, esmerilhar rimas, polir a linguagem e enthesourar novas opulencias para o commum patrimonio das letras patrias, contou eleitores, azedou phrases, retorceu o pensamento em caprichos, ou partos de que a propria linguagem fica assombrada, e conseguiu amontoar volumes de escriptura ephemera, sem liquidar no fim de cada anno umas poucas paginas em que a alma se lhe delicie ao percorrel-as.

«Resulta de tudo isto, que, pela influencia do espirito de imitação, a phalange dos campeadores da imprensa politica vai engrossando, á proporção que nos arraiaes litterarios, tantas tem sido as deserções, que se acham em lamentavel *minoria*, para nos servirmos tambem de um termo da moda.

«Todavia, não supponha ninguem que temos ahi um exercicio de publicistas. Em boa hora se diga, que da tiorba politica andam as cordas espalhadas por quasi todos os tangedores. Se o tufão não tivesse dispersado as folhas da sibylla, póde ser que em cabeça de morgado nos andassem alguns livros mais para serem consultados. Mas a rajada foi violenta; julga cada um possuir a partitura, quando muitos mal deletreiam as notas de uma folha de acompanhamento. A desafinação ás vezes é espantosa; e o ouvido da opinião publica, em lugar de se ir educando, contrahe de hora para hora uma atonia que se vai tornando chronica.

«Outro symptoma da actual dissipação litteraria, é que os tropos e louçainhas, que essas pennas atrozmente desviadas da sua primeira destinação diffundem pelo discurso todos os dias, estão brigando muitas vezes com a natureza do assumpto, achando-se condemnados por uma fatalidade inexplicavel a supprir a vehemencia, a concisão, o apropriado dos termos e o technico da phrase. A economia enfeita-se com os botões de rosa do idyllio, cuidando seduzir assim mais a seu talante o positivismo do suffragio; as cifras de uma analyse financeira, sahem á rua de capa e espada, como para uma quebra de escudos; a chlamyde tragica d'uma figura de rhetorica vem descahindo pretenciosamente sobre uma theoria administrativa; o vulto de um funccionario dos mais somenos na hierarchia da governação do estado, sobe ao proscenio da publicidade caracterisado em homerica heroicidade que lhe fica a matar; finalmente, ques-

tiunculas liliputianas assumem proporções herculeas no jargão jornalistico d'estes nossos dias! É uma perfeita Babel, cujo glossario, nem mil Cruscas reunidas em mil annos de eruditissimas vigilias chegariam a coordenar.

«No meio d'estas borrascas da palavra, e d'entre os quotidianos chuveiros de tinta preta, vêem-se fuzilar lampejos do mais puro atticismo. Podem raras vezes lobrigar-se por entre os nevoeiros d'uma polemica, em que a personalidade fez o primeiro papel, alguns perfis que fariam inveja ao lapis lavateriano; mas a época é mais abundante em Chans e Gavarnis, os estudos physionomicos são vasados mais vezes nos moldes implacaveis de Grandville e Philipon, que segundo as inspirações da verdadeira arte. O descuidoso tracejar da caricatura desvirtua a composição que principiára apenas satyrica. O gosto é menosprezado pelo interesse do momento, e as duas causas sacrificadas: a da apreciação moral do individuo, pelo exagerado do retrato; a da arte, pela transparencia do fim e pela parcialidade do esboço.

«Uma bella manhã madruga uma boa pagina de philosophia social, desbravada de digressões inuteis, alindada unicamente com a natural singeleza do objecto, persuasiva e eloquente mesmo á força de logica, que é a verdadeira eloquencia d'estes assumptos, e tanto mais apreciavel quanto mais raras vão sendo... Foi sol de outono: turvam-se os ares; geme de novo o prelo sobre a mesma idéa no dia seguinte, fazem-se novas variações ao mesmo thema, e o pensamento sente-se tão acanhado no meio d'aquelle motim, como aconteceria a Bourdaloue ou Massillon, se os arrojassem de improviso para dentro de um baile de *pierrots*. A necessidade de escrever, necessidade que a si mesma se creou, foi a perpetradora de taes attentados contra o pobre do senso commum.

«Como irrefragavel deducção da graphomania d'este tempo, veio a inundação jornalistica invadir os mais pacificos tugurios. Citam-se hoje em Portugal as terras da provincia que não tem o seu, ou antes os seus periodicos.

«A população, que ainda ha bem poucos annos vivia em santa paz, apenas perturbada de longe em longe por alguma intriguinha palreira de senhoras visinhas; o districto que só fallava em politica lá de tempos a tempos, quando a metropole lhe pedia os seus representantes, e que, se tinha alguma queixa a fazer valer perante os poderes publicos, só a vinha desafogar na imprensa da capital, para ser ouvida de quem cumpria attendel-a; foi a final mais uma victima expiatoria da loquaz profusão dos neopoliticos.

«O poeta provinciano que se inspirava em maio pelas matizadas alfombras do seu campanario, mandou vir algumas arrobas de typo velho e um prelo estafado, pôz banca de redactor, trocou a musa innocente por um impressor e dous typographos, e em breves audiencias eil-os a semear ás mãos cheias as mais cerebrinas explosões sociaes, com o prurido febricitante de quem se considera pela primeira vez na sua vida o orgão da opinião da sua terra. A mina d'onde exhauriu tanto saber, acha-se esgotada, até que da capital receba mais publicações francezas, d'onde extráia quantas utopias se escrevem n'aquelle abençoado paiz, para maior gloria dos editores, a fim de as enxertar no torrãosinho que o viu nascer. Uns o admiram; invejam-no outros. D'aqui as intrigas locaes. Hoje, para encher uma columna, censura-se um funccionario; ámanhã justifica-se o aggredido, invocando a lei; para a semana que vem, acha-se a barricada periodica reforçada por dous ou tres collaboradores officiosamente anonymos. O jornal provinciano desfez-se em remessas gratuitas para todos os recintos do territorio onde se imprimem gazetas. No fim do mez aceitaram todas a troca, desde as mais graúdas até ás microscopicas.

«Que fará o ex-poeta de tanta sabedoria empapelada? Nova idéa tão

luminosa como a primeira: abre um gabinete de leitura para os seus assignantes. Eis a cidade honestamente burgueza, a terra despretenciosa, convertida para logo em conclave de politicos. Lê-se tudo desde o titulo até ao ultimo annuncio. Os ministros são conhecidos pelas alcunhas que n'um accesso de amabilidade cortezã se dignaram dispensar-lhes as redacções urbanas. A discussão caseira engolfou-se em conjecturas hybridas. O argueiro, de que na côrte até os compositores do jornal se riam, tornou-se na provincia em cavalleiro sanhudo, de que até os mais sensatos estremecem. Dividem-se as opiniões; fecham-se ás Ave-Marias os classicos parlatorios onde se debatiam as innocentes tricas do gamão. É preciso fundar outro periodico. Funda-se. Eil-os em campo. E tudo isto, que é ridiculamente comico, estabeleceu de um dia para o outro a mais desenxabida e fatal côrte na aldeia de que ha memoria.

«O poeta fez-se candidato. Mallogrado pela urna, fez-se o Quixote da terra.

«Em poucas linhas mostraremos o reverso da medalha. Vimos até aqui a invasão da litteratura na politica, e o crescer da maré alagando o paiz até aos mais invejaveis retiros com que a vida provinciana se avantajava á azafama da capital.

«Como de tres milhões de habitantes não é possivel fazer tres milhões de escrevedores, e a litteratura é ainda uma palavra, posto que já quasi ôca de todo pela falsa interpretação que se lhe vai dando, é necessario que haja quem cultive as letras; mas commodamente, sem mudar de penna, nem de tinteiro, nem de secretária, nem de disposição mental... nem de papel.

«Dito e feito. Octave Feuillet dizem que inventára o *feuilleton:* inventemos nós o folhetim. Até sôa melhor. É mais phonico. De primeiro cultivava-se aqui o folhetim com certo amor; sabia a francez, mas tinha muita originalidade ás vezes; e citariamos nomes se não tivessemos feito firme proposito de não inserir agora um nome sequer. Ha por aqui muita verdade nua e crua, e, das duas uma: ou fariamos catalogo alphabetico de todos aquelles a quem, mais ou menos, esta apreciação geral póde dizer respeito, ou summiriamos por nós, muito de industria, até os nomes que mais vezes nos tem andado a saltar dos bicos da penna.

«Optamos por isto, e se o não tivessemos feito, haveriamos agora occasião de citar alguns escriptores portuguezes que se estrearam brilhantemente no genero exotico, o folhetim.

«Mas aquella certa bafagem ambiciosa, de que ha pouco fallamos, mirrou-lhes as pennas que tão descuidosamente elegantes voavam á superficie dos seus graciosos assumptos, sem jámais os cançarem. A ultima volata com que a *prima donna* predilecta fascinára na vespera os seus adoradores, ainda ia no dia seguinte deliciar os ouvidos dos *dilettanti*, traduzida n'um periodo magnifico de candura artistica. As fórmas voluptuosas de Terpsichore peregrina, que hontem adejára triumphante sobre alcatifas de flôres e grinaldas, viam-se hoje percorrer phantasiosas, como o sonho d'uma noite d'estio, entre os periodos suavemente maliciosos do espirituoso folhetinista.

«O genero parecia acclimado entre nós. Outra illusão perdida. A inverneira da politica enregelou os dedos que tão ligeiros corriam aquelles teclados. Os que vieram depois dos primeiros, já os havia mordido a tarantula. Discursaram no folhetim sobre uma pirueta, como os seus collegas do artigo do fundo sobre uma operação financeira. Fallavam-nos do *spartito* com a gravidade parlamentar d'um ministro interpellado. Não commemoravam um acontecimento lyrico ou dramatico, sem nos fallarem do empresario, dos *deficits*, dos desperdicios, e da subvenção do governo.

«De critica litteraria, antes e depois, quantas vezes se lhe não póde applicar o que o chistoso Reybaud nos conta do primeiro jornal redigido por Jeronymo Paturot: «*Saint-Ernest fit*

un article sur Valmont, Valmont fit un article sur Saint-Ernest!»

«Apesar de tudo, a critica veio a fazer-se rabugenta como um artigo de polemica. Tanto póde a má visinhança!

«As folhas litterarias foram-se apoquentando como a lagarta que scisma na côr de que ha de matizar as azas quando fôr borboleta. A maior parte d'ellas ficaram em chrysalida; os dias bons vieram, mas as borboletas não sahiram.

«Em troca tivemos uma sazão e bem proxima de gafanhotos e cigarras litterarias.

«Os jornaes gafanhotos pullulavam d'entre o matagal bravio dos gallicismos, dando a sua ferroada quando podiam.

«O folhetim *fixou-se*, como dizem os entomologistas, e fez-se o que hoje é: a politica applicada á arte; a bagatella de bastidor melodramisada pelas inspirações do andar de cima.» (L. Philippe Leite).

INACHO. (Veja PRIMEIROS SECULOS).

INCAS. (Veja PERÚ).

INCREDULIDADE. O movimento religioso, que se observa no seio das nações menos propensas, segundo pareciam, a recebel-o, não é sensivel ainda entre nós. É um segredo providencial o contraste, que apresentam as nações, primeiras a apostatar da fé e amor de Christo, com as ultimas que, arrastadas pelos successos da politica, renegaram em fim os santos principios do christianismo, do qual tão vantajosas consequencias tiraram, em honra da patria, em proveito da civilisação, e em gloria de seus destinos immortaes!

A Allemanha, foco das tremendas conspirações contra Roma, e das batalhas sanguinarias contra a humanidade, solta hoje um brado de contricção, pela bocca dos seus philosophos, dos seus professores, e d'aquelles a quem serviam as riquezas para que bem cumprissem os legados do implacavel heresiarca do seculo XVI.

A França, a orgulhosa innovadora d'idéas desvirtuadas pela experiencia do seculo, não quiz cingir-se aos moldes allemães, que lh'o vedava o seu orgulho; mas arrojou-se ás extremas illações de Luthero, annullando a tradição oral bem como a escripta, e dando aos homens a natureza, como unico livro digno d'estudo, e de explicação. A França é hoje a rainha usurpadora, que despe a purpura aos pés do vigario de Christo, e depõe o seu diadema, salpicado de sangue, na fronte augusta da verdade, que volta do seu desterro com o sorriso de perdão para aquelles que a sandam.

Portugal, a patria dos valentes descobridores de mundos novos, a estancia predestinada, d'onde o genio civilisador, a par do animo destemido voava com o estandarte de Christo sobre milhões de tribus; Portugal é hoje o velho sem alentos, sem dignidade, sem attrição, que, vergado sob a carga do seu proprio vilipendio, não póde altear a face para contemplar a cruz levantada, e adorada entre as nações, d'onde a atrophia da incredulidade viera a empeçonhar-lhe o sangue.

Este contraste maravilha, e desconsola! Esta incoherencia é um symptoma indelevel de ignorancia ou de perversão! Não podemos ao certo determinar se os espiritos d'este canto do mundo são incapazes de interrogar a sciencia; ou se a immoralidade, enervando-lhe a fé no coração, póde tambem abafar-lhe aquella ancia tão natural de caminhar á sepultura, com a certeza em alguma cousa, além d'esse extremo arrimo do cadaver! Tudo haverá ahi! Ignorancia e immoralidade, são as duas fortes columnas onde os homens penduram os trophéos do atheismo; mas não é crivel que absolutamente reinem esses dous inimigos do homem, bemquistos d'elle.

A incredulidade, aqui, nutriu-se ás escondidas no seio d'uma politica desvairada, que não podia vingar, sem deprimir, pela palavra, a idéa religiosa; nem vingaria, sem aniquilar,

pela obra, os ministros, apologistas d'essa idéa. A guerra surda á cruz era ao mesmo tempo uma guerra clamorosa ao sacerdocio. Prostrar em terra um padre, com a arma do sarcasmo, era ao mesmo tempo desthronar a cruz, e fazel-a baquear com o seu ministro. E, quando algumas vozes soltas, para cohonestarem a impiedade, reclamavam illustração para o padre, e adoração para o symbolo d'aquelle grande socialista, chamado Jesus, o bom senso de alguns poderia exclamar: «hypocritas!» e o de outros, melhores juizes, poderia dizer: «blasphemos!»

A hypocrisia não foi sentimento aproveitado nas manifestações antireligiosas da França de Robespierre e Marat. Alli foram direitos ao templo, e revolveram-no desde os alicerces até aos espiraculos. O pó das ruinas embeberam-no de sangue, abandonaram-no á influencia dos annos agros de experiencia, e vieram depois colher os fructos, que fertilisam hoje o espirito faminto d'essa nação doridamente penitenciada.

Aqui, deixaram o templo, mas inauguraram-no, primeiro, um passatempo d'irrisão; depois um ermo d'alguns foragidos da *sociedade illuminada;* e ultimamente, quando viram que este povo não dispensava o Christo, nem o sacerdote, concederam-lhe o Christo como um philosopho, mais socialista que Platão e Socrates, e deixaram-lhe o sacerdote, como um ente, tão necessario ao culto de Jesus, como o fakir ao culto musulmano, e o bonzo ás liturgias de Brahma.

A «philosophia» é uma palavra ôca e banal, desde que a deram em pretexto á incredulidade. D'antes o homem consummado nas sciencias honradas, e tido como tal na opinião publica, avaliadora de suas obras, chamava-se um philosopho, pois que o amor da sabedoria, rigorosa significação da palavra, era a sua paixão fecunda em verdades prestiativas á sociedade.

N'este nosso tempo porém, de intelligencias vãs e encyclopedicas, é mais barato encontrar dez philosophantes, em cada duzia de homens, que deparar-se-nos um que o não seja em materia de religião.

Nunca as nomenclaturas arbitrarias adoptaram palavra menos cabal para exprimir o que os incredulos querem significar.

A ignorancia, por mais que torturem a palavra, nunca poderá sinceramente chamar-se philosophia. A criança, que ainda hontem despiu as mantilhas dos rudimentos escolares, póde mover o sorriso da piedade, mas difficilmente se dará importancia litteraria, quando se proclame arrogantemente *philosopho.* A genuina interpretação d'este termo assignala irrisoriamente as pretenções irrisorias d'aquelles que nunca se sujeitaram á experiencia d'uma polemica religiosa. Se a pedissem, devia servir-lhes de muito. O espirito lucrára o convencimento d'algumas verdades; e o amor proprio, subordinado pelas disciplinas d'uma correcção proficua, habilitára-se melhor para dominar-se, antes de dar-se em espectaculo com os seus argumentos ignaros e ôcos.

Mas seja a verdade confessada em honra da verdadeira philosophia: os discipulos d'essa escóla do scepticismo tem mais de *quakers*, que de materialistas. O silencio é o mais respeitavel artigo de seus estatutos. Cogitam muito, ao que parece; mas não é pela palavra que nos asseguram a realidade da conjectura. Serão vigorosamente systematicos, mas não é pelos argumentos que denunciam a incredulidade, formulada pelas leis do systema. Se não fosse a vida pratica, e o sorriso da indifferença, e o sarcasmo solto na conversação, ou desapegado nos folhetins galhofeiros, poderamos julgar estes philosophos uns ferventes energumenos do culto interno, e profundos pensadores nas glorias celestiaes.

Todavia, nem todos os philosophos escrevem folhetins, nem mesmo a existencia do folhetim, filho bastardo da litteratura, lhes é conhecido. Ha d'elles, que chamados a uma suave palestra sobre as mais vulgares idéas do catecismo catholico, ignoram-nas,

e descrêem-nas pelo facto simples de as não meditarem para sabel-as. Outros, versados em humanidades, se devemos acredital-os, e versadissimos em grosso cabedal de sciencia respigada nos celleiros dos almanaks, vão a Coimbra examinar-se em doutrina christã, e voltam reprovados, como quem fôra defender theses *de omni scibili.*

Estes vergonhosos factos não são raros, e pena é que esta asserção não seja mero incentivo á hilaridade, quando, com ella, fazemos jus á compaixão, e á censura tão bem merecida pelos paes, e pelos mestres.

O certo é que dos nossos philosophos muitos são assim. D'outro quilate, se os ha, não os conhecemos; nem devemos julgal-os encapotados no rebuço da modestia.

Desde que, infelizmente, a questão religiosa desbordou da esphera ecclesiastica, a imprensa catholica lançou a luva aos seus poderosos adversarios. Era tão brava a remettida dos livres pensadores, apregoavam-se tão alto as victorias da razão sobre o christianismo — que, por mais convictos e armados, os soldados fieis d'aquelle magestoso symbolo, retrahiam-se pavidos, ao pensarem na grande luta, que travavam com as hordas philosophicas, capitaneadas pelo genio do seculo XIX.

As batalhas, apenas feridas, desfalleciam. O inimigo, perdido o terreno, guerreava de soslaio, acommettia atraiçoadamente, como conquistador, que almeja uma victoria; mas que ella seja inquinada com as bandeiras deshonradas. A deshonra, que mancha a estrategia philosophica de nossos adversarios, é a manobra de ridiculez, a que recorrem, depois que a verdade solemne e severa os feriu na face.

A minha razão! Esta soberba confiança, que os incredulos tem na sua razão, é o primeiro e ultimo golpe que elles dão na sua deusa. Chamam á incredulidade o signal d'um espirito independente; e a razão é o sepulchro da incredulidade!

«Acreditei — diz La Harpe — porque examinei; examinai, e acreditareis como eu.»

Mas o peor é examinar, porque no exame vai a difficuldade do estudo; e para não crêr dispensam-se cuidados e talento: é a triste admissão do axioma: *Plus negaret asinus quàm probaret philosophos.*

Dos incredulos ha alguns que o publico reputa instruidos, e nós forçosamente consentimos n'esse conceito. Mas, desde a infancia, entretidos nas sciencias de immediato interesse na vida, não lhes sobra tempo, nem vontade, para se desvelarem n'um estudo methodico em religião. Outros, tambem dignos da admiração que pedem seus brilhantes poemas, seus deleitosos romances, e mesmo suas profundas lucubrações em sciencia, consagraram á religião as horas d'ocio; porém, como ociosos, crearam romances, sonharam reformas, e decoraram o symbolo christão de poeticos apparatos, a titulo de novas consequencias tiradas do Verbo. São quasi sempre inintelligiveis; mas em todo o caso compete-lhes o juizo que Rousseau fazia dos seus contemporaneos: «Hoje não se estuda, nem se analysa: sonhase, e dá-se-nos, como philosophia, os sonhos d'algumas noites de pesadelo.»

Em verdade, os preceitos de Jesus Christo são gravissimos para aquelles que não sentem de dentro o nobre impulso de acolhel-os. A virtude não é filha das bossas, nem a phrenologia modifica as más indoles, que repugnam dulciferar-se pelos conselhos evangelicos. «Eu queria vêr o homem — dizia La Bruyère — sobrio, moderado, justiceiro, negar a existencia de Deus, e o futuro, por consequencia; fallaria ao menos sem interesse; mas tal homem não se encontra.»

A incredulidade, irmã da ignorancia, é filha da vaidade e da libertinagem.

«Em quasi todos os seculos da igreja christã tem apparecido a incredulidade religiosa; porque em todos elles se tem dado as causas de que procede. Mas não se póde negar, que desde que os sectarios, que chamamos protestantes e reformados, sacudiram

o jugo da authoridade, e deram á razão licença illimitada, este mal cresceu muito em numero de pessoas e se dilatou por toda a Europa, penetrando aos seus recantos mais defendidos.

«O homem é naturalmente religioso, e a educação em toda a parte reforça esta propensão natural. Comtudo, como em muitos casos o coração corrupto deseja sacudir os receios de um juiz infallivel e recto, e a soberba de entendimento se impacienta das decisões da authoridade, e quer distinguir-se sujeitando tudo ao exame proprio e propria determinação, a corrupção e soberba, ou de accordo entre si ou em separado, impugnam os dictames da natureza, desprezam as decisões da razão universal, e arrojam as brandas prisões de uma saudavel obediencia. Poucas vezes porém a corrupção por si só se adianta a tamanho desatino, e quasi sempre nas suas exorbitancias se encosta ao depravado entendimento: este ultimo é que em grande parte d'estes tristes successos não necessita de que o coração o preceda, e estimule, e sem mais incitamento que o do seu orgulho procede á temeraria investigação, e resolve a sabor dos seus prejuizos e segundo o que mais lisonjeia o seu phrenetico prurido de independencia.

«Ha diversas castas de incredulos. Uns o são por discurso mais ou menos ponderado; outros por imitação, por amor da singularidade e por moda. Estes ultimos impropriamente se chamam incredulos; são imitadores, arremedadores pueris dos primeiros.

«Os primeiros ou se limitam a duvidar e ainda a decidir em silencio, ou se adiantam a publicar e talvez a persuadir os seus conceitos Os que publicam e persuadem sem alcançarem o damno grave que com isso causam, são menos criminosos, porque lhes falta a consciencia de obrar mal: mas não alcançando o que é tão obvio, o que a experiencia mostra a cada hora, dão a vêr uma leviandade, uma falta de reflexão, que de força envilece o seu testemunho.

«Se publicam e persuadem com bom conhecimento do damno, que qualificação se deve applicar á sua temeridade? Porém, de mais de serem tão culpados criminosos, por isso mesmo que conhecem que a incredulidade causa ao homem grande detrimento, vem a conhecer que a religião lhe é proveitosa, porque o mesmo é ser damnosa a incredulidade. que ser de proveito a fé e religião. De sorte que não só são inimigos deliberados da humanidade, são ainda incoherentes, e antes contradictorios em suas especulações.

«Os que decidem em silencio, tem ou não profundado as questões tão relevantes como abstrusas, que devem ser ventiladas antes da decisão: se não tem profundado, quem os póde salvar da nota de juizes levianos? Se tem profundado, como são tão presumidos que se lisonjeiam de tomar pé em um pego altissimo, onde os Socrates, os Platões, os Aristoteles, os Ciceros, isto é, os maiores, os mais rectos e exercitados engenhos, de que ha noticia, se o poderam tomar foi encostando-se aos dogmas philosophicos da religião?

«Os que por ultimo duvidam entre si mesmos, não dão testemunho contrario á religião, porque duvidar é cousa bem diversa de attestar: e antes em certo modo reconhecem a valia dos seus fundamentos, pois que quem duvída, deixaria de o fazer, se lhe parecessem faltos de toda a valia os fundamentos do ponto sobre que duvída.

«Bugios, levianos, perversos, incoherentes, presumpçosos, duvidadores em fim, que sem quererem abonam a religião, são por consequencia os individuos, de que se compõe a grei dos incredulos. Não terei duvida em me desdizer, se me provarem que ha excepção; se a não ha, que causa é evidentemente a que não tem por si mais que semelhantes abonadores?

«Se a causa não tira preço da qualidade dos sujeitos que a seguem e a sustentam, tambem o não tira dos motivos por que elles aqui se determinam. Deixemos os pueris arremedadores, cujos motivos claramente devem ser despreziveis. Deixemos ainda

os duvidadores, porque, tudo bem considerado, não seguem, nem sustentam. Que motivos se podem assignar aos mais, que não sejam ou repugnancia de suas paixões a um freio saudavel, ou desejo de terem cumplices e companheiros no crime, ou empenho de innovarem por seus particulares interesses bem ou mal entendidos, ou uma soberba razão que em seu phrenesi orgulhoso despreza o senso universal dos homens e das idades, e se atreve a dizer — sujeite-se o mundo todo ao meu arbitrio; só eu possuo a verdade?

«O amor puro d'esta filha do céo, o serio desejo de aproveitar á felicidade dos homens jámais inspiraram, jámais hão de inspirar um incredulo resoluto e menos um dogmatisante: só aquelles motivos comtudo poderiam, não digo authorisar, mas desculpar a exorbitancia de qualquer d'elles.

«Para se conhecer bem claramente que o desejo de aproveitar á felicidade humana não póde inspirar um incredulo, basta observar o homem dos incredulos e comparal-o com o da religião. No homem dos incredulos (ou no automato, porque se não póde dizer homem) nem ha nobreza de essencia e origem, nem elevado destino, nem honrados estimulos para a virtude, nem a consolação tão suave e em todos os casos tão necessaria, de esperanças. Sabe do laboratorio do universo como o mais vil e abjecto dos entes; e para elle deve tornar todo, sem differença do mais baixo reptil ou da herva mais desprezivel: a sua essencia não passa da de um relogio de bem acabado artificio: vive entregue aos impulsos arrojados da sua materia; e quando melhor, aos dictames de uma razão fraca, escura e incerta que a cada passo é illudida pela vontade, e vacilla e hesita em trevas profundas: a sua esperança proxima não se póde encostar senão á propria e reconhecida fraqueza; a remota pára na desolação da morte, na medonha sombra de um sepulchro.

«É este o homem da tua creação, ó cega e vã philosophia? É certamente. E onde lhe pões o principio das idéas pobres, dos desejos sublimes, dos grandes projectos, das obras dignas na immortalidade? Onde pões a faisca sagrada, de que deve proceder o ardor, a chamma da virtude? Onde a guarda, que o embarace de se arrojar ao principio espantoso do vicio e do crime? Onde o balsamo suavissimo para tantos trabalhos, tantos desastres, de que não pódes aliás defender a triste existencia humana?

«Para o depravares assim e o degradares, é que o arrancas dos altos e eternos conselhos, do plano admiravel, das mãos omnipotentes de um Deus!

«Lastimas-te de o vêr reputar-se pouco inferior aos espiritos celestes, imagem do eterno, objecto especial de sua Providencia, destinado á immortalidade e á gloria sem termo! Estudas sophismas, empregas calumnias, irrisões, brados, vã eloquencia para o convenceres bem de que é mero bruto, de que não tem que esperar mais do que uma cançada existencia e por fim completa aniquilação! Pergunto, e se fosses o seu mais decidido e furioso inimigo, que farias?

«Não é preciso ser propheta, para vaticinar que este contagio nunca se ha de pegar no grosso do genero humano. As lidas da incredulidade, se a tanto aspiram, serão sempre frustradas: eternamente será reduzida a encobrir as suas pretenções, a minar debaixo da terra, a laborar nas trevas. Não digo já que se por occasião fizer algum progresso, os seus mesmos effeitos hão de doutrinar duramente os desgraçados proselytos, e pôr todos os mais em justa cautela: digo que nunca farão progresso que tenha proporção, nem sombras de proporção, com o grosso da humanidade. O bom senso não póde desamparar os homens ao todo, o seu irresistivel instincto não póde ser represado, não se contrasta o seu impulso universal. Assim zomba a Divina Providencia dos esforços insensatos dos phreneticos que a contradizem!

«Eu não sei se a fabula dos gigantes que intentaram, sobrepondo montes, escalar o céo, se inventou como

emblema de uma semelhante empresa: mas sei que é um emblema perfeito; sei que o intento nem é menos sacrilego, nem menos vão; sei que não já a verdade, mas a mesma fabula podéra desenganar os novos gigantes, que o não são mais que em phrenesi e no orgulho.

«Epicuro e a sua escóla pregam o atheismo e sequer a irreligião: os moços deliciosos da Grecia e de Roma, e mesmo alguns homens, ou preoccupados ou menos profundos, abraçam a sua doutrina: os costumes publicos, o valor, o caracter nobre dos povos resentem-se da sua influencia: mas o genero humano continua na sua crença substancial, a religião dominante não soffre detrimento.

«Apparece a religião christã prégando uma estulticia, humilhando o entendimento, declarando guerra aos affectos, com a cruz por divisa, com os seus tormentos por preceito; e lança raiz, lavra, cresce e dilata-se por toda a terra, por doutos e indoutos, por philosophos e idiotas, por grandes e por pequenos, e isto entre obstaculos, contradicções de todo o genero, conflictos mortaes. Desampparam-se os templos gentilicos, mingúa o concurso das solemnidades, arde ou o zelo ou a emulação dos sacerdotes dos deuses, e o christianismo obriga pelo seu vulto a politica a render-lhe vassallagem e pelo menos reverencia.

«Que será isto? Se me dizem os incredulos que a razão da differença consiste em um empenho especial da Providencia, necessario é que a reconheçam: se não dizem, como não hão de dizer que é manifesto empenho do céo; ao menos hão de conceder, que o homem é naturalmente propenso á religião e repugnante á incredulidade.

«Mas se é assim, porque me esfórço em desenganar o mundo das insinuações da incredulidade, em pôr obstaculos ás suas empresas? Direi: não tenho o mais leve receio de que a incredulidade grangêe o genero humano, nem sequer parte avultada d'elle, não. Mas ainda uma parte minima não tenho por desprezivel. Ah! como hei de vêr a sangue frio, que este moço incauto se disponha para ser varão perverso, e velho desesperado? que este homem simples se torne infeliz, bebendo o veneno que desconhece? Se defender só estes dous, não é perdido o trabalho; nem o seria defendendo só um. E não será possivel desinfectar algum dos mesmos contagiados? Conheço a difficuldade; não ignoro a obstinação do erro, do erro que lisonjeia as paixões e assegura o vicio, e sobretudo a do caprichoso orgulho. Mas em fim esta obstinação não é invencivel. Ha momentos venturosos: ha occasiões em que a soberba afrouxa, e a razão tem accesso e penetra. Não tenho noticia de Spinosas que se desdissessem. Mas quem sabe! e uma palinodia de Spinosa vale bem o trabalho de se procurar.

«Demais d'isso, se não é possivel que lavre este contagio por avultada porção da humanidade, é certo comtudo que as provincias, os estados, as partes do mundo recebem do halito empestado uma frouxidão, um desfallecimento dos bons principios, que é de gravissima importancia. Não cedem lugar aos ruins, mas elles relaxam-se, remittem; e se para serem bem efficazes precisavam, como é certo, de um determinado tom, de justa intensidade, aquella remissão ou destroe ou diminue muito a sua efficacia. Porque não acudiremos logo com remedios? Ora um d'elles, certo que é precatar e pôr em guarda os homens.

«Nós não intentamos outra cousa. Das pessoas dos incredulos temos lastima. Sabemos que caro, e bem caro, lhes custa o contentamento com que agora ou se desvanecem das suas luzes, ou se pavoneiam de dominar alguns espiritos fracos e descahidos, ou arrojam uteis cadêas, ou fartam sem remorso, se tanto é possivel, paixões brutaes. Tempo virá, e não é muito distante, em que não ha paixões que satisfazer, em que as cadêas arrojadas entram a parecer necessarias, em que a futilidade do pretendido imperio se mette pelos olhos, e em que as luzes começam a reputar-se meros e

até enganosos vislumbres. Chegará, digo, a fria velhice; e com ella as duvidas, as suspeitas, as inquietações, e prouvera a Deus que tambem de desenganos.

«Homens incredulos, não aguardeis para tão tarde. Desde logo, desde já sopeai paixões, removei prejuizos, considerai friamente, e vereis que a vossa pretenção é vã, se se encaminha a converter o mundo; que a vossa especulação é mal fundada, e que a força que suppondes nos seus fundamentos não passa da vossa propria phantasia. Que mal vos faz a religião? Humilha-vos: mas quem não conhece que o orgulho humano precisa ser muito reprimido? Contém excessos, impede ou reprehende desatinos: mas quereis em razão d'isso persegui-la, quando a devieis reverenciar e abençoar? Alenta-vos com esperanças, promette-vos gloria e ventura sem defeito e sem limite: e é possivel que sem demencia intenteis destruir o principio de tamanho beneficio? Diz: oh! que me alenta com esperanças falsas e me entretem com promessas enganosas! Não, não são falsas, não são enganosas: mas dêmos por um pouco que o sejam: e por vos entreter e alentar sem detrimento por qualquer modo merece a vossa ira? Guardai as iras para o amor grosseiro, para a ambição, para a avareza e toda a cohorte de suas companheiras: ellas é que verdadeiramente vos dão esperanças, vos promettem felicidade que se torna sempre em ruina e desventura, e de que a experiencia de cada hora vos dá incorrupto testemunho. Mas a religião que as denuncía! a religião que as previne! a religião que as encontra, que as cruza, que as refreia!... Acaso negareis que tal é o empenho e o emprego da religião? Fio de vós que vos não atrevereis a tanto: ao menos em presença de quem vos póde facilmente confundir por injustos, ou por cegos á evidencia.

«Abri os olhos, ponde-os n'este bello astro; que a sua luz é benigna e suave. Erguei-os do abysmo das duvidas, das incertezas, da desesperação. Como póde ser que vos deleiteis parando com a vista nas sombras, na soledade, no esquecimento da sepultura? Tal é o prazer amargo, tal é o deleite espantoso e horrendo a que o orgulho pretende levar os homens! Sob pena, lhes diz ainda... Sob pena de que? E póde haver mais crua pena do que a desesperação a que convidas?

«A incredulidade accusa a religião de tornar o homem infeliz, quando é verdade rigorosa e de bem facil demonstração, que o homem privado de religião é o mais desgraçado de todos os animaes, e por isso mesmo de todos os seres do universo. Os brutos não esperam; e tambem não receiam. Para os brutos a morte não só não é temivel, mas nem sequer existente. Para o homem, e para o homem só, é o contrario. Conhece, previne, receia e aborrece a sua dissolução. Se para lá do sepulchro, que de força se lhe offerece muitas vezes á phantasia, não alonga os olhos, que será d'elle nos bens, e nos males (ainda mais certos) da vida? Para os bens, que quereria eternisar, a morte se lhe apresenta como termo inevitavel e terrivel: apresenta-se-lhe para remedio dos males, a morte que é o maior de todos. O gosto de possuir é aguado com a certeza de perder; a dôr cresce com a certeza, e ao menos vehemente receio, de não acabar senão com a existencia.

«O poeta romano exhortava o amigo a lograr os prazeres do mundo, incitando-o com a lembrança de que em breve, e muito em breve, iria jazer entre os cyprestes odiosos, de que se acompanhavam os tumulos dos antigos. Ha tal sem razão! Chamar os prazeres com a lembrança da morte que se apressa, não é o mesmo que convidar para o banquete do tyranno, onde agudas espadas pendiam de cabellos sobre as cabeças dos assistentes? E ao seu bom amigo ousava fazer tal envite o discreto Horacio? Sim, porque a incredulidade não sabe, nem póde fazer outro melhor.

«Mas a religião não arranca o temor da morte. Não arranca o temor da morte! E que significam os dese-

jos de um Paulo? que significam as resoluções dos martyres? Se não obra em todos o mesmo denodo, a culpa claramente é d'elles, não é a religião, que n'aquell'outros mostrou e mostra o que póde. Mas dêmos que o não póde arrancar; o que se segue é que não póde suffocar a natureza: mas não a póde emendar? E o emendal-a será pouco? E seja embora pouco: esse mesmo pouco deixa de poder e até de intentar a incredulidade.

«O mundo anda sempre em conflicto com a religião, e a religião com o mundo: nem póde deixar de ser. Os objectos sensiveis, os interesses, os negocios que lhes tocam, é o que chamamos mundo. No seu uso, no seu meneio é requerida indispensavelmente a mais rigorosa circumspecção; aliás a sua mesma prosperidade ou perfeição se desmantela e acaba em ruinas. Applicar esta circumspecção é a providencia da religião em grande parte; mas quanto mais ella se empenha e apura, mais o mundo se lhe recusa e se desvia. D'aqui a guerra perpetua.

«Os incredulos são os campeões do mundo: e n'isto mesmo se vê a discordia entre o mundo e a religião, pois que para defender o mundo é necessario pôr a religião de parte. Assim são os incredulos, os mantenedores do orgulho, das riquezas, das delicias, das commodidades sensuaes; e a religião, a incançavel pregoeira da humildade de coração, do desapêgo dos bens caducos, da austeridade e ainda dureza dos costumes. E basta apontar estes contrapostos para vêr que o bem verdadeiro do homem não póde estar na philosophia de incredulidade.

«E pois que a nossa felicidade póde consistir com o orgulho, que nos cega? com as riquezas, de que o abuso é quasi necessaria consequencia? com as delicias, que nos enervam e nos desbaratam? com os commodos sensuaes, inimigos certos do valor e soffrimento tão necessarios? O mesmo Epicuro e Aristippo não pretendiam tanto; e até a incredulidade menos grosseira se preza de pretender o contrario.

«Preza-se comtudo de pretender o contrario, mas não trabalha senão em promover aquella felicidade absurda. Dá tudo á razão humana, e quer reprimir a sua soberba? Incita ao amor dos bens caducos, e quer deter o abuso? Trata de aniquilar o espirito, de reduzir tudo aos sentidos, e póde condemnar os commodos sensuaes e as delicias? Miseraveis contradicções, que poderá encobrir a verbosidade rhetorica, mas que forçosamente ha de revelar a pratica: d'onde vem que as maximas de Epicuro inculcavam uma cousa, e os costumes dos seus sectarios mostravam outra.

«Os incredulos, que não passam de scepticos ou duvidadores, já nós dissemos que não dão testemunho contrario á religião, porque duvidar não é attestar. Mas se em quanto duvidam entre si mesmos não empecem, já não é assim quando publicam as suas duvidas. As duvidas fazem vacillar os animos a que se communicam, e a sua hesitação é um grave detrimento. O mundo presente o mostra. A temeridade, que tudo assola, tem-se agora represado um pouco, e o que talvez domina mais é o scepticismo; comtudo o estrago não é menos temeroso, porque ao homem o que lhe serve é crêr decididamente, e a decidida crença dista pouco menos da hesitação que da incredulidade.

«Se porém os resolutos incredulos são pouco desculpaveis no seu dogmatismo, os scepticos em assoalhar as suas duvidas ainda o são menos. Os primeiros encontram e atropellam o que desprezam, os segundos atropellam o que ainda não chegaram a desprezar. Talvez vós seguis e abraçaes a verdade, mas não escrupuliso em vos indispôr e preoccupar contra isso mesmo que seguis e que reconheço que póde ser o verdadeiro; eis aqui o pratico discurso de um prégador sceptico. E quem não vê o absurdo e o criminoso d'este discurso e d'esta pratica?

«És absurdo, ó sceptico, não digo já em duvidar, mas em levar á duvida os outros homens, quando não tens resolvido ainda se o que abraçam

é a falsidade. Obras contra a tua consciencia infallivelmente; porque obrigas os mais a se despegarem e desviarem d'aquillo mesmo que claramente ainda não tens por mau. E se fôr bom! Não és o inimigo do bem em tal caso? Mas por isso mesmo que vacillas, te expões contra o proprio juizo são a encontral-o.» (D. Francisco Alexandre Lobo).

INDIA. (Veja Goa e Nova Goa).

INDOLE. A nossa indole é a sequencia dos nossos primeiros costumes. Esta idéa de Helvetius, vinha já notada por Montagne: «Observo que os nossos maiores vicios vem embryonarios desde a primeira instancia, e que em mãos das amas está a principal rédea que nos rege.» (*Tratados*). Fénelon exprimiu a mesma idéa: «Os primeiros habitos são os mais fortes.» (*Educação das meninas*). — «A educação do homem principia-lhe ao nascer.» (Rousseau, *Emilio*). De feito, é tamanho o poder das primeiras impressões, que nunca olvidamos a lingua maternal — aquella em que exprimimos nossos primeiros pensamentos, e estes tão notaveis phenomenos da educação explica-os a physiologia. (Veja Cerebro).

INDUCÇÃO. «Argumentação *inductiva* é uma serie, mais ou menos numerosa, de proposições particulares coordenadas entre si, de cujo complexo se extrahe uma proposição geral que as representa syntheticamente a todas, e ainda as de semelhante natureza, embora não incluidas na enumeração; como se vê no seguinte exemplo:

«*O ouro dissolve-se pela acção do fogo: pela mesma se dissolve a prata, pela mesma o cobre, o estanho, o chumbo, o ferro*, etc.; logo *todo o metal* (conhecido ou desconhecido) *se dissolve pela acção do fogo.*

«Quando na enumeração se comprehendem todas as proposições particulares que servem de fundamento á conclusão geral, a argumentação inductiva diz-se *completa*, e tal seria a do citado exemplo, se n'ella se fizesse expressa menção de todos e cada um dos metaes em particular. Quando a enumeração é sómente parcial, e por tanto a conclusão ostensivamente mais extensa que as premissas, a argumentação diz-se *incompleta* ou *imperfeita*, como por exemplo: quando se pretendesse provar por inducção que *todos os homens pensam*. Na primeira dá-se uma perfeita equação entre o conjuncto das premissas e a conclusão: a segunda, quando bem fundamentada, não é menos legitima, sendo supprida pela razão a deficiencia da observação, como adiante se verá.

«Chama-se argumentação *analogica* o aggregado de proposições, em que se infere da semelhança parcial de diversos objectos em certas propriedades conhecidas a sua semelhança em alguma propriedade incognita ou não observada: tal é o argumento pelo qual se inferem *os estados da alma dos nossos semelhantes pelos da nossa*. Differe da argumentação inductiva em que esta procede sempre do particular para o geral, em quanto a analogica procede ordinariamente do particular para o particular, podendo exercer-se não só entre individuos da mesma especie mas ainda de especies differentes.

«Dá-se o nome de *exemplo* a uma especie particular da argumentação analogica, fundada em determinadas relações entre dous ou mais objectos dados. Distinguem-se tres especies de exemplos, a saber: 1.º — *à pari*, quando a argumentação se funda em uma relação de igualdade, como esta: A *injuria offende-me;* logo *deve tambem offender o meu semelhante:* 2.º — *à contrario*, quando se funda em uma relação de opposição e contraste, como esta: A *mentira é odiosa;* logo a *veracidade deve ser louvavel:* 3.º — *à fortiori*, quando se funda em uma relação de preferencia ou superioridade, como esta: A *mentira é odiosa*, logo *muito mais o deve ser a calumnia.*

«A argumentação inductiva e a analogica teem de commum o serem fundadas em principios fornecidos em par-

te pela observação, em parte pela razão, apoiada na crença da *uniformidade* e *constancia* das leis da natureza, que póde formular-se n'este axioma: *As mesmas causas produzem os mesmos effeitos; causas semelhantes produzem effeitos semelhantes.* Cumpre porém que aquella crença seja bem justificada e não meramente hypothetica, o que depende da observancia de certas regras, que a logica ensinará.

«Segundo a materia a que se applicarem, podem distinguir-se ainda duas fórmas nas indicadas argumentações, ou antes nas operações que ellas exprimem: uma *empirica*, propria das sciencias experimentaes, destinada a fazer conhecer as propriedades constitutivas, as leis e as causas proximas dos objectos da observação; outra *racional* ou *transcendente*, que se exerce mais propriamente nos dominios da razão, destinada á investigação das condições e razões *à priori* das cousas e respectivas relações. O resultado da primeira exprime-se pela proposição geral, como n'este exemplo: *Os corpos são extensos:* o da segunda pela proposição universal ou *absoluta*, como n'este: *Todo o effeito suppõe uma causa.* O primeiro é de natureza *contingente*, o segundo *necessaria.*» (Almeida e Azevedo).

INDUSTRIA. É o complexo das *artes uteis* esclarecidas pelos conhecimentos humanos, ou a actividade das forças physicas e moraes do homem applicada á producção. Consoante o objecto da arte, distinguimos industria agricola, manufacturaria e commercial. Toda industria envolve tres operações: conhecimento das leis da natureza — missão do sabio; applicação d'aquelle conhecimento — missão do industrial — execução ou mão d'obra; missão do obreiro. — A natureza dos paizes e o genio do legislador são grande parte na determinação da preponderancia de um ramo de industria sobre os outros. A antiga Roma honrava a agricultura, e desdenhava as artes manufacturaria e commercial. Em Athenas o negocio e o lavor das officinas eram favorecidos, do mesmo passo que o solo arido prestava ao agricultor mesquinhissimos recursos. A Austria e China acoroçoam os progressos da agricultura, e fecham em grande parte as suas fronteiras ao commercio. A Hollanda deve ao commercio o poderio e opulencia. Os inglezes, como tivessem a boa estrella de possuir, primeiro que as outras nações, admiravel fórma de governo, protector de pessoas e bens, aperfeiçoaram a par agricultura, commercio e manufactura. A grandeza e progresso dos Estados-Unidos são obra da Inglaterra — é o sangue britannico a dar vida áquella potencia, ainda recente e já colossal. França, retalhada de grandes rios, banhada por dous mares, e ricamente cruzada de estradas e canaes, póde levar ao maior grau de prosperidade os ramos da sua industria. Portugal, paiz essencialmente agricola, bem que prejudicado n'esse manancial de riqueza pela cubiça que promove a emigração para a America, e descura os grandes maninhos das provincias do sul, revela, desde a época memoranda do marquez de Pombal, habilidade nas industrias, pelas quaes este paiz mal conhecido tem logrado nivelar-se nos seus productos expostos ás nações que mais timbram de adiantadas.

«Devidamente admiramos os talentos favorecidos pela fortuna e educação que, aproveitando os seus ocios, estudaram as sciencias, e com ellas sobredouraram as bellezas artisticas. Mas não é somenos a estima e o elogio que prestamos ao artista desprotegido de instrucção, e com os recursos da natureza sómente, que se afaz a pensar, deixando seus membros trabalhar, digamol-o assim, por tradição machinal. — Tenho esmerilhado a origem das maiores e mais rapidas riquezas conquistadas pelo fabrico: observei sempre que eram alcançadas por homens que as principiaram sem capital. Se o observador social quer formar idéa exacta do povo francez no estado em que o elevou o adiantamento das artes, figure-se que a maioria dos industriaes começou sem recursos, e enriqueceu a traba-

lhar, observando, experimentando, e ajuntando a economia á actividade. Comparem a sorte de cem rapazes que se fizeram operarios na officina com cem filhos de artistas que chegaram á custa de sacrificios e auxilios alheios a entrar em collegio para se educarem grega e latinamente. Ao sahirem dos seus pomposos estudos, já rhetoricos, já logicos, já metaphysicos, que cousa aprenderam elles de immediata applicação? Tirante um pequeno numero, que o talento fez sobresahir, os restantes que sorte vão ter? Vivem por praças a mendigar favores. Dez vezes mais numerosos que os empregos a que aspiram, os mais d'elles arrastam-se pobremente; ao passo que os outros cem de confronto, se são honestos e operativos, acham sempre trabalho, e, ao mesmo tempo que melhoram como productores, vão augmentando o preço da sua mão d'obra. — Prouvera a Deus que todos os chefes de familias honestas se compenetrassem d'estas verdades, e predispozessem seus filhos á exploração do futuro, sem os acostar ao orgulho ou á utilidade.» (Charles Dupin).

INFECÇÃO. «Acção exercida na economia por miasmas morbificos. A infecção differe do contagio, em que este, uma vez produzido, não tem mais necessidade, para se propagar, da intervenção das causas que lhe deram origem; em que este se reproduz de certo modo por si mesmo, por contacto, e independentemente, até certo ponto, das condições atmosphericas; ao passo que a infecção, devida á acção que substancias animaes e vegetaes em putrefacção exercem no ar ambiente, não obra senão na esphera do foco de que emanam os miasmas morbificos. Verdade é que a infecção propaga-se de um individuo doente a outro são, como o contagio; mas não é por contagio; é alterando o ar ambiente que o primeiro individuo obra sobre o segundo, a respeito do qual elle vem a ser, de alguma sorte, outro foco de infecção.

«*Desinfecção.* Operação por meio da qual se destroem as qualidades nocivas que o ar, as paredes de um quarto, a roupa ou qualquer objecto, adquirem pela impregnação de substancias mui tenues, de natureza multipla, ordinariamente designadas pelos nomes de miasmas, de emanações, de effluvios, etc. Os vapores das substancias odoriferas queimadas, taes como a alfazema, o vinagre, o succino, o incenso, o assucar, etc., não são *desinfectantes*, porque não fazem senão encobrir por um instante os cheiros fetidos sem destruirem os miasmas, e, em vez de purificarem, viciam ainda mais o ar; são por conseguinte nocivos, e nunca deveriam ser empregados. O mesmo se poderia dizer da combustão da polvora, fazendo-se comtudo abstracção do movimento que ella produz na atmosphera.

«O chloro, os chloruretos de cal, de soda e de potassa, tem, pelo contrario, a propriedade de decompôr os miasmas putridos.

«O ar póde ser alterado pela combustão do carvão, pela reunião de muitas pessoas ou de muitos vegetaes em um lugar limitado, pela fermentação do vinho, pelas fermentações putridas, e principalmente as das latrinas, e dos canos ou cloacas.

«Se o ar não está viciado senão em proporções pouco consideraveis de gaz não respiravel, basta renoval-o para desinfectar o lugar. A renovação do ar opera-se por meio de janellas ou de outras aberturas situadas nas extremidades do espaço viciado. Quando, pela disposição dos lugares, a ventilação fôr mais difficil, como nas covas profundas que só tem uma abertura superior, modifica-se o processo da maneira seguinte: introduz-se na abertura unica um tubo, do qual uma das extremidades desce até ao fundo da excavação, e a outra communica com o ar livre; dispõe-se um fogo vivo que se suspende na cova a um ou dous pés abaixo do orificio. D'esta maneira o fogo dilata o ar situado em cima e attrahe o ar infectado da cova o qual, á proporção que sobe e sahe atravessando o foco, é substituido pelo ar exterior, que chega á excava-

ção por meio do tubo que communica com a atmosphera.—Os limpadores de poços recorrem a um meio mais simples, bem que da mesma natureza. Consiste em lançar repetidas vezes, nos poços que se acham infectados, grandes brazas bem accesas, até que a sua combustão se possa entreter facilmente. A bordo dos navios empregam-se diversas especies de ventiladores para purificar, pela renovação, o ar dos porões. Póde-se tambem, quando a insalubridade provier da presença do gaz acido carbonico, associar aos meios de ventilação o emprego d'agua de cal, que absorve com rapidez este gaz deleterio. Quando os gazes ou emanações miasmaticas tem uma grande intensidade venenosa, como o ar mephitico das latrinas, a ventilação não basta. É preciso destruir o gaz hydrogenio sulfurado, de cuja presença dependem as propriedades mortaes da atmosphera das latrinas. Obter-se-ha este resultado pelas aspersões e projecções na cova do chlorureto de cal, e pela ventilação por meio de um fogo que dilate o ar da mesma, posta em contacto com o ar externo por meio do tubo de que acabei de fallar.

«O ar póde ser viciado pelas emanações de materias vegetaes ou animaes em decomposição, como acontece nas salas dos hospitaes, lugares de sepulturas, salas anatomicas, etc.; n'esse caso é preciso servir-se dos vapores de chloro. Eis aqui a maneira de desenvolver o chloro, conforme o processo de Guyton de Morveau. Põe-se em differentes capsulas de barro uma mistura intima de uma parte de peroxydo de manganez e de quatro partes de sal commum, pesados na balança; deitam-se de tempo em tempo sobre estes pós duas partes de acido sulfurico, diluido por outro tanto d'agua, e agita-se a mistura. Collocam-se as capsulas sobre cinzas quentes, e de quando em quando passeia-se com ellas por differentes pontos do lugar que se quer desinfectar. Entretem-se estas fumigações por muitas horas, e fecha-se exactamente o local. Vinte horas depois, abrem-se as portas e janellas, e o ar renova-se. Por este meio torna-se sadio o lugar mais infecto. A roupa do corpo e da cama desinfecta-se, pendurando-a em algum espaço em que se desenvolva chloro gazoso em quantidade. Se se quer desinfectar a madeira da cama ou outros moveis, é preciso, antes de expôl-os a estas fumigações, laval-os com agua chlorurada preparada da maneira seguinte: deita-se sobre duas onças de chlorureto de cal secco tres libras d'agua, agita-se, e deixa-se formar um deposito. Côa-se o licôr, deitam-se ainda sobre o deposito duas libras d'agua, e reunem-se estas duas soluções.

«Os vapores de chloro desenvolvidos conforme o processo guytoniano não se podem empregar senão em lugares deshabitados, por causa de sua acção irritante sobre os orgãos pulmonares. Para os quartos habitados empregam-se os chloruretos, e collocam-se de distancia em distancia pratos com dissolução concentrada de chlorureto de cal (preparada como acima se disse); póde-se tambem fazer borrifar com uma solução mais diluida (duas libras de solução concentrada diluidas em vinte e quatro libras d'agua) ou com agua de Labarraque. D'esta maneira desinfectam-se as latrinas, os hospitaes, os quartos dos doentes, proporcionando sempre a quantidade de chlorureto á intensidade dos miasmas. O desenvolvimento do chloro humido, que se opera gradualmente, não tem os inconvenientes do chloro das fumigações; até obra com vantagem nos individuos affectados de bronchite e de tisica, e excita o appetite das pessoas que gozam de boa saude.

«Quando se trata sómente de purificar roupa impregnada de fumo de tabaco ou de algum outro cheiro desagradavel, basta pendural-a em um armario, no qual se collocam dous pratos com duas onças de chlorureto de cal secco, e fecha-se o armario. Seis horas depois, o cheiro do tabaco estará destruido.

«Para a desinfecção das aguas e das carnes que tem soffrido um principio

de decomposição, emprega-se o carvão com maravilhosa vantagem.

«Digamos, recapitulando, como obram os differentes agentes de desinfecção. A *ventilação* renova o ar e leva á immensidade atmospherica o dos espaços circumscriptos que estão infectados. A *agua de cal* absorve o acido carbonico, qualquer que seja a sua fonte. O *chloro* decompõe o hydrogenio sulfurado e todos os miasmas putridos, apoderando-se de um dos seus principios constituintes, o hydrogenio, com que se combina, para formar o acido chlorhydrico. O *carvão*, em fim, destroe a podridão das aguas e o cheiro infecto das materias vegetaes ou animaes em decomposição, absorvendo os gazes deleterios que resultam d'estas decomposições.

«Ha ainda outras substancias que obram chimicamente como *desinfectantes*: assim o sulfato de ferro, o sulfato de zinco e o carvão neutralisam as emanações das latrinas; a pedrahume destroe o cheiro ammoniacal da ourina; o hypochlorito de cal o cheiro das materias animaes putrefactas.

«*Pós para desinfectar as materias fecaes.* Sulfato de ferro 100 partes, sulfato de cal 130, sulfato de zinco 5, carvão de lenha 5. Cinco oitavas d'estes pós lançados n'uma vasilha a desinfectam.

«*Outra receita.* O sulfato de ferro reduzido a pó, e lançado na latrina em quantidade sufficiente, desinfecta immediatamente as materias fecaes. Póde tambem empregar-se dissolvido em agua. Obtem-se o mesmo effeito, lançando na latrina sulfato de zinco reduzido a pó.

«*Outra receita.* Sulfato de ferro 1 kilogramma, agua 8 litros. Dissolva e derrame esta solução no lugar infectado, ou empregue-se em lavatorios com esponja.

«*Outra receita.* Sulfato de zinco 1 kilogramma, agua 8 litros. Dissolva e proceda do mesmo modo, que na receita precedente.

«*Outra receita.* Chlorureto de zinco 1 parte, agua quente 40 partes. Dissolva. Mesmo emprego.

«*Modo empregado em Pariz, para desinfectar as materias fecaes, na occasião em que se despeja uma cloaca.* N'uma tina de madeira da capacidade de cerca de 2:500 litros, forrada de lamina de chumbo (para evitar a oxydação dos arcos de ferro pela infiltração do liquido), deita-se 500 litros d'agua, 500 kilogrammas de acido sulfurico a 53 graus, 150 kilogrammas de zinco em pedaços, mexe-se tudo com um pau até á completa dissolução do zinco. Depois de frio o liquido ajunta-se-lhe agua em quantidade bastante para que o areometro marque 26 graus. Se estas prescripções não forem bem observadas, poderá acontecer que o liquido deitado na cloaca produza a sahida das materias; n'este caso seria preciso cobrir com azeite toda a superficie da cloaca com meia pollegada de espessura. Estando o liquido bem preparado, é preciso lançar cerca de 20 litros d'elle na cloaca para cada metro cubico, para que a desinfecção seja instantanea.» (Chernoviz).

INGLATERRA. O clima da Inglaterra é humido, frio e nevoento. É por isso, lá impossivel a cultura dos vinhedos. As neblinas, que condensam o ambiente, mantem frescura favoravel aos pastíos, onde pascem carneiros e cavallos muito apreciados. Produz abundantes cereaes, fructas e legumes. Os nervos e musculos de suas manufacturas são as importantes minas de estanho e infinitas camadas de hulha. É activissimo o commercio interior, e abraça exteriormente todos os portos do mundo. A riqueza britannica deve muito ás suas faceis communicações. Escocia e Irlanda, cobertas de lagos, são em fertilidade menos ricas do que Inglaterra. Londres é a maior e mais populosa cidade da Europa; mas é de notar que não é murada, e abraça os arrabaldes da cidade. Os mais celebrados edificios são a cathedral de S. Paulo modulada por S. Pedro de Roma. A torre, outr'ora residencia real, serve hoje de arsenal e deposito de objectos preciosissimos; e o tunnel ou passagem

subterranea, aberto no Tamisa por um engenheiro francez, etc.

INIMIGOS. «Todos os bens ou sejam da natureza, ou da graça, são beneficios de Deus; e a ninguem concedeu Deus esses beneficios sem a pensão de ter inimigos. Mofino e miseravel aquelle que os não teve. Ter inimigos parece um genero de desgraça; mas não os ter é indicio certo de outra maior. Ouçamos a Seneca não como mestre da estoica, mas como estoico da côrte romana. Uma das mais notaveis sentenças d'este grande philosopho é: «Miserum te judico, quia non fuisti miser.» Eu te julgo por infeliz e desgraçado, porque nunca o foste. Este porque, antes de explicado, é difficultoso; mas depois de explicado, muito mais. Como póde um homem ser desgraçado, porque o não é? Porque ha desgraças tão honradas, que têl-as ou padecel-as é ventura: não as ter, nem as padecer é desgraça. E esta, de que fallava Seneca, qual era? Elle se explicou: «Transiisti sine adversario vitam.» Foste tão mofino, que passaste toda a vida sem ter inimigos. Não ter inimigos, tem-se por felicidade; mas é uma tal felicidade, que é melhor a desgraça de os ter, que a ventura de os não ter. Póde haver maior desgraça, que não ter um homem bem algum digno de inveja?

«Themistocles em seus primeiros annos andava muito triste: perguntado pela causa, sendo amado e estimado, como era, de toda a Grecia, respondeu: «Por isso mesmo. Signal é o vêr-me amado de todos, que ainda não tenho feito acção tão honrada, que me grangeasse inimigos.» Assim foi. Cresceu Themistocles, e com elle a fama de suas victorias: e não destruia tantos exercitos de inimigos na campanha, quantos se levantavam contra elle na patria.

«Para que vejam os odiados ou pensionados do odio, se se devem prezar, ou offender de ter inimigos. Aquelles inimigos eram as trombetas da fama de Themistocles: e os vossos são testemunhas em causa propria de vos ter dado Deus os bens que lhes negou a elles.» (Vieira, *Sermões*, tom. II).

INJURIA. O *sermão da montanha* nos dá sublimada lição ao proposito da injuria. A injuria é, pelo ordinario, o aleijão de pessoas mal educadas que, á mingoa de boas razões, não tem melhor arma que desfechar á face das pessoas que odeiam. — «O melhor e mais expeditivo meio de rebater a injuria é esquecel-a.» (Solon). — «O homem de bem não se vinga de injurias: antepõe perdoal-as.» (Tito Livio). — «O perdão das injurias é a virtude, e o distinctivo do sincero christão.» (De Beauterne).— «É d'alma sublime repellir injurias com beneficios.» (Confucio).

INSTINCTO. (Veja ALMA).

INSTRUCÇÃO. 1. Esta palavra (do latim *instructio*, disposição, derivado de *struere*, construir) exprime a sciencia mais vulgar, o que se aprende nas escólas. Differe da educação a instrucção, sendo que a primeira inclue a idéa do bom emprego e uso da segunda: póde pois haver instrucção com má educação, se o saber não é realçado por boas maneiras e bons costumes. O fim da educação é desenvolver as faculdades moraes, em quanto a instrucção visa a enriquecer as faculdades intellectivas. Não obstante, instrucção e educação se alliam e confundem na pratica frequentemente; todavia é importante estremal-as. Fazem-se mister principios para a formação dos costumes. Ora, só mediante a intelligencia os principios se estabelecem. Concorre pois a instrucção para a educação, tanto como a educação para a instrucção, com o auxilio dos seus habitos de ordem e regular trabalho. É compativel *instruir* sem educar; mas já o não é formar o coração sem ao mesmo tempo desenvolver o espirito. Não se coaduna imprimir na consciencia do homem regras de proceder, explicar-lhe principios reguladores de seus actos, sem ao mesmo tempo lhe alumiar o espirito, augmentar-lhe as

idéas, em uma palavra, instruil-o. Póde pois, rigorosamente, a educação supprir a instrucção; mas a instrucção só por si não dispensa a educação. (Veja EDUCAÇÃO, CONHECIMENTOS, ENSINO, METHODO, ARITHMETICA, GEOMETRIA, PHYSICA, etc.) É a instrucção quanto á alma o que a luz é quanto aos olhos. Na prosperidade, é ornato; no infortunio é refugio.» (Philémon). — «Se o corpo com exercicio moderado se fortalece, com doutas instrucções se aperfeiçoa o espirito.» (Isocrates). — «É a instrucção a melhor provisão de viagem para a paragem da velhice.» (Solon). — «É a pompa do rico e do pobre.» (Mabire). — «Não ha ahi ninguem menos curioso de saber que as pessoas que nada sabem.» (Suard). — «Não posso deixar de censurar os paes persuadidos de haverem cumprido o que devem aos filhos, entregando-os aos mestres, e não curando nunca de saber como lh'os ensinam. Em verdade, erram gravemente, porque deveriam em pessoa ajuizar do adiantamento dos filhos, em vez de se reportarem ao que lhes dizem estranhos.» (Plutarco).

2. Ácerca de instrucção em Portugal escreveu o snr. D. Antonio da Costa e Sousa de Macedo a *Historia da instrucção popular*, livro de folego e profundidade como todas as elucubrações d'aquelle grave escriptor, desde a mocidade applicado á civilisação de sua patria pela cultura das almas. Concluindo o seu livro, — que afoutamente aconselhamos a quem deseja instruir-se, compendía o snr. D. Antonio da Costa as secções principaes da sua obra, n'estes conceituosos periodos:

«Nos tempos primitivos a ignorancia era quasi geral. D. Affonso Henriques e os reis seus successores estabelecem os mosteiros, de que resulta o ensino essencialmente monastico.

«D. Diniz funda a universidade, estreia o principio da secularisação, e cria indirectamente o ensino popular.

«De D. João I a D. Manoel o engrandecimento da nação corre parallelo ao derramamento da instrucção scientifica, especial e cosmographica, e a typographia concorre para abrir uma era brilhante ás letras nacionaes.

«D. João III dota a universidade com a reforma mais ampla que até alli tinham visto os portuguezes, e institue, além do ensino nas sciencias superiores, o ensino das letras, fazendo n'este ponto reflectir entre nós o brilho da renascença; mas é o mesmo D. João III que admitte posteriormente a companhia de Jesus.

«Durante dous seculos a companhia monopolisa a educação e instrucção, fechando as fontes do ensino official, monastico e particular, e imprimindo á instrucção o seu cunho privativo.

«O marquez de Pombal expulsa os jesuitas, regenera a instrucção, resuscita a universidade, estreia a educação popular e liberta por todos os modos o entendimento nacional.

«A obra da educação popular desfallece nos governos de D. Maria I e D. João VI, até á revolução de 1820.

«A revolução de 1820 proclama principios regeneradores, sobreluzindo pela primeira vez a garantia da instrucção *a todos* os portuguezes e a liberdade ampla do ensino. Os governos seguintes extinguem estes principios até que se consolida a nova fórma politica.

«A liberdade produz as reformas da instrucção primaria de 35, 36 e de 44, a creação em 1870 do ministerio de instrucção publica, a reforma da educação e instrucção popular de 16 de agosto e outras.

«Ao lado da instituição official do ensino, nasce no seculo XV, sob a protecção da rainha D. Leonor, o elemento da educação pela caridade individual e associativa, e segue até hoje brilhando como uma das mais formosas qualidades da indole portugueza.

«O ensino livre, consociando-se com o ensino official e com o ensino beneficente, completa o quadro da organisação educativa.

«Tal é em resumo a luta gloriosa que desde a fundação da monarchia até aos nossos dias o principio da edu-

cação popular tem sustentado contra o flagello da ignorancia. Se apparecem nuvens e paixões, deploremol as, e não esquecendo o que se fez, saudemos a memoria de quantos contribuiram para a santa causa da instrucção popular com a sua intelligencia, com os seus haveres ou mesmo com o seu olhar de amor. Respeitemos o passado no que elle teve de bom, e se nos gloriamos das nossas armas, das nossas conquistas, dos nossos descobrimentos, dos dotes generosos da alma portugueza, não nos gloriemos menos da historia da nossa instrucção, onde ha paginas tão brilhantes.

«Não nos esqueçamos, sobretudo, do poder da liberdade. Em todos os periodos das instituições progressistas os grandes principios da instrucção foram reconhecidos. A instrucção popular encontrou na liberdade um seio aberto para a acolher. Amemos pois a liberdade, nós os filhos d'este seculo, os que vêmos na instrucção geral e desmonopolisada o verdadeiro meio de melhorar a sorte dos engeitados da fortuna. Tem a liberdade sido mal administrada? Entorpecem o desenvolvimento publico? Dissolvem-se os partidos? Glorifica-se a instrucção com os labios, e é deslembrada com as obras? Está doente a grande causa? Embora. Amemos a liberdade, amemol-a ainda mais no seu desamparo, e façamos que os nossos filhos, mais bem instruidos, a comprehendam melhor, se quizerem ser mais felizes.

«Por fatalidade, além das leis de instrucção primaria serem actualmente insufficientes, muitos dos seus principios não se tem chegado a applicar. Taes são: as escólas do segundo grau, as escólas normaes no reino, o ensino obrigatorio, a publicação dos compendios, a edificação das casas escolares e outros. Isto, sem que o espirito publico se aterre diante da pavorosa ignorancia popular.

«Pois aterre-nos hoje ainda mais a ignorancia do que a reacção. Não é debalde que a liberdade reina entre nós ha meio seculo. Está felizmente arraigada nos costumes. Não basta, porém, que a idéa triumphe. A responsabilidade principia n'esse momento, e a luta da reedificação é muito mais seria. Não ha a liberdade só, ha a libertação tambem. Liberdade, um decreto a promulga; a libertação, essa é mais custosa e não menos importante, porque é a liberdade em obras. Quereis que a liberdade continue deixada a si propria sem as grandes bases da educação nacional? E quando vos vierem dizer que a liberdade arrasa monumentos, fuzila refens, e converte o seculo XIX na peor das invasões barbaras, que é a invasão aperfeiçoada com os progressos do tempo, respondereis então que a liberdade é uma peste como effectivamente seria a liberdade da criança, ou a do selvagem? Não vos illudaes com o silencio nem com a tranquillidade: se desamparardes a libertação, a liberdade em vez de um bem prodigioso que é, só ha de encontrar um abysmo em que se afunda.

«Que fará a nação? Conquistará novos territorios, como D. Affonso Henriques? Intentará descobrir mundos novos, como D. Manoel? E porque não possa nada d'isto, desapparecerá moralmente da Europa? Não. Se não tem diante de si novos continentes e novos oceanos, tem a sua propria terra; dentro d'ella, como um thesouro, o campo das intelligencias populares; e este campo fertil e immenso, mas por emquanto improductivo, é que se lhe torna necessario arrotear. Dentro d'elle está o cofre da felicidade, e abre-o a chave da educação.

«A nação tem sêde não só do lêr, mas de todos os assumptos educativos e profissionaes que hoje elevam a instrucção a uma verdadeira reformação social. A instrucção adiantou-se em relação ao passado, mas ainda não se nacionalisou; o povo não sabe. A questão não está no decretamento de providencias palliativas. Está na seriedade do assumpto, e na verdade pratica d'elle.

«Não te deixes adormecer, ó patria; tu, que tens uma alma nobremente ambiciosa, sobre a tua cabeça um céo esplendido, e em roda de ti a cinta

magestosa do oceano, que só não se fecha no ponto do qual não serias a cubiçada, se não valesses tanto.

«Que livro o teu!

«Quem tem uma historia onde se leiam datas como as tuas? independencia, arrojo, liberdade! Quem soube fundar uma nacionalidade como tu? expulsar estrangeiros? estrear a liberdade sem uma gota de sangue? presentear o mundo com mundos novos? Quem tem assim uma historia de armas, de descobrimentos, de glorias, de resignação, de brios e de amor como tu, ó patria de heroes?

«Acorda, no meio d'este seculo febril, que por entre os seus cataclysmos entresonha um mundo melhor. Tu, que já soubeste conquistar a liberdade do pensamento, da palavra, da associação, da imprensa, da industria, da terra, que derribaste os monopolios dos vinculos, do ensino e do trabalho, que aboliste os tratos, a escravidão e a pena de morte, que publicaste os codigos, que elevaste o nivel social, une as tuas forças e resurge d'este sepulchro de desalento á voz da instrucção que te abre os braços.

«A civilisação está chamando por ti. Responde á civilisação, que só é um bem immenso a troco de um immenso trabalho. Tudo quiz a Providencia que houvesse de custar á humanidade, mas por isso mesmo no grande custo pôz o grande bem. Trabalha e aperfeiçoa-te. Não olhes muito para traz, que lá está o retrocesso, nem muito para diante, que lá está a anarchia; olha para o alto, sobe, eleva-te pela instrucção que é o meio, para a felicidade que é o fim. Crê, ama, e sobretudo instrue-te, porque na instrucção está a crença e o amor.

«Como ponto fundamental interessem-se as classes populares *directamente* n'esta questão, que é a sua questão, e tomem com arrojo a iniciativa. A associação das classes populares para o ensino dos proprios associados e das suas familias tem feito prodigios nos povos allemães e americanos, ministrando o ensino primario, profissional, conferencias, discussões, todos os meios de desenvolvimento.

«Povo, povo, a tua causa é a da instrucção, porque só ella é que póde aperfeiçoar a saude, a moralidade e o trabalho dos teus filhos, o que lhes ha de permittir crearem propriedade, fundarem familias, envelhecerem no remanso da paz, morrerem nos braços da felicidade. Povo, fonte inexhaurivel onde se vai buscar na sua pureza a linguagem, o sentimento, a poesia, a tradição, o amor nacional, a riqueza, o tributo do sangue, o trabalho, tudo quanto ha grande, opéra o maior progresso, associando-te especialmente para a tua instrucção, e não só pela gloria de Portugal, e não só pela civilisação europêa, mas tambem por necessidade propria, porque se a humanidade é nossa irmã, a patria é nossa mãi.»

«Será ou não perigoso o ensino e a instrucção nas classes inferiores da sociedade? — Ha quem receie esta instrucção nos operarios, nos trabalhadores, no povo em fim; nós somos de opinião contraria, e estamos profundamente convencidos de que o perigo não está no povo instruido, mas sim no povo ignorante; e quem o duvida olhando para a nossa historia desde 1820? Mas deixemos essa questão, que póde ser irritante, e voltemos á nossa these: — é ou não util instruir o povo? — Nós repetimos — sim — porque o aperfeiçoamento da razão humana conduz ao refreamento das paixões, e estas são mais temiveis em espiritos incultos do que n'aquelles em que a educação penetrou: a ignorancia é a companheira da anarchia e da demagogia; quando por outra parte se tem observado que os habitos de reflexão, que são inseparaveis do gosto da leitura, ajudam e favorecem o espirito de ordem e bom procedimento nos que a ella se dedicam. — É entre os automatos, que vegetam como animaes nas ultimas classes da sociedade, que se acham os *agitadores*, e aos *desordeiros* e ás *mas-*

sas ignorantes se dirigem os Catilinas e os Marats do tempo: chamam-lhes *virtuosos* e soberanos quando precisam d'elles para pôr em pratica planos tenebrosos. Uma insurreição feita por pessoas serias e instruidas seria impraticavel. Regra geral, a instrucção é a mãi da prudencia; o selvagem é imprudente e imprevidente porque é ignorante; a previdencia e a reflexão seguem necessariamente nas nações, assim como nos individuos, o progresso da civilisação e da instrucção; o trabalhador e o operario que estudarem os elementos das sciencias moraes e naturaes hão de reflectir sobre a sua situação e da sua familia; concentrando as suas idéas, necessariamente hão de pensar que o bom procedimento e a sobriedade são as garantias mais solidas da sua felicidade, e que o seu primeiro dever como maridos e paes é o de segurar em quanto moços e robustos aquelles gozos e recursos que lhes hão de ser precisos quando forem velhos e enfermos. — Quando tiverem alcançado o gosto e o habito da leitura fugirão da preguiça e dos vicios. Um operario que por sua reflexão não gastar doze vintens em bebidas espirituosas, não ha de ser certamente sedicioso. A educação aperfeiçoa a sociedade, não só porque dá habitos e costumes de regularidade, mas tambem porque substitue esses maus costumes pelos bons; um operario estudioso e applicado achará a sua delicia no estudo mesmo, elle será feliz e contente, não só por ter aprendido o que os outros sabem, mas tambem por saber o que os outros ignoram: quando elle estiver possuido do amor da sciencia ha de fugir então ás distracções mesmo innocentes para se entregar totalmente ao estudo; n'este estado podem bem os Cleons e os Hyperbolos dos nossos dias bater-lhe á porta; prudente por calculo e por gosto não se precipitará em desordens e sedições das ruas que possam comprometter a sua vida e os seus gozos. — Impossivel nos parece que aconteça o contrario, e pensamos mais, que cegos partidistas do que existe passarão antes ao excesso de nada reformarem, mesmo o inutil, só por medo de arriscarem a paz e socego publico; em summa acreditamos que os thesouros intellectuaes, pelo estudo adquiridos, produzirão nos operarios o mesmo effeito que a riqueza produz nos poderosos, isto é, o de dar-lhes um interesse directo na ordem publica. — Um povo instruido ha de conhecer mais depressa do que o ignorante, que o seu interesse consiste na paz e ordem publica; a instrucção lhe ha de fazer conhecer mais, que a inviolabilidade das propriedades é um seguro esteio da sociedade, e que atacar á força bruta as classes ricas é uma monstruosa injustiça. — Em summa, na marcha actual das sociedades européas o que nos parece util, o que nos parece necessario e indispensavel é o proporcionar ao povo uma instrucção solida fundada na sciencia e na religião.» (X. de A.)

INSTRUMENTOS DE AGRIMENSURA. 1. Ha duas especies de instrumentos para os trabalhos graphicos da geometria: 1.º os que se empregam nos trabalhos de gabinete para o traçado das figuras e plantas, são: regoas; esquadros de madeira ou de metal; diversos compassos, um de *reducção* e outro de *proporção; escalas; transferidores;* 2.º os que servem para operar no terreno, por exemplo, levantar a planta de uma provincia, de uma propriedade agricola, fazer um nivelamento. Os principaes instrumentos d'este genero de trabalhos, são: bandeirolas, fixos, cadêa de agrimensor, fita ou carrete, para medir distancias; prancheta, para traçar directamente no papel o plano horisontal do terreno, por exemplo, de um campo, de um bosque; esquadro de agrimensor, bussola, graphómetro, pantómetro, para formar e medir angulos, os niveis de fio de prumo, de bolha de ar e de agua, que servem para medir as alturas das collinas, os accidentes de um terreno, etc. (Veja Proporções, Escalas, Levantamento das plantas, Nivelamento, Are, Agrimensura, etc.)

2. A *cadêa de agrimensor* é um instrumento que tem um decametro ou 10 metros de comprimento. Compõe-se de 50 *fuzis* de arame de ferro de 2 decimetros de comprimento, e reunidos por anneis. Os metros acham-se indicados por argolas de latão, e a metade do decametro por uma ponta de fio de ferro de 0m,03 preso ao annel. — O *esquadro de agrimensor* serve: 1.º para levantar uma perpendicular sobre uma recta dada; 2.º para abaixar, sobre uma recta, uma perpendicular por um ponto dado; 3.º traçar no terreno angulos de 45º. É uma caixa de cobre, da fórma de um prisma octogonal regular ou de um cylindro recto, de 8 a 10 centimetros de altura, e 5 ou 6 de diametro. Cada uma das quatro faces que, parallelas a duas e duas, são perpendiculares ás outras duas, tem uma fenda longitudinal, sendo metade da abertura uma fresta, e a outra metade uma janella com um fio no prolongamento da fresta: formam o que se chama uma *pinnula*. A fresta de uma face corresponde á janella da face opposta; e de tal sorte dispostas que, os planos visuaes dos dous systemas de pinnulas, estão perpendiculares entre si. As outras quatro faces são pinnulas mais simples; cada uma é aberta ao comprimento, em fórma de fresta terminada por um pequeno *oculo circular*. O esquadro está fixado a um canudo de cobre para se armar sobre a cabeça de um pique de madeira com ponta ferrada.

3. O *graphómetro* é um semi-circulo de cobre, cujo *limbo* está dividido em graus e meios graus, numerados nos dous sentidos como no transferidor; o diametro, que se chama *linha de fé*, tem nas suas duas extremidades duas *pinnulas*, com janella, fresta e fio, dispostas como no esquadro precedentemente descripto. No centro do semi-circulo está cravado um eixo ao redor do qual gira uma regoa, chamada *alidade*, armada, como a regoa fixa da linha de fé, de pinnulas nas extremidades; além d'isso, leva nas extremidades dous *nonios* circulares que se ajustam perfeitamente ao limbo, e cuja graduação, variavel segundo as dimensões do circulo, permitte avaliar fracções de uma divisão; ordinariamente, o nonio dá minutos. Algumas vezes, substituem-se as pinnulas por oculos, para se poderem visar os objectos a grandes distancias. No meio do graphómetro acha-se uma pequena bussola, que serve para orientar o plano.

4. O *pantómetro* é um instrumento que serve conjunctamente de esquadro de agrimensor e de graphómetro. Tem a fórma de um cylindro recto cortado, perpendicularmente ao seu eixo, em duas partes. A parte superior é movel ao redor do seu eixo; e ha um botão na parte inferior que permitte dar-lhe movimentos lentos; está atravessada por quatro aberturas cujos planos visuaes se cruzam em angulos rectos; e na sua circumferencia existe um nonio, como na alidade do graphómetro. A parte inferior está fixa, e só tem duas aberturas, uma em fórma de fresta e a outra de janella; a sua circumferencia está dividida em 360º. Ás vezes o pantómetro tem um ou dous oculos, para visar os objectos a grande distancias. — Nas operações para o estudo, póde-se substituir o graphómetro ou pantómetro por um transferidor de 1 a 2 decimetros de raio, construido em madeira ou cartão, e dividido em 180º; uma regoa fará as vezes de alidade.

5. A *prancheta* é uma pequena mesa rectangular tendo pouco mais ou menos oito decimetros de comprimento sobre cinco de largura, e armada pelo seu centro, sobre um tripé. A mesa assenta no tripé por meio de um joelho de duas conchas, que mediante um parafuso de pressão, permitte dar-se-lhe todas as posições possiveis relativamente ao tripé. Estende-se uma folha de papel sobre a mesa, collocando-a umas vezes nos bordos, outras vezes enrolando-a a dous cylindros fixos á prancheta, e que podem girar ao redor dos seus eixos; uma alidade serve para traçar as linhas na direcção indicada pelas pinnulas.

INTELLIGENCIA. A intelligencia,

uma das tres essenciaes faculdades humanas, decompõe-se em muitas faculdades secundarias. A actividade da intelligencia chama-se *pensamento*. O primeiro acto do pensamento é bem discernir de nossos sentimentos e de nós mesmos os objectos exteriores que nos actuam sobre os sentidos, o mundo interior do exterior, o *eu* do *não-eu*. Esta faculdade de observar, este olhar do espirito, chama-se *attenção*. A faculdade de conservar a lembrança das sensações, e das idéas, chama-se *memoria*. Com experiencia e memoria, conheço o presente, e certa parte do passado, ignoro, porém, o futuro. A natureza proveu esta insufficiencia dando-nos a *inducção*, e habilitando-me assim a induzir do passado para o futuro. Esta faculdade de inferir ou deduzir, de recordar imagens ou combinar sensações chama-se *imaginação*. — «A memoria representa o passado, a imaginação concebe o porvir; uma repete, a outra combina, uma recebe em deposito as adquisições do espirito, a outra veste a seu grado de mil côres o objecto a que elle aspira; a primeira funda-se no habito; a escolha, que se impõe, dá-lhe força; a segunda é espontanea; e na liberdade é que está o seu poder.» (De Gérando). O exame attento de nossas sensações exteriores chama-se *reflexão*. A faculdade de comparar entre si duas ou muitas cousas, e destrinçar-lhes as analogias e relações, chama-se *raciocinar* ou formar raciocinios. A razão é como a luz e rainha das outras faculdades da intelligencia. (Veja FACULDADES, ALMA, IMAGINAÇÃO, MEMORIA, RAZÃO).

INTERJEIÇÃO. «A interjeição é uma parte da oração invariavel que exprime os affectos d'alma, e equivale a uma proposição implicita.

«Exemplos da interjeição em lugar d'uma proposição: *Olá!* é o mesmo que vem cá; *triste de mim!* é o mesmo que sou muito desgraçado; *Jesus!* o mesmo que valha-me Jesus; *animo!* o mesmo que tem animo.

«Principaes interjeições: de dôr — *ai, ai de mim, ai Jesus;* de prazer — *ah, viva;* de admiração — *oh, ah, ui, irra, arre* (termo baixo); de susto — *Jesus! Virgem Santa!* de animação — *eia, ora sus, animo, bravo, ávante, vamos;* de indignação — *apre, fóra, fóra d'aqui;* de chamar — *ó, olá, ptsio;* de impôr silencio — *chiton, tá, silencio;* de desejo — *oxalá, oh!*

«Quando a interjeição é composta, como — *ai de mim!* chama-se locução interjectiva.

«Nota 1.ª — Julgamos conveniente fazer uma enumeração succinta das partes da oração invariaveis, porque a influencia d'estas particulas, especialmente *conjuncções* e *preposições*, é de summa importancia no discurso, e o perfeito conhecimento do seu emprego muito concorre para facilitar a analyse, quer se trate da syntaxe das palavras, quer da syntaxe das proposições.

«Nota 2.ª — Não enumeramos as *particulas prepositivas* ou preposições que só entram na composição das palavras, como *di, dis, ex, soto, con*, etc., porque não ligando ellas propriamente uma palavra a outra, não vem ao nosso proposito.» (Sotero dos Reis).

INVASÃO. Os povoados e nações, nos seculos chamados *barbaros*, e bem assim nos que se dizem *cultos*, fizeram alternadamente suas invasões. Invasão é a entrada subita de um exercito em qualquer paiz, ao qual previamente não foi declarada guerra, e uma torrente que, no seu extravasar, arranca e roja tudo que topou no impeto assolador. É sempre injusta no seu principio, cruel e tyrannica em seu desenvolvimento. Os gallezes, povo eminente e unicamente bellicoso, de origem desconhecida, vivia tão sómente do espolio de suas invasões, e todavia houve tempo em que fizeram tremer a mais poderosa das nações. 1400 annos antes de Jesus Christo, e outra vez cerca do anno 587 conquistaram o norte da Italia, onde tantas vezes voltaram seus descendentes. O primeiro exercito romano que os avistou fugiu espavorido (batalha de Alba em 390); tomaram e incendiaram Roma (390); pozeram cerco ao capi-

tolio por espaço de sete mezes, e forçaram o senado a resgatar-se a dinheiro. Passou então o caso do famoso Brennus, seu capitão, que proferiu a celebre phrase, atirando o pesado gladio sobre a cuia da balança, onde se pesava o ouro: «*Væ victis!*» (Ai dos vencidos!) Não obstante, os romanos esforçaram-se em vencer os gallezes, que foram aspados da lista das nações. — Pouco depois, os barbaros da Germania ameaçaram todas as fronteiras do imperio, que declinava ao seu termo. Em 406 depois de Christo, os alanos, suevos, vandalos, e burgões transpozeram o Rheno. Rechaçados após dous annos de barbaros destroços, passaram os Pyreneos, e talaram a Hespanha. Os burgões sómente ficaram em França onde fundaram o reino de Borgonha. Os visigodos, vindos por Italia, apossaram-se da Aquitania. Os allemães occuparam a Alsacia, e os francos, depois que repulsaram os romanos e subjugaram outros povos da Gallia, deram seus nomes e bandeira á terra invadida. Sob Meroveu deu-se a formidavel invasão de Attila, que entrou até Orleans, levando a devastação e a morte adiante de si.

Invasões na Lusitania. «As armas de Carthago commandadas por Mezerbal invadiram Hespanha, e ao depois entraram na Lusitania. As tribus, que habitavam a extremidade da peninsula iberica, defenderam longo tempo a independencia, e liberdade: mas sem disciplina, e quasi sem armas, cederam ao poder dos conquistadores, e Carthago pouco e pouco dilatou o seu dominio, ora pelos triumphos, ora pela sagacidade, e brandura de seus generaes.

«Carthago costumava mandar governadores ás partes de Hespanha, que as suas armas avassallaram: e os successores de Mezerbal consolidaram mais e mais a occupação da Lusitania, e n'ella fundaram povoações, nas quaes os carthaginezes se estabeleceram.

«Mas os lusitanos ciosos da liberdade, de que se viam despojados, se sublevavam de quando em quando contra os invasores, e com elles se travavam ora no campo, ora de emboscadas. Assim que, o dominio de Carthago na Lusitania nem fôra mui extenso, nem sempre tranquillo.

«Carthago se não satisfez com o dominio de Hespanha: os thesouros, que d'ella extorquia, podiam saciar a sua ambição, mas não o odio, que tinha á sua rival. Era tempo de effectuar o plano de Amilcar: o destino deparára um homem digno da empresa.

«Annibal desembarcou em Hespanha com um grosso exercito. Penetrou na Lusitania, e n'ella as suas tropas percorreram vastas montanhas no alcance de domar a estes habitantes destemidos. Atravessou ao depois o Ebro: em sua marcha uns povos espontaneamente se lhe uniram; as suas armas subjugaram a outros. Menos terror inspirava o conquistador carthaginez, do que a ambição, e tyrannia de Roma.

«A Hespanha pareceu tranquilla: Annibal commetteu a Asdrubal o defendel-a desde o Bœtis ao Ebro, e resolveu transpôr os Alpes, e atacar Roma em seus mesmos lares. Vinte mil homens de todos os povos de Hespanha marcharam debaixo dos estandartes d'elle, e partilharam a gloria dos triumphos de Ticino, Trebias, Trasimeno, e Cannas.

«Mas para empecer a marcha do inimigo, e retardar a sua mesma queda, Roma fizera estalar a guerra no centro de Hespanha. C. Scipião foi mandado á frente das legiões, e as armas romanas dominaram desde os Pyreneos ao Ebro.

«Todavia este dominio encontrára quasi sempre resistencia. Quando os consules, e pretores, que o senado enviára á frente das legiões para expulsarem as armas carthaginezas, as haviam desbaratado no campo, ainda lhes restava ao depois o travarem-se com os indomitos lusitanos, que trabalhavam afincadamente em sacudir o jugo, ora de Carthago, ora de Roma.

«Os lusitanos perseveraram pois em defender a independencia, e liberdade do seu paiz. Quaesquer que fossem as armas, a cujo dominio a

sorte das batalhas os entregára, não podiam reputal-as senão como contrarias. Marchavam alternadamente ao campo debaixo dos estandartes de um de seus dous conquistadores: aquelle, em cujo poder ficára a victoria, era o seu inimigo. As suas armas ora eram banhadas do seu mesmo sangue, ora as tingiam no de seus ambiciosos tyrannos.

«Tal se houve a Lusitania n'esta luta pertinaz, e sanguinolenta entre duas nações as mais poderosas, e aguerridas, e que disputavam pelo dominio universal. Finalmente as armas carthaginezas foram expulsas de Hespanha: Annibal evacuou a Italia: as aguias romanas triumpharam, e o seu dominio se consolidou desde os Pyreneos ao Ebro.

«Comtudo os lusitanos não foram totalmente domados, e ainda conservavam ares de sua antiga liberdade: Roma pareceu desdenhar a estes povos, quer pela distancia, que os separava, quer pelas escarpadas, e inaccessiveis montanhas, a que elles se abrigavam, nas quaes era baldado todo o valor, e disciplina das legiões.

«Feita a primeira divisão das Hespanhas, a Lusitania ficou sob o governo do pretor da Hespanha ulterior. Mas ella se mostrou sempre rebelde ao jugo romano: a altivez, e valor de seus habitantes pareciam indomaveis. Zelosos da liberdade, e independencia, de quando em quando se sublevavam, e ora derrotavam as legiões de seus oppressores, ora eram derrotadas por ellas. Os que escapavam da tyrannia, e barbaridade dos pretores buscavam asylo nas montanhas: lá respiravam a aura da liberdade, e aguardavam pela opportunidade de descerem ás planicies, e de novamente se travarem.

«Á voz de um guerreiro seu compatriota estes foragidos surgiam ás armas: ao descer das montanhas os habitantes das planicies engrossavam as suas fileiras: e a disciplina, e o valor das legiões cederam muitas vezes o triumpho á raiva, e á desesperação d'estes guerreiros tumultuarios. Appimano, Cesaron, Cancheno, Viriato, Tantalo, Sertorio, e Perpenna, foram os seus chefes mais distinctos, e repetidas vezes ganharam a victoria aos generaes da republica. Proconsules, pretores, e questores com as suas legiões foram batidos, e destroçados, e até alguns foram mortos no campo da batalha. Sext. Degicio, P. C. Scipião, L. Emilio Paulo, L. Q. Crispino, C. Calpurnio Pison, e Lucullo embalde pretenderam estancar os triumphos dos lusitanos.

«Largos annos decorreram n'esta luta. Mas Roma não podia tolerar que as suas aguias fossem de continuo rechaçadas, e que as suas legiões veteranas sem repouso se achassem sempre no campo de batalha: cumpria avassallar a estes povos rebeldes ao jugo da escravidão — qualquer maneira de o fazer fôra licita aos olhos dos conquistadores do mundo.

«Assim que, o senado quebrantou tratados solemnemente ratificados; e os pretores não tiveram escrupulo de alcançar por traições, perfidias, e assassinios, o triumpho, que o valor lhes arrancava no campo.

«S. Galba mandou depôr as armas aos lusitanos, para attender ás proposições de paz, que lhe faziam: e o indigno pretor pela mais inaudita perfidia investiu o campo, e passou á espada trinta mil lusitanos.

«Q. S. Scipião fez assassinar a Viriato quando de noite dormia na tenda.

«Através dos seculos o tempo não pôde delir a memoria d'estes feitos execrandos: e a gloria do capitolio será marcada de um ferrete indelevel, quer pelos crimes, que Roma perpetrára contra a Lusitania, quer pelas tyrannias, com que fizera expirar a liberdade universal.

«Mas desde que os pretores, e as legiões se cobriram de tamanho opprobrio, os triumphos dos lusitanos rapidamente declinaram. Uns se asylaram nas montanhas: outros cahiram em poder dos conquistadores atrozes, e eram forçados a arrancar das entranhas da terra o ouro, que nunca bastava a fartar a ambição do senado, e dos pretores.

«Attenuados em fim d'uma resis-

tencia longa, e sanguinolenta depozeram as armas, e viveram sob o dominio romano como parte de uma provincia da republica.

«As guerras civis entre Cesar, e Pompeu tornaram a fazer surgir ás armas a Hespanha inteira, que favorecia o partido de Pompeu: mas depois da batalha de Munda, Cesar a subjugou totalmente, e usurpou em Roma o poder supremo. Desde então a Lusitania, e toda a Hespanha, começou a melhorar sob o governo dos imperadores.

«Mas o imperio romano inclinava á sua decadencia total: nem podia reprimir os motins, e rebelliões de casa, nem repulsar as invasões dos povos do norte: e, aluidos os seus fundamentos, ameaçava geral dissolução.

«O imperio romano confinava ao norte com tres principaes nações, as quaes abrangiam a outros povos — a germanica, gothica, e scythica.

«I. A nação germanica comprehendia os bourguinhões, allemães, saxões, e francos.

«II. A gothica, os vandalos, ostrogodos, visigodos, e gepidas. Deu-selhes o nome geral de godos, e outras vezes de getas.

«III. A scythica, os alanos, hunos, e teifalos.

«376 — A nação gothica se espalhára pela margem esquerda do baixo-Danubio, depois que os romanos abandonaram a antiga Dacia, provincia que Trajano tomára da outra banda do rio.

«406 — Os vandalos entraram no paiz dos francos, atravessaram o Rheno, penetraram nas Gallias, e foram postar-se ao pé dos Pyreneos.

«408 — Alarico, rei dos godos, invadiu Italia.

«409 — Os alanos transpozeram os Pyreneos, e invadiram as Hespanhas.

«410 — Alarico pôz assedio, tomou, e saqueou Roma.

«411 — Suspensas um pouco mais as hostilidades nas Hespanhas, os invasores lançaram sortes para a divisão das terras. Os vandalos, e suevos ficaram em Galliza; os alanos na Lusitania; os vandalos silingos na Betica.

«417 — Mas os vandalos silingos, e os alanos foram batidos por Walia, rei dos visigodos: Ataces, rei dos alanos, foi morto: e estes se uniram aos vandalos, e suevos de Galliza.

«Hermenerico, rei dos suevos, vandalos, e alanos, foi o primeiro que imperou na Lusitania. Desbaratou aos generaes romanos Ecio, e Castino. Foi suave o seu governo, e depois de alguns triumphos morreu na villa de Bretonio.

«440 — Rechila, seu filho, succedeu: e nada houve memoravel.

«448 — Recciario, seu filho, succedeu. Castigou aos rebeldes: exterminou de seus estados aos romanos. Combateu perto de Astorga com Theodorico II, rei dos godos: perdeu a batalha, e se refugiou ao norte da Lusitania: cahiu em poder de Theodorico, o qual o mandou decapitar. Não deixou herdeiros, e com elle acabou a primeira raça dos reis suevos.

«457 — Theodorico penetrou na Lusitania, e subjugou a mór parte dos suevos. Maldra foi por elle eleito rei, e succedeu a Recciario: houve guerras civis com Frontano, seu irmão, que se rebellára.

«460 — Frumario se acclamou, e foi tyranno em seu reinado.

«463 — Remismundo, filho de Maldra, succedeu. Theodorico lhe deu uma filha em casamento, e confirmou a sua elevação ao throno dos suevos. Reinou quatro annos.

«Depois de Remismundo oitenta e tres annos decorreram, nos quaes a historia pela rudeza dos tempos nem transmittiu a successão dos reis suevos, nem o que houvera nos reinados dos que apenas se conhecem.

«Rechila, e Todomondo, cuja era se ignora: e Cariarico em 550.

«559 — Theodomiro, o qual se converteu á religião christã, occupou o throno dos suevos.

«569 — Miro (ou Arimiro), seu filho, succedeu. Moveu armas contra algumas cidades, e morreu de doença no cerco de Sevilha.

«582 — Eborico, seu filho, succedeu.

«583 — Endeca, fidalgo ambicioso,

desposou a mãi de Eborico: e como este fosse de annos verdes, lhe usurpou o throno, e o forçou a fazer-se monge.

«585 — Leovigildo, rei dos godos, expulsou Eudeca, e assumiu o governo dos suevos. Todas as Hespanhas d'ora em diante ficaram sob o dominio dos godos.

Segue a dynastia dos godos.

«585 — Leovigildo houve dous filhos, Herminigildo, e Recaredo: o primeiro professou a religião christã, e foi perseguido pelo pai, o qual o fez prisioneiro em Cordova, e o mandou matar. Subiu ao throno dos godos em 567 — e succedeu no dos suevos em 585. Depois de um reinado, se bem que agitado por armas, comtudo prospero, morreu em Toledo, sua capital.

«586 — Recaredo I, seu filho, succedeu. Rechaçou aos francos: convocou uma assembléa geral em Toledo, na qual declarou professar o christianismo, e exhortou a nação a seguil-o. Reprimiu algumas rebelliões a favor do imperio do oriente, e domou a altivez do clero ariano. Não dilatou, mas soube conservar os seus dominios.

«601 — Luiba, seu filho, succedeu. Não pôde mostrar as virtudes que o ornavam: Witerico lhe usurpou o throno, e o matou depois.

«603 — Witerico acabou de consolidar o dominio de todas as Hespanhas. Cahiu em suspeita de professar o arianismo, e foi morto pelos parentes de Luiba.

«610 — Condemaro foi eleito. Foi principe de grandes virtudes: sustentou guerra contra os romanos.

«612 — Sizebuto foi eleito. Aplacou motins nas Asturias: firmou quasi absoluta independencia do throno do oriente: promulgou leis barbaras contra os judeus: e em Africa tomou Ceuta, e Tanger.

«621 — Recaredo II, seu filho, succedeu; e reinou tres mezes.

«621 — Suintilla succedeu, filho de Sizebuto ou de Recaredo I. Expulsou aos romanos e gregos do Algarve, e foi o primeiro rei de todas as Hespanhas. Abandonou-se a vicios, e foi deposto.

«631 — Sizenando, governador das Gallias, foi eleito. Em assembléa nacional fez banir do throno a posteridade de Suintilla.

«636 — Chintilla, seu irmão, succedeu. Obrigou por um edito a todos os seus vassalos a fazerem-se christãos, e baniu aos judeus.

«640 — Tulca, seu filho, succedeu. Principe de um caracter imbecil, sem vicios, e sem virtudes, foi deposto.

«642 — Kindasvinho foi eleito. Fez morrer aos seus adversarios: teve talentos militares, e litterarios.

«649 — Recisvindo, seu filho, succedeu. Foi clemente, e suave sobre o throno, valente no campo. Deixou a seu filho Theodofredo em tenra idade.

«672 — Wamba, dado á lavoura em Idanha na Lusitania, foi eleito. Domou Navarra, e as Asturias: atravessou os Pyreneos, e destroçou aos seus generaes rebeldes Paulo, e Hilderico, conde de Nimes: e derrotou duas vezes as armadas dos sarracenos. Wamba foi deposto por Ervigio, e abandonou o throno sem pesar, bem como o occupára sem ambição.

«680 — Ervigio foi eleito. Governou com prudencia, e equidade. Nomeou por successor a Egicanes, sobrinho de Wamba, e lhe deu em casamento a sua filha Xixilona.

«687 — Egicanes foi confirmado. Abafou dentro uma conspiração dos judeus, e desbaratou duas vezes as armadas dos mahometanos: pacificou os francos, e gascões.

«700 — Witiza, seu filho, succedeu. Ao principio se houve bem: mas no fim se abandonou a toda a casta de vicios, e infamias: promulgou a polygamia. Repelliu as pretenções do papa ao dominio absoluto em todos os estados catholicos. Rodrigo, filho de Theodofredo, a quem Witiza mandára arrancar os olhos, o despojou do throno, e o matou em tormentos.

«719 — Rodrigo foi eleito. Os seus vicios porém foram ainda mais torpes que os de Witiza. Desposou Cava, filha do conde Julião: mas apaixonado de Egilona, princeza africana, a fez ac-

clamar. Assim que, Julião escandalisado d'este opprobrio, se bandeou com os filhos de Witiza, e com alguns nobres, e prelados das Hespanhas; e convidou Muça, governador em Africa, para as invadir.

«Rodrigo marchou com cem mil homens, e deu batalha campal aos arabes no rio Guadalete, ao pé da cidade de Xeres (713), a qual perdeu por traição de seus generaes. Fugiu depois; e dizem que morrêra anachoreta n'um monte junto de Vizeu, ou que se precipitára no Guadalquivir.

«A sêde da vingança, e ambição de partilhar os despojos da patria, abafaram os remorsos do conde Julião, tornaram-no traidor, e fizeram acabar o imperio dos godos.

«Muça, e Tarik á frente de suas tropas se apoderaram de quasi toda a Hespanha depois da batalha de Xeres. Alguns fugitivos se abrigaram nas montanhas, ou em retiros solitarios; e observando as leis, e costumes de seus avós, ahi respiravam liberdade. Elegeram por chefe a Pelayo, godo de nação, bisneto de Kindasvinho.» (Craveiro, *Compendio de historia*).

INVEJA. «Nos tribunaes ou publicos ou particulares, onde a inveja preside, as virtudes são vicios, os merecimentos são culpas, as obras ou boas qualidades são crimes... Considero em que ha mandamentos da lei da inveja, assim como ha mandamentos da lei Deus. Os da lei de Deus dizem: não matarás; não furtarás; não levantarás falso testemunho; os da lei da inveja dizem: não serás honrado; não serás rico; não serás valente; não serás sabio; não serás bem disposto. E, se acaso Deus vos fez mercê, que soubesseis pôr os pés por uma rua, que soubesseis apertar na mão uma espada, que fosseis discreto, generoso ou rico ou honrado, no mesmo ponto tivestes culpas no tribunal da inveja; porque peccastes contra os seus mandamentos.» (Padre Antonio Vieira).

«Luzir portuguez entre portuguezes, e muito menos luzir com a sua luz, é cousa muito difficultosa na nossa terra.

«Que foi Affonso de Albuquerque no oriente? Que foi um Duarte Pacheco? Que foi um D. João de Castro? Que foi um Nuno da Cunha, e tantos outros heroes famosos, senão uns astros e planetas lucidissimos, que assim como alumiaram, com estupendo resplendor, aquelle glorioso seculo, assim escureceram todos os passados?

«Depois de voarem nas azas da fama por todo o mundo estes astros de nossa nação, onde foram parar, quando chegaram a ella? Um vereis privado com infamia do governo, outro preso, e morto em um hospital, outro retirado e mudo em um deserto, e o melhor livrado de todos, o que se mandou sepultar nas ondas do oceano, encommendando aos ventos levassem á sua patria as ultimas vozes com que d'ella se despedia: *Ingrata patria non possidebis ossa mea.*

«Oh! patria tão naturalmente amada, como naturalmente incredula! Que filhos tão grandes e tão illustres terias, se assim como nascem de ti, não nascêra juntamente, e com elles a *inveja*, que os afoga no mesmo nascimento, e os não deixa luzir, nem crescer!» (Idem).

INVENÇÕES E DESCOBRIMENTOS. O homem não cria cousa alguma: acha, descobre. As riquezas todas da natureza lhe foram dadas, a fim de que as accommodasse em sua utilidade, investigando-lhes as propriedades. Rigorosamente fallando, *descobrir* e *inventar* não significam a mesma cousa perfeitamente. O que se descobre já existia (descobre-se uma ilha, um planeta, um veio de marmore, etc.); ao passo que a invenção é quasi sempre o resultado da combinação de elementos materiaes que se acham dispersos na natureza, e de qualquer modo se reunem para produzirem um certo effeito; assim é que, misturando nitro, enxofre e carvão, se *inventou* a polvora. Segundo a ordem alphabetica, vos offerecemos os nomes dos mais celebres homens aos

quaes o genero humano é devedor de alguma invenção ou descobrimento.

Archimedes (III seculo antes de Jesus Christo), celebre geometra de Syracusa, descobriu a lei do equilibrio dos corpos fluctuantes e foi quem primeiramente deu a conhecer a relação da circumferencia com o diametro $\left(\frac{7}{22}\right)$ que os calculos modernos aperfeiçoaram. A mufla (vaso chimico), o parafuso, a rosca pela qual a agua ascende com seu proprio peso, a roldana movel, e o *cric* (machina de levantar pesos) devem-se a Archimedes. O espelho ustorio já era, antes d'elle, conhecido; mas deu-lhe o poder, a ponto de esbrazear a frota dos romanos, no porto de Syracusa.

Arkwright, nascido em Inglaterra (1732), foi cabelleireiro até aos 34 annos, e excogitou pertinazmente a invenção de uma machina de fiar algodão. Foi-lhe longo tempo obstaculo a ignorancia do desenho e da mecanica; a idéa esfervilhava-lhe na cabeça; mas não podia elle exprimil-a lucidamente. Comtudo, á força de constancia e tenacidade, chegou, depois de grandes esforços, a encontrar capitaes, e estabelecer a *fiação por cylindro*, chamada *continua*.

Bartholomeu de Gusmão. (Veja este nome).

Berthollet, nascido em Saboya (1748), descobriu as propriedades descolorantes do chloro e applicou-as á tinturaria. Até fim do seculo XVIII, gastavam-se enormes quantias no dealbamento das teias, operação que indispensavelmente precede a coloração dos tecidos. Este feliz descobrimento dotou a industria de uma fonte inexhaurivel de lucros. Guiado do generoso pensamento de o fazer util a todos os fabricantes, Berthollet rejeitou o ouro dos inglezes, que o chamaram para o seu paiz, e recusou explorar o seu processo no intuito do lucro pessoal. Foi nomeado senador, durante o consulado.

Breguet, da Suissa (1747, e fallecido em Pariz em 1823), illustrou-se com muitas invenções uteis, taes como os chronometros de algibeira e de navegação, thermometro metallico, etc.

Chaptal, nascido em 1756 em Nogareth, foi quem primeiro compôz a pedra-hume artificial, deu seguros e faceis processos para o fabríco do acido sulfurico, e descobriu o meio de tingir o algodão do escarlate de Andrinopla. No tempo da republica dirigiu, com Monge e Berthollet, o grande trafego dos arsenaes quanto á polvora e projectis de guerra reclamados pela salvação da patria.

Colombo (Christovão). (Veja este nome).

Copernico. (Veja ASTRONOMIA).

Davy, nascido em Inglaterra (1778), descobriu a natureza real e essencial do chloro, sodium, potassium e protoxydo de azote; mas a sua reputação européa deve-a ao invento da *lampada de segurança*, especie de lanterna, a favor da qual milhares de mineiros escapam á morte de que são a miudo ameaçados pela explosão de gaz hydrogenio carbonado que se destaca das minas de hulha.

Dombasle (Matheus), nascido em Lorraine (1804), inventou grande numero de instrumentos aratorios, e ha uma charrua chamada com o nome do seu inventor.

Epée (o P.^e^) nascido em Versailles (1712), recolheu os signaes sabidos com os quaes já se havia ensaiado instruir os surdos-mudos; ajuntou-lhes novos, estabeleceu entre elles relações simples e regulares, em summa fundou, sobre solidos cimentos, a arte de entender e ser entendido, que os surdos-mudos não tinham, e d'este modo reparou uma falta da natureza.

Franklin, nascido em Boston (1706), fundou a primeira bibliotheca publica nos Estados-Unidos, contribuiu poderosamente á independencia da sua patria, fez adaptar muitas leis uteis, desvelou os segredos do raio e inventou o pára-raios.

Fulton, nascido em Irlanda em 1766, depois que apresentou ao governo inglez, um moinho de sua invenção para serrar e polir marmore, assim como as machinas de fiação de

canhamo e fabrico de cordas, achou-se com quatro privilegios que lhe não valeram nada. Como fosse a Pariz, em 1796, construiu alli um barco a vapor com que fez prosperos ensaios no Sena. Era o embryão do immenso projecto que realisou depois. Confiando Napoleão ao exame de uma commissão os projectos apresentados por Fulton, a commissão deu como impossivel a realidade das visões. Fulton transferiu-se logo á America, onde construiu outro navio a vapor (o *Clermont*) cujas experiencias sahiram completissimas. Estava vencida a causa do vapor applicado á navegação.

Galileu, nascido em Pisa por 1564, descobriu as leis do peso, inventou o pendulo, a balança hydrostatica, o compasso de proporção e o microscopio.

Galvani. (Veja GALVANISMO).

IPECACUANHA. (Veja RUBIACEAS).

IRA. 1. «Definiram alguns philosophos a ira uma demencia de curta duração. A ira é como a loucura, incapaz de conter-se, esquece a decencia, esquece affectos de familia, arremette fogosa a tudo que emprehende, não attende razões nem conselhos, sobresalta-se por causas phantasticas, não póde distinguir verdade e justiça, e parece-se com as ruinas que se despedaçam sobre as cousas que esmagam. Quereis formar idéa cabal d'um homem assoberbado pela ira? Vêde-lhe a postura. De feito, ha n'elle symptomas de demencia: olhar petulante e minacissimo, fronte avincada, aspecto sinistro, andar precipitado, bracejar irrequieto, côr esverdeada, respirar profundo e anciado. Estes são tambem os indicios da ira... Vêde essas celebres cidades desoccupadas, esses desertos de muitas leguas: foi a ira que as devastou. Vêde tantos generaes, cujo nome a historia conserva, esses exemplos de lugubres destinos: um, afogou-o a ira no seu leito; outro, feriu-o a ira no banquete de seu amo; outro, foi apunhalado no recinto consagrado á justiça, em pleno forum, em presença de grande assembléa; outro fez derramar seu sangue por mão parricida.» (Seneca).

2. Evite-se o accesso da ira no castigar; por quanto, sendo a colera um delicto da alma, não castiguemos o peccado, peccando. Por isso dizia Socrates ao seu escravo: «Espancava-te, se não estivesse irado.» — Por igual razão, Archytas, irritado contra o seu feitor, cuja negligencia deixára embravar as terras, exclamou: «O que eu te não faria, se não estivesse irado!» Antes quiz deixar a culpa impune que infligir, no afôgo da colera, alguma pena excessiva. — Devemos, de toda a maneira, sopesar a ira. Lucra-se muito em rebater os impetos com algum gracejo ou zombaria. Diz-se que Socrates, sendo esbofeteado, se contentára com dizer que era molesta cousa não saber a gente quando deve sahir de cacete.

3. Ira-se o menino, chacoteado maliciosamente. Por outro lado, o animal-o é dar-lhe o prazer de mandar, e as irritações que d'ahi procedem, pois que nem sempre lhe podem ser satisfeitas as exigencias, como aborrecidas. Os paes agoniam-se por isso com os servos, e os meninos victoriosos seguem o exemplo. Se ao depois se lhes resiste com menos justiça, vem o impacientar-se, o exasperar-se, e a colera como meio de obter o que deseja, se já lhe surtiu bom resultado.

ISLANDIA. (Veja GROENLANDIA).

ITALIA. A Italia é celebrada por amenidades e bellezas do seu clima. No estio é ardentissimo o calor ás abras do mediterraneo e nas planicies do reino lombardo-veneziano; porém, na costa oriental, é menos intenso. Nos Apenninos, e com mais razão nos Alpes ha muitos pontos frescos e até frios. Desgraçadamente o *sirocco*, vento pestifero que sopra da banda de Napoles, *aria cattiva*, ou ar doentio, cuja funesta influencia chega a diversos pontos de Italia, e os dous vulcões Vesuvio e Etna tornam funesta, muitas vezes, a residencia n'este paiz. O solo varía; mas em ge-

ral é fertil, principalmente na Lombardia, onde se colhe em abundancia arroz e toda a especie de cereal, e no reino de Napoles cujos olivaes, vinhedos e laranjaes gozam fama européa. Está a Italia juncada de preciosas reliquias de monumentos da antiguidade que nos trazem á lembrança grandes acontecimentos que alli passaram.

«Imaginem — diz Chateaubriand, fallando das campinas e aspecto de Roma — imaginem alguma cousa das arrasadas Tyro e Babylonia, falladas na Escriptura, um silencio e ermo tão vasto quanto era o reboliço e tumultuar dos homens que outr'ora ahi se premiram... Aqui e além descortinam-se algumas vias romanas, em lugares por onde ninguem hoje passa, alguns sulcos socavados por torrentes hybernaes, as quaes, vistas de longe, parecem estradas reaes ladrilhadas e frequentadas, e são apenas o alveo deserto da onda borrascosa que por alli rolou como o povo romano. Descobris a custo algumas arvores; mas por toda a parte ruinas de aqueductos e tumulos que parecem ser as florestas e plantas indigenas de terra composta de cinzas de mortos e despojos dos imperios. Ás vezes, em vasta planicie, figurou-se-me vêr ricas searas; aproximando-me, via uns hervaçaes resequidos que me haviam illudido; e debaixo d'essa vegetação esteril, descobris, a espaços, vestigios de antiga cultura. Aves, nenhuma, nenhum lavrador, nenhuma lide campestre, nem o mugir do boi, nem o fumear das aldeias. Pequenissimo numero de cabanas esburacadas apparece na aridez do campo, com as portas e janellas fechadas, sem habitadores, sem bulicio, sem fumo... Dir-se-hia que nenhuma nação ousou succeder os dominadores do mundo em sua terra natal, e que esses campos, que vêdes, assim ficaram desde que a charrua de Cincinnato os sulcou. E do centro d'este inculto solo se ergue a sombra enorme da cidade eterna. Cahida da sua pujança terreal, parece em seu orgulho ter querido insular-se, separando-se das demais cidades do mundo, e, como rainha despenhada do throno, esconder nobremente suas desgraças na soledade...»

«Oh Roma! — oh meu paiz! — cidade santa!
Orphãos de coração que a ti se cheguem,
Mãi solitaria de florentes reinos,
Que hão passado na terra: — oh, dentro na alma
Ao consolo cerrada, esses, que julguem
Suas miserias vis junto a teus restos.
Que montam males do homem? — Venha e escute
O mocho, e veja o funebre cypreste,
E abra caminho, tropeçando em rachas
E do throno e do templo, o que se queixa
Das rapidas angustias de um só dia:
Ahi jaz a seus pés um mundo fragil,
Como este barro que reveste o homem!

Niobe das nações! — ella aqui pousa
Sem corôa, sem prole, e em mudas ancias:
Urna vazia tem nas mãos mirradas,
Cujo pó sacro foi disperso ha muito.
Já não existem cinzas no moimento
Dos Scipiões — e os tumulos lá jazem —
E heroes, os donos seus, não dormem n'elles!
E tu correrás sempre, oh velho Tibre,
Por este ermo de marmore? Vem, surge,
Co'as turvas aguas vela-lhe as desditas.

Foi o godo, e o christão, e o tempo, e a guerra,
E diluvios, e chammas, que humildaram
Dos sete montes a cidade altiva.
Astros de sua gloria hão-se obumbrado
Um por um — e ella o viu — e viu subirem
Barbaros reis esse ingreme caminho
Por onde o carro triumphal buscava
O capitolio: — e sem deixar vestigio,
A torre, e o templo baqueou por terra.

(Byron, *Child Harold*).

«Não póde com exactidão dizer-se da moderna Roma, que está collocada sobre sete outeiros, como a antiga cidade; actualmente apenas são habitados os dous terços do espaço, que fecham as muralhas existentes; e o districto mais copioso em povoação é onde antigamente estava a planicie descoberta, chamada — *o campo de Marte*. — Para outros lados, a parte de Roma velha mais populosa parece hoje uma paisagem: dir-se-hia que a cidade como que resvalára dos seus sete outeiros para o terreno baixo. Ainda mesmo na superficie da sua localidade tem havido consideravel alteração; nos valles o solo tem-se erguido nada menos de quatorze a quinze pés, como distinctamente se

observa em o Forum, onde é grande a altura acima do antigo nivel, devida em parte á accumulação de terra e entulho acarretado pelas enxurradas, e principalmente occasionada, como se julga com razão, pela demolição dos antigos edificios, e pratica dominante de levantar construcções novas sobre as prostradas ruinas. Anteriormente subia-se ao portico do Pantheon, no campo de Marte, por sete degraus; hoje unicamente restam dous acima da superficie; elevação insignificante comparada com a accumulação no Forum, e em outras partes, mas que é notavel por ser quasi inteiramente obra progressiva do tempo e da natureza, independente dos ataques hostis dos barbaros, e da violencia domestica dos proprios romanos.

«O viajante, que tiver desejo de gozar a vista completa dos sete outeiros, suba á summidade do palacio senatorio, no capitolio, e d'ahi estará sobranceiro a um prospecto, que em interesse não tem rival no mundo. As feições naturaes do paiz em si mesmas são formosas, e ainda a quem ignorasse a historia de Roma, o aspecto das ruinas prenderia a attenção. Distinguem-se os sete outeiros perfeitamente, porém não estão os seus confins tão assignalados como antigamente, por causa das accumulações de terreno em os valles, que já mencionamos. D'este ponto observa o espectador á primeira vista que Roma não occupa exactamente o mesmo terreno, que em outras eras occupava: com effeito, tem-se estendido para o lado do norte, e o campo de Marte, que em os tempos de Augusto era um espaço descoberto, encerra presentemente a porção mais populosa da cidade moderna. Dos sete outeiros, o capitolio, o Viminal, e o Quirinal, estão parcialmente occupados com edificios modernos; o Esquilino, o Celio, e o Aventino, pela maior parte, são cobertos de jardins. Na verdade que os dous ultimos parecem mais pertencerem a um paiz desamparado pelos habitantes, do que fazerem parte da área comprehendida pelas muralhas de uma cidade. O Aventino nunca teve muitos edificios: Virgilio lhe deu realce e interesse poetico, pondo alli a caverna de Caco, especie de monstro de raça humana, que roubava os gados da visinhança; numerando-se entre as façanhas de Hercules o seu descobrimento e castigo — «Seriamente nos informaram (diz um escriptor recente) que esta gruta ainda existia no lado escarpado do Aventino, que pende sobre o Tibre; e alguns de nossos infatigaveis amigos quizeram tomar o trabalho de engatinhar entre os silvados, e espinhaes, que guarnecem aquella riba perpendicular, com risco imminente de quebrarem os ossos, e estrago effectivo dos vestidos; e posto que acharam concavidades em abundancia, nenhuma era capaz de recolher um boi só, ou de ser por excesso de favor honrada com o nome de caverna, como o asylo de Caco, que segundo me consta, permanece incognito até o presente.»

«A solidão do Palatino é uma das cousas dignas de observação. — «Este monte (diz Mr. Forsyth) que originariamente abrangeu todos os romanos, e depois não bastou para accommodação de um tyranno, é agora habitado por meia duzia de frades. Eu o corri todo, e não encontrei seis pessoas n'uma superficie, onde outr'ora se reuniam as jerarchias de Roma, e da Italia. A *villa* (quinta, ou casa de campo) de Raphael, a de Farnesio, os pombaes e viveiros de Miguel Angelo, vão cahindo no mesmo abandono do palacio imperial, que com suas rotas arcadas guarnece o monte.»

«Ainda que Roma, vista por dentro (empregaremos as palavras do eloquente Chateaubriand), se pareça hoje com a maior parte das cidades européas, todavia conserva certo caracter particular: nenhuma das outras apresenta igual mistura de architectura e de ruinas, desde o Pantheon de Aggrippa até as muralhas gothicas de Belisario, dos monumentos transportados de Alexandria até o zimborio erguido por Miguel Angelo. A belleza das mulheres tambem é outra quali-

dade distinctiva: na figura, no andar fazem lembrar as Clelias e as Cornelias; a imaginação as tomaria por estatuas antigas de Juno ou de Pallas, que apeadas dos pedestaes, animando-se, passeassem ao redor de seus templos. Além do que, n'este povo se acha uma certa côr de carnes, a que os pintores chamam *colorido historico*. Nada mais natural do que os homens, cujos antepassados figuraram com tanta grandeza na terra, servirem de typo aos Raphaeis, e Domenichinos, para representarem as personagens da historia.

«Outra singularidade de Roma são os rebanhos de cabras, e mais ainda as juntas de bois corpulentos, que se topam deitados ao pé dos obeliscos egypcios, entre os destroços do Fôro, e debaixo dos arcos, que davam passagem ao triumphador romano para esse capitolio, a que Cicero chamava *o conselho publico do universo*.

«Ao motim ordinario das grandes cidades acresce n'esta o murmurio das aguas, que se ouve em toda a parte, como se fosse ao pé das fontes de Blandusia e de Egeria. Do alto das collinas comprehendidas no recinto de Roma, e da extremidade de algumas ruas, descobre-se a campina em perspectiva, fazendo esta mistura da cidade com os campos effeito bastante pittoresco. D'inverno, os telhados das casas estão cobertos d'herva, quasi como os tectos de colmo dos nossos camponezes.

«Todas estas diversas circumstancias contribuem para dar a Roma tal ou qual apparencia rustica, que nos faz lembrar que os seus primeiros dictadores guiavam o arado, que ella deveu o imperio do mundo a estes agricultores, e que o maior de seus poetas se não desprezou de ensinar a arte de Hesiodo aos descendentes de Romulo.

«O Tibre, que banha esta grande cidade, companheiro de sua gloria, tem tido um bem singular destino. Passa por um canto de Roma, como se nada fosse; nem para elle olham, nem d'elle fallam, nem lhe bebem a agua, que só as mulheres empregam para lavar: esquiva-se furtivamente através de casas ridiculas, que o encobrem, e corre a precipitar-se no mar, como envergonhado de se chamar hoje *il Tevere*.»

«O Tibre, ainda abaixo de Roma, é de navegação difficil, por causa dos baixios, que lhe embaraçam a corrente. Um barco de vapor, que anda entre a capital e Fiumicino, distancia de quasi dezeseis milhas, gasta de ordinario cinco ou seis horas na passagem: e é necessario advertir que se não fosse o auxilio de bufalos, que o puxam da margem, teria muitas occasiões de ficar em secco até á proxima estação das chuvas. As embarcações communs gastam tres dias em subir o Tibre até Roma, sendo rebocadas sempre pelos mesmos animaes. Uma casta de faluas genovezas sobem carregadas de trigo, e trazem de retorno trapos, que usam como estrume para as laranjeiras, e a pedra chamada *pozzolana*, que (diz Mr. Simond) constitue a principal exportação de Roma, depois das indulgencias. A velocidade da corrente do rio póde avaliar-se reflectindo em que deposita o saibro mais grosso a trinta milhas acima da cidade e a doze milhas o mais miudo, e d'alli prosegue para o mar acarretando só uma areia muito fina amarellada, que communica a suas aguas a côr particular, que os poetas chamam dourada, e os viajantes barrenta. Não obstante isso estas aguas gozaram de grande reputação por suas qualidades salutiferas e agradaveis: o papa Paulo III constantemente levava provimento de agua do Tibre nas suas mais longas jornadas; e o seu predecessor, Clemente VII, tambem se proveu d'ella, por ordem do seu medico, quando veio a Marselha celebrar o matrimonio de sua sobrinha Catharina de Medicis com o irmão do Delphim, depois Henrique II de França.

«O Tibre é muito sujeito a cheias, que lhe engrossam a corrente, e lhe augmentam a velocidade; os sitios mais baixos da cidade são por isso muito a miudo inundados. Simond, escrevendo de Roma em janeiro de

1818, diz: «O Tibre tem subido muito, e a cidade baixa está alagada; mas nada é comparavel com as inundações, que estão consignadas em duas columnas no porto de Ripetta (especie de caes). A marca de uma d'ellas está dezoito pés acima do nivel das ruas contiguas, e se attendermos á rapidez da corrente, uma boa porção da cidade devia ter estado em perigo imminente de ser arrastada pelas aguas» Em 1819 o Pantheon foi inundado: o que não é raro, porque está proximo ao rio, com o qual tem communicação o cano de despejo para a agua da chuva, que cahe pela claraboia.

«Com effeito, as inundações do Tibre foram uma das causas, que concorreram para destruir muitos dos monumentos de Roma na idade media: ha memoria de uma em 1345, entre as calamidades d'esses tempos, em que sómente os cimos dos outeiros ficaram fóra de agua, e todas as baixas se converteram n'um lago por espaço de oito dias. D'outras fazem menção os escriptores antigos; e Tacito falla de um projecto debatido no senado, no anno XV da era de Christo, para se mudarem os leitos de algumas ribeiras que desaguam no Tibre, o que não foi levado a effeito em consequencia das representações de varias cidades, que mandaram deputados a opporem-se, parte com o fundamento de serem prejudicados seus interesses locaes, e parte por um sentimento de superstição, que os compellia a argumentarem *que a natureza tinha assignalado aos rios seus cursos proprios*, e outras razões de igual jaez. Aureliano tentou pôr termo aos damnos procedentes da irregularidade do rio, alteando-lhe as margens, e desentulhando o alveo. Com tudo os depositos, que resultavam d'estas frequentes inundações, grandemente contribuiram para a vasta accumulação de terreno, que levantou a superficie da moderna Roma a muitos pés acima do antigo nivel; e d'este modo o proprio mal veio a servir de remedio para uma extensão parcial. Ainda que a cidade moderna é menos accessivel aos ataques do rio, sempre as inundações são origem da insalubridade d'aquelles sitios por onde se estendem: depois que as aguas se retiram, os subterraneos, e lojas, ficam cheios de um deposito lodoso, e as paredes cospem todas com a salsugem. Depois da inundação de 1702, que foi das mais graves, o medico do papa obteve ordem para remover todo o lodo, e a consequencia foi que as febres intermittentes foram por alguns annos menos frequentes do que até alli. Todavia o clima de Roma é doentio, principalmente de julho até outubro, e muito mais funesto para os estrangeiros.» (*Panorama*).

FIM DO PRIMEIRO VOLUME